

KARL VON DEN STEINEN

**ENTRE OS ABORÍGENES
DO BRASIL CENTRAL**

SÃO PAULO—1940

KARL VON DEN STEINEN

ENTRE OS ABORÍGENES DO BRASIL CENTRAL

**PREFÁCIO DE HERBERT BALDUS
TRADUÇÃO DE EGON SCHADEN**

Renato Nicolai

Separata renumerada da
"REVISTA DO ARQUIVO"
Nos. XXXIV a LVIII

**DEPARTAMENTO DE CULTURA
SÃO PAULO — 1940**

PREFÁCIO

A OBRA DE KARL VON DEN STEINEN

Karl von den Steinen nasceu em Mühlheim, a 7 de março de 1855. Estudou medicina em Zürich, Bonn e Strassburgo, especializando-se em psiquiatria em Viena e Berlim. De 1878 a 1879 praticou como assistente na "Charité", o maior hospital desta última cidade. Logo depois empreendeu, com o intuito de proceder a pesquisas medicinais, uma viagem ao redor do mundo, que durou de 1879 a 1881. Encontrou-se, então, em Hawai, com Adolf Bastian, o grande explorador, pai da etnologia moderna. Acompanhou-o em várias visitas aos indígenas. Em 1882, von den Steinen participou de uma expedição meteorológica à Georgia Antártica. Voltando desta viagem chegou a Montevideo em setembro de 1883, resolvendo aproveitar a oportunidade para fazer uma exploração no interior da América do Sul.

Assim começou uma façanha de máximo alcance, especialmente para a geografia e a etnografia. Karl von den Steinen se achava em companhia de seu primo Wilhelm von den Steinen, merecedor de referências pelos seus desenhos de personagens e paisagens, e do dr. Otto Clauss, que prestou excelentes serviços como cartógrafo e meteorólogo. Os trabalhos etnográficos e antropométricos ficaram a cargo do chefe da expedição.

O plano consistia em descer o rio Xingú, desde as cabeceiras, até a foz. Este projeto, pela sua importância para a comunicação de Mato Grosso com o Pará, recebeu o auxílio do então presidente da província de Mato Grosso, barão de Batóví. No fim de maio de 1884, a expedição chefiada por Karl von den Steinen partiu de Cuiabá, acompanhada de um destacamento militar sob o comando do capitão Francisco de Paula Castro. No fim de outubro alcançou Belém do Pará.

Antes desta viagem, o Xingú era conhecido só até 4°5'1", graças à expedição do príncipe Adalberto da Prússia em 1843. Dêsse ponto até o rio das Mortes, isto é, cêrca de 15° de latitude sul, tudo era incógnito. A penetração dêsse vasto território não foi sòmente um dos maiores sucessos geográficos do século passado, mas, levou também à descoberta de uma série de tribus de diferentes línguas, sem ainda qualquer influência da nossa civilização.

Êste fato foi bem frisado no necrológio de Karl von den Steinen, publicado por Erland Nordenskiöld no "Journal de la Société des Américanistes", tomo XXII, Paris, 1930. Escreveu o grande etnógrafo sueco: "Um pequeno número de exploradores, como, por exemplo, Chandless e Rondon, visitaram tribus de índios que nunca tinham visto brancos, mas essas tribus, não obstante, tinham sido influenciadas indiretamente pela civilização dos brancos. E' preciso remontar à literatura do século XVII para encontrar relatos sôbre índios que não sofreram influência alguma dos brancos, como os Bakairí e outras tribus do Xingú, descobertas por von den Steinen nas suas expedições. Principalmente após a sua segunda viagem, von den Steinen soube, de maneira magistral, demonstrar o valor de suas descobertas. Como seriam os nossos conhecimentos da história da civilização da América infinitamente mais pobres, se qualquer outro explorador tivesse percorrido, em primeiro lugar, o rio Xingú! Por exemplo, um explorador sem outra intenção que a de encher as manchas brancas do mapa do mundo com nomes de rios ou de montanhas. Os rios e montanhas ficam, mas os povos primitivos desaparecem ou, pelo menos, perdem seu caráter particular, caráter êsse que nos revela a sua história, isto é, uma parte da história da humanidade".

Dos resultados linguísticos da viagem de 1884, ressalta pertencer a tribu dos Bakairí à família linguística karaíb, cujos representantes principais eram conhecidos, até então, só ao norte do Amazonas, tendo-se estendido, pouco antes da chegada de Colombo, sôbre as Guianas e Venezuela, até as Antilhas. Pelo vocabulário recolhido entre os Bakairí, von den Steinen chegou à conclusão do êrro da hipótese rigorosamente sustentada por d'Orbigny e considerada muito provável por von Martius, segundo a qual os Karaíb procederam dos Tupí-Guaraní. Isso o induziu a importantes modificações na classificação linguística de muitas tribus sul-americanas proposta por von Martius.

A descrição de sua primeira viagem ao Xingú e a elaboração do material científico nela recolhido foram publicadas por Karl von den Steinen, em 1886, na obra clássica e de etnografia e etnologia brasileiras, intitulada "Durch Central-Brasilien". Os capítulos dêsse livro, que se referem a Cuiabá, apareceram traduzidos em português por Capistrano de Abreu, no apêndice à obra de Herbert H. Smith, "Do Rio de Janeiro a Cuiabá", São Paulo, 1922. Anota o eminente historiador brasileiro: "A tradução de "Durch Central-Brasilien" começou a ser publicada sob o título "Na gêma do Brasil" no número 203 da "Gazeta de Notícias", de 22 de Julho de 1888 e prosseguiu nos números 204-215, 217, 218, 220, 222, 225, 231, 234, 254, 261, 264, 267. Foi suspensa no número 302, 29 de Outubro. Ferreira de Araujo, que concordára no aproveitamento da composição para

dar em separata o delicioso volume do cintilante cientista alemão, mudou de idéia e a versão parou a meio caminho. A parte vertida compreende as primeiras 115 páginas do original alemão”.

Já nêsse seu primeiro livro sôbre o Xingú, von den Steinen salientara a necessidade de continuar-se as pesquisas etnológicas na região por êle percorrida e na América do Sul em geral. Lemos nas páginas 326 e 327 dessa obra: “Uma estrêla excepcionalmente favorável conduziu-nos a um caminho que nos pôs em contacto com representantes de todos os mais importantes tipos tribais. A êsse respeito, o Xingú supera a todos os afluentes do Amazonas. E por essa razão cumpre estender a investigação agora começada numa pequena parte dos índios do Xingú, primeiramente sôbre o Kulisehu, tirando o veu, pouco a pouco, de tôda a paisagem ainda rica de mistérios...”

“Não há metais, nem cães, nem bebidas embriagadoras, nem bananas! Eis a verdadeira idade da pedra entre tribus cujos parentes vivem espalhados sôbre quase dois terços do continente sul-americano. Eis, por conseguinte, no estado primitivo, os principais tipos de tribus cujos parentes, em outras regiões, já se acham mais ou menos influenciados por nossa civilização e, por isso, sômente acessíveis ao estudo, em condições impuras. Eis, por fim, um campo preciosíssimo de investigação, situado no território restrito que se localiza entre a cachoeira de Martius e o divisor das águas no sul. Não é claro como a luz do sol que a província de Mato Grosso possui tesouros maiores do que ouro e diamantes?

“E — se queremos focalizar um ponto de vista mais alto — onde valerá mais a pena estudar a prehistória dos homens, do que justamente na América do Sul?

“Seja a população primitiva definida antropológicamente, como proveniente de um único tronco primário, seja ela considerada como procedente de vários troncos, em todo caso possuía, até o século XVI, a enorme superfície do continente sulamericano, que é o mais afastado dos centros culturais do Velho Mundo e de mais difícil acesso às suas influências. Uma ponte estreita pelo istmo de Panamá, e uma estrada em etapas, a meude interrompida, pelo caminho das Antilhas. A América do Sul quase não se ligava à América do Norte tão pouco pelo menos como o Alaska à Sibéria ou a Groenlândia à Islândia. Nem sequer havia relações entre o império dos Incas e os povos de Anahuac e Yucatan.

“Num campo que não fôra mais favorável às investigações se tivesse sido adrede preparado para uma experiência pura e premeditada da etnologia, o europeu encontrou cidadãos regulares, que possuíam a “escritura de nós” e autores dramáticos, ao lado de nômades antropófagos que dormiam embaixo de fôlhas de palmeira, não conhecendo sequer o algodão e, menos ainda, os metais, e cuja expressão linguística, se bem que injustamente classificada como “gargarejo surdo”, era, sem dúvida, muito pouco desenvolvida. Falhando a experiência da América do Sul, não haverá mais esperança em parte alguma, de resolver o problema do processo da escalada do degrau inferior para o superior”.

A estas palavras sucedeu, um ano mais tarde, a prática, isto é, a segunda expedição de Karl von den Steinen ao Xingú. A descrição e os resultados desta viagem de 1887 foram publicados, em 1894, na

célebre obra intitulada "Unter den Naturvölkern Zentral-Brasiliens", cuja versão portuguesa foi inserta nesta revista. E' principalmente êsse livro a que se refere Nordenskiöld quando escreve em seu necrológio: "Folheando qualquer manual de etnografia, história das religiões, sociologia, psicologia, história das plantas cultivadas etc., encontramos sempre o nome de Karl von den Steinen e, muitas vèzes, algumas linhas dêsse homem de gênio, que inspirava tratados inteiros a outros".

Em 1897, Karl von den Steinen visitou as Ilhas Marquesas, dedicando-se, especialmente, ao estudo de sua arte singular. Do enorme material recolhido nessa viagem resultou a obra monumental, em três volumes, "Die Marquesaner und ihre Kunst (Berlim, 1925, 1928).

Foi essa a última publicação de Karl von den Steinen antes de sua morte, a 4 de novembro de 1929, em Cronberg, povoação do Taunus, na Alemanha Central. De suas obras referentes à América do Sul, destacam-se, além das mencionadas, as duas monografias linguísticas "Die Bakairi-Sprache", Leipzig, 1892, e "Diccionario Sipibo (Rio Uca-yali)", Berlim, 1904. Numerosos outros trabalhos acham-se indicados na bibliografia de Karl von den Steinen, publicada no tomo citado do "Journal de la Société des Américanistes".

Assim como a viagem ao Xingú em 1887 representa o início das expedições puramente etnográficas na América do Sul, foi Karl von den Steinen o primeiro a considerar os índios brasileiros sem qualquer preconceito e orientado somente pela vontade de ver o humano em todos os homens, de vê-lo com idéias largas e férteis, idéias de espírito agudo e idéias de grande coração.

Não queremos mencionar, aqui, os nomes dos autores dos séculos XVI, XVII e XVIII, que se ocuparam com êsse tema. Em todos êles, a capacidade de observação era turvada por determinados interesses materiais ou espirituais. Tinham de apresentar o índio como produto do inferno e mais fêra do que gente, ou como pecador arrependido e digno de misericórdia, ou como ideal do homem no estado da inocência paradisíaca, segundo quisessem, conquistadores e colônos, escravizá-lo, ou extingui-lo, missionários, cuidar dêle, salvando-lhe pelo menos a alma, e, estetas românticos, divinizá-lo.

Sejam indicados, aqui, somente nomes de autores do século passado, isto é, da chamada época da ciência natural, que também foi, por assim dizer, o berço da formação intelectual de Karl von den Steinen. E' o tempo da reação contra o hedonismo do século XVIII, época em que os grandes viajantes procedem, na maior parte, da medicina e da biologia, a época que faz nascer e dominar as teorias da seleção e evolução de Darwin, aplicadas por Spencer à sociologia humana. Dêsse século originou-se a etnologia moderna, a qual, porém, ainda não conseguira libertar-se por completo, de considerar os povos naturais segundo as normas morais européias. Por isso, von Martius, o fundador da etnografia brasileira, que julgou os índios como raça degenerada, falou dêles, não raramente, até com desprezo. Francisco Adolpho de Varnhagen, o autor da "História Geral do Brasil" olhou-os com verdadeiro ódio, condenando qualquer filantropia com que fossem tratados. Seguiu-lhe as pègadas outro conhecido filho dessa época, a quem especialmente a zoologia do Brasil deve imensamente, o antigo diretor do Museu Paulista, Hermann von Ihe-

ring. São êsses três, os nomes dos representantes científicos do século XIX, que, a respeito dos índios, sofreram os preconceitos de sua época.

Com Karl von den Steinen, porém, surgiu aquela falange brilhante de etnógrafos viajantes, como Paul Ehrenreich, Max Schmidt, Koch-Grünberg, Fritz Krause e Curt Nimuendajú, que viu e apresentou o habitante primitivo das selvas brasílicas assim como êle é, quer dizer, não sòmente apontando suas boas qualidades, mas também focalizando tudo o que nos podia parecer defeitos e falhas, sem deixar, é certo, de procurar compreender e explicar as suas causas. Surgiu entre os que se dedicaram ao estudo dos povos naturais do Brasil, o ponto de vista rigorosamente científico, isto é, sem valorizações e desvalorizações, sem concessões a ideologia de qualquer espécie. O livro, cuja tradução vem sendo apresentada aquí, serviu-lhes de guia.

Naturalmente, êsse famoso tratado da terra e gente do Xingú auxiliava especialmente aos exploradores dêsse rio e de suas tribus. Entre as numerosas expedições àquela região, que sucederam às viagens de Karl von den Steinen, destacam-se as de Herrmann Meyer em 1896 e 1899, dedicadas à descoberta e ao levantamento dos afluentes ocidentais do Xingú, isto é, dos rios Jatobá e Ronuro, e a investigações etnológicas no território compreendido entre os rios Kulisehu e Kuluene, chegando a obter informações sôbre uma província cultural até então desconhecida, situada ao nordeste, isto é, no rio Paranaiuba.

Fritz Krause ("Forschungsaufgaben im Schingu-Quellgebiet", Tagungsbericht der Gesellschaft für Völkerkunde, Leipzig, 1936) enumerou as diversas expedições ao Xingú e a literatura a respeito. No mesmo trabalho, o autor apontou as inúmeras possibilidades para novas investigações no El-dorado etnológico descoberto por Karl von den Steinen. A estas possibilidades pertence também a exploração da região entre os rios Kuluene e Araguaia, como recentemente apontamos (cf. Herbert Baldus: "Uma ponte etnográfica entre o Xingú e o Araguaia", Revista do Arquivo Municipal, XLIII, São Paulo, 1938).

Hoje, na época do avião e do rádio, as garantias técnicas para a realização de explorações naqueles sertões são muito maiores do que eram no tempo de Karl von den Steinen. O que falta, em geral, é pôr o avião e o rádio à disposição daqueles que podem incumbir-se dessas tarefas.

Mas, seja como for, os estudos etnológicos estão em pleno progresso no Brasil. Um sintoma seguro disso é a presente edição promovida por uma instituição pública.

Assim, a obra de Karl von den Steinen indicará ainda a muitos etnólogos o caminho no Brasil. E, esperamos, aumentará no povo brasileiro o amor pela sua bela pátria.

Herbert Baldus

PREFÁCIO DO AUTOR

áma! — tu!

úra! — eu!

E' esta a fórmula simples de apresentação de que fazem uso os habitantes do Kulisehu. Eu desejaria poupar ao leitor amável a leitura de mais prolegômenos se não lhe tivesse de pedir que também saúde os meus "irmãos mais novos", os companheiros da expedição, e se não me tivesse de desobrigar também de outros deveres.

Para dizer "irmão mais novo" e "primo" têm os índios uma só palavra. E' por isso que a sua denominação cabe realmente em todo o seu sentido ao nosso artista especial Wilhelm von den Steinen, de Düsseldorf, pois êste, embora segundo os nossos conceitos, seja meu primo, é comumente considerado meu irmão mais moço. Já em 1884 êle descera o Xingú comigo.

O segundo, o Dr. Paul Ehrenreich, de Berlim, igualmente não era desconhecedor do Brasil; já tinha travado relações estreitas com os Botocudos no Espírito Santo. Depois de terminado o nosso empreendimento comum, viajou ainda pelo Araguaia e pelo Purús, de modo que certamente viu maior extensão dêste enorme país que outro qualquer viajante alemão. A êle devemos as fotografias e as mensurações antropológicas.

Do levantamento do caminho e das determinações astronômicas, assim como das pesquisas geológicas se incumbiu o Dr. Peter Vogel, de Munique. Ambos partilháramos tanto nos prazeres como nas tristezas o mesmo beliche estreito, por ocasião da expedição polar alemã, à Geórgia do Sul em 1882-83. Em 1887 renasceu nêle intensamente o desejo de viajar, prontificando-se por isso a prosseguir numa outra região a obra do Dr. Otto Clauss, nosso colega antártico e geógrafo da primeira expedição ao Xingú.

Simultâneamente com o aparecimento dêste livro, publica o Professor Vogel os seus resultados no órgão da Sociedade de Geografia de Berlim, entidade que se tornou benemérita da nossa expedição, subvencionando-a com os meios da Fundação Karl Ritter. Ao seu presidente, o sr. Conselheiro de Estado Barão von Richthofen, agradeço profundamente a benévola permissão de anexar às minhas narrações o mapa desenhado e redigido pela mão conceituada do Dr. Richard Kiepert. Eu mesmo fui beneficiado com auxílios consideráveis pela Fundação Humboldt da Real Academia Prussiana de Ciências de Berlim, e peço ao Conselho que receba também aquí os meus mais efusivos agradecimentos.

No percurso da viagem — tanto por brasileiros como por compatriotas residentes no Brasil e nos países platinos, tanto por simples particulares como por pessoas revestidas de altos cargos — fomos distinguidos com numerosas demonstrações de hospitalidade que nos obrigaram profundissimamente. Se até certo ponto nos podemos mostrar gratos aos filhos do país, ajudando a descortinar o interior duma província pouco explorada, não nos podemos contudo desobrigar perante nossos compatriotas. Se eu apenas quisesse mencionar as localidades em que êles habitam, eu deveria — com exclusão dos nossos caminhos indígenas — recapitular tôda a jornada. Assim, saúdo cordialmente a todos os que lerem estas linhas, quer importem ou exportem no comércio, quer revistam cargo político, quer trabalhem longe da costa como bravos colonos, e desejo ao seu trabalho o amparo da paz e da ordem.

Já floresceu seis vezes o milho desde que partimos da nascente do Xingú — “dois, dois, dois” aháge, aháge, aháge calcula o Bakairi, não encontrando em seu idioma vocábulo que exprima número maior. A publicação da relação da viagem tardou mais do que desejei. Fui impedido por trabalhos linguísticos preliminares (“Die Bakairi-Sprache, K. F. Köhler, Leipzig, 1892”); entretanto aprendi muito com isso, adquirindo também uma base mais ampla e mais firme do que aquela que me podia dar o material da primeira expedição, consideravelmente mais escasso do ponto de vista linguístico e etnográfico. O amor ao assunto aumentou com a ocupação prolongada, pois na mesma proporção se intensificou necessariamente o reconhecimento da verdade pregada com ardente entusiasmo pelo nosso estimadíssimo decano Adolf Bastian: que o desaparecimento dos aborígenes, tidos por inferiores, constitue a perda de documentos insubstituíveis para a história do espírito humano. Nas fôlhas que se seguem não faltam provas disso. E como quem está compenetrado profundamente duma convicção, se sente impellido a propagá-la, também eu não me quero dirigir exclusivamente ao círculo restrito dos especialistas. Foi por isso que me entreguei à satisfação de escrever ao alcance de todos. Devo aquí reconhecer agradecidamente a coragem e a amabilidade da casa editora que, não poupando esforços para apresentar dignamente êste livro, compriu contudo o meu desejo de lhe dar o preço menos elevado possível.

Oxalá não se torne mais sensível ao leitor o tempo decorrido do que êle se apresenta a mim, quando me transporto àqueles dias. Não posso negar que o meu senso de tempo funciona meio mal. Eu queria só que a causa disso fôsse o ter conseguido realmente penetrar na alma dos nossos aborígenes, dêsses filhos de momento — pois que outra não foi minha tarefa.

Neubabelsberg,

Quinta dos Caraíbas, outubro de 1893.

CAPÍTULO I

VIAGEM A CUIABÁ E PARTIDA DA EXDEDIÇÃO

Rio de Janeiro. "Cólica em Mato Grosso". Entrevista com D. Pedro II. Santa Catarina. Sambaquís. Colônias Alemãs. Buenos Aires. Museu de La Plata. Cuiabá. Transformações desde 1884. O bom e o mau capitão. Expedições aos Martírios. Os novos companheiros de viagem. Equipagem. Partida.

O Rio de Janeiro estava ainda muito mais belo do que há três anos atrás. Quando naquela época nos tivemos que despedir, estávamos esgotados pela febre e exaustos de corpo e de espírito. Não há dúvida que em nosso impressionável estado de fadiga nos regalávamos, com excitação talvez aumentada, no quadro fantásticamente deslumbrante da "mui cantada baía com suas ilhas", mas o resto de energia que ainda possuíamos, transformou-se no desejo impaciente de nos evadirmos o mais depressa possível do danoso círculo mágico do calor tropical. Refeitas as nossas forças na terra pátria, voltámos agora munidos dum baço que readquirira o funcionamento normal e de uma boa provisão de pílulas de arsênico, mas antes de tudo animados duma jovial vontade empreendedora. Gozámos encantados o espetáculo maravilhoso da entrada da baía, saudando também com cordial intimidade o seu guarda majestoso, o Pão de Açúcar — torre de granito que se eleva íngreme do mar — como se durante todo o tempo êle só estivesse esperando por nós.

Já a bordo se nos apresentou officiosamente, dando-nos as boas vindas, um amigo menos inacessível, o sr. Weber, nosso sempre fiel conselheiro. Conduziu-me à sua hospitaleira morada das lagoas situada fora da cidade em frente ao Jardim Botânico e ao pé do Corcovado, aquêlê grotesco colosso montanhoso, revestido de mata perene, mesmo nos mais íngremes despenhadeiros. Ao lado, na mais encantadora república que o mundo já viu entre os dois trópicos, os vizinhos acolheram o meu primo Wilhelm, cumprimentando-o com um fortíssimo “Tahahá” “Tahahá”!, a gritaria de saudação, ainda não esquecida, dos nossos índios Suiás de 1884. Vogel e Ehrenreich se instalaram familiarmente numa pensão da Praia de Botafogo.

Notícias desagradáveis nos estavam reservadas. Em Mato Grosso, o futuro campo dos nossos trabalhos, grassava o cólera. Estava interrompida com a longínqua província do interior a comunicação a vapor que, passando por Buenos Aires, sobe o La Plata-Paraguai até a capital Cuiabá. Afim de obtermos informações seguras a respeito de nossas expectativas, fomos ter, mesmo no dia da nossa chegada — 26 de fevereiro de 1887 — com o chefe do serviço telegráfico, sr. Barão de Capanema que, como irmão de leite e amigo de D. Pedro, tinha grande influência. Recomendou-nos que quanto antes pedíssemos uma audiência a S. Majestade, para que não encontrássemos obstáculos por parte das autoridades. Teve também a gentileza de nos anunciar por telegrama. O imperador estava no Rio por causa da reunião do conselho de Estado, mas partiu na manhã seguinte para Petrópolis, sua residência de verão, ordenando que fôssemos lá ter com êle. Tornámos, portanto, a atravessar já no dia seguinte a magnífica baía na direção de Mauá, na praia do norte, onde o trem serrano recebe os passageiros do vapor.

À frente do nosso bote corria a pouca distância o iate imperial. Acompanhava-nos um amigo querido, o sr. Haupt, chamado “senhor Otávio”, que morava em Petrópolis e que no cumprimento de seus deveres profissionais, vinha diàriamente à cidade. Está em primeira plana entre os que por meio de grandes e pequenos favores, nos deixaram sentir sòmente as amenidades da nossa estadia, tendo sido de infinita utilidade para a nossa empresa.

O trem esperava junto à ponte de desembarque. Aí estava também o Imperador com o Marquês de Paranaguá, presidente da sociedade geográfica. Chamou-nos por acenos quando pretendemos passar, e mandou que às 12 horas fôssemos ao paço. Apresentámo-nos pontualmente e pontualmente apareceu também



OS HOMENS

Januário

Dr. Pedro

Dr. Carlos

Perrot

Antônio

Dr. Guilherme (sentado)

Dr. Paulo (sentado)

o melhor dos Brasileiros. Agradeceu-me com palavras afáveis a dedicatória que lhe fizera do livro sobre a primeira expedição ao Xingú, perguntou com aquêle seu jeito vivo e penetrante, pelos novos planos e despediu-nos com cordiais augúrios. Disse que as autoridades haviam de receber ordens no sentido de favorecerem a realização do nosso programa.

Depois da audiência imperial, dirigimo-nos ao Ministro da Agricultura, Prado. Com êle, que é Paulista, discutimos minuciosamente a possibilidade de irmos ao Mato Grosso por terra, atravessando a província de São Paulo. Tivemos, porém, que desistir logo dêste plano sedutor, por causa de nossa grande bagagem cujo transporte se tornaria difícil e caro. Em companhia de Prado encontramos pela primeira vez o recém-eleito senador d'Escragnolle Taunay, o mais brilhante escritor e orador do Instituto Histórico, que a partir dêsse dia sempre auxiliou a nossa empresa quando lhe pedíamos qualquer coisa. Finalmente cumprimos o dever duma visita ao embaixador alemão, o Conde Dönhoff. Não foi sem vagar muito tempo pela cidade que encontramos a sua residência, pois que, tendo perguntado pelo "ministro alemão", fomos enviados por equívoco não ao servidor do Estado, mas ao sacerdote, o servidor do Senhor.

Na manhã seguinte voltámos ao Rio. Tínhamos por ora que abandonar a esperança de irmos a Cuiabá. Foi desagradável. Partindo em começos de março com o vapor regular, estaríamos em Cuiabá em abril. Poderíamos então principiar a caminhada em maio, aproveitando integralmente o tempo da seca, aí contado de maio a setembro, que é a única época boa para viagem com tropa. Havia sem dúvida no Rio ocupação em abundância para nós, no Museu e na Biblioteca Nacional, e facilmente podíamos passar útilmente alguns meses por lá. Mas estávamos impacientes e todos aquêles belos objetos indígenas enxergados por trás dos vidros dos armários ou a respeito dos quais líamos nos livros antigos, impeliavam-nos para longe em vez de nos prenderem. Resolvemos ir à província de Santa Catarina, estudar sambaquís e visitar as colônias alemãs, enquanto esperávamos pelo nosso vapor, que faria escala pela capital, Destêrro.

O exame dos sambaquís que são os amontoados de conchas da prehistória indígena, correspondentes aos "Kjökkenmödings" europeus, era um velho tema favorito da Sociedade Antropológica de Berlim. Por isso nos interessava em primeira linha uma excursão àqueles primitivos lugares de cultura que prometiam uma boa colheita de utensílios de pedra e parte de esqueletos.

A 8 de março tive ainda a honra de expor o nosso plano expedicionário numa sessão da sociedade geográfica, e a 10 de fevereiro partimos para Destêrro. Esperámos aí quase 2 meses e meio. Quanta coisa não teríamos empreendidos, se desde o comêço contássemos com tal demora!

Representando restos ainda consideráveis da população indígena, existem, a poucas jornadas das colônias, os chamados "Bugres" que, embora pertencentes às tribus Gê, é lastimável que sejam sem razão chamados de "Botocudos". Urge que estes índios sejam estudados. Grande número dêstes infelizes tomba anualmente pelas espingardas de destacamentos de colonos, principalmente italianos. No prédio do Governo, em Destêrro, encontrei-me com um velho e honrado cidadão da "serra" que, como eu, tinha qualquer pedido a fazer lá. Aproveitei o ensêjo para indagar se êle não me poderia arranjar crâneos de índios. O bom velho, creio que julgando-me alto funcionário, olhou-me desconfiado — o que me consternou — e replicou hesitante: "Eu bem lhe poderia arranjar os crâneos. Mas devo primeiro falar com os meus vizinhos para saber si estão de acôrdo". O que dá margem a profundas conclusões.

Em dois meses teríamos talvez conseguido entrar em relações mais amigáveis e mais úteis com os Bugres. Mas o estado de coisas incutia-nos sérios cuidados, de modo que só nos podíamos afastar pequenas distâncias da linha telegráfica. Em tais circunstâncias só nos foi possível fazer trabalho muito imperfeito.

Dedicámos o mês de março exclusivamente aos sambaquís, Examinámos ao todo catorze, obtendo o conhecimento mais exato daqueles que se encontram nos arredores de Laguna, pequeno pôrto a sudoeste de Destêrro. Ehrenreich visitou sòzinho os sambaquís de São Francisco.

Mas como esta minha relação visa expôr resultados que obtivemos no Xingú, não desejo sujeitar o amável leitor à mesma detença que tivemos com os sambaquís (1). Do contrário eu também deveria pedir-lhe que nos acompanhasse às colônias alemãs pelas quais se espalharam os companheiros de viagem durante o mês de abril e a primeira metade de maio. O nosso excelente amigo Ernesto Vahl, de Destêrro, proveu-nos de valiosas recomendações e apoiou sollicitamente a nossa propaganda do Museu de Etnografia de Berlim. Ehrenreich e eu, acompanhados por êle, atravessámos a cavalo, por alguns dias tão alegres quanto instru-

(1) — Uma comunicação provisória dos nossos trabalhos está contida numa carta de viagem, dirigida ao sr. Conselheiro de Estado Virchow, nos "Verhandlungen der Berliner Anthropologischen Gesellschaft". V. sessão de 16-7-1887.

c tivos, o município encantador de Blumenau, percorrendo-o em tôdas as direções. O "Immigrant" publicou um manifesto meu e nós organizámos depósitos centrais, cavalgando de sítio a sítio e passando por todos os lugares em que suspeitávamos haver um camponês que afiasse as suas facas com antigas machadinhas de pedra que freqüentemente encontrava ao fazer o roçado. E à noite Mutter Lungerhausen fazia bolinhos de farinha de mandioca que comíamos com "cerveja nacional", sentindo-nos tão aconchegados na roda de toda aquela gente leal e honrada que nem nos parecia estarmos no império do Brasil. Aí também vivia uma glória da ciência alemã, o naturalista Dr. Fritz Müller (2) cujo valor é só ultrapassado pela sua simplicidade e modéstia. Os passeios pela "mata virgem" de Blumenau, em que nos foi dado participar do contacto que com a natureza mantém aquêle venerando ancião duma vivacidade juvenil fazem parte das minhas mais nobres recordações de viagem.

Vogel e meu primo atravessaram durante cinco semanas — na maior parte a pé — as colônias situadas mais ao sul, tanto alemãs como italianas. Visitaram as minas de carvão um tanto duvidosas ao pé da "serra", subiram ao planalto coberto pela mata de araucárias, onde tiveram que acampar ao ar livre com uma temperatura de 4 graus — coisa inesperada na terra do Cruzeiro do Sul — e de onde voltaram à planície. Foram de trem a Laguna e resolveram ir a cavalo até Pôrto Alegre, margeando o litoral. Mas não tinham feito ainda três dias de viagem, quando os surpreendeu dolorosamente, a-pesar-de agradável, o meu telegrama informando-os de que estava finalmente à vista o vapor há tanto tempo esperado.

A 24 de maio nos reuníamos todos novamente em Destêrro, e na segunda-feira de Pentecostes, dia 29, nos despedíamos da pitoresca baía de Santa Catarina. Tivéramos apenas o tempo necessário de pôr em ordem a nossa coleção de objetos dos sambaquís e expedí-la para Berlim. O "Rio Grande" estava — bom augúrio — sob o comando do mesmo capitão que em 1884 nos levára a Cuiabá.

Passámos o dia 31 de maio no pôrto do Rio Grande. No dia seguinte, fazendo um desvio, fomos a Pelotas, e chegámos a Montevideu a 4 de junho. Meu primo e eu embarcámos imediatamente num vapor argentino, o "Eolo" requintadamente luxuoso,

(2) — Eu diria: da ciência "brasileira", se o novo govêrno de sua pátria adotiva, à qual êle pertence desde 1852, não tivesse entretanto renunciado aos seus serviços, exonerandô-o do cargo muito modestamente remunerado de "naturalista viajante" do Museu do Rio.

afim de apressarmos tantos reencontros cordiais que nos esperavam em Buenos Aires. Pouco depois seguiram também Ehrenreich e Vogel.

Na capital da Argentina tivémos que ficar quase duas semanas; foi só então que veio o vapor que nos levaria ao Mato Grosso. Aproveitámos a demora, fazendo alguns estudos sobre os indígenas. No 11.º batalhão da infantaria de linha foram examinados linguística e antropológicamente, como também fotografados, dois Mataco e um Toba. Fomos distinguidos com um gesto de extraordinária gentileza pelo embaixador alemão Barão von Rotenhan a cuja recomendação devemos também a permissão de examinar os soldados.

Guiados por êle, conhecemos a singular cidade de La Plata, nascida da terra como por encanto, i. é, uma "cidade" desprovida ainda quase por completo de seus cidadãos, mas onde, metódicamente dispostos, já se elevavam, prontos no pampa, os palácios e edifícios governamentais. Infelizmente a ornamentação não pôde disfarçar a origem fabril. A nós, mofadores, se apresentava deliciosa a catedral que, construída de tijolos, está destinada a atingir uma altura vertiginosa; um imenso areal com os pedestais das colunas, feitos de tijolos, e no centro um trabalhador solitário que argamassava cal, enquanto à distância um segundo o observava contemplativo. Caminhámos admirados de rua em rua, ou melhor, de edifício em edifício, obtivémos um ligeiro conhecimento das grandiosas obras do pôrto em cuja realização repousa o futuro da cidade, e chegámos afinal ao museu. Entretanto, tínhamos atravessado um bosque de eucaliptos que, a-pesar-de suas inúmeras clareiras e a-pesar-de plantado com excessiva regularidade, não deixava de ser belo, por causa de suas fôlhas que cintilavam argentinamente. Embora aquelas árvores fôsem exóticas, sentíamos desfrutar algo de semelhante à paisagem de Teltow e Lichterfeld. Pinturas a fresco, novas e brilhantes, ornavam a rotunda vestibular do museu: o americano pre-histórico em companhia de criaturas fósseis, índios modernos dos pampas, aborígenes olhando a primeira caravela que subia o rio, outros fazendo fogo por atrito, e paisagens da cordilheira. Os belos salões já continham inúmeros tesouros: além da coleção de história natural moderna, havia uma rica coleção paleontológica de animais inferiores e, com especial relevância, numerosos exemplares de dinosáuros, megatérios, gliptodontes, toxodontes, macraquênias e muitos outros mamíferos da era patagônica terciária e da fauna da transição para a quaternária. Via-se uma coleção imponente de crâneos e esqueletos desde os mais antigos habitantes até aos Patagônios que pelo diretor Francisco P. Moreno são con-

siderados os últimos habitantes prehistóricos, e até aos índios modernos dos pampas; uma coleção etnológica com riquíssimo material prehistórico, desde os simples utensílios de pedra da Terra do Fogo até aos magníficos vasos dos Peruanos e dos Calchaquí. Este instituto já fornece motivo suficiente para desejarmos pleno êxito à experiência curiosa da fundação da cidade.

De um modo menos afável pronunciou-se o Professor Burmeister de Buenos Aires, cuja rusticidade recreativa, cumpre dizê-lo, não tinha menor fama que a sua erudição. Lemos no Diário a notícia agradável que “el sabio Murmeister”, como o queria um erro tipográfico, acabava de voltar de sua viagem à província de Misiones. Apressámo-nos, pois, em cumprimentá-lo ainda antes da partida. Encontrámos o velhinho excelentemente humorado. Serviu-nos vinho moscatel côr de laranja que contrastava singularmente com a rústica acrimônia de seu caráter. Haviam pretendido transportar o seu museu para La Plata, avaliando-o em 20.000 nacionales. Mas êle declarara que não era possível submeter ao transporte exemplares valiosos como o seu magnífico megatério, para deitá-los a perder no novo edifício. Afinal o governo federal comprou o museu da província de Buenos Aires por 25.000 nacionales de modo que podia permanecer no seu lugar. Mas infelizmente só dispunha de salas antigas e escuras em que estava tudo acumulado como num armazém de depósito. Burmeister nutria, porém, a esperança de que, mais dia menos dia, lhe haviam de pôr à disposição o edifício da Universidade. A seu ver, La Plata não passava de um embuste; zombava das pinturas que representava um índio roendo um osso de gliptodonte — “assim m’o relatam, pois eu naturalmente nunca estive nem nunca irei lá”, — a-pesar de Ameghinho não ter podido encontrar a menor prova da existência do homem naquela época — opinião essa que, segundo se afirma, mais tarde êle não mais sustentou. Quando, à despedida, exprimi o desejo de o encontrarmos na volta, de muito boa saúde, êle replicou com o seu humor assanhado: “Cheguei à convicção de que, se não espiritualmente, sou ao menos corporalmente imortal”. Infelizmente não foi mais por muito tempo que Burmeister se pôde regozijar desta convicção...

A 17 de junho partimos finalmente. O vapor brasileiro, o “Rio Paraná” apareceu, e, vencendo as dificuldades aí habituais quando as águas estão baixas — entrando da ponta de desembarque numa zorra e desta num bote, — chegámos a bordo.

Entre os companheiros de viagem estava um velho amigo cuiabano, o diretor dos correios sr. André Virgílio de Albuquerque. Êste nos contou que o cólera não tinha levado muitas vítimas, mas

que contudo morreram mais de 100 pessoas em Corumbá, sendo poucas as vítimas em Cuiabá. Disse que muitos fugiram para fora das cidades e que com êle mesmo se passára uma história singular. E' que após a suspensão da navegação a vapor, se pusera a levar o correio para o Rio, servindo-se do antigo caminho das tropas. Mas quando, depois de longo cavalgar, apareceu na primeira estação paulista, acusaram-no de não ter respeitado a quarentena. E, embora não houvesse ainda cólera em Cuiabá quando êle de lá partiu, embora êle tivesse percorrido 2.300 km. a cavalo, foi prêso. Para a desinfecção, que naquele lugarejo não podia ser realizada eficientemente, transportaram-no, numa viagem de dois dias de trem e de vapor e sem isolamento dos restantes passageiros, à Ilha Grande, a ilha de quarentena do Rio de Janeiro, afim de que aí fôsse arejado por não sei quantos dias.

Na noite de 20 de junho chegámos a Santa Helena, a fábrica de extrato de carne de Kemmerich. Pertence à Casa Torquist de Buenos Aires, cujo sócio, sr. Linen, se tornara benemérito da nossa expedição, por tê-la subvencionado com uma remessa de extrato de carne, extrato de caldo de peptona, e que, como não tardaríamos de saber, tivera a amabilidade de nos anunciar aquí. Pois, para surpresa nossa, ouvimos súbitamente duma lancha que se aproximava na escuridão, perguntar alguém se a expedição alemã se achava a bordo. Pouco depois subiu ao convés o sr. Dr. Kemmerich, munido de um ramalhete de flores e de mais um caixote pesado. Felizmente o vapor tinha que carregar carvão e ficou até meia-noite. Sem a menor hesitação aceitámos o convite do nosso amigo hospitaleiro e aproveitámos o ensêjo para trocar por um confortável aposento de família o bate-bate de piano, o baralho e as horríveis tiradas declamatórias do salão do vapor. Na margem do rio, onde se amontoavam os ossos das vítimas abatidas, acendêra o "mayordomo" duas grandes fogueiras de breu para revestir de uma tonalidade mais festiva o acontecimento. Assim a fábrica reluzia em romântica iluminação. Naquela época "só" 200 bois deviam deixar aí diàriamente a vida, mas o estabelecimento florescia rapidamente de modo que se cogitava de ampliá-lo para breve. Tinha o sr. Kemmerich inventado um novo preparado que é uma farinha de carne, de côr amarelada, fabricada sob pressão hidráulica, e que contém tantas substâncias alimentícias — carne assada pulverizada, banha, peptonas, extrato — que 100 grs. dêste preparado correspondem ao valor nutritivo de 500 grs. de carne fresca, sendo que o conteúdo duma lata cilíndrica de mais ou menos um palmo de comprimento, é quanto basta para alimentar um homem durante 3 a 4 dias. Pediu-nos o Dr. Kemmerich que na nossa viagem experimentássemos em forma de sopa aquela mis-

tura facilmente transportável de energia e substância. Já posso antecipar aqui que os “cartuchos de carne” nos foram de tal maneira úteis que abençoámos a hora em que os recebemos.

Em Corrientes tínhamos que renunciar ao nosso belo vapor com iluminação elétrica, para nos instalarmos no “Rápido”, mais modesto e menor.

A 28 de junho chegámos a Asuncion, prosseguindo a viagem a 29. Nunca foi demasiada a rapidez da nossa viagem. A 30 de junho parámos por bom espaço de tempo, afim de cortarmos capim para um boi que levávamos conosco. Teria sido mais cômodo deixá-lo comer na ribanceira até satisfazer-se...

Deixando o Paraguai, voltávamos finalmente ao Brasil. Ao alvorecer do dia 4 de julho chegámos a Corumbá, onde devíamos trocar novamente o “Rápido” por uma edição ainda menor, o “Rio Verde”, em que partimos na manhã do dia 5 de julho. A 11 do mesmo mês avistámos, às 3 horas da tarde, a cidade de Cuiabá, ansiosamente esperada. Um trimestre mais tarde do que tínhamos calculado. A alegria de finalmente estarmos tão avançados, fêz com que mais uma vez — a última — encalhássemos com veemência na areia. Fômos então de bote até a praia, onde arribámos um quilómetro acima do pôrto, seguindo a pé para a cidade. Os nossos amigos daí também já haviam perdido a esperança; cavalgaram ao nosso encontro, saúdaram-nos com risos e com apertos de mão a conduziram-nos a uma morada hospitaleira que nos devia dar abrigo até que no dia seguinte — felizmente não havia estalagem que, na terra, nunca teria sido grande coisa — alugássemos uma casa desocupada na Rua Nova.

CUIABÁ. Todos sacudiam a cabeça ao ouvir a nossa declaração de que, o mais tardar, devíamos partir dentro de três semanas. Com efeito, não é tão fácil conseguir em tempo tão restrito as mulas necessárias, sem ser vítima dos mais grosseiros logros, e de encontrar os necessários “camaradas” familiarizados com a vida silvestre, sem correr o risco de contratar uma porção de pessoas imprestáveis que depois põem em perigo a prosperidade e o êxito de uma expedição. Em última análise nós mesmos nos admirámos de ter preparado tudo em 17 dias.

Já tínhamos passado em 1884 pelas agruras de todo o percurso, circunstância essa que naturalmente nos foi de grande utilidade neste sentido. Conhecíamos a língua e tínhamos muitas relações pessoais. Por outro lado isso também trazia grandes desvantagens cuja gravidade só compreendemos pouco a pouco. E’ sabido que os brasileiros das classes mais elevadas são — ou eram? falo naturalmente dos tempos passados do império — políticos práticos.

Querem viver de empregos públicos e devem dividir-se, por não haver cargos suficientes para todos os candidatos, em duas grandes facções, sendo uma constituída pelos que têm emprêgo, a outra pelos que os querem. Um dos partidos triunfa, o outro se contorce em furia oposicionista. Um se chama, ninguém sabe porque, conservador, o outro liberal. Em 1884 tínhamos sido recebidos pela alta sociedade com a maior hospitalidade e com a mais sincera amabilidade, e como esta naquele tempo era conservadora segundo a direção dominante, enquanto os liberais eram olhados com menos-prêzo, também nós éramos tomados por conservadores. Mas como em 1887 os liberais estivessem com o poder, tendo por sua vez o direito de tratar mal os membros do partido conservador, também nós devíamos ser tratados mal. Fomos recebidos pelos liberais com grande reserva, para que não se compromettessem em caso algum.

Um exemplo bem drástico dêsse estado de coisas veio a lume numa questão intimamente ligada à nossa primeira expedição. Faziam parte da nossa escolta militar dois capitães, o sr. Tupí e o sr. Castro. O primeiro, por ser mais idoso, era o comandante, mas infelizmente só tinha na expedição o interêsse pessoal de se servir dos dinheiros postos à disposição pelo presidente, para pagar as suas dívidas de jôgo, em vez de pagar as provisões e o sôlido dos soldados. A caminho descobrimos que os alimentos só bastariam para chegarmos até ao Paranatinga. E, como também uma porção de soldados absolutamente não se prestasse para os nossos serviços, tivemos que mandar de volta uma parte dos homens, pois não queríamos partilhar o destino habitual das outras expedições partidas de Cuiabá; voltar sem resultado. Pedimos, pois, ao sr. Castro que tomasse o comando, realizámos energicamente a separação numa cena de acampamento dramaticamente movimentada, mas levámos a cabo metòdicamente e com êxito a nossa viagem.

De volta a Cuiabá, o sr. Tupí fêz um barulho tremendo, declarando-nos, pela imprensa, embusteiros que se faziam passar por membros da “ilustríssima sociedade de geografia de Berlim”, mas que só tencionavam descobrir e explorar os Martírios, as lendárias minas de ouro da província. Acusou o seu companheiro Castro do delito de insubordinação sob circunstâncias agravantes.

Durante todo o tempo da nossa ausência na Alemanha continuou essa história divertida. A princípio não correu desfavoravelmente para Castro que, de seu lado, não poupava réplicas enérgicas. Tomou, porém, rumo mais sério com a queda do partido conservador, quando o sr. Tupí subitamente mudou de opinião política, professando as convicções do partido vencedor. Castro foi levado a um tribunal militar; as testemunhas trazidas por Tupí declararam sob

juramento que aquêle se juntára conosco para afastar o official que tinha o comando. Quanto à minha pessoa, informaram-me os autos que, com o revólver na mão, ameacei de matar o sr. Tupí. A sentença do tribunal militar foi pronunciada contra Castro. Encontrámo-lo prêso, mas ainda não estavam perdidas tôdas as esperanças, porque exatamente pelo vapor que nos trouxera, deviam ser remetidos ao Supremo Tribunal Militar do Rio os autos do processo para decisão final. Ainda na noite da nossa chegada me pus a escrever uma exposição concisa e clara do verdadeiro estado de coisas, assinada como declaração por juramento pelo meu sobrinho Wilhelm e por mim. Enviámo-la à embaixada alemã do Rio com o pedido de remetê-la ao Supremo Tribunal. Já adianto aqui que, voltando da segunda expedição, recebemos, ainda em Cuiabá, do sr. Conde Dönhoff a notícia de que Castro fôra unânimemente absolvido, sendo que mais tarde, após ter eu apresentado no Rio o meu relatório pessoal, êle foi também merecidamente condecorado.

Enquanto o Castro conservador estava na prisão, o sr. Tupí fôra enviado ao Rio das Mortes numa expedição honrosa de pesquisa. Contudo não foi bem recebido pelos índios que atacaram de improviso a sua pequena tropa, ferindo-o gravemente na cabeça com uma pancada de maça. Voltou, porém, vivo à Capital, trazendo algumas orelhas de índios (“orelhas de macaco” diziam os adversários). Depois de ter sarado, removeram-no para o Rio Grande do Sul — boa troca para êle — pois pouco depois foi promovido a major. Por ocasião de sua partida de Cuiabá, distribuía-se entre os passageiros do vapor um folheto “Ao exército e à armada”, que era enviado em tôdas as direções e que advertia a todos contra o “infame e asqueroso Capitão Antônio Tupí Ferreira Caldas”. Lia-se aí que a sua fronte tinha sido duplamente marcada por Deus, uma vez com o sinal de Caím e, mais tarde, com a depressão craniana que, dizia o folheto, não provinha do tacape dum índio, mas da coronha da carabina Comblain dum dos seus soldados. Lia-se mais que êle era “esbanjador dos dinheiros públicos, mexeriqueiro intrigante, jogador profissional, caluniador, bajulador, trapalhão, tratante, embusteiro, traidor, desertor, comparável a um réptil ou a um verme nauseabundo, enfim, uma úlcera purulenta em forma humana e cheia de todos os vícios de que há conhecimento e uso no universo”. Neste tom tinha sido travada tôda a luta dum e doutro lado, tendo mesmo aparecido, como para minha grande admiração me informaram, e eu mesmo vi mais tarde, artigos de jornal com a assinatura “Dr. Carlos” ou também com o meu nome por extenso, artigos em que eu apedrejava o Capitão Tupí com um florilégio de palavras injuriosas portuguezas tais que eu não as poderia ter suposto existirem nos meus conhecimentos

desta língua. O meu predicação mais suave tinha sido o de cobra venenosa “jararaca”, “cophias atrox”. Estas circunstâncias explicam a razão dos sentimentos um tanto dúbios com que fomos recebidos em Cuiabá.

A acusação de sermos aventureiros à procura de ouro fôra um gesto hábil de Tupí e uma especulação bem acertada sobre as idéias da população. Ainda hoje haverá pouca gente em Mato Grosso que creia termos feito a longa viagem da Alemanha para Cuiabá e de lá empreendermos a dificultosa expedição com o fito um tanto misterioso de conhecer os pobres índios; éramos engenheiros que procuravam os Martírios, o El dorado da província, cujo nome faz pulsar aceleradamente o coração de cada matogrossense e para cuja descoberta não pouparia sacrifícios.

Soubemos para a minha maior surpresa, que em 1884 um punhado de homens havia seguido por muitas jornadas as pegadas da expedição. Tinha, como nós, atravessado o Paranatinga, adiantando-se até ao Batoví, e chegado ao nosso lugar de embarque, de onde tivera que voltar.

Não bastando isso, empreendeu-se metódicamente em 1886 uma expedição à região do Batoví. Chefiava-a José da Silva Rondon. A 1.º de julho partiram 34 homens com 40 animais de montaria e de carga e 3 bois. Entre os companheiros se achavam cidadãos muito abastados da cidade, que pagavam contribuição considerável e se submetiam livremente a muitas canseiras por amor à brilhante expectativa. Tomaram o caminho mais próximo do Paranatinga, passando por cima da chapada. O ponto de partida para a viagem ao desconhecido era a Fazenda São Manuel na nascente do Paranatinga, que foi alcançada a 16 de junho (sic.). A expedição movimentou-se em direção do nordeste e cruzou uma porção de riachos, revolvendo uma quantidade de areia e de cascalhos à procura do ouro resplandecente. Em meados de julho estavam os expedicionários entre os riachos confluentes do Batoví, alcançando o lugar de embarque da nossa primeira expedição. Por fim se estabeleceu entre eles grande confusão. Tinham que lutar contra a falta de provisões, os animais estavam em mau estado, um dos chefes queria ir numa direção, o outro noutra. Afinal todos se reuniram para voltar ao aconchêgo de suas famílias e às cebolas de Cuiabá.

Eis que em 1887 veio a notícia alarmante: aí chegam de novo o Dr. Carlos e seus companheiros para empreender uma expedição ao Xingú. Aquí devia andar mouro na costa: a-pesar-de tudo, portanto, teriam os alemães encontrado os Martírios. Provavelmente se achavam as minas a algumas jornadas rio-abaixo, sendo que,

por conseguinte, em 1886 os homens da expedição tinham muito cêdo tornado para trás. Novamente se pôs Rondon à testa duma expedição, custeada dessa vez na maior parte do seu próprio bolso. Pôs-se em movimento quando nós ainda estávamos longe de Cuiabá, para assegurar-se a dianteira. O seu empreendimento também interferiu no nosso, como mais tarde veremos.

Após as experiências colhidas com o Capitão Tupí, tínhamos o ardente desejo de passar sem auxílio militar. Mas com o tempo restrito de que dispúnhamos, absolutamente não nos foi possível arranjar um número suficiente de camaradas de confiança. Os homens que para isso se prestam, encontram-se naturalmente no interior, nas plantações e nos sítios freqüentemente muito afastados. Na cidade não faltam indivíduos desocupados, de tôdas as tonalidades pigmentárias, mas é só por um acaso que dentre êles se encontram pessoas hábeis e esforçadas que saibam lidar bem com o facão, com a espingarda e com os animais de carga.

Reconhecemos, pois, que tínhamos que fazer uma pequena concessão à necessidade, e mesmo fazê-la sem receio, caso conseguíssemos a companhia de um bravo compatriota que estava a serviço do Brasil e que de seu lado se prontificou com alegria a acompanhar-nos. Era o sr. Luiz Perrot, tenente do 8.^o batalhão. Perrot, descendente de família francesa de emigrantes, e natural das circunvizinhanças de Francforte sobre o Meno, arribara na América do Sul com 20 anos de idade. Participara da guerra do Paraguai e vivia desde então no recanto solitário de Cuiabá. Pedí ao presidente da província — vice-presidente naqueles dias — que pusesse à minha disposição Perrot e quatro homens, como também os animais necessários para êles. O meu pedido foi atendido sem dificuldade.

Dos camaradas que se nos ofereceram, só dois caíram em graça. Eram êles Pedro e Carlos Dhein, filhos de colonos do Rio Grande do Sul. Não nos arrependemos desta escolha. Eram dois rapazes garbosos e robustos, infatigáveis nos trabalhos mais pesados e bastante hábeis para trabalhos delicados. Principalmente Carlos, o mais novo, era um gênio à sua maneira que levava a cabo tudo quanto empreendia. Os dois irmãos tinham estado por alguns anos a serviço do naturalista e colecionador norte-americano Herbert Smith, caçando para êle e preparando corretamente as suas prêsas. Depois da partida de Smith deviam, para sua desesperação, cozer tijolos e, mais tarde, pão. Foi por isso que voltaram com entusiasmo a ocupar um lugar que correspondia aos seus talentos e inclinações. Trouxeram-nos também quatro cachorros, “cães de caça”: o “Diamante”, caduco, pedra preciosa muito quebradiça e

despolida, mas ainda estimado como joia por causa de suas virtudes de antigamente, e os três cães ligeiros e atrevidos “Feroz”, “Legítimo” e “Certeza”.

Contávamos na certa, além disso, com a companhia do melhor homem da nossa primeira expedição, o índio Bakairí Antônio. Morava na sua aldeia do Paranatinga, no ponto mais avançado da zona conhecida, onde o tencionávamos procurar.

Um auxílio inesperado se apresentou na pessoa do velho e bom Januário. Em 1884 êle nos acompanhára até ao ponto de embarque como comandante das bêstas de sela que nos haviam sido cedidas pelo Governo, e levára de volta para Cuiabá os seus protegidos. Entretanto êste bravo sargento fôra reformado como tenente após 35 anos de serviço, e, habitando uma casinha em frente a Cuiabá, ansiava por novos feitos. Comprámos-lhe uma boa cavalgadura, auxiliámo-lo para que se equipasse bem, e regozijámo-nos muito com a sua companhia, principalmente porque não tínhamos sido felizes na procura de um bom arrieiro. O arrieiro é o homem que conduz os animais de carga e de cuja aptidão depende a boa ou má sorte de uma expedição destas; é quem dirige o carregamento dos animais, quem se encarrega do consêrto das selas, quem cuida da boa ordem da marcha, quem procura os lugares mais convenientes para a travessia dos rios, quem com seu olhar de general decide sobre as mil e uma dificuldades que surgem durante a viagem, e quem determina o tempo e o lugar do acampamento. O único arrieiro que se nos oferecera e com o qual só ficámos dois dias, era um indivíduo tão velho e alquebrado que, embora ainda andasse a cavalo, há muito não podia mais caminhar, de modo que certamente nos teria sobrevivido a necessidade de enterrá-lo em meio caminho. Tranquilizou-nos o fato de ter morrido antes da nossa volta e pelo menos sem culpa nossa.

Assim, éramos 12 pessoas, além de Antônio que mais tarde se juntaria; nós quatro, Perrot, Januário, Carlos e Pedro, e os quatro soldados escolhidos por Perrot. Todos êstes eram sargentos e se chamavam João Pedro, Coluna, Raimundo e Sátiro.

No nosso primeiro acampamento, ainda bem perto de Cuiabá, juntou-se finalmente ao nosso grupo o mulatinho Manuel. Queria por fôrça acompanhar-nos, embora, como equipamento, tivesse unicamente as calças e a camisa rasgada sobre o corpo. Demos-lhe ainda alguma coisa e permitimos-lhe afinal que viesse conosco como rapaz de cozinha.

Fôra difícil o problema dos animais de carga. As mulas custavam em média 150\$000 cada uma, o que naquele tempo correspondia mais ou menos a 300 marcos. Desistimos de levar animais de

montaria, mas necessitámos contudo de 12 cargueiros. Perrot montava o seu cavalo e forneceu quatro mulas para si e para os soldados. Arranjou, além disso, um cavalo velho para servir de madrinha — nome que se dá ao animal de guia que caminha à frente dos outros. Levávamos, por fim, a excelente mula de montaria que compráramos para Januário, de modo que o total da tropa perfazia 19 animais. Cada animal de carga leva duas “bruacas”, grandes sacos de couro de boi, recortados e costurados de tal forma que em cima fica uma parte para cobertura. Por meio de duas asas de couro penduram-se as bruacas nas “cangalhas”, albardas que consistem em uma armação de madeira, e que, para proteger os animais contra machucaduras, são por baixo almofadadas de capim.

Tínhamos o plano de levar conosco os animais até ao lugar de embarque, deixando-os aí sob vigia, enquanto fizéssemos a viagem fluvial em visita aos índios. Depois da volta feliz ao pôrto, caberia então aos animais a tarefa principal de levar as nossas coleções a Cuiabá. E para que tivéssemos espaço suficiente para o acondicionamento destas, devíamos limitar quanto possível a carga dos animais. As expectativas neste sentido não eram desfavoráveis, porque podíamos estar certos de que a partir daquele momento teríamos à nossa disposição todo o espaço ocupado pelos mantimentos, pois que até aí teriam restado apenas algumas latas de ladrilhos de sopa condensada e de “Kemmerich”. Quanto à farinha de mandioca, esperávamos recebê-la dos índios. O restante devíamos obter pela caça e pela pesca. Pois, si tivéssemos tencionado levar provisão suficiente para 5 ou 6 meses, devíamos ter organizado uma tropa muito superior às nossas possibilidades, e, supondo mesmo que o tivéssemos podido, teríamos precisado também de um número maior de pessoas para todos êsses animais. Assim a marcha pelo terreno ínvio se teria tornado duas ou três vezes mais difícil, e, no caso de falhar a expedição em Mato Grosso, como tantas outras, a desgraça teria sido desproporcionalmente maior.

Perrot transportou nas mulas pertencentes ao Govêrno, nas “reúnas”, a provisão destinada para êle e seus quatro sargentos. Levou, além disso, três tendas, uma maior para si, e duas menores — cada uma para dois homens.

Das 24 bruacas destinava-se a metade para os mantimentos. Em superabundância levámos só o sal indispensável que teria bastado para mais de meio ano, 3 sacos = 150 litros.

Os gêneros principais restantes eram: 1.^o) excelente feijão pardo, 2.^o) farinha de mandioca, 3.^o) carne sêca, i. é, carne salgada e sêca ao ar livre, 4.^o) toicinho, 5.^o) arroz, 6.^o) ra-

padura, i. é, açúcar não purificado em fôrma do tamanho dos nossos tijolos, 7.^o) ladrilhos de legumes (mélange, cerefolho, áipo) de A. Guhl de Hamburgo, sopas condensadas (ervilhas, feijão, cevadinha) de R. Scheller de Hildgurgghausen, e preparado de Kemmerich (farinha de carne, extrato de carne, extrato de caldo, peptona e algumas latas de língua). Talvez não deixe de ser interessante enumerar também os pormenores do trem restante. Cabe mencionar:

Condimentos: pimenta (as frutas frescas conservadas em vinagre diluído), mostarda em pó e algumas garrafas de molho Worcestershire, Bebidas: erva mate, um pouco de chá chinês e de café: "DoppelkümmeI" — um presente afável de Eckauer, — e aguardente nacional, "cachaca", "caninha". Além disso: canecas, pratos, garfos, colheres, panelas, chaleiras e lanternas de observação. Machadinhas, picaretas, pás, uma alçaprema (êstes dois últimos utensílios são indispensáveis em travessias difíceis de rios). Fuzil forjado, fósforos, alguns pacotes de papel, ferramentas, Anzóis e linhas de pescar cuja qualidade é de grande importância, de W. Stock de Munich. Para os animais: um chocalho de madrinha, broças, cordas, pregos, ferraduras, opodeldoque, tártaro.

Como "dobres", levámos: couros de boi, dos quais tôda quantidade é sempre pouca, as nossas duas tendas impermeáveis de Franz Clouth de Nippes perto de Colônia, que sempre satisfizeram as exigências, os nossos sacos de noite com rêde, mosquiteiro, ponchos, cobertor (excelentes são os grandes cobertores dos caçadores) e um pedaço de pano de borracha que faz parte dos artigos importantes. Entre os dobres também se achava o fumo, um rôlo de 50 metros de "cuiabano" preto cuja importância rivaliza com a dos mantimentos, e milho para alimentar as mulas durante uma série de dias. Por fim, objetos de permuta que havíamos trazido da Alemanha e que, graças à amabilidade das autoridades brasileiras, puderam entrar sem pagamento dos direitos de alfândega: um carregamento pesado de ferragens de Solingen de F. A. Wolff de Graefrath, principalmente facas, machadinhas, algumas tesouras, cadeias de vaca para adôrno dos caciques, 75 quilos de pérolas de Greiner & Cia. de Bischofsgrün — Baviera, finalmente camisas, lenços, espelhos, birimbáus, flautas e outras surpresas semelhantes. Para os nossos camaradas tínhamos trazido: calças, camisas, facões, espingardas simples de vareta e revólveres.

O sôldo mensal dos camaradas importam na média em 30\$000 (uns 60 marcos). Bons arrieiros são consideravelmente mais caros.

O nosso equipamento técnico também ocupou algum espaço. Para medições astronômicas e geodésicas dispúnhamos de um círculo prismático com precisão de 20", um nível de mercúrio com

telhado de vidro de Moscovia de C. Blamberg, um pequeno instrumento universal de Pistor & Martins com precisão de 30", que nos tinha sido amavelmente emprestado pela direção do observatório marítimo de Hamburgo, um pequeno teodolito de viagem com cavalete de Casela, com precisão de 1', três relógios "Anker" compensados. Para medições geomagnéticas: um magnetómetro de desvio de C. Baberg (observatório marítimo), dois imãs com caixa de oscilação de um teodolito de viagem de Lamont. Para determinação do terreno e para determinações de altura: um aparelho de ponto de ebulição de Fuess, um arenóide de Naudet de Feiglstock em estojo para ser suspenso ao ombro, um arenóide segundo Goldschmidt de Hottinger, dois arenóides de bolso de Campbell, uma bússola de Esmalcalda com círculo de 7cm. de diâmetro, uma "táboa de debuxos" segundo Naumann de G. Heids, várias bússolas de bolso, dois odómetros. Um arenóide registrador de Richard Frères ficou em Cuiabá para registros correspondentes e foi servido pelo sr. André Virgílio de Albuquerque. Para observações meteorológicas: um termómetro de máxima e um de mínima de Fuess, um centrifugador segundo Rung com três termómetros (observatório marítimo), um pequeno higrómetro de bolso, um termómetro de Pinsel para temperaturas aquáticas. Além disso ainda termómetros para centrifugador e termómetros de máxima e mínima. Afinal um aparelhamento fotográfico abundante e bem meditado com máquina de Steinheil, o instrumentário antropológico de Virchow, artigos químicos, alguns vidros com álcool para pequenos espécimes zoológicos, utensílios de desenho e de pintura, tabelas antropológicas impressas e vocabulários linguísticos. O peso menor era o dos poucos livros finos para "leitura de viagem", dos quais cada um de nós levava consigo um ou outro; Frederike Kempner, a consoladora indispensável em viagens prosaicas por terras longínquas é a primeira a dizê-lo: "O que é bom, é tão leve".

Os últimos dias foram naturalmente só enfardamento e massada. Partimos na tarde de 28 de julho, levantando o nosso acampamento a uma meia hora da cidade. No primeiro dia o principal é sair da cidade, e também nos dias imediatos avança-se pouco, a não ser que se disponha de uma tropa de animais acostumados uns com outros. E' aí que vale mais do que nunca "Paciência" e mais uma vez "Paciência, Senhor!"



Cacique Bororó

CAPÍTULO II

DE CUIABÁ AO ACAMPAMENTO DE INDEPENDÊNCIA

I

Plano e itinerário. Rotas diferentes da de 1884. Breve crônica. — *Planalto e sertão.* As “serras”, um terreno de terraços, sua fisionomia e coordenação topográfica. Campos. — *Moradores.* Condições de vida e nível de cultura. Dois noivos fugitivos. — *Bakairí mansos.* Os do Rio Novo em viagem. Aldeia no Paranatinga. Visita e contra-visita dos Bakairí “bravos” em 1886. Notícia dos Bakairí no Kulisehu

Plano e itinerário — A pouca distância de Cuiabá eleva-se a leste e a nordeste, escarpadamente o planalto em que nascem os rios tributários do Paraguai, bem como os do Amazonas. Diferenças de nível tão diminutas que se não percebe a olho nú a divisa das águas, determinam o destino das nascentes vizinhas; o delta do equador ou a desembocadura do Rio da Prata, a 35° de latitude sul. Devíamos dirigir-nos do sistema fluvial do sul para o do norte, procurando a passagem de um para outro a norte e nordeste da divisa das águas, entre o Rio Cuiabá, que corre na zona do Paraguai, e o seu “contravertente”, o Tapajóz, que ruma para o Amazonas afim de em seguida nos volvermos em direção leste, para as nascentes do Xingú.

Mais ou menos no meio do percurso encontra-se o Paranatinga. É um afluente do Tapajóz, e cresce rapidamente em virtude de seus numerosos tributários. Sendo a sua nascente bastante próxima da do Xingú, julgou-se por muito tempo fôsse êle o braço mais ocidental dêste.

Nossa marcha foi, pois, sub-dividida em duas partes: I — de Cuiabá até ao Paranatinga, atravessando território mais ou menos colonizado, e II — do Paranatinga, por terreno ínvio, ao tributário do Xingú, que tencionávamos descer.

I — De Cuiabá ao Paranatinga havíamos marchado em 1884, fazendo um grande desvio, primeiro pela margem esquerda e depois pela direita, do Cuiabá. Tínhamos feito esse desvio por amor aos bois que então nos serviam de cargueiros e por lá podiam mais brandamente atingir o planalto. Com as mulas era possível dirigir-nos mais diretamente ao alvo. Estávamos por isso em condições de aproveitar ida e volta da expedição para uma importante ampliação da determinação geográfica. Na ida atingimos o Paranatinga (assim como em 1884, embora por outro caminho) junto á aldeia dos Bakairí mansos, tendo sido desta vez a Fazenda Cuiabázinho o último sítio brasileiro do caminho. Os Bakairí auxiliaram-nos novamente na travessia do rio consideravel, e o nosso bravo Antônio, o especialista na construção de canoas de casca de árvore, associou-se ao nosso grupo. Na volta atravessámos o Paranatinga mais acima, reencontrando a civilização na Fazenda São Manuel, donde o caminho mais direto para Cuiabá passava por Ponte Alta.

II — Para o percurso do Paranatinga ao Xingú tínhamos que considerar o seguinte: em 1884, após termos atravessado o Paranatinga, havíamos cruzado uma porção de riachos e riosinhos que corriam para o norte e que não nos fôra possível discernir se pertenciam ao Paranatinga-Tapajóz ou ao Xingú. Embarcados em seguida no primeiro confluente ocidental que com maior probabilidade podíamos considerar tributário do Xingú. Era o Rio Batoví ou Tamitotoala dos aborígenes. Êste rio desembocou finalmente num dos afluentes principais do Xingú, o Ronuro; vinha êste do sudoeste e pudemos verificar que os riachos e riosinhos antes atravessados entre o Paranatinga e o Batoví, já eram tributários do Xingú. Pouco abaixo da desembocadura do Batoví, uniu-se ao Ronuro um outro confluente considerável que vinha em direção leste-sudeste e que então tomámos erradamente pelo “Kulisehu” dos aborígenes. Tratava-se, porém, na realidade, o Kuluêne — que não nos fôra mencionado, — unido ao Kulisehu menor e anteriormente recebido. O Ronuro com o Batoví e com o falso “Kulisehu”

formavam juntamente — em “Xingú-Kloblenz” (Confluência), como costumávamos dizer — o Xingú propriamente dito que desce-mos em 1884 até a desembocadura.

Neste “Kulisehu” — nome que por ora preciso manter — deviam habitar muitas tribus indígenas; foi êle que procurámos em 1887. Devíamos, pois, atravessar o Batoví, situado mais ao oeste, cuidando só de conservar-nos o mais possível acima do nosso antigo lugar de embarque, afim de que, quando muito, tivéssemos que cruzar sòmente tributários insignificantes.

Saindo da aldeia Bakairí do Paranatinga, alcançámos a nascente do Batoví, seguindo na primeira metade do caminho as péga-das de 1884, e mantendo, na segunda, a direção de leste, em vez de nos desviarmos para o norte. Na medida do possível nos manti-vêmos perto da divisa das águas. Entrámos em seguida na região da nascente do Kulisehu — e êste rio era de fato o verdadeiro Kulisehu — e desviámos, um pouco mais tarde, para o norte, até alcançarmos a 6 de setembro um braço fluvial que permitiu o em-barque. Demos ao lugar do acampamento o nome “Pouso da Independência”, ou simplesmente “Independência”, em atenção à comemoração dêste fato, celebrada em todo o Brasil no dia seguinte, 7 de setembro.

Dadas estas explicações, posso agora traçar do seguinte modo as linhas gerais da ida de nossa expedição, ajuntando a êste esboço as datas mais importantes.

28 de julho de 1887: partida de Cuiabá, cruzando em seguida alguns afluentes da margem esquerda do Rio Cuiabá, a saber: 2 de agosto, o Caxapó Assú (o “grande” Caxapó); 4 a 7 de agosto o rio Manso; 9 de agosto, o Rio Marzagão. 10 de agosto: subida da “Serra”. 12 de agosto: Fazenda Cuiabázinho, na nascente do Cuiabá; pela divisa das águas ao Paranatinga, e estadia de 16 a 19 de agosto na sua margem esquerda na aldeia dos Bakairí. 20 de agosto: margem direita do Paranatinga; passagem pelos vertentes do Ronuro, até a nascente do Batoví. 25 de agosto: braço oriental. 26 de agosto: confluyente central do Batoví. 27 de agosto: passa-gem pelo braço oriental do Batoví e pela divisa das águas, em direção do primeiro confluyente pequeno Kulisehu. Finalmente, a 6 de setembro, a expedição extenuada pouso depois de muitas fadigas no acampamento de Independência.

Já que quero abster-me do relatório geográfico, não preciso pedir ao leitor que se detenha em cada “descanso” ou “pouso” — como costumávamos chamar, de acôrdo com os nossos companhei-ros brasileiros, o lugar da sesta e do acampamento, — que acom-

panha cada pequeno avanço registrado pelo mapa. Limite-me a um ligeiro esboço do terreno e a alguns instantâneos da nossa vida em expedição.

Planalto e sertão — As formas de relêvo da nossa região são facilmente compreensíveis nos seus sinais característicos. Um enorme planalto de pedra de cantaria que repousa sobre xistos primitivos horizontalmente estratificados, esteve exposto às influências mecânicas e químicas combinadas da água e do vento, e teve que sofrer modificações tanto maiores, quanto mais pronunciados os contrastes entre a estação chuvosa e a estação seca, e as diferenças de temperatura entre o dia e a noite. Espalhadas por grande extensão da superfície, encontram-se as excrescências duas da “canga” e os sedimentos do arenito ferruginoso, minados pela água e desagregados pela ação do tempo. Nos entalhes mais profundos aparece o xisto, e de quando em quando depara-se com um chão cinzento e duro, como que cimentado, ao passo que geralmente o caminho aparece coberto de areia amarelo-avermelhada. O antigo maciço do planalto transformou-se num terreno de terraços com degraus, em parte suavemente escarpados, em parte íngremes. Como testemunha da enorme altura primitiva, elevam-se sobre a superfície larga, aquí e alí, isolados por escarpas íngremes., montes de ardósia, ou melhor, pois atingem somente a altura média de uns 80 metros, colinas de ardósia — “morros” dizem os brasileiros.

Com um excessivo declive, cai o planalto no seu bordo ocidental, ao nordeste da capital, até a base do Rio Cuiabá, situada entre 600 e 700 metros mais abaixo. Segundo a determinação de Vogel, está Cuiabá (soalho da Catedral) a 219 metros acima do nível do mar, Sant’Ana da chapada a 885 metros. O ponto mais elevado da nossa rota tinha 939 metros no planalto, na proximidade de Lagoa Comprida. O habitante da planície, ao qual o bordo dos terraços aparece como uma cadeia de montanhas, fala de uma “Serra” de São Jerónimo ou também, mais ao norte, de uma “Serra” Azul, embora, chegado em cima, não se encontre num cume, mas numa extensa chapada. Contudo inúmeros “plateaux” menores que resistiram à erosão, elevam-se agora, fora do planalto separados da massa principal. Para surpresa nossa passávamos entre êles, quando segundo as observações de Clauss no ano de 1884, já devíamos estar em cima do planalto. E’ que Clauss só levantára êsses contrafortes à distância; não podia saber que não se tratava do bordo do terraço principal, mas tão somente de sentinelas avançadas.

Com as suas formas grotescas, êsses planaltos isolados dão à paisagem um caráter grandemente romântico. Assim, em face do primeiro dêles tivemos a impressão de avistar um castelo de 300

metros de altura e com uma fachada colossal; améias vermelhas de arenito coroavam magnificamente o muro vertical do castelo. Divisávamos ao lado da nossa estrada arenosa, maciças construções ciclópicas; ou, no cone verde de uma montanha, uma torre, mais ou menos em ruína, com seteiras e frestas e restos de muralha em torno; ou então, numa altura êrma, um cárcere que, à medida que nos aproximávamos, parecia metamorfosear-se num enorme sarcófago, colocado em cima duma pirâmide truncada. Dizíamos de nós para nós que êstes rochedos maravilhosos, cujo encanto era ainda aumentado pela iluminação do sol poente ou pelo brilho mágico do luar, dariam origem a inúmeras lendas e variado folclore, na antiga Europa.

Bem mais prosaico e monótono é o planalto. A erosão dá-lhe apenas um relêvo raso: escavações pouco profundas, à maneira de bacias, são separadas por outeiros chatos, chapadões. A caravana se esforça por manter-se, quanto possível, em cima do chapadão sêco e triste, sacrificando até por algum tempo o rumo certo ao avanço cômodo e constante. E' porque uma "cabeceira" sempre acarreta demora e pequenas ou grandes dificuldades. Em cima do chapadão não é nada elegante e viçosa a vegetação: arvorezinhas tortas e aleijadas, com a cortiça rachada, em parte com galhos à maneira de lampadários, em cujos extremos assentam fôlhas coreáceas — palmeiras de penachos estreitos, relativamente raras e de crescimento pouco vistoso — ramagens sussurrantes e rijas ervas sêcas — uma vegetação que com todo o seu "habitus" parece querer mostrar como se pode fazer viver com pouca água, contentando-se no tempo das sêcas com o orvalho cintilante. Tôdas as chuvas se reúnem nas depressões mais profundas dos declives, onde imediatamente se desenvolvem arbustos mais densos e mais vigorosos ao longo das margens dos riachos; ou então formam, no vale, aquela cabeceira característica e aprazível que se estampa na imaginação do viajante como a mais encantadora paisagem do Mato Grosso. Cheio de exaustão, deixa o viandante a vegetação ressequida e o solo arenoso, para súbitamente pisar um prado viçoso e fresco, talvez um tanto pantanoso, em cuja extremidade nasce um riacho novo que a vista, porém, procura debalde. E' que, dirigindo-se furtivamente para a planície, êle logo desaparece no meio de uma galeria dupla de magníficas palmeiras flabeliformes que se elevam esbeltas, e de arvôres folhudas. E' esta mata, rica em copas e coroas densas, não se transforma acaso pouco a pouco, de ambos os lados, com arbustos e brenhas, na moita baixa, mas prolonga-se ainda por um bom pedaço como um muro independente e escuro, engastado na orla larga, úmidamente reluzente, do ervaçal verde.

O topógrafo não se pode queixar de um trabalho penoso. Subindo num dos platôs ou se movimentando no chapadão alto, não divisa, como na Europa as argentinas faixas dos braços fluviais reluzentes ao sol. Entretanto a seus olhos, tôdas aquelas listas estreitas de mato, destacadas com nitidez do fundo claro, e que surgem lateralmente das estreitas faixas transversais dos outeiros, e em linha sinuosa, procuram, no vale profundo e largo, a faixa principal que cresce rapidamente e se dirige para o horizonte longinquo, representam córregos e riachos.

No planalto encontrâmo-nos na genuína natureza dos “campos”. E tôdas as particularidades dêstes campos — que se apresentam em múltiplas formas de transição, desde as brenhas cheias de sebes aculeadas e de arbustos estreitos, o “campo cerrado”, até a campina — só interrompida por elegantes capões ou pequenos buritizais — tôdas as particularidades de sua variada formação de solo e irrigação, de sua flora e fauna, de suas condições de vida para o homem, reune o brasileiro em uma palavra: “sertão”. O sertão “bruto”, que é o sertão rude e bravio, como o conhecemos em todo o seu brilho além do Paranatinga, é aquêle em que absolutamente já não há habitação humana, nem caminhos e atalhos. Mas também o sertão que começa a algumas léguas ao nordeste de Cuiabá, não passa de uma enorme solidão com raros sítios pequenos, distanciados uns dos outros por dias de viagem.

Pode-se dizer sem grande exagêro que o sertão já começa atrás dos portões da capital, pois não há aí agricultura, nem aldeias, nem fazendas, nada que denuncie a cultura, a não ser os caminhos, semeados de calhaus, e que cortam a vegetação pobre. A princípio, caminha-se ainda sôbre uma estrada larga que, embora sem leito preparado, nem marcos indicadores de caminhos e distâncias é contudo bem transitável pelos animais. Está no entanto completamente abandonada; os obstáculos, trilhos profundos formados pelos carros ou buracos causados pela chuva, ou árvores caídas, são apenas contornados tanto pelo viandante como pelo cavaleiro ou pelo carro. Logo se estreita, porém, o caminho que é menos trilhado à medida que avança, e, se transforma, além do rio Manso, por longas extensões, num atalho estreito, nem sempre nitidamente marcado por pistas de mulas ou de gado bovino.

Moradores — Antes de nos despedirmos de tôda civilização, até a última etapa da nossa volta, convém nos determos por um instante junto aos “moradores” da região, cuja civilização também não é lá das mais elevadas.

Só a 3 de agosto, no 7.^o dia de viagem, encontramos uma fazenda em Pontinha; a 4 de agosto chegámos à pequena povoação de Taquarazinha no Rio Manso, e a 12 e 13 de agosto alcançámos o sítio do Boaventura, na cabeceira do Cuiabá, de sete ranchos miseráveis, tendo na proximidade as duas fazendas de Cuiabázinho e Cuiabá, que são propriedades da mesma família. Mais do que por uma longa descrição, elucidam-se as condições da população pelo simples fato de tódas aquelas povoações, à exceção do Sítio do Boaventura, aí existirem há pouquíssimo tempo. O dono de Pontinha viera do Rio Marzagão, que atravessámos a 9 de agosto, porque os numerosos morcegos ali tornavam impossível a criação de animais. Os habitantes de Taquarazinha tinham morado pouco antes mais acima, no Rio Manso, num lugar chamado Bananal. Nós mesmos já tínhamos visitado os fazendeiros do Cuiabázinho e de Cuiabá em outro lugar, mais próximo ao Paranatinga, a saber, na Fazenda Córrego Fundo (v. "Durch Zentralbrasilien" p. 166) que fôra abandonada, em parte por causa da "seção" e em parte por causa de um incêndio, e por conseguinte, só aparece no nosso mapa hoje antiquado. Os ataques dos índios — que na cidade se invocam para explicar a mudança dos fazendeiros — hoje só correspondem à realidade em pouquíssimos casos. Não há, pois, motivo para admiração no fato de termos encontrado também algumas "taperas" ou fazendas abandonadas, onde colhemos laranjas refrescantes no velho "laranjal", ou enchemos de pimenta as nossas garrafas de tempêro. Só no sítio do Boaventura chegou-se a construir um pequeno cemitério, situado em profunda solidão: sôbre um amontoado de sedimentos de canga, eleva-se uma cruz de madeira, sem epígrafe naturalmente, rodeada de doze sepulturas cobertas de pedras, onde os donos dormem na rêde, como o faziam em vida.

São uma gente pobre — "arme Leut" — êstes moradores que falam português e são em sua maioria de raça ameríndia fortemente mesclada com sangue negro. Em comparação com êles, eram cidadãos abastados os habitantes das pequenas localidades do Cuiabá, Guia e Rosário, que visitámos em 1884 e que certamente não são muito florescentes. Só em Cuiabázinho parecia existir um número mais apreciável de cabeças de gado; os bovinos vivem numa liberdade absoluta e são ocasionalmente contados e marcados. Infelizmente manifesta-se em tôda a província o inconveniente fatal de perecerem os cavalos, indispensáveis nas longas jornadas, rapidamente vitimados pela peste-cadeira que começa pela paralisia das extremidades posteriores e torna por ora impossível a criação. Disseram-me haver na fazenda um rebanho — não acredito muito nestes números — de 5 a 6000 cabeças do gado bovino e de 60 de

gado cavalari. Iniciava-se uma criação de mulas a título de experiência. Não se engordavam porcos, porque todo o milho era vendido.

O próprio fazendeiro não conhece a área de suas terras. Nunca se fizeram aqui medições exatas. Não há, tão pouco, quem verifique os direitos de cada um. O dono das terras, dignas de um príncipe, mora com a sua família numa casa construída de pau-a-pique e coberta de palha, que não tem adega nem andar superior, e em que há algumas cadeiras ou bancos e alguns cofres toscos, mas que não tem cômodas, nem armários, nem camas, nem fogões. Todos dormem em rédes segundo os costumes do país; cozinha-se num forno de padeiro na cozinha, ou rancho-cozinha, separada da casa. As relações com os estranhos são algo de intermediário entre a hospitalidade e o comércio de generos; não se cobra dinheiro pela hospedagem na casa ou na pátio; oferece-se uma caninha, café e leite, se houver, e vende-se farinha, arroz, feijão, mandioca, milho, carne seca e galinhas. Como em tôdas as partes da América espanhola ou portuguesa, aquêle que entra é convidado a compartilhar da refeição tomada no momento. Mas o cuiabano pobre costuma por isso, como me contaram, comer na gaveta, em lugar de fazê-lo em cima da mesa. Ao ouvir palmas, anunciando visita à porta, desaparecerem simultaneamente com o seu "entre!", os pratos no interior da mesa. Prático sem dúvida.

Em Cuiabazinho não tivemos sorte com a aguardente, a cachaça. E' que três dias antes tinham bebido toda a provisão numa festa em honra de Santo Antônio. As mulheres da fazenda são sempre resguardadas com muita providência do contacto com os estranhos, a não ser que já sejam mães ou avós. E' nesta desconfiança, assim como na grande habilidade de caçadores e no prazer que lhes dão tôdas as aventuras com os animais do mato, que atacam com os seus animais famintos e meio-selvagens, parece manifestar-se ainda a descendência indígena dos moradores.

Eram realmente miseráveis os ranchos de Taquarazinha, cujos habitantes ainda poderiam aprender muitíssima coisa dos índios do Xingú, no que diz respeito a um arranjo eficiente e cômodo da habitação e a uma organização diligente da vida. Estes moradores menores, crescidos longe de toda comunicação com os centros civilizados e sem a mínima instrução, tendo o horizonte mental mais restrito, são, no sentido completo da palavra, "gente atrasada". Vivem sem necessidades, contentes com alguns pacús, de mão à bôca, e as suas boas disposições naturais definham na inação. Na localidade miserável de Rio Manso não havia pólvora nem chumbo,

nem café, nem rapadura. E queriam comprar-nos milho e farinha! Só tinham duas canoas, e entretanto, deviam viver, na sua preguiça, em primeiro lugar da pesca.

De manhã e à noite havia um contínuo vai-vem em direção do rio. As mulheres buscavam água, mas apareciam sempre em grupo ou em companhia de um homem. Nós que tínhamos livros conosco, que tomávamos notas, que manejávamos instrumentos maravilhosos, éramos solicitados pela população mal alimentada e doentia, para consultas médicas. “Peço-lhe o grande favor — assim se dirigiam a nós — de tomar o meu pulso”, ou “o sr. é o senhor que toma o pulso?” De bom grado procurávamos na nossa farmácia algum remediozinho de consolação, e elevamos, uma vez por todas, Enreireich, que de todos nós tinha o rosto mais sizudo, ao posto do “senhor que toma o pulso”.

Dentre as novidades que viam conosco, foram causa de sua maior estupefação — além de uma espingarda de três canos que era admirada em toda parte — os objetos confeccionados de borracha, pois de vez em quando partem os habitantes para recolher a “seringa”, o suco da sifônia, principalmente no distrito do Beija-Flor. Tinham em conta de pura feitiçaria o nosso trabalho de transportar sobre o Rio Manso, atrás da canoa, com dois travesseiros de borracha cheios de ar, uma mula gravemente coxa que não podia nadar por se ter ferido num galho que lhe estorvara a passagem. Um pente e até um cachimbo de borracha! “Quanta coisa não há neste mundo de Cristo, oh djente, djente!” As mulheres com que falámos no Sítio do Boaventura não tinham ainda, na sua vida, visitado Rosário ou Nossa Senhora da Guia. Mas tudo há de ficar melhor um dia, “quando vier a — estrada de ferro”.

Quero lembrar aqui também um pequeno episódio romântico no qual inconscientemente desempenhamos o papel de protetores de um amor fiel. No 17.º dia vimos, partindo alta madrugada, caminhar na nossa frente um curioso par que alcançámos pouco depois. Era um negro, esfarrapado, horrivelmente vesgo, mas que parecia de boa índole, — e uma negra, jovem, bela, em todo caso bela demais para o companheiro. Cada um levava uma grande trouxa branca, ele às costas, e ela, sobre a cabeça negra de Titã. Andavam ambos de pé no chão; ela tinha um vestido de chita cor de rosa com babados azul-celestes. Na mão ele levava o facão, ela uma pistola enorme. De onde? “De Cuiabá”. Para onde? “Aos Bakairí do Paranatinga”. Ele fôra carroceiro na cidade e ela, com quem queria casar, escrava. O dono dela lhe havia negado o consentimento, e o preço da sua alforria tinha

side exorbitante. O bom do bispo — chamado Carlos Luiz d'Amour. — a quem ela foi pedir auxílio, aconselhou-os a fugirem, até que tivesse regulado a questão.

Não sei se por idéia dêle também ou de um outro gênio benfeitor, o fato é que se fizeram mostrar pela nossa expedição o caminho e o destino de sua fuga. Caminhavam a pequena distância, atrás de nós, sem que o suspeitássemos, e dormiam na proximidade dos nossos acampamentos, onde, depois de nossa partida, achavam, quando éramos felizes na caça um resto de carne para a sua refeição matinal. Um dos fazendeiros perseguira-os sem resultado. Só agora, na nascente do Cuiabá, êles se sentiam seguros. A jovem mulher não se sentiu mais capaz de resistir às poucas jornadas que os separavam ainda dos Bakairí, mas êles acharam abrigo no último sítio. Se em maio do ano seguinte uma cegonha pontual, Ciconia Maguary, lhes tiver trazido o primeiro Pickaninny, terá ela podido transmitir à mãe a notícia agradável da abolição da escravatura e de que também para ela soou a hora da liberdade.

Bakairí mansos — À grande semelhança da vida externa e interna dos moradores brasileiros, decorre a existência dos Bakairí que moram nas suas proximidades. Todos são batizados — êles mesmos não sabem por que, a não ser que seja para receberem um belo nome brasileiro cuja pronúncia muitas vêzes lhes causa sérias dificuldades, — e alguns dêles também arranham um pouco a língua com o idioma culto do Brasil.

Infelizmente não pudemos visitar a aldeia do Rio Novo, já pertencente à região do Arinos, na qual, em 1884, os conhecemos pela primeira vez (v. "Durch Zentralbrasilien" p. 102 e seguintes). Tanto maior foi a minha surpresa e a minha alegria, a 11 de agosto, quando antes da passagem pelo Cuiabá que, a-pesar de sua largura de 70 a 80 metros, pudemos atravessar a pé, encontramos inesperadamente um pequeno grupo de cêrca de 9 índios, bons e velhos conhecidos nossos que, de seu lado, não se admiraram pouco quando os chamamos na língua dêles. Tinham deixado a sua aldeia há dois dias e levavam borracha para Cuiabá. Viajavam devagar, acompanhados de bois de carga, e caçavam, durante a viagem, os seus peixes com arco e flexa. Levavam consigo 22 arrobas de borracha, quantidade apreciável, de um valor — a arroba de 33\$000 — de 726\$000 ou, naquele tempo, 1.400 marcos. Assim o calculou pelo menos Perrot. Mas o que eu quisera saber, é como o terá calculado o comerciante de Cuiabá, e por que valor em objetos de permuta, terá ficado com a borracha. Se pelo menos ainda os tivesse acompanhado o cacique Reginaldo, que sabia contar até 20!

Já na antiga Fazenda de Córrego Fundo, que agora não passava de um “retiro”, pequena estação para a criação de gado, encontramos os Bakairí do Paranatinga. Tinham-se empregado aí por alguns dias e acompanharam-nos todos no dia seguinte à aldeia dêles, junto ao rio. Antônio se sentia feliz por tornar a ver-nos, a Wilhelm e a mim. Prontificou-se imediatamente a acompanharnos, sem perder uma palavra sequer sôbre as condições ou sôbre os pormenores do nosso plano. Na aldeia estávamos novamente num ambiente agradabilíssimo: muitas galinhas com seus pintainhos, alguns cachorros do arco da velha e porcos gordos andavam por ali. Em substituição a duas casas que entrementes haviam caído, tinham construído duas novas, uma das quais era um pequeno estábulo para estranhos. Havia bananas e mandioca em quantidade, não faltando tão pouco o delicado peixe matrinhã. Êste peixe que fazia, precisamente então, as suas migrações rio-acima, em cardumes, e em cuja homenagem se realiza a mais linda festa de danças, com máscaras divertidas, é, para o Bakairí, amante do seu Paranatinga, a maior preciosidade da região. “Matrinhã!”, disse lacônicamente o cacique Felipe, quando lhe perguntei se não era melhor transferir a sua aldeia para mais perto de Cuiabá.

Êstes lares não subsistirão para as gerações futuras, salvo se muita coisa se transformar, e Felipe — que só sabia pronunciar Felipe, o seu nome — era bastante inteligente para perceber-lhes a decadência. Desde 1884 vários se tinham mudado para as fazendas, entre os quais dois brasileiros que naquela época se haviam estabelecido na comunidade. O velho Miguel não pudera ser salvo pelos meus pós de quinina; não tinham nascido crianças, o Caitano centenário, ainda vivia, sem dúvida, a dizer tantas tolices divertidas que pareciam não ter fim, mas a sua jovem Luiza não podia esperar descendência dêle e a estatística via-se decididamente transtornada pelo costume de se casarem os velhos com as jovens e os jovens com as velhas, assim como pelo conceito de que a eliminação da vida nascitura não constituía crime.

Só há um meio de resguardar a aldeia da ruína. E' um meio cuja aplicação poderia ao mesmo tempo trazer resultados de alcance muito maior. Dêle não se lembrou de modo algum o governo brasileiro, mas se serviu, na sua preocupação, o bobo do Felipe. Consiste simplesmente em estabelecer uma comunicação contínua talvez com os Bakairí do Batoví, por nós encontrados em 1884, e de atrair uma parte dêles para o Paranatinga. Contou Felipe, o que é de grande interesse, que, em 1886, acompanhado por Antônio e outro, se pôs a caminho para visitar os irmãos de tribu que habitam no afluente do Xingú. Voltarei, mais tarde, a propósito dos

Bakairí ocidentais, ao assunto, com pormenores também de maior importância etnológica. Limito-me aqui a observar terem os três conseguido que alguns Bakairí da primeira aldeia do Batoví se abalassem, para pagar-lhes imediatamente a visita, no Paranatinga. Aí chegados, viram os milagres da cultura européia e voltaram para o Batoví, presenteados com tudo que os pobres coitados lhes podiam oferecer, prometendo para mais tarde uma visita mais numerosa.

Para a nossa expedição foi de grande importância o episódio curioso. Felipe e Antonio souberam, de seus parentes, que também existiam mais aldeias de Bakairí a leste do Batoví-Tamitoala, nas margens do Kulisehu. Esta notícia fêz-me palpitar de alegria. Pois, se, em primeiro lugar, achássemos o Kulisehu, e se além disso, nos encontrássemos ali com Bakairí, teríamos ganho a partida. Estávamos certos do auxílio destes índios, que também nos dariam informações exatas sobre as outras tribus do rio. E foi assim que aconteceu.

CAPÍTULO III

DE CUIABÁ AO ACAMPAMENTO DE INDEPENDÊNCIA

II

Marcha. A nossa caravana. Aparência externa dos patrões e camaradas. Curso de almocreves e de lenhadores. Apatia crescente. O sol como relógio. Alegrias da marcha. Frutas do sertão — *Acampamento e cozinha.* Chegada. Bicharia. “Cozinheiro Nacional” e pratos de caça. Aniversário de Perrot. Efeito da noite. Sonho habitual do vôo. Partida matutina — *Estrada Rondon e última parte de caminho.* Correio do Sertão. Na região do Kulisehu — *Independência.* Projetos.

Marcha — Eram muito desiguais as marchas diárias da nossa caravana; a média comum era, porém, mais ou menos de seis horas. Nos primeiros tempos partíamos ordinariamente às oito horas e meia, a não ser que sobreviessem impecilhos especiais; mais tarde conseguíamos levantar o acampamento às sete horas. Ao meio dia costumávamos intercalar uma pausa para descanso, agradavelmente motivada pela travessia difícil de algum rio.

Não se pode afirmar que a nossa caravana tivesse um aspecto elegante, mas não deixava de oferecer algo de airoso e de original. Perrot cavalgava a passos vagarosos à frente da madrinha: o cavalo branco, velho, de cauda e crina longas, que não carregava nada a não ser o chocalho. Ao lado dêle caminhava de pés no chão o nosso cozinheiro Manuel, levando garbosamente ao ombro a espingarda de um dos patrões, e na mão, na espingarda ou na cabeça, a chaleira grande de esmalte azul. Acompanhavam-nos — ou não, como acontecia muitas vêzes — as dezesseis mulas, uma atrás da outra. Nós e os camaradas caminhávamos distribuídos entre elas, sendo que de ordinário cada um seguia isoladamente o seu caminho. Sobre a carga dos animais estendia-se, à maneira de tôlido de carro, um couro de boi, no qual encontrava pouca firmeza a “sobrecarga”, uma correia larga que aperta todo o carregamento. Por tôda parte — ou em parte alguma — andavam finalmente os cachorros; aos nossos quatro se havia juntado, num sítio abandonado, “Fazendinha”, um pequeno gôzo fêmea que ficou com o nome de Fazendinha. Infatigavelmente e com grande velocidade o velho valentão Januário, montado na sua mula, corria ao longo da tropa, elogiando ou repreendendo os cargueiros; de vez em quando também se deixava ficar para trás, entregando-se à sua paixão de incendiar os campos, menos por causa do belo espetáculo noturno das chamas, do que para a finalidade prática de tornar o caminho de volta — “não se podia saber” — bem visível pela faixa preta, e de fornecer também um pasto delicado de capim novo. “A coluna de nuvens não se afastava do povo durante todo o dia, nem a coluna de fogo durante tôda a noite”.

Apresentavam-se sumamente garbosos os dois cavaleiros: Perrot, com sua camisa multicôr e suas calças de linho branco, elegante e militar desde o chapéu até às botas de cavalaria; Januário, com seu semblante festivo, moreno-escuro e enrugado acima do colarinho alto e branco, um simples tenente reformado, mas dono de uma sela completamente nova, a espingarda numa capa nova, o revólver numa bolsa também nova, revestida de pele de jaguar, dono ainda de reluzente chifre para beber, e sem preocupações sobre o futuro, pois que se afastava cada dia mais dos credores, dois dos quais ainda o vieram procurar no primeiro acampamento, donde, porém, tiveram que voltar desiludidos. Nos seus sapatos repousavam, como bainhas para as pernas, dois canos de bota com franjas curiosas de grandes entalhes: cortára-os hàbilmente num par de botas velhas com que o presenteára o Dr. Clauss em 1884.

Mas também Wilhelm e eu nos orgulhávamos ainda das mesmas calças de couro inglês — como as usam os realejeiros italianos — que já nos haviam servido na primeira expedição. Vogel, seguindo o nosso exemplo, munira-se para a nova viagem de calças de igual natureza. Ehrenreich preferira as calças de lã, e de Jäger. Nós quatro usamos também camisas de Jäger, que nos satisfizeram muito, sobretudo no mormaço da estação chuvosa, porque rapidamente absorviam a secavam o suor. Os nossos chapéus de aba larga, manufaturados na cadeia de Cuiabá, tinham custado pouco, mas destinavam-se ao que parece, a cabeças menores. Não havia uniformidade no calçado. Ehrenreich e eu usávamos sapatos montanhesees, e onde havia muita areia eu andava descalço; Wilhelm gostava de chinelos, Vogel de sapatos vasconços de linho que se compram em La Plata. Por algum tempo usei — mas sem me acostumar bem — “alprecatas” (sic.) (como se diz em português correto, ou “alpacatas”, “precatas” em português matogrossense), sandálias que foram feitas especialmente para mim, de couro fresco de tapir. Estas sandálias, desconhecidas dos índios, foram introduzidas pelos negros. No Museu Etonográfico de Berlim há, na coleção de Camerum, do Tenente Morgam, dois pares idênticos aos que usavam os camaradas e eu. A sola é talhada de tal forma que se caminha a pospelo; uma correia em forma de laço separa o primeiro artilho do segundo e corre horizontalmente em torno do calcanhar, para prender-se de ambos os lados por meio de uma presilha fixada à sola.

Os camaradas levam às costas um saco de couro rijo, o surrão, fabricado por eles próprios; somente Antônio carregava todos os seus haveres num saco branco e pesado de linho, e não parecia estorvar-se com êle, mesmo ao perseguir a caça. Os militares, os quatro sargentos de Perrot, só raramente usavam o casaco azul da farda, de gola alta e vermelha e três botões de latão na manga; pois embora de granitura melhor, realmente não diziam bem com as calças paisanas, logo rasgadas, o velho chapéu de feltro na cabeça, e os pés descalços. Vestiam geralmente casacos de trespano com dragonas de bordos vermelhos. No chapéu havia uma agulha, um cigarro ou coisa semelhante; o do Coluna, moreno-escuro, enfeitava-se com uma fita de seda côr de rosa. Carlos e Peter possuíam um traje (i. é: camisa e calças) de lona bem resistente, o qual, como os canos de bota de Januário, tinha valor histórico: fôra talhado na tenda de seu antigo patrão, o naturalista Herbert Smith.

Um ou outro de nós podia muito bem passar sem espingarda; cedí a minha a Peter; contentei-me com o revólver, e não dei um tiro de espingarda durante a viagem. O utensílio mais indispensável a nós todos era o facão; aquêle que levamos, fabricado em Solin-

gen, ficou atrás dos americanos que se compram em Cuiabá, e não prestou os serviços que lhe devíamos solicitar, mas que sem dúvida só se costumam exigir de um machadinho.

Quase todos nós levávamos conosco na “patrona” — a pequena bolsa que se carrega a tiracolo — alguma munição, um pedaço de fumo, e o isqueiro do sertanejo. Este isqueiro se encontra às vezes nas coleções, a título de objeto indígena: um aço em forma de estribo, e — dentro da ponta de um chifre de boi, muitas vezes lindamente enfeitada com gravuras, — o pedernal e a “isca”, algodão desprovido de suas sementes e um pouco dessecado ao fogo, ou acabado o algodão, um tecido de fibra da palmeira nacumá. O chifrezinho é tapado com um disco de madeira que pode ser puxado para fora por meio de uma pequena correia fixa no centro. Quando, por acaso, nos faltava aço ou pedra acendíamos a isca facilmente por meio de uma lente ou com o auxílio da objetiva do binóculo de campanha; sol não faltava. Tínhamos, finalmente, à cintura o “caneco”, de fôlha de Flandres, com asa, ou então a cabaça de crescentia cuyeté, a “cuia” que é enegrecida internamente e serve tanto para comer como para beber.

Vogel fazia o levantamento da rota, por meio da bússola, consultando o relógio, anotando, quebrando às vezes uma pedra ou agitando o centrifugador. Ehrenreich seguia contemplativo o seu caminho, estudando a natureza que o rodeava; com fervoroso entusiasmo, Wilhelm e eu servimos, de almocreves na primeira parte da marcha, e de lenhadores na segunda.

Quanto ao nosso curso de almocreves é preciso dizer que as mulas pareciam a comêço endemoninhadas. Ouviam-se por isso continuamente, por toda parte, os praguejamentos dos camaradas: “oh diavo”, “ho burro safado para comer milho” ou semelhantes animações enérgicas. Os animais, comprados a êsmo em Cuiabá e arredores, formavam ainda uma horda desorganizada de indivíduos soberanos, tendo sido os de gênio mais dócil logo desencaminhados por alguns indisciplinados e ambiciosos que, de qualquer modo, pretendiam tomar a dianteira aos outros: corriam no campo cerrado, com as suas cargas contra as árvores, quebrando os galhos secos, derrubando os volumes da bagagem ao chão; em seguida, embrenhavam-se pelas moitas. Os camaradas jogavam ao solo o seu surrão para correr atrás dos fugitivos, para recolher os volumes e as correias espalhadas por toda parte, e para tornar a carregar tudo, o que, porém, só podia ser feito pelo menos por duas pessoas porque as bruacas pesadas da direita e da esquerda deviam ser penduradas a um tempo. Lembro-me ainda hoje com um sentimento de desprazer de um dia em que a confusão fôra muito grande, e eu me vira sozinho para tocar diante de mim, pela



OS CAMARADAS

Manuel

Carlos

Peter
Coluna

João
Satiro

Pedro

Raimundo

moita erma e emaranhada, seis mulas, durante uma interminável meia hora. Em terreno melhor tínhamos também contínuas demoras em virtude de seus desejos de capim fresco ou de fôlhas de palmeiras acurís. Pouco a pouco aprendiam entretanto, os burros — como os sempre chamávamos — a manter uma ordem melhor, e já no matagal ínvio, além do Paranatinga, tínhamos uma tropa que, embora cada vez mais magra e molestada de machacaduras, se fizera contudo disciplinada.

A vanguarda era formada por nós três: Antônio, Wilhelm e eu. Partíamos uma meia hora antes dos outros, e procurávamos, ou melhor, abríamos o caminho, cortando os arbustos e marcando ininterruptamente a três, i. é, decepando ramos com os nossos facões ou cortando um pedaço de cortiça de tronco afim de que a caravana pudesse avançar continuamente e reconhecer a direção do caminho pelos galhos lascados ou pelas feridas brancas e vermelhas das cascas das árvores. Quando nos víamos diante de um obstáculo intransponível que nos obrigava a voltar um pedaço do caminho para procurarmos outra passagem, interceptávamos a parte inútil por meio de arbustos colocados transversalmente de modo a chamarem a atenção dos que seguiam, enquanto o caminho novo se recomendava e anunciava bem visivelmente ao olhar por meio de enormes feridas longitudinais de descortinação. Nem sempre eram convenientemente observados os nossos sinais, e às vezes a boa madrinha passava imperceptivelmente por sobre o entrave. Reclamavam então todos contra a nossa marcação insuficiente, e nós três lenhadores ficávamos muito aborrecidos porque julgávamos ter feito pelo melhor com o suor do nosso rosto. Para louvor nosso devo mencionar que do outro lado do Paranatinga ainda pudemos encontrar e aproveitar bem as nossas marcas antigas de 1884; frequentemente até nos foi possível distinguir ainda nitidamente as diferentes “letras”.

Mas a falta de atenção, nem sempre podia ser-nos atribuída, unicamente, principalmente no terreno bom. E’ incrível como se tornam apáticos os que assim avançam em marcha monótona. Tôda a natureza dorme em meio ao calor e à sêca. A quantidade de poeira que se deve engulir, seca os lábios e a língua, cobre os bigodes com uma pasta pegajosa, reveste os dentes dessa viscosidade de modo que fica a impressão de mastigar pastilhas de borracha; o céu da bôca languece; a gente adormece, e os animais sornam: o “anda diavo”, torna-se mais raro e menos enérgico, desaparecendo finalmente por completo; fitam-se os olhos na paisagem abrasada pelo sol, sem vê-la. Fala-se baixinho consigo mesmo; às vezes ainda se recobra ânimo para abrir **mais** a bôca sêca e dizer lastimavelmente ao mais próximo: “se o sr. agora estivesse em Berlim,

etc?" e sorri-se dolorosamente para a resposta desalentada algo semelhante a "spatenbräu", ou uma "cerveja branca". Mas a gente engole e sorve a quimera, enquanto mastiga a pasta de poeira, a caminhar indolentemente, com maldições no fundo da alma, mas sem se decidir a uma atitude de defesa, contra um dos cães que, vindo atrás com a mesma indolência, nos pisa no calcanhar a cada dois passos; tropeça-se no caminho ou nos montículos de capim, aumentam continuamente as perturbações de coordenação no caminhar e no pensar, até dormir-se, afinal como os outros e os animais e a natureza, que nos rodeia, com uma única diferença: esta permanece imóvel, e nós avançamos mecanicamente.

Oh! se houvesse pelo menos algo com vida! Até uma borboleta solitária já causa admiração. A vida animal limita-se às cabeceiras e aos pequenos capões: ouvem-se sempre latidos furiosos quando aí penetram os cães levantando algum quadrúpede que esteja a dormir nas horas quentes do dia. Mas o planalto está morto. Nem após o nascer do sol se ouvem gorgeios de passarinhos; reina, ao contrário, um silêncio sepulcral, e tem-se quase a impressão de uma paisagem lunar. Pelo meio-dia arde, sem compaixão, um sol abrasador, as arvorezinhas cinzento-escuras do campo cerrado, verdadeiros esqueletos, fornecem somente malhas finas de sombra; e quando ao longe se apresenta uma árvore de maior vulto, perto ou não do caminho, para ela correm os cães — o que testemunha visivelmente a sua faculdade de dedução — afim de se sentarem na sua sombra, ofegantes, deixando pender a língua, até passar a caravana.

No chapadão alto passamos por uma zona desprovida de toda e qualquer vegetação arbórea; o solo revestia-se de capim macega cortante ou de horríveis borlas apinceladas de barba de bode que fazem escorregar o viandante, e de escórias de canga que também o estorvam continuamente. Todos dávamos graças, como se fôra uma salvação, quando surgia uma efêmera sombra de nuvem.

Acostumamo-nos rapidamente a utilizar o sol à maneira sertaneja, não só como bússola, mas também como relógio. Cheguei ao ponto de determinar o tempo segundo a posição do sol com uma aproximação de um quarto de hora. Perrot afirmou que os moradores determinavam a posição do sol ou de uma estrela p. ex. Venus, por braça (a 2,2 m), assim: "Venus nasce amanhã às quatro horas, encontremo-nos quando estiver a 3 braças". Atribuía-se um diâmetro de cerca de um metro à lua nascente, de meio metro à lua no zenite. Aprendi também dentro em pouco — bastava para isso que soubesse mais ou menos a hora — a ficar a par da direção da nossa marcha, sem que precisasse olhar espe-

cialmente a posição do sol: a sombra do homem da frente, de uma erva ou de mim mesmo prestava para isso os mesmos serviços que o próprio sol. Pode-se chegar, porém, a uma perfeição muito maior ainda, mesmo sem determinar previamente a hora; para conservar uma direção constante na marcha basta que se observem desde o primeiro momento as linhas da sombra, e se continue, em seguida, a avaliar — no princípio conciente, depois inconcientemente — a sua deslocação contínua condicionada pelo curso do sol. Querendo-se, p. ex., manter a direção de leste, vai-se ao encontro do sol quando este nasce, cuidando, em seguida, de verificar que o ângulo formado pela direção do caminho e pela sombra, aumente proporcionalmente ao movimento do sol para o norte. Determinar este ângulo — entre o nascer do sol e o meio-dia, entre meio-dia e o pôr do sol — de uma maneira suficientemente exata para o fim prático em vista, é muito difícil para o indivíduo civilizado, que costuma entretanto ser muito desajeitado quando lhe faltam os seus instrumentos; confere-lhe isso pelo menos uma certa possibilidade de compreender como o sertanejo, que desde a juventude observa a natureza, chegou a uma prática tal que até parece possuidor de um instinto especial.

Um “instinto” dessa natureza, baseado em observações bem seguras, desenvolve-se também em relação ao conhecimento topográfico do terreno: as nossas duas autoridades, Vogel — que nunca estivera no sertão — e Antônio — que desconhecia tanto a geologia quanto a matemática — tinham por vêzes opiniões bem divergentes quanto à direção em que se estendiam os chapadões e as cabeceiras, e da qual devia depender também a direção da nossa marcha; às vezes até um julgava ao outro com certa aspereza e, com isso, erradamente.

Lembrando-me das dificuldades do caminho, da sede e da monotonia da paisagem, talvez eu tenha dado ao leitor uma idéia demasiadamente desfavorável do sertão no tempo das secas. Não posso, por isso, deixar de mostrar igualmente alguns aspectos agradáveis. É preciso acentuar antes do mais que as noites frescas e o sono ao ar livre restauravam extraordinariamente as nossas energias, e que pela manhã nos achávamos novamente em plena posse da elasticidade de nosso corpo e de nosso espírito. É preciso não esquecer também que, mesmo na marcha forçada, não se transpira, porque o ar seco absorve o suor quando ainda em formação, e poucos são os dias em que por várias horas seguidas, não se encontrasse água potável. outra que não a das poças salgado-amargas debaixo dos bambuzais empoeirados. Quão aprazíveis eram também — pelo menos antes de chegarem os burros para

nos causarem dores de cabeça por causa da travessia difícil — os leitos dos riachos que, com uma largura de cerca de 10 passos, se entalhavam profundamente no terreno, obumbrado pelas ramas; sentávamo-nos, debaixo da cúpula verde, numa lage avermelhada de cantaria, tirávamos canecas e canecas de água do riacho cristalino, gozávamos a satisfação do cachimbinho, patinhávamos na água com os pés descalços, afugentando os peixinhos lambarís tão graciosos no seu traje de banho listado, ou observávamos como voava, de arbusto em arbusto, um grande neoptemo azul ultramarino cujas cores reluziam metálicamente aos raios do sol. E se eram modestas as palmeiras guabirobas com sua pouca altura e suas fôlhas vulgares, apresentavam-se já de longe com tanto mais elegância as buritís que se levantam com uma enorme coroa de penachos, e não nos eram somente bemvindas por causa de sua beleza, mas sobretudo por sempre terem água a seus pés.

De bom grado eu entoaria também — para mostrar um número maior de aspectos agradáveis — um hino de louvor às frutas tropicais que deveríamos ter encontrado facilmente e em superabundância nesta nossa solidão, mas, por mais curioso que pareça e chegue-se quando chegar, é sempre muito tarde ou muito cedo para as dádivas de Pomona. Já eram raríssimos os frutos das palmeiras uacumás, côcos campestres, que nos era dado saborear e cuja polpa amarelo-alahanjada e pegajosa tinha um gosto adocicado semelhante ao do damasco; geralmente já tinham sido comidos pelo tapir, antes de amadurecidos. Só pouquíssimas vezes nos podemos restaurar com algumas mangavas, *hancornia speciosa*, e mais raramente ainda tivemos ocasião de nos regozijarmos com o melhor, a fruta do *solanum lycocarpum*, a fruta do lobo do sertanejo, a qual parecendo-se eternamente com uma maçã, tem um gosto “magnífico”, e cuja carne ressumante e doce é suavemente amargada pelas sementes pretas. Por outro lado se já era rara a simples ocasião, mais raro ainda era — na nossa “indian file” em que um caminhava atrás do outro — o homem da frente que não a aproveitasse para si só. Eu, que quase sempre caminhava em segundo lugar, já julgava receber muito pouco, e tive a respeito de Antônio tão correto a opinião de que notava tudo o que havia de frutas maduras e saborosas, e as comia rápida e egoisticamente; vinha, via e chupava.

Pois bem, si durante a marcha se equilibravam mais ou menos os prazeres e os dissabores, preponderavam sem dúvida os primeiros quando nos achávamos no “pouso”; é verdade, contudo, que, uma vez ou outra, ou não encontrávamos lugar conveniente para acampar, ou nos molestavam os mosquitos, ou nos causava cuidados a falta de alguma bêsta de carga.

Acampamento e cozinha — Os fatores mais importantes para um bom acampamento são boa água, bom pasto e boas “árvores para rêdes”. Para um pouso ideal, deve haver por perto um riacho claro bem acessível aos animais e aos homens, e que possibilite, entre as lages limpas de pedra de cantaria, um bando restaurador; deve aí haver também — para que os burros não se vejam tentados a vaguear pelas moitas afastadas — um capim fresco num vale cercado pela mata estropeada dos campos; deve haver, finalmente, uma margem de regato bem ventilada, sem bicharia voadora ou rasteira, e sem balseira, mas com árvores esbeltas distanciadas de 7 a 9 pés. O pouso mais imprestável é oferecido por um terreno pantanoso, cercado de sertão árido, com duas ou três palmeiras buritis e um charco abafadiço, onde uma nuvem de mosquitos enche os ares com seus zunidos. Mas raros foram os dias, pelo menos na viagem de ida, em que nos tivemos que contentar com um pouso dessa natureza.

As bruacas e os volumes da bagagem, as albardas e as correias eram empilhadas em boa ordem; o lombo dos burros examinado cuidadosamente, e quando apresentava alguma inchação ou machucadura, procedia-se ao tratamento necessário, e cheios de contentamento afastavam-se os quadrúpedes. Concedia-se-lhes liberdade absoluta; só nos primeiros dias travavam-se aos fugitivos mais temidos as patas dianteiras por meio de correias, de modo que só se podiam locomover com pulos semelhantes aos do cangurú; essa medida era, porém, poucas vezes aplicada durante toda a noite. Apoquentavam-nos realmente alguns burros comprados a um sr. Elpídio — pelo que eram chamados simplesmente “os Elpidios”, — os quais tinham fugido do segundo acampamento em linha reta para Cuiabá e, unidos por uma amizade fiel, continuavam a aproveitar todos os ensejos de fuga que se apresentavam.

Manuel não tardava em encontrar um lugar para instalar a sua cozinha, em recolher lenha, em acender um fogo alegre, soprando e agitando o ar com o seu chapéu, em fincar uma forquilha à direita e outra à esquerda, e pendurar a panela de feijão numa vara transversal. Nós outros escolhíamos entretanto as árvores em que havíamos de pendurar as nossas rêdes, e nos apoderávamos do saco que continha o necessário para a noite; o próprio saco, o cinto de couro e os restantes objetos que queríamos pôr à parte, eram também pendurados cuidadosamente num galho, de modo a não serem facilmente acessíveis aos termitas e formigas. Feito isso, nos apressávamos em procurar a bruaca que continha a farinha, e preparávamos — na caneca, ou melhor na cuia, pois que nessa cabia mais — uma “jacuba” que era feita de farinha

de mandioca, de algumas aparas de rapadura bastante grossas — enquanto havia êsse caramelo em forma de tijolo, — e de um jacto de água do riacho; êsse era sempre um momento de regabofe que fazia nascer por encanto o bom humor em tôdas as faces. Água de 21.^o era considerada fria. Parecia-nos quase gelada, na manhã seguinte — quando os cães não a tinham bebido — a água que durante a noite tinha sido deixada a esfriar.

E se caísse uma abelhinha no nosso néctar, que mal haveria nisso? Nenhum. Mas, naturalmente, quando zumbiam em torno de nós, como se fôssemos árvores frutíferas, ficávamos tristes. Em alguns pousos, principalmente no “Pouso das Abelhas”, a 10 de agosto, eram uma verdadeira praga êsses bichinhos sedeúdos e grossos que se pareciam com moscas. Como se fôssem insígnias vivas de uma ordem, caminhavam êles sôbre o peito, e cobriam a roupa às centenas, ávidos de aproveitarem, com tôda a aplicação que os caracteriza, tôda mancha e todo sinal de suor que encontrassem. E’ verdade que não nos picavam, mas, logo que parávamos ou nos sentávamos, tentavam penetrar no nariz, nos olhos e nos ouvidos, espalhavam-se por tôda a pele, coçavam e esmagavam-se repugnantemente quando os agarrávamos com pouca delicadeza.

Odiávamos as abelhas, mas temíamos os mosquitos. Êstes massadores, peores que as primeiras, não nos fizeram sofrer muito entretanto na estação sêca; também mais tarde nos molestaram muito menos do que o haviam feito em 1884 nas cataratas do Xingú médio. O mosquiteiro que, estendido por meio de algumas varas finas, circundava a nossa maca como uma tenda arejada de gase, oferecia um abrigo seguro; aumentava a satisfação do repouso quando, com alegria maliciosa, se ouvia ressoar fora do mosquiteiro, numa proximidade pavorosa todavia, aquela música fina com seu diminuendo descontente e com seu crescendo azeçador. Escrevíamos, desenhávamos, calculávamos e vadiávamos assim, debaixo do mosquiteiro. Os insetos prejudicavam por vêzes as observações noturnas; Vogel e meu primo que lhe assistia, dançavam então, enquanto olhavam pelo telescópio e escreviam algarismo, uma dança de desespero diante do teodolito de três pés. Impunha-nos muito respeito também o “mosquito pólvora”, o menor e o mais infame de todos. E’ minúsculo, quase invisível, e atravessa sem cerimônia as malhas da gase do mosquiteiro; sua picada — que é caustica e provoca comichão — transforma os sentidos, e a vítima furiosa joga-se, banhada em suor, de um lado para o outro, coçando-se e arranhando-se por fim, a-pesar-da certeza de pagar alguns segundos de alívio com a pele em contínua supuração, durante semanas.

Dolorosa, tão dolorosa que até faz gritar e pular um fleugmático, é a picada da mutuca. Mas também esta quase só se manifestou na viagem de volta. Incomodavam-nos sobretudo os mosquitos que os camaradas chamavam de “lambe-olhos”; mas êstes, assim como os carrapatos que, caíndo das fôlhas, penetram na pele, sugando sangue até tomarem a forma de bolinhas, e como os borrachudos, cuja picada deixa pontinhos pretos de sangue coagulado, nos molestavam mais durante a marcha do que no acampamento. Os lambe-olhos — provavelmente observam-se êsses bichinhos só neste sentido de seu ataque — pareciam interessar-se unicamente pelos olhos, e o que lhes levei muito a mal — sobretudo pelos meus olhos; pareciam também preferir a parte interna da palpebra superior, de modo que, com o rosto encolhido, a vítima precisa solicitar o auxílio imediato de outra pessoa, passando nos casos complicados, de mão em mão.

A visita desagradável dos cupins, dos termitas e dos verdadeiros senhores da mata virgem, as formigas, não nos dizia propriamente respeito, mas ao nosso saco de noite e aos objetos de couro. Felizmente descobríamos de ordinário ainda a tempo, — i. é, ao anoitecer, — êstes intrusos, pois pelo prejuízo que causavam e pela massada de abrir os volumes da bagagem, sacudí-los, chamuscá-los, havíamos adquirido em pouco tempo o hábito de revistar tudo antes de nos recolhermos. Mòrmente o grito “carregadores” causava sempre algum alarme: quem os descobria no seu lugar, fugia de lá com todos os seu haveres, e todos saltavam receiosos de suas rêdes para examinarem os volumes da bagagem. Estas formigas “carregadoras”, espécie de “attas”, que trabalham durante a noite e transportam cargas relativamente enormes, têm os olhos quase do tamanho de uma ervilha, e aplicam, com as suas tenazes, cortes semilunares bem pronunciados no pano e no linho; e a sua morada ocupa um terreno grande, e os corredores atingem, ao que se afirma, uma profundidade de 3 metros. Mais interessante que perigosa, pois não molestou a nenhum de nós, é a gigantesca formiga tocandira, *cryptocerus atratus*, de côr parda, que felizmente não vive em bandos e cujas beliscaduras se parecem com a ferroada do escorpião; diz-se que são inimigas implacáveis dos termitas. Eu poderia ainda mencionar outros bichinhos que nos importunaram numa ou noutra noite, mas eu sei que, com uma enumeração tão longa facilmente comportaria os exageros da recordação, e eu daria ao leitor uma imagem de conjunto que não corresponde à realidade. Poder-se-ia formar a idéia de que a rêde do sertão tivesse oferecido uma

estadia mais desagradável do que a de uma cama num quartel de cavalaria, num porão de navio ou numa casa antiga e veneranda de Strasburgo.

Voltemos, pois, à parte mais atraente do pouso. A voz clara de Manuel, que durante o preparo da refeição se expandira em canções improvisadas (“oh feijões, quando estareis cozidos?”), diálogos altos, mas pobres em melodia e em idéias, com o fogo, com a panela, ou seu conteúdo; por fim, chamava os patrões — nós quatro, Perrot, Januário e também Antônio — para tomarem a refeição. Os outros sete acampavam e cozinhavam sempre divididos em dois grupos: o dos quatro soldados e o dos três camaradas.

Pontualmente, muito pontualmente, se apresentavam todos, munidos de faca e de garfo; tomava cada qual um dos pratos de zinco, — que mais tarde substituímos por cuias indígenas, e deitava-se em posição pitoresca — só Vogel se sentava na sua cadeirinha dobradiça de observação — em torno do couro de boi amarelo ou branco e preto, sobre o qual pousavam — ou caíam repentinamente, quando o couro era muito irregular — a panela fumegante, um prato com farinha e a garrafa de pimenta. Após a refeição tomávamos o insuperável mate, chá do Paraguai, e às vezes também café.

O nosso cardápio, um tanto uniforme, era enriquecido pela caça e, quando atravessávamos um rio, também pela pesca. Salvo poucas exceções, come-se tudo o que se caça e, com exclusão dos abutres e dos passarinhos menores, caça-se tudo que é vertebrado. Encontrei no Rio de Janeiro um livrinho instrutivo, o “Cozinheiro Nacional”, que prova em cada uma de suas páginas, quão variada e sadia é a cozinha zoológica do Brasil; utilizamo-lo como guia competente. Para o tapir 16 receitas; para o jaguar, o tamanduá, galictis, animal semelhante à fuinha, 3 receitas; para o macaco 7 receitas: “toma-se um macaco, corta-se-lhe a cabeça” e prepara-se-o: 1) no espeto, 2) assado no forno, 3) estufado, com pepinos, 4) estufado, com figos da Índia, 5) cozido, com abóbora, 6) cozido, com bananas, 7) assado com salada de batata doce; recomendam-se naturalmente o veado (26 receitas) e o javali; em seguida a lontra e sobretudo os roedores *coelogenis*; a paca (12 receitas), semelhante a um leitão, o *cavia aperea*, pequeno animal doméstico dos peruanos, “excelente”, e a capivara, *hydrochoerus capybara*, que é muito saborosa e ótima para a saúde das pessoas escrofulosas, sífilíticas, reumáticas e tuberculosas, mas que infelizmente costuma ser menos empregada do que remédios de mau gosto e de mau cheiro, por causa da dificuldade do preparo; deve ser colocada durante 24 horas em temperos, durante 24 horas em água corrente, durante 6 horas em aguardente, cravos, salsa, cebola, gen-

gibre, manjerição, sal, pimenta e assada no espeto. Além dêsses, são “excelentes e muito procurados” o gambá e o coatí, *nasua socialis*. Das três espécies de tatús, duas não são apreciadas, o tatú canastra, *dasyopus gigas*, por causa de sua carne dura, e o “tatú cavador de cemitérios”, por causa de seu mau cheiro. O lagarto fornece um fricassé tão parecido com o da galinha que é difícil distinguir um do outro. As galináceas da mata, jacú (*penelope*) e mutum (*crax*), bem como os grandes e pequenos papagaios dão excelentes guisados; previne, porém, o “Cozinheiro Nacional” contra o anú (*crotophaga*), lembrando que vive só de carrapatos e que tem um cheiro muito forte, ainda que, segundo a crença geral, cure asma, lues inveterada e verrugas. Delicadíssima é a carne das cobras, e quem a comeu uma vez, prefere-a a qualquer outra. Tem, antes de tudo, uma eficiência extraordinária contra as moléstias do coração, lues inveterada, e é um remédio infalível no primeiro estado da elefantíase. Corta-se a cabeça e tira-se a pele. A carne das cobras vivíparas é preferível à das ovíparas, e entre aquelas está em primeiro lugar, pelo sabor e pelo poder curativo, a da cascavel.

Nessas indicações do “Cozinheiro Nacional” estão misturadas maravilhosamente experiências reais com os raciocínios facilmente compreensíveis da credence popular. Abstraíndo-se da longa lista de receitas diferentes, podemos dizer que experimetámos fielmente a maior parte dos pratos enumerados; infelizmente nunca entrou, porém, na panela uma das poucas cobras que encontrámos.

Não nos pudemos entusiasmar pela carne de macaco, embora o “Cozinheiro Nacional” a prescreva para um “jantar brasileiro”: “ponha-se um macaco em cada um dos quatro cantos da mesa”. A nossa caça era uma espécie de *cebus*, um indivíduo cinzento-amarelado e pardacento com occipício preto e cauda preênsil cabeluda. Em “Brehms Tierleben” é regeitada “a semelhança tão frequentemente afirmada como existente entre um macaco preparado e uma criança”: “Esta comparação batida e completamente errônea deveria finalmente desaparecer das descrições de viagens, pois que se poderia dizer quase com o mesmo direito que uma lebre assada se parece com uma criança; a semelhança entre o macaco e o homem está nos seus movimentos, não na forma do corpo”. Por que esta afirmação tão categórica? Nós todos sabemos qual a aparência de um homem, e nos lembramos realmente de um homenzinho. Concedo de bom grado que, acostumados a considerar o macaco como a nossa caricatura, esperamos talvez de antemão essa semelhança, e por isso nos vemos inclinados a exagerá-la. Sinto muito, de resto, não poder apresentar aquí a fotografia de um macaco no espeto: ereto, deixando pender frouxamente os

braços, com suas mãos de cinco dedos, inclinando para o lado a cabeça chamuscada e o rosto (“*mit der denlichen Schnute*” afirmou alguém em “não-português”) transido numa expressão dolorosa, ou idiota lembra, parece-me mais pronunciadamente do que uma lebre, uma horrenda figura humana em miniatura. Mais viva é sem dúvida a impressão, quando o “camarada no espeto”, passando de um para outro, bambaleia com a cabeça e com os braços, executando assim, pelos menos, passivamente, alguns dos movimentos indicados por Brehm. Os índios põem o macaco no fogo sem lhe tirarem o pelo, e também nesse caso tive a impressão de uma “horripilante múmia de criança”. Achávamos dura, mas succulenta a carne da macaco, com um gosto de carne de vaca mal preparada; era recomendável assá-lo um pouco na véspera e cozê-lo no dia seguinte.

O nosso parecer é que o tapir merece ser comido, mas carece de um molho apimentado, e não é macio. A tromba é considerada a parte melhor. É excelente, como certamente em todos os grandes mamíferos terrestres, o fígado fresco assado, cuja preparação rápida e boa era a especialidade de Vogel. O javali tem gosto muito diferente do nosso porco montês, sua carne é pálida como a da vitela. No nosso famoso “Pouso das Abelhas” passou um rebanho de 60 cabeças bem perto do acampamento; a caça desenfreada que lhes foi feita imediatamente com grande confusão e acompanhada de terrível ganido, rendeu-nos cinco javalis, quatro machos e uma fêmea. Foi construída, a meio metro acima do solo, uma grelha enorme de madeira, o “moquem” de origem indígena, na qual foram “moqueados” os pedaços grandes, ao passo que o filet era assado no espeto, e cozidos com toucinho o fígado, o coração e os rins.

O “veado” e o “cervo” tinham gosto diferente dos nossos. Por vezes era excelente a perna de cervo que se parecia com um pequeno assado de vitela, mas de sabor mais fino e delicado. Encontrávamos as duas espécies: o cervo dos pampas (*cervus campestris*) e o veado dos campos (*cervus simplicicornis*). Era-nos sempre benvinda a sua carne, a não ser que se tratasse de um cervo mais ou menos adulto. A carne dêste tem pronunciado cheiro e gosto de alho, infelizmente muito persistentes; o assado ficou-nos até a viagem de volta, em que a necessidade também nos ensinou a apreciar — coisa repugnante! — um velho e fedorento cervo macho. Até o couro conserva a “catinga”, palavra tupí com que no Brasil se designa comumente a exalação dos negros, das raposas, dos veados e cervos machos, etc. Para lá do Paranatinga não conheciam ainda os veados o temor dos homens; paravam na

nossa frente a uma distância de 30 passos, e olhavam-nos curiosos; um dêles, ferido por um tiro, parou sossegadamente depois de 40 passos e lambeu o sangue.

Em 1887 não comemos carne de jaguar, que havíamos saboreado em 1884 e que tem gosto excelente, semelhante ao da carne de porco gorda. Desprezamos o tamanduá por causa de sua gordura repugnante; dizem que o gosto dos mais novos é melhor. Coatí assado tem um gosto agradável de caça.

Caçamos poucas aves, raramente uma perdiz, uma pomba ou um papagaio. Preferem as selvas das margens fluviais.

As tartarugas eram bastante raras, mas naturalmente sempre bem-vindas, sobretudo as fêmeas grandes que abrigavam ovos redondos, quase do tamanho de uma laranja regular. No Rio Manso comemos também cauda de aligador assado com as escamas; e carne branca como a do peixe e ordenada em feixes longitudinais grossos, é um pouco dura, mas comestível; uns a consideravam semelhante à do peixe, outros à do caranguejo; preferimo-la, para variar, à carne seca. Liguans só tivemos mais tarde, na viagem fluvial. Dentre os peixes tenho que mencionar o dourado, o pacu, o jaú, a piranha e a piraputanga; os primeiros foram, em parte, pescados, durante os dias de repouso que tivemos no Rio Manso. Já nas páginas anteriores dispensei a merecida menção honrosa aos matrinchans do Paranatinga. Nos riachos pequenos do planalto houve pouca ocasião de pesca; às vezes os camaradas se distraíam em pescar com um pouco de pirão de farinha, lambarís do comprimento de um dedo. E os poucos peixes que havia não mordiam o anzol; o motivo, descoberto por um dos nossos mulatos é digno de um Irshman: "porque não conhecem o anzol".

Um número maior de homens, obrigados a viver da caça, estaria, no sertão, sujeito a grandes privações, mesmo se se fixasse num ponto favorável. É impossível avançar simultaneamente e em marcha regular. Embora os matogrossenses afirmem o contrário, deve-se classificar o terreno como relativamente pobre em caça; contudo é bem possível que alguns homens dispondo de bons cães e de alguma provisão de sal, possam vir vivendo bastante bem, contanto que não sejam adstritos a um itinerário estrito e a um tempo determinado.

Em alimentos de natureza vegetal, há, além das frutas já mencionadas, somente couve de palmito da guariroba — com um amargor de quinina — e da acurí. Só uma vez bebemos "vinho de palmito"; derrubámos um burití que tinha uma altura de 19 m. — 17 m. o tronco, 2 m. (pecíolo 0,35 m + penacho 1,65 m.) a folha — e um perímetro de 1,2 m. e escavámos várias gamelas no seu

tronco soante como aço, com que se quebraram dois cabos de machadinha. Dos feixes de fibras cinzento-avermelhadas escorreu uma água açucarada que era muito escassa nas gamelas superiores e paulatinamente adquiria um gosto de leite de côco; bebia-se antes de se iniciar a fermentação.

Creio ter, com isso, feito justiça aos prazeres principais que nos ofereceu a vida nos acampamentos. Por ser cronista concencioso, menciono também o aniversário de Perrot que festejámos a 14 de agosto: nós quatro o honrámos ainda antes do romper do dia, com uma solene marcha com archotes, acompanhada da música indispensável; cada um, vestido de acôrdo com a hora noturna, levava uma vela acesa; eu soprava na minha cornetinha, Vogel e Ehrenreich assobiavam com um apito de caçador, Wilhelm com os dedos, os cães ladravam com sua voz retumbante; cumprimentei o aniversariante com alguns versos improvisados em que me servi da rima *Brasilien: Familien*; afinal tomámos uma cachaça que o incitou a levantar um forte — sabe Deus onde o foi buscar — “hip, hip, hurrah”. O aniversariante foi ainda presenteado com um maço de cigarros e um pedaço de fumo americano; pôde, também, beber numa chicara de café o último resto de açúcar que havíamos guardado.

Sim, era agradável e alegre a vida nos nossos modestos acampamentos. Depois de levantada a mesa, depois de cada um ter lavado o seu talher no riacho e de Manuel ter limpado os pratos — o maroto sempre usava sabão para limpar, os utensílios de cozinha, como certo dia constatamos pelo gasto rápido dêste artigo, — e que a noite descia sempre mais e mais sobre o nosso acampamento perdido na solidão, balançávamo-nos nas nossas rêdes, e muitos diálogos se entabulavam. As aventuras de caça — era engraçadíssima a de Perrot caíndo de um galho, que pendia sôbre o rio, em cima dum aligator — e a vida dos animais ocupavam o primeiro lugar; lembro como sendo de interêsse mais geral, a afirmação categórica de que se cruzam freqüentemente o jaguar e o puma; dizem também que ocorrem cruzamentos entre o rato imigrado e a cavia aperea. As descrições que Perrot fazia dos horrores da guerra do Paraguai e dos assassinios do tirano Lopez — ainda hoje venerado como herói pelo seu povo, por êle levado quase ao extermínio e que não quer acreditar na sua morte, as aventuras com os indígenas, os nossos planos para o futuro, o curso dos rios e dos chapadões, *la société* de Cuiabá, as aventuras de viagem e naturalmente também a pátria — tudo isso constituía matéria inesgotável, e quando realmente havia escassez de assunto para a conversa, bastava tocar no rico sortimento de anedotas de Ehrenreich, para que borbulhassem pataratas, como do chapéu de um

prestidigitador. A Henriqueta do conselheiro, o Bento engraçadíssimo, o 110 de ouro quando entravam em cena, não paravam as gargalhadas.

Muito tempo depois de haver emudecido a nossa roda continuava, a pouca distância, a conversa dos camaradas que, sentados em torno da fogueira, cozinhavam o feijão para o dia seguinte. Ressoava a voz alta do contador principal, imitando magnificamente e com afetação os personagens da anedota e ultrapassando o falsete mais alto no ponto culminante da narração; seguiam-se os aplausos entusiásticos dos outros, ouviam-se as suas gargalhadas e as suas exclamações entre cusparada: “oh que ladrão!”. “Só os negros e os alemães sabem rir”, afirmava Ehrenreich.

Pouco a pouco calavam-se as vozes. Na mata se ouvem agora os assobios quase humanos do joó, “*cripturus noctivagus*”; os seus sons continuam durante toda a noite, e quando ele começa assobiar todos infalivelmente, imitando-lhe o grito. No ar tranqüilo embora, ressoam ruídos como que de uma chuva mansa, nos penachos das palmeiras buritís; maquinalmente se ergue o canto ininterrupto das cigarras, e às vezes, se intrometem entre os rumores também os sons longínquos do chocalho da madrinha.

A escuridão envolve agora a moita e as árvores, debaixo das quais se divisa, como uma disforme e indistinta massa, a pilha das bagagens e das selas; do fogo só restam algumas achas em brasa. O céu esgueira-se por entre os galhos que em cima da maca, se estendem pelo ar como braços corpóreos de sombra; por baixo dele espraia-se a vista pelo planalto escuro, onde reluzem, ao longe, as linhas vermelhas do fogo da queimada que continúa a devorar capim, elevando-se às vezes em forma de chama agitada, rastejando por sobre uma colina, e tornando a estirar-se como uma cobra fina; divisam-se nitidamente altos-fornos, estações de estrada de ferro, sinais luminosos dos trilhos, e mesmo um ou outro salão de baile festivamente iluminado. Oh! sonho de Mato Grosso, quando serás uma realidade que seja mais duradoura do que um fantasma noturno? Esperavam os cuiabanos que o Dr. Carlos encontrasse ao longo do Xingú o terreno melhor para uma estrada de ferro que levasse ao Pará. Ele encontrou mais, pois em muitas noites viu passar pelo sertão a estrada de ferro pronta e funcionando maravilhosamente; infelizmente adormecia sempre que chegava a tal ponto.

E em seguida, no seu sonho verdadeiro, resolvia ele com uma elegância indiscutível um problema muito mais importante do que o da estrada de ferro do Mato Grosso. Voava. Voava escadas

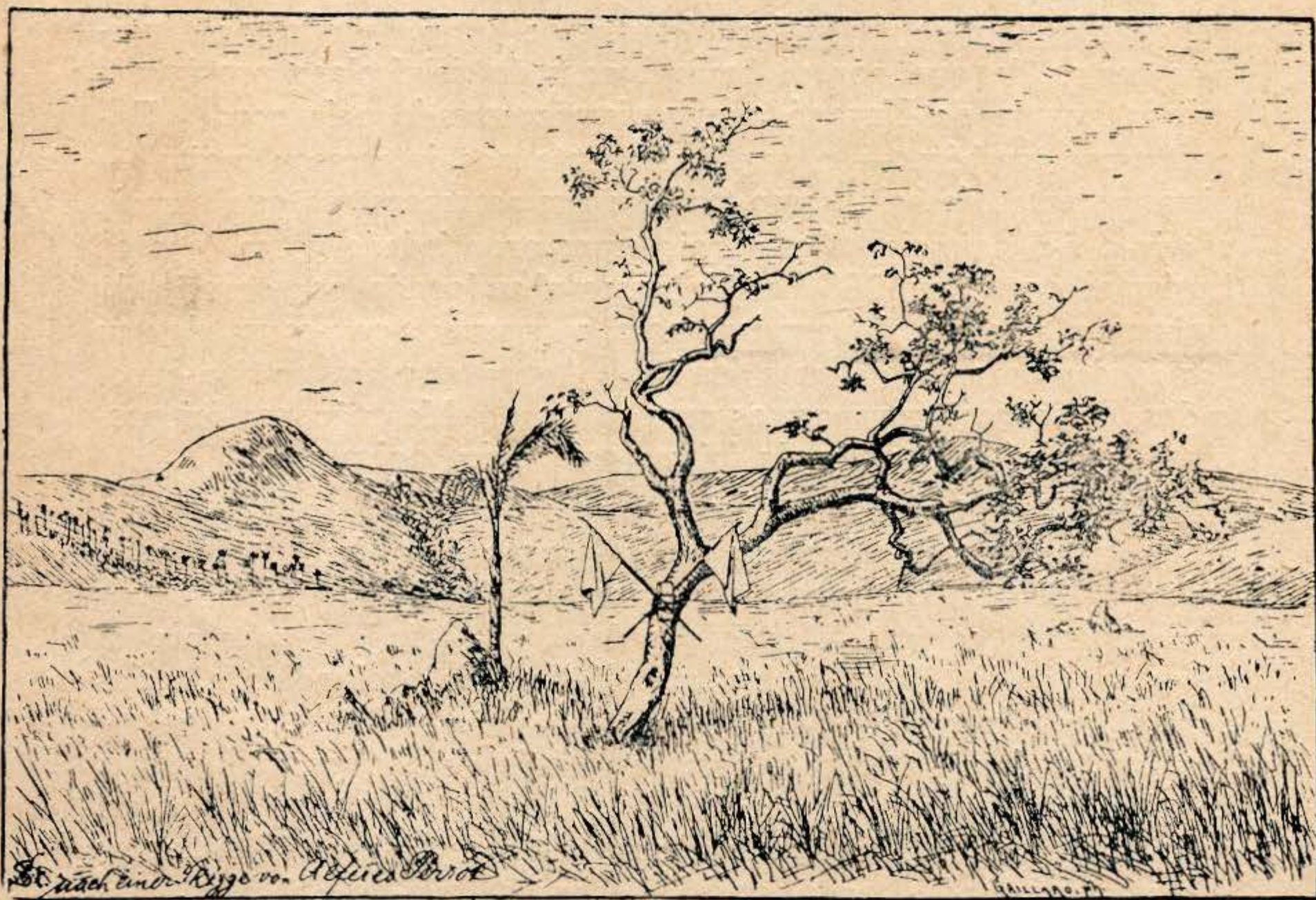
abaixo, descendo muitos andares sem tocar no chão, dobrava rente as esquinas sem esbarrar, voava aos telhados e por cima dêles, e não tinha por ventura a mínima dúvida quanto à realidade de tudo isso, pois chegou ao ponto de firmar contrato com o Diretor Renz para exhibir no circo a sua nova e magnífica arte, a qual naturalmente falhou no momento decisivo, sendo o coitado do inventor cruelmente vaiado pela multidão. O sonho do voo era para mim realmente um sonho habitual, quando eu jazia na maca; ligava-se também sempre à mais firme convicção da realidade. Raramente empreguei qualquer objeto — pano, boné ou coisa semelhante — que servisse de travesseiro porque êste equivalente nunca ficava no seu lugar. Estavam dêste modo sem apôio o pescoço e a inserção da cabeça na nuca; a maca, esticada pelo pêso do corpo, passava livre e tesa por êste lugar, e em cima ou ao lado apoiava-se a cabeça com todo o seu pêso como um corpo independente. Provavelmente nesta posição incômoda se encontra a explicação do sonho.

Eu tinha o sono leve, e levantava-me — como bom pai de família — antes dos outros, afim de acordar Manuel que devia pôr ao fogo a água para o mate. Carregado de sono, soprava o rapaz as últimas brasas que restavam debaixo das cinzas, e daí a pouco fervia a água. Em seguida ressoavam os sons estrídulos do meu clarinzinho, e Fazendinha, a cadela, acompanhava-me com seu latido matinal. Os melhores batedores de pistas partiam então em busca das mulas; nós desatávamos as rêdes, púnhamos as cobertas nas bruacas, lavávamo-nos no riacho com sabão — e, para economizarmos, também com areia, talvez preciosa areia aurífera, — comíamos, prontos para marchar, o nosso feijão, e esperávamos com impaciência sempre maior pelo primeiro som do chocalho da madrinha. O bom cavalo branco aparecia, atrás dela, vinham passo a passo — pois há muito tempo haviam acabado os dias em que Januário fazia ouvir o seu “jo, jo, jo” engodativo acompanhado pelo ruído do saco de milho, e em que os animais vinham correndo, e batiam impacientemente com a pata dianteira — e nós os contávamos ansiosamente, dando graças ao nosso destino, quando não faltava nenhum dos servos fieis, e quando nem os dois Elpídios se haviam “escondido”. Vinham geralmente divididos em pequenos grupos, e não era rara a manhã em que só os encontrávamos pelos rastos à distância de mais de uma hora. Cada animal era amarrado a uma estaca, e a vanguarda se punha em movimento.

Estrada Rondon e última parte do caminho — Foi a 25 de agosto que, tendo atravessado bem perto de sua nascente os dois confluentes do Ronuro, o Bugio e o Jatobá, e continuando a jornada em direção de leste, notámos uma queimada bem recente. Só

podia ser proveniente da expedição do cuiabano Rondon que saíra em busca de ouro; pouco depois cruzamos realmente o seu caminho dirigido para o norte, um atalho estreito, mas bem calcado pelos burros. Rondon havia, portanto, avançado para a região do Jatobá e com isso para a do Ronuro; aí esperava encontrar o eldorado dos Martírios. Visto que êle, como sabemos, passára pela Fazenda São Manuel, percorrendo o mesmo caminho que, a partir daqui, tencionávamos tomar na volta, tínhamos grande interêsse em conseguir informações a respeito. Talvez êle nos pudesse dar algum conselho, informando-nos sôbre se na estação chuvosa em que teríamos de voltar, também seria transitável em tôda a sua extensão o caminho que percorrera, se então seria possível para a nossa tropa a passagem pelo Rio São Manuel, que distância havia entre a Fazenda e o lugar em que estávamos, e quais as dificuldades que, além daquela, ofereceria a subida da “serra”.

A estrada Rondon cruzava-se em ângulo reto com o nosso caminho junto a uma árvore isolada e relativamente alta; esta nos devia servir de agência postal. A noite escreví, no pouso do confluente ocidental do Batoví, uma carta saüdando os nossos colegas e formulando as nossas perguntas; coloquei-a numa lata impene-



“CAIXA POSTAL” NO SERTÃO

trável à água. Na manhã seguinte voltaram Perrot e Januário à referida árvore, pregaram nela a lata circundada de correias, e muníram-na com duas bandeiras fixas em varas de bambú. O terreno daí já era queimado, de modo que não precisávamos temer a ação de algum fogo. A árvore ainda foi vistosamente marcada, e na caixa do correio escrito em tinta da China o endereço: "Ilmo. Sr. Rondon".

Embora tivéssemos conservado a direção mais sulina possível, já encontrámos o braço ocidental do Batoví mais volumoso do que desejáramos; corria, além disso, por entre barrancos escarpados que deviam ser atenuados e flanqueados com uma balaustrada. A nascente do Batoví apresentava uma situação mais sulina do que aquela que nos indicava o nosso mapa de 1884, e que fôra determinada por meio de cálculos. Após havermos atravessado sem dificuldade um pequeno confluente central, fizemos um reconhecimento em direção do sul, e encontramos uma paisagem atravessada por largas faixas de mato; a mata do Batoví parecia passar imediatamente para a do Paranatinga ou mesmo, a leste, também já para a do Kulisehu; não era possível reconhecer uma divisa de águas. Na bacia do Batoví descobrimos também ramos quebrados por mão humana e um pedaço de vara de burití deitado fora, indícios certos de que por aí haviam passado selvícolas; provinham provavelmente de Kayapó que haviam vagueado pela zona. Encontramos também — o que igualmente nos interessou muito — pistas recentes de bois, como também um acampamento que parecia servir a 5-6 animais. Êsses bois eram propriedade nossa, nós os havíamos pago; em 1884 os tínhamos abandonado por ocasião do embarque, porque não serviam para o consumo por causa de seu estado deplorável e de suas feridas. Agora estavam gordos e pesados, como nos provavam os rastos largos. Mas não nos foi possível descobri-los; um tapir foi a nossa única prêsa.

Depois de termos, a 27 de agosto, atravessado o último riuzinho da nascente do Batoví e escalado com dificuldade o chapadão oriental, depois de termos, nas suas alturas — caminhando por capim macega cortante e em pistas de tapir — dado a volta a uma fenda que media 10 m. de largura e 3-4 m. de profundidade, cujas rampas se compunham de lodo cinzento-preto e sêco, e na qual se havia precipitado a mata marginal, depois de termos, finalmente, cruzado um chapadão pouco atraente e cheio de blocos de canga, intercalamos um dia de repouso junto a um regatozinho lamacento; não imaginávamos, porém, que já bebíamos água do Kulisehu. As mulas já se achavam num estado deplorável, enquanto os cães se sentiam òtimamente nesta região riquíssima em caça; enchiam-se



Enseada do Tumayaua

às vezes de tal forma com carne de tapir que quase não se podiam mexer mais, ficando tão indolentes que mesmo a caça deixava de seduzí-los.

Desejávamos avançar para o norte, percorrendo a divisa que separa as águas do Batoví das do seu vizinho oriental, mas encontramos um terrível caos de morros com escarpas íngremes, de modo que tínhamos que pagar cada avanço para o norte com um desvio para leste, e lutar dia por dia com as travessias mais difíceis. Os riachos menores que corriam mais acima tinham margens verticais e altas; os maiores, que ficavam mais abaixo, alargavam-se rapidamente para formarem riozinhos de mais de 30m. de largura, cujas águas corriam indolentes por entre blocos de pedra de cantaria, e cujas margens eram ladeadas por mata alta e moitas impenetráveis de bambú que se elevavam sobre um solo encharcado. O terreno, que ficava entre os riachos confluentes, era quase exclusivamente campo cerrado clássico o que oferecia trabalho penoso a Antônio, a Wilhelm e a mim. Antônio tinha que correr riacho-abaixo e riacho-acima como uma fera perseguida, para procurar um ponto mais ou menos transitável. E assim mesmo muitas vezes não foi possível evitar que os burros caíssem um atrás do outro, no rio.

Víamos desenvolver-se caudalosamente o rio principal do nosso vale; cada vez mais larga e cheia se tornava a faixa de mato. Seria, porém, o Kulisehu? Não era pouca a sua largura de 30-36 m.? Tínhamos por certo que em breve se haveria de juntar a êle um braço mais volumoso que viesse de leste; esperamos porém, em vão. Antônio tinha sem dúvida a convicção firme de que estávamos no Kulisehu verdadeiro; êle soubera dos Bakairí do Batoví que os Bakairí do Kulisehu subiam o rio até a uma grande catarata para aí pescarem, e que os primeiros precisavam de três dias, quando iam visitar por via terrestre os seus irmãos de tribu do Kulisehu. No dia 2 de setembro vimos ao anoitecer uma claridade na direção de leste; talvez proviesse da lua nascente; mas a 4 de setembro tínhamos certeza de que se tratava de um fogo e a 5 trouxe-nos o vento, durante o dia, fumaças e cinzas de sul sudoeste.

Tínhamos indícios certos de que estava próxima a estação chuvosa. O ar estava cheio de vapores, o calor se tornava insuportável, o sol nascia com uma cor de papel mata-borrão e se deitava com uma cor rósea de sol polar no seu nublado; na noite de 1 a 2 de setembro tivemos o primeiro alarme de chuva que, porém, não foi além do susto; só a leste se desencadeou uma trovoada. A 2 de setembro tivemos contudo realmente um pouco de chuva; arma-

mos pela primeira vez as nossas tendas, mais por passatempo do que por necessidade. Diminuíam assustadoramente as nossas provisões: dispúnhamos ainda de 2 alqueires (a 50 l) de feijão; os últimos dois alqueires de farinha — só esta dá vigor, feijão e carne só enchem o estômago, diziam os nossos soldados brasileiros — já não estavam completos; o toicinho consumira-se não sem o auxílio noturno dos cães.

A 6 de setembro: cerrado, cerrado! A vanguarda trabalhava loucamente com o facão para abrir um caminho para a tropa. Por volta das 11 horas chegamos finalmente a uma clareira, situada numa elevação, que nos permitia uma vista para o norte. “Diavo”, o cerrado se estendia até onde o olhar o podia alcançar, cerrado por léguas e léguas. Entreolhamo-nos e compreendemo-nos sem dizer uma palavra: devíamos fazer direita volver, descer para o rio e avançar pelas suas águas. Alcançamos a margem depois de meia hora, e vimos que tínhamos chegado a um ponto excelente: desembocava aqui um rio de 8 m. de largura, havia copiosas árvores esbeltas para as nossas macas, e um terreno largo, coberto de capim, estendia-se, sem capões, até este lugar de acampamento. Mas a tropa, coitada! só apareceu às 4 horas da tarde; 8 burros se haviam embrenhado pelas moitas. Um deles fôra, depois de muita procura, encontrado num riacho, um outro estava ainda perdido no mato, e a própria madrinha dócil que não carregava nada, havia voltado resolutamente as costas à caravana, fugindo para longe.

“Viva a independência!” exclamavam os nossos brasileiros no dia de sua festa, 7 de setembro, e o nome de Independência foi dado ao nosso acampamento definitivo: 13°, 34' e 3" de latitude sul, 51°, 58' e 5" de longitude leste de Greenwich. Antônio foi encarregado de fazer uma canoa de cortiça na qual aliás não púnhamos muitas esperanças, porque estávamos no fim da estação seca. época em que a casca da árvore jatobá é frágil, e racha facilmente. Foi também resolvido que eu embarcaria com Antônio e Carlos para vermos se não encontraríamos índios, e — caso a sorte nos fosse favorável — índios Bakairí. Esperávamos encontrá-los no melhor dos casos depois de três dias; Vogel avaliou a altura de Independência — que era de 148 m. acima de Cuiabá, e de 367 m. acima do nível do mar — em cerca de 50 m. acima da desembocadura do Kulisehu; tínhamos que contar certamente com cachoeiras consideráveis. Entretanto, deviam os outros patrões fazer o reconhecimento da zona, procurando mais abaixo um lugar prestável para acampar, afim de que pudéssemos deslocar para diante a estação das mulas. Só no caso de fracassar a nossa viagem de canoa, entrariam em questão os índios que, a supor pelo fogo que

víramos a leste, aí se deviam encontrar e que certamente não eram Bakairí. Vindo da direita, devia-se juntar sem dúvida ao rio um braço volumoso, pois a desembocadura do nosso Kulisehu em Xingú-Koblenz correspondia a uma corrente considerável. Se os índios da queimada de leste pertenciam ao sistema dêste rio, tínhamos direito de esperar que a melhor entrada na aldeia dêles pudesse ser conseguida por intermédio dos Bakairí.

Para sustento dos animais que haviam de ficar aquí ou um pouco abaixo, devia ser feita uma queimada. Os homens teriam certamente boa pesca e boa caça na mata marginal do rio. Já as primeiras tentativas forneceram à cozinha magníficas traíras (*erythrinus*), um mutum cavalo (*crax*) e uma jacutinga (*penelope*): não podia haver falta de jabotís e de roedores. Uma grande cobra sucurí não só não foi comida, mas até desprezada como isca para os peixes. Também era só de interêsse puramente teórico o encontro de um gigantesco tatú (*dasypus gigas*) que foi morto por um tiro na porção posterior de sua casca e que tinha um cheiro penetrante de jardim zoológico. E' uma criatura indolente e muito musculosa, sobretudo nas pernas dianteiras com que cava a terra e são munidas de unhas enormes. Já é muito raro, e já pertence quase à prehistória. Mais ou menos como os índios da "idade da pedra" que procurávamos.

CAPÍTULO IV

PRIMEIRO ENCONTRO COM OS INDIOS

Canoas de cortiça, sinais de índios. A minha *viagem de canoa* com Antônio e Carlos. Vida animal. Divagações antes do jantar. Desembocadura do Ponecuru. Cataratas. Aumentam os indícios da povoação. O cacique *Tumayaua*. Visita à primeira aldeia de Bakairí. Chegada do "caraíba".

Depois de ter procurado por muito tempo, Antônio encontrou finalmente uma jatobá (*hymeneaea* sp.) com casca própria para fabricar uma canoa. Para isso improvisa-se, ao redor da árvore, uma armação de estacas. Separa-se do jatobá, a golpes de machado, uma faixa, longa e retangular, de cortiça, colocando-a, cuidadosamente, sobre estacas baixas. Para torná-la flexível, acende-se-lhe em baixo uma fogueira e sobre a mesma queimam-se também alguns gravetos. Os bordos longitudinais são recurvados para cima; a parte da frente fica em ponta e a parte de trás é dobrada para dentro, de tal maneira que forma uma parede transversal levemente abaúlada e com cantos bem agudos, nos quais a cortiça se racha facilmente. A canoa devia ficar pronta num dia e ser levada à água na manhã seguinte.

Antônio voltou singularmente bem disposto do seu trabalho. Julguei que fôsse por ter conseguido fazer uma bca canoa; conversei com êle a respeito e disse, depois de algum tempo, voltando aos nossos planos: "Não receias, pois, que não encontremos habitantes ao longo do rio?" "Não", replicou lacônicamente, "pois eu já dei com um rancho". "E por que não o disseste?"

“Pois eu queria dizê-lo ainda”. Quando procurava madeira para os remos, êle descobrira um rancho de caça, desabado, coberto de fôlhas de palmeiras; as marcas das estacas eram provenientes de golpes de machados de pedra. Ao lado estavam ainda achas de lenha, queimadas em parte, e colocadas uma ao lado da outra formando ráios, ordenação esta característica das fogueiras dos acampamentos indígenas. Os jatobás das cercanias haviam sido examinados quanto à sua utilidade para o fabrico de canoas; um caminho ainda bem visível, entre o mato, levava a um “pôrto”, na margem do rio. Antônio calculava em um ano o tempo decorrido desde a estada dos visitantes.

Partimos na quinta-feira, dia 8 de setembro, às 10 1/2 da manhã. Carlos sentou-se à frente, Antônio atrás e eu no meio. Desejávamos levar uma tenda, o que, porém, não foi possível por causa do seu pêso; fomos obrigados a contentar-nos com um couro de boi. A canoa, feita à pressa, apresentou muito pouca resistência, sendo necessário remendá-la, logo de saída. A cortiça estreita, que nos servia de embarcação, tinha, exatamente no lugar em que eu estava, uma fenda com 2/3 m. de comprimento, que obstruímos com cera; por debaixo do barro, que estava colado nos bordos, entrava ininterruptamente água, que molhava meus pés.

Que me importava isso? Sentia-me feliz. Tínhamos certeza de encontrar índios; e tínhamos quase a certeza de que seriam Bakairí. Viesse, porém, o que viesse, nós três podíamos confiar um no outro. Carlos cantava, descuidadamente, com a sua voz forte, modinhas brasileiras. Antônio calava-se. Mas, quando eu me virava para trás, via o seu semblante leal resplandecer de bom humor e intrepidez.

A água estava quieta e quase parada. Topámos com alguns “rápidos” e pequeninos bancos de areia. Êstes obstáculos nos fizeram desembarcar, e fui aí obrigado a habituar-me, novamente, a caminhar descalço, sôbre a areia e o entulho. As carcassas de árvores enormes que jaziam lateralmente, no rio ou que o atravessavam transversalmente, dentro ou por cima das águas constituíam empecilhos aborrecidos; passávamos agachados e gemendo por debaixo dos troncos, ou cortávamos os ramos, que nos entravavam a passagem, a facão. Mata cerrada em terra, árvores espêssas na água. Não havia remédio, estávamos em plena estação seca. A margem íngreme, que no período das chuvas fica submergida, elevava-se de 5 a 8 metros acima do nível da água. Havia ainda no barranco vestígio de níveis anteriores. Na ribeira notava-se também, em muitos pontos, areia em ligeiro declive com numerosos rastros de animais.

Depois da longa caminhada através de moitas e arbustos raquíticos, sentimo-nos duplamente confortados com a exuberante vida do passaredo das matas marginais do rio. Deve-se, numa excursão fluvial dêsse gênero, dividir as aves em dois grupos: as que se vêem e as que se ouvem. Ficamos familiarizados com um bom número de aves que durante tôda a viagem não vimos uma vez sequer; conhecíamos o seu grito, aprendíamos a imitá-lo, pedíamos aos nossos companheiros que nos dissessem a que espécie pertenciam, consultávamos livros a respeito, mas, se por acaso, deparássemos com êstes amigos num museu não os reconheceríamos por certo. Carlos que no seu emprêgo anterior caçara e matára uma infinidade de aves do Mato Grosso, era, pois, muito mais versado do que eu; êle dividia, por sua vêz, as aves em aves que Herbert Smith “tinha” e em aves que êle “não tinha”. À última categoria pertenciam as andorinhas, as mesmas andorinhas que em 1884 encontrámos sôbre o Batoví. Já neste primeiro dia vimos ou ouvimos pombas, colibrís, pequenos bandos de periquitos, araras, alciones, o benteví amarelo (*saurophagus sulphuratus*), o curioso maçarico (*calidris arenaria*), pernalta que sempre acena com a cabeça, o biguá (*carbo brasilianus*) e várias espécies de gaviões, mergulhões do ar e mergulhões da água, e, finalmente, os penelopídios aracuã e jacutinga, galináceos que perseguíamos, com especial interêsse, por causa de sua carne saborosa. Os peixes que vimos, eram o matrinhã, o bagre, o pintado e o agulha, que foi encontrado como resto de refeição duma lontra. Havia em profusão na margem arenosa, borboletas amarelas que Smith “tinha aos milhares”; além destas, abelhas e grilos. De vez em quando caía dum galho, para dentro da água, um sinimbú, ou linguana. Na areia viam-se as pègadas das tartarugas, dos javalis e dos tapires. Os caimões, os “jacarés” dos brasileiros, pareciam ser muito raros, vimos porém um de qualidade muito pequena. Antônio nos contou na manhã seguinte que, durante a noite, ao deixar a rêde por causa dos mosquitos, vira um interessante representante dessa espécie, que lhe arreganhára, ameaçadoramente, os dentes.

Apelidamos, por isso, o lugar em que acampáramos, às 4 horas, de Pouso do Jacaré. Antônio pôs-se a consertar a desastrosa canoa; colocou-a sôbre forquilhas baixas, acendeu debaixo dela um fogo de gravetos e curvou tanto quanto possível a parte anterior, para cima. Tapou a fenda com trapos e barrou-a com cera de abelhas. Os macacos, que guinchavam ensurdecidamente proporcionaram-nos, à tarde, um concêrto tão sinistro, que nos provocára arrepios.

Levantamo-nos cedo na manhã seguinte, praguejando contra os mosquitos. Continuamos a viagem às 6 1/2 pelo nevoeiro tênue da manhã. As aves gorgeavam com alarido; ao longe um porco caitetú atravessou o rio, a nado. Remávamos, com o menor ruído possível, por entre as margens cobertas de vegetação campestre. Muita ramagem alta, folhuda e moitas espessas de bambú, entre as quais se elevava a árvore das formigas vermelhas, a imbaúva. Caçamos um mutum — cavalo gordo de plumagem de cor preta com reflexos verde-azulado, e com uma crista vermelha como lacre. Depenamo-lo imediatamente. Antônio recolheu, com carinho, para os seus companheiros do Paranatinga, as penas remiges e as da cauda, que se aproveitam para serem colocadas, fendidas e torcidas em espiral, na extremidade da haste da flexa. Um pedacinho da carne serviu-nos de isca, quando, ao atravessarmos um ponto em que as águas corriam caudalosas por entre blocos de pedra, surpreendemos os matrinchãs que — como me informaram — aí dormiam. Meus dois companheiros deitaram os seus anzóis à água fazendo-os bater repetidas vezes no fundo do rio afim de atraírem os peixes; êstes tentaram algumas vezes apanhar a isca, mas não morderam no anzol. Atiraram também contra algumas ariranhas, lontras grandes, que aparecem como focas à tona da água, bufam, imergem com a rapidez do relâmpago, e tornam a surgir, repentinamente, na superfície em algum ponto distante, rio-abaixo.

Pouco depois do meio-dia Antônio notou ramos partidos na margem direita; desembarcamos e vimos, depois dum exame mais detalhado do local, que aí fôra colocada uma prêsa, provavelmente uma capivara, sôbre um monte de fôlhas e ramos, para que a carne ficasse resguardada, contra a areia, durante o estripamento. Não encontramos rancho, nem lugar onde tivesse sido acesa uma fogueira; a prêsa fôra portanto levada daqui ao acampamento ou mesmo à aldeia. Os meus companheiros disseram-me porém, que os ramos tinham sido partidos há um mês atrás. Fizemos aí uma parada para o almoço; assamos o mutum e a lontra. Esta refeição foi acompanhada de projetos cheios de esperança, e, partimos bem dispostos depois de eu ter proporcionado a Carlos a satisfação de me tirar um respeitável bicho do pé. Acompanhou-nos uma nuvem densa de pequenos mosquitos borrachudos. Por causa da comichão infernal tive que envolver os pés delcalços com um lenço. O tempo estava abafadiço e ameaçando chuva. Realmente não demorou que se desencadeasse uma violenta tempestade, que nos forçou a nos abrigarmos, durante uma longa hora, junto a um barranco íngreme da margem, onde havia alguns montes de pedras. Mas, logo em seguida reapareceu o

sol e o tempo se tornou agradável tanto que pouco depois a nossa roupa de lã estava enxuta. O meu traje de "Jäger" não era certamente bonito, nem elegante, mas leve e prático, e os índios não tinham direito de me censurar pelo fato de eu viajar só em camisa e ceroulas.

Aproximávamo-nos cada vez mais dos "compadres". Quando às 5 horas procuramos um lugar onde pudéssemos acampar, chegamos — em boa hora — à desembocadura dum riacho que ficava à esquerda, e que para alegria nossa continha água clara e fresca. Apresentava uma barreira bem simples de galhos feita, entretanto, por mãos humanas; uma "chiqueira". Este nome é dado pelos brasileiros a uma das mais simples armadilhas para peixes, as quais são freqüentemente preparadas, por acaso, pela própria natureza, na desembocadura dum rio ou na foz dum riacho; no tempo da cheia os peixes entram sem dificuldade, mas não podem mais voltar, quando o nível das águas desce. Galgamos o barranco íngreme e encontramos em cima um lugar magnífico para um acampamento noturno: não havia aí brenhas e não faltavam árvores de grossura mediana, convenientemente distanciadas entre si. Os meus dois companheiros, depois de terem empurrado a canoa riacho-acima pelo afluente que formava a chiqueira, queixaram-se de que o barro da ribeira lhes dera "frieiras", inchações dolorosas que, como me disseram, se formam quando se pisa em excrementos de capivara ou de mula ou sobre detritos semelhantes. Pularam um pouco, por causa da dor que sentiam, e friccionaram os pés com sal.

A noite estava magnífica. Queira desculpar-me o leitor, se abordo assunto tão subjetivo. Sentado na rêde gozei — o que desde Cuiabá não havia feito — do prazer de escrever à luz dum tóco de vela. Na densa mata vizinha chiavam os grilos, em baixo murmurava o regato, e sôbre o fogo cozinava o feijão mulatinho, que merecia tôda a nossa atenção.

Eis o meu diário atirado a um canto da rêde. Eu mesmo me ri um pouco disso, mas pus-me a considerar a minha aventura, fixando a luz da vela, enquanto fumava, comodamente, pernas estendidas e balançando suavemente o corpo, em doces devaneios. Não pensava em nada e sentia-me bem com isso. Também não tinha saudades dos prazeres que em casa me pareciam indispensáveis. No meu cachimbinho e na minha vela estava tôda a minha felicidade. A cabaça de água do riacho que Carlos me trouxera à rêde, era para mim, naquela hora, muito mais preciosa do que um copo de cerveja "genuína" ou uma garrafa de Rauenthaler; pensava com indiferença nessas cousas, como em um passado remoto e esquecido. Era a hora em que em Berlim se vai ao concêrto, ao

teatro, a alguma reunião social. E, sem que o percebesse, vi-me metido no borborinho das ruas de Berlim e li de fio a pavio os cartazes multicores, que estavam afixados numa coluna de reclame. Mas o meu pulso não se alterou e eu não sentia o mínimo desejo. Íntimamente satisfeito, reparei que eu não tinha dinheiro comigo e que a minha toilette não correspondia às exigências policiais para percorrer a "Unter den Linden"; com um desprêzo inocente olhei para os vendedores de jornais, para os carros, para as lojas iluminadas, para a massa humana apressada, — e gostosamente voltei para junto de meu obscuro riacho, que corria pela mata virgem.

Em minhas divagações perguntava a mim mesmo: é realmente possível dispensar aquelas coisas que dominam e animam toda a nossa vida sentimental? Uma coisa pelo menos estava fora de dúvida: si se tivesse dado o milagre — que não se deu — de aparecerem súbitamente por entre os ramos dois lábios ardentes sorrindo tentadoramente para mim, — eu continuaria fumando e teria displicentemente, pedido permissão para continuar a fumar. A felicidade, concluía eu, consiste pois em encontrarmos uma satisfação íntima nos prazeres mais simples, lembrando-nos dos mais requintados. O filósofo de Wiedensahl está novamente com a razão: "Felicidade é o prazer que nos proporcionam as coisas que não alcançamos".

E contudo, eu não teria trocado Berlim pelo Xingú exclusivamente por amor ao feijão mulatinho ou à natureza virgem com as suas belas cachoeiras; sem uma esperança, sem um escôpo mais elevado, sem um objetivo mais nobre de cultura, certamente a natureza mais agreste também se tornaria em pouco tempo, insuportável. Já é bem estranho um alemão trocar a sua pátria por estas solidões, pondo, talvez, em perigo a sua própria vida para procurar a terra dos caraíbas! "Que significa, para um alemão, Hecuba?" Que significam para mim, Cuiabá e Caraíba?

Mas há problemas tão complicados e tão profundos, que não é possível resolvê-los de estômago vazio; fiquei bem satisfeito, pois, quando Carlos, que estava junto ao fogo, soltou finalmente um triunfal "pronto". No chão estava o vasilhame com o feijão cozido, ao lado, o saquinho de farinha fincado no solo, o espêto com um resto bastante convidativo de mutum — que continuassem os grilos a chiar na mata.

Partimos às 6 1/2 horas (10 de setembro de 1887), ávidos das novidades que, segundo os prenúncios do dia anterior, nos estavam reservadas. Vindo da direita, desembocou no nosso rio, após vinte minutos, um afluente tão tranquilo quanto êste, apenas

um pouco mais estreito. Mais tarde nos disseram que o seu nome é Ponecuru. A direção predominante do curso das águas reunidas ficava entre o norte e o nordeste, a mesma que, a despeito das numerosas curvas, fôra mais ou menos a mantida na nossa viagem anterior. Porém tôda a nossa atenção estava concentrada, já antes de aparecer o afluente, num ronco que se tornava cada vez mais forte e que bem conhecíamos desde a expedição de 1884: aproximava-se uma grande “cachoeira”. Passamos por várias ilhotas formadas de blocos de pedra de cantaria, cobertas de moitas baixas e arbustos finos. Os roncões e bramidos aumentavam consideravelmente. Repentinamente vimos, lá em baixo, o leito alargado do rio, revestido de enormes lages, contra as quais o turbilhão das águas se precipitava, borbulhando e espumando. Era a cachoeira que mais tarde denominamos de Salto Taunay.

Tivemos uma hora de atraso. A canoa foi empurrada pelas pedras abaixo, e a carga levada no ombro, ao longo da margem. Eu devia ter uma aparência bizarra: chapéu de palha com penas de arara, camisa, ceroulas, cinta de couro, patrona, sapatos vasconços de linho cinzento, sôbre o braço esquerdo o couro de boi dobrado e na mão direita os nossos quatro pratos de estanho, dos quais o superior ainda continha um resto de feijão cozido. Observava atentamente os arredores para ver se não descobria nada de suspeito. Junto a uma cachoeira como esta há ótima oportunidade de se pescar; de fato, encontramos pègadas bem nítidas e, sôbre as pedras, tochas de palmeira meio queimadas, com as cinzas finas ainda bem conservadas. Havíamos avaliado em um ano a idade do rancho perto do acampamento de Independência, em um mês o tempo decorrido desde que foram quebrados os galhos no lugar em que se havia abatido a capivara, e não fazia certamente mais duma semana que tinham ardido estas tochas; tudo nos avisava do perigo que agora corríamos.

A bela cachoeira tinha em comparação com as cataratas menores do Batoví, que ficavam na mesma latitude, a estrutura das genuínas cataratas do Xingú; a água tomava também, mais abaixo, onde o rio voltava a correr tranquilamente, uma maravilhosa coloração escura e verde garrafa. Mas já depois dum quarto de hora apareceu uma outra cachoeira bastante grande, apenas mais baixa que a primeira; tive novamente de desembarcar e andar a pé. Também aquí se praticava a pesca. Contamos, além da cachoeira, 13 assim chamados “currais”, anéis formados por blocos de pedra colocados em pontos mais rasos do leito fluvial; no anel há uma fenda pela qual os peixes podem entrar, sendo em seguida encurralados em um ponto e mortos a flechadas. Não foi pequena a minha surpresa quando, ao atravessarmos mais abaixo, a água

tranquila Antônio me explicou que aí devia ter estado, um ou dois dias antes, uma canoa. A espuma produzida pelo movimento dos remos conserva-se em forma de esteira sobre a corrente tranquila; por não haver ondas que dissipem as bôlhas do ar. Estas permanecem na superfície da água e são, pouco a pouco, levadas à margem pela ação do vento.

Continuamos a remar ativamente por duas horas. Falávamos muito pouco e em voz baixa; entrávamos em cada nova curva, rente à margem interna, espreitando cuidadosamente. Mas todos os indícios haviam terminado. De ambos os lados se elevava uma floresta alta e silenciosa, o rio resplandecia à luz do sol, por grandes extensões não havia sinal de vida, e só raramente víamos voltejar uma borboleta amarela. Pouco antes do meio dia o leito do rio alargou-se formando uma baía bastante ampla; não se podia bem reconhecer si se tratava duma laguna ou duma ilha que obrigava o rio a dividir-se em duas partes; remamos para a praia, e os meus dois companheiros atravessaram o mato que nos separava da laguna, afim de aí examinarem o curso das águas.

Eu estava sentado na ribeira, à espera dêles. Carlos já vinha voltando, quando, à distância dum tiro de espingarda, eu diviso uma canoa rio-abaixo. Nela está de pé um índio nú, remando apressadamente em direção da praia; aí ele esconde a embarcação atrás da carcassa duma árvore caída, e agacha-se cuidadosamente. Gritei com tôdas as forças dos meus pulmões “Bakairí, Bakairí, kúra Bakairí, áma Bakairí, úra Bakairí”, nós somos Bakairí, tu és Bakairí, eu sou Bakairí, os Bakairí são bons — grito, cheio de alegria e entusiasmo, procurando lembrar-me das várias fórmulas de saudação desta tribo. E eis que vem a resposta: “Bakairí, Bakairí, Bakairí. Seguem-se outras palavras que, infelizmente, não entendo; mas a voz forte tem uma expressão de inquietação e de desconfiança. O homem atrás da árvore agita vivamente os braços no ar, como se estivesse dançando como um canibal numa barraca: “Bakairí...” recomecei, e, nesse momento, felizmente, aparece Antônio, tão excitado que quase perde o fôlego. Êste por sua vez grita rio-abaixo uma longa proclamação que eu também não compreendo, mas que provocara no herói entrincheirado exclamações de júbilo, aclarando-se a situação como por encanto.

A canoa — uma bela e longa canoa de cortiça seca — dirigiu-se diretamente para a nossa miserável embarcação torta, barrada com cera, consertada com barro, lavada interiormente com água suja; — francamente, parecia que éramos nós que entrávamos numa zona de maior cultura, embora o nobre barqueiro usasse somente uma corda em torno da cintura, e embora ele trouxesse consigo, dentro da canoa, apenas um arco com as respectivas flexas, bem tra-

balhadas e enfeitadas com penas, ao lado duma cabaça cheia de mel. Havia contudo um visível contraste entre aquela figura elegante e asseada que vinha deslizando ao nosso encontro, e nós emissários da civilização, esfarrapados ao lado da cortiça encharcada e podre, que nos servia de embarcação. Assim mesmo, o recém-chegado mostrava visivelmente pela expressão de seu rosto, que êle também nos admirava.

E não se portou como um índio taciturno e melancólico cuja alma, (como eu julgava, baseando-me no que aprendera na escola), refletisse o ambiente monótono e deprimente das florestas tropicais. Ria e conversava com Antônio, seu irmão de tribu, como si se tivesse criado numa região próspera da zona temperada. Em poucos minutos ficamos bons amigos. Disse-nos, após muita insistência da nossa parte, hesitante e contrariando os costumes da sua tribu chamar-se Tumayaua e que era o cacique duma aldeia de Bakairí, situada há poucas horas de distância.

Tratava-se, pois, realmente dos Bakairí! Realizavam-se as nossas esperanças, iniciávamos as nossas pesquisas com uma tribu que sabíamos de boa índole; o nosso êxito estava quase garantido. Tumayaua ficára muito admirado — como agora me contava Antônio — com a minha saudação; respondera que êle era Bakairí, mas que nós não o éramos. O bom índio nos ofereceu gentilmente a sua canoa e seguiu na nossa frente dentro da velha carcassa de cortiça. Remávamos ativamente entretendo uma conversa animadíssima.

Os Bakairí do Batoví eram amigos e parentes de Tumayaua. A respeito da primeira aldeia que visitáramos em 1884, contou-nos novidades interessantes. Aquêlê índio velho, que naquela ocasião apelidáramos de "Professor", estava com alguns companheiros a caminho do Paranatinga. Pretendiam fazer uma visita a Antônio e aos seus irmãos de tribu. Pauhaga, o primeiro Bakairí; que tínhamos saúdo na viagem anterior, morava atualmente na aldeia de Tumayaua, e por um estranho acaso, iríamos pois encontrá-lo na primeira aldeia do Kulisehu. Estaríamos, porém, realmente no Kulisehu? Sim, o rio se chamava Kulisehu, Kulisêu ou Kulihêu, pois os Bakairí costumam trocar o *h* pelo *s*, e segundo nos parecia, tôdas as tribus que procurávamos habitavam as suas margens.

Mas encontramos cachoeiras, que interrompiam a nossa conversa. Partíramos às 12 horas; depois de meia hora chegamos a uma cachoeira baixa e rochosa, com 60 metros de comprimento, de difícil travessia. Pouco depois da 1 hora deparamos com a quarta nesse dia, onde fomos obrigados a desembarcar. Isto nos

causou meia hora de atraso. Às 2 3/4 chegamos à quinta e última, que se precipitava, fragorosamente, contra as rochas. Nesse ponto, porém, o índio negou-se a continuar na nossa miserável canoa, que já estava alagada de água. Recebemo-lo como quarto passageiro e abandonamos a carcassa à sua sorte. Tumayaua, viera, na verdade, em boa hora, ao nosso encontro; era muito pouco provável que nós três conseguíssemos chegar à aldeia indígena com a nossa bagagem, sem conhecimento algum do caminho, e uma pobre e frágil embarcação, que nem comportava mais uma pessoa. Tínhamos a certeza pelo menos, de que não teríamos alcançado o nosso objetivo naquele dia. Às 3 1/4 desembarcamos na margem esquerda; estávamos no “pôrto”.

É difícil dizer-se quem estava mais satisfeito, se nós, ou se Tumayaua que desapareceu, correndo rapidamente, para nos anunciar aos seus companheiros. Caminhamos um atrás do outro pelo atalho estreito através do terreno aclarado por uma queimada. Em poucos minutos entramos na mata, ouvimos um vozerio ensurdecedor, e após uns cem passos, depois de termos atravessado, sobre um tronco de árvore que servia de ponte, e um riacho cristalino, divisamos três ranchos em forma de colmeia entre os quais havia um pátio livre. Aí esperava-nos um ajuntamento de homens pardos e nus em cujo centro Tumayaua gesticulava vivamente; na retaguarda viam-se mulheres e crianças. Todos formavam um grupo cerrado, meio acanhados, meio contentes, mas em todo caso extremamente estupefatos. Os homens vieram ao nosso encontro, estendendo a mão direita para o alto, e “dizendo “áma” — “tu”, “isto és tu”, ou “áma kxaráiba” — “tu, o caraíba”.

Não êles, e sim nós somos, na opinião dêles, os “caraíbas”. E eu que entre nós me refiro a êles como da tribo caraíba dos Bakairí, era aí o “pima Kxaráiba, o chefe dos caraíbas”.

CAPÍTULO V

IDÍLIO BAKAIRÍ

Informações sôbre o Kulisehu e o *Kuluëne*. Antônio e Carlos voltam para Independência. Uma parte do mundo na qual não se ri. Disposição da Aldeia. Apresentação das pessoas. Minha casa das flautas. Na casa de Paleko. A alimentação. Cozimento de feijão e *canções para danças*. Aparência externa dos índios. *A nudez e o sentimento do pudor*. *A Alimentação e o sentimento do pudor*. *Reuniões de fumantes*. *Pantomima*: viagem fluvial, jornadas, tribus, trabalhos com machados de pedra. Imitação do balido das ovelhas e do ladrar dos cães para transmitir aos índios uma noção dêsses animais. Plantio do fumo. Pesca na lagoa. Construção duma canoa

Já na primeira noite pude formar um juízo bastante exato dos habitantes do Kulisehu, que iríamos, talvez, encontrar. Havia três aldeias de Bakairí. Informaram-me que a estas seguiam-se: uma aldeia dos "Nahuquá", duas dos "Minakú", uma dos "Auití", uma dos "Yaulapihü", e, no "Kuluëne", uma aldeia dos "Trumai". Disseram-me que, entre o Kulisehu e o Tamitoala-Batoví, ainda moravam os "Kamayulá" e os "Waurá". Não pude saber ao certo qual o significado de "Kuluëne", nome dum rio, que eu ora ouvia pela primeira vez. Só aos poucos compreendí que se tratava do rio principal situado a leste e que era maior que o Kulisehu, seu afluente. O rio que em 1884 ví-

ramos, em Xingú-Koblens correr do sudoeste, não era, por conseguinte, propriamente o “Kulisehu”, como então julgáramos, e até agora acreditávamos. Era o Kulisehu unido ao Kuluëne: o Xingú, mesmo abaixo da grande bifurcação, conservava o nome de Kuluëne, de maneira que os Suyá, p. ex., moravam no Kuluëne. Si se adotasse a nomenclatura dos aborígenes, dever-se-ia empregar o nome de “Kuluëne” em vez de “Xingú”, e dizer, então, que o Kuluëne recebe primeiro o Kulisehu e depois, em Koblenz, o Ronuro com o Tamitotoala-Batoví.

Foi difícil conseguir essas informações dos Bakairí; desenhavam na areia, gesticulavam muito, e, quando uma parte da explicação não tinha sido bem compreendida, recomeçavam de novo os seus desenhos e micagens. Por ora eu sabia o suficiente; as diferentes tribus ficavam próximas umas das outras, havendo, entre elas, no máximo, uma distância de três dias de viagem. Deram-me também uma notícia triste, que, confesso, me encheu de mágua, amargurando a recordação da primeira expedição que, até então, me fôra tão agradável. Quando, naquela ocasião, perto de Koblenz os Trumaí haviam, assustados, fugido de nós, e os nossos soldados os perseguiram para reaverem alguns objetos levados por eles, fôra morto, como agora me relataram, um Trumaí, atingido por tiros estupidamente descarregados pelos nossos camaradas, a-pesar-da informação dêstes de terem atirado para o alto. Não havia, pois, muita probabilidade de sermos bem recebidos aí.

No dia seguinte, 11 de setembro de 1887, enviei Antônio e Carlos à Independência, para que aí contassem as novidades. Troquei um facão por uma das duas canoas que os Bakairí possuíam. Eu mesmo queria ficar aquí, mandar construir uma canoa nova e aproveitar o ensejo, raro e precioso para os meus estudos, de permanecer, sozinho, entre êsses selvícolas. Soube que na segunda aldeia de Bakairí, situada rio-abaixo, havia três canoas, das quais, talvez, pudéssemos obter duas. Enquanto se construía, no acampamento principal, um rancho adequado para os que aí iriam permanecer, eu devia seguir até à segunda aldeia Bakairí, acompanhado por uma ou duas pessoas que Antônio e José iam buscar; então poderíamos completar o nosso número de canoas e, caso favorável, voltarmos com quatro embarcações para Independência, afim de iniciarmos, finalmente, a viagem fluvial propriamente dita. Para economizarem tempo, Antônio e Carlos também deviam deixar a sua canoa na primeira das grandes cachoeiras, continuando o seu caminho por terra. Assim, com as informações obtidas pelos camaradas, em Independência, faríamos um reco-



Mulheres Bakairí

nhecimento completo do terreno e saberíamos também se haveria conveniência em deslocar o acampamento principal para mais perto da primeira aldeia de Bakairí.

Depois de eu ter acompanhado os meus dois destemidos companheiros ao “pôrto”, e êstes terem desaparecido na primeira volta do rio, regressei para junto dos meus amigos. Sentí-me logo tão bem entre êles, que não hesito em considerar êsses dias como os melhores que jamais viví. Vou tentar descrevê-los, com fidelidade, em poucas palavras. Tenho, desta forma, ensêjo de mencionar vários traços interessantes dêste valente agrupamento de índios, traços que, se não podem figurar num relatório puramente científico, não deixam de ter algum valor, porque nos apresentam os índios de maneira um tanto diferente daquela com que costumamos imaginá-los. Com a vinda dos outros companheiros da expedição o comportamento dêstes selvícolas sofreu sensível modificação. Não conservaram a naturalidade com que se houveram, quando eu estava entre êles como único estranho, e a sua atitude se parecia mais com aquela com que costumam apresentá-los nos livros. Quero aquí tomar a defesa dos meus queridos Bakairí e protestar contra as apreciações a respeito dos seus predicados, emitidas por Oscar Peschel (*Abhandlungen zur Erd — und Völkerkunde*, Leipzig 1877, Vol. I, p. 421): “Não há lugar do mundo em que, antes de 1492, se ouvisse tão pouco riso alegre, como na América. O assim chamado homem vermelho é o mesmo em tôdas as latitudes, é em tôda a parte sombrio, taciturno e retraído, esforçando-se por manter uma certa atitude cheia de dignidade”.

Os Bakairí não confirmaram de forma alguma estas apreciações. Eram alegres, loquazes e confiantes, como pude notar no trato que tinham entre si, e como se mantiveram para comigo, enquanto viví entre êles, como único estranho. Não deixarei de apresentar exemplos que comprovem estas asserções; nessa aldeia ri e ouví rir quase tanto como à sombra dos coqueiros de Samoa e de Tonga. Não há dúvida que o temperamento é menos vivo e que tôda a concepção da vida é menos alegre dentre os filhos do Mar do Sul, que as meninas não dançam ao luar e que os homens não cantam durante as suas viagens de canoa. Nêles facilmente surgem o receio e a desconfiança. Mas tudo isso fica muito aquém da melancolia e do retraimento que, segundo as aparências e descrições, são atribuídas ao índio em geral (do mesmo modo como o cabelo liso e negro e os olhos mongólicos), como se entre os estreitos de Bering e de Magalhães existisse uma única família.

A “aldeia” era muito pequena. Compunha-se de duas grandes casas redondas, das quais cada uma servia de moradia a várias famílias, e de outra menor, desocupada, de forma alongada e quase em ruínas. Esta última passou a ser a minha residência. Por entre as casas estendia-se a “taséra”; viam-se aí alguns cavaletes sobre os quais era secada a farinha branca de mandioca espalhada sobre esteiras; no centro havia, servindo de banco, uma viga fina e longa, e nos bordos cresciam alguns algodoeiros, alguns urucueiros (*Bixa Orellana*) e alguns pés de mamona. Haviam sido plantadas numerosas árvores frutíferas ao redor: palmeiras bacaiúva (*Acrocomia*), mangabeiras (*Hanconia speciosa*), fruta de lobo (*Solanum lycocarpum*) e uma espécie de alameda de vistosos piquís (*Caryocar butyrosomum*). A leste, um caminho, que passava sobre o riacho próximo e levava ao “pôrto”; ao nordeste, um atalho bastante largo conduzia através do sapé alto, com o qual se cobrem as casas ou ocas; ao sul havia um caminho que levava à plantação de mandioca. Esta pequena aldeia indígena ficava escondida entre o alto mato que a cercava.

A povoação se compunha de 9 homens, 7 mulheres e 5 crianças. Os nomes dos homens eram: Tumayaua, o cacique e nosso guia, cujo dever principal era cuidar da plantação (prancha 6); Paleko, seu pai, um homem idoso e simpático, com quem travei grande amizade e que passava os seus dias a trançar cestas e nassas; Alakuai, o engenhoso carpinteiro e fabricante de canoas; Awia, o pintor; Yapü, o gorducho; Kalawaku, o modesto; e os moços Kulekule, Luchu (prancha 6) e Pauhaga. Após alguns dias apareceram ainda vários visitantes da segunda aldeia, entre os quais havia um que perdera os pais em tenra idade e que, por isso, não tinha nome.

Não foi possível saber os nomes das mulheres: “pekóto úra”, “eu sou uma mulher”, era a resposta uniforme. Precisei pois, dar-lhes um apelido para distinguí-las. Havia, como sempre, uma velha que falava muito e que com o seu corpo magro e enrugado não era lá muito bonita. Era a feiticeira da tribo (Stammhexe”) e espôsa de Paleko (v. prancha 5 à esquerda). Depois a sua neta Eva, filha de Tumayaua, mãe de duas crianças e jovem espôsa de Kulekule. Êste era de forte compleição física e desenvolvida musculatura, podendo se orgulhar da sua bela côr de barro amarelo-avermelhado. Antes que eu lhe soubesse o nome julguei-o digno de ser o Adão dêste pequeno paraíso.

Eva tinha uma fisionomia européia bem desenhada, lábios cheios, faces ligeiramente coradas, emolduradas por um espesso cabelo ondulado. Possuía —fato notável— os olhos mais lindos

que eu jamais vira no Brasil, olhos grandes, cujo olhar não tinha nada de vaidade e malícia, mas onde brilhava contudo, delicada e ingenuamente, aquela centelha de sensualismo e volúpia, origem e causa do eterno pecado. Com o seu corpo jamais deformado por veste ou espartilho, tinha realmente a aparência duma jovem mãe Eva. Coçava, porém, freqüentemente a cabeça, e se o fazia, às vezes, por acanhamento, geralmente se coçava molestada pelos piolhos.

A amiga de Eva, que tinha os seus 12 anos de idade, a “minha prometida”, costumava catá-los e comê-los. Tudo que havia de bom na aldeia, era para ela. Muitas pérolas falsas, que eu havia dado às outras, vi, mais tarde, enfeitando o seu colo. Era a filha e herdeira do cacique falecido. Seu tio Tumayaua era somente o chefe interino, e se eu tivesse aceito a proposta bem intencionada de Paleko, ter-me-ia casado com a sobrinha de Tumayaua e este seria obrigado a me transmitir o govêrno. Está fora de dúvida que, abstraindo do ótimo casamento que não me teria dado despesas de toilete, a não ser um cordel com pérolas de vidro, e um pedaço de cortiço do tamanho duma pequena orelha humana, eu não poderia ter encontrado ocasião mais propícia para conhecer a etnologia do Kulisehu. Poucas vezes cheguei a ver as outras mulheres, com exceção da “Egípcia” mulher ambiciosa, com perfil egípcio e olhos amendoados, que também viera da segunda aldeia (prancha 5 a segunda da direita).

Nos dois primeiros dias conservei-me prudentemente retraído, afim de não assustar aquela gente; notei também que um dos homens quase sempre tinha a incumbência de me fazer companhia, de modo que havia uma espécie de plantão; quando, na primeira noite, depois da despedida eu ainda queria, antes de me deitar, trabalhar um pouco, à luz da vela, escrevendo o meu diário, apareceu à porta o velho Paleko, pedindo-me cortês e insistentemente que me deitasse e apagasse a luz. A minha discreção surtiu efeito; não tardou que me dessem entrada nas duas casas grandes. Numa os moradores principais eram Paleko e a minha prometida; na outra, Tumayaua e a sua filha. Levavam-me quando saíam para a pesca, quando iam lançar à água uma canoa nova e também em outras ocasiões, e tudo teria corrido às mil maravilhas, se a alimentação, oferecida com boa vontade e gentileza não fôsse insuficiente, chegando eu a sofrer uma fome crônica. Tive que procurar um remédio para este mal. Assim fumei o tanto quanto possível, ao passo que os índios se entregavam a este prazer, quase só — mas então de corpo e alma — quando tínhamos a nossa reunião de fumantes. Estas se realizavam, tôdas as noites, no pátio e constituíam as horas mais alegres do dia.

Na época das festas a minha oca servira de casa de danças, “kxato-éti” ou “casa das flautas”. Duas flautas de bambú, charamelas, dentro dum estôjo feito de fôlhas de burití, que estava pendurado na parede, constituíam os únicos restos do esplendor antigo. Mas, para mim, era melhor assim; pois às mulheres que entravam e saíam livremente nestas ruínas, era proibido pisar a casa das flautas dos homens. A casa media 7 passos de largura e 9 1/2 de comprimento; os postes principais, que serviam de suporte central ao telhado, ficavam a 2 1/2 passos um doutro e tinham uma altura de 4 1/2 metros. Em cima, no telhado de palha, havia uma abertura de 1 metro de largura por 3 3/4 m. de comprimento. A um canto estavam algumas nassas; nada mais havia aí dentro a não ser os dois postes, num dos quais eu tinha amarrado a minha rêde, que se estendia até à parede. Além da minha guarda de honra, acompanhava-me um japú (*Cassicus*) que se me afigurava como um verde “Hans Huckebein” tropical; só lhe era permitido ficar lá no alto sôbre as vigas da trapeira, e, quando descia de repente, pulando por entre nós como um animal enfurecido, era logo enxotado novamente para o seu pôsto de observação, donde nos olhava com curiosidade, a cabeça pendida e o bico aberto. De vêz em quando aparecia um dos ratinhos que são especialmente ativos à noite; se não escapava a tempo, era morto pela flecha de criança e levado às mulheres para que o fritassem. Como hóspedes habituais apareciam grandes abelhas listadas de preto e branco, que se deixavam agarrar sossegadamente. Algumas vêzes apanhava-se uma ou outra borboleta. Era intenso o zunido que enchia o meu casebre, que durante as horas quentes do dia me dava impressão de estar numa colmeia.

E foi numa hora dessas que, no terceiro dia, fugindo das abelhas e das môscas, entrei pela primeira vêz na casa grande de Paleko. O ambiente era agradável e convidativo, sem a tal bicharia incômoda. Só as formigas passavam, vindo do pilão de mandioca, carregadas de grãos de farinha. Os homens balançavam-se nas suas rêdes — sua ocupação principal, quando estão em casa, — e depois de me ter sentado, çerimoniosamente, no banquinho de honra da altura duma caixa de charutos e onde fiquei algum tempo, seguí o exemplo dêles.

Tinha-se a impressão de estar numa colmeia enorme, felizmente sem abelhas. A forma era quase circular; o diâmetro era de 15 metros; dois postes enormes, com 9 metros de altura e 3 1/2 m. equidistantes um doutro, suportavam, no centro, a enorme cúpula de palha, cujo madeiramento era formado por anéis horizontais de bambú, e por traves colocadas perpendicular-

mente sôbre êstes, em direção à abertura central. A cúpula estava enegrecida pela fumaça e brilhava como alcatrão. A parede, sôbre a qual ela repousava era constituída por um anel formado de postes de 1 1/2 metros de altura e só era interrompida por duas entradas opostas, muito baixas para mim. Da parede para o centro estendiam-se, na direção dos raios, as rêdes que, tendo as extremidades fixas em postes bem resistentes, dividiam o espaço exterior em uma porção de compartimentos abertos. O grande espaço central que ficava em tórno dos postes principais e em cima do qual havia a abertura, era reservado à cozinha e ao armazenamento de cestas para provisões, postes, assadeiras de barro para beijús, peneiras, rêdes, canastras, pilões e cuias. Nos postes principais havia varas, amarradas a êstes com cipós, e nos quais estavam penduradas também cuias e maços de fumo; duma trave transversal pendiam grandes aves com pernas e caudas trançadas de palha, de aparência muito misteriosa, mas cuja única finalidade era de guardarem, de maneira agradável à vista, as espigas de milho de que se constituíam o seu interior e as suas asas. O solo era revestido dum material duríssimo, feito com farinha branca de mandioca; os pilões e as mãos de pilão estavam brancas pela farinha, ao passo que os potes estavam enegrecidos pela fumaça. Acima das portas viam-se penduradas cestas com cabacas, nassas, rêdes para pescar; na parede dos "compartimentos", arcos, machados de pedra, flechas com penas multicores que se destacavam da palha da cúpula, grande quantidade de cestinhas, cabacas para beber e objetos menores; no solo encontravam-se esferas brancas de barro, pedaços de lenha, abanos para animar o fogo e as cinzas de pequena fogueira que, durante a noite, cada qual mantém acesa debaixo da sua rêde. Em cada rêde estava pendurado um penacho multicolor e o pente; aquí e acolá divisava-se uma pirâmide de varinhas com a grêlha; havia também, penduradas, algumas das varas que servem para se obter fogo por fricção, acompanhadas dum pacotinho da cortiça que serve de isca.

Em suma: uma residência de família em completo funcionamento, exatamente com tanta ordem quanto requer a comodidade. Tudo estava agradavelmente arranjado, tudo pendurado, bem disposto, tapado; não havia pregos de ferro, nem parafusos, mas só cordéis e objetos trançados; tudo fôra trabalhado com machados de pedra, dentes de animais, e conchas. Impressão do conjunto: paredes pardas, rêdes pardas, homens pardos; havia tôdas as nuanças do pardo, formando um conjunto harmonioso, bem à maneira de Knaus. Raios de sol penetravam pelas frestas da cúpula de palha; diante da porta terminava bruscamente a

claridade, e no beco, que ligava as duas portas, reinava penumbra; pela abertura entreaberta do telhado penetravam alguns círculos luminosos que se desenhavam no chão, e na fumaça que pairava no ar dançava uma poeira fina, fracamente iluminada pelo sol.

Aquêles índios taciturnos, tanto os homens como as mulheres, conversavam sem parar, e o riso encantador de Eva ecoava alegremente. As mulheres estavam tôdas trabalhando. Uma, raspava uma casca avermelhada que, cozida, fornece uma bebida de poderes curativos; outra socava mandioca, no pilão. De vez em quando levavam a um dos homens que se balançavam na rêde, um gole de püserego. Lindo quadro êste ao lado da fogueira alegre, cujas chamas lambiam o pote enorme: a mulher nua de cabelo comprido, recolhendo num pequeno pote a espuma do püserego, que fervia como leite, e derramando-a novamente na panela com um movimento rápido do braço. Outros aprcximaram-se do fogo e entre êles o humilde autor dêste livro, experimentando a bebida e lambendo os dedos. A minha prometida também era muito graciosa, o seu “cabelo mongólico, negro como azeviche” tinha uma tonalidade de pardo desmaiado; estava acorada diante de três periquitinhos verdes, que gritavam impacientemente, e aos quais ela dava comida dum pequeno pote. Em seguida também se lembrou de mim: trouxe-me um beijú fresquinho e amarelho como ouro, colocou-o diante de mim, e não se esqueceu de dizer que era feito por suas próprias mãozinhas.

O gorducho do Yapü adormecera. Também fui tomado duma agradável scnolência com aquela monotonia da vida doméstica; não pude resistir ao convite amável de fazer uma sesta, deitando-me na maior das rêdes, como um peixinho dentro de malhas.

Eu dormira profundamente. O quadro estava mudado. As mulheres, sentadas fora, no páteo, uma atrás da outra, formavam uma fila de cinco; catavam piolhos ativamente. Quando uma delas conseguia apanhar um dêsses bichinhos, colocava-o na ponta da língua e engulia o petisco, ou entregava-o à sua dona que o recebia com a mão direita estendida para trás, por cima do ombro. Os homens observavam atentamente as andorinhas “iri”; Luchu lhes atirou algumas flechas, sem, contudo, acertar, e quando algumas lutavam no ar por causa duma prêsa, todos se interessavam pela briga, e o bom e velho Paleko fazia observações explicativas. Em tôda parte o “dolce far niente”. Só as formigas não descansavam; passavam sobrecarregadas, conduzindo pedacinhos de palha e carvãozinhos de lenha.

A casa de Tumayaua era um pouco menor; aí as crianças de Eva punham a cabeça para fora das suas redezinhas, mas o quadro geral era idêntico.

As condições de moradia agradavam-me mais do que a alimentação. Esta era muito escassa. A não ser dois ratos mortos por flechadas, não me deram carne alguma, durante toda a minha permanência na aldeia. Peixe, ofereciam-me tão raramente e em porções tão diminutas, como si se tratasse dum dos alimentos mais preciosos. Uma vez deram-me um pequeno pote com bichos, do comprimento do dedo mindinho, dentro dum caldo sem sal e acompanhados dum pedaço de sabugo de milho que devia servir de colher. Ofereceram-me, duas vezes, um pedaço de peixe assado que não chegava ao tamanho de uma mão, servido sobre um beijú empregado como pratinho; outra vez deram-me um pedaço de enguia elétrica, muito gordo, mas saboroso, com a pele parecida com a duma enguia defumada. Permitiram-me também uma vez molhar os beijús em óleo de peixe, o que, também para os Bakairí, não teria sido uma guloseima especial, se, em criança, tivessem sido obrigados a tomar óleo de fígado de bacalhau. Não encontro no meu diário nenhuma nota referente a outra refeição — mas, em troca, a minha prometida que estava acocorada no chão, repartiu comigo, no primeiro dia, grãos tostados de milho. Dava-me também, às vezes, algumas mangabas, e, numa ocasião em que lhe perguntava vocábulos, Eva me ofereceu formigas, um pulgão do palmito, que ainda tinha a metade duma perna, e uma larva bem gorda — coisas que em sua totalidade eram classificadas como “iwakulukulu”, o superlativo de tudo que é bom e belo. Não havia falta de beijús e de bebidas. Mas o püserego, bebida dos dias de festa, só chegou para dois dias. Êste líquido cinzento-esverdeado parecia água de sabão quente com bôlhas de espuma; mas, com um gosto doce, delicado e agradável. A qualidade dos beijús variava muito conforme a farinha; êstes eram geralmente esmigalhados dentro d’água e bebidos.

Mas os meus gentís amigos gostaram imenso do feijão e do pouco sal que eu tinha comigo, e pediram-me insistentemente que eu lhes desse mais. O preparo do feijão oferecia dificuldade, Paleko e eu resolvemos cozinhá-lo, coisa que tanto êle como eu fazíamos pela primeira vez na vida. Êle arranjou a lenha e eu acendi o fogo; pusemos a panela com feijão sobre três pedras esperando que êle cozinhasse. Enquanto isto Paleko cantava, trançando a sua cesta e batendo, de mansinho, o compasso com um pé; eu me esforçava por reter as palavras num papel, e lia-as acompanhando o seu canto o mais fielmente possível. Infelizmente não compreendo a letra e menos ainda as notas, de modo que só me lembro de que

o ritmo era bastante marcado e nítido e que, quando o velho cantava sozinho, tinha-se a impressão de ouvir um grupo todo a sapatear e a dançar em círculo.

kuyé kuyé kutapayó kuyé — kutapayó hohóhohohú yalíwayá-hahú ohuhú uhó — ohóhóho huhohohú ohóohóchú.

énu hitenó kuyé — kutápayó yekútapá yekútapá ohó. Este verso contém alguma coisa de olhos; um outro, semelhante, com *kámi hitenó* etc., fala do sol (3).

yáwalí, yáwalí i i ii pekóto, yáwalí ii ii éh hé hé yáwalílarwí.

yáwalí narwí ehé, yáwalí narwí ehé, yáwalí narwí ehé, yáwalí eh he hé, yáwalí he he hé.

yáwalí narwí ehé, yáwalí narwí ehé, yáwalí narwí ehé, yáwalí narwí ehé-yä.

Havia uma outra canção, semelhante à do *yáwalí*, com intermináveis repetições: *wakútuyéh, wakútuyéh* cinco vezes, *wakú wakútuyeh* etc. in infinitum. Além disso, Paleko sabia também uma canção dos Nahuquá que se referia ao belo sexo, *táu* mulher; *yámikú hezé hezémitáu — yámikú erehezé mezé mitáu.*

A-pesar-das animadas canções de marcha, o feijão não queria ferver; somente algumas pequenas bôlhas boiavam à tona, e após duas horas as nossas leguminosas estavam ainda cruas e apenas ligeiramente mornas. Só mais tarde, quando a minha prometida resolveu dedicar-lhes alguma atenção, êstes começaram a ferver. Também ela cantava "*kuyáuhu kuyáuhú* (ditongo *au*), fazendo-o em voz baixa e seguindo de certo modo a melodia do "*Wir hatten gebauet ein stattliches Haus*": *kuyáuhu kuyáuhuhú — kirúhayé kiruhayé* (quatro vezes) — *huyáuhu kuyáu.*

Em voz baixa e bastante surda, com um ritmo lento e solene, decansando prolongadamente, no *au*.

A canção principal que depois muitas vezes cantámos em conjunto, era a seguinte: *yawí yawí nakú — noví ritó hahé — ohó hohú, niké weké niké, niké weké niké, notú aríte nóhuhé, ohóhuhó hahú, niké weké niké, notú aríte ohohu, ohóhuhó, etc.*

Em voz abafada e surda, mas sempre mais depressa acompanhando o compasso com os pés, e com uma acentuação brusca o *ohohu* ... é repetido até se perder quase o fôlego; depois descansa-se no solene: *nó tú há — notú aríte nóhuhé nuhá hahú — notú aríte nóhuhé nuhá hahú nó tú há, nó tú há — óho hú.*

(3) — *káme* sol, vocábulo Nu-Aruak. O *yawalí* de que fala o verso seguinte, é o nome dado ao dardo e à dança do dardo nas tribus Tupí do Kulisehu. Sem dúvida os textos só são parcialmente Bakairí.



Luchu (de frente)



Bakairí

Tumayaua

Quase não se pode imaginar contraste maior do que aquêle que há entre uma animada canção de taverna, como a cantam os estudantes, e aquelas canções surdas. Estas últimas não tinham por assim dizer nada de canto, pois pareciam servir só para acompanhar, com sons surdos, a dança-marcha dos pés. Eu naturalmente também cantava, embora assim me expusesse ao perigo de não dar àquella gente uma noção exata da nossa música. E' porque eu só disponho de "melodias próprias". Não posso negar que fiz algum sucesso. Mas a nossa melodia desconhecida, com sons cheios e puros, desconcertou-os um pouco. Os sons naturais, como o "rudirallala", agradavam extraordinariamente, ao meu amigo Paleko; esforçava-se tenazmente para aprendê-los, e ria-se a não poder mais, quando não me podia acompanhar com a necessária rapidez.

Sentimento de pudor. — Quero evitar nesta parte da narrativa a descrição pormenorizada das vestes e dos ornamentos. Limiteme a observar, no que diz respeito ao aspecto exterior, que os representantes de ambos os sexos andavam nus; que as mulheres, como se vê na prancha 5, usavam o "ulúri", um pedacinho de cortiça amarelo-parda, dobrado em triângulo e provido de cordéis, trazendo em torno do pescoço um cordão com pedacinhos de concha, de cálamo, ou sementezinhas. Os homens usavam sempre, em torno da cintura, uma corda com ou sem os tais enfeites, trazendo muitas vezes, no braço, abaixo do joelho ou acima da articulação dum pé, faixas de cortiça ou de algodão. Um ou outro enfiava também uma pena na orelha perfurada; mas não se deve pensar que o índio usa sempre os seus adornos de festa, como o vemos representado nos anúncios das tabacarias.

Desejo, porém, dizer algo sobre a impressão geral que a "nudez" causa ao desprevenido visitante. Depois dum quarto de hora não se nota mais essa nudez tão maliciada, e quando, mais tarde, a gente se lembra dela propositalmente, pergunta-se a si mesmo, se êstes índios, pai, mãe e filhos, que andam assim com tanta naturalidade, devem pela sua falta de pudor, ser condenados ou merecer a nossa compaixão. Do ponto de vista estético esta falta de roupas tinha os seus inconvenientes; a juventude e o vigor manifestam-se, muitas vezes, com enlevo e graça pelo desembaraço dos movimentos, ao passo que a velhice e a doença, frequentemente, incutem horror pela sua decadência. Aquela boa gente estranhava tanto as nossas roupas quanto nós estranhávamos a sua nudez. Homens e mulheres acompanhavam-me, quando eu ia tomar banho, e eu devia permitir que tôdas as minhas vestes fôsem minuciosamente examinadas. Não podiam de forma alguma compreender como a sua curiosidade me era desagradável em virtude da edu-

cação que tive. Contemplavam extasiados a minha tatuagem polinésia, sobretudo um *Kiwé* azul da Nova-Zelandia, mas mostraram para satisfação minha, uma indisfarçável desilusão pelo fato de eu não trazer ocultos milagres ainda maiores debaixo dum acondicionamento tão cuidadoso e estranho.

Também êles usavam alguma indumentária por ocasião das mascaradas e das danças: fátos trançados de folha de palmeira, cujo nome é *éti* = casa, e assim honraram a minha camisa com o nome pomposo de “casa das costas”; eu tinha uma “casa da cabeça” e uma “casa das pernas”. Como as mulheres não dançavam aos homens só era permitido o uso dêsses trajes no interior de sua casa das flautas, certamente não foi tão descabida a pergunta de Eva, se “*karáiba pekóto*”, as mulheres dos caraíbas, também usavam vestidos, “casas”. — Quão rapidamente nos podemos habituar à nudez dos que nos cercam, invadindo mesmo as regiões do inconciente, ressalta claramente num sonho que tive na noite de 15 a 16 de dezembro e também na seguinte. Ví-me transportado para a minha pátria encontrando aí todos os conhecidos, tão nus como os Bakairí; durante o sonho eu mesmo fiquei admirado com isso, mas a minha vizinha de mesa, num banquete no qual tomei parte, uma dama respeitabilíssima, tranqüilizou-me logo, dizendo: “pois agora todos andam assim”.

Não compreendiam a finalidade que nós atribuimos à indumentária; disso não se podia duvidar, quando se via com que ingenuidade vestiam as peças do meu terno, das quais, por alguns momentos, se apoderavam. E’ bastante compreensível isso, pois como poderiam saber alguma coisa sôbre as inclemências do nosso clima e a respeito do capítulo terceiro do primeiro livro de Moisés? Brincavam com as minhas roupas como crianças vaidosas. Luchu sentia-se feliz, quando eu lhe emprestava o meu poncho e passeava com êste e com o meu chapéu tão orgulhosamente como o faz, no largo da aldeia, o mais enfatuado janota.

Na descrição etnográfica das tribus do Kulisehu, terei de voltar para a questão da indumentária e do pudor; aquí posso só observar, de acôrdo com a verdade, que no convívio com essa gente não notei nada do nosso sentimento do pudor, mas dum outro, de natureza diferente, que nós absolutamente não conhecemos, e do qual passarei a tratar mais adiante.

As partes do corpo constituíam, no registro dos vocábulos, um assunto importante e fácil de ser estudado. Os Bakairí admiraram-se muito da minha curiosidade em querer saber tudo, mas, por outro lado, sentíam-se orgulhosos de possuírem uma língua tão rica, tendo uma denominação para cada parte do corpo. Ouvíam,

com grande alegria, as minhas perguntas, e não hesitavam em dar informações prontas, quando, segundo o nosso ponto de vista, deveriam ter sentido vergonha e quiçá respondido em latim ou em termos da linguagem infantil. Cheio de respeito — pois eu naturalmente via neste momento a nudez com os meus olhos de homem civilizado — aguardei um momento em que as mulheres deixaram o rancho, quando fui surpreendido por uma alegre voz de menina que, de fora, respondia, prontamente, à pergunta em questão. A minha cautela não tivera razão de ser. Era a cautela p. ex. dum árabe que se envergonharia de olhar o rosto descoberto duma européia, ou dum chinês que se sentiria acanhado, se por acaso, tivesse visto o pézinho dela sem meia. Está fora de dúvida que o assunto, que a nós se apresenta como chocante, divertia imensamente os Bakairí, tanto os homens como as mulheres. Se um puritano pedante que, a todo custo quer ver resguardado o pudor, como nós o compreendemos, como patrimônio inato da humanidade, pretendesse encarar esta grande hilariedade como uma expressão da canalhice duma tribo, moralmente degenerada, posso retrucar-lhe, unicamente, que o riso alegre desses índios não era nem deslavado, nem insolente e nem dava a impressão de servir para encobrir um embaraço moral. Tinha, porém, sem dúvida, uma tonalidade levemente erótica, apresentando — embora a causa ocasional e as circunstâncias fôssem inteiramente outras, por se tratar dum povo de genuínos selvícolas — forte semelhança com as risadas que se ouvem, de ambos os sexos, por ocasião das nossas reuniões familiares, jogos de prendas ou outros passatempos inocentes. Pois dessa mesma alegria natural nasceu como mais tarde veremos, um dos ornamentos mais frequentes da sua pintura, o *uluri* das mulheres, representado em numerosos objetos com a forma primitiva do triângulo.

Pedí-lhes que confeccionassem, para a minha coleção, um bom número de *uluris*. Isso causou grande hilaridade. E certa tarde dispuseram-se, alegremente, a “fazer vestidos”. Estávamos sentados atrás da casa de Tumayaua; uma velha assava beijús, deitando a farinha sobre os pratos, alisando-a, e atirando, com geito, o pãozinho assado sobre uma peneira; as crianças lambiam püserego e brincavam com bolas de palha de milho adornadas com plumas; quatro mulheres e jovens torciam os fios de fibras de palmeira, dobravam as “sainhas” de fôlha pardo-amarela, e forneciam-me, em grande quantidade, graciosos *uluris* de todos os tamanhos. A única coisa com que devo convir, é que uma mulher ficou desconcertada, olhando confusamente em torno de si, quando eu lhe pedi o *uluri* que ela trazia no corpo. Essa perplexidade, porém, não se relacionava, de modo algum, com um sentimento de pudor concernente

à nudez, mas o que aí havia de pudor, deve ser qualificado como pêjo fisiológico, cuja existência não nego. Quando, em seguida, me dirigí, simultâneamente, a várias mulheres, pedindo que me dessem os seus uluris, e chamando a atenção sôbre a coleção afim de evitar qualquer equívoco, atenderam “sem cerimônia” e riso-nhamente ao meu pedido.

Notei, em compensação, um pêjo pronunciado que se manifestava por ocasião de coisa bem diferente. Era durante as refeições. Foi-me dado observá-lo só nos homens, mas acredito que também nas mulheres devia existir êste sentimento, e ainda muito mais acentuado.

Na noite de 13 de setembro, no pátio, onde nós homens estávamos conversando perto do cavalete sôbre o qual secava a farinha de mandioca, Tumayaua ofereceu-me um pedaço de peixe. Satisfeito, quis consumi-lo imediatamente. Todos inclinaram a cabeça, abaixando os olhos com uma desagradável expressão de desaponto, ou dando-me as costas; Paleko apontou para o meu rancho. Estavam envergonhados. Admirado e confuso, entrei na casa das flautas para comer o peixe. Não tinha ainda terminado a refeição, quando surgiu Kulekule para pedir informações, mais detalhadas, sôbre o uso dum anzol com o qual eu o presenteára. Com um olhar que, sem dúvida, significava: “ah, o sr. ainda não terminou...”, êle se sentou no chão, calado, dando-me as costas e inclinando a cabeça, esperando até que eu tivesse acabado. Na noite seguinte deram-me novamente peixe, fora, no pátio; mas como já escurecera, comí, virando-me discretamente para as árvores cobertas pela escuridão. Não parecia, assim, cometer falta alguma.

Quando Paleko me trouxe o pote com os peixinhos, estávamos os dois, sòzinhos, na casa das flautas; êle me virou as costas e não disse palavra durante todo o tempo em que me preocupeí com as espinhas. Dei a Tumayaua uma parte do feijão que havíamos cozinhado; tomou a porção e foi até junto da sua casa, onde se sentou, comeu e, de vez em quando, mas sem virar a cabeça, tomou também parte na nossa conversa. Tinha, pois, se afastado propositalmente. No interior da casa, as mulheres comiam cada uma de per si, perto da fogueira; levavam a refeição aos homens, e cada um comia no seu lugar. Alakuai, p. ex., fazia-o cômodamente: deitado na rêde, estendia a mão para o pote que estava no chão, introduzia nêle os dedos e lambia-os, balançando-se. Mas ninguém tentou incomodar o outro, fazendo-lhe companhia. Ao comerem beijús, tinham, entretanto, mais liberdade, pelo menos diante de mim. Contudo vi, freqüentemente, à noite, os homens afastarem-se um a um, para comerem um pedaço. Ehrenreich observou mais tarde, costume se-

melhante no Araguaia, entre os Karajá. “Requer a etiqueta que cada um coma sòzinho, dando as costas ao outro. Quem não cumpre essa regra, deve sujeitar-se à censura dos companheiros”.

Entre os Bakairí esta etiqueta era, decididamente, mais severa; com certeza, pelo menos, nas suas relações para com o hóspede, pois, em vista da minha falta de educação perderam todo o seu bom humor. Assim, sem querer, pratiquei muitos atos em desacôrdo com os usos da terra: cantei em voz alta, perguntei aos homens e às mulheres pelo seu nome, recusei as delicadas larvas de escaravelhos e cometi outras faltas idênticas, difficilmente perdoáveis, mas nunca ví alguém se envergonhar por isso. Aquí porém, tratava-se de coisa mais grave que uma simples falta de civilidade: eu mostrara falta de educação. Quanto a isso não pode haver dúvida.

Se devemos concordar com Heine que todos nós estamos nus dentro das nossas roupas, e que só podemos atribuir ao nosso pudor uma relativa razão de ser, também o Bakairí não poderá se sentir ofendido em seus sentimentos mais nobres, se cada um realizar por si o ato de comer. Instintivamente nos lembramos dos animais que tomam a sua ração e se afastam com ela, evidentemente pelo receio que algum outro lha possa tirar. Acredito que os Bakairí não possuíam peixe e carne em abundância, devido a uma certa indolência e se contentavam a-pesar-de desejarem outros alimentos apenas com mandioca e milho. E estou convencido de que, se me tivesse demorado entre eles por mais uma semana, ter-me-ia retirado espontâneamente para qualquer canto, afim de aí consumir, às escondidas, algum bom bocado conseguido lícita ou ilícitamente. Penso que já naquele tempo lancei sôbre outrem os meus olhares famintos. Mas a origem do pudor, acima descrito, deve provir de tempos mais remotos.

O’ Deus do céu, como nós assim chamados homens civilizados, embora soubéssemos dominar os nossos sentimentos, controlávamos com avidez e inveja — quando as provisões da expedição se tornavam escassas — as porções que cada um recebia. Quando as provisões de açúcar e de rapadura diminuíram, fôra necessário repartir, individualmente, o resto, afim de que cada um pudesse econômica ou liberalmente, preparar o seu refresco no acampamento. E quando mais tarde, na Fazenda São Manuel, só encontramos pouca quantidade de rapadura, irritamo-nos sèriamente, ao descobrirmos que os soldados, com os quais havíamos repartido honestamente, haviam se apoderado, antecipadamente e às escondidas, duma porção de tijolinhos da mesma.

Os Bakairí viviam como uma única família e repartiam entre as diversas ocas o produto da pesca e da caça; em cada casa devia-se fazer uma nova distribuição entre as diferentes famílias. A época em que tinham aprendido a plantar mandioca e milho, fato que lhes assegurava uma provisão regular de alimentos, fôra o início duma nova era. Até então eles tinham vivido, como nós na expedição, da mão à boca; até então o costume de comerem, isoladamente, por amor ao sossego e à paz, constituíra, talvez, uma instituição prudente e útil. Esse costume, em vigor desde a juventude e transformado em hábito arraigado, também foi conservado ao passarem os índios para a vida sedentária em que predominava a agricultura. Agora, porém, perdera a sua razão de ser. Desenvolveu-se então o pudor de comer. Não havia mais um motivo lógico que o justificasse; não se examinavam mais as circunstâncias que o determinavam, porque cada hábito antigo existe por causa de si só e a ele se dá o nome de “sagrado” porquê passou completamente para o domínio do sentimento ou da moral. Sente-se vergonha, quando alguém desrespeita o preconceito, e sente-se tanto mais vergonha, quanto menos se poderia dizer em que consiste o mal praticado. Quem passou por uma certa evolução, quem olha o próprio fato em si, e não através dos preconceitos, que nunca correspondem à realidade, pergunta admirado: “por que não fica bem comer em conjunto? Por que, pergunta o Bakairí, não fica bem andar nu? Nós devemos saber que de baixo de nossas roupas permanecemos nus, e o Bakairí, que mesmo na mais numerosa companhia deve comer “sózinho”. Não se pode duvidar de que o nosso pudor quanto às relações entre os dois sexos remonta a uma época em que cada um ainda precisava tomar cuidado para que a sua mulher fôsse só sua e em que procurava resguardá-la contra os olhares ávidos dos companheiros da tribu. Assim nasceu o uso da indumentária que também, acredito, provém do gosto pelo enfeite ou de outras razões utilitárias. E então a indumentária tornou-se sagrada. Sem dúvida o paralelo é interessante. Imaginamos os índios nus, como uma sociedade indecente, e se nos transportássemos para a alma dum Bakairí, acharíamos vergonhoso ver reúnidos num banquete os europeus, horrivelmente indecentes. Mas dentro em pouco o Bakairí se habituaria a isso, e na noite seguinte sonharia com as regiões do Kulisehu, onde veria moços e velhos reúnidos ao redor dum gostoso assado de tapir, e onde ouviria, com estupefação, a explicação do cacique: “Nós agora comeremos sempre em conjunto”.

Reuniões de fumantes — Os meus amigos eram muito mais naturais, quando, à noite, depois do trabalho e das canseiras do dia, nós homens nos sentávamos na ocará, onde fumávamos. Era

difícil imaginar-se uma alegria mais despreocupada, ainda que, ou porquê — como quiserem — nessas reuniões não se bebesse nada. Com a mesma pontualidade com que, no “Stammtisch” (mesa de reunião habitual) aparece, munido de seu cachimbo comprido, a primeira das notabilidades da aldeia, o velho Paleko, de pernas duras, surgia trazendo nas mãos o feixe fusiforme de tabaco, um ramo com folhas para enrolar o fumo e uma acha de lenha; sentava-se, suspirando com satisfação, no tronco da árvore, que fazia as vezes de banco. Esta posição incômoda, sentado a três polegadas acima do solo, deixou-me em pouco tempo com as costas doloridas. Fui buscar no rancho o meu couro de boi. Alguns pedaços de lenha eram colocados, em forma de raios, junto com a acha em brasa, e soprava-se até que ardessem em pequenas fogueiras. Desconheciam o cachimbo de barro; fumavam charutos, ou melhor, cigarros com 25 cm. de comprimento. Seguravam a folha de enrolar, ainda verde, apenas alguns minutos sobre a fogueira; espalhava-se então um odor balsâmico pelo aposento. Muitas vezes o charuto se apagava; acendiam-no, novamente, com a brasa. Às vezes também se pedia fogo do charuto do vizinho; para isso, porém, entregava-se a este o próprio charuto que ele punha na boca para acender. A fumaça era tragada. Fumavam também o meu fumo preto e forte, e suportavam-no sem dificuldade, ainda que o deles fôsse fraco como palha.

Não se ouvia nenhum som que viesse das outras casas. As entradas estavam fechadas com o entrançado que servia de porta. Estariam as mulheres acordadas nas suas redes? As duas araras que durante o dia costumavam gritar do alto do madeiramento do telhado, dormiam numa palmeira meio seca. Não havia insetos que nos molestassem. Durante duas ou três horas permanecíamos sentados sob a abóbada celeste, cintilante de estrelas, cercados pela mata densa e escura. A menor nuvenzinha que surgisse no firmamento, era observada e submetida a uma discussão sobre o seu de-onde e para-onde. Si se fizesse ouvir, na mata, a voz de algum animal, todos emudeciam por um instante, esperando que ela se repetisse, e depois um cochichava no ouvido do outro: “um tapir”!, “um tatú-assú”! ou coisa semelhante, enquanto um deles imitava, meio mecânicamente e assobiando, a voz do animal. Também não faltavam ruídos involuntários. O engulir da saliva, os arrotos e os gases não sofriam restrição. *Bakairí sum, nihil humani a me alienum puto.* Mas no momento em que algum deles se portasse demasiadamente mal, todos os companheiros cuspiam, num movimento reflexo, rápida e violentamente para o lado, sem que contudo o incidente perturbasse a conversa. No caso de reincidência Tumayaua ou Paleko resmungavam qualquer coisa que parecia signi-

ficar: “ora essa, então não vê que temos um hóspede?”, e o mal educado sumia-se uns seis passos na sombra. Tudo era muito patriarcal.

Tratámos, detalhadamente, da geografia do Kulisehu, que era o assunto mais importante para mim. O rio era desenhado na areia, as tribus enumeradas e assinadas com grãos de milho. Dêste modo cheguei a compreender, aos poucos, a relação entre Kulisehu e o Kuluëne. Soube que o núcleo principal das tribus Nahuquá, das quais cada uma era designada por um nome especial, estava situada no Kuluëne. Distinguíam as tribus boas “kúra”, ou más “kurápa”. O critério era, principalmente — como eu soube, com grande admiração segundo o grau de hospitalidade das diferentes tribus: ser “kura” significava oferecer, generosamente, por ocasião da chegada, uma boa quantidade de beijús e de püserego, que são os bolinhos e a melhor bebida aglutinada de mandioca. Esta informação era dada em parte, no que dizia respeito aos Nahuquá e até certo ponto também aos Mehinakú, segundo experiência própria, e em parte segundo o que ouviam contar. O mesmo se dá com as informações tidas como as mais importantes das nossas viagens de férias: hotéis bons e hotéis ruins.

Mas quanta diferença não há entre um Baedeker impresso e esta gesticulação, esta onomatopéia, esta enumeração de estações tão minuciosamente apresentadas? Daquí até a segunda aldeia de Bakairí, um dia de viagem, da segunda para a terceira, dois dias, etc. — não, senhores, com tanta velocidade não se viajava nos bons tempos que eu passei por aquí. Primeiro a gente se senta na canoa, “pépi”, e rema-se, rema-se “pépi, pépi, pépi” — rema-se com remos duplos que são mergulhados à direita e à esquerda; chega-se a uma cachoeira, bububu... Conforme a altura de que se despenham as águas: com cada bu, bu a mão desce um degrau da escada, e como as mulheres se assustam e choram: “pekóto, äh, äh, äh...!”. Então o pépi — um enérgico pontapé em direção ao chão — deve ser empurrado — com que gemidos! — por entre as rochas, e os “mayáku”, os cestos, — 1, 2, 3 colocados trabalhosa-mente sobre o ombro esquerdo — devem ser carregados por terra. Mas torna-se a embarcar e a remar, pépi, pépi, pépi. Longe, longe — a voz paira ih...., tão longe ih...., e a bôca, tomando uma forma de focinho, enquanto a cabeça inclinada violentamente para trás indica a direção ih.... Entretanto, o sol desce até a mão, estendida a mais não poder, descreve uma curva para o ocidente e aponta o lugar em que o sol se encontra no firmamente, quando se — lah....à — chega ao pôrto. Estamos entre os: “Bakairí, Bakairí, Bakairí!” “Kúra, kúra!”, e aquí somos bem recebidos. Talvez ainda se tenha passado por um ponto bom para



Fig. 2 — "Eva" filha de Tamayaua

pescaria, onde se podem pescar “matrinchãs” ou “piranias”: ao passo que na linguagem comum as palavras têm o acento tônico na penúltima sílaba, *noróku*, *póne*, êste é agora deslocado para a última “*norokú*”, “*poné*”, e a flecha se desprende, *tsök*, *tsök*, do arco.

Além da região dos Nahuquá onde, sem dúvida, o conhecimento dos pormenores se torna mais impreciso, êles só indicam o número de dias de viagem. A mão direita, levantando-se vagarosamente, descreve um arco uniforme de leste para oeste; chegada aí, ela se encosta súbitamente à face que lhe vem ao encontro, agarrando em seguida o dedo mindinho da mão esquerda; dormiu-se uma noite. Repete-se o mesmo gesto, mas desta vez seguram-se dois dedos, o mindinho e o anelar que são puxados para o lado: dormiram-se duas noites, e assim por diante. Presta atenção, caro leitor, pois aí de ti, si perguntares qualquer coisa — não há outro remédio, senão recomençar pelo princípio.

Mas a vingança é doce. Chegou também a minha vez: queriam saber a que distância ficava Cuiabá, meu ponto de partida. As suas fisionomias eram engraçadíssimas, quando eu contava os dias, começando primeiro pelos dedos da mão esquerda, depois todos os da direita e, quando em seguida — exatamente segundo o seu modo de contar — eu fazia a mesma coisa com os artelhos do pé esquerdo e do direito. E, entre cada dois dedos e cada dois artelhos — como também êles o faziam — eu passeava pelo céu e dormia, e por fim agarrei os meus cabelos e separei-os para significar que a quantidade dos dias não era suficiente e que ultrapassava o número 20! Então murmuravam sempre com mais impaciência, o seu “*kóu*, *kóu*” de admiração ou o seu “*óka*, *óka*, *he okó*”, falavam todos ao mesmo tempo e terminavam numa alegre gargalhada, cheia de incredulidade.

Caçoavam também, com gestos expressivos, das esquisitices de certas tribus; os Nahuquá eram engraçados por causa da sua barba; zombavam dos Suiá, — ou como os Bakairí diziam, Schuíás, — por causa do disco de cortiça que usam no lábio inferior, e representavam êsse hábito, estendendo o mais possível o lábio inferior para a frente numa algarávia incompreensível. Os Trumaí eram representados com um horrível “*huhuhuhu*”, e apontados como seres desprezíveis e perigosos, pelo seu costume bárbaro de lançarem ao rio os seus prisioneiros de guerra, com os braços atados atrás das costas.

Não quero deixar de observar que a mímica dos Bakairí se repetia, *mutatis mutandis*, com mais ou menos a mesma vivacidade, em todas tribus e que só as interjeições eram diferentes, sendo

os gestos exatamente iguais. Aquí, na reunião dos fumantes, também conheci, pela primeira vez a pantomima do machado de pedra. Mais tarde a vimos tantas vezes repetida em cada tribu que, embora muito comovente, tornou-se verdadeiramente insuportável. Descrevia o contraste entre o machado de pedra e o machado de ferro, cuja utilidade lhes fôra demonstrada, por Antônio. Tinha para mim, antes que eu me sentisse enervado pelas intermináveis repetições, no começo e justamente pelo fato de ser repisada tão constantemente, algo de impressionante e comovente, como se fôsse um balbucio de protesto da humanidade que não conhece e possui o metal, contra as marteladas destruidoras da cultura; de um protesto que, assim como o presenciei aquí, deve-se ter levantado, sem eco milhares de vezes, em tôdas as partes do mundo.

Que canseiras não passa o Bakairí para derrubar uma árvore! De manhã bem cedo, quando nasce o sol — tschischi — lá no oriente — êle começa a brandir o machado de pedra. E tschechi sobe pelo firmamento e o Bakairí continua a martelar, Tsök, tsök, tsök. Os braços se tornam sempre mais cansados — o Bakairí os fricciona deixando-os pender frouxamente; solta pela bôca uma baforada de ar que lhe acaricia o rosto. Continua a bater, mas não bate mais tsök, tsök; agora o faz com gemidos profundos. O sol chega ao ponto mais elevado da sua órbita, está no zenite; o ventre — a mão o esfrega e funda-se numa dobra — está vasio; como tem fome o Bakairí! — o seu rosto toma uma expressão infeliz; finalmente, quando tschischi já está bem no horizonte, cai uma árvore: tokále = 1, mostra o dedo mindinho. Mas o caraíba — no ator tudo se transforma súbitamente em vida e vigor — o caraíba toma o seu machado de ferro, levanta-o com fôrça, fá-lo cair violentamente, tsök, tsök, pum — ah., e a árvore — um forte pontapé, — já está no chão. E aquí, acolá, e em tôda parte a gente vê árvores a cair. Conclusão para o índio: dá-nos os teus machados de ferro.

Não se discutia nenhuma utilidade dos instrumentos de metal, de pedra, de dente ou de madeira, sem que também se ouvissem sons onomatopáicos correspondentes. Não nego que muitos dêsses sons eram emitidos apenas pelo fato de eu conhecer somente os rudimentos da sua língua; não se utilizavam de tantos sons e gestos, quando conversavam entre si. Empregavam contudo, em alto grau, a mímica como auxiliar da linguagem, servindo-se dela, para se entenderem com as outras tribus, como mais tarde pude observar, do mesmo modo como o faziam quando conversavam comigo. E assim quase não havia desvantagem na diversidade de idiomas de cada tribu; podiam entender-se sem dificuldade mesmo com um

caraíba, pois que os gestos, embora sempre os mesmos não foram reduzidos a abreviações convencionais, conservando assim todo o seu poder descritivo.

Interessavam-se também muito pelas minhas interjeições e pelos gestos habituais aos quais involuntariamente eu imprimia maior vivacidade. Quando eu acompanhava qualquer sentimento com um som que lhes parecia extravagante, êles o imitavam; quando eu assobiava baixinho, logo se podia ouvir alguém que, divertidamente, me acompanhava. Entusiasmavam-se, quando, ao rir alto, eu batia na perna: imediatamente todos davam pancadas em suas coxas nuas, e uma estrondosa gargalhada enchia a ocará.

Costumava levar à reunião dos fumantes as minhas anotações linguísticas do dia; fazíamos uma recapitulação e acrescentávamos algumas pequenas contribuições. As constelações, os nomes dos animais, o sempre inesgotável assunto das partes do corpo e tudo que nos ocorria no momento, era registrado, lido em voz alta e confirmado com aplausos.

Mas também eu dava os meus espetáculos divertidos. Comecei pelo meu couro de boi. Apresentei-lhes os nossos animais domésticos, e obtive com esta pouco numerosa mas grata platéia, um sucesso tão grande, que maior nunca o poderá ter experimentado o festejado e conhecido conferencista, autor do "Tierleben". Travaram assim conhecimento com a vaca, com a ovelha e com o cão, cujos tamanhos e cujos sinais característicos eu lhes demonstrei o melhor que pude, e cuja língua "itáno" provocou intensas explosões de hilariedade e júbilo.

Tanto eu como êles gritávamos "mú", "mé", "uauuau" e "miau" em todos os tons. Apreciavam muito a variação entre o "mé", característico das ovelhas velhas, e o "mé" lamurioso dum cordeirinho à procura da mãe; entre o latido dum grande mastim e o dum pequeno cão ladrador. Eu tinha por acaso bastante facilidade em arremedar êstes sons, de modo que os entendidos conhecedores das línguas dos animais não devem duvidar da sua naturalidade. Tentei também explicar-lhes os caracteres dos animais, procurando apresentar, ao mesmo tempo, espécies diferentes, como o cão e o gato; procurei explicar-lhes, p. ex. que o cão obedece ao homem. Tive também ensejo de ensinar-lhes a origem da minha roupa de lã — mé. Eram alunos atentos que em pouco tempo dominavam integralmente e exercitavam diligentemente a matéria ensinada.

A memorável sessão do nosso clube de fumantes, em que fiz a minha primeira conferência sobre os animais domésticos europeus, prolongara-se até altas horas da noite. Mas no fim da mesma, eu

me despedia de homens felizes em cujos olhares parecia ler: tivemos uma noite agradável. Luchu ladrava magistralmente, penetrando nas duas casas, de onde várias vezes já se ouviram gostosas risadas e saltando com um frenético uau-uau.

Eu já estava meio adormecido na minha rede, e julgava que toda a aldeia já descansasse, quando a voz de Eva me acordou, de repente, com um forte “mé” atirado da sua rede. “Mé” respondi eu finalmente, e atrás de todas as paredes de palha ouviam-se risos abafados. Depois um silêncio completo até que — mé, mé, já antes do nascer do sol — eu acordasse praguejando.

Os dias eram todos iguais. Quero descrever, sinteticamente, no capítulo seguinte, como trabalhávamos juntos, no meu rancho, como os Bakairí aprendiam português e eu Bakairí. Aqui acrescentarei apenas mais alguma coisa sobre a nossa vida em comum.

Tumayaua fez-me plantar fumo em frente à sua oca; essa exigência pareceu-me a princípio absurda, até que eu percebesse que, com o meu auxílio, ele esperava uma ótima colheita ou qualidade. Por isso ordenei somente que ele principiasse; eu mesmo esmigalhei as cápsulas e enterrei as sementes no solo, como se durante toda a minha vida eu não tivesse feito outra coisa senão plantar fumo. Ia com Kulekule à catarata, que ficava abaixo da aldeia, e ajudava-o a pescar; naturalmente ele não devia perceber que desde o meu segundo ano ginasial eu não manejava um anzol.

Carta manhã fizemos uma bela excursão de pesca ao Saímo, um lago que ficava no campo a 2 1/2 quilômetros d aldeia. Éramos umas seis pessoas, dentre as quais também algumas mulheres. Caminhamos um pedaço pela mata; as mulheres carregando nassas e cestos de pesca, Paleko tendo ao pescoço um cordel com um pedaço de dentadura de peixe, e debaixo do braço um machado de ferro que, junto ao rio, ele ainda amolára numa pedra, levando-o à boca para molhá-lo com saliva. Presenciei um espetáculo curioso, quando a minha “prometida” e a sua irmã beberam do rio Kulisehu: com a boca na água, apoiadas sobre as duas mãoszinhas, e levantando uma perna para o alto, davam bem a impressão de macaquinhos novos. Durante o caminho cantávamos todos em voz moderada o nosso ohohó ohoholú hu. Eu perturbava a tranquilidade matutina com algumas canções, em voz mais alta. Alakuai tomou a liberdade de me tirar o chapéu, e parecia tão feliz com este ornato que, em nome de todos os santos, deixei a minha cabeça exposta ao inclemente sol do campo.

Bem longe, até à orla da mata marginal, estendia-se uma queimada coberta de capim novo; junto ao lago crescia uma única árvore copada. No centro daquela água pantanosa, que chegava até ao joelho, foram colocadas três nassas que, com as suas bocas,

ficavam pela metade fora da água. Em seguida várias pessoas atravessaram abaixadas, o lago, levando as cestas de pesca, kútu, que tinham a forma de um cône rombudo, aberto em cima e em baixo, e que eram feitas de varinhas finas e pontudas. Os kútus eram colocados, rapidamente, sobre o fundo do lago, de modo que os peixinhos ficavam presos; êstes eram tirados, com a mão, pela abertura superior e recolhidos a uma cestinha suspensa. Depois de terem trabalhado assim por algum tempo, os pescadores todos dirigiam-se para o centro onde estavam as nassas, e procuravam tocar os peixes para dentro destas. Era um espetáculo divertido: as meninas extremamente ágeis, os homens menos ligeiros, principalmente o gorducho do Iapü que parecia não estar satisfeito. Muitas risadas e muito chapinhar, algumas libélulas e muitas abelhas a dançarem no ar; na margem, debaixo duma árvore, com a mão esquerda apoiada a uma vara e segurando sob o braço do mesmo lado um inútil machado de pedra, o velho Palekô conversava animadamente. Os peixes chamavam-se poniú ou poriú, o que corresponde ao jejú dos brasileiros.

A canoa de cortiça que eu encomendára, ficou pronta no dia 18 de setembro; o machado de pedra havia trabalhado vagarosamente, mas com esmero. Quatro homens carregaram a canoa para o rio; protegeram os ombros com anéis de cortiça parda que eram muito parecidos com os que as nossas verdureiras usam na cabeça.

Estava já há mais duma semana, sozinho, entre os bons Bakairí, e notei que êles iam ficando um pouco impacientes. Perguntavam-se sempre, quando viriam os “irmãos mais novos”. Tôdas as preciosidades que eu trouxera já lhes pertenciam há muito tempo, mesmo o meu amêma ikúto (“figura da lagartixa”), um réptil com escamas de vidro e olhos côr de rubí, que cobijaram com avidez.

Mas nos mantivemos em boas relações até o fim. Eu teria preferido passar com êles tôda a época chuvosa, embora não pudesse me ver livre dum gosto um tanto ácido na garganta, proveniente da contínua alimentação com farinha, e mesmo que sofresse de dispepsia. Não tive necessidade de modificar as minhas primeiras impressões quanto ao caráter pacífico e simpático dos meus hospitaleiros amigos. Os velhos eram prudentes e cuidadosos, os jovens fortes e ágeis, as mulheres trabalhadeiras e caseiras. Todos de boa índole, mas um pouco vaidosos, e, com exceção de algumas mães ocupadas com os seus filhinhos, todos eram igualmente alegres e loquazes. Sempre muito honestos. Nunca alguém me tirou coisa alguma, muitas vêzes trouxeram-me um objeto que eu perdera, sempre respeitaram, como propriedade minha, o que eu adquirira por troca.

Em resumo, Bakairí kúra, os Bakairí são bons. Seria ridículo compreendê-los mal no sentido de Rousseau, pois não havia nêles o mínimo idealismo: eram apenas um produto de condições simples e tranqüilas, e proporcionavam aos olhos do visitante, sempre habituados ao movimento e à luta, a impressão de um "idílio". Quer se venha dum regato, quer dum rio caudaloso ou do mar, infalivelmente sentir-se-á aí o encantamento dum lago tranqüilo — mais nada.

II

Notas psicológicas sôbre o comportamento dos Bakairí em face do *novo*. — Limites da compreensão — Estudos feitos com os que estavam encarregados do plantão — Dificuldades de compreensão e dos apontamentos de *anotações lingüísticas*: substantivos, verbos, conceitos genéricos.

Já falei do interêsse que os Bakairí manifestavam pelas minhas roupas. Êste interêsse voltava-se pouco a pouco, principalmente para os meus bolsos, e, em pouco tempo, êles sabiam muito bem o que havia num e noutro.

"Foste tu mesmo que fizeste a camisa e a calça?" Sempre repetiam essa pergunta maçante. "Tu mesmo fizeste a rêde, o mosquito?" Ficaram muito admirados por não existir entre todos os meus haveres coisa alguma cuja resposta fôsse afirmativa. Percebia-se claramente que os objetos, cuja origem êles podiam mais ou menos compreender, os interessavam mais vivamente. Diariamente apalpavam e comentavam o tecido da minha rêde paraguaia.

Queriam ter tudo. "Ura" "(é) meu" era a declaração lacônica. Os homens preferiam para si os objetos de utilidade prática (as facas), para as mulheres e crianças os enfeites, (as pérolas). Ao verem as pérolas, as mulheres ficavam inteiramente fascinadas, e só o meu prato de estanho foi honrado com igual cobiça. Os "botões" pareciam ser considerados como uma espécie de pérolas. Ví com algumas mulheres, enfeites que provinham da nossa primeira expedição e que haviam vindo do Batoví ao Kuli-sehu. Encontrei uma mulher que levava ao peito apenas um botão de latão prêso num cordel; nesse botão lia-se o 8 do Oitavo Batalhão de Cuiabá, ao qual, naquele tempo, pertenciam os nossos soldados: "E' tuchú, pedra" perguntavam êstes selvícolas. As pérolas também eram naturalmente, para êles, pedra, e preferiam-nas

ao ouro devido às suas variadas côres. Eu lhes dera alguns alfinetes e lhes mostrara uma agulha, a única que tinham comigo; voltaram com o alfinete e pediram-me que o perfurasse à maneira da agulha.

Era extremamente curiosa a rapidez com que classificavam as coisas que lhes eram desconhecidas, entre aquelas que conheciam, dando-lhes também imediatamente, e sem complemento restritivo, a denominação corrente. Cortavam o cabelo com conchas agudas ou com dentes do peixe piranía, e a minha tesoura, o objeto que tanto os fascinava, que cortava o cabelo tão fácil e uniformemente, chamava-se simplesmente “dente de piranía”. O espelho era “água”! “Mostra-me a água”, pediam êles, quando queriam ver o espelho. Mas com êste impressionei-os muito menos do que esperava.

A bússola chamava-se “sol”, o relógio “lua”. Eu lhes mostrara que a agulha, por mais que se virasse o estojo para um ou outro lado, apontava sempre para o norte, e o relógio era considerado como complemento natural da bússola, porque era muito parecido com esta, e, principalmente, porque “de noite não dormia”. Exigiam freqüentemente, durante a conversa que eu lhes mostrasse o relógio, e riam-se satisfetitíssimos ao verem que, realmente estava acordado fazendo tic-tac.

Seria erradíssimo si se julgasse que essa curiosidade de admiração eram oriundas dum desejo de aprender pròpriamente dito ou uma necessidade de compreensão mais aprofundada. Faziam apenas uma pergunta: “tu mesmo fizeste isso?” Não, eu dava simplesmente a minha sessão de circo, exhibia as minhas habilidades de prestidigitador, e a platéia alegrava-se, porque a cada momento eu as podia demonstrar com toda a elegância, sem perigo de fazer fiasco. Um exemplo frisante duma satisfação superficial deus-nos, mais tarde, o gordo Yapü, quando Vogel lhe mostrou o seu relógio de ouro, chamando a sua atenção para a face de ouro e mostrando-lhe, depois a face com o vidro para que êle notasse o contraste. Nessa ocasião Yapü tinha na mão um pedaço de beijú, bolinho de mandioca, que costumava ser bem assado apenas dum lado e que tinha pois, uma face dourada, ao passo que a outra conservava a sua côr branco-acinzentada. “Beijú” disse êle com pouco caso. Conhecia o fenômeno pelo beijú, não valia a pena ocupar-se de coisa tão banal.

Também já posso referir-me aquí à surpresa que tiveram, quando um dos camaradas do acampamento tirou da bôca a sua dentadura postiça. Admiraram-se, mas logo depois também se riram, e alguns dias após, pescaram uma piranha e extraíram-lhe as

dentaduras com as suas “facas” naturais. Perguntando-lhes para que o faziam, um dêles retorquiu, com bastante espírito: “para que nós também possamos remediar o mal, como o irmão, quando envelhecermos”.

Qual a maneira para fazê-lo compreender qualquer um dos meus aparelhos, ou mesmo uma simples faca ou um simples botão. De que modo eu lhes poderia ter explicado o que é uma “máquina”. Tudo que podiam fazer, êles o faziam e prestavam muita atenção. Era interessante observar com que vivacidade e importância descreviam u’a mágica apenas aprendida ao primeiro que aparecesse no momento e que, aos olhos dêles, era um ignorante. Perceberam p. ex. muito bem que os meus fósforos suecos só se acendiam, quando riscados numa superfície apropriada; com grande entusiasmo punham-se a explicar a um novato o funcionamento dos “tända endast most landans plan”. Quantas senhoras da nossa sociedade saberiam dar explicações mais pormenorizadas? Quantas delas têm uma idéia do que seja fogo? A princípio os índios se assustavam, depois achavam o fenômeno interessante, em seguida divertido, e por fim tiravam as suas conclusões práticas. Quando precisavam fazer uma fogueira pediam que com os meus fósforos eu acendesse uma acha grossa. Uma mulher, na qual certamente o sentimento da vaidade predominava, tomou uma caixa vazia e pendurou-a ao colo do seu bebê.

A necessidade que tinham do conhecimento das coisas novas, consistia em duas únicas perguntas: se eu mesmo as havia feito, e como se chamavam. “Eséti?” “Eséti”? “Como se chama isso?” gritavam todos a um tempo, e todos se esforçavam sinceramente por repetir as palavras portuguesas. Enquanto continuávamos a conversar, um ou outro ainda repetia a palavra, por muito tempo, em voz baixa. Não eram capazes de pronunciar duas consoantes seguidas. Era grande a sua alegria, quando, porém, uma vez ou outra, conseguiam repetir bem uma palavra ensinada. E eu tinha a impressão de que então o próprio objeto também lhes parecia mais familiar. O nome para o meu livro de notas era “papéra”, do português “papel”, e ao passo que a princípio não se cansavam de admirar e de apalpar êste objeto misterioso, agora não o consideravam mais uma coisa estranha: era simplesmente “papéra”.

Em qualquer parte do mundo, diante duma língua estranha, a primeira cousa que se quer saber é como se diz “moça bonita”. O seu “pékoto iwáku” ou mais graciosamente “pekoto iwakulukúlu” eu podia traduzir muito bem com a expressão portuguesa “moça bonita” que êles repetiam com facilidade e entusiasmo. Primeiro eu dissera a Eva “moça bonita”; ela riu-se,

corou e pronunciou, bem nitidamente, essas duas palavras. Continuou a rir-se, acotovelou o seu marido Kulekule — exatamente como entre nós o faria uma pessoa simples que se alegra por ter uma boa inspiração — os dois cochicharam e pediram-me que agora também lhe dissesse como se traduz “homem bonito”. Quando, certa vez, arremedei as tentativas de Tumayaua que, embora fôsse cacique, não conseguia pronunciar bem o português, todos caíram em tais gargalhadas, que mal podiam falar.

Eram assim os índios sombrios e taciturnos. Quando a conversa se prolongava excessivamente, todos bocejavam sem acanhamento e sem pôr a mão diante da boca. Aí também o bocêjo era contagioso, e então um lavantava-se após outro e eu ficava a sós com o meu plantão.

Os encarregados do plantão não se prestavam todos igualmente aos seus designios. Uns cansavam-se muito depressa, outros eram por demais inconstantes. O rústico e gordo Yapü p. ex., começava a bocejar depois de poucos minutos, com uma expressão que parecia dizer: “o sr. pergunta demais”. Luchu, o rapazola presunçoso, só queria se divertir. Dos mais jovens, só o exquisito Kulekule me era útil. Êste era de fato taciturno e retraído, mas fazia-me companhia com evidente prazer, ria-se satisfeito, e quando abria a boca para falar, respondia sempre melhor do que os outros. Em troca dum pote eu lhe dei pérolas falsas. Teve, porém, de entregá-las. Dei-lhe outras pérolas e não aceitei um outro pote que êle me ofereceu. Sentiu-se satisfeito com isso, deu-me uma tigela da insípida bebida pogu, e sentou-se ao meu lado encostado, confiantemente, a cabeça no meu ombro. O meu guarda mais fiel era Paleko; com seu longo cabelo acinzentado e com o seu fino rosto de velho, êle parecia bem, um director apossentado de ginásio. Frequentemente nos lembrávamos de fisionomias européias cujos donos talvez não admitissem uma comparação com os índios nus; Ehrenreich e eu corcordávamos p. ex. perfeitamente em reconhecermos, no Kulisehu, alguns senhores da Sociedade Antropológica de Berlim: naturalmente êstes senhores nada têm dos índios, mas êstes índios pareciam-se algo com os nossos conhecidos. Passei quase dias inteiros oozinho com Paleko. Às vêzes apareciam também Eva e a minha prometida ou a egípcia, ora sós, ora tôdas juntas, fazendo-nos um pouco de companhia.

Paleko trançava cestinhas bonitas, consertava nassas, torcia fios de fibra de palmeira e ocupava-se com os outros trabalhos fáceis mas que exigiam paciência. Não me ensinou somente vocábulos e frases da sua língua materna. Deu-me também uma lista de palavras Nahuquá, o que provava que êle tivera frequentes

relações com os vizinhos. Ele não se importava tanto como os mais jovens em aprender a minha língua. Para mim teria sido mais fácil ensinar-lhes palavras alemãs em vez de portuguesa, mas eu considerava um dever meu não confundir os seus pobres espíritos, para o futuro. Como eu conhecia muito pouco o Bakairí meu trabalho foi muito moroso.

A conversa simples que se referia unicamente à vida quotidiana, não me causava dificuldade alguma. Quando se tem alguma prática, pode-se conversar correntemente, em qualquer língua estrangeira, com 50 a 80 vocábulos: êste, isto, sim, não, está, aí não está aí, não sei, quero, não quero, como se chama, que, quando, quanto, todos, pouco, muito, outro, logo, amanhã, eu, tu, 1, 2, 3, bom, ruim, grande, pequeno, perto, longe, em cima, em baixo, com, para (fim), em, para (lugar), vamos, dar, tomar, trazer, colocar, andar, ir-se embora, vir, chegar, ficar, comer, beber, dormir, fazer, cortar, acabar e os substantivos mais importantes. O aborígene brasileiro ignora o "obrigado" e o "faz favor" que, entre nós, é indispensável. Com um pequeno número daqueles vocábulos já é possível um bom entendimento. As diferenças básicas gramaticais que existem p. ex. entre o português e qualquer língua indígena do Brasil, são tão grandes, que não há colono ou soldado que com ela se possa familiarizar: já os prefixos pronominais e os sufixos constituem um obstáculo invencível. Por causa da fusão desses prefixos e sufixos com a raiz não é felizmente possível, em numerosos casos isolar o radical (coisa indispensável segundo o nosso conceito filológico). Além da ligação com prefixos pronominais, o radical do verbo está muitas vezes unido e fundido, de certa maneira, com expressões adverbiais para formar aquilo que nós chamamos de flexões. Isto causa vivo desespêro ao principiante. Assim diz-se em Bakairí *zate* e *kxanadile* para traduzir "eu levo", formas diferentes para a mesma idéia. Como é que eu podia desconfiar que o radical verbal *za* que, segundo as leis fonéticas da língua, se transforma em *ha* e *a*, se reencontra no *a* de *kx-an-a-dí-le*? "Tu vê" significa "méta" com o radical verbal (já modificado) *e* vêr, ao passo que "tu não vês" se traduz por *manepüráma*. Estas palavras se decompõem da seguinte maneira:

<i>m</i>	—	<i>e</i>	—	<i>ta</i>		<i>e</i>	<i>m</i>	—	<i>an</i>	—	<i>e</i>	<i>püra</i>	<i>ama</i>
tu		radical		flexão		tu		flexão		radical		não	tu

A consequência simples disto é que, muita cousa que julgamos pertencer ao radical não faz parte dêle, e que se emprega a mesma forma em inúmeras ocasiões, seja qual fôr o tempo, pessoa ou modo, a estrutura orgânica das palavras cristaliza-se e a sentença parece

um mosaico grosseiro construído de partículas e fragmentos. Mas isso não apresenta dificuldade para a compreensão; com a sua intenção para os traços característicos, basta, ao índio unicamente que para designar outras cousas há uma pobreza bastante estranha: uma palavra isolada e mutilada em substituição à oração total. O peor é que não se pode progredir numa língua destas, pois, sendo também naturalmente mais cômodo enunciar unicamente o conteúdo principal do que deseja transmitir, o principiante, em breve, acompanha esta nova maneira de falar. Assim conversa-se correntemente; mas esta conversa parece mais um intercâmbio de moedas cunhadas que uma troca de palavras com côr e vida.

Uma circunstância que me dificultou bastante as anotações linguísticas, foi a de que os Bakairí não entendiam a minha entoação interrogativa. Imitavam-na em vez de responder. Era fácil obter os nomes dos objetos que aí existiam; auxiliavam-me espontaneamente, apontando para objetos, cujos nomes eu ainda não perguntara, e dizendo-me como se chamavam. Registrei, detalhadamente, as partes do corpo, pois, estas sempre se encontram ligadas aos prefixos pronominais; o índio não diz “língua”, mas indica sempre a pessoa: “minha língua”, “tua língua”, “sua língua”, sendo que por isso atribue também um valor gramatical a êste possessivo. Devia-se, pois, prestar atenção, si se mostrava, em si mesmo ou em outrem, a parte do corpo cujo radical se queria, porquê a resposta variava de acôrdo com a pergunta: tua *alu*, minha *ulu*, sua *ilu*, ou *kxulu*, a língua de todos nós que estamos aquí.

O registro dos nomes de animais era interessante, porquê então se podia observar com que perfeição os imitavam por meio de sons e de gestos. Desenhavam também na areia uma cobra, uma cabeça de aligador, ou cousa semelhante. A abundância de detalhes e pormenores me confundia, porquê eu não conhecia suficientemente as vozes e o comportamento dos animais que lhe eram familiares; faziam distinções assinalando as diferenças específicas que — com grande admiração dêles — eu não podia compreender, e receio mesmo muitas vêzes ter-lhes parecido de compreensão muito difícil.

A tarefa mais árdua era a dos verbos, e não só pelas suas formas complicadas. Quando eu conseguia tomar nota de frases curtas, em que se dizia qualquer coisa acêrca dum acontecimento que estava se desenrolando, e mesmo quando eu próprio, ou algum outro qualquer realizava ação, como a de comer ou de beber, que lhes devia fornecer o conteúdo duma sentença, não era possível evitar grandes enganos. Infelizmente diziam muitas vêzes coisas bem diferentes das que eu desejava, e criticavam a ação em vez de dizer o nome que lhe cabia. Pensavam para si e não para mim.

Neste trabalho, a sua facilidade de imitação era, para mim, um grande obstáculo. A princípio julguei que não havia nada mais fácil do que conseguir, pelo menos, aquêles verbos intransitivos que podiam ser provocados pelos meus gestos e atos. Pensava que só era bastante espirrar, tossir, chorar, bocejar, roncar, levantar-me, sentar-me, cair, etc., para, imediatamente, ouvir as palavras correspondentes. Mas êles se pendiam ora para a observação dos meus atos, julgando que eu queria ir embora, quando me levantava, acompanhando-me, igualmente, o bocejar, também porquê estavam cansados; ora divertiam-se a mais não poder com as minhas micagens curiosas, e espirravam, tossiam e roncavam comigo com muitas gargalhadas, mas sem pronunciarem as palavras tão desejadas.

O método mais prático era dar-lhe o vocábulo português, aplicando a fórmula: o caraíba diz assim, como diz o Bakairí? Desta maneira fui finalmente compreendido em quase todos os casos, pois êles estavam ávidos por aprenderem alguma coisa da minha língua.

Ficaram muito tristes por não me compreenderem melhor. Confundiram ouvir com compreender e pediram-me que os curasse. eu punha então saliva no meu dedo e friccionei-lhes o orifício auricular. A concepção que tinham da língua portuguesa, era muito mais imperfeita do que êles mesmo imaginavam. Entre os sons de sua língua não existe o *f*, substituem-no pelo *p*; quando eu dizia *fogo*, *fumo*, êles pronunciavam *pogo*, *pumo*. Mas também ouviam, ou melhor, percebiam o *f* como *p*, tendo, pelo que pude verificar, a firme convicção de pronunciarem o mesmo som que eu havia dito. Portavam-se de maneira bem diferente, quando eu p. ex. os fazia repetir uma palavra comprida, pois então esforçavam-se o desesperavam, mas *fogo*, *fumo*, *f*....., quanto mais expressivamente e mais alto eu o dizia, tanto mais expressivamente e mais alto êles também respondiam *pogo*, *pumo*, *p*..... com visível indignação ante o meu descontentamento.

Eu me devia contentar em completar o vocabulário na medida do possível, e em interpretar aproximadamente as frases. Não pude fazer uma tradução que realçasse as sutilezas da sua língua; tudo que neste sentido pude transcrever no meu livro "Die Bakairi-Sprache" (Leipzig, K. F. Köhler, 1892), devo-o a Antônio. Achei muito interessante a alegria que lhes proporcionava a riqueza da sua língua. Causava-lhes também grande prazer o fato de terem um nome para cada objeto, como se o próprio nome fôsse alguma coisa concreta ou um objeto de posse. Daí deduz-se, que a quantidade das noções depende, em primeiro lugar, do interesse. Em comparação com os nossos idiomas, havia para os nomes de animais ou de parentes, grande quantidade de palavras ao passo

que *yélo* quer dizer “raio” e “trovão”, *kxópö* chuva, trovoadas e nuvem. Como, na região habitada por eles, quase todas as chuvas vêm acompanhadas de fenômenos de trovoadas, a nuvem interessa-os, unicamente, como uma ameaça de trovoadas.

A-pesar-de reünirem numa única palavra “*yélo*” o trovão e a respectiva descarga, elétrica, o trovão, nessa palavra constitui o significado principal. Mas eu que considerava os raios e coriscos como os fenômenos mais perigosos e temíveis por ocasião da trovoadas, traduzia, a princípio, a palavra “*yélo*” por raio em vez de trovão. Denominaram também “*yélo*” o meu “*Schwirrholz*” (varinha zunidora).

A pobreza da sua língua consiste essencialmente na falta de conceitos genéricos, como se dá com todos os povos primitivos. Têm uma palavra para “ave”, a qual provavelmente significa “alado”, mas os caríbas do norte têm um outro radical *toro* ou *tono* — que ainda é empregado pelos Bakairí, para denominar determinadas aves muito comuns, uma espécie de papagaios ou de galinhas silvestres. Cada papagaio tem o seu nome especial; o termo mais geral “papagaio” falta completamente, como também não possuem uma palavra, para dizer “palmeira”. Conhecem, porém, muito bem os característicos de cada espécie de papagaios e de palmeiras, e prendem-se a inúmeros conhecimentos especiais de modo que não se incomodam com os traços comuns, destituídos de interesse. Vê-se, pois, que a sua pobreza é só uma pobreza em conjuntos mais complicados; são sufocados pela quantidade da matéria, não sabem classificar e generalizar. Só têm, até agora, um intercâmbio de moedas miúdas, mas, quanto ao número de unidades que possuem, devem antes ser considerados como riquíssimos e não pobres. Na construção de seus pensamentos eles reúnem somente as palavras, formando uma coisa que se pode comparar a um longo e alto muro de pedras todas iguais, e quase não têm ainda a idéia do que seja uma estrutura arquitetônica.

Podia-se observar, claramente, a sua morosidade na formação de abstrações por ocasião das pesquisas referentes à numeração. Quero, porém, deixar este assunto para um capítulo especial, para que agora eu possa, finalmente, retomar o fio da narração desta viagem, voltando aos meus companheiros de Independência. A descrição do meu idílio Bakairí tornou-se um tanto prolixa. Isto, porém, me dispensa de mencionar muitos pormenores nas descrições seguintes, pois que nas outras tribus, embora não me fôsse possível observá-las por tão largo espaço de tempo, o quadro era o mesmo em suas linhas gerais.

CAPÍTULO VI

I — PARTIDA COLETIVA E VISITA ÀS TRÊS ALDEIAS
DE BAKAIRÍ

“Independência” durante a minha ausência — Preparativos para a partida — Visita à primeira aldeia de Bakairí — Fotografias — Entrega duma boneca — Visita à segunda aldeia de Bakairí — Viagem fluvial — Hospitalidade — Disfarce para buscar comida — Dança noturna — Friso na casa do cacique — Visita à terceira aldeia de Bakairí — Discursos de saudação — Coleção — O primeiro Nahuquá — Mensurações antropométricas em troca de pérolas.

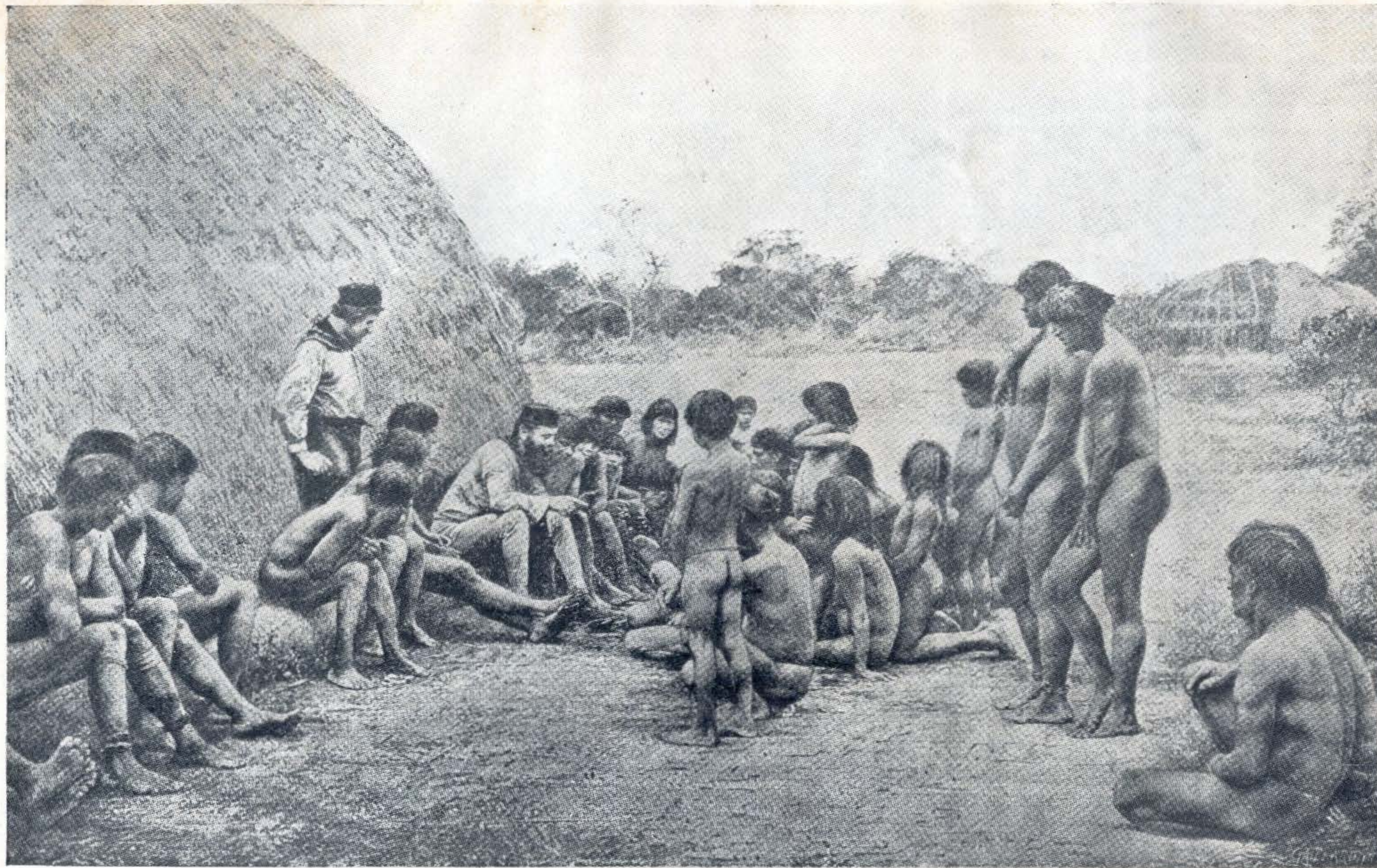
A 19 de setembro chegaram Ehrenreich e Vogel. Fomos juntos à segunda aldeia bakairí onde ainda adquirimos uma canoa, e regressámos à primeira. Os meus dois companheiros partiram então, a 24 de setembro, para Independência; eu segui a 25 e alcancei-os ainda, porque Carlos tinha sido atacado de malária. No dia 26 estávamos todos novamente reunidos em Independência. Tumayaua e Luchu me haviam acompanhado e podiam agora estudar o “uau-uau” no original. Não desejo descrever já a visita que fizemos à segunda aldeia, de Bakairí; pretendo fazê-lo mais tarde em aditamento ao relatório da nossa visita coletiva posterior, afim de que o leitor me possa acompanhar mais facilmente em todos estes itinerários dum ponto para outro.

De 8 a 26 de setembro eu estivera, pois, ausente de Independência. Imaginar-se-á sem dificuldade, com que alegria Wilhelm e Perrot saudaram as nossas canoas.

Tanto êles como o velho Januário haviam passado por muitas canseiras por causa das mulas. Dia a dia faltava ora uma, ora outra. Januário tinha estado quase sempre viajando, pois tivera que ir duas vezes ao ante-penúltimo lugar de acampamento para onde fugira um animal. Entrementes havia brotado capim novo na queimada, e o futuro estava garantido. Os burros se achavam em bom estado, já começavam a engordar e a tornar-se indisciplinados; iam, diàriamente, beber num charco. Sòmente o "Balisa" tinha no dorso uma ferida com bichos. O "Tormenta" morrera. Não se pudera mais conservar de pé, recusava capim cortado que, com solicitude, lhe ofereceriam, e certo dia, amanhecera morto na margem arenosa do rio.

A pesca e a caça nos proporcionaram alguma distração na vida do acampamento. Mas a pesca não era tão fácil como talvez se poderia imaginar. Logo após, na volta, Antônio físgou 7 bagres pintados dos quais, com grande pesar nosso deu 4 a Tumayaua e Luchu, fornecendo apenas 3 à nossa cozinha geral. Os soldados, porém, nunca haviam tido a sensação de tanta sorte. Em compensação havia-se caçado muitas aves, principalmente jacutingas e jacús, patos excelentes e alguns jaós, mutuns-cavalo, pombas, araras e papagaios. Da classe dos quadrúpedes: macacos, veados, um tapir, um gambá, que foi desprezado por causa do seu cheiro de almíscar, e um gato do mato. Caçaram-se duas vezes vários porcos do mato; mas os animais do segundo lote não foram aproveitados, mas lançados ao rio por estarem cheios de "vermes". Diversas vezes encontrámos uma tartaruga. Os meus companheiros de Independência dedicavam-se ainda com maior atividade à "busca do mel", do que à caça, pois já se acentuara, consideravelmente, o desejo de comer cousas doces. Nem tôdas as espécies de mel eram apreciadas da mesma forma. O mel de borá tinha um sabor agri-doce e acentuadamente saponáceo; a-pesar-disso Januário costumava lavar ainda a cera e sorver, com satisfação, o liquido côr de mostarda inglêsa. O mel de cupim era geralmente apreciado e empregado para adoçar o chá mate ou ser misturado com farinha.

As noites passavam-se lentamente. Wilhelm e Perrot observavam, admirados, que falavam mais em Cuiabá e na viagem de volta do que na viagem fluvial com as suas surpresas. Entretinham-se jogando cartas, e irritavam-se com o grito zombeteiro do incansável "João Cortapáu" (*Caprimulgus albicollis*), que o bra-



112b

Plancha V.II

Demonstração de um "pio"
(vide Capítulo VI)

sileiro também interpreta como “amanhã eu vou”. Escutavam o canto aflautado e em escala do urutau, do noitibó (*Nyctibius aethereus*), e o grito desagradável do socoboi que, ao que se diz, lembra o grito do jaguar. Mas, quando ouvimos ou uivos do grande felino, verificamos o descabimento desta comparação. A estes sons lamuriosos, vindos da mata, associavam-se ainda as canções fanhosas provenientes das tendas dos soldados que, para se distraírem haviam fabricado um “côxo”, o violino primitivo do sertanejo.

Resolveu-se que o acampamento não seria deslocado para mais perto da aldeia bakairí. A 9 de setembro, dia subsequente ao da minha partida, Wilhelm e Perrot seguiram para reconhecerem a zona; voltaram, sem resultado, no dia 12. Na margem esquerda do rio encontraram no norte e no nordeste apenas um chapadão cerrado de cipoais e espinhais; em seguida atravessaram o rio, e somente descobriram pequenas extensões de terra, por onde os animais, a custo, poderiam ser transportados. Voltaram exhaustos. “Feroz”, o melhor dos cinco cães, quase perdeu a vida durante a excursão. Ouviram-no súbitamente ganir alto e impressionantemente. Correram depressa e encontraram-no enroscado por uma boa de mais de 3 ms. que já apertara de tal modo a guela do pobre cão que este não podia mais gritar; o réptil só o soltou a custa dum bom número de cutiladas.

Antônio e Carlos haviam voltado da aldeia dos Bakairí a 14 de setembro, trazendo a minha mensagem de 11; do salto em diante viajaram por via terrestre e fizeram a última parte do trajeto na margem direita do rio. Eram igualmente de opinião que não se poderia cogitar em deslocar o acampamento para mais perto da aldeia. À mesma conclusão chegaram, finalmente, Ehrenreich e Vogel, que deixaram Independência a 15 de setembro, alcançando no dia 17 o salto, onde embarcaram, enviando-nos dois camaradas com o recado. Disseram que seria necessário um trabalho de várias semanas para abrir uma picada pela mata cerrada, que os riachos Sucuruí e Chiqueira dificilmente transitáveis na época presente, muito menos o seriam por ocasião das chuvas e que o terreno pantanoso e coberto de espesso sarçal, exigiria a construção de longos caminhos feitos com troncos de árvores. Só nas proximidades do salto os animais encontrariam pasto. Aí havia campo aberto, mas cercado, principalmente ao norte, de charcos extensos com grupos de buriús, que na estação chuvosa ficam cobertos pela água, constituindo focos perigosos para a incubação da febre. No segundo e no terceiro dia só encontraram terreno arenoso até o Kuli-sehu, não avistando uma pedra sequer.

Podíamos, pois, estar satisfeitos com o nosso acampamento de Independência. Tínhamos aqui um grande terreno descoberto, e um pouco mais abaixo, onde o regato claro desembocava no rio, instalámos a cozinha, que se vê representada na prancha 12. Aí também armámos várias rêdes, ao passo que a tenda de Perrot e as dos soldados foram levantadas mais acima, ao lado do rancho recentemente construído. Trabalhava-se ativamente para cobrir êste rancho. Mandámos buscar, com os burros, alguns carregamentos de fôlhas de burití; infelizmente importaram, com estas, uma grande quantidade de carrapatos. Armámos um andaime, amarrando ao girau, com fibras de pindaíba, caibros transversais. Cobrimo-lo com fôlhas de burití. As albardas e os alforjes foram empilhados no interior da casa, e no andaime, sob os couros de boi, guardámos a nossa coleção etnológica. Para Januário restou um bom espaço, onde armou a sua cama.

A coleção estava auspiciosamente iniciada. Tinha 120 peças, que foram catalogadas e providas de números de fôlha de Flandres. Menos trabalho demandava a distribuição das provisões alimentícias. Uma pequena parte foi separada para a viagem de volta que íamos fazer por via terrestre. Com os cartuchos de carne Kemmerich, fizemos então as nossas primeiras experiências; constatámos a sua melhor preparação com tabletes de legumes, *mélange d'équipage*. Tumayaua prometeu providenciar o fornecimento de farinha de mandioca para os que ficassem no acampamento, e, como incentivo para os fornecedores, Januário recebeu, na presença de Tumayaua, um saco com belíssimas pérolas.

Tumayaua comprometeu-se, além disso, a acompanhar-nos na viagem. Da nossa parte prometemos-lhe dois belos machados, várias camisas e tal quantidade de pérolas, que o transformariam no homem mais rico de todo o Kulisehu. Tanto êle como Luchu, ótimamente tratados por todos, sentiam-se extremamente bem no novo ambiente. Mostramo-lhes o acampamento, em iluminação bengala, realmente de magnífico efeito, se bem que a dança dos archotes, executada tôdas as noites por milhares de pirilampos, diante do fundo escuro da queimada, despertasse talvez uma sensação mais íntima e profunda. Tumayaua e Luchu não se opuseram ao nosso desejo de lhes tirar o retrato (prancha 6). Faziam tudo que se lhe pedia; Tumayaua até aceitou, sem hesitar, o convite de montar no cavalo de Perrot. Primeiramente eu conduzi o animal, depois larguei-o. O nobre cacique deixou-se levar pelo cavalo, pois não sabia como fazer para voltar. Aquela cena sugeria algo de momento histórico: o sul-americano, do tempo da pedra, pela primeira vez no dorso dum cavalo. Luchu não se sentiu tão

encorajado; não conseguimos persuadir o jovem índio a seguir o exemplo do seu valente tio que se mostrava extremamente satisfeito, com o prazer que lhe proporcionára a proeza. Tumayaua também mediu o cavalo, apalpando-lhe a cabeça e o pescoço, fazendo comparações com o tamanho do corpo: preparava, evidentemente, uma descrição científica para a reunião dos fumantes.

Com a ajuda dos índios construímos mais duas canoas. Terminamos os remos em 29 de setembro e, no dia 30, submetemos os barcos à experiência.

Visita à primeira aldeia de Bakairí (Maigéri) — Na manhã do dia 1.^o de outubro levantámo-nos às quatro horas, partindo às seis. Estávamos distribuídos da seguinte maneira pelas cinco canoas: na 1.^a — Antônio, Wilhelm e eu; na 2.^a — Ehrenreich, João Pedro; na 3.^a — Vogel, Perrot, Coluna; na 4.^a — Carlos e Pedro, com pesada bagagem; na 5.^a — Tumayaua e Luchu. “Adeus Januário, Raimundo, Sátiro, Manuel! Até a volta! Cuidem bem dos animais, não briguem e boa saúde!” “Feliz viagem!” respondiam os bons homens, cuja sorte eu, francamente, não invejava, e que agora começariam a contar os dias que decorreriam até que a nossa volta lhes restituísse a liberdade.

Remámos diligentemente, fizemos uma sesta numa ilha rochosa, e às 4 3/4 horas a nossa canoa chegou, em primeiro lugar, à grande cachoeira que, em honra do senador Taunay denominámos “Salto Taunay”. Tomei um banho delicioso nessas águas borbulhantes, e sentei-me num lugar de onde podia olhar para longe; já estava quase noite e ninguém aparecia. Faltava um quarto para as sete, quando, à claridade da lua cheia, apareceram os outros; tinham ficado perto da ilha, dormindo e preparando mate. Devido à noite demasiado clara foi difícil a pesca; somente às 11 horas os camaradas trouxeram 3 barbados grandes e gordos que, depois de grelhados, bem mereciam ser saboreados ainda, naquela misteriosa hora das almas, naquele cenário da cachoeira estrondante, poeticamente iluminado pelo luar.

No dia 2 de outubro partimos às 6 1/2, e alcançamos o pôrto bakairí, às 2 1/4. Aí já estava o bom Paleko com uma tigela de pirão de farinha de mandioca. Wilhelm e eu nos dirigimos imediatamente para a aldeia. Era interessante observar como se repetiam as cenas de recepção, à medida que chegavam as canoas; novos hóspedes despertavam sempre nova animação e precipitação na casa das flautas, onde estávamos reunidos, à volta de beijús e de cuias. Alguns índios se haviam pintado festivamente com desenhos coloridos. Kulekule ornara o rosto e o busto com traços e pontos

côr de laranja, a minha prometida traçara linhas sinuosas e vermelhas nos quadrís, a egípcia pintara a testa e o nariz de vermelho, os netinhos de Tumayaua estavam pontilhados e borrados de preto e Eva, que estivera fazendo beijús, apareceu com a pele e com os cabelos polvilhados de branco. E Awiá, sempre de bom humor, trazia no cabelo uma pá para virar beijús.

Também havia visitas da segunda e da terceira aldeias; contámos na oca de Paleko 18 rêdes, e na de Tumayaua, 13. Ehrenreich pôs-se a tirar retratos. Os modelos de cada fotografia eram remunerados com algumas pérolas. Algum mêdo, diante do perigo foi facilmente vencido pelas pérolas. Com dificuldade conseguimos a fotografia do grupo de mulheres da prancha 5. Formado e disposto o grupo, quando Ehrenreich quis expôr a chapa, as mulheres, percebendo a imagem na objetiva, correram imediatamente para o aparelho, afim de contemplá-la melhor. O fotógrafo em mil apuros! Tumayaua recebera uma chapa de vidro inutilizada — “páru” água — e utilizou-a para, segundo as indicações de Vogel, instalar a primeira janela na cúpula de palha da sua oca.

Neste belo dia eu quis homenagear os meus hospitaleiros amigos com um presente de honra. Duas senhoritas da sociedade berlinense me haviam dado uma linda boneca louca, que com suas próprias mãos haviam vestido com trajes multicores. Esta, ocupando o primeiro lugar entre os nossos objetos de troca, havia sido reservada para a “mais digna”. Não podia haver dúvida de que o presente devia caber à minha prometida, a herdeira da aldeia e dona de tôda a farinha que me fôra fornecida. Desta vez eu quis também dar uma resposta, satisfatória à pergunta curiosa: se as mulheres dos caraíbas também usam roupas. Reuní toda a aldeia no pátio central e provoqueei grande júbilo ao exhibir a cabecinha de porcelana com olhos azues e faces coradas, ao deixar ver e apalpar o cabelo louro autêntico e ao explicar, uma depois da outra, as belas peças do vestuário da “Kxaráiba pekóto”. O entusiasmo cresceu ainda mais, quando me aproximei da minha prometida, dizendo-lhe “amazóto” “é tua”! A pequena índia corou de alegria. Com grande admiração minha, a sua mãe, sempre tão calada, começou a falar em voz alta, afirmando muita coisa que eu não compreendi, mas que devia significar um agradecimento, a-pesar-de não existir no vocabulário indígena, palavras que exprimam “obrigado”. Não sei, entretanto, a quem a minha prometida terá concedido a mão e o coração. Por uma dessas singulares tramas do destino, uma das senhoritas berlinenses tornou-se a espôsa do editor dêste livro, ao passo que a outra se casou com o autor.

Noite cerrada deixámos os nossos amigos, indo para o nosso acampamento, que ficava no “pôrto” da aldeia. Entre o pôrto superior e o inferior existia uma longa corredeira; ainda à tarde as canoas haviam sido transportadas dum para outro, para que na manhã seguinte não precisassem mais vencer êsse obstáculo.

Visita à segunda aldeia de Bakairí (Iguéti) — As numerosas cachoeiras que aí se encontram, tornam muito penosa a viagem da primeira à segunda aldeia. Em grandes extensões o rio está cheio de blocos de pedra, entre os quais, naquela época, o nível das águas se achava muito baixo. Chamávamos essa espécie de quedas d’água de “cachoeiras rochosas”; são verdadeiras cataratas, provavelmente mais fáceis de percorrer quando o nível das águas sobe.

Nas primeiras horas além de Maigéri, o rio deslisava calmo e tranqüilo; suas águas esmeraldinas refletiam, nitidamente, a canoa com os seus remadores. Esta deixava na sua esteira um rastro espumoso e claro. O fundo da mata escura, uma tanto aclarada pela luz doirada do sol, contrastava com a superfície cintilante e reluzente das águas. A folhagem densa suavizava os contornos das árvores, e bambús, em grupos viçosos dum verde desmaiado, preenchiam todos os claros. Arbustos e árvores baixas, muitíssimo inclinadas, avançavam da margem formando como que abrigos, em cuja sombra se navegava com prazer. Não há coisa mais bela que o silêncio profundo da natureza, antes de chegar a cachoeira. Sabe-se que dentro em pouco ecoará o bramido, longínquo e surdo, crescendo cada vez mais, e goza-se uma tranquilidade que, se não fôsse a expectativa da próxima transformação completa, tornar-se-ia monótona. Quando, a 20 de setembro, fizemos pela primeira vez êste trajeto, alegrou-me o aspecto do ágil Luchu que, de pé na canoa e munido de arco e flecha, espreitava pacús. O índio, que desconhecia o anzol, todavia já empregava a isca. Lançava ao rio bagos, dum vermelho berrante (*iwáulu*), do tamanho dum grão de feijão, armava rapidamente o arco, apontava para o bago e atirava a flecha no momento em que o pacú engulia a frutinha.

Naquela ocasião tínhamos feito cômodamente, em um dia, a viagem para Iguéti, pois abandonámos as canoas logo que pudemos, prosseguindo por via terrestre. Desta vez, porém, não podíamos escapar de nenhuma cachoeira. Havia ao todo oito, antes do assim denominado pôrto, porém, após a sétima, acampámos, às 5 1/2 horas. Na quarta gastámos 40 minutos para passarmos as canoas por entre o extenso labirinto de rochas. O nosso barco ficou prêso entre dois blocos de pedra e alagou-se até o meio. Sente-se sensação desagradável quando o fundo elástico da embarcação se dobra, debaixo dos pés, como uma onda. Às 4 horas

encontrámos o rio atravancado, em tôda a sua largura, por altas estacas e rochas, no ponto em que os bakairí abriam e fechavam à vontade, a passagem aos peixes. Atendendo aos meios de trabalho e ao nível cultural dos bakairí, êste espetáculo estranho impressionava pela grandiosidade. Com muito esforço remove-mos as pedras dos bordos das estacas, para conseguirmos a passagem das nossas estreitas canoas.

Na última corredeira Vogel naufragou. Os instrumentos ficaram secos, mas os tijolinhos de sopa, completamente encharcados. Aproveitamos o incidente e, com os pedaços, irremediavelmente amolecidos, preparámos uma sopa substanciosíssima. Interrompemos a viagem atrás do lugar do naufrágio e, no dia seguinte, 4 de outubro, visitámos a aldeia dos bakairí, providenciando o transporte das canoas para o pôrto. Neste trajeto a canoa de Vogel também bateu numa pedra e afundou. Com êsse segundo incidente desapareceu um termómetro que nos fôra cedido pelo sr. Danckelmann. Sepultado no fundo do rio, nunca nos prestou serviços.

A aldeia ficava à distância de meia a uma hora do rio. A extensão de terreno carpido que a cercava causou-nos admiração. Os três diferentes caminhos que percorremos atravessavam grandes áreas de terras, nas quais as árvores tinham sido abatidas com machados de pedra. Em março e abril derrubam-se as árvores e, em setembro e outubro, queima-se a lenha que secou. Contemplámos, admirados, muitos grossos troncos, em cujo corte transversal havia ainda vêtígios dos rombudos machados de pedra; sentimos não poder serrar e levar uma dessas superfícies de corte. Íntimamente pedí perdão aos índios dos quais zombara tantas vêzes, quando se balançavam nas suas rêdes, como se a vida não passasse de um grande dia de folga.

Em Iguéti havia três grandes casas de família e uma casa de flautas de boa aparência, na qual se viam pendurados muitos trajes de dança, confeccionados de fôlha de palmeira. Na ocára levantava-se uma gaiola construída de varas compridas ligadas em forma de cone; dentro dessa gaiola via-se uma enorme “Harpya destructor”, se bem que a aldeia se chamasse *igu-eti* — aldeia dos gaviões. A ave heráldica de outrora com certeza já tinha morrido há muito tempo. A bela aguia era chamada, de acôrdo com o seu alimento predileto, de *mégo-zóto*, senhor dos macacos. Ao lado da casa do cacique via-se uma grande mó para amolar os machados de pedra; alegrei-me muito ao contemplá-la, porquê apresentava caneladuras análogas àquelas que tínhamos observado nos sambaquís de Santa Catarina.

A aldeia compunha-se de cerca de 40 pessoas. Falava-se de três caciques, mas como tal só se nos apresentou o Aramöke, bonacheirão, de ombros muito largos e andar de pato. Tinha uma expressão de velhaco. Distinguia-se, a despeito de seu aspecto grosseiro, por uma grande cortesia, pois, caminhando na minha frente na mata, mostrou-se mais amável para comigo do que provavelmente o teria sido para com uma senhora, quebrando os ramos que me poderiam molestar. Uma grande faca e um lenço vermelho para o pescoço tornaram-no o homem mais feliz do mundo. Tratou-nos com grande hospitalidade. Continuamente trazia-nos novos beijús dourados, e muitas cuias cheias de pogu estavam sempre á nossa disposição. Um püserego ralo, e muito doce era oferecido com abundância, e, em troca de pérolas, recebemos uma provisão de polvilho fino para a viagem.

As mulheres, que tão afanosamente coziavam beijús, eram pequenas e feias, mas gentís. Iam buscar água sòmente em companhia dos homens.

Quando a 20 de setembro estive, com Vogel e Ehrenreich, pela primeira vez em Iguéti, presenciámos uma cena curiosa que desejo intercalar aquí. Estávamos sentados, à noite, na casa das flautas, quando entraram alguns homens, colocando-se perto das cinzas da fogueira e soltando um ih... forte. Em seguida alguns envergaram os trajes de palha, que aí estavam pendurados, rodando durante algum tempo, a rugir como leões. Julguei que isso não passasse de mera brincadeira e passatempo; todos, porém, se conservaram sérios. Enquanto o côro tornava a gritar ih... ih, um dêles saiu correndo, pondo os braços fora da palha e sacudindo o seu traje. Desapareceu no interior duma casa e voltou, dentro em pouco tempo, carregado de beijús e de peixe. Repetiu-se a cena, e Luchu como protagonista da terceira corrida, voltou com bebida. Como sinal de aviso para as casas, cada saída era anunciada por um ih... geral. Envolvendo o traje de palha todo o corpo até os pés, torna-se impossível reconhecer a pessoa que nêle se esconde. Existe, talvez, alguma relação entre êste hábito de buscar alimentos, em traje mascarado e o costume de não comer na presença de outros.

Mais tarde três homens começaram a cantar, chegando até bem perto da entrada da casa das flautas e de costas para nós; dois faziam soar o chocalho, que só no material difere do brinquedo de nossas crianças de berço, e o terceiro batia enérgica e nítidamente o compasso com o pé direito. Os três cantavam: *ihái iháii huxó, ihái ohuhuxó...* Talvez êste *huxu*, *huxo* interminável não significasse outra coisa senão “pé”, palavra que na língua caraíba antiga

se traduz com *pupw* e transformada, segundo as leis fonéticas, em *xuxu*, *huxo*. Era um “makanari” — como os Bakairí denominam as suas canções de festa — sério, quase melancólico, cantado em voz alta. A Ehrenreich não agradou de maneira alguma a invariável monotonia do cantar, do chocalhar e do sapatear; por mim, só posso dizer que foi essa uniformidade justamente que me impressionou, agradando a cativando-me de certo modo. Outros vieram colocar-se atrás dos três, acompanhando-os no cantar e no chocalhar; depois mais outros. Finalmente os que estavam próximos da porta saíram correndo; um depois do outro se abaixou seguindo os primeiros, e todo o grupo, formando uma longa corrente, se dirigiu para a casa do cacique, num ininterrupto *ohúhoxó*, voltou para a casa das flautas e cruzou o largo em todos os sentidos; nós, hóspedes, partilhamos de algumas voltas desta corrida musical, mas os bons Bakairí correram, cantaram e sapatearam durante toda a noite. Parece, portanto, ser um costume muito antigo o de dançar até a madrugada — com a diferença de que aqui o baile é só do elemento masculino. Adormecia-se admiravelmente ao som daquela dança; o seu *ohóhuxó* invariável hipnotizava infalivelmente, como aquêlê conhecido e eficaz meio contra a insônia, de se imaginar um interminável rebanho de carneiros a atravessar uma cerca, contando-se um a um, os animais.

Na nossa segunda visita nada assistimos de semelhante.

Disparámos alguns tiros, provocando mais temor que admiração; as mulheres refugiaram-se atrás das casas; um jovem, bastante crescido, escondeu-se na sua rede e tapou os ouvidos. Depois do terceiro tiro o cacique pediu “ale”, “basta”. Mais tarde voltou-lhes o desejo de verem funcionar as nossas espingardas e pediram que matássemos aves voando no espaço, tarefa que só os caçadores de Cooper poderiam ter desempenhado. Em todo o caso deve-se evitar um tiro, de cujo bom êxito não se tenha certeza.

A máquina fotográfica foi colocada em frente à casa do cacique; Aramöke, a nosso convite, enfiou a cabeça debaixo do pano preto e contemplou, com visível alegria, a imagem, tecendo animados comentários a respeito. Os outros ficaram desconfiados.

A casa de Aramöke, exemplar magnífico da arquitetura primitiva, era maior e melhor construída que a de Paleko em Maigéri. Entre as colunas centrais estavam empilhados muitos cestos com provisões, e da cúpula pendiam numerosas “aves” de milho e espigas. Interessava-nos, porém, em primeiro lugar, um friso de desenhos toscos em toda a parede, a uma altura de 2 ms. acima das portas, com um comprimento total de cerca de 56 ms. Sobre estreitas pranchas de cortiça enegrecida estavam desenhados, com barro

branco, pontos, anéis, desenhos lineares e, entre uns e outros, figuras de peixes. Muito nos surpreendeu vermos aí também triângulos e quadriláteros como reproduções de modelos concretos, não representando, entretanto, as desconhecidas “figuras geométricas”. Wilhelm copiou o friso com todos os detalhes, como se vê nas pranchas 20 e 21. Mais adiante apresentarei os dados relativos aos Bakairí, justamente com os referentes às restantes tribus do Kulisehu. Infelizmente não foi possível trazer os originais. O barro estava tão solto, que se esfarinhava e era tão grosso que não foi possível a fixação por meio de uma camada de colódio, como conseguíramos com as máscaras.

Aramöke, todo imponente com o seu lenço vermelho ao pescoço, conduziu-nos, ao pôr do sol, ao acampamento, desta vez, instalado junto ao pôrto propriamente dito, onde trocámos de roupas. Também o remo de Antônio estava quebrado. Muitos índios, uns sentados, outros em pé, na margem do rio, assistiram à nossa partida, a 6 de outubro, pouco depois das 7 horas da manhã. João Pedro havia encomendado uma meia dúzia de beijús, que lhe foram entregues, de manhã, com uma pontualidade digna dum padeiro civilizado.

A grande cachoeira, chamada “kulúri” pelos Bakairí, que atravessámos pouco depois de iniciada a viagem, não nos causou muita dificuldade; era a última do Kulisehu: “túxu ale”, acabaram-se as pedras. Neste trecho o rio tomava novamente um aspecto semelhante àquele que tinha após Independência; viam-se na água muitos troncos, na margem muita areia depositada e, às vezes, barrancos escarpados. A correnteza era um pouco mais forte. O pequeno maçarico, a correr sobre a areia com as suas perninhas vermelhas, vinha-nos apressadamente ao encontro, gritando “vá embora, vem, vem”, e levantava o vôo, para pousar mais adiante e esperar-nos novamente. Eram numerosíssimas as sinuosidades e curvas do rio e a viagem tornou-se sumamente aborrecida. Além disso a areia refletia, irritantemente, os raios solares, e a água reluzia de forma desagradável. Faltava um quarto para as duas, quando passámos por um pequeno afluente, com cerca de 8 ms. de largura, que vinha da direita; era o Pakuneru. É o mesmo nome que entre os Bakairí tem o Paranatinga. Contaram-nos que na sua nascente — muito longe *ih*. . . — moram os *kayáxos*, os Kayapó; Tumayaua afirmava ter ouvido os seus gritos. Possivelmente o clarão que notáramos, repetidas vezes, a leste e que, em Independência, fôra observado, noite por noite, era proveniente da fogueira desses índios. Mais adiante, a menos duma hora, vimos desembocar, à esquerda, o Kewayeli, de uns 12 ms. de largura. Em ambas as margens havia queimadas e plantações.

Tumayaua levava da segunda aldeia, como companheiro de viagem, um velho espadaúdo e entroncado, chamado Pakurali, que não revelava, pelo aspecto, a sua alta dignidade de pagé e que, entre nós era, irreverentemente, apelidado “cocheiro”. Os dois índios traziam pouca bagagem, que cabia facilmente nos seus cestos denominados mayakus. Não conduziam consigo rêdes de algodão, mas de fibras de palmeira que são mais leves e que secam mais rapidamente, quando encharcadas. Os dois avançaram céleres, a-pesar-de pararem para pescar nos lugares propícios. Induzimos o grande pagé a cheirar uma garrafa de amoníaco, e isto o deixou bastante apavorado. Daí não foi mais possível fazer com que cheirasse qualquer objeto nosso. Quando, entre nós, alguém denunciava fedor nalgum canto, todos acorriam e começavam a fungar.

Visita à terceira aldeia de Bakairí (Kuyaqualiéti) — Faltava um quarto para as 4 horas, quando alcançamos o pôrto lateralmente encravado no fim de uma baía e que não teria sido encontrado sem auxílio de guia.

Na manhã seguinte, dia 6 de outubro, às 7 horas, pusemo-nos a caminho da aldeia, que alcançamos pela picada sinuosa comum, em três quartos de hora. No caminho vimos uma grande figura humana gravada na casca duma árvore, com três dedos em cada mão e pés semelhantes a meias.

A aldeia das harpias, “kuyaquali-éti”, também possuía apenas três casas de moradia e uma casa de flautas; era, porém, a mais povoada das três aldeias. Contei 31 homens e mais ou menos outras tantas mulheres e crianças. Uma parte destas havia, porém, fugido para a mata. O total dos habitantes talvez orçasse em 100 almas. O cacique Porisa era um homem amável, de pequena estatura; durante a noite êle mandára preparar beijús. Sentámo-nos no meio do grande largo, em longa fileira. A cada um foi entregue uma cabaça com bebida; coube-me a maior e um charuto. Trocámos, desta vez com grande desembaraço, os discursos de saudação.

âma, tu — és tu. *ehé úra*, sim eu — certamente, sou eu. *bacairí úra*, eu (sou um) Bakairí. *kxaráiba úra*, eu (sou um) caraiba. *bacairí kxúra*, (os) Bakairís (são) bons. *kxaráiba iwakulukúlu*, (os) caraibas (são) muito bons. *píma âma?* (és tu (o) cacique? *píma úra*, eu (sou o) cacique.

Diante de cada caraiba acocorara-se um Bakairí examinando-lhe a pessoa e a indumentária. Os fósforos suecos, as facas, os espelhos, os botões, as pérolas, — tudo sempre na mesma ordem. O maior interêsse de Porisa foi dispensado ao meu diário. Mas não eram as fôlhas escritas, cu cobertas com desenhos, que provocaram exclamações de entusiasmo; eram as que estavam em branco. Em

amistosa conversação passeamos ambos, de braços dados, pela ocára. Estudámos detalhadamente a distribuição geográfica das tribus do Kulisehu; não foi, contudo, possível obter clareza quanto à localização dos Trumai

A casa das flautas era grande e espaçosa; o telhado estragado, e muita palha, espalhada no chão; tanto aquí como nas casas de moradia não reinava aquêle asseio, que tanto nos agradára nas outras aldeias. Diante da casa das flautas via-se um enorme tronco de árvore apoiado sôbre traves transversais. Era uma árvore-mor-cêgo, como diziam os nossos camaradas, e estava pintada com figuras humanas e espinhas dorsais de peixe. Com cacetes grossos, semelhantes às mãos de pilão de farinha, batiam neste tronco gigantesco, por ocasião das festas.

No interior havia belas máscaras e um novo modelo de traje de dança: duas criolinas enormes, com 10 metros de roda, cobertas de palha, comparáveis a pequenos ranchos que o dançarino, *koálu*, prendia ao ombro com um anel. Dentro de pouco tempo tínhamos todos iniciado um intenso comércio. Recebemos beios adornos feitos de plumas, coroas de penas de arara de côr azul-clara dum lado e amarela doutro. Serviam-lhes de estojos esteiras caprichosamente confeccionadas. Recebemos também diademas de taquara amarelo-preta, iguais ao que se vê na cabeça de Luchu (prancha 6); outros com pontas em forma de raios, grandes flautas de Pan, um remo enfeitado com desenhos, gastões de uso de forma muito simples: discos feitos de cacos de potes, e uma quantidade de singulares varas cilíndricas, ornamentadas, e que, por ocasião das festas, eram carregadas às costas. Pelos objetos dêste terceiro grupo de Bakairí notámos, claramente, que nos achavamos na parte da tribu mais próxima dos outros índios do Kulisehu; possuíam muitos objetos importados. Os Bakairí não fabricam potes e também não têm, em seu território, um lugar do qual possam tirar as pedras para fazerem os seus machados de pedra; informaram-nos que os potes eram de fabricação mehinakú e os machados de pedra, provenientes dos Trumai. Entre os potes havia um em forma de tartaruga, uma verdadeira obra prima de escultura primitiva; com a cabeça, a cauda, os pés e o casco admiravelmente executados. De fabricação auetö, encontrámos uma boneca de barro quebrada; de procedência mehinakú, novelos de algodão finamente fiado; de origem trumai e suyá, lindos gorros de penas. Da nossa procedência de 1884, descobrimos dois cinzéis de ferro, partes duma vareta de espingarda que tinham sido amoladas em pedras.

Tivemos a satisfação de travar conhecimento pessoal com um Nahuquá; mas o homem, visivelmente idiota, de nada nos serviu, infelizmente. Observámos não ser êste o único anormal; entre

os Kustenaú de 1884 encontrámos um Bakairí abobado, entre os Yuruna vivia um índio Arara completamente imbecil; creio ter observado fato semelhante ainda mais vêzes. Resta saber se êstes indivíduos decaem no ambiente estranho, ou se é costume ceder os imbecis aos vizinhos, para prestarem serviços.

A trôco de pérolas fizemos, na casa de flautas, mensurações antropológicas e batemos chapas fotográficas. Nessa aldeia notei um tipo pronunciadamente semita, como demonstra o exemplar clássico da prancha 13. Os homens submetiam-se pacientemente a tudo e davam ao compasso de espessura o nome da *núna* "lua". Só houve um que ficou indignado quando, depois de medido por Enhenreich, em todos os sentidos, da cabeça aos pés, êste o quis pagar com três pérolas grandes e bonitas. Queria receber tantas pérolas, quantas as medidas tomadas nêle. Repetiu, com gestos expressivos e louvável memória, todos os processos a que fôra submetido; na cabeça, da frente para trás, de lado a lado, o nariz de cima para baixo, a distância entre os olhos, o comprimento dos membros e das suas partes, a altura do umbigo acima do solo, etc. etc., estendendo, após cada gesto, a mão para as *katakuá* — pérolas. Não havia por onde escapar, tive que reconhecer os seus direitos. Remunerei-o, porém, com pérolas pequenas, pois, quando comecei a fazer o pagamento, êle contava novamente depois de cada par de pérolas recebido, conferia-as com a série das mensurações, mostrando primeiro as pércas e depois a respectiva parte do corpo. Só se deu por satisfeito quando indenizado com bastante precisão. Se existirem muitos casos semelhantes, pensei comigo mesmo, se os Bakairí contarem muitas dessas índoles calculadoras, a aritmética, entre êles, há de fazer progressos espantosos. Era um exemplo flagrante de como o intercâmbio comercial gera e desenvolve os talentos matemáticos.

As mulheres opunham alguma resistência. Era completamente impossível fotografá-las na casa das flautas, como o havíamos feito com os homens. Era-lhes proibido entrar aí, embora a nobre construção já estivesse em ruínas. Fizemos, pois, as nossas mensurações e fotografias no páteo.

Embrulhámos cuidadosamente os nossos tesouros adquiridos por permuta, pedindo a Porisa que nô-los guardasse na sua casa, até a nossa volta. Não podíamos sobrecarregar as nossas canoas e devíamos providenciar espaço para as coleções das tribus situadas mais abaixo. Na nossa presença Porisa colocou os embrulhos sobre uma trave transversal e alta, que ficava entre os dois postes centrais, e prometeu, que ninguém tocaria nêles.

Às 4 1/2 voltámos bem satisfeitos ao pôrto. Antônio tinha saído para fora da baía, acompanhado de 8 índios, para fazer uma demonstração do emprêgo do anzol. Os seus companheiros regressaram à aldeia com um bom carregamento de piranhas, um bagadú, e um pintado. Trocámos uma das nossas canoas pequenas por outra maior e mais bonita.

II — VISITA AOS NAHUQUÁ

Intercâmbio entre Bakairí e Nahuquá. — Índios surpreendidos no pôrto. — Recepção singular. — Os utensílios estavam escondidos. — Um Yaurikumá. — Durante a noite. — Mehinakú na aldeia. — *Danças*. — Espectativas pouco auspiciosas para o Professor Bastian. — Minha resolução de partir antes dos outros para a aldeia dos Mehinakú. — Melhora a situação. — Notícia da batalha entre os Suyá e os Trumai.

Incontestavelmente os Nahuquá mantêm múltiplas relações com os Bakairí. Já o velho Paleko me ensinára muitos vocábulos nahuquá que, com grande satisfação minha, revelaram-se logo tratar-se de uma nova tribo de caraíbas. Disse-me Paleko que vivera outrora algum tempo entre os Nahuquá; Tumayaua já os visitára também e conhecia muitos vocábulos da língua deles, ao passo que todos os Bakairí reünidos não entendiam meia duzia de palavras do idioma dos Mehinakú, índios que moram abaixo dos Nahuquá.

O nahuquá, que vivia na terceira aldeia dos Bakairí, acompanhou-nos, quando a 7 de outubro de 1887 partimos do pôrto desta terceira aldeia, em visita aos seus irmãos de tribo; às últimas horas da tarde saltou da canoa, num lugar onde havia um atalho que vinha até o rio, para ir à aldeia anunciar a nossa chegada. Também três Bakairí da aldeia das harpias, inclusive o cacique Porisa, haviam se juntado ao nosso grupo. Partíramos às 6 1/2 horas e ainda tínhamos que atravessar uma pequena cachoeira, de forte correnteza. Esta cachoeira com alguns "currais" de pesca ainda pertencia aos Bakairí, ao passo que um riachozinho de 2 metros de largura, afluente da margem direita, pelo qual passámos às 9 horas, e barrado por uma cêrca de pescaria, já era propriedade dos Nahuquá. Às 11 horas chegámos à foz de mais um riacho, que também vinha da direita, mais largo que o anterior; tratava-se do Háiri dos Bakairí, ou Ráza dos Nahuquá, em cujos domínios

estava situado. Passámos por muitos bancos de areia marginaes que ficam de 4 a 5 ms. acima do nível das águas na estação sêca, muitos salgueirais e uma infinidade de árvores sêcas caídas. À 1 hora fizemos uma sesta num ponto piscoso; as piranhas mordiam tão rapidamente no anzol que bastava lançá-lo e recolher a prêsas; um grande bagadú de 1 m. de comprimento, que Antônio pescou com isca de liguana, proporcionou-nos o espectáculo divertido de arrastar o feliz pescador para dentro do rio. Diversos anzóis foram inutilizados por piranhas que mordiam a linha. Depois dum exame minucioso os índios tiravam a mandíbula inferior, que é usada para cortar fios e o cabelo.

Wilhelm, eu e Tumayaua, estávamos, como de costume, com as nossas cancas na frente dos outros. Sendo os primeiros a chegar no pôrto propriamente dito, surpreendemos três indivíduos que se mostraram bastante espantados. Eram: um belo e vigoroso rapaz de seus 18 anos, o protótipo dos Rukuyenns da Guiana, descritos por Grevaux ao qual Tumayaua designava de *píma iméri*, o filho dum cacique; um menino de pouca idade e, como terceiro, um jovem Mehinakú.

Consolado e acalmado amavelmente por Tumayaua, o pequeno cacique pôs-se a rir, tremendo, porém, com todo o corpo. Trazia atada, em tórno da cintura, uma faixa de algodão, e outra faixa acima da barriga das pernas. O pescoço estava enfeitado com dois lindos colares de conchas. Os três traziam os seus cestos cheios de conchas do rio. Pouco depois afastaram-se, manifestando visível alegria. "*Kura karáiba*", o caraíba é bom, havia-se-lhes dito uma infinidade de vêzes, e Tumayaua ainda gritou-lhes demoradamente, encomendando que providenciassem uma boa quantidade de püserego. Na manhã seguinte partimos cedo, e depois de termos passado por um pequeno campo cerrado, entrámos no mato. Era na maior parte, capoeira, isto é mato novo que cobria o terreno anteriormente cultivado. Nas árvores notámos uma grande quantidade de figuras humanas toscamente entalhadas na cortiça; nunca as encontrámos em número tão elevado. Apresentavam enormes prolongamentos estreitos que lembravam orelhas de burro, e que nos foram interpretados como representações das penas usadas na orelha. No fim do caminho avistámos uma bonita plantação de árvores piquís (*Caryocar brasiliensis*); os seus frutos redondos têm a forma e o tamanho duma maçã bem grande, casca verde, conteúdo amarelo-manteiga com grandes sementes.

Depois de duas horas chegámos à aldeia; aí reinava um silêncio sepulcral, quando o nosso grupo penetrou na praça das festas. Víamos um círculo de 12 casas de moradia grandes, próximas uma

da outra, e uma casa de flautas bem construída; longos bancos, feitos de troncos de árvores, achavam-se aos nossos pés. Não havia ninguém que nos recebesse; somente nas entradas das ocas silenciosas se divisavam algumas figuras sombrias indistintas. Tumayaua gritava e agitava vivamente o arco e a flecha; a nossa longa fileira aguardava, alvoroçada, os acontecimentos. Afinal também começamos a gritar, afirmando que éramos bons, e repentinamente nos vimos rodeados, de todos os lados, por uns quarenta homens.

Com manifestações duma grande alegria, que todavia não disfarçava o seu temor igualmente grande, fizeram-nos sentar, um ao lado do outro, nas traves estreitas que serviam de bancos, trazendo-nos uma grande quantidade de beijús e de cuias enormes. Os beijús formavam uma pilha de altura assustadora; as cuias infelizmente não continham o saboroso püserego, apenas o pogu, o pirão comum de farinha de mandioca. Como petisco ofereceram-nos algumas frutas piquí, na maior parte ainda verdes; realmente um pedacinho dessa fruta, comido com beijú era gostoso, todavia o sabor oleoso tornava-a enjoativa.

Os Nahuquá eram vigorosos, mas um tanto desejeitados. Vários tinham o peito pintado com borrões redondos, triângulos e figuras semelhantes; um deles trazia uma linha sinuosa pintada na coxa. Quando queriam exprimir a sua admiração ou grande estupefação, apertavam com força uma das mãos contra a boca e o nariz, emitindo variados sons, *hõ hõ hõ*, semelhantes àqueles que nós às vezes fazemos ouvir, quando sacudimos a cabeça. Ofereceram-nos charutos gigantesco, de 40 cms. de comprimento; possivelmente este desmedido tamanho era proporcional ao medo de quem os oferecia.

Terminada a cerimônia da recepção, retirámo-nos para a casa das flautas, afim de aí guardarmos a bagagem que trazíamos. Solícitamente os nossos amigos nos acompanharam, trazendo os carregamentos de beijús e as bebidas. A casa dos homens, grande e caprichosamente construída, estava tão vazia, que apresentava um aspecto verdadeiramente desolador. Visitando alguns dos ranchos, notámos que todos os objetos haviam sido retirados; aqui e acolá pendia ainda uma rede solitária; faltava toda a espécie de utensílios domésticos como cestos, cuias e potes, usados em todas as aldeias; não se viam nas paredes os machados de pedra, os arcos e as flechas. Sentimos, principalmente, a ausência da rainha da criação. Apenas algumas velhas horrivelmente feias — assustadoramente magras, o corpo enrugado, cabelo emaranhado e polvilhado com farinha de mandioca, o andar em passos curtos, as pernas dobradas — apareceram; olhavam-nos com um risinho

amável e revelavam-se pessoas de boa índole, a quem devíamos o preparo dos nossos beijús. As mais moças, porém, tinham-se refugiado no mato.

Em tôda a parte encontrámos grande desconfiança; sempre acompanhava-nos um numeroso séquito, e repetiam-nos tão insistente e freqüentemente o seu "*atoto atoto atoto*", que corresponde ao "*kúra*" dos Bakairí, que era difícil desfazer a impressão de que a bôca exprime o contrário do que o coração sente. Permutámos os poucos objetos que achámos, e, para estimular-lhes um pouco a ambição, remunerámos os amigos nossos com objetos desproporcionadamente mais valiosos. Perrot, nas suas funções de curandeiro, tratou de vários pacientes, soprando-lhes fumaça de fumo contra o corpo e friccionando-os com vaselina. Um velho arrastou o seu filho dum para outro e não sossegou antes de cada um lhe ter soprado fumaça.

Julgámos conveniente diminuir o nosso número: Antônio e Tumayaua voltaram primeiros para o pôrto; depois seguiram Perrot e Vogel, principalmente porquê êste desejava aí fazer uma determinação de latitude. Ehrenreich, meu primo e eu ficámos juntamente com os Bakairí da terceira aldeia, fazendo questão de pernoitar com os nossos amigos, embora êstes recebessem com grande desagrado a nossa resolução. Os companheiros que voltavam para o acampamento, junto do pôrto, ficaram encarregados de nos enviar, regularmente, camaradas com peixes e outros gêneros alimentícios.

Fomos tomar banho acompanhados de quinze pessoas. Um pequeno riacho alagado corria a cêrca de 1 1/2 km. da aldeia.

Na casa das flautas tentámos travar relações mais amistosas com alguns índios. Um dêles dizia ser um "Yaurikumá"; morava a três dias de viagem, na direção leste, nas margens do Kuluêne. Deu-nos informações sôbre a localização das aldeias dos Trumai e dos Kamayurá, informações essas que, como mais tarde pudemos constatar, eram exatas. Também sabia alguns vocábulos da língua dos Kamayurá. Êstes vocábulos provavam, para satisfação nossa, que os Kamayurá deviam ser uma tribo de Tupí. Causou-nos grata impressão ouvir dêsse índio, cuja língua não conhecíamos, vocábulos dum idioma estranho, com os quais estávamos muito familiarizados, como tapira, o tapir e yakaré, palavra com que no Brasil comumente se designa o caimão. Um outro fêz-nos uma representação teatral dos Suyá; com uma tira de palha êle apon-tava os enfeites das orelhas e os bодоques e, como sempre provocava alegria geral. E foi aquí que ouvimos, pela primeira vez, o



Prancha VIII

Dança da rêde de pescar dos Nahuquá
(Capítulo VI)

1286

nome da tribo dos “Aratá”, que era mencionada quando se falava dos Suyá. Os Trumaí, os Suyá e os Aratá eram classificados como “kurápa” — “ não bons”.

À noite cercaram a porta da casa das flautas e das ocas com uma esteira; bem descontentes os Nahuquá tiveram de se conformar com a nossa teimosia em passarmos a noite na aldeia deles. No largo fizemos ainda uma divertida reunião de fumantes, na qual provocámos a alegria e a admiração de todo o grupo com um pequeno fogo de artifício. O maior entusiasmo despertou-lhes, porém, uma vela acesa. Denominaram os nossos espelhos *tune*, água, exatamente como os Bakairí o haviam feito com o seu *paru*.

Durante a noite desabou uma forte trovoadas; com pena lembramo-nos das pobres mulheres nahuquá, escondidas na floresta longínqua. Já às 5 horas percebiam-se ruídos na aldeia; tendo escutado breve troca de palavras entre nós, um numeroso grupo de visitantes se apresentou na casa das flautas. Depois da noite desagradável mais se acentou o desejo de que nos retirássemos. Os Bakairí da terceira aldeia, presentes, rogavam-nos insistentemente que fôssemos embora. Afinal recolhemos em cestos as poucas preciosidade adquiridas; o rancho de festas estava cheio de espectadores curiosos, e os bons Baikarí julgavam que estivéssemos preparando a nossa partida. Enganavam-se, porém. Pedimo-lhes somente, quando às 10 horas abandonaram a aldeia, que levassem os nossos objetos ao pôrto, e ficámos.

Passeando pelos ranchos demos com uma série de pequenos potes que nos afirmavam ser, ora de fabricação nahuquá, ora tratar-se de objetos originários dos Mehinakú. A velha ceramista ostentava, no braço três linhas paralelas, a tatuagem das mulheres nahukuá; fez-nos sinais com as mãos, indicando que estes ornamentos lhe tinham sido aplicados quando ainda era bem criança. Além de várias mulheres, viviam entre os Nahuhuá alguns homens Mehinakú, um dos quais, como já relatei, encontramos logo ao chegarmos ao pôrto. Um deles tinha pintado nas faces, com tinta preta, dois ângulos retos com a abertura cheia de pontos. Pedí-lhe que me ensinasse algumas palavras da sua língua e pude constatar perfeita identidade com os vocábulos *kustenáu*, que em 1884 registrámos no Batoví. Trazendo comigo, no momento, um vocabulário dessa língua, pude dizer-lhe logo o nome de uma porção de coisas, fato que o deixou espantadíssimo. Fez-me em voz alta um longo discurso, provavelmente de conteúdo amistoso, e parecia estar inteiramente convencido de que eu compreendia tudo.

Esforcei-me por dar a entender aos meus hospitaleiros amigos, que eu tinha grande desejo de adquirir máscaras, e prometí-lhes, como renumeração, facas grandes. Mas, evidentemente, interpre-

taram os meus gestos como um pedido para que nos exhibissem alguma dança. Todos ficaram muito alvoroçados e depois de alguns preparativos, conduziram-nos para fora, oferecendo-nos lugares naquelas horríveis traves. Duas pessoas encarregaram-se da música; uma delas se acocorou no chão e bateu o compasso com uma cuia comprida; a outra, com a cabeça enrolada numa bela faixa de palha trançada, colocou-se atrás da primeira, sacudindo um chocalho. Entraram em cena três dançarinos com diademas de plumas na cabeça. Uma comprida tanga de palha de burití envolvia-lhes diversas vezes os quadrís, e os braços estavam enfeitados com folhagem verde. Ao longo dos braços tinham amarrados, com a haste para cima, ramos folhudos, de odor balsâmico; traziam as mãos escondidas na verde folhagem. Colocaram-se um ao lado do outro e cada um pôs-se a sapatear em posição inclinada, estendendo as mãos e tornando a juntá-las, afastando-se do vizinho, virando-se e voltando-se para o centro, sem interromper a dança. Acompanhando o compasso da cuia, do chocalho e do sapateado, gritavam em voz clara “*ho ho ho*” ou “*hu hu hu*”. Depois juntou-se ainda uma mulher, uma das velhas mais feias, a qual, com o rosto dirigido para os três e as mãos colocadas sobre o peito, começou a dar, de pernas dobradas, passos para trás e para frente, de acordo com o compasso.

Uma segunda parte da dança foi executada, sem a mulher. Os movimentos eram um pouco mais animados, enquanto cada um sacudia os ramos, batendo uns contra os outros. A dança era acompanhada da seguinte canção: “*zitenéru wayiwiti; wayiwiti-néru witinerúwe; awirínuyána; awirínuyána; kanihayúha witinerú*”.

Pouco depois exibiram ainda uma longa dança na casa das flautas. Os dois músicos, com chocalhos e cuia, estavam sentados no centro, e os outros, ao todo 16 homens, movimentavam-se em semi-círculo, sendo que uma metade sempre se afastava da outra, tornando a voltar para ela. Enquanto davam os seus passos, todos batiam com o pé direito, soltando, em voz alta, um retumbante “*ho ho ho*” e cada um sacudia, em direção dos músicos, com um violento impulso do braço, o chocalho que tinha na mão. Era interminável este vai-vem. Traziam míseros diademas de palha, que tinham confeccionado na hura, e só poucos ostentavam um ornato de plumas bonito e apresentável. A trôco de facas, adquirimos todos os instrumentos e enfeites que tinham sido usados durante as danças.

Contudo nos sentíamos descontentes e desesperados. De que maneira havíamos de regressar como uma coleção etnológica se a população, antes da nossa chegada, se escondera na floresta? Que diria o professor Bastian, de Berlim, se, para a demonstração da

cultura do Xingú, não lhe trouxéssemos outra coisa senão êssas ninharias, a muito custo descobertas em qualquer canto desta abandonada casa das flautas ou dêstes ranchos desertos? Os Nahuquá constituíam apenas a segunda tribo do nosso programa; se nas outras encontrássemos idêntico acolhimento, os resultados da nossa expedição seriam muito pouco satisfatórios.

Como agir? Devíamos evitar um grupo numeroso para não despertarmos o receio nas tribus, e procurar a todo transe surpreendê-las, antes que tivessem alguma informação sôbre a nossa chegada. Resolvi, por isso, abandonar os Nahuquá às escondidas, partindo na manhã seguinte para os Mehinakú, não em companhia dos camaradas, mas apenas com dois Bakairí. Meu primo e Ehrenreich deviam ficar entre os Nahuquá para desfazerem quanto possível a desconfiança dêstes e completarem as pesquisas; todo o grupo devia esperar pelo menos dois dias para me seguir.

Não seria provável que, aparecendo, súbitamente, como único estranho, entre os Mehinakú, fôsse despertar o mêdo de tôda a aldeia e provocar a fuga de todos os seus habitantes, com os seus haveres, para as matas. À tarde voltei ao pôrto, enquanto meu primo e Ehrenreich permaneciam na aldeia.

Em Ehrenreich manifestaram-se, naqueles dias, os primeiros sintomas da febre, tanto mais acentuados e desagradáveis, devido ao calor excessivamente forte. Sôbre o que, depois da minha partida, se passou na aldeia, Wilhelm me relatou o seguinte: quando deram pela minha ausência, levaram-no para a praça central, onde públicamente, foi inquirido rigorosamente sôbre o meu destino. Conforme, a nossa combinação, replicou êle, com a maior ingenuidade possível, que eu sentira fome e por isso tinha ido ao pôrto para comer peixes. Os índios acharam razoável esta explicação e deram-se por satisfeitos com a mesma; mais agradável, porém, lhes teria sido se também êle e Ehrenreich tivessem sido vítimas de igual fome.

Já às 5 horas da manhã seguinte Wilhelm foi despertado com um longo discurso proferido no largo, mas tornou a adormecer; às 6 horas trouxeram-lhe uma provisão de beijús frescos. Ehrenreich tirou retratos, no comêço causa de grande alarido, mas de resultado bem acima da nossa expectativa. Os Nahuquá, satisfeitos com as pérolas recebidas em remuneração, chegaram afinal a ir para o mato, trazendo as mulheres para se fotografarem e assim ganharem os objetos de adorno. Um velho, que andava apoiado numa muleta, entregou a Wilhelm um pequeno pote que continha um sal amargo, cujo preparo chegámos a conhecer mais tarde, entre os Mehinakú. O homem idoso apreciava como fino petisco essa

droga de gosto insuportável, pois enfiou várias vezes o dedo no potezinho, lambendo àvidamente o sal e dando estalos de contentamento com a língua. Na superfície havia algumas pimentas denominadas *homi*.

Entre os peixes trazidos pelos pescadores, que voltaram de sua excursão, havia dois exemplares de pequeno tamanho, denominados *winko*, semelhantes à piranha: era o mereschu dos Bakairí, que desempenha um papel importante na ornamentação. Wilhelm desenhou o peixe e ficou surpreso com a grande admiração que os índios demonstraram pelo seu trabalho. O inteligente Yaurikumá também compreendeu, finalmente, depois de muitas explicações, a nossa vontade de adquirir máscaras, prometendo que as haveríamos de encontrar na volta.

A desconfiança parecia diminuir; nos ranchos já se viam objetos que a princípio tinham sido escondidos. Encontraram-se dois potes grandes, de considerável diâmetro, fabricados à maneira mehinakú, pintados externamente com listas verticais, e no fundo com um desenho formado de dois semi-círculos, voltados um para o outro. Na casa das flautas Ehrenreich fez, sem dificuldade, mensurações antropométricas.

Na manhã do dia 11 de outubro o ambiente estava mais tranquilo. Os índios trouxeram alguns colares de conchas, entre os quais havia um com uma grande pedra furada em troca do qual o possuidor quis, a princípio, obter insistentemente o grande facão de Ehrenreich. Wilhelm surpreendeu o cacique, quando este estava plantando milho atrás de seu rancho; com auxílio de uma varinha, fazia covas de 2 a 3 polegadas de profundidade, deitando nelas vários grãos. Quando o meu sobrinho se aproximou, insistiu o velho para que ele plantasse o resto, caso análogo ao que se passara comigo na primeira aldeia dos Bakairí.

Pouco depois houve um grande pânico entre os habitantes da aldeia. Wilhelm foi conduzido para dentro do rancho do cacique, onde encontrou, sentados, três indivíduos recém-chegados que olhavam soturnamente para o chão, enquanto todos gritavam desordenadamente, e algumas mulheres choravam. Meu primo não compreendeu o que havia, a não ser que se tratava de má notícia que fôra trazida por aqueles três estranhos, pintados de vermelho. Só depois de entrar na casa das flautas, explicaram-lhe, com muitos gestos, a novidade desagradável. Os terríveis Suyá tinham, finalmente, executado com êxito o seu plano de atacar os Trumaí, empresa para cuja realização haviam, em 1884, pedido insistentemente o nosso auxílio. "*Suyá Trumaí tok tok*" era a frase que, acompanhada de expressiva mímica, significava que os Suyá tinham

atacado e subjugado os Trumaí. Parecia que, com o auxílio de ganchos, aquêles tinham puxado e afundado uma parte das canoas dos Trumaí; os náufragos eram alvejados com flechas e aos sobreviventes amarravam os braços às costas.

Os três mensageiros eram Guikurú nome dado aos Nahuquá, vizinhos mais próximos dos Trumaí.

Na manhã do dia 11 de outubro Wilhelm e Ehrenreich, cuja indisposição aumentava, voltaram ao pôrto, de onde partiram, no dia 12, de manhã, para me alcançarem. Dois dos Mehinakú, que viviam entre os Nahuquá e que tinham compreendido muito bem a razão do meu desaparecimento, já me haviam seguido no dia anterior, mas, felizmente, chegaram à aldeia um dia depois de mim.

III — VISITA AOS MEHINAKÚ

Sigo sozinho adiante. — Chegada e recepção. — Rancho de festas.

— Incidente desagradável e reconciliação. — Fartura. —

Formigas voadoras. — Coleção etnográfica.

Não foi fácil induzir Tumayaua e o seu companheiro, o “cocheiro” que, felizmente, embora não conhecesse a língua dêles, já estivera uma vez na aldeia dos Mehinakú, a me acompanharem na execução do meu plano; contudo um se animou com o exemplo do outro.

Partimos cedo na manhã de 10 de outubro e chegámos ao pôrto dos Mehinakú no dia 12, às 11 horas da manhã. Não nos havíamos apressado demasiadamente na viagem; os dois índios preferiam remar somente quando eu lhes dava o exemplo. Aborrecia-me sempre quando nas curvas, êles acompanhavam a margem do rio, não se lembrando uma vez sequer de cruzá-lo em linha reta. Não havia um peixe ou uma ave que não lhes prendesse a atenção. Atiraram, sem contudo acertar, várias galináceas; uma capivara que atravessara o rio, a nado, foi ferida na perna trazeira e afastou-se gritando, para o mato, com a flecha cravada no corpo. Pernoitámos numa baía piscosa onde fizemos boa pesca. Os dois passaram a noite a assar os peixes, mantendo sempre aceso o fogo debaixo da grelha de madeira; tinham armado as suas rêdes tão perto da fogueira que comodamente podiam estender a mão para fora, afim de virarem os peixes e comerem de vez em quando um pedaço, aproveitando também o calor do fogo.

Na manhã seguinte me informaram de que a parte esquerda da margem já pertencia aos Mehinakú, ao passo que a direita ainda era propriedade dos Nahuquá. O nosso pôrto ficava numa escharpa arenosa, onde desembocava um pequeno riacho. Nas árvores viam-se gravados desenhos e losangos. Os Bakairí empurraram a canoa por um bom pedaço riacho-acima, escondendo cuidadosamente, na mata, os seus remos e os cêstos que ainda continham restos de peixe e de beijú. Tumayaua preparou um presente para os Mehinakú, cingindo-se, por isso, com uma corda que tinha o aspecto dum rosário enfiado com frutas de conteúdo oleaginoso. O óleo era friccionado sôbre a pele prèviamente ferida com o arranhador medicinal dos índios.

Durante 2 1/4 horas caminhámos pela floresta seguindo um caminho desagradável que o calor abafadiço tornava ainda mais penoso. A cêrca dum quilómetro da aldeia, num lugar em que a floresta se tornava menos densa, deparámos, traçada na areia, com uma grande figura circular (v. fig. "Desenhos na areia"). Na parte dirigida para a aldeia via-se desenhada, internamente, uma figura de difícil interpretação. Tumayaua denominava essa figura de "*atulua*", informando-me que os índios costumavam dançar ao redor da mesma, cantando *ha a a* De fato muitos rastros de pés a rodeavam.

Já antes de alcançarmos êste ponto, os Bakairí — que na maior parte do caminho haviam andado na frente — pararam, convidando-me, cortêsmente, a tomar a dianteira. Deixavam perceber claramente, pelo seu procedimento, que ainda não estavam totalmente livres de receios. Bem junto à aldeia encontrámos um Mehinakú que, apressadamente, retrocedeu mal nos dando tempo para lhe dirigir um "kúra, kúra". Logo em seguida entrámos numa grande ocára rodeada de 14 casas.

Quadro singular! De todos os lados os habitantes saíam precipitadamente das suas moradas; velhos e moços corriam pela ocara com exclamações e gesticulações animadas, uns dirigindo-se para mim, outros recuando. Dentro em pouco me seguraram pela mão e assim, amavelmente prêso, fui conduzido para o interior da casa das flautas, onde tive de me sentar sôbre um banquinho em forma de ave, caprichosamente trabalhado. Fui contemplado com uma curiosidade que revelava receio e pavor; as mulheres, muitas com o corpo pintado de preto e outras inteiramente cobertas de fuligem, escondiam-se atrás do círculo formado pelos homens que, ao menor movimento instintivo de minha parte recuavam espantados. Trouxeram muitas cuias com mingaus ralos de farinha de mandioca, e eu tive de beber de cada uma. Deram-me uma grande

quantidade de beijús de excelente qualidade, macios, cobertos de uma farinha alva, e dobrados como um pano; também me foi oferecido um sal sôbre fôlhas verdes.

Senti-me satisfeito, quando, finalmente, pude entrar de rastos no rancho das festas, cuja entrada aquí não tinha dois palmos de altura. Estava repleto de máscaras de madeira com variadas pinturas multicores, mas tôdas com a mesma forma; de algumas pendia uma enorme barba de fibras de burití, pintada de vermelho.

Iniciando logo a permuta de objetos, adquiri algumas máscaras e alguns potezinhos a trôco de facas e pérolas. Queriam receber uma enorme quantidade de facas, manifestando muita impaciência. Cada qual parecia dizer: “Vamos, depressa, dá-me os teus objetos, não vês que estou à espera?” Decididamente, desconheciam um negócio correto, pois não atinavam que quem recebe alguma coisa deve dar outra em pagamento. Tumayaua, que com grande orgulho e satisfação desempenhava o papel de empresário do hóspede interessante, em discurso bastante longo, expôs-lhes as noções elementares do comércio europeu. Era altamente notável a habilidade com que, dispondo duma meia dúzia de frases da sua própria língua, pronunciadas em tom claro e convencido, conseguiu fazer o seu auditório compreender aquela exortação e, posteriormente, a narração das nossas aventuras.

Mais tarde tive, no largo, uma demorada reunião da qual participaram muitas mulheres velhas; eu tomava nota dos vocábulos no meu livro, e quando o cacique ouvia, de mim, uma palavra caráiba, êle me imitava garatujando ativamente na areia.

Accmodei-me com os dois Bakairí no rancho das festas. Depois de ter feito uma visita de inspeção a várias habitações, passámos aí a noite sem que ninguém nos molestasse.

A casa das flautas media 13 passos de largura, 22 de comprimento e 5 metros de altura. Possuía duas entradas extremamente baixas, de 4 passos de comprimento, uma ao lado da outra; via-se no chão, do lado externo, um longo tronco de burití. O vigamento do telhado era suportado por três postes resistentes, ao longo dos quais estava fixada, horizontalmente, uma armação, semelhante a uma escada, de cujos degraus perpendicularmente fixados, pendiam vinte máscaras, alguns mantos de palha e uma varinha zunidora pintada de preto e vermelho com a forma duma fôlha de espada, de 60 cms. de comprimento.

Diante da pequena estaca que separava as duas entradas, como também à direita da abertura, havia, no chão, dois relevos de pele, com 1 m. de comprimento e 8 cms. de largura, representando liguanas. Êstes “mounds”, sumamente graciosos, estavam muito bem mo-

delados, salvo a cabeça que tinha uma forma bastante grosseira. Em frente à entrada, no largo, tinha sido enterrado alguém há pouco tempo; aí estava um amontoado de ramos secos, cheios de escaravinhos e de môscas grandes. Na terra viam-se orifícios de canais, dos quais saíam os bichinhos depois da refeição.

Na manhã seguinte a nossa camaradagem foi, infelizmente, perturbada pelo fato desagradável de me terem esvasiado a bôlsa do cinto, quando me achava ausente, visitando os ranchos. Sentí muito a falta da bússola indispensável, duma tesoura de cirurgião, duma pequena corneta de caçador, duma caixinha de pastilhas de hortelã, etc. Além disso essa gente se mostrou tão ambiciosa e exigente que eu percebi ser indispensável dar-lhes uma lição para poder manter a autoridade que, nessa situação, me era absolutamente necessária. Queixei-me, chamei-os de maus, "*kurápa*", e exigí que me restituíssem os meus objetos. Afastaram-se protestando vivamente a sua inccência e dizendo que o culpado talvez fôsse uma Kamayurá que, segundo afirmavam, acabara de chegar.

Passaram-se duas horas. Cada 5 ou 10 minutos aparecia um, rastejando pela entrada; mas eu o reconduzia imediatamente, mandando que fôsse à procura dos objetos; na praça êle proferia então, em voz alta, choroso discurso que provocava grande algazarra no interior das habitações, sobretudo por parte das mulheres. Recusei, com um olhar carrancudo uma cuia de bebida de mandioca que me vieram oferecer. Aos poucos e com grandes intervalos apareceram os objetos furtados.

Um trouxe a tesoura, outro veio com a cornetinha de caçador, e cinco ou seis apareceram, igualmente, após grandes intervalos.

Infelizmente não aparecia a coisa mais importante, a bússola. Por isso fui diretamente ao rancho do velho cacique gordo, queixando-me a êle; desculpou-se dizendo que estivera ausente e ignorava o ocorrido. Tomei-o então pela mão e levei-o à casa das flautas, para onde me seguiu aos bamboleos e de má vontade. Descreví-lhe o processo in loco, ameacei: "*mehinakú kúra, karáiba kúra; mehinakú kurápa, karáiba kurápa*" = quando o Mehinakú é bom, o caraíba também é bom; quando o Mehinakú é mau, também é mau o caraíba, e assustei-o dando um tiro de revólver no poste central. Imediatamente estabeleceu-se um grande pânico entre os que estavam fora, e com grande alarido corriam desordenadamente, dum canto para outro. O velho saiu trêmulo e prometeu que havia de procurar. Tumayaua espiou pelas aberturas do telhado de palha e divertiu-se com as cenas que se passavam lá fora; rindo sozinho foi em seguida para junto do poste e examinou a trajetória do projétil.

Nas horas seguintes do dia nenhum dos Mehinakú se aproximou de mim; apenas os dois Kamayurá visitantes à aldeia, sentaram-se na minha frente, diante do rancho de festas, e se deixaram examinar. Presenteei-os generosamente e eles prometeram que eu seria bem recebido pela sua tribu. Como me informaram, não era o velho que eu inquirira, quem tinha furtado os meus objetos; o ladrão era outro, o segundo cacique dos Mehinakú que, já desde o princípio, eu tinha notado, em virtude do seu ar de descontentamento.

No dia seguinte começou uma algazarra terrível, às 4 horas da madrugada. Durante a noite não houvera ruído; só de vez em quando ouvia-se alguém tossir; nas primeiras horas depois da meia-noite tivemos uma trovoadas muito violenta, e diante da porta formou-se um grande lamaçal, quase impedindo a entrada. Fui acusado de ter pedido essa tempestade. Fora pronunciaram-se muitos discursos. Ora o orador se achava só no largo, ora — o que era mais frequente — os oradores se postavam às portas das suas casas. Pouco a pouco diverti-me mais e mais o grande humorismo da ocorrência. Uma atitude clássica e épica apresentavam aqueles heróis que aí falavam solenemente às portas das suas habitações. Cedi às suas instâncias e contentei-os aceitando um beijú fresco e cheiroso, de ótimo sabor. Assim terminou o episódio. Esta boa solução se me tornou mais agradável, quando, com grande espanto, descobri que a bússola não me podia ter sido roubada, pois não a trouxera comigo. Este incidente influiu vantajosamente nas nossas relações, pois daí em diante os Mehinakú se tornaram mais corteses, não me importunando mais com as suas insistências.

A reconciliação foi facilitada, pelo fato de ter chegado nesse meio tempo um dos Mehinakú, que eu encontrara entre os Nahuquá, e que só me conhecia pelo lado bom. A' tarde apareceram também Wilhelm e Vogel, ao passo que Ehrenreich que adoecera, ficara no pôrto, visitando a aldeia na volta. Aos dois prestou-se uma pequena homenagem de recepção; tomaram lugar nos belíssimos banquinhos em forma de animais, como em tribu alguma encontrámos tão bem trabalhados, — e receberam os seus “beijús de boas vindas”. Com vivos gestos descreveram a batalha travada entre os Trumai e os Nahuquá. Soubemos que ainda existiam duas outras aldeias de Mehinakú, ambas aproximadamente a uma distância dum dia de viagem. A situada ao sudoeste, parecia, realmente, ser muito pequena tendo sido descrita como constituída duma só casa; a outra, ao norte, segundo diziam, compunha-se de cinco casas.

Além da casa das flautas a nossa aldeia contava catorze casas; havia ainda duas construções em andamento, uma das quais, quase terminada, servia já de residência. O conjunto dava uma impres-

são de grande abastança. Em todo o caso, do ponto de vista indígena, segundo o qual a verdadeira riqueza é constituída pela mandicca, os Mehinakú eram a tribo mais rica do Kulisehu. Pareciam dedicar-se a uma lavoura bem organizada. Foi deles que, pela primeira vez, tornámos a receber batatas doces. Quando lhes demos pérolas em pagamento de algumas mangabas, trouxeram-nos cestos cheios dessa fruta, até que, a despeito do nosso excelente apetite, tivéssemos que mandar suspender o fornecimento.

Na noite de 13 de outubro caiu sobre a aldeia uma nuvem de içás voadores, causando muita satisfação. Diante dos ranchos acenderam-se grande fogueiras de palha, e todos, velhos e jovens puseram-se a recolher, em cuias e potes, os bichinhos de quase uma polegada de tamanho que chamuscavam as suas asas delicadas nas chamas. Cheios de entusiasmo e contentamento comiam gulosamente as formigas com beijús e sal. Em várias casas encontrámos os índios ocupados na preparação do sal. Queimam taquara e aguapé, a planta de fôlhas perenes que cresce nas águas paradas, coam as cinzas e obtem do filtrado um resíduo salino. Também empregam muitas vêzes, diretamente uma terra avermelhada com aspecto de cinza salina.

Pudemos compôr uma bela coleção etnológica. Todos os utensílios revelavam o mesmo senso artístico primitivo, mas extremamente vivo, tendo por objeto formas animais, muitas vêzes executadas com bastante engenho. As mulheres Mehinakú, que preparam os seus bolos com instrumentos lindamente entalhados, são ao mesmo tempo aquelas que, na fabricação de vasos, do ponto de vista artístico, atingiram o mais elevado grau de perfeição. Tôdas as máscaras que escolhemos, dentre as que havia na casa das flautas, foram-nos cedidas sem objeções. A inexistência de preconceitos evidenciou-se quando da entrega do "Schwirrholtz" (varinha zunidora), que nos deram sem hesitação alguma. A despedida dos Mehinakú, na tarde de 14 de outubro, foi muito cordial; presentearam-nos mais uma vez com beijús, mangabas e batatas doces, e quatro homens encarregaram-se da nossa bagagem, transportando-a para o pôrto. Confiámos ao velho, por mim tão cruelmente assustado, a nossa coleção etnográfica pois que não a queríamos levar conosco na viagem em vista às tribus situadas rio abaixo. Tornára-se muito nosso amigo depois de eu lhe ter pendurado ao pescoço uma porção das nossas pérolas maiores e alguns choccalhos pequenos.

Ao voltarmos para o pôrto, passando pela floresta onde reinava um mormaço que nos fazia lembrar a temperatura duma estufa, encontrámos três Nahuquá, dois homens e uma mulher, bastante carregados de cuias bonitas e grandes. No pôrto encontrámos

dois Nahuquá, bem como os Guicurú que haviam sido portadores da notícia da batalha dos Trumaí. Tinham atravessado o rio, vindo por via terrestre, prova da existência dum caminho transitável.

IV — VISITA AOS AUETÖ

Viagem. Recepção no pôrto e na aldeia. Dardos.

Máscaras. Rancho dos artistas. Centro de comunicações. *Os Waurá*. Luta de braço.

Partimos do pôrto dos Mehinakú, no dia 15 de outubro às 8 1/4 da manhã. O rio apresentava-se com sinuosidades perigosas, de modo que devíamos, por assim dizer, remar em círculo. Fazia além disso, um tempo chuvoso e sombrio. Pernoitamos no pôrto da aldeia norte dos Mehinakú, aonde chegámos às 3 1/2 da tarde. Aí nos esperavam alguns homens, afim de nos convidarem, gentilmente, para uma visita. Receiávamos, porém, perder muito tempo, e desistimos do passeio.

A nossa partida de 16 de outubro deu-se às 7 horas. Ao meio-dia ouvimos gritos, em bom tupí, vindos da margem esquerda: "*katú, Auetö, katú katú!*" "Os Auetö são bons"!

Alguns índios, em sua maioria completamente cobertos de fuligem, esperavam-nos no pôrto. A notícia da nossa chegada e dos acontecimentos ocorridos na aldeia dos Mehinakú já os alcançara; os Kamayurá que eu presenteára naquela aldeia, nos haviam anunciado e dado boas informações a nosso respeito. Desembarcámos e prometemos visitar a aldeia durante a tarde, depois de chegadas as canoas restantes. Quase ao mesmo tempo passou também pelo pôrto, voltando da pesca, um pequeno grupo de Auetö, em que também havia algumas mulheres. Traziam consigo nassas e tinham pescado pequenas traíras.

Ehrenreich sentia-se muito indisposto; tanto êle como Vogel e Perrot transferiram a sua visita para o dia seguinte. Wilhelm e eu pusemo-nos a caminho às 2 1/2. Passámos por uma pequena extensão de mato, uma roça recém-queimada, um grande terreno coberto de capoeira, e comemos muitas mangabas, abundantes à beira do caminho. Chegámos à aldeia depois de 1 1/2 horas de viagem.

A maneira por que fomos recebidos divergiu um pouco da habitual. Enquanto se reünia grande número de pessoas, e se procuravam banquinhos, tivemos que esperar um pouco, diante do

rancho de festas, mantendo-nos solenemente mudos. A nosso lado via-se uma extensão quadrilateral de terreno cercada de estacas baixas unidas por meio de um entrançado; era uma sepultura (v. prancha 15). Alguns índios estavam cômodamente sentados sôbre as estacas. De um rancho fronteiro à casa das flautas saiu o cacique Auayato, de arco e flecha nas mãos e enfeitado com um colar de unhas de jaguar e um diadema de pele do mesmo animal. No centro da praça, bastante longe de nós, êle se sentou no chão, fazendo, em voz alta, um longo discurso de recepção. Respondemos compenetrados: *katú*, *kúra*, etc. etc. Em seguida êle se levantou, aproximou-se de nós, sentou-se bem na minha frente e repetiu o mesmo discurso. Em resposta dizíamos tudo que nos vinha à imaginação. Dei-lhe uma bela faca e assim se estabeleceu a mais perfeita harmonia. Caçoaram dos Mehinakú, por terem as mulheres dêstes fugido de nós, e pareciam regozijar-se bastante com o fato de os seus vizinhos se terem mal comportado e sido chamados à ordem por mim. Também êles exprimiram o desejo de receber pérolas, mas fizeram-no muito cortêsmente.

Estava ainda viva, nos Auetö, a profunda impressão causada pela luta que se travára entre os Suyá e os Trumaí. Mais tarde, quando soubemos que os Trumaí tinham procurado refúgio junto aos Auetö, ainda compreendemos melhor essa impressão. À noite, o assunto foi discutido, minuciosamente, depois de os termos distraído, com um fogo de artifício, exibido na oara da aldeia. O cacique proferiu imediatamente, do embarcadouro, um dos seus discursos patéticos e gritou em voz alta que os Suyá eram maus, que os Aratá — que nós não conhecíamos — também eram maus, que os Suyá tinham assaltado os Manitsauá em primeiro lugar, e depois os Trumaí e que haviam matado muitos homens, levando muitas mulheres. Disse que nos devíamos aliar aos Trumaí para castigarmos os Suyá. Em 1884 nos fôra feita uma proposta idêntica pelos Suyá que então eram nossos amigos e tinham, como nós, razões de queixa contra os Trumaí.

Ao entrarmos nos ranchos, deparámos logo com os dardos que se encontravam por tôda a parte e despertaram, extraordinariamente, o nosso interesse. Na nossa primeira viagem obtivéramos dos Suyá um único exemplar dessa arma singular; fôramos informados então de que esta era originária dos Kamayurá. Aquí não havia rancho algum em que não se achassem dardos.

Evidentemente esta arma era empregada sobretudo na dança. Disseram-nos, porém, que os Auetö e os Trumaí a usavam em caso de guerra. Com gestos grotescos, o cacique nos demonstrou a

maneira de manejar o dardo, acompanhando a sua mímica com um canto, de que ainda falarei mais tarde, ao descrever mais detalhadamente a arena.

Encontrámos, pela primeira vez, em lugar de máscaras de madeira, máscaras de tecido de algodão, revestidas de cera. Figurando os olhos, pequenos tufo de lã ou pedacinhos de cera e, no lugar do nariz, pedaços maiores de cera. O cacique, sempre amável, mostrou-nos também a dança, munindo-se para isso de arco e flecha. O rosto da máscara assentava sobre a parte anterior do crânio; o índio olhava através do entrançado de buriú que ficava em baixo. O texto da canção, que servia para acompanhar a dança, era dedicado às mulheres.

Entre os Auetö notava-se também uma acentuada tendência de ornamentarem todos os utensílios com pinturas. Havia uma casa em que desenvolveram notavelmente esta inclinação; demos-lhe até, e com razão, o nome de rancho dos artistas. Aí havia, nos postes da parede, várias figuras de animais gravadas e pintadas de preto. Nas traves transversais observámos uma porção de figuras geométricas. Os artistas alegraram-se muito com o interesse que dispensámos às suas obras, não se cansando de levar-nos a cada canto em que pudesse ainda existir algum desenho; ficaram satisfeitos com o fato de Wilhelm copiá-los no seu album.

Na aldeia dos Auetö havia grande movimento de índios de outras tribus. Aí encontrámos Waurá, Yaulapiti, Kamayurá, Mehinakú, um Bakairí da quarta aldeia do Batoví, e, na nossa estada posterior, também representantes de quase todas as tribus principais. Havia igualmente Trumaí, que não chegámos porém a vez, porquê, lembrados do nosso encontro em 1884, escondiam-se com medo de nós. Bem perto da aldeia auetö começa a rede de canais e lagunas que se estende até o ponto de união dos afluentes principais, estabelecendo a ligação entre as tribus que habitam a região. Além do porto fluvial do Kulisehu os Auetö têm, portanto, um outro porto junto à própria aldeia, que pertence à rede dos canais. Deste modo comunicam-se, por via aquática, com os Yaulapiti e os Trumaí. Podia-se chegar também aos Mehinakú, aos Kamayurá e aos Waurá por esses canais e lagunas, intercalando pequenos trajetos de percurso terrestre. A aldeia dos Auetö tornou-se, por isso, o ponto de partida das excursões que fizemos em visita aos Yaulapiti, Kamayurá e Trumaí. O tempo escasso de que dispúnhamos, não nos permitiu, infelizmente, visitar os Waurá que ficam mais longe.

Os Waurá devem habitar o ângulo formado pelo Batoví e pelo Kulisehu, muito mais perto, entretanto, do primeiro. Em 1884 os Kustenau, no-los haviam nomeado repetidas vêzes, mas não conseguíramos saber, com certeza, si se tratava realmente de uma tribu especial; só agora, no Kulisehu, soubemos que algumas armadilhas para pescar, que víamos na parte inferior do Batoví, pertenciam aos Waurá. Entre os Auetö encontrámos vários indivíduos desta tribu; medimo-los e fizemos o registro da sua língua; os dados revelam um parentesco estreitíssimo com os Mehinakú e com os Kustenau. Um Waurá prometeu-nos arranjar — enquanto visitássemos os Kamayurá — potes e máscaras, dizendo que os haveríamos de encontrar por ocasião da nossa volta. Mas, com grande pesar nosso, não apareceu e nem cumpriu a promessa.

Os três Waurá que estavam na aldeia dos Auetö, eram rapazes belos e robustos; no segundo dia da nossa permanência travaram uma espécie de luta de braço, que não se realizou em nossa honra; ocorreu, por um mero acaso, durante a nossa permanência. Também um Yaulapiti tomou parte na luta. Os lutadores, sempre elementos de tribus diferentes, apresentavam-se em número de dois, tendo o corpo untado, em parte com urucú amarelo-vermelho, e, em parte, com tinta preta. Acocoravam-se, erguiam do solo um punhado de areia, moviam-se rapidamente um em torno do outro, sempre de cócoras e com os braços pendentes, mediam-se com olhares profundamente rancorosos e soltavam ameaçadores “húuhá! húuhá!”. Em seguida um batia rapidamente com a mão direita contra a esquerda do parceiro, ambos pulavam, sempre acocorados — não deixando de ter alguma semelhança com macacos enfurecidos — rápida e incansavelmente no mesmo ponto, enquanto um procurava pegar a cabeça do outro para abaixá-la. Isto continuava por algum tempo sem proferirem uma só palavra. Repentinamente os dois se levantavam, procurando cada qual agarrar a cabeça do parceiro. Mas, a-pesar-de todos os esforços nenhum conseguia pegar e abaixar o outro. Abraçaram-se afinal muito satisfeitos, com palmadas amigas nos ombros. Não houve luta propriamente dita; o fim principal parecia ser o de exhibir agilidade e evitar que um dos contendores fôsse súbitamente agarrado na cabeça, e derubado pelo outro. Reinava profundo silêncio entre a assistência, com exceção das risadas de alguns espectadores mais críticos. Só uma vez se estabeleceu uma hilariedade geral; foi, quando um dos lutadores, evidentemente considerado vencedor, agarrou a perna do outro por baixo do joelho, levantando-a.

V — VISITA AOS YAULAPITI

Os Arauití na aldeia dos Auetö. Travessia de canais e da laguna Uyá. Uma aldeia pobre. O pagé Moritona. Recepção pelo cacique cego. Volta à aldeia dos Auetö e nova visita aos Yaulapiti. Segunda aldeia de Yaulapiti.

Encontrámos alguns Yaulapiti entre os Mehinakú e os Auetö. A julgar pelas afinidades linguísticas, êles pertencem aos Nu-Aruak, mas o seu idioma já apresenta uma forma dialetal bastante diversa do linguajar dos Mehinakú, Kustenau e Waurá.

Na proximidade da aldeia auetö, a uns cem passos, havia duas casas em que moravam homens auetö e mulheres yaulapiti. As famílias tinham — não sei por que motivo — relações pouco amistosas com a aldeia auetö e consideravam-se, decididamente, mais Yaulapiti. Usavam o nome especial de Arauití, e embora só se tratasse — pelo menos por ocasião da nossa passagem — de duas famílias, a denominação de Arauití já tinha o inteiro valor de uma designação de tribu. O chefe suyá, que em 1884 nos traçara na areia, o mapa fluvial da nascente do Xingú, mencionara os Arauití imediatamente ao lado dos Auetö.

Levando como guia um Yaulapiti, partí, na tarde de 18 de outubro, com Antônio e Tumayaua, do pôrto Auetö, para visitar os Yaulapiti. A largura do canal era de 4 a 5 m.; rodeava-nos uma paisagem pantanosa. Numerosos canais laterais desembocavam no nosso, principalmente nos pontos em que êste se alargava até medir 12 a 15 ms. Era difícil alguém se orientar nesse labirinto. Apareciam vários canais menores cheios de capim e revestidos de vegetação suja. Em tôda a extensão alcançável à vista, um exército infinito de palmeiras buritís, desde as mais altas e desenvolvidas, ostentando bela coroa de leques, até as mais novas, confundidas com o junco que crescia por tôda parte. Depois de uma hora de marcha passámos por um pequeno rancho, de aparência miserável, construído entre algumas raízes de árvore. Era o esconderijo das mulheres, quando fugiam, de medo, da visita de gente estranha. E é certo que nunca as teríamos encontrado aí, mesmo se as tivéssemos procurado.

Havia lugares em que o canal era tão estreito e estava tão atravancado, que só podíamos passar com muita dificuldade. Pelos canais laterais — informou-me o Yaulapiti — podia-se chegar aos Mehinakú pela esquerda, e aos Trumaí pela direita.

Não havia aí melgas e mosquitos. Isto, confesso — embora me fôsse muito agradável — dava um caráter incompleto à paisagem pantanosa. O nosso guia estava atentamente à espreita de peixes, procurando espetá-los com a flexa munida de longa ponta de osso. Quando mergulhava a flexa na água media muitas vezes, com esta, os raios de luz que nela se refletiam. Conseguiu apenas pegar uma traíra pequena. Satisfeito, empurrava a canoa com o arco.

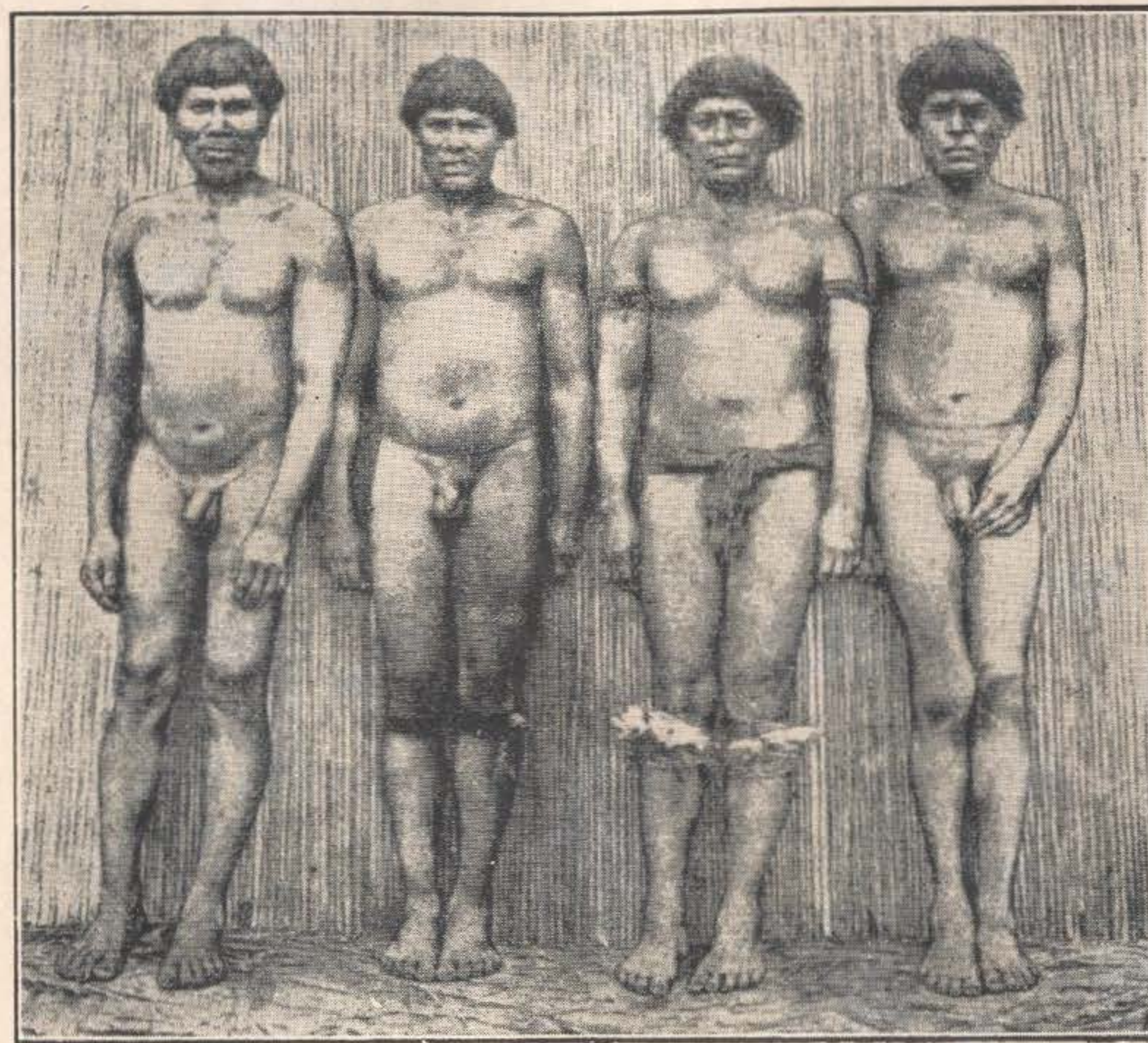
Depois de 1 1/4 horas de viagem chegámos ao fim do canal dos Auetö. Deixamos a canoa e pisamos em terra firme. Os Auetö possuíam aí uma plantação, em que trabalhavam, permanecendo vários dias seguidos na zona cultivada. Observámos mais ou menos uma dúzia de ranchos de abrigo, vários lugares em que tinham feito fogo, e muitos potes grandes e pequenos. Caminhámos em seguida durante uma hora por poética região coberta de arbustos, percorrendo um atalho um pouco sinuoso, até chegarmos a um canal pantanoso e muito estreito. Aí tivemos que esperar por muito tempo, no pântano, enquanto o nosso Yaulapiti, ao longo de um trecho do canal, chamava, em voz alta, por uma canoa. Afinal apareceu uma, que entrou no nosso canal e nos levou, em poucos minutos, a uma bela laguna, cuja água límpida fazia bem aos olhos. Era cercada de belos buritis; atravessámos a lagoa e, meia hora depois chegávamos à aldeia dos Yaulapiti.

Um caminho curto conduzia ao terreno em que se levantavam as ocas. Não havia aí casa das flautas; levaram-nos para dentro de um rancho desocupado e trouxeram banquinhos para Antônio e para mim. Só depois de muito tempo apareceu o cacique; veio coxeando e apoiando-se a um bastão. Sentou-se por algum tempo fumando, atrás de mim. Pouco a pouco foi se aproximando, pôs-se na minha frente e começou a conversar.

Êle: eu sou um Yaulapiti. *Eu*: eu sou um caraíba. *Êle*: eu sou bom, Yaulapiti são bons. *Eu*: eu sou bom, os caraíbas são bons. *Êle*: eu sou um yatoma (pagé). *Eu*: eu sou um yatoma.

A seguir mandou trazer uma tigela de bebida de mandioca intragável, de gosto horrível; dei-lhe uma faca e recebi um charuto.

São surpreendentes as diferenças de riqueza que se observam mesmo entre êsses povos selvagens. Os Yaulapiti não me esconderam nada e verifiquei, à primeira vista, que êles possuíam apenas o estrito necessário. Notei que não tinham ocultado os mantimentos e utensílios como o fizeram os nahuquá, mas que viviam numa verdadeira penúria. Não tive, pois, coragem de aceitar o unico beijú que possuíam; dei-lhes, de bom grado, pérolas, mesmo



Indios Nahuquá
(Capítulo VI)

144-b

sem receber nada em troca. A pouca farinha de mandioca que tinham, estava completamente embolorada e avermelhada. Torravam nozes de bacaiuva e só encontrei uma única espiga de milho, assim mesmo já roída. Diante das casas viam-se algumas armazéns de madeira, sobre as quais eram assados peixes magros e pequenos. E' horrível lembrar-se de que isto devia bastar para satisfazer a fome de várias pessoas.

Mais tarde, à noite, veio um homem, chamado Moritona, que com a sua voz forte e as suas maneiras desenvoltas conseguiu reanimar um pouco aquela gente; tinha o rosto atravessado por uma lista preta pintada. Disse orgulhosamente o nome, e afirmou ser um grande pagé, declarando que "*yatóma Moritona Mehinakú, Moritona Kamayurá, Moritona Auetö, Moritona Trumái*" — em tôdas as tribus Moritona era bem vindo como médico e onde quer houvesse alguém doente, êle o curava, soprando o sofrimento para longe. Expôs os seus poderes de maneira tão convincente, dizendo que diante do seu sôpro, desapareciam, como uma névoa, tôdas as enfermidades. Cozinhámos para a nossa refeição uma "tablete" de ervilhas; com o resto o nobre Moritona friccionou o peito, perguntando-me ingênuamente se fazia bem à saúde. Para o jantar os Yaulapiti só nos haviam podido fornecer água, um pote e duas cuias, mas, a-pesar-dessa pobreza, preferiam as pérolas às facas.

Na manhã seguinte chamaram-me novamente para fora do rancho, informando-me de que chegara outro cacique que eu devia saudar. Também o número de pessoas aumentara. Tinham vindo, como só mais tarde compreendí, de uma segunda aldeia de Yaulapiti, que eu ainda desconhecia. No centro da praça, ao lado de uma sepultura cercada, fôra colocado um banquinho. Em tôrno havia muita gente. Esperámos; o cacique, que eu já conhecia, sentara-se à minha esquerda e fumava; seguí-lhe o exemplo para não me entediar demasiado. Com isso eu infringia evidentemente, os bons costumes pois a mulher que guiava o cacique, que se aproximava, soltou uma exclamação de descontentamento. O velho Mapukayáka era cego, tinha os olhos turvos. Sentou-se na minha frente, iniciando a habitual saudação. Descreveu a pobreza da sua tribo, e, para ser melhor compreendido, apertou a mão contra a barriga vazia. Disse que havíamos dado tanta coisa aos Bakairi — argumento que sempre voltava à baila — e que também devíamos presentear-lo. Comovido, fui buscar uma colher reluzente. Êste meu gesto despertou profunda gratidão entre os circunstantes. O velho cacique apalpou-me e lamentou de tal modo a sua cegueira que fiquei, realmente, com pena dêle. Passou a sua mão sobre a minha e depois sobre os seus olhos; fêz a mesma coisa com o braço. Mostrou a sepultura onde estava enterrado um filho

ou neto. Contou que outrora os Yaulapiti eram muito mais poderosos, mas que foram oprimidos pelos Manitsauá; em resumo: só sabia falar das infelicidades da sua vida, o que me deixou triste e melancólico. Relatou que depois os Manitsauá foram, por sua vez, subjugados pelos Suyá. Entre êstes, de fato, encontrámos, em 1884, muitos prisioneiros manitsauá. Foi aquí que ouvi dizer, pela primeira vez, que os Suyá eram bons. Mas o velho também se queixava dos Trumaí. Disse que êstes e os Suyá eram ricos, por possuírem machados de pedra.

O aspecto dos velhos não revelava boa saúde; vários homens e mulheres tinham a pele grossa, coberta por uma crosta semelhante a escamas. Havia grande quantidade de crianças, em número muito maior, relativamente, que em qualquer outra aldeia. Soube que, a princípio, as mulheres tiveram muito medo de nós; agora, porém, estavam comodamente sentadas em torno de mim, como na primeira aldeia bakairí. Contudo não deixavam de observar todos os meus movimentos e ao menor gesto inesperado de minha parte, uma ou outra fugia. Se eu me tivesse levantado de repente, tôdas teriam fugido. Conversava-se em voz baixa, e depois de uma hora ainda ninguém parecia estar cansado. Quanto aos meus objetos maravilhosos, o espelho foi o que causou maior impressão, provocando um alto "té he he he" de admiração. Um fósforo queimado que eu atirei fora, foi erguido por um dos habitantes, que o plantou na terra, entre o capim.

Desta gente pobre eu não podia adquirir muita coisa. Apesar da história dos Manitsauá, não me foi possível compreender a razão pela qual êles eram tão necessitados. E' verdade que a plantação nesse ano fôra destruída pelos porcos. Havia alguns bonitos gastões de fuso, pás para virar beijús, alguns ornatos de plumas, e — a única coisa de especial e notável — muitos colares com pedras perfuradas.

Na manhã de 19 de outubro eu mandara Antônio e Tumayaua voltarem à aldeia dos Auetö, afim de trazerem os companheiros enquanto eu completasse o registro linguístico dos Yaulapiti. Regressaram, porém, à tarde, por não terem encontrado nenhuma canoa no ponto final do canal dos Auetö.

Os Yaulapiti afirmaram que a embarcação que deixáramos naquele lugar fôra usada por alguns Trumaí. Contaram que êstes tinham estado na aldeia, fugindo, porém, por ocasião da minha chegada. Nessa situação desagradável resolvi voltar imediatamente para a aldeia auetö, para que os companheiros não se inquietassem e não me aguardassem em vão. Esperei que durante o dia seguinte aparecesse uma canoa dos Auetö e que esta nos levasse.

Mas, só às 5 horas, surgiu um barco com um yaulapiti que voltava da pesca. A Uyá — nome dado à grande laguna — estava fortemente agitada. Relampagueava em tórno. O jovem Yaulapiti, o piloto da canoa, — em pé na embarcação — soprava com tal convicção e com tal seriedade contra as nuvens, que era um prazer observá-lo. Da bôca do garboso Boreas saía uma verdadeira chuva de saliva.

Conseguimos, porém, desembarcar a tempo, percorrendo, numa profunda escuridão, o último pedaço do caminho. O atalho era de quando em quando iluminado pelos relâmpagos. Instalámo-nos para pernoitar, nos ranchos de abrigo dos auetö, que ficavam no fim do canal. Examinando os potes aí existentes, verificámos que apenas uma vasilha enorme se prestava para cozinhar o jantar; eu só tinha comigo duas “tabletes” de legumes. A água trazida com tanta dificuldade se evaporou, o pote rebentou, e tivemos que nos deitar na rêde, em jejum. O Yaulapiti dormiu sôbre uma das pequenas esteiras circulares que aí se encontravam e que tinham sido utilizadas por ocasião da preparação da mandioca. Trovejou e choveu durante tôda a noite. Ficámos completamente encharcados, a-pesar-dos telhados de abrigo, pois êstes, infelizmente, já estavam quase em ruínas.

Na manhã do dia seguinte, 20 de outubro, apareceu um auetö com o qual voltámos para a aldeia. Aí chegando, saí com os meus companheiros, e, na noite do mesmo dia, já estávamos de volta, na aldeia dos Yaulapiti. A minha partida daqui não tivera, pois, nenhuma razão de ser, visto que Antônio e Tumayaua poderiam ter esperado sòzinhos por uma canoa no canal dos Auetö. Mas rondavam pelas redondezas os maus Trumaí; Antônio não queria de modo algum encontrar-se com êstes “animais aquáticos” (como os apelidou, dizendo que não eram outra coisa e que não mereciam o nome de homens). Não desejávamos demorar-nos entre os Yaulapiti, pois queríamos imediatamente continuar a viagem para visitar os Kamayurá.

Partimos cedo na manhã de 21 de outubro. Pouco além da aldeia yaulapiti tivemos que entrar novamente, num canal que nos levou a uma outra laguna, situada mais ao norte da primeira. Cruzámo-la, e, após termos desembarcado na margem oposta, encontramos, no pântano, alguns troncos compridos de árvore sôbre os quais nos equilibrámos com dificuldade. Estávamos, depois de alguns passos, numa segunda aldeia de Yaulapiti.

Era composta de nove ranchos, dos quais, só quatro podiam ser considerados habitáveis, pois os outros cinco estavam desmoronando. Fomos recebidos por cêrca de 40 pessoas, chefiadas pelo

cacique cego, e pelo amigo Moritona; êstes moravam, portanto, aquí. Encontrei muitos selvícolas com os quais já travara conhecimento na primeira aldeia. Tinham ido visitar os yaulapiti da segunda ao saberem da minha chegada.

Não tivemos nessa aldeia, de modo algum, uma impressão mais lisonjeira dos yaulapiti. Também aí encontrámos sòmente uma pobre tribu de pescadores. Presenteámo-los e despedimo-nos com verdadeiro prazer após a habitual cena de recepção.

VI — VISITA AOS KAMAYURÁ

Recepção. Satisfação pela semelhança de idiomas. Notícias dos Arumá. Estadia agradável. Kamayurá e Trumái juntos (em 1884). Convite para Cuiabá. Gatunagens.

Partindo da segunda aldeia yaulapiti, a 21 de outubro, pouco depois das 9 da manhã, chegámos à aldeia dos Kamayurá, após uma caminhada de 3 1/4 horas pelo mato. A última extensão do terreno que percorremos, estava coberta de soberbas plantações de mangaba.

A aldeia era composta de quatro ranchos e da habitual gaiola na qual vivia uma enorme harpia. Parecia que ainda não nos esperavam; algumas pessoas vieram falar conosco e pediram que nos sentássemos sôbre banquinhos. Só depois de muito tempo, após ter voltado grande número de homens e mulheres da plantação, teve lugar a cena de recepção pròpriamente dita. Os discursos intermináveis eram pronunciados em tom de ladainha e interrompidos por pausas bastante longas e desagradáveis. Afinal ofereceram-nos bebidas e charutos, e, quando manifestámos o desejo de comer mangabas, estas nos foram trazidas em grande quantidade. Essas frutas tinham aquí um sabor incomparavelmente mais agradável do que em qualquer outra parte.

Os Kamayurá falavam um autêntico dialeto tupí, que é o idioma das antigas tribus costeiras, adotado pelos jesuítas como língua geral, e que é quase idêntico ao guaraní, dos paraguaios. Dessa língua provém a maioria dos nomes de fonte aborígene existentes no Brasil. Foi grande a satisfação, quando descobrimos, durante a conversa, que tínhamos, em comum com os Kamayurá, muitos nomes de animais, plantas e utensílios, o que logo verificámos com as palavras beijú e mangaba (*beijú*, *mangab*).

Nessa aldeia não havia casa das flautas. Pela primeira vez aconteceu que nos indicassem, para a nossa permanência, um rancho habitado, cuja metade foi previamente desocupada. Estavam tostando, num prato de beijús, grandes formigas voadoras; tinham um sabor delicado, semelhante ao de amendoas ou nozes queimadas; se eu não soubesse o que estava comendo, não me teria lembrado de insetos, pois o gosto não era nada repugnante.

A meio quilômetro para oeste havia uma segunda aldeia: era composta de sete casas e de um rancho de festas, em construção. Ficava mais próxima da bela laguna dos Kamayurá. Da praça, avistava-se um lindo panorama: passando por sobre um juncal vicejante, o olhar se estendia até à água azul iluminada pelos raios solares. Aquí saudou-nos o chefe Akuatschikí, que sofria de artrite no joelho. Aproximou-se apoiado a u'a maça suyá. Trouxeram-nos dois banquinhos em forma de jaguar e dois em forma de pássaro. Tornámos a comparar os nossos conhecimentos da língua geral com o idioma dos Kamayurá; os nossos amigos disseram-nos serem irmãos dêles, acompanhando as suas palavras com o gesto que, no Xingú, é habitualmente empregado para significar êsse parentesco, isto é: mostrando o umbigo. No interior das casas descobrimos muitas máscaras para dança, em parte feitas de madeira em parte trançadas de algodão. Também possuíam muitos dardos. Em lugar algum encontrámos ornatos tão bem confeccionados como aquí; tinham soberbos diademas e faixas de plumas, uma espécie de manto de penas, e cajados para dança enfeitados com dentes de peixe.

Quando a 22 de outubro estávamos tomando banho junto à bela margem arenosa da laguna, uma notícia desagradável provocou excitação em toda a aldeia: informaram-nos da chegada de dois Trumaí, que relataram novas maldades praticadas pelos Suyá. Na história cuja maior parte ficamos ignorando, uma tribo de Arumá ou Yarumá desempenhava importante papel. Os Suyá tinham atacado os Arumá, que parece morar mais para o interior do que aquêles, tendo travado luta; oito Arumá — número que era indicado por oito dedos contados um a um, — tinham sido feridos no joelho, com flechadas, de modo que eram obrigados a andar curvados; era êsse, talvez, um processo dos Suyá (índios que usam argolas nos lábios) de transportarem, com segurança, os seus prisioneiros. Segundo a descrição dada pelos Kamayurá, os misteriosos Arumá traziam penas de Yapú na orelha, tendo a tonsura habitual e apresentando no rosto uma pintura ou tatuagem formada por um traço que vai dos olhos à boca, e outro que vai da boca às orelhas. Transversalmente abaixo do nariz, usavam um

adorno de penas ou ossos. O mais curioso era porém o enfeite das orelhas: um "itapú" que fazia "tim-tim", como o nosso metal! Em tupí a palavra *itapú* significa o tinir da pedra ou do ferro. Num dos ranchos recebemos um pedaço de u'a maça atribuída aos Arumá, que era exatamente igual às maças karajás, que obtivemos dos Yuruna, em 1884, sendo talhada, de madeira pesada e pardo-escura de palmeira, em forma de bastão e distinguindo-se por lindas caneladuras (v. *Durch Zentral-brasilien* pag. 241 e a segunda prancha etnográfica). Descobrimos também duas flechas arumá; uma delas tinha numa das pontas uma espinha de raia com dentinhos limados, e na outra uma longa ponta de madeira, com entalhes em forma de serrote.

Os Kamayurá possuíam um terceiro grupo de casas formado por três ranchos, uma casa em ruínas e uma construção recente.

A companhia dos Kamayurá era extremamente agradável. Contribuía muito para a nossa boa disposição a beleza, sem par, da paisagem da laguna. Era um lugar em que de bom grado teríamos permanecido durante alguns meses e que me deixou saudades. A reunião dos fumantes, realizada à noite, ao luar, foi bastante poética. Cantámos, para os Kamayurá, canções populares e estudantinas, e fomos muito aplaudidos. Os índios, por sua vez, dançaram, não com todo o aparato de enfeites de festa, mas só a título de explicação, afim de que melhor compreendêssemos o caráter das suas danças. Revelaram decidida vocação para a mímica por ocasião da dança do dardo: o guerreiro era ferido e caía morto exatamente na posição do Egineta agonizante; faltava-lhe só o escudo.

Discussimos, minuciosamente, o nosso encontro com os Trumai, que se dera no ano de 1884. Soubemos que os Kamayurá haviam tomado parte no mesmo e que, por conseguinte, eram velhos amigos ou inimigos nossos. O cacique Takuni, que tinha voz de contrabaixo, narrou, com gestos expressivos, as suas aventuras de então. Wilhelm está até convencido de que foi justamente êle quem lhe tirou o chapéu e que, num gesto infeliz, para apoderar-se da sua espingarda, fêz disparar a mesma, provocando a fuga de todos. Com a pressa da fuga, os índios levaram vários objetos. Uma canoa, com soldados, perseguiu-os e, como um Trumai atirasse uma flecha, êles dispararam vários tiros, na outra margem do rio, a-pesar-das nossas ordens em contrário. Embora os soldados afirmassem que só tinham atirado para o alto, foi, infelizmente, morto um índio naquela ocasião, e, pelas informações obtidas tratava-se de um Kamayurá e não de um Trumai. Takuni contou que fugiram até à aldeia dos Nahuquá, no Kuluëne; que, em se-

guida, levaram três dias para voltar para casa, onde êle chegou doente e completamente exausto.

Na noite do dia 23 de outubro ficámos conhecendo ainda uma quarta aldeia dos Kamayurá; fomos convidados, com grande solenidade, para visitá-la. Saímos um atrás do outro, em fila, da nossa moradia em direção à mesma. Encontrámos um grande terreno roçado. Uma casa bonita, talvez a mais bem construída que vimos em todo o Xingú, alta e espaçosa tinha sido acabada há pouco tempo. Nesse lugar, queriam reúnir-se, em uma só aldeia, os Kamayurá, que ora viviam estabelecidos esparsamente. Mas — e novamente voltava o grande mas, quando estávamos reunidos a fumar — com os machados de pedra o trabalho é tão penoso; de manhã até à noite trabalha-se, intensamente, para derrubar uma árvore, o que o caraíba faz com duas machadadas — tok, tok. Convidei os Kamayurá a nos acompanharem a Cuiabá, prometendo que lá lhes arranjaría tantas facas e tantos machados quantos quisessem. Descreví-lhes a cidade de Cuiabá, fi-los compreender que lá havia tantas casas como em todo o Kulisehú Kuluêne e assegurei-lhes que seriam recebidos com a máxima cordialidade.

E' verdade que não lhes agradou muito a informação sobre a grande distância a vencer. Os dedos e os artelhos não bastavam para representar o número de vezes que o sol devia fazer o seu percurso no firmamento até que alcançassem as casas dos caraíbas. Todavia todos se entusiasmaram com a proposta. Takuni regozijou-se, imaginando com que alegria o haveriam de receber as mulheres, quando voltasse com o cesto pesado e cheio, tirando dêle os seus tesouros. Durante horas inteiras o assunto foi tratado com palavras e com gestos; finalmente Takuni começou a fazer objeções. Os seus gestos tomaram um caráter sentimental: êle tem filhos que choram por êle, que ainda mamam e para os quais deve pescar e lavrar a terra.

A excitação agradável dos nossos amigos continuou por muito tempo depois de nos termos recolhido, afim de dormirmos. Wilhelm já tinha fechado os olhos, quando um Kamayurá sacudiu a rede dêle, pedindo, em voz baixa, que lhe repetisse o cálculo dos dias necessários para ir à Cuiabá e que lhe assegurasse, novamente, que lá receberia machados e pérolas. Naquela noite ainda houve outros acontecimentos divertidos. Ehrenreich, precisando trocar as chapas fotográficas, pediu aos índios que apagassem, por um momento, as pequenas fogueiras que costumavam manter acesas, até à manhã seguinte, ao lado das suas redes. Acederam de boa vontade, mas não se sentiam bem seguros. Vendo a lanterna vermelha perguntaram receiosos — pergunta muito singular -- se viriam os Suyá.

Na praça havia uma porção de buracos no solo que, porém, não representavam sepulturas como na aldeia dos Auetö. Designavam o lugar em que se guardavam as raízes de mandioca. Por ocasião da nossa chegada pedimos informações sobre o modo de sepultarem os seus mortos. Compreenderam-me imediatamente, quando me deitei no chão como morto, e deram-se uma minuciosa representação mímica dos seus hábitos.

Depois de terem percebido o nosso interesse em conhecer os seus costumes, esforçaram-se sempre por nô-lo mostrar. Ao irmos para o rio afim de tomar banho, um até me ensinou a dança do maracá, "*húmitá ya héuna hm hm*", que é o texto que acompanha a música de chocalho para dança, usada pelos Manitsauá.

Na última manhã as nossas boas relações sofreram, pela primeira vez, uma pequena alteração. Faltava uma lata de farinha de carne de Kemmerich, que ainda estava pela metade. Também tive a impressão de terem sido subtraídas, da minha bolsa, algumas facas de cozinha. De uma correia, pertencente a Ehrenreich, tinham cortado duas fivelas. Ví-me forçado a apresentar as minhas queixas e a externar, aos meus amigos, em tom severo, a minha opinião de que os Kamayurá não eram mais tão *kúra* e *katú* como no comêço. Ofereceram-nos, humildemente, beijús; recusei-os. Os bons homens ficaram muito atrapalhados e confusos e acusaram um Trumaí que afirmaram ter vindo, às escondidas. Depois de algum tempo devolveram, pelo menos, a lata com a farinha de carne.

VII — ACAMPAMENTO DOS TRUMAÍ E PÔRTO DOS AUETÖ

O plano de Vogel de visitar Xingú-Klobenz. Volta passando pelos Yaulapiti. Encontro com os Trumaí. Estudos com dificuldades. Furto de arsênico. As aldeias trumaí destruídas. Ao pôrto dos Auetö. Troca de nomes. Aquisição de canoas. Furtos. Yanumakapü-Nahuquá. Despedida.

A 22 de outubro, Vogel empreendeu uma excursão de canoa, na laguna dos Kamayurá, afim de averiguar se ela se comunicava com o rio. Aos índios, entretanto, êle dissera que tencionava pescar. Voltou após uma ausência de quatro horas com a certeza de que a laguna, em parte alguma, estava ligada ao rio. Achava de grande importância verificar em primeiro lugar a relação exis-

tente entre o Kuluëne e o Kulisehu. Em segundo, determinar o ponto de confluência — por onde passáramos em 1884 — do Ronuro, que vinha de oeste, e do rio que vinha do sudeste, e que, naquela ocasião, nos fôra indicado como Kulisehu. O ponto de confluência em questão era, portanto, Xingú-Koblenz. Esta determinação devia facilitar a coordenação dos dados geográficos das duas expedições. Foi nesse lugar que apareceram os Trumaí, onde, com dificuldades os persuadimos a desembarcar, e de onde fugiram desordenadamente.

Não era conveniente que nós todos tomássemos parte nesse trabalho de reconhecimento, porquê queríamos estudar os índios durante as poucas horas disponíveis e porquê não havia grande esperança de que fôsse encontrada uma nova tribo, naquela excursão. Não havia dúvida que Vogel, passaria, provavelmente, pelas aldeias dos Trumaí. Mas nós sabíamos que êstes tinham fugido depois da luta com os Suyá, vagando nas cercanias, tanto que alguns tinham aparecido, na aldeia dos Auetö, dos Yaulapiti e dos Kamayurá. Ignorávamos em que lugar devia estar a aldeia principal da tribo, com motivos de sobra para recear um encontro conosco. Também devíamos admitir a hipótese de que os perigosos Suyá ainda não tivessem voltado para casa, estando em qualquer parte, nas proximidades da desembocadura do Kulisehu.

Para atendermos a todos os nossos interesses e ao mesmo tempo procedermos com cautela, foi decidido que Vogel iria ao pôrto dos Auetö, embarcando aí, em duas canoas, com Perrot, Antônio, dois soldados e alguns índios, rumo a Koblenz, ao passo que nós nos ocuparíamos com as nossas pesquisas. Vogel partiu, dos Kamayurá, a 23 de outubro, para sair, segundo fôra combinado, no dia 25, do pôrto auetö, em direção à desembocadura do Kuluëne.

Nós outros deixámos os nossos amigos Kamayurá a 25 de outubro de manhã cedo. Takuni nada mais nos disse sobre o seu desejo de ir à Cuiabá. Alguns índios que carregavam a nossa coleção acompanharam-nos até a 2.^a aldeia Yaulapiti, por um caminho cheio de lindas mangabeiras. Aí tínhamos que vencer, novamente, um percurso repleto de obstáculos. Primeiro: atravessar a laguna do norte e voltar, por um trecho do canal, à primeira aldeia dos Yaulapiti. Segundo. novo embarque e travessia da laguna do sul, depois, por via terrestre, até o fim ou, — em relação ao lugar em que estávamos, — o comêço do canal dos Auetö, onde havia plantações e ranchos de abrigo dos mesmos. Aí devíamos finalmente embarcar outra vez e viajar até à aldeia auetö.

Dispúnhamos, entretanto, de uma só canoa para essas três travessias. Isto era desagradável. Podia facilmente acontecer que

a canoa estivesse justamente a caminho, não podendo servir-nos dela, quando a necessitássemos.

Ehrenreich e eu partimos, da segunda aldeia Yaulapiti com o único barco existente, ao passo de Wilhelm e Carlos tiveram que ficar, sob um sol canicular, durante mais de três horas no pântano, até que a canoa voltasse para buscá-los. Quando nós dois chegámos à primeira aldeia Yaulapiti, tivémos muita dificuldade para conseguir uma embarcação e continuar a viagem. Os índios queriam, por força, que nos demorássemos por mais tempo, afim de receberem maior quantidade de pérolas e facas. Mas o cacique parecia ter ainda um outro motivo, para retardar a nossa partida. Só quando viu que não desistíamos do nosso intento, deu-nos uma canoa e contou-nos, bastante receioso, que os Trumaí estavam na aldeia dos Auetö. Temia muito que nós lhes fizéssemos algum mal. Pediu-me, insistentemente, que eu desistisse de prosseguir viagem e, no momento da despedida, tornou a perguntar-me, apreensivo e com gestos muito expressivos, se eu não iria cortar a cabeça de todos os Trumaí.

Cruzámos a laguna, mandámos o barco de volta e dirigimo-nos para o canal dos Auetö. Era uma bela tarde. O índio que carregava a nossa bagagem, estava muito alegre e, a-pesar-da carga que tinha que levar, tocava uma pequena flauta de Pan. Nesta boa disposição de espírito fomos perturbados pelo fanfarrão Moritona, o grande pagé dos Yaulapiti, que vinha andando, sozinho, com um cêsto na mão. Procurou reter-nos e falou por muito tempo sobre os Trumaí; êstes estavam, sem dúvida, por perto. Passámos também por um lugar em que havia vestígios de um acampamento e em que tinham ardido fogueiras. Tôdas as dúvidas desfizeram-se no fim do caminho. Duas mulheres atravessaram o atalho, começaram uma gritaria tremenda e desapareceram, na mata, com a rapidez do relâmpago. A seguir ouviram-se muitas vozes gritar desordenada e agudamente, e entre as árvores, divisámos, de todos os lados, indivíduos que corriam alvoroçados de um ponto para outro. Estávamos entre os Trumaí!

Nossa situação era desagradável. A volta, naturalmente impossível. Devíamos, portanto, prosseguir. Nunca, na vida, ouvi maior berreiro. A' distância, as mulheres e crianças gritavam ensurdecedoramente; os homens pegaram em armas e juntaram-se, num aglomerado delirante e frenético, sacudindo os arcos, as flechas e os dardos. Caminhámos, a passos firmes, um atrás do outro, contra êsse grupo desorientado. Dirigi-me a um homem, de pequena estatura, que me parecia ser o chefe. Pus-lhe a mão

sobre o ombro e fis o que em situações semelhantes sempre surte o melhor efeito, isto é: ri. Mas também não deixei de pronunciar, com voz resoluta, muitos "*katú katú karáiba, kúra kúra karáiba*". Disse-lhe mesmo várias frases curtas numa língua que, provavelmente, ele nunca ouvira antes, cujos sons, em momentos difíceis, emito, muitas vezes espontaneamente, e que sempre me ajudaram a vencer uma situação crítica; é o meu querido dialeto de Düsseldorf condensado em algumas expressões chistosas, que calham bem em qualquer circunstância. Também não falharam com os Trumaí; é verdade que o cacique pequeno e velho estava muito espantado para rir. Cumprimentou-me, porém, com a maior amabilidade possível.

Os índios apressaram-se em trazer dois banquinhos e tiraram a palha que lhes servira de invólucro; os banquinhos tinham forma de pássaro e um deles, que representava um abutre, distinguia-se, como uma aguia imperial, por dois pescoços e duas cabeças. Sentámo-nos no acampamento da mata. Em torno de nós, entre as árvores, em toda a parte, víamos aquela gente, com aspecto bastante selvagem, dominada pelo terror. Quando lhes disse, alegremente, que eu tencionava dormir com eles, vinte mãos se dispuseram a um só tempo para afastarem a moita afim de prepararem um lugar em que eu pudesse me deitar — solicitude maior não se podia desejar. Depois de meia hora uma nova gritaria e um novo vozerio de mulheres, anunciaram a chegada de Wilhelm e Carlos, que foram trazidos ao lugar em que estávamos, e que, por sua vez, externaram, com gestos e palavras inconfundíveis, a sua boa intenção.

Os trumaí eram, na maioria, indivíduos pequenos e esbeltos, de cabeça pequena, tendo o queixo saliente e fisionomia feia; entre as mulheres velhas havia alguns verdadeiros tipos de bruxas. As mulheres usavam, em parte, o uluri triangular e, em parte, uma outra peça de vestuário: uma faixa de cortiça cinzento-branca, que cingia os quadrís, em forma de pequeno rôlo. A linguagem desses índios tinha uma cadência muito semelhante à dos Suyá. Tinham em comum o mesmo vício de pronúncia, podendo se distinguir, imediatamente, de todas as línguas do Kulisehu pela frequência do *ts* no começo das palavras e pelo *f*.

Era estranho que tivéssemos surpreendido os Trumaí de tal modo. Com certeza fugiram realmente dos Suyá que haviam saqueado as suas aldeias, e ao mesmo tempo, de nós. Os seus espías, que se encontravam entre os Auetö, Yaulapiti e Kamayurá, pensavam talvez que, dos Kamayurá, não haveríamos de voltar diretamente à aldeia dos Auetö, mas que iríamos a Xingú-Koblenz

para encontrarmos Perrot e Vogel (de cuja viagem êles sabiam) e depois alcançarmos o pôrto auetö, por via fluvial. O acampamento dos fugitivos tinha um aspecto de desordem e de precipitação. Havia, ao todo, cêrca de 50 pessoas. Numerosas fogueiras pequenas ardiam ao lado das rêdes pardas. Feixes de tôda espécie estavam espalhados pelo chão e pendurados pelas árvores. Os ranchos de abrigo, dos auetö, achavam-se vasios. Os índios tinham vindo, em parte, pelos canais. Uma pequena flotilha de canoas, das quais muitas em mau estado e consertadas provisoriamente, com barro, aproximára-se navegando pelas águas pantanosas.

Faltaram, pois, à nossa chegada os beijús, as cabaças com bebidas e os charutos. Trouxeram-nos pequenos novelos de algodão e pediram pérolas. Infelizmente havíamos dado quase tudo aos Kamayurá, de modo que não lhes podíamos oferecer muita coisa. Com os restos, algumas facas e sacrificando alguns objetos de propriedade pessoal, adquirimos, todavia, uma pequena coleção bastante valiosa. Os Trumaí tinham salvo das mãos dos Suyá e trazido consigo os objetos mais importantes para nós. Havia ornatos de plumas, colares de contas de pedra, um machado de pedra — importante como exemplar de documentação, pois que as restantes tribus do Kulisehu adquirem os seus machados de pedra dos Trumaí, — dardos, u'a maça, dez máscaras, maças para dança, flautas grandes e várias miúdezas. Com surpresa, notámos a falta das flechas grandes com longos e pontudos pedaços de bambú, que os Trumaí usaram em 1884 e das quais perderam uma porção por ocasião da fuga. Nessa época observáramos que tinham sido previamente aguçadas para o encontro. Certamente haviam perdido tôdas na luta contra os Suyá.

Escrevendo à luz de um tóco de vela, aproveitei, o máximo possível, a noite para obter um vocabulário. Um cacique jovem mostrou-se muito gentil, mas gritou, no seu entusiasmo, com uma voz tão alta como se eu fôsse completamente surdo. Nas proximidades, homens acocorados nos observavam, com curiosidade; as bruxas ocupavam-se com o fogo, as crianças gritavam *atsiu*, pela mãe e *papá*, pelo pai, e por entre os galhos, a lua espiava a estranha cena de acampamento. Dentro em pouco a paz da noite envolveu tôda a aldeia. Deixaram-nos dormir sossegadamente, mas notámos muito bem que alguns homens ficaram sentados junto à fogueira.

Na manhã do dia seguinte, 26 de outubro, houve uma grande confusão. Haviam-me furtado um vidro grande com pílulas de arsênico. Nas circunstâncias em que estávamos, eu teria deixado passar despercebido qualquer furto. Mas eu precisava do arsênico

e também não podia consentir que os índios se envenenassem com êle. Pelos fatos ocorridos na aldeia dos Yaulapiti, suspeitei dos elementos dessa tribo que nos acompanharam, e exigí que êles me restituíssem o arsênico. Naturalmente protestaram a sua inocência. Os Trumaí ficaram apavorados, as mulheres, as crianças e alguns homens desapareceram na mata e não voltaram mais, nem depois que um Yaulapiti me trouxe o vidro com as pílulas de arsênico. Êste Yaulapiti era de opinião, — com a qual, aliás, não concordei — que o vidro me caíra do bôlso durante a caminhada. Parecia faltar uma porção de pílulas; espero que tenham sido distribuídas entre vários interessados e que êstes as tenham tomado com algum proveito, pois que precisamente entre os Yaulapiti se observam, com freqüência, doenças da pele.

Por mais que desejassem quanto antes a nossa partida, insistimos em fazer ainda as mensurações mais importantes. Enquanto era arrumada a bagagem, foram medidos, apressadamente, sete homens, e a última chapa fotográfica que restava foi empregada para um retrato de grupo que, infelizmente, mais tarde se estragou. Às 9 e três quartos partimos em duas canoas, acompanhados por quatro Trumaí. Disseram que se devia dormir três vêzes até chegar à aldeia dêles. Informaram-nos, igualmente, que também poderíamos chegar aos Mehinakú, pelos canais, e que bastaria um dia para alcançarmos a segunda aldeia dêstes. Às 11 horas desembarcámos perto da aldeia auetö, mas num lugar diferente daquele de que partíramos. No chão havia, entre as ervas úmidas, muitas minhocas enormes; onde quer que se pusesse o pé, pisava-se nelas. O caminho levou-nos aos dois ranchos das famílias yaulapiti-auetö.

Vou intercalar aquí o que depois da volta do Xingú-Koblenz Vogel e Perrot relataram sôbre as aldeias trumaí. Não tinham visto um índio sequer, mas abaixo da embocadura do Kulisehu, no Kuluëne, encontraram, no barranco do rio, com 5 ms. de altura, uma aldeia trumaí com 8 casas. Um quilômetro a leste dessa aldeia viram uma segunda, com 5 casas, em parte, construídas recentemente. Os Suyá haviam incendiado tôdas as casas e quebrado todos os potes grandes e outros utensílios que os Trumaí tinham abandonado. Nas imediações das aldeias, grandes plantações, muito bem cuidadas. Foram notadas cêrca de dez sepulturas novas. A julgar pela forma circular das covas, os cadáveres tinham sido enterrados em posição sentada e pareciam estar bem profundos, pois que, pelo menos, não podiam ser postos a descoberto por meio de uma escavação superficial. Antônio ficára muito assustado, quando Perrot lhe dissera: “O doutor Carlos precisa de uma cabeça”.

Com muita dificuldade conseguiram que Antônio os acompanhasse e se expusesse à possibilidade de encontrar-se com os detestados Trumaí.

Passámos os dias de 26 a 31 de outubro na aldeia e, principalmente, no pôrto dos Auetö. Aproveitámos ainda tôdas as oportunidades, para mensurar, para fotografar e para completar as nossas notas linguísticas. Para isso dispúnhamos de elementos de quase tôdas as tribus. Travámos amizade íntima com os Auetö. Uma noite alegre lembrou-me vivamente o meu idílio bakairí; também aquí todos se entusiasmaram com as vozes dos animais domésticos europeus, e a pantomima do machado de pedra foi repetida, com fidelidade estereotípica. Era para êles um grande prazer observar como nós cortávamos lenha. Com um dos Auetö fiz pacto de fraternidade segundo os usos da terra: trocámos os nomes. O índio amigo que me fêz a proposta, chamava-se Mayuli. O chefe mandou que eu me levantasse, bateu-me seis ou sete vezes nas costas e pronunciou cada vez "Mayuli", soprou-me no peito e sussurrou-me "Mayuli" em cada ouvido. Eu tive que fazer o mesmo com a pessoa de Mayuli, familiarizando-o com o meu nome "Karilose", em vez de Carlos. Todos chamaram-me então ostensivamente Mayuli — o que sempre me fêz lembrar *Mai-Juli* (maio-julho). Referiram-se também à satisfação que isso causaria às mulheres. Com effeito, logo que entrei num rancho, as mulheres me saúdaram alegremente "Mayuli!".

O pôrto apresentava-se melancólico. Aí Pedro, Tumayaua e o cocheiro tinham estado de guarda. Era um lugar pantanoso, estreito e muito desagradável; a chuva encharcára o chão coberto de fôlhas velhas, as formigas tinham cortado pacientemente o couro, e os sacos; tudo estava sujo e feio. Havia também falta de víveres. O pobre Pedro tinha vivido de beijús, pois que os peixes não queriam morder a isca. Tumayaua balouçava-se na sua rêde e estava satisfeito; contemplava-se durante horas a fio num pequeno espêlho redondo, arrancando o pêlo do rosto. De noite os mosquitos o importunavam; uma vez, quando eu mesmo não podia dormir ouvi-o praguejar e matá-los durante horas seguidas. O cocheiro tinha embarcado numa canoa, partindo para os Mehinaku, antes da nossa chegada. Só encontramos uma embarcação disponível, e esta mesma em mau estado. Duas tinham sido levadas por Perrot e Vogel, uma outra fôra ocupada por alguns índios que saíram, para pescar, durante três dias. Voltaram com a embarcação repleta de peixes assados. Tôdas as tribus dessa região costumam assar os peixes imediatamente, para conservarem a carne.

Em troca de alguns machadinhos adquirimos dos Auetö duas canoas que êles deviam trazer pela floresta. Carlos foi à aldeia para escolher as melhores; contou que constituíra um belo espetáculo vêr os índios, com a canoa comprida nos ombros, correrem pela rua da aldeia acompanhados de todos os habitantes. Ao meio-dia saíram correndo, do mato, cêrca de 60 pessoas, carregando as duas canoas, com muita algazarra. Desceram a margem escarpado do rio, e o pequeno espaço encheu-se de figuras pardas e nuas. Haviam trazido também umas doze crianças, muitos beijús, mel, piquís e mangabas. Queriam ainda aproveitar os últimos momentos antes da nossa partida para obterem tudo que, de algum modo, ainda pudessem receber de nós. Pérolas, pérolas, pérolas! Ao transportar as canoas um auetö ficára ferido na mão; Ehrenreich pensou-a. Tinha apenas terminado o serviço, quando o índio a estendeu para receber pérolas. Um Waurá me irritou sobremaneira quando lhe perguntava as côres na sua língua, pois sempre dizia os objetos em vez das suas côres, interrompia impacientemente cada uma das minhas perguntas, estendendo a mão direita para exigir pérolas, alegando que estava com pressa e que queria ir para casa. Às vêzes não tive outro remédio, senão bater-lhes nos dedos, sobretudo quando me cutucavam continuamente para pedir pérolas, enquanto eu fazia as perguntas e registrava os vocábulos. Mas não se ofendiam com nada. Várias vêzes se tornavam importunos, porque eram em grande número, mas não me levavam a mal, quando os tirava da rêde, para mensurações. Uma vez um velho até me auxiliou enèrgicamente, batendo com o arco na cabeça de um jovem rapaz mais rebelde.

Tivemos que tomar muito cuidado para que não furtassem os nossos objetos. Facas, tesouras, vaselina, velas, latinhas, fivelas, — interessavam-se por tudo. Foi bom termos Tumayaua conosco. Fiscalizava como um policial, pois podia contar com a posse futura de tudo que restaria, e via-se que lamentava, profundamente, consigo mesmo, a perda de cada colar de pérolas e de cada faca que entregávamos a alguém. Os seus próprios tesouros, que ajuntára durante a viagem, escondera, cuidadosamente, entre as raízes salientes da árvore, na qual estava pendurada a sua rêde.

A desculpa habitual, quando faltava alguma coisa, de que êste ou aquêle indivíduo de uma outra tribu devia ser o autor do furto, era muito comum no pôrto auetö. Com exceção dos Mehinakú, havia representantes de tôdas as tribus: Auetö, Kamayurá, Yaulapiti, Trumaí, Kustenau, Waurá, Bakairí e Nahuquá. Continuamente vinham novos visitantes, e tínhamos muito trabalho para completar os nossos dados.

Dos Kustenau (que em 1884 encontrámos numa pequena aldeia do Batoví, ou melhor, junto da plantação com alguns ranchos), tinha aparecido um que ainda se lembrava de nós, Wilhelm, Antônio e eu, e que só queria tratar com êstes seus velhos conhecidos. Também da quarta aldeia bakairí, do Batoví, apresentára-se um curioso. Evidentemente a fama do reaparecimento dos caráibas correrá tôda a zona. Interessámo-nos principalmente por alguns Nahuquá do Kuluëne, porquê com o escasso tempo de que dispúnhamos, não nos era possível visitar a aldeia dêles. O Guikurú-Nahuquá, que tínhamos encontrado na aldeia dos Nahuquá, seguira-nos. A êle associára-se uma família de quatro Yanumakapü ou Yanumakabihü, que pareciam morar a mais ou menos, meio-dia de viagem, terra a dentro, entre o Kulisehu e o Kuluëne. Como na língua dos Mehinakú, dos Kustenau, dos Waurá e dos Yaulapiti *yanumaka* é a tradução de “jaguar”, eu já pensei num cruzamento dos Nahuquá com uma dessas tribus nu-aruaq. Mas o registro linguístico do pai da família revelou um puro dialeto Nahuquá. Os Yanumakapü-Nahuquá traziam lindos chocalhos para dança; na extremidade superior do cabo, que atravessava a pequena cuia, havia cabecinhas de animais; num dêstes chocalhos a cuia tinha sido substituída pela casca de uma pequena tartaruga.

Os Nahuquá pediram-nos que os levássemos à outra margem do rio. Também os Auetö utilizaram, várias vêzes, os nossos serviços. Os índios achavam, certamente, muito agradável a facilidade com que sempre lhes púnhamos à disposição as nossas canoas. Mas os auetö também nadavam magistralmente. Crianças, que apenas chegavam aos joelhos do pai, revolviam-se alegremente nas águas do Kulisehu. Um pequeno auetö do outro lado do rio pediu que o fôssemos buscar; negámos-lhe auxílio e com verdadeiro prazer pude observar com que elegância atravessou o rio levantando a mão esquerda na qual segurava a rêde e o arco.

A despedida não nos foi fácil, ainda que estivéssemos com muita vontade de abandonar aquêle lugar do acampamento sujo e insalubre. A 29 de outubro Vogel e Perrot tinham voltado da sua excursão; no dia 30 ainda trabalhámos, com afinco, acondicionando a coleção. Perrot voltou mais uma vez à aldeia dos auetö para despedir-se amavelmente; as mulheres trouxeram-lhe os seus filhos e uma menina pequena recebeu o nome de “Perro”. Pela grande veneração que lhe tributavam, êle evidentemente não podia deixar de recompensá-las com pérolas. Uma jovem mãe, cujos dois filhos êle já presenteára, procurou fazê-lo compreender, com gestos expressivos, que ela estava à espera de um terceiro filho que, naturalmente, também devia receber algumas pérolas.



Fig. 3 — Gaiola para pássaros
(Capítulo VI)



Fig. 6 — Máscara tecida, dardos
e lanças dos Auetö

VIII — VOLTA PARA INDEPENDÊNCIA

A excursão de Vogel para Xingú-Koblenz. Partida do pôrto dos Auetö. Visita das aldeias. Acompanhamento de índios.

Carnaval renano no Kulisehu. Despedida em Maigeri. *A viagem nas montanhas: Voga.*

Dificuldades. Febre. *Independência.*

Dia de repouso. Despedida solene dos Bakairí.

Estabelecemos, com exatidão, depois da excursão de Perrot e Vogel a relação entre o Kulisehu e o Kuluëne. Auayato, o cacique auetö, os havia acompanhado. Estiveram ausentes do pôrto desde 24 de outubro, às 11 horas e três quartos, até o dia 29 do mesmo às 7 horas da noite. Haviam podido viajar com desembaraço, porque não levavam bagagem. Depois de sete horas de viagem tinham chegado ao lugar em que o Kulisehu desemboca, no belo e largo Kuluëne; passaram, à esquerda, por um afluente, à direita por um canal dos Mariapé-Nahuquá, e encontraram, na mesma margem, as aldeias trumaí no estado descrito na pág. 185. Daí conseguiram chegar, em pouco mais de quatro horas (em oito horas a contar da desembocadura do Kulisehu), a Xingú-Koblenz, ao ponto de confluência do Kuluëne e do Ronuro, àquela grande margem arenosa, na qual, em 1884, se dera o nosso encontro com os Trumaí.

Naquela ocasião os Trumaí tinham, portanto, descido o Kuluëne, e este grande rio, do qual só conhecíamos a desembocadura, nos fôra indicado como "Kulisehu". Coincidência singular! Na nossa expedição procuráramos o "Kulisehu", e realmente tínhamos achado e navegado o Kulisehu, pensando porém, ser o Kuluëne. Já os Trumaí moravam abaixo da desembocadura do Kulisehu. No Kuluëne, mais acima, viviam as tribus nahuquá. Felizmente estas também estavam estabelecidas no Kulisehu, onde as tínhamos visitado.

Vogel e Perrot encontraram mau tempo. Com o céu encoberto de nuvens não lhes foi possível determinar a latitude astronômica, nem na desembocadura do Kulisehu, nem em Klobenz. Abaixo da desembocadura do Kulisehu, o Kuluëne tem uma largura de 241 ms.; um pouco acima, êle mede 289 ms. De Koblenz os dois companheiros tinham subido o Ronuro. Após meia hora, mais ou menos, haviam passado pela desembocadura do Batoví — onde nós, em 1884, a 30 de agosto, surgíramos repentinamente do riacho sinuoso e onde pela primeira vez, tivéramos a convicção de

havermos, realmente, encontrado o Xingú. Depois tinham continuado a viagem subindo o Ronuro por mais dois quilômetros. O Ronuro apresenta uma largura média de 250 ms. e uma profundidade de 3 a 6 ms.; o Kuluëne media, acima de Klobenz, somente 187 ms. e o rio principal, no lugar da nossa margem arenosa, 366 ms. de largura.

Caso não quiséssemos comprometer todo o êxito da expedição, devíamos desistir da idéia de ainda subir o Kulisehu em visita às restantes aldeias nahuquá. Estávamos em plena estação chuvosa. O percurso rio-acima se tornava sempre mais difícil; as provisões estavam esgotadas, tínhamos diante de nós a perspectiva de uma longa caminhada enormemente dificultada pelo crescimento das águas. Estavam quase completamente consumidas as provisões que havíamos trazido conosco, com exceção do sal, erva mate e café. As "tabletes" para sopa tinham desaparecido, havia ainda 2 latas de legumes, uma garrafinha de "bouillon" de Kemmerich, duas latas de peptona e três garrafas de aguardente. A farinha de carne de Kemmerich nos sustentara durante a estada nas aldeias dos índios; as duas últimas latas ainda tinham sido cozidas na aldeia auetö.

Em 31 de outubro encetámos a viagem de volta. Sem o auxílio dos índios não teríamos podido levar a coleção para Independência, pois que as nossas canoas não eram suficientes. Mas para conseguirmos êsse auxílio tínhamos guardado, providentemente, uma porção de belos e úteis objetos de troca. Fomos a princípio, acompanhados por cinco Auetö, em várias canoas fretadas com a nossa bagagem, até aos Mehinakú; os Mehinakú ajudaram-nos no transporte até a aldeia dos Nahuquá, com os Nahuquá chegámos à terceira aldeia dos Bakairí; os Bakairí das três aldeias tomaram parte no transporte que aumentava de aldeia para aldeia, e, a 13 de novembro parámos, uma flotilha de 13 canoas com 14 Bakairí, no lugar em que estava instalada a cozinha de Independência.

Narrarei, rapidamente o que ainda quero relatar sobre a segunda visita às aldeias. Foram muito agradáveis e instrutivos os dias passados entre os Mehinakú. Era necessário fotografar e mensurar, pois que, por ocasião da primeira visita, Ehrenreich estivera doente. Durante a mensuração as mulheres tremiam todo o corpo. Tinham muitos filhos; uma delas contava o elevado número de seis, e uma outra tinha quatro filhas. Mais adiante terei ainda louvores em honra a estas mulheres nu-aruaq, as inventoras dos potes e as melhores cultivadoras da indústria da mandioca. Um expressivo quadro da aldeia vemos na prancha 8,

“Demonstração de um chamariz”. Os nativos escutam os sons maviosos que o aborígene, sentado na minha frente, faz sair do objeto de metal branco. É típico o gesto da menininha, no centro, que tapa, receiosamente, os ouvidos, bem como a posição dos dois amigos na frente, encostado um ao outro. Como são pitorescas tôdas essas figuras nhas com seus movimentos naturais! Não seria pena se vestissem “casas de dorso” e “casas de pernas”?

Wilhelm e eu fizemos novamente pactos de amizade. “Belemo” trocou o nome com Waikualu, e eu, “Karilose”, com o cacique Mayutó, que apresentava tatuagens no peito. Wilhelm também devia plantar fumo como eu o fizera entre os Bakairí. O meu irmão Karolise deu-nos em troca de um machado uma grande canoa, verdadeira arca de Noé, tão larga e colossal que nela cabiam Carlos, Peter e quase tôda a nossa coleção.

Vinte e quatro homens acompanharam-nos ao pôrto; 6 andaram na frente e carregaram a canoa, tendo a cavidade voltada para o chão e o bordo apoiado sobre um dos ombros, que estava protegido por anéis de palha; 2 caminharam com a cabeça no bojo da embarcação. O séquito dava bem a impressão de um cortejo fúnebre seguindo o caixão; tinha-se até vontade de cantar uma marcha fúnebre. Na minha frente caminhava um tipo clássico de rapaz. O cêsto lhe ia do ombro até o joelho; em baixo ainda estava pendurada uma cabaça grande; na mão esquerda carregava arco e flecha, e com a direita êle levava à bôca a sua flautazinha de Pan, na qual tocava sem parar. Cinco homens, que queriam tomar parte na nossa viagem, tinha cada um, um remo e uma rêde que lhes pendiam das costas. Sempre um atrás do outro e conversando com o homem da frente ou de trás. Serviam-se do remo para demonstrarem mutuamente, o tamanho que imaginavam ter as facas que receberam dos caraíbas. Muitos carregavam beijús, “uläpe”, envolvidos em fôlhas verdes, vários até tinham na mão, durante a caminhada de 2 1/2 horas, uma cuia com caldo de piquí. A canoa era mais larga que o atalho que passava pela floresta. Surpreendidos por uma forte trovoadá, parámos, abrigamos a coleção e os aparelhos debaixo da canoa e percebemos, admirados, que os índios sentiam muito frio, tremendo em todo o corpo como as damas melindrosas ao saírem de um baile, no inverno. Alguns batiam os dentes e tinham verdadeiros calafrios. Chovia a cântaros; a água da chuva não atingia mais de 15°. Os nossos bons Mehinakú sentiam-se desapontados por não lhes seguirmos o exemplo, quando sopravam contra o céu; construíram à pressa um abrigo, certamente com o fim principal de terem uma ocupação, e lastimavam-se sem cessar “uläpe, uläpe”.

No pôrto dos Mehinakú adquirimos mais uma canoa; os Auetö, que nos tinham acompanhado até aquí, haviam entretanto desaparecido, sem deixar vestígios. Também faltava o facão de Vogel.

Na aldeia dos Nahuquá fizera-se a colheita de piquí. Os piquís estavam amontoados fora e dentro dos ranchos, como as balas em um arsenal. No interior das casas foram colocadas armações para secar as sementes; as mulheres estavam ocupadas em descascar e cozinhar as frutas e em raspar as sementes; tantos os homens, como os utensílios, estavam amarelos como manteiga — *Caryocar butyrospermum*. Não havia pogú, mas caldo de piquí; as sementes de piquí tinham gosto de amêndoa. Faziam também um xarope de fôlhas de piquí, de gosto agradável, quando tomado em pequena dose. Muitos deitados doentes nas rêdes, tendo o estômago e a pele estragados; um velho careca tinha o rosto e o crâneo coberto de apostemas. Ao despedir-se, Tumayaua recebeu piquís para a viagem. Só um recém-nascido, que nos foi trazido pela mãe para que o soprássemos, ainda parecia desconhecer o piquí.

Na aldeia bakairí III, na qual aliás os Nahuquá, que nos acompanhavam, se recusaram a entrar, fôra destruído, pelo fogo, o velho rancho de festas e os habitantes mostraram-se muitos receiosos com os fósforos, anteriormente tão apreciados. Em compensação encontrámos magníficas máscaras de peixes e aves. Das duas canoas encomendadas, uma ainda não estava pronta e a outra se estragara durante a fabricação.

A aldeia bakarí II achava-se deserta. Os habitantes estavam em parte — não conseguimos saber bem por que motivo — ausentes. Na primeira vez, sem dúvida, tínhamos visto aí pessoas estranhas, que incluíramos entre os habitantes. Contudo o cacique Aramöke mostrou-se amável, como sempre, e mandou trazer-nos beijús tão bem feitos que em Berlim poderiam figurar na mais seleta mesa de chá. Com grandes dificuldade conseguimos alguns homens para carregarem uma parte da coleção, por um trecho do caminho. Apresentavam sempre a desculpa de terem de ficar com as crianças. Na casa do cacique havia, além disso, uma mulher, com queimaduras no braço, que também precisava de companhia. Um índio com aspecto de entendido, sentou-se ao lado dela, fazendo, de quando em quando, gestos estranhos; soprava fumaça de tabaco sobre a doente soltando gemidos lamuriosos, ou então emitindo sons impressionantes, com o rosto virado para a parede. O “cocheiro”, um grande pagé, que com Tumayaua, nos acompanhára até os Auetö, abandonou-nos nessa aldeia. Insistiu em tomar parte no tratamento e não permitiu, de forma alguma, que o caso ficasse

exclusivamente a cargo do colega que, não obstante, soprava com tanta boa vontade. Como recompensa por essa atitude civilizada demos-lhe também um aspecto civilizado. Recebeu, além de uma grande faca — uma camisa e um chapêuzinho, que há tanto ambicionava. Vestímo-lo como Tumayaua, que já ostentava, solenemente, uma camisa quadriculada de branco e preto sobre uma calça de linho branco. Tirámos o retrato dos dois (fig. 8).

Wilhelm tinha guardado alguns prêmios para recompensar os dedicados companheiros de viagem: eram reminiscências de um alegre carnaval em Düsseldorf, quando êle representára S. M. o Rei Momo, num vistoso carro alegórico. Deu a Tumayaua uma bela carapuça verde, vermelha, amarela e branca, com guisos reluzentes e a insígnia, guarnecida de brilhantes, que pertencera à Sua Alteza Carnavalesca. Cobrimos a tonsura do “cocheiro”, na falta de um capelo de doutor, com uma outra carapuça, lembrança de um outro divertido carnaval no Reno. Tumayaua recebeu também uma casaca preta, comprada por Wilhelm no Rio de Janeiro, importação de Paris, “le dernier mot de la perfection”. A fotografia dá-nos uma pálida idéia da aparência grotesca que as vestes emprestaram a êsses dois janotas impados de orgulho. Êles já não eram tipos elegantes, mas vestidos ficaram com um aspecto horrivelmente feio e desalinhado, não só porquê o traje estava russo, como também completamente deformado. Tumayaua ainda mostrava-se tão desajeitado com a sua camisa e a sua calça, como no primeiro dia; rasgava-as ao andar na mata e tomava um cuidado exagerado em outras circunstâncias, tirando-as em ocasiões em que nem as crianças o precisam fazer.

Na primeira aldeia bakairí a população aumentára com o nascimento de um cidadão. Pauhaga se tornára pai e acompanhava sua espôsa no resguardo. Dessa cena, que para nós tinha algo de exquisito, ainda falarei, quando tratar do chôco. O milho estava verdejante; ofereciam-nos excelentes beijús de milho, um pouco sêcos. A minha plantação de fumo tinha crescido extraordinariamente e estava rodeada por uma cêrca de estacas.

Mas que viam os nossos olhos admirados atrás da casa de Paleko? Uma construção nova, já bastante adiantada e de aspecto singular. Ou com uma aparência que até nos era muito familiar. Os Bakairís tinham tomado, por modelo, o nosso rancho de Independência, começando a construir, em vez da sua colmeia habitual, uma casa com cumieira triangular e telhado de dois planos. Julgáramos, pois, encontrar ainda, num recanto perdido, algo de original. Mas a ilusão se desfaz. “O primeiro raio de esperança”, diz Bastian, “também será o último”.

Tumayaua foi conosco para Independência, fazendo a sua despedida oficial em Maigéri. Entregou-me duas cuias grandes. Momentos depois êle me procurou, agarrou-me bruscamente pelo braço, conduziu-me, gritando, em voz alta, do rancho para o tronco de árvore estendido no meio da praça, onde, com certo entusiasmo, me obrigou a sentar. Dentro em pouco estavam acomodados aí quatro caraíbas, um ao lado do outro. Em seguida êle trouxe um cêsto de provisões, bem trabalhado, e com uma altura de $3/4$ ms. colocando-o, como presente, diante de nós, com visível alegria. A cena mais interessante porém, ainda devia seguir. Uma rêde circular foi estendida sôbre o chão, o cacique pôs-se a chamar, e das casas vieram correndo tôdas as mulheres e crianças, cada qual jogando ruidosamente, um beijú sôbre a rêde e voltando imediatamente afim de dar lugar aos outros. A rapidez com que vinham os beijús era divertida. Estavam aí cêrca de 16. “Ále” foi a palavra final, e consentiram que nós nos levantássemos. Elogiámos a hospitalidade dos Bakairí, prometendo a nós mesmos retribuir-lhes com prodigalidade.

Irrompendo violenta trovoada, passámos a última noite na aldeia. Fora chovia torrencialmente. Tumayaua descrevia as suas viagens. Durante muito tempo ainda ficámos sentados ao redor do fogo, cujas chamas os índios faziam subir bem alto, tirando, sem cerimônia, porções de palha da parede do rancho das festas. Luchu vestira a casaca preta como única roupa; um outro enfeitára a sua orelha com um anzol. A minha “prometida” de outrora — sinto muito ter de confessá-lo — quase nem me dispensou um olhar.

A decantada fidelidade das mulheres...!

* * *

Sob vários aspectos a *viagem nas montanhas* diferia bastante da nossa viagem pelo vale. Sobretudo de noite tínhamos chuvas e trovoadas fortes. As águas do rio cresciam, os barrancos da margem desapareciam e por longas extensões o rio inundava o mato. Algumas das pequenas cachoeiras tinham desaparecido. A cachoeira Taunay bramia e borbulhava violentamente. Por outro lado o nível das águas também baixou uma vez, quando chegámos aos Bakairí; a água estava amarela, trazendo árvores ainda viçosas na superfície.

A-pesar-de neste percurso gastarmos menos tempo do que para a viagem pelo vale, a voga nas águas do rio cheio era, embora já estivéssemos bem familiarizados com o manejo dos remos muito cansativa para os camaradas, na maior parte enfraquecidos pela

febre. O varejão que no percurso pelo vale nos facilitára consideravelmente a viagem, não podia mais ser empregado. Assim mesmo avançamos mais rapidamente com o auxílio prestado pelos índios que estavam conosco; é verdade que êstes acompanhavam tôdas as sinuosidades do rio, mas recuavam com muita constância e não faziam cigarros. O exemplo dêles não deixou de produzir efeito; também o nosso grupinho de índios dava-nos oportunidade para gracejar. Os camaradas naturalmente conversavam só em idiomas indígenas de canoa para canoa, o que por sua vez divertiu muito os compadres. Na minha canoa cada qual tinha o seu processo especial para vencer mais facilmente as dificuldades. Eu, por minha parte, escolhia na margem um alvo bastante afastado, que me propunha a atingir sem interromper a voga, e dividia o meu *eu* em duas personalidades distintas: uma que se esforçava com afinco, e outra que julgava, severamente, o trabalho do n.º 1. Quando, segundo a opinião do n.º 1, a canoa atingia o alvo, o n.º 2 fazia objeções a respeito, ponderando que nesse ponto a canoa talvez formasse um ângulo com a linha marginal, de modo que, na realidade, a etapa ainda não estava alcançada. Desfeita esta dúvida, o n.º 2 prometia um elogio ao n.º 1 como recompensa de uma nova extensão vencida, louvor êsse conquistado a custa de grandes esforços. Mas o n.º 1 sabia distrair-se, contando compassadamente e em voz baixa, de várias maneiras; sobretudo a seguinte modalidade deu bom resultado: p. ex. 2, 4, 6 e assim por diante até 40, repetindo a mesma contagem, antes de continuar, até 50, a seguir também repetição até 50 antes de continuar até 60, etc. "Com gratia in infinitum".

Wilhelm entretinha-se em estudar minuciosamente o problema: que haveria de comer ou de beber em primeiro lugar, quando chegasse à Fazenda São Manuel ou mesmo a Cuiabá? Calculava também a diferença existente entre a hora do lugar em que estávamos e aquela do nosso Clube "Malkasteu" em Düsseldorf, e regosijava-se por poder imaginar exatamente o que lá se passava naquele momento; quem estava sentado em tal canto, quem jogava cartas, quem jogava bola, ou mesmo se, alguém, com hábil mão de artista, traçava na mesa, a giz a caricatura de um dos sete folgazões.

Antônio, como filho genuíno de um povo aborígene, só se ocupou com o presente e era o mais ajuizado de nós três. Com a atenção sempre voltada para o seu desejo de caçar, êle espreitava alegremente em torno de si, via e ouvia tudo e retinha todos os acontecimentos, por mais insignificantes que fôsem, na sua memória infalível, exercitando assim, com numerosos sinais locais a faculdade que, pelo homem civilizado, é erroneamente denominada

“instinto de orientação”. Se eu mesmo não me tivesse convencido por várias perguntas que lhe fiz, não teria acreditado que, sem anotações escritas alguém pudesse, depois de uma única viagem num rio uniforme, ter adquirido uma idéia tão exata das minúcias de seu percurso. Não só reconheceu muito bem cada uma das curvas do rio, como quando lhe perguntava, dizia, como exatidão, se ainda faltavam duas ou três curvas até algum determinado ponto. Tinha o mapa na cabeça, ou melhor, ele se lembrava de numerosos acontecimentos insignificantes e da sequência dos mesmos. Aquí o “Doutor Guilherme” matára um pato, alí uma capivara atravessára o rio, a nado, aquí havia colmeias, acolá estava um jatobá alto cuja casca havia fornecido uma canoa, neste ponto alguém tinha desembarcado, mais adiante haviam sido (o Antônio que nunca esquecia) vistos ou pescados êstes ou aquêles peixes.

Afim de diminuir a carga das canoas na região das cataratas, prosseguimos várias vezes alguns quilômetros por terra, onde, além da mata que beirava o rio, o campo, atravessado por vários atalhos de índios, apresentava poucos obstáculos ao pedestre. O sol, com seus raios verticais, espalhava um calor que fazia lembrar os desertos da Arábia. Às vezes divisava-se por entre as árvores como, ao longe, as canoas deslisavam graciosamente.

Nessa vez observámos um número mais elevado de aves aquáticas, em parte acompanhadas de filhotes, e notámos também muito mais insetos. Só agora encontramos, de fato, besouros; é singular nunca termos visto caracóis. Os mosquitos nos incomodavam muito. As mutucas no acampamento nos enchiam de ódio; foi preciso matar muitas antes de nos instalarmos. Felizmente o mosquiteiro servia de armadilha; voavam entre as dobras da gaze, onde podiam ser esmagadas, com facilidade. Durante a caminhada um escorpião deu-me uma ferroada na planta do pé; o lugar ficou inflamado e doloroso durante vários dias, mas a culpa principal coube ao médico que fez o tratamento. No momento em que se deu êste fato desagradável, eu só tinha ácido carbólico; apliquei-o em grande quantidade, usei depois ainda uma grande dose de amoníaco obtendo assim um ferida limpa e bem desinfetada. Os companheiros que assistiram ao pequeno incidente, recomendaram-me que não descuidasse do tratamento interno. Trouxeram o “Echauer Doppelkummel”, já muito escasso na nossa farmácia, tomando também uma dose do remédio benfazejo, louvando o seu valor profilático. Veneno de escorpião, amoníaco, ácido carbólico, álcool, teina, nicotina, quinino, arsênico e beijú, cuja farinha com fermentação ácida, eu não podia mais suportar — que bela combinação!

Usava agora, diariamente, 10 a 12 pílulas com 0,002 gr. de arsênico, dose que é muito inferior à quantidade habitual dos consumidores de arsênico. Tomava também um pouco de quinino. Em 1884 eu sofrera muito com a malária, mas, desta vez, só tive alguns acessos menos violentos; aconteceu o mesmo a Wilhelm, que foi mais cuidadoso no tratamento, chegando a tomar 14 pílulas por dia. Vogel teve uma doença de pele que o incomodou sobremaneira; fez, o tratamento com a solução de arsênico de Fowler, único remédio eficaz; não foi atacado pela febre. Ehrenreich tinha sofrido vários fortes acessos, mas também não havia tomado as pílulas com regularidade. Todos os outros tiveram ataques muito violentos. O próprio Antônio não escapou, e vários deles, embora naturais de Mato Grosso, anteriormente nunca tinham sofrido de malária. Os soldados brasileiros temiam, como crianças, um remédio amargo; chegaram mesmo a fugir, quando se lhes quis pôr o pó branco na língua. Tínhamos que abandonar o rio quanto antes. Na medida em que o *post hoc, ergo propter hoc* se justifica, posso dizer, baseado nas minhas experiências, que o quinino não protege profilaticamente contra a malária do Mato Grosso, tendo, porém, a propriedade de cortar ou abrandar os acessos, ao passo que o arsênico é realmente profilático. Ainda hoje devo agradecer, cordialmente, a Max Buchner (4) a insistente recomendação que fez das pílulas de arsênico. A suspensão do remédio também não acarretou os mínimos inconvenientes, embora eu cometesse a imprudência de interromper bruscamente o uso do mesmo.

Tínhamos, portanto, agora mais sofrimentos físicos e menos gozos materiais do que na viagem pelo vale. Mas, em compensação, maior era a satisfação geral provocada pela certeza do êxito. À noite, sentíamos-nos, pelo menos os que estavam bem de saúde, em ótima disposição, atrás do cortinado do mosquito, no qual se projetava a sombra de numerosas mariposas. Agora tínhamos muito mais assunto e as palestras, entre as pessoas que se balançavam nas rédes, eram só raramente interrompidas, quando prestávamos atenção para ouvir se os pescadores batiam na cabeça das suas vítimas.

Independência. A 13 de novembro, ao cair da noite, chegámos ao rancho junto ao qual estava instalada a cozinha. Os quatro que aí ficaram, acorreram rapidamente em estado esfarrapado; Sátiro se envolvera, às pressas, numa coberta. A alegria era grande. Na face enrugada de Januário cintilavam as lágrimas

(4) — Suplemento do Allgemeine Zeitung, 1885, n.º 127.

como gotas de orvalho num amor-perfeito preto; êle sonhára na noite anterior que nós voltaríamos — ave Maria! — como esqueletos, e eis que realmente tínhamos chegado. Os quatro tinham vivido numa harmonia notável. Só Manuel se queixava, confidencialmente, de que Januário se prevalecera por demais da sua autoridade de tenente, tendo querido sempre impôr a sua opinião. Três ranchos haviam sido construídos: um, no qual havia um pilão novo, para servir de cozinha; outro, para os soldados, e um terceiro para nós. O ambiente estava muito agradável. Para as mulas o tenente tinha construído uma cêrca de estacas bastante ampla; plantára também milho e feijão. O cão "Legítimo" fôra morto por um coatí. Os burros estavam bem gordos e vivos; mas haviam sido molestados de tal maneira pelos moscardos, que se tornára necessário manter fogueiras acesas no cercado, para produzir fumaça. Os índios da primeira aldeia bakairí tinham vindo 4 ou 5 vezes, trazendo muitos beijús, farinha e milho. A última vez até uma pekóto, uma mulher bakairí, se atrevera a acompanhá-los.

Repousámos um dia. Tivemos sopa de ervilhas e carne sêca; alguém fritou bolinhos de mandioca no azeite, que foram servidos com genuino mel de abelhas do mato e com chá. Wilhelm tomou nota das provisões que nos restavam para a volta: 2 sacos de sal, 1/4 saco de chá do Paraguai, 3 1/2 latas de tabletes para sopa, 4 latas de legumes, 24 cartuchos de farinha de carne de Kemmerich, feijão para quatro refeições. Ehrenreich fazia em si e em outros operações nas inchações provocadas pelo berne; mata-se o mesmo com clorofórmio ou com sublimado, podendo então ser espremido sem dôr. Perrot estava absorto na contemplação de seu lenço de pescoço que lhe fôra roubado por um Nahuquá. Tinha exigido a sua restituição de maneira dramática, e agora via-o transformado, pelas formigas, num tecido de rendas. Vogel dormia na rêde, debaixo da qual estava atirado o livro de poesias de Goethe, emprestado de Wilhelm para ter uma distração espiritual. Eu remendava ceroulas rasgadas e lia, ao mesmo tempo, no livro de F. A. Lange as considerações sôbre juízos analíticos e sintéticos.

Nos dias seguintes tivemos que trabalhar intensamente. Muitas peças da coleção tinham ficado emboloradas e úmidas. Os índios deram-nos ainda várias explicações importantes. Tirámos fotografias, fizemos revelações, mensurámos, escrevemos, calculámos, em suma, trabalhámos de tôdas as maneiras. Vários dos objetos etnológicos, que tinham sido transportados facilmente na canoa, quase não podiam ser acondicionados no lombo das mulas. Os arcos maiores mediam quase 2 1/2 ms. de comprimento, as flechas, quase 2 ms. Os cêstos de pesca e as nassaş, muito quebradiças e

de grande volume, não podiam ser, de forma alguma, transportados pelos animais. Foi por isso que Ehrenreich fêz todo o percurso para Cuiabá com uma nassa comprida nas costas, e eu carreguei durante tôda a caminhada, dois cêstos de pesca que não eram pesados, mas que, em virtude do seu tamanho e da sua forma de cesta de papel, eram muito incômodos, e suas pontas me espetavam o pescoço. Os nossos hóspedes, que se haviam instalado no rancho da cozinha, não se cansavam de ver e ouvir tanta novidade. Luchu, o janota vaidoso, cometia pequenos furtos. Os índios agora também tinham aprendido a mensurar. Um procurou uma vara e fez mensurações numa mula; enquanto segurava o seu metro ao lado das pontas das orelhas, ao lado da cabeça, da junta da espádua, da garupa e da extremidade da cauda, marcava cada medida, amarrando um barbante na vara. Depois guardou cuidadosamente a sua tabela. Numa bela noite escura iluminámos o acampamento com fogo de Bengala. Um guapo farmacêutico de Destêrro nos havia dado — além de uma coleção de garrafas, nas quais se lia a indicação “Steinenschnaps”, sem dúvida sugerida por algum compatriota espirituoso, uma caixinha com fogos de artifício. Foi esplêndido o efeito das nuvens luminosas multicôres nos cantos do cercado.

Como em Maigéri, realizámos uma despedida solene. Levantámos uma haste de bandeira, em baixo dela collocámos uma mala de couro, de ambos os lados desta dispusemos uma série de assentos, diante dos quais estendemos alguns ponchos. A seguir cada qual trouxe um índio. Eu fiz Tumayaua tomar assento na mala e a mesma coisa fizeram os outros com os seus hóspedes de honra. Desaparecemos e voltámos depressa, formando uma corrente e trazendo numerosos presentes; cada um só entregava um objeto por vez, voltando rapidamente para ir buscar um novo presente com o qual tomava lugar no fim da fila. Lenços, espelhos, pérolas, facas grandes e pequenas, camisas e machados para o cacique, enfim tudo que ainda restava. Tendo sido Tumayaua o nosso guia, recebeu presentes em dôbro. Para dar à cena um desfêcho teatral, o pequeno goso “Fazendinha” também foi arrastado, amarrado a uma corda. Outrora, quando os espanhóis vieram à América, êles trouxeram cães perdigueiros. Nós, pelo contrário, presenteámos os “selvagens” com um cão de luxo, pois Tumayaua devia levar o gracioso animal para sua filha, a Eva do meu idílio bakairí. Uma dádiva tão pouco útil como os nossos utensílios de ferro.

A 16 de novembro vieram os índios pelas 4 1/2 da manhã. Só Tumayaua disse “*itahé-ura*” “eu vou”. Antes que o sol nascesse, todos tinham desaparecido.

CAPÍTULO VII

INDEPENDÊNCIA-CUIABÁ

Itinerário. Transporte e dificuldades na estação chuvosa. Perrot e Januário perdidos. Fome. Chegada, com obstáculos, ao Paranatinga e à Fazenda São Manuel. Natal no sertão. Chegada a Cuiabá.

Na marcha de Independência para Cuiabá o Paranatinga constituiu novamente o limite entre o percurso mais fácil e o mais difícil. A primeira estação habitada, a Fazenda São Manuel, estava situada na margem do Rio São Manuel, um afluente à margem esquerda do Paranatinga. Levantámos acampamento no dia 19 de novembro, chegando à fazenda a 17 de dezembro. Daí partimos no dia 22, alcançando Cuiabá a 31 do mesmo mês.

Também desta vez caminhámos da região do Kulisehu para a beira dos confluente do Batoví, escolhendo somente a passagem, para o Paranatinga, na "estrada Rondon", pela divisa das águas (v. cap. III: Estrada Rondon e última parte do caminho). Esperámos encontrar na caixa do correio, colocada na encruzilhada dos atalhos, informações mais precisas sobre as condições do caminho de São Manuel. Rondon certamente não teria continuado a procurar ouro na estação chuvosa, a não ser que tivesse encontrado o Eldorado dos Martírios. Da fazenda até Cuiabá não haveria mais preocupações; era até o trajeto mais curto entre o Paranatinga e a pequena Capital.

Na ida, a expedição tivera que vencer os maiores obstáculos entre o Batoví e o ponto de embarque. Das seis semanas da volta, porém, as quatro até o Paranatinga foram as piores de toda a viagem. Aí tivemos que passar realmente por toda a espécie de pequenas e desagradáveis atribulações. Mosquitos e carrapatos que incomodavam mais que animais ferozes. Numerosos riachos cheios causavam maiores transtornos ao viajante que a travessia de um rio largo. A-pesar-dos bons presságios de Januário, que, confiara no posição quase horizontal do quarto minguante, na véspera da nossa partida, fomos surpreendidos pela chuva.

A estação chuvosa! Na volta ainda é possível vencê-la, mas iniciar uma expedição, quando ela já começou, será expor ao maior perigo o êxito de toda a empresa. Não imagine o leitor que caminhámos sob um aguaceiro ininterrupto; era, porém, realmente enorme o contraste com a estação seca, em que quase não vimos nuvens no firmamento. Sobrevieram-nos trovoadas violentíssimas, muita chuva contínua e frequentes garoas. Dias de sol, como o 28 de novembro, eram raros. Mesmo quando não chovia, o céu se conservava escuro e cinzento, de forma que alguns momentos de sol ou algumas noites estreladas, constituíam verdadeira exceção. Às vezes a chuva era bem fria, e sentíamos arrepios, como os sentiram os Mehinakú na mata. Em outras ocasiões, porém, transpirava-se no mosquitoireiro com o ar úmido e abafado, como num quarto de lavar, muito quente.

O campo estava verdejante. Como na Europa neva quando aqui chove, denomina-se aqui também “inverno” esta época do ano, a-pesar-da intensa renovação do mundo animal e vegetal e a-pesar-do sol alto e abrasador. O verde dos rebentos emprestava ao campo cerrado um aspecto completamente diferente; onde fôra queimada a macega fina, o solo estava revestido de capim fresco, com cálamos que ostentavam penachos brancos. Neste capim quase não se percebiam as pisadas, de modo que os que vinham atrás, precisavam redobrar a atenção.

Também os riachos estavam completamente diferentes. O nível elevado das águas mudara o aspecto das margens; depará-mos com muitos riachos graciosos, antes secos. Diante dos nossos olhos as águas subiam e desciam; muitas vezes só pudemos atravessá-las, esperando algumas horas. As mulas venciam as distâncias curtas, a nado, com a carga no lombo; também nós nos habituámos a caminhar na água que nos chegava até ao pescoço, ficando só com as botas no corpo. Vários companheiros infelizmente não sabiam nadar.

Em 22 de novembro sofremos sérios contratemplos. Após uma aborrecida noite de chuva, fomos obrigados a atravessar um pequeno rio profundo. Derrubámos um angico alto que tombou na direção desejada, não alcançando contudo a outra margem. Possuíamos, entretanto, um arame de ferro estanhado que o sr. Weber, do Rio de Janeiro nos recomendára como indispensável. Até agora não o havíamos utilizado. Desta vez, porém, prestou-nos bons serviços. Foi lançado à outra margem com o auxílio do laço, e após algumas travessias, a nado, num e noutro sentido, estabelecemos uma ótima comunicação. As bruacas corriam prêsas num gancho e conduzidas por uma correia; fizemos a primeira experiência com uma carga de carne de tapir com coração e fígado. Por fim, quando chegou a vez das trouxas dos camaradas, rebentou o arame.

Para os que não sabiam nadar empregámos, pela primeira vez, a excelente “pelota”, muito usada nas províncias brasileiras de grande produção de peles. Os bordos de um couro de boi eram curvados para cima à maneira de uma caixa quadrada e mantidos, nesta forma, por meio de uma moldura improvisada com algumas varas atadas com correias. Num lado foi amarrado um fio condutor, que um nadador segurava com os dentes, enquanto um segundo nadava ao lado da pelota, guiando-a. Antônio ensinou-nos a improvisar a pelota de maneira mais simples e rápida. Tomou um pedaço de cipó fino e flexível, deu-lhe a forma de um laço oval (em molduras dessas os índios penduram as suas rêdes de pescar) e fixou o couro de boi, em redor do mesmo, por meio de correias.

Esse trabalho provocou muito riso, principalmente quando o passageiro sentado no guarda-chuva aberto também se dispunha a sorrir. Perdemos um dia inteiro com a travessia do rio; conseguimos apenas deslocar o acampamento para a outra margem. Nesta, porém, havia pouco espaço, pois a mata alta se estendia até à margem. Gritos alegres enchiam o ar. A madrinha, amarrada a uma árvore, chocalhava incessantemente. Homens nus se revolviam na água ao lado das mulas que nadavam pelo rio, e a voz de Carlos com o seu “o diavo” divertido dominava tudo. Homens nus também, sempre prontos a se lançarem novamente na água, trabalhavam debaixo das palmeiras acurís, pouco altas, empilhando as bruacas, os sacos ou os feixes incômodos de flechas e pendurando os arreios no andaime. Podiam-se apreciar várias cenas interessantes: um armava a sua rêde, outro, sentado diante de Antônio sobre uma pele de animal, cortava o cabelo; Ehrenreich empenhava-se em tirar um espinho do pé de Coluna;

Perrot, ao lado, agitava vivamente a garrafa de amoníaco; considerara-se a ferida como uma mordedura de cobra e Carlos a chupára. Outro ainda se ocupava com o fogo, cozinhando ou assando; era belo observar como a fumaça azulada da cozinha subia diante das palmeiras. Afinal subiu o barranco da outra margem, o último burro que atravessou o rio; com êste veio — sentado na mão do dono que vinha nadando — um papagaio que um dos soldados levava do Kulisehu para casa. Só Diamante, o mastim velho e pesado, não queria abandonar a margem enquanto aí se encontrasse um resto de carne para ser devorado. Não havia falta de carne no “Rio do Arame”; finalmente conseguíramos caçar um tapir, e um tapir com carne extraordinariamente macia. Os pedaços gordos eram melhores que um bom “roastbeef”; o fígado desfazia-se na bôca.

Não faltavam, portanto, pequenos acontecimentos agradáveis. Verificámos que tínhamos então grande vontade de comer carne; depois de um ou dois dias sem caça comíamos qualquer corço fétido, sem torcer o nariz. Notámos também que sentíamos grande vontade de comer gordura; ficámos bastante tristes ao encontrarmos, num antigo acampamento de Rondon, duas latas vazias as quais, a julgar pelos dizeres, tinham contido vários quilos de banha americana. Por fim manifestou-se uma fome quase doentia por coisas doces. Em resumo, sentíamos tôdas as modalidades da fome.

Além dos acessos de febre sofriámos todos de dispepsia. Parecia ser sobretudo uma consequência da umidade. Os pés, os membros, as roupas, as bolsas, as rêdes, os sacos de noite, tudo que se pegava, estava molhado. Parecia, às vêzes, que o campo pantanoso se queria transformar numa lagoa e que nós mesmos éramos verdadeiros sapos. A paisagem pitoresca e alagada não nos alegrava mais; rejubilámo-nos ao vermos certo dia, como único personagem dêste cenário, um enorme cervo que, à distância se assemelhava a um boi amarelo. Vagarosa e pesadamente, a cabeça inclinada e estendida para a frente — lembrando um quadro dos tempos antediluvianos — o animal se aproximou até a uma distância de 20 passos, recebeu no peito uma descarga de chumbo da espingarda de Antônio e afastou-se a passos lentos, perseguido pelos cães.

Os nossos objetos todos apodreciam. Os couros de boi, anteriormente muito duros e encurvados, que deviam protegê-los contra a umidade, ficaram completamente moles, tão moles que facilmente podiam ser perfurados com objetos pontudos e se desfaziam como trapos, quando muito esticados. Só restavam



Fig. 4 — Mulher Mehinakú
(Capítulo VI)



Fig. 5 — O cacique "Auetö" Auayato
(Capítulo VI)

dois couros que ainda serviam para fazer pelotas. Os sacos de couro tinham amolecido da mesma maneira; as albardas se quebravam, e eram mal consertadas; não se adaptavam mais ao lombo dos animais, onde produziam grandes machucaduras que se cobriam com crostas purulentas, nas quais se alojava toda espécie de “bichos danados”. Tudo que estava colado com goma ou com cola, tudo que era papel ou papelão — ave Maria! Todas as vezes que atravessávamos algum riacho temíamos pela nossa coleção etnológica e pelas nossas chapas fotográficas.

Lançávamo-nos, ávidos, atrás das diferentes peças como mães cujos filhos estivessem em perigo. Por vezes nem sabíamos discernir se os burros escorregavam, propositalmente, com os preciosos carregamentos para o fundo do rio ou se, na ânsia de defender as nossas valiosas coleções, o cuidado e prudência excessivos os tornavam cegos e desastrados.

A 28 de novembro passámos, com grande dificuldade, pelo confluente sudeste do Batoví; os animais o atravessaram na manhã seguinte. Resolvemos aproveitar o bom tempo do dia para secar a nossa bagagem. Perrot e Januário, os cavaleiros, deviam entretanto procurar a caixa do correio e trazer a resposta de Rondon: supúnhamos que depois de 3 ou 4 horas pudessem alcançá-la. Em todo caso levaram cobertas, sal e espingardas. Contudo não voltaram nessa noite, nem na manhã seguinte. Como, porém houvesse um luar claro, não receiávamos nada e decidimos prosseguir vagarosamente. A 1.º de dezembro os dois ainda não tinham voltado. Num monte acendemos uma fogueira, obtendo, porém, apenas uma fraca coluna de fumaça; disparámos vários tiros e saímos, por nossa vez, à procura da caixa do correio. Constatámos que esta ficava num chapadão mais adiante do que calculáramos. A minha admiração por Antônio aumentou — sem sol e sem marcas especiais, ele se orientou, pelo caminho sinuoso, para o lugar determinado, encontrando realmente a serra de outeiros, na qual, após alguma procura, descobrimos a árvore em questão. Não havia vestígio da visita de Perrot e Januário. A resposta de Rondon, escrita a lapis e datada de 4 de setembro de 1887, estava na caixa. Informava-nos que o caminho também seria transitável na estação chuvosa e que tudo dependeria, exclusivamente, da altura das águas do Paranatinga. A distância da Fazenda São Manuel era avaliada em 16 léguas (99 km.). A carta dizia mais que o caminho de São Manuel para Ponte Alta, com uma extensão de 25 léguas (144,5km.), estava seco não apresentando obstáculos especiais nas serras.

“No exame dos rios que encontrei — continuava a carta muito amável de José da Silva Rondon — não fui tão feliz como V. Excia. me desejou. Encontrei-me com índios de “má conduta”, perdi no combate um companheiro que foi morto, e dois que sumiram; dois outros, além disso, receberam leves ferimentos de flecha”.

Êstes índios eram igualmente do Xingú; nós, porém, não os conhecíamos, porquanto eram dos rios da nascente do Ronuro.

Na quarta página da carta deparámos ainda com algumas linhas escritas em letra e ortografia diferentes. “A 12 de setembro passei aquí pelo Xingú. Francisco Xavier da Silva Velho”. O nome não nos era desconhecido; tratava-se do afamado sertanejo Chico Velho, o guia de Rondon, que era, evidentemente, um dos dois companheiros perdidos. Oito dias atrás de Rondon e sòzinho! Isto nos deu que pensar.

Quanto às léguas dos sertanejos a cavalo estávamos um pouco desconfiados. Em todo caso Perrot e Januário que sempre acreditaram que a fazenda podia ser alcançada em dois dias, teriam grandes desilusões caso qualquer circunstância os induzisse a cavalgar adiante. A sorte dos dois companheiros começou a nos preocupar muito. Não podíamos compreender que se tivessem perdido, pois Januário bastante experimentado, já fizera três vêzes a viagem. Além disso em algum ponto êles deviam deparar com o nosso caminho anterior ou com a estrada Rondon, e também em tôda parte se podia avistar todo o Morro do Batoví. Até o meio-dia de 3 de dezembro fizemos tudo que estava ao nosso alcance; cruzámos com patrulhas todo o terreno, em tôdas as direções, mas sem nos esquecermos de que os dois estavam a cavalo e nós não, e que também nós corríamos grande perigo, ao passo que êles talvez se achassem sãos e salvos.

Seguimos pela estrada Rondon, entrando no região do Paranatinga. O caminho quase sempre podia ser encontrado com facilidade; fôra trilhado varias vêzes de modo a contornar muito hàbilmente as colinas, e era marcado com cortes profundos nas árvores. Chico Velho escrevia com mais firmeza nas cascas das árvores do que no papel. Encontrámos também pontes, na maioria, porém, imprestáveis.

A 4 de dezembro Antônio descobriu, finalmente, rastros de um cavalo e de uma mula; no dia seguinte deparámos até com um pequeno telhado de abrigo, contruído de fôlhas de palmeiras, onde os dois tinham dormido; havia aí um vestígio de fogueira, e um resto de perna de veado de sabor agradabilíssimo. Antônio ainda comeu um pedaço e partiu os ossos para extrair-lhes a me-

dula. Acompanhamos os rastos dos animais até o dia 6 de dezembro, quando fomos obrigados a atravessar um riacho muito cheio e, depois uma grande extensão de mato alagado; neste ponto os companheiros pareciam ter tomado outro rumo.

As nossas provisões estavam acabadas. No dia 7 de dezembro ainda nos restavam 7 ladrilhos de sopa de ervilhas e 7 cartuchos de Kemmerich. Mas os camaradas já estavam cada vez mais enjoados das nossas sopas. Não davam importância ao valor nutritivo dos alimentos. Mesmo nós, se bem que nos soubéssemos suficientemente alimentados, não nos satisfazíamos apenas com essas sopas. Sentíamos o estômago vazio. Estávamos com fome. A última farinha de mandioca, recebida dos índios, fôra consumida, em 4 de dezembro, para fazermos um delicioso mingau de oito ovos. Estes ovos, que brilhavam como bolas de bilhar tinham sido postos, providencialmente, no caminho, por uma perdiz. Surgiram dois veados que o cão Certeza espantou ao correr-lhes ao encontro. Não foi grande o prejuízo causado por Manuel que durante a caminhada perdeu vários pratos e todos os garfos e colheres. Diariamente — mas apenas quando podíamos dispensá-los — ausentavam-se, por uma hora, um ou dois dos camaradas; o motivo era sempre o mesmo: procurar mel. Às vezes ficavam bastante desanimados; mas perdoávamos-lhes tudo, quando p. ex. o mulato Sátiro levantava da cinza uma raiz assada, exclamando em voz alta e em alemão: "Essen fertig. Sehr gut".

A alimentação vegetal da região era muito escassa, mas tinha, pelo menos, a vantagem de encher o estômago: couve de palmito de guariroba, amarga como quinina, e a raiz de "mandioca do campo" semelhante ao inhame, que os Bakairí também comem nas suas caminhadas, segundo nos informou Antônio.

Felizmente tínhamos fumo em abundância para enganarmos o estômago vazio. Fumávamos e descansando nas rédes, trocávamos as nossas opiniões acerca dos pratos prediletos de cada um. Ouviam-se então palavras como *spekulatius* de Cleve, *tutti frutti*, pão com presunto, *pumpernickel* com nata batida, *salchichas*, lebre com nata, carne estufada, — e sentia-se imenso prazer, quando os outros ainda ficavam com mais água na boca do que a gente. Ehrenreich distinguia-se por opiniões muito especiais; tinha uma memória fantástica para os acontecimentos culinários das suas viagens, e louvava ou criticava impiedosamente. Segundo a experiência dêste berlinense, os melhores nabinhos de Teltow, comiam-se em Vitória, na província do Espírito Santo, no litoral brasileiro; os melhores ovos estrelados eram servidos na estação de Roma, os melhores bôlos na estação de Kottbus, o melhor lombo

de carneiro em Tonder, o melhor sorvete ou coração de vitela em Munich, o melhor vinho branco no casino de Tréveris; o peor pão era da Suíça, os peores chouriços do Brasil, o peor macarrão o de Napoles, a peor comida a de Heidelberg, tomava-se e peor cerveja em Oberammergau. Que valor nós não teríamos dado ao peor!

A 8 de dezembro pudemos, pela primeira vez, acender uma boa fogueira que servisse de sinal aos dois companheiros perdidos. Calculámos minuciosamente as distâncias e verificámos que a indicação de Rondon não era muito exata. Atravessámos numerosos riachos profundos, passámos por muitos atoleiros, entrámos novamente no campo cerrado, cheio de breñhas, subimos de chapadão em chapadão, — e nada de aparecer o Paranatinga. Só a 9 de dezembro, depois de uma subida íngreme, divisámos, finalmente, a larga faixa de mato, tão procurada. Abrimos uma picada, e, repentinamente nos encontrámos diante de um rio barrento, muito cheio e caudaloso, que neste ponto media cêrca de 80 m. de largura.

Até a fazenda deviam faltar ainda “5 léguas”. Era completamente impossível levar a tropa para o outro lado sem canoa. Antônio teve que fazer uma. As provisões estavam acabadas. Resolvi, por isso, partir imediatamente, com Pedro, para a fazenda. Nossas rêdes e roupas foram transportadas para a margem esquerda, por meio de uma pelota; nós dois caminhámos um bom pedaço rio-acima e nadámos para a outra margem, ou melhor, fomos arrastados pela corrente. À 1 hora e meia en’rámos na mata do outro lado, e depois de meia hora chegámos à margem esquerda do São Manuel, rio largo, mas tranqüilo, que também atravessámos a nado. A fazenda ainda ficava muito mais acima. O rio dava uma grande volta desde a fazenda até o Paranatinga, no qual desembocava na margem esquerda, poucos quilômetros acima do nosso acompanhamento à direita. Andávamos novamente em caminhos cobertos de rastos de animais; os primeiros que encontrámos eram de bois e de burros. Depois das 6 horas, quando o sol desaparecia no ocidente, ouvimos um forte ladrar de cães. Ainda não era a fazenda. Era um retiro, uma estância da mesma, a chamada “Fazenda Pacheco”, de outrora.

“Como passou?” saudou-me, com um forte aperto de mão, um mulato papudo, o vaqueiro Feliciano que — o nosso coração palpitava de alegria — cozinhava um pote de feijão. Pouco depois apareceu também o capataz Francisco de Veado, velho e robusto caçador de estatura reta e altiva como se sempre tivesse a espada à cinta. Ambos julgavam que pertencêssemos à expedição de Rondon.

Um cercado para os animais, um terreno barrento e muito pisado, uma pequena casa de moradia com três passos de largura e 5 e meio de comprimento. “Vossa casa, excelência”. A minha aparência esfarrapada não condizia com o tratamento de “V. Excia”. O interior: as paredes constituídas de varas verticais com finas traves horizontais de bambú, a entrada fortificada em baixo com algumas varas transversais para impedirem o acesso de animais, quando a porta estivesse aberta. No telhado de fôlhas de palmeira, trabalhava um enxame de abelhas. Via-se ainda: uma rêde branca e a cama, que era uma armação coberta com um couro de boi e tendo um saco por travesseiro. Em cima, prateleiras com pequenos sacos com feijão, arroz, farinha, sal. Em baixo, junto à parede, bruacas, uma albarda, alguns caixotes velhos, sôbre os quais havia cuias, colheres de madeira e quatro panelas pequenas de ferro; acima da porta, uma sela com correames, ao lado um chapéu de palha com uma borla multicolor, atada a um cordel. Uma espingarda de vareta, de cano fino e uma pistola maciça. Em algumas varas, trajes de brim, roupas, cobertas, laços. No chão, uma lareira e um montinho de cinzas, sandálias, uma cabaça grande para água, coberta com uma cuia. Num canto, uma prateleira feita de três pequenos galhos prêsos a três cordas. Nesta, uma assado de veado, frio, e um pedaço de carne de taman-duá. Não havia café, nem chá do Paraguai. Uma garrafa vazia. Eis, com bastante precisão o inventário da minha nova moradia.

Os dois desfaziam-se em amabilidades; deram-nos toucinho, farinha, rapadura. Tudo simples, mas para nós excelente. Também nós não infringimos as normas da cortesia habituais, pedindo licença especial em cada ocasião, para entrarmos, para sentarmos, tomarmos água, armarmos as rêdes, etc.

Na madrugada do dia 10 de dezembro continuámos a nossa marcha. Restava-nos atravessar um pequeno afluente do São Manuel, o Pacú, que só nos chegava até os quadris, e alguns riachos menores. Naquelas dias lembrei-me muitas vêzes dos hidrógrafos que tão nitidamente desenhavam no papel as suas veiazinhas azues.

Às 10 horas entrámos num pequeno pôsto de trabalhadores de onde vimos, na ribanceira oposta, a nossa célebre Fazenda São Manuel, encravada em vicejante paisagem tropical, quadro que me fazia lembrar vivamente a ilha de Java. Ranchos de pau-a-pique cobertos com fôlhas de palmeira e um grande curral. Uma canoa de casca de árvore levou-nos para a outra margem.

Estavam almoçando. Quase fiquei com vontade de empurrar para o lado um dos homens afim de ocupar o lugar dêle. José Confúcio — com sua barba negra e comprida, a cabeleira a atin-

gir-lhe quase as sobancelhas, em calça e camisa de brim e descalço — recebeu-nos com cordial hospitalidade. O ambiente estava agradabilíssimo. Na parede da sala simples estava estendida, como enfeite, a pele de um jaguar esfolado na véspera; no recinto havia, novamente, uma quantidade de bruacas com variadas provisões. No chão espalhava-se palha de cana de açúcar, num canto estava acamada uma cadela com cria e nos outros cantos havia uma porção de pintainhos piando sem parar. À mesa fomos servidos pela negra Antoninha e por uma velha conhecida da aldeia bakairí do Paranatinga, a índia Justiniana.

Havia até jornais! Embora não encontrasse o matutino de sabado com suplemento dominical, o conteúdo das fôlhas aparecidas há quase um mês, era, para mim, bastante atual. Soube que o vapor-correio "Rio Apa" que propriamente estava pôsto à nossa disposição, com carregamentos, afundára em julho com tudo que nêlle havia. — Confúcio tinha em Cuiabá um irmão que se chamava Kosciusko e que era "um filósofo francês". Suas duas irmãs Brasilina e Policarpina moravam na fazenda. Não apreciava os nossos amigos, os fazendeiros vizinhos da parte superior do Cuiabá. Disse que o terreno não pertencia à D. Matilde e seus parentes, mas que êles só tinham residido em vários lugares, pleiteando agora direitos sôbre tôda a margem esquerda do Paranatinga.

Também não falava bem de Rondon. Acusava-o de ter feito os seus camaradas passar fome, vendendo os bois da expedição em vez de dar carne aos empregados. O encontro com os índios, pela sua narrativa, se dera da seguinte maneira: os brasileiros dispararam imediatamente as espingardas ao aparecerem os selvícolas, com seu habitual vozerio de recepção. Fôra a vanguarda de Rondon (o capitão Francelino de Rosário com 6 camaradas), a qual sempre reincidia nessa imprudência. E dessa vez a mão trêmula de Francelino, em consequência do seu estado nervoso, não conseguiu carregar a arma sendo êle atingido por uma flecha. Rondon fugiu "aborrecido" ao ouvir os tiros. Segundo Confúcio, fugiu tão apressadamente, que um pobre camarada coxo não o pôde acompanhar, tendo, provavelmente, morrido no sertão. E, enquanto o fazendeiro me narrava esta história, eu perguntava a mim mesmo: que fim teriam levado Januário e Perrot.

Dois eram os nossos problemas mais urgentes: provisões e um arrieiro para os animais, pois os nossos burros e as selas estavam em estado deplorável. Contratei um homem chamado Gomez e mandei carregar um boizinho com farinha de milho, arroz, feijão e toucinho. Farinha de mandioca não havia, também era pouco o arroz. Obtive só 4 quilos de carne sêca, pois esta escas-

seara por causa da chuva e 6 pedaços de rapadura a qual, ao que nos informaram não era feita na fazenda, mas importada da serra. Consegui a muito custo 2 garrafas de aguardente; tôda ela fôra bebida na semana anterior por ocasião de uma “promessa”. Desaparecera uma mula, fizeram uma promessa a Santo Antônio para que ela voltasse. A ação de graças foi festejada com reza, cachaça e dança pururu.

Os dois infelizes companheiros, Perrot e Januário, que quase nos estragaram tôda a expedição, estavam sentados novamente na velha tenda. Coluna, que prometera uma vela a um santo caso voltassem, fôra ouvido; (o pagamento cabia naturalmente àquele por quem a promessa fôra feita). Haviam voltado, a cavalo, na tarde de 10 de dezembro, um dia depois da minha saída. Estavam encharcados, rotos, abatidos, magros, de olhos encovados — verdadeiras figuras de miséria, todavia cheios de alegria. Não morreram afogados, não foram atingidos pelo raio, nem pereceram de qualquer outra maneira interessante; de fato só tinham perdido o caminho, e isso logo no comêço. Cavalgaram durante doze dias em tôdas as direções, passaram os últimos três dias sem comer, e possuíam ainda dois preciosos fósforos. A cabeça velha de Januário não resistira mais às vicissitudes; delirava, com idéias de perseguição. Uma injeção de pilocarpina que eu lhe applicara a 25 de novembro, quando tomado de forte resfriado, ao lamentar-se de que nada no mundo o faria transpirar, e com a qual eu de fato o curara radicalmente, esta injeção eu só lhe dera para “apunhalá-lo”. Perrot mandava limpar sua espingarda para “matá-lo a tiros”; com café tencionavam “envenená-lo”. Declarou que ficaria no Paranatinga, onde construiria um rancho e faria uma plantação. Cumprimentava-me de rosto carrancudo e olhar zangado. Estava muito irascível e exigente, sofria de dores de cabeça, e mesmo nas semanas seguintes, embora seu estado melhorasse muito, nunca voltou a ser completamente o velho alegre que tantas vêzes nos divertira com seu humorismo natural.

O comportamento de Januário levava Perrot ao desespero; êste tivera de cuidar sòzinho dos animais, de procurar lenha e fazer fogo. Discutiam ininterruptamente, aumentando o desconforto das suas noites tristes, acompanhadas de aguaceiros e de fome. Êles haviam tomado o Paranatinga (que inundara o mato e junto ao qual perdemos o rasto dêles) pelo Batoví! Cavalgaram para leste. Voltaram e, numa pequena balsa de troncos de burití, transportaram a bagagem e as espingardas para a outra margem. Sua aventura mais desagradável fôra a visita noturna de um jaguar. Levantaram-se espantados, quando o felino remexia a cinza, e

julgaram que fôsse um tapir. Januário deu-lhe uma facada nas costelas. Perrot conseguiu pegar a espingarda e disparar um tiro, com o que o animal se amedrontou, fugindo para a mata, como o perceberam na manhã seguinte, pelos vestígios de sangue. Perrot levava ao todo oito cartuchos, dos quais gastou sete. Receiando novo encontro semelhante, guardou o último tiro na espingarda, a-pesar-de passarem bem perto de veados e de ficarem sem alimento nos três dias subseqüentes.

No acampamento todos se lançaram sôbre a farinha de milho e a rapadura que, misturadas, tinham um gosto de biscoito com açúcar; todavia esperávamos receber muito mais tijolos de açúcar do que, realmente Confúcio nos oferecera. Foi necessário proceder-se à mais criteriosa distribuição; com desconfiança, (1/10 por gracejo e 9/10 a sério) comparavam-se, na avidez das coisas doces, as porções realmente diminutas. A carne sêca era couro duro. Por fim, no próprio acampamento tivemos fartura, depois de termos passado o primeiro dia com guariroba e sem peixe algum. Caçamos um jaú enorme cujo pêso foi avaliado em meio quintal. Isto contribuiu para melhorar sensivelmente a nossa disposição de espírito e provavelmente também acelerar o pulso. Wilhelm registrou no seu diário os números de pulsações surpreendentemente baixas ocasionalmente observadas a 10 de dezembro: Vogel 44, Wilhelm e Perrot 56, Ehrenreich 60, mas Januário 76.

Tivemos que passar o dia 13 de dezembro, descansando porque, com a chuva incessante, o Paranatinga subira 1 m. A 14 iniciou-se o transporte das albardas que foram consertadas pelo hábil Gomez, na medida do possível, para a outra margem do rio. A 15 surgiu o sol, e a 16 matámos e comemos, no retiro, um bezerro. Nosso hospitaleiro amigo Veado dava ordens aos doutos senhores, mandando-os lançar (fiquei com o dedo mindinho quase destroncado), buscar ramos verdes, esfolar e destrinchar — e fazia-o com real desembaraço, em flagrante contradição com o cerimonioso “Vossa Excelência” da primeira saudação.

O Rio Pacu não nos atrapalhou muito. As bruacas foram carregadas para a outra margem, representando um contrapêso útil contra a correnteza, ao passo que os Doutores com a roupa arregaçada e apoiando-se a uma vara, oblìquamente fincada no fundo do rio, quase não ousavam levantar a frágil varinha para darem um passo adiante.

No aniversário natalício de Vogel, 17 de dezembro, entrámos finalmente todos no Eldorado da fazenda. Em poucos instantes começou uma atividade febril. Antônio recolheu lenha e assou mandioca na cinza; (obtivéramos um pezinho com raízes de quase

1 m.). Perrot e Vogel fizeram um concurso culinário; o primeiro propôs-se a fritar “bolinhos de batata” de mandioca, não venenosa, mas do “aipim”, de boa qualidade, ao passo que o segundo nos prometeu uma soberba fritada de ovos. Manuel ralou *Manihot utilissima*, Januário quebrou os ovos, Wilhelm picou o toucinho, Vogel misturou os ovos com a farinha de milho e Perrot preparou, numa enorme cuia, o prato que prometera. Ehrenreich foi pedir café a D. Brasilina. Os bolinhos foram muito mais apreciados do que a fritada; os dois renanos presentes até eram de opinião que êstes bolinhos de mandioca eram mais saborosos que os de batata feito na terra dêles. Ao concurso culinário seguiu-se um concurso de — permita-nos o leitor a expressão — concurso de voracidade. Mas as consequências não se fizeram esperar. Passámos uma noite desagradabilíssima. Debalde Ehrenreich nos prevenira com a sua citação predileta, que antes repetira, tantas vêzes, inoportunamente. — Jesus Sirach 37, vrs. 32-34: “Não enchas o teu estômago com tôda a espécie de guloseima, e não comas com demasiada voracidade. Pois a gulodice estraga a saúde, e o comilão insaciável facilmente adocece. Muitos se entregaram à intemperança até morrerem, mas quem se alimenta comedidamente, tem uma vida muito mais longa”.

Nos dias 18 e 19 brilhou alegremente o sol. Tudo secou. As bruacas se encarquilharam de tal maneira que não foi possível esvasiá-las, pois com a forma que tomaram não podiam ser novamente enchidas. Durante a noite tivemos muito trabalho para proteger os nossos objetos contra os animais que faziam um barulho desagradável na parede de estacas do rancho em que dormíamos. Os assim chamados “animais domésticos” aquí ainda eram muito pouco civilizados; as vacas lambiam as bruacas e as peles, por mais alto que estivessem penduradas; os cães remexiam as cinzas da nossa fogueira, fazendo com a bôca, horas seguidas, um ruido insuportável; os porcos comiam tudo que não fôsse madeira ou metal, dando preferência a panos velhos, e acercavam-se, grupinho e atacando, da maneira mais escandalosa, os que tinham que sair impelidos pela indigestão. Alguns de nós sentiram mais dificuldade em se levantar cedo no sertão do que aquí na fazenda. Atrás da cêrca, logo rodeada pela maioria dos hóspedes, ordenhavam-se as vacas. Uma tijela de leite quente misturada com rapadura e farinha, parecia-nos um manjar dos deuses.

A 22 de dezembro estávamos outra vez em movimento. As cólicas e as dispepsias desapareciam aos poucos. Os acampamentos noturnos já estavam agora prefixados. Isto era muito agradável

e vantajoso, a-pesar-das grandes distâncias a vencer. Passámos sôbre a divisa das águas, entrando na região do Rio Cuiabá. Morros bastante escarpados com pedregulho quartzoso; a partir de São Manuel também havia novamente ardósia de estratificação vertical.

A manhã de 23 de dezembro despontou maravilhosa. Junto ao regato em que nós nos lavámos, o sol brincava entre os galhos das árvores; à sombra das mesmas um frescor agradável, fora, um calor sufocante. Tudo verde, em contraste com a estação seca. Subimos e descemos colinas. Um sertão ermo e extenso. Nos lugares baixos uma mata cercada de pequenos arbustos encrespados. No dia seguinte também brilhou o sol. Prosseguimos na beirada dos caminhos pelos cimos dos montes vermelhos, que na ida admiráramos de baixo. À direita, na profundidade, vales cobertos de mata, estendendo-se entre as escarpas dos degraus do planalto. Um tempo quente e seco, sem a menor aragem. O terreno arenoso. De quando em quando a sombra de uma nuvem ou de uma ave de rapina; fora disso o extenso planalto ermo e abandonado.

Junto a uma lagoa pantanosa cuja água choca e morna (se não estivesse estagnada como um grande charco) poderia escorrer de um lado para a região do Araguaia, e do outro para o Rio Manso o afluente do Cuiabá, festejamos o natal.

Em Cuiabá o costume de se trocarem presentes no Natal não está tão generalizado como na Alemanha. Contudo as jovens enviam aos moços um prato de doces, esperando ser retribuídas com um vestido ou coisa semelhante (quando não alimentam ainda outra pretensão, como dizia Perrot). Queríamos ter a nossa árvore de Natal. Como entre os vegetais feios e estropiados do sertão não houvesse nada parecido com um pinheiro, tivemos que improvisá-lo. Enxertamos bastonetes de madeira num pequeno tronco reto, amarrando ervas em tórno dêstes ramos artificiais, e conseguimos imitar bem as pontas agudas do pinheiro. A seguir procurámos no campo, com grande dificuldade, enfeites multicores; havia bagos de piquí, algumas flores alaranjado-vermelhas e cristais de rocha. A ponta, tirada de um pé de *paepalantus*, formava uma coroa crivada de bolas, que assentavam na extremidade de longos espinhos. Não havia mais necessidade de economizarmos as velas. Ao anoitecer levantámos a obra de arte na tenda de Perrot, acendendo as luzes e disparando alguns tiros, segundo o costume riograndense.

A arvorezinha iluminada apresentava um aspecto bastante gracioso e interessante, no canto da tenda. Mas não havia abundân-

cia de presentes. Duas coisas, entretanto, nos restavam: dois presentes que guardáramos, para esta noite, no fundo das latas, salvando-os através de tôdas as intempéries da viagem. O sr. Ernesto Vahl em Desterro, entregara-nos, com a indicação expressa "Natal", um pacote de fumo búlgaro para cigarros. Com igual determinação Vogel recebera, por ocasião da despedida, no seu lugarejo natal Uehlfeld, na Francônia, do confeitoiro "Wilhelm Büttner, do mercado" uma caixa de extrafino "Lebbsuchen". Certo naturalmente de não ter a fôrça de vontade necessária para esperar até 24 de dezembro, já em Cuiabá êle me confiara o presente. Agradecimentos a êstes nobres benfeitores! Não creio que êles mesmos tenham recebido, nessa noite, presentes mais valiosos. Como verdadeiros filisteus, bebemos o delicioso moka, cantando, embora só Wilhelm soubesse cantar o "Wacht am Rhein" e o "Deutschland, Deutschland über alles" que, em terra estranha ressoa com maior intensidade e vigor. E o poeta da expedição queixava-se, melancólico e saúdoso:

Sem pinheiros nem nozes douradas
Neve fresca e bimbalar de sinos
Sem presentes nem festivos hinos,
Com sol ardente e fortes chuvaradas
Que Natal neste imenso sertão!
Um coração de "marzipan"! — oh! sonho vão!
A nossa árvore improvisada
Com pequenos galhos e tôda iluminada
Papai Noel só enfeita, com carinho
Com um pouco de feijão e de toucinho.

Um Natal eu passara no Japão, outro no México, outro ainda nas Geórgias antárticas, e êste — junto à Lagoa Comprida, cheia de rãs coaxantes — era o terceiro no continente sul-americano

A 25 de dezembro a monotonia da paisagem era desoladora. Durante os 35 kms. da nossa marcha contei os seres vivos que pude observar: 1 ave de rapina, 1 pequena ave de campo, um lagarto que fazia ruído na ramagem, 3 abelhas. Numerosos formigueiros vermelhos, semelhantes a grotescas elevações de terra sôbre tumbas. Uma cruz de madeira com três cruzeiras pintadas, aquí alguém devia ter morrido de tédio. 25 kms. de extensão sem água. No lugar do acampamento a água era boa e fresca, segundo as nossas exigências, 24,6°.

No dia 27 de dezembro chegamos à fazenda de Ponte Alta. Apenas uma casa com uma roda de moinho e um monjolo, situada num vale pitoresco e encantador. Morava aí o companheiro

de Rondon, Chico Velho, um dos extraviados. Gastara 21 dias no seu regresso solitário. Travámos conhecimento com um velho de cabelos grisalhos, que visitara os Bakairí do Paranatinga, em 1835 ou 36. O que nos narrou correspondia ainda perfeitamente às nossas observações do Xingú, com uma única diferença, de que os índios naquele tempo já possuíam as plantas úteis brasileiras e os animais domésticos. Para comemorar o natalício de Ehrenreich preparámos muitas bebidas. Carlos levantou um brinde em português que começava por um “viva a rosa” e terminava por uma alusão ao Dr. Paulo. Pela primeira vez as mulas tornaram a receber milho, ficando tão alvoroçadas que quase não podiam comer; o que para nós fôra a Fazenda São Manuel, significava para elas a de Ponte Alta.

Entrámos depois na estrada que de Cuiabá leva a Goiaz, onde observámos intenso movimento. Encontrámos meia dúzia de cavaleiros que iam à igreja de Chapada para uma eleição. Havia entre eles um robusto e velho “gentleman” negro com uma cabeça muito pequena e dentadura branca (“cabide de guarda-roupa”, segundo Ehrenreich). Usava paletó de Nanquim amarelo, chapéu amarelo de palha, colete branco, calças brancas, botas de canhão e reluzente corrente de esporas. Os nossos trajes, sobretudo os feixes de flechas e as nassas nas costas de Ehrenreich e nas minhas, divertiram-no sobremaneira. Quando ele já estava bem longe, ouvia-se ainda sua forte e gostosa risada de negro.

A 29 de dezembro começou a descida da chapada. O monte coniforme de Santo Antônio apareceu, indício seguro de estarmos na planície de Cuiabá. Depois o mato, um caminho largo e coberto de pedrinhas de areia, paredes rochosas, como muros de forte, lembrando um parque de imenso castelo abandonado. Aos poucos a descida se torna mais escarpada e difícil. Entulho de quarzo e ardósia, um sol canicular cada vez mais intenso em virtude do reflexo. Quase não se compreende como aqui transitam carros. Acampamento, com trovoadas e chuva, junto ao Córrego Formoso. A 30 de dezembro passámos por vários pontos habitados. Uma velha perguntou-me com grande curiosidade, se encontrámos ouro. Pernoitámos junto a uma pequena fazenda cujo dono fôra a Cuiabá, afim de participar das eleições municipais. Às 4 horas da madrugada seguinte ninguém mais sente sono. Não se ouve outra cousa, senão “cidade, cidade”, pois Cuiabá é, naturalmente, a cidade. Depois de uma hora chegamos ao Coxipó que a 5 km. abaixo da Capital, desemboca no Cuiabá. Atravessamo-lo num ponto em que havia um vau. É o riozinho onde, em 1719, foi encontrado o primeiro ouro e onde foi fundada a primeira povoação dos Paulistas.

Perrot, chegando à cidade envergonhou-se da sua aparência esfarrapada; cavalgou na frente para chegar à sua residência sem ser visto por muita gente. Mas nós não nos envergonhamos absolutamente. Enfeitamos os chapéus com folhagem verde e gozamos, extasiados, o panorama da aprazível cidadezinha que subitamente apareceu diante dos nossos olhos, com as suas inúmeras casas e telhados, a “catedral” do Senhor Bom Jesús e as igrejinhas do Senhor dos Passos, de Nossa Senhora do Rosário, de Nossa Senhora do Bom Despacho, e, na colina mais alta, a da Boa Morte. A cidade está em festa. Ouvem-se tiros de espingarda e de revólver. A atmosfera límpida é atravessada por foguetes sibilantes que se desfazem em nuvenzinhas ténues e brancas: a luta eleitoral está decidida. Quem terá vencido desta vez, os conservadores ou os liberais? Os olhares da população pasmada seguem curiosamente o nosso grupo singular. Os Auetö, os Kamayurá, os Nahuquá não podiam merecer por parte destes cidadãos um interesse maior que o que nós dispensávamos aos partidos políticos deles.

Parámos na praça, diante da catedral. Aquí ficava o correio, onde estavam as nossas cartas. Mas aquí também havia alguns amigos que nos abraçaram alegremente, e, entre eles o chefe do serviço postal, o nosso caro André Virgílio de Albuquerque. Perguntei-lhe se a casa na Rua Nova ainda estava desocupada e se ainda podia ser alugada. E eis que se nos oferece mais um ensejo de apreciarmos a proverbial fidalguia e hospitalidade brasileiras. “Este senhor”, disse o sr. André Virgílio, “deseja conhecê-lo, Dr. Carlos”. E apresentou-me a um homem ainda moço, com olhar amável, um tanto acanhado. “Este senhor”, continuou Virgílio, “sentir-se-ia feliz se o sr. e os seus amigos quisessem receber e permanecer o mais longo tempo possível na casa desocupada que ele possui na rua principal e que é uma das mais bonitas desta cidade”. Em seguida o bom Virgílio, visivelmente entusiasmado, falou dos nossos esforços em prol da província de Mato Grosso. O comendador felicitou-nos, sorrindo com amabilidade. E nós que tínhamos um aspecto mais esfarrapado e selvagem que um bando de vagabundos detidos pela polícia!... Aceitámos, agradecidos, a proposta gentil e hospitaleira. Acomodámo-nos numa casa espaçosa com um jardim grande e maravilhoso; com um alpendre, onde pudemos, com tóda comodidade, desamarrar, secar e limpar a nossa coleção; com uma sala, onde pudemos colocá-la em boa ordem; com um quarto para cada um de nós, onde, finalmente, também nós conseguimos descansar, refazendo-nos de tantos esforços e privações.

CAPÍTULO VIII

I — GEOGRAFIA E CLASSIFICAÇÃO DAS TRIBUS DO
XINGÚ SUPERIOR

O velho cacique dos Suyá, que se distinguia dos seus companheiros por um cavilha muito pequena no lábio, nos dera, em 1884, a longa lista das tribus residentes na região superior do Xingú, e nos desenhara, na areia, com o dedo, os afluentes cujas margens habitam. Compare-se "*Durch Zentral-Brasilien*" pág. 214. Foram os seus treze nomes de tribus que nos induziram a empreender a segunda expedição. Em geral, confirmaram-se as explicações do nosso homem de confiança. É verdade que as suas indicações potamográficas não satisfizeram as nossas exigências cartográficas, mas mesmo nisso ele tivera mais razão do que esperávamos, quando confundimos o Kulisehu com o Kuluëne. Só a posição astronômica das localidades estava completamente alterada, porque o Suyá precisava, para representar a numerosa série de aldeias localizadas ao longo de um dos afluentes, de um traço comprido que ele riscou ingenuamente na direção sul.

Não conhecemos os habitantes do Ronuro. Vogel, ouvindo o cacique dos Auetö, que viajou com ele desde a embocadura até Xingú-Koblenz, compreendeu-lhe as indicações como aí havendo Kabischí e Kayapó. Os Kabischí, de quem se conhece alguma coisa, moram na nascente do Tapajós, constituindo uma parte dos índios Paressí mansos. Seria de grande interesse e relevância, se o Paressí, assim como se dá com os Bakairí, se dividissem em um grupo "manso" e em outro "bravo", pois precisamente

nesta tribu dos Nu-Aruak, outrora tão numerosa e adiantada, uma brutal intervenção civilizadora destruiu coisas insubstituíveis. A presença dos Kayapó no Ronuro não seria surpreendente, porque, muito disseminados, frequentemente apareciam no Parana-tinga e aí foram confundidos, pelos brasileiros, com os Coroados-Bororo.

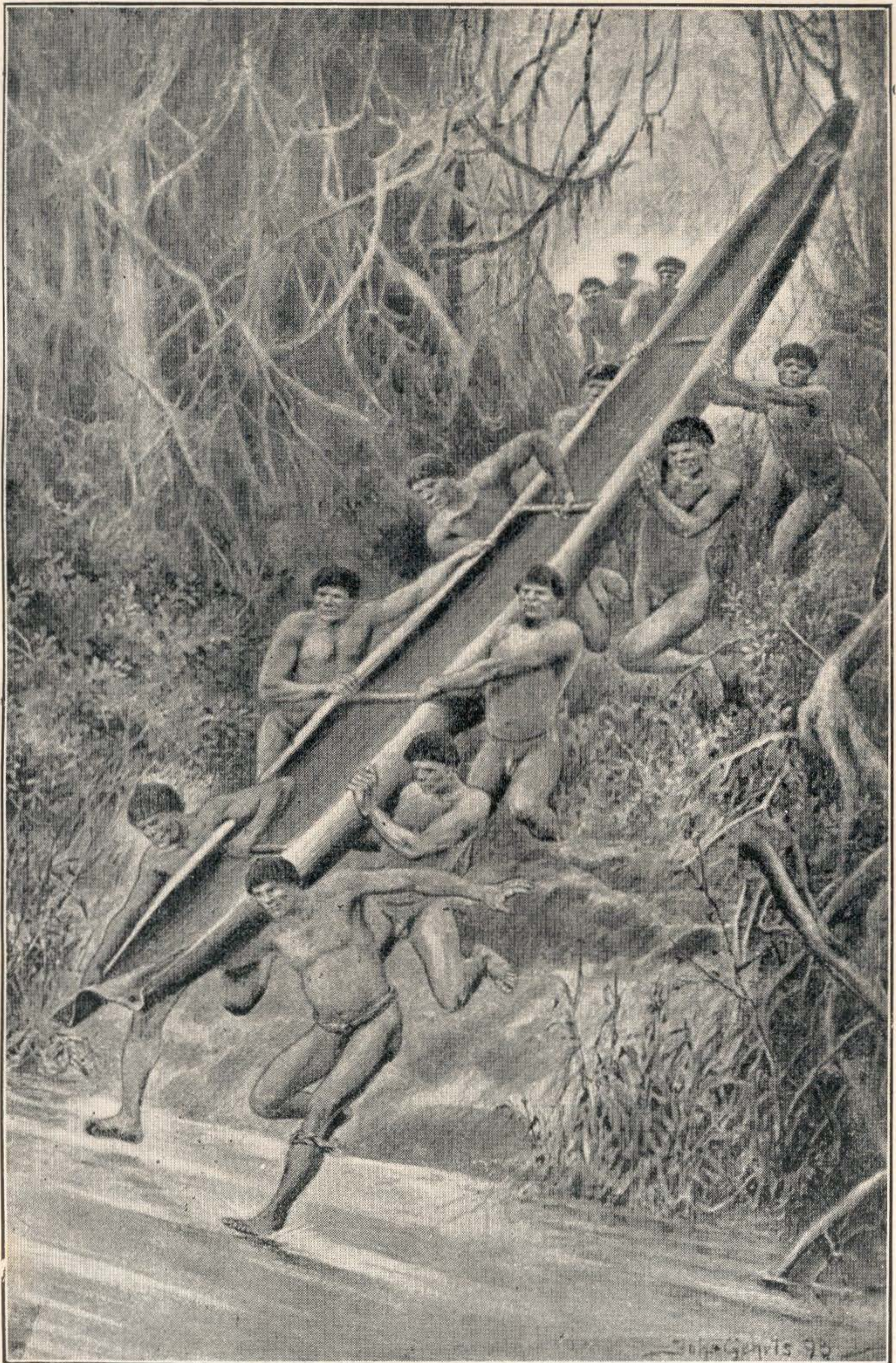
No afluente do Ronuro, o Batoví-Tamitotoala (5), que des-cemos em 1884, existem quatro aldeias Bakairí. Sua parte infe-rior e sua margem direita pertencem aos Kustenáu e aos Waurá.

Segue para leste o Kulisehu. À sua margem esquerda encon-trámos as três aldeias dos Bakairí: Maigéri ou "Tapir morreu", Iguéti ou "Aldeia dos Gaviões", Kuyaqualiéti ou "Aldeia das Harpias". À margem direita há ainda a aldeia dos Nahuquá. À esquerda, afastada, uma quarta aldeia dos Bakairí, que não foi visitada por nós. Mais abaixo, à margem esquerda, moram os Mehinakú nas duas aldeias que os Bakairí denominavam Pais-chuéti ("Aldeia do Peixe-cão") e Kalúti. Parece, porém, que aí existem três aldeias; os Paischuátí-Mehinakú referiram-se ainda além dos Yutapühü — que deviam ser os "Kaluti" —, por cujo pôrto passáramos a 15 de outubro, — aos Atapilú, prevenindo-nos ao mesmo tempo contra os Ualapihü, Ulavapitü, isto é os nos-sos Yaulapiti. Da região dos Mehinaku partem numerosos canais que, com algumas lagunas, atravessam o território da parte inferior do Kulisehu e do Batoví. A aldeia dos Auetö pode ser considerada o ponto central da navegação pelos canais (6). Junto de duas lagunas encontrámos os Yaulapiti, em duas aldeias; numa terceira laguna, demos com os Kamayurá, que habitavam quatro localidades próximas umas das outras, tencionando reúní-las em uma só. Os Arauití constituem um cruzamento de Yaula-piti com Auetö (v. cap. V).

O Kulisehu desemboca no Kuluëne. Bastaram poucas horas de remo para chegarmos aos Trumaí, instalados, em duas aldeias, na margem direita dêsse rio, não muito acima de Xingú-Koblenz. Esta tribu, perseguida pelos Suyá tencionava fixar-se agora perto dos Auetö. Mais acima, ainda, na margem do Kuluëne, como também em pequenos afluentes que correm entre êste e o Kulisehu, estão situados os Nahuquá, habitando uma série de localidades que têm nomes especiais. Travámos conhecimento com alguns indivíduos dos Guapirí, Yanumakapü, Guikurú e Yaurikumá; os Yanumakapü, os Enomakadihü dos Bakairí, não moram no

(5) — E' errada a grafia antiga Tamitotoala, Tamitoto — falcão coruja; eles ma-taram (schóle) um falcão, como os proprios bakairí me disseram.

(6) — E' realmente interessante que o nome dêesses índios pareça ter esta signi-ficação. São chamados "Auiti" pelos seus vizinhos; era, em guaraní, a forma adjetiva apité "que está no centro, no meio".



Transporte de uma canoa de cortiça, pelos Auetö

rio principal. Os Bakairí mencionaram também os Guapirí que são encontrados em terras existentes entre o Kulisehu e o Kuluëne. Na primeira aldeia bakairí Paleko deu-me a relação das aldeias Nahuquá do Kuluëne, indicando os pontos cardiais pelos quais deviam ser procuradas, quando se parte de Maigéri. Começando pela região superior, são: 1.º Anuakúru ou Anahukú SE, 2.º Aluíti ou Kanaluíti E, 3.º Yamurikumá ou Yaurikumá de E para ESE, 4.º Apalaquíri ENE, 5.º Puikurú ENE, 6.º Mariapé NE.. Depois seguiam-se os Trumaí. Teríamos, deste modo, incluído os Guapirí, os Yanumakapü e os Nahuquá do Kulisehu, nove aldeias nahuquá.

Afim de completar o quadro, menciono ainda os Suyá, que moram a três dias de viagem abaixo de Xingú-Koblenz, na corrente principal, e com os quais não nos avistámos na segunda expedição. Dêles nos contaram episódios desagradáveis. Cumpre também mencionar os Manitsauá, instalados à margem de um afluente que desemboca mais ao sul, e que são bem conhecidos pelos Kamayurá e Yaulapiti. Em 1884 encontramos grande número de Manitsauá como prisioneiros dos Suyá. Só em 1887 ouvimos falar dos Yarumá ou Arumá que, segundo nos relataram, teriam recebido, pouco depois dos Trumaí, a visita desagradável dos Suyá, e a respeito dos quais os Kamayurá nos fizeram a interessante observação de usarem, nas orelhas, um ornamento de sonoridade metálica (v. cap. V). Parece que devemos tomá-los pelos Mundurukú, a afamada tribo guerreira do Tapajó cujos vestígios sentíamos, há muito, no Xingú. Os Paresí chamavam os Mundurukú de Sarumá, o que fòneticamente equívale a Yarumá. Um pedaço de maça, trabalhado à maneira karajá e atribuído aos Yarumá, não pode enfraquecer o argumento da analogia dos nomes. A existência dos Aratá nos é ainda mais obscura; os Nahuquá disseram que êles não prestavam para nada, e o cacique suyá nô-los tinha indicado como vizinhos dos Nahuquá. Seria uma tribo karajá?

Quero, por fim, falar dos Kayapó, que, por sua vez, se encontram na nascente do Pakuneru; disseram-nos que êstes vivem entre o Kulisehu e Kuluëne, acima dos Nahuquá, na nascente do Pakuneru, o pequeno afluente do Kulisehu, e cuja denominação é idêntica à dada pelos bakairí do Paranatinga. Já o cacique suyá indicara os "Kayuquará" como habitantes mais afastados, e eu presumira então, e — ao que parece — com razão, que se tratasse dos Kayaxó-Kayapó.

Esta longa relação de nomes é menos complicada do que parece. Cada aldeia tem seu nome, e o estrangeiro não pode, ao ouvi-lo, discernir si se trata de uma tribo nova ou de outra já co-

nhecida. O exemplo mais simples é o dos Nahuquá. O nome de "Nahuquá" é dado pelos índios exclusivamente aos habitantes da aldeia do Kulisehu; os Yaurikumá, Guikuru etc. não se chamam, a si mesmos, de Nahuquá. E' só pelo acaso de termos visitado em primeiro lugar os "Nahuquá" que me sirvo desta palavra como denominação tribal. Talvez haja pequenas variações dialetais; conseguí, porém, organizar um vocabulário das palavras mais importantes dos Yanumakapü e convencer-me, também quanto aos Yaurikumá e Guikuru, que a sua língua é inteiramente idêntica à dos "Nahuquá". Os Bakairí possuem um sentimento de nacionalidade mais pronunciado, pois todos eles se chamam Bakairí, quer habitem a nascente do Arinos, quer do Paranatinga, do Batoví ou do Kulisehu. Os Bakairí do Kulisehu se deveriam chamar, se seguissem o sistema dos Nahuquá, de acôrdo com os nomes das suas aldeias: Maigéri, Iguéti e Kuyaqualiéti.

Seria preferível para a etnografia se tôdas as tribus seguissem o belo exemplo dos Bakairí. Vemos, freqüentemente, em inúmeros casos, como um agrupamento de famílias ou, se quisermos, uma tribo, se divide em grupos, tendendo cada grupo particular a renunciar à tribo de origem, chegando mesmo a constituir com o tempo, pelas suas novas e íntimas relações com indivíduos de aldeias estranhas, uma tribo distinta. Nestas condições precisamos apelar para o parentesco linguístico. Êste não pode ser confundido com o parentesco de sangue. Todavia, tratando-se, como aquí, de circunstâncias pouco complicadas, o parentesco linguístico coincide muito mais com o de sangue do que nos povos mais civilizados, que já possuem idioma e ortografia fixos. Quando num dêsses agrupamentos de famílias entram alguns indivíduos estranhos, êstes — como fâcilmente se compreende — provocam um cruzamento impossível de se descobrir pelo estudo do idioma. Cruzamentos de maiores proporções, porém, modificam também consideravelmente a linguagem. As mulheres estranhas que se tornam mães têm grande influência na linguagem dos filhos, o que se nota, p. ex., principalmente no caraíba insular. Os filhos de homens caraíba e mulheres aruak absolutamente não falavam caraíba como os jovens mulatos do Brasil falam português. Tinham uma linguagem própria com elementos gramaticais e particularidades fonéticas recebidos por parte da mãe. Isto não pode causar admiração, pois que as diferenças culturais entre as duas tribus não eram consideráveis; o número das mulheres estranhas era grande, e estas traziam tôdas para o lar uma tradição local, ao passo que os homens conquistadores vinham de fora.

Os filhos deviam então acomodar-se, quanto ao cabedal linguístico, tanto ao lado paterno como ao materno, e também fazer uma escolha entre os prefixos e sufixos ensinados por ambos. Êstes afixos pela sua influência sôbre a sílaba inicial ou final do radical, são decisivos na modificação das palavras. Ora, a linguagem das crianças ressentia-se desta ação recíproca. Era livre, natural, sem sofrer as influências do mestre-escola. Entre êstes aborígenes o grau de diferenciação linguística corresponderá, em linhas gerais, ao grau de diferenciação antropológica.

Se quisermos determinar o parentesco linguístico das "tribus" do Kulisehu para assim conseguirmos uma redução das listas, devemos proceder a um ligeiro exame dos gupos linguísticos existentes no resto do Brasil.

Há ainda numerosas tribus distintas que, seja porque seus parentes linguísticos já não existem, seja por não os conhecermos, falam línguas isoladas. Incluimos de antemão nesta categoria, os Trumaí para logo pô-los de lado. Não me foi possível fazê-los entrar na classificação e dar-lhes um lugar próximo ou afastado. Emprestaram dos seus vizinhos, os Kamayurú e Auetö, uma quantidade de vocábulos culturais; mas a essência e a natureza do idioma são próprios e têm outra origem, assim como também diverge, de tôdas as tribus do Kulisehu, o aspecto físico dêsses índios.

Na extensão que vai da Cordilheira ao Atlântico, da La Plata às Antilhas, estão espalhadas quatro grandes famílias linguísticas: Tapuya, Tupí, Caraíba e Nu-Aruak.

Os Tapuya são os aborígenes orientais do Brasil, os habitantes das selvas do litoral, estendendo-se, no interior, até a um limite ocidental, cujo tronco principal pode ser fixado no Xingú. Dividem-se em dois grupos, um ocidental, os Gê, segundo Martius, e outro oriental ao qual pertencem as tribus primitivas das florestas orientais e os Botocudos. Os representantes mais ocidentais dos Gê são os Kayapó e os Suyá. Com êstes últimos não nos precisamos deter no relatório da segunda expedição; resta-nos sòmente apresentar o fato interessante de que os Suyá dantes moravam ainda muito mais para o oeste. Estavam estabelecidos a oeste do Paranatinga, no afluente esquerdo dêste, o Rio Verde, na vizinhança dos Kayabí e dos Bakairí, de onde foram nao há muito tempo, pode-se dizer, rechaçados novamente para o Xingú. A maioria dos Gê está situada, desde tempos imemoriais, a leste do Xingú, e os parentes mais próximos dos Suyá, os Apinagé, habitam no ângulo da confluência do Araguaia e do Tocantins.

Os Tupí estão disseminados por imensas extensões. O seu limite norte situa-se aproximadamente nos afluentes setentrionais do Amazonas; ocupam a costa desde a foz do Amazonas até a do La Plata. Os Guaraní do Paraguai falam só um dialeto do tupí. Encontramos os Tupí na corrente superior do Xingú, do Tapajós, do Madeira e mesmo do Maranhão. O seu idioma foi elevado, pelos jesuítas, à categoria de “lingua geral”. Isso foi de grande utilidade prática, mas muito desvantajoso para a linguística. O interêsse pelo tupí fêz com que a ciência no Brasil se descuidasse quase completamente de todos os outros idiomas. Numerosos volumes antigos e modernos são dedicados ao tupí. Mas de outra tribu tapuia, quer dos Botocudos, quer de alguma tribu dos Gê, cujo estudo linguístico seria um dos mais importantes de todo o globo, em virtude da sua cultura muito rudimentar, e que na realidade constituíram o núcleo da primitiva população do leste do Brasil, — nada possuímos além de vocabulários deficientes.

Como ramificação do tupí o sábio brasileiro encara todos os outros aborígenes. Sente-se orgulhoso em estabelecer um íntimo parentesco entre os Tupí e os Arianos, e deriva do tupí as demais línguas de sua pátria; mas êstes aborígenes estão na realidade tão disseminados, que é completamente inútil localizá-los em regiões por onde nunca passaram. No Kulisehu estão representados pelos Auetö e Kamayurá, sendo que o idioma dêstes últimos coincide mais com a língua geral.

Os Caraíbas são encontrados, desde o descobrimento, ao norte do Amazonas. No Kulisehu éramos nós os Caraíbas. Sem dúvida, os primeiros Caraíbas foram, primitivamente, também os primeiros estrangeiros que, como se deu em muitos outros casos e como de fato é muitas vêzes difícil de se evitar com o vozerio de recepção numa língua desconhecida — compreenderam mal a denominação da tribu, designando-a com o nome que cabia a êles mesmos. A denominação é naturalmente derivada dos nomes tupí provenientes de um tupí que não é falado nas Pequenas Antilhas nem na costa setentrional do continente. Os Bakairí chamavam-nos de “*Karaiba*”, acentuando nitidamente o “a”. Pode-se interpretar o vocábulo, pelo idioma dêles, como “não como nós”, ao passo que o oposto, “como nós”, se traduz como *Karále*. Deixemos, porém, de lado esta etimologia muito incerta. Basta que saibamos tratar-se de um vocábulo caraíba (no nosso sentido), recebido pelos Tupí do Kulisehu na sua forma já abreviada “*karai*” — não na forma “*karyb*” da língua geral — e que de acôrdo com as nossas pesquisas, devemos escrever “Caraíba” e não “Cariba”, como freqüentemente se costuma escrever. Os Caraíbas são representados no Xingú superior pelos Bakairí e

Nahuquá. O seu idioma difere completamente do tupí. A hipótese apresentada por vários ótimos e ilustres pesquisadores, considerando parentes os Tupí e os Caraíba, foi destruída definitivamente pelas duas expedições do Xingú; não há nenhuma correspondência entre os radicais das duas línguas.

Os Nu-Aruak se dividem em duas sub-tribus: os Nu e os Aruak. “Nu” é o prefixo dominante dessas tribus, é o prefixo característico pronominal da primeira pessoa e com o qual topamos muitas vezes desde a Bolívia e o Mato Grosso até às Pequenas Antilhas. Nas Guianas vemos os Nu-Aruak em íntimo contacto com os Caraíbas. Nas Pequenas Antilhas, onde os Aruak foram dominados e subjugados pelos Caraímas, muito provavelmente se teria dado uma verdadeira fusão se não sobreviesse a ocupação devastadora dos Europeus. O Padre Raymond Breton escreveu, em 1665, um dicionário dos Caraíbas insulares cuja parte índio-francesa (infelizmente só esta) se tornou acessível ao público por uma edição fac-simile (Leipzig, 1892) devida a Julius Platzmann. O Padre Breton esforçou-se por distinguir, com honestidade, sempre que diferiam, os vocábulos usados pelos homens caraíbas e pelas mulheres aruak. Provou, pelo seu vocabulário, que aboslutamente não continuavam a existir lado a lado — como acima já dissemos — duas línguas independentes; provou que o material e a construção da antiga “língua materna” dos homens caraíbas tinham sido imensamente modificados pela nova “língua das suas progenitoras”.

No longínquo Kulisehu verificámos relações perfeitamente análogas às das Guianas. Os Mehinakú, Kustenaú, Waurá e Yaulapiti são Nu-Aruak; sua influência modificou sensivelmente o idioma e a cultura dos Nahuquá, que tomaram várias mulheres mehinakú.

Às tribus da nascente do Xingú cabe, pois, segundo o exame linguístico, a seguinte classificação (o número das aldeias está entre parênteses):

Caraíbas: Bakairí (8), Nahuquá (9);

Nu-Aruak: Mehinakú (3), Waurá (1), Kustenaú (1), Yaulapiti (2);

Tupí: Kamayurá (4), Auetò (1);

Isolados: Trumaí (2).

Assim como os Nahuquá compreendem nove “tribus” diferentes que só correspondem a nove localidades diversas e independentes, poderíamos também reunir numa só tribo os Mehinakú, Waurá e Kustenaú. Estas três tribus falam exatamente o mesmo idioma. Constituem também, como veremos, uma só unidade

etnológica. Podem, para não forçarmos as denominações tribuais (como o fizemos com os nahuquá, por motivo, aliás, justificável) serem chamadas tribus ceramistas, palavra que exprime bem o seu distintivo etnológico mais característico.

Temos também os Yaulapiti, com um idioma bem semelhante. Mas percebe-se, claramente, pelo seu dialeto ser uma tribo Nu-Aruak.

Resumindo a nossa exposição acima temos a seguinte classificação: os Bakairí e os Nahuquá são Caraíbas, as tribus ceramistas e os Yaulapiti, Nu-Aruak, os Auetö e os Kamayurá são Tupí, restando isolados, sem caberem na classificação os Trumaí.

II — DADOS ANTROPOLÓGICOS

Afim de fixar a constituição física dos índios do Kulisehu, na medida das possibilidades de uma rápida convivência com as diferentes tribus, estabelecemos uma série de mensurações que não são muito numerosas nem se distribuem uniformemente pelas mesmas e pelos sexos. Contudo oferecem material interessante. As fontes eventuais de erros podem ser consideradas inevitáveis, porquanto as mensurações foram tôdas efetuadas por Ehrenreich. As fotografias tiradas por êle também ultrapassam de muito, quanto ao número, as que podiam ser reproduzidas; em parte se estragaram de maneira que se tornou difícil a sua reprodução. (7). Ehrenreich pretende ainda utilizar o material fotográfico e estudar em seus pormenores e segundo o seu valor comparativo em relação aos outros índios americanos, tôdas as mensurações feitas. Limito-me aqui a alguns trabalhos preliminares, reproduzindo dentre as principais medidas as reduzidas ao máximo, mínimo e média aritmética, no intuito de esboçar em largos traços as proporções físicas do índio.

Para as mensurações foi usado o instrumentário de Virchow: toeza de prancha movediça, compasso curvo de espessura, compasso de cursor e trena de aço. As medidas foram registadas num formulário impresso de Virchow (v. *Zeitschrift für Ethnologie* XVII, p. 100). Foram tomadas as medidas de: Bakairí homens, 10 — Mulheres, 6; Nahuquá homens, 15 — Mulheres, 12; Mehinakú homens, 6 — Mulheres, 5; Kustenáu mulheres, 1; Waurá homens, 1 — Mulheres, 1; Auetö homens, 14 — Mulhe-

(7) — Como se depreende do índice das ilustrações são aqui apresentados por fotografias ambos os sexos dos Bakairí, Mehinakú e Kamayurá, assim como representantes masculinos dos Nahuquá e Auetö. Os Yaulapiti e Trumaí faltam por completo.

res, 2; Kamayurá homens, 14 — Mulheres, 4; Trumaí homens, 8; Total: 68 homens e 31 mulheres. As tribus foram sempre ordenadas de modo a que as médias aritméticas dos dados correspondentes aos homens aumentassem de cima para baixo.

Estatutura em pé:

	hom.	max.	min.	med.	mulh.	max.	min.	med.
Trumaí	8	163,0	155,0	159,1	—	—	—	—
Auetö	14	171,6	155,5	159,9	16	156,5	139,5	148,0
Kustenáu	—	—	—	—	1	—	—	150,0
Bakairí	10	166,3	154,5	160,8	6	161,2	140,5	151,6
Nahuquá	14	166,7	155,5	162,3	12	161,0	145,0	152,2
Mehinakú	6	168,2	159,0	164,1	5	153,7	145,3	151,4
Kamayurá	14	172,0	159,0	164,1	4	155,7	152,0	153,8
Waurá	1	—	—	165,7	1	—	—	147,5

A média aritmética das estaturas de todos êstes 67 homens, sem distinção de tribu, é de 161,9.

Êste número é, sem dúvida, muito baixo. Se excluirmos todos os indivíduos abaixo da idade calculada em 25 anos, bem como o Kamayurá de “60” anos com a estatura mínima de 159,0, resultará a seguinte deslocação das tribus e modificação dos dados. Os máximos não sofrem alteração.

	hom.	min.	med.		
Trumaí . . .	4	155,0	155,8	contra	159,1
Bakairí . . .	5	154,5	160,5	”	160,8
Auetö . . .	9	155,5	160,7	”	159,9
Nahuquá . . .	11	158,2	163,7	”	162,3
Kamayurá . . .	6	159,7	165,5	”	164,1
Mehinakú . . .	4	163,2	166,0	”	164,1

A média aritmética dêstes 39 homens que, segundo a avaliação, têm de 30 a 50 anos, é de 162,6. Vemos que assim coube aos Trumaí e aos Bakairí uma média baixa, tendo-se elevado, ao contrário, a média das outras tribus, sendo nos Mehinakú a diferença mais considerável.

Se fixarmos com Topinard, em 165 cm. a estatura média do adulto, os índios do Kulisehu ficam, na média, abaixo da estatura normal: subnormal para tôdas as exceções dos Trumaí, que se mantêm abaixo do limite de 160 cm. com tendência para pequeno crescimento. Êstes dados concordam com os que Topinard indica na sua tabela, a saber 162 para os Araucanos e Boto-cudos, e 160 para os Peruanos. O homem mais alto do Kulisehu

era um Kamayurá com 172,0; o mais baixo era o Bakairí de tipo facial semítico (prancha 13), com 154,5. Entre os Bakairí encontrei, em 1884, estaturas um poucos mais elevadas; a média de 7 mensurações importou em 163,6 no Batoví. No Rio Novo e no Paranatinga a média de 14 mensurações foi 164,1. É por isso que, como na primeira tabela, colloco-os antes dos Auetö, quanto à estatura.

As mulheres eram, pronunciadamente, baixas. A estatura máxima de 161,2 correspondia à Bakairí alta que se vê no grupo feminino (prancha 5), a “Egípcia” da primeira aldeia; a mínima, de 139,5 cabia a uma das mulheres auetö de que só duas foram mensuradas, sendo que a outra apresentava 156,5, distinguindo-se, porém, especialmente por seus dedos e artelhos pequenos.

A média aritmética das 31 mulheres mensuradas importa — sem consideração de idade — em 151,7.

Não posso excluir tão pouco das mulheres os indivíduos menores de 25 anos pois, pelo menos entre os Bakairí, só restaria a “Egípcia” alta cuja idade avaliada em 25-30 anos me parece exagerada. Se, porém, deixarmos de lado todas as mulheres até a idade de 20 anos, bem como a sexagenária Mehinakú de 151,0, teremos:

	mulh.	min.	med.		
Waurá . . .	1	—	147,5	contra	147,5
Auetö . . .	2	139,5	148,0	”	148,0
Kustenau . . .	1	—	150,0	”	150,0
Mehinakú . . .	3	145,3	150,8	”	151,4
Nahuquá . . .	10	145,0	152,0	”	152,2
Bakairí . . .	3	145,5	153,9	”	151,6
Kamayurá . . .	2	154,3	155,0	”	153,8

A média aritmética destas 22 mulheres era de 152,1, mas a média das Mehinakú e Nahuquá diminuiu após a exclusão das mulheres de menor idade. A diferença média entre os dois sexos seria de 10,5 cm., i. sé, as mulheres eram, na média, 6,5% mais baixas que os homens.

Os índios de constituição física mais forte eram Mehinakú, rapazes vigorosos, e Nahuquá. A característica principal da sua constituição reside no torax largo e profundo, bem como na notável largura dos ombros nos homens. A largura da bacia é menor que a do torax. Os homens de idade avançada e as crianças eram frequentemente, barrigudos. As mulheres tinham quadris estreitos, pernas finas e os pés um pouco virados para dentro, como se caminhassem sempre por atalhos estreitos, de modo que não

era nada gracioso o seu andar, sobretudo quando carregavam algum fardo. Vimos somente uma única índia cujo corpo podia ser tido como gracioso e bem proporcionado, segundo os nossos conceitos. É a esbelta moça bakairí que se vê no centro do grupo da prancha 5 e que aliás é mais bonita do que parece, pela fotografia.

Envergadura. Estatura = 100.

As variações são grandes em cada tribo isoladamente, mas oscilam entre limites semelhantes, de modo que a diferença diminua nas médias aritméticas das séries. Verificou-se envergadura inferior à estatura num caso, entre os Auetö, (-0,5), entre os Kamayurá (-1,3) e entre os Trumai (-3,8).

	hom.	max.	min.	med.	mulh.	max.	min.	med.
Trumai	7	106,2	97,5	102,7	—	—	—	—
Nahuquá	14	105,7	100,2	103,5	12	108,8	100,3	103,8
Kamayurá	14	107,6	99,2	104,5	4	103,6	102,1	103,5
Bakairí	10	108,2	102,1	104,9	6	105,8	101,8	103,3
Kustenáu	—	—	—	—	1	—	—	105,0
Mehinakú	6	107,3	100,5	105,0	5	108,7	102,5	105,5
Auetö	14	108,4	99,7	105,2	2	106,0	101,8	103,9
Waurá	1	—	—	108,3	1	—	—	106,6

Os Nahuquá, Kamayurá, Bakairí, Mehinakú e Auetö, aparecem aqui na mesma ordem que na medida da circunferência torácica.

Largura das espáduas. A. Estatura = 100.

	hom.	max.	min.	med.	mulh.	max.	min.	med.
Nahuquá	5	25,0	22,4	24,1	1	—	—	22,4
Kamayurá	4	24,9	23,6	24,4	2	22,7	21,5	22,1
Waurá	1	—	—	24,4	1	—	—	23,8
Auetö	4	25,7	23,6	24,5	2	23,7	23,0	23,4
Bakairí	10	26,2	23,9	24,7	5	24,1	23,4	23,7
Trumai	1	—	—	24,9	—	—	—	—
Mehinakú	6	26,8	24,6	25,2	—	—	—	—

B. Absoluta

	hom.	max.	min.	med.	mulh.	max.	min.	med.
Auetö	4	40,0	38,0	39,0	2	36,0	33,0	34,5
Nahuquá	5	41,0	36,5	39,2	1	—	—	33,0
Waurá	1	—	—	39,5	1	—	—	35,1
Bakairí	10	42,0	38,0	39,7	5	39,0	33,0	35,0
Trumai	1	—	—	40,0	—	—	—	—
Kamayurá	4	41,5	39,0	40,1	2	34,5	33,5	34,0
Mehinakú	6	44,5	39,5	41,4	—	—	—	—

Circunferência torácica. A. Estatura = 100.

	hom.	max.	min.	med.	mulh.	max.	min.	med.
Nahuquá	14	57,6	50,8	55,1	12	59,1	48,3	53,2
Kamayurá	4	59,0	53,0	55,9	2	56,6	50,3	53,5
Bakairí	10	58,8	54,4	56,5	6	59,1	50,0	54,0
Trumai	1	—	—	56,6	—	—	—	—
Kustenáu	—	—	—	—	1	—	—	54,7
Mehinakú	6	60,3	56,4	57,9	5	59,6	50,7	55,5
Auetö	14	60,6	55,8	58,2	2	56,3	55,6	56,0

Êstes dados são muito elevados. Segundo Topinard os Escoceses têm 56,7, os índios norte-americanos 55,5, os Alemães 53,8. O desenvolvimento descomunal da caixa torácica e da largura das espáduas é realmente o traço predominante dos nossos índios. Observe-se o Mehinakú à esquerda na prancha 14. Até os Nahuquá que apresentam medidas inferiores, distinguem-se por um torax vigoroso, como se vê na fig. da prancha XIV. Os Auetö, com seu pequeno porte, têm a circunferência torácica relativamente maior.

Dada a importância da medida, transcrevo-a também.

B. Absoluto.

	hom.	max.	min.	med.	mulh.	max.	min.	med.
Nahuquá	14	96,0	83,5	89,5	12	89,5	70,0	80,0
Bakairí	10	94,9	84,0	90,9	6	86,0	75,5	81,7
Trumai	1	—	—	91,0	—	—	—	—
Kustenáu	—	—	—	—	1	—	—	82,0
Kamayurá	4	97,5	87,5	91,9	2	86,0	78,3	82,6
Auetö	14	99,0	87,0	93,1	2	87,0	78,5	82,7
Waurá	1	—	—	94,0	1	—	—	79,0
Mehinakú	6	101,5	91,5	95,1	5	90,0	78,0	84,0

Altura da cabeça. Estatura = 100.

	hom.	max.	min.	med.	mulh.	max.	min.	med.
Kamayurá	4	15,6	12,4	13,8	2	14,2	13,7	14,0
Mehinakú	6	15,7	12,7	13,9	—	—	—	—
Nahuquá	4	15,8	12,7	13,9	1	—	—	14,5
Bakairí	10	15,3	13,1	14,2	6	14,4	13,0	13,6
Waurá	1	—	—	14,3	1	—	—	12,6
Auetö	4	14,8	14,1	14,3	2	15,8	13,1	14,5
Trumai	1	—	—	14,5	—	—	—	—

A medida oscila portanto entre 1/7 e 1/8 da altura total. Nos homens encontram-se cabeças relativamente mais baixas que nas mulheres. O máximo 15,8 é de uma mulher Auetö, o mínimo 12,4 de um Kamayurá.

Circunferência da cabeça. Estatura = 100.

	hom.	max.	min.	med.	mulh.	max.	min.	med.
Trumaí	1	—	—	32,4	—	—	—	—
Kamayurá	4	33,9	33,5	33,7	2	34,9	34,0	34,5
Bakairí	10	35,3	32,5	33,7	6	38,3	33,7	35,5
Mehinakú	6	34,9	32,8	33,8	—	—	—	—
Nahuquá	5	34,9	32,8	34,0	1	—	—	35,4
Waurá	1	—	—	34,3	1	—	—	32,2
Auetö	4	35,4	33,8	34,5	2	36,1	34,2	35,2

O máximo dentre todos cabe a uma mulher bakairí excessivamente pequena, uma estatura de 140,5. A mulher waurá com 32,2 tinha 147,5 cm. de altura. Na medida mínima já lhe segue o homem trumaí, com uma estatura de 160,7 e uma circunferência da cabeça de 52,0, de modo que o fato, observado à primeira vista, da relativa pequenez das cabeças dos Trumaí, se reflete claramente na cifra 32,4. Os Auetö, igualmente caracterizados pela estatura pequena, tinham pelo menos cabeças grandes, como também era grande a circunferência das suas caixas torácicas.

Índice cefálico.

	hom.	max.	min.	med.	mulh.	max.	min.	med.
Waurá	1	—	—	77,4	1	—	—	84,9
Mehinakú	6	79,2	75,2	77,7	5	80,2	74,8	77,5
Kustenáu	—	—	—	—	1	—	—	78,5
Kamayurá	14	81,6	75,6	78,8	4	81,7	74,4	77,9
Bakairí	10	82,6	73,8	78,9	6	84,3	77,9	80,1
Auetö	14	83,2	73,0	79,4	2	80,3	77,5	78,9
Nahuquá	15	84,8	75,4	80,5	12	84,1	72,7	80,8
Trumaí	8	83,8	78,6	81,1	—	—	—	—

As minhas mensurações dos Bakairí de 1884 divergem bastante destes dados relativos aos Bakairí do Kulisehu.

6 homens no Batoví	78,8	72,5	75,9
4 " " Paranatinga . .	80,4	75,1	77,3
6 " " Rio Novo . . .	83,2	78,7	79,9

Vemos que são grandes as diferenças das médias entre as várias tribus bem como entre os indivíduos da mesma tribo; trata-se em geral de crâneos mesocéfalos, tendendo nos Trumaí a ultrapassarem mais marcadamente os limites da braquicefalia. Ordenando-se as mulheres de acôrdo com as médias obtidas verifica-se a mesma seqüência observada entre os homens: Mehinakú, Ka-

mayurá, Bakairí, Auetö, Nahuquá. Sòmente entre os Bakairí o índice das mulheres, máximo, mínimo e médio se apresenta uniformemente maior que o dos homens.

Relação entre a altura da orelha e o comprimento da cabeça.

Comprimento máximo da Cabeça = 100.

	hom.	max.	min.	med.	mulh.	max.	min.	med.
Bakairí	10	69,7	59,0	64,7	6	71,2	59,1	65,8
Kamayurá	14	69,6	60,6	64,7	4	68,7	59,8	64,4
Auetö	14	70,3	60,9	65,4	2	63,4	62,0	62,7
Kustenáu	—	—	—	—	1	—	—	67,3
Mehinakú	6	71,0	63,8	65,8	5	68,7	59,4	65,3
Waurá	1	—	—	65,6	1	—	—	67,6
Nahuquá	15	71,5	62,8	67,4	12	76,0	65,9	69,9
Trumai	8	72,6	68,0	70,5	—	—	—	—

Os Nahuquá e os Trumai, que têm os crâneos mais largos, os têm também mais altos.

Ângulo maxilar A. Borda dos cabelos — mento = 100.

	hom.	max.	min.	med.	mulh.	max.	min.	med.
Bakairí	9	58,3	49,1	47,8	6	61,6	50,6	56,1
Waurá	1	—	—	50,0	1	—	—	56,0
Trumai	1	—	—	50,8	—	—	—	—
Kamayurá	4	62,4	42,7	54,5	2	56,8	54,5	55,7
Mehinakú	6	59,2	52,4	56,4	—	—	—	—
Nahuquá	5	64,5	53,3	58,0	1	—	—	59,8
Auetö	4	62,9	54,5	59,0	2	60,6	53,1	56,9

B. Base do nariz — mento = 100

	hom.	max.	min.	med.	mulh.	max.	min.	med.
Trumai	1	—	—	79,1	—	—	—	—
Kamayurá	4	93,2	64,9	81,3	2	98,9	89,7	94,3
Bakairí	8	88,7	80,5	84,5	6	98,9	81,3	88,1
Auetö	4	94,7	85,0	88,4	2	97,0	89,9	93,5
Mehinakú	6	96,4	85,5	89,8	—	—	—	—
Nahuquá	5	102,5	86,0	93,7	1	—	—	100,0
Waurá	1	—	—	100,0	1	—	—	86,6

Os rostos dos Nahuquá são muito quadrados em virtude da abertura dos ângulos dos maxilares.

Arcada zigomática. A. Borda dos cabelos — mento = 100.

	hom.	max.	min.	med.	mulh.	max.	min.	med.
Waurá	1	—	—	67,5	1	—	—	87,3
Nahuquá	5	74,6	68,6	72,0	1	—	—	70,0
Trumai	1	—	—	72,2	—	—	—	—
Bakairí	9	76,6	67,7	72,9	6	83,0	71,9	76,9
Auetö	4	80,5	71,1	74,9	2	77,5	74,7	76,1
Kamayurá	4	81,2	74,5	77,8	2	76,9	74,3	75,6
Mehinakú	6	84,9	74,3	79,8	—	—	—	—

B. Base do nariz — mento = 100.

	hom.	max.	min.	med.	mulh.	max.	min.	med.
Waurá	1	—	—	110,7	1	—	—	130,1
Nahuquá	9	122,7	103,4	113,2	12	130,0	116,3	125,0
Auetö	5	122,4	110,8	114,1	2	124,0	122,2	123,1
Bakairí	9	121,1	109,2	114,7	6	131,6	109,5	120,8
Kamayurá	14	126,4	105,2	115,0	4	134,7	108,3	123,1
Kustenaú	—	—	—	—	1	—	—	116,3
Trumai	7	123,3	110,2	117,9	—	—	—	—
Mehinakú	6	134,3	121,4	127,4	5	141,8	127,0	131,3

Saliência malar. A. Borda do cabelo — mento = 100.

	hom.	max.	min.	med.	mulh.	max.	min.	med.
Trumai	1	—	—	42,2	—	—	—	—
Bakairí	8	48,1	39,8	43,6	6	47,2	40,6	44,3
Waurá	1	—	—	44,5	1	—	—	51,3
Nahuquá	5	50,5	41,5	44,6	1	—	—	40,2
Auetö	4	47,2	45,6	46,1	2	48,8	45,0	46,9
Mehinakú	6	49,4	42,4	46,4	—	—	—	—
Kamayurá	4	53,5	41,5	46,9	2	44,3	42,6	43,5

B. Base do nariz — mento = 100.

	hom.	max.	min.	med.	mulh.	max.	min.	med.
Trumai	1	—	—	65,8	—	—	—	—
Auetö	4	72,6	65,2	69,1	2	79,8	72,0	75,9
Bakairí	7	75,8	62,7	69,4	6	71,8	65,4	69,3
Kamayurá	4	76,5	66,1	70,1	2	80,4	67,3	73,9
Nahuquá	5	80,3	64,5	71,8	1	—	—	67,3
Waurá	1	—	—	72,9	1	—	—	79,4
Mehinakú	6	77,3	69,0	73,5	—	—	—	—

Face central. Base do nariz — mento = 100.

	hom.	max.	min.	med.	mulh.	max.	min.	med.
Nahuquá	5	64,9	56,8	61,0	—	—	—	—
Trumai	1	—	—	61,7	—	—	—	—
Kamayurá	4	64,0	59,5	61,9	2	66,3	62,6	64,5
Mehinakú	6	66,7	58,2	62,0	—	—	—	—
Bakairí	8	68,6	56,1	62,4	6	65,4	59,0	61,8
Auetö	4	66,4	59,2	62,9	2	62,6	60,0	61,3
Waurá	1	—	—	65,7	1	—	—	61,9

Altura do nariz. Comprimento do nariz = 100.

	hom.	max.	min.	med.	mulh.	max.	min.	med.
Mehinakú	6	106,6	83,9	96,7	—	—	—	—
Waurá	1	—	—	98,1	1	—	—	93,2
Bakairí	9	112,7	89,6	98,3	6	104,9	91,8	96,1
Kamayurá	4	104,4	93,3	100,7	2	107,5	107,1	107,3
Nahuquá	5	121,4	89,4	102,0	1	—	—	97,8
Trumai	1	—	—	104,3	—	—	—	—
Auetö	4	113,0	96,2	105,5	2	95,2	93,3	94,2

Largura do nariz. Altura do nariz = 100.

	hom.	max.	min.	med.	mulh.	max.	min.	med.
Waurá	1	—	—	73,1	1	—	—	82,9
Trumai	1	—	—	75,5	—	—	—	—
Auetö	4	81,3	70,4	76,3	2	87,5	80,9	84,2
Kamayurá	4	83,3	74,5	79,9	2	86,0	68,9	77,5
Bakairí	10	100,0	66,7	81,0	6	95,0	66,0	79,3
Mehinakú	5	91,1	76,1	82,3	—	—	—	—
Nahuquá	5	102,2	74,5	86,9	1	—	—	76,7

Altura das espáduas. Estatura = 100.

	hom.	max.	min.	med.	mulh.	max.	min.	med.
Kustenáu	1	—	—	80,4	—	—	—	—
Nahuquá	5	83,8	80,1	82,4	12	85,7	82,4	83,5
Kamayurá	14	85,7	81,1	83,0	4	84,2	81,9	83,0
Trumai	1	—	—	83,3	—	—	—	—
Mehinakú	6	84,8	82,1	83,3	5	84,4	82,6	83,6
Auetö	14	86,0	81,4	83,4	2	83,1	81,2	82,2
Waurá	1	—	—	83,5	1	—	—	84,3
Bakairí	10	85,6	82,6	84,0	6	84,5	82,3	83,4

A máxima dentre os homens, de 86,0 cabe a um Auetö, a mínima de 80,1, a um Nahuquá; entre as mulheres, pelo contrário, encontra-se a máxima de 85,7 numa Nahuquá, e a mínima de 81,2 numa Auetö. A diferença entre os sexos é, pois, mais acentuada

nos Nahuquá e nos Auetö; em média, entre os Nahuquá, o homem teria, nos ombros, uma altura inferior à da mulher por 1,1% da estatura, ao passo que entre os Auetö ele seria mais alto que a mulher por 1,2%.

Distância do umbigo ao solo. Estatura = 100.

	hom.	max.	min.	med.	mulh.	max.	min.	med.
Mehinakú	6	60,1	58,0	58,5	—	—	—	—
Nahuquá	5	59,4	57,8	58,6	1	—	—	57,3
Kamayurá	4	61,6	58,0	59,5	2	60,5	59,7	60,1
Waurá	1	—	—	59,7	1	—	—	60,7
Bakairí	10	61,0	57,8	59,7	6	60,8	59,5	60,4
Auetö	4	61,5	59,5	60,6	2	59,4	59,1	59,3
Trumai	1	—	—	60,6	—	—	—	—

Homens: máximo 61,6 Kamayurá, mínimo 57,8 Bakairí e Nahuquá. Mulheres: máximo 60,8 Bakairí e mínimo 59,1 Auetö.

Altura da sínfise (?) Estatura = 100.

	hom.	max.	min.	med.	mulh.	max.	min.	med.
Mehinakú	4	50,7	48,1	49,2	—	—	—	—
Nahuquá	5	50,9	50,3	50,7	1	—	—	49,9
Trumai	1	—	—	50,8	—	—	—	—
Auetö	3	51,7	50,1	50,9	2	51,8	49,1	50,0
Kamayurá	4	52,4	49,7	51,1	2	51,0	48,8	49,9
Bakairí	10	52,2	49,8	51,5	6	51,1	49,0	50,4
Waurá	1	—	—	52,4	1	—	—	51,2

Em tôdas estas medidas a média aritmética é menor nas mulheres do que nos homens da mesma tribu. Das mulheres mehinakú infelizmente não temos dados; contudo, o mínimo do índice total, para ambos os sexos, cabe aos homens mehinakú, com 48,1. Para os homens, o índice máximo encontra-se nos Bakairí, o mínimo, nos Mehinakú; para as mulheres cabe o máximo, de 51,8, às Auetö e o mínimo, de 48,8, às Kamayurá.

Altura da crista ilíaca. Estatura = 100.

	hom.	max.	min.	med.	mulh.	max.	min.	med.
Mehinakú	6	60,4	55,9	58,8	—	—	—	—
Nahuquá	14	61,7	57,8	59,7	1	—	—	59,6
Bakairí	10	61,9	58,3	60,0	6	60,7	57,9	59,7
Trumai	1	—	—	60,2	—	—	—	—
Kamayurá	4	62,3	58,6	60,5	2	62,0	59,9	60,1
Waurá	1	—	—	61,6	1	—	—	60,0
Auetö	4	61,3	59,3	60,0	2	61,0	59,1	60,0

O máximo dos homens, 62,3 e o das mulheres, 62,0 nos Kamayurá.

Comprimento do braço. Estatura = 100.

	hom.	max.	min.	med.	mulh.	max.	min.	med.
Nahuquá	4	46,2	43,5	45,1	10	49,2	45,2	46,7
Mehinakú	6	46,0	43,6	45,4	5	48,0	43,5	46,3
Auetö	14	47,3	43,9	45,8	2	46,7	44,7	45,7
Trumai	1	—	—	46,2	—	—	—	—
Kustenáu	—	—	—	—	1	—	—	45,7
Kamayurá	14	49,3	44,6	46,2	4	47,1	44,3	45,5
Bakairí	10	47,6	45,2	46,2	6	46,6	45,2	45,6
Waurá	1	—	—	46,3	1	—	—	46,1

São notáveis os braços compridos das mulheres nahuquá. Ao passo que os homens nahuquá têm os braços mais curtos dentre os representantes masculinos, os braços das suas mulheres são, não só mais compridos que os dos homens da sua tribo, mas ainda os mais longos de todos os indivíduos observados. A medida máxima, de 49,2 é só ultrapassada por um homem kamayurá, com 49,3. A mínima é mais elevada do que a média dos homens nahuquá.

Comprimento da mão. A. Absoluto.

	hom.	max.	min.	med.	mulh.	max.	min.	med.
Trumai	1	—	—	15,3	—	—	—	—
Nahuquá	5	18,0	15,2	16,5	1	—	—	15,5
Bakairí	10	18,5	15,3	16,6	6	18,0	14,8	15,8
Kamayurá	4	18,5	16,5	17,0	2	16,5	16,3	16,4
Auetö	4	18,5	15,8	17,2	2	16,3	13,7	15,0
Mehinakú	6	19,0	16,5	17,4	—	—	—	—
Waurá	1	—	—	17,5	1	—	—	15,6

B. Estatura = 100.

	hom.	max.	min.	med.	mulh.	max.	min.	med.
Trumai	1	—	—	9,5	—	—	—	—
Nahuquá	5	10,8	9,3	10,1	1	—	—	10,8
Bakairí	10	11,2	9,3	10,2	6	11,3	9,2	10,3
Kamayurá	4	11,1	10,1	10,3	2	10,8	10,4	10,6
Auetö	4	11,5	10,1	10,5	2	10,4	9,8	10,1
Mehinakú	6	11,4	10,0	10,6	—	—	—	—
Waurá	1	—	—	10,6	1	—	—	10,5



Laguna Kamayurá

C. Comprimento do braço = 100.

	hom.	max.	min.	med.	mulh.	max.	min.	med.
Trumai	1	—	—	20,6	—	—	—	—
Bakairí	10	24,3	20,2	22,2	6	25,0	21,5	22,9
Kamayurá	4	24,5	20,5	22,5	2	24,2	23,0	23,6
Nahuquá	5	24,3	21,4	22,6	1	—	—	21,9
Auetö	4	24,9	22,3	23,4	2	22,3	22,0	22,2
Mehinakú	6	25,1	21,7	23,4	—	—	—	—
Waurá	1	—	—	22,8	1	—	—	22,9

A mão dos índios é relativamente curta e a das mulheres é, muitas vezes, relativamente mais curta que a dos homens.

Índice de comprimento e largura da mão.

Comprimento da mão = 100.

	hom.	max.	min.	med.	mulh.	max.	min.	med.
Bakairí	10	56,2	43,4	44,1	6	50,9	41,7	47,3
Nahuquá	5	52,6	47,8	45,3	1	—	—	45,2
Kamayurá	4	48,5	43,4	45,8	2	42,9	41,2	42,5
Mehinakú	6	51,5	48,0	50,2	—	—	—	—
Auetö	4	55,9	48,6	51,5	2	54,7	46,0	50,4
Waurá	1	—	—	54,3	1	—	—	51,3
Trumai	1	—	—	55,6	—	—	—	—

A mão dos Mehinakú é relativamente, a mais comprida e também bastante larga. Os Bakairí e Nahuquá têm a mão curta e estreita, os Auetö têm-na comprida e larga, os Kamayurá moderadamente comprida e estreita.

Altura do tronco. Estatura = 100.

	hom.	max.	min.	med.	mulh.	max.	min.	med.
Kustenáu	1	—	—	50,3	—	—	—	—
Mehinakú	6	52,2	48,4	50,6	5	51,4	47,6	50,2
Auetö	14	53,6	47,2	50,6	2	52,4	48,7	50,5
Trumai	1	—	—	51,0	—	—	—	—
Waurá	1	—	—	51,6	1	—	—	51,5
Nahuquá	5	52,4	50,7	51,7	12	52,1	50,2	51,2
Bakairí	9	52,7	50,7	52,0	6	54,3	51,1	52,6
Kamayurá	14	53,6	51,1	52,1	4	52,0	50,6	51,3

O máximo de 54,3, dentre a totalidade dos indivíduos observados encontra-se nas mulheres bakairí e o mínimo, de 47,2, nos homens auetö.

Comprimento do pé. A. Absoluto.

	hom.	max.	min.	med.	mulh.	max.	min.	med.
Nahuquá	3	25,0	23,0	24,0	1	—	—	23,7
Trumai	1	—	—	24,5	—	—	—	—
Auetö	4	25,8	23,5	24,6	2	22,0	20,5	21,3
Kamayurá	4	25,5	23,3	24,6	2	23,0	22,5	22,8
Bakairi	7	26,5	22,4	24,7	2	24,7	22,3	23,5
Mehinakú	5	27,5	24,5	25,7	—	—	—	—
Waurá	1	—	—	26,0	1	—	—	23,0

B. Estatura = 100.

	hom.	max.	min.	med.	mulh.	max.	min.	med.
Nahuquá	3	15,3	13,9	14,7	1	—	—	16,1
Kamayurá	4	16,0	14,1	15,0	2	14,8	14,8	14,8
Trumai	1	—	—	15,2	—	—	—	—
Auetö	4	16,1	14,8	15,3	2	14,7	14,1	14,4
Bakairi	7	15,9	14,3	15,4	2	15,3	14,4	14,9
Mehinakú	5	16,3	14,8	15,6	—	—	—	—
Waurá	1	—	—	15,7	1	—	—	15,6

Assim como o comprimento da mão, o comprimento do pé é maior nos Mehinakú, menor nos Nahuquá, enquanto os Bakairi têm os pés relativamente mais compridos que as mãos. E' pena não sabermos se a única mulher nahuquá observada, que se distinguia por um pé muito comprido, não era uma das Mehinakú introduzidas na tribu. Tôdas as mulheres nahuquá tinham os artelhos muito curtos; na que foi medida o quarto e o quinto eram excessivamente curtos e disformes.

O segundo artelho era freqüentemente mais comprido que o primeiro, e no caminhar se afastavam um do outro. Quando a planta do pé repousava sobre o solo, a abertura entre os dois primeiros artelhos tinha por vêzes uma forma retangular.

Índice de comprimento e largura do pé.

Comprimento do pé = 100.

	hom.	max.	min.	med.	mulh.	max.	min.	med.
Waurá	1	—	—	40,4	1	—	—	38,2
Bakairi	7	43,1	39,6	41,2	2	40,4	38,5	39,5
Nahuquá	3	44,3	40,8	41,7	1	—	—	37,9
Mehinakú	5	44,9	37,5	41,7	—	—	—	—
Auetö	4	42,6	40,7	42,0	2	43,9	38,6	41,3
Kamayurá	3	44,0	40,8	42,4	2	40,0	37,0	38,5
Trumai	1	—	—	42,9	—	—	—	—

Afim de dar uma idéia ampla da maneira pela qual, de acôrdo com as mensurações, as diferentes tribus se distinguem entre si, ordenei (dados mais importantes) as 6 tribus de que possuímos pequenas séries, atribuindo a cada uma o número que lhe cabe na ordem ascendente: 1 corresponde à medida menor, 2 a uma maior, e assim por diante até 6, que representa a medida mais elevada da ordem em questão. As colunas estão dispostas de conformidade com a estatura.

	Trumai	Auctô	Bakairi	Nahuquá	Kamayurá	Mehinakú
Estatura	1	2	3	4	5	6
Envergadura	1	6	4	2	3	5
Largura das espáduas	5	3	4	1	2	6
Circunferência torácica	4	6	3	1	2	5
Altura da cabeça	6	5	4	3	1	2
Circunferência da cabeça	1	6	3	5	2	4
Índice de comprimento e largura	6	4	3	5	2	1
Índice de comprimento e altura	6	3	1	5	2	4
Arcada zigomática	2	4	3	1	5	6
Altura da espádua	3	5	6	1	2	4
Distância do umbigo ao solo	6	5	4	2	3	1
Altura da sínfise	3	4	6	2	5	1
Distância da crista ilíaca ao solo	4	6	3	2	5	1
Comprimento do braço	4	3	6	1	5	2
Altura do troncâter	3	2	5	4	6	1
Comprimento da mão	1	5	3	2	4	6
Comprimento do pé	3	4	5	1	2	6

Aos trumai corresponde o menor número para a estatura, envergadura e circunferência da cabeça cabendo-lhes a cifra mais elevada para os índices cefálicos e para a altura do umbigo. Pertence aos Mehinakú a medida menos elevada do índice de comprimento e largura da cabeça, das alturas do umbigo, da sínfise, da crista ilíaca e do troncâter, e a medida máxima da estatura, da largura das espáduas (têm também envergadura e circunferência torácica notáveis), da arcada zigomática e, embora curtos os braços e as pernas, do comprimento do pé e da mão. Os Nahuquá não têm 6 para nenhuma medida, mas relativamente muitos 1 e 2.

A pele distinguia-se por uma cor de argila amarelo-cinzenta, com diferentes matizes. A ação do sol, a falta de asseio e as pinturas dificultavam extraordinariamente a determinação da cor primitiva, sendo que só debaixo das faixas de algodão, no braço e na perna, via-se como eram claros os índios, na realidade. Wilhelm organizou in loco uma pequena tabela de cores, segundo a qual a tonalidade média está entre 30 e 33 da escala de Broca. Nos tons mais escuros observava-se uma acentuada tonalidade lilás-roxo, sobretudo no peito e no ventre; nos mais claros havia um pouco de amarelo. Servimo-nos também das escalas de Radde, constatando a maior semelhança para a fronte e a face com 33 m. até n. ou também 33 o, para o braço, aproximadamente, com 33 m.

A cabeleira era negra, de uma cor pardacento-preta, principalmente entre os Bakairí, Nahuquá e Auetö. Exposto aos raios oblíquos do sol, o cabelo, especialmente das crianças bakairí, apresentava matizes singularmente claros e desmaiados, às vezes rosa-escuros. Não observamos nunca a "crina de cavalo". O cabelo da cabeça era de grossura média e liso, porém em várias tribus ondulado, sobretudo nas dos Bakairí e Nahuquá. Com verdadeira estupefação observamos entre os bakairí verdadeiras cabeleiras encaracoladas (Prancha 13). Difícil se fazia determinar até que ponto isso era natural ou artificial. Em todo caso o velho Paleko em Maigéri, que de há muito estava acima das vaidades da juventude, tinha o cabelo curto e encaracolado. A cabeleira dos Bakairí é também ondulada, sem tratamento artificial. Às vezes a testa cobria-se de cabelos até perto das sobrancelhas.

Arrancavam-se as pestanas. Os Nahuquá, por exemplo, não deixavam um fio sequer. Acontecia o mesmo com a barba. Entretanto encontrámos, às vezes um discreto bigode ou mósca ou ainda uma barba facial, sobretudo entre os Kamayurá. O pêlo das axilas e da região pudenda era igualmente arrancado.

O tipo facial das diferentes tribus apresentava certas divergências difíceis de definir. Havia um rosto bakairí que eu certamente não confundiria com o de qualquer das restantes tribus do Kulisehu, mas que se assemelhava extremamente ao dos Caraíbas das Guianas. Também classificaria imediatamente como Bakairí um Apiaká do Tocantins, fotografado por Ehrenreich. Outros Bakairí, pelo contrário, poderiam pertencer, quanto à fisionomia, a qualquer outra tribu do Kulisehu. Quanto maior número de índios chegava a conhecer, tanto mais confuso ficava naturalmente. O rosto bakairí ou caraíba, de que falo, é de con-

formação quase européia; o prognatismo é pequeno; testa baixa, mas bem arredondada; o nariz tem o dorso um pouco largo, asas bem desenvolvidas e uma ponta arredondada; os lábios superiores são grossos; os olhos, talhados graciosamente, em forma de amêndoa, são cheios. Havia, porém, um segundo tipo bakairí com forte prognatismo, queixo muito entrado, fronte baixa e oblíqua, nariz mais comprido e dorso curvo. Êste se podia observar principalmente entre os Bakairí do Paranatinga. Na terceira aldeia de Bakairí havia, em grande quantidade, fisionomias tipicamente judaicas. A fototipia da prancha 13 reproduz o melhor representante desta variedade, que foi apelidado, com bastante espírito "Itzig", por um dos nossos companheiros. Itzig era o menor dos Bakairí, mas distinguia-se por grande agilidade e fôrça, assim como — o que se pode constatar pela fotografia — por uma robusta caixa torácica; tinha a cabeleira preta e encaracolada, nariz de dorso largo, e curvo; certamente nenhuma pessoa desprevenida o julgaria um índio. Se além dos Mormons existe ainda hoje quem sustente a opinião de que os filhos de Israel emigraram para a América, considerando-os os antepassados dos peles-vermelha, a fotografia de Itzig lhes pode servir de excelente prova. Àquela corrente emigratória de tribus perdidas se associaram, provavelmente, alguns egípcios. Havia, pelo menos algumas mulheres (principalmente a "Egípcia" da primeira aldeia, de rosto fino, nariz comprido e levemente curvo) que, com o seu penteado, lembravam caracteristicamente as mulheres do antigo reino do Nilo.

Notavam-se, esparsamente saliências frontais, em tôdas as tribus; eram típicas no Trumaí, onde também chamavam muito mais a atenção, por causa da pequenez dos indivíduos. Êstes índios tinham também o prognatismo mais acentuado e queixo mais recuado; caracterizavam-se igualmente pela base do nariz estreita e por uma distância diminuta entre os olhos. Os Mehinakú, pelo contrário, distinguiam-se por um prognatismo reduzido, queixo saliente, rosto largo e curto e olhos muito afastados. Relativamente ao rosto, os Nahuquá diferiam dos Bakairí pelos seus caracteres mais grosseiros. Em contraste com a forma oval do semblante dêstes últimos, aquêles tinham, com seus ângulos mandibulares muito salientes, algo de quadrado e grosseiro. Entre os Kamayurá notavam-se fisionomias bem mais delicadas.

A iris era pardo-escura e só, excepcionalmente, pardo-clara; os Trumaí tinham olhos relativamente claros. Encontrámos um Nahuquá de olhos azues. Não tinha nada de extraordinário na côr do cabelo e da pele; a cabeleira era negra e bastante lisa.

Era pai de um jovem de olhos pardo-escuros, a-pesar-dos seus próprios olhos terem uma iris bem azul. A posição dos olhos era horizontal ou um pouco oblíqua, a forma amendoada; a fenda das palpebras era muitas vêzes bem aberta nos Bakairí, e bastante pequena e fechada nos Nahuquá e Kamayurá. Não vimos olhos mongólicos; só um Kamayurá podia ser considerado mongoloide.

Dentes bonitos eram extremamente raros, geralmente mais opacos que transparentes; a côr era amarelada e só em poucos casos branca; a posição, muitas vêzes irregular; bastante maciços. Nos Mehinakú, freqüentemente, pequenos e finos. Quase sempre pareciam estar muito gastos pela mastigação. Nunca vimos os índios limparem os dentes ou lavarem a bôca. Isto lhes seria muito útil considerando a sua alimentação rica em farinha. Quando não têm à mão dentaduras de peixe ou conchas, usam os dentes muito levianamente: para abrir buracos nas cascas de conchas do rio, que são duras como ostras e cujo bordo cortante lhes serve para polir a madeira; para quebrar as conchas com as quais fazem as suas pérolas, abusos êstes que certamente seriam nefastos mesmo para dentaduras mais resistentes e cujo espetáculo me confrangia a alma.

CAPÍTULO IX

I — COSTUMES REFERENTES AO CABELO E À PELE

Observação preliminar sôbre vestuário e ornamentos. *O cabelo.*

Cabeleira, pêlo, pestanas. *A pele.* Perfuração. Ligaduras nas extremidades. Colares. Unturas e pinturas. Sarjaduras. Tatuagens.

Tendo, neste e no capítulo seguinte procurado remontar, na medida do possível, às origens dos usos observados entre os nossos aborígenes no tocante ao cabelo e à pele, desejo fazer preliminarmente duas observações fundamentais.

Em primeiro lugar, considero errada a opinião de que um vestuário, resultante do pudor, seja necessário ao homem para sua humanidade. Os índios do Xingú superior, de que conhecemos representantes de várias tribus, não necessitam de um vestuário neste sentido, o que conluz do simples fato de não o possuírem. As peças por eles usadas, que nós, de acôrdo com o nosso hábito, estaríamos inclinados a considerar destinadas a encobrir as partes pudendas, absolutamente não têm esta finalidade, e o pudor que as teria criado, não existe. Já em 1584 o jesuíta Cardim escreveu sôbre indígenas brasileiros: "Todos andam nus, tanto homens como mulheres, não têm nenhuma espécie de vestimenta, e não *verecudant* para caso algum, parecendo, pelo contrário, achar-se, quanto a isso, no estado da inocência".

Cumpra-me, ainda, expôr meu ponto de vista no tocante à origem da ornamentação. É certo que entre os povos primitivos há hoje numerosas espécies de ornato em que não vemos nenhuma utilidade real ou imaginária, e não passam atualmente de enfeites. Entretanto não se poderá admitir que os sentimentos mais elevados tenham nascido antes dos menos requintados. Antes de colher flores, o caçador se enfeitou com as plumas das aves caçadas. Mas antes de caçar para ornar-se com as plumas, matou aves para comê-las. Desde tempos remotíssimos pintou o corpo nu com argilas de variegades cores. É verdade que estas belas tintas se encontram livres na natureza, à beira dos rios, e que diariamente o homem as pisava. Mas, antes de perceber que seu pé ganhara em beleza, não terá ele notado que o barro molhado refrescava a pele e que os mosquitos deixavam de picar? Creio que, concientemente, a princípio só se untou por utilitarismo, afim de aproveitar essas vantagens.

Muitos, porém, não admitem semelhante comêço. Parecem julgar que o útil comporta algo de desprezível. Por que? Sabem-no os deuses. Também eu creio que o ornato nasce do prazer, que, como o jôgo e a dança, é criado por um excesso de energias em tensão. Mas os objetos empregados no enfeite foram conhecidos primeiramente pela sua utilidade. E logo no início podemos observar, na ornamentação, duas direções principais. Há uma vaidade ligada às façanhas, a de exhibir perante todos atestados de bravura; chamemo-la a vaidade do troféu e a expressão da elegância. Mas há também uma segunda vaidade, mais comedida, que se contenta com a impressão causada por cores bonitas ou horrendas; denominemo-la a vaidade da postura. Entre os nossos índios podemos, por tôda parte, observar o uso concomitante de métodos que servem a fins úteis e outros que visam o embelezamento, e não faltam motivos para admitirmos que aquêles são os mais antigos.

O cabelo. O penteado dos homens é uma calota com tonsura. O cabelo é penteado, em forma de raios, do vertice para os lados; na frente cai sôbre a testa, nos lados alcança a entrada do orifício auricular, atrás não atinge completamente a inserção do pescoço. Enquanto os Suyá, habituados a rapar totalmente a parte anterior da cabeça, possuem a tonsura do Apóstolo Paulo, os índios do Kulisehu têm todos a tonsura do Apóstolo Pedro, uma calva circular, no vertice, cujo diâmetro pode atingir 7 cm. O jovem Bakairí Luchu passeando pela aldeia com o poncho de cotim pardo de Vogel, recordava-me vivamente um jovem frade do "Ekkehard". Acreditou-se, quanto à tonsura, que os índios a tomaram empres-

tada aos padres, o que sem dúvida corresponderia à mentalidade dêles; entretanto a tonsura é, na América, anterior aos sacerdotes católicos. Era muito generalizada entre os aborígenes sul-americanos, e, como os portugueses chamassem os tonsurados de "Coroados", nome derivado de coroa, tonsura, esta denominação foi dada confusamente a tribus completamente diferentes. Relata o Padre Dobrizhoffer que entre os Abipones do Paraguai a tonsura servia de distintivo da casta superior. A observação não tem valor em relação às tribus por nós visitadas. Os rapazes recebiam a tonsura ao atingirem a puberdade, e Antônio me contou que chorou e se opôs tenazmente, quando seu pai lhe rapou pela primeira vez o cimo da cabeça. Disseram-me que êsse, costume antiquíssimo era dos ancestrais. Nem sempre a coroa era rapada muito assiduamente. Sobretudo nas pessoas idosas a tonsura cobria-se freqüentemente de restolhos. Explicavam-no dizendo que "com o avançar da idade e depois de mortos pai e mãe", a gente se incomodava menos com isso.

Entre os Bakairí havia homens jovens e vaidosos que encaicolavam completamente o cabelo com papélotes de madeira semelhante à cortiça, entalhados numa concha. Com êles cobriam a cabeça; os feixes de cabelo que se deviam anelar, eram entalhados entre os papélotes. Mas o sistema parecia raramente empregado.

As mulheres usavam o cabelo na frente como os homens, mas nos lados e atrás caía livremente. As orelhas eram quase sempre cobertas, e o cabelo que corria para trás repousava entre os ombros. Pode-se, pois, admitir que a tonsura dos homens não é outra cousa senão uma consequência da diferenciação da cabeleira usada por ambos os sexos. O homem encurtava o cabelo atrás e nos lados, a mulher só acima da frente. O homem, afim de facilitar o encurtamento desejado, ainda foi mais longe, cortando na raiz uma parte dos cabelos que ao caírem para trás e para os lados o incomodavam. E isso tinha ainda a vantagem de fazer com que, ao pentear, o cabelo se repartisse cômodamente, com uniformidade, para todos os lados. A tonsura dos índios estendia-se principalmente para baixo, pelo occipício (v. fig. 14). Os homens suyá, pelo contrário, com sua tonsura do Apóstolo Paulo, encurtaram mais o cabelo que cobria a testa; em compensação usavam o cabelo pendente sobre o ombro ou atado na nuca. Não se encontra ao mesmo tempo a cabeleira comprida atrás e a tonsura do vértice. Para êsse processo simples não foi necessário imitarem os padres.

Todo o restante cabelo do corpo, com exceção das sobrancelhas, era rapado ou simplesmente arrancado. As pestanas não se colocavam, como entre os Yuruna do Xingú inferior, sobre

um fio de tucum, para em seguida serem arrancadas de uma só vez, mas eram extraídas, uma a uma, das crianças de tenra idade. Para a raspagem da tonsura usavam um pedacinho de capim lanceolado; cultivavam-se estas “navalhas” na proximidade da casa. O cabelo era cortado com os dentes da piranha. Nunca vi os homens se entregarem à caça mútua dos piolhos, como o faziam as mulheres diàriamente com grande zêlo. O pente, trançado de varinhas pontudas de bambú, ficava, de costume, pendurado ao lado da rede. Não só a pele, mas também a cabeleira era pintada com vermelho de urucú; às vezes untavam-se totalmente com o óleo vermelho sobre o qual conseguiam fazer desenhos. Um Auetö muito bem humorado pintára o bordo inferior da calota com uma lista de vermelho de urucú de dois dedos de largura; duas outras listas de vermelho subiam das orelhas à tonsura. Êste aspecto induziu Wilhelm — conhecedor de roupagens e máscaras — a fazer uma comparação com um elmete dos primeiros tempos da Idade Média.

Observei muitas vezes Tumayaua, quando arrancava o pêlo escasso da barba. Dono de um espelho, podia entregar-se horas seguidas e com grande diligência, a esta ocupação contemplativa. Via-se bem que não sentia dor, mas a satisfação de um homem aplicado que ama seu trabalho e nêle encontra um estímulo. Acostumado, desde a juventude, a êsse processo como a algo de natural, quase não chegára a conhecer o peor que acompanha uma qualquer operação, o medo. Os homens são extremamente vaidosos; mas, a julgar pelo comportamento das crianças, não é provável que de antemão os nervos dos índios reajam menos intensamente que os nossos. O mesmo homem que com a expressão de uma diminuta sensação dolorosa arranhava fortemente com o sarjador — do qual falarei mais adiante — a sua pele inchada, na expectativa de curar-se, gritava ao sentir a primeira dor inesperada, quando eu segurava sobre a sua mão a minha lente.

Não há dúvida que a remoção dos pêlos não passa hoje de costume antigo, e ninguém se lembra mais de indagar da razão, ou por certo melhor, das razões que a determinaram. Praticase o hábito, a êle se está acostumado, e por isso acham-se feios os estrangeiros que o desconhecem. Foi observado que o costume de arrancar a barba vigora precisamente entre povos em que êste adôrno já por natureza é mais escasso, e os autores não se contentaram em dizer que nesse caso é mais fácil extraí-la, mas acreditaram que a escassez da barba parece feia aos aborígenes. Verifiquei, porém, que às mulheres parecia extremamente feia a minha barba longa e espessa, e algumas índias, puxando-a com evidente aversão, davam-me o bem-intencionado conselho de arrancá-la tam-

bém. As pestanas, são radicalmente tiradas, de modo algum se desenvolveriam tão fracamente, como provam as magníficas pestanas dos índios “mansos”. Aliás a toilette da barba era a mais desleixada, o que indica que o uso de remover o pêlo certamente não começou por ela.

Quanto ao pêlo da região pudenda, que só os homens suya não extirpavam ao passo que o faziam as suas mulheres absolutamente nuas, pode-se crer mais facilmente que o aborígene, com sua ingenuidade bastante primitiva, o achasse sobremodo feio. Não se pode, entretanto, admitir sem dificuldade que unicamente o gosto da pele lisa, inato ao homem, explique a tão enérgica guerra de extermínio, desencadeada, por parte do aborígene nu, contra todo e qualquer pêlo. Não faltam fatores que o tornem incômodo de múltiplos pontos de vista. Se tivermos em vista que os insetos que não são catados e comidos à maneira dos piolhos, também se prendem á barba e ao pêlo das axilas e da região pudenda, emaranhando igualmente a cabeleira — a qual, na zona por nós explorada, era preferida sobretudo pelas abelhas —, e se pensarmos nas borbulhas e botõezinhos purulentos, duplamente dolorosos na pele cabeluda, no sangue e nas impurezas que podem cobrir o corpo, na facilidade com que êle se prende à ramagem, na oportunidade oferecida a companheiros bulhentos, teremos razões suficientes para concluir que ao homem nu o pêlo do corpo certamente traz incômodos, e não prazer. Deve-se, por outro lado, avaliar também o passatempo e a satisfação proporcionada, em horas de ócio, pela extração dos cabelinhos e pelo manejo de utensílios pelo corpo. Finalmente contribue talvez também o fato de considerarem o cabelo e as penas como uma espécie de vegetais. A denominação bakairí — e provavelmente também de outros idiomas — para cabelo e penas coincide, na sua origem, com a palavra que designa o mato. Não importa se o vegetal deriva do corporal ou vice-versa; basta saber que os conceitos são afins por natureza. Tanto o cabelo como as plantas crescem, ambos são extirpados, principalmente a pequena erva daninha.

Desejo, porém, antepôr uma razão simples e de atuação diária. Visto a pele e o cabelo andarem juntos, penso numa correlação entre o hábito da extirpação do pêlo e o da untura do corpo, que Joest afirma ser anterior à lavagem. Para a untura do corpo, de que logo adiante tratarei com mais detalhes, é extraordinariamente vantajosa a extirpação do pêlo, pois êste recebe a tinta com que deve ser untada a própria pele que fica por baixo. Quem quer untar um couro, raspa-o primeiro, sem o que o fim principal da untura, a morte dos insetos, não seria alcançado. O hábito de arrancar o pêlo da região pudenda explica-se, além disso

muito naturalmente pelo conflito entre êste e as peças de vestuário que aí são aplicadas exatamente na época do nascimento. Por outro lado as manipulações com a corda da cintura dos homens seriam consideravelmente dificultadas pelos pêlos. Em suma quem extrai o pêlo, tem vantagens e não perde nada. Basta isso para explicar o hábito. A diferença entre arrancar, cortar ou raspar o pêlo não constitue senão uma questão de extirpação mais ou menos radical, de meios técnicos empregados ou então de maior ou menor atenção dispensada à sensibilidade. Dá-se pouca importância ao pente; o costume de cortar e arrancar o cabelo é anterior ao de penteá-lo.

O mais curioso — e que certamente também não constitue passatempo — é o trabalho de arrancar as pestanas, pois que esta operação — pode-se certamente dizê-lo — está completamente generalizada, sendo executada já nas criancinhas de ambos os sexos, e não podendo ser relacionada com diferenças de tribu e de sexo (8).

Se é certo que os olhos constituem o órgão mais precioso de todos os homens, não é menos certo também que êstes selvícolas vivendo constantemente à procura de animais e de frutas, dependem dêles no mais alto grau que se possa conceber. Nunca vi um índio gemer e queixar tanto como o cacique dos Yaulapiti, lamentando a sua cegueira. Mas nem por isso se pode exigir que, no tratamento, se valham do raciocínio que a nós parece apropriado. Assim é que considerando a fumaça remédio, em geral excelente, sopra-se uma respeitável porção contra uma conjuntiva muito inflamada. Tão pouco atribuem os índios às pestanas a propriedade de protegerem os olhos. Declaram que a visão é prejudicada, sobretudo quando se quer ver nitidamente à distância. Dispensam o seu maior cuidado ao tratamento do nobre órgão, o que se depreende, p. ex., do costume de arranharem com o sarjador, ao rapaz destinado a se fazer bom flecheiro a pele da proximidade dos olhos. Fazem isso naturalmente por acreditarem neste “remédio”, e não para se tornarem mais resistentes. Precisamente no caso das pestanas a extirpação, embora pareça tão cruel, por ser radical, é um processo relativamente suave. Suportar que se cortasse e raspasse a borda das pálpebras com dentes de peixe e conchas, seria realmente heróico.

(8) — Atribue-se aos povos primitivos muitíssimas vêzes a necessidade de processos e exercícios que os tornem mais resistentes, mas eu nunca os vi submeterem as crianças a processos dessa natureza. Os senhores pais — para não falar das mães — tendiam mais para o sentimentalismo que para a severidade em face de seus filhinhos muito voluntariosos. Quando êstes choravam, os pais ficavam profundamente sentidos. E' fora de dúvida que lhes causavam dores sòmente quando lhes julgavam outorgar benefícios. Dispensavam os maiores cuidados à saúde da prole e penduravam-lhe amuletos ao pescoço.

A pele. A pele é perfurada para o recebimento dos enfeites; aplicam-lhe tinta e arranham-na com espinhos ou dentes. Êstes dois últimos métodos chegam a constituir finalmente um tratamento artístico: pintura do corpo ou tatuagem. Mas o que interessa saber, são as razões que levaram a tais processos.

Observando, em geral e em particular, o homem enervado das sociedades civilizadas, verificamos em mil exemplos a que ponto a vaidade e o desejo de agradar ainda conseguem contrariar a comodidade do corpo. Compreenderemos, pois, que a vaidade dos povos primitivos proceda ainda de modo mais radical. A diferença principal entre nós e êles reside no fato de terem êles que fazer na pele o que nós podemos fazer na roupa. Por outro lado entre os primitivos o homem se enfeitou antes da mulher. Começou a ornamentar-se como caçador, e como nos propomos a explicar a vaidade de caçador, podemos concluir que o conceito do troféu nasceu no homem, quando, não querendo desfazer-se das

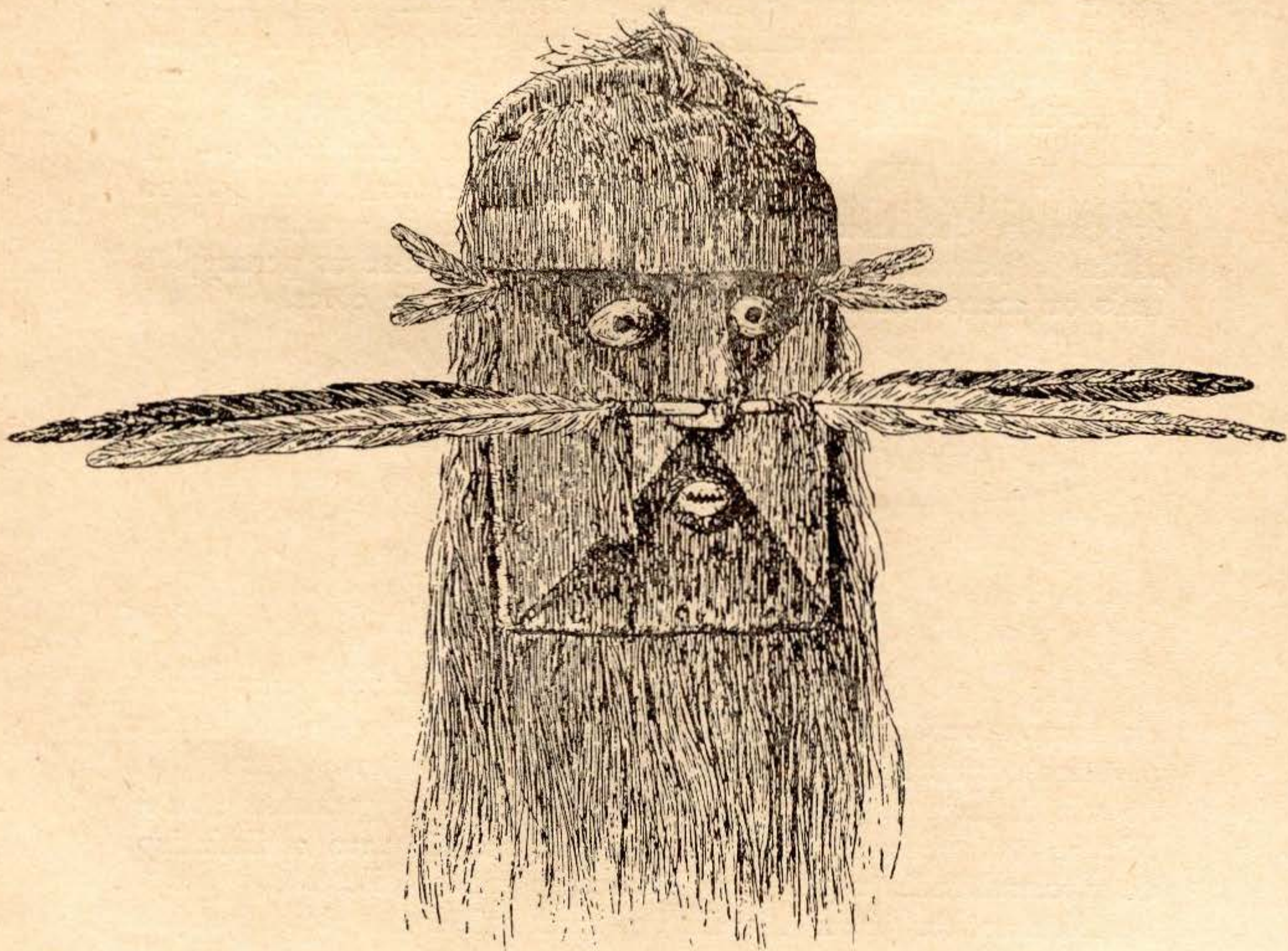


Fig. 12 — Máscara de madeira dos Bakairí, com adornos de penas no nariz e nas orelhas.

partes da prêsa que não podiam ser comidas, porém facilmente conservadas e usadas sobre o corpo, as guardava e exhibia consigo, para desfrutar a estima dos companheiros. Isso nos há de parecer mais natural ainda, quando nos lembrarmos que dessa maneira o caçador julgava adquirir as qualidades do animal. Usava garras, dentes e penas como troféu e talismã. Ao passo que a maioria destes objetos podia ser atada num cordel, a pluma, guardada como lembrança de flechada feliz, lhe propunha um problema mais difícil. Resolveu-o, perfurando o pavilhão da orelha, onde a podia enfiar sem perigo de perdê-la e sem estôrvo. A essa solução chegaram os ancestrais de tôdas as tribus por nós visitadas; dentro em breve porém, algumas não se contentaram mais com a perfuração das orelhas, passando a fazer o mesmo com o nariz e o lábio. Pois a idéia do troféu, originariamente ligada apenas à aquisição penosa, conjugava-se ao uso ou suporte dos objetos, o que causava dores ou fadigas às vêzes bastante grandes. Havia, pois, assim um novo trabalho, merecedor de admiração. E um homem jovem julgava-se sem dúvida muito mais galhardo ao exhibir a sua jóia num furo do nariz, do lábio ou das orelhas, do que ao usá-la pendurada num cordel. Depois de se tornar hábito o uso do troféu, era inevitável que se atentasse igualmente para as qualidades externas, os caracteres — anteriormente secundários — da côr e da forma. Até objetos usados somente para evitar que os orifícios se fechassem, passavam a ser enfeite e adorno. Às idéias do penoso, do raro e do eficaz associavam-se as percepções mais ou menos claras de contrastes agradáveis de côres.

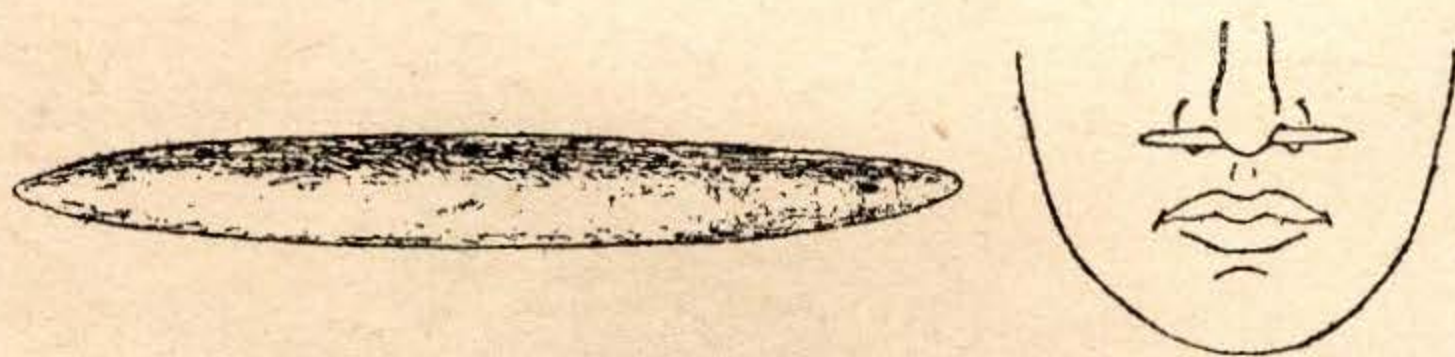


Fig. 13 — Adorno nasal dos Bakairí

Mas como a lesão artificial produzia um sinal permanente, ela tomou também uma finalidade própria, dando origem assim a vários costumes. Não só se tornava excelente para caracterizar, no seio da tribu as pessoas corajosas, e poderosas, geralmente também as mais vaidosas, mas ainda constituia não raro o distintivo de nacionalidade usado concientemente pelas diferentes tribus. Permitia aplicar já na infância um sinal indelével. Desde sempre os índios se dedicaram com grande paixão ao roubo de crianças de tribus estranhas, para assim aumentarem o número de guerreiros

e mulheres do próprio grupo. Marcavam-se por isso as crianças para reconhecê-las, como o dono de uma manada marca o seu gado. Quando estivemos entre os Borôro, uma mulher idosa afirmou categoricamente que o nosso Antônio, embora não scubesse palavra da língua borôro, era o filho que anos antes lhe fôra roubado por inimigos; chorou e lamentou alto durante tôda a noite. E foi então interessante observar como Antonio, meio rindo, meio indignado, viu-se submetido, pelos Borôro a um exame cuidadoso do lábio inferior, que entre eles já é perfurado na criança de peito, e como o deixaram sossegado ao encontrarem o septo nasal perfurado em vez do orifíciozinho do lábio. Entre os Bakairí havia mulheres paressí roubadas, entre os Nahuquá encontravam-se mulheres mehinakú, entre os Suyá viviam os prisioneiros manitsauá; pelo sinal tribal todos eram imediatamente distinguidos. A lesão artificial tornou-se pois, uma instituição permanente com finalidade prática. Além disso os usos estranhos passavam por feios ou cômicos, enquanto os próprios eram considerados belos e distintos.

A perfuração do pavilhão da orelha é usual entre os homens de tôdas as tribus. Serve exclusivamente para o adorno de plumas. Em nenhuma tribu do Kulisehu as mulheres perfuram o pavilhão, e não se vê tão pouco mulher alguma ornada de qualquer modo com penas; a mulher não caça e a origem dêsse troféu de caça ainda é claramente visível. Perfura-se a orelha do menino na época em que começa a exercitar-se com arco e flechas de pequeno formato (9).

A perfuração da extremidade inferior do septo nasal, feita de modo a assentarem levemente as asas do nariz sobre o objeto introduzido, só se pratica entre os Bakairí. No Paranatinga e no Rio Novo, no Batoví e na primeira aldeia do Kulisehu encontramos-la em ambos os sexos, na segunda aldeia do Kulisehu só nos homens, e na terceira nem nos homens nem nas mulheres. Esta distribuição geográfica me faz crer na probabilidade de ligar-se o hábito dos Paressí, com os quais outrora os Bakairí do oeste mantiveram contínuas relações, ora amistosas, ora guerreiras, e dos quais ainda encontramos na aldeia do Paranatinga duas mulheres, roubadas em criança. Os Paressí perfuravam os lobos das orelhas de suas mulheres, para que sempre pudessem ser distinguidas das mulheres bakairí; os homens perfuravam o septo nasal e introduzindo um pedacinho de taquara, que só numa extre-

(9) — Entre os Suyá homens e mulheres usam, na orelha acutelada, que aos poucos toma forma de um freio comprido, rolos de tiras de palmeira. Mas também entre eles o adorno das penas é reservado aos homens.

midade tinha uma longa pluma de arara ou simplesmente uma pena de tucano, ao passo que o enfeite auricular das mulheres consistia em pedacinhos triangulares de casca de noz.

Hoje os Bakairí não usam mais penas no nariz. Entretanto vimos máscaras com um furo no septo prolongado do nariz de madeira. Neste furo havia um pedaço de taquara, onde estava enfiada de cada lado uma pluma de arara. O tamanho do furo não é o mesmo nos homens e nas mulheres, coisa que os próprios Bakairí assinalavam com insistência. Ao passo que os homens usavam um pedaço fino de cambaiuva, em que era enfiada a pena, ou um osso delgado, as mulheres ostentavam uma cavilha grossa de cambaiuva, ou então um osso espesso ou uma pedra. Esta última nunca foi usada pelos homens. Recolhemos no Kulisehu algumas pedras de adorno feitas de quartzito cinzento-branco e opaco, e polidas na forma de fuso pontudo de 6 cm. de comprimento. Só vimos uma mulher enfeitada com o fuso nasal, *natáko*; estava grávida e trazia também muitos adornos no pescoço. Essas pedras vinham do Batoví ou do Ponekuro, o afluente direito do Kulisehu. Diziam os Bakairí que eram tão raras que em geral deviam ser substituídas por ossos ou taquara. Obtivemos também ossos de forma semelhante, com 8 1/2 cm. de comprimento, e um fuso de 7 cm., com brilho de madrepérola e talhado numa concha. A operação é feita mais ou menos aos cinco anos de idade, causando às vezes, como diziam, forte perda de sangue.

Posso também mencionar aqui as ligaduras das extremidades, embora os nossos índios não as empregassem sob forma de lesão. Em todas as tribus eram usadas em grande escala. Serviam, para isso, espessas e largas faixas de palha, cordões e cordas de algodão, ou faixas tecidas com agulhas de madeira. Eram aplicadas no braço e abaixo do joelho ou acima do tornozelo. O costume predominava na terceira aldeia bakairí, onde se viam panturrilhas muito tesas e quase inchadas. Contudo não vimos panturrilhas tão salientes como as que se observam nas figuras de homens ou mulheres caraíbas do norte. As faixas de palha eram usadas principalmente pelos Nahuquá. Só os homens se valiam de ataduras. Diziam-me que servem para fortalecer o corpo. Entre os ornatos de dança havia também faixas enfeitadas com penas multicores, que se atavam em torno do braço.

Colares. Ambos os sexos ornavam-se com colares. Os homens usavam também enfeites na corda da cintura. Os colares predominavam nas crianças e nas mulheres grávidas, e as nossas missangas eram pedidas sobretudo para as primeiras.



Mulheres Kamayurá

Os Bakairí confeccionavam, com muita aplicação, colares realmente bonitos, troféus trabalhosos bastante cobiçados pelas outras tribus, e que em 1884 encontramos também entre os Suyá. Veja-se o Kamayurá da fig. 14. Os colares são formados de peças retangulares e levemente curvas, talhadas no nó da casca de *piu*, *Orthalicus melanostomus* (Prof. v. Martens; medem 2-3 cm. de comprimento, 1-1,5 cm. de largura, têm uma côr branca quase pura, e chamam-se *piu oráli*). Estas peças cobrem-se mutuamente no bordo comprido à maneira de telhas, sendo quase sempre perfuradas em cima e em baixo, mas só em cima prêsas ao cordel do pescoço por meio de fiozinhos. Escolhiam-se principalmente cascas grossas, quebradas e polidas com pedras. Fazia-se a perfuração com o dente de peixe-cão ou com o pequeno fuso rotatório em cuja extremidade se atava uma pequena lasca triangular de pedra. Disso resultava um furo cônico.

Uma outra espécie de colares é formada por pequenos discos ou missangas lisas, de apenas 1 mm. de espessura e 3-5 mm. de diâmetro. São de forma bem circular, de brilho fosco, cinzento-branco e azulado. Os pedacinhos das cascas quebradas eram mordidos; dava-se-lhes um tamanho uniforme, perfurando-os em seguida como os retângulos. A despeito do seu tamanho diminuto, essas peças são polidas com tal uniformidade que, ensartadas no cordel, formam uma cobra fina e flexível. Costumam alternar com pérolas de tucum (*Bactris*), da mesma forma, tiradas da casca dessa fruta. As pérolas de tucum são igualmente perfuradas com o dente do peixe-cão. Tanto nestas como nos disquinhos de concha consegue-se certa uniformidade, ensartando as pérolas e polindo a corrente entre dois cacos de pote em vez de fazê-lo com uma pedra. As de concha são um produto muito natural sempre que se guardam pedaços de conchas multicores ou reluzentes: são enfiadas num barbante, porquê este é o modo mais simples de fixá-las; dá-se a tôdas a mesma forma e o mesmo tamanho, o que se consegue facilmente, polindo-lhes os contornos. Assim os mais diferentes povos primitivos obtiveram, com seu respectivo material de conchas, pérolas extremamente semelhantes entre si. Mas as pérolas também têm tôdas as propriedades para passarem facilmente de uma tribu para outra, oferecendo assim o meio mais fácil de se verificar até que ponto vai a comunicação entre os diferentes grupos, que muitos consideram ilimitada. Os Bakairí do Batoví, mais do que os do Kulisehu, são "*zóto*", senhores (donos), dos colares de conchas.

As pérolas de tucum são feitas sobretudo pelos Nahuquá. Estes tinham, como pérolas de conchas, principalmente pedacinhos de *Bulimus* côr de rosa e fusiformes, dos quais eram "*zóto*", e

que costumavam intercalar, um a um, a pequenas distâncias, entre as séries de pérolas de tucum. Os Nahuquá distinguíam-se por uma grande riqueza em colares, sobretudo de matéria vegetal, a qual aliás também entre os Bakairí desempenhava papel mais importante que entre as tribus que moram a jusante. Os Bakairí de Maigéri atribuíam muito valor às “pérolas de capim”, *kanakúni*, que Antônio me disse serem semente de um capim alto e muito raro que cresce à beira das lagoas e dá em cada haste poucos baguinhos.

Encontrámos pedaços de cálamo e de cortiça, sementes e bagos de toda espécie; pérolas obtidas com o tucum grande e pequeno, frutos de certo cipó, de uma árvore campestre chamada takipé, de uma planta chamada *udayáki* pelos Bakairí, sementes vermelhas e pretas de papilionáceas, de mamona-ricinus, grãos da fava tonca (*Dipteryx odorata*). Entre os Auetö, sementes de cuia e grãos de almisca, e mesmo uma pequena cuia em forma de garrafa, de 7 cm. de comprimento.

Entre os Yaulapiti, Trumaí (oriundos deles) e ainda entre as tribus vizinhas havia grande número de colares de pedras: discos e cilindros perfurados que os Nahuquá imitavam em resina de jabotá, semelhante ao âmbar, e em argila. Era a diorite dos machados de pedra e dos dardos, perfurada, mediante adição de areia, com a lasca de pedra atada no fuso rotatório. Os Mehinakú e os Auetö gostavam de pendurar nos colares das criancinhas pedras piriformes iguais àquelas que se observam nos dardos.

Quanto ao material havia, pois, diferenças bem marcadas, condicionadas provavelmente pelas respectivas regiões, o que em relação às pedras é, em todo caso, certo. Todos os colares de pedaços de concha brancos provinham dos Bakairí, todos os pedaços vermelhos dos Nahuquá, e todos os de pérolas do Trumaí ou dos Yaulapiti.

Por toda parte empregava-se material de origem animal. Havia pérolas de chifre, pérolas de osso (estas últimas também em forma de bastonetes) ora usadas isoladamente, ora formando correntes, sobretudo dentes de macaco e de jaguar. Veja-se a figura do chefe auetö. Obtivemos dos Nahuquá um colar com dentes de jaguar e pequenas penas multicores. Os Trumaí apreciavam os dentes de capivara. Entre os Mehinakú abundavam principalmente os ornatos de crianças, os quais em grande quantidade eram pendurados nas crianças de peito: dentes de macaco, dentes de jaguatirica (*Felis tigris*), espinhas de peixe, ossos do peixe bagadú, certa vez uma enorme antena de escaravelho, além dos outros todos.

Suponho ter assim enumerado os objetos principais empregados na confecção de colares. Em outro capítulo, dedicado à plástica dos índios, voltarei a falar de alguns, pois que às vêzes também são talhados e polidos em forma de pequenas figuras.

Unturas e pinturas. Por que se untam os índios com tintas oleaginosas, quer preta, como os que apreciam menos o urucú, quer vermelha, como os outros? Para intimidar o inimigo por meio dum aspecto pomposo ou desfigurado? Seria sem dúvida uma aplicação útil, mas certamente só para o caso determinado.

Explicar-se-ia tudo pelo prazer das côres? Neste caso seríamos obrigados a reconhecer também como prazer primário o gosto pelo preto. E deveríamos então registrar admirados o fato de ter passado despercebida às nossas tribus uma fonte natural abundante, mesmo nas florestas marginais relativamente pobres em flores, fonte que, na Polinésia por exemplo, era amplamente aproveitada. E' que nem os homens, nem as mulheres se enfeitavam com flores. A única pergunta que, quanto me lembro, Antônio me dirigiu em Cuiabá por iniciativa própria, foi esta: "Por que as mulheres usam flores no cabelo?" Nem de longe lhe viera a idéia de que isso se fazia para ornar-se com variadas côres. Não, as penas multicores de papagaio só mais tarde tiveram função de adorno colorido. Primeiro atuou o prazer da caça ou da vida dos animais e o desejo de ostentar habilidades de caçador, e só depois se atentou para o prazer dos sentidos.

Registrei no meu diário todos os casos de pintura do corpo e pude constatar que ainda hoje se podem distinguir duas modalidades. Aquela de que nos lembramos primeiro e que visa embelezar o corpo, era a mais rara e apresentava um caráter distintivo bastante infalível. Êste sinal era a forma de desenho, quer simples, quer cheio, que o adorno tomava. E' necessário fazer uma distinção entre a untura e a pintura. Na untura prevalece o útil; na pintura ou aplicação de desenhos, o belo. O prazer das côres existe em ambos os casos, mas em grau secundário. E' até exagerado o efeito que atribuímos ao vermelho de urucú. Se fôsse apreciado tão universalmente, tôdas as tribus o poderiam ter utilizado. Quem vive na pátria dos papagaios, que fornecem enfeites tão pomposos, não precisa recorrer à fuligem ou ao urucú côr de tijôlo. Contemplem-se no museu etnográfico de Berlim aquêles magníficos adornos de plumas da América do Sul tropical, e compare-se-lhes o que de mais belo e colorido consegue produzir a técnica moderna — que por certo não é pouco, — e ver-se-á que a natureza ainda pode aceitar o desafio. E evidentemente as suas

pomposas plumagens vencem aquêlê modesto tricolor preto, branco e vermelho que aos índios fornecem o carvão, a argila e o urucureiro.

O índio nunca se serve do branco para pintar o corpo. O leitor me dirá: “E’ porquê acha que o branco não lhe fica bem”. Esta observação sem dúvida tem sua razão de ser. As nossas pérolas brancas eram menos apreciadas que as vermelhas, e a ambas eram preferidas as azues, que contrastavam melhor com a côr de sua pele. E’ verdade que se poderia objetar serem as distinções feitas logo à primeira vista, e antes que o índio visse as pérolas sôbre seu corpo. Pois bem, concedamos que o vermelho lhe agradasse mais do que o branco, e o azul mais do que as outras côres, não pela sua raridade mas unicamente pelo seu gôsto. Com isso, porém, ainda não está explicada a razão pela qual se abstinha completamente do branco; só se compreenderia uma aplicação menos abundante, e não se entenderia de modo algum por que havia de deixar de empregá-lo, ainda que apenas para melhor realçar outras côres. Pois não são lindíssimas as toucas de plumas, de côr bem branca, com poucas penas amarelo-vermelhas de pequeno tamanho?

Para a aplicação de desenhos no corpo não se presta a argila gredosa e finamente granulosa. Misturada com óleo amarelado à maneira do carvão, poderia ser aplicada em forma de linhas, mas perderia a côr branca. Misturada simplesmente com água, as linhas seriam muito pouco duráveis, caíndo em sua maioria ao secarem. Nas máscaras o branco só forma o fundo, ou aparece, nas menos artísticas, em listas largas. Mas se o aborígene usasse as tintas principalmente por causa do efeito das côres, poder-se-ia embelezar também facilmente com o branco, empoando-se largamente com a argila. São brancas como giz as coxas das fiandeiras; a farinha que muitas vêzes cobre as mulheres que fazem beijús, estaria à disposição do aborígene. Mas nem a assadeira polvilhada, nem o índio largamente besuntado de vermelho ou preto, se apresentam assim para parecerem mais bonitos. E’ a vestimenta dos dias úteis, e não roupa de domingo.

A questão é a seguinte: qual é então a utilidade da untura? Como é sabido, e como muito bem me ensinou a experiência pessoal das longas marchas de pés descalços, o barro refresca; no calor é extremamente agradável conservar a pele úmida. O barro refresca sobretudo os lugares atingidos por picadas e protege-os contra os mosquitos, seja vermelho ou amarelo, preto ou branco. Não posso acreditar que o homem, depois de vadear pelo lôdo das beiras, se considerasse muito embelezado com isso. Em outro terreno, em que as côres das argilas são menos variadas, tal-

vez se dê coisa diferente. Naquela região em todo caso a proteção da pele predomina sobre o prazer dos olhos. O índio substituiu o barro pelo óleo. Mas para tornar este mais consistente e pegajoso, juntou-lhe um ingrediente finamente pulverulento. Este ingrediente é uma tinta: fuligem ou vermelho de urucú. Certamente o vermelho agrada mais aos Bakairí, pois não precisariam de cuidar e tratar do urucureiro, se a fuligem lhes parecesse igualmente bonita. E no interior deste limite a untura também representa uma ornamentação. Com tinta de óleo, preta ou vermelha conforme o caso, unta-se o aborígene para conservar a pele agradável e macia no calor, e para que os mosquitos e moscardos que vierem pousar-lhes sobre o corpo, fiquem presos e pereçam. Não sai para a caça sem que a esposa dedicada o tenha untado, sobretudo no peito e no dorso, com tinta de óleo; leva consigo na canoa, como observámos nos que nos acompanharam, a pequena cuia com óleo, para renovar o revestimento durante a viagem; e de manhã unta os companheiros, que fazem outro tanto com elle. Depois de um dia de remo, o dorso assim besuntado está salpicado de inúmeros cadáveres pequenos e pretos que rapidamente se removem mediante um banho nas águas do rio. Entre os Mehiakú vi também muitas mulheres com todo o corpo enegrecido de carvão sêco; dedicavam-se ao seu trabalho habitual e não davam absolutamente a impressão de terem tido a intenção de se embelezarem. Infelizmente não posso dizer qual a finalidade da fricção, que supponho simples medida higiênica.

Não quero afirmar que haja uma distinção rigorosa entre a untura e a pintura ou aplicação de desenhos. Dá-se com isso a mesma coisa que com a indumentária. A roupa de trabalho difere dos trajes de festa. Mesmo, tornando-os mais bonitos por meio de fazendas melhores, de cores mais vivas e de um corte especial, não será de concluir-se que a vestimenta na sua origem tenha servido tão somente de ornato.

A tinta oleaginosa é de fato a indumentária do índio, com as propriedades que a tornam adequada a essa função. Sua finalidade própria e primária está na proteção, não contra o frio, mas contra o calor, contra a pele áspera e certos insultos externos. O aborígene só possui um indumento, mais facilmente dispensável do que o nosso, e que também não possui a propriedade secundária de encobrir o corpo. Por isso não nasceu no índio o pudor, que nós temos. Assim como o aspecto de nossas roupas, o da tinta oleaginosa está sujeito às variações do gosto. O mesmo, creio, terá ocorrido outrora com o barro de que se serviu. Assim como entre nós há pessoas que, mais do que outras, fazem influir sobre suas roupas de trabalho o seu gosto pela elegância, também

o índio vaidoso, como o bakairí Luchu, aplica na coxa, numa hora de lazer, uma linha sinuosa margeada de pontinhos. É assim como entre nós as pessoas simples no domingo se enfeitam discretamente o índio modesto se contenta, na comemoração de um acontecimento alegre, com a pintura da testa e do nariz ou das panturrilhas, em vez de se ornar com um desenho. Mas se me parece em geral claramente evidente que a untura tem finalidade prática e que a aplicação de desenhos visa o embelezamento, concluo que as tintas não serviram originariamente para enfeitar. Esta afirmação é apoiada também pelo fato de que, mesmo hoje, só se pode atribuir um valor secundário à cor da tinta empregada; desdenham o branco por completo, não fazem distinção considerável entre o vermelho e o preto, e poderiam enfeitar-se com muito mais eficiência, se recorressem às plumagens. Também a evolução do vocabulário das cores confirma esta asserção, como adiante veremos.

Não precisarei realçar em especial que entre os fins considerados úteis da untura, não faltou o contingente medical, o qual por sua vez lhe favoreceu o uso. Ao falar de sarjador, terei de mencionar um caso característico e muito habitual. Moritona, o grande pagé e médico dos Yaulapiti, ao besuntar o peito todo com o resto da nossa sopa de ervilhas, certamente não o fez no intuito de enfeitar-se com uma cor bonita.

Os desenhos eram variados. Traços simples feitos com o dedo, listas bem visíveis por exemplo, dos olhos às orelhas, ou a ornamentação do Moritona há pouco mencionado: uma lista larga do nariz ao umbigo, listas acompanhando os contornos das homoplatas, pontos no peito e nos braços, linhas sinuosas ao longo das coxas, arcos salpicados transversalmente sobre o peito, um zigzague descendo pelo dorso e pelas pernas, etc. Em parte tratava-se de acompanhamento e cruzamento manifestos dos contornos anatômicos, e em parte de imitações dos modelos encontrados no pêlo de animais. Mas tudo dependia do gosto do indivíduo; não havia desenhos peculiares a esta ou aquela tribu. A pintura completa de certas partes do corpo, como da testa e do nariz, talvez possa ser considerada como transição para a untura habitual de regiões maiores. As faixas de algodão que contornavam o braço ou a perna ofereciam um motivo bastante apreciado. No Bakairí Kulekule, que gostava muito de mim, observei certo dia debaixo de cada mamilo um arco preto em forma de ferradura. Quando lhe perguntei por simples brincadeira pela significação do desenho, mostrou, surpreendendo-me, as minhas botas, que lhe agradavam. Copiara os saltos. Pareceu-me uma verdadeira obra de arte a pintura de um jovem Auetö, festivamente ornamentado para nos acompanhar até Cuiabá, como lhe ordenara o pai, mas que, a-pesar-

do pote de farinha que recebera para a viagem, nos abandonou, quando ainda nos encontrávamos na aldeia dos Mehinakú. O desenho de losangos do mereschú, de que em outro capítulo tratarei mais detalhadamente, cobria o peito e os lados, descendo até meia altura das panturrilhas; a metade inferior do rosto e o pescoço, lateralmente da orelha à clavícula, cobriam-se de um negro profundo. A ornamentação com desenhos era feita sobretudo nas recepções festivas ou, como entre os Nahuquá, por ocasião das danças. Na vida quotidiana quase não se viam estes ornatos, como também não se viam os enfeites de plumas. Quando aparecí na primeira aldeia bakairí com os companheiros de Independência, os habitantes, inclusive as mulheres, receberam-nos quase todos de corpo pintado; os netinhos de Tumayaua tinham-se cuidadosamente coberto de borrões, e Tumayaua disse-me expressamente que as mulheres queriam demonstrar a sua alegria.

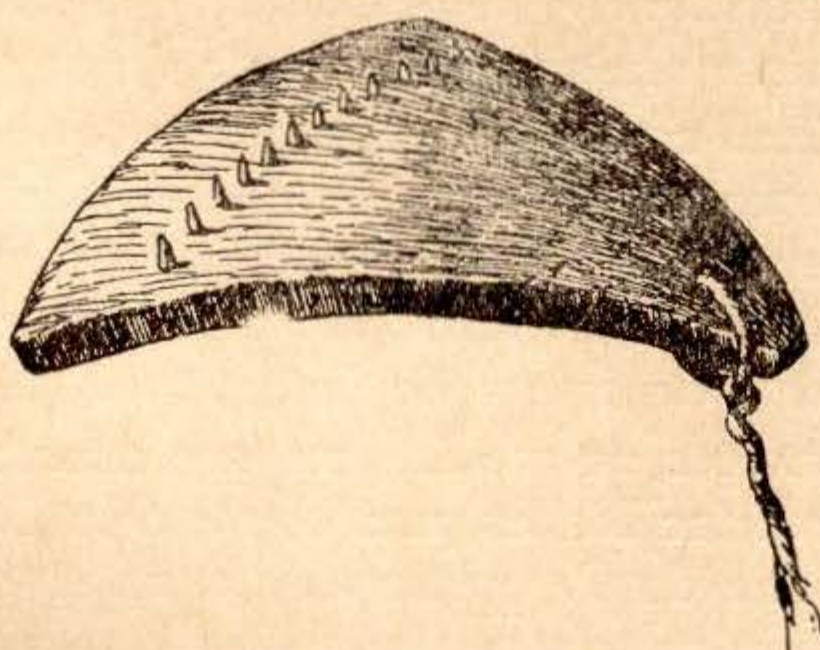


Fig. 15 — Sarjador

Sarjaduras. As sarjaduras na pele constituem uma espécie de remédio universal. Aplicam-se sem distinção, em tôdas as tribus, nos velhos e nos moços. Arranha-se a pele com o sarjador, um pedaço triangular de cuia provido de uma série de agudos dentinhos de peixe (*traíra*) ou unhas de roedores (*aguti*), e deixa-se escorrer o sangue por algum tempo, o que é facilitado, esfregando com um osso a ferida que em seguida é friccionada com barro amarelo, com fuligem ou com o sumo de uma fruta (*natutsán* entre os Auetö). Em tôdas as tribus veem-se sarjaduras, principalmente no braço. As cicatrizes ornamentais propriamente ditas faltam por completo, o que concorda com a afirmação de Joest, segundo o qual estas cicatrizes se limitam aos povos de pigmentação escura. Afim de adquirir uma boa vista e um braço forte para o manejo do arco da flecha, sarjam-se o rosto e o braço dos me-

ninos. Observei bons resultados com a applicação do sarjador num pé muito inchado. O processo é baunscheidtismo puro, sendo também qualificado expressamente como tratamento médico. E' evidente que em muitos casos diminue a tensão e a inflamação realmente é aliviada. Não é menos evidente a origem do tratamento, pois ao ser picado por algum inseto, se coçam até o sangue escorrer e parar a dôr ou a comichão; trata-se de eliminar o que de nocivo tenha penetrado debaixo da pele. Não é tão pouco duvidoso o motivo por que se fricciona a sarjadura com fuligem ou barro; não há intenção de embelezamento, visa-se apenas elevar ou atenuar convenientemente a excitação, e estancar o sangue. Para este último fim empregava-se também cinza.

Foi assim que o aborígene dessas paragens chegou à tatuagem sem inventá-la. Observei freqüentemente sarjaduras coloridas, constituindo verdadeira, se bem que involuntária, tatuagem, em tribus que absolutamente não se dedicavam a tal arte. Entretanto, não se pode ver nisso um simples produto do acaso, pois o hábito da sarjadura medical necessariamente devia provocar o fenômeno secundário da coloração. A idéia de sua utilização para êsse fim determinado nasceu mais tarde. Também a tatuagem constitue finalmente um método de expansão artística e um meio de caracterização aplicado na pele isenta de indumento. E' muito natural a tatuagem desaparecer na medida em que aparece a vestimenta, que fornece maiores facilidades para os mesmos fins. Felipe, Bakairí manso da aldeia do Paranatinga, tenente da milícia brasileira e possuidor de uma patente e de um velho uniforme agalado, visitara com Antônio, depois de nossa primeira expedição, os irmãos de tribu recontrados. Contou-me que o aconselharam a procurar os Kustenaú para que o tatuassem. "Mas não quis", disse-me êle, "pois tenho os meus galões".

A tatuagem limita-se às tribus de Nu-Aruak, portanto aos Mehinakú, Kustenaú, Waurá e Yaulapiti, — tribus em que se salienta o hábito de enegrecerem a pele, e que, por conseguinte, puderam melhor observar a coloração das sarjaduras, e ocorre às vêzes também entre os Bakairí vizinhos. E' executada, já na primeira infância, com o espinho de uma bromélia, gravatá, ou com o dente do peixe-cão. Como tinta emprega-se a fuligem ou o suco da fruta tarumá.

Uma única vez vimos uma tatuagem artística; era a de um cacique mehinakú que ostentava em cada lado do peito o losango do peixe mereschú; do ângulo superior e exterior do losango

subia ainda uma linha dupla até ao ombro. Ao enumerar orgulhoso as tribus que o conheciam, apontava cada vez para um canto do losango. Sirvo-me também dêste pequeno traço humorístico a favor da minha opinião de que aquilo que os povos primitivos fazem com a pele, corresponde, *mutatis mutandis*, ao que nós fazemos com o indumento. O Mehinakú conta pelos cantos de sua tatuagem; nós, pelos botões de nosso colete. A tatuagem dos homens era constituída por linhas simples ou duplas, acompanhando os contornos internos das homoplatas, ora em forma de ângulos obtusos ou quase retos, com o vértice dirigido para a coluna vertebral, ora em forma de arcos — um desenho que passou para a arte dos Mehinakú e que aparece externamente sobre o fundo dos vasos grandes (v. prancha 15). As mulheres tinham no braço, em torno do pulso ou na coxa, duas ou três linhas em arco, que circundavam a parte anterior do membro, representando, por conseguinte, semi-círculos.

Em geral a tatuagem não ultrapassou o limite das linhas simples, traindo ainda a sua origem como sarjaduras tôscas feitas com dentes de peixe. Neste sentido também é notável a fig. 16 de uma mulher kamayurá que, embora só sarjada para fins médicos, parece estar tatuada. Os Kamauyrá não se tatuavam; entretanto as mãos e os braços eram muitas vezes cerradamente pautados com sarjaduras.

Mas a tatuagem já se empregava como sinal distintivo. Servia para caracterizar homens e mulheres das famílias dos caciques, que não tinham, como o Bakairí Felipe, a possibilidade de usar galões. Já as crianças de pouca idade ostentavam o sinal. Nesses casos a tatuagem constitue, portanto, um caráter distintivo interior da tribo, o qual, porém, com o decorrer do tempo, sofre a generalização a que está sujeito todo distintivo de graduação. Alguns aristocratas bakairí e nahuquá já manifestavam o desejo de se candidatarem ao distintivo de outra tribo. Os Nahuquá tinham várias mulheres mehinakú com tatuagem. Encontrei entre eles um Kamayurá que estava de visita; exhibia — naturalmente pintadas, não tatuadas — as duas linhas da tatuagem das mulheres mehinakú. Creio — mas não posso afirmar nem provar — que isso se relaciona com o sistema do matriarcado. Segundo a concepção indígena os filhos pertencem à tribo da mãe, sendo sempre bem recebidos na aldeia materna. O certo é que nas mulheres mehinakú, bem como nos potes de fabricação mehinakú, se via a marca de origem.

II — SEXUÁLIA

Os dispositivos empregados pelos homens e pelas mulheres não se destinam a encobrir as partes pudendas. Proteção da mucosa e sua vantagem no início da puberdade.

Nas mulheres originaram-se, porém, da atadura ou pelota, nos homens de um tratamento gínástico da fimose.

Êsses aborígenes não ocultam parte alguma do corpo. Gracejam, por palavras e desenhos, com tal naturalidade, a respeito dos órgãos da reprodução, que seria tolice atribuir-lhes alguma malícia. Invejam as nossas roupas, que consideram adorno precioso e que vestem e usam na nossa presença com tão completa inobservância das regras mais simples e com tanta falta de atenção para os dispositivos a estas destinados, que à primeira vista se evidencia a sua ingenuidade paradisíaca. Algumas tribus celebram o início da puberdade de ambos os sexos com grandes festas públicas, nas quais a atenção e o interesse de todos se voltam demonstrativamente para as "private parts". Um homem, para indicar ao estrangeiro que é pai de outro, ou a mulher, para apresentar-se como mãe, confessam-se formal e orgulhosamente seus progenitores, ilustrando a afirmação pelo gesto mais natural do mundo de tocar nos órgãos de que emana a vida.

E', pois, impossível compreender êsses homens sem abstrairmos dos nossos conceitos o "indumento", sem considerá-los como são e com o caráter particular que manifestam. Baseando-nos no fato de terem o corpo unicamente vestido com sua pele natural sem o invólucro de tecido algum, devemos indagar antes de tudo, se a pele — ao contacto com o ambiente a que está exposta — pode ser influenciada pelas modificações da vida sexual. E devemos, em todo caso, encarar a questão com a naturalidade do médico, e não com a mentalidade de um homem civilizado obrigado a despir-se de um momento para outro. Começemos por uma descrição geral dos vários métodos empregados pelas diferentes tribus no tratamento das partes pudendas a partir — e não antes — da puberdade. Não se referem nunca às crianças.

Os homens das tribus do Kulisehu, com exceção dos Trumaí, nada oferecem de especial, à primeira vista. O pelo da região pudenda é arrancado; usam somente, em torno da cintura

um cordel constituído por um fio de algodão, no qual às vezes são enxertados pedacinhos de cálamo, sementes perfuradas ou partículas muito pequenas de conchas de caracol, mas geralmente de forma a ficar livre a maior parte do cordel. Vejam-se as fotografias, p. ex. prancha 14: observe-se o cordel da cintura, sem exceção em todos os homens. Frequentemente usam um feixe de fios em vez do fio simples, como se vê, p. ex., num Nahuquá da prancha n.º 4 (10), e na figura do Bakairí Luchú, prancha 6. Precisamente neste jovem, que pouco antes entrara na idade viril, pude verificar a finalidade do cordel da cintura, que aqui nos interessa. Até então eu considerára o fio e o feixe de algodão como um cordel, muitas vezes enfeitado, que substituísse o bôlso, ou como material para amarrar que estivesse sempre à mão; mas, na realidade, os utensílios leves, como conchas ou dentaduras de peixe, pente ou facas, recebidos de nós, não se carregavam no cordel da cintura, porém, no peito ou nas costas, por meio de um barbante em torno do pescoço. Além disso as mulheres, tão diligentes, não tinham o cordel da cintura. Os meninos de pouca idade na maior parte já o usavam, mas sempre com algumas missangas.

O cordel da cintura serve para alongar o prepúcio. Encosta-se o penis no abdomen, colocando-o debaixo do cordel de forma que a parte superior do prepúcio fique apertada. Acconselha-se o rapaz a fazer isso logo que se verificam as primeiras ereções. Ele se esforça por manter o processo durante vários dias, e remove o pêlo, que o incomoda.

Os Trumaí empregavam um método singular, que, como se relata, também foi observado em outras tribus brasileiras. Atavam o prepúcio diante da glândula com fio de algodão geralmente tinto com urucú. A extremidade anterior do penis assemelhava-se a uma ponta de chouriço. Conseguem assim permanentemente aquilo que os outros só alcançavam transitòriamente com o cordel da cintura. Infelizmente não os pudemos observar em circunstâncias normais, na sua vida de aldeia. Quando os encontramos na proximidade dos Auetö, fugindo dos Suyá, não vimos o fio curioso em todos os homens; naqueles que não o tinham, podia-se entretanto reconhecer no prepúcio a marca proveniente do seu uso. Não é impossível que se envergonhassem um pouco dos Auetö. Em todo caso, quando falávamos sobre os Trumaí com as outras tribus, estas divertiam-se sempre extraordinariamente com o fio de algodão, de que caçoavam e que lhes parecia tão cômico quanto a nós. Contudo encontramos o grupo a sós; su-

(10) — O Nahuquá da esquerda está sem o cordel da cintura, porquê o adquirimos momentos antes de se tirar a fotografia.

ponho, por isso, que a razão principal era desleixo, muito natural na situação em que se achavam. Notámos igualmente que o fio faltava principalmente em indivíduos idosos, como também eram os velhos que mais negligenciavam a tonsura. Nos velhos que usavam o fio, êste assentava diretamente sôbre o escroto — mesmo quando os contornos do penis haviam desaparecido por completo — de modo que só se via uma bolsinha amarrada. E o aspecto também não diferia muito, quando faltava o fio.

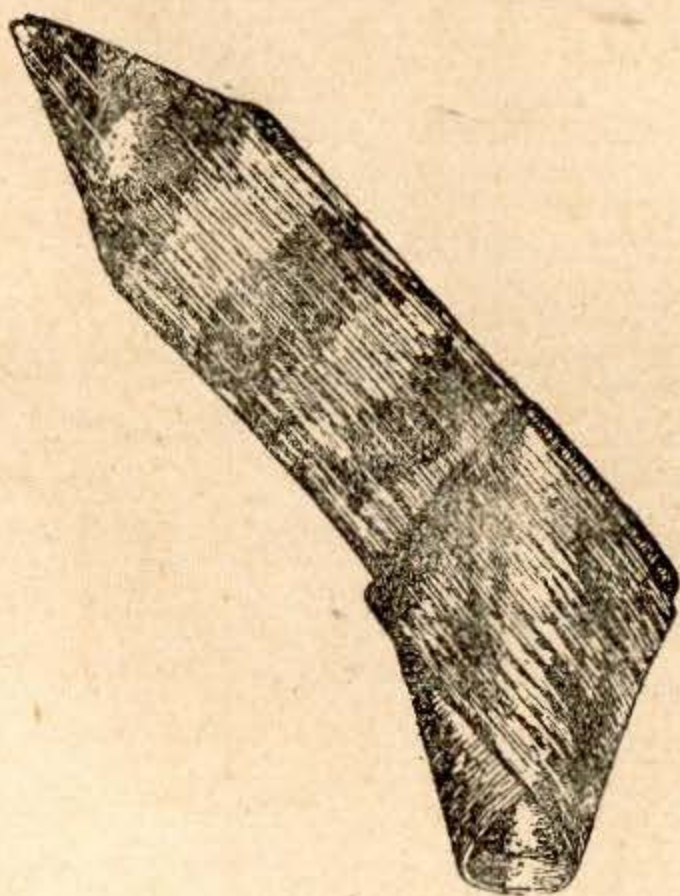


Fig. 17 — Laço peniano dos Borôro

Êsse resultado da violência contínua era produzido em igual grau pelo laço do penis ou bainha de palha, que não se usava em nenhuma das tribus do Kulisehu, mas que não obstante desejo mencionar aquí. Vimos esta bainha — conhecida também em outras partes do Brasil — entre os Yuruna, os habitantes do curso médio e inferior que não têm relação com os da nascente e, em formato maior, entre os Borôro do sul do Mato Grosso. Enrola-se e dobra-se, como mostra a figura, uma lista amarela e bastante frágil, de fôlha de palmeira, de maneira a formar um punho afunilado. O prolongamento que na figura está dirigido para a esquerda, não constitue parte essencial do nó do penis; essa bandeirola, provida de desenhos vermelhos, só a acompanhava por ocasião de alguma festa. O efeito da bainha coincide com o do fio de algodão. O prepúcio passa de tal forma pelo funil, que o estreitamento dêste ainda lhe constrange uma pequena parte; vejam-se a figura de frontespício e a prancha 27. Também com êste método o resto do penis desaparece quase sempre no interior do

escroto, mas a vantagem da bainha rija sôbre o fio é que entalha menos a pele. O laço representa, em face do fio, um melhoramento e um progresso para o belo. Suponho ter-se usado inicialmente o cordel da cintura; uns aproveitaram pedaços do mesmo para atar o prepúcio, enquanto os outros se contetaram em apertá-lo. Aquêles passaram em parte ao uso do laço, mais suave e mais bonito, conservando, porém, ao mesmo tempo o cordel para fins utilitários ou ornamentais. Os Borôro usam o cordel juntamente com o laço, ao passo que entre os Yuruna, que igualmente têm a bainha, aquêle se transformou numa larga cinta de pérolas. Waehneldt, referindo-se aos Borôro da nascente do Paraguai, relata o fato (1863) de não usarem o laço, mas o fio: “Os homens só atam a glândula por meio de um fino fio de entrecasca em tórno da cintura, para se protegerem contra os insetos e não serem estorvados quando correm”.

Todos êstes métodos, com suas insignificantes variações, têm o fim comum de encobrir a glândula, quer alongando simplesmente o prepúcio, quer amarrando-o além disso, ou mesmo cercando-o com uma bainha de palha.

Quanto às mulheres, já mencionei que tôdas removem os pêlos da região pudenda.

As mulheres suyá, que se ornavam com colares e que levavam no pavilhão da orelha perfurado grossas faixas de fôlhas de palmeira enroladas em forma de trena, andavam completamente nuas.

As mulheres trumaí usavam uma cinta macia, cinzento-clara e feita de entrecasca torcida em forma de corda, de modo que quase não encobria nada, o que certamente também não se tinha em vista, pois que neste caso a teriam feito mais larga. Enrolavam um pouco a extremidade de uma tira de entrecasca estreitamente dobrada, apertavam o rolinho assim obtido contra o ângulo inferior do púbis, retorciam algumas vêzes com a outra mão a tira livre, passavam-na entre as pernas para trás e para cima, voltavam para a frente até ao rolinho, que apertavam com a lista distendida transversalmente e passavam-na outra vez — pelo outro quadril — para o dorso, onde entrelaçavam e atavam a extremidade livre.

As mulheres borôro tinham igualmente a cinta macia e cinzenta de entrecasca, que durante a menstruação substituíam por outra de côr preta. Prendiam-na, porém, num cordel de cintura. Tendo uma largura de 3-4 dedos na frente, onde se entrelaçava no cordel, essa cinta, estreitando-se pouco a pouco, corria, sôbre a vulva e o períneo, para o dorso, onde era amarrada novamente

ao cordel. Em vez dêste, tinham às vêzes em tôrno da cintura uma larga e bem apertada faixa de entrecasca. V. fig. 109. Borôro mãe e filha.

As mulheres dos Caraíbas, tribus de Nu-Aruak e de Tupí da nascente do Xingú, usavam tôdas o pedacinho triangular de entrecasca rija, que — para simplificar — chamarei de “uluri”, nome que lhe cabe em bakairí. Fazem-se os uluris, dobrando pela diagonal um pedaço quadrado de material bastante duro e rijo. Os bordos dos dois triângulos elásticos assim obtidos são dobrados para dentro, afim de não ficarem cortantes. O uluri assenta bem em baixo, sôbre o ângulo do púbis; o vértice inferior do triângulo prolonga-se numa lista perineal de cêrca de 4 mm. de largura, feita de entrecasca dura; de cada um dos dois cantos superiores parte um fino cordel de fibra, que, passando pela curvatura inguinal e circundando a coxa, é unido atrás com a estreita lista perineal que, partindo da ponte inferior do triângulo, lhe vem ao encontro. O tamanho dos uluris varia. Os maiores medem 7 cm. na base, tendo 3 cm. de altura; em geral, porém, sobretudo nos indivíduos mais jovens, são muito menores. Cobrem justamente o início da vulva, onde assentam firmemente. O introito vaginal não é atingido pelo triângulo, mas fechado ou pelo menos retido para dentro pela pressão geral da frente para trás, porquê a lista perineal, alojada na vulva entre os lábios grandes livres, é bem têsá.

Os uluris são feitos com muito capricho, tendo, quando novos, aspecto realmente bonito. Tôda a sua construção é tão bem meditada, e todo o trabalho — principalmente a fixação dos cordéis inguinais e da lista perineal, que são costurados nos triângulos — tão bem feito, que não se pode classificá-los como produto primitivo.

Os diferentes métodos das mulheres têm por fim comum a oclusão, não a ocultação. Retém as porções mucosas, como os homens impedem que a glande fique exposta. A retenção da mucosa é o efeito mecânico comum a todos os processos de ambos os sexos. O uluri consegue-a por uma ocultação tão diminuta, que mais parece evitada do que desejada. A mucosa, retida nos homens atrás do prepúcio e nas mulheres atrás dos grandes lábios, é resguardada do ambiente em geral, e, com isso, sem dúvida também dos olhares de outrem.

E', pois, certo que só por brincadeira se podem chamar a êsses dispositivos de “vestimentas” destinadas principalmente a servir ao recato. Não disfarçavam a excitação sexual, que também não era dissimulada, pelo menos entre os homens borôro.

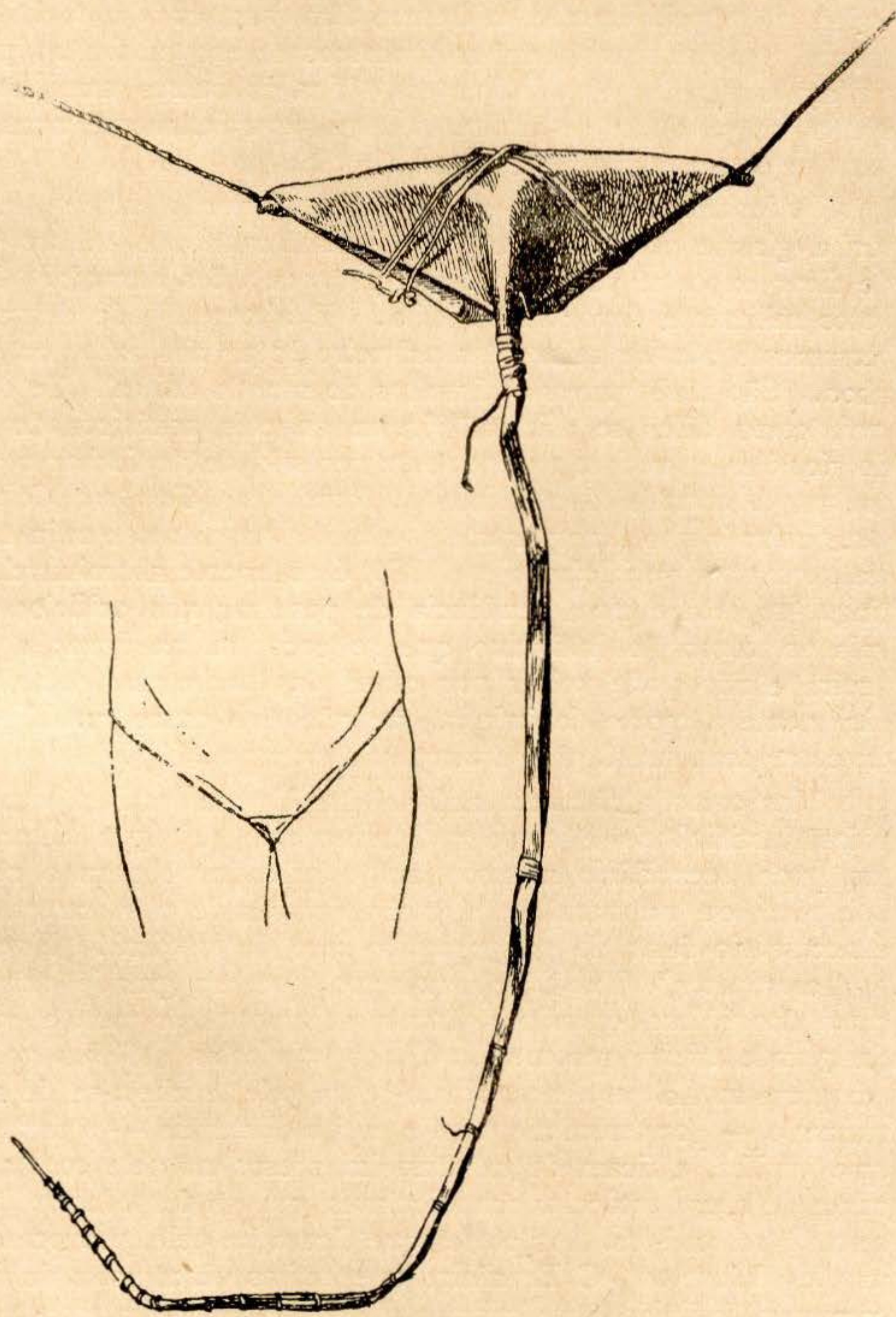


Fig. 18 — Uluri.

Muitos certamente estarão apegados à idéia de que tanto o estado moral como êsses “restos de um indumento antigo” resultam de uma degeneração, admitindo, portanto, que no passado, os aborígenes ocuparam um grau mais elevado de cultura. Esta concepção não concorda, porém, com a variedade de processos que visam

todos, pronunciadamente, o mesmo fim, nem com a perfeita harmonia com que êstes mesmos processos se enquadram no grau de cultura revelado pelos índios em tôdas as outras manifestações. Na nossa presença as mulheres suyá, completamente nuas, lavavam as partes sexuais nas águas do rio.

Poderia nos homens adolescentes nascer o desejo de manter a glândula resguardada, que continuamente se vê em perigo de ficar exposta, pelas ereções e pelas relações sexuais? Muitos fatos militam a favor desta idéia. É a necessidade de proteção certamente não se refere em primeiro lugar aos arbustos e espinhos. São mais graves os insultos do mundo animal. Se os Trumaí, como dêles se afirma, fôsem animais aquáticos do fundo do rio, êles se veriam na premente necessidade de fechar o orifício uretral à entrada dos peixinhos kandirús (*Cetopsis Candiru*). Êste animalzinho transparente que mede um palmo e cuja existência no Batoví verificámos em 1884, é realmente abominável. Distingue-se pela curiosa tendência de penetrar nos orifícios acessíveis do corpo do indivíduo que se encontra na água; entra na uretra e não pode voltar por causa das barbatanas, ocasionando facilmente a morte do infeliz, que não tem outro remédio senão executar com sua faca a uretrotomia externa (11).

Mas como a natureza anfíbia dos Trumaí está sujeita a dúvidas justificáveis e como a permanência na água desempenha um papel secundário mesmo para o pescador e para o remador que puxa ou empurra a sua canoa através de uma catarata, não é necessário falar do perigo muito raro do kandirú. Entretanto os "carrapatos" (Ixodidae) molestos, que em grande quantidade caem das fôlhas, quando se atravessa a mata, tornam a proteção da glândula muito recomendável aos selvícolas. Êsses parasitas, em parte muito pequenos, fixam-se na pele, enchem-se de sangue, tomando — por terem as paredes muito dilatáveis — o tamanho de uma ervilha, e ficam de tal maneira presos na pele com a ponta curva de seus tentáculos mandibulares, que se despedaçam, quando se quer removê-los. As partes que ficam na pele, provocam inflamações dolorosas. O Brasileiro que muitas vêzes volta da floresta com uma infinidade de carrapatos, despe-se imediatamente, sacudindo a camisa e a calça sobre a fogueira do acampamento, e quando um dos parasitas se cravou na glândula, costuma chegar a êle, na medida que o permite a própria sensibilidade, o cigarro

(11) — Justifica-se, pois, o mêdo que os Brasileiros têm dêsse peixinho em si inofensivo. Êste pavor caracteriza-se muito bem pelo exagêro com que um oficial nô-lo pintou com a maior seriedade, dizendo-nos que nas águas perto de Vila Cáceres o kandirú é tão maligno e tão obstinado na sua paixão que, quando alguém da praia satisfaz uma necessidade, êle imediatamente penetra no jacto d'água.



Independência — Cozinha

2405

aceso, para que o bichinho, importunado pelo calor, se retire voluntariamente, deixando a mucosa sem ser despedaçado. Nós todos tivemos que aplicar algumas vezes este método a-pesar-das nossas roupas, e antes de obtido o resultado a situação era sempre extremamente desagradável. Creio também que o modo de proteção empregado pelos índios é mais eficiente que a roupa que envolve o corpo.

Qualquer viajante que na selva brasileira alguma vez tenha sentado no chão, conhece muito bem a infinidade de insetos que, além dos carrapatos, podem incomodar o selvícola sul-americano, picando-o, mordendo-o, sugando-lhe o sangue e molestando-o de outra forma. Um exemplo frisante para ilustrar este inconveniente está no fato de ter sido o habitante das florestas tropicais sul-americanas quem inventou a maca (rêde), que também em francês e inglês ainda hoje é designada com a palavra nu-aruaik "*amáka*". É certamente não foi só o solo úmido da hilaca que lhe impôs a invenção. Com prudência o índio costuma sentar-se em posição acocorada, diminuindo assim um pouco o perigo de tais ataques. As mulheres, quando — ao rasparem mandioca ou fazerem outro serviço do mesmo gênero, que seria incômodo em posição acocorada, — se sentam no chão, usam debaixo das nádegas, mesmo no interior da casa, onde há muitíssimas formigas, algumas tiras de bambú fixas umas nas outras. Por causa dos trabalhos domésticos estão menos acostumadas à posição de cócoras do que os homens, por conseguinte, também menos resguardadas. Na fig. 19 um grupo de Bakairí da segunda aldeia demonstra muito bem as posições acocorada e sentada, características dos dois sexos.

Também nas mulheres, caso os seus métodos o visem, o fim da proteção da mucosa é plenamente conseguido, muito mais do que o de ocultar as partes pudendas. Supondo-se a intenção de proteger a mucosa, deve-se admitir além disso que pela vida sexual a necessidade desta proteção pelo menos se elevou, pois que na mulher jovem a mucosa se tornou mais acessível, turgescendo no estado da gravidez e afrouxando em consequência dos partos.

Dadas as circunstâncias ambientais, seria efetivamente errado duvidar de que os métodos acima descritos pudessem proteger os adultos de ambos os sexos contra insultos externos, e que houvesse ocasiões em que deviam ser úteis neste sentido. Seria também natural que a êles se submetesse convenientemente a juventude já no início da puberdade, quando rapazes e meninas começam a trabalhar com os adultos. Todavia esta explicação não pode ser suficiente. Pois a importância e o uso constante dos dispositivos está em desproporção com o conceito de aparelhos protetores.

Por que não eram tirados mais freqüentemente, sobretudo de noite na rêde? Por que os jovens faziam com tal cuidado o alongamento do prepúcio? Por que se dava tanta importância à ocasião em que se punha pela primeira vez o uluri ou o laço do penis? As relações com a vida sexual devem ser diretas, e não somente indiretas.

Para o sexo feminino a questão não oferece dificuldade. Súbitamente se manifestam hemorragias, o que equivale a uma doença. O tratamento médico — extremamente supérfluo — da menina na menstruação, tratamento que vigora na maioria das tribus e que consiste em isolamento, defumação, dieta, incisões e aplicações dos outros recursos contra os inimigos invisíveis, prova que primitivamente o índios pensou assim. Tirava-se cuidadosamente o pêlo e colocava-se uma atadura, a cinta de entrecasca, ou uma pelota: o uluri. Nas mulheres trumaí a cinta de entrecasca — uma combinação de atadura e pelota — está torcida à maneira de corda; nas que usavam o uluri, a lista estreita se distendia sobre o períneo. Em ambos os casos verifica-se uma resistência exercida contra a comissura do púbis, no primeiro pelo rolinho, no segundo pelo triângulo elástico. Vê-se que o processo não é produto do asseio, mas do empenho médico de evitar a perda de sangue. Evidentemente não se trata, pois, de invenções do recato, como tangas ou semelhantes indumentos soltos.

Para os homens a explicação não é tão fácil. Também aqui procurou-se ressaltar qualquer relação primária casual com o sentimento de pudor. Expressiu-se a opinião de que o aborígene sentiu unicamente vergonha de expor a glândula aos olhares de outrem, ocultando-a exclusivamente por isso. Infelizmente não observei nada que permitisse resolver diretamente a questão. Vi que os índios não se envergonhavam, quando nos davam as peças, ou quando as tiravam ocasionalmente. Um bom número de Trumaí nem usava o fio de algodão; todavia o penis estava sempre tão retraído e a pele tão enrugada, que a glândula ficava completamente encoberta. Creio até — talvez porquê eu mesmo, na falta de material positivo, vejo o problema com olhos de homem civilizado — que sentiriam vergonha de expor a glândula à vista de outrem, principalmente à de um estrangeiro. Entretanto eu consideraria este pêlo como consequência do uso arraigado, e não como causa. Acho muito singular que um sentimento inato diga respeito só a uma pequena porção anatômica de um órgão cuja função abrange também as outras partes, e com interesse eu ouviria contar p. ex. o caso de um indivíduo que, surpreendido nu, não se tivesse servido da mão, mas só de dois dedos, para ocultar a sua

nudez. Não se deve esquecer que o fio com que se ata ou o cordel com que se aperta o prepúcio, não impedem nem dissimulam as ereções. Além disso é sabido que há circuncisos que andam ou andavam nus (12).

E com isso chegamos a um ponto que deve ser ponderado muito em especial. Devemos considerar também o tratamento contrário da glande, o de fender ou encurtar o prepúcio. A maior parte da humanidade deu preferência à circuncisão. Sou de opinião de Ploss e Andree (13), segundo a qual a circuncisão teve primitivamente a significação de um “ato operatório de preparação para a função sexual do homem”; “quer-se tornar o jovem de uma vez maduro e normal do ponto de vista sexual; é recebido assim no número dos homens púberes”. Se os nossos aborígenes se decidiram pelo método contrário, não se podem nisso ter guiado por um princípio oposto, que seria absurdo. Por outro lado pode-se, porém perguntar se o método indígena não é só aparentemente oposto, e se na realidade não tem o mesmo resultado. Não que os índios procurem ampliar a abertura; o processo constitue antes um tratamento ginástico da fimose em vez de uma operação. Não dilatam eles a pele que os outros cortam? Não arranjam espaço internamente, onde os outros o arranjam para fora? Sobretudo para o cordel da cintura, com que se aperta o prepúcio, parece estar fora de dúvida a explicação acima, pois que o cordel conservou-se em tôdas as tribus. Com o laço do penis a pele era puxada muito para a frente. Nos rapazes aparecia muitas vezes esfolada e escoriada. Quando os sapatos estão apertados, o europeu manda pô-los na fôrma; no interior do Brasil, porém, onde se compra só mercadoria importada e já confeccionada, um homem da alta sociedade pode muito bem apresentar-se com sapatos de verniz alargados por meio de alguns cortes bem visíveis. A faca está para a fôrma do sapateiro como a lasca de pedra ou o espinho para o cordel da cintura.

O Brasileiro da alta sociedade e o europeu têm em comum, neste caso, o seguinte: ambos já se envergonham mais ou menos de aparecer descalços. Talvez algum dia homens perfeitos julgarão que os sapatos foram inventados por haver no gênero humano um pêjo inato de mostrar os pés descalços.

Nem os trajes propriamente ditos, trançados de fôlha de palmeira e providos de mangas e calças, que os índios por nós visitados usam nas festas de dança, podem ser explicados pelo

(12) — Veja-se o exemplo do cacique Gôtera, R. Andre, *Ethnographische Parrallelen und Vergleiche*. Neue Folge, Leipzig 1889, pag. 202.

(13) — Idem, p. 212.

pêjo como origem do indumento. Nêles se representam externamente de forma bem visível as partes sexuais. Não posso acreditar que um recato que decididamente não existe nos índios nus, possa ser um sentimento primário em outros homens. Creio, pelo contrário, que o pudor só se desenvolveu depois de se ter começado a cobrir as partes, e que a nudez das mulheres só se ocultou aos olhares de outrem, depois que — em condições econômicas e sociais talvez apenas mais complicadas e intercâmbio mais desenvolvido — o valor da jovem dada em casamento principiou a ultrapassar aquêle que se lhe dava nas famílias grandes do Xingú. Parece-me também que, quando nos atribuímos teòricamente um pudor maior do que na realidade possuímos, dificultamos desnecessariamente a explicação.

III — CAÇA, AGRICULTURA E CULTURA DA “IDADE DA PEDRA”

Número de habitantes. Situação das aldeias. Agricultura antiquíssima unida à concepção do mundo própria aos povos caçadores. A caça e a pesca devem fornecer às tribus desconhecedoras do metal, — para as quais é inadequada a expressão “idade da pedra” — os utensílios mais importantes. *Monopólio do machado de pedra, dentes, ossos, conchas, plumas.* Enumeração das plantas úteis e distribuição pelas tribus. *Ausência da banana.* Nomes de plantas como testemunho de continua evolução. A falta de bebidas inebriantes de farinha prova que simplicidade não se identifica com degeneração. A união da caça com a agricultura possibilitada pela *divisão sexual do trabalho*. As índias criam a agricultura; inventam os vasos de barros em substituição às cabaças; os *homens assam*, as *mulheres cozinham*. A cultura do trabalho agrícola, dos vasos, da preparação da farinha, disseminada e recebida, depois de guerras, por intermédio de mulheres estranhas, sobretudo nu-aruk.

* * *

A nascente do Xingú é habitada por mais ou menos 2.500 a 3.000 pessoas. Só me foi possível uma avaliação muito superficial. Mesmo da terceira aldeia de Bakairí, quando lá chegámos, haviam fugido para o mato as raparigas e mulheres jovens. E' verdade que o mais das vêzes os fugitivos voltavam pouco a pouco, no decorrer da nossa visita; todavia nunca tínhamos certeza

de nos encontrarmos diante do número normal. Dava-se também o contrário, i. é, havia visita das aldeias vizinhas e nos víamos assim em face de um número excessivo de indivíduos. As aldeias menores eram formadas somente de duas habitações de famílias; as maiores contavam quase vinte. De uma maneira geral pode-se certamente atribuir, às diferentes aldeias conforme o tamanho, um número de 30 a 150 habitantes, às maiores até 200.

Só os Trumaí e, além de Xingú-Koblenz, os Suyá moravam à beira do rio. Eram as tribus menos pacíficas e mais agitadas; os Suyá podiam comparar-se aos lúcios num viveiro de carpas. Os outros viviam terra a dentro, tranqüilos e seguros, afastados do rio, às vezes mais de duas horas de caminho. Mas ao passo que no domínio dos Bakairí o rio ainda era estreito, desafogando-se em suas últimas cataratas, e ainda predominava, na paisagem, o campo cerrado em solo arenoso, desenvolvia-se mais abaixo uma rede densa de canais e de lagoas. Os conhecedores destas vias aquáticas emaranhadas, nas quais o estrangeiro não se conseguia orientar, trafegavam com facilidade e em muitas direções, não só de aldeia em aldeia, mas também entre a aldeia e a plantação. Finalmente um solo mais fértil remunerava melhor o trabalho.

Se procurarmos aplicar o esquema: pescadores, caçadores ou agricultores, verificamos a união destes dois modos de vida entre os selvícolas da nascente do Xingú. Entre os habitantes sedentários ribeirinhos a pesca, já por si, predominava sobre a caça de mamíferos. Aquela era importante não só para a alimentação, mas também para prover certas necessidades da técnica. Aquêles não tinham serventia, pois não se precisava de vestimenta contra o frio. Geralmente não se esfolava o mamífero morto na caça; a pele era assada, juntamente com a carne, até carbonizar-se, ficando com um gosto agradável de tostada e salgada. A caça, a não ser aquela que se fazia aos grandes galináceos e aos outros animais das matas ribeirinhas, só fornecia presas esparsas, obrigando a grandes excursões quando feita mais seriamente. Observávamos isso mais tarde entre os Borôro, que também habitavam a margem de um rio piscoso, mas entre os quais, ao contrário, sobressaía a caça aos mamíferos; ficavam durante semanas inteiras fora da aldeia, voltando com grandes quantidades de carne assada: ainda não se dedicavam à agricultura.

Quanto à cultura espiritual — e este é um ponto de grande importância — os índios do Xingú, a despeito de uma agricultura intensa, ainda viviam completamente no estado genuíno de caçadores. Pelo menos quanto aos Bakairí posso comprovar esta afirmação em toda a sua extensão. Conteí mesmo como, na aldeia,

atendiam a todo e qualquer som que vinha da mata, a todo acontecimento da vida animal, com que deparavam. Fora, no caminho do campo ou do mato, na canoa ou no acampamento noturno, o índio sempre se sentia “em caça”. Não tinha o sentimento de uma distância que o separasse do mundo animal, via só que tôdas as criaturas tinham, em essência, o mesmo comportamento que êle próprio, que tinham sua vida familiar, que se entendiam por meio de sons, que possuíam habitações, que em parte se combatiam e que se alimentavam dos produtos da caça ou de frutos. Em resumo: sentia-se *primus inter pares* e não acima dos animais. Não sabia que há uma diferença entre tirar conclusões por meio de quadros de situação e por meio de conceitos, e ignorava que agir adequadamente de acôrdo com associações, transmitidas, em estado definitivo, de geração a geração no interior da espécie, é outra coisa que guiar-se pela tradição que passa de pais a filhos por intermédio da linguagem. Seus contos e lendas, que se nos afiguram simples mitos ou fábulas e nos quais confundem homens e animais, êle os toma tão a sério quanto nós os livros sagrados e os ensinamentos que contêm. Se concebesssem a sua própria pessoa formada de substância diferente da das demais criaturas, tudo isso não passaria no seu espírito de simples divertimento. A êsses homens só nos é dado compreender se os consideramos como um produto da vida de caçadores. O cabedal de suas experiências se conseguiu entre os animais e é principalmente por essas experiências (pois só podem entender as cousas novas pelas velhas) explicavam êles a natureza e formavam a sua maneira de encarar o mundo. Como adiante veremos, são tirados da natureza, de modo análogo e com surpreendente lateridade, os seus motivos artísticos. Tôda a sua arte mesmo, extremamente rica, se baseia numa existência de caçadores e só floresceu quando uma vida mais tranqüila deu proteção às suas primeiras manifestações. E’ necessário acen-tuar desde já estas relações, sem o que não avaliariamos convenientemente a cultura material dos aborígenes e absolutamente não compreenderíamos a espiritual.

Por outro lado é certo que desde tempos imemoriais os produtos da agricultura — salvo em relação aos Trumai — fazem parte do patrimônio dos nossos índios. A comparação linguística fornece provas irrefutáveis disso. Mostra-nos primeiramente que as tribus do Xingú pertencem a diferentes famílias linguísticas. Ensina-nos também que a separação do respectivo grupo geral se deu para cada tribu em épocas remotas. Pois os processos de abrandamento fonético e a aférese nos radicais, que se verificam nos diferentes dialetos de cada tribu, revelam um desenvolvimento

em direção sempre uniforme, mas de gradação diferente, mostrando somente correspondência e não coincidência, o qual só se teria iniciado, por conseguinte, depois de feita a separação do grupo geral. Entretanto, já os grupos gerais possuem os nomes das plantas úteis mais importantes. Estes nomes diferem completamente de um grupo geral para outro, mas são os mesmos para um determinado grupo com um número maior ou menor de ramificações. Para os Caraíbas creio ter provado estas asserções na minha gramática bakairí; baseado em estudos recentes, posso afirmá-las também para os Tupí; para os Nu-Aruak, sobre os quais só há material deficiente, abstenho-me de qualquer afirmação, limitando-me a lembrar que, a julgar pelos dados históricos e etnológicos de que dispomos, somos levados à conclusão de que a cultura dos Nu-Aruak é certamente mais antiga do que a dos Caraíbas e mesmo dos Gê, e provavelmente também de origem anterior à dos Tupí. Os Trumai tomaram emprestados, em parte dos Nu-Aruak e em parte dos Tupí, os nomes das plantas úteis mais importantes.

Isto contradiz a concepção habitual; temos aqui uma agricultura antiquíssima ao lado da concepção de vida dos povos caçadores. Os Bakairí disseram-me “os nossos avós não conheciam o milho nem a mandioca, comiam terra” — o que os índios de hoje só petiscam de quando em vez. Contam na lenda do bagadú que os habitantes do campo não conheciam a mandioca antes que lhes fôsse doada.

Encontram-se no Mato Grosso lado a lado vários graus de desenvolvimento: os Borôro, de que falaremos mais tarde, formam uma tribo poderosa, para a qual a cultura de plantas alimentícias constituiu um ponto de partida incompreensível, uma tribo que, sem necessidade, arrancava e consumia muito depressa a mandioca “para ela plantada, quando as raízes ainda se achavam pouco desenvolvidas”. Revelam-nos a língua e a tradição que só mais tarde os Trumai foram instruídos na agricultura pelos seus vizinhos, e encontramos com eles plantações extensas e ótimamente cuidadas. Vemos, finalmente, os demais índios do Xingú dependerem dos frutos do campo, embora pelo seu pensar e pelo seu sentir, continuem dominados pela alegria da primitiva profissão de caçadores.

Contudo a marcha não se pode ter dado de modo tão intercadente, ou mais ou menos por saltos, de acôrdo com o esquema. Para o compreendermos basta encararmos um pouco mais de perto ainda um outro problema. As tribus do Xingú não conheciam os metais. Viviam, como se costuma dizer, na “idade da pedra”.

Infelizmente o estudo dos períodos pré-metálicos se formou principalmente com auxílio do material mudo das escavações. Originou-se assim primeiramente uma confusão de conceitos, de modo que as expressões “idade da pedra” e “pré-histórica” são freqüentemente empregadas como termos equivalentes, embora os povos que escreveram a sua própria história, o tenham feito somente depois de conhecerem os metais, e embora, ao lado dêls e ao mesmo tempo, povos desconhecedores dos metais, “povos pré-históricos”, tenham vivido juntamente com povos históricos. Além disso: os achados pré-históricos de nossa civilização permitiram distinguir uma época antiga em que se obtinham os utensílios de pedra, talhando e rachando as pedras, de uma posterior em que estas eram polidas para o mesmo fim, e os autores não limitaram esta marcha — não digo “esta marcha evolutiva” — às regiões em que foi observada, mas concluíram, generalizando as experiências, que o homem, para obter os seus instrumentos, começou necessariamente, em toda parte, quebrando pedras, passando em seguida a polí-las. A prehistória só deveria dar a sua palavra decisiva e as suas definições no tocante aos inícios de cultura, lá onde a observação dos povos principais não lhe fixa limites precisos. Entretanto, o prehistoriador toma hoje principalmente como material precioso as comunicações do Alaska ou de qualquer ilha do Mar do Sul, observando com satisfação a que ponto se comprovam pela realidade as suas interpretações perspicazes. E se, por outro lado, o explorador chega a uma região cujos habitantes não conhecem metais, êle exclama: vivem na “idade da pedra”, uma tolice que verifiquei muito bem, precisamente por tê-la cometido muitas vêzes. Se, antes do mais, partíssemos dos povos primitivos, como convém, constataríamos que entre êles ainda hoje se encontra o trabalho paleolítico tanto como o neolítico, de acôrdo com os minerais disponíveis, os outros materiais existentes e finalidades técnicas. Veríamos que a expressão negativa “sem metais” indubitavelmente corresponde à realidade, mas que pode haver casos em que o nome positivo “idade da pedra” se adapte muito mal à realidade. Consideraríamos também o caso em que o homem, sem pedras, ou com pedras impróprias, confecciona contudo magnificamente os seus utensílios e as suas armas. Como observador despreocupado muito provavelmente eu nunca me teria lembrado de afirmar que os índios do Xingú vivem na “idade da pedra”.

E’ certo que seus trabalhos mais difíceis, a derrubada, a construção de casas, o fabrico de canoas, a confecção de banquinhos e coisas semelhantes cabem ao machado de pedra. Todavia as diferentes tribus dependiam completamente de

determinada jazida, e esta pertencia aos Trumaí. Nem os Bakairí, nem os Nahuquá, nem os Mehinakú e seus parentes, nem os Auetö e os Kamayurá tinham machados de pedra de fabricação própria. Exatamente o mesmo se verifica em relação às épocas antigas dos Bakairí mansos do Paranatinga. Nesta região o monopólio dos machados de pedra pertencia aos Kayabí, seus vizinhos, deviam adquirí-los deles e mais tarde iriam tornar-se seus inimigos figadais. As tribus do Batoví, do Kulisehu e do Kuluëne recebiam seus machados de pedra dos Trumaí; (os Suyá, que habitavam junto ao rio principal, fabricavam-nos de pedras de seu próprio território). O machado de pedra, portanto, aparece aqui como artigo de importação.

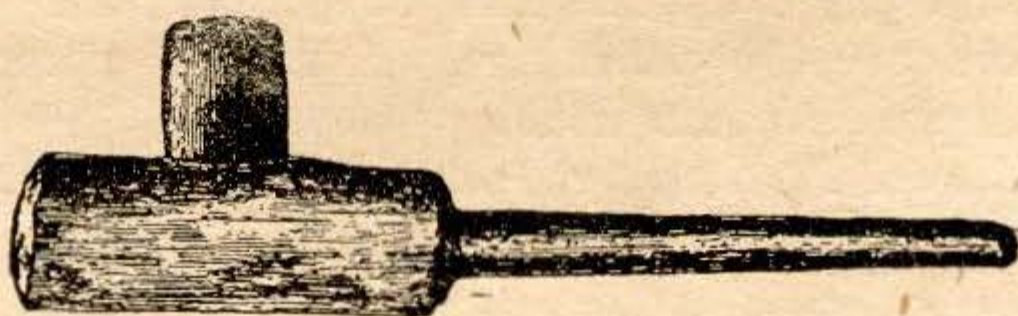


Fig. 20 — Machado de Pedra, 1/8 do tamanho natural.

Disseram-me os índios, quando lhes perguntei, que as pedras eram encontradas “na areia, junto de um riacho”. O sr. Professor Arzruni, de Aachen, identificou o material como diabase, mineral composto de augite, plagioclase, mica, clorite e magnetite, contendo vários cristais de olivina e um número bastante grande de grãos de quartzo. Os machados, cujo comprimento é de 11-21 cm., têm geralmente a forma de um cilindro achatado, alguns são bem cilíndricos no meio, afinando-se atrás, e alargando-se na frente com um corte em forma de arco. São fixados, sem de qualquer modo se amarrarem, num cabo de madeira medindo de ordinário 0,5 m., formado de uma parte superior cilíndrica, perfurada transversalmente, e de uma haste, mais fina, destacada da parte superior como a haste do junco se destaca do espádice. Da mesma diabase são feitas as pontas de pedra enxertadas nos dardos, bem como as pedras de adorno dos colares. Os Trumaí poliam os seus machados, afim de dar-lhes corte, e perfuravam — como além deles, só os Yaulapiti, seus vizinhos — as pedras de adorno. As outras tribus só amolavam, na pedra de cantaria do rio, os machados que tinham perdido o fio. As conchas e as pedras eram perfuradas com virote. Entalava-se numa varinha — em cada extremidade, para que se pudessem usar as duas, — um pedacinho triangular de

pedra dura prêso por meio de um fio. A varinha media mais ou menos 1/2 m. e girava entre as mãos. Para perfurar-se a pedra, juntava-se areia. Resumiam-se nisso os trabalhos em pedra executados pelos índios; não possuíam pontas triangulares de flecha, facas, celtes, serras, raspadores ou outros



Fig. 21 — Furador giratório — 1/2 do tamanho natural.

objetos da mesma matéria. Em presença de alguns Bakairí batí um pedaço de arenito ferruginoso contra outro, provocando faíscas, e vi, surpreendido, que ignoravam o fenômeno. Eram neolíticos que, do paleolítico, deviam ter aprendido muitos conhecimentos profissionais úteis.

Não ousei dizer que os índios do Xingú viviam na “idade do dente”, na “idade da concha” ou na “idade da madeira”, apesar de ser de fato, a grande maioria de suas armas, instrumentos, utensílios e ornatos, feita de dentes, conchas e madeiras, e embora produzissem o fogo pela fricção de dois pedaços de pau. Nem ousei aplicar essas expressões às tribus selvícolas do Brasil oriental, entre as quais o machado de pedra certamente desempenhou um papel muito secundário, pois não se ocupavam com agricultura, nem construíam canoas, nem conheciam ranchos sólidos. Não passa evidentemente de uma simples traslação de conceitos adquiridos — muito plausivelmente nas escavações — o fato de se escolher, afim de caracterizar o grau de cultura, o menos trabalhado e aproveitado dentre os materiais fornecidos pela natureza, para o fabrico de armas e instrumentos. Dá-se uma idéia muito errada da cultura das velhas tribus caçadoras que habitam as matas brasileiras, quando, com a classificação “idade da pedra”, se desperta a imagem do homem da época glacial. Obstrue-se assim o estudo dos círculos culturais especiais e da dependência do homem do ambiente geográfico. Cada tribu aprendeu a aproveitar o material que a cercava e de que se tinha que servir, descobrindo assim, métodos que um povo vizinho, que só dispusesse de pouca quantidade do mesmo material não teria inventado, mas só os adotando em benefício próprio. “E’ o ambiente geográfico, diz Bastian, que nos mostra se ao lado da idade da pedra, que precede a dos metais, se deve colocar ainda uma idade da madeira (como, p. ex., em aluviões brasileiros) ou uma idade da concha (como às vezes em ilhas

de corais). Prefiro, portanto, dizer simplesmente que os nossos índios ainda não conheciam os metais, sendo obrigados a limitar-se, nos seus métodos de trabalho, sobretudo a conchas, dentes e madeira, mesmo porquê, em sua maioria, não possuíam pedra mais apropriadas do que êstes materiais.

E com isso voltei ao meu ponto de partida. A-pesar-de sua agricultura e de suas derrubadas com o machado de pedra, os índios do Xingú não só puderam conservar o seu modo de vida de caçadores, mas foram obrigados a conservá-lo, porquê a pesca e a caça, sem falar de uma variação alimentar, lhes forneciam os instrumentos indispensáveis ao fabrico de armas e utensílios.

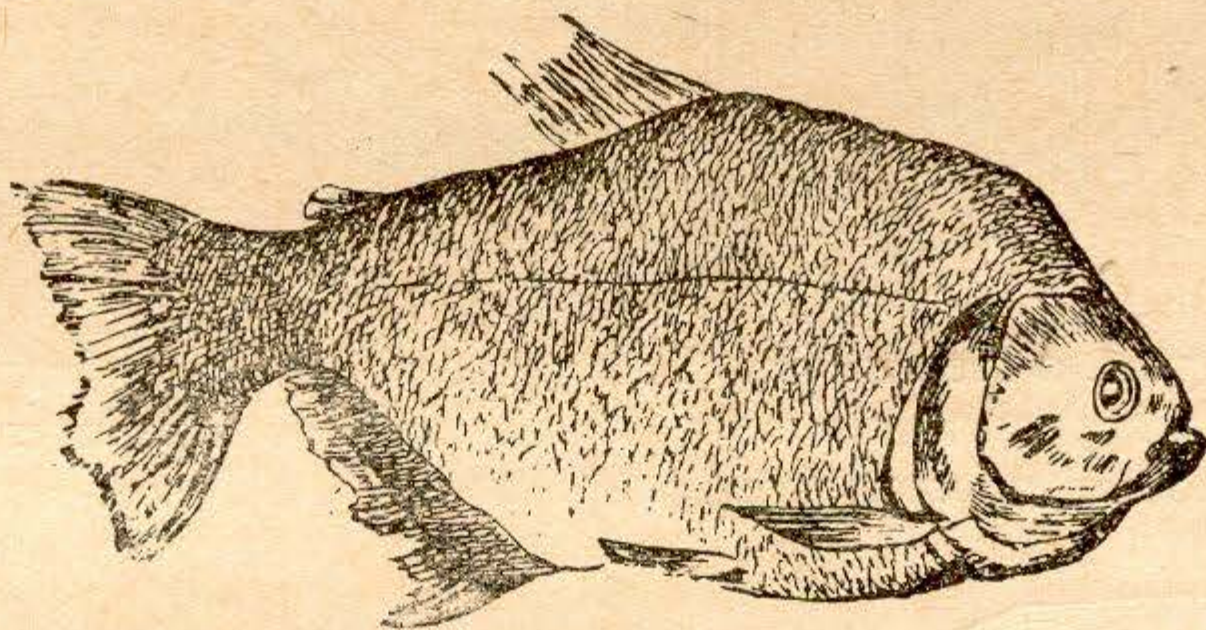


Fig. 22 — Piranha preta ou olho de fogo — 1/4 do t. n.

Dentes. As dentaduras de piranha *serrasalmo* (14) serviam para cortar. Eram abertas com um gancho qualquer de madeira e examinadas cuidadosamente; a mandíbula inferior, com seus 14 dentinhos triangulares e um comprimento de 4 m., era então extraída por meio de uma concha. Tanto os objetos duros como os moles, espinhos de palmeiras burití ou cabelo humano, e principalmente todos os fios e fibras eram cortados com a dentadura afiada. Os índios deram à minha tesoura o nome de “dentes de piranha”. O bambú e outras canas eram serradas com a dentadura dêsse peixe, até poderem ser quebradas com facilidade. Um instrumento de importância quase igual era fornecido pelo peixe-cão, cujo nome zoológico é *Cynodon*, e possui na mandíbula inferior dois dentes de 3-3 1/2 cm., que se elevam, passando cada um por um orifício. Os bordos dêstes dentes, depois de bem afiados, serviam para cortar, mas eram empregados sobretudo para picar (na tatuagem), para arranhar (na ornamentação dos tortuais feitos da couraça da tartaruga), e

(14) — Havia duas espécies de piranha, uma menor, preta, a “piranha preta” ou “olho de fogo”, e outra maior, “papo amarelo”, cujo “amarelo era um magnífico alaranjado.

para perfurar taquara (nas flechas, para os orifícios pelos quais passam os cordéis destinados à fixação das plumas e das pontas). Com os dentinhos pontudos de peixe traíra, *Erythrinus*, guarneciam-se os pedaços triangulares de cabaça, os sarjadores (v. fig. 15), que eram o instrumento principal usado na pequena cirurgia dos índios. Também os dentes pequeninos do aguti *Dasyprocta Aguti*,

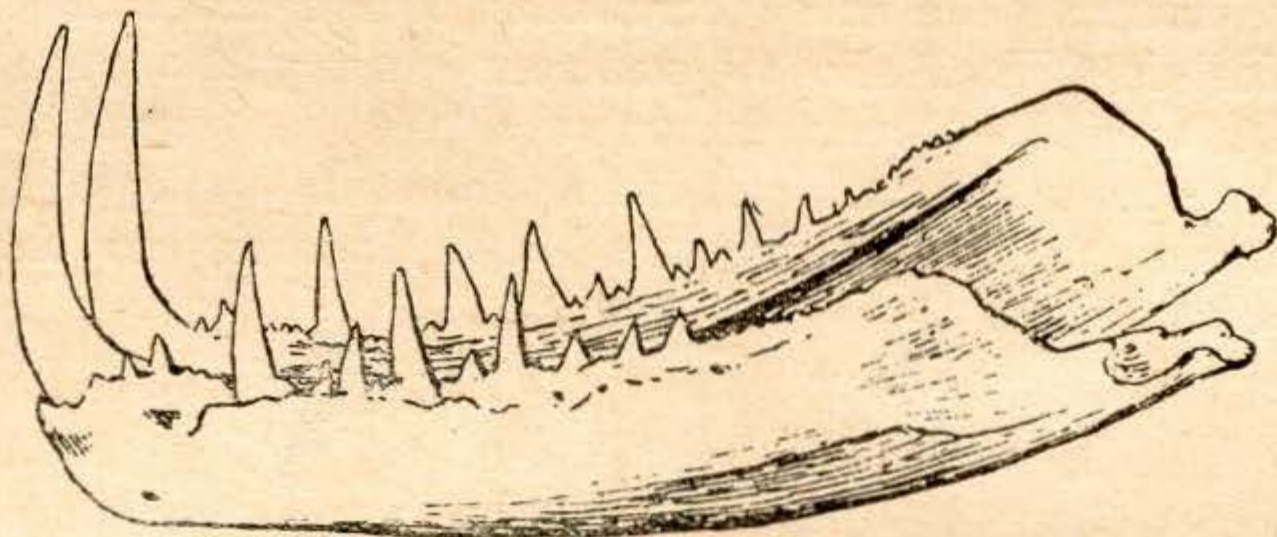


Fig. 23 — Peixe cão — 1/4

serviam para o mesmo fim. Entre os roedores, a capivara, *Hydrochoerus Capybara*, com seus dentes incisivos inferiores, fornecia os raspadores indispensáveis; os dentes, de 6-8 cm. eram atados

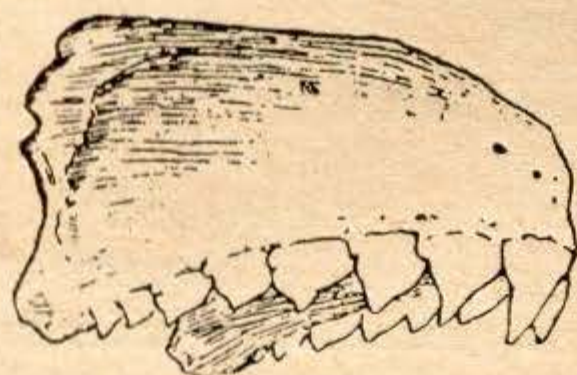


Fig. 24 — Piranha (t n.)

pelos índios, por meio de um fio de algodão, num pequeno canudo de ubá, ou eram amarrados ou unidos, dois juntos, com um pouco de cera. Com o dente do aguti faziam também os furos das flechas. Os dentes de macaco, perfurados na raiz e artisticamente ligados por meio de um trançado, em forma de colar, constituíam apreciado

adorno para o cinto ou para o pescoço.

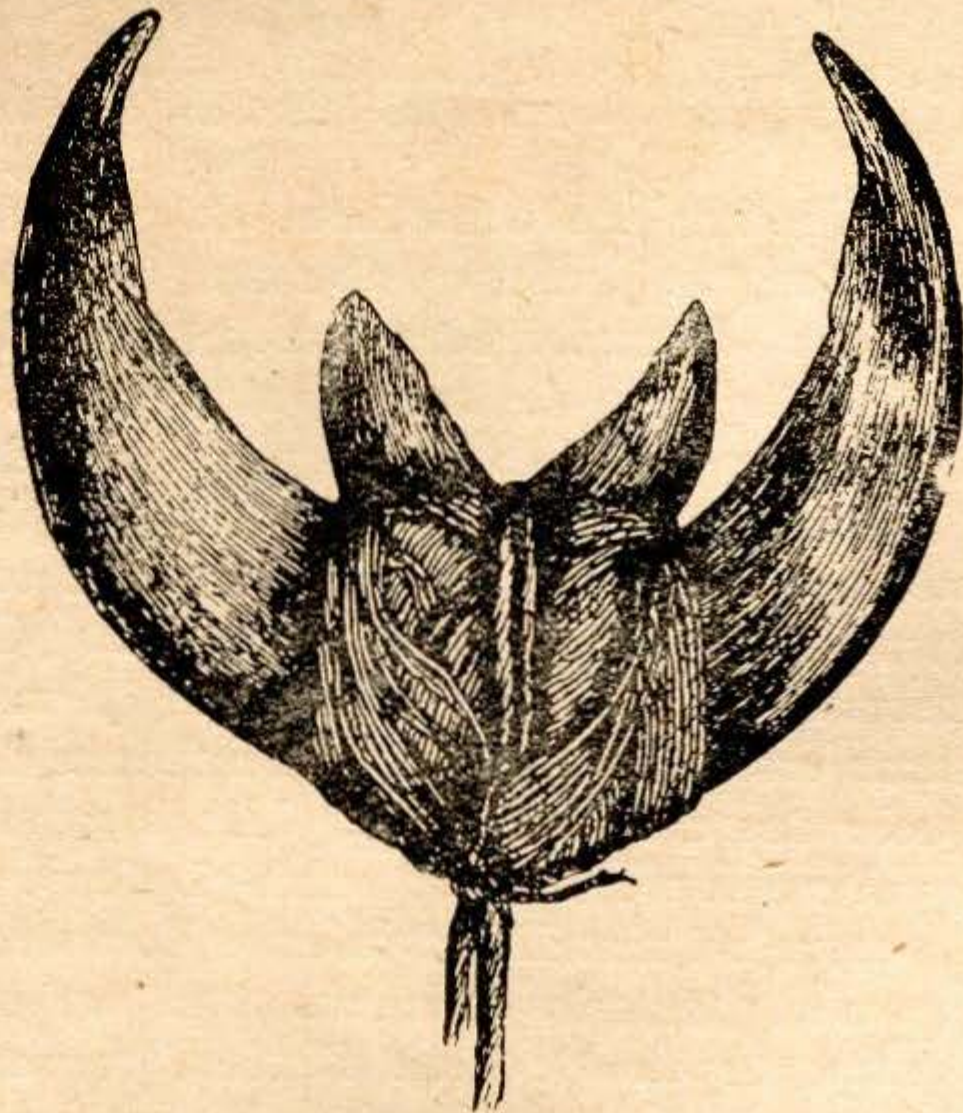


Fig. 25 — Pata dianteira do tatú canastra (para cavar) 2/5

Ossos. Os índios guardavam em casa, na cesta de ferramentas, molhos grossos de ossos de braços e pernas de macacos. Serviam para pontas de flechas. Eram adelgaçados e colocados, com seu canal tubular, sobre a vara intermediária entre a ponta e a haste da flecha. O rabo da raia era igualmente empregado como

ponta de flecha. Os ossinhos pontudos serviam de farpas. Aproveitam de muitas maneiras os ossos de mamíferos; o fêmur do veado era esfregado na pele tratada com o sarjador; vimos uma lasca de osso de jaguar apontada para perfurar orelhas; com um osso aplicava-se a cera no cordel com que se atavam as pontas das flechas. As patas dianteiras do tatú canastra (*Dasybus gigas*) serviam ao homem, como ao próprio animal, para cavar e revolver a terra; constituíam as enxadas dos índios. Os tortuais eram frequentemente tirados da porção abdominal da couraça da tartaruga, quebrada com uma pedra. As



Fig. 26 — Dentes de capivara (raspadora). 1/2

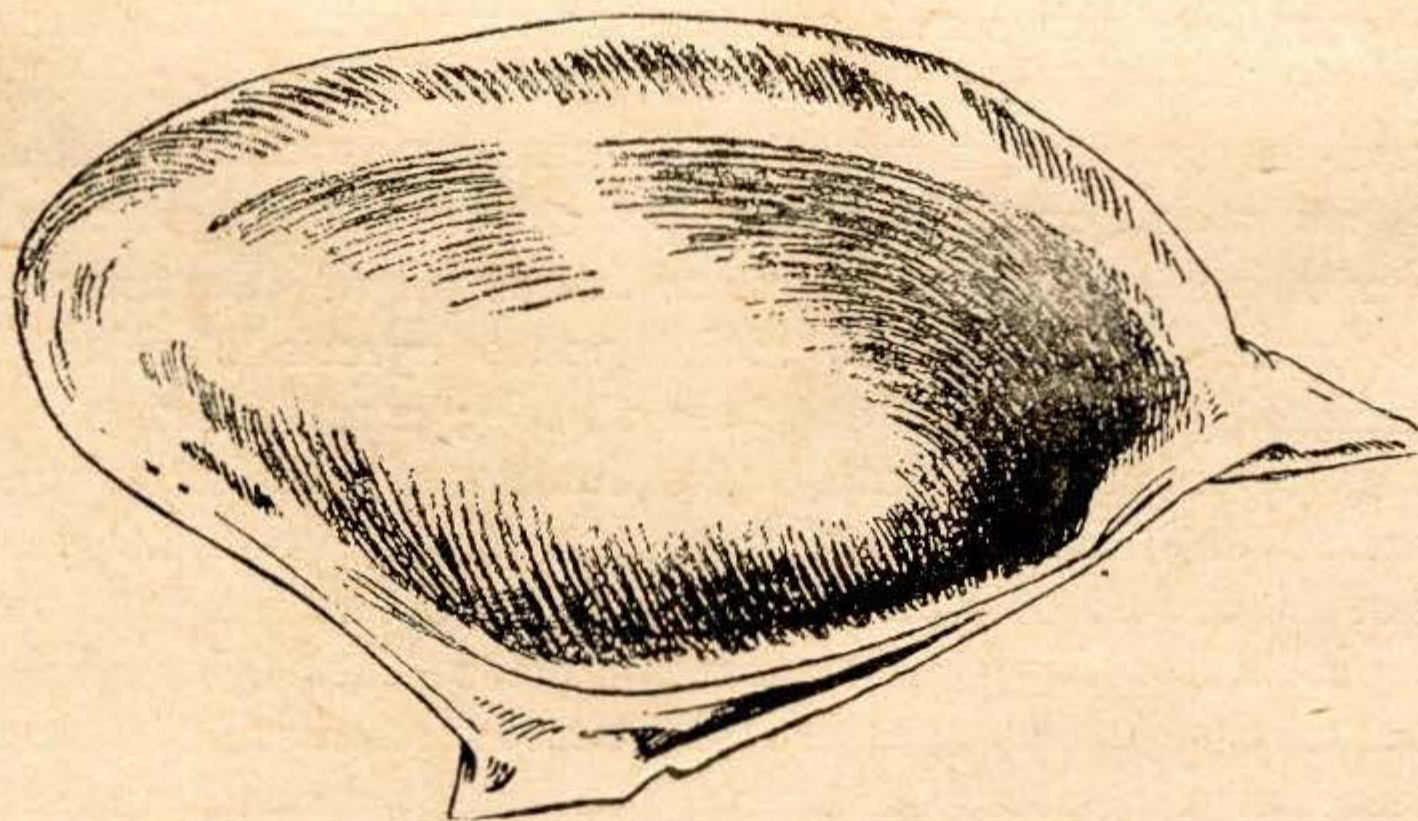
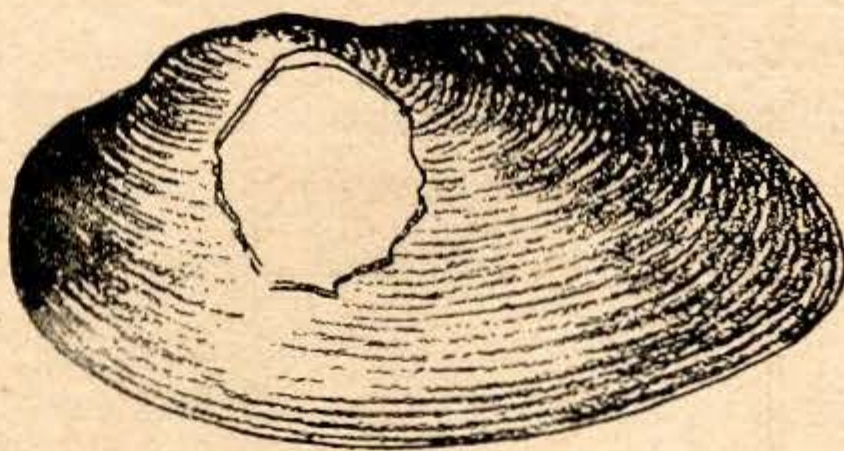


Fig. 27 — Conchas empregadas como faca e como plaina.



patas de jaguar eram empregadas em colares; as vértebras de peixe ornavam o cordel da cintura; os Bakairí velhos se enfeitavam com um osso, passado transversalmente pelo septo nasal.

Conchas. Conchas chatas, colhidas no rio, serviam em grande escala para cortar (menos no intuito de separar do que em vista de incisões longitudinais), raspar, aplainar, alisar. As conchas de trabalho, trazido dos Kamayurá, foram classificadas pelo Prof. von Martens: *tyutsí*, *Anodonta* era a concha usada para raspar a raiz da mandioca, “manióka pináp”; as mulheres, sentadas sobre alguns pedaços de bambú ligados entre si, raspavam sem interrupção até que suas pernas desaparecessem entre as aparas. Essa concha servia também de plaina para alisar o cabo do machado de pedra ou o remo; o trabalho, porém, não era feito com o bordo, mas com o orifício aberto no meio da concha. Os índios tiravam com os dentes a casca externa, fazendo, em seguida, o orifício de plaina com a noz pontuda do acurí. Com uma outra espécie de *Anodonta*, *itá-í* “concha pequena” alisava-se igualmente a madeira. Esta, como também as outras espécies, serviam para guardar as tintas vermelha e preta empregadas na pintura do corpo; viam-se estas conchas penduradas de ordinário junto à rede. *Itá* “concha”, variedade da *Leila pulvinata* Hupé, trazida do Araguaia por Castelnau servia para raspar mandioca. Com a espécie maior *itá kuraá*, *Unio Orbignanus*, eram alisados os arcos; empregava-se, para isso, a superfície externa da concha. Uma *Hyria* chata, *itá mukú*, era interessante por ter um prolongamento pontudo com que se abriam p. ex. os frutos piquí. Corresponde ao nosso canivete, instrumento muito pouco apreciado pelos índios que tinham grande dificuldade em abrí-lo; eram, nisso, tão desajeitados como nós no manejo dos furadores giratórios, que desconhecíamos. Nas viagens, a concha carregava-se ao pescoço; abriam-se com ela os peixes e a caça; com ela se escavava na vara para produzir o fogo, a covinha em que se fazia girar, até abraçar-se, uma segunda vara; era indispensável sempre que se talhava madeira. As cascas de caracol, pedaços de conchas de *Bulimus*, eram muito apreciadas para a fabricação de colares. Nos trajes de mascaradas via-se pendurada às vezes grande quantidade de conchas *Orthalicus melanostomus*.

Penas. Com as penas fazem-se as caudas das flechas; na extremidade da haste são fixadas, uma em frente da outra, com torsão em espiral, as duas metades de uma pluma fendida. Em tudo o mais as penas pareciam servir exclusivamente, mas então

em máxima escala, como simples enfeites. Havia plumas para as orelhas, coroas, toucas, braceletes e mantos (êstes entre os Kamayurá) e grande quantidade de pequenos ornatos; viam-se penachinhos multicores pendurados nas rêdes, nos pentes, nos chocalhos de cabaças, nos propulsores de flechas, nas máscaras, etc. Os índios dispunham para isso de excelente material, a começar pelo amarelo, azul, vermelho e verde da arara, dos tucanos, dos pássaros tecelões, dos papagaios, ou pelas belas listas e pintas das plumagens dos mutuns, dos falcões, da coruja, até ao branco reluzente das garças e cegonha, ou ao preto do urubú. Era magnífico o leque, de listas pretas e brancas, da *Harpia destructor*.

Do produto da caça e da pesca tirava-se, pois, grande quantidade de coisas indispensáveis; muitos instrumentos para cortar, raspar, alisar, furar, arranhar e cavar. A agricultura garantia aos aborígenes uma vida sedentária e melhorara sua situação econômica, mas ao lado disso êles tinham permanecido pescadores e caçadores, embora em escala menor. Eram caçadores sem cães, pescadores sem anzol, agricultores sem enxada nem arado. Mostrem-nos, num exemplo frisante quão múltiplos podem ter sido, antes do conhecimento de qualquer técnica metálica, os métodos de trabalho destinados ao sustento da vida, exemplo que nos adverte, contra o perigo de atribuir um valor demasiado aos utensílios de pedra — os quais sem dúvida passam para a posteridade com maior facilidade e em maior abundância — e de jogar, sem distinção, na grande panela da “idade da pedra”, tudo o que é anterior ao uso dos metais e que, em comparação com o breve espaço de tempo determinável para êste, deve abranger períodos realmente incomensuráveis.

Avaliando a cultura pela extensão e perfeição com que é explorada a natureza que circunda o homem, não se pode em absoluto dizer que era baixo o nível cultural dos nossos índios. Caçavam e pescavam com arco e flecha; pescavam com rêdes, cestas e nassas; tinham no rio as suas grades de varetas para prender o peixe; atravessavam a corrente com cercas e blocos, e barravam braços de lagoas; derrubavam, com grande esforço, vastas extensões de mato; construíam casas vistosas, acumulando novas ricas provisões, e enchendo-as com os variados produtos de sua habilidade de artífices; enfeitavam-se com muitos ornatos multicores e ornamentavam todos os utensílios com desenhos engenhosos. Se os Cuibanos, furiosos, lançaram contra mim uma infinidade de artigos de jornal, acusando-me de ter afirmado que os selvícolas do Xingú têm residências mais limpas e melhores do que muitos Matogros-

senses, quero, sem comparar as causas, acrescentar, para tranqüilizá-los, que também na velha Europa há inúmeras aldeias, tanto nas montanhas como na costa, em que a vida é mais pobre e primitiva do que no Kulisehu.

Enumero, a seguir, as *plantas úteis* que vimos com os índios. Podem ser divididas em dois grupos: A) plantas que eram patrimônio comum do norte sul-americano antes da vinda dos europeus, e B) plantas agrestes das imediações;

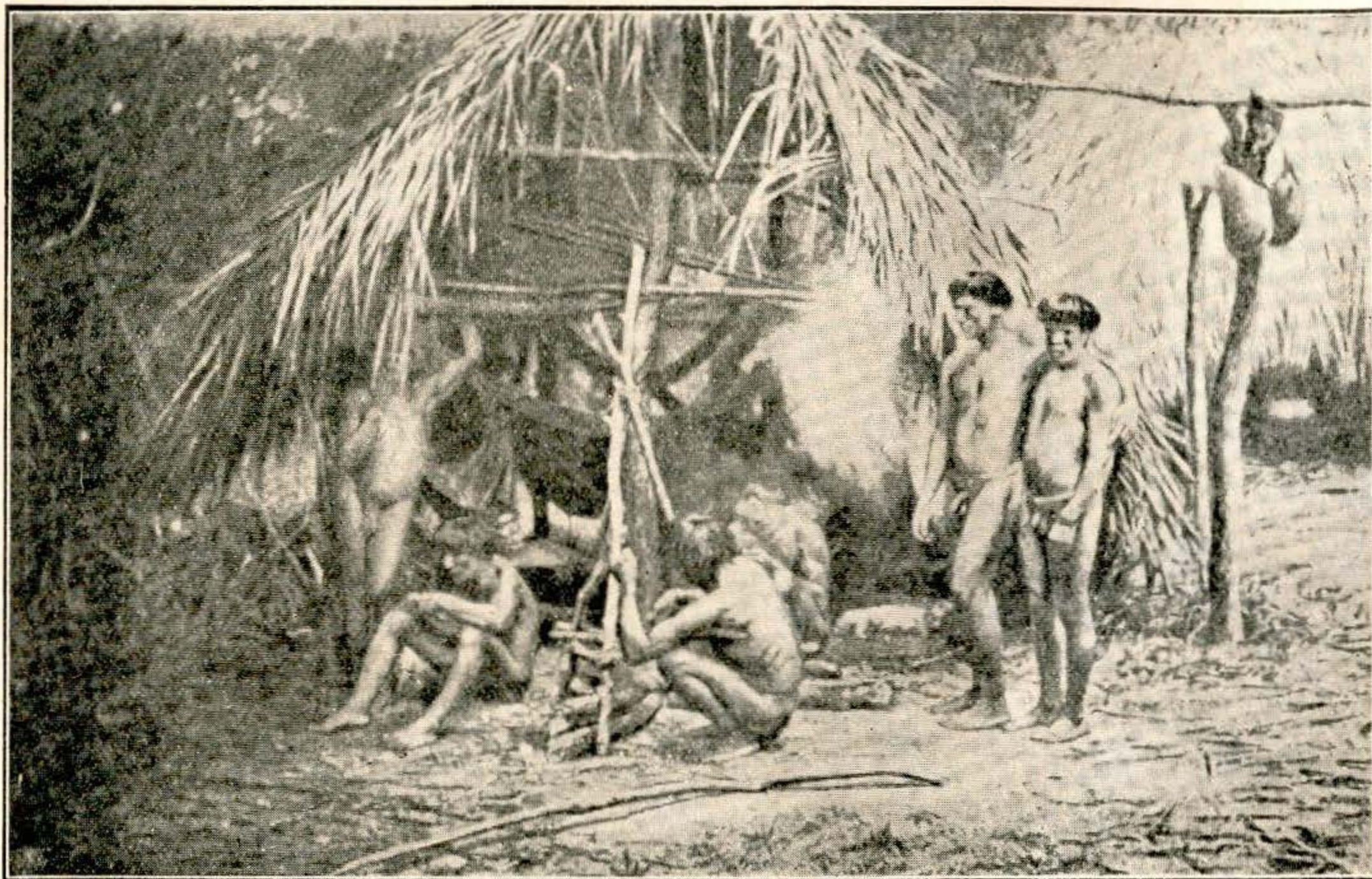
A)

milho	Zea Mays.	algodão	Gossypium.
mandioca	Manihot utilissima.	cuieté	Crescentia Cuyeté.
batata doce	Convolvulus Batatas.	porongo	Curcubita Lagenaria.
cará	Dioscorea.	abóbora	Cucurbita.
amendoim	Arachis hypogaea.	mamona	Ricinus.
feijão	Phaseolus.	urucú	Bixa Orellana.
pimenta	Capsicum.	tabaco	Nicotiana Tabacum.

B)

palmeira	Acrocomia.	genipapo	Genipa.
bacaiuva			
piquí	Caryocar butyrosom.	ubá (hastes para flechas)	Ginerium parviflorum.
mangaba	Hancornia speciosa.	capim lanceolado	Scleria.
fruta de lobo	Salonum lycocarpum.	pita (para fibra)	Fourcroya? Agave?

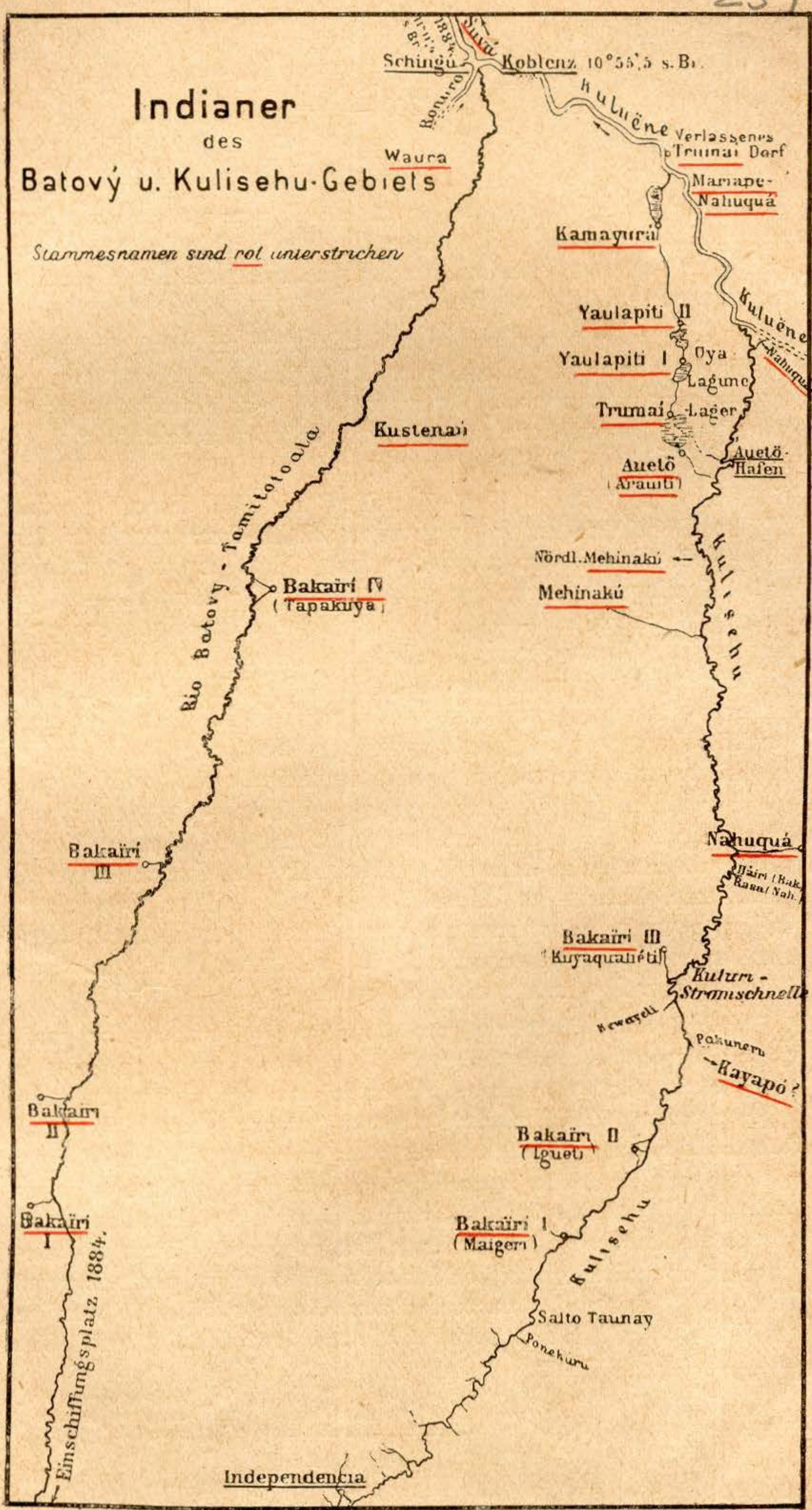
Provavelmente a categoria B ainda podia ser muito aumentada. Dependia da necessidade. As árvores frutíferas deste grupo eram cultivadas com muito cuidado. Na primeira aldeia de Bakairí, como já contei, havia uma espécie de alameda de piquís, os Nahuquá se dedicavam muito ao seu plantio. As mangabas eram apreciadas, medrando especialmente entre os Bakairí, os Kamayurá e sobretudo, como me foi dito, entre os Waurá, de modo que o termo trumaí "waurarú" parece significar a fruta dos Waurá. A fruta do lobo não se encontra tão freqüentemente perto da aldeia. As plantas aproveitadas de algum modo no fabrico de utensílios e de armas cultivavam-se igualmente em quantidade suficiente, quando não cresciam agrestes nas proximidades da povoação. Plantava-se, p. ex., perto da aldeia o capim lanceolado, que cresce em terreno pantanoso, e que servia para fazer a barba, as plantas fi-



Rancho para hóspedes em Independência



Índios em trajes europeus



broças, que lhes forneciam os cordéis, às vezes também o capim sapé, empregado para cobrir as casas. Parece-me extremamente interessante a afirmação de terem plantado o ubá, de cujas canas fazem as hastes das flechas, junto ao Batoví, para não o precisarem buscar em lugares afastados.

Ao lado de preferência e conhecimentos acidentais, a constituição do solo desempenhava sem dúvida um papel importante. O fumo medrava ôtimamente entre os Suyá e os Auetö; fumavam-no comumente os homens, salvo na primeira aldeia bakairí do Batoví (15).

No livro "Durch Centralbrasilien" p. 173, descrevi (aldeia III dos Bakairí do Batoví) o genuíno rolo de fumar, como os descobridores o encontraram nas Antilhas. Sou, porém, da opinião de v. Ihering, — já antes de ler o seu artigo, a expremi — várias vezes em conferência — de que o cachimbo é de origem moderna no Brasil. Como o anzol. Desempenha um papel importante no tratamento médico, sendo considerado como antiquíssima aquisição dos heróis de cultura, os quais, como indica a lenda, o receberam do norte. As tigelas e cabaças, sobretudo a *Cucurbita Lagenaria*, constituíam um dos produtos principais para os Nahuquá, e um pouco menos importante para os Bakairí. Os Mehinakú e os Bakairí tinham o melhor algodão. O urucuzeiro era cultivado principalmente pelos Bakairí; os Mehinakú desleixavam-no completamente, dizendo ser demasiado o trabalho de irrigá-lo; assim explica-se muito naturalmente a circunstância — que me surpreendeu bastante quando lá cheguei de não ver entre eles ninguém pintado de vermelho, mas muitos de preto.

O milho, representado entre os Suyá por uma espécie caracterizada pela pequenez das espigas e pela cor áurea dos grãos, e a mandioca não faltavam em nenhuma tribo; a cultura da mandioca alcançava decididamente maiores proporções entre os Mehinakú. Estes eram os agricultores mais abastados do Alto Xingú; o nome por eles dado à mandioca passou também para a língua trumai. De plantas bulbosas vimos, além da mandioca, inhames, representados por duas espécies, e batatas doces. Estas só existiam em abundância entre os Mehinakú. Ao feijão, plantado pelos selvícolas, os nossos camaradas chamavam de "feijão de vara" e "feijão de roça". De abóboras só vimos as sementes, que em 1884

(15) — Talvez seja este o fato em que se apoia H. v. Ihering para escrever: "V. d. Steinennotou entre os Bakairí do Alto-Xingú a falta completa do fumo, bem como das bananas e dos metais" (Zeischrift für Ethnologie, 1893, p. 195).



Viagem pelo Kufisehu

2600 b

os Suyá, ao que compreendemos, nos trouxeram para comer. O amendoim era representado por uma espécie pequena. Goiabas e bananas seguramente não existiam no Xingú.

No meu relatório da primeira viagem chamei a atenção para a ausência da banana, frisando em especial que, para a questão de saber se a banana só foi introduzida na América depois da chegada dos europeus ou se já existia anteriormente, êste fato certamente é decisivo, pois que das várias tribus do Xingú, embora de origens diferentes, nenhuma trouxe a banana da região que habitou anteriormente. As observações feitas na segunda expedição confirmam a minha opinião. Desta vez encontramos também Tupí genuínos que não conheciam a banana. Entre os Kamayurá procurei em vão pela palavra "*pakóba*", que significa banana na língua geral; não a entendiam. Retiro com prazer a minha proposta de dar a êste vocábulo uma etimologia portuguesa; não dou mais valor às etimologias arbitrárias. Todavia devo atribuir hoje importância muito maior do que antes do fato das denominações dadas à banana pelas diferentes tribus não se basearem na filiação linguística, mas na distribuição geográfica accidental. E isso não se aplica a nenhuma das demais plantas úteis. Considerando-se, ainda, que nenhum dos primeiros descobridores menciona a banana; que, com seu "*práttane*" e "*balatana*", os Aruak litorâneos e os Caraíbas insulares reproduzem o termo espanhol "*platano*" de modo tão inequívoco que absolutamente não resta dúvida quanto à origem dos vocábulos; e ponderando-se, além disso, que num recanto perdido encontramos representantes de tôdas as grandes famílias linguísticas com os nomes mais característicos para as plantas de cultura, à exceção da banana; e que, finalmente, um grupo isolado dessas tribus, o dos Bakairí mansos, que vive em contacto com os europeus e que possui a banana, chama simplesmente de "*Banana*" em sua língua absolutamente pura (como aliás também os Parecí); — creio que a argumentação adquire tôda a força demonstrativa exigível de uma prova negativa. Humboldt e Martius deixaram-se seduzir pelo fato de encontrarem a banana por tôda parte com os índios, mas êste arrimo de sua opinião perdeu agora a sua validade, e as experiências da linguística, bem como a falta efetiva da banana em tôda a região do Alto Xingú, comprovam indubitavelmente a opinião do botânico Alphonse de Candolle, segundo a qual a banana foi trazida para a América, embora muito pouco tempo depois da vinda dos europeus.

Vale a pena dar um exemplo que facilite melhor ponderação dos argumentos linguísticos. Consideremos, para isso, os nomes

da pimenta entre (16) os Nu-Aruak, (17) os Caraíbas e (18) os Tupí.

O sul-americano, desconhecedor dos metais, realizou com a cultura da mandioca — que hoje invade, juntamente com o milho, os recantos mais recônditos da África, como se essas duas plantas puramente americanas aí tivessem sido agrestes desde sempre — uma trabalho confrontável com o que se fez em outras partes do mundo. Hoje há uma espécie cultivada inofensiva, mas a primitiva, a única encontrada no Xingú, devia preliminarmente ser privada de seu sumo fortemente venenoso; a farinha, que se obtinha, ralando e pilando a raiz, devia ser prensada e torrada antes de tornar-se um alimento, o qual podia ser então preparado de muitos modos, em estado sólido e como bebida pouco consistente, "*Manihot utilissima*". Na economia doméstica dos nossos índios a importância desta planta ultrapassa consideravelmente a do milho. Fornece a provisão principal, cabendo-lhe, outrossim, o mérito de obrigar os aborígenes — que a receberam de tribus mais adiantadas — a adotarem uma vida sedentária; e que a sua preparação exige uma série de processos que requerem paciência, além de instrumentos que, como as tábuas de ralar, guarnecidas, de espinhos de palmeiras, só podem ser fabricados com grande dispêndio de tempo e trabalho e com auxílio de utensílios pouco adequados. Desconhece-se no Alto-Xingú o engenhoso tipití, tubo trançado de varetas elásticas, que, depois de enchido com a massa, é

(16) — No Xingú os Nu-Aruap dão à pimenta o nome de **ai**; os Maipure do Orinoco chamam-no **ai**; os Moxo da Bolívia: **ascheti**; os Aruak: **haatschi**; as mulheres dos Caraíbas insulares: **áti**; para o taino da Ilha de Haití, Ovildo regista **axi**, **aji**.

(17) — No Xingú os Bakairí caraíbas denominam a pimenta: **pano** (com a nasal"; os Nahuquá: **vóme**, **hómi**; os Caraíbas insulares: **pomi**, **pomui**; as tribus caraíbas do Orinoco, na Venezuela: **poméi**; no balibí disseminado por toda a Guiana, o nome é **pomi**. Os Palmella, uma tribu caraíba do Madeira, dão-lhe o nome de **apómo**.

(18) — Dentre os Tupí, os Kamayurá do Xingú têm a palavra **okeong**; os Omagua do Alto-Amazonas: **ekei**; os Guaraní do Paraguai: **kiy**; a Língua Geral: **pyiá**, **kyinha**, etc.

Essas correspondências fonéticas, que são evidentes no interior das famílias, o que, por outro lado, absolutamente não existem de família para família, se estendem sobre mais da metade da América do Sul, sendo extraídas de apontamentos que de 1887 remontam à primeira metade do séc. 16. Provam irrefutavelmente que em cada uma das famílias, cujos membros mais afastados conservaram a correspondência nas suas migrações, a pimenta era conhecida desde remotíssimos tempos "pre-históricos", e que nenhuma a recebeu da outra. Do estudo dos nomes dados à banana absolutamente não se podem tirar conclusões idênticas. Aquelas correspondências somente nos podem surpreender, porquê nos domina o preconceito não só de que os povos sulamericanos constituem um caos linguístico, mas também de que essas "hordas", que não conheciam os metais antes da vinda do branco, eram em grande parte rudes povos caçadores, lançados de um canto para outro, pela ação misteriosa do acaso, como o entulho na água irrequieta, unindo-se acidentalmente num lugar, e separados no outro. Mas devemos habituar-nos a distinguir também no interior das massas brutas que, para os nossos olhos, formam a "idade da pedra", uma série de camadas culturais regulares e muito nitidamente estratificadas.

alongado por meio de um pêso, expremendo-se assim o sumo venenoso. Os nossos índios filtravam e prensavam o sumo através de peneiras trançadas.

Interessa-nos, porém, sobretudo o fato de que na zona por nós visitada ainda se desconhecia o método — hoje certamente empregado em tôdas as regiões sulamericanas em que se cultiva o milho e a mandioca — de fermentar grandes quantidades de bebida, mastigando bolas de farinha ou grãos de milho. Ignorava-se aí também a preparação do pajauarú tão apreciado pelos Caráibas do norte e feito de beijús frescos amolecidos na água e enterrados durante alguns dias. O püserego do Xingú não tem ação inebriante, representa só a mais gostosa das bebidas em forma de papa; é uma sopa, não uma bebida alcoólica. Os nossos índios também não preparavam vinho de palmeira; embriagavam-se com a dança ou com o fumo, tomavam enormes quantidades dessas bebidas em forma de papa. Não obstante, a palavra *kañi* dos Kamayurá, que designa a simples bebida refrescante de água e beijú ensopado, é a mesma usada pelos seus companheiros tupí, que vivem em contacto com europeus ou americanos mais adiantados, para denominar as bebidas fermentadas. Os Kamayurá conservaram, no entanto, o mesmo termo ao adotarem a bebida fermentada. A falta de bebidas inebriantes, diante embora da existência do material requerido para a sua fabricação não escapará à explicação tão apreciada de que os índios também possuíam antigamente êstes belos produtos culturais, tendo-os esquecido mais tarde. Quem quiser explicar os estados primitivos exclusivamente como um retrocesso e uma decadência, talvez neste caso especial deva considerar o embrutecimento como virtude, o estado de desmoralização como pureza de costumes. Quem, entretanto, viu o índio brasileiro celebrar as festas do cauim ou do Kaschirí, quem teve de interromper a sua viagem de canoa por amor de tão nobre fim, não conseguindo, de maneira alguma, que os homens partissem antes que do côcho, a princípio cheio até aos bordos, desaparecesse o último restinho de bebida, infalivelmente admitirá que uma tribu livre, que nas suas festas só toma bebidas não fermentadas, decididamente ainda não pode ter noção das fermentadas, nem a pode ter tido em todo o período que vai até aos mais lendários ancestrais e heróis de cultura. A prática de fermentar bebidas por meio da mastigação é tão simples que não se compreende como possa ser esquecida e, sobretudo, como a possam esquecer uniformemente representantes de diferentes grupos de tribus.

Vejo, pelo contrário, na ausência das bebidas inebriantes a prova mais segura de que a vida no Xingú não sofreu influências estranhas, e tenho por irrefutável que antes da vinda dos europeus deve ter havido, durante séculos e milênios, nos numerosos vales, relativamente isolados, dos sistemas do Amazonas e do Orinoco, grande quantidade de semelhantes quadrinhos culturais da “idade da pedra”. Nem sempre existiram relações pacíficas entre as tribus vizinhas (mulheres! machados de pedra!); de tempos em tempos houve ataques de outras tribus, perturbando o sossego e destruindo talvez para sempre certos pequenos centros, em substituição dos quais se fundaram outros. Em todos os tempos desenrolou-se assim, em pequena escala e em proporções modestas, aquilo que chamamos de história. Aquí e acolá alguma tribo foi repelida por agressores ou dividida por rixas internas, seguindo-se então uma migração mais ou menos longa antes que o grupo se tornasse a estabelecer, mas em geral os deslocamentos e as travessias se realizaram somente de um vale para outro.

Só uma alternância contínua de isolamento e de reunião, na qual ora sobressaía aquela, ora esta, pode ter produzido a grande cópia de diferenças e coincidências idiomáticas concomitantes no interior da mesma família linguística. No número de coincidências elevadíssimo, a-pesar-da escassez do nosso material, desprende-se, porém, que a despeito das modificações, prevaleceu uma constância real. Onde é possível determinar as leis fonéticas, vemos a mesma segurança e regularidade das nossas línguas européias. Podemos, portanto, concluir por um desenvolvimento que, a-pesar-de catástrofes ocasionais, se processou ordenadamente. Também as tribus caçadoras devem ter tido um modo de vida sedentário, embora mais irregular, pois só assim podem ter adquirido a magnífica técnica das flechas e dos arcos; só com uma vida tranqüila e pacífica de varias gerações podem ter-se apossado, em seguida, das plantas úteis e não é absolutamente necessário que tenham sempre sido tribus grandes e poderosas as que trouxeram algum progresso. Vemos nos habitantes do Xingú que a agricultura primitiva precisa da pesca e da caça, já porquê estas lhe fornecem os instrumentos necessários. A convicção, que hoje se vai admitindo geralmente na América do Norte, de que os peles-vermelhas irrequietos tiveram uma vida muito mais sedentária do que poderíamos presumir hoje, e de que estas tribus de caçadores selvagens representam em parte o produto da revolução trazida por nós, concorda plenamente com as conclusões impostas pelas experiências colhidas no Xingú.

Para os nossos índios — absolutamente não quero generalizar — há uma razão ainda mais profunda, embora bastante simples, que explica muito bem o “lado a lado” da caça sangrenta e do cultivo tranqüilo do solo. Para dizê-lo de maneira rude: o homem se dedicou à caça enquanto a mulher inventou a agricultura. Aí, como em todo o Brasil, cabe exclusivamente às mulheres não só a preparação caseira, mas também o cultivo da mandioca. Limpam o terreno da erva daninha, com auxílio de varas pontudas; colocam na terra os pedaços de haste com que se transplanta a mandioca, e vão buscar diariamente a provisão necessária, carregando-a para casa em cestos bem cheios e pesados. O homem, por sua vez, planta o fumo, de que a mulher não precisa. No Xingú a mulher já tinha direito a uma palavrinha enérgica; em estados mais primitivos ela poderá ter servido realmente de animal de carga e de trabalho; ainda hoje ela se deve abster da maioria das festas e danças de animais a que se entregam os homens. Considere-se, porém, o caso um pouco mais de perto. O homem é mais corajoso e hábil, a ele cabe a caça e o uso das armas. Portanto, lá onde a caça e a pesca ainda desempenham papel importante, a mulher deve, contanto que haja alguma divisão do trabalho, arranjar os restantes mantimentos e encarregar-se de seu transporte e preparação. A divisão não é arbitrária, mas está sujeita às condições naturais, tendo, porém, a consequência — não suficientemente considerada pelos autores — da mulher, em seu campo de trabalho, adquirir conhecimentos próprios do mesmo modo como o homem os adquire no seu. Isso se deve confirmar necessariamente em todos os níveis de cultura, nos mais baixos como nos elevados. A índia que cultiva a mandioca com habilidade e perícia já encontra o seu equivalente na caça pura. A mulher do Borôro ia ao mato, munida de uma vara pontuda, à procura de raízes e tubérculos. Nas excursões pelo campo e em qualquer outro deslocamento de um grupo de índios, a mulher se entregava a uma caça dessa natureza, enquanto o homem seguia as pégadas dos animais; ela trepava nas palmeiras e tirava os frutos, levando para casa cargas consideráveis. E se a índia era a subalterna do homem, certamente não lucrava com isso na distribuição de peixe e de carne (19), dependendo de sua própria colheita de vegetais. No Xingú os homens trançavam a

(19) — “Depois dos homens terem comido chega a vez das mulheres e crianças, que muitas vezes se devem contentar com poucos restos e que teriam de sofrer fome se não se precavesses a tempo, escondendo, ainda enquanto cozinham, parte do conteúdo dos potes, ou comendo já durante o trabalho”. E’ o que se observa entre os modernos Mapuschi, tribu caraíba da Guiana. (Appud. Unter den tropfen, II p. 399, Jena 1871) e entre várias outras.

grêlha, assavam o peixe e a carne, enquanto as mulheres cozinhavam os beijús, as bebidas e os frutos, e tostavam os bagos das palmeiras. Que sentido podia ter esta divisão em cozinha masculina de produtos animais e cozinha feminina de alimentos vegetais, a não ser o de que cada sexo ainda conservava o seu antiquíssimo domínio?.

Os homens assavam, mas nunca cozinhavam. Partindo deste fato, chegamos, pelo mesmo raciocínio, a uma conclusão semelhante, baseada em observações inteiramente análogas. Uma das coisas que mais me surpreenderam quando cheguei ao Xingú, foi a circunstância de que a arte cerâmica aí se restringiu às tribus nuaruak. Os Bakairí não possuíam um pote que não fôsse de fabricação kustenaú ou mehinakú. Os Bakairí mansos declararam-me expressamente terem aprendido a cerâmica dos Kustenaú, seus vizinhos nu-aruaak. E o velho Caetano, do moderno Paranatinga, fabricava potes, contrariando, como homem, completamente o costume primitivo. Os Nahuquá possuíam potes dos Mehinakú, mas eles próprios também os fabricavam, como uma mulher no-lo demonstrou *ad oculos*, amassando a argila úmida. Todavia essa ceramista ostentava a tatuagem das mulheres mehinakú e fôra dada em casamento aos nahuquá; a arte provinha, pois, realmente dos Mehinakú. Também as tribus tupí tinham potes de uma tribo nu-aruaak, dos Waurá. Um grupo de tribus (20) era, pois, o único possuidor de cerâmica, que, como adiante veremos, também constituía atividade artística.

Antes de saber que a curiosa dependência dos Nu-Aruak existia para tôdas as tribus, julguei que talvez carecessem de argila necessária. Mas eu estava enganado. Não só os Nahuquá, como os Bakairí possuíam argila apropriada; só não sei dizer — o que é indiferente para o problema — se a qualidade era um pouco inferior à do material empregado pelas tribus ceramistas (21).

Considere-se, porém, ainda outro fato. Os Bakairí e os Nahuquá tinham cuias e cabaças, que por sua vez faltavam às tribus ceramistas; estas as adquiriam dos Nahuquá, em cujo do-

(20) — Segundo Im Thurm, na Guiana, atualmente, os Caraíbas provêm as outras tribus de vasos de barro. Entretanto esse autor indica que os Aruaak fabricam grande quantidade de potes para uso próprio, não fazendo comércio com eles como os Caraíbas. Martius diz ainda dos Makuschi, a tribo caraíba mais populosa da região do Rio Branco: "Todos os utensílios destes índios são de caprichosa confecção; as armas são ornadas com plumas, e só os artigos de cerâmica são inferiores aos dos índios do litoral".

(21) — "Os Bakairí eram os únicos que buscavam boa água para beber, de um riacho cristalino; os Nahuquá e, sobretudo, os Mehinakú e os Aueto bebiam de charcos barrentos e lodosos e de canais de água parada".

mínio, não sei se o cuidado especial ou o terreno melhor, produziam excelentes cucurbitas. Sabendo-se, finalmente, que os Waurá fabricavam potes muito bonitos de forma e tamanho exatamente iguais aos das cuias, imitando também os desenhos nestas aplicados, que a forma original dos potes é nitidamente a da cuia para beber, e finalmente que os potes são enegrecidos internamente do mesmo modo como as cabaças, compredender-se-á a correlação.

O pote índio a princípio não tinha nada que ver com o cozinheiro, serviu só para substituir a cabaça. Com esta a mulher levava água aos ranchos ou aos acampamentos. O recurso de que se serviam na falta das cabaças ainda hoje é revelado pelas cestinhas impermeabilizadas com barro, usadas por várias tribus. Com barro conserta-se também a canoa que faz água, com barro untou-se o índio — início da pintura do corpo — e o próprio barro era transportado — o que certamente foi o principal — em cestas, como ainda podemos observar. Com a repetida falta de cabaças, as mulheres eram levadas facilmente a tornar mais sólidas as suas cestas para barro, aplicando êste material plástico em maior abundância; podiam, além disso, dispensar o trançado logo que percebessem que as formas de argila, depois de sêcas, tinham já por si suficiente resistência. Expunham-nas ao sol ou colocavam-nas sobre o fogo, e tinham assim uma fonte mais barata de cabaças artificiais.

Mas as mulheres fizeram esta invenção só depois do grupo ter adotado um modo de vida sedentário; a mulher do caçador que vagueia pelo mato não pode ter substituído a cuia pelo pote pesado e quebradiço. Menos ainda o homem caçador pode ter sido o inventor do pote. Estamos aquí em face de uma analogia com a origem da agricultura.

O pote originariamente não passou de um recipiente, como a cuia ou, em certos casos, a cesta. Quando ouvimos contar que se enterram homens em vasos de barro, manifestam-se tôdas as associações que na nossa mente existem a respeito dos nossos potes; lembramo-nos de uma espécie de panela e vemo-nos inclinados a sentir uma vaga relação com a cremação de cadáveres. Quanto a isso, é importante saber que a tribo caçadora dos Borôro não abriga os esqueletos de seus mortos em grandes vasos como o faziam os Aturé de Humboldt, mas em bôlsas trançadas, enfeitadas de plumas, o que quer dizer que também neste particular se conservou o grau primitivo.

Assim como as cabaças eram empregadas para beber e comer, também os potes a princípio só serviam para êste fim. Os potes de pequeno e médio tamanho, que trouxemos em grande

quantidade do Kulisehu, são quase todos “tigelas”, não panelas. Em potes enormes cozia-se a massa filtrada de mandioca, mas ao lado disso só se cozinhava purê de frutas e, de quando em quando, um prato de peixinhos, quando por serem demasiado pequenos não valia a pena grelhá-los.

A carne ensopada e o caldo de carne eram desconhecidos; os homens só assavam. Perguntar-se-á talvez como então chegaram a assar. Explicarei no capítulo seguinte que aqui estamos em face de uma experiência de caçadores, ou masculina. Incendiava-se o campo em círculo, afim de se dominarem os animais levantados, e encontravam-se aí animaizinhos assados e frutos que, embora ainda verdes, se haviam tornado bons para comer e até saborosos pela ação do calor.

E como os homens caçadores ainda não cozinhavam, o ferver e o cozinhar devem ter sido inventados com a preparação do alimento de origem vegetal. Veem-se frequentemente as mulheres torrarem nas suas assadeiras de beijú, grandes quantidades de variados frutos pequenos. Os frutos verdes só assim podem ser tragados; as amêndoas e as nozes adquirem, quando tostadas, um sabor muito agradável. Também foram as mulheres que começaram a assar os frutos. As grêlhas trançadas de cipó, que os homens empregavam para preparar a carne e os peixes, não serviam para os frutos, que caíam através das malhas; é possível que as grêlhas tenham então sido encobertas com argila; daí à invenção da assadeira de barro, mais tarde empregada para os beijús, não havia mais que um passo. E quando se procurou “assar” frutos ou raízes amolecidas na água, colocando no fogo os vasilhames naturais (o Botocudo cozinha em pedaços de bambú) ou artificiais cobertos com argila, que os continham, “cozinhou-se”. Só as mulheres, portanto, “cozinhavam com água”!

Se a indústria da mandioca se deve a uma tribo cujos descendentes ainda vivem, dentro da classificação atual, é muito provável que tenha sido a dos Nu-Aruak. A ela cabe o mérito de ter introduzido essa indústria no Xingú, pois sem potes de barro e sem assadeiras de beijú não é possível a preparação da farinha. Mas também nas regiões do norte os Aruak são os melhores preparadores de farinha, e foram desde sempre — embora hoje os Caraíbas da Guiana se tenham tornado habilidosos. Fique, porém, bem entendido que se trata das mulheres! Se ao norte do Rio Amazonas e nas Pequenas Antilhas os Caraíbas subjugaram as tribus aruak, trucidando a metade da população, é de crêr que

esta metade tenha sido a dos homens; as mulheres, com sua agricultura, sua cerâmica e sua técnica do prearo da farinha, sobreviveram.

Vemos assim como entre os nossos índios a cultura mais adiantada, que sobreleva a da caça, surgiu da divisão natural do trabalho, e que também se deve a esta o fato de, por ocasião de rixas e da formação de novas comunidades tribais, ter sido possível transmitir-se essa cultura a gerações posteriores. A mulher não era só animal de trabalho, era também ser humano no trabalho; assim como o homem desenvolveu a técnica das armas e a dos utensílios fornecidos pela caça, desenvolveu ela, com igual autonomia, os elementos culturais ligados ao trabalho de procurar, carregar e preparar os frutos e as raízes; é à mulher que o índio deve a sua saborosa bebida de farinha em vaso de barro. Tudo isso que comprova esta conclusão e se conserva vivo no ciclo cultural brasílico, contribue muito mais para a apologia do feminismo do que a luta de nossas mulheres pelo direito ao trabalho, luta esta oriunda das necessidades modernas e não baseada na divisão do trabalho dos primitivos. É o reconhecimento de que, pelo menos aquí, a possibilidade de uma existência sedentária deve ser atribuída ao mérito indiscutível das atividades femininas, as quais, em vista da profissão masculina de caçadores, eram fatalmente impelidas para determinadas direções, eleva o sexo feminino nessa fase de desenvolvimento, a um grau idêntico ao dos homens.

O esquema caçador e agricultor só assim toma vida; o homem e a mulher representam ambos uma classe profissional ou uma determinada soma de conhecimentos técnicos. É assim compreende-se facilmente que as tribus menos adiantadas do Xingú não tenham sabido fazer os seus vasos de barro, embora possuíssem a argila necessária. Faltavam-lhes as mulheres nu-aruk, e os Nahuquá, que haviam recebido várias destas mulheres no seu meio, tinham encontrado uma solução certa: começavam agora a fabricar os vasos de que precisavam. Os Bakairí no entanto ainda não tinham produzido um potezinho sequer.

Resumo — A agricultura antiga combina-se muito bem com a vida de caçadores levada pelos índios do Xingú. Estes eram em primeiro lugar pescadores. Para a ictiofagia pura não era suficiente o produto da região — a nascente de um rio — que habitavam; entretanto não era escasso nos meses em que os peixes subiam o rio com a enchente aparecendo em grande número

em todos os canais e lagoas, ou quando, com vasante, aumentava consideravelmente a oportunidade da pesca nas porções artificialmente barradas de braços fluviais. A pesca e a caça forneciam, porém, além disso, os instrumentos indispensáveis. Os animais domésticos, como os nossos, não existiam; o cão era desconhecido do aborígene. Este distraía-se com aves multicores — das quais às vezes arrancavam plumas, — sobretudo com papagaios palradores e araras grasnadoras; deixava vagar pela aldeia tudo que por acaso fôsse pegado vivo, pica-paus, garças ou mutuns, e conservava prêso, para deleite da comunidade, na enorme gaiola de varas, a indômita aguia, a *Harpyia destructor*, ou alguma outra ave de rapina; pendurava lagartos com a cauda na rêde, para que diminuassem um pouco os grilos incômodos. Na utilização dos animais o aborígene não tinha ido além e, embora plantando perto da aldeia vegetais úteis, afim de explorá-los, não se lembrava de criar animais que lhe fornecessem alimento. Sim, a atitude do índio em face do mundo animal, dava-lhe uma viva repugnância para comer animais por ele próprio criados; como nós não comemos os cães.

A vida relativamente sedentária, ligada à pesca só se pôde tornar permanente quando as mulheres aprenderam a plantar, a fazer vasos de barro e a preparar farinha. Ainda que a agricultura já tivesse chegado no Xingú, a um apreciável estado de perfeição, podia-se, contudo, reconhecer em certos traços particulares qual a sua origem. Plantavam-se os vegetais úteis encontrados nas imediações; cada tribu colhia, em seu território, as suas próprias experiências. Estas eram espalhadas pelas mulheres que, em tempo de paz ou por ocasião das guerras, passavam para outras tribus. Já quero antecipar aquí que da tradição dos Bakairí-Caraíbas se depreende com evidência quase absoluta, que a civilização destes índios foi favorecida outrora por mulheres nu-aruaq. Têm eles dois heróis de cultura, os gêmeos Keri e Kame, dos quais ao primeiro é dado, na lenda, grande primasia sobre o outro. Estes nomes são as duas palavras nu-aruaq — disseminadas por toda parte e sempre associadas — correspondentes a lua e sol. Explique-se a "individualização" como se quiser, em todo caso é evidente que houve influência dos Nu-Aruaq. Kame é o ancestrai chefe dos Nu-aruaq e de outras tribus. Keri é o dos Bakairí. Tudo o que Keri e Kame empreendem em benefício da tribu é atribuído a conselhos da tia Êwaki, que faz as vezes de mãe. E não é possível que a mulher a que devem os conselhos e ensinamentos fôsse concebida como estúpido animal de trabalho.

IV — O fogo e a descoberta de isqueiro de madeira

Introdução. A queima do campo e o comportamento do mundo animal. Antiguidade da caça. A queimada como fonte de inúmeras experiências culturais. O terror do homem primitivo. O mito dos ensinamentos da ventania. Produção do fogo e métodos de trabalho. O processo empregado no Xingú; origem da fricção da madeira. O estágio da manutenção do fogo, e da técnica da isca. Vagabundos prehistóricos e Prometeu. Confirmação pela experiência.

Já nos capítulos anteriores fui obrigado a analisar, quanto ao seu valor geral para a história da cultura, as observações feitas no Xingú. Isso se faz ainda mais inevitável na discussão do assunto de que agora passo a tratar. Não estou absolutamente inclinado a admitir que os índios do Xingú tenham sido os primeiros a produzir fogo, brocando ou friccionando pedaços de madeira, nem me entrego tão pouco à doce ilusão de ter encontrado um lugar paradisíaco em que se fizeram tôdas as invenções de grande importância. Desejo somente tomar como ponto de partida aquêles pequenos agrupamentos de homens primitivos desconhecedores da cultura européia, do mesmo modo por que poderia procurar uma base indutiva segura em todos os outros agrupamentos em situação idêntica. Quanto à “invenção do fogo”, sou aliás de opinião de que não há motivo algum para não admitirmos ter ela sido feita em quaisquer pontos da terra em que já se possuísse uma técnica primitiva ao lado de conhecimentos práticos da utilidade do fogo.

Em nenhuma circunstância, tanto quanto nas numerosas considerações sobre a relação dos povos primitivos com o fogo se evidenciou mais claramente a dificuldade em que se encontra o homem civilizado para pensar com simplicidade e sem profunda erudição, baseando-se em observações diretas. A pujança da roseira secular que cercou o castelo da Bela Adormecida não póde rivalizar com a de todos aquêles deliciosos disparates nascidos de uma literatura por demais fantasista e sentimental, vicejando enquanto a experiência pura e sadia dormia, esquecida atrás da farragem luxuriante de deduções. Chegou-se ao ponto de afirmar que a produção do fogo por fricção foi uma invenção de sacerdotes que imitaram em madeira a roda do sol: giraram-na até que do eixo saltasse a fagulha. Dois pontos essenciais podem ser tidos hoje como cer-

tos. Ninguém mais admite que existam no mundo tribus que ainda ignorem a arte de produzir o fogo voluntariamente, e ninguém mais dúvida de que os diferentes métodos empregados, mesmo os mais simples, só possam ter sido descobertos depois de uma longa familiaridade com as propriedades do fogo. Isso quer dizer que a produção artificial do fogo foi necessariamente precedida por um período de manutenção e transmissão do fogo natural de lugar para lugar.

Não é fácil constatar se nas florestas baixas e claras do Mato Grosso as numerosas trovoadas desencadearam freqüentes incêndios. Em todo caso afirmaram-lhe que de fato ocorrem incêndios dessa natureza, e não há dúvida que a vegetação das árvores estropiadas e do capim seco do campo os favorece consideravelmente. Os fogos que fizemos durante a nossa marcha, ardiam por muitos dias, propagando-se, sem auxílio, por grandes extensões de campo.

Era curiosa e singular a influência exercida sobre o mundo animal. Todos os animais de rapina sabiam aproveitar o acontecimento de um modo muito inteligente, procurando e encontrando as suas prêsas de preferência na queimada fumegante. Sobre as nuvens escuras desta pairavam numerosos gaviões, e os animais vinham de longe para lambar a cinza salina, preferindo, para isso a noite, talvez por não se poderem esconder na planície descoberta. O solo exhalava um calor agradável.

A caça pelo fogo é comum a muitos povos primitivos. Os índios do Xingú já não a pareciam exercer; os Bakairí em todo caso a conheciam bem, e a lenda de "Kame no rato" ensina que Keri foi caçar com o dono do fogo, a raposa do campo, cuja única presa fôra "um rato queimado", dentro do qual estava Kame, o irmão de Keri.

Keri encontrou-se com a raposa do campo. "Vamos fazer fogo no campo, vovô", disse Keri. Foram fazer fogo; ardia em torno. Kame estava dentro de um rato. Keri não sabia que o irmão tinha entrado nele. O fogo queimou até o fim e apagou-se. Keri procurou caça assada, mas não encontrou nenhuma. A raposa do campo achou um rato queimado. Comeu-o. Encontrou-se com Keri. "Vovô", que assado comeste?" "Só comí um rato".

A queimada fornecia inúmeras experiências sobre a utilidade do fogo: no princípio animais em fuga, mais tarde animais e frutas carbonizadas, animais à cata de prêsas, cinza salina, calor. O caçador pôde aí aprender a assar a carne, o que para ele ia tomando, em menor escala, a importância que a preparação da farinha tem para o agricultor. Pois assar a carne é conservá-la. Depois de muitos dias, a carne assada, que em estado crú já teria entrado

em decomposição, ainda tem gosto agradável. Os Borôro saíam para a caça, voltando, depois de várias semanas, com grande provisão de caça assada; os Auetö demoravam-se vários dias na pesca, trazendo uma canoa bem carregada de peixes assados; entre os Mehinakú vimos cestos cheios de peixes tostados bem apetitosos. Assa-se ainda hoje a carne até ficar com uma espessa crosta carbonizada — a pele queimada — que tem um gosto salino muito apreciado.

De tôdas essas experiências já se podia servir, por ocasião dos incêndios do campo, o caçador primitivo que não sabia produzir o fogo. Ninguém por certo negará que êle colheu conhecimentos do mesmo modo que as diferentes classes do mundo animal ambiente.

Contra isso protestam, porém, os que estão acostumados a ver as coisas com os olhos da nossa civilização. E' que êles não sentem nessa explicação o pavor que nos tempos primitivos deve ter causado o assombroso fenômeno do fogo. Esse terror, porém, não ultrapassa o de sábio diante do perigo de ver cair a lâmpada da sua escrivaninha, incendiando a sala, a casa e a cidade com todos os seus objetos de valor. Dizem êles: Se o homem da nossa civilização, que domina e vigia o poder do fogo, toma-se de susto quando êste elemento é abandonado ao seu furor, se nós somos impressionados pela beleza fantástica do espetáculo das chamas, como não se encherá de medo a alma do pobre selvagem, ao sentir-se esmagada pelo mistério do sublime! Sem dúvida é bem possível que diante de algum incêndio do sertão, que se propague com grande rapidez, o primitivo pêrca a compostura, mas em geral é precisamente nos selvícolas que não se encontra êsse terror, do mesmo modo como não experimentam nenhum assombro diante da magestosa mata virgem, assombro igualmente explorado para explicar a origem de sentimentos religiosos. Só o europeu desamparado aí se amedronta; o selvagem provavelmente se sentiria antes aterrorizado "unter den hinden" do que nas brenhas de sua pátria. O aborígene teme a trovoadas e certamente se apavora diante do raio como qualquer outra criatura, mas o incêndio progressivo quase não o assusta, como também não assusta a muitos animais, a não ser que tanto êle como êstes sejam alcançados pela vaga. Quando o selvícola se vê surpreendido pelo fogo, acende imediatamente o campo nas suas próprias imediações, apoderando-se, sem medo, de um ramo em chamas, quando na ocasião não tem fogueira no acampamento. O mesmo vento que impele o incêndio ao encontro do caçador, atíça também o fogo por êle aceso com o fim de conseguir uma clareira que lhe permita observar despreocupadamente como em tórno se vai alastrando a fogueira. E' antes que

as aves de rapina lhe tomem a dianteira, o homem procura recolher apressadamente os animais mortos e assados que ficaram atrás. E' indiscutível que a mais ladina e astuta das criaturas, caracterizada pela iniciativa própria ao homem, foi induzida muito mais provavelmente a conservar o incêndio do que a fugir dêle ou admirá-lo boquiaberto. O fogo, essa fera indômita, foi em tôda parte encontrado como animal doméstico, o que já por si demonstra que o contacto com sua natureza feroz sempre foi procurado e não evitado. Os sentimentos culturais posteriores explicam-se facilmente, sendo mesmo justificáveis a seu tempo e no seu grau; sempre porém o necessário e o útil precederam o sagrado.

Admitiram-se sentimentos culturais para explicar o início da evolução, supondo-se com o mesmo êrro, pensamentos culturais. Com palavras altissonantes exaltou-se o desconhecido benfeitor da humanidade que teria inventado a produção do fogo pela fricção de dois pedaços de madeira. Uma frase muito citada indica-nos o caminho da feliz invenção através da possibilidade — hoje em dia por certo muito rara! — de se terem observado alguns ramos açoitados pela ventania, os quais, esfregados um contra o outro, se inflamaram, ou a possibilidade de ter visto o vento fazer rodopiar um galho sêco dentro do buraco do nó até que súbitamente se levantassem chamas.

E' fora de dúvida que em muitas coisas a natureza foi a grande mestra do homem. Todavia ela não fêz demonstrações, como atrás da mesa de experiências, o professor as faz para seus alunos. A natureza levou os seus tardos discípulos a toparem de certo modo os fenômenos instrutivos que se desenrolavam. Partindo da psicologia dos povos primitivos, difficilmente atribuiríamos a um oborígene, que presencia pacatamente os acontecimentos da natureza, a faculdade de analisar, segundo causas e efeitos, um complexo de fenômenos, como soprar, açoitar, esfregar, arder, e de tornar a associá-los em seguida mentalmente para obter um "método" que lhe permita alcançar um fim correspondente àqueles efeitos. Sempre que o homem seguiu o caminho indicado por exemplos da natureza, tratava-se de fatos diàriamente repetidos. E' êstes fatos, o homem não os imitou analisando, mas com êles cooperou movido por um interêsse, qualquer, única coisa que o induziu a apreender e conservar na memória os efeitos que lhe podiam ser úteis. Assim, por meio de sua participação ativa, que é o principal, o homem aprendeu a agir de acôrdo com determinado fim, adquiriu um método. Tal progresso só foi possível com a repetição frequente de processos particulares, cada um dos quais agarrado pelos cabelos enquanto se desenrolava. Só pôde apoderar-se espiritualmente de um complexo de rara ocorrência quem já é senhor

dos processos parciais. Nas poucas ocasiões em que de fato se verificou o nascimento do fogo, por efeito de vendavais, o homem provavelmente mais que depressa se apoderou de um tição antes que o vento ou a chuva o apagassem. E' possível igualmente que presenciasse o modo por que uma árvore na sua queda matou certo animal e que então recolhesse, surpreendido e satisfeito a prêsia inesperada. Entretanto, não acho conveniente tornar êsse momento histórico como ponto de partida para o emprêgo do cacete como arma de caça. Isso o homem deve ter aprendido de outro modo. Mas nenhuma explicação simples até hoje conseguiu vingar em relação a qualquer aquisição primitiva. Descobriu-se sempre que a tentativa equivalia a um mito, mais ou menos engenhoso, que só carecia do nome do inventor para merecer incorporação á mitologia dos povos. Também hoje em dia a inspiração do mitólogo sutil propaga-se, elogiada ou reprovada, através de toda literatura, ao lado da lenda de Prometeu, à qual parece ficar ligada para sempre.

E' claro que não nos devemos iludir com as representações místicas, poéticas, religiosas ou científicas — de origem posterior, — relativas ao fogo, e considerar o aborígene, o qual se distingue por um senso prático e um mundo de idéias sóbrio e restrito; como filósofo ou como inventor moderno, o que absolutamente não corresponderia à realidade. Basta recorrermos à experiência viva para vermos imediatamente desaparecer o obstáculo, i. é, a contradição entre o fato de alguma coisa inspirar terror e de ao mesmo tempo se ter tornado indispensável permanentemente, contradição que só pôde deixar de existir após o período do desenvolvimento do conceito de propriedade.

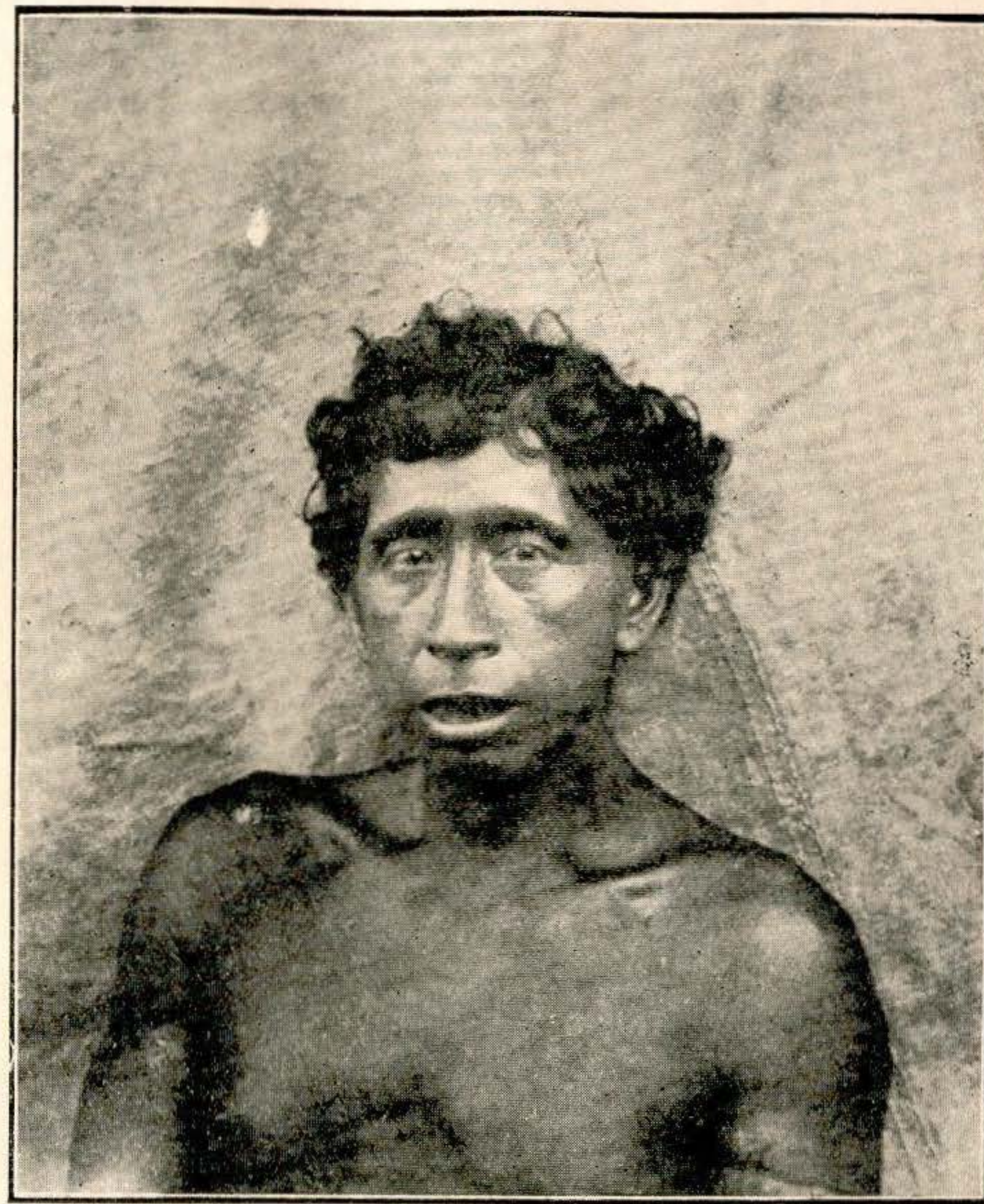
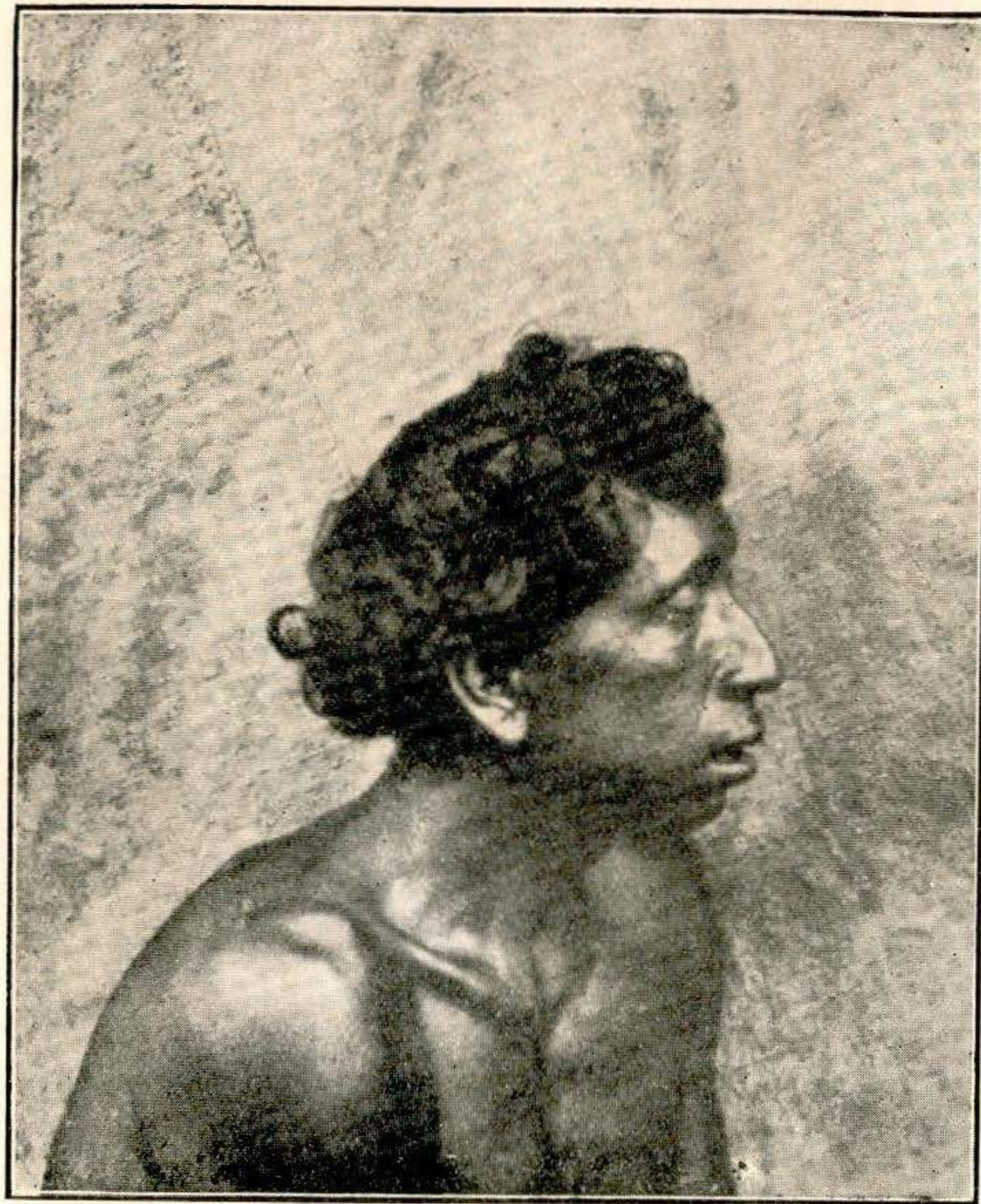
O primeiro estágio, de cuja origem aquí não podemos tratar mais longamente, estágio em que o homem passou a conservar voluntariamente o fogo livre e indómito, e a transplantá-lo, afim de gosar com continuidade as vantagens por êle oferecidas, certamente pôde ser comparado com a domesticação, tratamento e criação de qualquer animal. Mas é só para o segundo problema, o de se saber como nasceu o método de produzir o fogo, que os povos primitivos constituem um campo seguro. Observando-os, vemos imediatamente que há diferentes técnicas para realizar êsse trabalho, as quais por isso devem ser examinadas na sua correlação com os restantes métodos de trabalho. Neste sentido procurei estudar os índios do Xingú, e creio poder demonstrar de que modo se deve ter originado o seu método de produzir o fogo. Empregam a modalidade mais simples do "virote de fazer fogo", muito disseminado na América e em outras partes do mundo, enquanto na Polinésia se usa uma "vara" esfregada dentro de um "sulco".

Os aborígenes tomam duas varas um pouco mais grossas que o dedo auricular e de $3/4$ m. de comprimento, revestidas ainda da casca protetora contra a humidade. Numa dessas varas produzem uma covazinha com auxílio de uma concha. Enquanto um homem a coloca no chão, apertando-a contra o solo, outro assenta a segunda vara na covazinha e imprime-lhe um movimento rotatório muito rápido, nela fazendo subir e descer ágilmente as duas mãos. Pela rotação a covazinha é alargada, e assim desprende-se um pó fino que começa a arder e a fumegar. Junta-se a isca, sopra-se, e dentro em pouco tem-se a chama desejada. A pequena cova aparece então extremamente lisa, e carbonizada na superfície. O processo todo não reclama um minuto de tempo. O homem que faz girar o virote esforça-se realmente; todavia não se trata de um trabalho sobrehumano, se bem que uma pessoa des-acostumada, que não saiba evitar pequenas pausas que dificultam o êxito, de fato não o consiga sem um esforço considerável. Em casos de necessidade uma pessoa só pôde realizar bastante bem o trabalho, servindo-se dos pés para apertar a vara contra o solo.

As varas empregadas são geralmente dois ramos retos do urucueiro, madeira leve e muito porosa. Também existem outras madeiras que, no dizer do índio, “contêm o fogo”, sobretudo o ubá e a cambaiuva, que são as duas qualidades empregadas para hastes de flechas. Quando o caçador solitário necessita de fogo, arranja as varas, quebrando uma flecha em duas metades. Mas a flecha é preciosa, e é penoso fazer girar o virote. Observámos várias vezes como os índios levavam consigo achas acesas quando, vindos da roça fumegante, iam ao porto ou ao mato; mais tarde essas achas eram, simplesmente atiradas fora. Em excursões fluviais de vários dias levavam, na canoa, um pedaço grande de madeira meio podre e seca, em estado de incandescência.

A isca usada é um tecido cortical, de malha fina e de cor parda clara, tirado de preferência de alguma jovem palmeira uacumá (espécie de coqueiro). Fora, no campo, recorre-se também à palmeira guariroba (*Cocos oleracea*) ou a capim e folhas secas. A isca serve para fornecer a chama com que o fogo é transmitido aos gravetos. Ehrenreich diz dos Karayá, e Im Thurm dos Warrau da Guiana que essas tribos fazem o fogo com uma madeira de tão fácil combustão que não há necessidade de isca; “essa madeira contém a isca em si mesma”.

Vê-se que para produzir fogo o “virote” não se precisa de uma madeira dura e outra mole. Os índios do Xingú empregam sempre uma só espécie; os Karayá fazem girar bambú sobre urucú.



O Bakairí "Itzig"

276b

Para nós é penoso fazer girar o virote. E' que, terminando os nossos furadores em parafusos, na vida comum raramente temos necessidade de produzir o movimento em questão. Nunca o empregamos para furar, mas só com o fim de misturar, p. ex. na cozinha, para unir fermento ou ovos ao leite, ou então na preparação de um cocktail. Não é difícil imaginar como se originou o método de perfurar por rotação, usado pelos aborígenes. Primeiramente se fizeram furos por meio de um dente ou um osso pontudo. Quando o objeto a ser perfurado oferecia forte resistência, era-se levado a fazer uma pressão acompanhada de um movimento giratório; pouco a pouco disso resultou a perfuração por rotação. Bastava, para tal, que se trabalhasse com uniformidade, afim de não se rachar o objeto, e que êste fôsse fixado, para não se perder o ponto da perfuração e para se dispor das duas mãos. Êste método de perfurar por rotação é usado pelo índio (com auxílio de um dente ou de uma particulazinha de pedra, atadas numa varinha) — para tôdas as perfurações em concha, osso, pedra, cou-raça de tartaruga e madeira dura. Vemos o selvícola frequentemente entretido com êste trabalho, servindo-se dos pés para prender o objeto a ser furado. — Deparamos, porém, com um enigma quando procuramos explicar como se começou a produzir fogo, fazendo girar um pedaço de madeira sôbre outro. Como se chegou a brocar a madeira com a madeira, se não se tinha a intenção de "inventar o fogo"?

Com a máxima seriedade foi feita a seguinte afirmação: Enquanto se fabricavam instrumentos, polindo ou furando madeira, osso ou pedra, se foi observando que a fricção produz calor, e que com maior intensidade de fricção o calor aumenta, tendo-se então procurado esfregar a madeira tão fortemente que não só ficasse quente, mas começasse a arder e a luzir! Se os senhores que atribuem tal coisa aos nossos presados ancestrais fossem levados a uma ilha de corais despovoada, coberta de mato é de admitir-se, embora com alguma dificuldade, que os seus conhecimentos técnicos e teóricos os induziriam a esfregar a madeira contra a madeira para a obtenção de um fogo de acampamento. O homem pré-histórico porém só pôde ter feito a propositada conquista da invenção do fogo, mesmo que o conhecesse de há muito, no caso de ver luzir a madeira aquecida pela fricção. Então talvez tivesse procurado intensificar o lume até conseguir a chama. Os Bakairí p. ex. chegaram de fato a essa conclusão. A raposa do campo, dizem êles, fêz saltar o fogo dos seus olhos.

Essa tentativa de resolver o problema contém todavia a boa qualidade de não atribuir ao acaso um papel demasiado importante na descoberta. Com efeito, si se admitir que a observação de que

se obtem fogo friccionando ou furando madeira com madeira so foi feita acidentalmente, na fabricação de instrumentos, será imprescindível imaginá-la pelo menos numa correlação direta e intrínseca com o uso do fogo. Quando se brocava a madeira, o trabalho era certamente feito com dentes, osso ou pedra, e embora fosse possível que, na falta de um destes materiais, se recorresse ocasionalmente a uma vara dura para a perfuração por rotação, produzindo-se assim um pó incandescente, tal possibilidade incontestável não me parece entretanto completamente satisfatória por não nascer da própria técnica do fogo. Também não se compreende bem em que caso concreto o homem, na falta do instrumento habitual, tivesse tido tanto empenho em perfurar a madeira, escolhendo um modo penoso de alcançar o fim proposto, em vez de decidir-se por um recurso mais fácil, como o de amarrá-la, quebrá-la ou procurar outra solução mais cômoda. Alguma ponderação e um punhado de fatos indicam-nos talvez um caminho mais rico em perspectivas.

O homem possuía o fogo, conservava-o, mas não sabia produzi-lo. E' claro que a primeira arte que, neste estágio devia e de fato foi aprendida, era a de reavivar o fogo e de transportá-lo de um lugar para outro. Na volta da nossa expedição, que se deu na estação chuvosa, várias manhãs só a muito custo conseguimos obter fogo suficiente. Embora na acha ainda houvesse brasa, toda a lenha estava molhada e não queria arder; o único recurso de que se podiam servir os nossos camaradas era o de descascar esgalhos úmidos, retirando do interior, com auxílio da faca, uma quantidade de aparas bastante secas; que, colocadas sobre a brasa, quase uma a uma e com grande cuidado e paciência, começavam a produzir, pouco a pouco, algumas chamas fraquinhas, hábilmente alimentadas, afim de se transformarem num pequeno fogo capaz de desenvolver-se sozinho. Im Thurm descreve idêntico processo para os índios da Guiana. Relata-se dos aborígenes norte-americanos que eles conduziam consigo, o dia todo, líquenes em brasa, transplantando, assim, o fogo de um acampamento para outro. As achas meio podres que os nossos índios levavam na canoa, ardiam, sem dificuldade, durante um ou dois dias.

Desenvolveu-se cedo, antes que se soubesse produzir voluntariamente o fogo, a técnica da isca. Duma acha que ardia fracamente, transplantava-se o fogo para esgalhos, juntando, para isso, cálamos, aparas ou folhas secas. Conheceram-se assim as partes facilmente inflamáveis dos vegetais. Nas excursões levava-se isca de tecido vegetal esponjoso, da qual também se conservava uma certa provisão no acampamento, pois a chuva ou qualquer descuido podiam pôr o fogo em perigo de apagar-se. Aproveitavam-se as

aparas de madeira, obtidas com a fabricação das armas e do cabo do machado de pedra, ou então o pó produzido na perfuração de madeira por meio de dente, concha ou pedra. Quando faltava a isca natural ou quando se molhava, fabricava-se naturalmente outra. Triturava-se; raspava-se ou picava-se madeira leve com instrumentos de dente, concha ou pedra. Os que imbutiam o machado na madeira, amarrando-o em seguida — que é o modo mais fácil de fixá-lo em ângulo agudo, a posição mais adequada para a fabricação de canoas — talvez tirassem o pó do sulco cavado. Tanto a êstes como aos que perfuravam transversalmente o cabo de madeira do machado de pedra não terá passado desapercibido que o pó assim obtido era muito fino e de fácil combustão. Observavam que a farinha de madeira, relativamente pesada e que não produz chamas com facilidade, queima durante mais tempo que o tecido esponjoso ou a carneira. O pó de madeira prestava-se muito bem ao transporte do fogo vivo de um lugar para outro. Era facilmente conduzido em qualquer pedaço de bambú com tampa perfurada, que se agitava ou no qual se soprava; num segundo recipiente podia-se levar combustível de reserva. Em resumo, se houve um período de transporte do fogo vivo, fôsse para elevar a temperatura, para fins de caça ou para assar alimentos, também deve ter havido uma preparação de iscas e de combustível de material vário, e é certo que para isso também se empregou a farinha de madeira, sempre disponível — mesmo durante a chuva — e necessariamente bem conhecida pela fabricação de objetos de madeira.

Quem foram então os grandes gênios da era primitiva que “inventaram” a produção voluntária do fogo? Foram alguns pobres diabos na mata úmida, que estavam em perigo de ver apagar-se o fogo da isca transportada e que, no momento, não dispunham de concha, dente ou lasca de pedra. Procuraram uma vara ou quebraram uma haste de flecha; quanto mais sêca a lenha, tanto mais facilmente podia ser quebrada e tanto melhor havia de arder. Brocaram a madeira com a madeira para obter copiosa quantidade de farinha, ou, no caso da técnica dos polinésios, esfregaram a madeira com a madeira. A escolha do processo dependeu certamente dos métodos habituais de trabalho. E êsses pobres homens foram então agradavelmente surpreendidos com a verificação de que o pó raspado com a vara de madeira, cuja obtenção requeria maior esforço, mas que também era mais fino, ardia e fumegava sozinho. E’ verdade, como Im Thurm diz dos Warrau, que “a madeira contém a isca em si própria”, mas a isca continha por sua vez a chama. Trata-se, pois, de uma descoberta que qualquer vagabundo prehistórico pode ter feito, contanto que do último fogo de acampamento lhe ficasse um resto de combustível em brasa.

Se por acaso uma grande pensador da era pré-histórica se tivesse guiado pela seguinte conjectura: com fricção se produz calor, não será também possível obter o fogo pela máxima elevação dêsse calor? — êle teria começado a compreender a verdade de que o calor reluzente só se distingue do escuro pela quantidade e pelo efeito sôbre os nervos óticos, e sua tentativa, baseada nessa conjectura, de fazer fogo por fricção, teria sido uma resposta afirmativa, dada pela natureza a uma pergunta bem formulada. A acuidade intelectual dêsse Prometeu da época glacial não teria sido inferior à dos mais profundos pensadores dos tempos históricos...

Ó deuses imortais!

O titã que audaciosamente roubou o fogo abrigou-o num bastão oco; eis como de fato se apresentaria, reduzida a um momento, a história do estádio da manutenção do fogo natural. Mas o que me parece ser o mais interessante é precisamente êsse bastão, uma haste de férula, que é usada como recipiente e cuja medula se inflama com facilidade. Segundo Plínio, os egípcios empregavam esta isca. Prometeu encontrou-se ainda no estádio anterior à invenção do isqueiro de madeira transportando material ardente de um lugar para outro. Também os Murrays da Austrália afirmam ter recebido o fogo num tubo, num cãlamo de gramínea.

Como progresso técnico da produção voluntária tornou-se supérflua a farinha de madeira. Desde então precisou-se da isca leve e macia só — mas nem sempre — para fazer nascer a chama. As madeiras outrora preferidas para fazer a farinha, foram certamente as mesmas com que mais tarde se produziu o fogo, pois é natural que as que se acendem melhor com a fricção, sejam também aquelas que fornecem a farinha mais combustível.

Eu, porém, pensei com Prometeu: o melhor é experimentar. Fiz a experiência, e recomendo-a a todos que se querem convencer do êxito surpreendente que obtive. Tomei uma barriquinha de caviar, de 15 cm. de altura, enchi-a de serragem seca, colocando em cima um pedaço de carvão em brasa. Esperei até que a camada superior estivesse carbonizada e deitei fora a brasa. A atmosfera estava moderadamente agitada, e dentro em pouco a serragem fumegava de tal modo que preferi cobrir o recipiente com uma tampa perfurada. Em seguida envolvi a barriquinha num pano, esperando o resultado; a serragem ardeu sem interrupção durante 13 horas. Reenchendo a barriquinha, o fogo teria continuado a arder pelo tempo que se quisesse. Só então lembrei-me de quantas vezes, na viagem, eu tivera dificuldades em apagar o algodão do chifre de boi que faz parte do isqueiro de aço, usado no Brasil; lembrei-me também da barra de estrume de vaca prensado, que, nos navios da

índia, fica ardendo durante muitas horas para fornecer fogo aos fumantes. É' possível que por tôda parte também se encontre uma correspondente aplicação de farinha de madeira. Entre nós, na Alemanha histórica, usaram-se, até começos dêste século, aparas de madeira, para acender o isqueiro de pederneira e aço.

V — ARMAS, UTENSÍLIOS, INDÚSTRIA

Arcos e flechas. O propulsor. A canoa. Utensílios de pesca. Trabalhos trançados e indústria téxtil. Rêdes de burití e de algodão. Cabaças. Cerâmica.

Nas capítulos anteriores relatei tudo que há de peculiar nos aldeamentos, modos de vida e instrumentos dos nossos índios. O que resta a dizer de um ou outro utensílio, resultará por si mesmo da descrição da atividade industrial, que por seus múltiplos traços originais requer um exame lespecial. Cumpre, porém, comunicar ainda alguma coisa sôbre o aspecto e o uso das armas, bem como sôbre as artes mais simples.

Os arcos e as flechas constituem a única arma comum a todos os nossos índios. Entre os Suyá e os Trumai observa-se o uso de maças. Em parte alguma se empregam lanças, nem zarabatanas e flechas envenenadas. Só o mágico tem uma espécie de flechas teòricamente envenenadas: pequenos ramos que ele apeçonha com poderosa arte mágica, lançando-as então secretamente, como adiante veremos, contra sua vítima. Aquí estamos certamente em face da idéia de um arremêso de veneno.

Distinguem-se os arcos e as flechas pelo seu tamanho. As últimas são trabalhadas com extraordinário capricho. O comprimento dos arcos vai além de 2 1/3m, o das flechas mede 1 1/2 até quase 2m. A madeira dos arcos é de cor amarelada ou pardo-clara e proveniente do aratázeiro, tecomá, etc. Só em alguns arcos de tribus tupí vimos empregada a madeira de palmeiras. Essas tribus também revestem o arco de um artístico entrançado de algodão, hábito desconhecido das restantes tribus. A corda é trançada de fibra de tucum.

A flecha é uma obra de arte que de modo algum póde ser chamada de simples. Comparando-se as flechas das nossas tribus, entre as quais se processou uma certa nivelção etnográfica, com as das regiões limítrofes, notam-se sempre — mediante cuidadoso exame — diferenças no material ou na técnica. As flechas dos Yuru-

na, do Xingú inferior, as dos Karayá a leste na direção do Araguaia, as dos Paressí a oeste, as dos Borôro no sul, bem como as dos Yarumá apresentam sempre as suas determinadas características. Assim como das línguas, pode-se também fazer um estudo comparativo das flechas. Chegando a uma tribo nova, víamos frequentemente os índios examinarem e determinarem com grande interesse as peças trazidas dos vizinhos. Exceto as nossas roupas, nada havia que àquela gente parecesse tão curioso como a nossa falta de arcos e flechas. Embora seja difícil compreender como o índio imagina que seus heróis de cultura criaram as diferentes tribus por encantamento de canas de flechas fincadas na terra, é muito fácil apreender a idéia básica dessa concepção, i. é, que a flecha é o distintivo tribal. O grande mágico escolhe para cada tribo a espécie de cana que será empregada como haste de flecha. A cana da cambaiuva dá hastes mais delicadas e finas; os Bakairí mansos, depois de conhecerem as espingardas, abandonaram a cana de ubá geralmente usada no Xingú superior, possuindo agora flechas que, embora maiores que as de crianças, todavia são pequenas em comparação com as do Xingú. Também os arcos (1,79m) diminuiram em tamanho.

A flecha mais simples é constituída pela haste de cana, guardada de plumas, na qual se introduz uma vareta fina que sobressai 1/3m. e que é um pouco adelgada na extremidade. Abaixo da ponta aplica-se uma pequena farpa, formada por um dentinho ou, de preferência, pelo aguilhão mandibular do tamanduá-bandeira. Em vez disso fixa-se também em cima, na ponta de madeira, um pedaço comprido dum osso tubular de macaco, do braço ou da perna, dos quais se reúnem grande molhos no rancho; esse osso é então adelgado na ponta. Como meio de fixação emprega-se cera, aplicada por meio de um osso. Também o aguilhão da raia tem serventia como ponta de flecha. Outro modo de obter a farpa é, finalmente, o de colocar um pedaço de osso, entalhado e de duas pontas, na extremidade, lateralmente excavada, da vara de madeira, amarrando e enresinando-o.

Por vezes enfia-se na haste da flecha, até um pouco acima do meio, uma nóz de tucum ôca e perfurada; lateralmente recortam-se na noz um ou dois furos. Quando a flecha corta o ar, ouve-se um sonoro zunido e sibilo. Ao passo que as flechas sibilantes só são usadas na caça de aves, as outras se destinam à caça em geral e à pesca; as que se distinguem por farpas, são empregadas exclusivamente para pescar. Flechas com pontas de madeira entalhadas a modo de serrote, não se encontram no Xingú, salvo entre os Yarumá, que consideramos como um grupo sulino dos Mundurukú do Tapajoz.

Os Suyá e os Trumaí possuíam, para a guerra e para a caça de jaguares, flechas com longas e pontudas facas de bambú. Lascas fusiformes de bambú, medindo até 35 cm. de comprimento e 36mm. de largura, e de gumes bem afiados, assentam sobre a vara profundamente enfiada na haste tubular e acamada num sulco entalhado embaixo na superfície interna da lasca. O fuso pontudo só é fixado ligeiramente com um pouco de resina e alguma fibra; fica prêso no corpo atingido pela flechada, enquanto a haste com a vara se desprende atrás.

O que há de mais notável na flecha é a emplumagem da extremidade inferior. Duas penas, ou melhor, duas metades de pena, pois que a pluma é fendida na sua haste, são fixadas em torsão espiral, circunscrevendo um quarto do perímetro; o plano da parte superior de cada uma das barbas de pluma é perpendicular ao da parte inferior, de modo que a flecha atirada descreve um movimento de parafuso. As plumas são distendidas ao longo de pequenos orifícios — feitos com dente de agutí e ampliados com uma pontuda lasca de burití, — e, pôde-se dizê-lo, costuradas na flecha; o fio de algodão é envolvido em torno das extremidades e por sua vez protegido com casca de vaimbé (*Philodendron*). As penas empregadas são geralmente de cracídeos, jacú (*Penelope*) e mutum (*Crax*), do falcão e da arara azul. No lugar em que a mão abrange a haste da flecha, está é envolvida com vaimbé. Embaixo há um entalhe paralelo à parte superior das plumas.

As flechas de crianças são semelhantes, mas de tamanho menor, e com pontas de madeira e de osso; as da primeira infância são formadas por varetas delgadas e flexíveis tiradas das fôlhas de palmeira.

O arco é commumente segurado em posição vertical. A flecha fica à esquerda do arco. E' mantida entre o indicador e o médio que puxam a corda para trás, enquanto o anelar e o auricular ainda ajudam a esticar esta. O polegar não entra em ação. Essa distensão, correspondente à entesadura mediterrânea de Edward S. Morse, difere da maneira borôrô. Não se observam dispositivos destinados a proteger os dedos contra o forte atrito da corda. A mão esquerda, que mantém o arco, pode segurar ainda uma flecha de reserva.

A flecha visa o alvo só a pequena distância; quando esta é grande, o arco é levantado bem alto e a flecha sobe perpendicularmente ao alvo, descendo em seguida sobre êste. Sobre o rio, o índio nú, que, na canoa pouco funda, toma essa atitude pitoresca para atrair a prêsa. Os queu estão na canoa devem conservar-se um espetáculo realmente maravilhoso! Quando atiram sobre peixes, os índios mergulham freqüentemente na água a ponta de fle-

cha, afim de examinarem o grau da refração da luz. Essa modalidade da pesca requer muita prática. O companheiro de trás rema vagarosamente, enquanto o flecheiro, pronto para atirar, está em pé na proa, espreitando muito atentamente. Nós, civilizados, não veríamos mais do que o índio que pela primeira vez olhasse num microscópio. Basta uma ligeira modificação na forma das ondas, para atrair a presa. Os que estão na canoa devem conservar-se rigorosamente quietos; não se ouve o movimento dos remos. Não há dúvida que muitas flechadas erram o alvo, e muitas vezes duas ou três das lindas flechas boiam tristonhas na água até serem recolhidas. Não é de admirar que aos índios o nosso anzol aparecesse como uma revelação. Embora ainda desconhecessem o anzol, já sabiam usar a isca. Mas deixavam-na boiar livremente na água. O flecheiro lançava da canoa um bago vermelho-escarlata, e no momento em que, no fundo, uma bôca prestes a fechar-se o queria engulir, a flecha se desprendia do arco. Os que procuram um esporte novo, que façam a experiência. Os índios exercitam-se na praça da aldeia, fincando na terra, como alvo, uma haste guarnecida, na parte superior, de um pedaço cônico de cortiça.

A *taboa de arremêso* (propulsor), que no nosso caso, em que não se trata de taboa, é freqüentemente chamada "madeira de arremêso" (22) é uma arma atualmente rara que só encontrámos entre as duas tribus tupí, os Kamayurá e os Auetö, e os Trumaí. Constituiu a maior surpresa etnológica da nossa viagem. Ehrenreich observou-a mais tarde também como os Karayá, no Araguaia. Suplantada pelo arco, permaneceu só em uso corrente entre os Esquimaus pobres em madeira. Pelo que se sabe, os índios norte-americanos não a conheceram; entre os antigos mexicanos e entre os Maya, bem como entre os habitantes da Colúmbia, encontrámo-la pouco empregada, podendo-se entretanto concluir por uma maior disseminação em tempos passados; é considerada como arma dos guerreiros incas; observámo-la finalmente, em esparsos exemplos, em povos sulamericanos, sobretudo tupí, tanto no Amazonas setentrional como na parte oriental do Brasil. Também nas nossas tribus o propulsor perdera a sua importância de outrora ou pelo menos, estava em vias de perdê-la. Não obstante via-se em cada casa um número maior de propulsores que de arcos, e os índios diziam que, embora não se servissem mais desta arma para a caça, empregavam-na contudo na guerra. Quando em 1884 os Trumaí apareceram diante do nosso acampamento, não levavam propulsores. As esferas de pedra, com que se guarnecem, em casos gra-

(22) — Para o nosso caso a melhor denominação seria "Pfeilschleuder" (propulsor de flechas). "Wurfholz" (madeira de arremêso) pode ser facilmente confundido com madeiras que são arremessadas.

ves, as flechas atiradas com o propulsor, não abundavam entre os Auetö e os Kamayurá deviam adquiri-los dos Trumaí. In-
fere-se daí que, pelo menos para as tribus tupí, já pela sua locali-
zação geográfica, não tardará a abolição do propulsor. Não dei-
xará, entretanto, de ser muito apreciado e empregado como arma
esportiva. Ao discorrer sobre as danças, terei de referir-me tam-
bém à dança do propulsor, que representa o ferimento na luta. O
propulsor serve para lançar com grande força uma flecha carre-
gada com uma pedra, ou seja um dardo fino. O tipo empregado
no Xingú é uma vara fina e lisa de madeira dura de palmeira,
medindo uns 70 cm. de comprimento. A extremidade anterior se
alarga num punho provido de um orifício, enquanto a outra ponta
apresenta um pequeno gancho. Não se trata, pois, de taboa, nem
de arma que tenha um sulco. Ver figs. 28 e 6.

Coloca-se a flecha atrás sobre o gancho, enfia-se o indicador
pelo orifício do punho, enquanto os restantes dedos circundam o
punho e a flecha. Assim a parte posterior da flecha assenta fir-
memente sobre o propulsor; o braço é levantado com grande im-
pulso, e o propulsor descreve um arco para a frente e para cima,
desprendendo violentamente a flecha com êste movimento de ala-
vanca. Os propulsores são fabricados de madeira clara ou escura
de palmeira, bem polidos, dando em parte uma impressão de ele-
gância, sobretudo quando do cordel do gancho pende um pequeno
môlho multicolor de plumas. O punho tem uma largura de 5 cm.

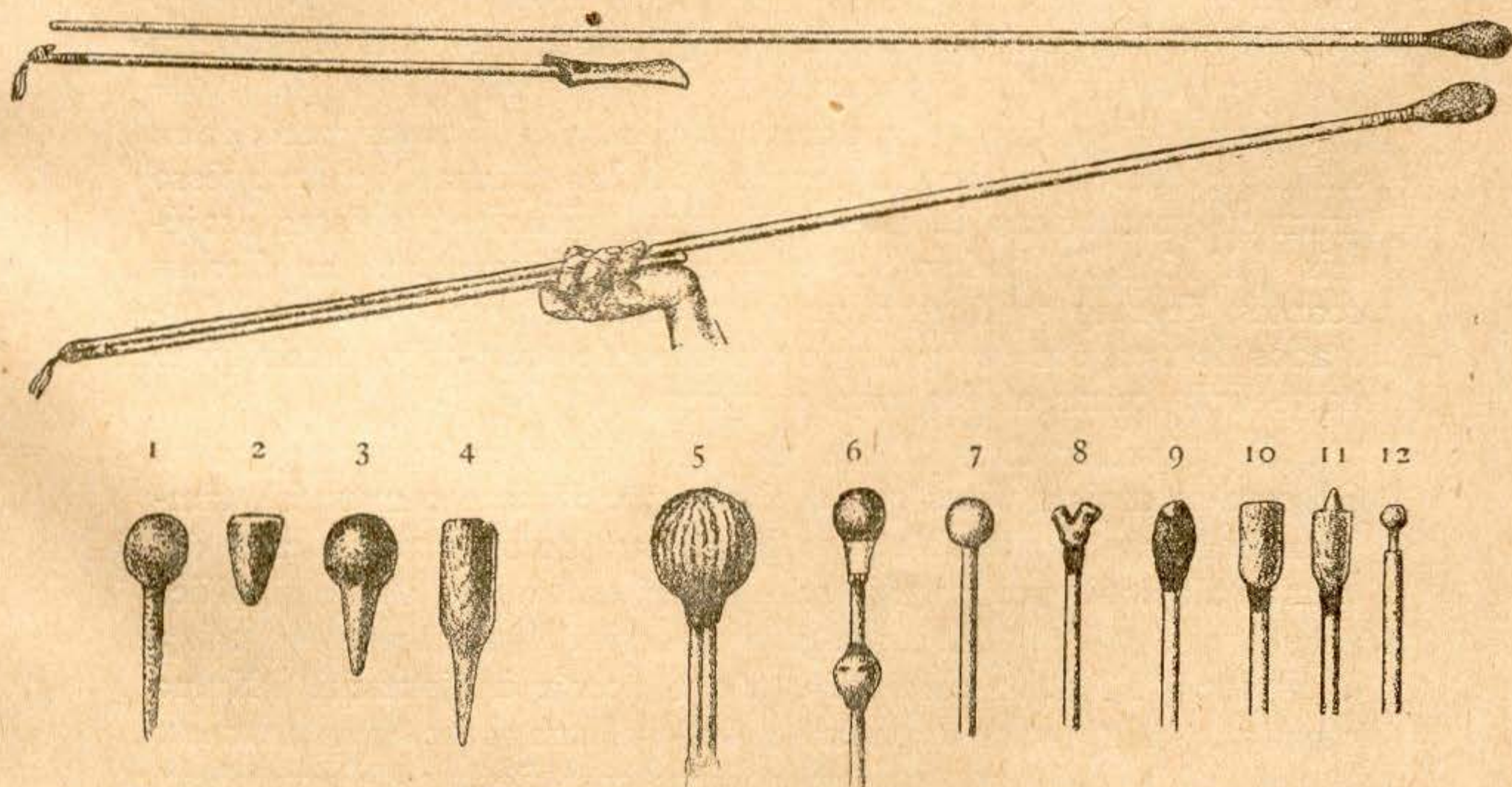


Fig. 28

na frente e 6 cm. atrás, com um comprimento de 15 cm.; e é talhado em forma biconcava, para que a mão se aplique com maior segurança. O comprimento da haste mede quase quatro vezes o do cabo. O gancho com que se guarnece a flecha — representado entre os Karayá por um osso — é aqui uma varinha de 2 1/2 cm, amarrada obliquamente com fios de algodão. Para as crianças havia propulsores de tamanho menor.

Entre os nossos índios a cana lançada pelo propulsor não constitue lança, mas uma genuína flecha de ubá; êles mesmos a chamam de flecha. Só a emplumagem geralmente não é feita com tanto capricho, não sendo também fixada em forma de espiral. Não se usam pontas ósseas ou pontas agudas de madeira. A característica da flecha de arremêso é, pelo contrário, a “ponta rombuda”, o que por sua vez contradiz à lança. A flecha de arremêso não espeta, mas despedaça pelo grande impulso com que atinge o objeto. Era munida de pesada ponta de pedra ou madeira, embutida na haste, atada com fio, e recamada de cera. As pedras eram ou cônicas, como o n.º 2 da fig. 28, ou piriformes, como o n.º 3. Da camada de cera sobresaía só uma pequena parte da pedra; v. n.º 9. As pontas de madeira tinham formas variadas, ora esféricas, ora correspondendo às peras de pedra, com longo cabo para ser introduzido na haste (n.º 1), ora formadas — que era a modalidade mais comum — de uma peça cilíndrica, apontada em baixo para entrar na haste (n.º 4 e 10), podendo também, por exceção, apresentar (n.º 11) uma saliência aguda, ou ainda, ter forma de botão (n.º 12) ou forquilha (n.º 8). Na fig. 6 da pág. 109 a flecha do meio ostenta um longo e estreito cone de madeira com uma ornamentação formada de um desenho de linhas e pontos pretos sobre fundo branco, representando já uma verdadeira arma de decoração para a dança. Muitas flechas de arremêso eram só guarneçadas de esferas de cera. Finalmente êsses projéteis (n.º 6 e 7) podem ser encabeçados, à maneira das flechas soantes, de uma ou duas nozes de tucum (*Astrocaryum*), ou formados de uma noz de tucum do tamanho de um punho, tendo como haste duas canas atadas uma na outra.

O propulsor tirou o seu nome da palmeira tucum: *Yauarí*. Observa-se muitas vezes que a planta que fornece o material, também dá nome ao utensílio; os Kamayurá acrescentavam uma determinação mais precisa, dizendo *yauarí amomoáp*, o que significa (*amo* longe, *mo* causativo, *ap* quebrar, ferir) “tucum que despedaça à distância”. Apollo *amomoáp*, o que acerta à distancia. Numa lenda que Ehrenreich registou entre os Karayá ocorrem macacos que, do alto da árvore, matam homens com flechas de arremêso. Com isso concorda de certo modo a afirmação dos índios de que

o propulsor é eficiente na mata. Quando correm por entre as árvores, perseguindo rapidamente alguma vítima, podem manter pronto para atirar o propulsor com a flecha de arremesso, não, porém, o arco que requerer as duas mãos para ser armado; só o propulsor permite aproveitar os curtos momentos em que o alvo fugitivo perde o abrigo dos troncos e dos arbustos baixos. A violência com que a flecha se desprende do propulsor e atinge o objeto alvejado é muito maior do que poderia parecer. Mas a grande desvantagem dessa arma, em comparação com o arco, é a de não servir para atirar para o alto, não sendo, por. ex., possível tirar uma ave da copa de uma árvore. Outra desvantagem é a de não se prestar para a pesca; em resumo: não se trata de uma arma de caça, e, embora guarnecida de pontas que atravessassem a pele, só teria serventia restrita para caçar animais de grande porte.

O propulsor é uma arma guerreira, e só como tal a consideram os índios. Tinha o seu valor, ao lado do arco, onde havia guerras, pedras apropriadas e matos. Se a chamamos de precursor do arco, devemos, porém reconhecer que de modo algum nos auxilia a desvendar o mistério da origem dêste, pois o essencial do arco é a sua fôrça de mola, tanto da madeira como da corda.

Maças só existiam entre os Suyá e os Trumaí. A dos Suyá (v. "Durch Centralbrasilien" fig. da pág. 326) era chata, medindo $1\frac{1}{3}$ até quase $1\frac{1}{2}$ m. de comprimento, a parte superior era oval e ornamentada de olhos de concha. Constituiu elegante arma, feita da palmeira seriba, de madeira pardo-escura e reluzente como se fôsse polida. A maça trumaí é de forma semelhante, mas menor e mais tosca, não representando obra de arte. Também na segunda expedição obtivemos só uma dessas maças. Os Trumaí, como os Kamayrá, tinham também pequenas maças para dança, de que falarei mais tarde. Também quanto à maça constatá-se, portanto, como no caso de propulsor, que a arma antiga degenera em brinquedo. Com os Kamayurá encontramos, além de uma maça suyá, uma outra atribuída aos Yarumá, e que correspondia exatamente à maça karayá encontrada em 1884 com os Yuruna: um bastão pardo-escuro, cercado de sulcos verticais e estrias agudas, com pontas rombudas e uma parte central lisa para a mão. Como os Yuruna de lá, os Kamayurá de cá haviam transformado a arma mortífera em pacífica bengala. Deve-se reconhecer que os armamentos dos homens do Kulisehu não revelam hábitos guerreiros.

As *canoas* são fabricadas, ordinariamente, da casca de jatobá da maneira que já descrevi quando falei das nossas embarcações. V. pranchas 10 e 11. Uma canoa bakairí, medida em 1884, tinha

8 m. de comprimento, 64 cm. de largura central em cima, 56 cm. em baixo, 24 cm. de profundidade, 63 cm. de largura na proa, e 11 a 21 mm. de espessura de casca. Na segunda viagem vimos exemplares mais compridos, e a arca que obtivemos dos Mehinakú tinha uma largura muito maior, distinguindo-se sem dúvida por uma corpulência excepcional. As canoas dos Bakairí, que tinham de servir num leito fluvial menos fundo e cheio de pedras, eram um pouco mais rasas do que as que se observavam mais abaixo. Entre os Yaulapiti a borda era um pouco curvada para dentro.

Os remos, cujo comprimento media um pouco mais de um metro, eram formados de uma pá, ligeiramente excavada, de uns 60 cm. de comprimento e 10 de largura, com cabo e punho de muleta, e com a outra a parte inferior do cabo, o índio afunda o remo, perto de si e bastante verticalmente, imprimindo-lhe, com forte pressão, um movimento de alavanca. As remadas sucedem-se mui-

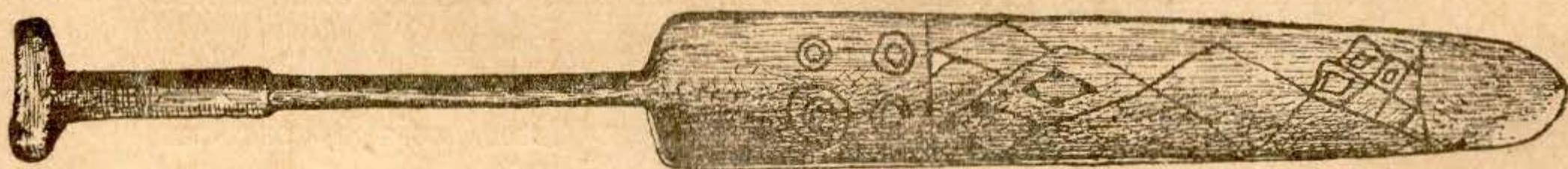


Fig. 29

tas vezes com grande rapidez; o remo é lançado bem para o alto, e muito ligeiramente dá-se a troca das mãos. Um dos remadores está geralmente sentado na frente da canoa, o outro atrás; êste a dirige com sua pá, e o trabalho de atirar os peixes cabe ao primeiro. Um pedaço de galho, entalado no fundo da embarcação é o único assento. No centro está a cesta, protegida contra a chuva por meio de fôlhas. O barro e a resina desempenham papel importante; principalmente na proa, onde a casca é dobrada para dentro, esta racha facilmente, deixando entrar água. Graças à sua grande habilidade como pilotos, os Bakairí navegam também rapidamente pelo turbilhão das cataratas; entretanto as cachoeiras mais íngremes, existentes mais abaixo na região dos Yuruna, não podiam ser atravessadas com as rasas e quebradiças canoas de casca — o que representa considerável obstáculo para a deslocação das nossas tribus na direção do norte. Igual dificuldade ofereceria talvez, na corrente mais larga, o embate das ondas, provocado por qualquer vento forte. Em compensação as canoas de casca têm a grande vantagem de ser fabricadas em pouquíssimo tempo. Por isso até na Fazenda de São Manuel a gente se contentava com

uma canoa fornecida pelos Bakairí, e cuja fabricação reclamava apenas um dia de trabalho. Com facilidade carregam-se as canoas do mato para a margem do rio; os ombros são protegidos por anéis de entrecasca.

Utensílios de pesca. Trabalhos trançados e indústria textil. Rêdes de burití e de algodão. Cabaças. Cerâmica.

Utensílios de pesca. * A pesca com arco e flecha fornece somente pequena quantidade de alimento. Já falei das cercas ou filas de estacas com que se havia barreirado o rio junto à segunda aldeia bakairí; mencionei as “chiqueiras” formadas de um emaranhado de ramos, fechando desembocaduras de riachos ou braços de lagoas; referi-me também aos círculos de pedras, colocados, perto das cachoeiras, muitas vezes em grande número, no leito pouco profundo do rio, e pela estreita abertura superior dos quais entravam os peixes, que eram enxotados rio abaixo e presos, por meio de rêdes, na saída oposta; descrevi, finalmente, a pesca com cestas de pescar, feita pelos Bakairí na lagoa rasa do campo. Muitas vezes pesca-se à noite entre as pedras, à luz de tochas. Não observámos no Xingú o método da pesca por envenenamento.

E' uma observação muito importante a da ignorância do anzol entre tôdas aquelas tribus, de tão variada origem, e tôdas constituídas de ardorosos pescadores. Trata-se de um fato que corrobora a afirmação de vários autores de que o anzol foi introduzido pelo europeu no norte e no sul do Amazonas. Se assim não fôsse restaria a única hipótese viável de terem as nossas tribus emigrado de seus domínios primitivos antes que aí se conhecesse o anzol. Pois, quem, como eu, teve ocasião de observar com que interêsse os aborígenes tomaram conhecimento dos nossos anzóis, achará ridícula, certamente, a hipótese de terem os índios degenerados esquecido uma invenção que outrora — quando ainda mais próximos do ponto de partida dos Caraíbas, dos Nu-Aruak, dos Tupí ou dos Gê — lhes fôra bem familiar. Compreende-se que tribus indígenas abandonem a fabricação de massas depois da passagem para a vida pacífica; poder-se-ia compreender ainda que uma ou outra das nossas tribus tivess^{se}, ao vir do Amazonas, abandonado a canoa de madeira, por julgá-la dispensável nas nascentes, onde lhe bastavam perfeitamente as canoas de cortiça, de fácil fabricação. Mas não consigo acreditar que pescadores, outrora possuidores de anzóis, tivessem deixado de usá-lo — numa região em que sempre lhe teria sido de grande utilidade — para que nós os trouxéssemos, mais tarde, aos seus descendentes. Em guaraní e em

tupí traduz-se gancho e, especialmente, anzol por *pinda*, e segundo este vocábulo dá-se, em ambos os dialetos, o nome de *pinda-iba* (vara com gancho) à *Xilopia frutescens*, que fornece a vara de de pescar. Para os Kamayurá, que são Tupí absolutamente puros, e nos consideravam irmãos de tribo quando comparávamos os vocábulos que tínhamos em comum com eles, a coincidência falhou precisamente em relação a essa planta. Não conheciam *pindaiba*, chamando-a de *ivira* ou *ivít*, que corresponde ao *ymbira* do tupí ou guaraní = “árvore com pele”), segundo Martius “nome de diferentes bombacáceas e xilopias”. Aquela gente em estado de decadência teria esquecido também o nome vegetal “vara com gancho”, embora lhe fôsse tão fácil conservá-lo na memória.

As nassas, simples redezinhas de mão, eram trançadas de fibra de tucum torcida e muito resistente. À maneira de saquinhos, penduravam-se de um pedaço de cipó, curvado, com ambas as extremidades em forma quase oval. Distinguíam-se duas espécies de nassas, uma, o *puroschi* dos Bakairí, larga, de estreitas malhas horizontais e retangulares, outra, o *tamaschi*, estreita e comprida, de amplas e longas malhas verticais. A cesta de pescar *kutu* era uma armação trançada de varetas pontudas, com forma de cone rombudo e aberta em cima e em baixo. Observei Paleko quando, para fazer uma cesta de pescar, igualou em tamanho um feixe de varas já pontudas mas ainda de comprimento desigual. Mediu-as da seguinte maneira: tomou um pedaço de haste de flecha a-b e outro c-d, amarrando em b e c um embaixo do outro de forma a mantê-los paralelos; colocou então a vara a ser medida ao longo da parte livre c-d, apoiando-a em b, e riscando-a profundamente em d, para, a seguir, quebrá-la.

Os índios fazem não raro excursões de pesca que duram vários dias. Trazem para casa peixes assados, mas parecem contentar-se também, às vezes, com as fartas refeições que a pesca lhes proporciona fora da aldeia. A pirâmide da grelha de assar, a trempe dos brasileiros, que se encontra quase regularmente nos lugares em que os índios pernoitaram por ocasião da pesca ou da fabricação de canoas, é levantada em poucos instantes. Três varas são armadas à maneira de fuzís e ligadas em cima por um cordão de cortiça; um pouco abaixo do meio fixa-se, numa destas varas, por um trançado, duas menores, cada uma das quais, por sua vez, presa à vara vizinha; o ângulo assim formado é coberto com outras varinhas de modo a constituir uma grelha horizontal e triangular. Os peixes são abertos por meio de dois cortes, um longitudinal, seguindo a linha mediana, outro transversal que começa no primeiro; levantando os dois triângulos soltos, retiram-se as vísceras, e os peixes estão prontos para a grelha.

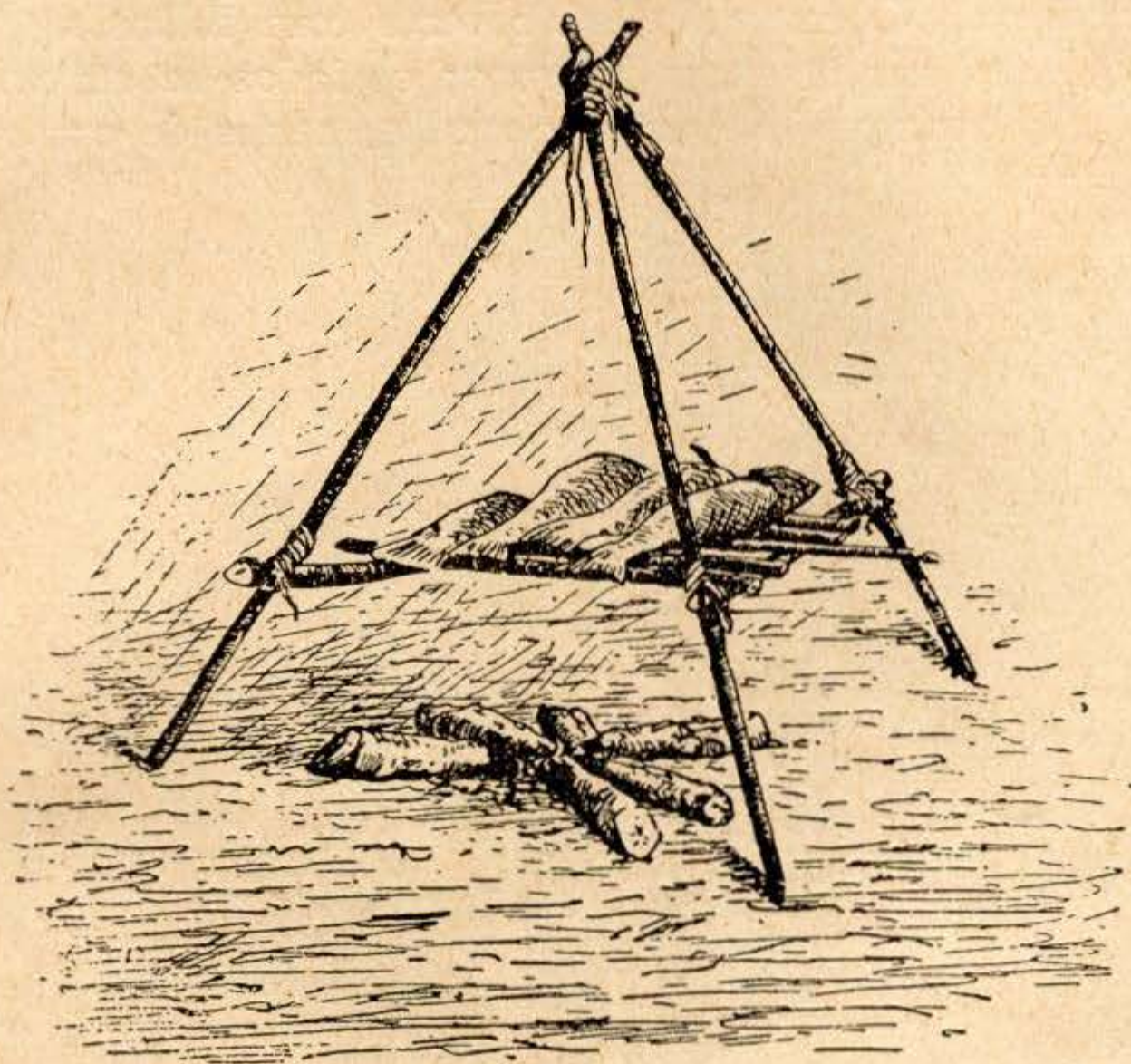


Fig. 30 — A trempe — (1/30 do tamanho natural)

Trabalhos trançados. O material era tirado das palmeiras bacaiuva, burití, acarí e carandazinha, do bambú e da haste de maranta, que era rachados, bem como da palmeira trepadeira urumbamba (*Desmoncus*) e dos indispensáveis cipós. Cabia aos homens o trabalho de trançar. Para isso também se valiam dos pés; com um seguravam as hastes transversais, com outro as longitudinais. Não demonstravam grande adiantamento no mister da fabricação das cestas. Havia cestinhas que ficavam em pé, outras que eram penduradas; parte delas era feita de malhas estreitas, parte de malhas largas; havia cestinhas para guardar miudezas, carregar peixes, etc. — mas não se fôra além das formas comuns. Para produzir alguma variação acrescentavam-se no trançado listas tingidas de preto. Os Mehinakú e os Auetö tinham cestos maiores e quadrados, com forma de côcho e que ficavam em pé; caracterizavam-se por sua boa aparência e eram ornados, nos cantos, com borlas; serviam para guardar cuias e coisas semelhantes. Os Mehinakú chamavam-nos de mayáku, palavra que os Bakairí empregavam para as cestas de carregar, de construção bem diferente. A figura 31 mostra a cesta de carregar, de três lados, usada por tôdas as tribus, e chamada *mayáku* pelos Bakairí. No retrato de Tumayaua, prancha 6, vê-se a outra modalidade da

cesta de carregar, transportada por meio de um laço de embira prêso na cabeça. O conteúdo era coberto com fôlhas, igualmente usadas para revestir as faces internas; os lados se atavam então em cima. As crianças já usavam pequenas cestas de carregar.

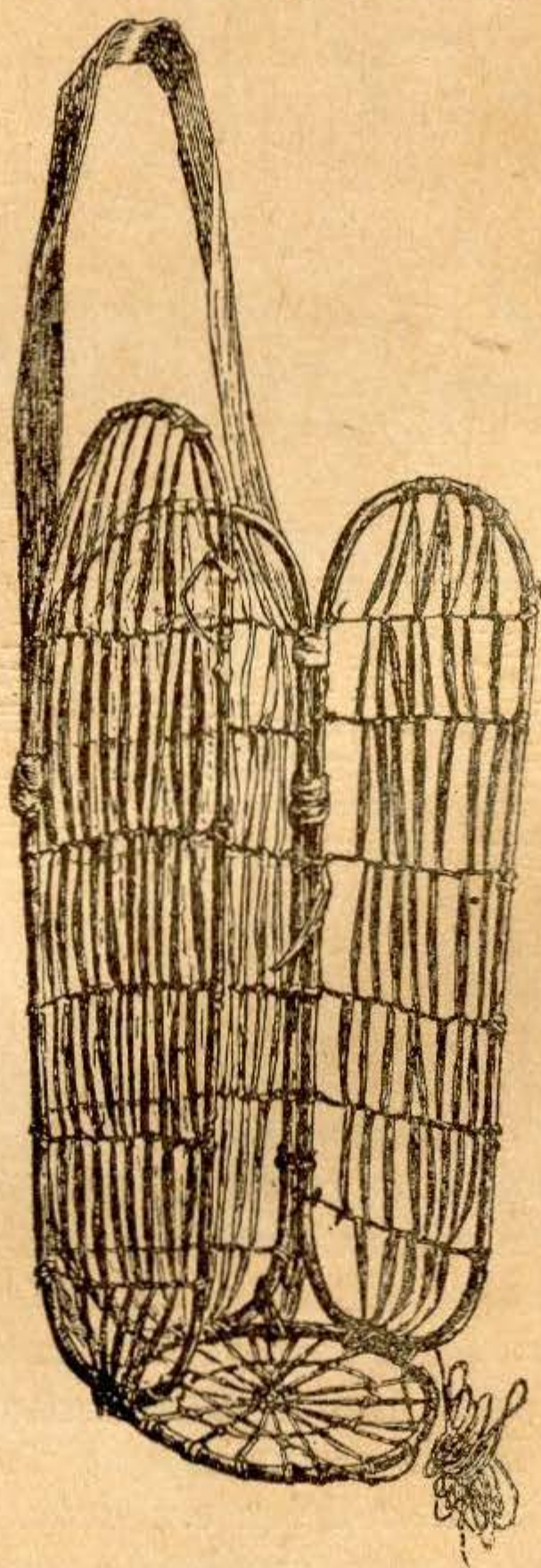


Fig. 31 — Cesta de carregar, de três lados (1/7 do natural)

E' preciso mencionar os cêstos de provisão, em que se guardava a farinha de mandioca. Ao passo que entre as tribus situadas mais abaixo êsses cêstos tinham forma tosca, lembrando os de carregar, os dos Bakairí (*oádu*) constituíam trabalhos de caprichosa confecção. Cinco ou seis varas finas, da altura de um homem, circundadas por aneis transversais de cipó, erguiam-se de modo a formarem uma armação circular arrimada de qualquer maneira; internamente revestia-se esta armação com fôlhas de helicônia, das quais várias costuradas uma na outra; externamente era



Mehinakú

292 b

a armação envolvida, de baixo para cima e em formá de círculos horizontais, com a cortiça avermelhada da pindaiba, sendo os diversos pedaços amarrados um no outro. Ao lado dêsses cêstos não trançados, havia outros de um trançado de malhas abertas de forma hexagonal, igualmente forrados com fôlhas. Os cêstos eram pendurados por meio de faixas de embira.

Era pouco desenvolvida a indústria das esteiras. Havia algumas, de tamanho pequeno, mas muito bem feitas, em forma de leque ou quadradas, empregadas como abanadores para atizar o

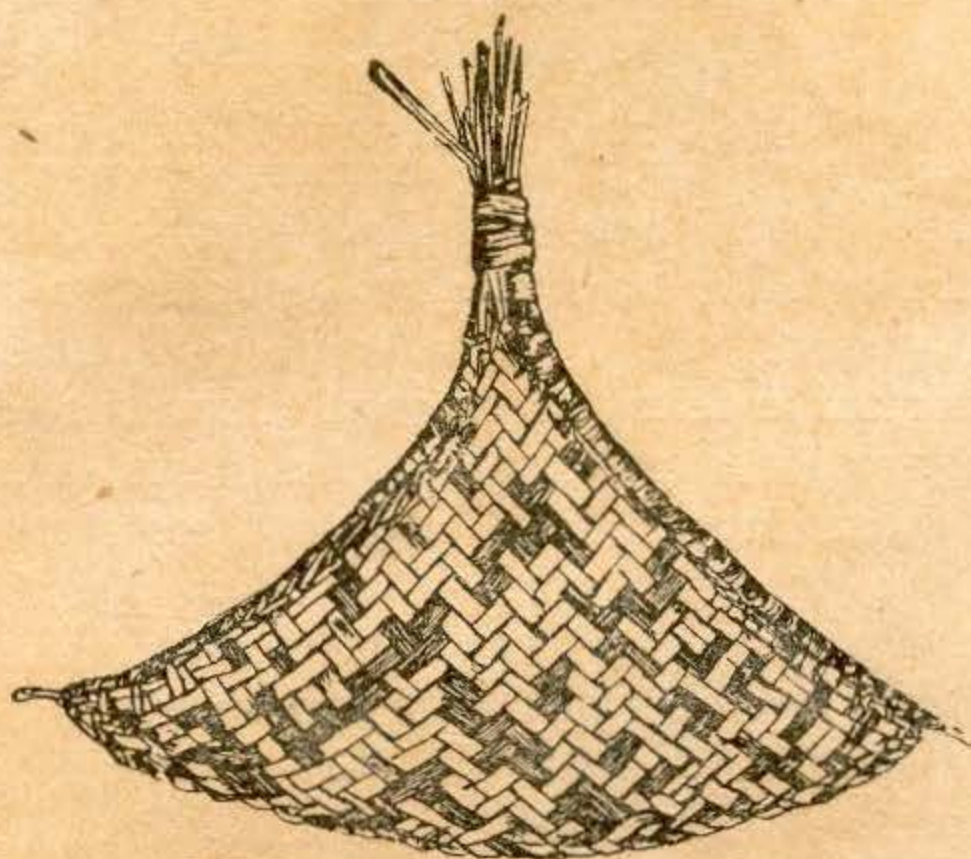


Fig. 32 — Abanador — (1/9 do tamanho natural)

fogo. Na preparação da farinha também se usavam esteiras, umas, trançadas de fôlhas de palmeira, para a secagem, e outras, feitas de varetas quadrilaterais de bambú, ligadas com fios transversais, para coar e compresar a massa de mandioca obtida com a taboa de ralar guarnecida de espinhos de palmeira. Esteiras de varetas, semelhantes a essas, eram usadas como pastas, para guardar ornatos de plumas. As penas eram aí colocadas como numa pasta de atas; conservava-se tesa a esteira por meio de presilhas, uma em cima, outra em baixo e uma terceira no meio; essas presilhas eram tiras de taquara rachada, dobradas e fixadas transversalmente sôbre a pasta, com a face externa da taquara dirigida para cima; para fechar a pasta atavam-se, à direita, as extremidades salientes das presilhas.

Reservarei para o capítulo das máscaras a descrição dos diademas de taquara e dos trajes de dança trançados.

Indústria têxtil. Material: seda de ananás, linho de aloé, fibra das palmeiras tucum e burití, e algodão. As fibras são reunidas

em feixes finos e torcidas sobre a coxa; os flocos de algodão, porém, são fiados por meio de fuso que também é posto em rápida rotação sobre a coxa, girando em seguida, livremente. Só as mulheres fiam e tecem. Os cordões de fibra constituem os barbantes e as cordas propriamente ditas; dêles se fabricam as rêdes de pesca, as de carregar e as de descansar, bem como as cordas dos arcos. Trabalha-se a ponto de malha, com varetas de bambú ou longas agulhas de madeira providas de orifício.

O fuso é um disco atravessado por uma varinha fina, alisada, às vezes entalhada na ponta, e nem sempre bem reta. Nela se fixa um floco de algodão desprovido de sementes; a seguir gira-se o tortual rapidamente sobre a coxa e deixa-se pender livremente o todo; em consequência da rotação uniforme o algodão se estende em forma de fio. Este é enrolado sobre a varinha até que um novelo grosso e cônico adira ao tortual; este impede o deslize do fio. O diâmetro do tortual é de 5 1/2 a 6 cm., e a vareta mede de 30

5 cm. O tortual é feito, na maioria dos casos, de um pedaço da couraça abdominal da tartaruga, muitas vezes de madeira. Entre os Bakairí é um simples disco comum e tosco de argila, tirado às vezes do fundo de algum vaso quebrado. Deixarei para mais adiante a descrição dos desenhos gravados nas duas primeiras espécies mencionadas; os Bakairí não ornamentam os seus discos de madeira e de argila, e entre eles não encontramos tortuais de couraça de tartaruga. Para proteger a coxa contra o suor, as mulheres a empoavam previamente com pó branco e gredoso da ergila. Guardavam o material, cuja quantidade necessária raspavam com uma concha, em pelotas do tamanho de uma cabeça de criança.

O fio é fabricado em duas ou três grossuras diferentes, e guardado sob a forma de novelos embrulhados em fôlhas verdes. Os Bakairí e os Mehinakú gostam de oferecer os novelos aos hóspedes; recebemo-los por ocasião da nossa chegada, como já Colombo, conforme relata, os recebêra dos seus insulanos a 12 de outubro de 1492.

O "tear de tecelagem" é o mais primitivo que se pode imaginar. É constituído simplesmente por dois tócos de madeira de altura às vezes inferior a meio metro, e plantados a distância conveniente. Pode-se verificar claramente como da arte de trançar nasceu a de tecer. Em torno dos dois tócos passa uma madeixa grossa de algodão, um fio sem fim; com auxílio de varinhas fazem-se correr os fios transversais.

A rêde dos Bakairí é feita de malhas bastante grossas e tem a forma dum retângulo comprido (2 1/3 m x 1 1/4 m.). As linhas longitudinais são atravessadas, com intervalos irregulares (en-

tre 2 e 3,5 cm.) pelas transversais; nas malhas pode-se facilmente enfiar o dedo. O tecido é muito simples. Dois fios longitudinais, da grossura de 2-3 mm., são envolvidos pelos transversais, mas finos, de 1 mm. de espessura. Dêste, em número de quatro, dois correm, ondulados, na frente dos longitudinais, e dois atrás dos mesmos, entre os quais se cruzam. De ambos os lados faz-se um nó com as extremidades dos fios transversais; assim encontram-se, em cada um dos lados compridos, uns 70 nós, feitos com as quatro pontas de fio. O laço que fica livre em cada tóco, é enrolado, no meio, por um fio, de maneira a deixar de um lado uma colcheta para receber os cordões com que se pendura a rêde. Do outro lado partem, deste ponto fixo — divergindo para a rêde, quando esta é armada — os fios longitudinais ainda não cruzados pelos fios da trama numa extensão de 30 a 35 cm.

Além desta rêde típica, de algodão, existe outra, na qual os cadilhos são formados de cordel de fibra de burití e os fios da trama são de algodão. Êstes fios transversais de algodão são às vezes muito escassos; os Mehinakú deixavam entre êles uma distância de 10 a 20 cm. As rêdes de burití são usadas sobretudo pelas tribus nu-aruaq. Os Bakairí mansos do Paranatinga também as possuíam; disseram-me que só foram introduzidas entre êles pelo velho Caetano, cacique da aldeia. As rêdes de fibra de palmeira tinham geralmente comprimento igual ou pouco maior (até 2 3/4 m.) que os de algodão, mas uma largura inferior a um metro, de modo que quase não era possível nelas a posição diagonal cômoda, que, com razão, o brasileiro gosta de tomar.

Uma terceira modalidade resultava de um emprêgo mais abundante do algodão. Vimos entre os Auetö todos os graus intermediários entre 6-7 cm. até 1-2 ou mesmo 1/2 cm. de distância entre os fios transversais de algodão. Teciam-nas, finalmente, de modo a ficarem os fios de algodão tão juntos um do outro que encobrissem totalmente a fibra de tucum, constituindo um pano quase tão compacto quanto a lona. Nesse tecido a fibra longitudinal de tucum, com uma largura aproximada de 1,5 mm., era envolvida por dois pares de fios transversais de algodão os quais, entre aquela e o seguinte fio longitudinal, se cruzavam não uma mas duas vezes. Os lados compridos da rêde eram naturalmente orlados de grande número de nós próximos um do outro. Nos quatro cantos as extremidades das madeiras se prolongavam um pouco, terminando em borla. Muitas vezes observam-se, nesses tecidos, listas transversais azul-pretas, obtidas, de 40 em 40 cms. pela aplicação de algodão tinto. Aliás todas as rêdes eram de cor parda. Tanto a de algodão como a de fibra de palmeira, que já por natu-

reza é pardo-clara, tomavam uma côr parda suja pelo contacto com o corpo ungido com o vermelho de urucú.

As rêdes de algodão puro constituíam uma especialidade dos Bakairí também êles já possuíam. no Kulisehu, rêdes de buriú. O pano mais consistente era fabricado pelos Auetö. Eram singulares as rêdes que os Nahuquá tinham para crianças de pouca idade; consistiam simplesmente num feixe de palha amarrado nas duas extremidades.

Essas formas muito variadas de rêdes estavam em vias de se uniformizarem. Entre os Suyá dominava ainda o antigo costume dos Gê, i é, dormiam em grandes esteiras de fôlhas de palmeira; na época da nossa visita estavam começando a adotar a rêde; tinham alguns exemplares e também já as fabricavam. Talvez a arte de tecê-las lhes tivesse sido transmitida pelas mulheres trumaí que as possuíam. Já depois da viagem de 1884 chamei a atenção para o paralelismo existente entre a região do Xingú e a das Guianas, dizendo que tanto lá como aquí a rêde de algodão parecia de origem caraíba, sendo proveniente dos Nu-Aruak a de fibra de palmeira. Lembrei também que a esta concordância etnográfica corresponde exatamente a linguística. Em ambos os casos a técnica nasce da arte de trançar, o que difere é só o material. Os mais atrasados eram os Bakairí, que não possuíam o tecido em forma de pano. Também é notável o fato de que os tortuais dêstes, embora preenchessem completamente o seu fim, eram de confecção menos artística que os das outras tribus.

Podia-se observar uma técnica dirigida em igual sentido numa espécie de esteira-crivo. As hastes eram envolvidas, mais ou menos cerradamente, com o fio de algodão, de modo a se obterem esteiras consistentes e rígidas, mas ao mesmo tempo muito movediças, entre as quais se compreensava a massa de mandioca para exprimir o líquido. Vimos também pedaços de pano empregados para o mesmo fim.

Vasilhames de cabaças. Os frutos da *Crescentia Cuyeté* e a *Cucurbita Lagenaria* fornecem as mais variadas formas de vasilhames. Há-os em forma de esfera, de pepina, de garrafa, de ampulheta, e outras irregulares; cortando-se as cabaças pelo meio, obtem-se cuias de forma correspondente. Os frutos ainda verdes são amoldados de acôrdo com a forma que se deseja obter; principalmente a de ampulheta resulta dêste método. Para dividir as cabaças em cuias, amarra-se fibra de palmeira em tórno dos frutos recém-colhidos, riscando-os com uma concha ao longo do fio. Fendendo-se alguma cuia durante o uso, é ela costurada; fazem-se as perfurações com dente agudo de peixe-cão, e empre-

ga-se na costura um fio de burití encerado; o pedaço de fio excedente ao nó é cortado, bem perto da cuia, com a aresta muito amolada do dente. O mesmo dente serve também para gravar os desenhos que enfeitam a superfície, a não ser que se prefira gravá-los com um pauzinho em brasa. As cuias para beber e as pequenas, usadas como colheres, são revestidas internamente com uma camada preta de verniz. Este é obtido pela fuligem de uma haste de burití queimada; mistura-se a fuligem como o extrato pegajoso e amarelo fornecido pela casca raspada da árvore ochogohi do campo cerrado. Havia pequenas cabaças especiais, de forma esférica, usadas para guardar o óleo com que se ungia o corpo; eram fechadas com uma rôlha; os Bakairí chamavam o fruto de *péru*. Essas cabaças esféricas eram envoltas às vezes, numa rede bem justa, trançada em tórno. Referir-me-ei às cabaças-chocalhos, quando tratar da música de dança.

Cerâmica. No capítulo sobre a cultura da idade da pedra falei extensamente sobre a origem dos vasos na nossa região, sobre o monopólio das tribus nu-aruaq e a limitação do fabrico ao sexo feminino. Só no capítulo posterior dedicado à plástica, quando tiver explicado o desenvolvimento da arte indígena, ser-me-á possível tratar da conformação ornamental dos vasos de barro.

Havia três espécies de vasos, distintos pelo tamanho e pelo fim a que se destinavam. Em primeiro lugar os grandes *manikúrus* dos Mehinakú, usados para cozinhar a mandioca depois de ralada; tinham um diâmetro de quase $3/4$ m. Não pudemos trazer nenhum destes vasilhames, mas entre os Auetö tiramos uma fotografia que mostra a sua forma. Comparando o vasilhame com o homem — propriamente devia ser uma mulher — sentado ao lado (V. prancha 15.) pode-se imaginar o seu tamanho. Os vasos maiores e mais bonitos são de fabricação waurá. Quando se cozinhassem eram colocados sobre três pés de argila, de pequena altura e de forma cilíndrica.

Uma segunda espécie, constituída pela panela para cozinhar frutas e peixinhos, apresentava um diâmetro de 18-20 cm. e altura de cerca de 12 cm. A panela, de forma redonda, tinha os lados bastante verticais e levemente abaúlados; apresentava às vezes uma orla horizontal curvada para fora com $2\frac{1}{2}$ cm. de largura. Ao contrário do que seria de supor, esses vasos não eram os mais frequentes, mas os mais raros. Não creio que chegasse a haver um em cada morada. O cozinhar não desempenhava grande papel, a não ser na preparação da farinha, e para isso se precisava de tachos grandes. A terceira espécie, em compensação, se encontrava em quantidade bastante grande. Formava-se de tijelas para aquecer e comer, de 10-20 cm. de diâmetro. Exemplos típicos

podem ser examinados nas pranchas 23 e 24 — “motivos de cerâmica”. Já à primeira vista estas duas pranchas mostram o fato importante de ter sido a forma fundamental desses vasos, guarnecidos de dentes marginais, tomada da cabaça de configuração ovalada, cujo abaulamento foi conservado embora fôsse preferível terem as tigelas fundo plano. O abaulamento, porém, possibilitou, por sua vez, o motivo plástico do corpo animal. Não se pode absolutamente dizer que essas tigelas de barro existissem em grande número nas casas. Vimos quantidade menor entre os Auetö e os Kamayurá. Dos Trumaí recebemos só duas tigelinhas redondas; mas, como estavam em fuga, nada se pode concluir do fato. Em virtude de seu valor artístico procurámos adquirir o maior número de exemplares possível; trouxemos uns 80 na nossa coleção, e estou certo de que seria exagerado avaliar no dôbro a quantidade total existente nas aldeias por nós visitadas. Se muito, havia em média três em cada casa. As cuias ainda predominavam. Tanto em tamanho quanto em uso, elas apresentavam naturalmente todos os tipos de transição para as panelinhas. Mas comia-se também sempre nas tigelas de barro, distribuindo o conteúdo das panelas. Frequentemente as tigelas eram usadas para as crianças.

Infelizmente não nos foi possível observar a fabricação dos vasos em forma de tacho. Presenciámos apenas a fabricação de um vaso de tamanho médio, por uma mulher nahuquá e por um método extremamente primitivo. A ceramista trouxe uma cesta com barro — a qual, por causa da origem, me interessou mais do que o resto — juntou água à argila, expremendo esta por um crivo para tirar o líquido em excesso. Deu-lhe forma, amassando e alisando, e não precisou, em vista da pequenez do vaso, construir-lhe os lados pela superposição de cilindros finos como se descreve na literatura. A mulher alisou o lado com um pedaço de cuia, e não com uma pedra. Os dentes ornamentais dos bordos, representando partes do corpo dum animal, foram primeiro formados e depois fixados no vaso. Com uma varinha de bambú a ceramista gravou os olhos e o nariz. Como molde para o fundo toma-se muitas vezes o fundo de um velho vaso quebrado ou uma pá de beijú.

A cor da argila varia do branco-cinzeno ao cinzeno-amarelo. Só os potes waurá apresentam um belo tom vermelho claro. O pote recém-fabricado é secado convenientemente ao sol, sendo em seguida colocado, com a abertura para baixo, sobre um fogo que produza muita fuligem; toma-se, para isso, a casca verde de uma árvore do campo (chamada *kutére* pelos Bakairí) ou a do guanandí (*calophyllum*), previamente saturado com resina pegajosa. Desta maneira enegrece-se internamente o pote como a cabaça.

CAPÍTULO X

I. O DESENHO

Origem do gesto do desenho. O desenho explicativo é anterior ao artístico. Desenhos na areia. Desenhos a lapis.

Explicação das pranchas. Posição de perfil.

Proporções. Número dos dedos. Desenhos nas cascas de árvore.

O desenho mais simples que podemos observar é certamente aquêle que se liga diretamente a um gesto explicativo. Assim como o aborígene imita habitualmente, para melhor demonstração auditiva, os sons característicos de algum animal, repetindo-os quanto possível nas conversas animadas, imita também, para explicação visual, as atitudes, o andar e os movimentos do animal traçando no ar, com a mão, a forma peculiar de certas partes do corpo, como orelhas, focinhos ou chifres. O gesto do desenho é executado em rigoroso paralelismo com a imitação da voz do animal. Mas quando o processo não satisfaz, desenha-se na terra ou na areia. Registando os vocabulários, pude convencer-me muitíssimas vezes de que a concepção interna se transformava, espontaneamente e sem que o provocasse, num desenho explicativo traçado na areia. É verdade que isso se verificava principalmente quando a forma do animal o favorecia, peixes p. ex. e quando, por outro lado, não era possível imitar alguma voz. Deve-se igualmente admitir que nestes caçadores a impressão auditiva era muito mais aguda do que as outras e que, para o sentido da vista, os índios

certamente se limitavam ao gesto do desenho nas suas relações entre si. Porquê de fato se podiam limitar ao simples gesto. Dentro de mim crescia a seguinte idéia: “Como, neste caso, nos havemos de fazer compreender suficientemente dêste homem, que não conhece a nossa língua?” E desenhava-se na areia.

Basta isso, si é permitido concluir pelo comportamento dos índios, para compreender que o gesto do desenho, num grau em que ainda constitue um complemento secundário da linguagem, se reforça com facilidade para transformar-se no desenho propriamente dito. Vemos, e isso é o principal, que aquí, entre povos primitivos, o desenho serve, como o gesto, para fazer alguma comunicação, e não para reproduzir formas graciosas; e creio, pela impressão que tive do desenho explicativo como algo de imediato, que se trata de alguma coisa anterior ao ornamental-artístico. Objetar-se-á, talvez, que os índios do Xingú já são artistas, enfeitando todos os utensílios com desenhos e ornatos, e que por isso se servem, com facilidade, do desenho como meio de expressão. A isso basta responder que os Borôro — que, mencionarei repetidamente em relação ao assunto — faziam magníficos ornatos de plumas, ignorando, porém, quase por completo as artes representativas, e que precisamente êstes índios demonstravam maior habilidade e tendência para desenhar na areia, com fins explicativos, que os habitantes do Xingú. Tratava-se, entretanto, de uma gente irrequieta, que vivia da caça e que nunca encontrára lazer suficiente para se exercitar na plástica e na pintura, em oposição àqueles que, embora ainda se dedicassem à caça e à pesca, já haviam chegado, no seu desenvolvimento, à vida agrícola sedentária.

Digo, pois, que o desenho comunicativo é o primeiro. A palavra alemã “zeichnen” (desenhar) reflete excelentemente o trajeto percorrido. No princípio está o “Zeichen” (sinal), cuja utilização desde sempre fêz parte da profissão dos povos caçadores, o que vale, do mesmo modo, para os antepassados dos aborígenes do Kulisehu bem como do São Lourenço. Aplicavam sinais comunicativos para orientação própria e de outrem, quebravam os ramos no seu caminho, a princípio para conseguir passagem, mais tarde com o fim de marcar o itinerário. Orientavam-se com auxílio de pégadas antigas, passando depois a imprimí-las intencionalmente, afim de se orientarem. A figura do pé, gravada em pedra, que indica a direção do caminho aos que vêm atrás, é um produto dêsse processo evolutivo. O progresso que medeia entre a marca, aplicada na árvore, e a representação de pégada corresponde à diferença entre o entalhe e contôrno, o sinal e o desenho, a um passo dado por intermédio do gesto, que também explica e comunica, mas

que explica e comunica por meio de contornos. E o gesto, que anteriormente só era realizado no ar, pôde deixar atrás de si, p. ex. na areia, uma figura visível e duradoura.

Também o prazer da imitação representativa, do qual depende todo o desenvolvimento posterior independente, já coopera, em certo grau, naquele início, pois os gestos são tanto mais vivos, quanto maior é o interesse despertado pelo objeto presente ao espírito. Foi unicamente por prazer — e este é tão comunicativo como a necessidade prática — que o homem, mesmo o mais pobre em cultura, marcou os lugares de sua presença. Quanto a isso ele realmente não fica atrás — cada roca com seu fuso, cada povo com seu uso — de seus fiéis companheiros quadrúpedes de caça. Precisamente no Brasil a interpretação misteriosa das “escritas figuradas” deu origem a uma infinidade de disparates; com muita satisfação adiro ao protesto de Richard Andree contra essa mania de querer ver uma comunicação importante em cada “perpetuação ociosa. E’ certo que, figurando-se, pelo desenho, alguma idéia, a gente imagina alguma coisa, do mesmo modo que se imagina alguma coisa, quando se reproduz o pensamento por palavras; mas a gente se satisfaz com a graça que essa idéia proporciona e que é tanto maior quando se consegue realizar a idéia a-pesar-da deficiência do material. O tempo gasto não entra em linha de conta; a gente não se aborrece da idéia embora a gravação em pedra requiera alguns meses. Absolutamente não quero pôr em dúvida que os índios possuam a faculdade de se fazerem entender por uma “escrita figurada” — eu mesmo os vi, como relatarei logo adiante, fazerem comunicações por meio de gravuras. Mas as gravuras rupestres carecem absolutamente do sentido de uma comunicação contínua, o que se depreende da grande irregularidade com que se encontram espalhadas pelo espaço; ve-se claramente que um indivíduo forneceu esta, e outro aquela contribuição — que não precisa ter uma significação especial pelo simples motivo de nem sempre conseguirmos explicar a figura em questão. A irregularidade é muito maior do que parece, pelas reproduções, porque, pelo menos na maioria dos casos, só é fornecida uma seleção de figuras, omitindo-se as coisas secundárias (p. ex.: os sulcos em que se amolaram os instrumentos de pedra) que, indiferentes ao colecionador, têm entretanto grande importância para a explicação do todo. Todavia é possível que haja exceções.

Dito isso, certamente já posso continuar a esboçar, neste sumário de introdução, o que julgo ter de concluir, segundo as minhas observações, quanto ao desenvolvimento ulterior da arte do

Xingú. Depois de ter chegado por si mesmo a figurar os contornos dos objetos que lhe prendiam vivamente a atenção, depois de ter aprendido, dêste modo, a ver imagens externas das representações internas, adquirindo assim a noção da figura, o indígena fêz valer em tôdas as técnicas, mesmo na de trançar, a tendência para observar como, no decorrer do trabalho sossegado, surgem semelhanças com os originais interessantes e variados da natureza, aumentando estas semelhanças e provocando outras. Sobretudo quanto aos vasos de barro reconheceremos claramente a correlação existente entre a forma do vaso e o motivo da cópia. Dessas cópias concretas, finalmente, se formou, com uma tradição sempre mais distanciada do original, em sentido artístico sob a influência do respectivo método em material de trabalho, a obra de arte estilizada, que, no espírito dos nossos índios ainda está intimamente ligada à cópia antiga. No domínio da pintura topamos tais produtos em forma de ornamentos geométricos. Pontos e traços podem ser equivalentes às marcas antigas. Mas já as figuras "simples", como triângulos e quadrados, que seria permitido julgar também o artista mais primitivo pudesse construir livremente, só se formaram, por estilização, de cópias anteriores. Como se impunham por si mesmos à técnica, como tipos, facilmente venceram a concorrência das formas mais complicadas.

Digamos ainda alguma coisa sobre os motivos da nossa arte indígena. São tomados quase exclusivamente do reino animal. No seu conhecido artigo sobre "O desenho entre os primitivos" (23) Andree salienta que só raramente a planta desempenha algum papel, e acrescenta: "Para compreendermos êste fenômeno, basta lembrarmos que também as nossas crianças, ao fazerem na lousa os primeiros ensaios independentes de desenho, começam por representar, sob formas toscas, homens e animais; o animal vivo, com sua mobilidade, prende-lhes mais facilmente a atenção, podendo, além disso, ser aprendido na sua figura total mais rapidamente do que a planta, formada de inúmeras fôlhas e flores".

Esta observação acertada concorda plenamente com a correlação que afirmo existir entre gesto e desenho. Por meio de gestos imito algum animal, e não alguma árvore, e não somente por esta não se mover. É que não me é difícil esboçar, com gestos, alguma parte do corpo animal, porquê, partindo do meu próprio corpo, indico logo — p. ex. quando quero desenhar umas orelhas de burro ou uma armação de veado — o lugar é a natureza do

(23) — Ethnographische Parallelen und Vergleiche, Neue Folge, Leipzig 1889, pg. 59.

órgão; não sou, porém, capaz de exprimir partes vegetais por meio de gestos, a não ser que recorra ao auxílio de palavras. Entretanto para os nossos índios o desenho é apenas um caso especial dentro de uma ordem geral; o motivo animal domina todo o seu mundo ideal em qualquer arte e ciência, sem exceção, — e para isso não pode haver outra explicação que não seja a sua vida de caçadores.

O interesse formal e estético dispensado ao animal é precedido pelo interesse material. A flor está em segundo plano na arte, como também ocupa o segundo lugar entre os enfeites. Primeiro a pluma na orelha, depois a flor no chapéu. Na “escrita figurada” do Virador, no Rio Grande do Sul, vi representadas araucárias. O desenho duma palmeira não teria sido mais difícil que o de um pinheiro, mas nenhuma palmeira fornece, no norte, alimento tão indispensável quanto outróra, o que a araucária fornecia ao “Bugre” daquela província sulina. Variando um pouco o sentido da oração, pode-se dizer que antes do pão a arte buscou a carne e o peixe. Terei de voltar a esta questão principalmente quando tratar dos produtos da arte cerâmica.

Desenhos na areia. Constituem em primeiro lugar, como as palavras, uma forma de comunicação. Já relatei que o gesto descritivo muitas vezes e facilmente tomava uma feição mais completa, transformando-se em figura. Com maior frequência observava-se o desenho de mapas. A nossa segunda viagem foi provocada por um desenho, traçado na areia, da distribuição do Xingú superior, um mapa, pelo qual o geógrafo suyá explicava as suas indicações. “Enumerou tôdas as tribus situadas no Xingú superior, traçando, na areia, com o dedo, para maior clareza, o curso do rio. Surpreendeu-nos a maneira de representar o Batoví, único rio que desenhou — e totalmente por iniciativa própria — com curso em forma de “saca-rolha” (Durch Central brasilien, p. 213). Como, para desgosto nosso, tivemos de observar, o Batoví era um verdadeiro meandro.

Vimos a mesma coisa entre as tribus do Kulisehu. Por meio de riscos transversais marcava-se o número, ora das tribus, ora das cachoeiras. Com círculos assinalavam-se as casas, e com anéis de círculos representavam-se as aldeias de acôrdo com a verdadeira disposição das casas circulares em tôrno da grande praça. Os índios também desenhavam tôdas essas figuras no nosso livro de notas, ditando-nos as palavras correspondentes. Uma certa individualização por linhas ziguezagueantes os sinuosas, como a do

Batoví acima referida, parecia freqüente, mas nem sempre a podíamos controlar. E o fato não nos deve parecer estranho si nos lembrarmos do que foi dito, no fim do capítulo VI, sobre o mapa que o índio tem na cabeça. Assim a fig. 33 representa um desenho, a lapis, de cursos fluviais, traçado por um Bakairí no livro de esboços de Wilhelm; dentre os nomes só conhecemos o do Kuluéne, o confluyente principal; *paranayubaá* é tupí — rio amarelo. Desenhavam-se também, para figurar aldeias situadas junto de riachos, linhas em zigue-zague, cada uma acompanhada por uma série de círculos. Os índios gostavam de preencher páginas

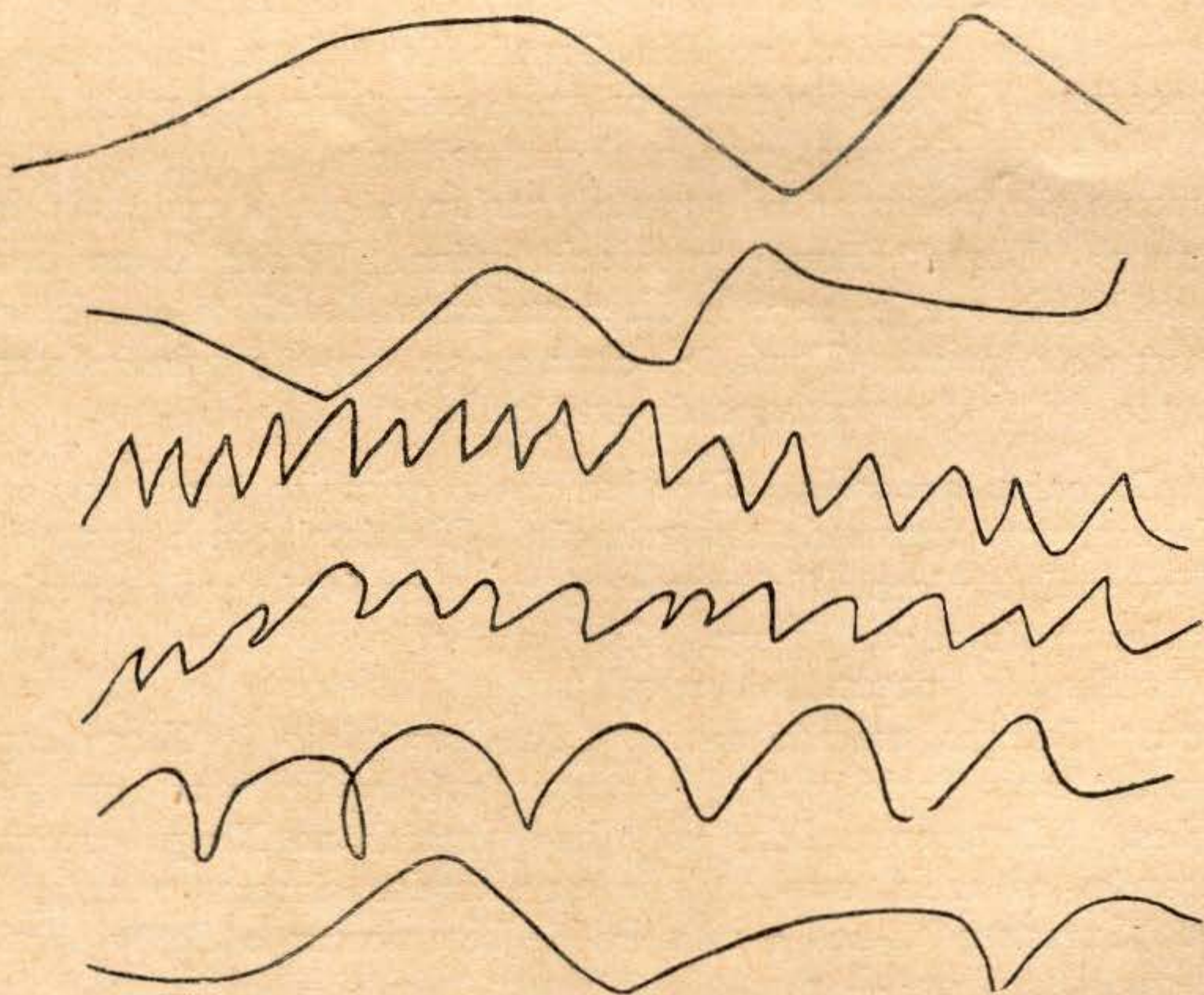


Fig. 33 — Desenho, a lapis, de cursos fluviais (2/3 do natural)

De cima para baixo: — kuluéne, kanakayutiú, auiná, auiyá, paranayubá, paraeyutó.

inteiras. Uma fôlha coberta com curtos traços paralelos indicava as cachoeiras. Enquanto desenhavam faziam, no correr da conversa, outras indicações, enumerando, p. ex., as diferentes palavras por que as várias tribus designavam “água” ou “beijú”.

Na viagem de volta a nossa canoa passou, certo dia, por um trecho de margem arenosa por onde os índios que nos acompanhavam, haviam passado antes de nós. Vimos, com surpresa, desenhados na areia dois peixes, que Antônio declarou serem matrinchãs. Parámos, pusemo-nos a pescar, e de fato pegámos matrinchãs! (Fig. 34). O desenho tinha o valor de uma palavra escrita e constituía um desafio, muito intencionalmente transmitido a Antônio para que por sua vez tentasse a sorte. Menos claro do que este exemplo instrutivo, é outro caso. Quase exatamente a meio caminho entre o pôrto e a aldeia dos Mehinakú encontrei, desenhados na areia, uma raia e um pakú. (Fig. 35). O estreito caminho do mato alargava-se, neste ponto, formando um pequeno

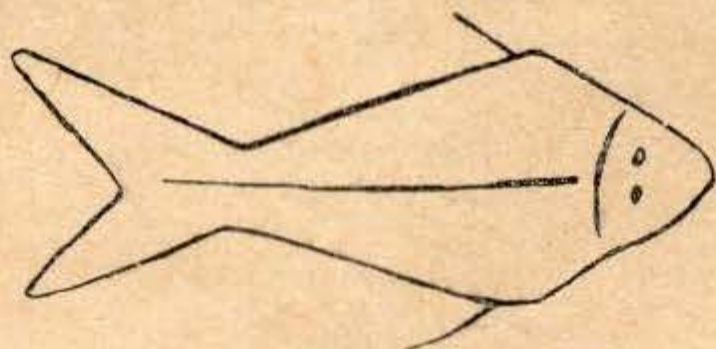


Fig. 34 — Matrinchã, desenhado na areia

plano circular. Meus companheiros, dois Bakairí, sentaram-se imediatamente para descansar. Não sei se algum viandante fatigado, que passou por aí antes de nós, descansando neste lugar quando voltava do rio, desenhou tão caprichosamente os dois animais por simples passatempo, ou si o fez porquê pouco antes se ocupou com raias e pakús, mas devo confessar que o motivo me parece bastante indiferente.

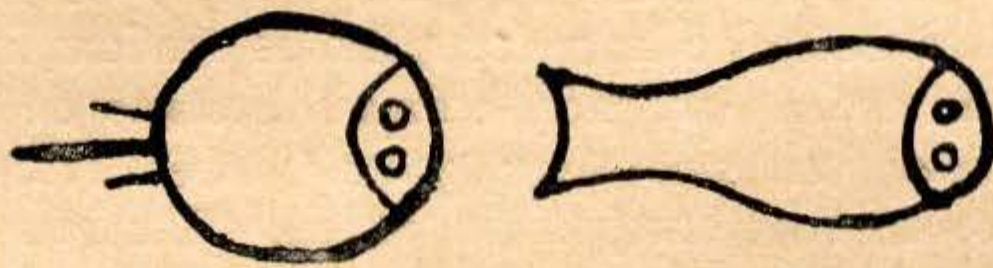


Fig. 35 — Raia e pakú, desenhados na areia.

Ainda mais difícil é explicar o sentido exato do desenho circular, na areia, que se vê reproduzido na fig. 36, e que se encontrava debaixo de uma bela árvore, há mais ou menos meio quílometro da aldeia mehinakú. Chamava-se *aturuá* e tinha 4 1/2 m. de diâmetro. Quando deixámos a aldeia, acompanhados por vários homens, estes deram uma volta no interior do círculo, de

ambos os lados do desenho reticulado, do qual se aproximaram bem; contavam *ka a a* ...; viam-se numerosas pégadas provenientes de voltas dadas anteriormente. Como nesse ponto, que ficava há poucos minutos da aldeia e onde terminava o mato, os homens falavam nas mulheres, querendo voltar, certamente se pode concluir que se tratava de alguma coisa com relação à recepção ou despedida dos hóspedes. O desenho reticulado voltava-se para a aldeia. Os dois arcos repetiam-se, de modo semelhante, na tatuagem e na ornamentação do fundo dos grandes vasos dos Mehi-

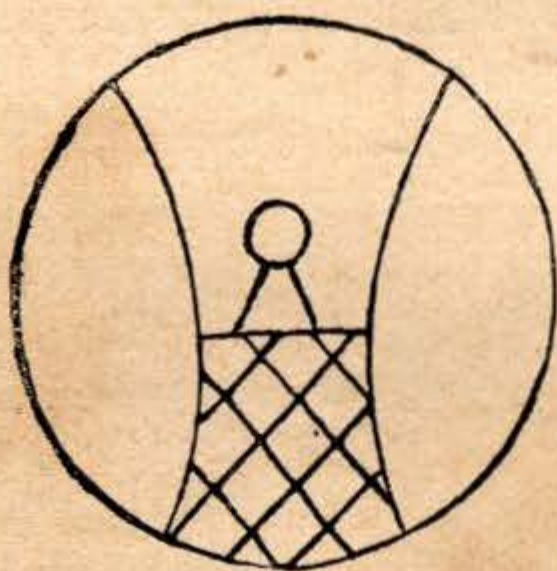


Fig. 36 — Desenho dos Mehinakú (1/130 do natural)

nakú (v. prancha 15). Alguns dias antes, quando a vira meu primo, eu tinha registrado a figura no meu diário; aí o pequeno círculo central como os dois suportes é substituído por dois círculos que se tocam; o de baixo é um pouco maior que o outro e entra na rêde; poder-se-ia pensar em cabeça e tronco.

Os Borôro, que já quero acrescentar, aquí, não traçavam, na areia, sòmente desenhos puramente explicativos, mas também representações já meio artísticas, que não tivemos ocasião de observar no Xingú. À noite, ao luar, êsses índios sentiam imenso prazer em desenhar, na areia, para nós, animais e cenas de caça. Digo “cenas”, pois o diletantismo dessa gente também não recuava, em absoluto, diante de uma composição difícil. Também não se contentavam com desenhar os contornos; retiravam, com a mão, a areia de dentro do contôrno do animal a ser representado (jaguar ou tapir p. ex.) e preenchiam êste aprofundamento, ao nível da superfície, com cinza grisalho-alvacenta. Assim obtinham uma pintura esbranquiçada do corpo com suas extremidades. Com areia escura acrescentavam os olhos e as manchas da pele do animal. As figuras de tamanho natural, no mínimo, provocam no lusco-fusco da noite, uma impressão extremamente viva; parecia que no chão se estendiam peles reluzentes e cintilantes.

Desenhos a lapis — Explicação das pranchas. Posição de perfil.
Proporções. Número dos dedos. — Desenhos
em casca de árvore.

Desenhos a lapis — Já em 1884 pedíramos aos Suyá que fizessem desenhos a lapis nos nossos cadernos. Gostavam de fazê-los, e não eram desageitados; mas, acostumados a desenhar com pauzinhos embebidos em resina, de começo chegavam também a ponta do lapis à chama, supèrfluamente. Traçavam desenhos romboides, semelhantes àqueles que faziam em suas cuias, e que naquela ocasião classifiquei simplesmente de “figuras geométricas”. Desta vez mandamos desenhar uma série de determinados objetos e pessoas, obtendo assim figuras extraordinariamente instrutivas. Nas pranchas 16-19 vêm-se reproduzidos, com rigorosa exatidão, êsses productos culturais, passíveis, ainda, de bastantes correções. Há aí retratos de membros da expedição, principalmente de mim, bem como, por parte dos índios do Kulisehu, desenhos de dois jaguares e um triângulo feminino com a respectiva topografia, e, de autoria borôro, um soldado, uma mulher, um cachimbo, um zunidor, dois jaguares, um cão perseguido por um tapir, um macaco, um beija-flor e três tartarugas. Os desenhos de animais dos Borôro foram preenchidos de preto, do mesmo modo como as imagens feitas na areia eram cobertas internamente de cinza, o que revela que êsses artistas já procuravam apresentar algo de mais elevado, embora em sua escassa ornamentação não fossem além do observador no zunidor.

Os desenhos a lapis lembram em primeiro lugar muito vivamente as figuras do caderno do pequeno Moritz. No livrinho interessante de Corrado Ricci, *L'arte dei bambini*, Bologna 1887, que traz estudos feitos em grande número de desenhos infantis, encontram-se de fato muitas correspondências, mais numerosas do que o supõe o próprio autor quando fala dos desenhos de povos primitivos. As crianças descrevem o homem, “como o descreveriam com palavras”, em vez de reproduzí-lo artisticamente. Em suas primeiras tentativas contentam-se com as criaturas mais imperfeitas, providas, apenas, de cabeça e pernas, mas dentro em pouco procuram representar o homem com tôdas as suas características; sabem que têm duas pernas, e desenham-nas despreocupadamente, quer se trate de uma posição de perfil, quer a cavalo ou na canoa. Pouco se incomodam com a disposição espacial, os braços podem estar na cabeça, no pescoço ou mesmo nos quadrís.

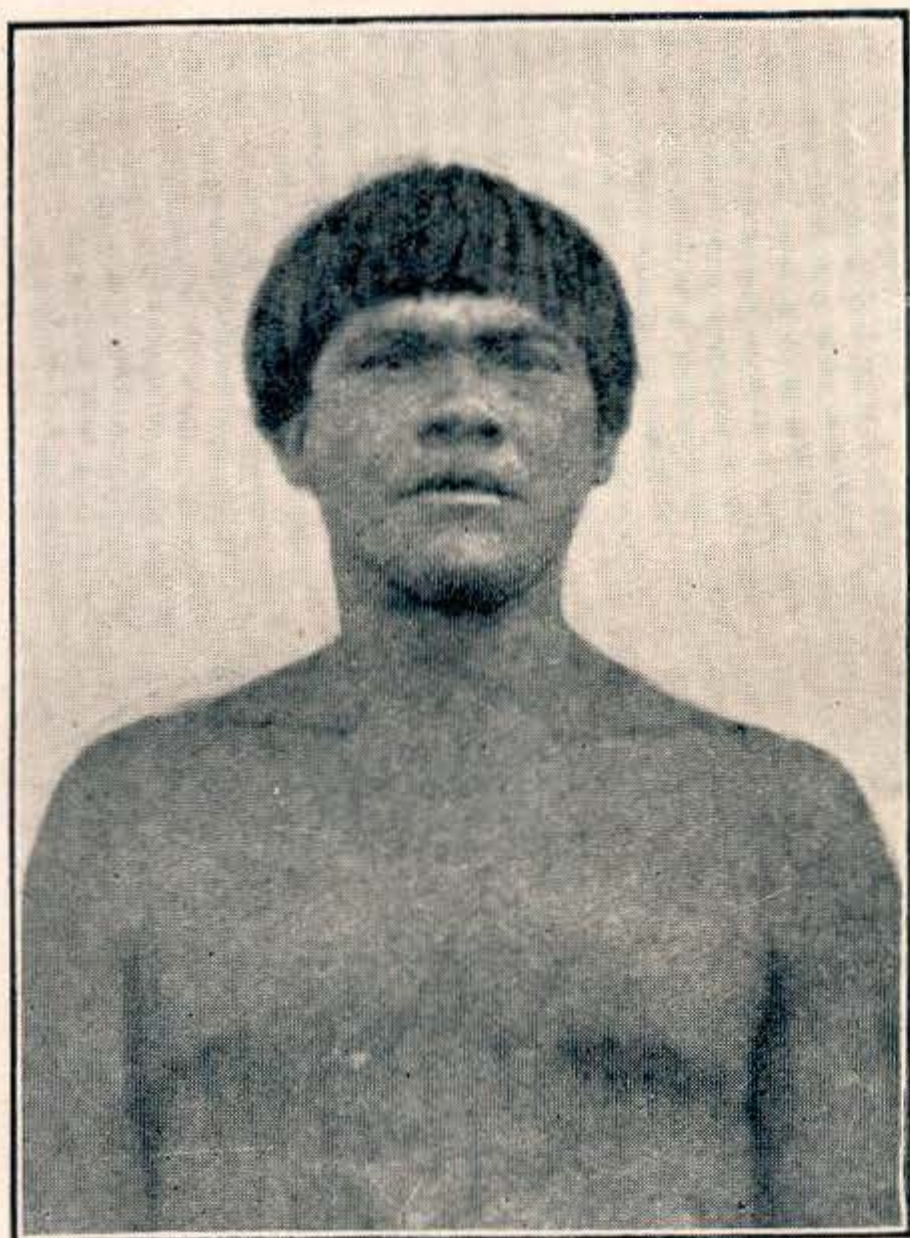
Basta que estejam representados; as proporções as deixam extremamente indiferentes. Em compensação dão máximo valor a atributos que as interessam em especial; assim o ideal do menino é sempre o senhor com cachimbo ou cartola ou com espingarda e sabre, o da menina é a senhora com o ramalhete de flores ou o guarda-sol, vestida impecavelmente pela última moda.

Também o desenho dos índios é descritivo. Posso colocar-me facilmente sob o ponto de vista dêles quando me proponho desenhar, sem grande esforço mental, um mapa da África. Esboço então uma figura mais ou menos piriforme, traçando na parte grossa, à direita, uma linha sinuosa, de cima para baixo, à esquerda outra, de percurso horizontal, e um pouco abaixo uma linha em arco: Nilo, Níger e Congo; acrescento finalmente um pendúnculo à direita, em cima, a ponte livre que vai em direção da Arábia. E' assim que eu desenharia a África a um índio, e os meus colegas certamente a reconheceriam. E se alguém pedir maior perfeição, pontilharei a parte superior para representar o Saara; lembrarme-ei também das pesquisas recentes, registrando, ao lado do ângulo formado pelos rios Nilo e Congo, alguns aneis, em parte alongados, em parte circulares, figurando os lagos do continente negro; recordar-me-ei ainda da ilha que tanto preocupou a política colonial, e assim aparecerá uma isolada figura oval e oblonga, de tamanho pelo menos igual ao de Madagascar, enquanto me esquecerei completamente da ilha dêste nome. Este exemplo, certamente muito compreensível, contém tôda a psicologia dos desenhos a lapis dos indígenas. Se um viajante que percorreu a África quizer fazer alguma objeção, peço-lhe encarecidamente para traçar um esboço da América do Sul em vez de fazê-lo da África. Apresentemo-nos em seguida, confidentemente, com êstes traçados, ao sr. Dr. Bruno Hassenstein em Gotha, e veremos que êste, sempre tão afável, dificilmente deixará de reprimir um sorriso cruel e compassivo, igual ao que em nós provocam os retratos feitos pelos aborígenes.

Na prancha 18 estão representados os quatro membros da expedição. Aí estou eu caracterizado como o maior dos quatro e o de barba mais comprida; o segundo, meu primo, distingue-se pelo bonezinho a três pancadas; o terceiro é Ehrenreich, de barba inteira mais curta que a minha, mas de estatura quase igual; o quarto, pequenino e delicado, é o tenente Perrot, considerado de gradação inferior por não se ocupar tanto com as investigações. Posteriormente mostrei êstes, como a maioria dos restantes desenhos, a outros índios, perguntando-lhes quem eram aí representados. Deram respostas acertadas, e espero que não tenha sido pela fealdade dos retratos, mas pelos caracteres indicados como

2

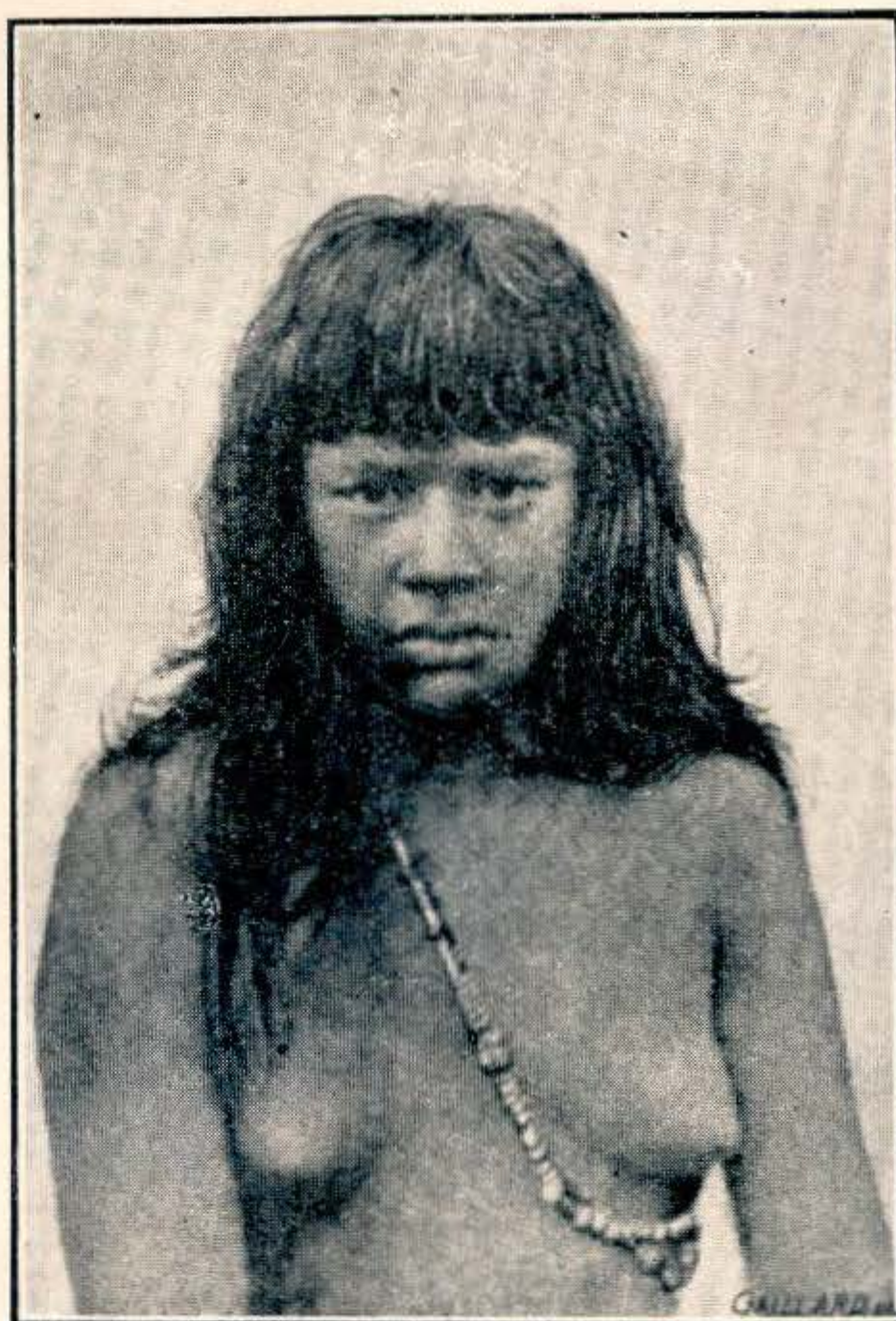
1



Índio Auetö

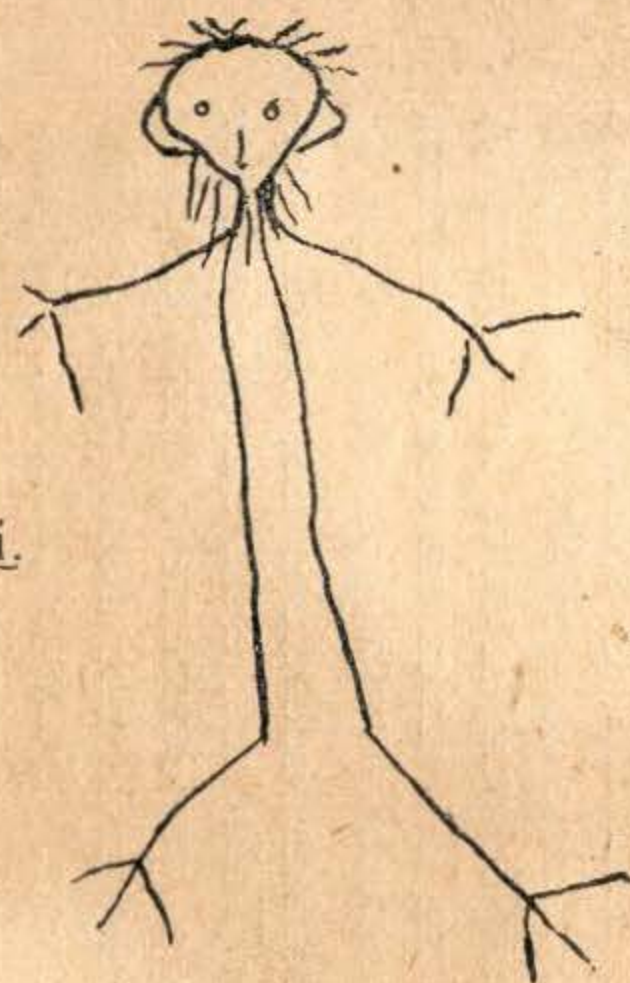
4

3

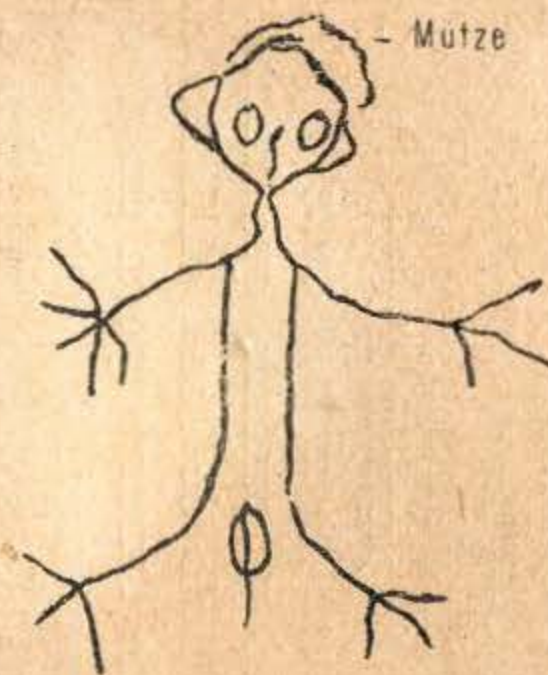


Índia Bakairí

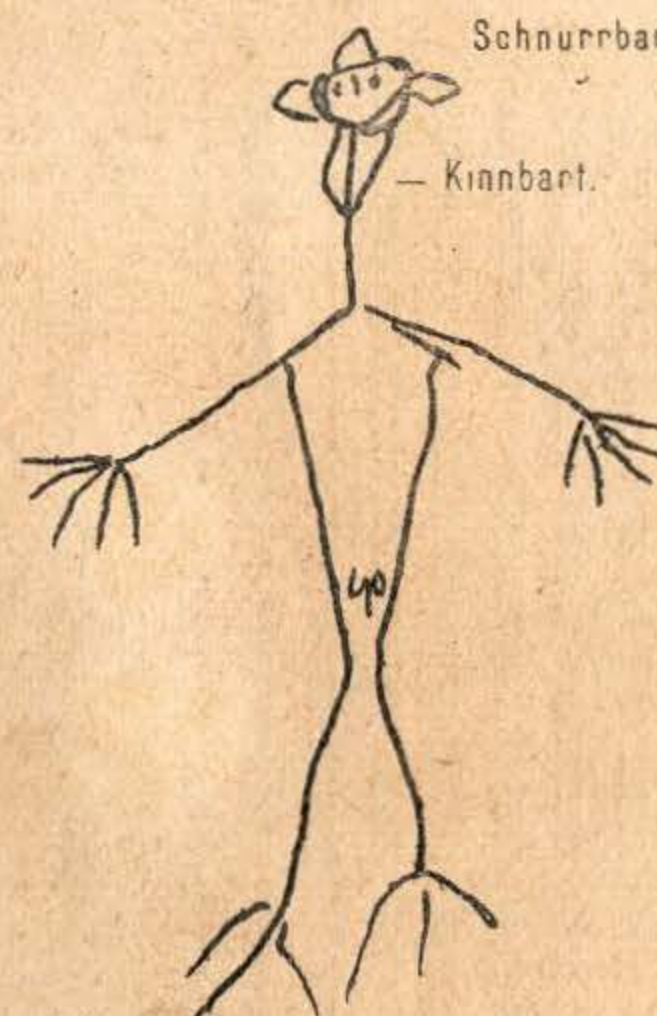
Bakaïri.



Karl v. d. St.



Wilh. v. d. St.



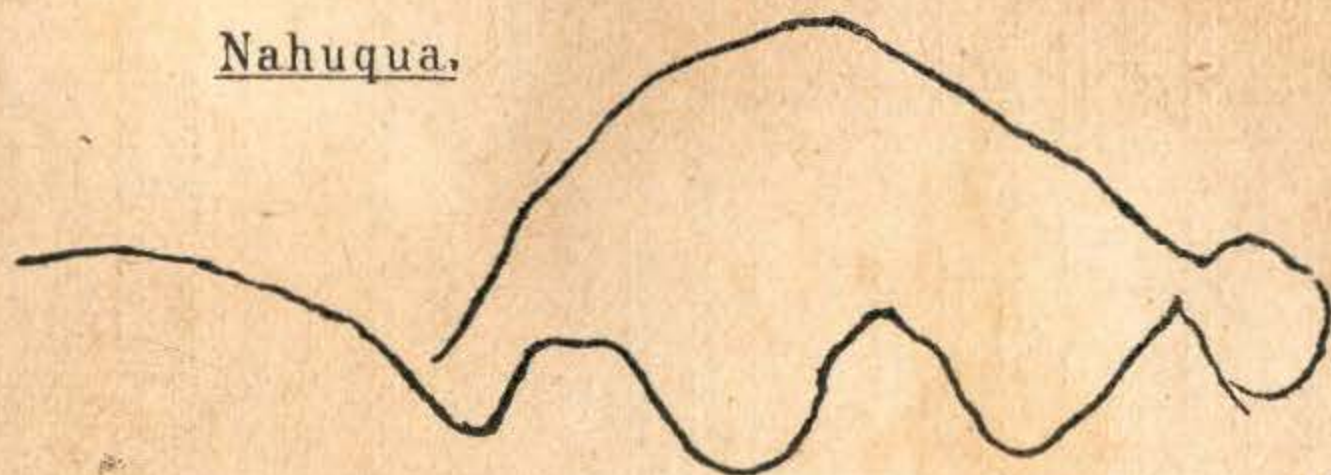
Ehrenreich



Perrot.

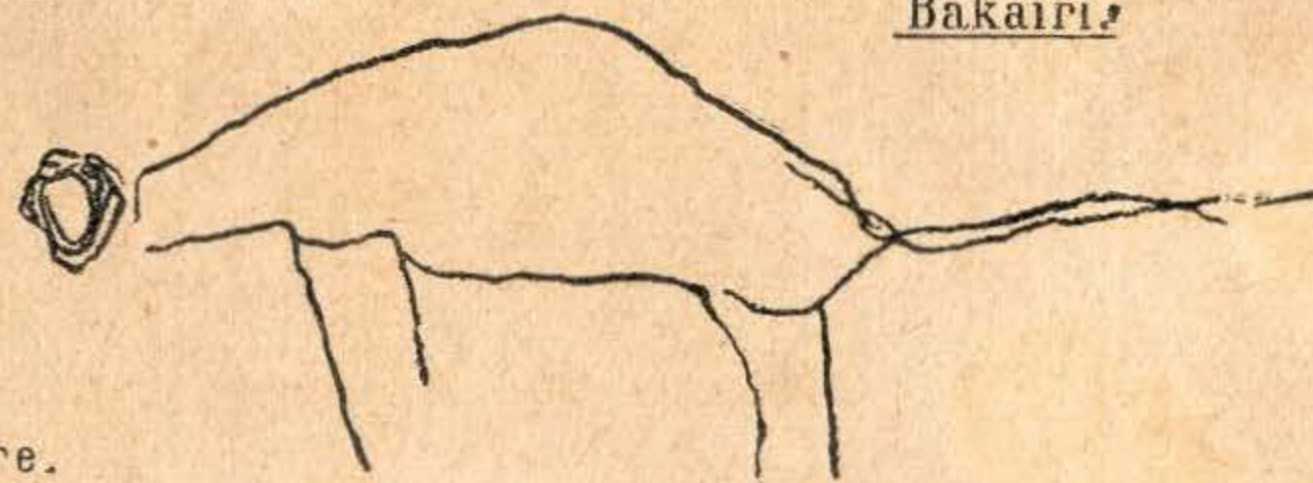
Gruppenbild von Mitgliedern der Expedition, die Grösse entsprechend dem vermeintlichen Rang.

Nahuqua.



Jaguare.

Bakaïri.



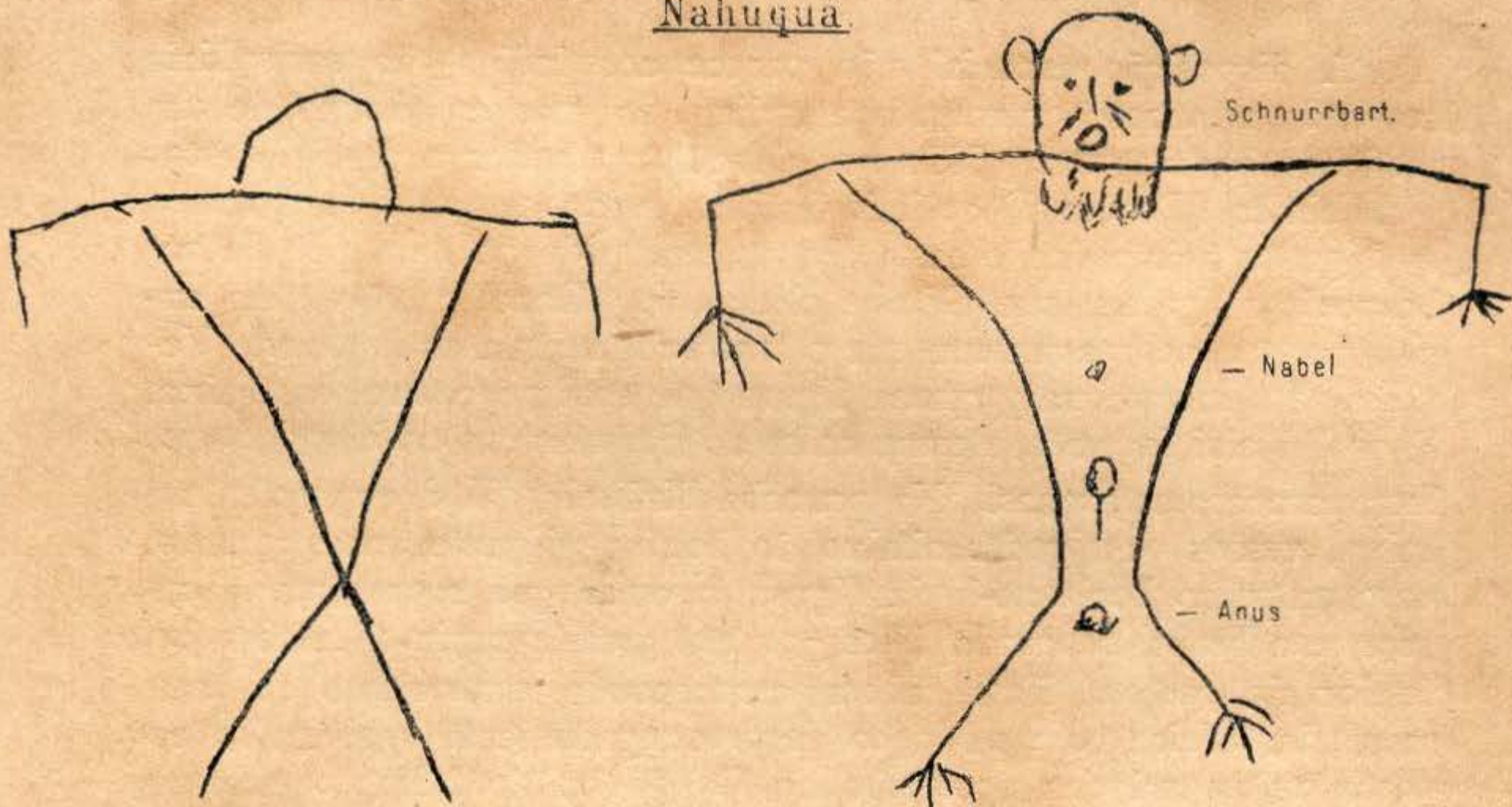
salientes. Os desenhos de tartarugas e de tapir, feitos pelos Borôro (v. prancha Borôro II), satisfaziam também inteiramente às nossas exigências, ao passo que o cão perseguidor certamente só podia ser reconhecido por se tratar de um quadrúpede a correr atrás do tapir, e que, pela forma da cáuda e pela falta de tromba, não podia ser um segundo tapir. Muitas vêzes deve-se recorrer à conclusão *per exclusionem*.

São interessantes (Kulisehu II) os dois retratos meus feitos por um Nahuquá. Era curioso ver como o homem começava por riscar uma linha horizontal, representando, com êste único traço, a linha umeral e os dois braços; encimou-a por uma espécie de sémi-círculo, fêz em baixo dois traços obliquos em cruz, entregando-me em seguida, como terminado, êste desenho muito imperfeito. Revoltei-me contra isso, lembrando-lhe que eu tinha olhos, orelhas, etc., como todo homem normal, e exigindo nova edição, completamente refundida, com o que êle, olhando-me atentamente, logo concordou. Caiu então no extremo oposto, passando a desenhar mais do que no melhor dos casos poderia ter visto.

Um contraste semelhante verifica-se entre as duas figuras da prancha Borôro I, em cima; foram desenhadas por duas pessoas diferentes. No retrato à direita nasci sem braços e sem pés, no da esquerda apareço caprichosamente executado, tendo, além de todos os membros, inclusive — como a índia da prancha Borôro II — articulações nodosas, boné, cachimbo, livro de notas, cinto e sapatos. Do mesmo modo o homenzinho prazenteiro que vemos em baixo, e que é meu primo, está munido de boné, cahimbo e belo facão. As crianças, às quais o ato de fumar importa em algo de curiosos, fariam sair do cachimbo uma porção de fumaça; aos índios, porém, só interessava o utensílio. O soldado brasileiro à direita, em baixo, recebeu um uniforme com três botões, i. é, simplesmente um casaco sem mangas, do qual saem os braços nus. A figura sem braços, que está acima, é a única em que se procurou fazer justiça às nossas calças, mesmo à custa dos pés.

O atributo principal dos homens, sobretudo nos retratos externamente sóbrios das pranchas Kulisehu I e II, é aquêle que por natureza lhes compete. Temos aí perfeitamente o ponto de vista da criança, que, para desenhar algum detalhe, não o precisava ver, contentando-se em saber que existe. Para o índio nu está aí o caráter distintivo, e é por isso que o desenha; acrescenta-o mesmo quando desenha expressamente a indumentária (v. o soldado). Do mesmo modo é representado também frequentemente o umbigo. E o Nahuquá, de quem exigí um retrato mais completo (Kulisehu II), desenhou até o anus.

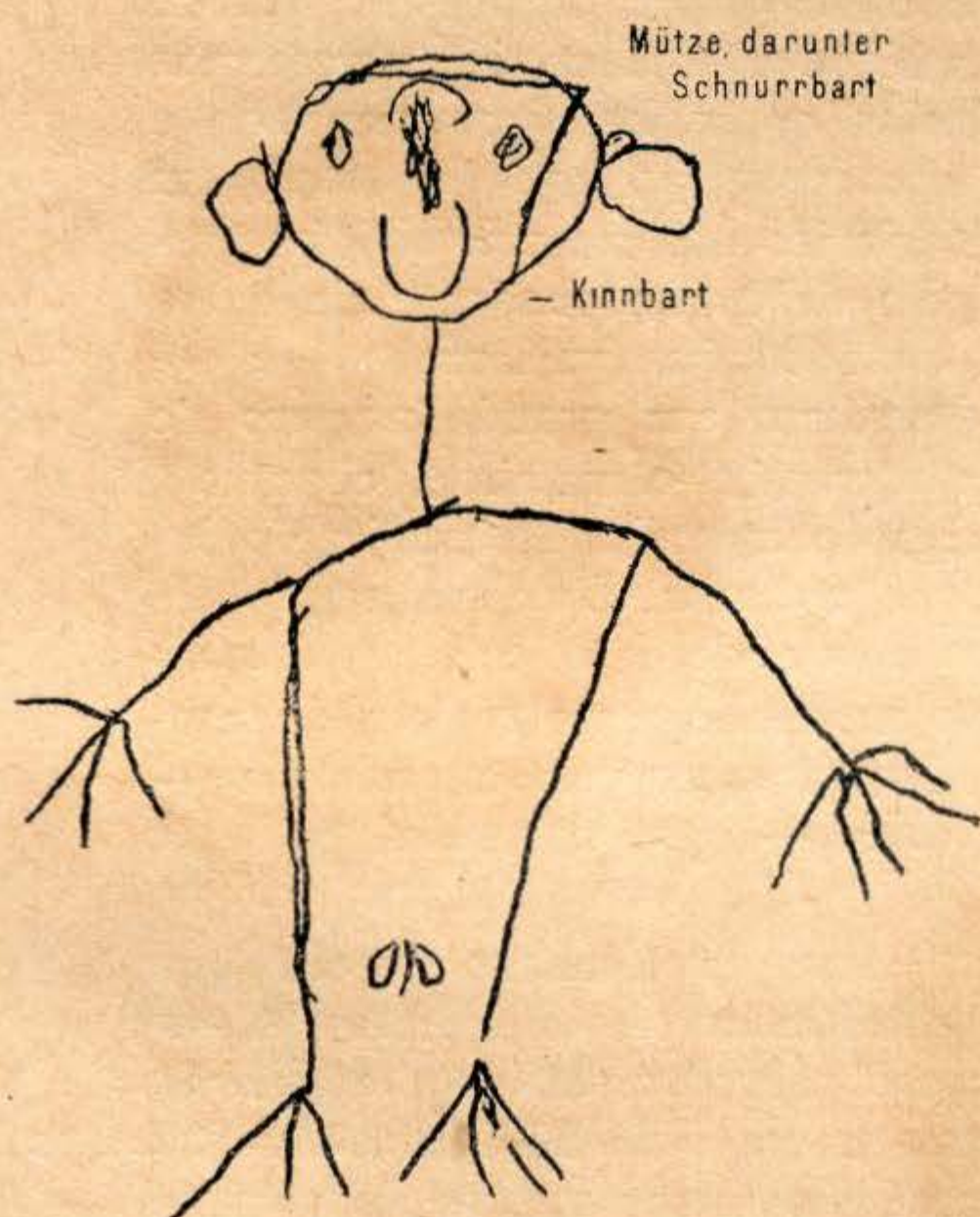
Nahuqua.



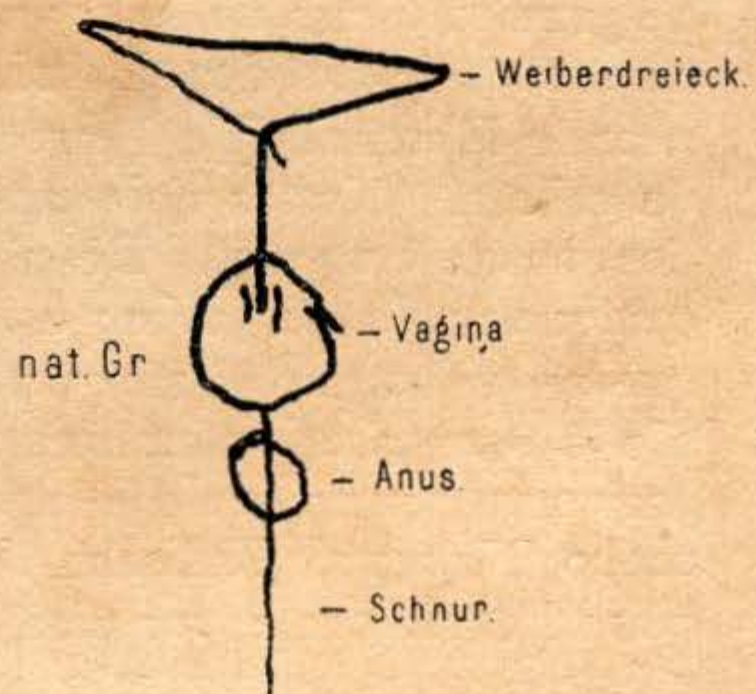
Karl v. d. St.

Bakaïri.

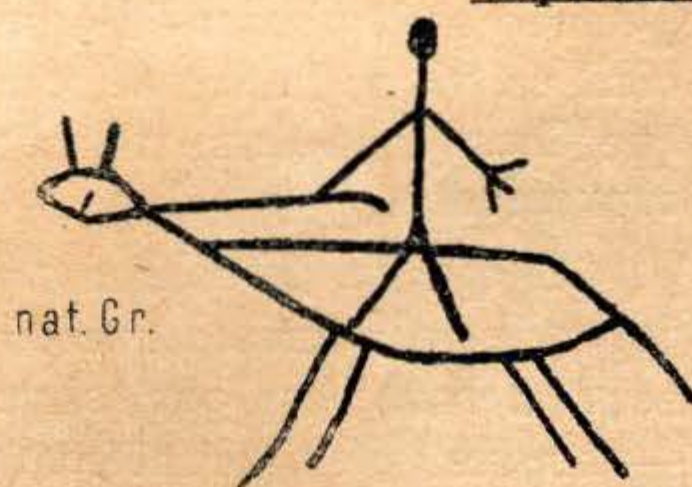
Bakaïri.



Karl v. d. St.



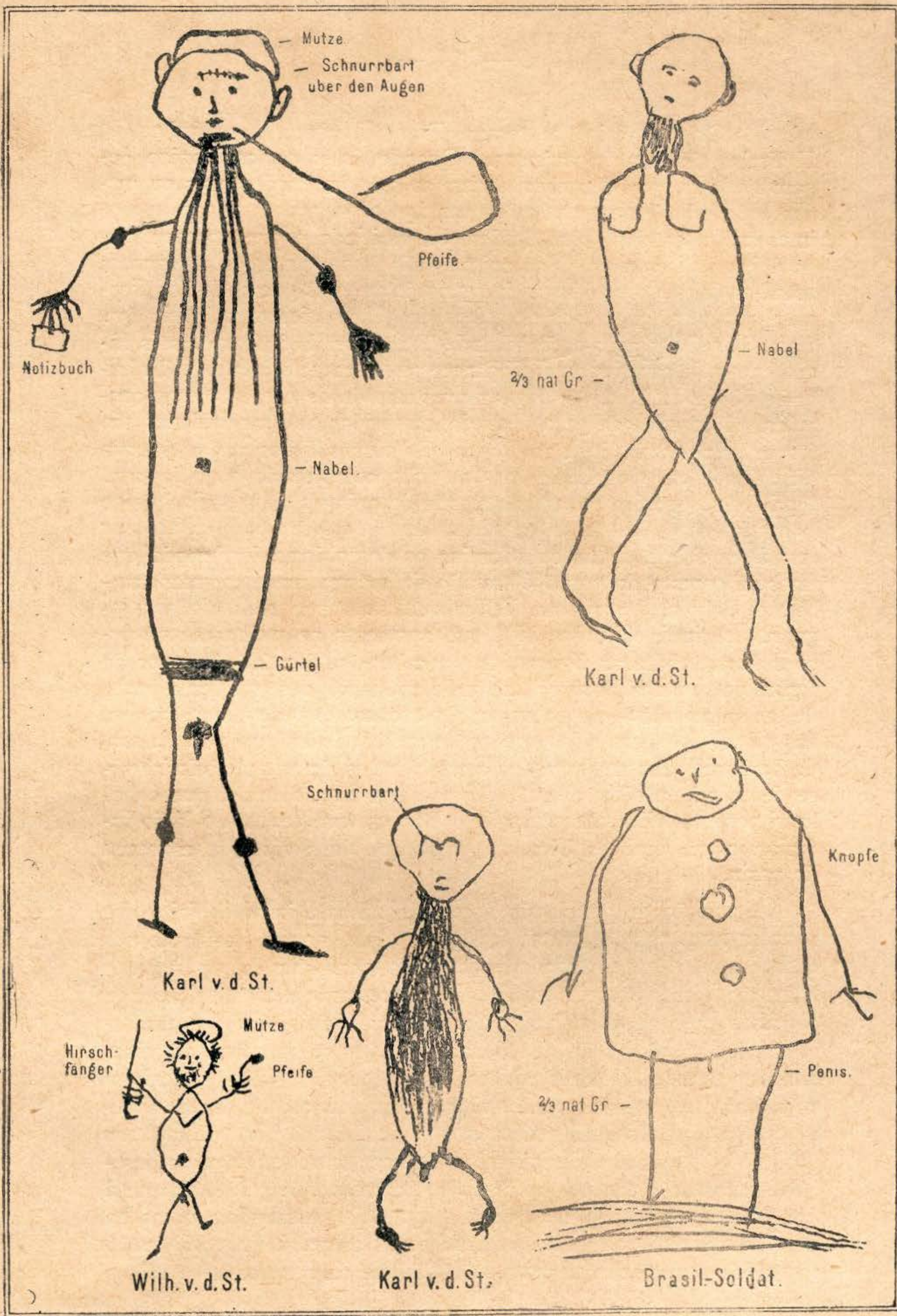
(Apiaká)



Arm-Tätowierung:
Mann zu Pferde.

A disposição espacial não parece aos índios tão secundária como às crianças; entretanto atendiam às suas exigências de um modo muito singular. Não nos deve surpreender o fato de estar o cachimbo (Borôro I) ao lado da boca, se na mesma figura vemos os bigodes acima dos olhos. Eu os teria tido por um par de sobrancelhas ligadas, que Göethe chama de "Razel"; entretanto ensinaram-me expressamente que o traço representa os bigodes. Verifica-se o mesmo na pequena figura que está no centro, em baixo. E os Bakairí fazem a mesma coisa ao desenharem os bigodes, que lhes parecem estranhos. Na prancha Kulisehu II, à esquerda, em baixo, vemos os bigodes abaixo do boné negligentemente cortado, por um traço horizontal, da figura circular que representa a cabeça, e a barba, separada deles por um grande nariz, fica toda no interior do rosto. Essa cabeça corresponde exatamente ao meu mapa da África com os lagos despreocupadamente registrados ao norte ou ao sul das nascentes do Congo ou do Nilo; o pescoço extremamente longo aparece no retrato, sem qualquer proporção, á maneira do meu istmo de Suez, e as enormes orelhas são comparáveis, do mesmo modo, com a minha ilha de Zanzibar. E depois de ter ouvido de um alto funcionário alemão que o Brasil e o Rio de Janeiro ficam no lado ocidental do continente, conformo-me até com o trabalho dos Bakairí (v. prancha Kulisehu) que, desenhando Ehrenreich e Perrot, lhes colocaram os bigodes no vértice da cabeça. Nestes dois casos os bigodes haviam sido acrescentados posteriormente. De si próprios os índios arrancam todo e qualquer pêlo de barba; e, sem atenderem ao lugar do rosto em que se encontram, distinguem, de acôrdo com sua primeira impressão e sem ulterior exame, um pêlo de barba pendente de outro horizontal, reproduzindo aquêle, quando não (v. Borôro I e desenho Nahuquá Kulisehu II) desenharam um grande número de pêlos isoladamente, por uma linha curva aberta em cima (côncavo), e êste por um arco aberto em baixo (convexo). A localização interessa muito pouco; basta-lhe que a barba fique na região do rosto ou da cabeça; o essencial é que de fato esteja marcada. Quando se lembram de desenhar o anus, chegam a registrá-lo também na vista da frente, embora devam saber pela experiência — que lhes falta com relação à barba — que não é aí o lugar conveniente.

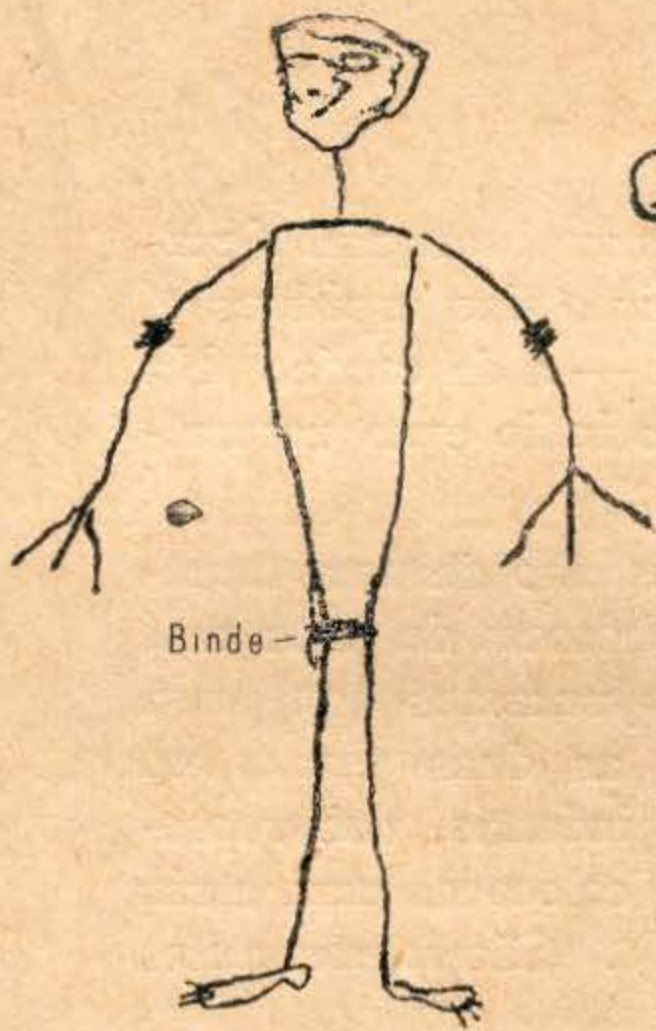
O que se desenha e o que se deixa de desenhar, é coisa que depende do interêsse que os diferentes caracteres despertam. A cabeça, a barba, as partes sexuais são reproduzidas com satisfação — os restantes caracteres figuram-se em qualquer parte ou são até omitidos. Não se critica também o maior mestre do retrato, o mais genial caracterizador da fisionomia, por atender pouco às



Prancha 18 — Desenhos originaes dos Borôro (tamanho natural)

mãos? Os contrários se tocam, Franz Lenbach e os índios do Kulisehu são contemporâneos. Quando êsses ou os Borôro pegam no lapis para desenhar, fazem as suas indicações mais ou menos completas, enumeram as partes do corpo, acentuando o que os interessa e tratando com desdém ou omitindo o que no momento os deixa indiferentes. Nos animais são importantes os contornos; os olhos faltam em tôdas as imagens de animais que os índios fizeram para nós, salvo nos desenhos de peixes, feitos na areia (v. figs. 34 e 35); com probabilidade êstes animais induzem mais facilmente pelo arco branquial, aparece pouco caracterizada. O Nahuquá (Kulisehu I) dá ao jaguar uma atitude de espreita, com considerável corcova de gato e cáuda comprida; as extremidades são formadas por uma linha ondulada. Os outros índios nunca tiveram dificuldade em reconhecer êsse desenho como sendo o do jaguar. Verifica-se que em todos os retratos de animais de autoria borôro os rostos são simplesmente preenchidos de preto; pode-se atribuir isso à mania de pintar que domina os desenhistas, lembrando que também o resto do corpo é tratado da mesma maneira; mas também o Bakairí da prancha Kulisehu I rabisca o rosto do seu jaguar. A índia (Borôro II), que apresenta as melhores proporções dentre tôdas as figuras, tem a cabeça rabiscada. O autor da figura da prancha Borôro I, no meio em baixo, desenvolveu a barba de tal maneira que ela cobre todo o tronco, esquecendo-se, porém, dos olhos, do nariz e das orelhas, e reduzindo as pernas e tenazes de bezouro. Em nenhum dos cinco retratos de autoria bakairí vê-se desenhada a bôca, e em nenhum dêles falta o nariz, que o bakairí perfura. Em compensação o Borôro, que perfura o lábio inferior, nunca omite a bôca, ao passo que duas vêzes se esqueceu do nariz.

A posição de perfil, tão apreciada na arte infantil, falta nos retratos humanos de autoria indígena, sendo porém, constante nos desenhos de animais quadrúpedes. E' pena não haver retratos humanos dêsse gênero, porquê seria interessante a comparação com os casos em que as crianças dão ao perfil dois olhos, e em seguida, lembrando-se de que o nariz fica entre os olhos, às vêzes também acrescentam dois narizes, e em que, além disso, desenhavam dois braços no lado retratado, visto serem dois os que devem apresentar ao professor. Supomos que os índios não forneceriam tais produtos da mentalidade infantil. Temos, contudo, entre os desenhos feitos na areia, um exemplo que corresponde perfeitamente à arte das crianças. O matrinchã (fig. 34) possui dois olhos ao lado do arco branquial; também no perfil do pakú (fig. 35) estão marcados dois olhos. E trata-se realmente de retratos de perfil, o



Binde-

Indianerin..



Pfeife.



Schildkröten.



Schwirrholz



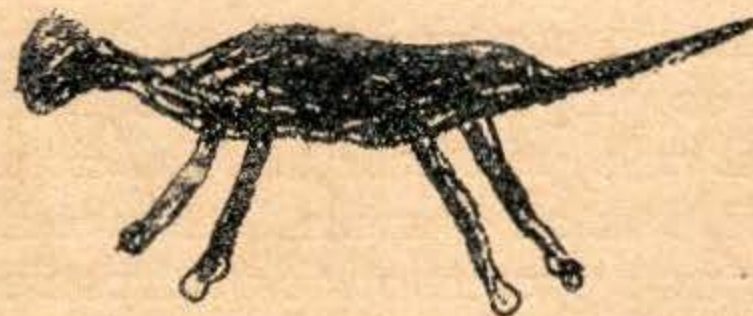
Kolibri.



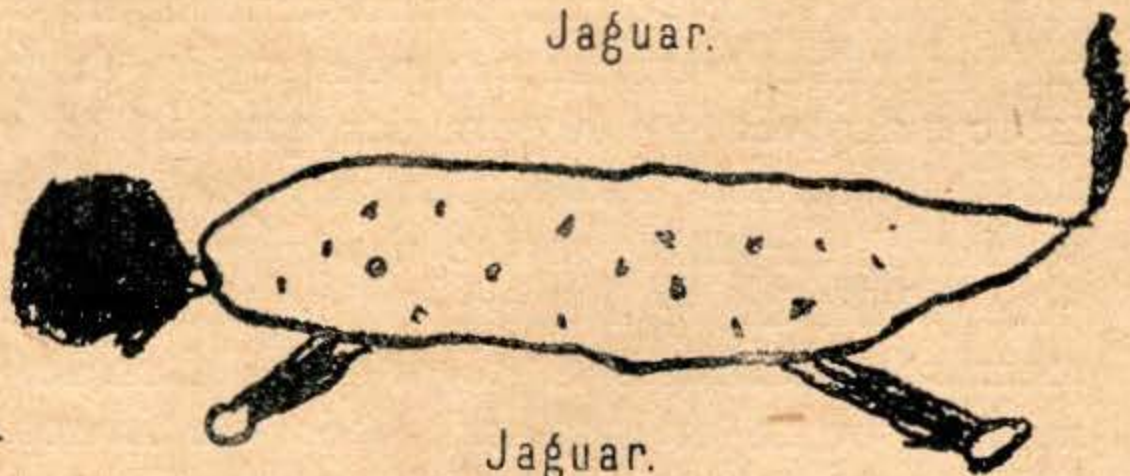
Tapir und Hund.



Affe



Jağuar.



Jağuar.

que no matrinchá mostram a linha lateral, o arco branquial (exatamente como nos peixes de madeira), a posição das espáduas e, finalmente, — o que vale também para o pakú — a da cauda. Na raia os dois olhos têm razão de ser, visto que o índio evita naturalmente o problema de desenhá-la de perfil.

Na prancha Kulisehu II encontra-se o desenho de uma tatuagem de braço, a qual vimos, em Cuiabá, num homem da tribo tupí dos Apiacá, que habitam no Alto Tapajoz. Juntamos aqui essa figura, entre parênteses. Observam-se nela as duas pernas no mesmo lado, exatamente como em desenhos infantis, que representam cavaleiros. As pernas do cavalo estão colocadas uma atrás da outra, assim como as do jaguar (Borôro II). São interessantes também as orelhas compridas do animal.

Por quê os homens são sempre retratados de frente, e os quadrúpedes sempre de perfil? A razão só pode ser que nos homens os contornos, por serem evidentes, pouco interessavam, sendo, porém, decisiva a representação dos detalhes que a serem distribuídos pelos dois lados ou mais fáceis de reconhecer quando figurados de frente, i. é., em tôda a sua largura, ao passo que nos animais o mais importante eram os contornos, que mais facilmente podiam ser caracterizados na posição de perfil. O macaco (Borôro II), desenhado de perfil, a julgar pelas pernas e pela cauda, tem os braços simétricos, podendo, porém, ser concebido com a parte superior do corpo virada para a frente. O jaguar de pele sarapintada foi desenhado por um homem que sem dúvida alguma se lembrou muito bem de que o animal só tem duas pernas em cada lado: omitiu as duas do lado direito.

As proporções são imperfeitas. O cachimbo e o livro de notas da figura principal da prancha Borôro I tinham, na realidade, proporção contrária. O artista absolutamente não se preocupou com as proporções do tronco e das extremidades dum lagarto dependurado pela cabeça. Deliciosa é também a desproporção que se observa na prancha Kulisehu II, na figura de autoria nahuquá. Ao passo que em vários outros desenhos o pescoço se assemelha a uma vara, neste retrato, como também no de Perrot, a linha umeral corre transversalmente pela região da bôca. A referida linha mede cinco vezes e largura dos quadrís, os quais, aliás, na primeira edição, ficaram reduzidos a um ponto. Em tôdas as figuras as pernas são tratadas com o maior desleixo. No produto mais aleijado, Kulisehu II à esquerda, em baixo, faltam completamente os membros inferiores a julgar pela situação comum das partes sexuais, estando os artelhos ligados ao tronco. Se só tivéssemos êste retrato, poderíamos considerar os dois traços longitudinais como

pernas que saíssem das espaduas; entretanto em todos os retratos do Kulisehu observamos o fato curioso de um tronco aberto; no meu e no de Wilhelm (Kulisehu I) até a cabeça ficou aberta! Só o Nahuquá reproduz o corpo como um triângulo, pelo menos em sua primeira edição. Os contornos laterais do tronco formam um ângulo, divergindo para os lados sem antes se tocarem — em Wilhelm, Kulisehu I, afastam-se quase horizontalmente —, e recebendo, em seguida, na extremidade, depois de pequeno percurso, sem joelho e sem pé, um risquinho de cada lado; e êstes membros de galinha, de apenas três dedos, são então imagens, de pernas humanas, de minhas pernas? “Assemelhas-te ao espírito que compreendes, não a mim”. Além de curtas, as pernas quase sempre são desiguais, mesmo nos casos em que o tronco é fechado (v. o jovial Wilhelm, Borôro I).

O número dos dedos e dos artelhos merece exame especial. Se alguém de nós, que seja caçador, se puser a esboçar uma cabeça de cervo, procurará orná-la com determinada forma de armação que na ocasião lhe venha à mente. Outra pessoa, porém, pouco atenderá ao número dos galhos, mesmo quando copiando superficialmente algum modelo; satisfaz-se em levantar sôbre a cabeça certa quantidade de galhos, ramificados embora de maneira muito pouco natural. Só não se contentará com uma armação de apenas dois galhos de cada lado; desenhará pelo menos três à direita e outros tantos à esquerda. Do mesmo modo, para esquematizar um pequeno abeto, faço pelo menos três pares de traços obliqüos, ligados simètricamente a uma linha vertical, terminando o todo, em baixo, por uma horizontal; dois pares de traços já dariam uma arvorezinha, mas ainda não seriam um pequeno abeto. Por conseguinte, sem que eu conte, represento, de acôrdo com a idéia que tenho do objeto, um mínimo de unidades constitutivas. As nossas crianças, que já com pouca idade devem aprender que a mão tem cinco dedos, não deixam de registrar o número exato até em desenhos que contêm outros disparates imperdoáveis, e mesmo antes de se lembrarem de reproduzir a mão, não deixam de desenhar os cinco dedos. Nos desenhos de povos primitivos verificamos com tal regularidade a incerteza quanto ao número dos dedos, sobretudo a representação de três dedos, que nos vemos forçados a admitir uma lei que presida a êste fenómeno, como também ao da armação do cervo e do abeto. Os desenhistas certamente não contaram 1, 2, 3; o fato só se pode basear na tendência de marcarem mais de dois riscos, afim de determinarem a sua vaga idéia pelo menos a tal ponto de evitarem a bifurcação.

Considerando os cinco retratos de autoria bakairí, e colocando no numerador o número dos dedos e no denominador o dos artelhos, temos as seguintes razões:

$$\frac{3}{3}, \frac{5}{3}, \frac{5}{5}, \frac{3}{3} \quad (\text{Kulisehu I}) \quad \text{e} \quad \frac{4}{5}$$

(Kulisehu II). Mostrei aos índios a minha mão, pedindo-lhes que indicassem os dedos que haviam desenhado; agarraram o polegar, o auricular e o médio, apontando os traços correspondentes, de forma que o auricular vinha a ser o que ficava mais para dentro e que no meu retrato do grupo dos quatro era por acaso o mais comprido. Eherenreich aí tem cinco dedos em cada braço, Wilhelm pelo menos num dêles. As extremidades inferiores apresentam três artelhos, exceto no meu retrato da prancha Kulisehu II, onde num lado há quatro. O Nahuquá, cujos desenhos se vêm na mesma prancha, reproduziu corretamente no segundo retrato, depois da crítica feita ao primeiro, o número de dedos; não o fêz, porém, sem antes contemplar atentamente o original ofendido.

Nos desenhos de autoria borôro encontramos, na prancha I, além do meu retrato sem braços, Wilhelm com cinco e o soldado com três dedos em cada braço; também a índia da prancha II tem braços de três dedos. Aliás é necessário reconhecer nessas figuras um grande progresso em comparação com os desenhos anteriores. Nos desenhos não aparecem só articulações do cotovêlo e dos joelhos em forma de nós grossos, mas também mãos e pés. No retrato clássico em que estou representado com cachimbo e livro de notas o autor caprichou imensamente no polegar esquerdo que aí forma, reúnido com a mão, um corpo grosso; na mão direita vemos, com surpresa, uma mão provida de sete dedos, o que entretanto se explica perfeitamente pela circunstância de que os dois dedos extraordinários devem segurar o livrinho; as pernas repousam sobre sapatos, como se observa igualmente no retrato de Wilhelm, na mesma prancha. O soldado está plantado no solo por meio de dois traços representando pernas. A figura do meio tem mãos e pés altamente curiosos, mas não deixa de tê-los; assemelham-se extraordinariamente aos carrapatos sugadores de sangue. Nessa figura nota-se também a tendência de dar às extremidades uma segunda dimensão. Os pés da índia (Borôro II) estão representados — o que contrasta singularmente com a falta de braços — com excelentes contornos e boa posição horizontal; facilmente seriam interpretados como sapatos, se não houvesse, em cada um, três dedos, um tanto parecidos com cabelinhos.

Dentre todos os desenhos de animais só os do tapir e do macaco, de autoria borôro, têm pés articulados. As pernas de jaguar terminam em botões redondos — patas de felino. A cauda sempre é caracterizada; só o jaguar malhado aparece com exquisito côto espesso. No colibrí em atitude de voo, cujas pernas faltam, e de fato podem faltar, vemos uma longa cauda bipartida, como frequentemente se observa nessa espécie de aves.

Desenhos em casca de árvore. Com pouca frequência — salvo entre os Nahuquá, onde eram numerosas — encontravam-se figuras humanas entalhadas nas árvores do caminho entre o rio e a aldeia, ora com os contornos gravados na casca, ora com a casca retirada de toda a superfície. Em 1877 vimos, se bem me lembro, exclusivamente homens, mas em 1884 observamos uma figura masculina acima de uma feminina, diante da primeira aldeia bakairí do Batoví, e outra feminina diante da segunda, figuras que eram gravadas, “aproveitando-se com esperteza um aprofundamento



Fig. 37 — Desenho em cortiça dos Bakairí

existente na casca". O desenho bakairí em casca de árvore, reproduzido na fig. 37, e que é formado por uma superfície recortada, constitue grande progresso em comparação com os desenhos de traços. Nas figuras em que se distinguíam bem os dedos, êstes correspondiam exatamente aos três dos desenhos a lapis; os artelhos, porém, nunca podiam ser reconhecidos. As pernas terminavam informes, à maneira de meias. A nossa atenção foi solicitada sobretudo pelas figuras encontradas em árvores do caminho dos Nahuquá, e que ostentavam, de ambos os lados da cabeça, formações semelhantes a orelhas de burro, muito compridas, representando as pernas enfiadas nas orelhas. Também topamos com algumas figuras de animais. Acrescentando que no grande tronco



Fig. 38 — Desenho em cortiça dos Nahuquá

ôco que jazia diante do rancho de festas da terceira aldeia bakairí e que era usado como tambor estavam talhadas figuras humanas, resulta o fato notável de que a utilização da figura humana na arte de desenhar só é observada em árvores. Os desenhos a lapis foram feitos só em atenção ao meu pedido.

Entre os Auetö vimos, no interior do “rancho dos artistas”, figuras enegrecidas de animais gravadas nos postes. De conformidade com os postes, tôdas elas são compridas e geralmente estreitas. A primeira parece representar uma cobra de bôca escancarada; chamavam-na “*nanyetá*”. A última é o desenho de uma cobra comum, *mói* dos Auetö e Kamayurá, *agáu* dos Bakairí e *úi* das tribus ceramistas. Temos, além disso, na primeira figura da segunda fila, um lagarto, chamado *tetú* pelos Auetö, *teiú* pelos Tupí, e *Teius* pelo zoólogo. Mas a última figura da primeira fila, a-pesar-de ser tão sinuosa, representa um peixe pakú. Maior surpresa, entretanto, causa a declaração dos índios de que a segunda figura, que lembra um coleóptero a esfregar uma perna contra a outra, significa uma “pequena tartaruga”, *tarikayaa-í* *Emys Tracaxa*. Nesse desenho as pernas estão reproduzidas à maneira da

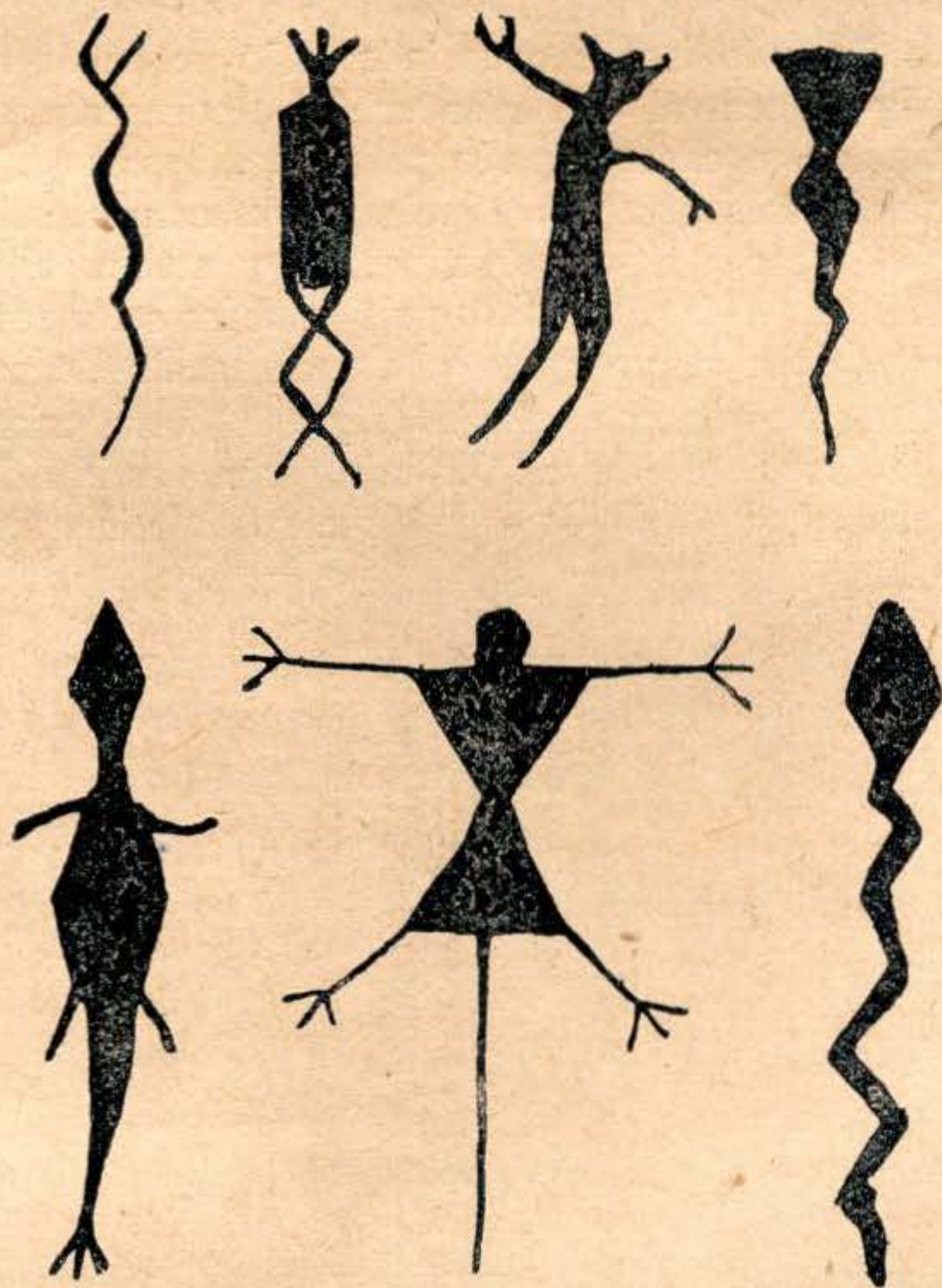


Fig. 39 — Desenhos em postes — Cobra, Pequena Tartaruga, Kumayá, Pacú, Lagarto, Macaco, Cobra. (1/5 do natural)

cáuda do peixe pakú. O vizinho da pequena tartaruga, um quadrúpede, foi chamado *kamayú* pelos Auetö e pelos Kamayurá. Tal coincidência dá direito a considerar essa palavra como genuíno

vocabulo tupí. Entretanto é só possível relacionar com êle o porco-espinho, *kuandú* em tupí, o que foneticamente seria bastante justificável, pois, que *yu* significa espinho, mas que não corresponde à figura. E' que esta absolutamente não se assemelha ao original, faltando-lhe até um dos caracteres principais do animal. Pois o *cuandú*, *Cercobates prehensilis*, tem a cáuda quase duas vezes tão comprida como o resto do corpo. Está reproduzido em "Brehms Tierleben", Mamíferos II, pag. 575, mas duvido que o sr. Mützel consiga conciliar de algum modo a sua ilustração com a do artista indígena.



Fig. 40 — Flauta dos mehinacú, com dois macacos (1/7 do natural)

Em vista de tudo isso é consolador não se encontrar dificuldade com a figura central da fila inferior. Representa um macaco, ou símio *Cebus*, bem caracterizado pelos membros quase humanos com os habituais três artelhos e pela cauda comprida. A título de comparação, junto a figura de uma flauta mehinakú, onde aparece o mesmo símio — a propósito, pois também solta sons de flauta —, de forma bem semelhante, mas enriquecido de pescoço.

Num poste estava representada (fig. 41) uma criatura muito exquisita, uma espécie de figura feminina com vestido de amazona e talhe de vespa, braços de dois dedos e rosto triangular debaixo



Fig. 41 — Formiga Tocandira

de uma aba de chapéu. Esta personagem é *Cryptocerus atratus*, a tocandira, tocanteira, toangira dos brasileiros, formiga gigantesca que não vive em sociedade, mas que passeia solitariamente nos troncos das árvores.

No porto dos Mehinakú, finalmente, encontravam-se, nas árvores, as estilizações do mereschú, de que falaremos mais tarde.

II — DESENHOS ORNAMENTAIS

Friso ornamental dos Bakairí. Mereschú e Uluri. Os ornamentos dos Auetö. Deduções. Aplicações dos ornamentos. Cabaças, pás de beijú, tortuais. Pintura dos vasos.

Ao referir-me à visita feita à segunda aldeia bakairí, mencionei o grande friso de pedaços de cortiça, pintados de branco, que, na casa do cacique, corria, às vezes duplo, ao longo das paredes, medindo cerca de 56 m. A largura dos pedaços de cortiça oscilava mais ou menos entre 15 e 40 cm. Julgámos à primeira vista que êsses zigue-zagues, pontos, aneis, correntes de losangos e triângulos fôsem simples desenhos decorativos que, se bem que graciosos e bonitos, contudo não tinham qualquer outra significação. A casca, enegrecida com fuligem, era proveniente de uma árvore silvestre, chamada *noischi* pelos Bakairí; a argila branca, ou às vezes amarela, era aplicada com os dedos, de modo que nestas primitivas pinturas a fresco naturalmente não podia haver linhas delicadas. Querendo enriquecer o meu vocabulário com os nomes dos ornamentos, fiquei surpreendido ao ouvir vários nomes de peixes que me eram familiares, e resolví examinar a questão. Para cada motivo davam-me o nome de um modelo concreto, e à medida que, nesta e nas outras tribus, nos ocupávamos com os ornamentos existentes nos utensílios domésticos, verificámos que em tôda parte se tratava do mesmo processo. Ehrenreich continuou a estudar a questão entre os índios do Araguaia, onde também só encontrou dados confirmativos da nossa hipótese.

Nas pranchas 20 e 21, Ornamentos bakairí I e II, em que estão reúnidos os espécimes característicos de todos os pedaços de cascas, vemos, primeiramente, nos números 14 e 15 (24) dois peixes bem pintados e que são o já tantas vezes mencionados matrinchã, peixe predileto dos Bakairí, e o *kurimatá*, *Salmo curimatá*, rico em espinhas. As silhuetas estão cobertas de argila em tôda a superfície. O *noróku ikúto*, “retrato do matrinchã”, era realmente elegante e estava lançado com desembaraço. Ao lado temos, no n.º 13, um *uluri ikúto*, o retrato do triângulo feminino. E à maneira dêstes, cada ornamento era explicado como um *ikúto*. Às vezes estão separados um do outro por pequenos traços verticais (v. 3 e 4 ou 7 e 8 da prancha I). Uma única figura, n.º 17, é

(24) — Na prancha 21 foram empregados, por um equívoco, duas vezes os números 14 — 15.

tirada do reino vegetal. Representa as folhas de um pequeno palmito, *yemariáli*, que fornece um “couve”; o vocábulo *yemariá-li* significa “fôlha de mão”. Vemos aí uma porção de pares de plumas, dirigidos, alternadamente para cima e para baixo, e dispostos exatamente como os uluris do n.º 16; para nós esta figura dá a impressão de um trançado.

Mas as nossas tentativas de interpretação falhariam também com os outros ornamentos. Em uns está reproduzido o desenho natural da pele dos animais, em outros figuram-se os contornos, em outros, finalmente, há a reunião de anéis. O n.º 6 contém o desenho pontilhado de um siluro, *schurwá*, de cuja pele malhada provém o nome português “pintado”. Encontra-lo-emos novamente ao falarmos dos trajes de mascaradas. O n.º 7 foi-nos apresentado como o desenho salpicado de uma raia, *pinukái*, ao passo que no n.º 2 aparece, com os anéis e pontinhos característicos de sua pele, outra espécie de raia, *schiwári* (nome que é comum entre os Caraíbas setentrionais, onde tem as formas *schibali*, *sipari*, *chuparé*, etc.).

Zigues-zagues e linhas onduladas representam cobras; o desenho peculiar da pele, cabendo dificilmente na faixa estreita, era despreocupadamente acrescentado na proximidade. Assim o n.º 12, uma cobra comum, tem à esquerda a extremidade da cauda e à direita a cabeça, que, além de ser facilmente reconhecida me foi indicada como tal; os pontinhos estão marcados entre os zigue-zagues. O artista, depois de desenhar a cobra, lembrou-se ainda de caracterizá-la pelas suas manchas. Verifica-se a mesma coisa na cobra aquática sucurú ou anaconda, *Boa Scytale*, do n.º 1. Em compensação reconhecemos no n.º 11, que é o retrato da *Boa constrictor*, o desenho da pele da cobra, composto de numerosos triângulos pequenos; êste desenho acompanha os dois bordos da taboa, e sempre de tal modo que os triângulos se dirijam, com suas pontas, para o interior, constituindo, assim, uma orla que delimita uma corrente de losangos pretos, formados pelo fundo livre. Segundo as notas que tomei, a cobra está provida de cabeça, mas não é fácil compreender de que modo se deve entender como cabeça o comêço da figura, à esquerda.

Sem dificuldade alguma compreende-se o n.º 5, *kána igúri ikúto*, o desenho das espinhas de peixe. Tinha o considerável comprimento de 3 1/4 m. O peixe cascudo, n.º 4, que se une ao traço divisor, requer maiores esforços de imaginação. Êste *tupára* dos Bakairí é o *akará* dos Tupí o *Acara* do zoólogo, o cascudo dos brasileiros. Entretanto compreendemos muito bem à vista do

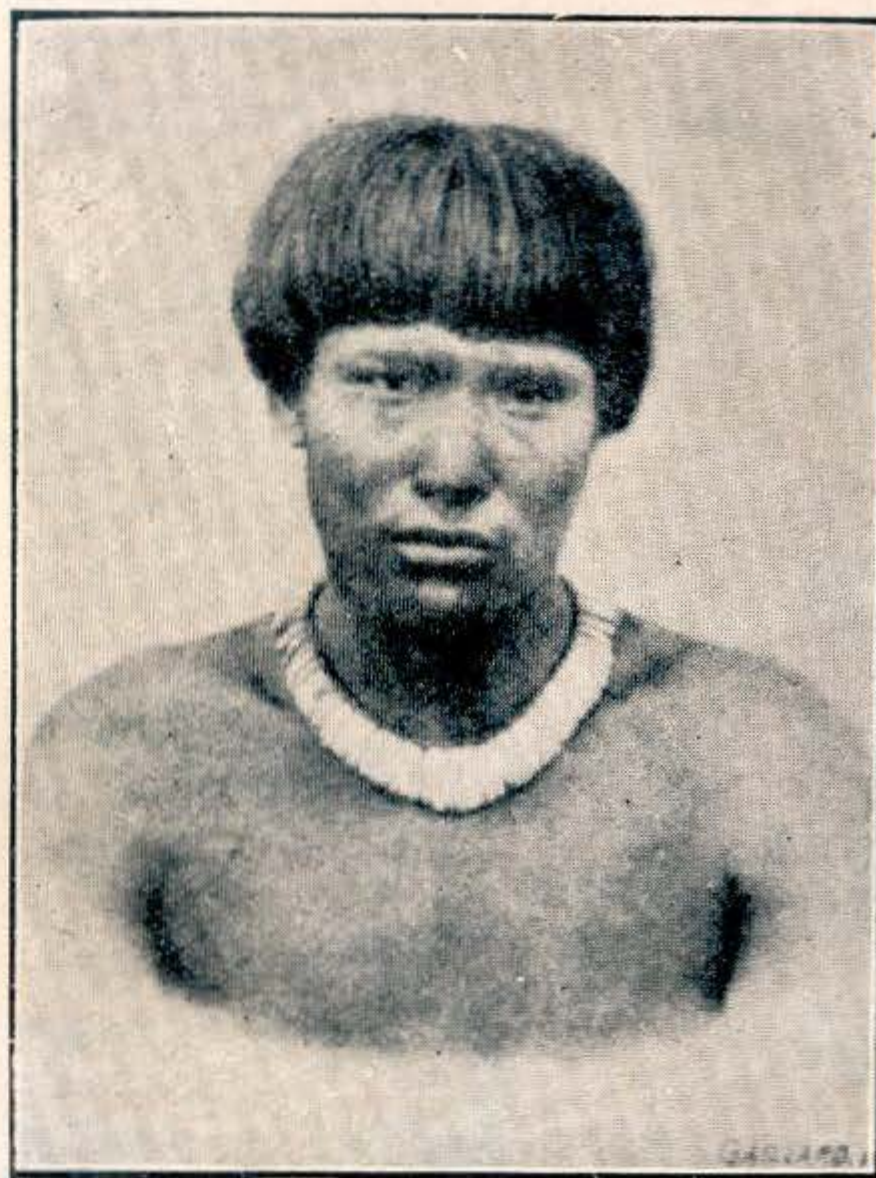
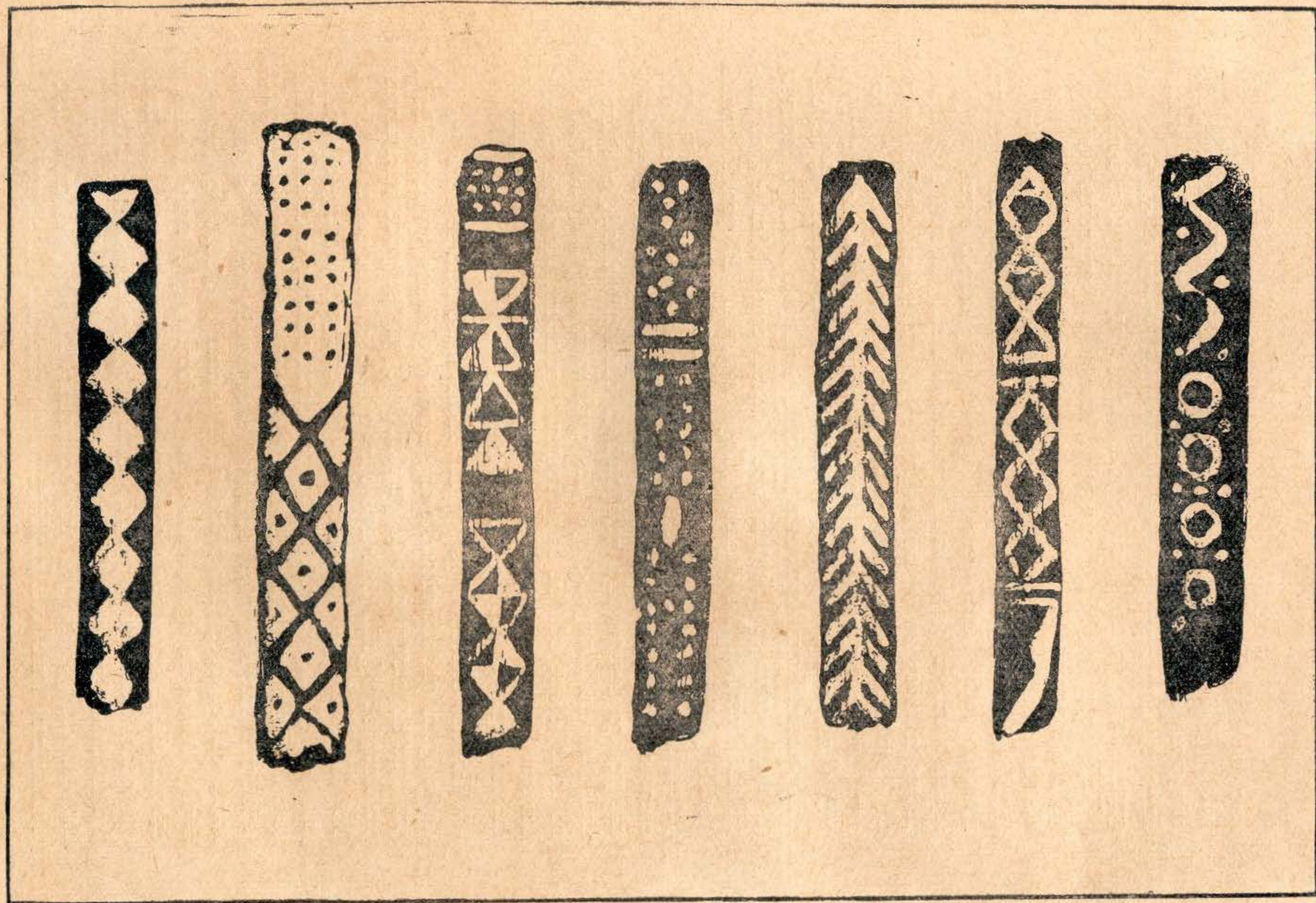


Fig. 14 — Kamayurá com colares de conchas.



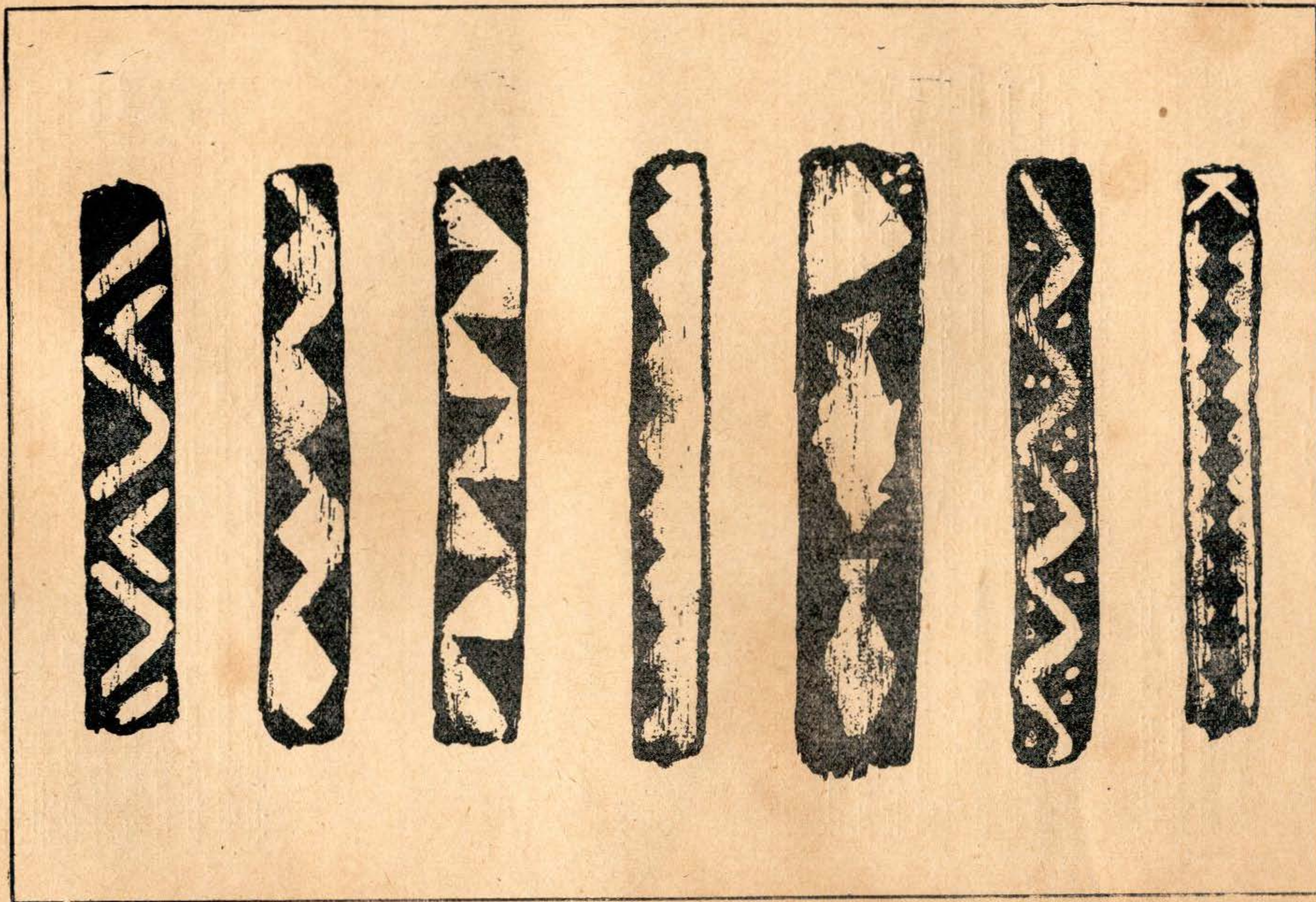
Fig. 16 — Mulher Kamayurá com sarjaduras



Prancha 20 — Ornamentos bakairí

retrato do curimatá, *koalú-ikúto* (n.º 15) o desenho dos peixes pakú, n.º 3). *Prochilodus*, *páte-ikúto*, embora dificilmente teríamos pensado em peixes. A figura de peixe, que tem toda a superfície pintada no n.º 15, só aparece no n.º 3 com os contornos esquematizados; o corpo aí se transforma em losango, a cauda em triângulo; ambos são empregados, com fim, puramente ornamental, ora formando séries de quantidade arbitrária, ora isoladamente. Vemos, assim, no n.º 3, à esquerda, dois losangos-corpo e um triângulo-cauda do pakú, enquanto à direita ha três losangos um atrás do outro. Nos dois losangos da esquerda o arco branquial separa a cabeça, da mesma forma como nas figuras 34 e 35 e nos peixes talhados em cascas de árvore. A mesma coisa repete-se no n.º 8, *núkî-ikúto*, o retrato de um peixe nuki, que não nos é possível determinar com precisão, mas que, a julgar por um ornamento auetô muito parecido, talvez possa ser tomado como cascudo; nessa figura seguem-se, à direita, triângulo, losango, losango, triângulo, como se dois peixes se tocassem com a bôca, e à esquerda estão enfileirados quatro triângulos-cauda. E' provavelmente devido ao desenho natural da casca do peixe nuki que os triângulos preenchidos de branco o distinguem do pakú. Êste, por sua vez, é caracterizado por pequenos pontos; no n.º 9 vemos à esquerda um pedaço de sua pele, mostrando o desenho natural, e á direita uma série de losangos-corpo, dos quais cada um tem um pontinho no meio, é que nós, se os quiséssemos relacionar com peixes, certamente interpretariâmos como uma espécie de casca coberta de escamas, que na realidade o pakú não tem.

Preciso confessar que eu não sabia muito bem se devia rir-me do indígena que afâvelmente explicava as pinturas, ou se me devia entregar ao sentimento da perplexidade que se pode resumir na exclamação: "Quão diferente o mundo se espelha nestas cabeças. N.º 10, *semimo-ikúto*, desenhos de morcegos! Losangos ligados entre si. Onde ficam a cabeça, as extremidades, a cáuda? Mas tornaremos a encontrar os morcegos ainda em outros desenhos, principalmente nos vasos de barro, em que são reduzidos à mesma forma de losango. Em "Brehms Tierleben", I, 1890, encontra-se à pág. 363, uma figura da *Vespurgo noctula*, que, num exemplar em sua asa, e sem dúvida pendurado, nos apresenta contornos mais ou menos semelhantes; sendo estilizado, poderia também tomar forma de losango. — Constatemos agora que nessas duas pranchas há losangos em três ornamentos: no do pakú, ora como desenho de contornos, ora como desenho pontilhado de superfície, no do nuki, com triângulos diagonais, e no do morcego, com toda a



Prancha 21 — Ornamentos bakairí

superfície pintada. O desenho negativo dos morcegos, n.º 10, seria exatamente o n.º 11, a *Boa constrictor* ou giboia. Reconhece-se pelo menos, que se pode chegar por vias bem diferentes à figura geométrica do losango.

Mereschu e Uluri. No friso da casa bakairí surpreendeu-nos a falta de um ornamento que não é somente o mais comum entre os bakairí, mas entre todas as tribos do Alto Xingú. Na primeira viagem o havíamos visto frequentemente, mas não lhe dispensáramos a devida atenção, nem o tínhamos compreendido. No meu relatório "Durch Centralbrasilien" encontra-se este motivo na pág. 163 como ornamento de uma tigela para beber, dos Bakairí, e na pág. 213 como desenho a lapis dos Suyá, onde está magnificamente caracterizado losangos com os cantos preenchidos por pequenos triângulos. Só depois de feita a descoberta na segunda al-

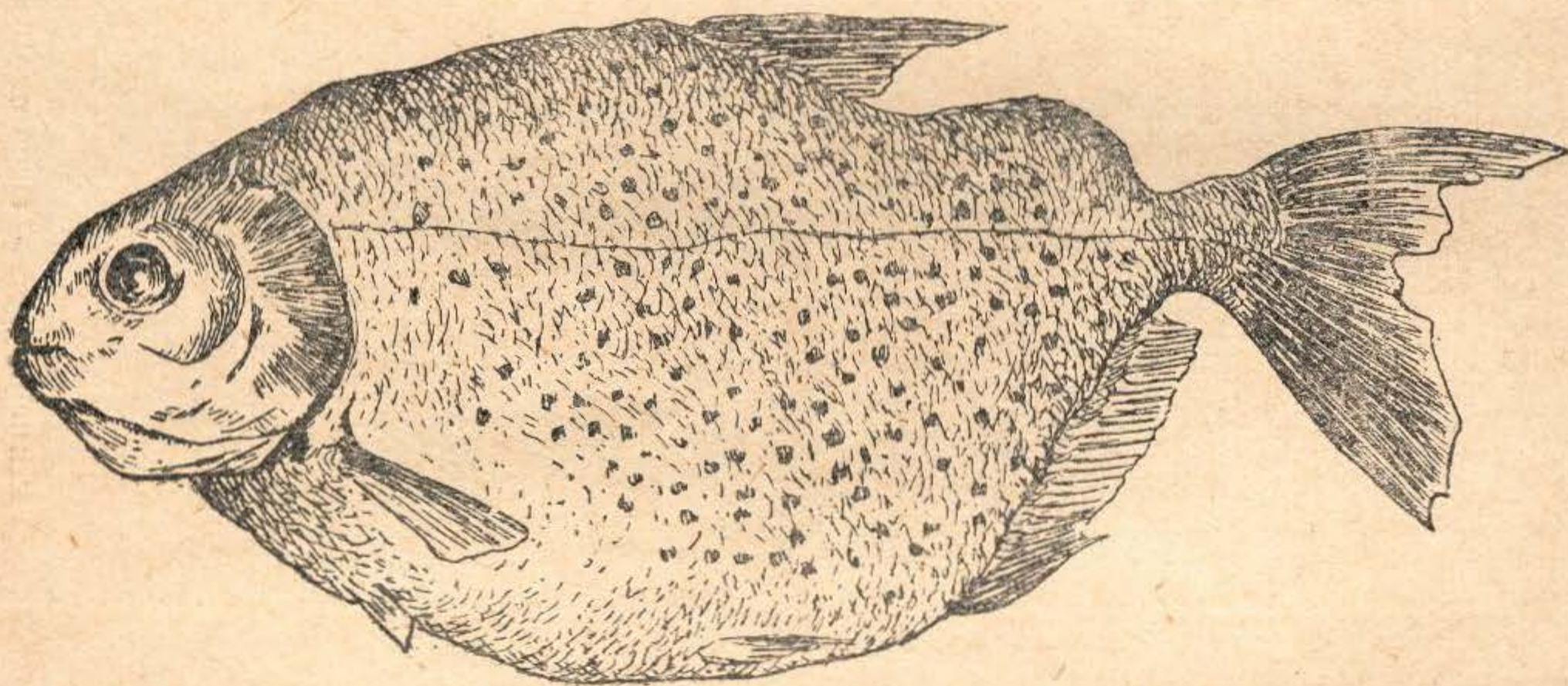


Fig. 42 — Merechú (2/3 do natural)

deia bakairí, tivemos a explicação. O modelo do ornamento é um peixe lacustre, pequeno e chato, um *Serrasalmo* ou *Myletes*, aparentado com as piranhas. O exemplar desenhado por Wilhelm media 19 cm. de comprimento e 9,5 cm. de largura; tinha a pele de cor prateado-cinza e pontilhada de pardo. Nem um artista conseguiu com seu quadro maiores aplausos do que Wilhelm com esse desenho. Os homens se apinhavam em torno e sentiam-se felizes em contemplá-lo. E isso repetia-se com todas as tribos. Até os Paressí de Cuiabá, alegraram-se com a figura e determina-

ram o peixe. Para o nosso uso conservámos o nome bakairí do importante peixinho. Nos diferentes idiomas do Kulisehu o animal leva as seguintes denominações: *meréschu* (o *e* tonico é longo) entre os Bakairí, *irínho* entre os Nahuquá, *kulupé* entre os Meinakú, *kulupéi* na lingua dos Kustenaú *warjái* (*j* francês) na dos Waurá, *maritítyi* na dos Yaulapiti, *pirapévit* em auetö, *tapaká* em kamayurá e *paki* em trumai. Entre tôdas as tribus dá ao ornamento o nome do peixe.

Na figura 43 o primeiro e o segundo ornamento foram desenhados, a lapis, pelos Bakairí, o terceiro por um Nahuquá. Êste nobre índio contentou-se, exatamente como no meu retrato da prancha 17, com os contornos mais simples que se podem imaginar; entretanto é êle o único que se distingue por tal genialidade

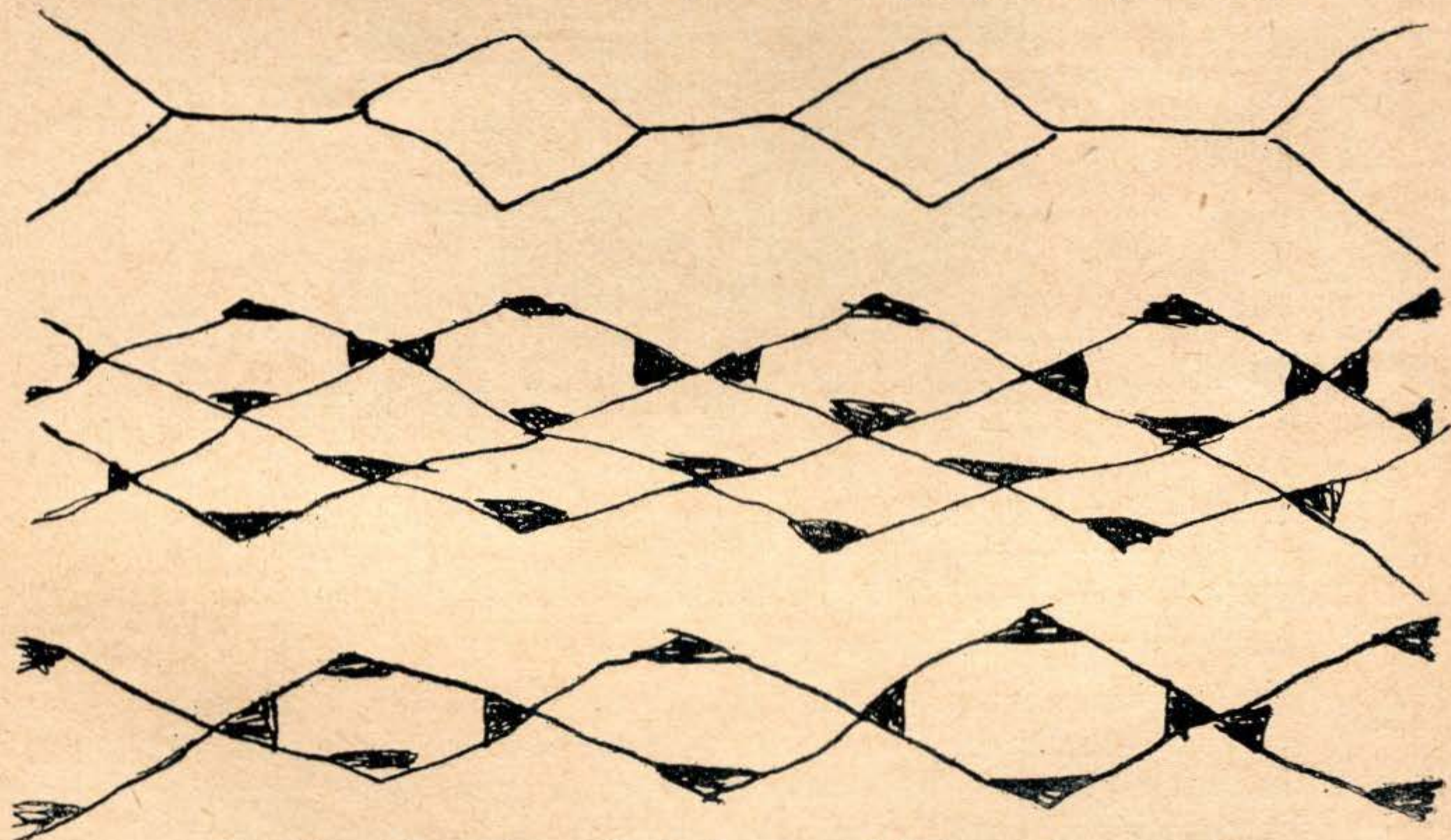


Fig. 43 — Desenhos a lapis de mereschú (tamanho natural)

relaxada. Os Nahuquá referem o ornamento não só ao mereschú, *irínko*, mas ainda a um parente de *irú* ou *ino*. Certamente será devido a um fato semelhante que os Waurá têm uma palavra diferente daquela dos Mehinakú e dos Kustenaú.

A figura 44 da máscara de madeira, dos Bakairí, mostra o ornamento do mereschu de maneira típica. E' precisamente na pintura das máscaras que lhe cabe o papel mais importante. O losango corresponde ao corpo do peixe, e os quatro ângulos preenchi-

dos representam a cabeça, a cáuda, a barbatana dorsal, e a abdominal. Os cantos são umas vezes mais, outras vezes menos cheios, de modo que no interior ora resta um octógono, ora um quadrado. Segundo o nosso modo de sentir, um triângulo assim preenchido só pode corresponder à cabeça, as barbatanas desenhadas dentro do losango em último caso podemos imaginar aplicadas externa-

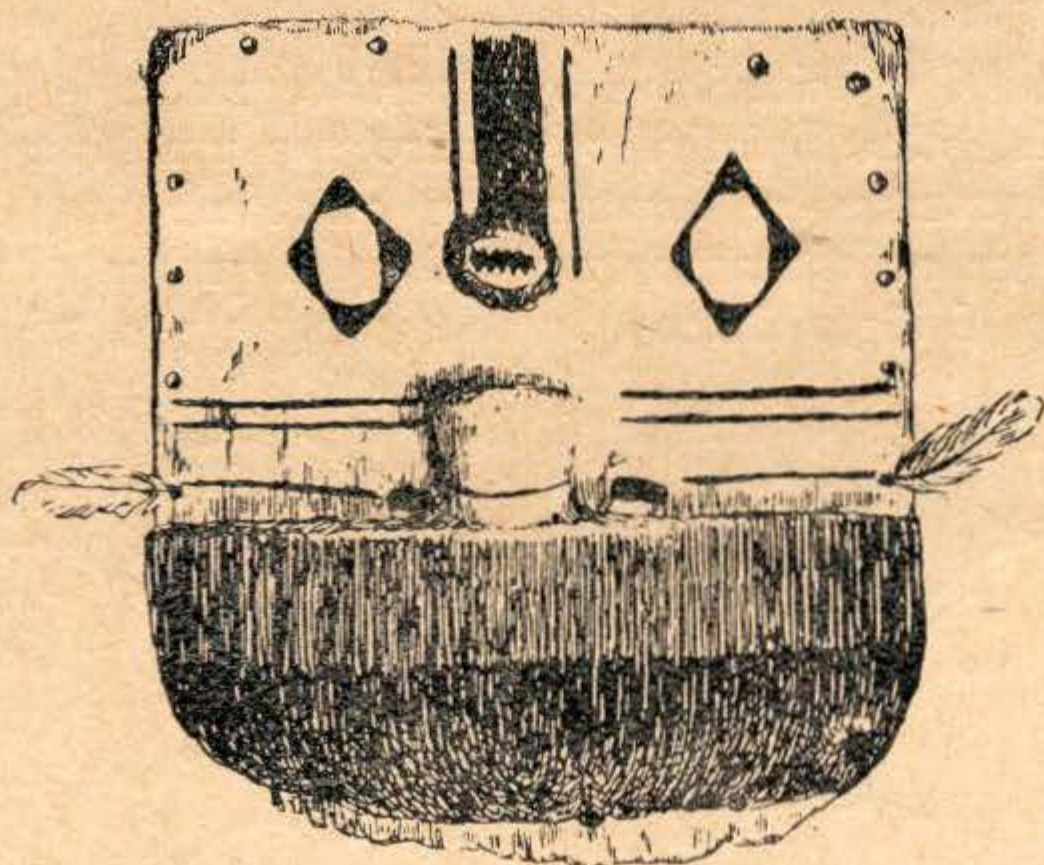


Fig. 44 — Máscara de madeira dos bakairí (1/6 do natural)

mente em vez de desenhadas no interior, mas por ora não conseguimos compreender a cauda que, na forma de triângulo, deveria dirigir a ponta para dentro e não para fora; mais tarde, porém, encontraremos a explicação.

As duas máscaras auetô, figs. 45 e 46, das quais a primeira apresenta o desenho do mareschu sobre madeira, e a segunda sobre uma espécie de pano, mostram de maneira típica a utilização desse motivo na ornamentação de superfícies. Os mereschus estão emoldurados com traços, estão alojados num rêde de malhas em forma de losango; “peixes na rede”, disse o Bakairí. Como adiante veremos, a expressão aí absolutamente não é empregada em sentido figurado, mas corresponde a uma rêde de pescar.

A-pesar-do caráter puramente ornamental da figura, a que de modo algum se aplica a nossa noção de “imagem”, o índio decididamente ainda tem consciência da significação concreta. Quando se cobria com o ornamento alguma máscara ou tortual, sempre se acrescentavam, uma ao lado da outra, as malhas com o mereschu, e em caso algum se produzia preliminarmente uma rêde por cru-

zamento de linhas. Quando muito, os Auetö, que eram os mais adiantados na ornamentação esquematizada, eram capazes de fazer construção pura, devendo-se supor mesmo que o exercício francamente industrial de uma fabricação leva paulatinamente a isso. Ve-se claramente que no desenho da máscara de madeira que o artista não executou a divisão matemática do espaço, ao passo que

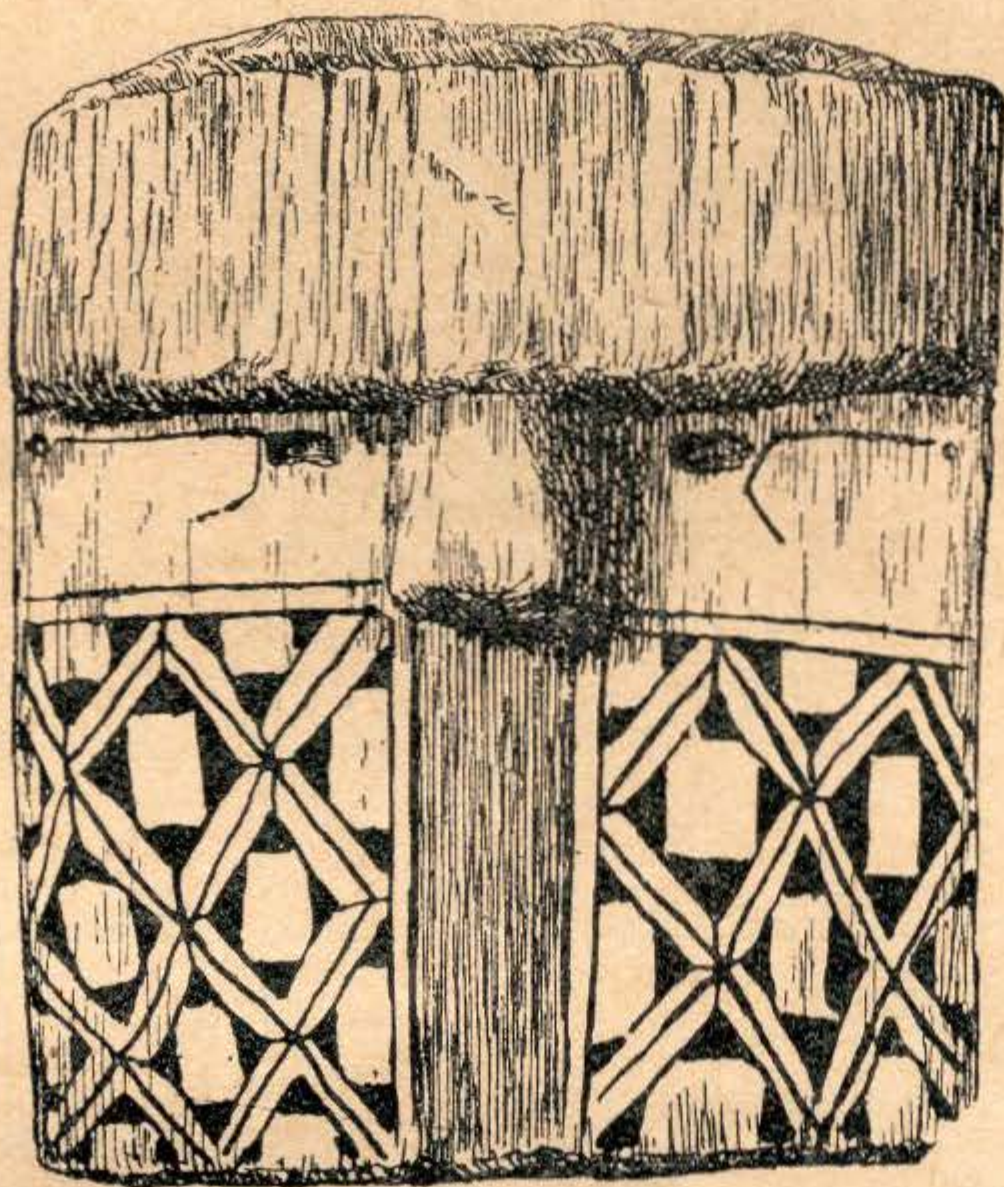


Fig. 45 — Máscara de madeira dos auetö (2/7 do natural)

a máscara de pano dá margem a dúvidas. Os Bakairí em todo caso ainda estavam longe daquele progresso. Também nos dois tortuais dos Mehinakú (fig. 47), em um dos quais o orifício central é circundado por um mereschu, pode-se ver que os peixes foram desenhados um a um, e, olhando-se com atenção, descobre-se grande número de pequenas irregularidades. Era bem interessante observar como aquela gente garatujava. Só não consigo aceditar que êsse “molde de ornamentação”, que exprime do melhor modo o elevado grau de nivelamento etnológico entre as tribus, seja um produto recente. Si se pudesse admitir o grau de estilização como relativa medida de tempo, dever-se-ia atribuir aos Auetö a posse mais antiga.

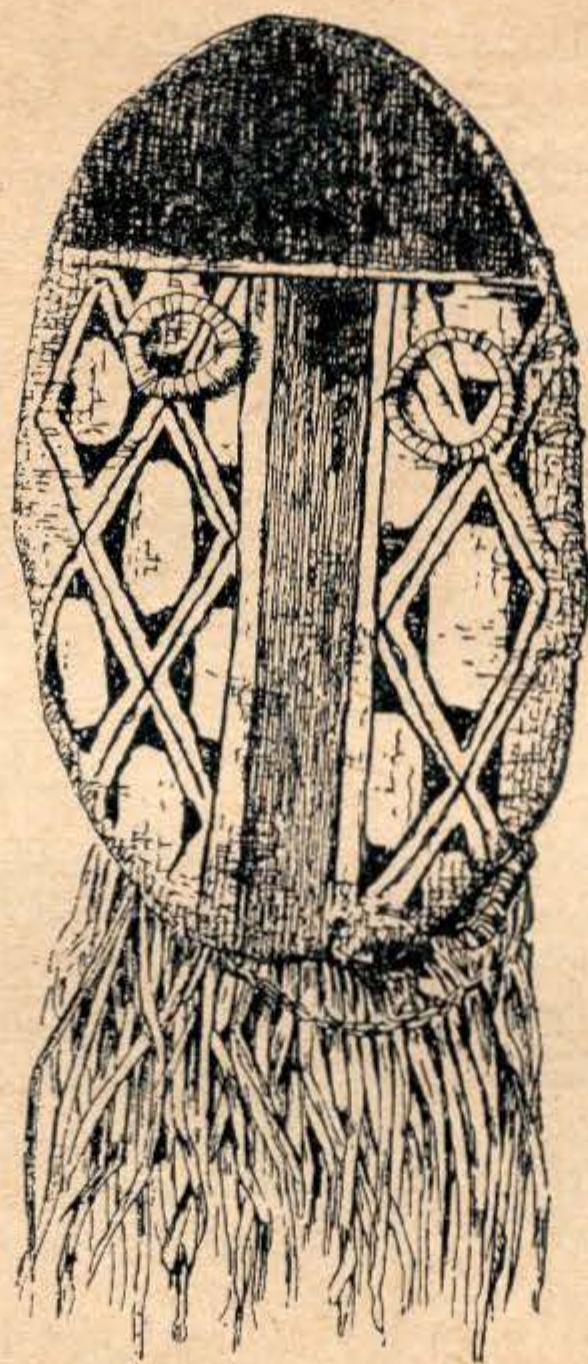
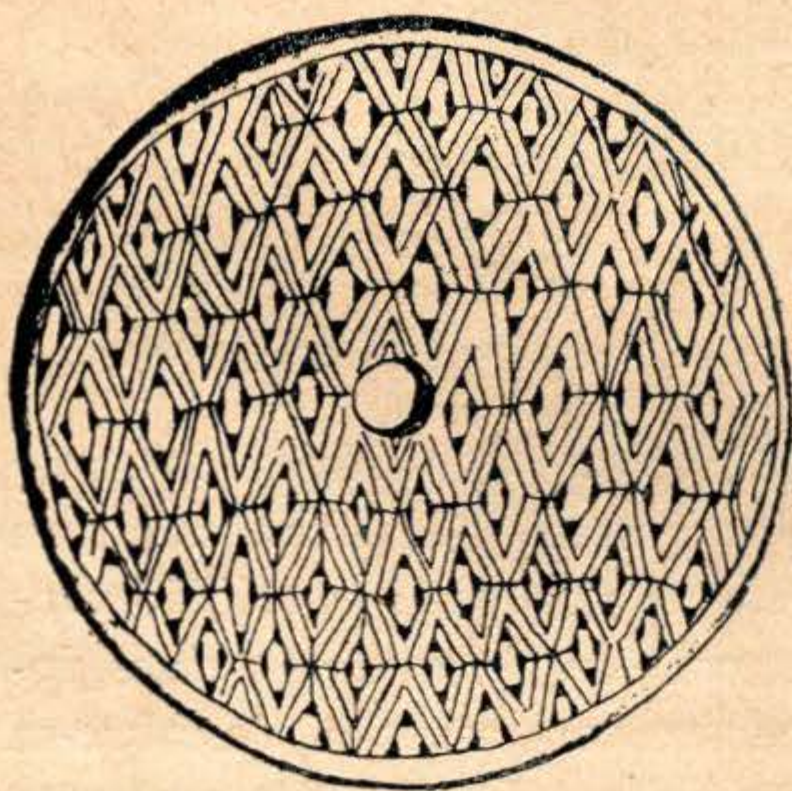


Fig. 46 — Máscara de pano dos auetö (1/6 do natural)



(5/6 do natural)



(1/2 do natural)

Fig. 47 — Tortuais dos mehinakú

Não se pode dizer acaso que os índios desenharam figuras em forma de losango, nas quais fizessem cruzar traços em distâncias iguais, e que em seguida preencheram os cantos, dizendo: “saíu parecido com peixe mereschu, tem forma de mereschu, etc.”, para

depois darem, por analogia, o nome de peixe ao ornamento. Tal hipótese é contrariada pela maneira de compor o desenho, i. é., a justaposição das figuras, e pela simples circunstância de que o ornamento não tem mais forma de mereschu, tendo-se, já afastado do modelo concreto, como o prova a ponta da cauda. Ninguém de nós consideraria o ornamento como a imagem de um peixe. Recorrendo-se ao kurimatá, n.º 15, o pakú do n.º 3, à esquerda, (prancha 20) ainda pode ser entendido como imagem de peixe, conquanto que aí já haja dois losangos-corpo reunidos com o triângulo-cáuda, mas dos losangos-corpo do n.º 3, à direita, nenhum desenhista, que os desenhe casualmente, pode dizer que lhe lembram um peixe pakú, pois unicamente é possível o caminho contrário, i. é., a passagem da imagem de um modelo concreto para a esquematização. Sem falar do n.º 9, losangos-peixes pakú sara-pintados, ou dos morcegos.

A relação com o original é precisamente aquilo que dá ao índio o prazer de desenhar, como aliás é muito natural. A possibilidade de desenhar um peixe com poucos traços dá-lhe satisfação. Mas houve provavelmente um fator importante de ordem técnica. Os desenhos eram produzidos, na maioria dos casos, gravando, e não pintando. Só o risco gravado era preenchido de tinta. Nos tortuais e nas cabaças os ornamentos eram gravados, até nas máscaras eram riscados no fundo de argila branca, anteriormente aplicada. Assim compreende-se sem dificuldade alguma a grande predominância e a interminável repetição de ornamentos muito angulosos, como o losango do mereschu e o triângulo do uluri, de que falaremos a seguir. Os ângulos também podiam ser raspados com muita facilidade. Exigiam um trabalho menos penoso do que círculos e linhas sinuosas, que igualmente se poderiam ter empregado para representar animais. O fato de se gravarem os desenhos por si mesmo levou à estilização.

Quanto ao uluri, triângulo feminino, compreendemos talvez mais facilmente o prazer proporcionado pelo modelo concreto do que quanto a um peixinho saboroso. Nós mesmos ocupamos ainda hoje o ponto de vista dos índios do Kulisehu. Com a única diferença que nós, homens civilizados, estilizamos o modelo anatômico, enquanto os rudes selvagens se contentaram com o lindo “vestidinho”. E é curioso que, em vez do uluri nós tenhamos o losango, que acabamos de mencionar tantas vezes. O Bakairí que fizesse uma expedição científica à Europa encontraria — não sei se em todas as partes da Alemanha — provavelmente com grande satisfação, nas nossas árvores, nos nossos muros, nas nossas portas, entelhado, gravado e pintado, exatamente como ele as faz, numerosas imagens do seu peixe pakú, losango com o ponto central.

Ai de quem uma vez se habituou a ver, entre nós, êste desenho indígena do pakú em todos os pontos onde está desenhado. Se lhe quisesse fugir não poderia entrar mais em nenhuma estação, em nenhuma alameda, em nenhum ponto procurado por causa da bela vista panorâmica, em resumo, deveria evitar todos os lugares por onde passam homens, pois pareceria até que um bando misterioso se tivesse conjurado, para perseguí-lo com essa figura; encontra-o na casca de velhíssimas árvores silvestres, encontra-o também na neve recente.

Os índios do Kulisehu não ocultavam a satisfação que lhes proporciona o uluri; qualquer atadura informe de cortiça não lhes teria fornecido o modelo. Devem exclusivamente ao uluri a sua idéia geométrica do triângulo. Por si mesmos nunca teriam chega-

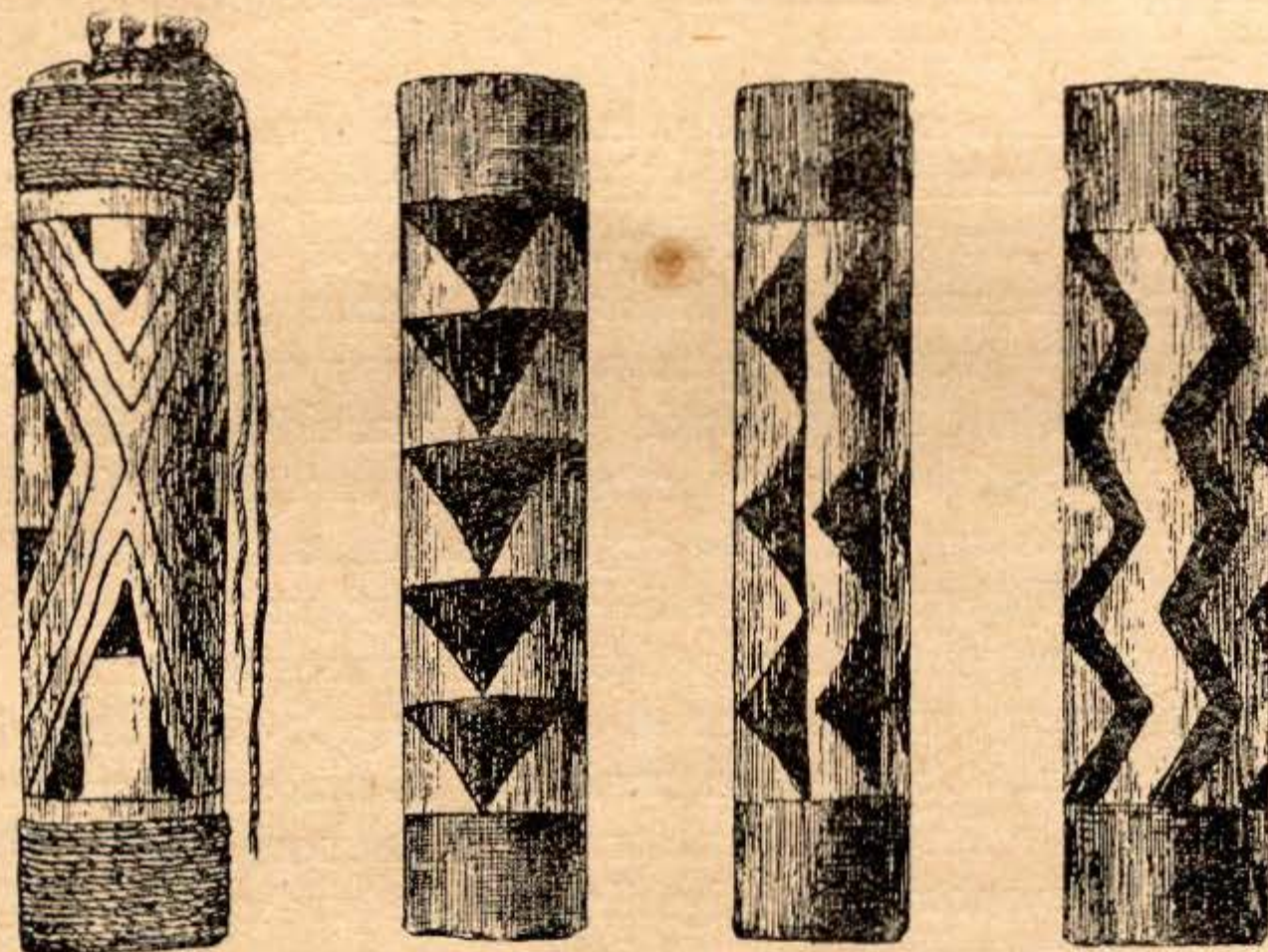


Fig. 48 — Madeiras de dorso dos Bakairí, com motivos de merechú, uluri, morcego e cobra (1/4 do natural)

do a desenhar triângulos. Entre os desenhos a lapis encontra-se na prancha 17 um uluri que um Bakairí desenhou espontaneamente no meu livro de notas. No friso, prancha 21, aparece no n.º 13 um grande exemplar isolado, e no n.º 14 vemos os uluris ligados de maneira a formarem uma faixa dentada. O n.º 15 apresenta-os em singular concatenação, estando colocados de modo que dois exemplares vizinhos se tocam só com um canto, alternadamente com a base na margem inferior e na superior da casca, sendo um pouco separados por traves obliquas que correm na base de um para a do seguinte. Estas traves excessivamente largas representam as cordas da cintura, sendo analogas à rêde do mereschu.

Quando eu desenhava para os Bakairí um triângulo equilateral, êles se riam satisfeitos, exclamando "*uluri*". Podia ser observado freqüentemente nas suas tigelas, cobrindo tôda a superfície em bonita coordenação; as linhas de divisão muitas vêzes ainda eram desenhadas com a consciência de que primitivamente representavam cordéis.

As quatro madeiras de dorso da fig. 48, cilindros da madeira que na terceira aldeia bakairí eram penduradas em cordéis e usadas nas costas, como enfeites de dança, representando cavadores de mandioca estilizados apresentam-nos vários desenhos pintados em preto e bem executados. O primeiro mostra peixes mereschu, o terceiro morcegos pendurados, que também encontraremos entre os Auetö, o quarto a cobra agau correspondente ao n.º 12 da prancha 21, e o segundo *uluris*. Quanto me lembro, o desenho do *uluri* nunca ocorre como simples triângulo formado de três linhas de contorno, exceto no desenho a lapis da prancha 17. O triângulo está sempre preenchido, provocando assim mais diretamente a impressão do modelo concreto.

Em zunidores dos Nahuquá, (v. figura do capítulo "Ornamentação de máscaras e enfeites para danças") observam-se zigzagues de feitio igual ao dos que levam a madeira de dorso; também aí são interpretados como imagem da cobra.



Fig. 49 — Madeira de dorso com gafanhoto (1/3 do natural)

Além dêsses, as madeiras de dorso nos forneciam ainda dois outros ornamentos muito curiosos. Um dêles, que, para a nossa vista, só se distingue do mereschu pela pequenez dos cantos preenchidos, era um gafanhoto, *töviga* dos Bakairí *tukúra* dos Tupí. O ornamento estava junto com o do peixe mereschu; os traços longos, que partiam dos cantos do losango, representavam as pernas dos gafanhotos.

O outro ornamento refere-se a um “passarinho”, *yaritamáze* dos Bakairí, que não me é possível determinar. Compreende-se facilmente que a figura representa uma ave em atitude de voo. Mas os índios exigem mais; insistem no *yaritamáze*.

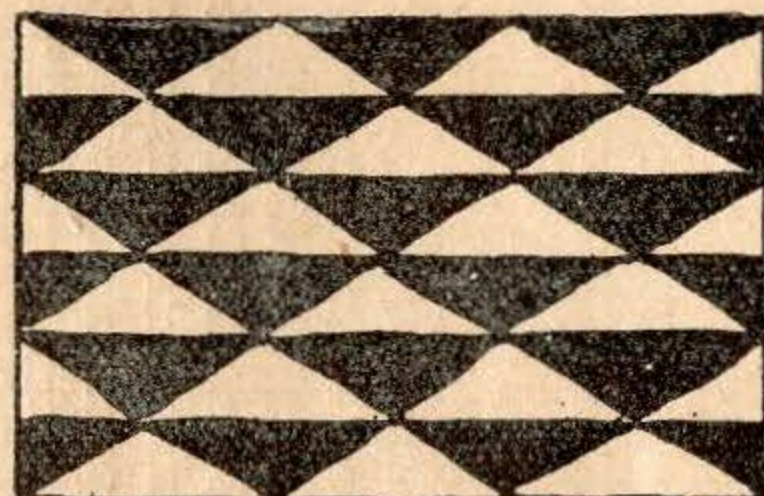
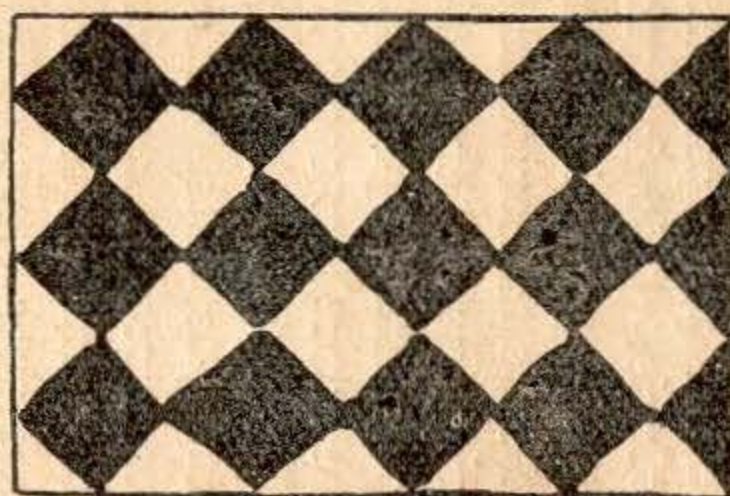
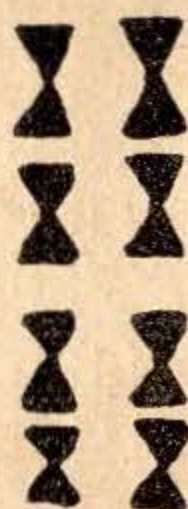
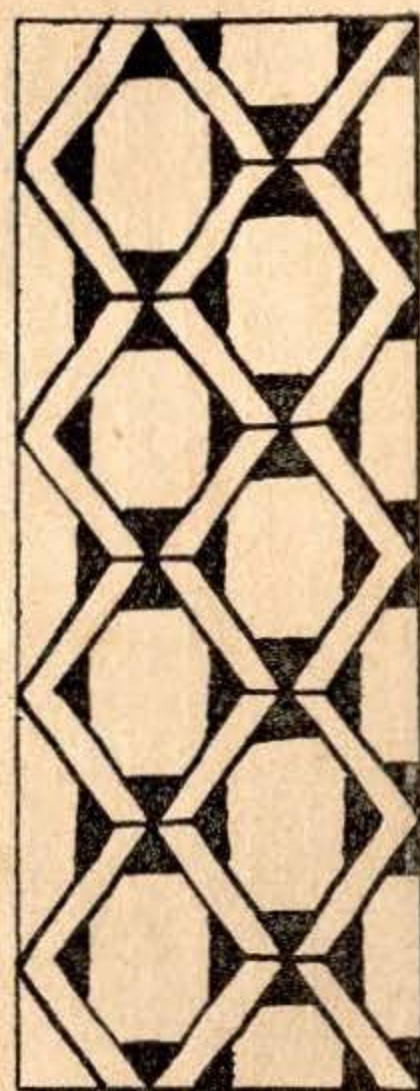


Fig. 50 — Madeira de dorso com passaros (1/3 do natural)

Os ornamentos *auetö* distinguem-se por sua estilização extremamente desenvolvida. No “rancho dos artistas” da aldeia havia pintados numerosos ornamentos acima das portas e nos postes das paredes. Os mais notáveis estão reunidos na prancha 22: “Ornamentos *auetö*”. Todos êles se compõem de triângulos e losangos. Enquanto os Bakairí pintavam com argila branca sôbre casca de árvore enegrecida, os *Auetö* aplicavam tinta preta sôbre um fundo de madeira branco, ou gravavam primeiro os ornamentos, esfregando-os posteriormente com tinta. Meu primo apelidou por isso, os seus colegas *auetö*, de “aguafortistas”, chamando de “plenaristas” aos pintores bakairí.

O n.º 5 é o autêntico ornamento mereschu, de feição muito aprazível; mas também o n.º 4 nos foi indicado como desenho de peixes mereschu. Empregava-se, para ambos, a mesma denominação, *tepirapevetú*. O segundo constitue o único exemplo em que o losango-mereschu não está preenchido sômente nos cantos, mas em tôda a sua superfície. Em compensação a rêde, cujas malhas circundam os peixes, aí está executada mais minuciosamente.

O n.º 3 representa cascudos *akará*. Êstes têm forma análoga aos peixes nuqui dos Bakairí do n.º 8, prancha 20. E’ de notar-se, porém, que os cascudos não são romboidais como os mereschus, mas alongados. Visto como também encontramos figurado por um losango o pakú, que igualmente não é romboidal, e como até os peixes não esquematizados que vemos nos ns. 14 e 15 da prancha 21 são um pouco mais romboidais do que na realidade, reconhece-



Prancha 22 — Ornamentos dos Auctô

mos que o losango é a forma geral do peixe estilizado, corresponda ou não à referida espécie — como se dá com o mereschu, representado em toda parte com extraordinária predileção. Para melhor caracterização registra-se no pakú o pontilhado da pele, e nos cascos as escamas duras e bem visíveis, que, embora sejam poligonais, aparecem precisamente nas porções maiores como triângulos parcialmente sobrepostos (v. Brehm, Peixes, pág. 244 e a figura).

No n.º 2 vemos os triângulos-uluri, que também entre os Auetö têm o nome dos triângulos femininos (*umpám*). É muito lamentável não ter sido pacífico e tranqüilo o nosso encontro com os Trumaí cujas mulheres eram as únicas que usavam uma atadura de embira; em todo caso tomaram emprestado tanta coisa aos seus vizinhos, que é bem possível terem também o triângulo feminino entre seus ornamentos. Na casa das flautas dos Auetö havia, pouco abaixo da cúpula do telhado, um friso bastante longo de estreitas tiras de madeira clara, nas quais estava pintada em preto toda uma série de umpans ou uluris.

Vejamos, porém, agora o n.º 1. Duas filas de triângulos, uma acima da outra, exatamente como os uluris, porém orlados, em cima, por uma linha em zigue-zague, que nunca se observa em uluris. São imagens de morcegos, *tatsiá* dos Auetö, ou melhor, *tatsiá pevú*, i. é., “morcegos-chatos”. Os mesmos triângulos que, dispostos horizontalmente, devemos reconhecer no n.º 2 como uluris, quando em posição vertical e sem linhas ziguezaguantes, representam igualmente morcegos, mas pendentes. De igual modo se concebem como morcegos pendentes os *semimo*, os vampiros dos Bakairí, na terceira madeira de dorso da figura 48. Lembrando-me dos cães voadores pendurados nas árvores como presuntos, compreendo perfeitamente o ornamento triangular, e creio que também outros com ele se conformam mais ou menos, mas ninguém me quer compreender quando agora afirmo ver morcegos em toda parte, ora no chão ladrilhado, ora nos azulejos que revestem a parede acima de uma pia, etc.

Mais surpreendente ainda é talvez o *mura-yöt*, o desenho de “novas” ou “pequenas” abelhas bora: os campos pretos de um taboleiro de xadrez, apoiado sobre um dos seus cantos! É um ornamento que nós topamos em toda parte, mas que nem a mais arrogada fantasia interpretaria como imagem da abelha nova, tão apreciada pelo paladar indígena, nem mesmo como a cela em que está alojada. Em comparação com tal desenho, as vértebras espinhais, n.º 8, formadas cada uma por dois triângulos equilaterais que se tocam com uma ponta, e parecendo ampulhetas estilizadas, são de um realismo notável.

Conclusões. O que nós chamamos de figuras geométricas, o índio designa com denominações de modelos concretos. Quando procuramos explicar tal fenômeno, volta-nos à mente a hipótese de que o emprêgo dêesses nomes provém da comparação sugerida pelos desenhos. Entretanto não é absolutamente aceitável tal conjectura. É verdade que também o alemão se serve da palavra "Schlangenlinie" (linha em forma de cobra) para dizer linha sinuosa, mas nunca pensamos em acompanhá-la de pontos que, de acôrdo com o número ou a disposição, nos fizessem reconhecer nas linhas sinuosas as diferentes espécies de cobras, como o fazem os Bakairí nos nos. 1 e 12 das pranchas 20 e 21. No n.º 12 temos a imagem com o pontilhado, e na quarta madeira de dorso da fig. 48 a cobra está representada pela simples linha sinuosa ("Schlangenlinie") que, para nós, é uma figura puramente geométrica. Para os aborígenes, porém, isso ainda não constitue figura geométrica; a transformação do objeto concreto em abstração, consequência por certo infalível, está entre eles, quando muito, no comêço. Dos triângulos o índio poderia dizer que "têm forma de uluri", mas, embora seu idioma até lhe dê a possibilidade de exprimir a comparação por um adjetivo, chamo-os simplesmente de uluris; além disso úne-os também, às vêzes, como no n.º 16, pelos cordéis da cintura. Ainda mais irrefutável se torna, porém, a prova em relação ao ornamento do mereschu, quando o aborígene me explica o traçado circundante como rêde para pescar, quando me indica os cantos preenchidos do losango como cabeça, cáuda e barbatanas, quando, além disso, apresenta no mesmo friso, lado a lado (nos. 15, 3 e 9), os diferentes estádios do desenvolvimento da estilização do peixe, e quando, finalmente, em vez de produzi-los pelo cruzamento de linhas paralelas, desenha isoladamente os losangos que cobrem uma superfície bastante grande. Proponho-me apresentar o desenho do mereschu a um número ilimitado de pessoas desprevenidas e de boa fantasia, e creio que entre cem não haverá uma que o interprete como peixe. Devemos-nos até contentar em compreender mais ou menos as figuras depois de sabermos como o índio as chama; se, porém quisermos afirmar que a escolha dos nomes se deu de acôrdo com semelhanças, nós mesmos as deveríamos ter reconhecido antes. O modo pelo qual, com tóda probabilidade, o ornamento do mereschu se originou e disseminou em tal escala só poderá ser discutido no capítulo seguinte (v. Cap. XI, 2.^a parte).

Por outro lado, compreende-se com extrema facilidade a transformação do desenho representativo em figura geométrica. Determinados objetos agradavam ao aborígene; na pintura, (não indagamos agora, qual a sua origem) uma ou outra das inspirações

dos diferentes artistas, que no friso bakairí ainda estão reunidas em grande desordem, dentro em pouco deve obter preponderância sobre as restantes quando o objeto correspondente, pela sua simplicidade natural, é reconhecido mais facilmente. Um peixe romboidal desenhado por mãos pouco exercitadas se assemelhará mais ao original do que qualquer quadrúpede. A coordenação de uma série de uluris a princípio ainda varia de indivíduo para indivíduo, como se pode ver muito bem nos nos. 16, 15 e 14, mas dentre todas as variações individuais novamente vence aquela que deixa do lado os traços secundários, sacrificando a fidelidade à simplicidade, e que, se assim posso dizer, se presta melhor à confecção fabril. Quanto menos se precisa pensar, tanto maior a vitalidade da forma, pois, que não foge ao alcance de talentos menos robustos. A arte aqui ainda registra um progresso quando consegue o padrão que eternamente há de repetir; só assim ela pôde firmar-se, tornando-se uma necessidade geral, e mantendo-se de geração em geração. E' este o estágio dos Auetö; os Bakairí em parte ainda se movem num nível inferior a este, permitindo-nos reconhecer o caminho que naqueles conservou como último vestígio, o nome dos ornamentos.

Para os auetö a forma artística já é coisa principal; os Bakairí, porém, ainda ligam toda a importância ao valor representativo dos esquemas. Melhor do que por todas as palavras o estágio



Fig. 51 — Remo dos bakairí (1/8 do natural)

singular dos Bakairí se torna compreensível pela figura 51, que mostra um remo coberto de “garatujas” primitivas. Os quatro círculos representam o desenho anelar de uma raia. À direita do traço de separação seguem mereschus em malhas de rêde, um pakú e, finalmente, vários peixes *kuónu*, ornamento que não ocorre em outros desenhos e cujo modelo natural é um peixe que não conheço: *pinakái*, *meréschu*, *páte*, *kuómi*. Não quero afirmar, absolutamente, que estes quatro ornamentos assim dispostos tenham algum sentido; creio, quando muito, que o autor se lembrou que precisamente num remo ficaria bem o desenho de peixes. Entretanto é extremamente instrutivo saber que essas garatujas, embora nada signifique a sua coordenação, não sendo, portanto, escrita

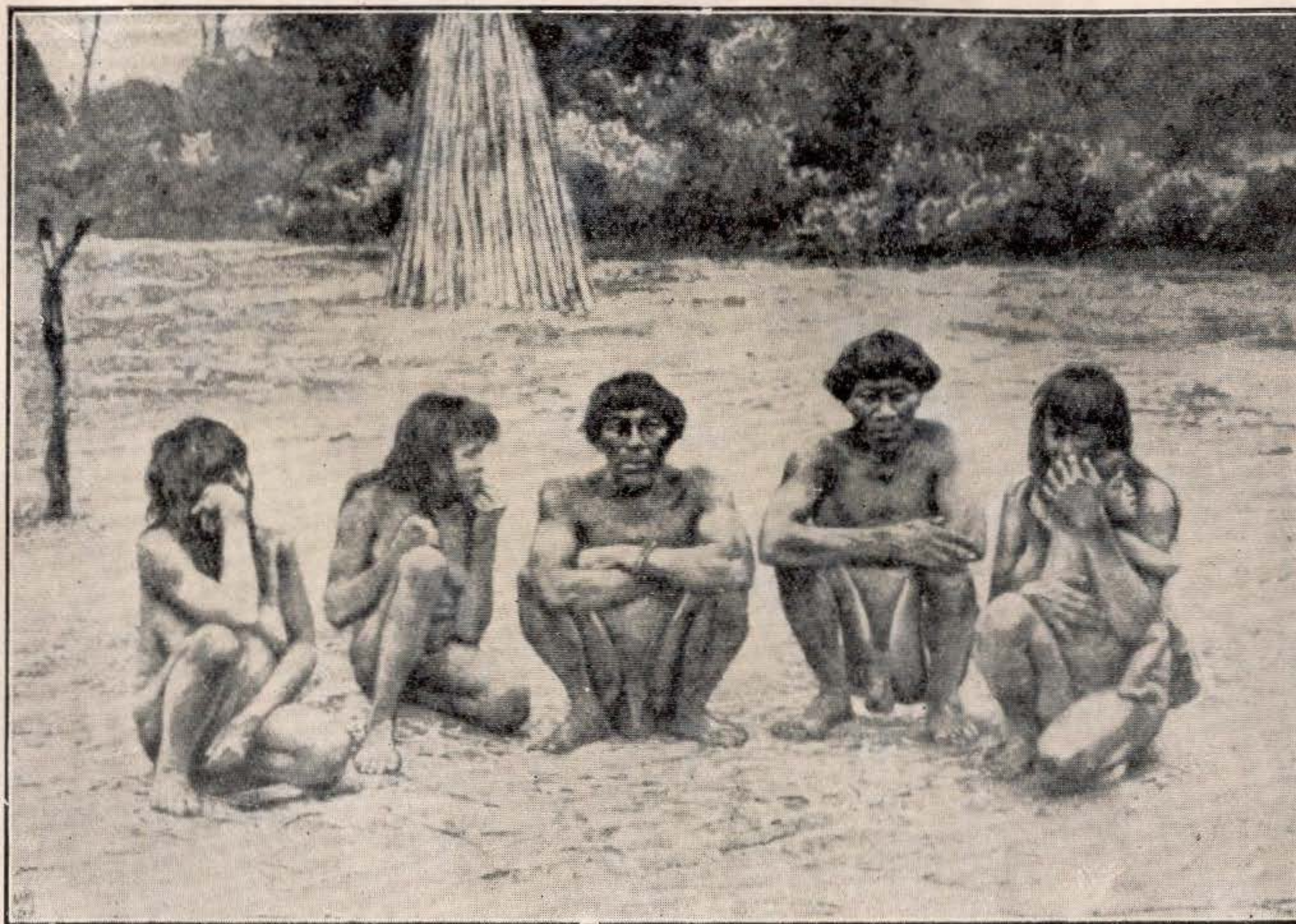


Fig. 19 — Bakairí de cocoras

3406

ideográfica, contudo não constituem rabiscos quaisquer, mas cada uma é o esquema de um objeto bem definido, representando, de fato, o elemento de uma escrita ideográfica. Por nosso raciocínio nunca interpretaríamos acertadamente êsses esquemas; deve-se ouvir a explicação dos próprios indígenas, ou desistir da compreensão. Eu, por minha parte, me tornei extremamente modesto quanto a interpretações, mas também acho que é muito superficial classificar simplesmente como rabiscos as figuras que não entendemos. Quando certas figuras se repetem regularmente, quando até se trata de um ornamento adotado, pode-se ter a certeza de que os primeiros indivíduos que a desenharam tinham diante dos olhos um modelo determinado; o sentido, porém, foi talvez negligenciado pelas gerações seguintes ou até esquecido completamente debaixo da influência da diferenciação linguística dos vocábulos que passaram a ser usados como termos técnicos.

O homem da nossa civilização hoje já começa as suas primeiras tentativas de desenho com triângulos, quadrados e círculos; os nossos antepassados desenvolveram com estas e semelhantes figuras a ciência que é tida como a mais elevada; e visto que a natureza circundante não oferece à sua vista linhas nem figuras geométricas, o homem civilizado costuma concluir que êstes conceitos fundamentais nasceram do seu próprio interior, tão fértil e produtivo. Não só lhe parece indigno, mas também um desvio ridículo, a conjectura de que se poderiam ter originado por intermédio de modelos concretos como tangas, morcegos e peixes. Pois o que é mais fácil desenhar-se do que um triângulo? Que é mais fácil, replico, do que contar até cinco? O Bakairí explica ainda agora todo triângulo que lhe desenho, como imagem do uluri, ainda não consegue contar as coisas sem recorrer aos seus dedos. O numeral "5" = mão, que ainda se encontra na língua de muitos povos primitivos, corresponde exatamente ao triângulo — uluri; em ambos os casos a representação interna do esquema, a abstração, só foi obtida por meio do objeto, em ambos o modelo concreto ainda se fêz valer por muito tempo. Nem a nossa facilidade de trabalhar com êsses conceitos, nem o fato de que o sentido dos nossos adjetivos numerais se subtrai a tôdas as perscrutações etimológicas, provam que os nossos ancestrais percorreram num caminho que não fôsse o dos povos primitivos.

O professor de geometria certamente não precisa mais encontrar um agrado especial num uluri para conceber um triângulo. O uluri pode ser considerado um *arqueopteryx* da matemática. Como poderia a ave voadora persuadir-se de que descende dos répteis rastejantes ou, quando muito, adejantes? Entretanto a incapacidade

dade da ave de compreender essa origem, não fornece em absoluto, argumento contrário. A mesma coisa se dá conosco, que elevamos o nosso voo às maiores alturas da matemática, e que dificilmente imaginamos que tenha havido homens incapazes de produzir um simples triângulo sem recorrer a um modelo concreto.

Utilização dos ornamentos. Nas armas de caça — só havia arcos e flechas — era difícil pintar ornamentos. Também o propulsor de flechas tinha como único enfeite um trançado que lhe circundava a extremidade; um cone de cortiça que assentava sobre uma haste de flecha, formando a ponta, ostentava o desenho do mereschu (v. fig. 6). Quanto ao mais, pode-se afirmar que todos os enfeites para festas, sem exceção, enquanto oferecessem superfícies apropriadas, estavam pintados de ornamentos. A mais abundante ornamentação era a das máscaras, para as quais tôdas as tribus usavam com grande predileção o mereschu, como se depreenderá, mais adiante da descrição das máscaras.

Enumero concisamente, a seguir, os exemplos mais característicos da ornamentação com desenhos. Entre os Bakairí vimos uma canoa pintada com os anéis da raia e o zigue-zague da anaconda. Além do remo reproduzido na figura 51, só encontramos mais um desses utensílios em que fôra aplicado, ou se conservara, um ornamento representando uma cobra. No tronco de árvore usado como tambor, que existia na terceira aldeia bakairí, havia-se pintado, além das figuras de mereschu mencionadas entre os desenhos em casca de árvore, um longo desenho de espinhas de peixe, análogo àquele que se vê na primeira prancha de ornamentos no pôrto dos Mehinakú, como igualmente já mencionei. Havia gravados desenhos de mereschu na casca de várias árvores.

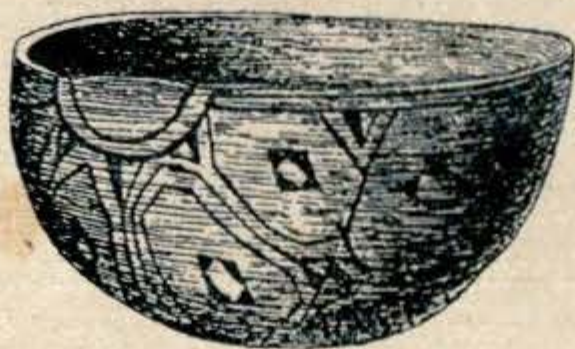


Fig. 52 — Cabaça (Bakairí) com motivos de mereschu e morcego
(1/7 do natural)

Entre os Bakairí ostentavam ornamentos sobretudo as cabaças, tanto as cuias para beber, como as cabaças esféricas e as com forma de garrafa, usadas para guardar plumas. Para o desenho do uluri, ora o do mereschu cobriam-nas como rêdes; em correspondência como o disco recortado em tórno da haste da cabaça, e pon-do-se diametralmente a êle, desenhava-se um círculo para o qual

convergiam os desenhos e do qual, nas cuias cortadas ao meio, restava, do lado, um sémi-círculo. Vimos um exemplo em que os mereschus se sobrepunham por um de seus ângulos o que dava a impressão do trançado. Às vêzes alternavam-se mereschus e morcegos, sòmente distinguíveis por não serem nestes preenchidos os ângulos (compare-se com o n.º 10, prancha 20). Como já foi dito, as madeiras de dorso eram tôdas revestidas completamente de desenhos.

Entre os Nahuquá também foram principalmente as cabaças enfeitadas que despertaram a nossa atenção. Mas êstes ornamentavam sobretudo as que se empregavam como chocalhos por ocasião das danças. Não eram grandes pintores. Contudo é bem possível que eu não os aprecie devidamente, pois que na nossa primeira visita esconderam os seus utensílios, e, na segunda, talvez em parte ainda os tivessem retido fora da aldeia. Entretanto não é muito provável esta última hipótese, pois tinham grande interêsse em fazer negócios conosco.



Fig. 53 — Cabaça para guardar plumas (Bakairí) — motivos de mereschu (1/6 do natural)

Diante dos Mehinakú e Kamayurá, principalmente dos primeiros, distinguíam-se os Auetö como pintores apaixonados. Entre os Mehinakú, as cabaças, que os Kamayurá proviam de belos desenhos, eram menos enfeitadas do que os vasos de barro. Os

instrumentos para desenterrar mandioca ostentavam desenhos de mereschu e, como adiante veremos, enfeites entalhados. Estas duas modalidades de ornamentação existiam também, conjuntamente, nas pás com que se viravam os beijús. Dou o exemplo de uma pá dos Kamayurá (a) e de outra dos Yaulapiti (b), êstes pobres diabos que não nos podiam oferecer nada lém de qutro pás de

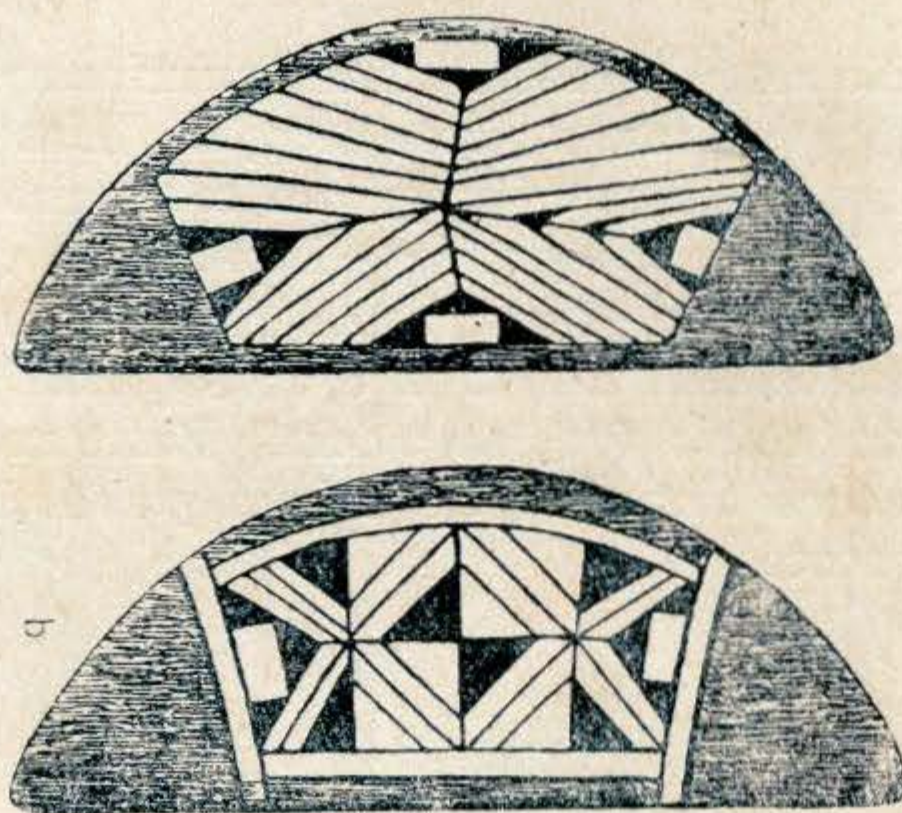


Fig. 54 — Pás para virar beijús — a) Kamayurá — b) Yaulapiti.
(1/6 do natural)

madeira para virar beijús e um único beijú duro como pedra. O artista kamayurá atendeu mais às linhas intermediárias do que à imagem dos mereschus, dos quais só desenhou quatro metades. Mostra-nos êste caso instrutivo, cujo contraste encontraremos logo a seguir, como o motivo primitivo é posto de lado (no sentido próprio da palavra), e como o intuito da ornamentação predomina. A pá dos Yaulapiti tem em cima e em baixo a metade de um mereschu e no meio o ornamento do cascudo dos Auetö. Não sei, porém, ao contrário do que posso afirmar com referência ao mereschu, se os Yaulapiti lhe dão o mesmo sentido.

De igual modo os Mehinakú, Auetö e Kamayurá fornecem com seus tortuais o material mais abundante em desenhos propriamente ditos. Ao passo que os Bakairí possuíam tortuais de madeira e de argila, êsses índios se serviam de preferência de um disco recortado da couraça abdominal da tartaruga, enfeitando-o quase sempre de um lado, e não raramente dos dois. O ornamento era gravado com o dente de peixe-cão e coberto com saliva e carvão.

Já a figura 47 reproduz dois tortuais de couraça de tartaruga, de fabricação mehinakú. A figura 55 mostra outro, de feitiço igual, mas de madeira. O desenhista embaraçou-se com os traços de separação. Esse é o tipo comum. Esparsamente encontramos, porém, tortuais que revelam grande progresso. Na pequena superfície de trabalho forma-se a segurança da mão e originam-se motivos puramente artísticos. Para delimitar externamente o desenho dos mereschus, traçava-se um círculo concêntrico bem perto da margem do tortual; o espaço assim obtido, entre o círculo e o

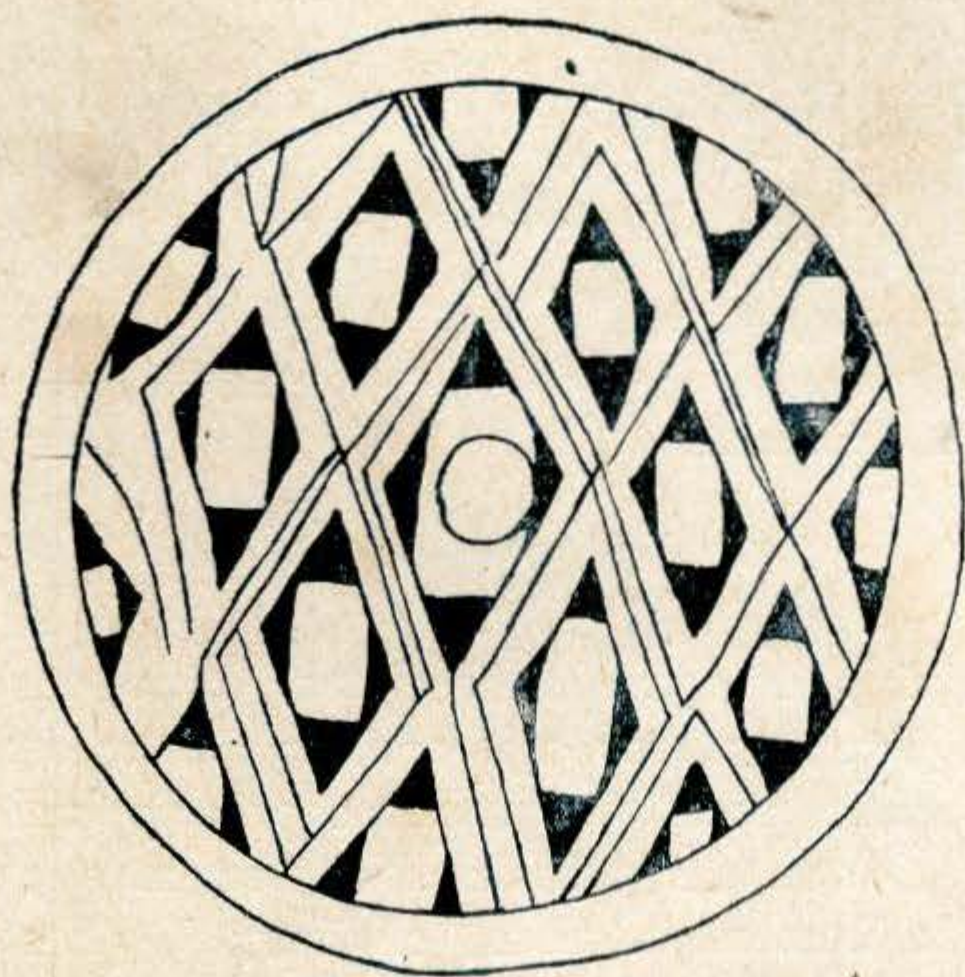


Fig. 55 — Tortual dos mehinakú com motivos mereschu
(tamanho natural)

bordo do disco, se deixava em branco. Mas também este espaço preenche-se agora; o círculo e o bordo do disco são acompanhados por uluris, e ligam-se entre si as pontas dirigidas para o interior. No tortual dos Kamayurá, fig. 56, vemos o círculo interno circundado por um desenho que nos faz pensar em um colar de pérolas; essas pérolas angulosas, porém, não são outra coisa senão os espaços intermediários entre os nossos já tão conhecidos uluris.

Num tortual dos Mehinakú, fig. 57, temos exatamente a mesma coisa, só porque a margem ornada é um pouco mais larga e as distâncias entre os uluris maiores; o círculo interior ficou, assim, orlado por bonita corrente de plaquinhas hexagonais. Esse tortual apresenta, porém, uma singular variação; os mereschus formam só uma lista retangular cujo centro é ocupado pelo orifício do disco.

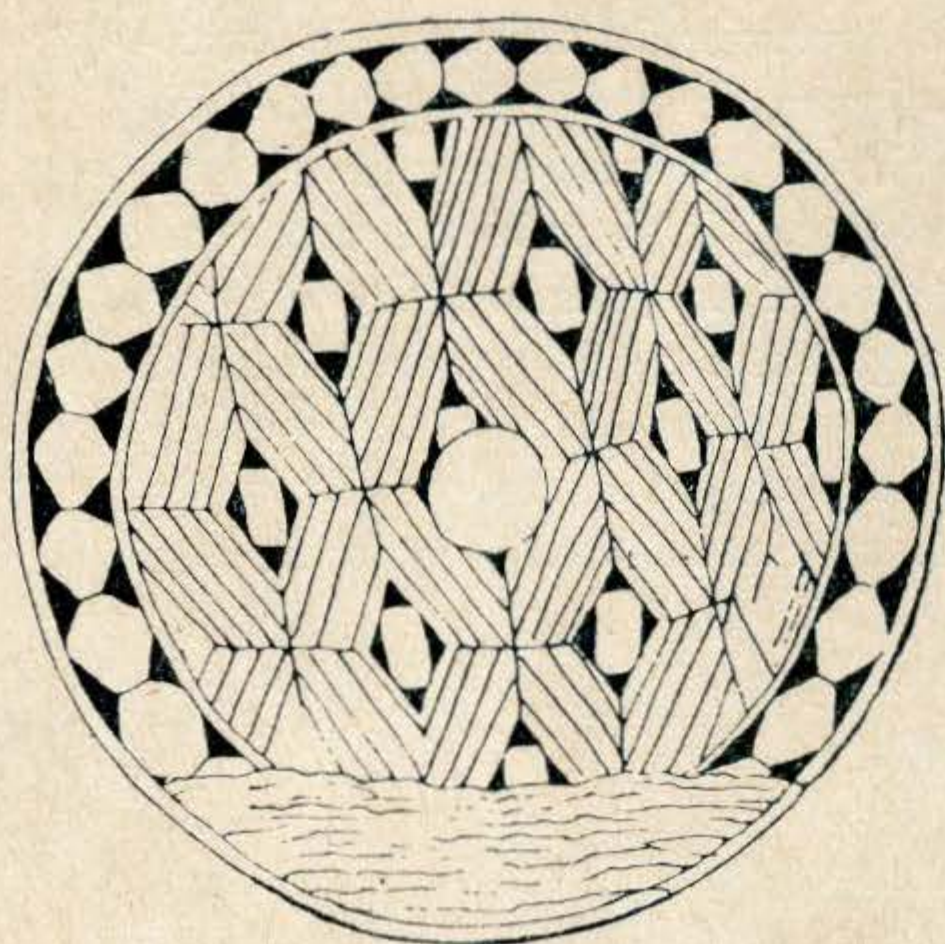


Fig. 56 — Tortual dos Kamayurá com motivos de mereschu e uluri (tamanho natural)

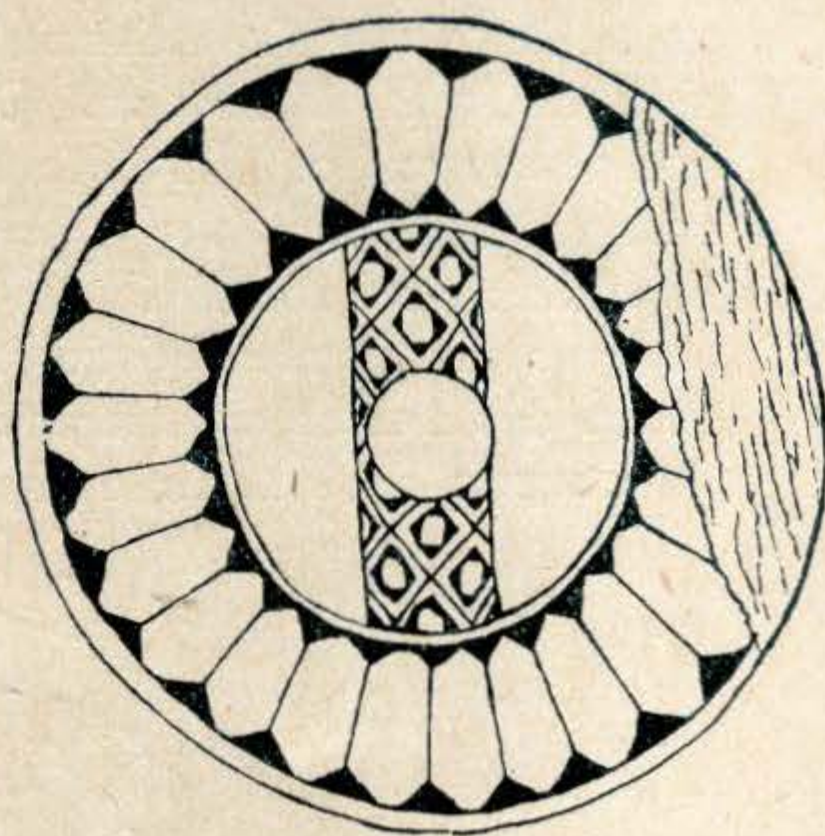


Fig. 57 — Tortual dos mehinakú com motivos idênticos (tamanho natural)

Os índios chegam agora a desenhar, como nas correntes de pérolas e plaquinhas, motivos cujo sentido êles mesmos ainda desconhecem. Ai dêsses produtos quando o próprio índio não os souber explicar, e caírem nas mãos de um branco que os contemple com os olhos de homem da nossa civilização! Num tortual dos Auetö encontram-se mereschus, dispostos circularmente em tórno do centro, e de tal modo que se tocam com os ângulos laterais: forma-se assim uma “roseta” ou um lindo “cálice de flor”. Depois de nos termos familiarizado sobejamente com o mereschu, proponho olharmos tranqüilamente para o disco com o desenho em cruz, fig. 58. Tal figura se forma sòmente porquê o artista, do mesmo modo como o Kamayurá que ornamentou a pá reproduzida acima, na fig. 54 a, desenvolve os traços de separação como coisa principal, enquanto o desprevenido que visse êsse disco, por sua parte pouco se incomodaria com os escassos triângulos ornamentais que se encontram entre os braços da cruz. O fato desta ter quatro braços é simples obra do acaso. Duas outras peças muito pouco artísticas, as da fig. 59, mostram com evidência que se trata sòmente dos espaços intermediários entre os mereschus colocados em direção radial. Êsses três discos, porém, não são tortuais propriamente ditos, mas imitações para adôrno festivo. Discos leves de cortiça entre os Auetö, pedaços de osso de tartaruga entre os Ka-

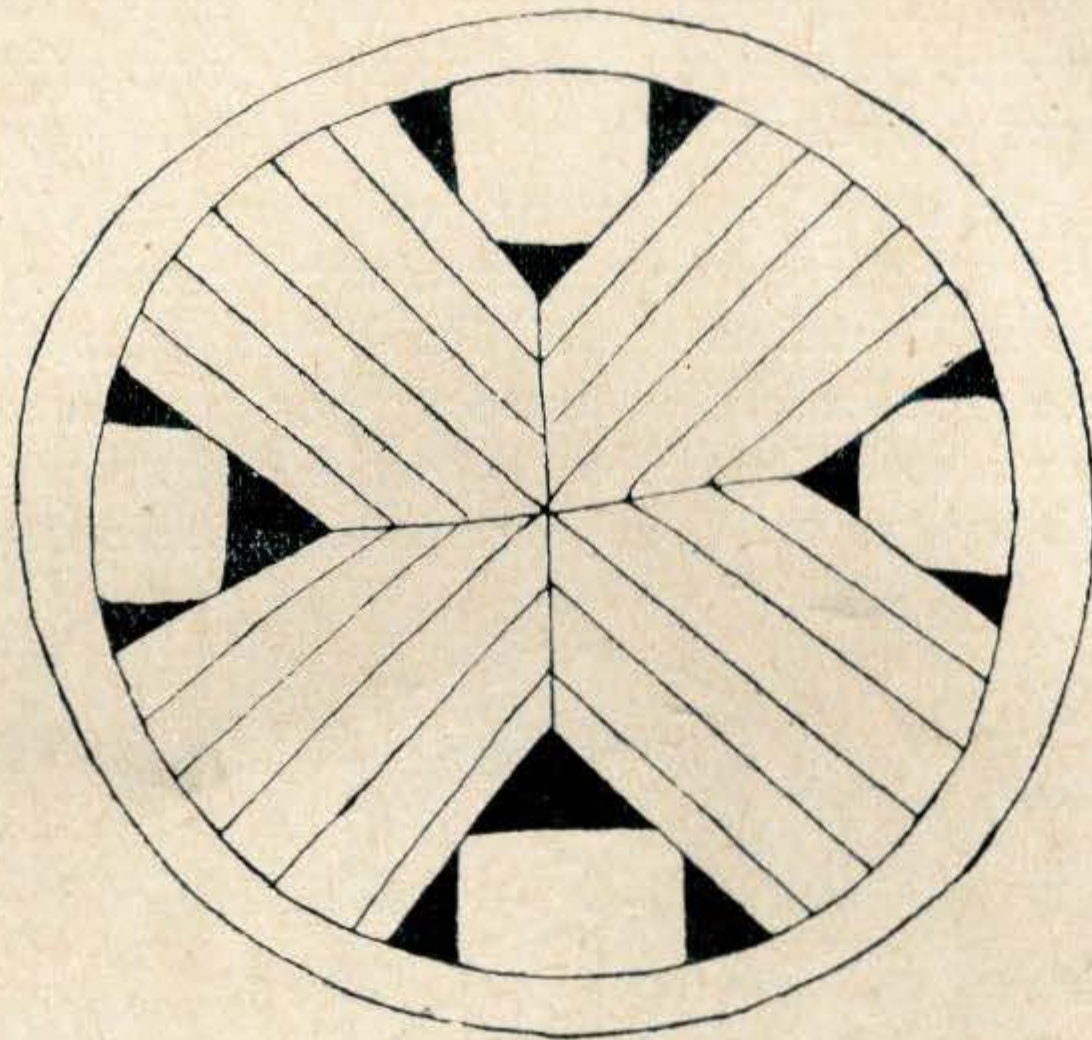


Fig. 58 — Tortual de enfeite dos auetö com motivos de mereschu
(tamanho natural)

mayurá são pintados com tinta preta sem terem os desenhos gravados. São pendurados em torno do pescoço. No ornamento em forma de cruz o artista omitiu o orifício do tortual. Nos outros

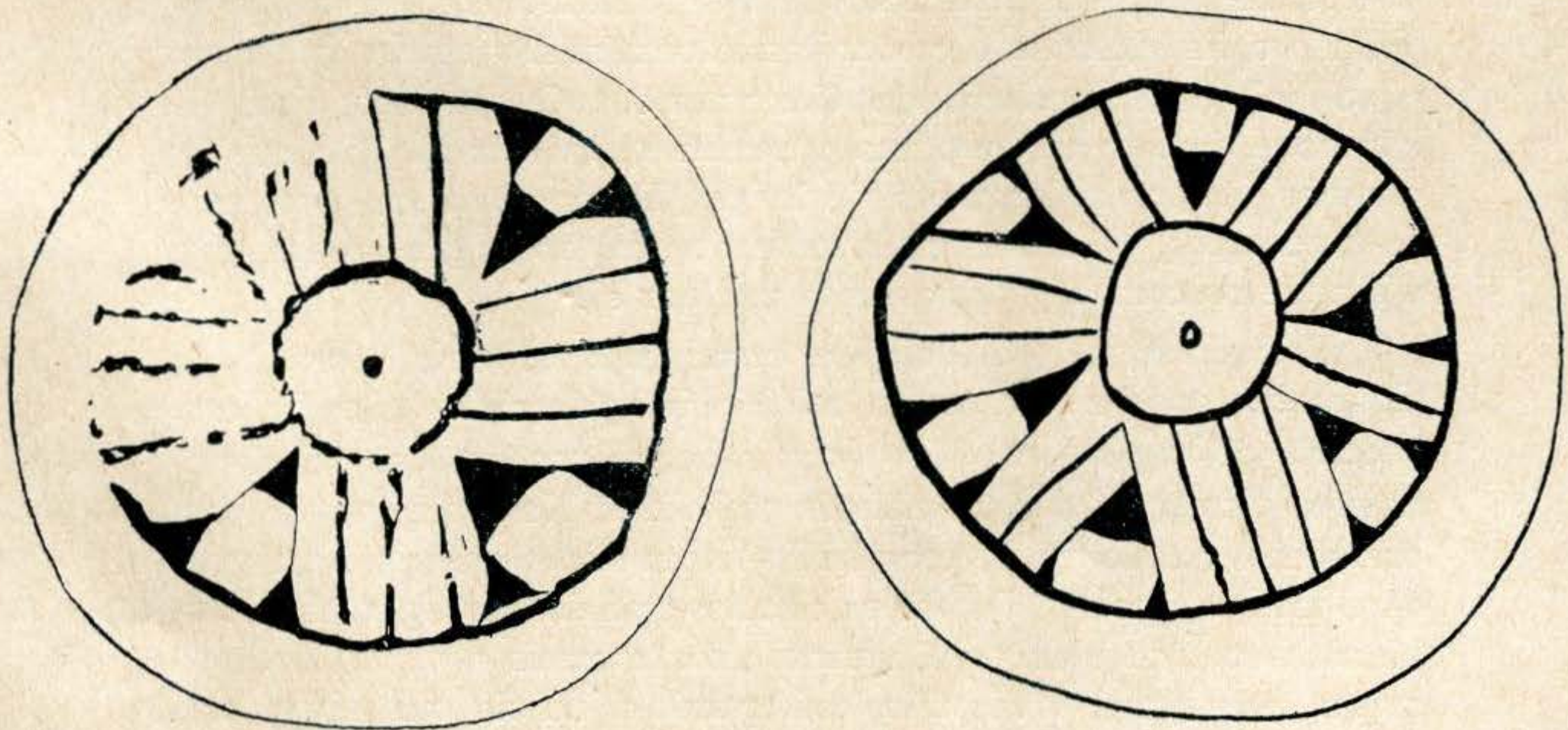


Fig. 59 — Tortuais dos Kamayurá com motivos de mereschu
(tamanho natural)

dois discos vêmo-lo, porém, pintado em tamanho bem grande; nêles há só um pequeno furo central para receber o cordel com que são pendurados ao pescoço.

Uma pequena obra de arte, na qual o orifício é de fato tão grande como o que serve para receber a vara do fuso, apresenta no meio uma estrela de muitas pontas, depois uma faixa circular pontilhada de preto circundando a estrela e por sua vez cercada por uma coroa preta com disquinhos em branco correspondente a cada um dos pontinhos pretos. O sol perfurado, rodeado de 15 estrelas

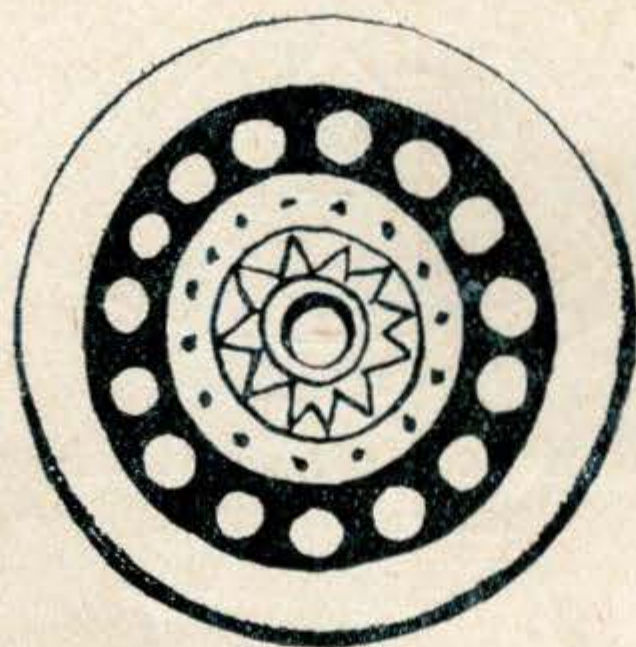


Fig. 60 — Tortual de enfeite dos auetö

pretas e 15 luas cheias brancas: para o simbolista talvez seja difícil escolher entre a explicação de um feiticeiro dos Auetö profetizando o fim do mundo comunicando uma misteriosa lenda de seu povo referente à criação do firmamento. O gracioso disco de adorno é de fato um produto puramente ornamental. Só que os motivos não foram buscados tão longe. Encontrâmo-los, toscamente executados, de ambos os lados de outro tortual de enfeite, fig. 61, onde os compreendemos cada um por si.

Primeiramente observem-se novamente os dois tortuais da figura 59, onde a pintura do orifício irregularmente circular está rodeada de mereschus. Os tortuais de adorno contém, selecionados, os elementos dos tortuais de trabalho. No disco grande com ornamento em forma de cruz havia-se omitido o orifício, na figura 61 o motivo é constituído pelos círculos-orifícios da figura 59, combinados com os uluris. Enquanto, nos tortuais de trabalho, primeiro se gravava o desenho, esfregando-o depois com tinta, esta tem maior liberdade nos tortuais de adorno, que se pintam diretamente; os uluris cercam largamente o orifício pintado no centro

(fig. 61) e ligam-se, cada um com um cordel, ao círculo marginal; nos polígonos livres vemos uma vez seis círculos-orifícios com as perfurações centrais, e outra vez sete perfurações. Abstração feita dêsses acréscimos, o elemento para a ornamentação dos dois tortuais de adorno já é dado pelo tortual de trabalho com orla de plaquinhas (fig. 57); o desenho de mereschus, que aí já está diminui-

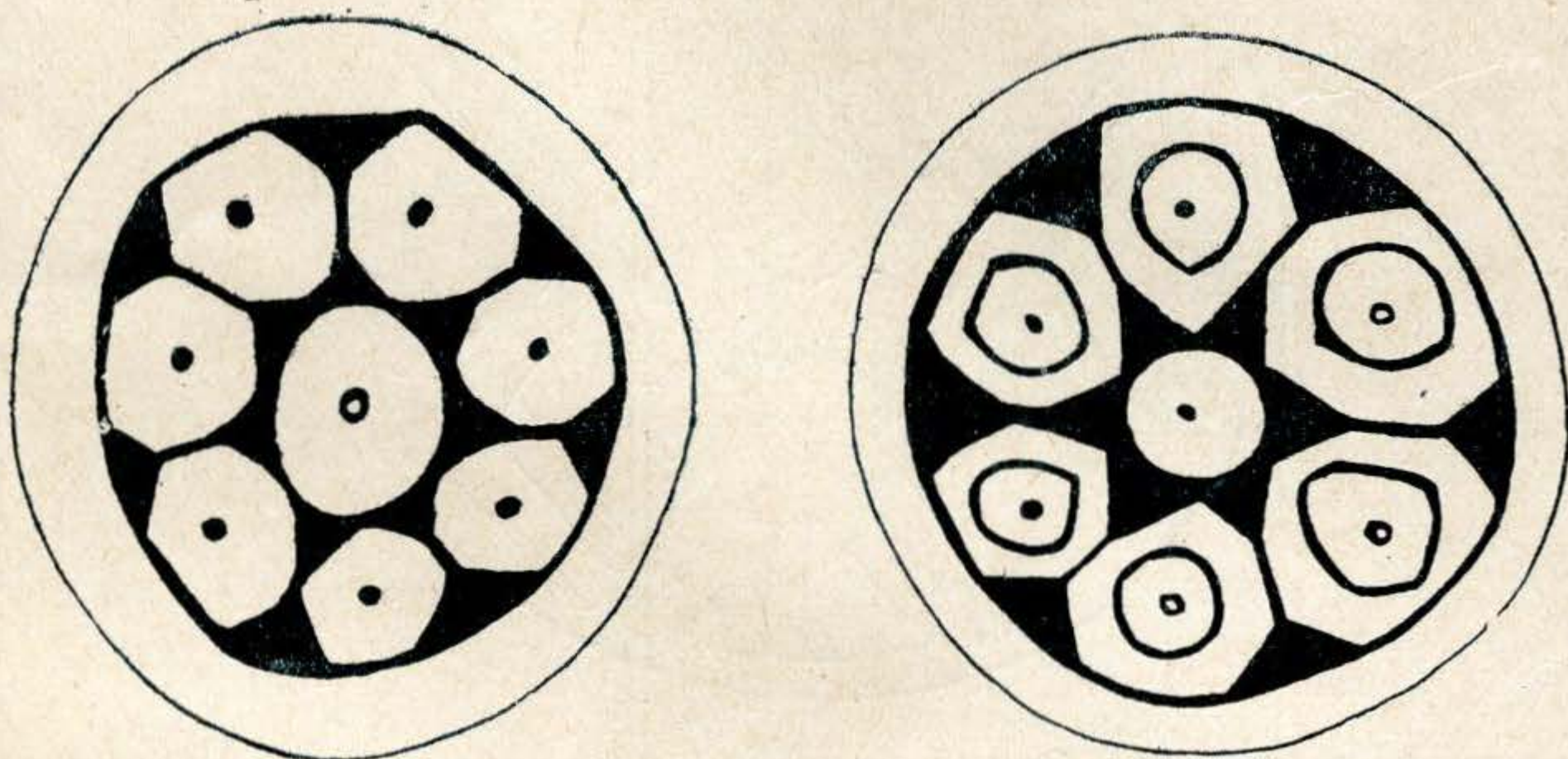


Fig. 61 — Tortuais de enfeite dos kamayurá (tamanho natural)

do, agora falta completamente, e os numerosos uluris estão reduzidos a 7 ou 6. Assim os uluris chegam a constituir uma “estrela”, cujas pontas, porém, prolongadas até ao bordo nestes dois discos de adorno, ainda não têm puresa geométrica. A estrela, o círculo-orifício e a perfuração foram sucessivamente copiados, pelo artista do disco cosmológico, em livre composição, que dava um lugar próprio a cada um dos elementos.

Os tortuais de madeira só raramente tinham desenhos gravados. Não obstante encontramos dois com ornamentos entalhados. Junto aquí a figura do mais bonito dêles, que era entalhado dos dois lados; oriundo da gravação comum dos tortuais, o trabalho representa o único caso de escultura de baixo relêvo. Queira-se comparar o lado reproduzido em primeiro lugar com o tortual ornamentado em forma de cruz (fig. 58). Os quatro segmentos triangulares são metades de mereschu; os contornos do desenho foram entalhados superficialmente, as listas marginais, assim obtidas, prolongadas em direção do centro, sendo, depois, nivelados os campos pentagonais, que a nós novamente se querem impor como coisa

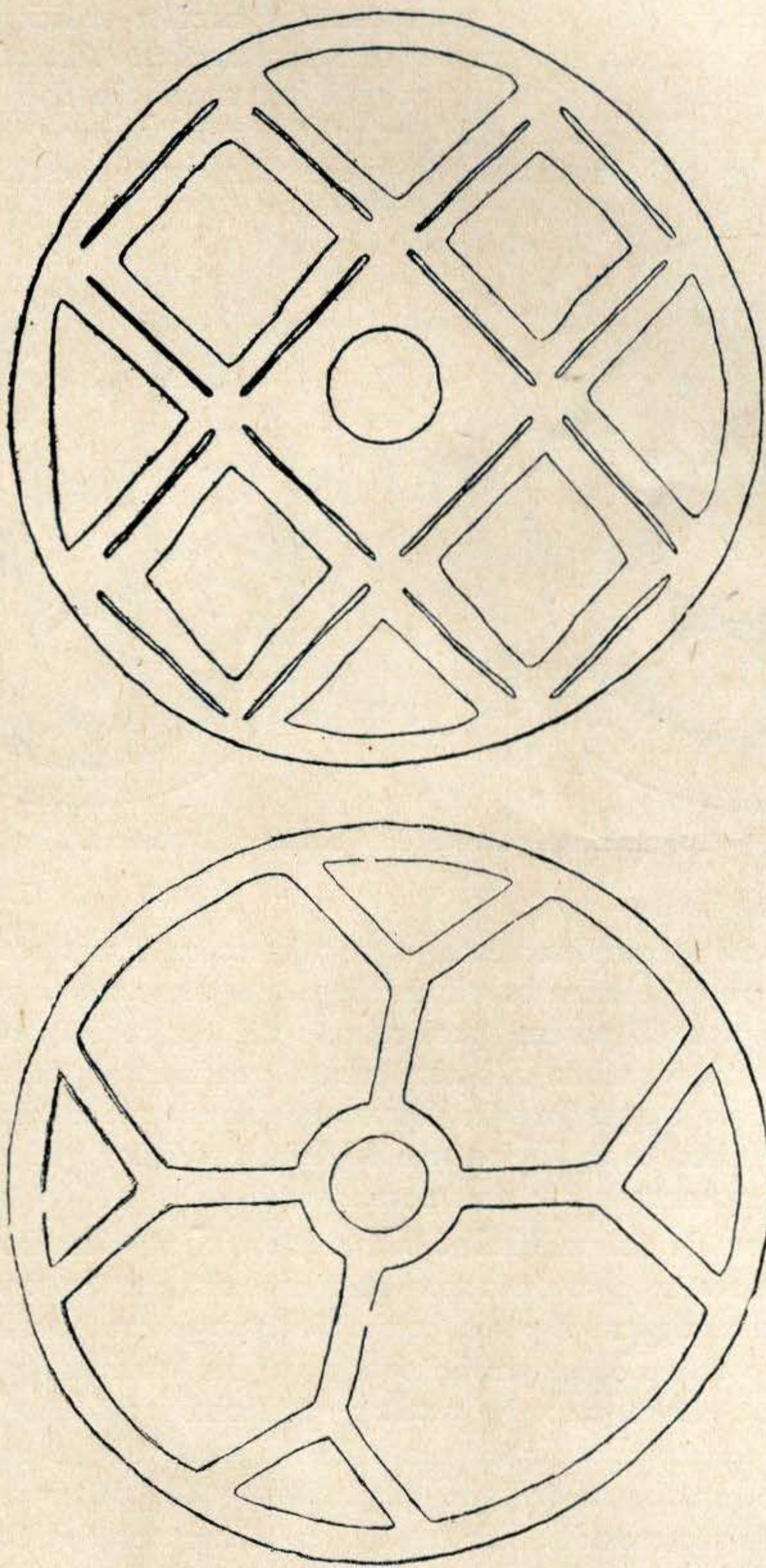


Fig. 62 — Tortual de madeira entalhada — verso e reverso —
(Auetö). (Tamanho natural)

principal, mas que não passam do espaço livre entre os contornos do mereschu e do orifício central. Na outra face do tortual vêm-se entalhados quatro mereschus inteiros entre as quatro metades de mereschu, e o orifício cercado por um quinto, central, como muitas vezes também se dá com os desenhos gravados.

Pintura dos vasos de barro. Nas tigelas de argila zoomorfas, é imitado, às vezes, o desenho natural da pele dos animais, como, p. ex., na tigela com forma de lagarto da fig. 87. Pintam-se sobretudo os vasos de barro de médio e grande tamanho. Êsses casos apresentam, externamente, listas verticais e paralelas e desenhos. Com especial frequência copiam-se nos vasos as linhas de tatuagem dos Mehinakú, linhas que acompanham o bordo interno da omoplata e tem forma de ângulos ou de arcos. A prancha 15 com os grandes potes, apresenta, no fundo do pote à esquerda em cima, êste motivo com feição já desenvolvida; aí os arcos não são só duplos, como também já acontece às vezes na própria tatuagem, mas triplos, havendo, além disso, pontinhos entre os dois internos, e linhas em zigue-zague (cobras) entre os externos. Arcos menores, como as mulheres os têm tatuados nos braços, encontram-se acima do campo central totalmente coberto de tinta. O fundo do pote que se vê na frente ostenta, no centro, um círculo com desenho de malhas e, em torno o zigue-zague (cobra) e alguns traços dirigidos para as listas marginais. O desenho é suficientemente irregular para não nos induzir a vermos nele uma estrela, em que a índia não pensou.

III — REPRESENTAÇÃO PLÁSTICA E CERÂMICA

Introdução. *Figurinhas para colares. Bonecas de barro. Figuras de cera. Figuras de madeira* (aves e peixes para dança, madeiras para desenterrar mandioca, pás para virar beijús, pentes, banquinhos). *Potes.*

Na arte de imitar formas corpóreas o índio revela muito maior adiantamento que no desenho. É' que naquela de antemão — como Ricci também frisa no tocante às tentativas das crianças — existe a vantagem de não ocorrerem as dificuldades da perspectiva. Embora nem sempre elaboradas muito hábilmente, as diferentes partes do corpo se encontram no lugar que lhe compete, pois não é ne-

cessário colocá-las num ponto errado para mostrá-las. Exatamente como no desenho, e até em grau maior, por ser muito mais considerável o número dos motivos, destaca-se, na representação plástica, o animal. Exceto nos casos em que os potes representam cabaças, das quais provavelmente de fato se originaram, deparamos, nesta arte, exclusivamente com imitações de animais.

Só a arte das danças com ela pode rivalizar quanto à abundância de motivos nascidos da satisfação e das observações oriundas de sua existência de caçadores.

Como o desenho, também a arte plástica revela nitidamente o seu primitivo caráter descritivo. E' claro que, quanto a ela, não conseguimos remontar o caminho descrito como no desenho. E' que os produtos mais aperfeiçoados dêste ainda não passam de uma espécie de registro cartográfico dos dados característicos, os quais, além disso, nêle ainda aparecem na sua transformação geométrica.

Para a arte plástica temos, entretanto, outra prova, não menos evidente. Na representação de formas corpóreas o material empregado desempenha um papel muito mais importante que na gravação de linhas. Do mesmo modo como a rima é frequentemente a origem do pensamento, a forma já existente muitas vêzes inspira o motivo. E nota-se na plástica uma considerável sobriedade quanto aos caracteres distintivos; qualquer pequena semelhança basta para especificar o objeto. Num nível mais elevado, o aborígene ornamenta um objeto de uso com algum motivo de sua livre invenção, e êste sofre então a estilização geométrica, da mesma maneira que os desenhos.

Figurinhas para colares. A caracterização pouco detalhada é sobretudo notável nas figurinhas que, juntamente com sementes, missangas de conchas e de nozes, são penduradas em colares, principalmente nas criancinhas. O problema do material absolutamente não causa preocupação. Um pedaço da enroscadura da casca do caramujo côr de rosa tem um bordo que termina em saliências e sinuosidades: é o caranguejo. Da casca do caramujo branco, *Orthaicus melanostomus*, os Bakairí recortam aves e peixes. Na fig. 63 vemos uma peça com forma de escudo: o corpo duma ave, estreitando-se, em baixo como cáuda, e prolongando-se em cima como uma espécie de pescoço. Êste prolongamento, representa, porém, a cabeça; é muitas vêzes perfurado lateralmente afim de receber o cordel, e executado com pouco capricho. Quando a extremidade inferior é recortada em forma de espadana, a peça representa um peixe em vez duma ave.



Fig. 63 — Peça em forma de escudo (2/3 tam. nat.)

Anàlogamente, pequenos pedaços da pedra esverdeada e salpicada de preto, dos machados de pedra, representam peixes, quando são chatas, e aves, quando o corpo cilíndrico e têm a extremidade achatada para servir de cáuda. O produto da natureza é corrigido com algum polimento. Na figura 64, os dois primeiros colares apresentam, entre as missangas de nozes, discos de pedra perfurados (diâmetro: 2-3 cm.) e cilindros de pedra, como os fabricam os Trumaí e Yaulapiti; na terceira, essas figuras são de argila e fabricadas pelos Nahuquá; no quarto vemô-las imitadas pelos mesmos índios na resina do jatobá (*Hymenea*), de aspecto ambarino; também no terceiro colar há uma missanga de resina. No primeiro e no quarto vemos também uma ave. A ave de pedra, com um botãozinho que representa o bico, é indicada como pomba. Também se usam em formato pequeno, nos colares, as pedras piriformes das madeiras de arremêso; são amarradas, e não perfuradas. Encontrámo-las igualmente, como mercadorias de importação, entre os Mehinakú, em cujo território não existem as pedras, e que não possuem as madeiras de arremesso.

De casca de noz e de osso talham-se figuras semelhantes. Dos Mehinakú adquirimos um pedaço de osso do peixe bagadú, com 7 cm. de comprimento; é um quadrilátero com os lados em forma de arco, representando um quadrúpede; peça semelhante, mas menor,

representa uma raia com a cauda e as barbatanas abdominais. Infelizmente descobrí muito tarde que as figuras sempre tinham significação determinada; por isso não sei dizer de muitas o que representam. E adivinhar, absolutamente não daria resultado.

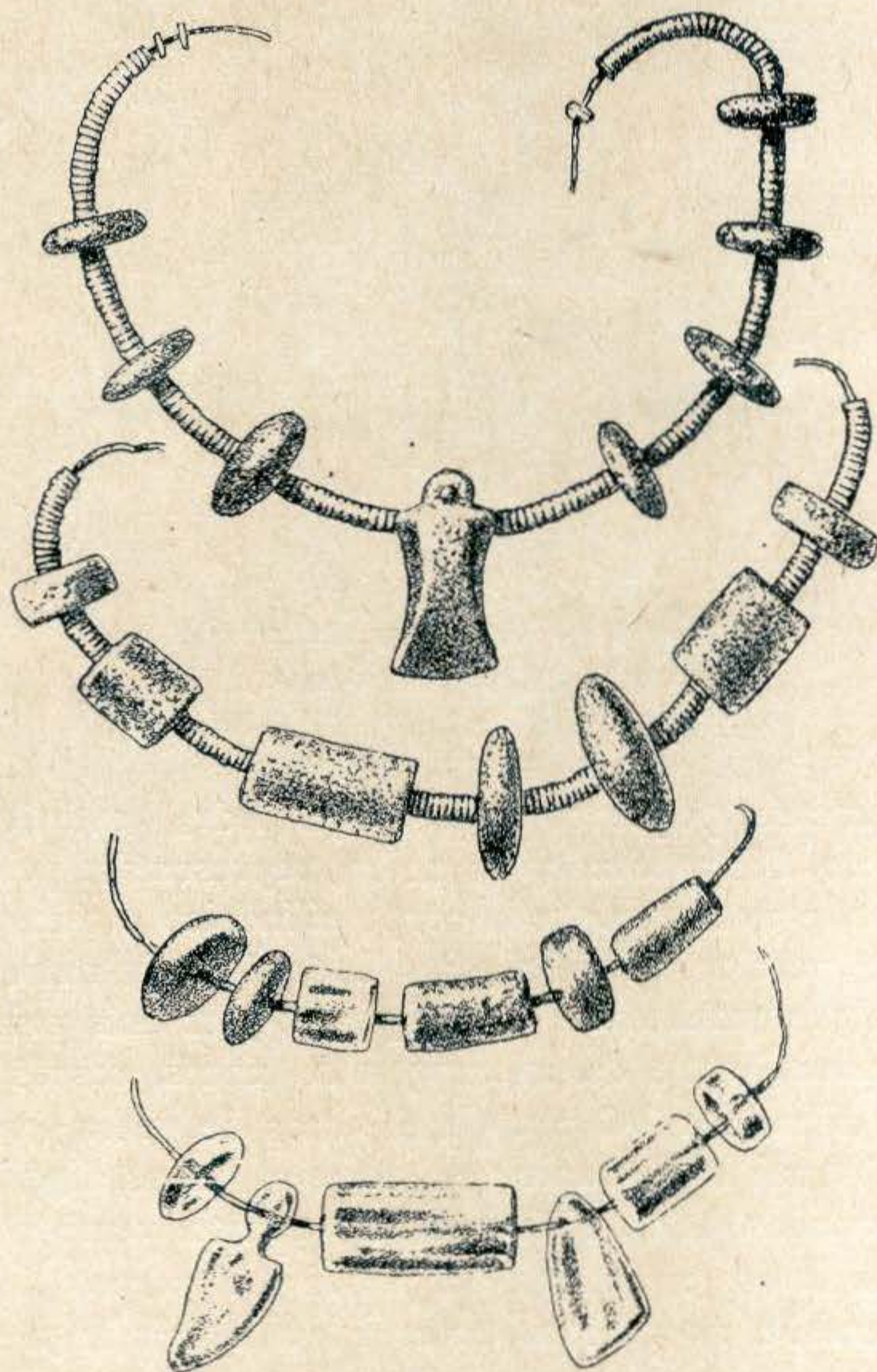


Fig. 64 — Colares (1/2 tam. nat.)

Figuras de palha. Àquêle que ainda se julga capaz de interpretar tôdas as imagens e figuras dos índios, conviria mostrar o rancho bakairí com o grande friso, menos por causa dos ornamentos pintados do que por causa de um trabalho trançado que aí existia em cima da porta. Depois de nos ter explicado as figuras, o chefe da casa conduziu-nos para junto da porta com um ar de quem diz: “E aquí ainda tenho uma pequena obra de arte”. Referia-se a um trabalho trançado, de finas varetas pretas, colocadas

transversalmente, e de palha amarela, distendida em sentido vertical. Entre três varas viam-se duas séries de quadrados, alternando em direção diagonal da esquerda em cima para a direita em baixo, e divididas, na direita em cima para a esquerda em baixo, de tal maneira que cada um se compunha de um triângulo preto de varetas e um amarelo de palha. Estes triângulos o Bakairí explicava como “penas de andorinha” “*tariga yuchuto*”. A *tariga* é uma andorinha preta e amarela (25), ao passo que a *iri* é preta e branca. Evidentemente os triângulos amarelos do desenho representavam as asas. Não se tratava de um ornamento produzido por acaso, pois não se compreenderia bem a referência especial, nem as imagens circundantes, nem a composição com as varetas. Desaparecia qualquer dúvida quando o Bakairí mostrava dois quadrados, que, em vez de formados simplesmente de varetas transversais como os outros, tinham, no interior, várias delas envolvidas com palha amarela, e explicadas pelo índio, como “dentes de capivara”; dentes, portanto, de *Hydrochoerus capibara*, o grande roedor caracterizado por possantes dentes incisivos que o índio emprega como cinzel.

Podia-se aceitar a relativa semelhança dos contornos mas por si mesmo nenhum europeu teria acertado com a interpretação. Finalmente, vimos, na casa dos artistas dos Auetö, uma faixa trançada que nos foi apresentada como “espinhas de peixe”. Era a mesma figura do n.º 5, prancha 20.

Os exemplos acima eu já teria incluído na descrição dos desenhos, se não tivesse, também, de falar de curiosas figurinhas ou bonequinhas trançadas que encontramos entre os Nahuquá. Das duas figuras 65 e 66, uma se reconhece facilmente, podendo até ser aproveitada no jardim da infância; representa um sapo. Da outra porém, eu, pelo menos, nunca teria atinado com a significação, embora meditasse um ano inteiro para descobri-la. Temos de reconhecer nela um veado! E na realidade o problema até é muito simples. Em primeiro lugar, posso admitir que se trate de um animal, e, em seguida, que a parte mais destacada, à direita em cima, é a cabeça, e assim concluo por um animal quadrúpede, não me incomodando mais com as três proeminências dorsais, visto que o Nahuquá não conhece nem dromedário ou camelo, e muito menos ainda um animal com três elevações. Deve-se tratar, ao demais, de um quadrúpede em que a cauda não seja sinal característico. Afinal, a forma das partes correspondentes às extremidades lem-

(25) — No meu livro “Die Bakairí-Sprache”, p. 39, descrevia-a, por equívoco, como meio preta, meio “branca”.

bram em primeiro lugar as patas do veado. Assim as minhas conclusões só vagarosamente acompanham as do Nahuquá, ao passo que, o índio de outra tribo encontra, sem perda de tempo e por si próprio, a solução do problema.

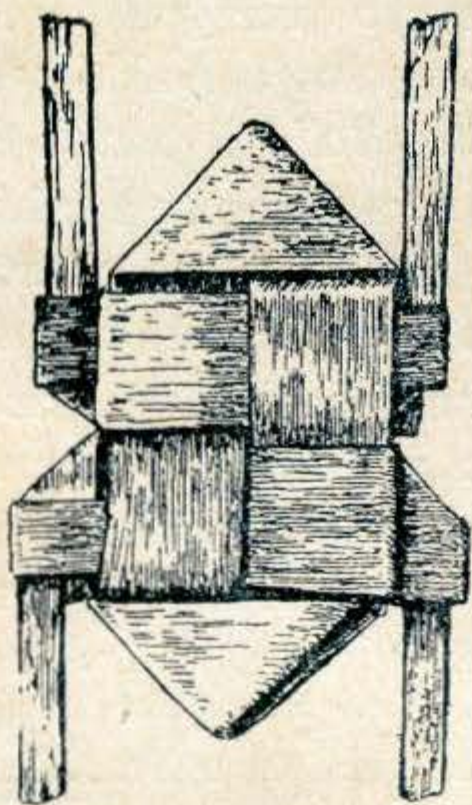


Fig. 65 — Sapo. Nakuquá
(1/2 tam. nat.)

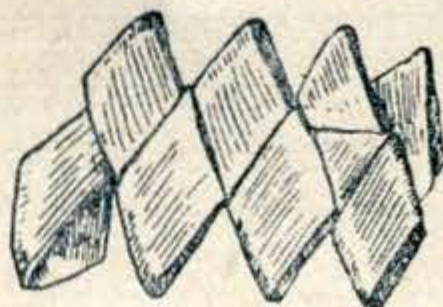


Fig. 66 — Veado. Nahuquá
(1/2 tam. nat.)

Como já fiz menção dos Borôro quando falei dos desenhos, quero incluir também aqui o brinquedo de Fröbel, que entre êstes índios corresponde às figuras acima descritas. O pedacinho de fôlha de palmeira, fig. 67 à esquerda, é apresentado como “mu-

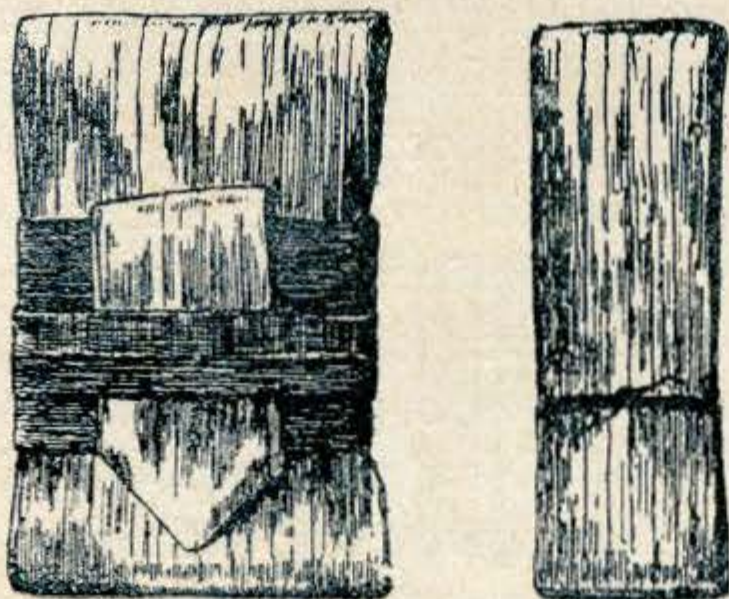


Fig. 67 — Mulher e Homem.
Borôro (1/2 tam. nat.)

lher borôro”, mas na realidade não é outra coisa que a tanga com o cinto de cortiça que serve para prendê-la. Para representar um “homem borôro”, dobrava-se de maneira análoga uma tira de fôlha de palmeira, atando, porém, em torno um fio transversal que é o cordel da cintura, usado pelo Borôro juntamente com o nó do penis e muito anterior à invenção dêste.



Urnas e tumulo dos Auetö

3566

Um grupo especial de figuras de palha é constituído por aquelas que tinham serventia nas festas de dança dos Bakairí. Descreve-las-ei quando falar das máscaras. Representavam animais e eram usadas na cabeça. Bonecas do comprimento de um palmo serviam de brinquedos às crianças, mas eram também levantadas sobre o telhado, na ponta de uma vara, para assinalar que na aldeia havia festa; anunciavam a todo mundo: “Hoje grande baile!” As duas bonequinhas da figura 68 parecem convidar muito expressivamente para o divertimento. Em 1884 encontrámos, diante da segunda aldeia dos Bakairí do Batoví, figuras de palha, que eram maiores e que não se usavam sobre a cabeça. “Pouco antes da saída do mato deparámos com uma magnífica exposição de mais ou menos uma dúzia de figuras de animais, dispostas ao longo de um lado do caminho; constituíam provavelmente os restos de uma festa”. (Tinham por fim cumprimentar os membros das aldeias vizinhas, que vinham tomar parte no divertimento). “Eram feitas de folhagem e de palha, representando, na maioria, quadrúpedes com corpo longo e adelgado, formados quase só de coluna vertebral e pernas altas. Uma destas criaturas, manifestamente um macaco, trepava numa vara. (Durch Centralbrasilien, p. 168).

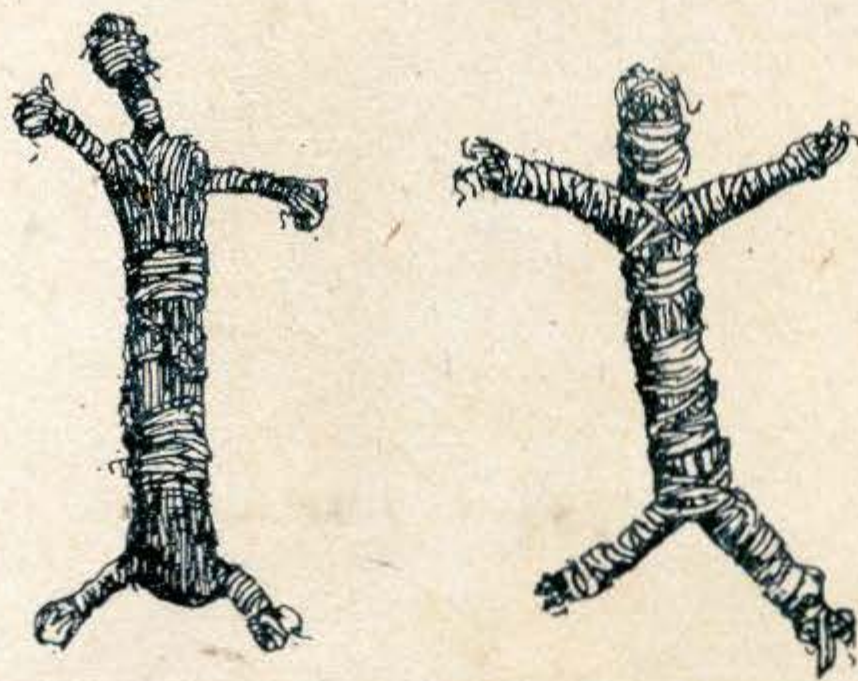


Fig. 68 — Bonecas. Bakairí
(1/6 tam. nat.)

São extremamente características para a alegria da arte as figuras de espigas de milho, quase sempre aves, que encontrámos melhor executadas na segunda aldeia bakairí. Nesta aldeia, as figurinhas, atadas num cordel e pendentes da cúpula, tinham quase o tamanho dum peru, oferecendo um aspecto singular a quem entrava no rancho, e dando a impressão de ídolos e fetiches. Mas essas aves inocentes eram simples espigas de milho, artisticamente apresentadas e guardadas em seu natural envólucro de palha. Ob-

servei figuras de *Harpyia destructor*, de falcão, de aninga e de jabirú. Uma figura antropoide, uma boneca, tendo em cima um botão no lugar da cabeça, representava o dançarino do imoto com seu traje de palha. Nos outros casos sempre se tratava de aves, e de aves grandes. Na palha do milho muitas vezes estavam enfiadas algumas genuínas penas da cauda, ou pintadas alguns faixas coloridas. A *Harpyia destructor* da fig. 69 é caracterizada pelo bico fortemente desenvolvido e pela poupa; as penas da cauda ostentam faixas pretas; muito caprichosamente são trabalhados os dedos de palha torcida, e no ponto em que a perna sai da plumagem das coxas nota-se uma atadura. Mais imponente era a cegonha tuiuiu: estava pendurada com as asas abertas! A parte central, o corpo formava-se de grossa espiga de milho; a haste do sabugo, porém, não fôra cortada, mas — salientando-se muito — constituía o bico, um tanto fino e comprido. À direita e à esquerda estavam distendidas no rancho, lado a lado, entre algumas varetas, onze espigas de milho; essa bela ponte pênsil representava a *My-*



Fig. 69 — Boneco de espigas.
Harpyia Destructor. — Bakairí
(1/10 tam. nat.)

cteria americana, cujas diferentes partes eram sucessivamente retiradas e assadas. Nada de misterioso, nada de simbólico, mas uma simples cegonha que o Bakairí de bom grado tostava magnificamente para o europeu admirado.

Bonecas de barro. Combinação análoga e original do belo e do útil observa-se numa pesada boneca vermelha de barro (fig. 70), com 30 cm. de comprimento, 24 de largura e 7 de espessura. Quatro tôcos arredondados, produzidos por duas sinuosidades laterais e outra em baixo, são as extremidades, enquanto uma tosca proeminência cúbica representa a cabeça. Os olhos são figurados por dois pequenos orifícios, uma depressão assinala a boca, de posição muito baixa, e um outro orifício, o umbigo. Este homem vermelho de barro é uma boneca comestível de criança. É formado de matéria que os Bakairí afirmam terem os seus ancestrais

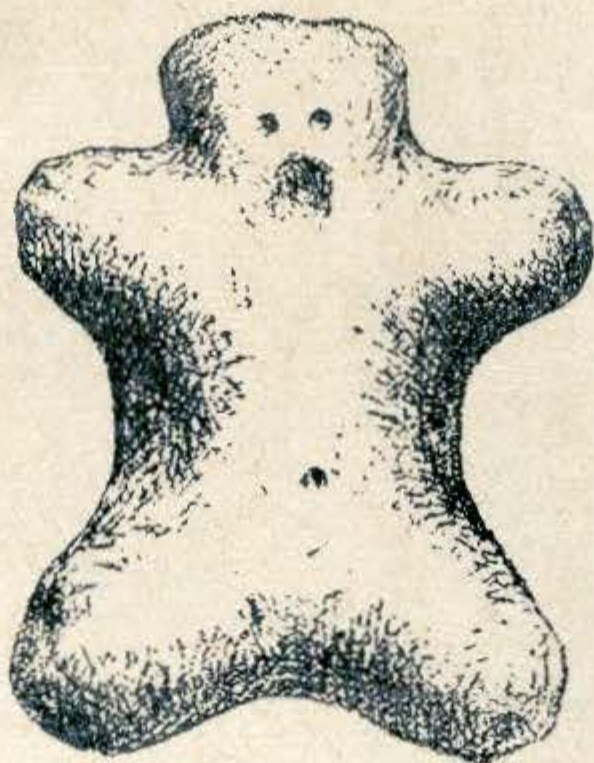


Fig. 70 — Boneca feminina de barro. Auetö (3/4 tam. nat.)

comido antes de conhecerem a mandioca. Hoje esta massa pesada e gordurosa por certo já não é tida como apreciável gulodice. E por causa do seu pêso a boneca também não se presta muito bem para brinquedo. Foi-me dito que as crianças a lambiam. Entretanto encontrámos igualmente bonecas semelhantes de argila alvacentas, mais dura e não comestível; nunca vimos, também, os índios do Kulisehu comerem barro, ao passo que de fato presenciei como os Borôro desprendiam e comiam, como que sem pensar, pedacinhos de barro da parede da casa do pôsto, diante da qual estávamos conversando. Entre os Bakairí descobrimos uma pequena boneca feminina de barro cozido que êsses índios atribuíam aos Auetö. Era a única no gênero; mesmo entre os Auetö não encontrámos coisa semelhante. Os braços estão quebrados bem em cima, e as pernas, no meio das coxas desproporcionadamente inchadas. Abstração feita dessa elephantíase, a plástica não é tão má. Sobretudo o tronco merece elogios, o umbigo ocupa o lugar que lhe cabe, e o dorso, tanto no seu curso, como o sulco da coluna

vertebral, como na sua extremidade, com uma repartição um pouco mais profunda, aparece livre de qualquer esquematização. A cabeça lembra a de um esquimau com seu capuz redondo; provém isso em parte da falta do pescoço, e em parte também da excavação pouco profunda, feita abaixo do bordo do cabelo para representar o rosto, e na qual uma proeminência assinala o nariz. Observando bem, percebe-se também no homem de barro dos Bakairí uma excavação, se bem que rasa, para indicar o rosto.

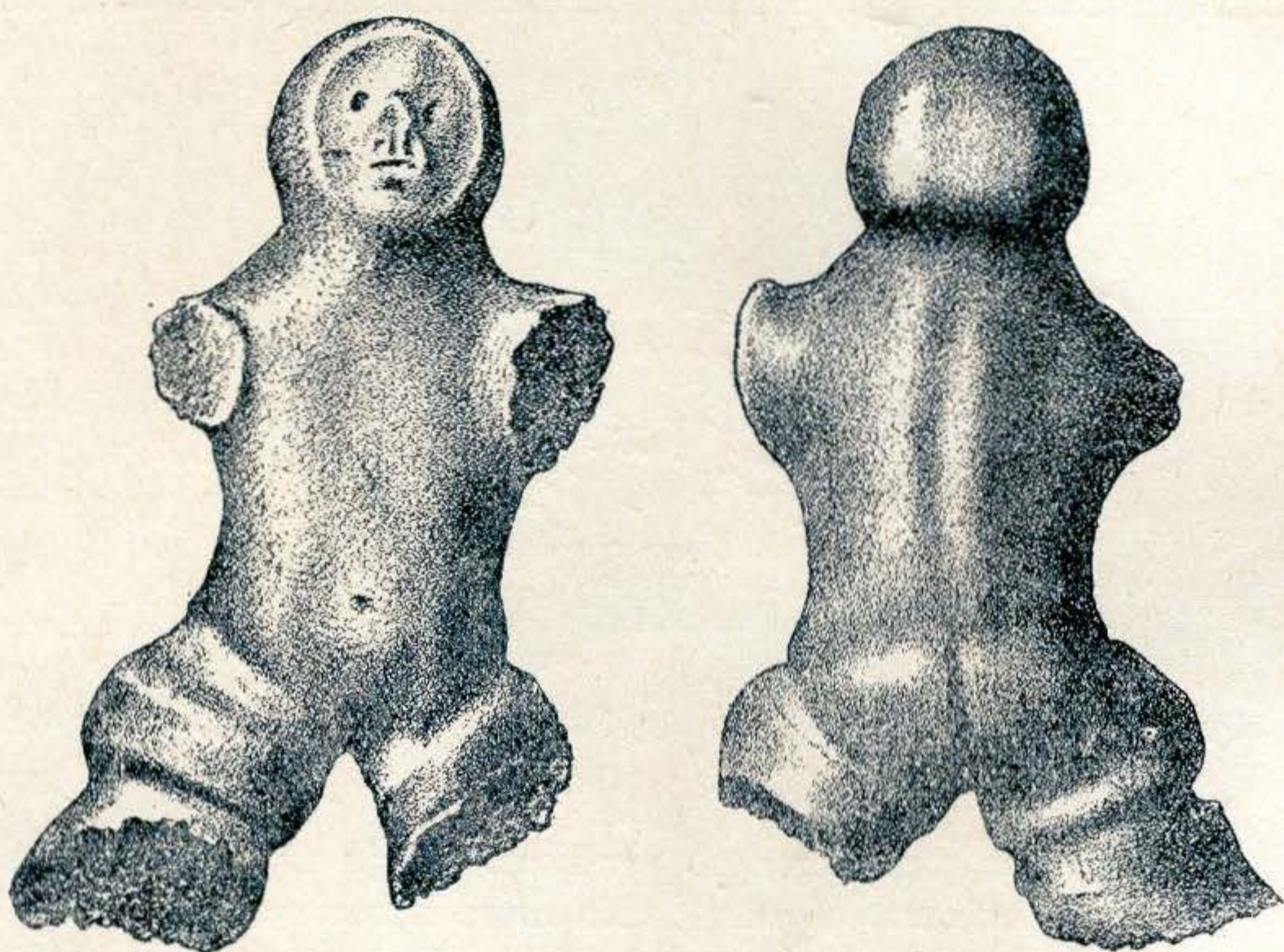


Fig. 71 — Bonecas de barro, Bakairí (1/6 — 1/7 tam. nat.)

Figuras de cera. Constituem, como as de milho, um modo artístico de guardar o material. Plasmavam-se da cera preta graciosas figuras de animais, dependurando-as ou colocando-as numa cesta até que se precise do material. As mais bonitas eram as dos Mehinakú. Com os Bakairí encontrámos uma figura humana, de plástica mais perfeita que a das bonecas de barro. Os índios civilizados e convertidos ao cristianismo modificaram o costume antigo, passando a fabricar e vender figurinhas de santos. Na cera, material muito plástico, podia-se avaliar da maneira mais clara a capacidade artística dos índios. Alguns animais eram muito bem modelados como, p. ex., o pequeno pecarí ou porco do

mato da fig. 72, *Dicotyles torquatus*. Os olhos são representados por chapinhas de concha, as narinas são furos profundos feitos no focinho. Dentre os mamíferos vimos representados também por figuras de cera o grande cervo e um macaco. Mais numerosas eram

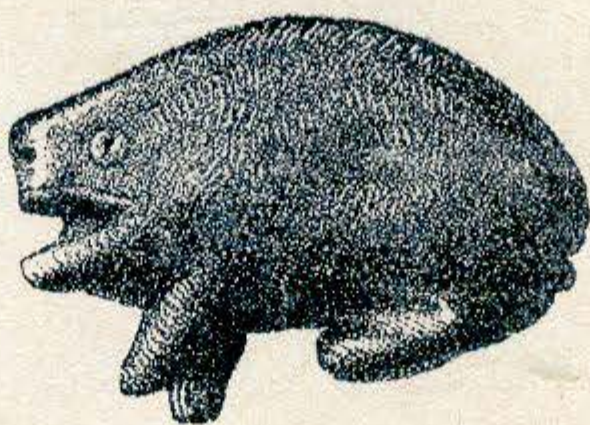


Fig. 72 — Figuras de cera
Pecari — Mehinakú
(1/2 tam. nat.)

as aves pendentes, geralmente pintadas de vermelho. Na ilustração 73 vemos uma pomba karijó; a figura, medindo 15 cm. de comprimento, e com seus cotinhos de asa, saíra bastante tosca.

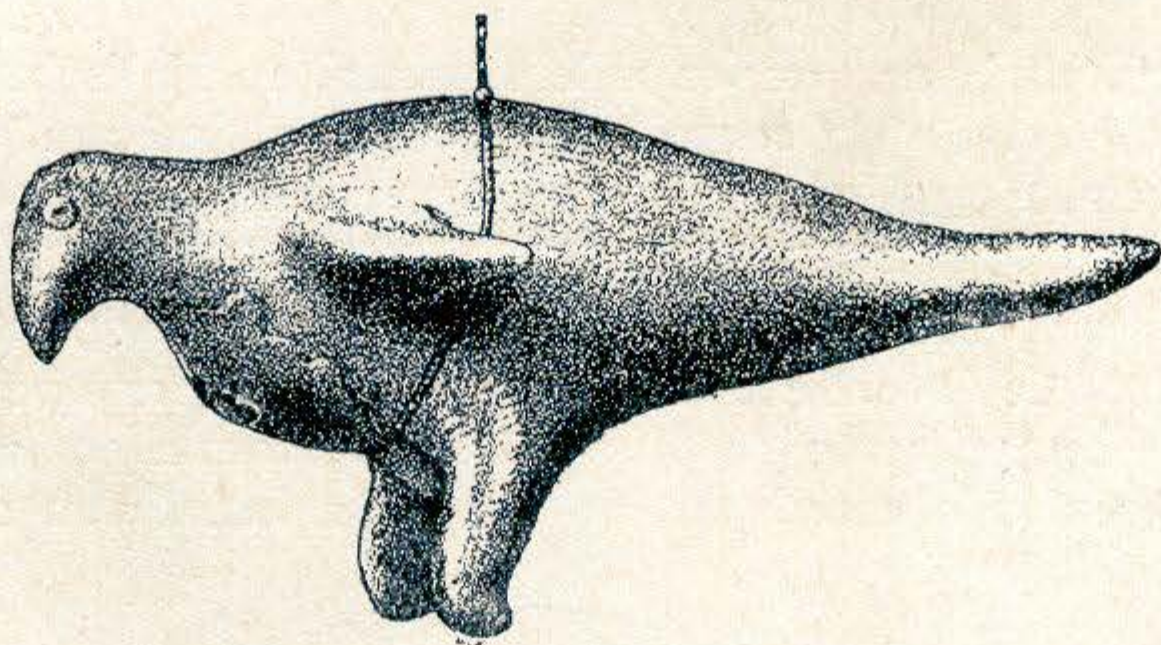


Fig. 73 — Figura de cera — Pomba karijó — Mehinakú
(1/2 tam. nat.)

Figuras de madeira. No capítulo dedicado aos enfeites para danças tratarei, em especial, das máscaras de madeira talhadas e pintadas. Os Bakairí, cujos ornatos de festa consistiam, no essencial, em toucas de palha, trajes de palha e animais de palha carregados na cabeça, talhavam, de madeira mole, aves para seus enfeites. Do Batoví trouxemos em 1884 uma maravilhosa armação (reproduzida em “Durch Centralbrasilien”, pág. 322) que os índios levavam na cabeça: sete aves pintadas de variegadas cores assentam sobre três varetas longas revestidas de flocos de algodão. Julguei primeiro que se tratasse de andorinhas, mas mais tarde pude identificá-las como sanhaços (*Tanagra Sayaca New*). De

confeção semelhante são também as da fig. 74, a maior é um falcão, e a menor, o pequeno e rápido maçarico, (*Calidris arenaria*) habitante das margens dos rios; de tais figuras de aves havia

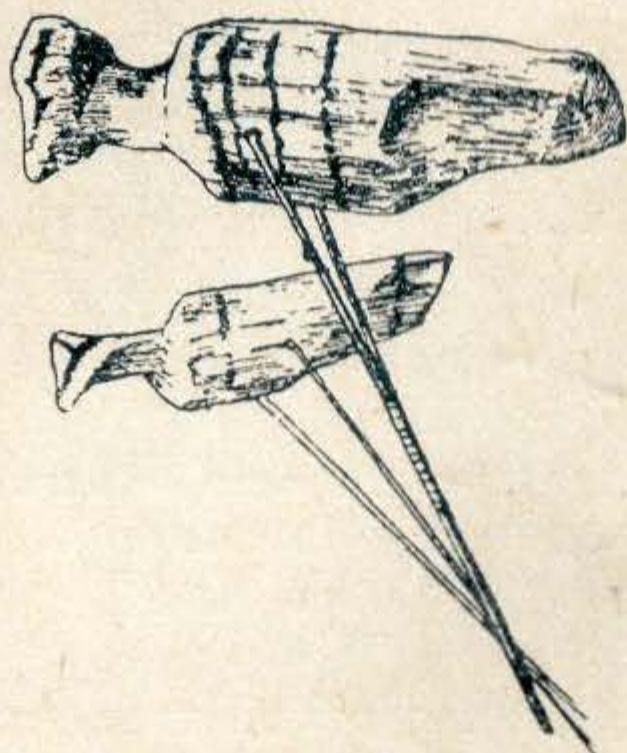


Fig. 74 — Figuras de madeira — Falcão e Maçarico. Bakairí
(1/5 tam. nat.)

grande quantidade na terceira aldeia bakairí do Kulisehú. O peçoço é bem distinto do corpo, algumas linhas indicam o desenho da plumagem, e um longo cálamo, atravessando o corpo e tendo as extremidades unidas em baixo, representa as pernas.

No Batoví encontrámos (fig. 75) peixes talhados toscamente de dura casca de árvore e com perfurações para serem pendurados; tinham um comprimento de 30 a 40 cm., a forma era achatada e larga, apresentando espadanas, ou então de faixa, sem espadanas,

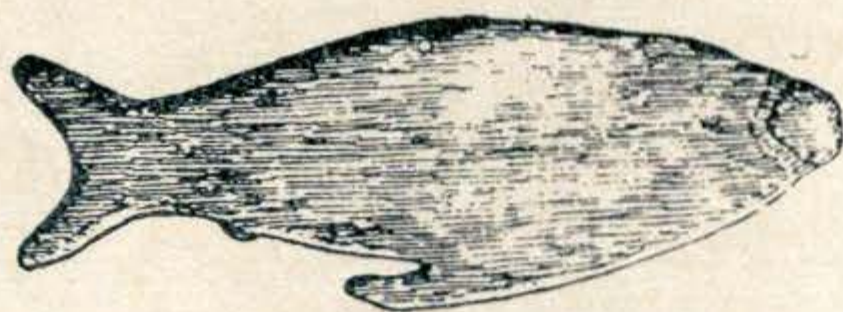


Fig. 75 — Figura de madeira
— Peixe do Batoví. Bakairí
(1/7 tam. nat.)

vendo-se figurada por um arco a chapa branquial, do mesmo modo como nos desenhos romboidais dos peixes um canto cheio representa a cabeça. Peixes semelhantes encontrámos em 1887 com os Nahuquá. Desta vez tratava-se, porém, de zunidores, que descreverei no capítulo "Ornamentação de máscaras e adornos para danças", na parte dedicada aos instrumentos musicais.

Os paus de desenterrar mandioca apresentavam entre os Mehinakú uma interessantíssima ornamentação entalhada. Na sua feição comum êsse utensílio constitue-se de vara lisa e pontuda de madeira dura, medindo 60 a 65 cm. de comprimento, e tendo forma igual à da madeira ornamental da fig. 76, enfeitada com o



Fig. 76 — Pau de desenterrar mandioca. Batoví (1/4 tam. nat.)

desenho do mereschu e revestida em vários pontos por um trançado. Essas madeiras pontudas fazem as vezes de pás. Indivíduos engenhosos lembram-se então de entalhar, na parte superior grossa da vara, a cabeça e uma parte do corpo de uma formiga que levanta a areia, i. é, de um bichinho que cava também. V. fig. 77. O primeiro exemplar desta série mostra-nos o referido motivo artístico no seu primeiro estado: a cabeça bem distinta do corpo, com

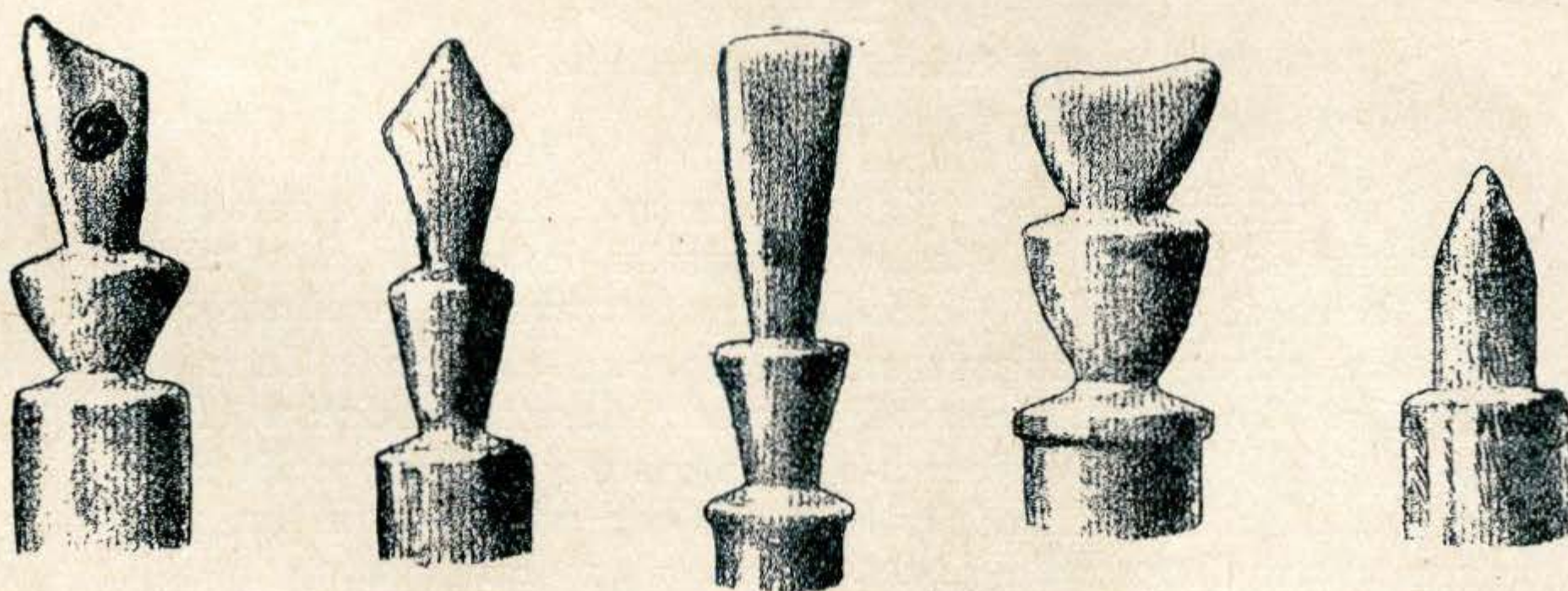


Fig. 77 — Paus de desenterrar mandioca. Mehinakú (3/5 tam. nat.)

um olho de cera de cada lado (v. também fig. 78). Nos três espécimes seguintes a figura é estilizada; o último, uma simples ponta, parece não ter relação com êsse desenvolvimento, constatando-se, contudo, um bordo livre entre a ponta e o corpo do utensílio. Os números 2, 3 e 4 são, pois, vespas estilizadas, se ignorássemos a sua história, havíamos de reconhecê-las tão pouco como as cabeças de cavalo, representados, às vezes, nas cumieiras de casas rurais da Pomerânia. Sem o conhecimento de sua evolução, certamente seriam consideradas como pura ornamentação. No nosso caso o

motivo é tirado da realidade; os índios me demonstravam alegremente que eles próprios abrem o solo como o abre a vespa, levantando a areia. A vespa em questão era chamada *kukúí* pelos Mehinakú, e *koingkoíng* pelos Bakairí.

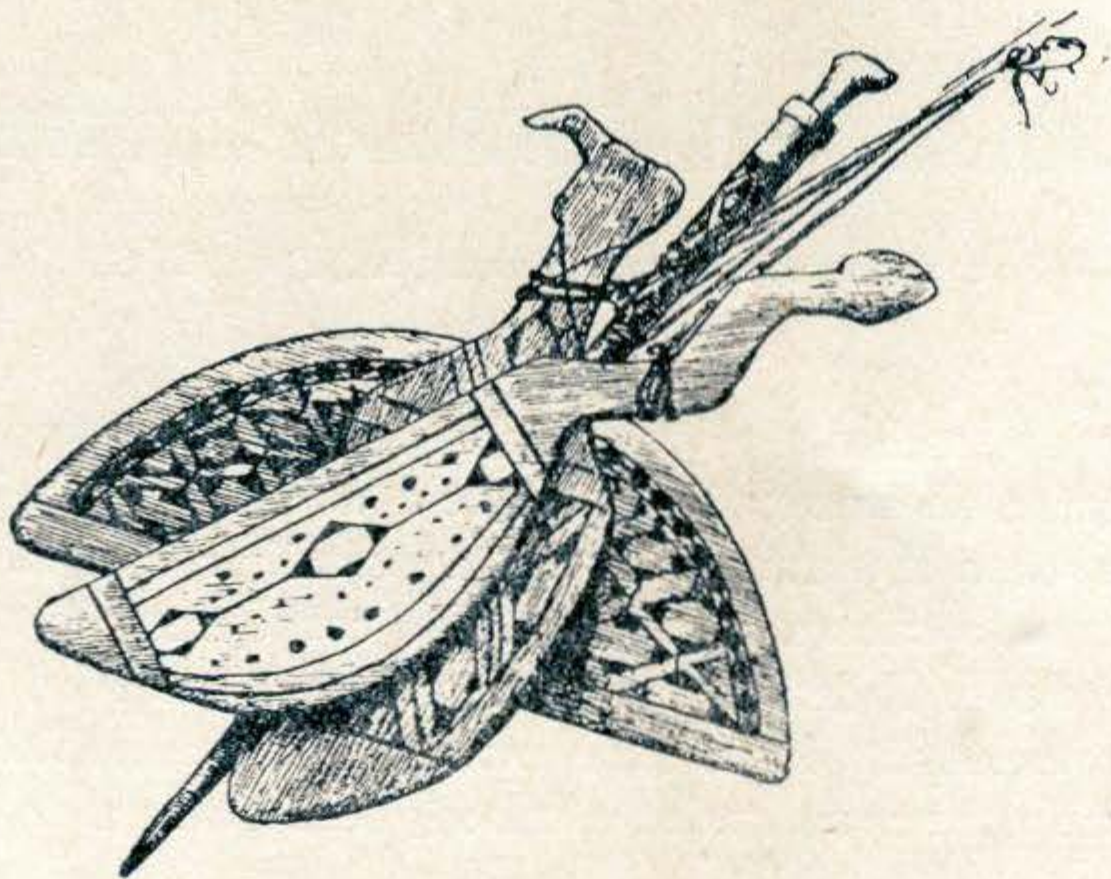


Fig. 78 — Pás de beijús.
Mehinakú (1/9 tam. nat.)

Às pás para virar beijús, com forma de meia-lua e geralmente pintadas de ambos os lados, os Mehinakú davam um cabo talhado em forma de animal. A meia lua representava em geral um corpo de ave, que se prolongava num longo pescoço seguido de cabeça. Na fig. 78 vemos representada a cabeça de um colheireiro (*Platalea Ajaja*). Ao lado observa-se uma cobra com o conhecido zigue-zague, desta vez de madeira. As pás para virar beijús tem geralmente uma largura de 12 ou 13 cm. e um comprimento total de 30-35 cm. A peça maior da coleção, um disco sem cabo, tem 43 cm. de comprimento e 19 1/2 de largura. Entre os Mehinakú, os especialistas em farinha do Kulisehu, encontramos também um exemplar exquisito dessas pás, que parecia antes uma maça. Esta “arma para atacar os bolos” era uma tabua estreita com os dois bordos recortados em sinuosidades; tinha 86 cm. de comprimento e 11 de largura.

Entre os Mehinakú e os Nahuquá os pentes eram ornados com obra de entalhe. Varetas de madeira dura constituíam os dentes, ligados no meio, por um trançado freqüentemente ornado com bonito desenho de losangos; para maior estabilidade há ainda uma tira de bambú acima e abaixo do trançado. (V. o pente de fa-

bricação auetö, da fig. 79). Numa técnica mais adiantada as tiras amarradas entre si são substituídas por madeiras transversais em que se talha uma chapa longitudinal; por esta introduz-se o pente. Êsses porta-pentes, cujo comprimento mede até 18 cm., ostentam uma figurinha zoomorfa em cada uma das quatro extremidades.

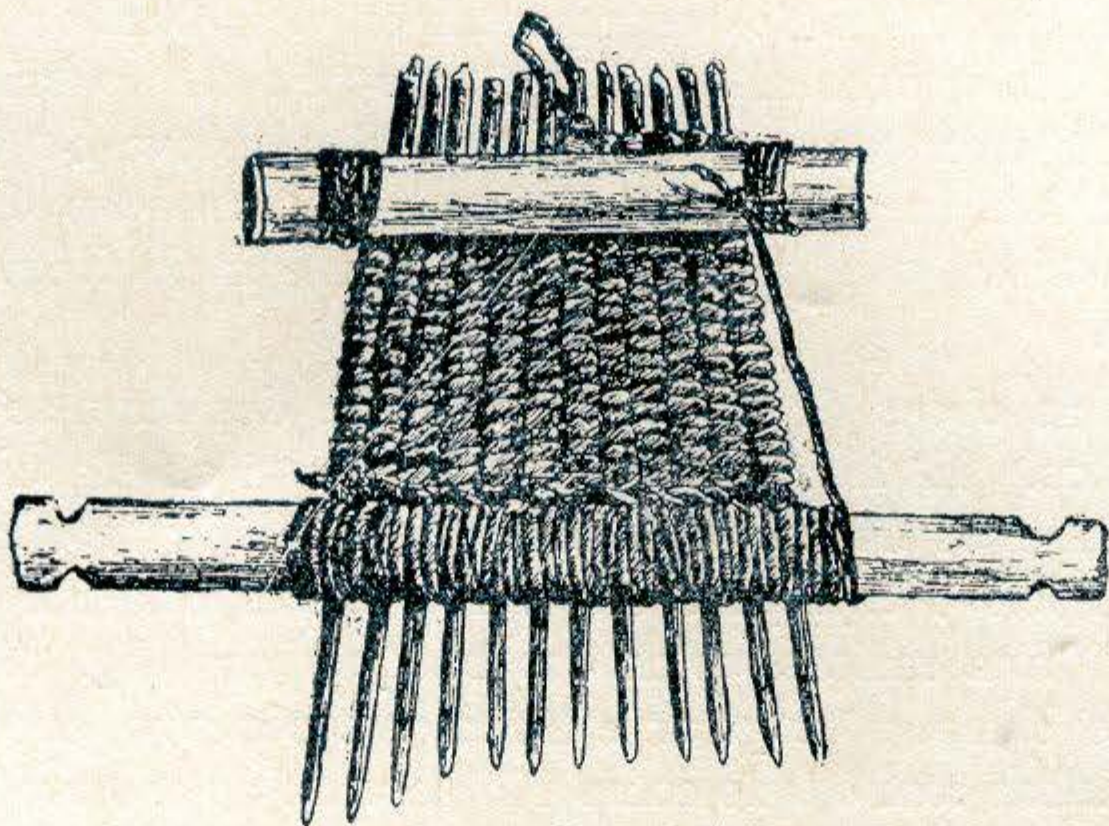


Fig. 79 — Pente. Auetö
(1/2 tam. nat.)

Os artistas, porém, cujo instrumentário primitivo se resumia em conchas e dentes de peixe, não podiam fazer figurinhas bem esculpidas. A cabeça quase sempre ficava ligada com a base por meio de uma “tromba”, lembrando assim muitos dos nossos monumentos em que os cavalos parecem ser uma estaca fincada no ventre. Se os referidos pentes fossem encontrados nalguma excavação, dir-se-ia logo que os seus desconhecidos fabricantes emigraram de regiões em que há elefantes ou cavalos marinhos. Representam jaguares as figuras do pente mehinakú reproduzido na ilustração n. 80; exemplares semelhantes, de fabricação nahuquá, e cuja in-

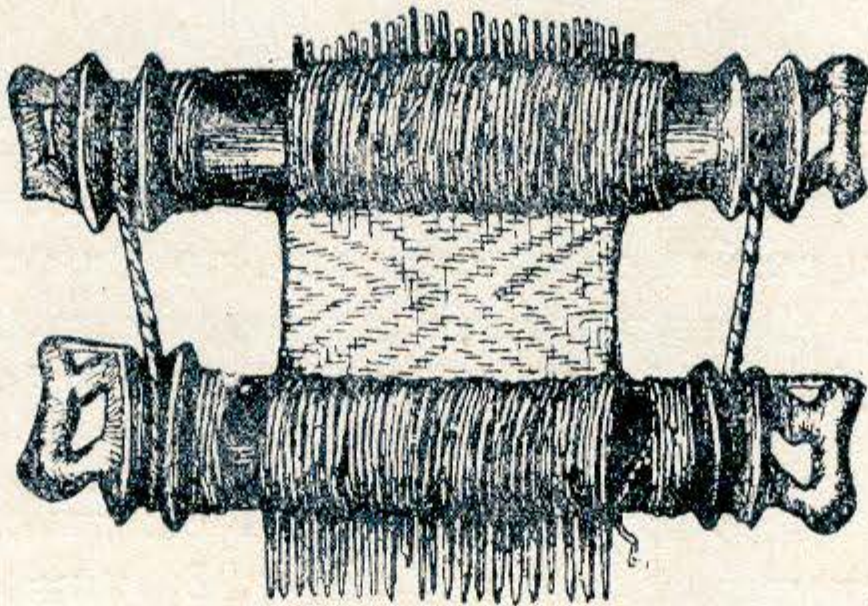


Fig. 80 — Pente. Mehinakú
(2/5 tam. nat.)

interpretação para nós não é menos difícil, representam o agutí, *Dasyprocta Agutí*, um pequeno roedor que pula à maneira da lebre. Compreende-se porquê é que foram escolhidos êstes motivos para ornar o pente. O jaguar pintado e o agutí (ou “Goldhase” lebre aurea) como também é chamado, provavelmente em atenção à sua linda pele, e que é um dos representantes mais bonitos da família — (Brehm, Mamíferos II, p. 583), cujo pêlo muito brilhante cintila em variegadas cores quando o animal se move ou quando há mudança de luz, se distinguem ambos por um couro de rara beleza. Além disso, o agutí alisa o pêlo ainda mais frequentemente que o gato.

Dentre as obras de madeira entalhada destacam-se sobretudo os banquinhos. E’ interessante constatar que os Bakairí os chamam *apüka*, e os Auetö e Kamayurá *apükáp*; *apüka* é termo emprestado, pois o tupí possui o verbo correspondente *aypg*, sentar-se. A forma mais simples dos banquinhos (fig. 81) consiste num assento plano, retangular e levemente côncavo, suportado por duas tabuazinhas com o lado comprido paralelo ao assento e com prolongamentos atrás e na frente. Todo o móvel é formado, porém, de uma só peça. Como tamanho médio pode-se indicar: 42 cm. de comprimento, 19 cm. de largura e 14 de altura; havia exemplares pequenos com um assento de 21 x 10 cm. e uma altura de 7 cm.

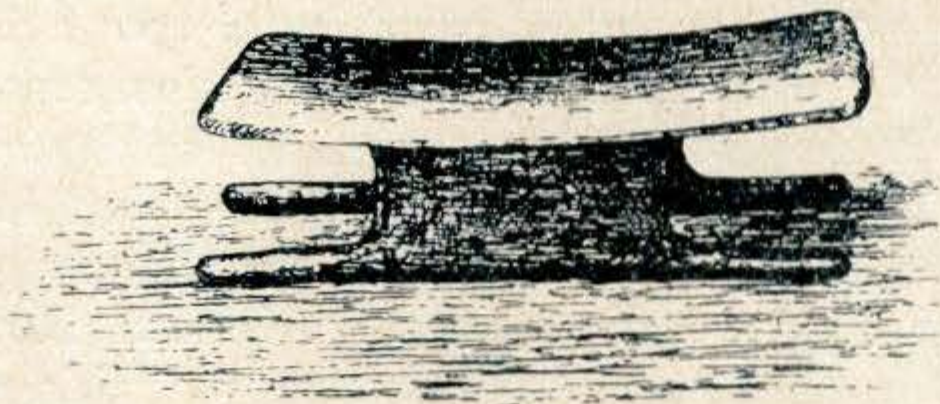


Fig. 81 — Banco (1/10 tam. nat).

nos quais era realmente penoso ficar sentado. Nem êsses modelos simples, nem os outros, mais artísticos, existiam em abundância; havia-os, porém, sempre na casa do cacique, sendo oferecidos ao hóspede. O assento tinha às vezes, forma mais oval, acrescida, atrás e na frente, de um triângulo; nesses casos representava um peixe.

Os animais que vimos representados em maior número eram aves. Dos Kamayurá adquirimos (fig. 82) uma cegonha tujujú, *Mycteria americana*, e dos Mehinakú (fig. 83) um *Tantalus loculator*, chamado jabirú ou João grande pelos brasileiros. Êstes

dois animais distinguem-se principalmente pelo bico; o do jabirú é curvado como o do ibis. Com predileção representavam-se as aves mais vistosas e de maior porte. Assim encontrámos entre os

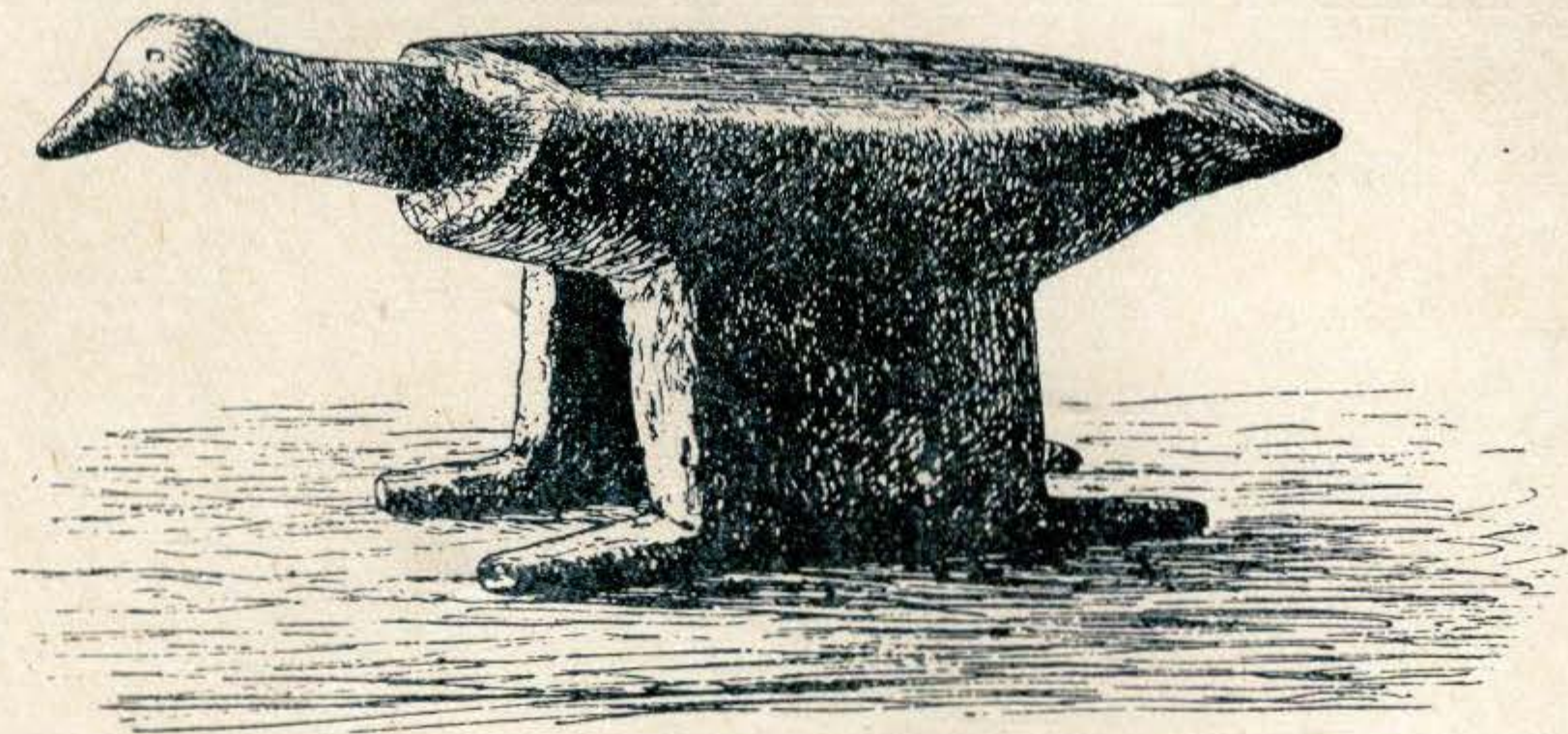


Fig. 82 — Banco. Cegonha tujuju. Kamayurá (1/8 tam. nat.)

Mehinakú um magnífico urubú vermelho, *Sarcoramphus papa*. Muito esmeradamente estavam entalhadas as verrugas vermelhas que essa majestosa ave de rapina possui entre o bico e os olhos.

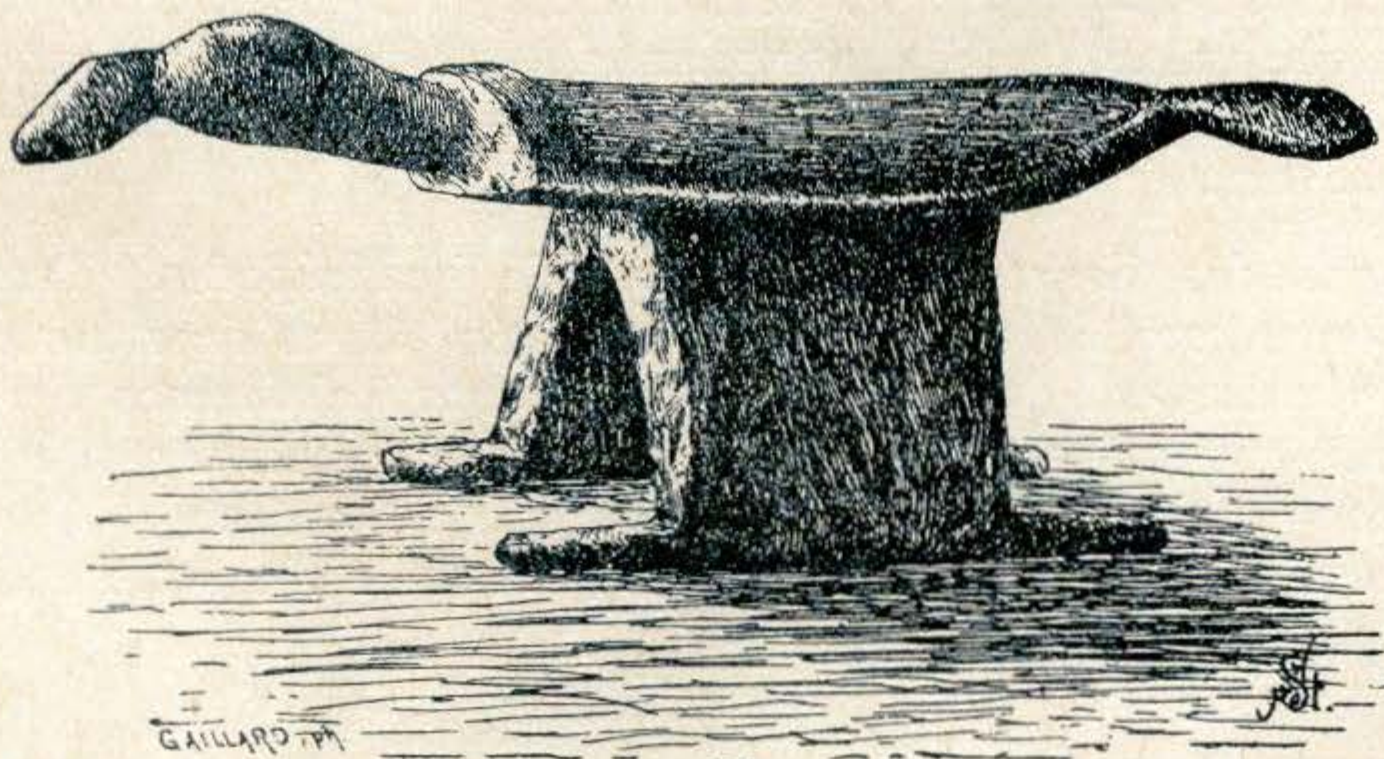


Fig. 83 — Banco. Jabirú. Mehinakú (1/8 tam. nat.)

O banquinho da fig. 84, que é de fabricação trumaí, representa o urubú branco; faltam-lhe as verrugas. É curioso notar que lhe foram dados dois pescoços e duas cabeças: a cadeira do cacique em forma de “aguia dupla”; a intenção do artista foi a de representar macho e fêmea. Em comparação com isso, é um tanto prosaica a excavação no dorso; serve para socar e mexer a resina

de tinturaria. As tábuas de suporte, com seus prolongamentos dianteiros e trazeiros, que se observam no banquinho simples, foram conservadas em tôdas essas figuras de aves; são só um pouco mais afastadas em baixo e partem da linha mediana do abdômen.

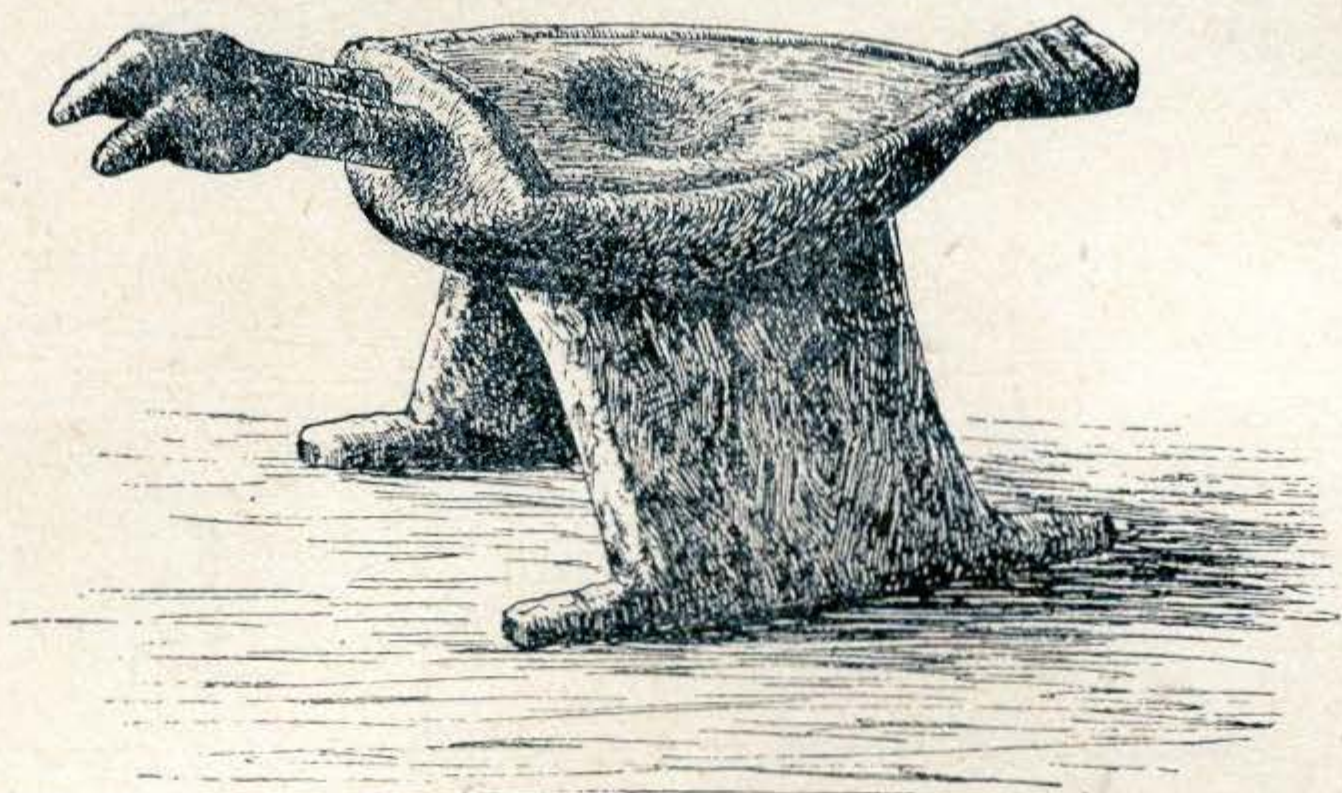


Fig. 84 — Banco. Urubú branco. Trumaí (1/9 tam. nat.)

As tábuas de suporte e o assento são formadas de uma só peça.. A superfície superior é muito bem alisada. As medidas do urubú duplo, que valem também aproximadamente para as restantes figuras, são as seguintes: 61 cm. de comprimento, 24 cm. de largura, 25 cm. de altura.

Duas das figuras eram imagens de quadrúpedes. Também aqui foram escolhidos tipos superiores. As tábuas de suporte são transformadas em quatro pés. Dos Nahuquá obtivemos um macaco, não muito grande, medindo 46 cm. de comprimento, e caracterizado por orelhas, nariz e a longa cauda horizontal. O dorso é arredondado como no original. As outras tribus sempre deter-



Fig. 85 — Banco. Macaco.
Nahuquá (1/8 tam. nat.)

minaram imediatamente o animal. O exemplar mais vistoso de toda a nossa coleção é, porém, o jaguar dos Mehinakú, criatura maciça com 90 cms. de comprimento e 18 cms. de largura, distinguindo-se por sua cabeça grande com o pescoço muito desenvolvido, por seu dorso em forma de escudo e sua cauda longa, um pouco

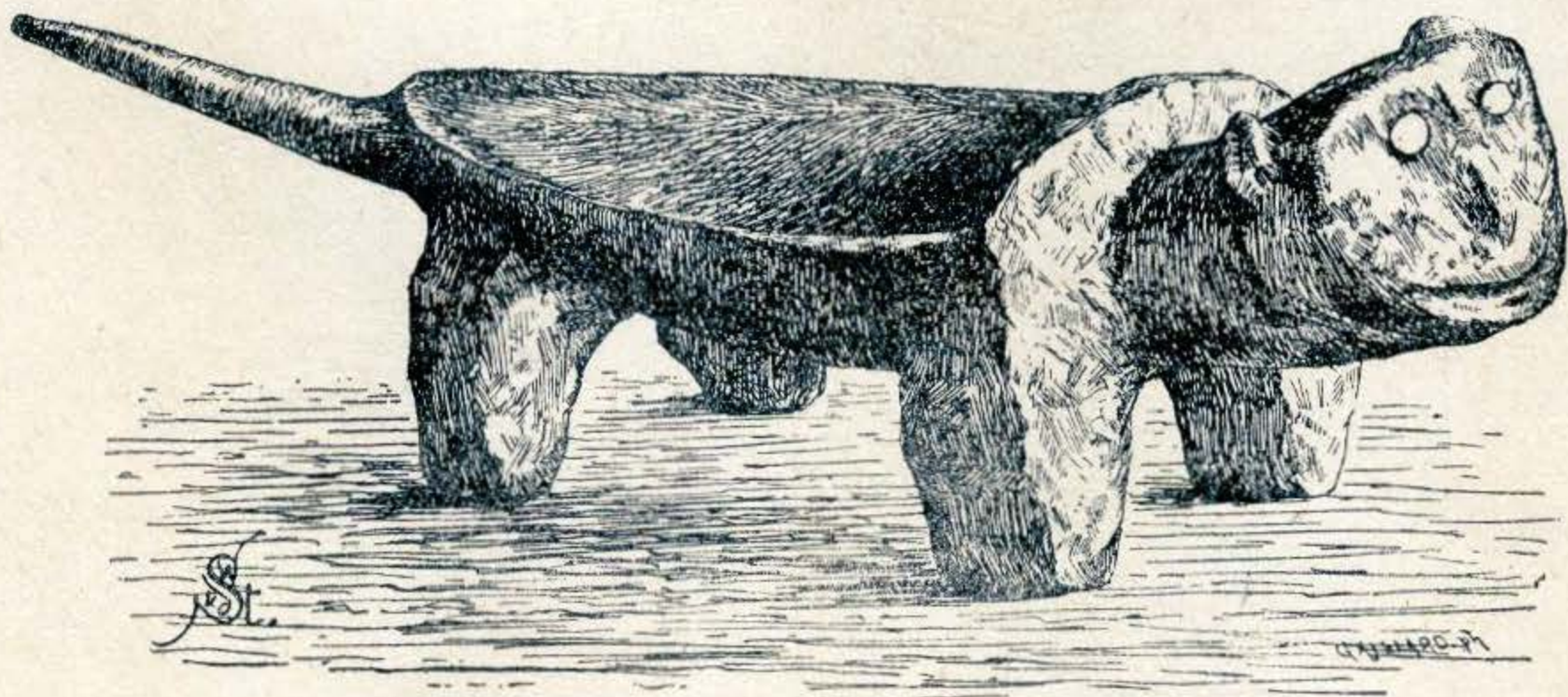


Fig. 86 — Banco. Jaguar. Mehinakú (1/8 tam. nat.)

levantada. Excelente é a reprodução das orelhas de felino, o nariz não passa de uma saliência pouco pronunciada, a boca consiste num largo sulco longitudinal, e os olhos são formados de pedaços redondos da concha com brilho de madrepérula.

Potes. A forma fundamental das tigelas de barro, pois é só dessas que aqui nos cabe falar, é — como a das cuias — hemisférica até semi-oval. Os potes das pranchas 23 e 24 encontram-se todos no Museu Etnográfico de Berlim. Provêm de diversas aldeias, mas são fabricadas exclusivamente por mulheres nahuquá. Fora os ns. 25, 26 e 27 da segunda prancha, todas as formas são motivos zoológicos. O pote n. 26 foi adquirido dos Mehinakú; atribuíam-no os índios às mulheres waurá, as maiores artistas do grupo nu-aruaq; é feito de barro vermelho, o que realça ainda mais a semelhança com uma cuia autêntica, é enfeitado com belo ornamento de mereschu, e tem um cordel como alça. O n.º 25, a casca ouriçada de uma fruta do mato, obtivemos da família dos Yanumakapü-Nahuquá, com que travámos conhecimento no pôrto auetö. O n.º 27, com “forma de taça” e bordo adentado externamente, representa uma tigelinha para tinta. A taça ainda não chegou até aos nossos índios; a referida forma contém também um motivo de cuia, o qual entretanto não reconheceríamos facilmente sem ex-

plicação. A esfera achatada, a base do vaso, não foi colocada só para segurá-lo mais comodamente, mas constitue precisamente a parte essencial da obra plástica, pois representa um chocalho de cuia. Abriga no seu interior algumas pedrinhas ou sementes, que fazem um ruido bastante fraco quando se sacode a “taça”.

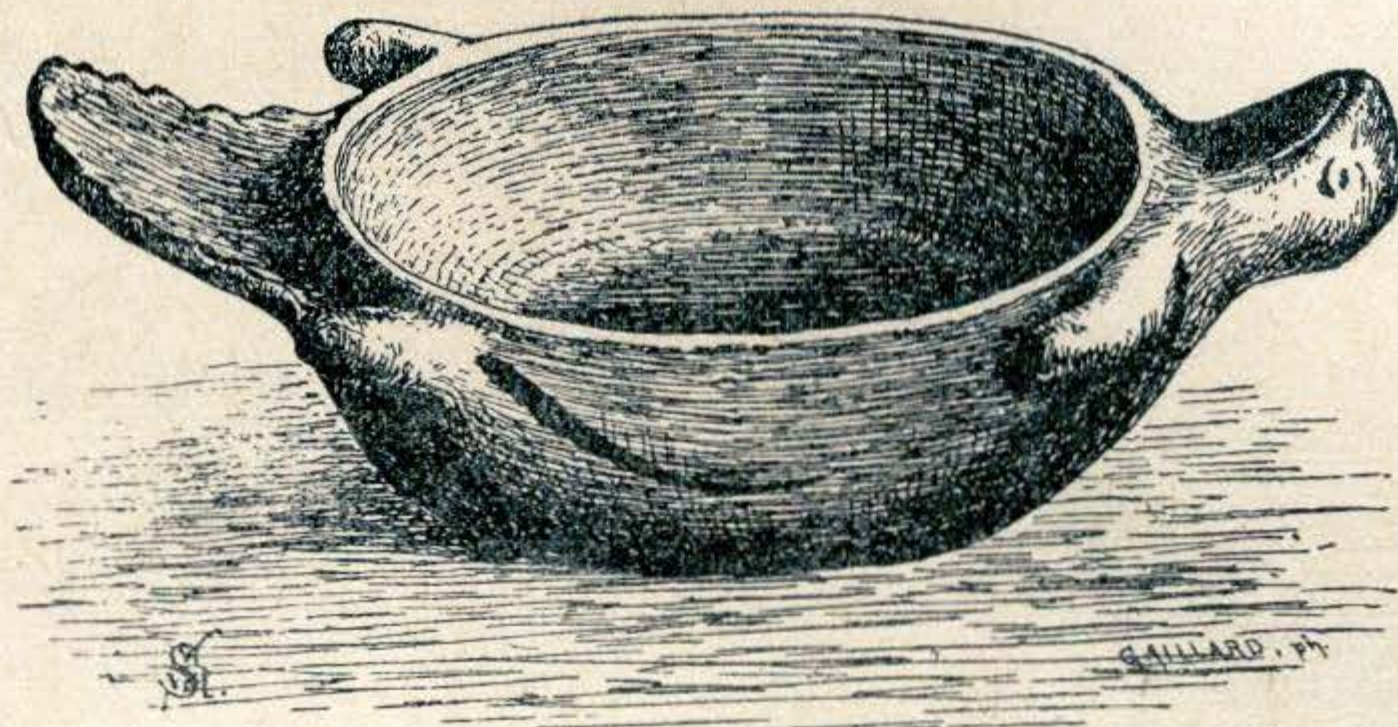


Fig. 87 — Pote. Tartaruga (1/9 tam. nat.)

Ao passo que êsses três potes têm bordo livre, os restantes se distinguem por um número menor ou maior de pontas. Estas pontas, de conformação muito variada, caracterizam o animal representado. Quase tôdas as tigelas conservam ainda a convexidade das cabaças, sendo mesmo evidente que foram estas que determinaram a idéia artística. Assim como a meia-lua das pás para virar beijús, com sua forma em geral simples, representa o corpo do animal logo que se lhe ajunta um cabo entalhado como pescoço e cabeça, também a tigela abobadada o representa quando se lhe ajuntam os dentes marginais, figurando a cabeça e os membros. E' portanto, bem clara e evidente a história do desenvolvimento dêsses

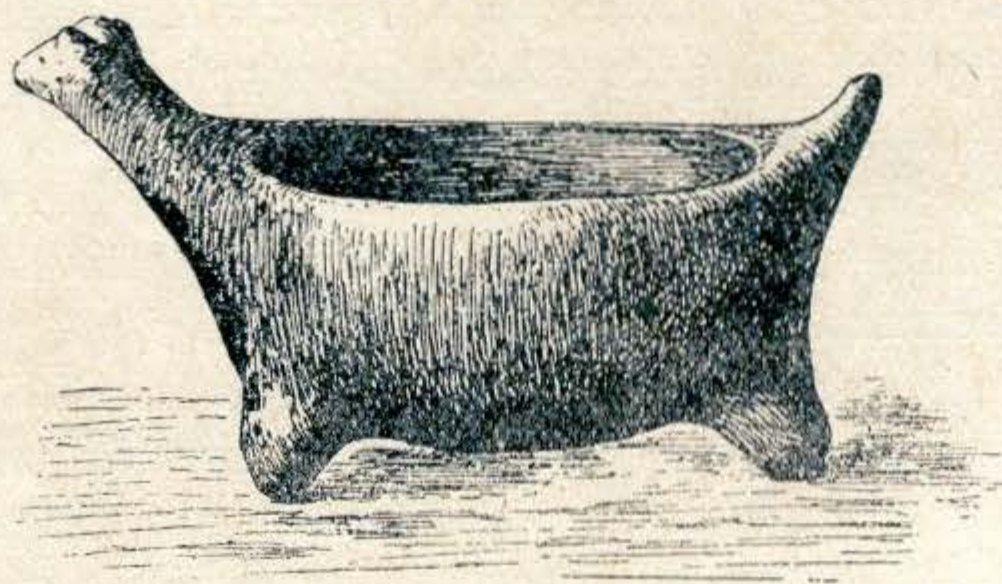
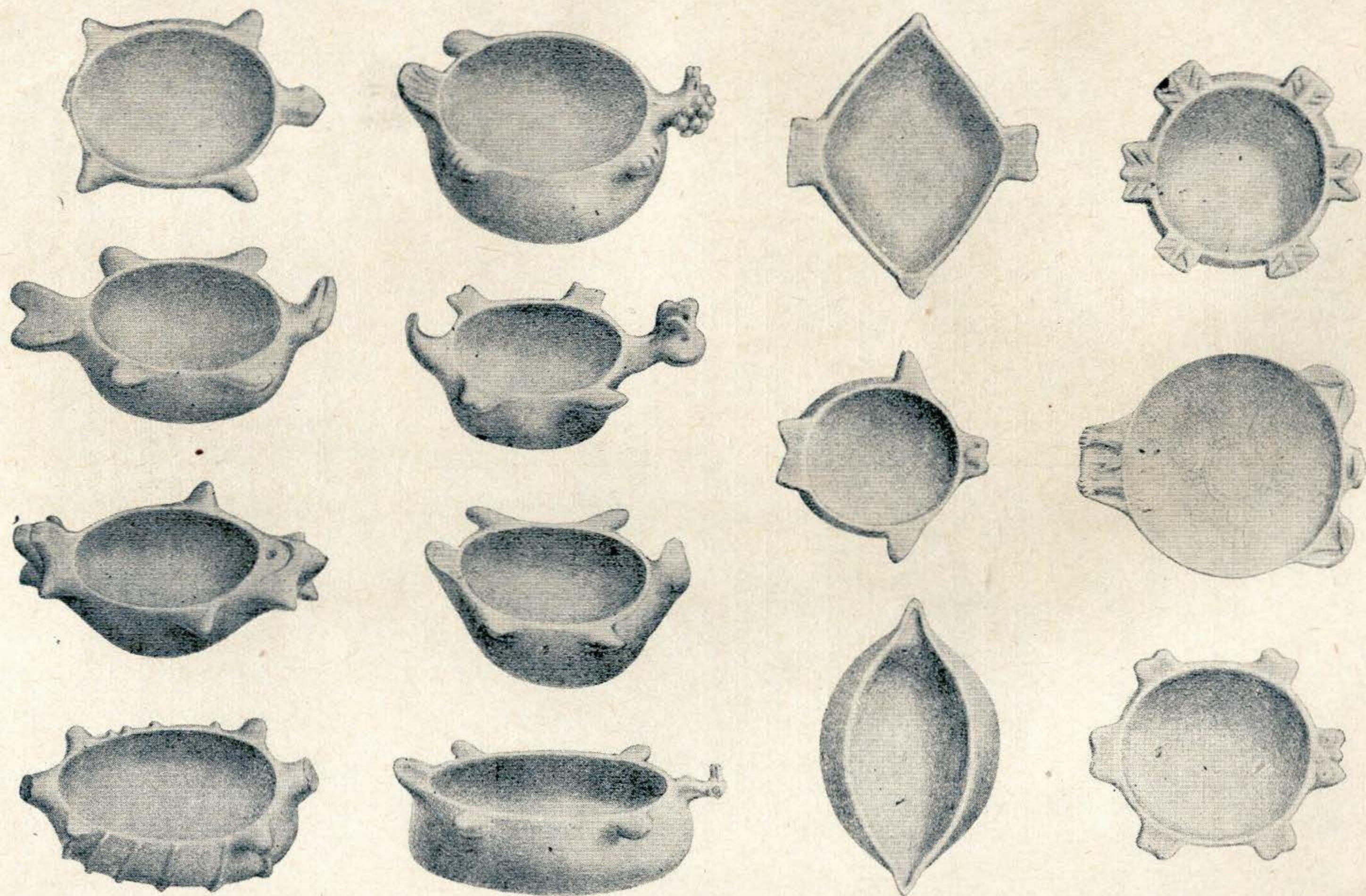


Fig. 88 — Pote. Veado
(2/5 tam. nat.)



PRANCHA XXIII

produtos artísticos. Logo que se possui o novo elemento artístico, êste se desenvolve independente e livremente, tomando feições variadas e estilizando-se rapidamente nas formas mais apreciadas e frequentemente repetidas.

A forma mais repetida, e muito mais repetida que tôdas as outras, é aquela em que o pote apresenta o motivo do morcego. Manifestamente a atividade artística do índio não é guiada pelas nossas requintadas considerações relativas ao bom gosto. As damas da nossa sociedade não se sentiriam muito bem se tivessem que comer em pratos com forma de morcegos, sapos e carrapatos; nós homens podemos, porém, declinar tôda responsabilidade, pois essas idéias pouco delicadas foram concebidas por mulheres. A favor delas admito que, no seu realismo, foram influenciadas pela côr e pela forma dos originais da natureza, escolhendo aqueles animais que melhor se prestassem a uma imitação mais perfeita. Além do seu tronco arredondado, o morcego tem exatamente a côr de argila, e o sapo, que também muitas vêzes é escolhido como motivo (n.º 21), aparece muito bem na tigela bem redonda e bojuda. Os tatús e as tartarugas em vida não são outra coisa senão vasilhames

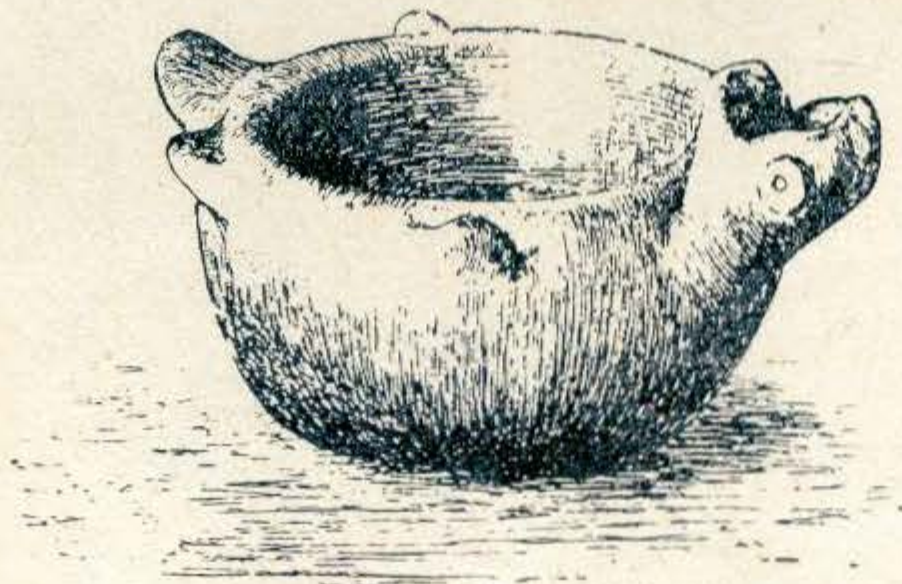


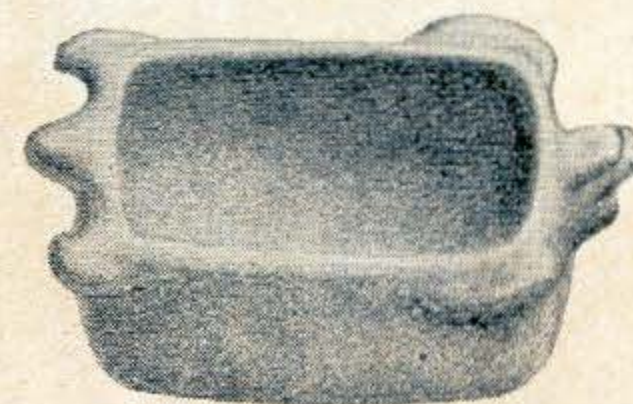
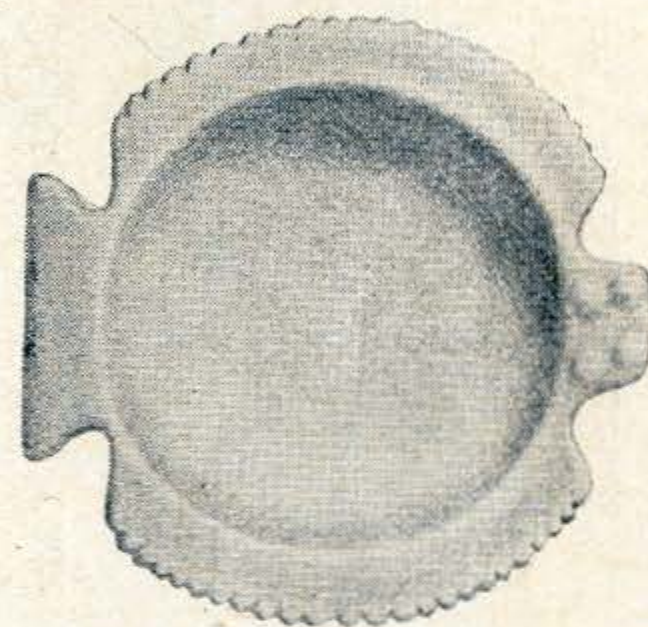
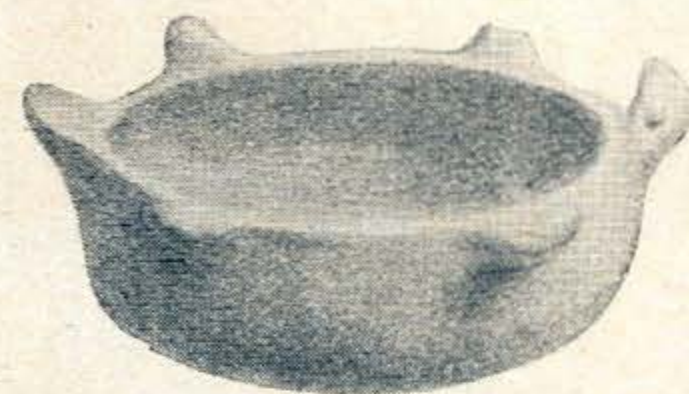
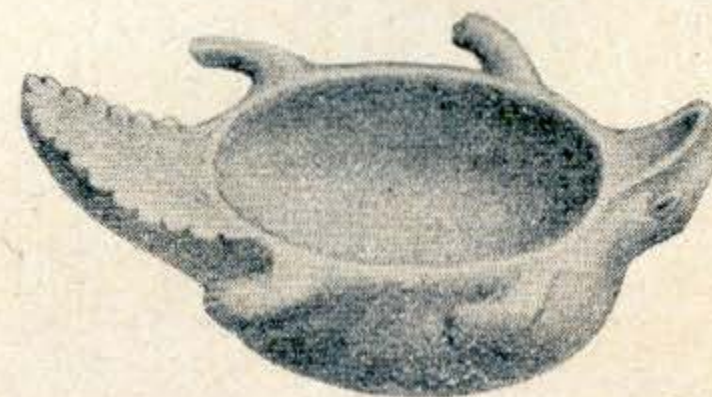
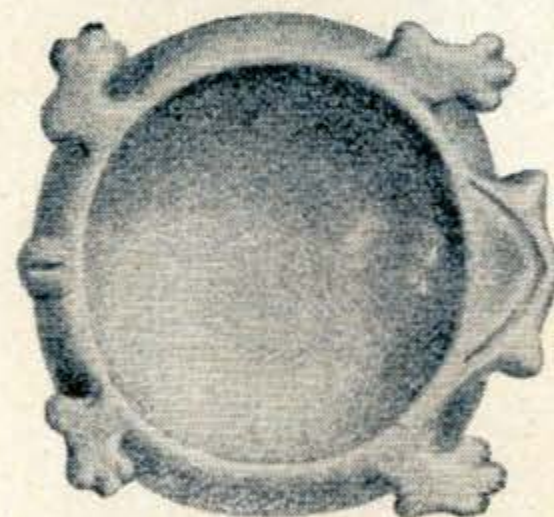
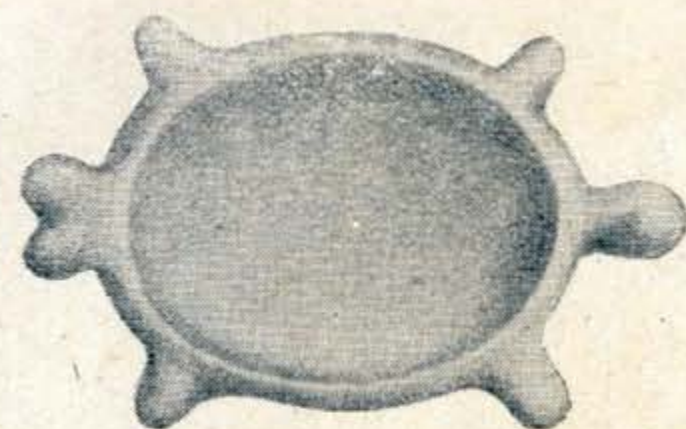
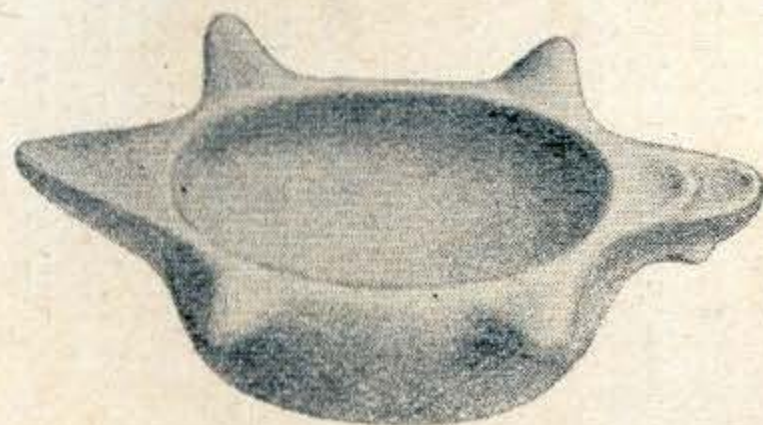
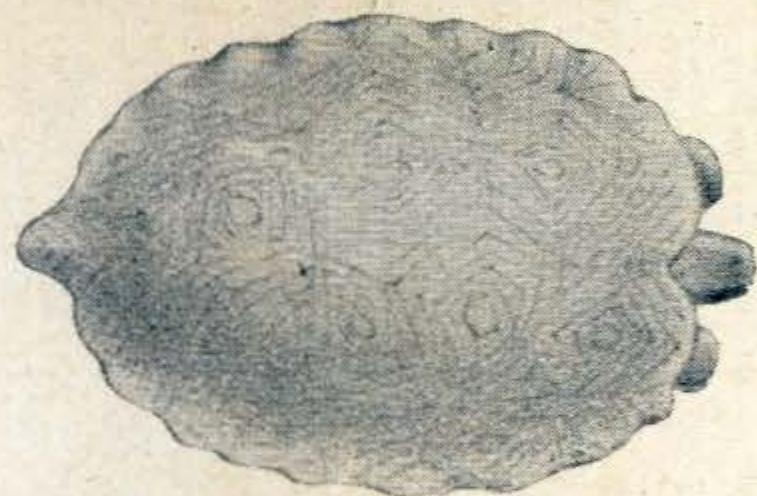
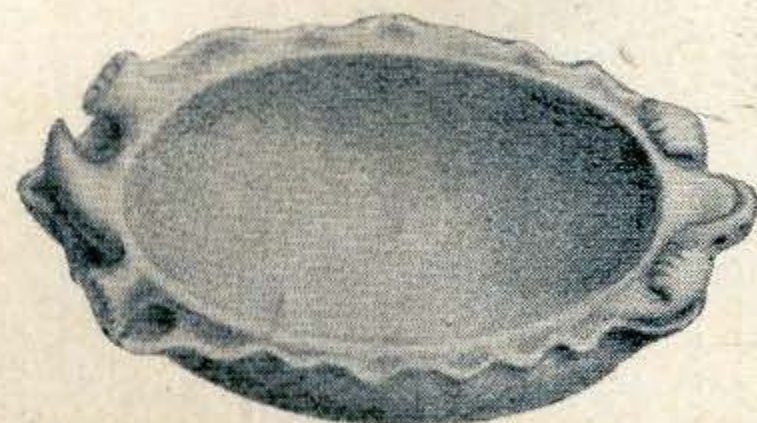
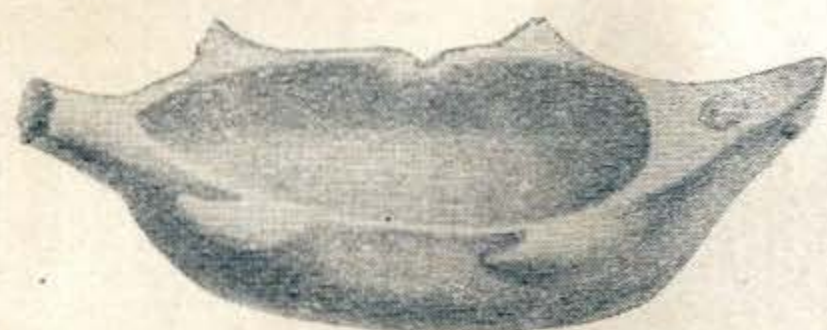
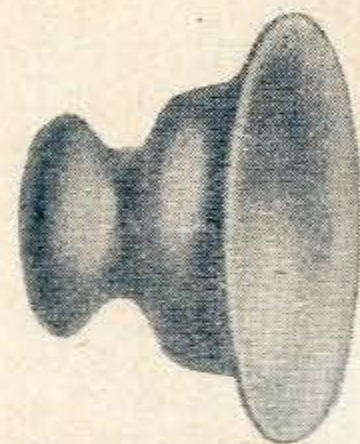
Fig. 89 — Pote. Sapo. Suyá
(1/3 tam. nat.)

ambulantes; era justo, pois, que na tigela de barro se imitasse a sua casca. Com a cauda amarrada na rêde, o lagarto se recomenda como bom animal doméstico, merecendo também, por isso, a atenção das artistas. Finalmente, vimos ainda vários exemplares do caimão e do peixe cascudo, ambos animais providos de casca. Dos outros motivos só havia exemplares únicos. Encontrámos e juntámos à nossa coleção tigelas de barro com as formas dos seguintes animais:



372 b

Prancha 26 — Borôro



PRANCHA XXIV

Mamíferos: duas espécies de morcego (1-6), veado (fig. 87), esquilo, irara (*Galictis barbara*) (15), preguiça (16), tamanduá-mirim (*Myrmecophaga tetradactyla*), tatús: tanto um tatú pequeno (14) como também o tatú canastra (*Dasypus Gigas*), finalmente um animal silvestre notívago, que me foi descrito como semelhante ao tatú (13).

Aves: gavião branco (*Buteo pteroeles*) (12), coruja (8), pomba (9), macuco (*Trachypelms brasiliensis*) (10), inhambú (11), pato (7), e uma ave voadora não determinada.

Repteis e batráquios: tartaruga fluvial tracajá (*Emys Tracaxa*) (20), cágado (*Emys depressa*), tartaruga silvestre jabotí (*Testudo tabulata*), caimão (22), sinimbú ou camaleão (*Anolis*), sapo (21).

Peives: acará ou cascudo (*Loricaria*) (24), peixe de lagoa (23), raia.

Insetos e animais inferiores: carrapato (*Ixodes*) (17), caranguejo (19), aselho (18).

O exemplar mais bonito, a tartaruga tracajá (n. 20), é realmente uma obra de arte, nem tanto pela gravação cuidadosa do desenho da casca, como pela plástica extraordinariamente feliz da cabeça, da cauda e dos membros. Sobretudo as patinhas dianteiras são dobradas com tanta naturalidade que a gente fica realmente maravilhado com o talento de forma e a boa observação da desconhecida mulher mehinakú. Cabe-me constatar, para louvor desta mulher, que a copia que ela fez da natureza é mais fiel do que a reprodução do litógrafo e desenhistas de Berlim.

À vista de algumas das figuras de animais pode-se falar antes de um modelo imediato com o corpo excavado do que de um pote com estrutura anatômica. Assim, p. ex., a tartaruga 20, o sapo 21, o morcego 1 e o lagarto 23, para o qual no desenho do meu primo (fig. 87) até aparece a pintura do corpo. O morcego é notável sobretudo por causa das asas distendidas, das quais se salientam muito bem as extremidades posteriores. As pontas apresentam simples gravação, a cabeça tem alguns traços para figurar os olhos, e as outras pontas receberam dois pares de traços, representando as nervuras das asas. Estes traços podem faltar, de modo que se tem um simples pote com seis pontas, e com admiração constata-se que as tribus mais diversas o classificam contudo regularmente como "morcego". Nos ns. 3 e 4 as partes do rosto ainda aparecem com mais precisão; no n. 3 a cauda é mais larga que as pontas correspondentes às extremidades; no n. 4 as pernas

e a cauda são unidas no interior da asa (como no n. 1), carecendo de qualquer caracterização ulterior. Também os ns. 5 e 6 eram morcegos; diziam, porém, os índios que não se tratava da espécie reproduzida nas tigelas redondas de seis pontas, mas de outra, menor. Lembram-nos imediatamente os losangos-morcegos dos Bakairí, prancha 20.

Examinando-se com atenção os potes zoomorfos, descobrir-se-á, na maioria dêles, pelo menos um elemento considerado como caraáter distintivo. Pelo menos um dos três elementos: cabeça, membros, cauda, sempre apresenta um sinal bem marcante. E nunca se deve esquecer também a conclusão "per exclusionem".

O n. 15, o *Galictis* parecido com muinha, é certamente a figura mais difícil de reconhecer. No original o focinho é mais pontudo. A preguiça, n. 16, caracteriza-se pela forma da cabeça e pela posição das quatro pernas nos cantos. Mas a representação dos mamíferos quadrúpedes certamente não foi fácil. Esta dificuldade deu também origem à única exceção em que o animal descansa sobre as quatro pernas; é representada pelo veado (diâmetro 9,5 x 13,5 cm.) com a cavidade aberta do lado dorsal. Fig. 88. A forma da cabeça, a cauda e a posição fizeram com que índios de outras tribus também reconhecessem imediatamente na figura a imagem do veado. A idéia feliz, que poderia dar um rumo completamente diferente à representação, não foi por nós observada em nenhum outro exemplo.

Nas aves não há diferença entre os cotos das asas e os das pernas; na cauda, v. ns. 7 e 12, são gravadas as plumas, a do gavião é côncava. Tanto a cabeça do pato, n.º 7, como a da coruja, n.º 8, são bem caracterizadas; na pomba, n.º 9, a cabeça tem a mesma configuração como a das figurinhas dos colares; o gavião, n.º 12, tem um bico bem desenvolvido, e o macuco, n.º 10, ostenta uma cabecinha de aprimorada confecção. O inhambú, n.º 11, é pouco inteligível e tem a cauda quebrada.

Os peixes eram extremamente raros. O de n.º 23 tinha uma cauda comprida; a ponta, porém, já estava quebrada quando recebemos o vaso, e na viagem quebrou mais um pedaço. As formas das cabeças dos ns. 23 e 24 lembram a do lagarto, mas têm uma boca de feição especial.

O carrapato, n.º 17, tem quatro botões na cabeça, os quais por certo deviam representar os tentáculos mandibulares e as partes da boca. O bordo denteado é sumamente divertido; dá uma idéia bastante boa da impressão total proporcionada pelo movimento formigante das oito perninhas curvas que formam uma orla no cimo da bolsa, quando o animal se encheu de sangue. Não sei se

o aselho, n.º 18, resistirá a um exame zoológico. Faltam-lhe os olhos, pois trata-se, se entendí bem as explicações dos índios, de um aselho aquático, que não os tem. No carangueijo, n.º 19, observam-se extremidades ricamente denteadas e uma espadua caudal. Tem por olhinhos dois pequenos botões com um furinho.

Terminando, menciono ainda um pote (diâmetro: 10 x 15 cm.) que representa um ser humano. É verdade que nele não se encontra nada que possa dar a idéia de um homem. A própria artista que no-lo entregou ria-se gostosamente da sua obra. Tencionara moldar a figura de um sapo, do qual já imitara as pernas, a cauda e a cabeça com os olhos grossos. Estava plasmando a boca larga, que lhe ia saindo aberta em vez de fechada, quando notou a semelhança desta com o botoque dos detestados Suyá, que, nestes índios, aparece diante dos dentes como um pires móvel, constituindo, para os outros, motivo de muita zombaria. A artista, achando graça na semelhança, deu ao beijo posição perpendicular ao rosto do sapo, e declarou o pote como "figura suyá. Uma vez as mulheres também escolheram um adorno masculino como motivo artístico. Era análogo ao do uluri tão apreciado pelos senhores pintores.

IV — RELAÇÃO DO MOTIVO ANIMAL COM A TÉCNICA

Aquilo que no pote "figura suyá" só aparece como expressão dum gracejo, a saber, a influência da técnica sobre a escolha do motivo, manifesta-se, em grande escala, como processo regular. Examine-se novamente a lista dos animais representados em potes. É interessante por causa dos animais que faltam. Poder-se-ia dizer que já é possível verificar a mesma diferença geralmente observada nos motivos modernos, mormente em interiores e naturezas mortas de artistas de ambos os sexos: de um lado, flores, frutas, borboletas, môscas, peixes do mercado e presunto, e do outro, caça e arenques. Pois entre os animais representados nos potes predominam consideravelmente os menores e, exceção feita dos carrapatos, os mais mansos. Em todo caso é curioso notar que na grande variedade faltavam completamente o jaguar, o tapir, o porco do mato e os papagaios fornecedores das plumas ornamentais e conservados na aldeia. Mas estes animais faltam também — igualmente por um motivo a ser mencionado mais tarde — entre os animais das máscaras usadas nas festas dos homens. É necessário frisar em especial que se percebe ainda mais claramente do lado negativo a já referida correlação existente entre o motivo e a forma da representação.

As cobras e os símios com seus corpos alongados absolutamente não se prestavam para as “cuias de barro”; aquêles, porém, se adotavam excelentemente às faixas compridas de casca de árvore do friso ornamental, ao zunidor com forma de espada e à canoa, e êstes a um poste do rancho ou a uma flauta. O cabo da semi-lua da pá para virar beijús transformava-se facilmente em pescoço de ave ou na parte anterior duma cobra, mas nunca, p. ex. em peixe, simplesmente porquê êste não se adapta à semi-lua com seu prolongamento unilateral. Dava-se entretanto a forma de peixe ao zunidor longo e estreito (v. cap. XI, parte III); a extremidade caudal servia muito bem para enrolar a corda, e, por isso, o orifício para esta não se achava nos olhos. O corpo de peixe desenhado e gravado transforma-se em losango, o desenho do mereschu domina tôda a arte do desenho, uma mulher waurá também o risca na superfície dum pote, mas nunca se lembra de dar ao pote a forma do mereschu! Por quê? O mereschu venceu na luta pela existência travada entre os motivos de desenho, porquê uma figura caracterizada por cantos agudos que podem ser raspados sem dificuldade se prestava melhor para a gravação; era fácil de ser executado, e, a-pesar-disso, dava bem a idéia do original. Vale o mesmo para o uluri. Ocasionalmente (v. pote n.º 5) resultou também um pote romboidal, mas êste faz parte da série do desenvolvimento das formas dadas ao morcego, enquanto para os peixes aquí, onde também os tem outros animais, se podem afirmar os contornos ovais que também são mais naturais.

Êstes fatos constituem a expressão clara duma lei. O impulso artístico não é dirigido por considerações simbólicas. Nem em ponto pequeno, nem em escala maior. A artista não se abstém de plasmar um pote em forma de sapo por ser êste um bicho pouco atraente, nem escolhe o morcego porquê esta criatura ocorre na mitologia aborígene. A existência de motivos animais em geral compreende-se por si mesma em vista do papel desempenhado pelo animal na vida mental dos indígenas. A escolha, porém, pode ser determinada, em primeiro lugar, pela constituição ou atividade do animal: ao pote corresponde a couraça da tartaruga, a vespa cavadora orna o instrumentos para desenterrar mandioca, o agutí de pele bonita enfeita o pente, a imagem da cobra o zunidor, a do macaco, que assobia, a flauta. Mas a partir do momento em que a atividade artística atingiu a uma intensidade suficiente, atuam também, como fatores determinantes, a forma, o tamanho e a côr do objeto, recaiando a escolha sôbre o animal que melhor corresponde com êstes caracteres. Não é necessário que o artista tenha consciência disso; deixa-se levar espontaneamente por êsses fatores quando

não se satisfaz com o resultado de tentativas feitas em sentido contrário. Este fenômeno aparece com especial clareza na reprodução de aves: como pintura, vimos só um passarinho numa madeira de dorso, em compensação eram extremamente numerosas as aves plásticas, ora entalhadas, ora modeladas em cera ou como bonecas de fôlha de milho. Para os índios era mais fácil representar caracteristicamente pela plástica do que pelo desenho os contornos da cabeça, do bico e da cauda bem como as proporções.

Por fim apresento uma sinopse dos motivos animais por nós observados, mencionando o gênero do trabalho em que ocorrem. Significado das seguintes abreviações: T — trançado; M — aves de palha de milho; E — obra de entalhe; P — potes; C — cera; D — desenho, gravação ou pintura.

Mamíferos: Símios (macaco) D, E; (bugio) C; Morcego (várias espécies) D, P.; Jaguar D, E; Irara P; Esquilo P; Aguti E; (Dentes de) capivara T; Ouriço cacheiro D; Preguiça P; Tatús (tatú-canestra, espécies menores) P; Tamanduá-mirim P; Cervo de pantano C; Veado T, P; Pekari C.

Aves: Urubú-rei (vermelho) E; Urubú branco E; Harpyia M; Falcão, gavião M, E, P; Coruja P; Aves canoras E; Andorinha T, D; Pomba E, P, C; Perdiz E; Maçarico E; Cegonha jabirú M, E; Cegonha tujujú M, E; Colheireiro E; Anhinga M.

Repteis e batráquios: Tartarugas (tracajá), jabotí, cágado) P, D; Caimão D; Liguana também (figura de barro); P; Lagartos (várias espécies) P, D; Cobra (várias espécies) E, D; Sapo T, P.

Peixes: Cascudo D; Kuomi D; Kurimatá D; Peixes lacustres P, D; Matrinchã D; Mereschu D; Nuki D; Pakú D; Piava D; Siluro pintado D; Raia (duas espécies) D, E; Indeterminados E, D; Espinhas T, D.

Insetos e animais inferiores: Gafanhoto D; Vespa cavadora E; Formiga tocandira D; Carrapato P; Carangueijo E, P; Aselho aquático P.

Nas máscaras aparecem ainda vários motivos novos.

CAPÍTULO XI

ORNAMENTAÇÃO DE MÁSCARAS E ADORNOS PARA DANÇAS

Festas e convites. Participação das *mulheres*. *Espécies de máscaras*. Danças (makanári) e máscaras dos *Bakairi*. *Nahuquá* (dança da rêde de pescar). *Mehinakú* (dança do jacaré). *Auetö* (danças koahálu e yakuíkatú). *Kamayurá* (dança hüvát). Trumai. II. ORIGEM COMUM DAS MÁSCARAS E DO MOTIVO DO MERESCHU; Os *Auetö* como inventores de máscara de tecido e do motivo do moreschu. III. OUTROS APARATOS DE FESTA. Danças kamayurá. Maças para dança. Tortuais de adorno. *Instrumentos de música*. *Zwidores*. *Enfeites de plumas*. *Diademas*. *Jogos infantís*.

“Os utensílios da idade da pedra têm forma simples e visam apenas satisfazer às necessidades mais prementes. Com a arte de trabalhar os metais começa a manifestar-se o gosto pelo enfeite e pelos adornos”, escreve O. Schrader em seu excelente livro “*Sprachvergleichung und Urgeschichte*” (pág. 215). Tal afirmação certamente só pôde ser feita por um excelente filólogo, ao qual não ocorrerá a idéia de que asserções dessas, mesmo quando se referem ao primitivo povo indogermânico, devem ser examinadas num museu etnográfico moderno. O que acabamos de citar

é de tão pouco valor como a afirmação de só ter o homem começado a formar a tradição quando aprendeu a escrever. Não há dúvida que a satisfação das necessidades mais imediatas é anterior ao desenvolvimento do gosto pelos enfeites e adornos, mas é certo também terem os povos primitivos e desconhecedores dos metais desenvolvido este gosto em toda a medida dos seus recursos; e até se pode admitir muito bem ter sido em muitos casos, pelo contrário, o próprio gosto do enfeite que despertou o interesse pelos metais, e o pôde despertar precisamente por já estar muito desenvolvido. No capítulo sobre o desenho ornamental e a plástica creio ter provado suficientemente o que disse numa comunicação provisória feita à Sociedade de Geografia de Berlin (*Verhandlungen* 1888, pág. 386): “Têm pronunciada inclinação para cobrir com pinturas todos os utensílios, uma verdadeira paixão pela fatura de objetos artísticos”. É passo a completar a minha prova no que diz respeito aos dias festivos, em que o homem se sente elevado, com plena consciência, acima das necessidades quotidianas, pondo todas as suas habilidades a serviço da arte de enfeitar-se.

I. MÁSCARAS

Na nossa segunda viagem foi muito mais rica do que na primeira a colheita de adornos para danças, mormente máscaras. Isso é tanto mais importante quanto as máscaras, que se encontram espalhadas por todo o globo com as formas mais variadas e servindo aos fins mais diversos e desempenhando papel tão saliente entre os índios norteamericanos, até agora foram observadas em escala relativamente diminuta na América do Sul. Parece — e de fato talvez seja apenas uma aparência — que pertencem sobretudo à etnografia da Amazonia. Todas as tribus têm suas pantomimas representando animais, em que se ostentam a pele ou as plumas destes, onde se lhes imitam a voz e os movimentos, e onde se forma espontaneamente o traje caracterizador que dá maiores efeitos ao jogo. A habilidade técnica empregada nas máscaras e na sua caracterização varia por certo, conforme a tribu. Mas esse grau de habilidade que nos índios do Xingú se exprime também por aplicações muito diversas dos recursos da mímica, sem dúvida foi atingido por todos os povos de caçadores. Temos poucos dados a respeito, simplesmente por serem raras as possibilidades de se estudarem tribus vivas em circunstâncias favoráveis e, também, porquê as visitas de pequena duração só permitem explorá-las superficialmente. A nossa própria viagem constitue o melhor exem-

plo. Duma região, onde em 1884 descobrimos, é verdade, curiosos toucados com figuras zoomorfas de palha etc., mas só duas máscaras de madeira, representando pombas, trouxemos em 1877 uma bonita coleção de máscaras. Esta se encontra agora no Museu Etnográfico de Berlim, permitindo uma comparação interessante com as grotescas máscaras zoomorfas dos Tekuma do Alto-Amazonas, aí existentes. Também Ehrenreich trouxe dos Karajá do Araguaia bom número de vistosas máscaras para danças, ornadas com as mais variadas plumas e que, no tocante à confecção, lembram vivamente o "Duck-Duck" das ilhas do Mar do Sul.

Não só cada tribu, mas até cada aldeia tem suas mascaradas próprias. O ponto de convergência é sempre a "casa das flautas". As danças de todo o Brasil distinguem-se por extraordinária semelhança de caráter. Em tôdas corre-se em círculo, em tôdas há o canto sincopado, correspondente às pateadas. É extremamente significativo o fato dos Bakairí empregarem a mesma palavra para "dançar" e "cantar". "O sentido dos cantos", diz Martius, "é simples: louvam-se os feitos guerreiros ou façanhas de caça praticadas por indivíduos isolados ou hordas inteiras, enumeram-se certos animais e mencionam-se suas qualidades. Quando na festa aparecem máscaras, estas geralmente representam animais, cujas vozes são imitadas pelos indivíduos que as carregam".

Não observámos nada que nos permitisse a conclusão de serem as máscaras de qualquer modo veneradas. As peças trancadas de fôlha de palmeira, principalmente, eram tôdas simplesmente deitadas fora logo após o uso. É verdade que as máscaras eram às vezes escondidas de nós, mas somente do mesmo modo como também se nos ocultavam, com receio do roubo, todos os utensílios móveis e adornos. Mas em adquirindo confiança, os índios nos cediam as suas máscaras sem cerimônia e confeccionavam outras mediante encomenda. Mostravam-nas com risos e gracejos como algum brinquedo interessante.

Entre os Bakairí do Paranatinga e do Rio Novo a festa principal costuma ser em abril. Eu, com minhas idéias de homem civilizado, pensei numa festa de agradecimento, lembrando-me da possibilidade de visar essa festa, celebrada na época da colheita de algum modo render louvores e graças a quaisquer poderes benfeitores. Procurei, pois, saber de Antônio se era possível constatar semelhante fato. Antônio, porém, resistiu à minha sugestão. "Celebramos a festa na época da colheita", declarou, "porquê então temos al-

(26) — Em geral a superabundância de materiais para bebidas constitue ensejo para festas, diz Martius: "mas onde os costumes europeus conseguiram impôr-se, e onde ha cristãos morando ao lado dos índios, escolhe-se certamente o dia de algum santo".

guma coisa que nos permita celebrá-la; no tempo da sêca devemos fazer economia, e na estação chuvosa tudo ficaria embolorado”. E’ um ponto de vista material, mas compreensível.

De tudo aquilo que os aborígenes nos contam sôbre as festas, depreende-se que estas constituíam, antes de tudo, banquetes — no conceito indígena — em que houvesse fartura de comida e bebida. A lenda bakairí dá-lhes o mesmo sentido, ao relatar como se originaram. Kame, o ancestral das tribus do Arinos, construiu a primeira casa de flautas, fabricou a primeira flauta, convidou seus amigos para dançar e ofereceu-lhes pirão de polvilho. Keri, o ancestral dos Bakairí, que rivalizava sobremaneira com Kame no tocante às invenções, por sua vez convidou êste para dançar. A lenda relata a maneira pela qual se realizou a festa, e dá, como invenções de Keri, o makanari e o imeo, os trajes de palha sem máscaras, mas com toucados caracterizadores do animal, e que, em parte, também cobriam o rosto.

“Também Keri chamou os seus. Ao anoitecer foram dançar na praça da aldeia. A seguir, Keri foi à sua casa buscar pogu para beberem. Logo depois trançaram makanaris. Keri chamou Kame. Veiu muita gente e Keri era o chefe da dança. Dançaram todo o dia. A’ noite descancaram. De manhã cedo foram banhar no rio. Depois do banho, chegaram à casa das flautas. Começaram com o imeo e dançaram o dia inteiro. E continuaram por tôda a noite. — E assim acabou a festa”.

Um traço notável da lenda é a circunstância de terem as diferentes tribus se unido para as danças. E’ comum o costume das aldeias se convidarem mutuamente para as grandes festas. Também tribus vizinhas e amigas enviam numerosos representantes. Quando, em 1884, encontrámos os Trumai e os Kamaiurá reunidos, as duas tribus haviam acabado de celebrar uma festa em comum.

Por um lado compreende-se, à vista destas circunstâncias, a existência entre as tribus de um intercâmbio e um nivelamento de costumes e utensílios de dança. Cada tribu conhece os cantos das vizinhas sem compreender exatamente o sentido dos textos, como pudemos observar em numerosos exemplos; uma tribu transmite, igualmente, à outra, novos tipos de máscaras e desenhos. O motivo do mereschu, do qual voltarei a falar depois da descrição das máscaras, teve, dessa forma, a sua disseminação geral.

Por outro lado entende-se também facilmente o rigoroso costume das mulheres serem excluídas das danças festivas, não se lhes facultando a entrada na casa das flautas, i. é, na casa dos homens, onde se recebem e hospedam os visitantes de outras al-

deias. O mesmo sentido parece inerente à singular mascarada anteriormente descrita, que presenciámos na segunda aldeia bakairí. Um índio mascarado da primeira aldeia foi a uma casa em que se encontravam as mulheres (porquê a estas não era permitido trazê-las) para buscar as comidas e bebidas destinadas a nós, que estávamos hospedados na casa das flautas. A brincadeira baseava-se num motivo sério, o de evitar que as mulheres tivessem relações demasiado freqüentes com estranhos. O maometano adota o sistema inverso: mascara as mulheres e fecha-as em recintos especiais.

Na própria origem das danças encontra-se, além disso, um motivo fundamental contrário à participação do sexo feminino. É que se trata de divertimentos alheios à índole feminina, nascidos de festas de caçadores. Entretanto parece haver variações. Os Bakairí diziam que nas festas maiores as mulheres nunca tomavam parte, mas sim nas menores; informaram-nos também de que os representantes do sexo feminino às vêzes fazem festas de dança sem a participação de homens. Os Suyá, porém, parecem pensar de modo diferente; os Bakairí pelo menos se referiam muito desdenhosamente ao hábito exquisito daqueles “de homens dançarem com mulheres”. Talvez seja interessante frisar ainda que não pudemos encontrar vestígio algum de quaisquer mistérios ou de qualquer relação especial existente entre os feiticeiros e as danças ocultas às mulheres.

Constitue também uma medida contra a curiosidade feminina a pouca altura das entradas das casas de flautas do Kulisehu, onde só se pode entrar em posição agachada ou apenas rastejando sobre os joelhos. Não sei até que ponto a proibição de aí entrarem as mulheres é posta em prática na vida quotidiana, mas não conseguimos licença de medi-las dentro da construção; e é certo que se afirmava “que as mulheres seriam mortas se entrassem na casa das flautas” — uma variante bastante forte do “mulier toqueat in ecclesia”. Também os Bakairí mansos ainda respeitavam este costume há uns 30 ou 40 anos, o que se depreende da experiência que, segundo conta um velho brasileiro, tiveram de fazer os padres que lhes vinham pregar o cristianismo. Estes acharam muito natural reunir a nova comunidade na casa das flautas, que não era habitada, parecendo-lhes, por isso, muito apropriada para servir de igreja. Os homens apresentaram-se voluntariamente, mas as mulheres ficaram fora, e só se persuadiram com muita dificuldade a se exporem a perigos corporais por amor à salvação de suas almas.

Em tôdas as tribus, os que tomam parte nas mascaradas encobrem o corpo total ou parcialmente com aventuais ou mantos. Tiras de fôlha de burití ou fôlhas sêcas de capim, de cêrca de um metro de comprimento, enfiadas num cordel, e formando um avental largo, eram passadas várias vêzes em tórno do pescoço de modo a caírem dos ombros, ou pelos quadris até alcançarem os tornozelos; às vêzes observavam-se as duas modalidades combinadas. A principal variação concernia ao enfeite da cabeça. Mas tôdas as fantasias referem-se a animais. Sob êste ponto de vista podemos distinguir:

- 1.^o: Figuras de animais colocadas sôbre a cabeça: Bakairí.
- 2.^o: Toucas de palha guarnecidas de longas fibras, figurando em parte, atributos do animal: Bakairí.
- 3.^o: Rêde de pescar, diante do rosto: Nahuquá.
- 4.^o: Grades de palha à maneira de passador com aro oval. Sem as partes do rosto: Bakairí, Nahuquá. Partes do rosto feitas de cera: Auetö.
- 5.^o Aros ovais, tendo distendida uma rêde, um trançado ou um tecido de algodão. Partes do rosto feitas de cera e coladas sôbre a máscara; olhos de flocos de algodão, feijões, madrepêrola. Essas máscaras são pintadas: Bakairí, Auetö, Kamayurá, Trumaí.
- 6.^o: Máscaras de madeira. Pranchas quadrangulares de madeira com convexidade frontal muito saliente e nariz de feição humana. Sôbre estas são pintados: o desenho natural do animal, seus contornos, sua partes do corpo (asas, barbatanas), figuras de animais estilizadas: Bakairí, Nahuquá, Auetö, Kamayurá e — com máximo desenvolvimento — Mehinakú. Os Mehinakú só possuíam máscaras de madeira. Os Auetö possuíam uma forma de transição entre a 5.^a e a 6.^a; eram máscaras ovais e sem saliência frontal.

Nas mascaradas dá-se, inegavelmente, uma fusão do empréstimo de formas tomadas a outras tribus e sugeridas pelas visitas, com o desenvolvimento local de variedades especiais. Também nas cidades de Colônia, Düsseldorf, Mogúncia e Tréveris observam-se diferenças nos gorros, nas ordens, nos costumes das reuniões, nos cantos, nos ditos chistosos, e nos motivos escolhidos para os carros alegóricos. Também aí anunciam-se “sessões femininas” especiais para a participação das mulheres, e estas, por sua vez não ousariam entrar em hora inconveniente na “casa das flautas”, embora possam ter a esperança de saírem vivas ou, quando muito, meio mortas. Também o carnaval do Kulisehu é

seguido de uma quaresma, pois — o motivo não é de culto — não termina antes de se terem comido e bebido quase tôdas as provisões. As mulheres têm muito que fazer para fabricar a quantidade requerida de beijús e bebidas: estão continuamente ocupa-



90 — Dansarino do Imco — Bakairí

das, pilando, cozendo e assando. Esta necessidade certamente também contribuiu um pouco para o preceito de conservá-las afastadas da dança afim de poderem cumprir mais satisfatoriamente as suas obrigações.

Bakairí. No Rio Novo e no Paranatinga vigoram ainda os velhos costumes. “Tudo dança como Bakairí brabo”, disse Antônio. Descreveu-me a festa promovida no último abril, para a qual

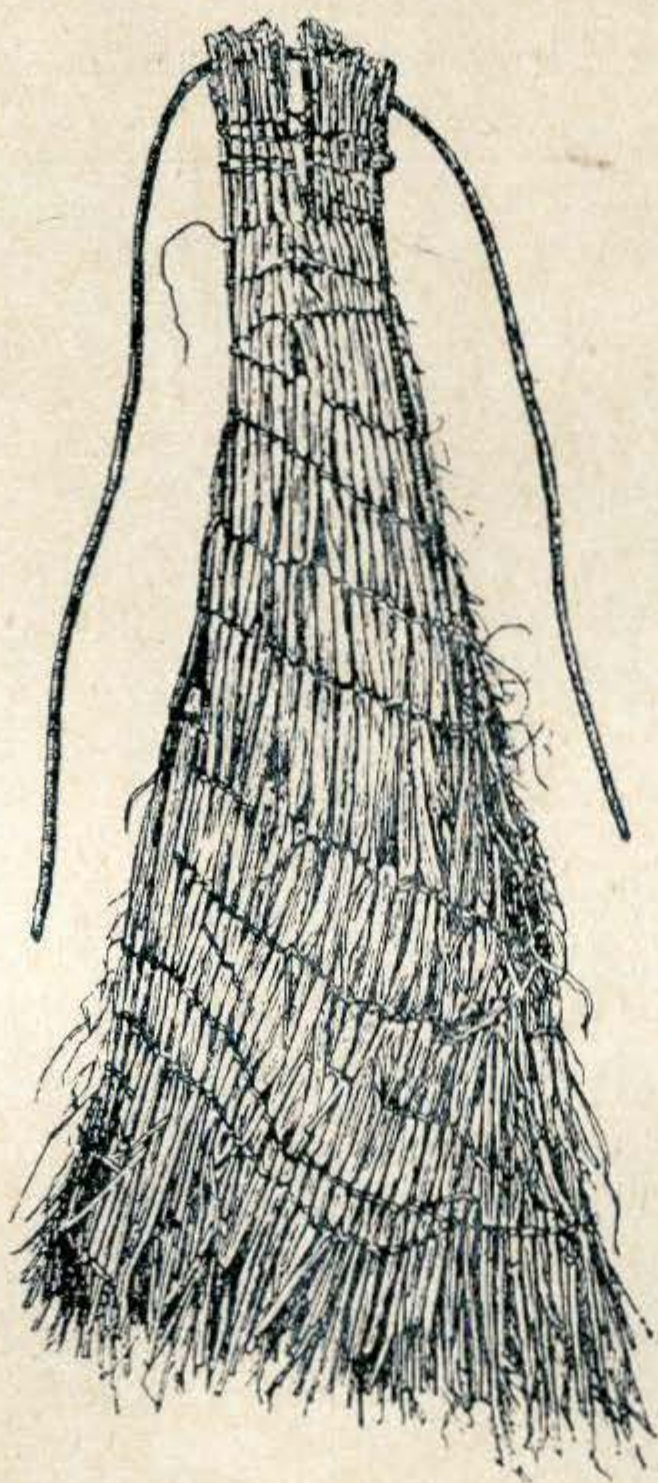
os do Rio Novo tinham convidado os do Paranatinga. Havia-se dançado, por essa ocasião, o *yutuka*, o *makanari* e o *imeo*. *Yutuka* é uma dança de peixes; peixe de madeira são levados à cabeça, principalmente o pakú preto e o matrichã; com cabaças pintadas de preto e branco ou de preto e vermelho representam-se cabeças de homens e de mulheres, cujo cabelo é tirado de bromélias.

Makanari é um termo de sentido muito amplo. O Bakairí dá o nome de *makanari* a quase tudo que faz parte de seus adornos de dança; com *makanari* designa êle também determinadas danças. "*Bakairí makanári zóto*", o Bakairí é o senhor do *Makanari*. Êste é a dança de sua tribo. O *imeo* é uma forma de *makanari*, uma determinada figura. Parece mesmo que o conceito do *makanari* antigamente foi mais restrito, referindo-se a uma determinada dança com trajes trançados de palha. Os Bakairí mansos não têm máscaras de madeira. Para êles o *makanari* principal é a dança do morcego, de que há duas variedades, o *semímo*, a do morcego pequeno, e o *aluá*, do grande. Antônio transmitiu-me o texto da dança *aluá*, entretanto, a-pesar-de muitos esforços, não me foi possível obter a sua tradução nem mesmo saber-lhe o sentido. O índio asseverou-me que êle próprio não entendia mais essas palavras antigas. Acredito que a afirmação fôsse sincera, pelo menos em parte, e não creio que com ela o índio procurasse evadir-se da dificuldade da explicação, mesmo porquê a própria palavra *aluá* não é Bakairí ou caraíba, mas nu-aruaak. E' possível que, em parte, o texto seja aruaak antigo, e que cutrora, depois de festas celebradas em conjunto, a tribo o adotasse sem compreender a significação, entremeando-o, posteriormente, com vocábulos bakairí.

O *imeo-makanari* é comum a todos os Bakairí. No Kulisehu existe, ainda, como variação semelhante, o *imóto*, *imódo*. *Imeo* é um animal branco que vive na palmeira burití sêca. Se bem entendí os índios, trata-se da larva de uma criatura semelhante, avermalhada, de cabeça preta. Uma escolha singular, que lembra um pouco o Sonho duma Noite de Verão. Mas é compreensível, quando se considera que o material para as fantasias usadas nas danças é fornecido, em primeiro lugar, pela palmeira burití, na qual habita aquêle inseto. Também há outros animais que apa-

(27) — Uma canta: *ohuhaaha-áha yumáa ohú yumarí uvanuká, yumarí uvanuká, huyaná vitá oo yohohohú*. Continua outro: *mauá káua káuayú, mauákauayú hohohú, aluá . . . aluhá, aluá miyevené yanávitá ho . . . ohohohú, ihoho . . . hohú he . . . hiramituri hohó, yukévené yoho hohoholú*. Correndo em roda, todos em conjunto: *ohú namituri ohú namituhuri ohoyócho yochohohó, ayarivenení kayarilo ohó namituri ohú namituhuri oho oyochó yochu*. A seguir, saem para a praça: *yochó huyócho huyochó huyochohú huyochó, makavó makavó yuuávitirá inávitáhané iná yochohuyócho . . .* Enfim, virando-se: *aschimámayú ohuhohú ayavarikú hohuhoo, eveschirini makúrani, hoo, aschimámayú ohohu . . .*

recem nesse makanari, sobretudo o morcego e o bagre pintado, fig. 91. A máscara que representa êste último é bem compreensível. O corpo é revestido por um traje trançado de capim grosso e duro; o indivíduo pode facilmente olhar através das malhas, e um pedaço comprido de cipó caracteriza os fios da barba do peixe. Para as restantes modalidades da dança serve, como fantasia, uma touca de palha, encobrindo tôda a cabeça e provida de longo manto de

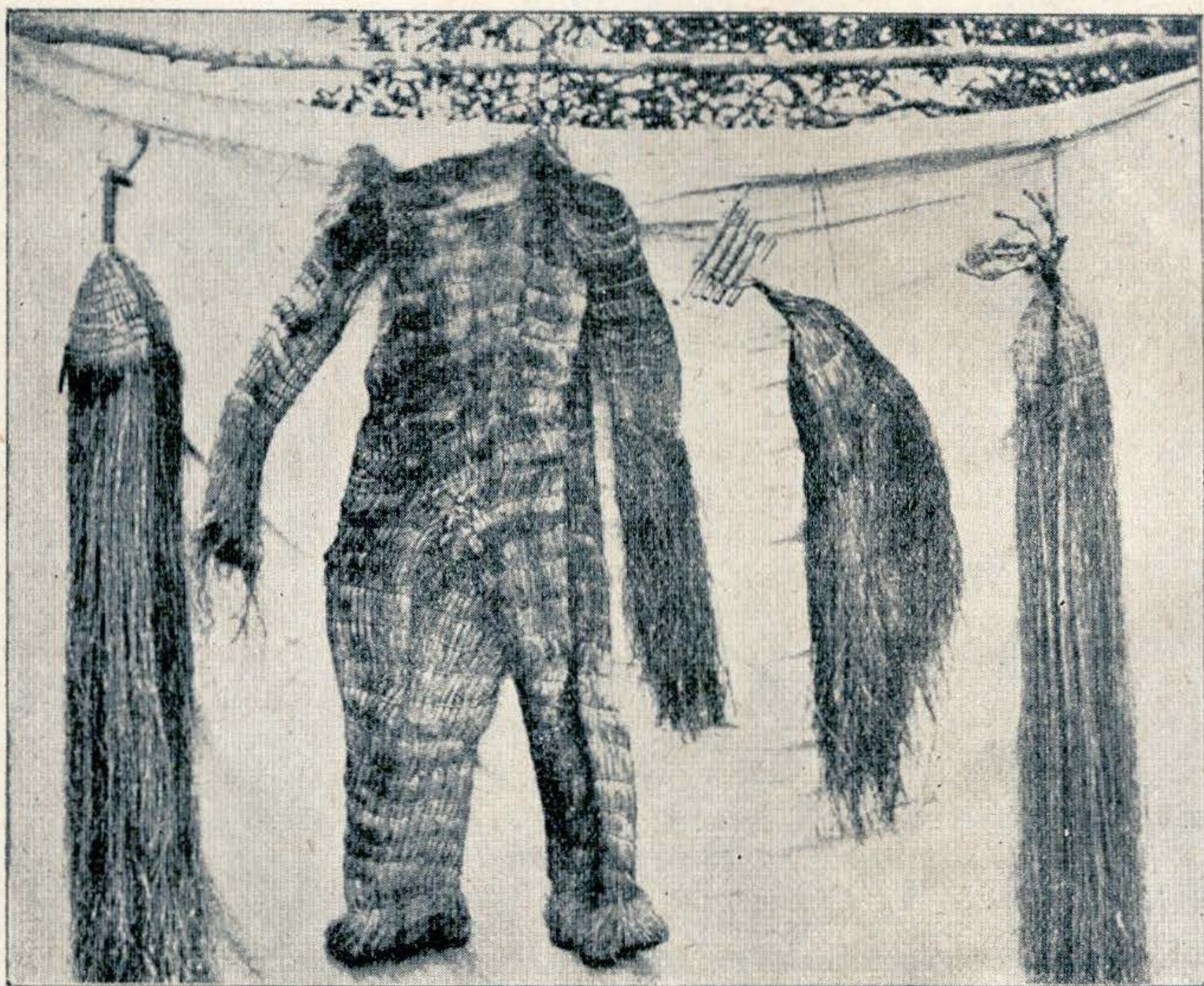


91 — Máscara de bagre —
Bakairí — 1/16

fibras, além de um traje trançado de fibras de burití, que já observamos no Batoví, em 1884. Toucas de palha sem haste são usadas pelo executor do *semímo*, i. é, da dança do morcego; o imodo (fig. 92, à esquerda) tem, na touca, uma haste com um ou dois nós à maneira de botões, e o imeo (fig. 92, à direita) ostenta um feixe de hastes providas de botões. O imodo era também pendurado no rancho em forma de boneco de milho. Finalmente havia uma touca como cinco varetas de taquara entrançadas e dispostas à maneira de flautas de Pan; dava-se-lhe o nome

de *enoschibiro*, que é o da madeira usada para as flautas. A máscara representa uma ave cujo canto lembra sons de flauta e que não pude determinar. Eis as dimensões desta touca: comprimento total: 86 cm., toucado: 11,5 cm., touca propriamente dita: 22,5 cm., guarnição de fibras: 52 cm.

E' muito curiosa a almilha de burití da dança imeo; tem mangas e calças providas de franjas (fig. 92). Encontrámos também mangas isoladas, que são usadas em combinação com o manto de palha solto. Para vestir o traje, serve-se da abertura da gola,



92 — Makanari dos bakairí — Imodo — Imeo — Enoschibiro — Imeo

de 1 1/4 m. de largura e provida de um cordel para fechá-la. Os Bakairí procuravam vestir camisas européias pelo mesmo método. Entre as pernas das calças há uma abertura que se fecha por meio de uma corda fina. Se a nossa indumentária deve a sua

origem ao pudor, o Bakairí seguiu um caminho diferente ou deveria ser considerado malicioso, satírico, pois em alguns exemplares pendurou externamente um penis formado de um pedacinho de espiga de milho e testículos trançados de palha. Espontaneamente vem-nos à idéia de que com tal traje o índio nos quer apresentar um indivíduo humano. Entretanto não é necessário recorrer a esta explicação, pois o índio, por sua vez, acha evidente que o animal representado apareça e atue com tôdas as qualidades humanas; por isso também as máscaras que representam os rostos dos animais se distinguem por feições humanas.

Imiga é a denominação dada à dança do Batoví cujos adornos encontramos, em 1884, na casa das flautas da segunda aldeia Bakairí. (Ver "Durch Centralbrasilien" p. 170). Além de cuias pintadas, com a superfície colada de penas e uma abertura em baixo deixando aparecer figuras de aves entalhadas, havia aí a pele preparada duma raposa do campo e de uma lontra, uma armação de hastes em que pousavam sanhaços entre pequenos flocos de algodão, largatos trançados de palha, bem como dois pedaços de madeira, pintados de preto e branco e com forma de sabre, representando cascavéis. Todos êsses objetos, exceto as cuias esféricas, com o recorte circular, eram munidos de funís de palha para serem colocados na cabeça. Além disso: chocalhos de cuias e guizos para os pés.

Obtive em Maigeri uma máscara ovalada, trançada com malha de rêde, e ostentando uma barba de fibras de burití, uma corrente de conchas *orthalicus* e um capuz com largas malhas reticulares orlado de penas de mutum. No terço superior, onde há uma lista branca, sendo o restante pintado de vermelho e pontilhado de preto, observam-se os dois olhos representados por aneis de palha. No bordo, acima dos olhos, encontra-se o nariz, com forma de língua e orlado com uma faixa de palha. Os dois terços inferiores têm um fundo branco de barro, coberto artisticamente com o motivo de mereschu. O mais notável é, porém, a figura de um peixe piava, *toníschi*, situada no prolongamento da faixa medial do rosto, no meio do desenho de mereschus. A êsse peixe refere-se certamente também o pontilhado perto da parte superior.

Adquirimos oito máscaras de madeira, tôdas com pintura preta, vermelha e na maioria também branca. São pesadas e chatas pranchas de madeira, trabalhadas a machado de pedra, e com a frente muito saliente. O nariz é enorme, de forma humana e entalhado na mesma peça. A boca é formada de uma dentadura de piranha fixada com cera. Os olhos são representados por pequenos orifícios enfeitados com pedacinhos de madrepérola, ou,

como se observa em duas das máscaras, por conchas do rio, furadas no meio. Nas pranchas de madeira são fixados capuzes trançados, dos quais pende, como sempre, longa guarnição de fibras. Os Bakairí costumavam enfiar, no lugar correspondente às ore-



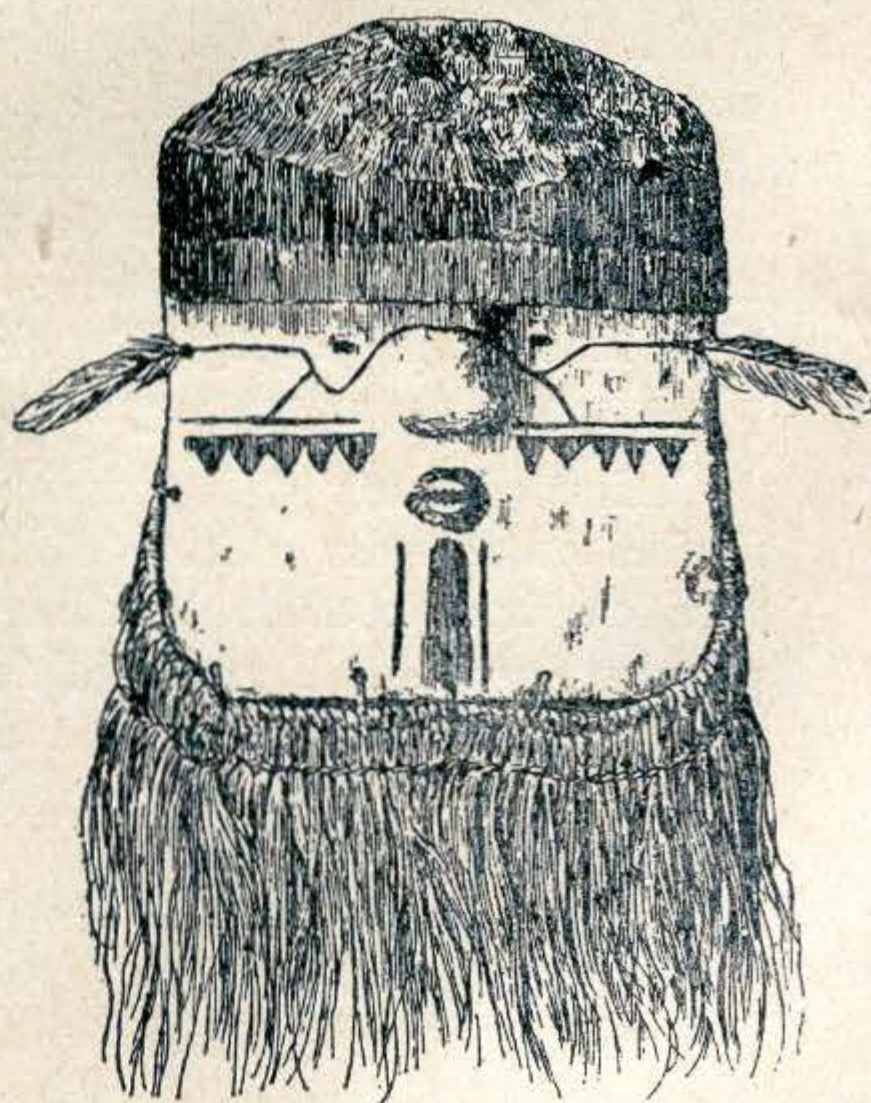
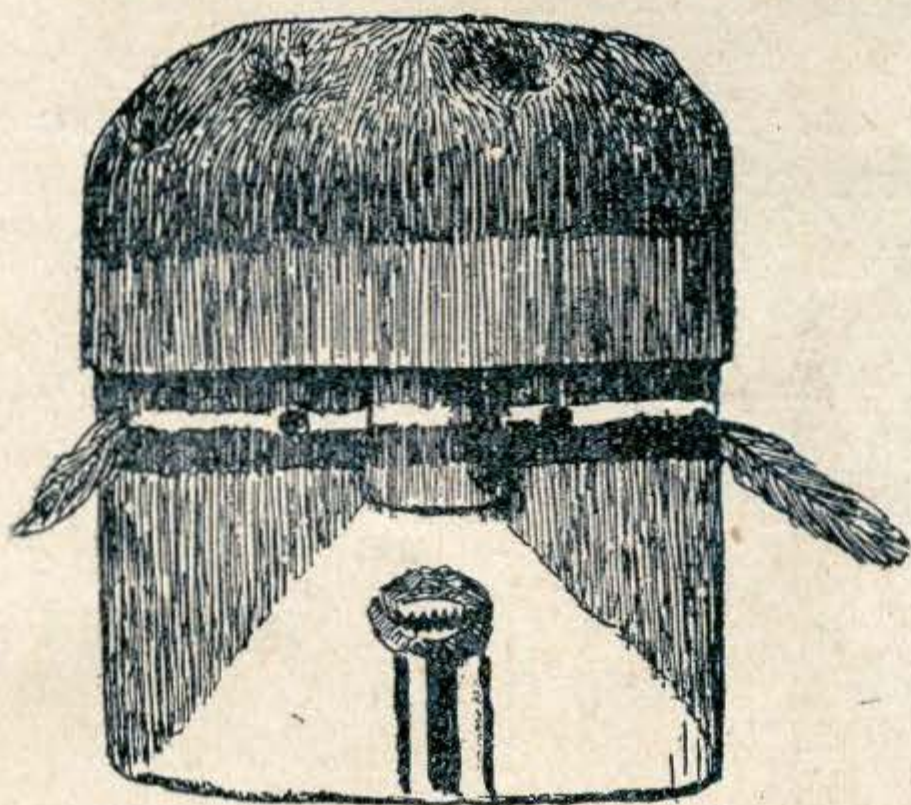
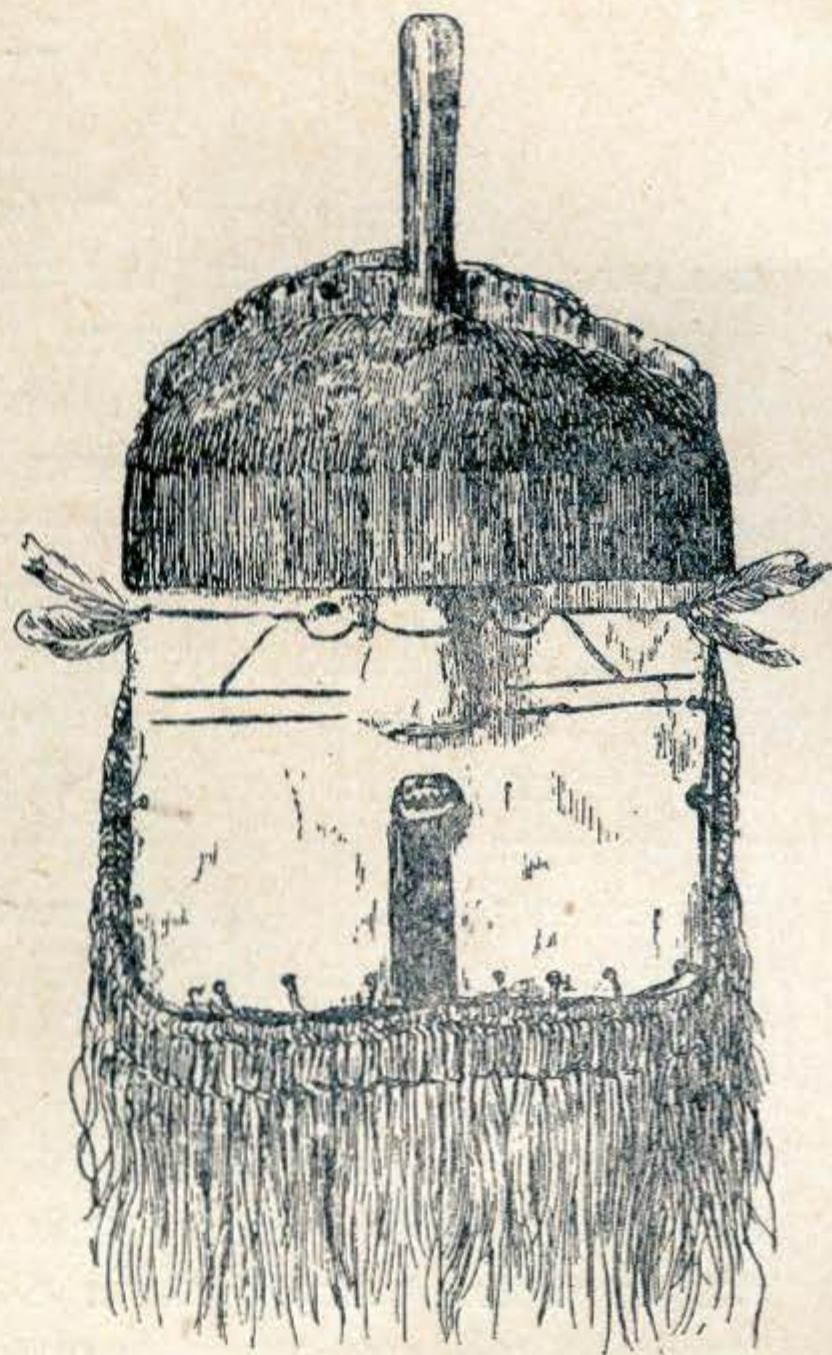
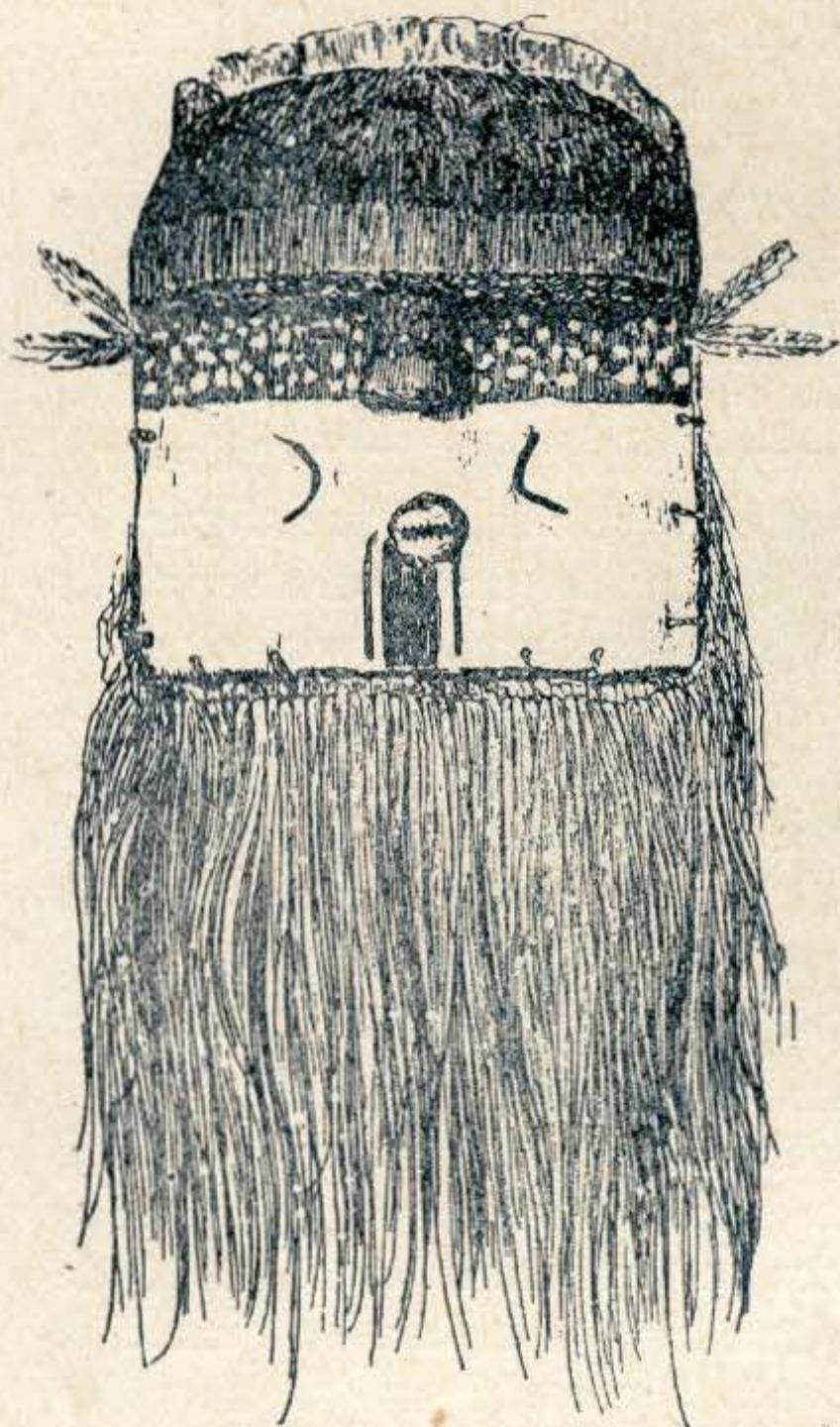
93 — Máscara de trançado de rêde com motivos de piava — Bakairí — 1/10

lhas, duas lindas penas amarelas de japú (*Cassicus*), por êles mesmos usadas como uma espécie de distintivo tribal. Essas penas observam-se também no homem representado na figura 90 e que ostenta a fantasia com a touca do imeo.

Seis das máscaras nos foram explicadas como aves. Uma máscara, fig. 94; representa uma pomba, *papaduri*; outra, uma gai-vota, *kakaya*, fig. 44; uma terceira apresenta-nos pequena ave desconhecida, *alapübe*, que, segundo os índios, vive perto das lagoas, fig. 95; uma quarta, representando um galo silvestre, *arakuma*, distingue-se por uma haste de madeira que figura o adorno capital da ave, 96; duas outras, finalmente, caracterizadas por um ornamento zigzagueante preto em uma e vermelho na outra, são *türwetürwes*, aves canoras com cabeça branca e desenho vermelho nos ombros (fig. 97). Dentre tôdas essas máscaras representativas de aves, a da gaivota (v. fig. 44) é a única que ostenta o desenho do mereschu, e pode-se admitir muito bem que êste serve para figurar uma ave aquática piscívora, pois o mereschu não está representado dentro da rêde, mais isoladamente.

As duas máscaras mais bonitas eram chamadas *yakuá-ikúto*, i. é, imagem da piranha. Têm pintura facial vermelha. Num dos exemplares vemos dois triângulos vermelhos cujas pontas se tocam entre o nariz e a boca, e dos quais cada um é de tamanho tal que ocupa a quarta parte da superfície da prancha. (V fig. 12). Essa pintura representa a piranha maior daquelas águas, chamada papo-amarelo pelos brasileiros em razão do belo alaranjado que a adorna. Os olhos são conchas perfuradas. O enfeite mais bonito dessas duas máscaras é, porém, constituído por enormes penas de arara, que, enfiadas no septo nasal prolongado, se distendem muito, para a direita e para a esquerda. Estão embutidas num pedacinho de bambú ornado de borlas. Os índios não têm a preocupação de dar ao animal representado a respectiva fisionomia zoológica, pois até lhe perfuram e ornam com plumas o septo nasal, segundo seu próprio costume.

Encontrámos dois admiráveis trajes de dança na casa de flautas da terceira aldeia de Bakairí. Entretanto só um dêles estava em bom estado. Chama-se *kualóhe* e tinha o aspecto dum pequeno rancho. Êsse traje de palha parecia realmente uma casinha, e é manifestamente em atenção ao telhado de palha que os Bakairí dão o nome de “casas” às suas fantasias de dança, inclusive à almilha de burití munida de calças e mangas. E’ verdade que, aplicada às nossas camisas de lã e calças de pano, a expressão se tornava inexplicável. O monstrengo era demasiadamente pesado para que o levássemos; sua amplitude inferior media quase dez metros. A construção era a duma enorme crinolina com cinco aros fortes cobertos de palha; carregavam-no, porém, ao ombro com duas alças de imbirá prêsas ao aro superior. Um dos índios fêz-nos o obséquio de entrar nessa “casa”; pôs na cabeça



94 — Pomba — Papadüri — Bakairí 1/6

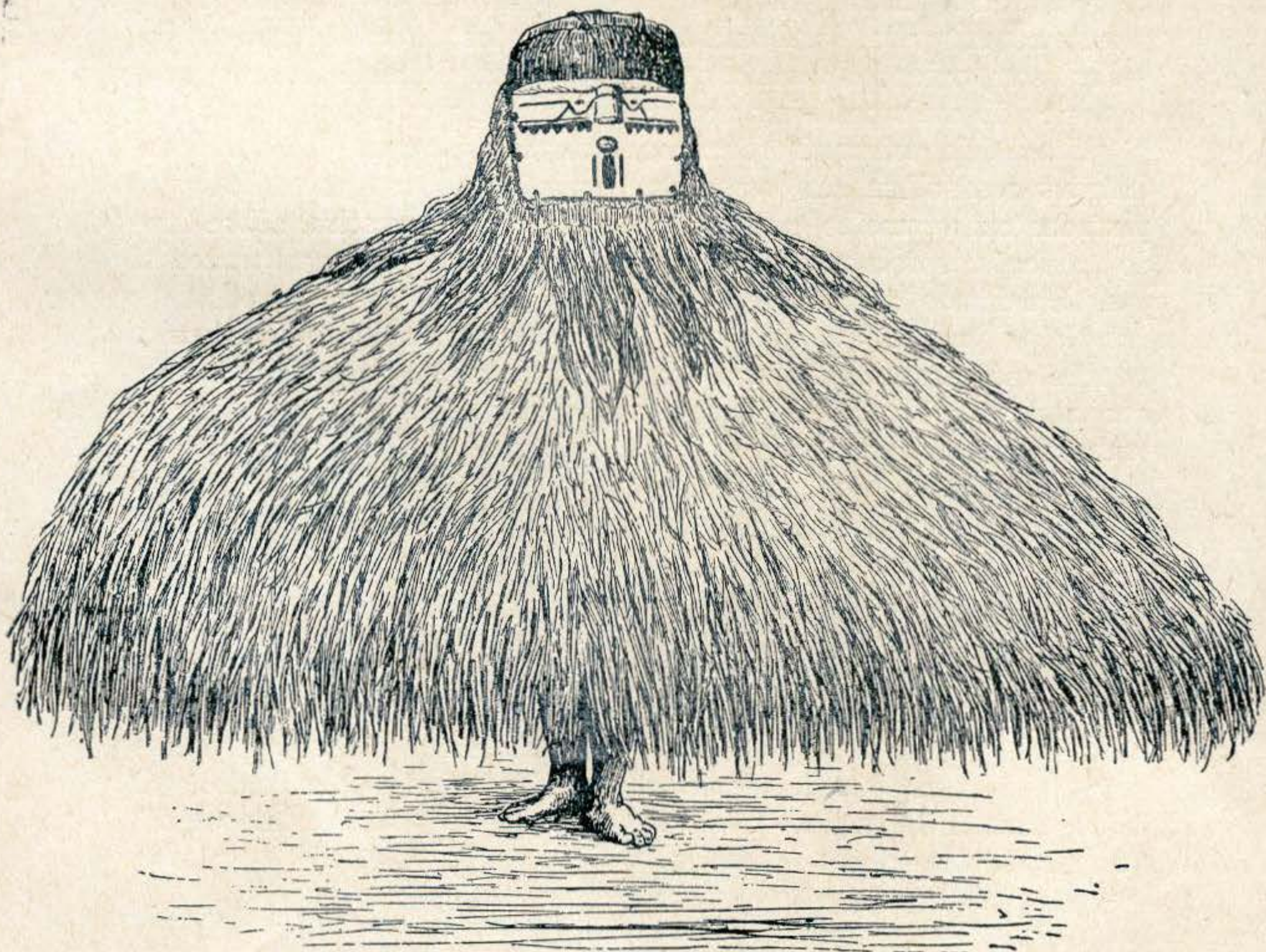
95 — Ave — Alapübe — Bakairí 1/5

96 — Galo Silvestre — Bakairí 1/5

97 — Ave — Tüwetüwe — Bakairí 1/6

a máscara *tüwetüwe* e entregou-se a movimentos giratórios e balouçantes. Em acompanhamento ao *kualóhe* toca-se tambor na árvore ôca que jaz diante do rancho de festas. “Não é *makani*” dizem os Bakairí. Não sei si com isso querem significar que se trata de uma dança de proveniência estranha. Não posso, também, decidir se tem alguma relação com o peixe *kurimatá* (*Salmo curimata*), em bakairí *koálu*. Em todo caso não pertence a essa dança a máscara *tüwetüwe*, empregada pelo índio que nô-la apresentou, mas sim uma esteira com feição de peneira e chamada *kuábi* que se colocava diante do rosto e era formada de varetas ligadas entre si e ornada com plumas. Esta máscara de vime ou *kuábi*, estava, porém, em pedaços que se viam espalhados pelo chão.

Nahuquá. Na segunda parte do capítulo VI já descreví a dança *eremo* que nos foi demonstrada pelos Nahuquá e na qual também tomou parte uma mulher. A prancha 7 reproduz muito bem o pequeno espetáculo. A pantomima dos dançarinos que, as rédes diante do rosto, caminhavam um ao encontro do outro em



posição muito inclinada, batendo, compassadamente, seus ramos verdes contra os dos parceiros, representava a pesca nas grades colocadas no rio ou em semelhantes pontos barrados; os peixes são tocados para a saída estreita, entrando nas rêdes que ali os esperam. Falei igualmente, na mesma ocasião, sôbre a grande dança circular a que se dava o nome de *amakakatí*; nela, manifestamente, o chocalho de cuia, muito estimado pelos Nahuquá, desempenhava um papel de grande importância.

Não são nada vistosas as máscaras que a muito custo conseguimos obter. Mas deve-se considerar que visitamos uma única aldeia de Nahuquá, e que a massa principal d'este povo mora a algumas jornadas para leste, no Kuluêne, onde as danças e mascaradas, se compreendemos bem as indicações que nos deram, devem ser muito freqüentes. Suspeito é o fato de os Nahuquá rão terem, para a máscara, outra denominação senão a palavra tupí *yakuikáto*. Encontrámos também entre elles, como na terceira aldeia bakairí, algumas máscaras trançadas à maneira dos filtros de mandioca. Mas como a festa fôra feita já algum tempo antes da nossa vinda, infelizmente estas grades de vime estavam jogadas, sem cuidado, num canto, e de tal modo amassadas e pisadas que não mais pudémos aproveitar os seus restos miseráveis.

Da aldeia nahuquá trouxemos quatro máscaras. Três são enfeitadas com olhos em forma de feijão, tendo as partes do rosto pintadas em vermelho e preto, e o motivo do mereschu, sôbre fundo branco, nos dois terços inferiores da prancha. São mal trabalhadas. Havíamos pedido aos índies que nos fornecessem bonitos *yakuikáto* quando voltássemos. Foi nessa ocasião que recebemos as três máscaras de madeira pouco expressivas, das quais a mais bonita é a da fig. 99. E quase receamos que êstes produtos conttenham muita pouca originalidade nahuquá. Uma máscara pequena, fig. 100, que, em caminho, recebemos de um Guikurú-Nahuquá, era realmente original. Também esta fôra, se não talhada, pelo menos aprontada à pressa; o fundo de madeira, com sua côr natural, havia sido pintado sem emprêgo de argila branca. Até os olhos eram figurados simplesmente por pontos pretos. Trabalho tão mal acabado por certo nunca se teria usado em festas; sabendo que queríamos levar máscaras, forneciam-nos qualquer coisa feita ad hoc. A máscara da fig. 100 apresenta um losango preto em cada um dos campos laterais pontilhados. O velho Bakairí Paleko a quem mostrei, disse primeiro "morcego", mas depois classificou-a de "rosto de *yakuikati*".

Mehinakú. Os Mehinakú chamavam suas máscaras de *munotsí* ou *monotsí*. Entretanto os Kustenaú, bem como os Waurá e Yaulapiti, falavam também de máscaras *koahálu* que é o

têrmo auetö para máscaras trançadas. (Os Yaulapiti, por sua parte, referindo-se às máscaras de madeira, diziam *yakuikatú*, em vez de *munotsí*). Entre os Mehinakú havia somente máscaras pesadas de madeira, as quais, penduradas no rancho de festas, ao lado dum zunidor, tinham aspecto vistoso. Quanto à sua significação, só sei dizer que são empregadas numa dança do jacaré. Lembro também que ao lado da entrada do rancho de festas havia plasmadas em argila duas linguanas ou *Anolis*, camaleões conhecidos no Brasil geralmente pela denominação tupí de *sinimbú*.

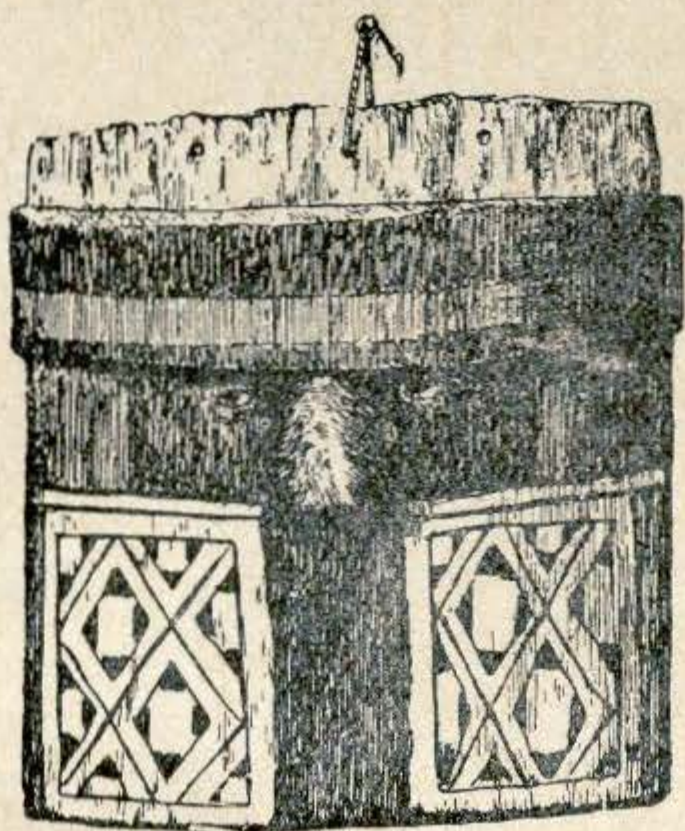


Fig. 99 — Máscara Nahuquá —
1/7

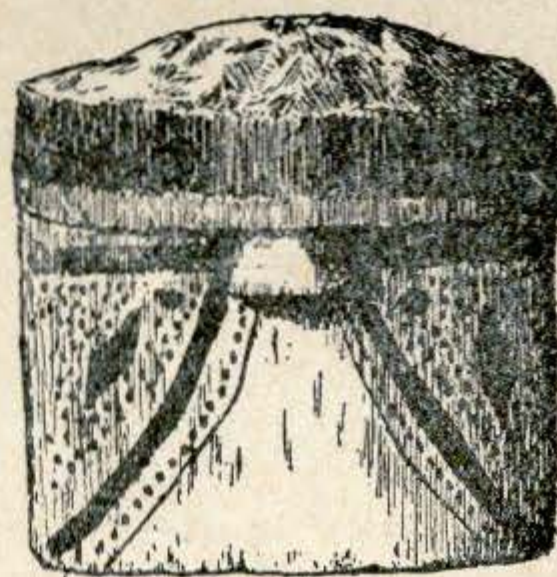


Fig. 100 — Máscara Guikurú. — 1/7

Escolhemos as oito máscaras mais bonitas e recebêmo-las sem dificuldade. Numa habitação descobrimos ainda um verdadeiro monstro. Não era muito mais largo que as outras máscaras, mas três vêzes mais comprido, atingindo ao umbigo de quem o usasse. A boca se encontra desproporcionadamente baixa, afastada do nariz numa distância que mede um e meio comprimentos dêste. À direita e à esquerda do nariz passa uma larga faixa transversal de côr vermelha. V. fig. 103.

Na maioria das máscaras observa-se o motivo do mereschu. A pintura da máscara gigante reduz-se a losangos, sem os cantos preenchidos, e entre êles, um cruzamento representando a rêde. Nas figuras reconhecem-se facilmente, pelo sombreado claro, as partes pintadas de vermelho.

Nenhuma máscara é igual a outra. Vemos várias com uma faixa-colar ou faixa mediana de côr vermelha abaixo do nariz; entretanto, na fig. 104 uma tem um pedaço de faixa transversal



Fig. 101 — Máscara Mehinakú
com fundo pintado de verme-
lho — 1/6

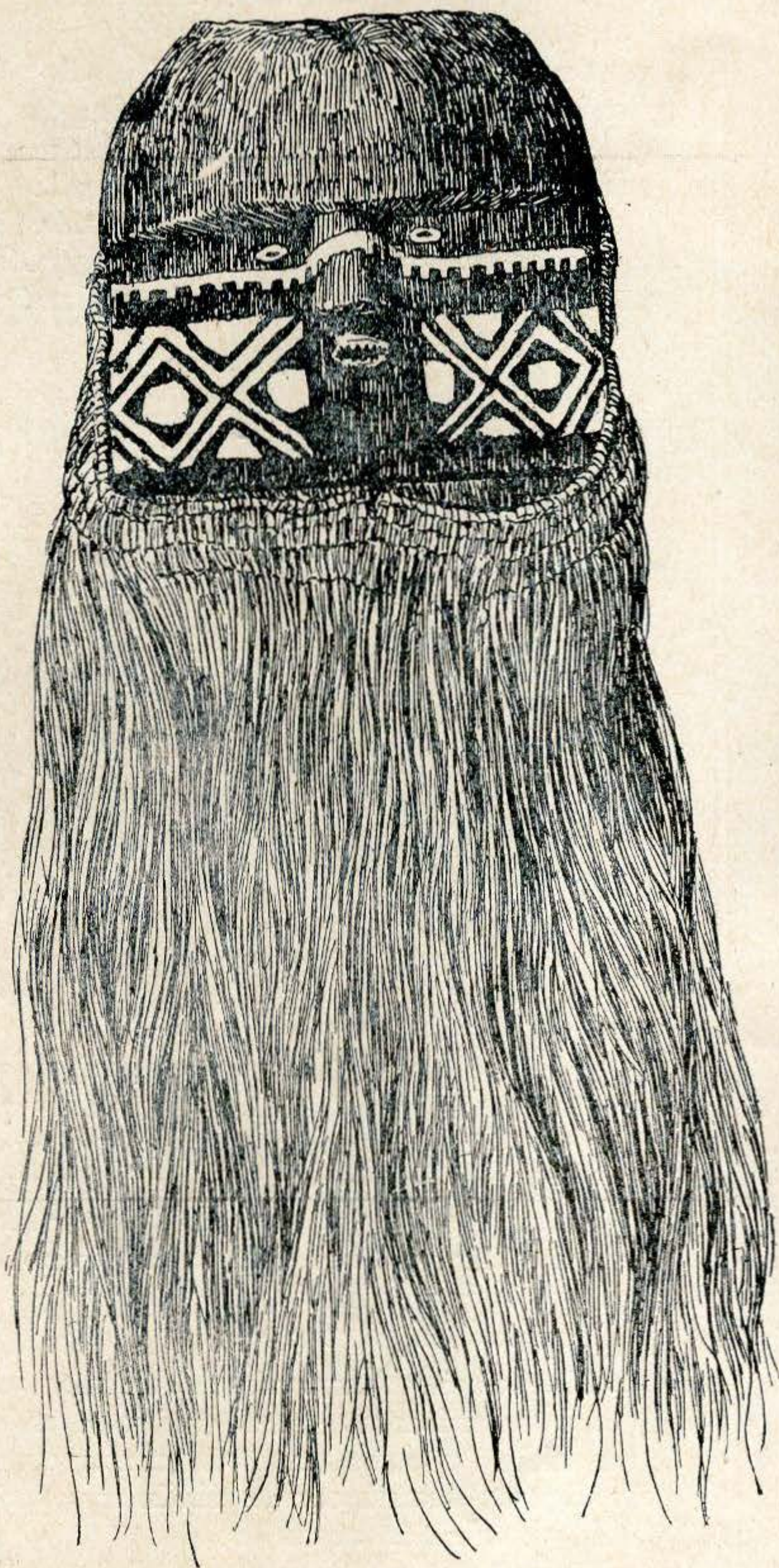


Fig. 102 — Máscara Mehinakú com
lista ameiada 1/6

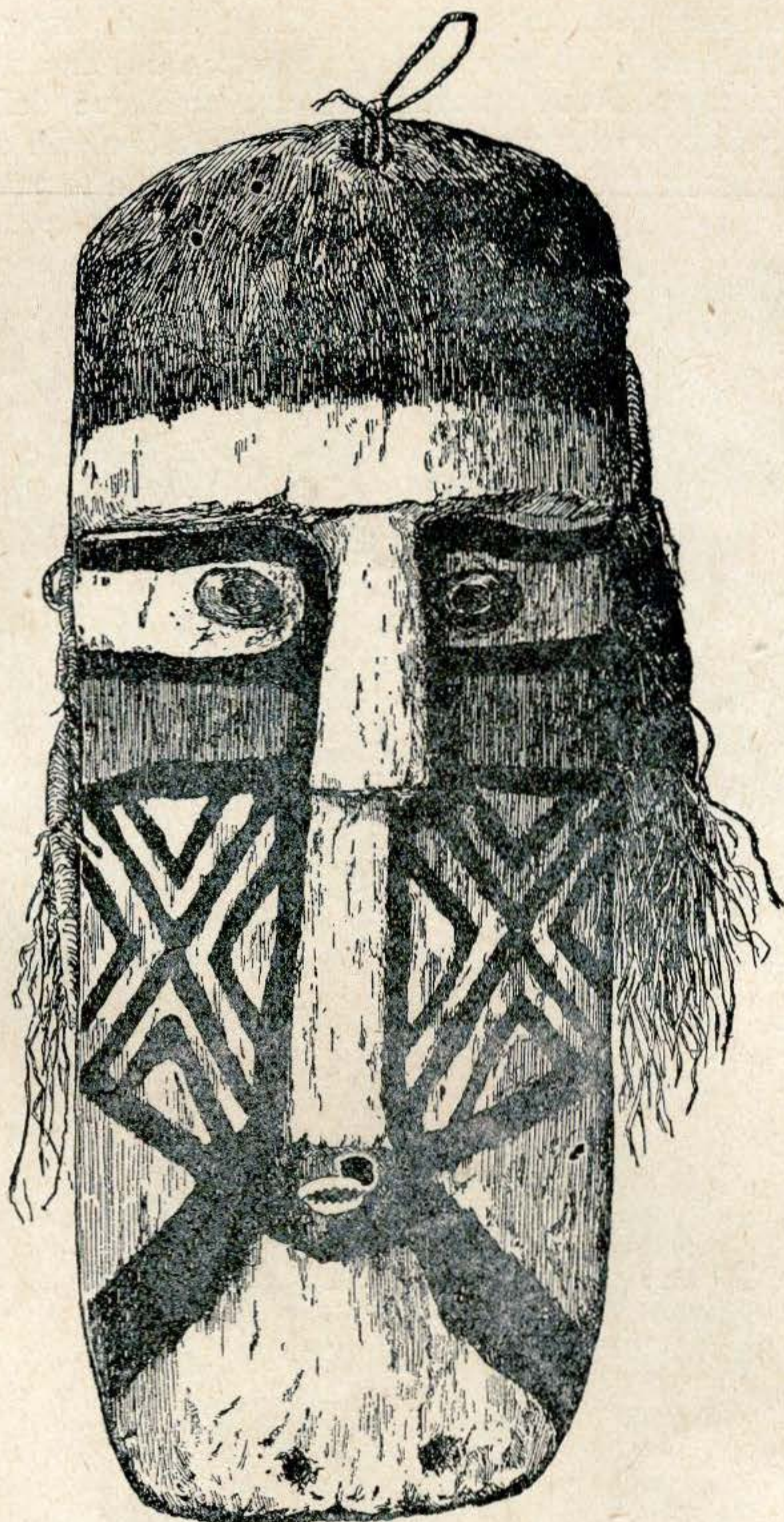


Fig. 103 — Grande máscara Mehinakú — 1/5

vermelha à direita, e a outra aparece com a parte lateral delimitada, para o centro, por uma faixa vermelha em foram de arco. Numa terceira (fig. 106) observa-se, à altura dos olhos, um campo marginal pintado de vermelho. Numa quarta (fig. 105) falta a

faixa central, havendo, em substituição, a metade de um mereschu com uma ponta entre a boca e o nariz; à direita e à esquerda desta máscara alvi-negra nota-se novamente um arco que delimita os campos laterais cobertos com o motivo do mereschu. A arcos semelhantes já nos referimos na descrição dos potes e tortuais. Cada

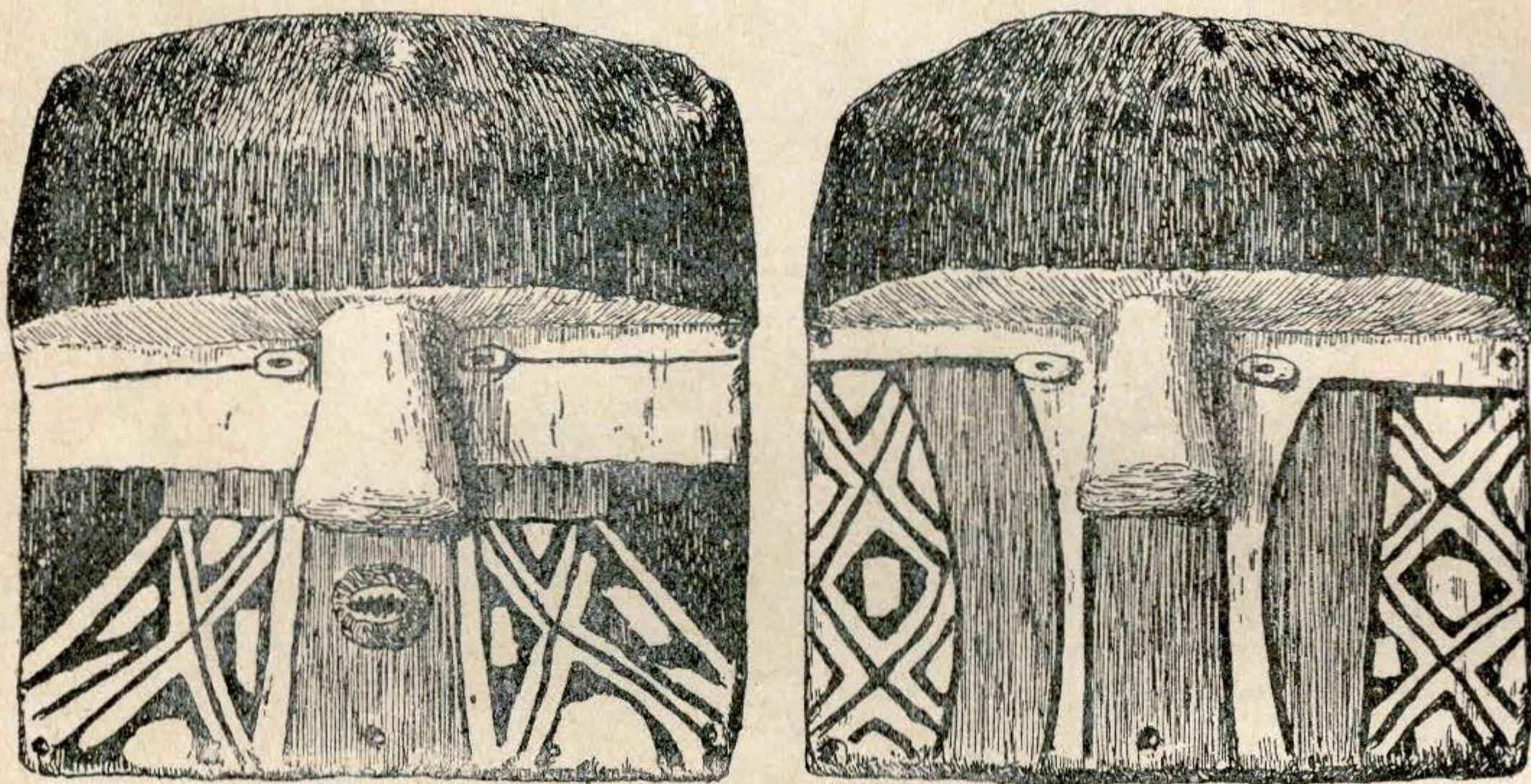


Fig. 104 — Máscaras de jacaré — Mehinakú 1/4 e 1/5

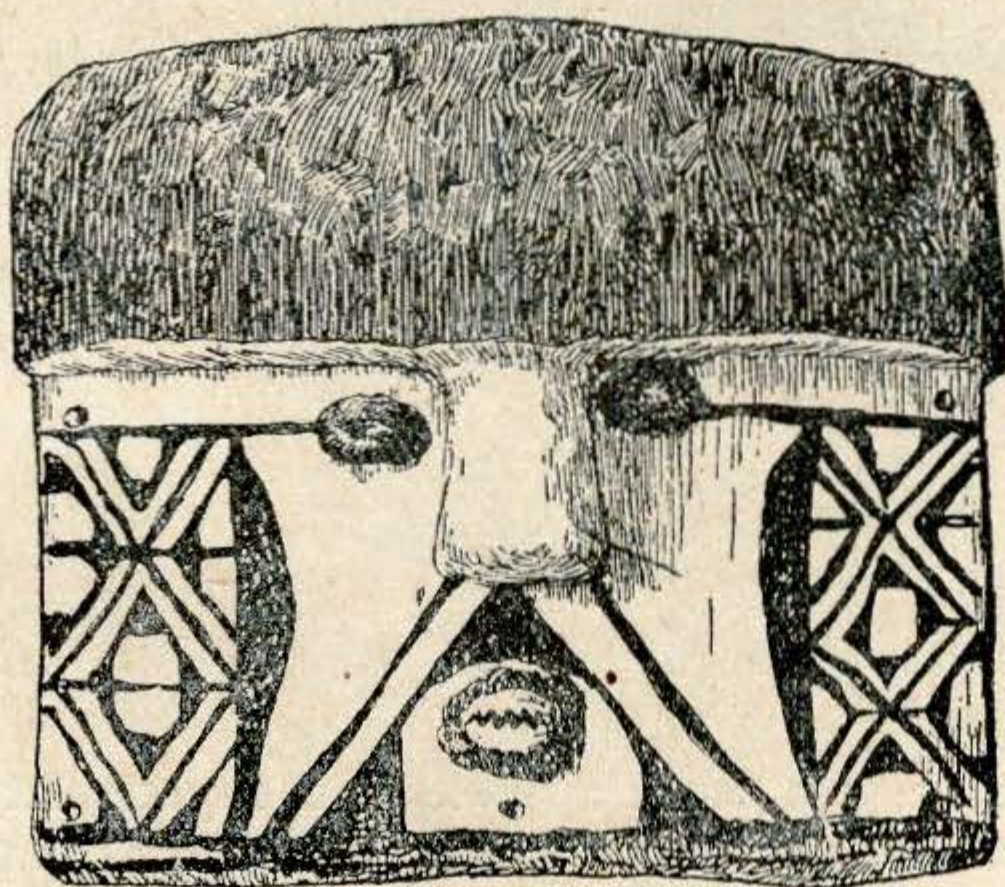


Fig. 105 — Máscara de jacaré — Mehinakú — 1/6

homem possuía sua máscara; reconhecia-a pelo desenho, o qual, desta forma, servia de sinal de propriedade ou porquê assim o desejassem ou porquê a pintura independente de cada indivíduo por si mesma se impusesse como sinal distintivo.

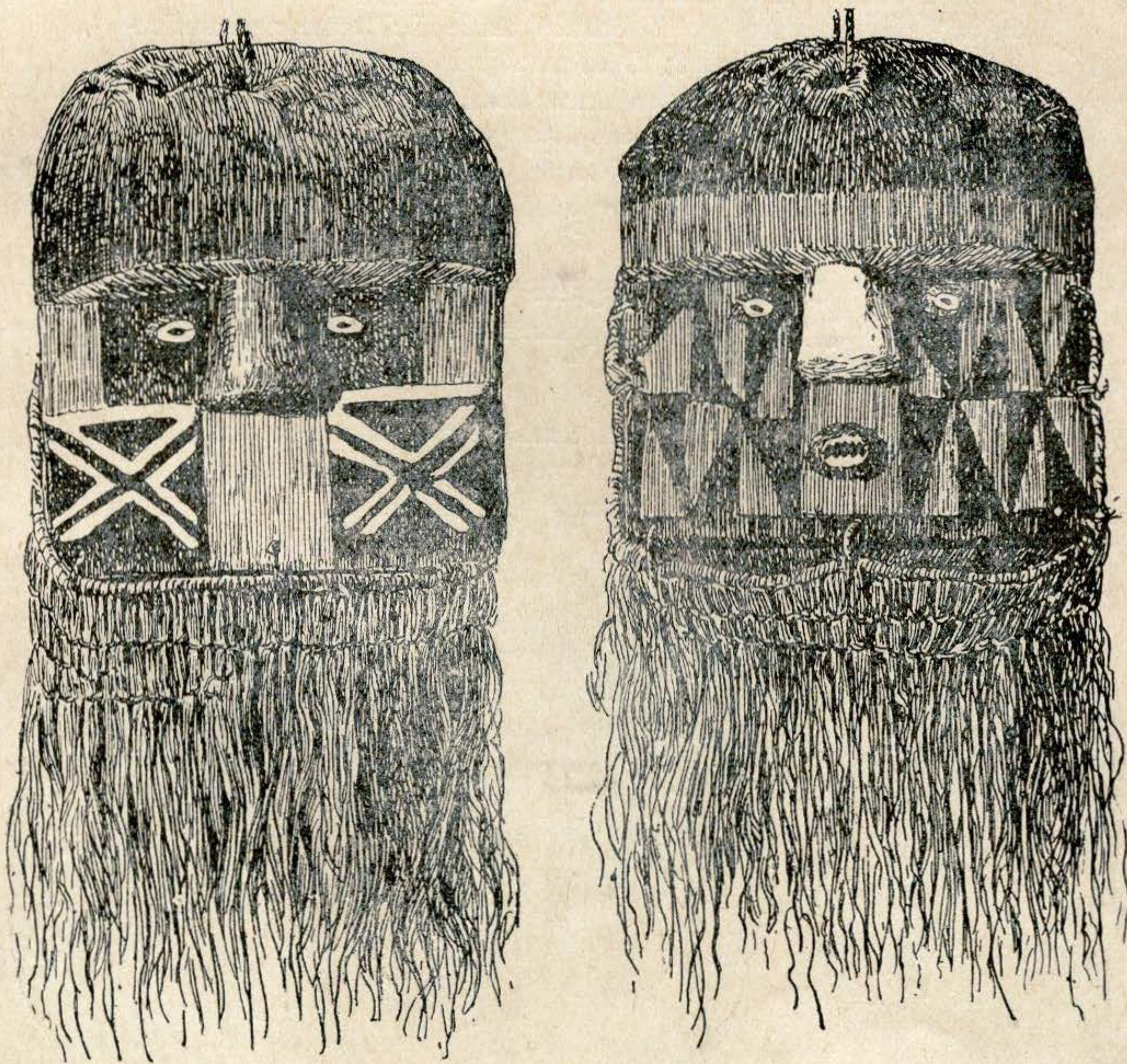


Fig. 106 — Máscaras de jacaré — Mehinakú — 1/4 e 1/5

Não sei dizer até que ponto seria permitido ver atributos do jacaré numa parte das pinturas. E' bastante sedutora, neste sentido, a lista ameiada que corre transversalmente pela máscara alvi-negra reproduzida com o grande capuz na fig. 102. Essa lista

poderia bem ser interpretada como placas humerais de jacaré, mormente porquê ocorre só em máscaras que representam êste animal. Amáscara da fig. 106, à direita, distingue-se, por duas séries de triângulos vermelhos muito agudos, dirigindo alternadamente a sua ponta para cima e para baixo. Quem viu os dentes de capivara trançados pelos Bakairí tende fàcilmente a classificá-los como dentes de jacaré; os da mandíbula superior e os da inferior encaixam-se de maneira semelhante. A máscara desenhada de perfil (fig. 101), com seus triângulos situados abaixo e ao lado dos olhos, lembra a da piranha, dos Bakairí (v. fig. 12), representando, por certo, igualmente, o desenho das faces e do pescoço de algum animal.

Auetö. Os Auetö distinguem duas espécies de máscaras: I *koahálu* e II *yakuíkatú*. As primeiras são de trançado e de tecido, as outras de madeira.

I. *Koahálu.* Dentre as máscaras de trançado e de tecido notam-se três muito curiosos, em que a cera é empregada de uma forma que não ocorre nas outras (fig. 107). A primeira e a

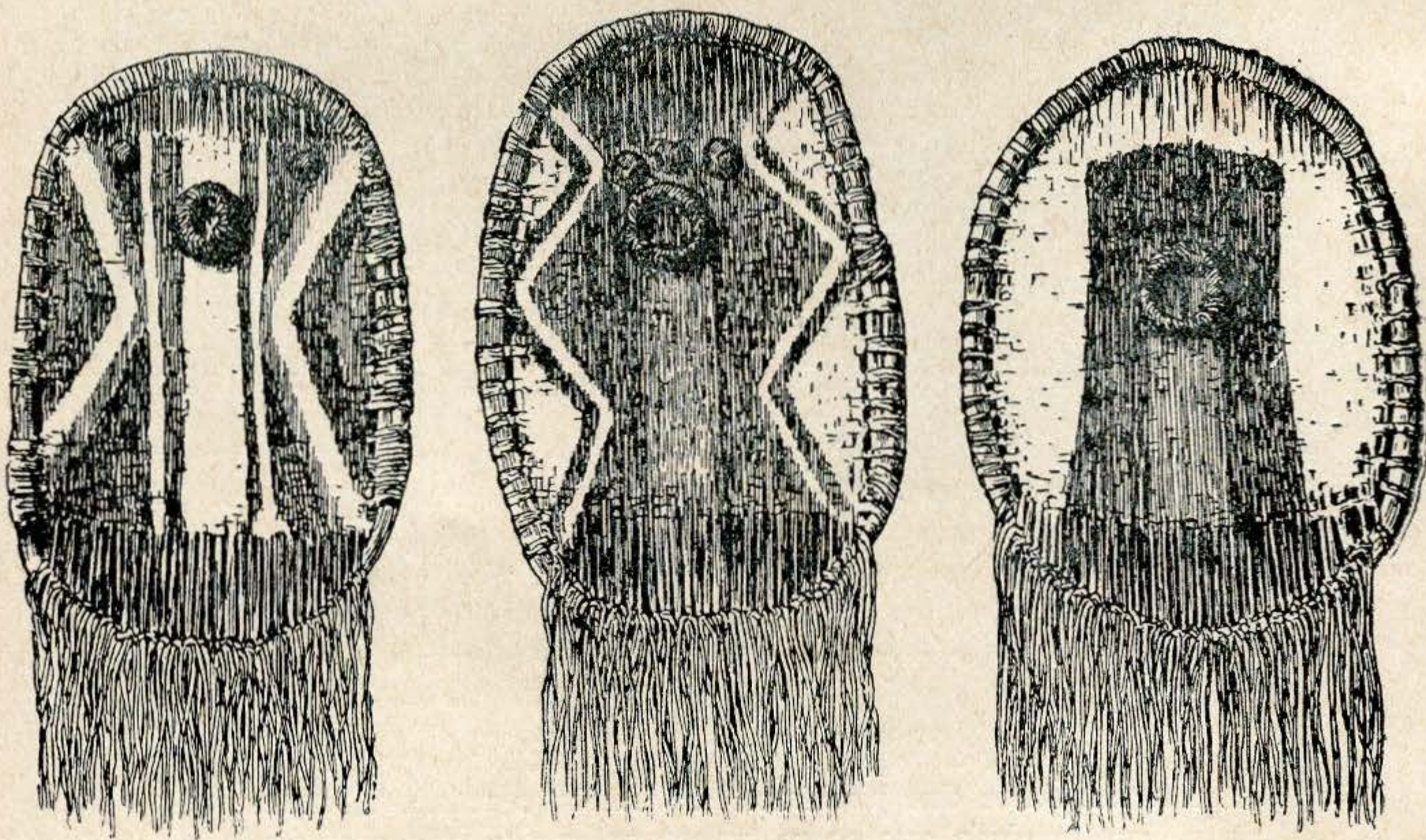


Fig. 107 — Máscaras Koakálu — Auetö — 1/6

segunda destas máscaras koahálu não são — como se pode ver retas de taquara do mesmo feitio e trabalhadas com a mesma técnica da esteira de malha em forma de peneira que observámos entre os Bakairí e os Nahuquá. Notável é também a maneira de se usarem as máscaras ovais de tecido e de trançado. E' que não claramente na fig. do centro — outra coisa senão grades de va-

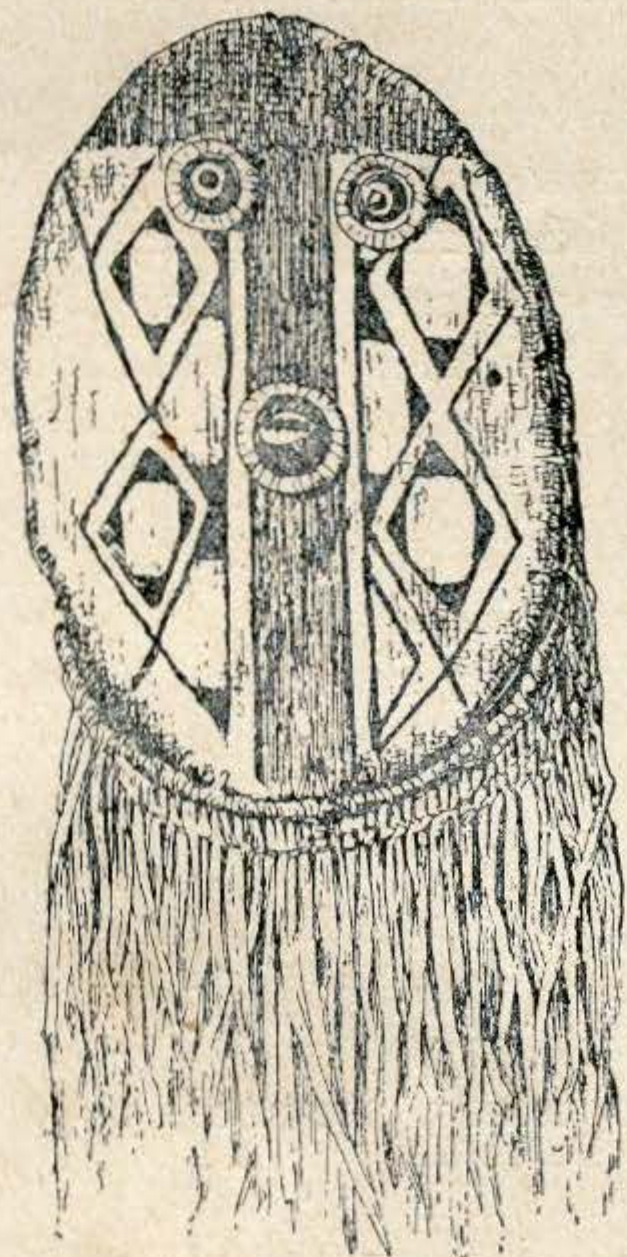


Fig. 108 — Máscara Koahálu
— Auetö — 1/6

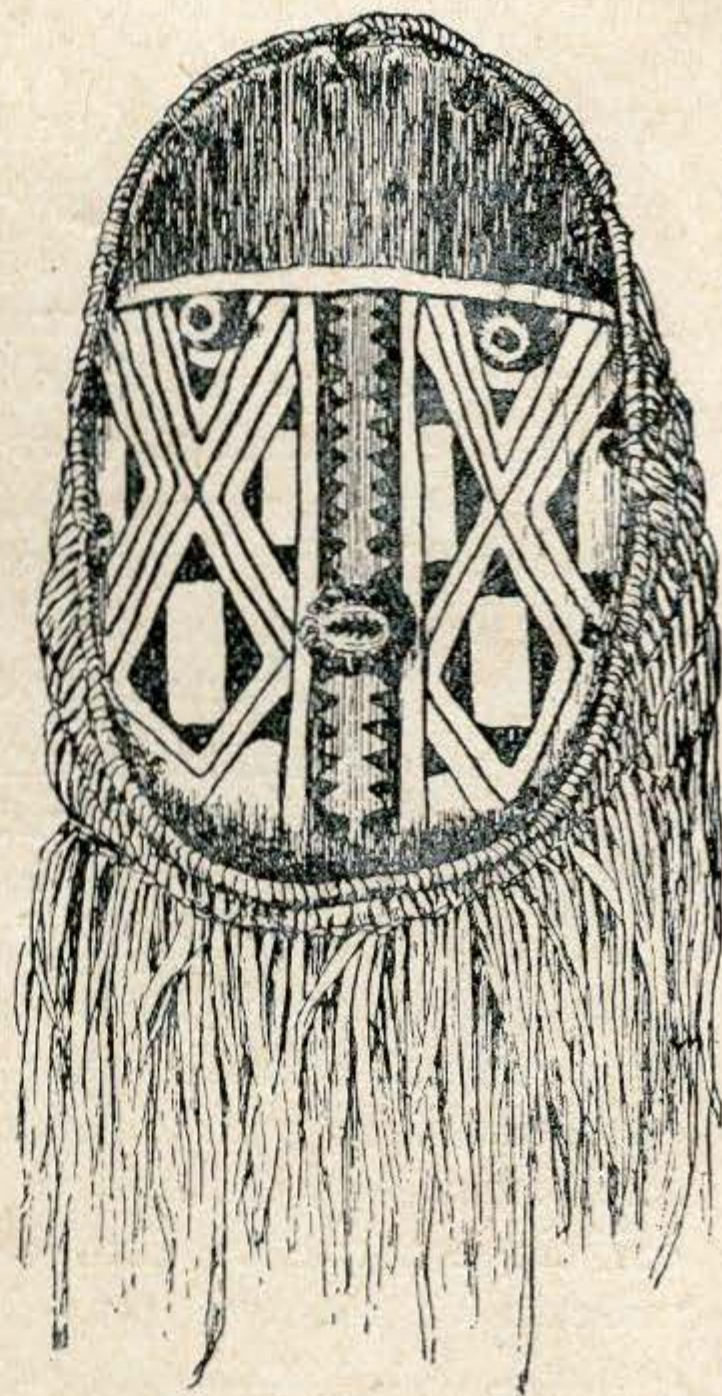


Fig. 109 — Máscara Koahálu
— Auetö — Prancha de madeira — 1/6

se colocam, absolutamente, diante do rosto como as nossas, mas dirigem-se obliquamente para cima, assentando sobre a parte frontal da cabeça e a testa do dançarino. Êste vê através da guarnição de palha trançada, prês a ao bordo inferior da máscara oval.

Das três máscaras cobertas com cera, fig. 107, a mais primitiva é a do centro. A grade de varetas é revestida de cera; nas porções laterais a camada é mais grossa, contendo os olhos figurados por dois botõezinhos brancos de algodão, providos originalmente de pupilas pretas de cera, que, porém, se perderam. O nariz, representado por uma grande bolota de cera, está situado

mais alto que os olhos. Na máscara à esquerda, recamada totalmente de cera, os olhos são representados por botõezinhos dêste material, assentando sôbre pedacinhos de madrepérula. Triângulos faciais vermelhos e uma faixa mediana da mesma côr são cercados por linhas brancas bem contrastadas. E' muito exagerada a distância dos olhos que estão mais próximos dos bordos que a linha mediana; o nariz está bem alto, tendo um botão de cera de cada lado. Nas três máscaras revestidas de cera falta a bôca, o que, entretanto, pode ser casual, pois as levámos no estado em que as encontrámos nas cabanas.

A mais interessante é a máscara da direita, fig. 107. No aro distende-se um pano de malha estreita com a parte superior descoberta. Entre as duas faces de cera há uma parte central pintada de vermelho, e os olhos, situados nos seus bordos, são pequeníssimos anéis ovalados. A metade inferior da máscara contém as guelras representandas por uma ramificação em forma de pluma ou de árvore. Para baixo pende uma cauda de algodão de 3/4 m. de comprimento com um pedaço de cera colado no topo.

Além das máscaras recamadas de cera, havia, para a dança *koahálu*, outras com segmento frontal preto ou vermelho, faixa mediana e motivo mereschu, fig. 108. Veja-se igualmente a da fig. 46. Anéis de taquara circundam os olhos de cera (com plaquinha de madrepérula), bem como a bôca de cera com os dentes de piranha. Uma máscara completamente análoga, fig. 109, é constituída, de maneira interessante, por uma prancha de madeira com forma oval como o aro das máscaras de trançado, e orlada de orifício em que se fixa o capuz. Assim temos, portanto, uma máscara de madeira em que ainda se observa exatamente a apresentação e a forma das de trançado.

Procurei descobrir, com auxílio dos Bakairí, o sentido da dança *koahálu*, mas conseguí saber sômente que se tratava dum peixe ou de peixes. Disseram os Bakairí que a máscara correspondia ao *kuábi*, por êles mesmos usado, na terceira aldeia, para a dança *kualóhe*. Isso não me leva, entretanto, a procurar alguma relação entre *koaálu* e *kualóhe*, pois são palavras diferentes, — menos ainda porquê entre os Auetö ouvi também as formas *koahahálu*, *koahahaluté* e, referida aos Kamayurá, *koaháhi*. Em todo caso, *koahálu*, em seu emprêgo geral, só designa o canto que acompanha a dança do peixe, sendo comparada, pelos Auetö, ao *maraká* dos Kamayurá.

O cacique auetö demonstrou-nos a dança tomando um arco e uma flecha, colocando, da forma descrita, a máscara na cabeça, caminhando para um e outro lado e cantando com voz bem clara:

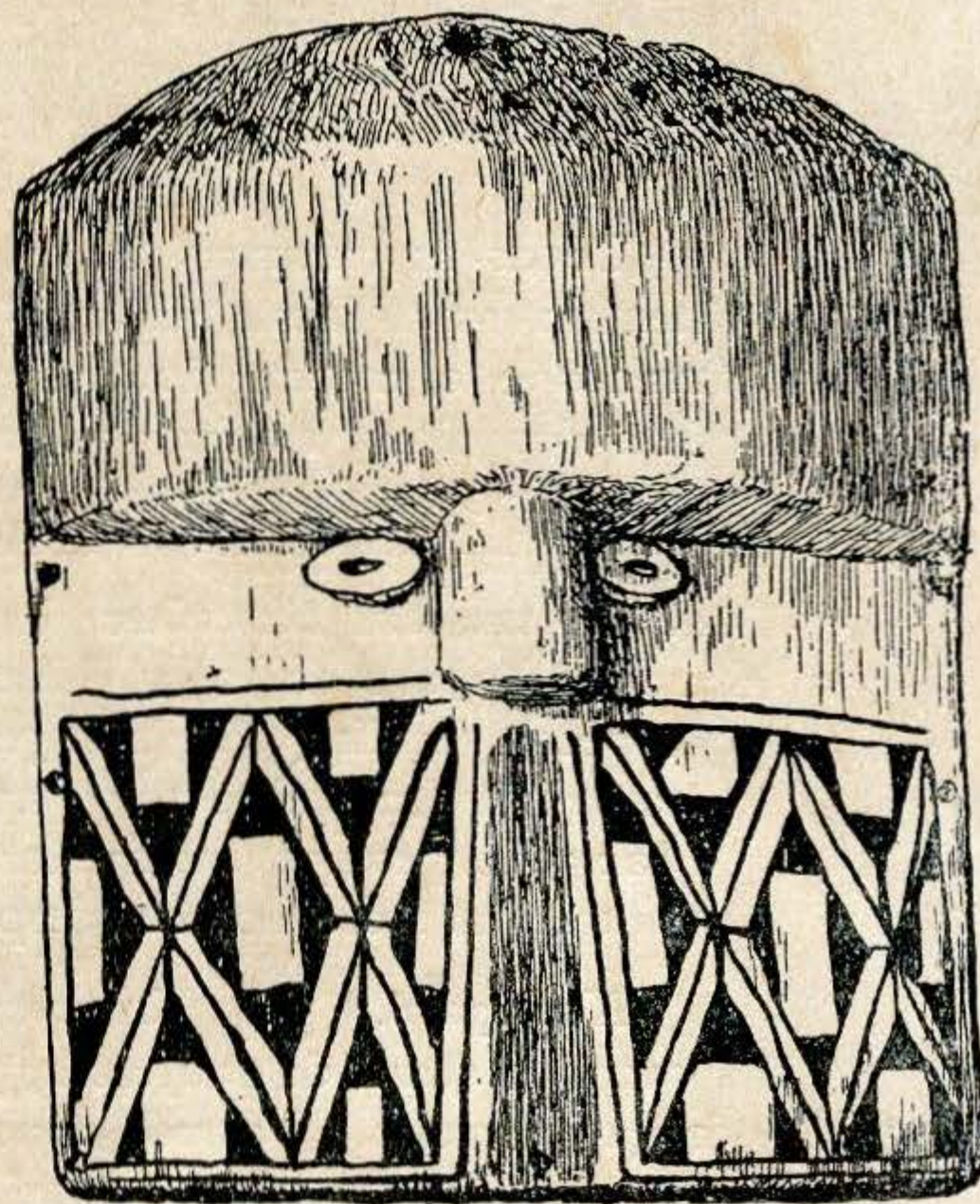
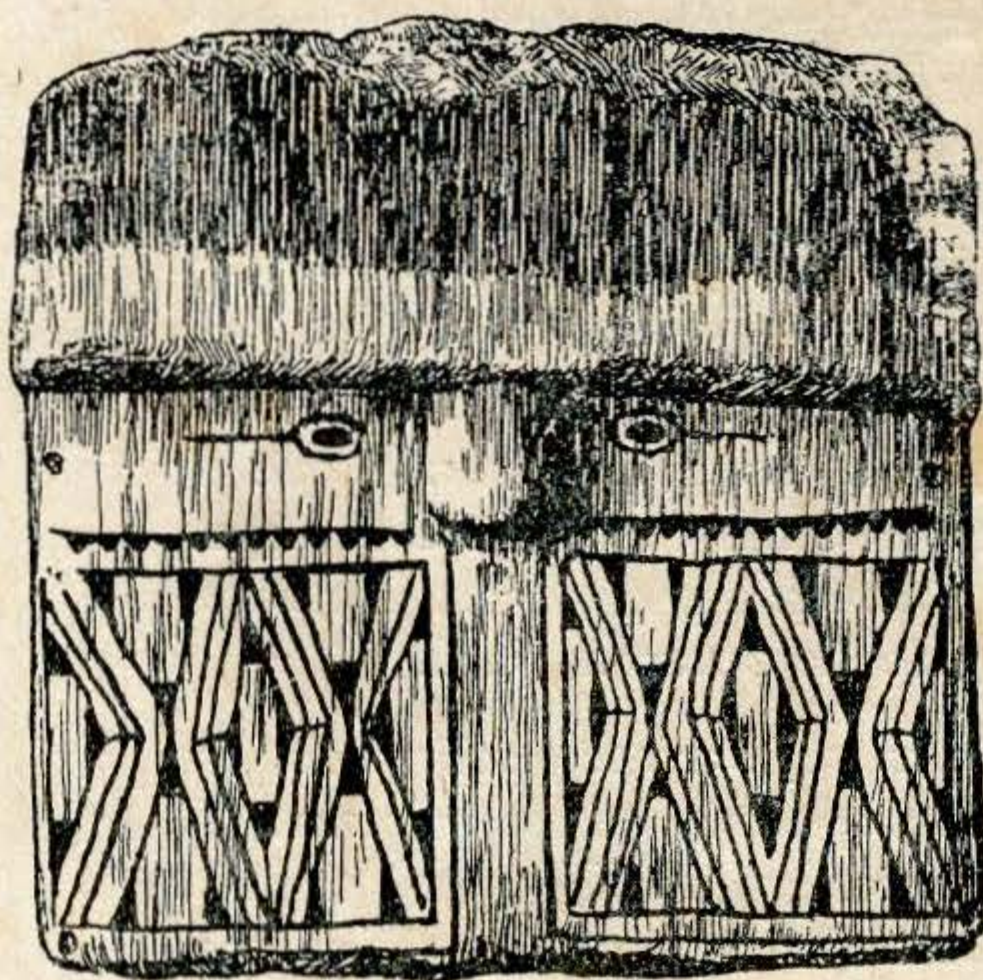
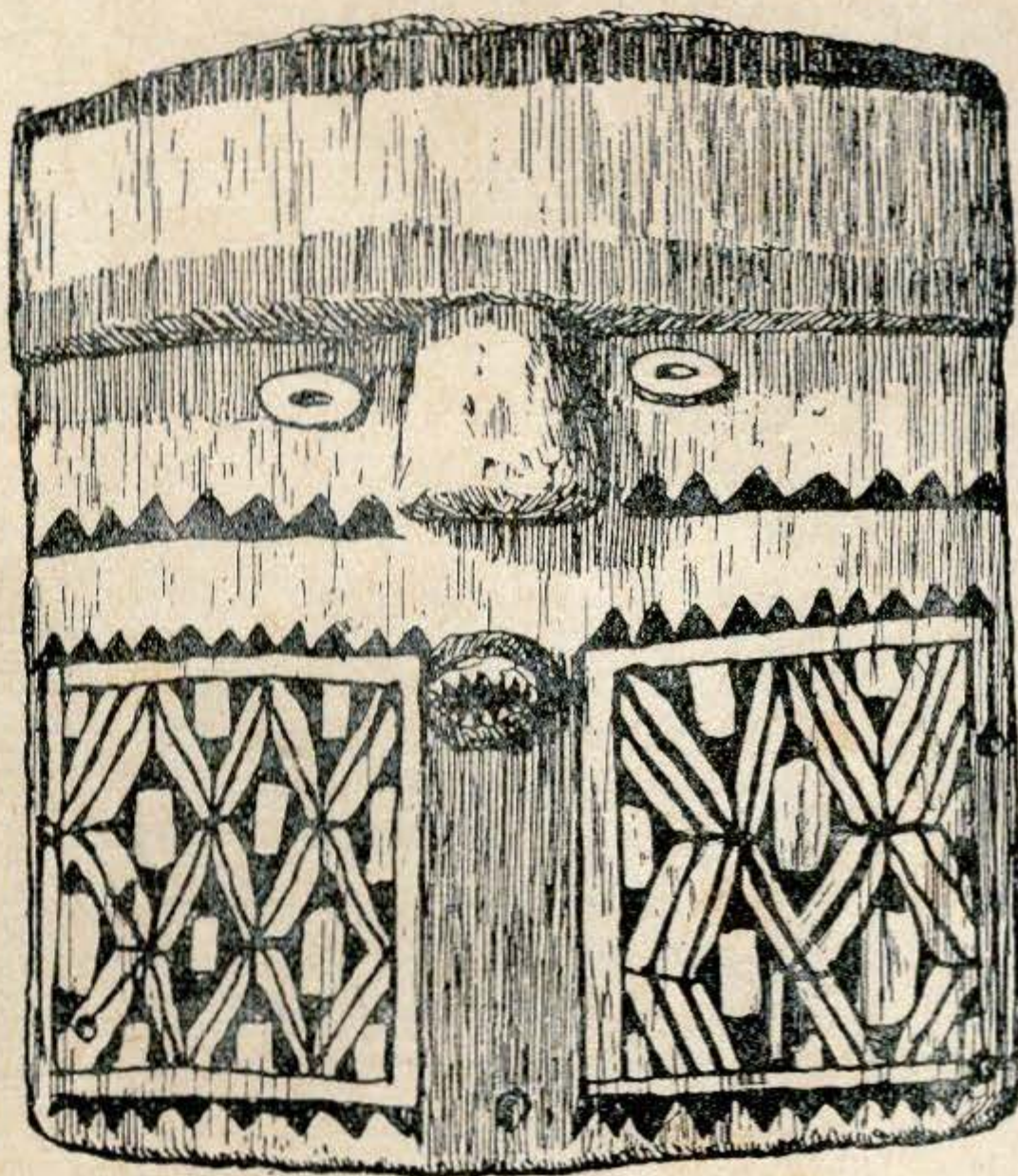
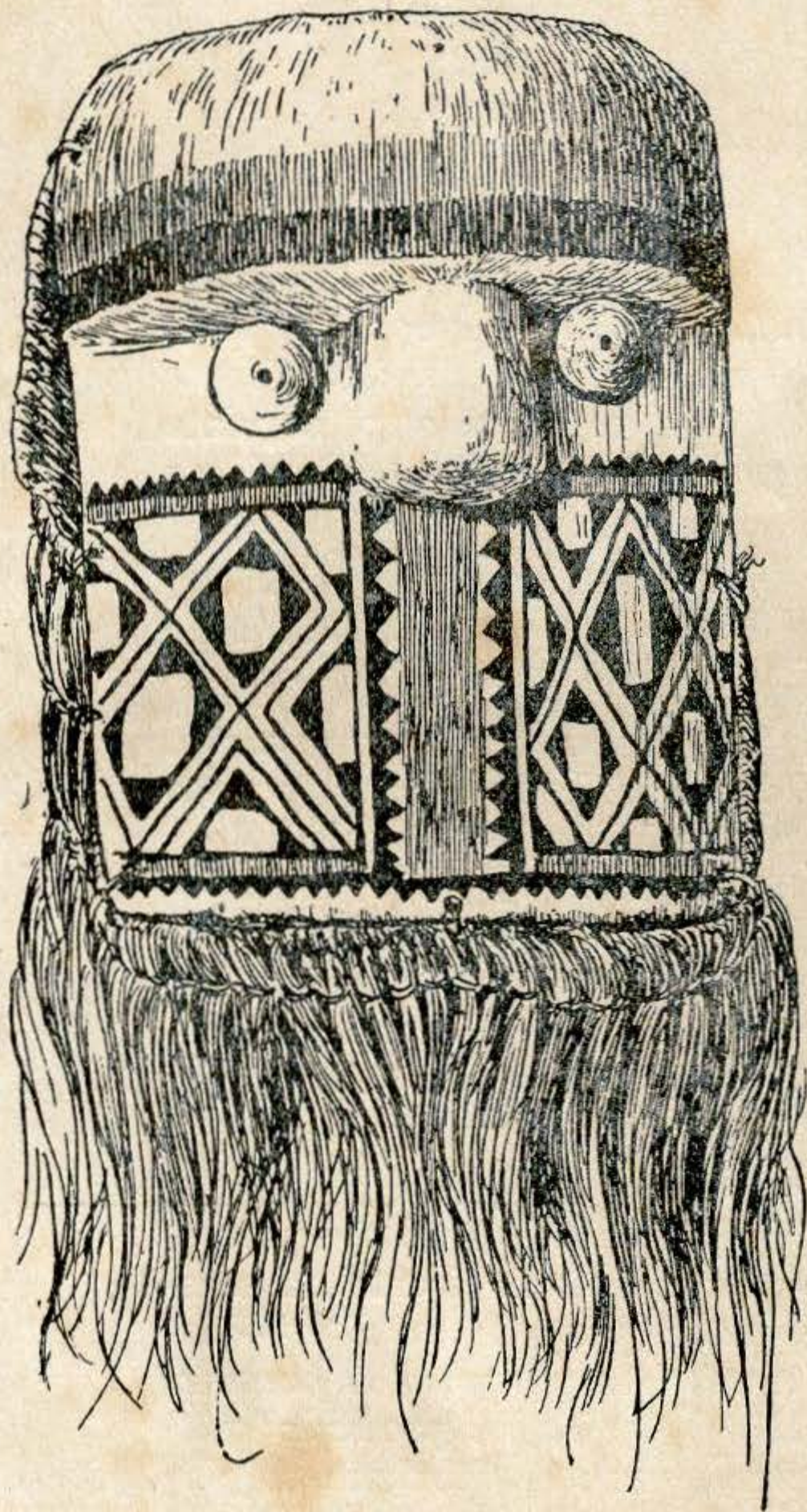


Fig. 110 — Máscaras de madeira Yakuikatú dos Auetö — 1/5 1/3
1/4 1/4

"*ehú hehú he ehé. Hátüere umatschüre ü kunyayá, kunyayá kunyayá. Hatüre úmatyüre ü kunyayá*". Refere-se isto a mulheres "*kunyá*", que os Bakairí também traduziam por *pekóto*. Como "*maraká*" dos Kamayurá, porém, foi-nos indicado o seguinte texto: *yemána hemahé, yáuara emuakuá yerú pitú pitú yáuara emuakuá yemána hemahé...*"

II *Yakuikatú*. *yaku-i* é um jacú pequeno ou novo. O vocábulo *yakú* designa os penelopídeos, galináceas muito aparentadas aos mutuns. V. "Brehms Tierleben", Aves II, p. 628, *katú*, bom, é empregado em tupí como sufixo de variadíssimas significações que geralmente se prendem à idéia de prazer e satisfação. Por isso neste caso, a tradução melhor é "divertimento", "gracejo", "festa". Os Kamayurá davam à dança e às máscaras o nome de *yakuikatú*, ora as denominavam simplesmente *yakuí*. Este vocábulo tupí era familiar a todas as tribus, salvo à dos Bakairí, que diziam *yakwikátü*, provavelmente porquê o assimilasse ao seu próprio *igátü* (gordura). A dança do *yakuí* é a dança original dos Auetö e dos Kamayurá, i. é, das tribus tupí.

As máscaras auetö de que aqui nos cabe falar são de madeira. Uma transição para elas já é constituída pelas máscaras de trançado, v. fig. 209; faltava a proeminência frontal, a máscara era também menos abobadada que as outras de madeira — exceção feita das bakairí em forma de taboleta, as quais só possuem saliência frontal. Os Auetö já estão em vias de produzir máscaras de madeira representando peixes, como as fabricam os Kamayurá.

Todas as máscaras de madeira (v. também as da fig. 11) ostentam uma faixa mediana vermelha, olhos de concha perfurados e o motivo do mereschu com belo desenho de rêde. Além dos olhos, as duas máscaras da figura 111, mostram bem executado o desenho das asas. Em quatro máscaras aparece igualmente, tanto em posição horizontal como vertical, a lista ameiada que na máscara *tüzwetüwe* dos Bakairí corresponde ao desenho humeral da ave da lagoa, caracterizando também nas dos Auetö o aspecto peculiar da plumagem, belo desenho ondulado que se nota principalmente no peito, na cauda e nas coxas das aves novas. A faixa do pescoço, ou mediana, é sempre pintada em vermelho, por ser esta a côr do colo desprovido de penas do jacú.

Kamayurá. Os Kamayurá entregavam-se sobretudo ao *Yauarí* ou dança do propulsor, para a qual não se usa máscara. É dança guerreira. Falando conosco, porém, os Kamayurá também empregavam a palavra *yauarí* como denominação genérica para

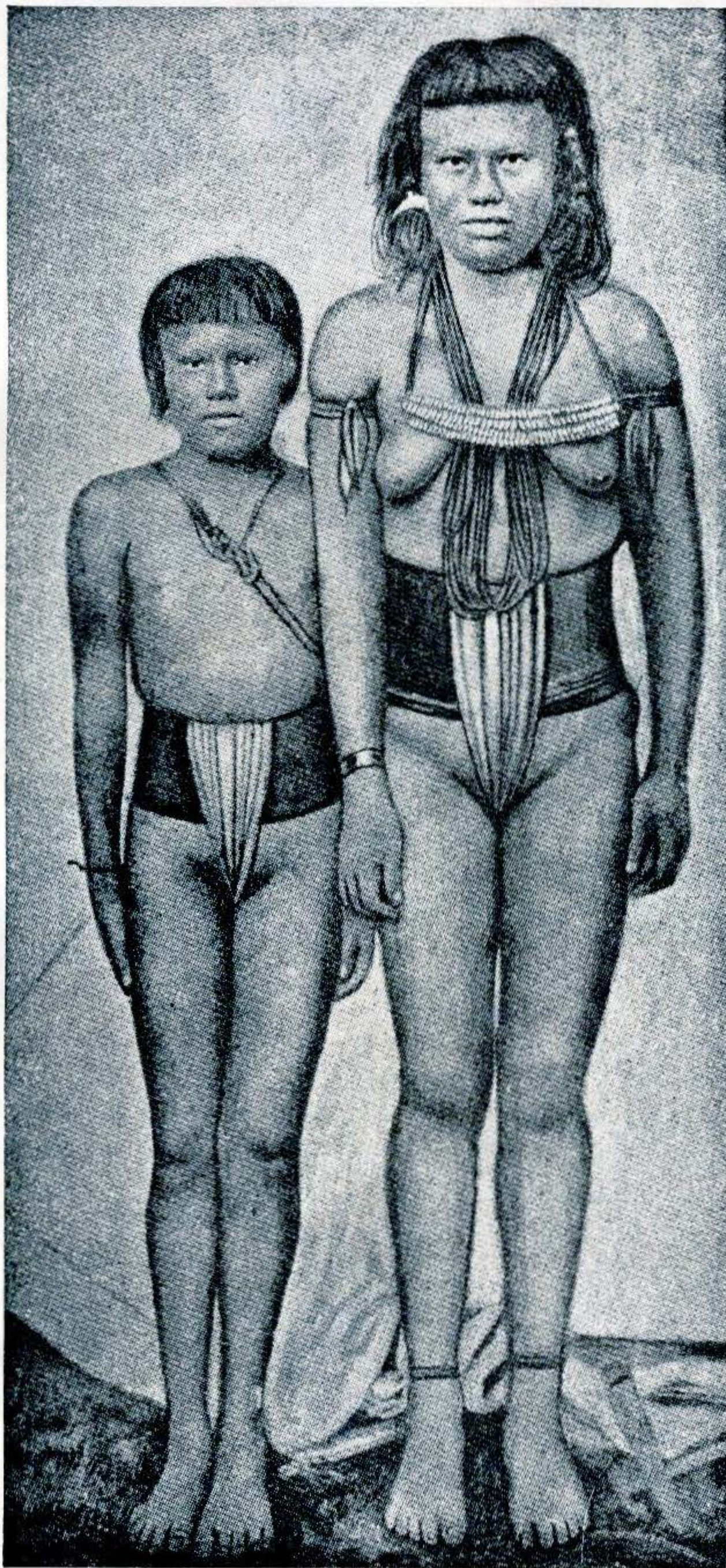


Fig. 129 — Mãe e filha Borôro

dança. E' extremamente difícil evitar confusões, pois, quando se lhes pergunta o nome de algum objeto os índios sempre dizem a que fim se destina. Assim, maraká, que em tupí sempre se traduz por "chocalho", é o canto e a música que se acompanham com a maracá. Por isso julgamos sempre que "yakuikatú" significasse "mascara", mas a tradução é "festa do jacú". Os Kamayurá distinguiram duas espécies de mascaradas: 1.^o *yakuí* e 2.^o

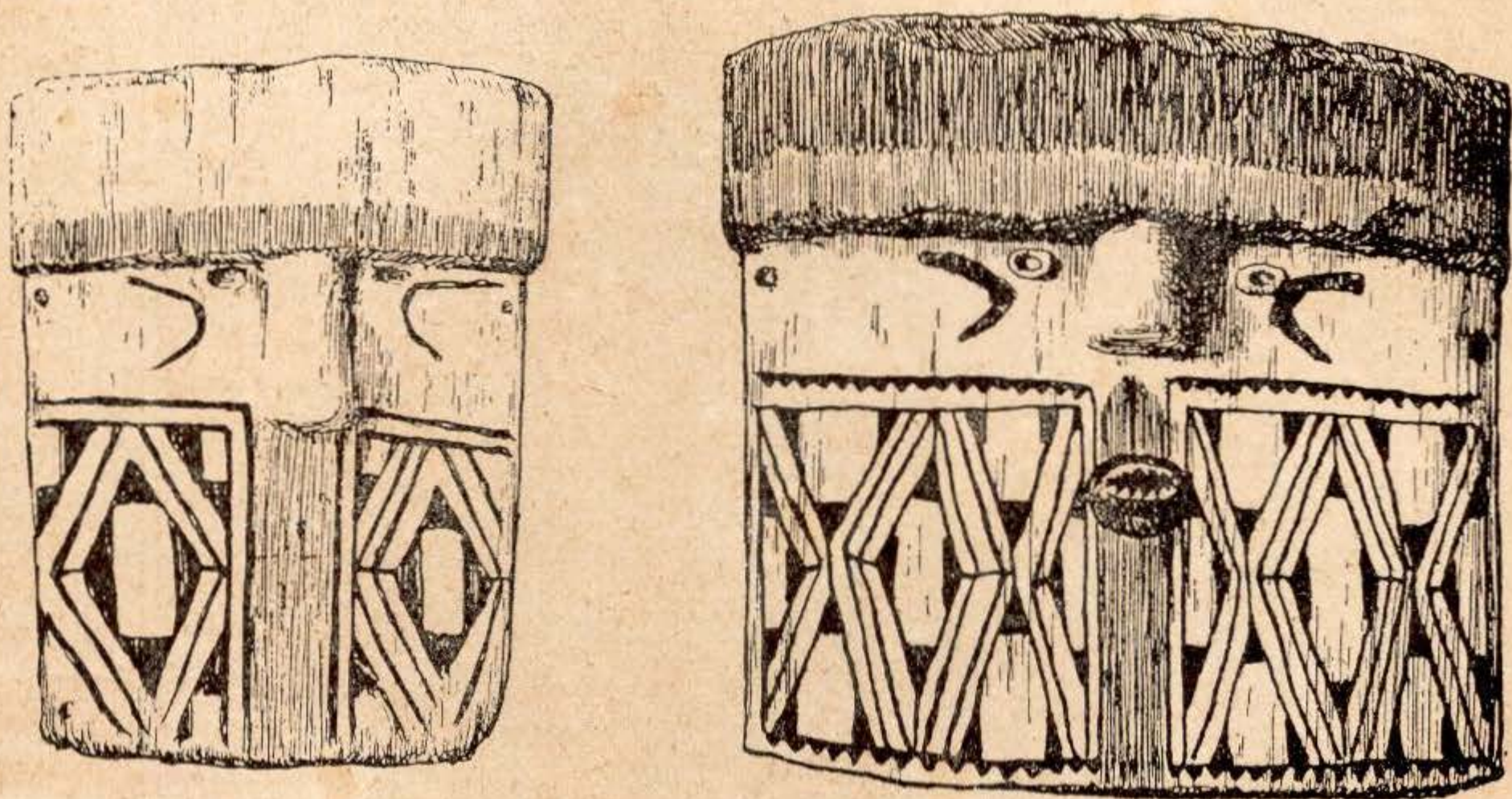


Fig. 111 — Máscaras de madeira com o desenho das azas — Auetö
1/3 1/4

hüvát. O vocábulo *küvát* guaraní *y-guár* quer dizer "habitante da água", assim como a capivara é o "habitante do capim" (*kaapim*). Pensamos a princípio que *hüvát* fôsse "mascara de madeira".

O *hüvát* era a dança dos peixes dos Kamayurá, como o *koa-hálu* era a dança dos peixes dos Auetö, ao passo que a de aves, *yakuí*, era comum a uns e outros.

Dos Kamayurá não recebemos máscaras de *yakuí* propriamente ditas; comparavam esta dança de ave com o *türwetürwe* dos Bakairí. Para o *hüvát* usavam, sem distinção, máscaras de tecido e de madeira, não restringindo, por conseguinte, às primeiras a dança de peixe, como ainda o parecem fazer regularmente os Auetö. Em ambas, o peixe é caracterizado pelas linhas laterais que já nos são conhecidas pelo desenho da fig. 44. Prolongam-se até

aos olhos, dando na fig. 112 a impressão de óculos sem ponte. Numa máscara de madeira viam-se as barbatanas do peito representadas por um desenho inferior à linha transversal traçado à direita e à esquerda do nariz, abaixo e do lado dêste. O desenho lembrava uma língua ou válvula pequena, dirigida obliquamente para fora.



Fig. 112 — Máscara de tecido dos
Kamayurá — 1/5

Não diferia entre si a disposição existente nas máscaras de tecido e nas de madeira: parte frontal, olhos com a linha lateral, faixa mediana com o motivo de mereschu dos dois lados. No nariz das de madeira, figs. 113 e 114, aparece uma figura em T, que provavelmente representa o desenho de determinado peixe. As máscaras de madeira eram extraordinariamente largas, 27 :37 cm. As de tecido (fig. 112) eram guarnecidas por cordas de algodão pendentes do arco e pregadas ao capuz de burití, representando os fios

de barba dos peixes. Também no próprio tecido exprimiam-se desenhos de peixes. Vimos um aro oval com tecido de algodão que era colocado diante do rosto; no tecido não havia pintura alguma, mas a própria disposição das malhas continha um motivo de espinhas. Em várias máscaras de tecido, que pela consistência das malhas poderiam ser tidas como máscaras de pano, aparecia igual-

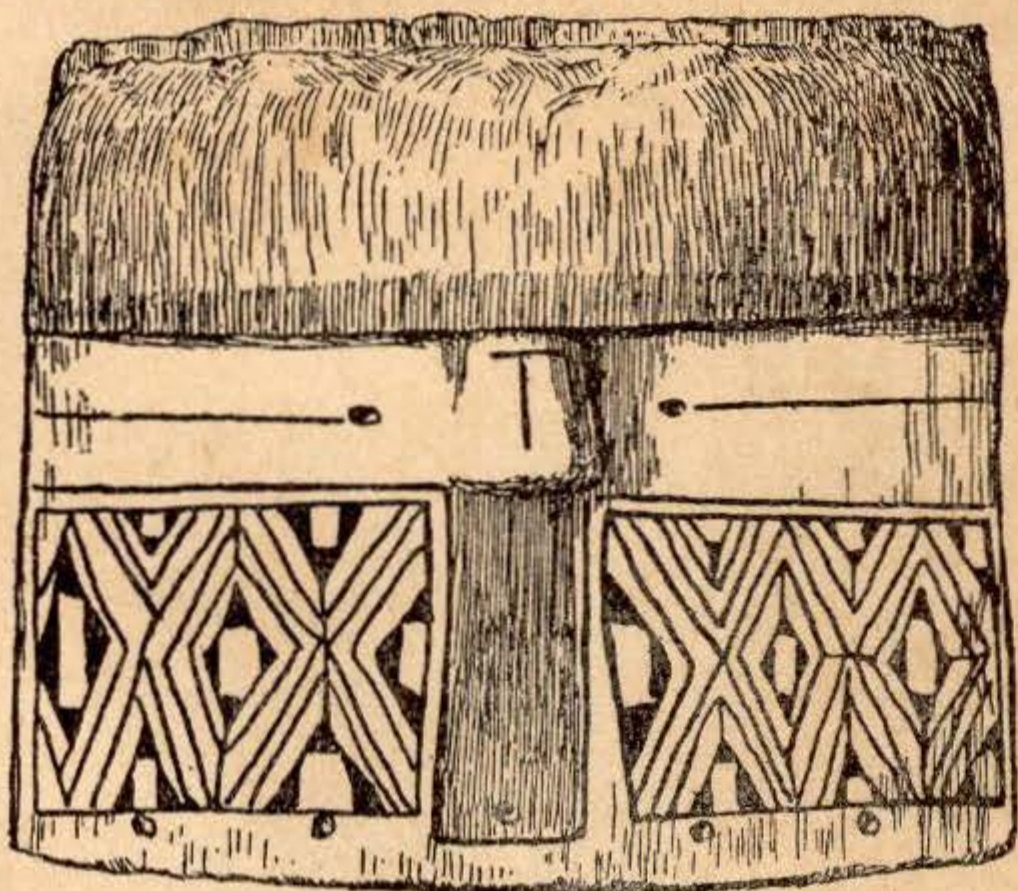


Fig. 113 — Máscara Hivát — Kamayurá
— 1/6

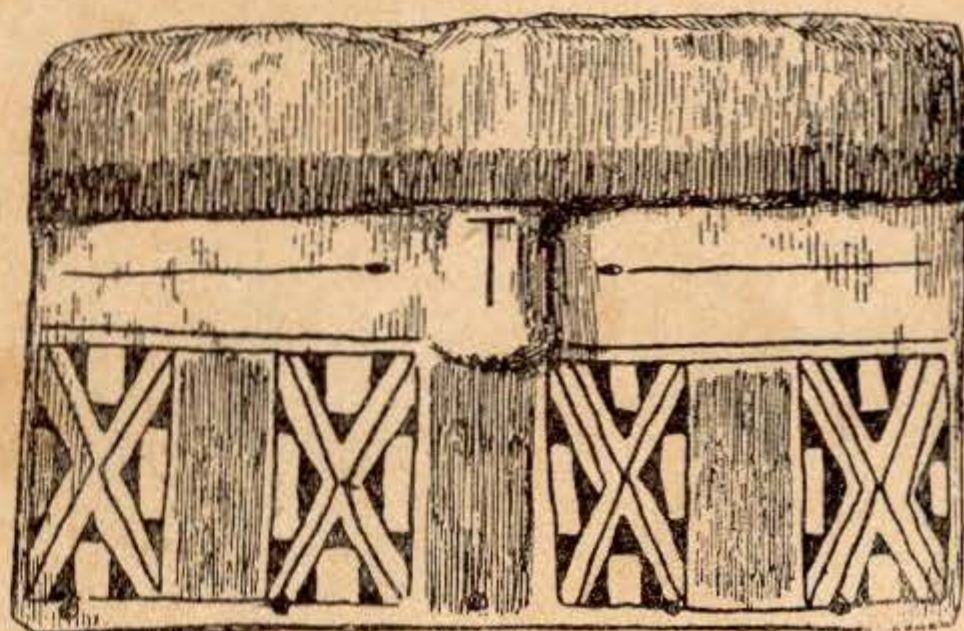


Fig. 114 — Idem 1/7

mente debaixo da pintura do mereschu e sem coincidir exatamente com êste, um motivo de losangos em fraco relêvo. Uma máscara de madeira para *hüvát* (fig. 115) com faixa frontal vermelha, igualmente muito larga, distinguia-se por dois peixes verticais e vermelhos sôbre fundo preto, os quais eram pintados externamente ao lado dos olhos. Cada peixe era representado por um losango com um triângulo-cauda e uma passagem larga dêste para aquêle.

Na dança *hüvát* bate-se contra uma árvore ôca para indicar o comêço da festa e para avisar as mulheres que se devem retirar. Mulheres e crianças foram até mandadas embora por ocasião da pantomima, quando no largo da aldeia um índio colocou na cabeça uma máscara de madeira para nos demonstrar a dança. Esta oferece um espetáculo realmente grotesco. Em consequência dos movimentos, a máscara, com seu rosto vasio esboçado simplesmente por linhas, adquire espontâneamente determinada fisionomia. Lembrei-me vivamente das ilustrações de “Grad aus dem Wirtshaus...”, onde as casas, as bombas, as lanternas apresentam rostos completamente idênticos.

Além das máscaras para *hüvát* observámos, entre os Kamayurá, um trançado enorme que lembrava o *hualóhe* dos Bakairí, tendo mais ou menos a forma dum cogumelo com chapéu e haste. No chapéu, trançado sôbre grande aro horizontal, entrava a parte superior do corpo do dansarino mais ou menos até ao umbigo, enquanto a haste do cogumelo se formava pela guarnição de palha pendente. Via-se pintado com o motivo do mereschu um quadrante da superfície do chapéu, delimitado por pedaços de cipó lembrando antenas; na ponta assentava ainda uma haste, mais ou menos como no *imeo* dos Bakairí, mas envolvida de grosso

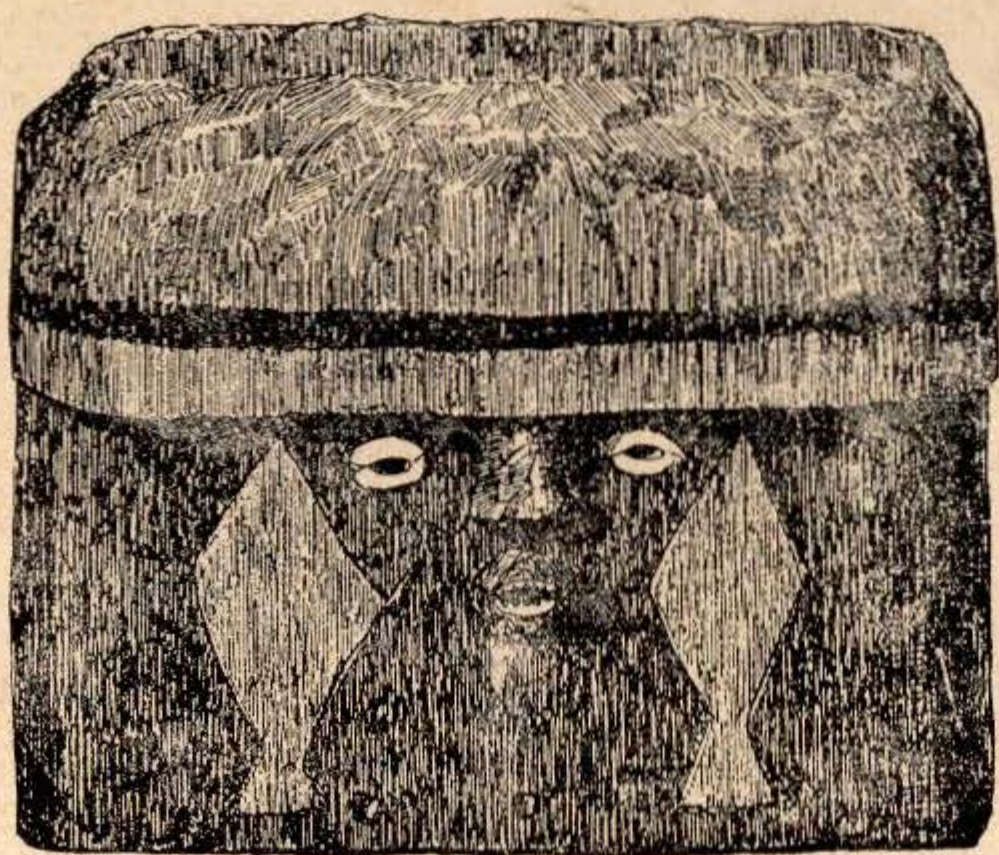


Fig. 115 — Máscara de madeira com figuras de peixes — Kamayurá — 1/6

trançado coberto com o mesmo motivo e terminando em borla de capim. Ao objeto chamava-se *туруá*; em guaraní *turú* quer dizer “variada bicharia que vive na agua”, ao passo que em tupí, segundo Martius, a sua significação é *Tenthredo*, espécie de vespa.

Trumái. Exclusivamente máscaras de trançado de algodão, chamadas *kukráke*, *zerumuká*, *kuahahá*, nomes cujo sentido não sei precisar. Deve-se considerar que os Trumái estavam em fuga quando os encontrámos e que possivelmente não levavam as máscaras de madeira. Talvez seja também por isso que uma máscara muito grande, sem partes do rosto, apareça simplesmente com o aro oval coberto com trançado de algodão (preto, com faixa mediana vermelha) e provido dum capuz incompleto de buriti. A-pesar-do algodão, não se pode falar de “tecer”; os cordéis eram

trançados toscamente como em esteiras. Uma parte das máscaras de tecido tem o mesmo tipo que se encontra entre os Auetö e Kamayurá, contudo na maioria delas tôda a superfície do tecido é coberta com o motivo do mereschu, preto sôbre fundo branco, num caso com losangos horizontais e sem faixa colar ou mediana, reduzindo-se esta, nos outros, a uma linha preta.

Os olhos e o nariz são geralmente figurados por três botõezinhos de cera de igual tamanho, atados, em linha, por meio dum pedacinho de fio de burití. Numa das máscaras há chapinhas de concha coladas sôbre os botõezinhos, que representam os olhos. A



Fig. 116 — Máscara Trumaí, preto — vermelha — 1/4

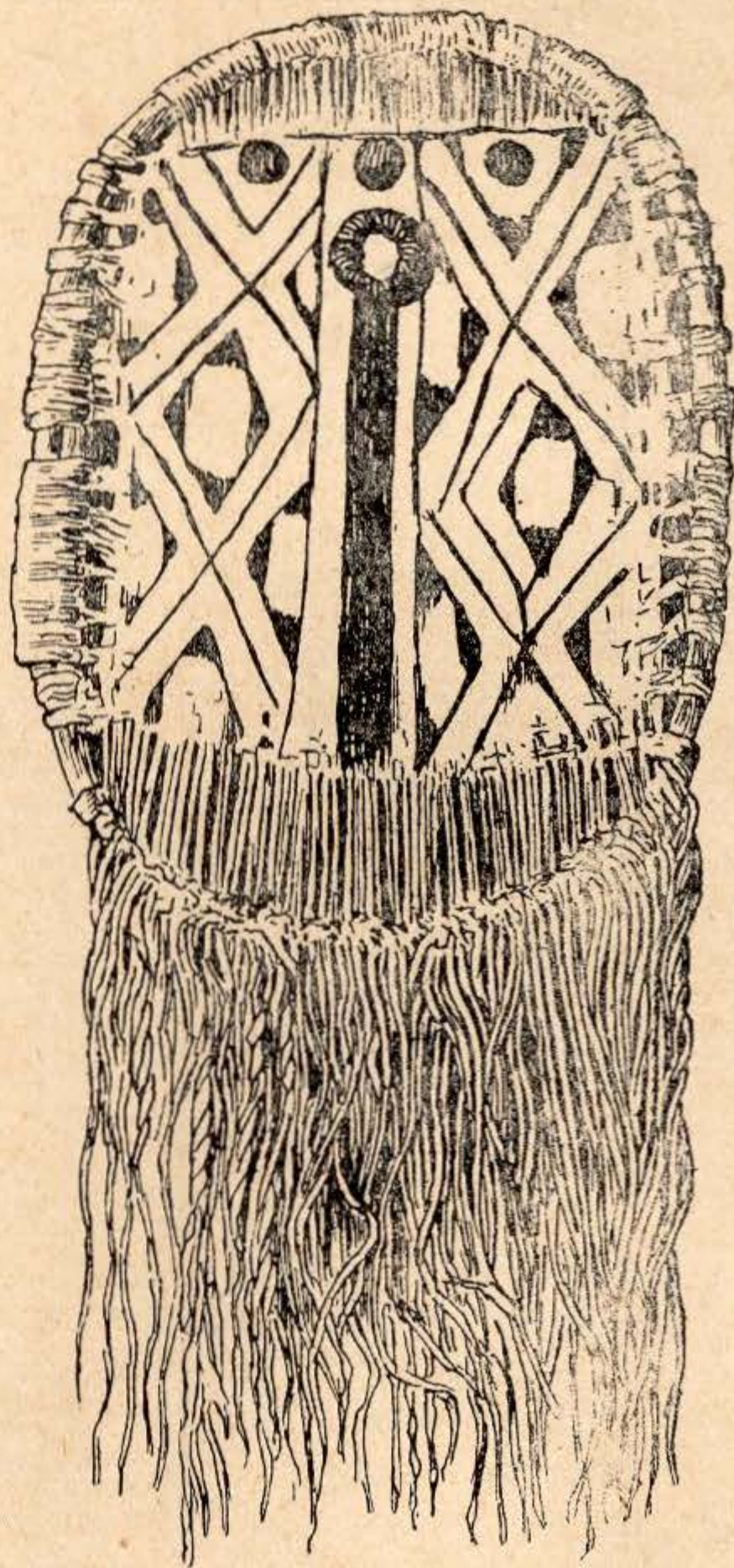


Fig. 117 — Idem com a motivo do mereschu — 1/4

bôca é um anel de cera de aparência de um pessário e de tamanho tal que poderia abranger o nariz e os olhos. Tôdas as partes do rosto, situam-se na metade e mesmo no terço superior do oval.

Numa parte das máscaras a pintura consiste simplesmente em fundo preto com faixa mediana vermelha ou vice-versa; o nariz e a bôca estão situados sôbre a faixa, ou esta se estende sômente até à bôca.

Em três máscaras, porém, se observa pintura mais rica. N.º 1: fundo preto, faixa mediana branca, acompanhada de ambos os lados por uma linha desta côr, na qual toca a parte facial angulosa composta duma lista vermelha e outra branca, da faixa preta do

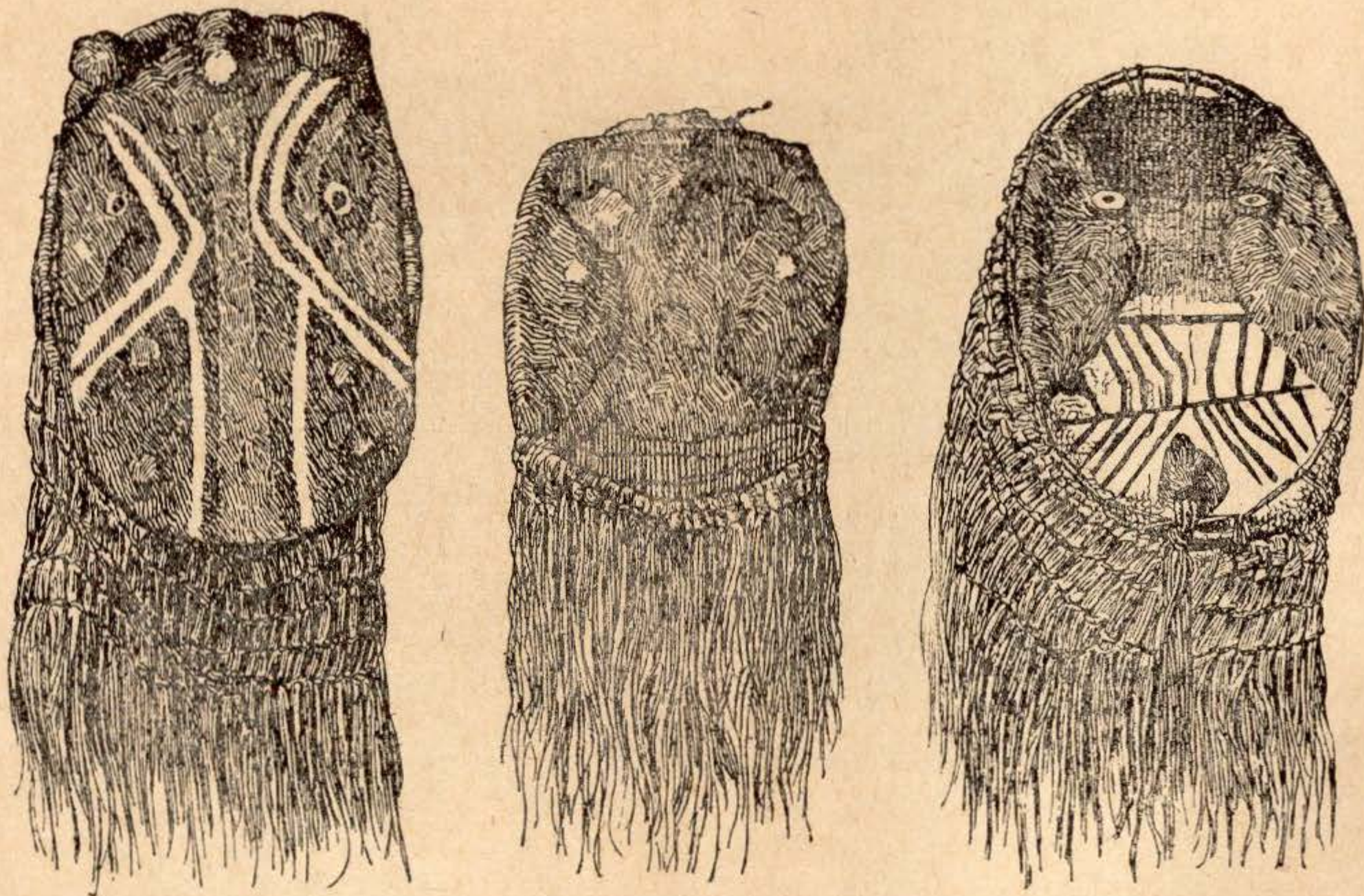


Fig. 118 — Máscaras Trumai pintadas de preto, branco e vermelho 1/6

fundo e dum triângulo marginal vermelho. A máscara lembra vivamente a primeira máscara de cera dos Auetö, fig. 107. N.º 2: fundo preto, faixa mediana vermelha, de ambos os lados dois triângulos marginais brancos delimitados por uma linha branca em zigue-zague. N.º 3: em cima e dos lados, fundo branco; no meio, correspondendo à distância dos olhos e até à altura destes, fundo preto com faixa mediana vermelha que sobe até ao anel representando a bôca.

II — ORIGEM COMUM DAS MÁSCARAS E DO MOTIVO DO MERESCHU

De maneira alguma estranhámos o costume bakairí de cobrir a cabeça com figuras trançadas de palha imitando animais, ou com as peles das cabeças dos próprios animais. Parece-nos, porém, muito singular o fato de nas máscaras de animais encontrarmos as partes do rosto, representadas com feição humana. Era de esperar-se que, p. ex. uma máscara de pomba, tivesse um bico, e não um bôca encimada por um nariz. Diante de um dançarino munido de tal máscara tem-se a impressão de que êle nos quer dizer em voz alta e com certo humor: “Não vos iludais, julgando que seja pomba de verdade; sou homem como vós e quero sòmente representar uma pomba, como podeis verificar pelos meus arrulhos e pela pintura que representa flocos de penas.

“Sabei, pois, que sou Hans Schnock, o marceneiro,
e não julgueis que eu seja algum leão bravio, ou leôa”.

(Peter Squenz — Gryphius).

Com efeito, as máscaras não se limitam, de maneira alguma, à representação do rosto. Os olhos, o nariz e a bôca ocupam sòmente a parte superior do campo, e a faixa mediana marca a continuação do corpo com o pescoço, enquanto as asas, as barbatanas, a linha lateral, o desenho do pescoço e do ombro aparecem ao lado. No makanari de peixe dos Bakairí, que é um trabalho feito com muita dedicação e capricho, notamos a falta da bôca, divisando, porém, um grande peixe no meio do motivo do merechu. Os Auetö, por sua parte, olham através do capuz que fica debaixo de suas máscaras; em muitos casos os olhos das máscaras de madeira são feitos de tal modo que os orifícios, além de muito pequenos, não têm distância conveniente para se poder olhar através dêles; existem para o espectador, não para o portador da máscara.

Como é que devemos conceber a historia do desenvolvimento das máscaras? Tomemos como ponto de partida os capuzes de palha dos Bakairí e a máscara do bagre (fig. 91), igualmente usada por esta tribu. Tal indumento de mascarada já constituiu grande progresso em comparação com os enfeites formados por uma pele de animal com guarnição de tiras de palha. Os índios trançaram figuras de animais, colocando umas sôbre a cabeça, enfiando-se em outras. Pelos produtos da arte do desenho e das figuras trançadas sabemos que dificuldades encontram na caracterização. Passavam um pedaço de cipó pela parte superior do traje: eram os fios de barba e bastavam para caracterizar o bagre. Aquêles ho-

mens não têm necessidade de levar adiante a caracterização; também não precisam ainda, até hoje, duma máscara de bagre para o rosto. Entretanto sabiam aumentar o efeito de seus capuzes de palha, guarnecendo-os de olhos de cera, nariz e bôca, e fixando nêles, por trançamento, um aro delimitando um oval correspondente ao rosto. Essa máscara era mais decorativa que mímica; consistia originariamente numa grade de palha que mais tarde foi aperfeiçoada até constituir um trançado de fios que pudesse ser coberto de argila e ornado com pinturas; applicava-se-lhe o motivo de peixe ou o desenho da pele ou figura dalgum animal.

E' muito natural que os peixes desempenhassem o papel principal; eram trazidos em quantidade pelos indígenas que voltavam de suas excursões, dando assim ensejo à festa da comunidade. Também a dança do *yakuí*, i. é, do pequeno jacú, possivelmente deve a sua origem à caça abundante dêstes galináceos. Tôdas as espécies de maior porte vivem solitárias, as pequenas geralmente reunidas em bandos numerosos que podem contar até cem ou mais indivíduos". (Brehms Tierleben, Aves II, p. 628). Eis porquê também não é estranhavel o fato de não sabermos que o jaguar, o tapir ou outros mamíferos de caça apareçam nas máscaras *tekuna*; é que só constituem prêsas ocasionais, enquanto precisamente a grande quantidade oferecia ensejo a um banquete para o qual se convidavam muitos vizinhos.

Se entretanto, nos lembramos de como os Nahuquá, ao executarem sua dança *eremo*, ocultavam a cabeça com uma rêde de pescar, e de como na sua pantomima representavam um grupo de índios enxotando os peixes para reuni-los, não nos poderemos esquivar da idéia de que não é puramente externa a semelhança existente entre a máscara oval de tecido e a rêde de pescar distendida, com igual forma, num aro. Se o índio tivesse partido da forma do rosto, chegando assim a fazer o aro da máscara, êle não teria deixado de aproveitar todo o campo para o rosto; êste, entretanto, agora só ocupa uma parte do espaço e é executado com menos capricho que a pintura. O *makanari* de peixe dos Bakairí não passa duma rêde de malhas estreitas, própria para receber a argila. O capuz de rêde, que nêle se encontra, poderia ser explicado, hoje, como receptáculo para o enfeite de penas, pois que estas devem ser atadas nas malhas; mas por outro lado, pode-se admitir com a mesma razão, que a rêde seja anterior às plumas, ausentes dos outros capuzes. A nossa mais antiga máscara oval de trançado, portanto, não passa, talvez, da rêde de pescar incluída no traje de palha e apresentada de forma artística. Pois então compreende-se muito mais facilmente que a caracterização dos ani-

mais seja tão pouco pronunciada. E' verdade que a ornamentação de rêde era característica, mas não foi para corresponder a uma imitação anatômica que entrou na fantasia.

Dêste modo também encontramos uma explicação para o motivo ornamental do mereschu. A rêde de pescar empregada para as máscaras era trançada com malhas mais estreitas; assim ocultava melhor o rosto e podia receber pinturas. Mas a rêde primitiva, com suas malhas mais largas, era pintada sôbre ela, e em cada malha da pintura colocava-se um peixinho. Há um ponto que parece provar que tenho razão, um fato em si muito singular, que então se explicaria com a máxima facilidade. O aborígene, como meu primo me fêz constatar, sempre desenha o motivo do mereschu de pé, i. é, de tal modo que a diagonal maior do losango fique vertical, e a menor horizontal. Nos tortuais redondos, quando acabados, não se pode mais verificar esta particularidade; mas, observando os índios entretidos a riscarem, notámos que a figura era feita nessa posição, e o mesmo se dava com os desenhos a lapis. E' por isso que não pude reproduzir em posição horizontal a figura 43, como a nós pareceria mais natural; pelo mesmo motivo dei sempre os tortuais de tal forma que os merechus ficassem verticais, apresentando também, embora mais por graça, com a cauda para baixo o mereschu original, fig. 42.

Como é que o artista chega a tal fato curioso? Pois no friso, prancha 21, os peixes não estão desenhados na posição em que nadam? Sem dúvida, mas as máscaras também ficam com a cauda para baixo; basta olhar o makanari de peixe dos Bacairi da fig. 93 e a máscara preta dos Kamayurá da fig. 115. Mesmo no único caso em que encontramos o peixe merechu como indivíduo isolado fora da rêde — na máscara da gaivota, fig. 44 —, vemo-lo em posição vertical. Nas máscaras de tecido, porém, que são decisivas por serem as mais antigas, o peixe foi desenhado numa posição em si desnatural; é que essas máscaras têm posição oval-longitudinal, correspondente ao rosto. Imagine-se horizontal o desenho do piava do makanari de peixe da fig. 93, e notar-se-á, em primeiro lugar, que assim o peixe ficaria estrangido, e, além disso, que o piava, nadando pelo rosto, pareceria até estranho. Para termos um exemplo análogo, basta olharmos a disposição que nós damos às janelas e portas.

A rêde e os peixes eram, pois, desenhados, com losangos verticais, sôbre a máscara oval-longitudinal. Examine-se a grande quantidade de figuras em que são reproduzidas máscaras ornadas com o motivo do merechu: sempre a mesma posição. Vimos uma única exceção, e esta antes confirma a regra em vez de contra-

riá-la. Trata-se da máscara trumaí. Os bons Trumaí tomaram por empréstimo as máscaras dos Kamayurá, do mesmo modo como dêles receberam o algodão, e a esteira com malha de peneira, dando-lhes o nome tupí. Não percorreram o caminho da evolução.

Agora também se nos torna compreensível a estreita correlação que se nota entre a rêde e o peixe mereschu, bem como a grande freqüência com que é representado precisamente êste peixe. Em cada malha desenhava-se um peixe, que devia ser pequeno, pois do contrário não caberia no seu lugar que por sua vez tinha forma romboidal como a malha da rêde. Comprendemos agora igualmente como foi que, nesse trabalho delicado, o índio chegou a preencher os cantinhos para representar a cabeça, as barbatanas e a cauda. Em resumo, tudo se adapta tão perfeitamente ao ornamento e ao processo de desenvolvimento das máscaras, que considero provada a minha afirmação, na medida em que de fato é possível trazer provas.

O motivo hoje se tornou puramente ornamental. Não existe relação interna direta entre os instrumentos para desenterrar mandioca e o pequeno peixe lacustre. Entretanto há uma coisa que não se poderá negar. A importância do peixinho ultrapassou consideravelmente a que tinha primitivamente. E' que o mereschu lembrava a alegria dos dias de festa. Dêle se apoderou tôda a indústria que de algum modo dizia respeito às bebidas, às comidas e aos enfeites. Era, por conseguinte, muito natural que se ornassem com o mereschu as grandes cuias e cabaças em que se servia o pogu, as pás com que nos dias festivos se viravam incansavelmente os beijús oferecidos aos hospedes, as cuias para guardar as magníficas plumas, os chocalhos usados nas danças, os tortuais para fiar o fio empregado nas máscaras de tecido, bem como todos os outros objetos semelhantes. A origem da ornamentação está num sentimento motivado, e sòmente quando as manifestações dêste se tornam numerosas e triviais é que ninguém vê nada além de figura e côr. As figuras preferidas pelo nosso povo afinal aparecem nos lenços estampados. O motivo do merechu pôde propagar-se de tribu em tribu e ser adotado em tôda parte, precisamente porquê nasceu das danças festivas para as quais se reuniam as tribus.

Todavia não se deve esquecer que o índio hoje ainda possui a consciência do modelo concerto. O Bakairí não aplica o desenho do mereschu nas suas máscaras, salvo nas máscaras da gaivota. fig. 44, no makanari de peixe, fig. 93. Do mesmo modo existem também nas outras tribus —vejam-se as máscaras de cera dos Auetö e as máscaras preto-branco-vermelhas dos Trumaí — nítidas di-

ferenças, que, porém, não sei determinar com exatidão. No princípio o peixe ainda não se adaptava a todos os lugares que hoje já são, ou, dentro em pouco, serão ocupados pelo losango.

Levanta-se, agora, uma questão. Suposto que as máscaras de tecido e o motivo do mereschu remontem à rede de pescar, haverá algum ponto de apôio que nos permita discernir qual a tribo inventora? O peixe mereschu me foi designado como “peixe lacustre”, (comemo-lo entre os Yaulapiti), mas na realidade existe em todo o território que foi alvo da nossa expedição, até no Paranatinga. A pesca com redes também é usual entre tôdas as tribus. Aquí, portanto, não encontramos nada que nos permita alguma decisão. Entretanto o nivelamento etnológico entre o motivo do merechu e as máscaras ainda não se realizou tão completamente que não seja possível tirar uma conclusão negativa para algumas tribus. Os Bakairí, creio, não entram em questão. São os “senhores do makanari e do imeo”, dos trajes trançados. E os Bakairí mansas não possuíam máscaras propriamente ditas. Os Bakairí também não possuíam tortuais enfeitados com o merechu. Entre os Nahuquá não encontramos máscaras de tecido, mas somente máscaras de madeira mal trabalhadas, a que davam a denominação *yakuíkatú*, da dança tupí; é possível que no Kuene sejam mais adiantados dêste ponto de vista, mas, julgando por aquilo que deles conhecemos até agora, no máximo lhes podemos atribuir tanto como aos Bakairí. Aos Trumai já anteriormente tive que negar a primasia.

Restam os Mehinakú com seus parentes, e as tribus tupis. Aquelas só nos deram ocasião de ver máscaras de madeira. Estas máscaras apresentam a mesma disposição das máscaras de tecido com a faixa mediana e o motivo, de modo que não revelam origem própria, representando unicamente um progresso técnico. Os Mehinakú, a julgar pelos banquinhos, eram os entalhadores mais hábeis, o que me leva a atribuir-lhes a invenção da máscara de madeira. E' possível — não sei — que também possuam danças com máscaras de tecido, pois a palavra *koahálu* também era familiar aos Kustenaú e Waurá, que interroguei no pôrto dos Auetö. A decisão é impossível, porquê uma tribo conhecia as danças da outra. As tribus tupis dos Kamayurá e Auetö sobretudo êstes últimos, merecem, por certo, a maior atenção. Os Auetö eram possuídores da quantidade maior de máscaras de trançado e de tecido; seu vocábulo “*koahálu*” passara para as tribus nu-aruaqs. Entre êles também eram pintadas com o mereschu tôdas as máscaras de madeira. Eram os índios mais adiantados na arte da pintura, fornecedores de desenhos de pura estilização. Êles e

os Kamayurá possuíam ainda o pano de tecelagem mais consistente. Observamos, pois, entre os Auetö o exercício mais antigo precisamente daquelas artes que dizem respeito ao nosso problema, i. é, da tecelagem e da pintura, enquanto os Mehinakú revelam maior adiantamento na cerâmica e no entalhe. E' por isso que a minha despretensiosa opinião é que a probabilidade está do lado dos Auetö, e que êles são os inventores da máscara de tecido e com isso também do motivo mereschu.

III — OUTROS ADORNOS DE FESTA

No largo da aldeia, os Kamayurá nos enumeraram, à noite, sete danças diferentes, representando, pantomimicamente, certas particularidades das mesmas. 1. *yauarí*. A dança do propulsor. Com grande talento plástico representaram uma cena em que um guerreiro é ferido e cai morto. Ao egineta moribundo faltava somente o escudo. 2. *mavuravuá*. Mascarada. 3. *ivúraaú* com adorno de plumas e tanga de burití, a flecha sobre o ombro. 4. *anuvikumá* com pequenas maças próprias para dança. V. fig. 119. *ihóhó ihochehé ihóho ehéhé nyuakáko horómotáng moták*. 5. *tavúravauá*. Ramos verdes nos braços, touca com malhas de rêde, plumas nas orelhas, diademas de plumas, tanga de burití. Correspondente à dança de peixe dos Nahuquá. 6. *namiakóit*, por ocasião da perfuração das orelhas dos meninos, quando êstes têm cêrca de cinco anos de idade. 7. *kunyá maraká*, quando as meninas recebem o uluri.

Ouvimos também ainda várias canções de acompanhamento, tôdas aparentemente estereotípicas. Tomei nota de muitos dêsses textos, mas não os consigo traduzir. Os estribilhos mais freqüentes eram *kaká hiyé*, *kaká hiyevéne*. Em todo caso a dança do *yauarí* desempenha o papel mais importante, tendo também várias figuras; entre os Kamayurá ouvia-se pronunciar o nome *yauarí* tão freqüentemente como *makanári* entre os Bakairí, só que entre aquêles havia o termo *maraká* para dizer “dança” ou “canto”, pelo que a dança principal se chamava *yauarí-maraká*. Um dos indígenas ofereceu-nos também um espetáculo curioso: dançava em posição inclinada e esfregando duas flechas no chão; atrás dêle uma mulher: *kurukú he*. Nas canções mencionavam-se com freqüência as mulheres, *kunyá*, que eram consideradas como a melhor presa. Na pantomima das danças, sobretudo na dança *anuvikumá* representavam-se muitas vêzes as mulheres entregando peixes. As danças começam de manhã cedo e prolongam-se até ao pôr do sol.

Também entre os Trumaí encontrámos maças para dança, guarnecidas em parte de belo trançado e semelhantes à dos Kamayurá reproduzida na figura 119. Dos Auetö adquirimos um



Fig. 119 — Bastão de dança Kamayurá
(1/7 tamanho natural).

adorno para dança cuja forma lembra o estandarte turco de um tambor-mor: é um pedaço de aro, do qual pendem, em cada lado e no centro, caudas de fibras de burití, medindo quasi 1/2 m. de comprimento.

Para a dança com as máscaras *hiüvát*, executada pelos Kamayurá usavam-se também duas varas, *haété*, com 80 cm. de comprimento. Tinham essas varas um adereço triangular com um trançamento que envolvia dentadura dum peixe-cão de tal forma que na ponta superior aparecessem os dois dentes longos e agudos, tão apreciados pelo indio como instrumentos perfuradores e cortantes.

Vê-se que a dança tem seu desenvolvimento psicológico. Nella refletem-se nitidamente os progressos da cultura. A princípio apresenta-se o animal na pantomima, sua voz é nitida e sua forma reproduzida pela indumentária de palha. Da rêde de pescar

desenvolve-se a arte das máscaras com seus motivos aproveitados largamente para toda e qualquer pintura. Já predomina, então, sobre a figura do animal, o interesse pelo utensílio e sua técnica. O propulsor e a maça perdem seu valor de armas entre os agricultores de índole mais pacífica, conservando-se, entretanto, como adorno para danças; as pedras de arremesso são substituídas, na

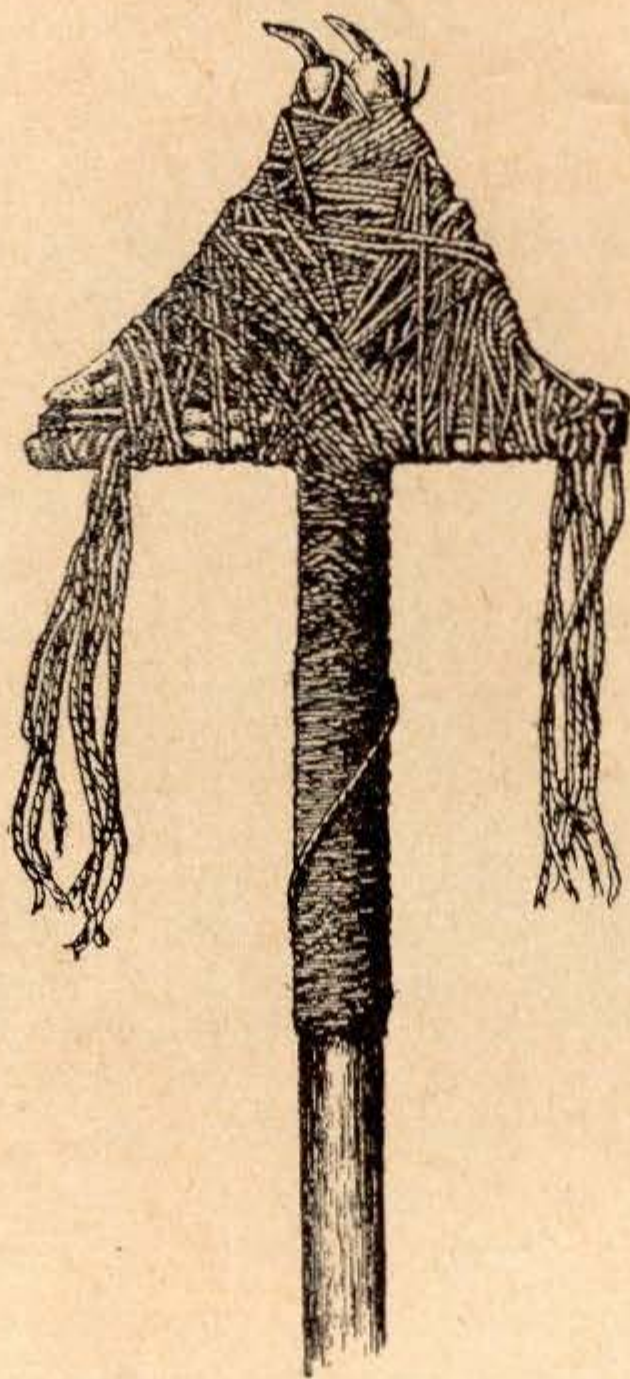


Fig. 120 — Estandarte de dança Kamayurá
(1/6 tamanho natural).

flecha, por bolotas de cera, e aparecem, em ponto pequeno, como amuletos no pescoço das crianças. Nas danças bakairí em que se empregam trançados de burití, os personagens de destaque são dois insetos que vivem na palmeira. Na dança do peixe o Kamayurá usa a dentadura do peixe-cão como adorno festivo; tanto ele como o Auetö fabricam tortuais de enfeite em vez dos tortuais de trabalho, inventando na hora novas decorações, visto que para a finalidade do momento basta pintá-los com motivos passageiros; o Ba-

kairí transforma os paus de desenterrar mandioca num singular adorno para dança, produzindo igualmente, dessa maneira, no exercício livre da arte, outros modelos de forma — transformações do cilindro de madeira pontudo — e de desenhos.

Em tôdas as nossas tribus vemos ainda o enfeite dominado pela atividade sóbria e utilitarista, caça, pesca ou algum outro trabalho. Convém frisar mais uma vez aqui que o homem não começou a enfeitar-se procurando na natureza livre coisas bonitas para fixá-las em seu corpo, mas descobriu a beleza sómente depois de empregar material com algum intuito utilitarista. Mais tarde, porém, acumulou, paulatinamente, grande variedade de motivos de forma e de côr, procurando aplicá-los em tôda parte e elevando a ornamentação a uma espécie de arte que tem seu desenvolvimento mais livre nas danças e festas, onde se expandem as energias em excesso.

Instrumentos de música. “Na música do índio salienta-se sobretudo o sentido do ritmo; entretanto só produz fracos fragmentos de melodia, não parecendo ter noção da força da harmonia que domina os sentimentos”. Já começo citando Martius, porquê duvido que eu tenha o senso musical mais desenvolvido que o dos índios. Na realidade tudo que ouvimos era simples expressão de compasso e ritmo. E’ por isso que entre os instrumentos de música também incluo os guisos. Havia guisos para os pés, molhos de cascas de frutos e também, em quantidade, sementes de piquí partidas ao meio. O dançarino levava o guiso amarrado no tornozelo do pé com que batia. (V. fig. 90): A fim idêntico serviam guisos sonoros de conchas e cascas de noz, pendentes de borlas de algodão prêsas a cordéis levados ao pescoço, bem como o molho de conchas do “*makanari*” do peixe dos Bakairí.

Ao chocalho de cuia, que, cheio de sementes e atravessado por uma varinha de bambú, sacudia com a mão, acompanhando o compasso, davam os Bakairí, Nahuquá e Kamayurá o mesmo nome que ao guiso para os pés (28). Para nós é curioso o espectáculo de ver homens sacudindo com grande vivacidade o instrumento musical dos nossos bebês. Entre os Bacairí não vimos chocalhos de cuia, mas entre os Nahuquá havia-os muito numerosos e guarnecidos com variados enfeites de plumazinhas, bolotinhas de cera e borlas de algodão. Em vez de cuia, observámos também uma tartaruga nova espetada numa vara, e entre os Auetö vimos

(28) — *kamitu* entre os Kamayurá, não *maráka*, como em tupí, que entre êles significa canto e dança. Auetö *terná* e guiso para os pés *aimára*, que talvez tenha parentesco com *maráka*.

até o ovo azul, como que polido, de um galináceo, com uma haste que media mais de $1/3$ m. de comprimento. Às vezes havia dois chocalhos de cuia num cabo.

Chocalhos de cuias com forma de garrafa eram batidos no chão, para marcar o compasso. Cabaças redondas com cano de bambú constituíam uma espécie de transição para a flauta.

Na terceira aldeia bakairí e entre os Kamayurá empregava-se como tambor uma árvore ôca deitada no chão.

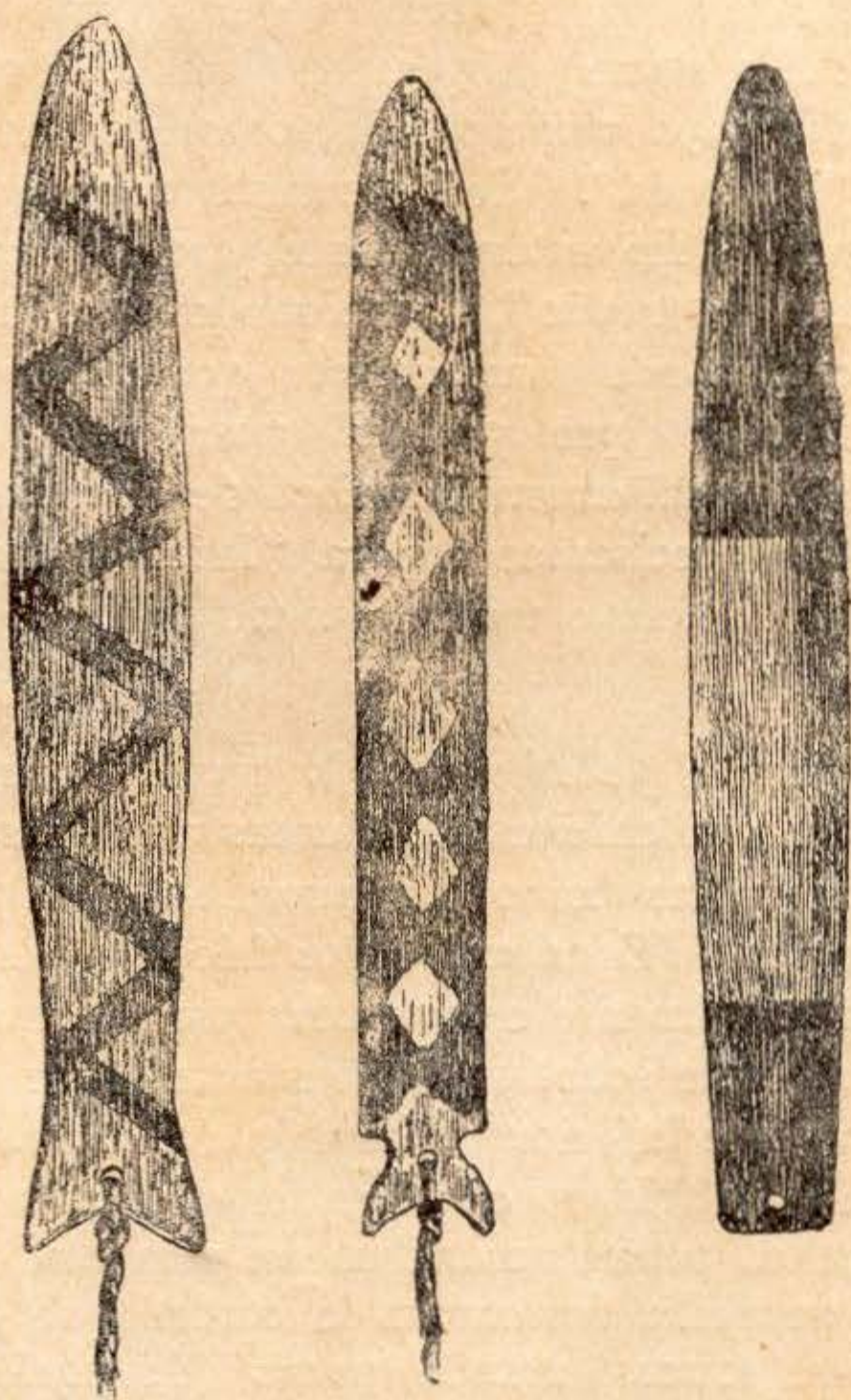
Flautas. Uma noz ôca de palmeira, em que se soprava, servia de flauta pequena; tinha dois furinhos e media 6 cm. de comprimento. A flauta mais apreciada e mais perfeita, com um comprimento de $3/4$ — 1 m. e uma grossura de 6 cm., chamava-se *méni* entre os Bakairí, enquanto as outras tribus lhe davam os seguintes nomes, todos, ao que parece, aparentados: Mehinakú *kolutá*, Kus-tenaú *kulútu*, Trumaí *kut* (guiso para os pés *kutchótó*, Nahu-quá *kulúta*, *karúto*, Kamayurá, *kurutá*, *kuruá*, Auetö *kolötú*. É formada essa flauta por um caniço com grossa rôlha de cera enfiada numa extremidade; ao lado abre-se um canal que acompanha a parede do tubo. Sopra-se na flauta por essa extremidade; o canal leva a um orifício quadrangular para a saída do ar, existente na parede do caniço. No quarto inferior da flauta há quatro orifícios para os dedos indicador e médio de cada mão; é perfurada a parede transversal que existe na extremidade inferior. Às vezes o tubo é formado de duas metades coladas com cera em todo o comprimento da flauta; invólucro de tiras de cortiça, taquara ou algodão. Em alguns exemplares é oblíquo o corte da palheta. Como estojos ou bainhas serviam as mangas dos trajes de dança, trançados de palha de burití. As flautas menores (até 80 cm. de comprimento) de bambú são trabalhadas com menos esmero. As flautas de Pan existem em todos os formatos, desde flautinhas de pastor, até outras de tamanho enorme. Em 1884, encontrámos entre os Suyá um exemplar com três tubos de $1\frac{1}{2}$, 1 e $3/4$ m. de comprimento, e $13\frac{1}{2}$, 13 e 5 cm. de circunferência; a parte superior tem, lateralmente, um orifício retangular para a saída do ar; cola-se mais para cima, um pedaço curvado de bambú com 10 cm. de comprimento, que só é aberto em baixo e que recebe a corrente de ar que sai pelo orifício retangular.

Zunidores. Ao lado das máscaras para danças, havia pendurado, na casa de flautas dos Mehinakú, um zunidor, medindo 60 cm. de comprimento e com forma de lâmina de espada; era pintado de preto, mas tinha parte mediana vermelha; v. fig. 121. Essa tábua estreita, quando volteada no ar por meio duma corda, produz



Prancha 27 — Borôro enfeitado de penas.

um zumbido ou zunido que causa uma impressão misteriosa porquê parece intensificar-se independentemente de ação exterior, podendo, além disso, mover-se com uma impetuosidade tal que nunca se atribuiria a instrumento tão pouco vistoso e tão simples. Dos Nahuquá obtivemos os zunidores reproduzidos na fig. 122, um dos quais ostenta a pintura do motivo da cobra; o outro é pintado de preto, tendo-se deixado em branco uma porção de losangos, representando peixes ou morcegos. Êsses dois zunidores com um comprimento de 34 e 36 cm., respectivamente, apresentam forma



Figs. 121-122 — Zunidores Mehinakú
(1/7 tamanho natural).

de peixe, que é adequada, pois uma parte da corda, de 3 m., se envolve no estreitamento da extremidade caudal. Como com as máscaras não tivemos dificuldade em obter os zunidores. Sem cerimônia alguma, os Nahuquá mostraram-nos o uso dos instrumentos, publicamente, na praça da aldeia; como se fôra outro utensílio qualquer, sem enxotarem as mulheres. Isso é de grande

interêsse, precisamente porquê o zunidor, que nos países da nossa civilização hoje em dia não passa de simples brinquedo de crianças, teve ou ainda tem, entre os povos mais diversos da terra, importância relevante nos mistérios religiosos. Encontra-los-emos novamente entre os Bororo, onde lhe cabe também uma significação mística, da qual, por isso mesmo, só trataremos quando falarmos da referida tribu.

Os Nahuquá e os Mehinakú têm a mesma denominação para o zunidor; êstes o chamam *matápu*, e aquêles *matáhu*. Entre os Auetö, Kamayurá e Trumaí não observámos o instrumento. Os Bakairí dão-lhe o nome *yélo*, *iyelo*, termo que na língua dêles significa tanto relâmpago como trovão, correspondendo, pois aproximadamente a “trovoada”. Se quisermos falar à maneira dêles não devemos, como o fiz anteriormente, chamar os zunidores de “relâmpago”, mas de “trovão”, de acôrdo com o ruído. Essa palavra bakairí esclarece-nos também por que motivo os médicos-feiticeiros australianos (que podiam voar para o céu com o seu zunidor e neste entalhavam desenhos de flores aquáticas) usavam o instrumento precisamente para “fazer a chuva”. Com a madeira mágica produziam o trovão e a trovoada; a idéia da chuva é secundaria.

Ornatos de plumas e diademas. Já enumerei as aves mais importantes que fornecem enfeites de plumas aos nossos índios. As plumas eram trabalhadas como diademas, sobretudo as da arara, dos papagaios, do japú (*Cassicus*) e dos falcões. As penas da cauda da arara eram geralmente empregadas para formar a parte mediana do diadema, onde sobressaíam bastante sôbre as plumas menores. A extremidade inferior do canhão era dobrada e atada em barbantes. Para encobrir os canhões, envolviam-nos numa faixa formada de pequenas penas vermelhas ou amarelas. Com plumas atadas num aro de palha formavam-se coroas que circundavam a cabeça. Faziam-se toucas, atando penas (de preferência plumas brancas de garças e cegonhas, misturadas com pequenas penas de variadas côres) nas malhas duma rêde de algodão; colocando-se a rêde sôbre a cabeça, as penas se levantam, formando uma poupa. Faixas de penas eram usadas para encobrir o bordo do diadema, na frente e, principalmente, em tôrno dos braços, onde as plumas eram atadas frouxamente.

Plumas para as orelhas. Os Bakairí usavam de preferência penas amarelas de *Cassicus*, v. as máscaras das figs. 94-97 e a prancha 6. As plumas para as orelhas são enfiadas em bainhas ou então fixadas em pequenas ou grandes varetas de bambú. Muito bo-

nitais e multicores são as hastes de plumas, de 24 cm. de comprimento, dos Kamayurá; a figura 123 infelizmente não pode dar uma idéia das côres magnificas. Já falei anteriormente sôbre as penas para o nariz, usadas pelos Bakairí.

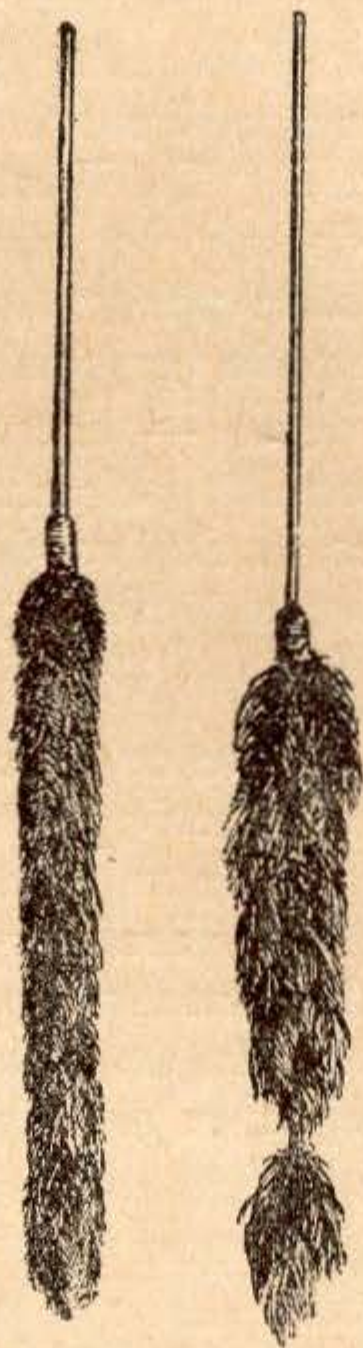


Fig. 123 — Plumas para orelhas Kamayurá
(1/3 tamanho natural).

Sòmente os Kamayurá tinham mantos de plumas, ou melhor, longas rêdes de penas, prêsas a uma corda que passava pelo pescoço e pendia sôbre o dorso; eram compostas de penas de urubú, gavião, arara, cegonha e jacutinga. Perteciam, antes de tudo, à “dança do yakui, yakuí-áp. Na frente, sôbre a testa, pendia longa guarnição de burití. Os Kamayurá possuíam também topetes de cabelo humano, com um comprimento de 30-40 cm.; eram fixados por trançamento a uma rêde para a cabeça e usados na dança do *yauari*. Empregavam além disso, para as danças, pequenas peles de animais ou pedaços de pele distendidas, cujo comprimento chegava a 1/4 m.

Diademas menos vistosos eram trançados de taquara; v. prancha 6. Principalmente os Bakairí e os Nahuquá contentavam-se com êsse enfeite, que sabiam trançar artisticamente de tiras de bu-

rití, acurí ou, mais freqüentemente, de vaimbé; para dar-lhe aspecto menos monótono, incluíam tiras tingidas de preto. Entre os Nahuquá havia também diademas com varetas de taquara dispostas em forma de raios à maneira das longas penas centrais dos diademas de plumas. Observámos ainda simples pedaços de cortiça dura (de “pata de boi”) colocados na cabeça como diademas; o cacique dos Auetö usava um diadema constituído de um pedaço de pele de jaguar; v. fig. 5. Os Kamayurá, finalmente, tinham gorros de algodão, que, do mesmo modo como os diademas de taquara, se originaram dos de plumas, que por sua vez nasceram da touca de penas, como se pode ver pela técnica.

Todos os ornatos de penas — exceto talvez uma pluma colocada ocasionalmente na orelha, sobretudo entre os Bakairí — destinam-se às festividades, inclusive à recepção festiva dalgum hóspede. Vale também para as penas o que foi dito para a pintura do corpo.

Jogos da juventude. Entre os Bakairí vimos pélas de palha de milho congoblada. Os Auetö possuíam bolas de borracha, mas de consistência massiça. A seiva duma figueira ou da mangabeira é rolada sôbre o peito para dar-se-lhe a forma duma pequena esfera que em seguida é macerada com água de cinza; fazem-se furinhos em tôda a superfície da bola de modo, que parece revestida dum trançado. Tingem-se as bolas com vermelho de urucú.

Os piões eram feitos de amendoins ou mandubís (*Arachis hypogea*) verdes. Para isso tomavam-se frutos do tamanho de duas cerejas que eram perfurados e atravessados por uma vareta de bambú; só uma pequena ponta da vareta aparecia no outro lado, onde recebia um floquinho de algodão para não deslizar. O fruto girava com a haste comprida para cima. Vários dêsses piões eram colocados num vaso de barro, onde giravam conjuntamente.

A luta descrita no capítulo VI já deve ser contada entre os jogos de adultos; entretanto as crianças gostavam de exercitar-se neste divertimento. O mesmo se aplica naturalmente ao tiro de flechas. Vimos também propulsores feitos para crianças. Com as pesadas bonecas de argila brincavam crianças mais crescidas. De mim os índios exigiram algumas vêzes uma demonstração de fôrça, mandando-me levantar um joven com o braço livre. Neste ponto posso acrescentar ainda a observação de que os índios não conseguiam balançar uma vara sôbre um dedo.

CAPÍTULO XII

I. DIREITO E COSTUMES. II. MAGIA

I. Propriedade. Parentesco. Matrimônio. Moral. Intercâmbio. Nomes. Nascimento. *A couvade e sua explicação*. Entêrro.

II. Feitiçaria em diferentes estádios e em diferentes graus de cultura. Sonhos. Pars pro toto. Bons e maus médicos-feiticeiros. Seus métodos. Morrer na narcose. O médico-feiticeiro no céu. Fumo. Conjuração do tempo.

I

Os limites entre os domínios das tribus são naturais. “Este riacho já pertence à tribu vizinha” era uma informação que ouvíamos regularmente na nossa viagem. Uma das margens do Kuli-sehu pertencia, p. ex., aos Nahuquá, a outra aos Mehinakú. A pesca no rio por meio de arco e flecha era permitida a todos.

A plantação era propriedade comum. Em casa cada qual possuía sua propriedade individual. Assim também as mulheres, que muitas vezes reclamavam quando nos davam alguma coisa. Passavam-se bens, por herança, aos filhos e às filhas. Muitas vezes observávamos, porém, que pessoas, a quem havíamos dado pérolas ou outros objetos, as deviam entregar ao cacique.

Não era grande o poder do cacique. Em tôdas as aldeias de certa importância havia vários chefes que moravam em diferentes casas; para tratar conosco, um só os representava. “Representação” era o dever mais importante em época de paz. Cabia ao cacique a direção dos negócios da plantação; zelava para que houvesse a quantidade suficiente de farinha, mandava cozer os beijús e preparar as bebidas em tôdas as ocasiões festivas e de visita. Era pai de família em escala maior, e não devia ser muito econômico para demonstrar sua estima pelos concidadãos ou, sobretudo, pelos vizinhos da tribo. Dizia-se, p. ex., que o chefe da primeira aldeia do Batoví era “*kurápa*”, ruim — sovina. Só mandava fazer poucos beijús para os hóspedes. A avareza é tida como um dos peores defeitos. Mas essa maneira de governar deve ser difícil. Antônio falou-me de um certo João Cadete da aldeia do Paranatinga, a quem coube a vez de ficar cacique; preferiu emigrar, “com medo de tratar gente”, de modo que Felipe lhe ocupou o lugar. Estando descontente com seu chefe, a comunidade sabe o que fazer: separa-se dêle, indo simplesmente à procura de outra paragem. A dignidade é hereditária, por isso nem sempre cabe aos mais aptos; passa de pai a filho, e, na falta dêste, ao filho da irmã. Em Maigéri falecera o cacique, tendo deixado só uma filha, a “minha prometida” do Idílio Bakairí. O chefe interino era Tumayaua, irmão da viuva; logo que a menina se casasse, o novo marido tomaria o lugar dêle. Ela recebeu grande quantidade de pérolas que havíamos dado a outros; era dela o banquinho de cacique.

As poucas observações que posso fazer sobre essas relações revelam alguns traços do matriarcado. Os filhos pertencem à tribo da mãe; Antônio me disse que se um dos Bakairí casado com mulher paressí tivesse filhos, êstes seriam Paressí. E’ fora de dúvida que, tratando-se de mulheres raptadas, o sentido de uma tal declaração só pode ser teórico. Por ocasião das nossas expedições havia ligações matrimoniais entre Mehinakú e Nahuquá, entre Auetö e Yaulapiti, bem como entre Kamayurá e Auetö, entre Kamayurá e Mehinakú, entre Bakairí do Batoví e Kustenaú, entre Bakairí do Kulisehu e Nahuquá. Assim como entre os Nahuquá viviam mulheres mehinakú, havia homens auetö que tinham desposado mulheres yaulapiti; moravam em duas casas um pouco afastadas da aldeia auetö, sendo chamados “Arautí” (29). Por outro lado viviam casados, entre os Bakairí, um homem kustenaú e outro nahuquá, ao passo que nunca observámos o

(29) — O cacique aueto também classificou de “Arautí” ao cacique dos Suyá que em 1884 nos dera o mapa do curso do rio. O botoque notavelmente pequeno dêste índio teria sua explicação na operação tardia; êle mesmo remontava seus conhecimentos geográficos a viagens próprias.

caso contrário, o de mulheres bakairí entrarem, por casamento, em outras tribus. Pauhaga, da primeira aldeia bakairí do Batoví, tinha, por espôsa, uma filha de Awiá, de Maigéri; quando a mulher estava em vésperas de dar à luz, o marido a levou à casa de Awiá, no Kulisehu, para que ela, ou melhor, ambos, como havemos de ver, tomassem aposento de parturiente na residência dos sogros. Embora aquela gente vivesse em monogamia e o pai fôsse o chefe da família, o irmão da mãe ainda era tido como protetor da criança com incumbências iguais às do pai, e, quando êste morria, cabiam-lhe todos os deveres até os filhos tornarem-se adultos. Era êle que dispunha sôbre a propriedade dos menores, não a mãe.

Tôdas as tribus tinham nomes diferentes para designar irmão mais velho, e irmão mais novo. Irmão mais novo equivalia a primo, o que se exprimia pela igualdade do nome. Os Bakairí chamavam-me de “irmão mais velho”, mais tarde, na terceira aldeia, também de “avô”, enquanto os Mehinakú me classificavam de “tio” (irmão da mãe). Os meus companheiros de viagem eram sempre chamados meus “irmãos mais novos ou primos”; de sua parte, os próprios índios os denominavam assim.

Para contrair matrimônio não há festas de casamento. Os progenitores, primeiro os pais, depois as mães, discutem o assunto, o pai da noiva recebe flechas e machados de pedra; o noivo deve também ajudar no trabalho da roça, “para mostrar que entende do serviço”, pendura sua rêde acima da rêde da noiva, e tudo está em ordem. Só no Paranatinga vigorava, claramente pronunciado, o costume de homens mais velhos casarem com mulheres jovens e homens jovens tomarem mulheres mais velhas, o que não se verificava no Kulisehu; êste privilegio dos velhos aquí, portanto, só aparece com a decadência da tribu. Pelo menos os poucos casais que conheci mais de perto em Maigéri, eram formados de indivíduos mais ou menos coetâneos. Entre os Bakairí, pelo que nos disseram, o divórcio era feito simplesmente, mesmo sem o consentimento do marido. “A mulher vai-se embora, talvez êle torne a apanhá-la”.

Em capítulo anterior já tive ocasião de referir-me à divisão do trabalho. A mulher não ocupava posição indigna. O homem fazia-a carregar fardos mais pesados do que os que êle mesmo levava; conservava-a afastada da casa das flautas, onde os homens se reuniam em conselho, onde fumavam, faziam festas e hospedavam os visitantes. O marido era chefe e senhor da espôsa — e fazia-lhe sempre a vontade. A afirmação de Martius de que a mulher, “a-pesar-da sua subordinação escrava”, não tinha situação baixa “em consequência de sua jovialidade no trabalho”, vale com-

pletamente para os nossos índios tanto mais quanto entre êstes é menor a subordinação escrava. A mulher carecia da proteção em primeiro lugar porquê era fraca e “chorava” diante de qualquer perigo, mas também porquê devia ser resguardada de desejos estranhos. No caminho da plantação para casa ela ia à frente do marido, pois, levando pesada carga, adiantava-se depressa sem que o marido pudesse recear alguma coisa; no mato, porém, a mulher andava atrás do homem, para que êle fôsse o primeiro a enfrentar um perigo eventual. As mulheres eram protegidas também de hóspedes estranhos, e quando êstes eram de natureza duvidosa, elas e as crianças corriam para o mato.

Não sei dizer o que se passa por ocasião do divórcio. Em geral, nunca tivemos ensejo de observar alguma coisa que pertencesse ao domínio jurídico. Quando eu pedia a Antônio que me falasse de crimes de qualquer natureza, êle sempre me dizia que coisas dessas se observavam outrora, tendo, porém, deixado de acontecer.

O furto era freqüente, pelo menos em objetos de nossa propriedade. Não vale isso, entretanto, para os Bakairí, se bem que Luchu, na época em que nos visitava em Independência, já não se mostrasse muito senhor de si. Quando se estabeleceu a confusão no pouso dos trumaí porquê tive de reclamar um vidro com pílulas de arsênico roubadas, observámos que os Yaulapiti vindos conosco procuravam apoderar-se de machados de pedra dos Trumaí. Em todos os casos, e sem exceção alguma, culpava-se um estrangeiro de algum furto verificado. Na realidade, os indivíduos que moravam juntos não possuíam muita coisa; eram objetos que não valia a pena roubarem um do outro, e o ladrão imediatamente teria sido descoberto. E’ portanto muito natural que a idéia de moral seja ligada estritamente à qualidade de membros da tribu.. Em bakairí *kurá* significa “nós”, “nós todos”, “nosso” e, ao mesmo tempo, “bom” (“nossa gente”), enquanto *kurápa* quer dizer “não nós”, “não nosso” como também “ruim, sovina, prejudicial à saúde”. Tudo que é mau provém do indivíduo estranho, inclusive as doenças e a morte, que são enviadas por feiticeiros de fora.

A importância das boas relações com as tribus vizinhas é um fato que se depreende da quase necessidade do intercâmbio. Uma tribu é *sóto* senhor dêste artigo, a outra daquele. Na terceira parte do capítulo IX já foi dito o que há de mais importante sôbre a questão. Os Bakairí tinham por especialidades os colares com pedaços brancos e retangulares de concha, missangas de concha, urucú, fios de algodão, rêdes; os Nahuquá: cuias, assim como co-

lares com pedaços vermelhos de concha e pérolas de tucum; os Mehinakú e parentes: potes e fio fino de algodão; os Trumaí e Suyá: machados de pedra e fumo; os Trumaí e talvez também os Yaulapiti: colares com pedras perfuradas. O sal de bambú, preparado pelos Trumaí, constituía igualmente um produto apreciado pelas outras tribus. Todos êsses artigos eram mercadoria. Percorriam, em parte, o longo caminho dos Bakairí aos Suyá, passando sucessivamente pelas tribus intermediárias. Os Suyá negociavam com os Kamayurá, êstes com as tribus ceramistas; entre estas, por sua vez, os Mehinakú tinham estreitas relações com os Nahuquá, e os Kustenaú com os Bakairí do Batoví. Os Bakairí mais próximos da nascente do Kulisehu recebiam os machados de pedra de origem suyá e os potes de fabricação kustenáu de seus parentes do Batoví, e os Bakairí da terceira aldeia do Kulisehu recebiam-nos dos Nahuquá, com os quais mantinham estreitas relações. Depois de, em 1884, darmos aos Bakairí do Batoví alguns dos nossos artigos caraíbas, o cacique da primeira aldeia serviu-se da conjuntura propícia, empreendendo uma viagem comercial à região baixa do Kulisehu. De tal sorte às vêzes também se estabelecia intercâmbio entre tribus não vizinhas. Os artigos recebidos pelos Suyá em troca de seus machados de pedra são macas, colares de concha, penas de arara e potes.

Embora existisse um comércio de trocas antigo e necessário, faltava contudo, pelo menos até certo ponto, a noção do valor. Quem vinha a alguma aldeia trazia uma ou outra mercadoria, entregando-a se lhe dessem alguma comida por ocasião da chegada. Os artigos desejados em troca eram-lhe entregues em diminuta quantidade na recepção, e em quantidade maior na partida. Quando nos despedimos em Maigéri pudemos observar o exemplo típico: tivemos de sentar-nos e recebemos uma cesta com farinha. Assim, os Bakairí mansos traduzem a palavra portuguesa “comprar” com *yekadile*, sentar-se. O comércio, portanto, ainda não passa de uma troca de donativos de hóspedes. Mas êste fato se baseia sòmente no nível cultural dessa gente, e não no caráter generoso. O índio em absoluto não é hospitaleiro no sentido de sentir-se imensamente honrado com a visita e incondicionalmente obrigado a receber os hóspedes com grande quantidade de beijús e bebidas. Já deseja receber alguma coisa em troca do mantimento oferecido ao hóspede; fica cedo impaciente quando o hóspede se demora na aldeia unicamente para ter pensão barata, e pede-lhe sem cerimônia que se retire. Na lenda bakairí já se relata, simultaneamente com a origem da dança, que os convidados e hospedados trouxeram, co-

mo presente, flechas e barbantes. E' certo que os nossos companheiros de viagem sòmente nos ofereciam peixe durante a jornada quando êles mesmos já se sentiam satisfeitos, não eram também os beijús melhores que se deixavam para nós. A eterna conversa, também entre êles próprios, girando em tórno da questão de saber se esta ou aquela tribo era "*kúra*", mostrava com toda a clareza que a hospitalidade não era nada menos que ingênua; era sempre grande a satisfação quando declarávamos que alguma tribo era "*kurápa*", porquê isso significava de nossa parte termos feito poucos negócios com ela. O louvor próprio dos hóspedes era grande demais para que o contemplado pudesse acreditar na virtude pura do selvagem desinteressado.

A comêço, a nossa maneira sòbriamente comercial, i. é, a troca de objeto por objeto, era completamente nova a tôdas as tribus. Mas aprenderam depressa. Verificavam-se, porém, os absurdos mais divertidos. Alguém levantava uma mancheia de mangabas, exigindo insistentemente, em troca, uma faca grande. Outro reclamava pérolas por se lhe ter pôsto uma atadura na mão. Só quando se lhes fazia compreender que a gente mesmo só possuía um exemplar do objeto disputado, deixavam de pedi-lo.

Nomes. O filho recebe, pouco depois do nascimento, o nome do avô, do tio ou de qualquer ascendente, menos o do pai. Entre os Bakairí os nomes são em parte, mas creio que só em pequena parte, nomes de animais. São êstes os únicos de que sei a significação; assim, p. ex., Luchu é uma cobra d'água, o nome aborígene do cacique Reginaldo do Rio Novo era *izána* = jacaré, um velho de Igueti chamava-se *póne* = piranha preta. Uma das mulheres da aldeia do Paranatinga tinha o nome de *makála* = cegonha tuiuiú. Geralmente não era difícil descobrir os nomes dos homens; às vêzes vacilava-se um pouco antes de revelá-lo, e preferia-se que algum amigo o comunicasse. Ao que se dizia, um Bakairí não tinha nome por ter perdido os pais quando ainda muito pequeno. Das mulheres do Kulisehu regularmente recebi, como única resposta, a declaração: "Sou uma mulher"; é verdade que descurei de inquerir terceiros. O costume da troca de nomes já foi descrito em capítulo anterior. Êsse hábito nos esclarece por que motivo os índios se sujeitam tão facilmente ao batismo cristão. Entendem-no unicamente como uma cerimônia pela qual perdem seu nome antigo.

Nascimento e couvade. Disseram-nos que os abortos são frequentes. As mulheres têmem o parto. Entre os Bakairí preparam um chá de raiz duma arvore campestre, chamada perovinha. E' provável que a isso se acresçam processos de ordem mecânica

A mulher dá à luz ajoelhada no chão, agarrada a um poste. A rede não deve ser manchada. As mulheres que nos fizeram a demonstração pantomímica do parto e que o conheciam por experiência própria, declararam-nos decisivamente que as dores eram grandes. Entretanto levantam-se cedo, indo trabalhar enquanto o homem se entrega à celebre couvade, período em que não toca nas armas, passando na rede a maior parte do tempo. Por ocasião da nossa volta, observámos uma couvade em Maigéri, na casa de Paleko. Havia-se instalado verdadeiro “cômodo de parturiente”, formado de duas paredes de fôlhas de burití pendentes, partindo de um dos postes principais e estendendo-se até à parede externa. Separára-se destarte um segmento triangular de círculo. De bom grado foi-me franqueada a entrada para que presenteasse a criança com pérolas. No interior estavam estendidas quatro redes, abrigando duas mulheres com lactantes e dois homens. Forte cheiro de piquí, proveniente de massagens, enchia o aposento. As crianças eram *kwá-pa*, doentes, fracas, como diziam os progenitores, queixando-se. As mães e os pais entretinham-se em soprá-las ininterruptamente, desprendendo com isso ruídos de som ôco provocados com a bôca quase fechada e que também durante a noite subsequente só pararam por poucos momentos. Os esposos deixavam a casa somente para a satisfação de suas necessidades, viviam exclusivamente de pogú pouco consistente, formado de beijús dissolvidos em água. Tudo o mais seria prejudicial à criança, equivaleria a dar de comer à própria criança carne, peixe ou fruta.

Vemo-nos levados muito naturalmente a relacionar com a vida de caçadores êsse singular hábito com que as mulheres são beneficiadas; o marido devia permanecer perto da mulher e da criança na hora difícil e durante os primeiros dias em vez de andar vagueando pelo mato; o melhor meio para conseguir isso era submetê-lo a uma dieta. E, seja qual fôr a origem do costume, é claro que proporcionava essa vantagem, sendo também, pelo menos, bem compreensível que as mulheres o favorecessem, fazendo com que se arraigasse. Entretanto, no moderno Paranatinga, onde o hábito é desleixado, as mulheres são descontentes, não porquê elas, mas porquê as crianças sofrem com isso. Se o costume era favorável às mulheres, nem porisso os homens tinham motivo suficiente para se submeterem a êle. E na realidade os homens a êle se sujeitam de um modo tão geral e com convicção tal que devemos concluir tratar-se de antiquíssimo e muito arraigado elemento de crença popular. E’ muito duvidoso haver qualquer tribu indígena brasileira que o não tenha seguido. Deve-se examinar a instituição

quanto possível em tribus que ainda tenham sido encontradas num estado de cultura original, e que não tenham conservado somente restos de suas antigas instituições. Os caraíbas insulares geralmente não comiam nem bebiam durante os primeiros cinco dias; limitavam-se, nos quatro seguintes, a uma bebida de mandioca cozida, ficando, depois, menos abstinentes, mas deixando de comer ainda, durante vários meses, algumas espécies de carne. “Não é provável”, diz, com muito acerto o Padre Breton, “que o marido também grite como a mulher nas dores de parto; vi-os, ao contrário, virem de fora secretamente e às escondidas, um mês depois do nascimento, afim de fazerem retirados o seu jejum”. Desprezam aquêles que não seguem o costume, declarando sentir-se melhores e alcançar maior idade quando o observam, e acreditando que, no caso de transgredirem o preceito, as suas doenças, provocadas por humores superabundantes, passem para as crianças.

Entre os nossos índios é o pai quem trata da criança, e a mãe volta mais cedo ao seu trabalho. O fato do pai passar assim muito tempo na rêde, compreende-se por si mesmo pela falta de nutrição e por ficar em casa. Mas quando começa a couvade e quando cessa? O pai corta o cordão umbelical do recém-nascido, jejua rigorosamente, cuida da criança e volta a ser homem livre no momento em que cai o resto do cordão. Como instrumento para cortar o cordão umbelical o homem bakairi serve-se, nos meninos, de um pedaço de cambaiuva, e nas meninas, de taquara.

Comparemos com isso a nota dada por Martius sobre os Passé, onde os costumes podem ser reconhecidos muito claramente como de natureza medical, quando a jovem jejua um mês ao se iniciarem as menstruações, quando a parturiente passa um mês no escuro, “devendo contentar-se, como o marido, com nutrição de mandioca, beijús e sopa de farinha. O marido pinta-se de preto e fica na rêde durante todo o período de jejum ou até que o lactante perca o cordão umbelical sêco (seis a oito dias). Êle mesmo costuma cortar o cordão umbelical com os dentes ou com pedras agudas, quando não dispõe de faca”. De especial importância é, porém, um manuscrito que foi conservado na biblioteca do convento de Évora, capital da província portuguesa do Alentejo, manuscrito da autoria do jesuita Fernão Cardim, datado de 1584 e contendo muitas observações seguras (30). “As mulheres dão à luz no chão, elas não pesam a criança, fá-lo o pai, ou qualquer outra pessoa, que tomem para padrinho e com a qual mantenham

(30) — Do princípio e origem dos Índios do Brasil. Rio de Janeiro, 1881.

amizade como os padrinhos entre cristãos; o pai corta o cordão umbelical com os dentes ou com duas pedras uma em cima da outra, e logo depois deita-se e faz jejum até que o cordão caia, o que geralmente dura até 8 dias, e enquanto não cai não deixam de jejuar, e ao cair, se fôr menino, êle faz um arco com flechas e os amarra numa ponta da rêde, pendurando na outra muitos maços de ervas, que são os inimigos que o seu filho deve matar e comer, e acabada essa cerimônia fazem vinho com o qual todos se deleitam”.

Segundo êstes dados valiosos, que concordam exatamente com os que colhemos no Xingú, poder-se-ia considerar o pai como o médico incumbido do tratamento, que também jejua, mais ou menos à semelhança do médico estudioso, sob pena de tornar falha a sua cura e de prejudicar a criança se procedesse de modo diferente. Mas não só os habitantes do Xingú, porém igualmente muitas outras tribus dizem que o pai se deve abster de peixe, carne e fruta, porquê o contrário seria a mesma coisa como se as próprias crianças o comessem. E não há motivo que nos dê direito a não acreditar na afirmação dos índios de que acreditam nisso. Além do mais, o médico-feiticeiro da aldeia estaria sempre à disposição; chamam-no em todos os casos em que a mãe ou a criança adocece.

O pai é paciente na medida em que se sente uma só pessoa com o recém-nascido. E afinal de contas também não é tão difícil compreender como se identifica assim. Não se pode admitir que o aborígene saiba alguma coisa a respeito do óvulo humano e do folículo de Graaf, não pode saber que a mãe abriga a formação correspondente aos ovos das aves. Para êle, o homem é o portador dos ovos, que êle, para dizê-lo breve e claramente, põe dentro da mãe e que esta choca durante a gravidez. Olhem-se as pranchas 16 e 17, onde os índios desenharam os ovos masculinos. Nos casos em que dispomos de suficiente material linguístico, vemos imediatamente como essa tentativa extremamente natural de explicar a geração, também se manifesta nas palavras que traduzem pai, testículo e ovo. Em guaraní *tub* significa pai, ovos de peixe, ovos, *tupia* quer dizer ovos, e o próprio termo *tup-i*, o nome da tribu, composto com — i — pequeno, não representa outra coisa que pequenos pais ou ovos ou crianças, se quisermos; o pai é ovo e a criança é o pequeno pai. A própria língua diz que a criança não é outra coisa que o pai. Entre os Tupí existiu também o costume do pai adotar novo nome após o nascimento de cada novo filho; para explicar isso, não é absolutamente necessário admitir que cada vez a “alma” do pai entre no filho. No idioma caraíba

verifica-se coisa completamente idêntica. *Ymu* é ovo ou testículo ou pai ou criança, sendo o nome desta última já diferenciado foneticamente em algumas tribus:

Ipurucoto *imu* ovo, Bakairi testículo, Tamanako pai, Makuschu *imum* semente; com o sufixo pronominal — *ru* encontramos *imu-ru* criança em várias tribus; Kumanagoto *umo* meu pai, *amo* teu pai, Nahuquá *umú-ru* meu filho, minha filha, *umú-ru*, teu filho, tua filha. Evidentemente tôdas as tribus chegam a fazer acréscimos determinativos ou, esquecendo a correlação, a diferenciar as palavras foneticamente. Assim os Kamayurá possuem os termos *ye-rup* meu pai, *upia* ovos, *ye-reapia* meus testículos, e os Auetö dizem *i-tupia* meus testículos, *n-úpia* seus ovos, e a língua geral tem *çapyá* testículos, *çopia* ovo. Entre os Bakairi, p. ex., criança e pequeno se dizem *iméri*, a criança do cacique *pima iméri*; podemos traduzir à vontade “o filho, a filha do cacique” ou “o pequeno cacique”, e à vista desta última forma, que, referida ao filho, poderíamos citar mais por brincadeira, não nos lembramos de que a criança de fato é o pequeno cacique, uma pequena edição do grande. Mesmo para o nosso modo de sentir esta representação por certo só é curiosa e dificilmente concebível para o caso de se tratar de uma menina. Mas também a menina é o pequeno pai, e não a pequena mãe; é feita só pelo pai. Na língua dos Bakairi não há palavras especiais para significar “filho” e “filha”; quando se precisa fazer a distinção, acrescenta-se o gênero: “*pima iméri*” pode ser tanto o filho como a filha do cacique. A filha única do cacique é a herdeira das posses e da dignidade; tanto esta como aquelas passam depois, juntamente com os próprios bens da noiva, para as mãos do marido.

Nasce o pequeno pai, é-lhe cortado o cordão umbelical, o grande pai jejua pelo menos até que a ferida tenha sarado, para que o novo homenzinho possa ser considerado como ente independente. O pai certamente não observaria preceitos de precaução se o pequeno andasse logo, são e bem disposto, como um pinto, mas a criança perde sangue e está em perigo, pois que nem lhe constriagem a ferida por meio dum barbante. Considerado que a mãe só é concebida como chocadeira, aquilo tudo na realidade nem é tão singular e exquisto. Já durante a gravidez (v. Ploss, Das Kind, II, cap., 7) o pai jejua muitas vezes, evitando o trabalho pesado afim de não prejudicar a criança. Mas depois do nascimento ele se sente, pelo menos até o momento em que cai o resto do cordão umbelical, em “ligação” real com a criança, e pelo menos nos dias em que a vida do pequeno pai está visivelmente em perigo, é-lhe

necessário observar dieta, deixando de comer tudo que é prejudicial à outra parte. Também não é estritamente necessário que o parto se dê na presença do pai para obrigá-lo a jejuar; por isso a necessidade de sua presença também não pode constituir a razão final do costume. De acôrdo com a citação feita acima, os Caraíbas insulares ainda se entregavam ao preceito da couvade um mês depois do nascimento. Entre os Ipurina do Purús a mãe, assistida por algumas mulheres velhas, dá à luz num rancho do mato, voltando só “quatro ou cinco dias mais tarde” para junto do pai, ao qual só então é permitido ver a criança e que durante êsse tempo teve que observar rigorosa dieta. Ainda por um ano inteiro o pai não pode comer carne de porco nem de anta. Ehrenreich, que comunica isso, acrescenta: “uma verdadeira couvade (‘Mannerkindbett’) não é usual”. Mas, à vista da exposição feita, deve-se dizer que só não é usual no tocante à obrigação de ficar na rede, a qual, caso não seja simples fenômeno secundário, pelo menos não passa de um dos preceitos de cura menos importantes. Também o índio sabe que em primeiro plano a alimentação errada é prejudicial à criança, e por isso o essencial é observar dieta. Tudo o mais representa, em maior ou menor grau, simples complementos da regra principal. Decisivo é, finalmente, o comportamento dos Borôro. A mãe dá à luz no mato, e o pai, que nunca presencia o parto, não somente jejua, mas — como soubemos do farmacêutico da colônia militar brasileira, que disso muito se admirava — toma também os remédios a êle entregues para a criança doente.

Ao passo que tôdas as tribus adotam sempre o mesmo sistema para o pai, o comportamento da mãe pode ser muito variado, conforme o grau de sofrimento presumido. Torna a cuidar dos seus serviços na medida em que se sente bastante forte; amamenta a criança, mas é tudo. Entre pai e filho não existe nenhuma correlação misteriosa. O filho é uma multiplicação do pai, o qual se duplicou e deve comportar-se como criança que não pode sofrer dano. Tudo isso em benefício da criatura bisonha e sem o uso da razão, que representa sua edição em miniatura. Supondo que a criança venha a falecer nos primeiros dias, como poderá o pai, possuidor dêsse ponto de vista, e que tenha tomado alimento de difícil digestão, duvidar de que seja êle próprio o culpado, já que tôda doença é devida a outra pessoa? Aquilo a que chamamos “pars pro toto”, domina em tôda parte a credence popular no tocante à magia do feitiço e da cura, se bem que eu não acredite tenha o praticante da magia a noção clara de uma “parte” com que opere. A “couvade” segue exatamente a mesma lógica, só que aquí temos um caso em que o todo toma o lugar da “parte”. Envenenar o ca-

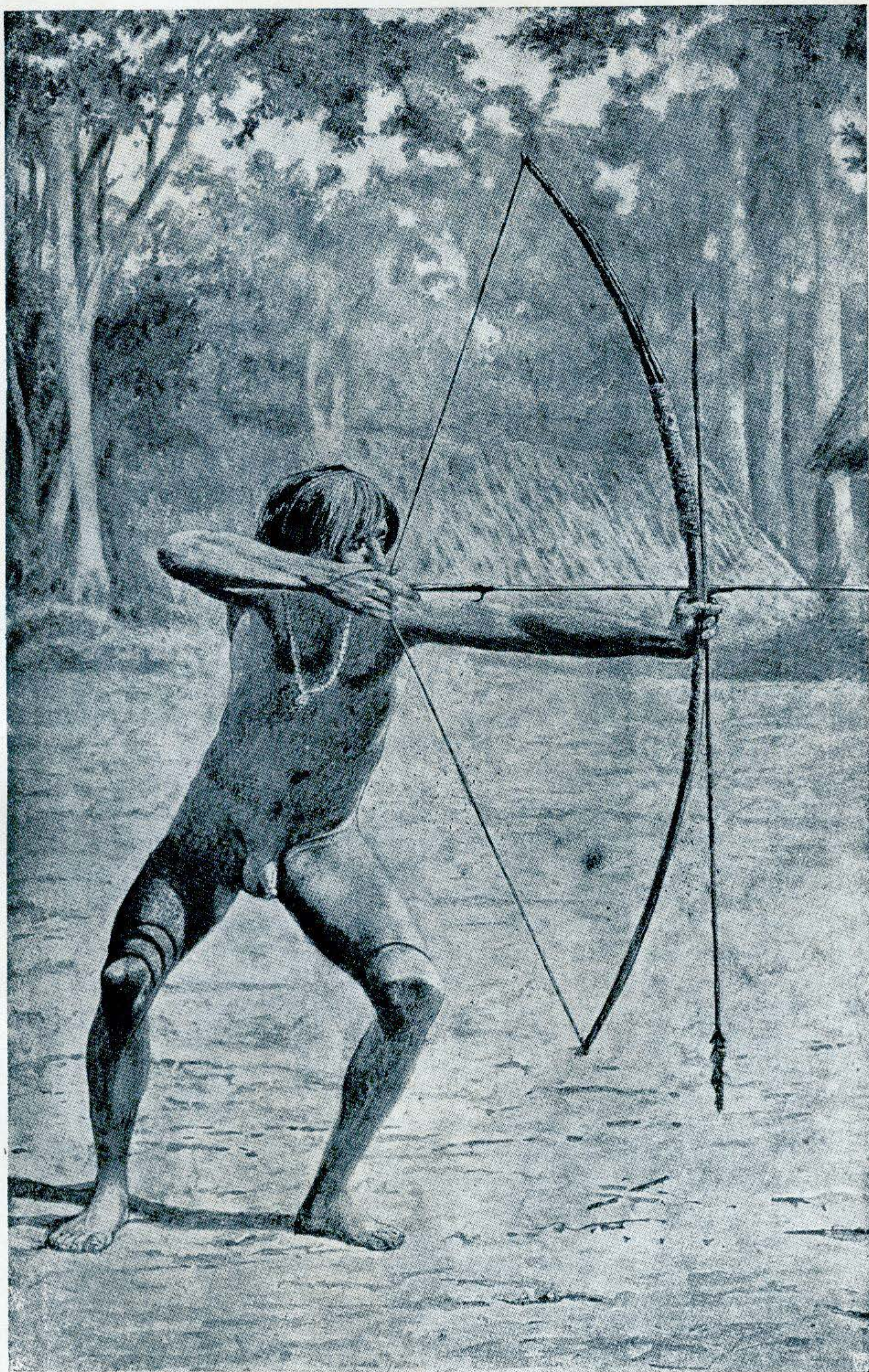
belo do inimigo, expondo-o destarte à doença é um ato análogo ao de tomar, em desfavor da criança separada de si, alimentos que ela mesma absolutamente ainda não poderia suportar, pelo menos nos dias em que se efetua a separação.

Entêrro. Tôdas as tribus do Kulisehu enterram seus mortos; o corpo é colocado em sentido leste-oeste, de tal sorte que a cabeça fique dirigida para o oriente. (Consoante informação dos Kamayurá, os Suyá enterram seus mortos em posição agachada, a cabeça com o adôrno de plumas inclinado para trás, e o rosto dirigido para o poente). O sepultamento se faz na praça da aldeia. Vimos entre os Mehinakú, diante do rancho de festas, uma pilha de gravetos, debaixo da qual diziam-nos existir uma cova, a pouca profundidade; de buracos existentes no chão, saíam besouros grossos, e grande quantidade de môscas dominava o lugar. Entre os Auetô havia, diante do rancho de festas, um quadrilátero cujos cantos eram formados de postes grossos e baixos, ligados por um trançado. A prancha 15 mostra uma fotografia dessa sepultura. Não sei se é por acaso que os dois lados curvos do quadrilátero lembram a forma característica do punho do propulsor. Entre os Yaulapiti vimos um cercado de sepultura com forma quadrada.

O corpo é envolvido na rêde (31). O homem é enterrado com arco e flechas, a mulher leva uma esteira trançada com malha de peneira, fuso e vaso de barro. A divisão terrena do trabalho continua também no outro mundo. Os Kamayurá descreveram-nos a inumação do cacique. Para formar a cova, cavam dois buracos que são ligados por um corredor, de sorte que o todo tenha a forma dum altere. Enquanto todos choram e se lamentam, acendem-se fogueiras, e cada homem quebra seu propulsor com as flechas respectivas, lançando os pedaços ao fogo (32). Os parentes mais próximos jejuam por algum tempo mas em seguida a gente se orna festivamente, a tonsura é renovada e o corpo pintado com genipapo, que os Kamayurá preferem ao urucú. A viuva anda com a cabeça rapada. A sepultura, que vimos na aldeia dos Auetô (v. prancha 15) abrigava a mulher dum cacique, uma Kamayurá; contaram-nos os índios que de tôdas as tribus vieram pessoas anojadas para tomarem parte no entêrro.

(31) — Em Cuiabá os escravos e pobres do Hospital da Misericórdia eram envolvidos, para o entêrro, numa rêde ou num cobertor. Às vêzes usava-se um sarcófago com a forma duma caixa comprida, tendo o fundo e as paredes formadas de sarrafos; esta armação era revestida com pano branco internamente e externamente preto.

(32) — Veja-se o entêrro entre os paressí.



Prancha 28 — Flexador Borôro.

II

MAGIA E MÉDICOS-FEITICEIROS

Costuma-se imaginar a magia e a feitiçaria dos povos primitivos como uma arte completamente estranha a nós. Tomando-se, porém, a natureza de sua arte como ponto de partida, vê-se que também na vida do homem da nossa civilização não há nada mais natural que a feitiçaria, embora não apresente sistematização alguma, e seja uma feitiçaria de leigo. Quem sonha, faz feitiçaria. Quem sonha, não se subordina ao espaço e à forma, tem capacidade para qualquer ato com qualquer pessoa ou coisa. A diferença entre jogos animados da imaginação e feitiçaria visionária é apenas quantitativa, não qualitativa. Quem beija o retrato da amada, prepara-se para a feitiçaria. Aquêles que, estando longe de sua querida, lhe envia um beijo pelo ar, já se torna muito suspeito de feitiçaria, pois é de receiar que êle acredite que o doce hálito chegue ao seu destino e aí seja sentido. E aquêles que, como o grande feiticeiro Goethe, declara ao seu fâmulos Eckermann: “Na minha juventude muitas vezes, em passeios solitários, eu era tomado por um imenso desejo de encontrar uma jovem amada, e nela pensava até que de fato me viesse ao encontro”, já pratica feitiçaria no sentido pleno da palavra. Também é dominado completamente por genuína feitiçaria, todo aquêles que, ao lhe zumbirem os ouvidos, crê, embora por um único segundo, que se falou dêle algo de bem ou de mal, ou aquêles outro que pede ao amigo que faça figa para sair-se bem dum empreendimento qualquer, ou, então, quem atribue aos seus desejos o poder de influir no curso de acontecimentos agradáveis ou desagradáveis.

Como muitos outros povos primitivos, os nossos índios também têm a firme convicção — que no grau da nossa civilização ainda pode ser observada em crianças e embriagados, e não só nelas, — a convicção da realidade dos sonhos, vão à cada, flecham peixes, derrubam árvores durante o sono, enquanto o corpo permanece na rede. Entre os Borôro, como mais adiante terei ocasião de relatar, toda a aldeia queria fugir, porquê um dêles havia visto em sonho inimigos que se aproximavam. Os Bakairí dizem que no sonho, a “sombra” do homem — que nós neste caso traduzimos por “alma” — vagueia pelo espaço. (Veja-se também o capítulo sobre os Paressí no tocante a esta e semelhantes questões). Antônio, que nos meses passados em Cuiabá, pude estudar bastante, individualmente, no intuito de obter a maioria

dos dados que se encontrarão mais adiante, também tinha a opinião, conhecida principalmente dos malaios, de que era perigoso acordar súbitamente a quem está dormindo. A “sombra”, que talvez esteja perambulando por regiões distantes, não poderia voltar tão depressa, e o adormecido se transformaria num morto. Para grande surpresa minha, Antônio também explicou as dores de cabeça, que aparecem depois dum sono noturno demasiadamente curto, como sendo a consequência da volta apressada que a sombra tem de realizar. Não devemos estranhar muito essa crença dos sentidos, pois basta que nos lembremos de que a alta filosofia especulativa tem bastante dificuldade em dizer se a vida é sonho ou se o sonho é vida, se vivemos a realidade no estado acordado ou durante o sono, e não nos devemos esquecer de que, depois de acordados, freqüentemente obtemos completa confirmação da realidade.

E como é que se origina uma concepção assim, e quais são as suas consequências? Quem acorda tem a convicção de ter visto e ouvido determinadas coisas. Percebeu-as com perfeita clareza. Portanto estavam aí. Como o corpo de quem dormiu não deixou a rede durante o sono, ninguém se lembra de perguntar se aquilo que viu ou presenciou é real. A nenhum dos companheiros de tribu vem a idéia de duvidar da veracidade do relatório; faz-se talvez, no correr dos tempos, alguma tentativa de explicação, atribuindo-se, p. ex., à sombra a mudança de lugar que de fato não foi empreendida pelo corpo, mas isso é secundário e nunca atinge a impressão do caso que no momento se verifica. Pois o fato de não se compreender alguma coisa não é motivo para se rejeitar a experiência real dos sentidos, mas somente para se atribuir a acontecimentos presenciados em sonho e que tenham interesse geral, uma importância relevante, e para todos se excitarem; aquilo que se passou é algo de especial, e aquêle com que se deu o caso pode mais do que os outros. Vemos que para resolver sobre a realidade de alguma coisa não é necessário indagar se os sentidos são impressionados diretamente por via externa, ou se impressões antigas, já acumuladas como quadros de memória, readquirem, no estado de excitação, a sua primitiva força de sensação. Mas, logo que aquilo que se imaginou vivamente é tido como verdadeiro, absolutamente não é possível evitar que se confundam impressão com realização. Pois a fantasia excitada pode de fato dar uma feição qualquer a tudo; por conseguinte, quem é dominado por ela, é capaz de coisas impossíveis. Ele mesmo tem a convicção disso, e os outros tributam-lhe admiração pelos feitos por êle próprio relatados; múltiplas conclusões erradas sobre a

concatenação dos acontecimentos, bem como as casualidades, atuam no mesmo sentido para firmar a convicção. Tudo se baseia nas diferentes formas de sugestão.

A distância espacial, que na realidade é tão difícil de se vencer, vence-se com toda segurança quando a fantasia é fortemente excitada. Não só no sonho e no estado visionário. Aquilo que um Goethe, com seu exame crítico, considera enigmático, mas no que, contudo, ele não deixa de acreditar, abrange, para o aborígene, uma esfera muito maior que o domínio das relações íntimas entre duas pessoas, e ele, naturalmente, também acredita. Em cada objeto considerado como forte sentimento de amor, de ódio, de medo, de admiração, opera-se o milagre. Assim como no sonho se vence a maior distância num só momento, e como se derruba o inimigo mais forte, tocando-o simplesmente com o dedinho, a imaginação excitada também remove o obstáculo da separação espacial, faz desaparecer qualquer resistência por meio de manipulações simples, produzindo, igualmente, qualquer aumento de força ou de agilidade. Se, p. ex., domino alguma coisa no corpo do inimigo, domino o inimigo por bem ou por mal, possuo um talismã ou um meio de exterminá-lo a despeito da distância. Imagina-se habitualmente que o processo se desenrola da maneira seguinte: aquêle que pratica a magia confunde a parte com o todo, *pars pro toto*, estando sujeito à ilusão de que o mal feito à parte cresce até afetar o todo. Todavia não é necessário recorrer a tal interpretação. Pois, logo que a imaginação se excita, a parte põe em relevo todo o grupo associacional; diante de um só quadro ou de parte dêle pode-se sentir tudo aquilo que se é capaz de sentir diante do original ou do todo. Se aquêle que acredita em talismã ou magias deposita, p. ex., na parte que possui, faculdades que só convém ao todo, isto provém simplesmente do fato de essa parte despertar os sentimentos que se referem ao todo, provocando também, por isso, na respectiva pessoa um aumento de poder do mesmo modo como se possuísse o todo. E' certo que determinadas partes se prestam mais a uma relação com o efeito desejado, como as unhas e os dentes com a energia do corpo ou um pedaço de pele com o envenenamento. Entretanto essa condição não é essencial. Quem pratica magia ou feitiçaria serve-se daquilo que está ao seu alcance, mas tenderá sempre a atribuir o efeito às propriedades da respectiva parte. E dentro em pouco a experiência do indivíduo isolado passa a ser patrimônio comum; originam-se, assim, os "remédios", recomendados de geração em geração e sobre cuja natureza ninguém mais se lembra de meditar.

Basta olharmos em torno de nós para certificarmos que absolutamente ainda não nos conseguimos livrar do poder convincente das impressões. Efeitos à distância e talismã existem entre nós em grande quantidade; a única diferença é que lhes damos nomes diversos e que intercalamos elos intermediários entre o comêço e o fim do processo. A existência dêstes elos oculta-se a origem, que se deve procurar na nossa natureza. Tomemos os exemplos mais triviais.

Não há diferença alguma entre o médico-feiticeiro, que mata um ausente, lançando uma flecha envenenada na direção em que a vítima se encontra, e o amoroso que beija a amiga afastada. Não diferem entre si o poeta que, na felicidade de possuir um tinteiro alguma vez usado por Schiller, faz poesias como êste, e o aborígene que, é forte como um jaguar por levar ao pescoço um colar de unhas dêste animal. A analogia até é tão perfeita que ela nos sugere uma tentativa de explicação. Também o sábio que aloja a alma no cerebro, quer como alguma coisa de atividade autônoma, quer como uma série de centros, cada um atuando por si, e o índio que faz a sua sombra pescar durante o sono, em nada se distinguem. Se o médico-feiticeiro acredita ter feito aquilo que sonhou ou viu em alucinações, êle está no direito de se considerar um homem maravilhoso, sem que por isso o possamos classificar de charlatão. Também os outros têm razão de lhe atribuir faculdades sobrenaturais. E êle então, de fato, pode mais que os outros. E' bem possível que, no exercício profissional da magia e na sua transmissão a indivíduos mais novos, por meio de instruções, bem cedo apareça o charlatanismo. Mas é muito superficial quem se contenta em chamar de charlatanismo o aparecimento do médico-feiticeiro devido à confusão muito natural e necessária de impressão e realização. Pois em cada um de nós, por mais sóbrio que sejamos, há um charlatão assim.

Os médicos-feiticeiros são classificados em bons e maus. Segundo a informação de Antônio existem "poucos entre os Bakairí e Auetö, mais entre os Nahuquá, muitos entre os Mehinakú e um número demasiado entre os Kamayurá". No Paranatinga não vivia nenhum dêstes homens por ocasião da nossa viagem. Cada qual se pode fazer médico-feiticeiro, só que é muito difícil. "E' preciso aprender muito". Durante quatro meses deve-se beber unicamente caldo de amido, (1) abster-se de sal e deixar de comer carne, peixe e frutas; não é também permitido entregar-se

(33) — Esta abstinência também é muito recomendável para os que querem dominar bem a arte de flechar peixes à distância. Neste caso é suficiente alimentar-se exclusivamente de pogú durante um mês. Antônio o fizera, e se sentia muito satisfeito com o resultado.

ao sono, mas necessário bater continuamente sobre a cabeça com os punhos fechados, de modo que os olhos inchados doam muito de manhã, arranhar os braços e o peito até que corra sangue, etc. Antônio tinha muita vontade de estudar medicina, mas tinha medo dêsse semestre difícil; Felipe, com a mesma intenção, fêz um bom comêço, mas não progrediu muito por falta de professor. A arte principal do feiticeiro consumado revela-se no emprêgo dos venenos. Com êstes êle mata outros, e mata também a si mesmo para poder tomar outra forma. A êsse respeito conheceremos uma modalidade de morte, a princípio bastante estranha a nós, mas que corresponde do modo mais direto possível à vida da sombra.

Vejamos, em primeiro lugar, como é que se originaram a doença e a morte a-pesar-do bom médico-feiticeiro da própria aldeia, que envida todos os esforços para combater o colega mau da aldeia estranha. O médico-feiticeiro mau é um homem ruim, de que ninguém gosta, porquê mata em vez de curar, é o indivíduo que mistura, numa cuia, veneno de marimbondos, de formiga tocandira e de outros bichos semelhantes, com óleo e resina de almíscar e pindaíba. Do homem a quem quer mal, êle procura arranjar cabelo, em que pisa quando é cortado ou que êle mesmo corta durante o sono da vitima, ou então um pouquinho de sangue com auxílio, dum raminho bem pontudo de jatobá, pindaíba ou pau d'alho, que êle lança na direção da pessoa, levantando-o em seguida. O cabelo ou o sangue entra na cuia dos venenos que é fechada, e imediatamente adoece o dono primitivo. Informaram-nos de que se prefere o cabelo "porquê por meio dêles se produzem dores de cabeça" a razão verdadeira, porém, é, por certo, que o cabelo é o que mais fâcilmente se obtem. Na falta de cabelo ou sangue, o feiticeiro molha com o veneno um pequeno ramo de pindaíba ou um fiozinho de algodão, escondendo-o numa frincha da casa ou debaixo do pedestal de argila em que repousa a panela, ou lança-o secretamente — pois voa muito longe — atrás do perseguido, ou atira-o junto como uma flecha (34) numa árvore próxima da morada dêste. O feiticeiro bom, porém, anda sempre à procura do fiozinho de algodão, chegando mesmo a trepar na árvore para retira-lo, encontrando-o freqüentemente. Coloca-o então na água, tornando-o, destarte, inofensivo. A pessoa que, em virtude desta neutralização, recupera a saude, recompensa-o p. ex., com uma rêde, pois que êle se torna merecedor de valioso presente. Caso o pequeno ramo envenenado tenha arranhado o paciente, o feiticeiro bom —

(34) — Entre esta flecha mágica e a flecha envenenada, arma desconhecida dos índios, pode-se estabelecer a distinção sutil de que aquela não é prôpriamente envenenada, servindo apenas de veículo para a peça embebida no veneno.

e só êle — acha o lugar em que entrou, chupando, em seguida, até que apareça o raminho ou fiozinho de algodão, para então cospí-lo.

Estamos, portanto, em face de um método em que se envenena alguma coisa do corpo, e outro em que o veneno é levado para perto dêle. Há um terceiro, no qual se nota a ausência de qualquer correlação com o corpo, mas no qual ao mesmo tempo se mata um animal. Nunca visa a doença, mas sempre a morte. O homem que se procura matar é chamado *amápö* ou *amápö*. Neste caso o feiticeiro precisa de um pedaço da pele do dedo médio de um cadáver qualquer, bem como de um lagarto ugá; seca a pele ao fogo, amassa-a juntamente com seu veneno de feitiçaria, enfia a mistura bem fundo na guela do lagarto, que é bem amarrado no pescoço e no ventre para que o preparado não possa escapar; em seguida lança o animal num pote com água, que é bem fechado e pendurado sôbre o fogo. No momento em que a água começa a ferver, o *amápö* adoece, morrendo também quando morre o lagarto.

Tôdas as doenças são provocadas por feitiçaria; “dizem que há gente que incumbe os feiticeiros de lhes envenenarem os inimigos”. No Xingú é perigoso a gente viver em inimizade com seu cabeleiro. Portanto — observei a Antônio, gracejando, — fui muito imprudente em mandá-lo cortar os meus cabelos. “Não replicou êle, não sou mau, não sou *omeóto* (= *ome-zóto*, senhor do veneno)”. — “E’, pois, certo que tôdas as doenças são mandadas pelos *omeotos*?” — “Tôdas”. — “Algum dia você viu um dêesses homens?” — “Não entre os Bakairí, porquê nós não toleraríamos indivíduos tão maus.” — “Mas entre os Kamayurá?” — “Pode ser”. — “E você já viu bons feiticeiros (*piáje*)?” — “Sim, vários, no Kulisehu. Pakurali foi um dêles. Outrora também os vi no Paranatinga. O cacique auetö *Auayátto* foi um dêles”. E’ característico que todos maus (*kfurá-pa* = não nosso) feiticeiros habitam em aldeias estranhas. Aliás não parece haver distinção rigorosa entre os termos *omeóto* e *piáje*. Em todo caso os louváveis feiticeiros bons não podem tão pouco ser considerados livres de charlatanismo profissional, pois que não é de admitir-se que êles mesmos imaginem ter extraído do doente, por meio de sucção, os fios de algodão envenenados que cospem. Mais a origem, mais pura, de sua arte no sentido de práticas preliminares, ainda se reconhece com facilidade.

O exercício prático da medicina revela ainda com maior clareza do que a ascese do seu estudo, não ser a feitiçaria outra coisa senão a excitação da fantasia. As dores indicam ao doente que

há alguém que o está atacando. Na aldeia não se vê ninguém que o esteja fazendo. Por conseguinte, o inimigo está fora. Quem o quer dominar deve, em primeiro lugar, ser mais forte, e, além disso, ter a faculdade de encontrar o invisível. Para aquêle que toma por realidade os milagres feitos no sonho, ambos os requisitos se tornam possíveis por meio dum médico que se ponha em estado de grande excitação, pois somente êle consegue realizar o que não é possível fazer-se com os recursos comuns. Eis como se explica a curiosa inversão de o médico tomar o remédio para curar. E êle é tanto mais forte, quanto mais puder tomar. Conhece e faz uso de grande variedade de venenos inebriantes: tabaco, *agokurióku* ou cipó de cobre, *seúwi* ou cipó *timbó* (*Paullinia pinnata*), as fôlhas de uma árvore silvestre, chamada *atíko*. Todos ouvem atentamente o palavrório incompreensível que o feiticeiro profere no seu estado de embriaguês, ou os acontecimentos singulares que, depois da narcose, êle refere terem-se passado com sua sombra. Cria fama de grande homem, alegra-se com a admiração que seus companheiros de aldeia lhe tributam e com os presentes que lhe fazem; deixa levar-se a pequenos exageros, como tão frequentemente acontece com os grandes homens e quando suas realizações são insuficientes, êle procura reforçá-las de algum modo, afim de não desiludir o povo ignorante. Entre os Borôro é reconhecido como médico-feiticeiro aquêle que, na festa solene celebrada na época do melhor cauim de palmito, consegue dar conta das maiores quantidades desta bebida, e que, resistindo melhor ao efeito inebriante da mesma, profere os discursos mais longos. É um estádio em que não se faz distinção entre o banquete de doutorado e o exame de doutor.

Entre tôdas as tribus por nós visitadas, como entre muitas outras, a narcose do tabaco a que se sujeita o médico ainda é o remédio do emprêgo mais comum. O médico sopra enormes nuvens de fumaça, contra o corpo enfermo, cuspiendo nele, ao mesmo tempo, com grande violência, e amassando-o, intermitentemente com tôda a fôrça de seus músculos. Êste último processo é acompanhado de terríveis gemidos que se ouvem em tôda a aldeia; não os solta, porém, o paciente, mas o médico. Tudo isto leva muito tempo. O médico para bem poucas vêzes de amassar o corpo do doente, e aproveita as poucas pausas para gemer bem alto e, ao mesmo tempo, fumar quanto possível nos charutos fornecidos pela família do enfermo. Começa, finalmente, a chupar, cuspiendo fora, a causa do mal mediante convulsões e ofegos.

O cacique auetö já tomára venenos vegetais, mas ainda não se submetera á prova máxima, mais freqüente “em tempos antigos”, de ingerir veneno de cobra. Acentua-se expressamente que

a cuia venenosa do feiticeiro mau não pode fazer mal ao médico-feiticeiro bom, mas também não se explica como é possível que este adoença. O cacique auetö já estivera morto. O médico-feiticeiro “morre” quando toma os venenos fortes. Está “morto” na sua rêde até que sua sombra volte. Não me quero referir por ora à consequência que esta concepção do estado inconciente trás para a concepção de morte. Durante a sua narcose o médico-feiticeiro pode tomar qualquer forma de animal e transportar-se imediatamente a qualquer lugar. A transformação consiste no fato do feiticeiro “entrar” no animal. Ainda hoje os melhores médicos são aquêles que tomam veneno e que se transformam no estado de embriaguês. “Aquêles piajas que bebem *agokurióku* e que vão ao ceu, disse Antônio literalmente, são muito bons, sabem curar tôdas as doenças; os outros, que não tomam veneno, e que sòmente sopram fumaça de tabaco contra o paciente, também curam, mas não as enfermidades graves”. Não é possível exprimir com maior clareza a origem e o sentimento da arte do feiticeiro: o indivíduo se transporta a um estado de excitação para tornar-se capaz de realizar coisas que não lhe são possíveis em estado normal; êle eleva sua fôrça de imaginação, fazendo milagres em que todos acreditam. O fundamento primário de tôda feitiçaria é a convicção da realidade dos acontecimentos presenciados em sonho ou simplesmente imaginados.

As indicações de Antônio, no entanto, referentes à visita do piaje narcotizado ao ceu, tomadas ao pé da letra esclarecem o estado de coisas melhor do que a minha interpretação. Os Bakairí mansos possuem algumas idéias cristãs, recebidas por acaso e singularmente desfiguradas. Eu, pelo menos, tive muita dificuldade em ficar sério quando diante de meus olhos assustados subitamente se apresentaram Cristo, Maria e os Anjos, trajados à maneira do Xingú e rodeados de beijús e de cuias cheias da bebida de farinha de mandioca e de caldo amarelo de piquí. E ao mesmo tempo aquela gente nos assegurava que seus antepassados desconhecedores do Cristianismo, os “antigos” do piaje que nos deu as informações, faziam visitas ao ceu, tomando veneno e transformando-se em animais silvestres de tôda sorte. A história me foi relatada quando procurava indagar das idéias relativas ao ceu.

“O ceu tem um chão igual ao da terra. Dí-lo o piaje, e êle esteve lá” — “? ...” — “Tomou veneno de cobra e morreu. Então êle não era mais como os homens, podia entrar num jaguar, numa sucurí ou num urubú. Subiu ao ceu, voltou, acordou como homem e era novamente como dantes. Isto deu-se no Paratinga. A mesma coisa acontecia também outrora entre os “antigos”, e coisa idêntica é contada igualmente pela gente do Temi-

totoala (Batoví). “A seguir Antônio relatou seu exemplo. Bebeu o veneno dentro da rêde, tomou-o numa cuia, na qual a substância estava misturada com muita água, morreu na rêde. Foi ao ceu, onde encontrou os antigos. Encontrou também o ora, como se chama?” (Procura, em vão lembrar-se do nome.) “Aquêle, cuja mãe também foi visitar o ceu”. “Jesus Cristo?” “Sim, êste mesmo. Com êle conversou muito tempo. Krito mandou-o sentar-se num banquinho e ofereceu-lhe cuias com pogu e com caldo de piquí. Trouxe grande quantidade destas bebidas. Conversaram durante muito tempo. Krito arranjou-lhe plumas de arara para que pudesse voar. Em seguida soprou nêle. Depois fê-lo voltar. Acordou na rêde”. Eu queria saber mais, queria saber como foi que o piaje conseguira sair do ceu. “A sombra elevou-se um pouco acima do ceu, espiou bem para encontrar a abertura que serve de saída e veio voando para cá”. — “Quer dizer que a sombra é que tinha ido ao ceu?” — “Sim, o corpo não vai, porquê não pode subir, pois está morto, por isso é a sombra que vai.”

A transformação se dá, portanto, no sonho provocado por alguma substância narcótica. E' tomada como realidade, e a história de um sonho assim, verdadeiro completamente ou até certo ponto — como hoje em dia ocorre no exercício profissional — constitue o material para a crença na arte dos médicos-feiticeiros. O mérito dêstes na realidade se resume ao conhecimento dos narcóticos, e principalmente, do nosso ponto de vista, da narcose do tabaco (35).

(35) — O selvícola certamente descobriu o efeito narcótico no trabalho de avivar o fogo em brasa. Para êste fim recolhem-se fôlhas sêcas na mata, que, colocadas sôbre a brasa, começam a fumar, inflamando-se com maior ou menor facilidade quando se sopra na brasa. O delicado órgão olfativo do indígena ocupado em tal mister decerto não tardou em sentir a fumaça aromática e inebriante de determinadas fôlhas colocadas no fogo. Ter-se-ia lembrado, então de aproveitá-las para suas magias médicas. Aspirou a fumaça e engoliu-a (eis porquê os cronistas da época do descobrimento sempre empregam o termo “beber”).

CAPÍTULO XIII

CIÊNCIA E LENDAS DOS BAKAIRÍ

I. A CONCEPÇÃO FUNDAMENTAL

O homem não precisa morrer. A convicção de que a vida continua depois da morte. Explicação da natureza por meio de contos.

Animais — pessoas. Os animais realmente trazem a cultura, pelo que a mesma explicação é transportada a uma origem desconhecida. Origem do conto explicativo.

Os *astros* como as coisas e os animais mais antigos.

Significação da via látea. Transformação. Os

homens são feitos de flechas, e as mulheres

são oriundas de mãos de pilão, empregadas

para pilar milho. *Keri e Kame e a lendas*

dos ancestrais. Os nomes Keri e Kame.

Os gêmeos e sua mãe não são personi-

ficações de sentido profundo.

Quando no percurso do meu levantamento linguístico apresentei a Antônio a sentença: "Todos os homens devem morrer", ele me surpreendeu com longo silêncio. Era a mesma pausa prolongada que eu tinha de vencer tôdas as vêzes que lhe apresentava uma das abstrações que lhe pareciam tão singulares e nos são tão familiares. E foi nessa ocasião que eu aprendi pela primeira vez

que o índio não tem a noção do “necessário”; não chegou ainda ao ponto de tirar de uma série de fenômenos que se repetem regularmente à conclusão de uma necessidade geral, e não compreende de forma alguma que o homem deve morrer. Está bem longe de “*nemo mortem effugere potest*” que nós temos de aprender nas primeiras classes do ginásio (36). A tradução de Antônio, esquivando-se da palavra “devem”, mas revelando, entretanto, ter ele compreendido bem a minha intenção, foi o produto de quinze minutos de reflexão e era um tanto complicada: “eu morro só (e) nós (morremos)”. O intérprete todavia sacudiu a cabeça, descontente de sua tradução. Tinha uma dúvida igual à que nós teríamos e, que dificilmente venceríamos si alguém nos dissesse mais ou menos isso: “*todos os homens devem ser assassinados*”. O índio só procura a origem da morte externamente, i. é, nalgum malfício. Se houvesse só homens bons, não haveria enfermidades, nem existiria a morte. O aborígene não tem noção de um curso natural do processo de vida.

Uma segunda diferença, de importância bastante considerável, entre a concepção dos nossos índios e a dos povos de nossa civilização diz respeito à continuação da existência depois da morte. Nas relações sociais do aborígene, tão simples, não se originaram os postulados éticos de que os bens da terra são repartidos de maneira desigual, havendo o pobre de gosar algum dia os benefícios da superabundância, de que, sendo imperfeita a justiça cá na terra, há de vir o dia em que será recompensado o bom e castigado o mau. A representação que o índio tem da existência depois da morte não se baseia nalguma esperança ou nalguma confiança. É verdade que está ligada com a idéia de bem-estar, pois, na convivência futura com os “antigos” no céu, haverá grande quantidade de peixe, de caça e de caldo de piquí, refere-se também ao comportamento de indivíduos desagradáveis, porque estes, não talvez por serem “amaldiçoados”, mas porquê naturalmente continuam a praticar as suas más ações em outro lugar, vagueiam de noite pelo mato como espíritos maléficos, *kilain-oroika*, espalhando o terror por toda parte.

Não obstante, para o aborígene a convicção da existência depois da morte não tem sua fonte no sentimento, mas na inteligência, por mais estreita que seja a ligação entre estas duas faculdades. Tomando-se essa convicção em relação ao nível de conhecimento daquela gente, ela representa um saber. Os povos da nossa

(36) — Quando menino, não quis absolutamente acreditar que eu havia de morrer, e durante vários anos, enquanto não tive noção exata da natureza da morte, nutrí obstinadamente a esperança de que eu talvez viesse a constituir uma exceção à lei da morte, que vigora entre os homens.

civilização têm a idéia de que na morte a alma sai do corpo pela primeira vez, dando-se algo de inteiramente novo de que não sabem nada pela experiência e pela observação, salvo se de ordem espírita. E' precisamente devido ao caráter de novidade e de desconhecido inerente à separação de corpo e alma, que não lhes é possível provarem a mortalidade, devendo afirmar que nela acreditam por razões de ordem ética. Para o índio, porém, êsse processo de separação não constitue novidade, experimenta-o dia a dia, como vimos, quando no sonho a sombra se retira para regiões longínquas, deixando o corpo na rede. A morte comum é um estado de profunda inconsciência (Koma), uma consequência do veneno de qualquer modo dado pelo mau feiticeiro, e que só se distingue da morte comum pelo fato da sombra se afastar tanto que não lhe é possível voltar. Só o médico-feiticeiro que se envenena a si mesmo, torna à vida. Assim como os acontecimentos a que a sombra assistiu durante o sono eram "reais", são "reais" também os "acontecimentos" depois da morte. Esta realidade, que não é outra coisa senão uma vida em outro lugar, conhecemo-la pela experiência diária, e obtemos constatações em quantidade pelos falecidos com cuja sombra se encontra a nossa durante o sono, e pelos feiticeiros que de vez em quando visitam o reino dos mortos. Nestes feiticeiros Hamlet pode encontrar os peregrinos que voltam do domínio da terra desconhecida. "To die, to sleep, no more".

As sombras dos Bakairí mortos vão para o ceu, junto dos antepassados. O ceu ainda não é a região do futuro, mas do passado; os antigos ainda estão lá, no lugar inicial de toda história. O ceu em que viveram os primeiros Bakairí estava situado outrora ao lado da terra, e de lá facilmente se passava para cá. Mas lá a mortalidade era demasiado grande, pelo que os habitantes transmigram para a terra, e o ceu subiu para as alturas, onde hoje se encontra, e onde ainda hoje se podem ver os animais, os lugares e os objetos de que falam as histórias antigas. "Tudo ficou como era" — "Sempre houve Bakairí, mas no princípio eram muito poucos". Basta que não percamos de vista alguns pontos determinados, para que a-pesar-de todos os jogos da fantasia e de todas as transformações causadas pela tradição, reconheçamos, um fundo de lógica ingênua e sã no modo por que o índio explica a natureza.

Aos índios falta a noção da necessidade. Cada processo que se desenrola na natureza ainda se afigura a êles como um processo particular, ou melhor, como um ato particular. Na realidade, as leis só podem ser reconhecidas pelo trabalho comum de muitos — dos que vivem e dos que viveram sobre a terra. E en-

quanto não há leis, mas, quando muito, hábitos, cada indivíduo ocupa o centro do mundo, o qual consiste na soma de suas impressões pessoais. Não é o fenômeno natural em si, com suas condições, que forma o objeto da reflexão, mas a impressão que dêle se recebe; uma história ainda é suficiente para explicá-lo. A língua nos mostra o mesmo estado de coisas; cada espécie tem seu nome, mas o número dos termos genéricos é extremamente diminuto. Diminuto é, pois, o número das repartições e gavetas, não importando muito, por conseguinte, que um objeto cáia de uma gaveta para dentro da outra. Não há dúvida que tal acontecimento não passa despercebido, nota-se que aconteceu algo de especial, mas não existe impossibilidade intrínseca que impeça a realização do fenômeno.

Seja-nos permitido estabelecer uma comparação com a visão pouco clara dalgum objeto. Ao longo, no caminho que leva pela mata, percebemos alguma coisa que ainda não nos é possível reconhecer exatamente. Cada qual vê aquilo que espera ver — uma pedra, um veado, um feixe de lenha, uma mensageira, e assim por diante. E' excitada a nossa imaginação, embora diante dos nossos olhos uma daquelas figuras se transforme em outra, mas — e aí está a grande diferença — nós não acreditamos na transformação; concluimos, pelo contrário que a nossa primeira impressão foi illusória, porquê imediatamente sacrificados a nossa percepção às leis gerais que conhecemos e que excluem completamente aquela possibilidade. Entretanto, talvez possamos imaginar, no caso duma illusão viva, que para homens néscios não existe nosso obstáculo. Contaram-me o caso de um escravo negro que, sendo perseguido quando fugia, correu por dentro dum pequeno capão; aí foi procurado debalde, e, em vez dêle encontrou-se sòmente um jabotí. O chefe dos perseguidores montou no seu cavalo, levando o jabotí consigo. Durante o caminho, porém deixou-o cair de medo, e restituiu-lhe a liberdade. Todos estavam firmemente convencidos de que o negro se transformara no jabotí. Era decisiva a experiência pessoal de não se ter encontrado o escravo a despeito dos maiores empenhos e de, em vez dêle, se ter descoberto sòmente o jabotí. Estava-se em face do fato; se este era descomunal, podia-se explicá-lo fàcilmente, vendo no negro um médico-feiticeiro.

Mas o motivo de se poderem explicar simplesmente por feitiçaria tôdas as coisas "descomunais" está na falta do conceito da lei da natureza. Ainda não se tem possibilidade de ver com clareza. Quanto mais extraordinário o processo, tanto mais se gosta de ouvir falar dêle e, por isso mesmo, com tanto mais firmeza nêle se acredita.

Dentre todos os casos de falta de divisões conceituais destaca-se muitíssimo, quanto à importância, o que se refere à relação entre o homem e os animais e diferentes gêneros de animais entre si. E', ao mesmo tempo, o caso menos acessível ao nosso modo de sentir e de pensar. Dizemos que, nas suas lendas, o aborígene cria antropomorfias fazendo os animais falarem e agirem como homens. Do nosso ponto de vista tal afirmação está certa, mas acreditando que êle confere propriedades humanas aos animais com o único fim de contar uma história interessante, estaríamos muito enganados. Seria despi-lo de tôda a sua crença e de todo o seu saber. Sua crença: pois nas maravilhosas histórias de animais que êle conta êle deposita a mesma confiança que o cristão convicto tem nos milagres da Bíblia; seu saber: pois sem os seus animais legendários não compreenderia o mundo que o cerca, do mesmo modo como o físico não compreenderia os centros de energia sem os átomos da matéria — *si parva licet componere magnis*.

Devemos fazer abstração completa dos limites que separam o homem do animal. Um animal qualquer pode ser mais prudente ou mais estulto, mais forte ou mais fraco que o índio, pode ter modos de vida completamente outros, mas, aos olhos dêle, trata-se duma pessoa análoga a êle próprio. Do mesmo modo como os homens, os animais são reunidos em famílias e tribus, tendo línguas diferentes como as tribus humanas. O homem, o jaguar, o veado, a ave, o peixe, todos são pessoas, distinguindo-se unicamente por um aspecto e por propriedades diferentes. Basta ser um médico-feiticeiro, que é capaz de tudo, para transformar-se em outra pessoa, e para se entenderem tôdas as línguas faladas na floresta, no ar e na água. A última razão de tal concepção é que ainda não existe o homem ético; "ser bom" e "ser mau" só se compreende no sentido primitivo de se fazer a outrem algo de agradável ou de desagradável, mas faltam totalmente o conhecimento moral e a vontade ideal, quer dirigida pela esperança da recompensa, quer pelo medo do castigo. Nessas condições, como seria possível admitir um abismo intransponível entre o homem e o animal? O índio, contentando-se com a simples observação dos hábitos de vida, pode, quando muito, dar ao homem, a situação de *primus inter pares*. Sem dúvida, o animal não possui arco e flecha, nem pilão de milho, mas esta é precisamente, aos olhos do índio, a diferença principal, e é por isso que os homens são feitos de flechas, e as mulheres de pilões de milho. Além de outras coisas, o animal, porém, possui, como o homem, instrumentos importantes, dentes e unhas, que o próprio homem tira dêle para usá-los.

Falta igualmente ao índio a distinção que nós estabelecemos entre as espécies, quando uma não se confunde com a outra. Essa distinção, que facilmente se percebe pela experiência, a seu turno se desfaz completamente para o índio, porquê falta a barreira baseada nos nossos conhecimentos anatômicos. Veja-se, quanto a isso, por um momento, a que ponto chega a nossa credence popular, atribuindo ao homem propriedades animais; aí também aparecemos com um verdadeiro pêlo de rato, uma verdadeira pata de cachorro, etc. Quando a confusão de diferentes espécies de animais, ou do homem com o animal, pode servir ao índio para explicar alguma coisa, nada o impede de afirmá-la; considera-a, pelo contrário, como provada, e conclue, quando muito, que tal coisa não se verifica mais hoje em dia porquê deixou de ser necessária. Hoje em dia, dizem os nossos sábios, não se observa mais a "*generatio aequivoca*", mas outrora ela certamente se deu. A distinção se apaga tanto mais quanto o aborígene precisa aplicar em máxima escala o princípio cômodo de explicação representado pelas transformações. Acresce finalmente que êle não se preocupa com a propagação no interior da espécie, já que o filho não difere do pai: a espécie ou a tribu é como um único indivíduo, que sempre aparece com o mesmo nome; sub-espécies variadas, p. ex. jaguares grandes ou pequenos ou diferenciados pela cor, são irmãos. Mas cada um dêstes "juaguares", de acôrdo com seu nome, bem como a "raposa do campo", o "veado", o "tamanduá" — aparecem em quaisquer histórias, e ninguém se lembra de perguntar, p. ex., si o personagem foi raposa do campo "V" ou raposa do campo "XXIII". Vale também a mesmíssima coisa para os antepassados humanos da lenda dos ancestrais; admitem-se, como já existentes, as mulheres quase sempre, e os irmãos de tribu sempre acompanhando aquelas.

Repito que para nós a expressão "criar antropomorfias" só se justifica como esquema, tornando-se errada se a quisermos aplicar no sentido de atribuir ao índio o seguinte pensamento: "Eu sou homem e faço agir também os animais como homens". O caso contrário, em que homens aparecem como animais, observa-se da mesma forma, e tanto no bom como no mau sentido. Os Trumaí são animais aquáticos porquê dormem no fundo do rio, é o que os Bakairí dizem com toda a seriedade. Também entre outras tribus observamos a mesma crença em homens vivendo na água. Afirmam os Borôro que, mastigando-se determinadas folhas, se pode permanecer, pescando, durante horas inteiras debaixo da água. No tocante à vida aquática dos Trumaí não me foi possível saber mais nada de extraordinário, salvo que se afirma



Prancha 25 — Diante da Casa dos Homens dos Borôro.

gostarem de atacar indivíduos de outras tribus na superfície do rio, lançando à água os prisioneiros com os braços atados. Não sei se outrora foram nômades fluviais como os Guató; em todo caso é certo que a agricultura só lhes foi transmitida pelos seus vizinhos. Seja qual fôr o motivo que deu origem à crença dos Bakairí a respeito dêles, não a enfraquece, por ventura, o raciocínio que nós fazemos de acôrdo com as nossas leis da natureza, a saber, “mas os Trumaí não são animais, não são peixes”, porém o Bakairí conclue que, pelo fato de dormirem na água, os Trumaí são animais aquáticos; zomba dêles e despreza-os, por isso, como o fazem com tôda tribu de costumes estranhos. Os Borôro ufanam-se de serem araras vermelhas. Não sòmente os Bororo se transformam, depois da morte, em araras, como também em certos outros animais e não sòmente as araras são Bororo, e tratadas como tais — mas êstes índios exprimem também friamente a sua relação com aquela ave de garrida plumagem no sentido de se designarem a si mesmos de araras, do mesmo modo como uma lagarta que afirmasse ser borboleta. E não procuram, com isso, tomar simplesmente um nome que não tenha relação alguma com a natureza dêles.

Os Trumaí são pois, animais aquáticos por terem um hábito próprio dêstes, e os Borôro são araras por seus mortos se transformarem em araras. Há quem procure explicar fenômenos iguais ou semelhantes a êstes pelo fato de confundir-se facilmente, na tradição, o nome com o objeto. Tal explicação decididamente não vale para os nossos índios. Embora concedamos de bom grado que confusões dêsse gênero aparecem espontâneamente onde há a concepção fundamental que as permite, é certo, no entanto, que a existência absolutamente segura desta concepção deve ser considerada como fator principal. Ou haverá quem admita que nós, que não temos essa concepção e contudo não estamos isentos daquelas confusões, acreditaríamos nos nossos geógrafos e historiadores, se algum dia afirmassem que os filandeses são um povo de hidátides (37).

Mas, faltando a diferença essencial, o caso é completamente outro. Então não há nada que impeça a raposa do campo, o ladrão noturno, que possue fogo nos seus olhos brilhantes, ter feito saltar êste fogo dos seus olhos para dá-lo ao homem. Ou, para tomar uma variante freqüente da lenda dos ancestrais não há nada que impeça ter sido o “jaguar” o ancestral dalguma tribu antropófaga; pois sempre se relata expressamente que êsse ancestral “jaguar” matou e comeu ascendentes da própria tribu, Bakairí

(37) — dans die Finnen ein Volk von Blasenwürmern seien.

ou Paressí. Posso assegurar com tóda a firmeza que o meu homem de confiança tinha a firme convicção de que o ancestral mau da lenda foi um jaguar, embora atirasse com flechas e não se chamasse assim. A explicação pela qual a época remota, em que nasceu a lenda, teria apenas criado um símbolo, pela confusão de descendentes, nome e objeto, é cômoda mas inadmissível, por quê neste caso tóda a tradição consistiria sòmente em confusões. A geração antiga tinha a mesma concepção fundamental que a de hoje. Explicava a antropofagia dos vizinhos pela descendência do jaguar, cuja caraterística principal é o hábito de devorar homens. A geração antiga não conhecia o ancestral porquê não se pode conhecer o ancestral de tribu alguma, embora a êle sempre deva ter existido. Como não admitisse diferença entre a natureza do homem e a do animal, essa geração não tinha dificuldade em raciocinar do seguinte modo: êsses homens sempre comeram gente, i. é, os nossos próprios antepassados, por isso tiveram um jaguar por ancestral. E com isso estava satisfeita a sua indagação da causa — o que era muito mais importante do que a objeção eventual de que hoje em dia o filho do jaguar é sempre outro jaguar, e de que hoje em dia não há jaguar que atire com arco e flecha como o fizeram os ascendentes da tribu inimiga.

Compreendemos que o índio faça aparecer os animais como personagens na medida em que relata conversas entre êles havidas, pois sabe que os animais se chamam uns aos outros e que se fazem entender mutuamente por meio de sons amáveis ou ameaçadores. Mas a apresentação dos animais com produtos de cultura e com utensílios parece nos ultrapassar o último limite justificável. De acôrdo com as lendas indígenas referentes aos ancestrais, o homem até obteve dos animais tudo o que possui de bom. Os animais mais variados foram “senhores” ou “possuidores” das coisas boas, e foi dêles que o herói da cultura os tirou. O senhor do tabaco medicinal e do algodão foi o jupará *Cercoleptes candivolvulus*, o senhor do tabaco comum para fumar foi a enguia elétrica, o da mandioca foi o peixe bagadú *Phractocephalos*, o do sono e da rêde de burití foi o lagarto, o dos potes cheios de água, depois de cuja destruição começaram a correr o Ronuro e o Paranatinga, foi a cobra d'água echobi, o do sol foi o urubú-rei, *Sarcoramphus papa*, e assim por diante. Como são possíveis absurdos dessa ordem? Tudo isso naturalmente só tem valor simbólico, explicam os que são acostumados a ver as coisas com os olhos da nossa civilização, julgando, com isso, resolvida a questão. Eu, por minha parte, rio-me gostosamente quando imagino os caçadores e pescadores indígenas, na realidade dominados pela percepção objetiva, a se ocuparem com animais simbólicos à maneira dos poetas, dos

pintores e também, para não omitir os espíritos menos elevados, à maneira dos possuidores de patentes do nosso mundo civilizado quando inventam os seus *trade-mark* — os quais todos, entretanto, não costumam viver em estreitas relações de conhecimento pessoal com os originais de seus animais simbólicos.

Não, Antônio e seus companheiros de tribo não teriam compreendido o nosso gênero de símbolos, e muito menos os teriam inventado. Confesso que eu ficava às vezes sem saber o que dizer quando, no decorrer da nossa conversa, se me deparava, em toda a sua originalidade, a crença ingênua na realidade dos animais “fabulosos” e na de seu domínio sobre valores culturais. Mas convenci-me de tal maneira da sua sinceridade, que me sinto no dever de rejeitar toda e qualquer explicação que não a reconheça sem restrições. Em verdade, o índio deve as componentes mais importantes de sua cultura às pessoas a que nós damos o nome de animais, e delas ainda hoje precisa para tomar-lhes os dentes, os ossos e as conchas que constituem seus instrumentos, sem os quais não lhes seria possível fazer suas armas, nem sua casa, nem seus utensílios. Deve a sua possibilidade produzir alguma coisa à piranha, ao peixe-cão, ao macaco, à capivara, ao agutí, ao tatú-canastra, aos moluscos, e de todos eles a lenda não relata nada porque qualquer criança sabe que estes animais, cuja caça constitui a condição principal para aquelas produções, ainda hoje fornecem os objetos mais indispensáveis. Haverá algo de mais natural que o índio derivar igualmente de animais as coisas belas e úteis cuja origem ignora ou da qual, como se dá com as plantas de cultura, só tem uma idéia imprecisa? Quanto às outras coisas belas e úteis que o índio possui, cuja origem ele ignora ou só conhece vagamente, haverá algo mais natural que derivá-las igualmente de animais, quando indaga da proveniência delas? Haverá algo mais natural que a explicação de o lagarto, que passa vários meses dormindo, ter fornecido o sono (foi-lhe tirado dos olhos), ou de se ter recebido o fogo da raposa do campo, cujos olhos luzem no escuro, quando de noite sai à procura dalguma presa; de o sol, cuja constituição conheceremos mais adiante, ter sido o patrimônio do dominador dos ares, i. é, do urubú-rei, rigorosamente respeitado pelos outros urubús, e de a água ter pertencido a uma grande cobra de rio? Juntamente com o sono o lagarto também teve que fazer entrega da rede, da qual se precisa para dormir. Agora o lagarto não possui mais rede, foi-lhe tirada e por isso ficou muito zangado. O índio obteve a posse de todas aquelas conquistas pela força ou a astúcia; é por isso que hoje em dia faltam aos animais. E’ desta forma que a indagação casual daqueles antigos e ingênuos caçadores, é satisfeita da maneira mais agradável. E esta

satisfação baseia-se completamente na concepção fundamental de que os animais e os homens são pessoas que se distinguem só por um aspecto diverso e pela posse de coisas diferentes.

A pesquisa científica moderna conseguiu remontar à existência de bacilos um grande número das doenças mais perigosas. E qual a consequência? E' que moléstias de toda a espécie, cuja origem ainda é ignorada, passam a ser consideradas como igualmente produtos de bacilos; e milhares de pessoas que nunca chegaram a ver um micro-organismo, e que muito menos têm uma noção sequer da maneira pela qual aquêles bichinhos malignos provocam a enfermidade, suspeitam ingeri-los com tudo que comem e bebem, parecendo tão familiarizados com êles como se se tratasse de aranhas ou moscas. Os bacilos, que comprovadamente são causadores de doenças, podem ser comparados aos animais a que de fato o índio deve as coisas mais úteis, e êsses outros, que só existem na lenda, são análogos aos animais da fábula, aos quais êle, avançando pelo mesmo caminho mental, atribue a origem de coisas desconhecidas. E' um processo natural o de se explicarem as coisas desconhecidas da mesma forma como as conhecidas.

O sol, o fogo, a água, o sono são coisas cujos primeiros possuidores devem ser simplesmente inventados; para elas não há tradição histórica por mais apagada que seja. O caso pode — mas não precisa — ser outro quando se trata de plantas de cultura. Há uma lembrança vaga de o tabaco medicinal ter vindo do norte. Sem dúvida, dizemos nós, foi recebido de uma tribo vizinha; entretanto os Bakairí há muito esqueceram o acontecimento real e muito vulgar quanto às suas particularidades; há muitas gerações não se sabe mais nada a não ser que se começou a aproveitar o tabaco como remédio na região em que vive o jupará. O jupará é muito raro na região habitada pelos Bakairí; Antônio nunca o vira, mais sabia fazer dêle uma descrição muito minuciosa e precisa, que, juntamente com a denominação *sawári*, me deu a possibilidade de reconhecê-lo como *yawari* foneticamente idêntico dos Makuschí da Guiana, e cuja existência, como Schomburgk lembra no seu relatório, segundo V. Tschudo, se conhece no Perú até 10.º de latitude sul! Assim jupará, sendo a pessoa característica da região de que veio o tabaco, forneceu êste da mesma forma como o urubú-rei forneceu o sol por ser a pessoa que penetra nas regiões solares.

O jupará tinha maior interêsse para os Bakairí que a tribo vizinha desaparecida, e durante séculos inteiros êle continuou o mesmo; era o senhor da região setentrional, e tudo o que vinha de lá, tabaco ou algodão, provinha dêle. Os caçadores que, nal-

guma excursão para o norte, fossem além dos limites habituais, encontravam-no aí, ou êle mesmo de quando em quando fazia uma visita aos Bakairí, instalados ao sul do seu domínio. A história da origem do tabaco medicinal e do algodão subordinou-se à esquematização habitual e natural. Aplicado o caso ao nosso raciocínio, i. é, comparando o algodão e o tabaco a moléstias, o “*bacillus legendarius*” terá sido o jupará. A história que dêle se conta não é outra coisa senão a resposta à pergunta: “por que foi que antigamente não possuíamos o tabaco?” A princípio ainda se sabia: “esta tribu determinada nô-lo deu”; mas com o correr do tempo foram se esquecendo o nome e as circunstâncias particulares, e uma geração posterior talvez ouvisse contar sômente: “recebemo-lo de algum habitante da região em que vive o jupará”. Uma informação dessas já devia passar pela esquematização habitual a partir do momento em que a curiosidade continuasse a indagar: “e donde é que aquela gente recebeu o tabaco?” E, suposta a concepção fundamental, não havia resposta melhor do que: “pois foi o jupará”. Estava-se satisfeito.

De modo análogo, como havemos de ver, a origem do tabaco comum para fumar é remontada a um peixe que não existe no Paranatinga, mas no “rio do tabaco”, e a da mandioca a um outro peixe igualmente desconhecido no Paranatinga, mas habitante do “rio dos beijús”. De quando em quando não ocultava a Antônio o meu ceticismo, mas poucas vêzes, porquê êle ficava bastante sensibilizado, o que se dá com todo crente em face duma objeção cuja verdadeira razão de ser não pode ser posta em dúvida. Então êle se calava melindrado ou explicava o estado atual como produto de feitiçaria ou, na maioria dos casos, dizia simplesmente: “hoje em dia não é mais assim, mas antigamente foi”.

O “era uma vez” (o “*paá*”, sempre repetido das lendas tupí) é também o sinal característico das “fábulas” indígenas. A grande maioria das lendas procura explicar a origem dalguma coisa. Trata-se, portanto, sempre de fatos ocorridos em épocas remotas, e como êstes fatos também agora só podem ser explicados por algum acontecimento extraordinário, de tudo isso devia resultar e fixar-se a concepção de ter havido um tempo em que o extraordinário foi regra. Com a lógica mais bela do mundo criaram-se situações, das quais só se podia sair por meio de atos humanos praticados pelos animais; e a solução assim encontrada era sempre excelente. E’ muito fácil compreender a origem das histórias às vêzes sazoadas com muito humorismo, quando só se toma como ponto de partida a “pointe” que se prova; pois é evidente que o fato que se procura explicar não se pode ter transformado em lenda, mas que esta passou a ser tomada como rea-

lidade. Numa lenda muito espalhada no Amazonas (38) o urubú faz uma aposta com o jabutí para ver qual dos dois chega mais depressa ao céu, onde se está realizando uma festa. O jabutí entra às escondidas na cesta de provisões do urubú, chegando assim ao céu. No momento em que êste volta dum passeio pelo reboliço festivo, aquêle o recebe com a afirmação de já estar alí há muito tempo à espera do companheiro. Nenhum dos dois ganhou a aposta, que é renovada para a volta, querendo-se ver quem chega primeiro à terra. O urubú vôa para baixo, ao passo que jabutí se deixa cair, saindo vitorioso. Na queda o jabutí fica achatado, e com a concha fendida — “como ainda hoje se pode ver”.

Como se fêz esta invenção? E’ a resposta à pergunta: “como é que o jabutí chegou a ter a frincha, da qual retiramos a carne tão penosamente?” “Hoje em dia as tartarugas têm essa fenda; deve fazer muito tempo que ela se originou. Naquele tempo o ancestral das tartarugas deve ter sofrido uma queda bastante grave; além do mais a concha está completamente achatada em baixo. Para chegar a tal estado — diz alguém, refletindo — êle deve ter caído pelo menos do céu. Mas como é que pôde chegar a tais alturas? Ora, o urubú o levou. Mas como? — Pôs-se o animal numa situação divergente de tôdas as experiências da vida das tartarugas. Mas as conclusões que levaram até ela são irrefutáveis. E só então começa a invenção, a qual, por seu turno, tem — na natureza oposta dos dois animais, a ave ligeira e o réptil moroso, colocados numa situação comum — um caminho bem claro para o apreciado meio de explicação que é a aposta. Se além disso, o índio não faz uma distinção essencial entre animal e o homem, não há nada que se oponha à solução do problema com auxílio da aposta como é feita pelos homens, e da cesta de provisões, igualmente usada pelos seres humanos. Ainda mais, porque a história se passa na célebre época antiga, em que as coisas não eram como hoje. A cesta de provisões do índio, na qual o jabutí alcança o céu, é tão justificável como o nosso éter, em cujas ondas se propaga a luz que nos vem dos astros. Se insistimos em satisfazer a nossa indagação causal, devemos em ambos os casos, cada um de acôrdo com o seu nível, criar um meio de transporte, cujas propriedades possam ser adaptadas à explicação.

Astros. O índio, contemplando as figuras do firmamento, vê nelas objetos que lhe são conhecidos. O céu, “outrora tão próximo”, é agora muito, muito alto. Só as aves, talvez, voando muito, podem chegar até lá; o médico-feiticeiro alcança-o num

(38) — Barbosa Rodrigues, *Poranduba Amazonense*, *Anais da Biblioteca Nacional*. Tomo XIV, 2, pag. III, Rio de Janeiro, 1890.

instante; para êle o céu “não fica mais alto que uma casa”. Não são atribuídos aos corpos celestes as propriedades do fogo. O sol é uma grande esfera de penas de arara vermelha e de tucano, cuja plumagem se distingue por um magnífico alaranjado e vermelho. A lua é uma esfera formada de penas caudais amarelas de japú (*Cassicus*), que o Bakairí usa na orelha. O sol é coberto, à noite, com um pote grande, retirado de manhã. Não me quero referir já agora ao personagem incumbido dêste serviço; constitue um acréscimo extremamente secundário, uma simples figura complementar do início do desenvolvimento. Pois, se o sol é uma bola de plumas, se esta desaparece por algum tempo, é muito natural que alguém a oculte, ou cobrindo-a com um pote, como afirmam os Bakairí, ou colocando-a numa cabaça, como querem os Paressí.

No período das chuvas, em que os dias são longos, o sol é carregado por um caracol (*Bulimus*), e na estação seca, quando são de pouca duração, carrega-o um colibrí; é sabido que o movimento das asas desta ave é tão rápido que é difícil segui-lo com a vista. Durante a noite é inverso o serviço dos animais; na época chuvosa o colibri transporta a esfera solar encoberta ao seu lugar primitivo, e no tempo das secas fá-lo o caracol. Para explicar as fases da lua o Bakairí toma, como ponto de partida, o plenilúnio, i. é, a fase em que podemos ver tôda a esfera. Primeiro vem, para carregar a lua, um lagarto, que vemos ao longo do bordo lunar; no segundo dia o trabalho é feito por um tatú comum, e depois fá-lo um tatú-canastra, cujo corpo volumoso não tarda em encobrir completamente as plumas amarelas. Convém notar que os tatús têm forma abobadada, sendo animais notívagos, caçados pelo índio nas noites de luar.

Os eclipses são explicados de modo semelhante. Mas Antônio absolutamente não os concebia como fenômenos sujeitos a alguma regularidade; explicava-os de caso para caso. Assim, p. ex., certa vez, quando êle ainda era pequeno, um feiticeiro do Paranatinga se transformou num anú, ave azul-cinzento (*Crotophaga*), cobrindo com suas asas o sol durante algum tempo. A 28 de janeiro de 1888 deu-se um eclipse lunar, para o qual chamei a atenção de Antônio. Ao índio, que, em vista de minha predição, não ficou surpreendido, bastou sua explicação comum de que o lagarto e os tatús estiveram trabalhando. Fí-lo observar a lua através dum binóculo, pedindo-lhe que me dissesse algo sobre as montanhas lunares. Contentou-se em responder-me que o tatú aí deixára alguns excrementos. O fato de o tatú remover a terra, fêz com que os antigos Bakairí vissem precisamente êste animal na forma abobadada da parte não iluminada da lua.

Estas explicações estão, entretanto, em contradição aberta com as idéias do primitivo povo caraíba, reveladas pelos nomes por que designam o sol (39). Assim, também, as explicações dos Paressí modernos contrastam com as concepções que devemos atribuir ao primitivo povo dos Nu-Aruak. As palavras correspondentes a “fogo” e “sol” têm a mesma raiz; às vezes diferem somente por duplicação, outras vezes até são idênticas de uma tribo para outra. Na formação das palavras, portanto, devem ter influído, como propriedades do sol, primeiramente o calor e a luz. Também o pote, com que os Bakairí fazem cobrir o sol durante a noite, ainda indica uma relação com a lareira, provando igualmente, a origem relativamente tardia da hipótese, pois os Bakairí antigamente não possuíam potes. Objetei discretamente a Antônio: “mas o sol é quente, e as penas não o são?” Foi uma pergunta que, apenas proferida, me causou profundo arrependimento. Pois Antônio, bastante inteligente para sentir a contradição logo que lhe fôsse indicada, mostrou-se francamente melindrado. “Pode ser”, declarou êle, afinal, entristecido, “que mais tarde alguém tenha juntado o fogo por meio de feitiçaria; em todo caso antigamente o sol não era quente”. A êsse respeito, entretanto, o nosso índio se engana. O calor não foi juntado por feitiçaria, como crê Antônio, mas, ao contrário, foi eliminado pela fantasia. Mas a ciência moderna dos Bakairí baseia-se na concepção de que o sol e a lua são esferas de plumas, fornecendo-nos, pouco importam a época e o lugar em que ela se originou, um exemplo precioso para a boa compreensão do pensamento indígena.

Para dar alguma explicação, basta a semelhança observável entre o objeto em questão e algum outro que seja mais familiar ao índio. O sol passa a constituir uma esfera de penas a partir do momento em que se o julga mais parecido com esta do que com uma fogueira. Embora se trate duma conclusão por analogia, ela confere, neste nível mental, uma convicção absoluta, e as explicações subseqüentes, no tocante ao escurecer e ao movimento do sol e da lua observados no firmamento, desenvolvem-se organicamente, tendo essa convicção por ponto de partida. Nós dizemos que lá em cima não pode haver animais e que, por conseguinte, os corpos celestes não o são. O Bakairí, porém, vê os animais ou as plumas e não indaga da sua existência, interessando-se apenas por saber de que modo aí apareceram.

(39) — Ver “Bakairí — Grammatik”, tabela para “fogo, sol, lenha, árvore”, 278 e 279 até 281, e “Durch Zentralbrasilien”, p. 306.

Sôbre os cometas não obtive informações. Antônio limitou-se a observar desdenhosamente: “dizem os portugueses (a única denominação dada aos brasileiros) que os cometas lhes fazem mal, aos Bakairí não fazem nada”. Quanto aos planetas, sômente conseguí saber o nome de Venus, que não me foi possível traduzir.

Antônio conhecia muito bem o céu estrelado. Comprendia, também, com facilidade, a natureza do meu mapa do hemisfério celeste. Depois de lhe mostrar pela primeira vez algumas constelações, saímos juntos para procurá-las no firmamento. Quando voltámos para a sala, Antônio, olhando o mapa, reconheceu imediatamente Sirius. Para os índios esta estrêla forma um grupo juntamente com o Aldebaran e as Pleiades. Orion é uma grande armação para secar mandioca, as estrêlas maiores são as cabeças das estacas, e assim Sirius representa a extremidade duma grande viga transversal que escora lateralmente a armação. As Pleiades, constituindo certamente o ponto de partida de tôda a concepção, representam um punhado de grãos de farinha caídos no chão; o “Aldebaran”, o “pai do punhado”, é uma porção maior de farinha caída. “No firmamento há mandioca, plantações, mato, tudo, tudo”. Também há, no céu, ornatos de festa. Capela é um pequeno tubo que os Bakairí usam na orelha, enfiando uma pluma na extremidade anterior. Dois outros astros do Boeiro são os tubinhos usados pelos Kayabí, que enfiam as plumas na extremidade posterior. Uma outra estrêla, que não conseguí identificar com segurança, mas que me parecia ser Prokyon, é um perfurador de orelhas, ou por certo melhor, o orifício produzido por êste. Os Gêmeos são os orifícios duma flauta grande. Canopus não tem nome. O Cruzeiro do Sul representa um lago prêso a uma vareta, usado para pegar aves, enquanto as duas estrêlas grandes de Centauro são duas varinhas que fazem parte do laço. Com êste pegou-se um mutum-cavalo (*Crax*), que se encontra perto, num ponto escuro da Vida láctea. Mais um caso, portanto, em que uma explicação puxa a outra, e em que as duas se confirmam mutuamente. A pouca distância, correspondendo mais ou menos às estrêlas dos Peixes Voadores e Argo, nota-se um socó com uma pequena cesta repleta de peixinhos: lambarís, traíras, jejuns. Escorpião é uma rêde para carregar crianças.

A Via láctea, com suas partes claras e escuras, foi decididamente o que despertou a maior atenção do aborígene. Parece até, que, ao lado do sol e da lua, essa faixa forneceu a massa principal da matéria prima para todo o corpo de lendas. Enquanto as estrêlas são grãos, furos, nós de rêde, estacas e topos de mourões, a Via láctea também contém figuras de animais, como o já men-

cionado mutum e o socó. Ela própria representa um tronco de árvore deitado no chão, um enorme tambor, “igual àquele da terceira aldeia bakairí”, e que também foi usado lá em cima para a festa; veem-se as suas raízes perderem-se ao sul. Keri e Kame, os dois heróis de cultura, de que o Bakairí aprenderam suas danças de festa, realizaram na proximidade desta árvore “sata” tôdas as suas proezas juvenís, de que mais adiante ainda nos vamos ocupar. No zênite encontra-se um buraco escuro, só visível nas noites mais claras. Deste saiu o urubú-rei que nas suas garras levava a esfera solar; por êste buraco voou também, na sua volta para a terra, o médico-feiticeiro que foi hospedado por Cristo. A região a leste, onde não se veem estrêlas, e que nós chamamos de Saco de Carvão, é o buraco cavado por Keri e Kame para observarem como ardia sua avó Mero. Êles mesmos haviam acendido o fogo — ainda hoje se pode vê-lo na grande Nuvem de Magalhães —, ao passo que um outro, a pequena Nuvem de Magalhães, se originou da falta de cuidado dos dois, como hei de referir mais adiante. Principalmente Keri é o herói de tôdas as histórias. Foi êle que pegou o mutum no laço e que roubou a esfera solar do urubú-rei, tomando o aspecto dum tapir, cujas formas escuras ainda hoje se divisam claramente na parte de Argo da Via láctea. Ao lado do tapir veem-se ainda dois outros animais da lenda, um jaguar e um tamanduá. De fato, não é necessário ser índio para ver êsses animais; também eu pude reconhecê-los com especial nitidez, sobretudo o tapir.

O motivo de predominarem os animais, entre as coisas que o índio observa no firmamento, é o mesmo que o faz vê-los cá em baixo nos mais variados objetos que, por qualquer sinalzinho, lhe lembram algum animal. E’ fatalmente levado a isso, porquê percebe as coisas principalmente pelo prisma de seus interesses de caçador. Mas também não lhe escapou o fato do aspecto dos animais e objetos observados no céu não ser o mesmo dos originais da terra. São simples figuras. Mas, não obstante, não são figuras como quaisquer outras. Pois, mesmo feitas em qualquer época, o aborígene não as pode conceber como obras de arte análogas aos seus banquinhos zoomorfos ou aos seus desenhos traçados na areia. E’ que as figuras do céu estão em movimento, encontrando-se, além disso, num reboço extremamente variado de vento, nuvens e outros fenômenos meteorológicos, que se desenrolam sem que se veja qualquer homem. Devem ser, por conseguinte, figuras encantadas.

A tal conclusão chega-se também por mais outro raciocínio, o que a torna mais convincente ainda. Os animais e objetos em

questão devem ser necessariamente os mais antigos que existem. Toda geração passada, quaisquer idéias que tivesse a respeito, viu-os tais quais são observados hoje em dia, ao passo que, de acôrdo com toda experiência atual e antiga, os rios, as árvores e os habitantes terrestres de qualquer espécie são pequenos no princípio, crescendo depois. Todos os ancestrais morreram, e de ano em ano desaparece gente levada pela morte. As pessoas mais antigas sem dúvida alguma se devem achar junto com as coisas mais antigas. Morrer equívale a ser encantado e transformado, da mesma maneira como o médico-feiticeiro que, ingerindo veneno e morrendo em seguida, toma a forma de um animal. Conclue-se, pois, forçosamente que lá em cima se acham as mais antigas pessoas e coisas encantadas. A esfera de plumas, o urubú, o jaguar, o tapir constituem, para o índio, provas de feitos dos mais antigos médicos-feiticeiros. Para completar logicamente a sua ideologia, seria necessário apenas que o aborígene classificasse todo sonho como estado de encantamento.

Ao falar da lenda do urubú e da tartaruga, já tive ensejo de mostrar de que modo se forma o texto de ligação das lendas, antes que uma apagada tradição histórica forneça material próprio para isso. Não há falta de material, pois os diferentes animais e objetos que se veem juntos no firmamento devem fazer nascer, cada um de acôrdo com suas propriedades, multiplas idéias explicativas de sua reunião. A lenda refere, p. ex., que urubú-rei, antes de Keri lhe roubar o sol, saiu com êste do buraco escuro da Via láctea, voando, em seguida, pelo céu. Ora, o sol é percebido como uma esfera de plumas; atinge, de dia, a maior altura do céu, no ponto em que de noite se vê um buraco escuro, e o “urubú vermelho”, ou urubú-rei, de magnífica plumagem, “o príncipe e dominador de sua estirpe (Brehm)” é, naquela região, o “cidadão” mais vistoso do reino dos ares. Reunido êste material fica faltando apenas a indagação curiosa, e a ligação aparece infalivelmente. A lua não interessa muito ao nosso aborígene. “A começo esteve junto com o sol”; mais tarde Keri e Kame dividiram as plumas entre si.

De cinco estrêlas de Perseu foi-me narrada a seguinte história. O tatú-canastra — já vimos que, sendo o maior dêsses animais abobadados que carregam a lua, deixando atrás de si os seus excrementos, êle é o último que a cobre com seu corpo — encontrou Keri no seu caminho. O tatú, que levava um cêsto com frutos de piqui, ofereceu alguns a Keri e continuou. Keri chamou-o; o tatú parou, deu mais alguns frutos e disse: “mais, eu não dou”. Então Keri o agarrou; os frutos rolaram pelo chão e o tatú enterrou-se

no solo. Keri fêz algumas garras da resina do jatobá e desenterrou o tatú. Êste enterrou-se novamente e Keri tornou a tirá-lo. Repetiu-se isso ao todo cinco vêzes, e os cinco buracos são as cinco estrêlas. Aquí temos, pois, sòmente um encontro entre Keri e o tatú, já anteriormente conhecido; sabemos, além disso, pela flauta (Gêmeos), que as estrêlas às vêzes são consideradas como orifícios. E' muito natural que o tatú, que se distingue pela rapidez com que se enterra no chão, tenha cavado um grupo daqueles buracos logo que escapou do seu perseguidor. Faltava sòmente a briga, para motivar o jôgo de escapar e perseguir, e o "pomo da discórdia", para o qual, por sua vez, foi escolhido o fruto mais apreciado, de forma redonda e endocarpo côr de manteiga; mas também se poderia ter tomado qualquer outro. Em resumo, sem que atue um grande gênio inventor, a história se origina pela ligação que se estabelece entre as propriedades de um dos animais celestes propostos pelo estímulo natural, e um grupo apropriado de estrêlas que desperte a atenção do espírito curioso. Agora o nome das estrêlas é "o tatú-canastra sái". Basta haver o interêsse necessário que faça surgir a pergunta, e fatalmente aparecem as idéias explicativas.

Uma geração terá admitido estas, a outra aquelas. A tentativa de continuar a análise até as últimas minudências, falharia completamente, já pelo simples motivo de ser muito escasso o material que nos faculte comparações com outras tribus caraíbas.

Transformação. As explicações dos fenômenos da natureza dadas pelos Bakairí, baseiam-se, em grande parte, da hipótese da feitiçaria. Êsses índios não possuem a noção do desenvolvimento, mas sòmente da transformação. Esta pode dar-se de duas maneiras diferentes.

Na primeira alguém sopra contra um morto, dando-lhe novamente vida ou então alguém sopra contra algum objeto, e êste toma vida. Ao morto é restituído o bafo e, com êle, a vida. Não se deve confundir êste soprar, nascido da tentativa mais natural de vivificação, com o método do médico-feiticeiro moderno que sopra fumaça de tabaco sôbre seus pacientes. Em Maigéri soprava-se dia e noite sôbre os recém-nascidos fracos, cuja vida inspirava cuidados, mas não com tabaco. Só na prática êsses dois métodos se confundiram. Ao ato de fumar do médico — e que, como vimos, representa a mais fácil e agradável modalidade da narcose, em cuja aplicação se baseia a sua arte — associou-se posteriormente, por transmissão, o método de soprar fumaça de tabaco sôbre o paciente. Talvez há muito tempo já se tenham esquecido os índios de que com o ato de soprar se procurou transmitir o hálito.

Mas nas lendas e vivificação dos mortos e dos objetos sempre se dá por um soprar simples mas também contínuo, e o Bakairí, traduzindo para o português a palavra *epeheni* — soprar, emprega às vezes o termo *rezar*. Mas geralmente *soprar* ou assoprar, assim como também o substantivo *sapehénu*, correspondente a *epeheni*, significa vento.

Dizendo que em virtude de se soprar nos objetos êstes se tornam vivos ou vivificados, empreguei uma expressão que, quando bem examinada, se revela bastante inadequada. O feiticeiro faz muito mais que inspirar-lhes uma “alma” ou, no caso do morto, a “vida”. Vemos isto no exemplo mais importante, que nos mostra como de objetos se fazem seres humanos: de flechas, homens; de mãos de pilão de milho, mulheres; sendo as flechas e as mãos necessárias talhadas respectivamente na cana e na madeira. É certo que os Bakairí sempre existiram, mas quando seu número se tornava muito reduzido, o herói de cultura fazia outros, enquanto fabricava flechas de cana ubá fincando-se verticalmente no chão e soprando nelas. De modo análogo as outras tribus foram feitas, cada uma duma haste de flecha, a qual hoje ainda usam e que, por conseguinte, ainda os distingue; o europeu foi feito duma madeira semelhante à coronha da espingarda. A observação fundamental, e que mais tarde, como sempre, serve de confirmação ao processo exposto, é que as tribus se distinguem por suas flechas. A flecha é, além disso, o sinal característico do homem. As mulheres, por seu turno, nascem quando o herói de cultura talha mãos de pilão de milho, encostando-as verticalmente no pilão e soprando nelas para inspirar-lhe o bafo vital; as que são talhadas de madeira boa começam logo a trabalhar, outras vadiam.

Nem às flechas nem às mãos de pilão é comunicada uma “alma”, mas a “pessoa” integral. Quando o feiticeiro acaba de realizar o seu serviço, o homem se encontra ao lado de sua flecha, e a mulher ao lado de sua mão de pilão. O índio que conta como se desenrola o processo não parece sentir-se muito seguro; pois o feiticeiro, depois de soprar “retira-se por pequeno espaço de tempo”, encontrando prontos, na sua volta, os homens ou mulheres. Um inseto que por mimetismo toma a aparência duma fôlha de jatobá e a que os índios chamam de “fôlha de jatobá”, originou-se do sopro do feiticeiro sobre a fôlha; nós poderíamos dizer “ficou viva” ou chamar-lhe “fôlha ambulante”. Para o índio, a pessoa é juntada à cana, à madeira e à fôlha já existentes.

Parece-me incontestável que os casos acima referidos se distinguem fundamentalmente daqueles outros em que, nas lendas, os objetos são “personificados”, i.é, falam e agem como animais e

homens. A tartaruga da lenda amazonense, ao cair do céu, vê um rochedo na direção de sua queda, e diz-lhe: "Afasta-te daí!" A pedra, obediente, retira-se, e o animal cai no chão macio. A pedra, que compreende as palavras da tartaruga, também poderia ter respondido alguma coisa. Keri entra em desavenças com o céu, discute com ele, retirando-se furioso, com sua gente, para a terra, onde por isso os Bakairí ainda moram hoje em dia. Chama-se o vento para derrubar uma árvore. São casos em que não se sopra, nem se pratica feitiçaria. Quem narra a lenda faz os objetos ouvirem e falarem para exprimir que querem ou não determinada coisa, que se sujeitam ou se apõem a certa ordem, e não procura saber se nós nos opomos ou não ao fato d'ele assim lhes atribuir uma "alma". "Como é que o céu podia falar?". "Não sei, naquele tempo falava". Outra informação não se podia receber de Antônio. Se hoje, na vida quotidiana, algum objeto súbitamente causa algum dano, a culpa é dum mau feiticeiro, ao passo que um animal age por si mesmo.

A segunda modalidade da transformação é aquela em que o feiticeiro se transforma em qualquer animal. Ninguém parece saber como é que ele o faz. Mas ele propriamente não passa a ser o animal, porém sempre entra nêle e nêle se encontra, podendo mesmo estar dentro do pé dum tapir e agarrar o urubú. Nessa transformação sairá a "alma" de uma pessoa para entrar na outra? Mas então pelo menos não devemos perguntar, onde é que fica a alma do animal, nem onde fica o corpo do herói de cultura, nem devemos indagar se a "sombra" — que, no moderno médico-feiticeiro, narcotizado e deitado na rêde, deixa o corpo para se dar a transformação num jaguar ou em cobras, — anteriormente esteve "no interior" do médico-feiticeiro. Creio que nos aventuramos demais quando falamos do modo de vida, atribuído à "alma" pelos aborígenes. Eu por minha parte só pude colher a impressão de que os índios, no tocante à "alma", ora pensam na sombra, ora no bafo, e que absolutamente não os interessam os diferentes detalhes e circunstâncias especiais, mantendo, porém, sempre a noção da personalidade completa e "corporal" ("leibahftig"). Parece-me que a maneira mais acertada de conceder essa transformação é imaginar o feiticeiro no animal, mais ou menos como o índio dentro de uma máscara zoomorfa, e que, sendo p. ex. uma pomba, imita-lhe a voz e os movimentos, não deixando, entretanto, de ser o companheiro de tribu Fulano, o que lhe dá a possibilidade, de ir, mesmo como ave, ao rancho em que estão as mulheres para buscar uma cuia com pogú.

Keri e Kame e a lenda dos ancestrais. A base geral da concepção do mundo, do Bakairí, é a relação que êle mantém com a vida dos animais. Entretanto poder-se-ia dizer que a ciência e a poesia desse gentio é de origem celeste. Os mais antigos Bakairí viviam no céu; provam-no todos os conhecimentos que temos do sol e da lua, e tudo o que observamos lá em cima, as figuras da Via láctea, as regiões em que não vemos estrêlas e as luminosas nuvens de Magalhães. E' curioso que não me tenha sido possível saber algo a respeito de idéias referentes às trovoadas, tempestades, nuvens, chuva, idéias entre outros povos primitivos tão férteis em sentido semelhante. Fiquei com a impressão de que a meteorologia ainda constituía um domínio completamente inexplorado. As entidades a que se associavam os personagens da lenda dos ancestrais, eram sempre os animais astronômicos do céu. As recordações da tribu constituem a segunda fonte principal do material das lendas, mas os dois contingentes se misturam tão intimamente que é difícil distinguir entre o originariamente fornecido pelo primeiro e a contribuição do segundo. O jaguar, que simboliza alguma tribu vizinha de canibais outrora existente, identificou-se com o jaguar da Via láctea, e, além disso, as variedades zoológicas do jaguar ficam à disposição como uma série de irmãos.

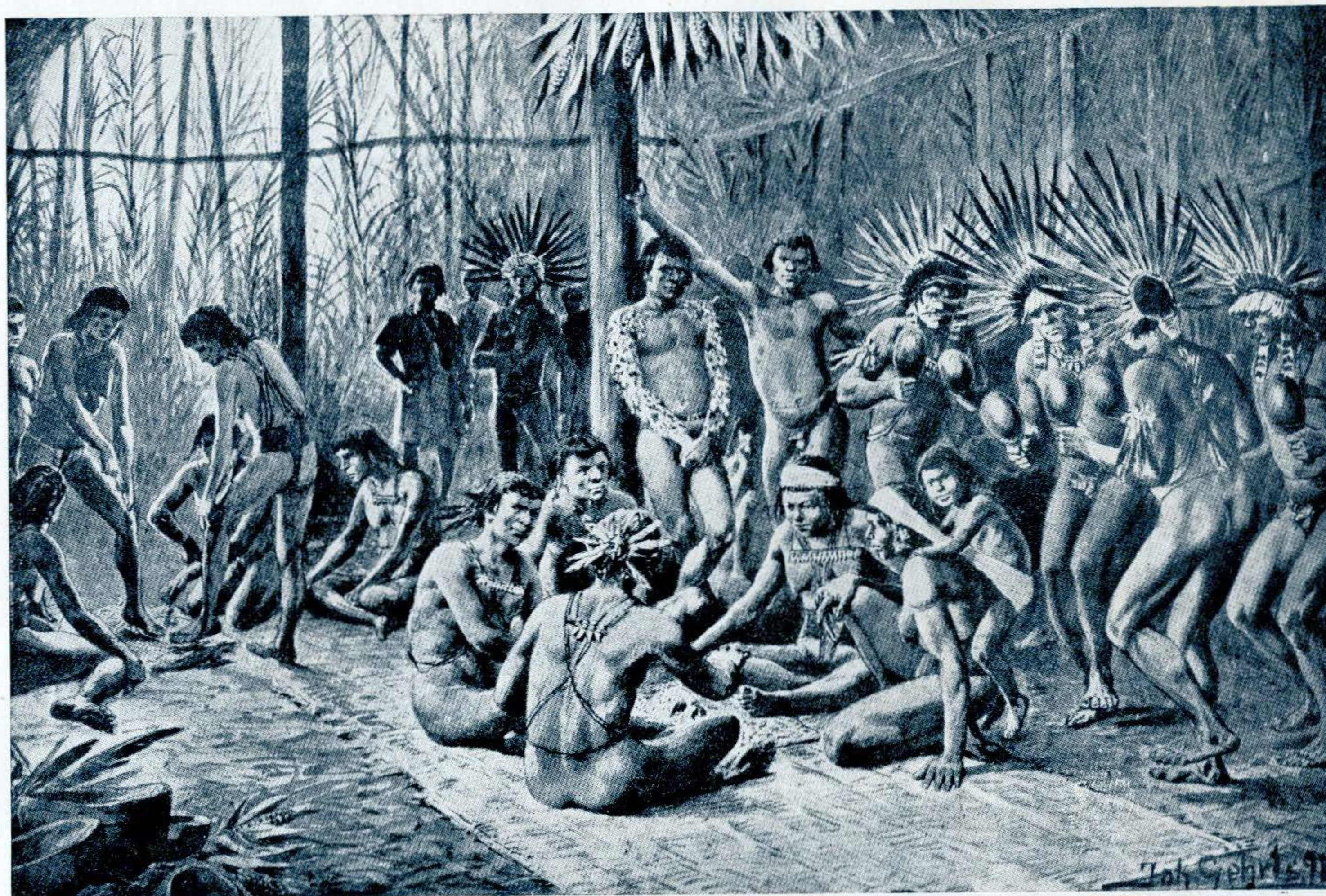
Os nomes Keri e Kame revelam que na formação da lenda houve importante influência estranha por parte dos Aruaks. Keri e Kame são os nomes da lua e do sol entre as tribus nu-aruaqs; não são palavras caraíbas (40). Deve-se excluir completamente a hipótese duma casualidade, porquanto os dois nomes sempre se encontram juntos, tanto na acepção de lua e sol entre os Nu-Aruaks como na lenda bakairí, onde os dois heróis são gêmeos. A única diferença está em que, entre aquêles, *kéri* significa a lua e *kame*, *kámu* o sol, enquanto na lenda bakairí *Keri* é o personagem principal, fazendo *Kame* geralmente o papel de "bobo", e cabendo o sol a Keri e a lua a Kame. Parece também que o nome do personagem mais antigo da lenda, *Kamuschini*, contém o vocábulo *kamu*, sol. E' importante a circunstância de ser a tradição prorrogada de preferência pelas mulheres. Antônio aprendera todas as lendas por intermédio de sua mãe, declarando-me que assim acontece em regra. Além disso deve-se supôr necessariamente uma diferenciação contínua, porquanto no correr dos tempos a tribu bakairí recebeu no seu seio grande número de mulheres estranhas. Keri aparece na lenda como o herói de cultura dos Bakairí,

(40) — V. Gramatica Bakairí, p. 57. Os Caraíbas insulares possuem uma "divindade" boa *ischeiri*, termo que, do ponto de vista fonético, difficilmente pode relacionar-se com *keri*. Caso exista uma relação entre os dois vocábulos, e caso *ischeiri* seja uma palavra do antigo caraíba, seria preferível admitir que o termo bakairí coincidiu com o aruak.

ao passo que Kame figura nelas como o herói das tribus do Ari-nos. O velho Caetano também designava os dois simplesmente com as palavras bakairí correspondentes a sol e lua, empregando-as como nomes próprios: *Tschischi* e *Nuna*. Era bastante engraçado quando êle dizia em bakairí: "*Keri* tomou *tschischi*", e em português: "*Tschischi* tomou o sol".

Com os dois irmãos chegamos pouco a pouco ao outro termo da lenda da criação, i. é, ao ponto de partida para a lenda dos ancestrais propriamente dita, para a história da criação. Depois de desenrolados os acontecimentos no céu, i. é, depois do nascimento e educação de Keri e Kame, e depois de se reterem realizado as suas proezas, a que se devem a posse da luz do dia, a troca do céu pela terra, o sono, o fogo, os rios, os dois irmãos chegam ao Paranatinga, instalam-se na sede antiga dos Bakairí no Salto, fazem vários tipos de cachimbos, ensinam danças festivas, arranjam tabaco, mandioca e coisas semelhantes, retirando-se finalmente para nunca mais tornarem àquelas paragens. Em que ponto termina a lenda pura, e onde começa a história, da qual, ao que se deve supor, se encontra algo de real nas indicações concernentes aos rios, às relações com outras tribus e à origem das plantas de cultura? Sim, os Kayabí aparecem quando na terra ainda reina a noite, i. é, antes que Keri buscasse o sol!

Sentir-me-ia satisfeito se me fôsse dado resolver a questão mais ou menos satisfatoriamente. Antônio sabia dar os nomes de todos os seus antepassados até ao do seu bisavô Marinkara, o qual, pelo que dizia, morara perto do Salto do Paranatinga; calculando-se cada geração com 30 anos, remontaríamos, assim, até a primeira metade do século dezoito. Admitindo que a comunicação mereça confiança, teríamos — o que se deve tomar mais ou menos como limite natural para uma tribu que não conhece escrita e que carece de portadores especiais da tradição — uma transmissão oral e pessoal remontando até ao avô, e, caso êste, do mesmo modo ainda, pudesse ter as informações de seu avô, diretamente até ao avô do avô. Se levando em conta as diferentes idades da vida, acrescentarmos mais duas gerações, teremos atingido, incontestavelmente, o limite extremo de credibilidade. Nenhum dos nossos índios duvida de que com êsses antepassados tenhamos chegado ao tempo em que Keri e Kame buscaram o sol. Não há dúvida que antes desta época já existiam Bakairí. Também já havia Kayabí antes que o céu fôsse trocado pela terra. Por mais que me incline a fazer o melhor juízo dos bons Bakairí, sou de opinião que, considerando, o que dêles sabemos, lhes fazemos completa justiça, se admitirmos que desde tempos imemoráveis êles vivem no Paranatinga e que aí conheceram a mandioca e o tabaco.



4686

Prancha s/n. — Cerimonia funebre — Borôro

Dever-se-á admitir, agora, que Keri e Kame sejam nomes de dois caciques determinados que realmente viveram há alguns séculos, e aos quais agora se atribue, com exagêro, o mérito de terem regulado o curso do sol e de terem trazido aos Bakairí e seus vizinhos o sono, o fogo, os rios e outras coisas? A história das nossas tribus de caçadores, que desde séculos vivem simplesmente como grandes famílias, presta-se muito pouco à produção de personalidades cujos nomes não possam ser esquecidos pelos pósteros. Mas, abstraindo essa impossibilidade ser-nos-ia possível admitir, para um nome único, como "Lua", por exemplo, um antepassado real que assim se chamasse. O que não podemos aceitar é o fato de ter havido precisamente dois ancestrais com os nomes "Sol" e "Lua".

Mas então não podemos considerar Keri e Kame como personificações do sol e da lua? Deve-se objetar que Keri e Kame não eram a lua e sol ou esferas de penas, mas apenas assim se chamavam; os astros sol e a lua não se originaram de ossos de Bakairí. Pois bem, os objetos mais antigos e os homens mais antigos fazem parêlha; o ancestral é o dono natural do sol. Se bem que, para explicar-lhe a origem, o faça nascer de qualquer material e em seguida lhe dê vida, não tenho nada a personificar, mas apenas a denominar. O personagem aparece por si mesmo na figura do fundador da tribu que, embora completamente desconhecido do ponto de vista histórico, se deve admitir com certeza. Resta a saber apenas qual a proveniência do nome.

E' preciso indagar em primeiro lugar se os nomes não têm sentido geográfico. Orientemo-nos! As tribus ceramistas do Kuli-sehu constituem, nas nossas latitudes, os representantes mais orientais dos Nu-Aruak. O grosso, encontra-se a oeste do Arinos, afluente do Tapajoz. Aí temos, em primeiro lugar, na nascente do Arinos e do Jurema, o grupo, outrora numeroso, dos Paressí, formado pela reunião de várias tribus, que, como é sabido, hoje em dia se deslocaram para o sul. Mais para o oeste há grandes regiões ocupadas por Nu-Aruak. Os Paressí que nos visitaram em Cuiabá chamavam o sol de *kamái* designando o Arinos como o rio do sol nascente, e dando-o como fronteira leste dos domínios da tribu, *kame-uhina* — rio do sol. Entretanto é muito possível que alguma outra tribu do grupo paressí, ou mesmo antepassados das tribus mehinakú (41), hoje avançadas para leste até ao Kuli-sehu, fôsem os aborígenes dos quais, em época remotíssima, par-

(41) — Precisamente estas tribus possuem "sol" e "lua" na forma inalterada "káme" e "kéri", ao passo que os Paressí de Diamantino, — o que entretanto não quer dizer muito em relação aos Paressí antigos, divididos em numerosas subtribus — têm *kamai*, sol, mas *kayo*, lua.

tiu o motivo para a lenda bakairí. Possivelmente a tribo cujas mulheres outrora exerceram tão grande influência sobre a tradição bakairí, há muito não exista na sua forma independente. Mas tudo isso são particularidades que não podemos determinar. E, na realidade, não nos interessam muito. Sem dúvida, o fato dos Paressí chamarem o Arinos de rio Sol, Kame ou Leste, talvez seja importante. Pois as tribus que, segundo indicação dos Bakairí, foram feitas pelo herói Kame, são toda a gente do Arinos! Foram-nos citados os Paressí, Apiaká, Mundurucú, Suyá (outra no Arinos), Maué (no Tapajoz). Keri, por seu turno, fez os “Bakairí, Mehinakú, Nahuquá, Borôro, Kayapó, Kaiabí”, i. é, as tribus situadas a leste e ao sul do Arinos. A divisão não tem que ver absolutamente nada com alguma distinção de ordem linguística: há Nu-Aruak e Gê dos dois lados; trata-se de dois grandes grupos cujos componentes se ligam espacialmente, mas que, de maneira alguma estão situados rigorosamente, um a oeste, e o outro a leste. De um lado temos tribus que habitam a oeste, noroeste e norte do ponto de vista dos Bakairí, e do outro há tribus de leste, sudeste e sul. Mas os representantes principais dos dois grupos, os Bakairí e os Paressí de fato são situados de tal sorte que aquêles moram a leste dêstes. Temos, pois, o seguinte quadro: 1.º) Kame — Nu-Aruak “sol”, mas, para os Bakairí, herói de segunda categoria e senhor da lua; é o ancestral das tribus ocidentais e setentrionais. 2.º) Keri — Nu-Aruak “lua”, mas, para os Bakairí, o herói muito preferido ao primeiro e senhor do sol; é o ancestral das tribus orientais e meridionais.

Quero lembrar aqui um exemplo interessante, publicado por Alexandre de Humboldt (42). Nas imediações de Maipure, localidade denominada segundo uma tribo nu-aruaq, levantam-se duas rochas nas cataratas do Orinoco, uma das quais, “a assim chamada Keri ou Pedra da Lua”, é célebre por uma mancha branca que se vê reluzir a grande distância, sendo formada provavelmente por um nó de quarzo, “no qual os aborígenes pretendem ver uma imagem do plenilúnio”. No outro rochedo, situado em frente do primeiro, o gentio indica, “com ar de mistério e gravidade”, uma mancha branca semelhante, que “é disciforme, sendo designada pelos índios como a imagem do sol, Camosi”. “É possível que a situação geográfica dêses dois objetos constituísse o motivo para a denominação; Keri fica em direção do poente, e Camosi do levante”. O autor não informa se um dos discos é maior que o outro, mas é justo que, quando dois discos iguais devem representar a lua e o sol, se tome como imagem do sol o que fica para o

(42) — Reise in den Ae-quinoktial — Gegenden, III, p. 173.

oriente, classificando, por conseguinte o outro como imagem da lua, embora o oeste em si não se relacione mais com a lua do que com o sol. Fato análogo se poderia dar também com dois grupos de tribus, com a posição mútua leste-oeste: quando o de leste é denominado o do sol, o outro seria chamado o da lua.

Todavia, tirando a mesma conclusão para o nosso caso, somos levados a uma lamentável confusão. Do ponto de vista dos antigos Nu-Aruak ocidentais, para os quais o Arinos era o rio de leste, ou do sol, as tribus Keri habitavam ainda mais para o leste que as tribus Kame, do Arinos. Do ponto de vista dos Bakairí as tribus Kame ficavam exatamente para o oeste, e as tribus Keri na direção de leste. A significação dos pontos cardiais seria portanto inversa.

Deixemos, porém, de lado, por ora, a questão dos pontos cardiais para nos colocarmos na situação em que nasceram os mitos. Existia um tráfego antigo, e, em determinada ocasião, deu-se também uma união estreita entre Nu-Aruak e Bakairí. E isso deve ter acontecido se os nomes Keri e Kame são de fonte estranha, i.é, se foram introduzidos no idioma bakairí. Os dois elementos porisso se sentiam fraternalmente unidos, e remontavam a sua história a dois irmãos que viveram em época remotíssima. Os dois irmãos arranjaram para as suas tribus tudo o que estas hoje possuem de bom. Mas antes que êles o pudessem fazer aquí na terra, devem ter morado no céu, no mundo mais antigo, que ainda ficou conservado com todos os seus animais e objetos encantados. Foi lá que nasceram, e foi com os animais que lá se observam, que com êles se passaram as histórias que se contam, e que se devem ter passado, porque senão o céu não teria o aspecto que agora apresenta. Foram os dois que colocaram as esferas de plumas, o sol e a lua, dentro do pote ou da cuia, onde ainda agora ficam ocultos por determinados períodos de tempo. Foram êles, também, que fizeram com que dia e noite sempre se alternem como deve ser, para que tenhamos regularmente o tempo destinado ao sono. Se os dois irmãos não tivessem feito tal serviço, hoje estaríamos em má situação; outrora, por certo, não houve alternância tão regular, pois as duas esferas ainda eram unidas, formando uma só, e uma grande ave vermelha, voando com ela pelas regiões do céu, levava a claridade somente àqueles lugares por onde o acaso a fizesse passar. Os dois irmãos, porém, lhe tiraram as plumas para nosso benefício, repartiram-nas entre si, estabelecendo o serviço regular de todos os dias e tôdas as noites, exatamente de tal forma que de noite tenhamos o nosso descanso e de dia nos possamos orientar com segurança por tôda parte. E' por isso que

hoje em dia damos a uma das esferas o nome “Sol”, denominando a outra “Lua”, porquê êles próprios assim se chamavam.

Possivelmente o amável leitor ficará surpreendido com a conclusão acima; talvez esperasse esta outra: “por isso se deram a êles próprios os nomes de “Sol” e “Lua”. Pode ser que os dois irmãos fôsem denominados de acôrdo com o sol e a lua, do mesmo modo como Chapèuzinho Vermelho o foi em atenção à sua touca vermelha. Não sei o que é mais certo. Entretanto, tenho dificuldade em imaginar que os índios antigos assim raciocinassem, e neste caso, eu depararia sempre com uma designação conciente, como se dá em relação com as crianças, como, p. ex., um aborígene que, tendo filhos gêmeos, para êles escolhesse os nomes “Sol” e “Lua”. Mas quando o índio narra a origem de determinadas coisas, êle conta uma história cujo material lhe é fornecido pelas propriedades dela e que trata de personagem, idênticamente denominado. Na sua opinião é natural que alguém tenha trazido a coisa em questão e que êsse alguém tivesse o nome ora dado ao objeto. No nome dêste, familiar a quem ouve a história, está a prova da veracidade, e é dêle que decorre a satisfação da curiosidade. Entre os Tupí, p. ex., existiu a filha dum cacique, chamada Mani, que morreu em circunstâncias especiais, e de cuja sepultura, na casa do pai, nasceu uma planta; as aves embriagavam-se com as flores produzidas pelo vegetal, e resolveu-se cavar a terra, dando-lhe com uma raiz de sumo embriagante, e que desde então se chama “casa (óka) de Mani” ou “Mandioca”. Inclino-me a admitir que de maneira análoga nasceram também gêmeos que se “chamavam” Keri e Kame e que, depois de crescidos, trouxeram o sol para nós, e que naturalmente já eram chamados Keri e Kame antes que soubessem qualquer coisa a respeito do sol e da lua. Os nomes dos dois objetos mais preciosos que êles trouxeram para nós, i. é, aos Bakairí e Aruak, são os que êles mesmos tinham, é por isso que agora sabemos donde nos vieram os dois objetos.

Em todo caso rejeito decididamente a hipótese de que o sol e a lua tenham sido personificados. Se eu não tivesse constatado de modo positivo que êsses dois astros são considerados esfera de plumas e objetos possuídos por determinados personagens, se conhecêssemos sòmente os nomes dos heróis de cultura “sol” e “lua”, eu me veria obrigado a permitir que mais êste caso se resolvesse pelo esquema cômodo da personificação. Mas aquí não é viável tal solução. O índio conclue que alguém deve ter trazido os objetos, e que são, é claro, os dois ancestrais que necessariamente devem ter existido. Quanto aos nomes igualmente os tem assim à disposição.

Contou-me o velho Caetano que êles se chamam Tschischi ou Keri, e Numa ou Kame. Empregava, com os nomes próprios, os termos caraíbas e aruaks para sol e lua, misturando-os à vontade, mas reservando todavia para os seus Bakairí (a-pesar-do *kéri* — lua) o personagem principal Keri — sol. Nas histórias, Keri é sempre o inteligente, enquanto Kame continuamente faz o papel de bobo! “Kame”, disse Antônio, “é gente bobo (sic!) e faz tudo errado, mas Keri não ó não!” Esta tendência muito natural em cada tribu, faz-me voltar à questão da distribuição geográfica, auxiliando-me, também, a resolvê-la. Dois irmãos, “Sol” e “Lua” eram os ancestrais dos Nu-Aruak e Bakairí, que, num certo período, viviam juntos desde os primeiros tempos. Evidentemente cada tribu escolheu o “Sol” para seu herói, dando a “Lua” ao outro. As mulheres aruak diziam: nosso Kame (Sol) e vosso Keri (Lua); os homens Bakairí diziam: nosso Tschischi (Sol) e vosso Nuna (Lua). Para os filhos de uns e outros, i. é, para os antepassados dos Bakairí atuais — que ouviram as narrações de ambos e que se interessavam mais pelos feitos dos heróis do que pela explicação dos vocábulos, — o possuidor do sol ficou sendo Tschischi, como lhe chamavam os pais, ou Keri, como diziam as mães, enquanto o possuidor da lua ficou sendo Nuna, como lhe chamavam os pais, ou Kame, como o denominavam as mães. Tschischi-Keri fizeram os Bakairí e seus vizinhos, e os Aruak e seus vizinhos foram feitos por Nuna-Kame. Kame criou, por conseguinte, os habitantes do Arinos, que, juntamente com os Paressí, moram na direção de noroeste, sendo Keri o criador das tribus que, juntamente com os Bakairí habitam para o sul e para leste. Não se pode, porém, falar de uma distinção primária e conciente de acôrdo com os pontos cardiais; essa distinção só poderia ter aparecido secundariamente e de um modo indireto, depois que Keri se tornou o personagem principal e possuidor do sol; pois os filhos não podiam, sem mais nem menos, chamar de leste e de sol àquilo a que as mães chamavam de oeste e de lua, e não é a um equívoco incompreensível (como eu mesmo acreditei no princípio) que se deve a troca dos nomes, mas à pretensão muito natural de cada um dos lados, de ser o descendente do mais importante dos dois ancestrais irmãos.

Creio que o material das observações astronômicas e o das recordações históricas foi aproveitado de modo exatamente idêntico: em ambos os casos inventaram-se os portadores da ação, da mesma forma como a fantasia colocou os homens ao lado das flechas e as mulheres ao lado das mãos de pilão. A ação é histórica, os personagens só o são enquanto representam os caciques, médicos-feiticeiros ou ancestrais que se devem pressupor no princípio.

Demoremo-nos um pouco diante de alguns detalhes importantes da lenda: Keri e Kame são gêmeos. Sua mãe é “casada” com o jaguar, mas frisa-se em especial que eles só são filhos adotivos dêste e a mãe, embora não se aluda a uma virgindade necessária, não concebeu de seu marido; ficou grávida, engulindo dois ossos de dedos de Bakairí, que o jaguar guardava em casa como pontas de flechas. Encontramos traços semelhantes em muitas lendas americanas. Em primeiro lugar, nascem vários irmãos como ancestrais; a mãe, além disso, freqüentemente é virgem. Não faltam explicações engenhosas para isso. Para os Paressí os irmãos são em número de dez, para outras talvez são quatro. O número depende da necessidade de arranjar uma árvore genealógica para cada uma das tribus que, vivendo próximas umas das outras, em última análise se sentem aparentadas entre si, ou então é regulada de uma ou outra forma de acôrdo com os pontos cardiais. O fato da mãe ser virgem, quase que se torna evidente por si mesmo, quando se considera a idéia que o índio faz da paternidade. O filho é sempre o pequeno pai, o primeiro da série, se de fato é o primeiro, naturalmente não pode ter pai. Pode haver uma mãe, o problema é só o da explicação da gravidez. No nosso caso foi muito bem resolvido; Keri e Kame originam-se cada qual de um osso que entra no ventre da mãe; os dois ossos são pontas de flechas, o que quer dizer que também aquí fica salvaguardada a origem comum do homem, de provir duma flexa. A afirmação de que os ossos são de Bakairí constitue uma inconseqüência, que certamente favorece a hipótese da fusão de diferentes lendas. “Bakairí sempre existiram”, também Ewaki, tia de Keri e Kame já faz parte da “parentela dos Bakairí”, e Keri só faz Bakairí quando eles escasseiam.

No que diz respeito à própria mãe, ela foi feita de, ou melhor, juntada a uma mão de pilão de milho, talhado de madeira de piquí. E com isso havia de ser suficientemente garantida, — pela analogia clara com a origem dos homens, de provirem de flechas — a concepção puramente humana da sua natureza. Mas se, a-pesar-disso, houver quem a considere uma personificação, p. e. da aurora, da qual surge o sol, êle exprime, com isso, uma idéia que, na minha opinião, é excelente, tendo entretanto o único defeito de ser concebida por êle, e não pelo índio. Contudo quero de bom grado contribuir para a formação de mitos sôbre o mito: cinco mãos de pilão foram vivificados, duas das mulheres assim criadas por encantamento não queriam trabalhar, sendo mortas imediatamente, enquanto a futura mãe dos gêmeos estava no número das diligentes; aquí vemos, portanto, personificada a aplica-

ção, e entre esta e a aurora existe a relação mais íntima que se pode desejar, pois é na aurora que aquela já atua enèrgicamente, enquanto a preguiça continua dormindo.

O crepúsculo matutino desaparece com a luz do dia, e por isso declara-se morrer a mãe dos heróis de cultura. Acho muito cruel que a mãe não torne à vida com o crepúsculo vespertino. Todavia devo reconhecer que êste traço da morte da mãe, freqüentemente verificado nas lendas americanas da criação, também se observa aquí. Por isso não se aproveita a minha bela explicação da atividade diligente, porquanto esta se devia manifestar tanto mais vigorosamente com o nascer do dia. Creio, pois, que é preferível não dar importância demasiada à generalidade da sorte da mãe — nos mitos em geral se morre muito facilmente —, mas indagar de caso em caso até que ponto a morte serve às finalidades de quem conta a lenda. No nosso caso nota-se a utilidade não só da morte, como motivo para a continuação da história, mas também da maneira pela qual é combinada com o nascimento. A mãe é morta pela sogra, porquê é tida como Bakairí e porquê a sogra e sua tribu viviam em inimizade com os Bakairí, comendo dêles o maior número possível. Keri e Kame vingam-se da sogra, escolhendo o fogo para matá-la; a êste fogo, que dá origem às nuvens de Magalhães, por sua vez cabe um papel importante no desenvolvimento ulterior dos heróis. Além disso Keri e Kame foram tirados do corpo da mãe extinta, circunstância essa que inegavelmente, constitue uma relação com o nascimento (sem dúvida fatal para a mãe, de dois grandes médicos-feiticeiros, dentro em pouco autores de tantas e tão grandes obras) mais evidente do que com a morte da aurora personificada! Observemos de passagem que, da mesma forma que o sol, também a autora é considerada um ajuntamento de penas, trazido pelo urubú, afim de evitar a entrega do próprio sol.

Procuremos descobrir o significado que o índio empresta às lendas e não tentemos julgá-las à luz de nossas interpretações, embora seja possível que êle também as venha a encarar pelo mesmo prisma, quando se elevar a sua cultura até o nível da nossa, que enfeita com mil arabescos a origem da criança.

O “deus da luz” constitue, nas lendas americanas, o portador da “cultura”. Pretende-se ver nisso a lembrança duma migração de leste, ou uma origem oriental da cultura. De fato, é curioso averiguar-se quão acentuadamente a cultura já realiza, em épocas imemoráveis, a marcha para o oeste; diz-se mesmo que tôdas as tribus que enterram seus mortos com o rosto virado para o nascente, já que não os podem acompanhar duma bússola, vieram de

leste. “Onde é que mora Keri?”, perguntei a Antônio. “No céu”. “Mas em que direção?” “Leste; pois é lá que ele guarda o sol. Na casa dele encontra-se o pote que de noite encobre o sol”. O velho Caetano chamava a Keri de “Imperador”, e fazia-o igualmente morar a leste, i.é, no Rio de Janeiro. Não vejo a mínima razão para combinar com uma lenda de migração o fato de se ter passado no céu o primeiro ato da lenda Keri. O sol existiu antes de Keri, e este só lhe regulou o curso. Se Keri o acompanha, ele deve morar a leste ou a noroeste. Os Bakairí decidiram-se pela primeira destas possibilidades e podiam, em seguida, ter chegado facilmente à conclusão — a que não chegaram — de que seus antepassados vieram de lá. Mas não é possível que em todos os lugares em que se tira esta conclusão, os antepassados tenham morado a leste. O fato, porém, de Keri acompanhar o sol, nos pode espantar, proquanto ele é simplesmente o personagem que a imaginação juntou ao sol a título de explicação, e como o personagem assim inventado é aquêle a que se atribue a fundação da tribo e a que se referem as conquistas mais importantes, o herói da cultura deve ser ao mesmo tempo o “deus da luz”.

II. OS TEXTOS

Os pais de Keri e Kame. Origem e morte da mãe. A vingança desta morte. O sol, o sono e a rede de burití. A troca do céu pela terra. O fogo. Os rios. A corrida para o Salto do Paranatinga. A casa, a pesca, as danças festivas, as tribus. Despedida de Keri e Kame. O tabaco e o algodão. A mandioca; a armação do veado. Como a ave ficou feia. Keri e a raposa do campo na caça. O jaguar e o tamanduá.

Os textos originais das lendas bakairí, acrescidos duma tradução interlinear, já foram incluídas na minha gramática bakairí. Procurarei expôr aquí o seu conteúdo, para cuja compreensão se precisam de dados complementares essenciais fornecidos por Antônio. As próprias lendas são formadas de frases muito curtas, distinguindo-se por uma forma de expressão extraordinariamente concisa.

Os pais de Keri e Kame. A primeira parte da lenda tem por cenário o céu. Naquele tempo existia mais ou menos tudo que agora se pode observar na terra. Nada se conta de uma criação propriamente dita, narra-se somente como é que os heróis Keri e Kame obtêm de outros personagens uma porção de coisas úteis e importantes. Pois até os Bakairí existiram sempre, se bem que “no começo fôssem poucos”. Assim existiu também gente que não eram Bakairí, sobretudo os diferentes jaguares e seus parentes, que mataram e comeram muitos Bakairí. Kamuschini, p. ex., com quem se inicia a história, também era “de outra gente”.

Kamuschini, andando no mato à procura de fôlhas da palmeira tucum, afim de fazer cordas para seu arco, encontrou o jaguar Oka, e, com medo dêle, prometeu fazer-lhe mulheres, se o poupasse. Primeiro derrubou árvores de madeira vermelha (*sewéti*), levou os toros para casa, colocou-os num pilão de milho, soprou neles e retirou-se por curto espaço de tempo. Mas, quando voltou, haviam-se formado só homens, que estavam entretidos em fabricar flechas; Kamuschini matou-os, foi-se embora, derrubando agora cinco ou seis árvores de outra espécie, com as quais repetiu o mesmo processo. Voltando, depois de curta ausência, para junto dos toros em que soprara, percebeu que desta vez as árvores se transformaram em mulheres. Tôdas chamaram-lhe “papais” e — com exceção das duas últimas, que, ficando sentadas sem se mexerem, o enfureceram, pelo que as matou imediatamente (43) — com muita aplicação pilavam milho — “conta-se que naquele tempo ainda não existia a mandioca” —, faziam beijús e bebidas. Kamuschini deu as duas mais velhas, Nimagakaniro e Ichoge, ao jaguar Oka, que as levou para casa. Pelo caminho, porém, Ichoge, subindo numa palmeira burití para tirar nozes, caiu ao chão e morreu.

Nimagakaniro enguliu dois ossos de dedos de Bakairí, que na casa de Oka existiam em grande quantidade. Oka aproveitava êsses ossos para pontas de flechas e matava muitos Bakairí afim de lhes comer a carne. Foi de dois ossos de dedos, só dêles,

(43) — Consegui saber o nome de cinco dessas mulheres: Nimagakaniro, Atanumagale, Ichoge, Koyaka e Tawaguri. Na minha gramática bakairí, p. 226, escrevi, por equívoco, que Kamuschini derrubou cinco árvores de Piquí e, além disso, cometi a injustiça, de atribuir-lhe um engano. Kamuschini derrubou primeiro dois piquís dos quais nasceram Nimagapaniro e Ichoge. No nome Ichoge está contido o termo ipó piquí (*ixó-ge* com piquí) Tawaguri, por sua vez, é o nome da árvore de que foram feitas as duas preguiçosas, e que em português se chama olho de boi. **Koyaka** (*koya-ke* com *koya*?) nasceu de uma árvore de casca áspera e frutos amarelos. A respeito da árvore de que se originou Atanumagale, Antônio não me sabia dar informações. Atanumagale e Koyaka se tornaram igualmente mulheres e mães de jaguares, embora isso seja indicado como duvidoso. Atunumagale foi, mais tarde, mencionada como esposa de Kuára, filho de Mero.

e não de Oka — que a mulher ficou grávida. Agora, porém, apparecia a sua desgraça, na pessoa de sua sogra Mero, cujo marido é desconhecido e que, além de Oka (a grande onça pintada) tinha mais dos filhos jaguares, Kuára “canguçú”, dos brasileiros) e Zuapányua (uma variedade “de côr vermelha”). Mero veio fazer uma visita numa ocasião em que Oka estava na caça; “não queria que Oka tivesse filhos duma Bakairí”, pois elle odiava e comia os Bakairí. Mero arrancou, com suas garras, os olhos de Nimagakaniro e foi-se embora. Nimagakaniro morreu, mas o tio Kuára — um jaguar, que no céu pratica o “sectio ceasarea” numa mulher defunta — abriu-lhe o ventre, tirando d’elle os gêmeos Keri e Kame, e collocando-se numa cabaça como se fôsem filhotes de papagaios. Em seguida elle e seus auxiliares cortaram Nimagakaniro em pedaços, assando-a e comendo-a. Quando Oka voltou para casa, ofereceram-lhe o resto, que elle comeu sem suspeitar de nada. Ao saber do ocorrido, Oka ficou muito furioso e correu para matar Mero, mas desistiu do seu intento, porquê esta o recebeu dizendo: “sou tua mãe”. O pai adotivo jaguar criou Keri e Kame; deixou-os montar no seu dorso e ensinou-lhe a atirar flechas. Certa vez, perguntaram-lhe, porém, pela mãe; mas elle, que sempre lhes havia occultado a morte dela, com vergonha de ter comido da sua carne, também agora não lha revelou. Todavia a avó, ou Tia Ewaki, que pertencia à estirpe dos Bakairí, e que aquí é mencionada pela primeira vez, contou aos dois a acção perversa de Mero. Keri e Kame procuraram Mero e mataram-na, a-pesar-de que esta os recebesse com a expressão amavel: “ó meus netos”.

“Mero *safada*” (Antônio odiava-a do fundo da alma) “não foi enterrada, ó não, foi queimada”. Keri e Kame juntaram lenha e fizeram uma fogueira; depois cavaram um buraco, de onde pudessem observar o fogo. Mero ardia *bopopopo*..... Ainda hoje se pode ver o fogo na grande nuvem de Magalhães. Naquele tempo Keri e Kame não tinham ainda forma humana. Kame saiu curioso do seu buraco e pegou fogo. Queimou-se e morreu. Keri soprou nele e fez-lhe um nariz e mãos e pés assim como os têm os homens. Mas também Keri pegou fogo (a pequena nuvem de Magalhães é o fogo de Keri e Kame), queimou e morreu. Kame soprou nêle, fazendo-o voltar à vida, e deu-lhe forma humana. Em seguida vieram três espécies de animais, que ainda hoje se observam no céu, a lontra pequena, que levou a cauda, a grande (ariranha), que juntou as mãos e os pés, e o tucano, que levou o bico de Keri e Kame. Keri tivera um bico maior do que Kame.

E' portanto, só agora que os dois se apresentam com forma humana, iniciando, dentro em breve, a sua atividade em benefício dos que vivem agora. Mas então, qual era o aspecto de Kamuschini, de Mero e de Oka? "Oka não é a onça pintada?" "E' sim". "E atirava flechas?" "Sim, naquele tempo o jaguar atirava flechas?" "Atirava os Bakairí e comia-os". Mero tinha "alguma semelhança com o joó (*Crypturus noctivagus*) e com o macuco (*Tinamus brasiliensis*), dois galináceos. Mas tinha unhas do tamanho dum polegar. "Quer dizer que a mãe dos jaguares foi uma ave?" "Sim, dizem que o jaguar ainda hoje não come joós, nem macucos". Temos aquí outra vez uma motivação tipicamente indígena para a absurda relação de parentesco entre a estirpe dos jaguares e a das galinhas silvestres. Se aquí existe qualquer fundamento histórico, êste se fundiu intimamente com o zoológico. "Mero comeu tantos Bakairí que restaram muito poucos. Keri foi obrigado a fazer outros".

A pessoa de Kamuschini, finalmente, está ligada, por sua vez, a uma observação do mundo animal. Essa figura, embora consigamos compreender a sua permanência no ceu, requer esforços ainda maiores da nossa imaginação. Kamuschini "é de côr preta, tem pelos não muito numerosos, e faz fios como a aranha". "As aranhas aparecem anualmente em julho e dão cria; em agosto e setembro, quando vem a chuva, fazem fios, subindo, depois, para o céu, ficando o fio pendurado atrás delas. Kamuschini é como essas aranhas".

Pois bem, Keri e Kame possuem, doravante, forma humana. Agora também vingam a morte da mãe no pai adotivo. Todavia têm pavor de praticar o ato, e resolvem fazer executá-lo por outrem. Pedem ao jaguar que fabrique flechas para êles. Os dois irmãos fincam as flechas verticalmente no chão, em forma de círculo, e sopram nelas. "Vieram" os Kayabí, os vizinhos dos Bakairí do Paranatinga, os quais, pelo que nos foi relatado, outrora mantinham com êles relações pacíficas, mas que, devido aos machados de pedra e às mulheres, se tornaram seus inimigos mortais. As flechas que o jaguar fêz para Keri e Kame, e a que êstes ajuntaram, por feitiçaria, os Kayabí, eram hastes de fôlhas de burití, pois naquele tempo Keri e Kame ainda eram crianças, usando flechas infantis. Keri mandou que os Kayabí atirassem contra Oka, mas não acertaram. Em vista disso, Keri resolveu atirar êle próprio, a flecha penetrou no joelho do jaguar, "o jaguar lançou-se na água e conseguiu fugir". A lenda diz simples-

mente: “em seguida mataram seu pai Antônio”. Antônio, porém, depois de contar este final evasivo, acrescentou: “se naquela ocasião Oka fôsse morto, agora não haveria mais jaguares”.

O sol: A seguir, Ewaki, a tia de Keri e Kame, encarregou os dois de buscarem o sol, cujo dono era o urubú vermelho ou urubú-rei. Tudo que até aqui se contou, passou-se na escuridão da noite, a não ser que por acaso aparecesse o urubú-rei. No zenite existe um buraco vermelho que pertencia aos urubús. Como era noite escura, o tapir que se pode observar na Via Látea, caiu nesse buraco. Keri viu o tapir e entrou na pata dianteira desde (44) Kame, porém, entrou num passarinho canoro de côr amarela e semelhante a um benteví; pousou num ramo, de onde devia informar Keri de tudo que se passasse, pois êste não podia ver nada. O urubú vermelho abriu o sol, ficou claro, e os urubús descobriram o tapir. Tôda a “urubusada” (sic!), os pretos e os brancos — só o vermelho ainda ficou à distância — lançaram-se sôbre o tapir. Buscaram cordas de cipó, com as quais, depois de muito trabalho, o tiraram do buraco. Em seguida dispunham-se a despedaçá-lo. Neste momento, Kame, que os observava do seu galho, fêz, “nem, nem, nem”. Keri soprou, e os urubús não puderam abrir o tapir com os seus bicos. Pediram ao urubú-rei que viesse ajudá-los. Quando êste se aproximou, Kame parou de fazer “nem, nem, nem”. O urubú-rei abriu o tapir com seu bico, mas nesse momento foi agarrado por Keri, que segurando com muita fôrça, quase o matou. Keri disse-lhe que o deixaria viver se entregasse o sol. Então o urubú-rei mandou seu irmão, o urubú branco, buscar o sol. O urubú branco voltou, trazendo o arrebol. “Está certo?”, perguntou Kame a Keri, que devia segurar o urubú-rei. “Não, não foi o arrebol que eu pedí”, replicou Keri. Entrou o urubú branco trouxe a lua. “Está certo?”, perguntou Kame. “Qual o quê!” replicou Keri. Em seguida o urubú branco trouxe o sol, e quando Kame tornou a perguntar: “está certo?”, Keri respondeu: “agora sim”. Então Keri soltou o urubú vermelho, que estava muito zangado.

“Naquele tempo a lua era formada de penas de japú, o sol era de penas de tucano e da arara vermelha, e o arrebol de penas de tucano. Era isto que ensinavam os antigos. Se agora, como o sr. diz, não é mais assim, eu não sei nada disto e ninguém sabe. Então alguém deve ter soprado para o sol ficar como fogo”.

(44) — O velho Caetano contou-me que Keri tomou uma madeira, mole como a mandioca, chamada *aka*, da qual fêz o tapir, e que em seguida fêz moscas pequenas, que, dando ao tapir um cheiro desagradável, deviam atrair o urubú.

Keri refletiu durante longo tempo para saber o que havia de fazer com o sol e a lua. Era sempre claro. Ewaki também não lhe sabia dar conselhos. Finalmente êle fêz um grande pote, colocando-o sôbre o sol e a lua. Então escureceu. Keri deu a lua a Kame. Quando se levanta o pote, fica dia. — Sôbre o serviço do colibrí e do caracol, bem como da lagarta e dos tatús, já falei na primeira parte dêste capítulo.

O sono e a rêde de burití. Não sei se a necessidade do sono se manifestou com a longa continuação da claridade irradiada pelo sol quando ainda descoberto, mas em todo caso Keri e Kame queriam dormir bem, mas não o podiam. Descontentes, foram procurar Ewaki, e a tia sempre bem informada lhes disse onde é que deviam buscar o sono. Po, a lagarta, era possuidora do sono. Recebeu Keri e Kame com afabilidade e disse: “ó meus netos”. Os dois ficaram na casa dela, deitaram-se na rêde de burití e dormiram. Ao acordarem, sentiam-se novamente bem dispostos. Na outra manhã despediram-se, levando consigo a rêde que a lagarta lhes presenteára (45). Pelo caminho, depois de andarem uma légua, resolveram fazer a experiência procurando dormir. Deitaram-se na rêde, mas não conseguiram adormecer. Todos os esforços eram baldados. Voltaram, então, à casa da lagarta, agarraram-na e arrancaram-lhe a palpebra, da qual levaram um pedaço bastante grande. A lagarta ficou zangada, mas Keri e Kame agora possuíam pálpebras e podiam dormir.

A troca do céu pela terra. Foi também por êsse tempo que Keri deixou o céu. “Primeiro a terra era o céu; aquí, onde estamos agora, não nasciam Bakairí. O céu tem um chão, igual ao da terra. Céu e terra ficavam bem perto um do outro; de lá se podia passar para cá”. Keri disse ao céu: “Não deves ficar aquí. Aquí morrem os meus homens. E tu queres ficar aquí? Ora, tu és bom! Mas eu não quero que meus homens morram”. O céu respondeu: “Quero ficar aquí”. Disse, então, Keri: “Então eu mudo”. Passou com tôda sua gente para a terra e o céu subiu para lá, onde agora se encontra, e onde ainda agora se pode ver que tudo aconteceu como contam os Bakairí.

O fogo. Keri e Kame foram procurar Ewaki e esta mandou que fôsem buscar o fogo. A raposa do campo era a dona do fogo. Tinha-o nos olhos, donde o fazia saltar quando queria acender le-

(45) — Antes que existisse rede — contaram-nos os índios numa outra ocasião — a gente dormia em pé, com as costas apoiadas nas árvores. A proteção contra cobras e outros bichos malignos é de fato uma das vantagens principais da rede.

nha. A raposa do campo (*Canis vetulus* “pega caranguejos e camarões”, Brehm Säugeterie II S. 57.) pusera uma nassa para pegar peixes. Keri e Kame, indo para o lugar em que estava a nassa, encontraram dentro dela um peixe jejum e um caramujo. Keri entrou no jejum (um peixe lacustre liso, medindo um palmo de comprimento) e Kame entrou na concha. “Cada um estava bem escondido no seu animal”. Cantando apareceu a raposa do campo e acendeu fogo. A seguir foi ver o que havia na nassa, e tomou o peixe e a concha, colocando-os no fogo para assá-los. Mas os dois irmãos derramaram água no fogo. Furiosa, a raposa do campo agarrou a concha, mas esta pulou no rio, trouxe mais água, e derramou-a no fogo que ficou quase completamente apagado. A raposa do campo tornou a pegar o caramujo, e quis colocá-lo sobre um pedaço de lenha para amassá-lo, mas, escapando-lhe da mão, a concha caiu no outro lado. Com isto, a raposa do campo perdeu a paciência, e foi-se embora cheia de raiva. Keri e Kame, porém, sopraram no fogo quase extinto e levaram-no a Ewaki.

Os rios. Ewaki mandou os dois meninos buscarem água. Caminharam três dias. Encontraram três potes que pertenciam à cobra ochobi. Nos potes havia água, em dois havia água boa, mas a do terceiro era ruim, fazendo morrer quem a bebesse. Deixaram intato o terceiro pote porquê queriam água boa. Quebraram os outros dois, e a água que saiu de um era o Paranatinga, e a que saiu do outro era o Ronuro e o Kuliseu (46). Os dois rios correram adiante e Keri e Kame iam correndo cada qual atrás do seu; um gritava para o outro para que não se perdessem. De repente pararam as vozes de Kame. Keri chamou desesperadamente por ele, mas sem receber resposta. Fêz parar o Paranatinga e foi ao Ronuro. O bobo do Kame, que escolhera para si o rio mais difícil de levar, não conseguiu dar conta dele; a água ficou grande e larga, e Kame se afogou. Veiu um enorme peixe jaú que o enguliu. Quando Keri apareceu, o Ronuro estava parado e Kame desaparecera. Pôs-se imediatamente a pescar, pegou três jaús, um dos quais tinha a barriga bem inchada. Keri abriu-a, encontrando Kame, que estava morto. Tirou o cadáver, colocou-o sobre grandes folhas verdes, e soprou nele. Então Kame levantou-se e disse: “dormi bem”. “Não”, exclamou Keri, “absolutamente não dormiste! Um jaú te tinha engulido”. Daí em diante os dois não queriam saber mais nada do Ronuro; chamaram um pato e mandaram-no levar a água. O pato levou o rio para diante, e os dois meninos — que naquele tempo, como Antônio lembrou a título de comparação, tinham a idade do filho

(46) — O texto da lenda mencionada só o Ronuro—Kulisehu.

de um alemão de Cuiabá, nosso conhecido, i. é, cêrca de oito anos — foram ao Paranatinga, que continuava esperando com paciência. “Esta água”, disse Keri, “queremos levar”.

Durante três dias correram com êle em direção da planície. Depois dêste tempo chegaram ao salto do Paranatinga, que ainda não era cachoeira, mas um simples rochedo sêco. Êles mesmos foram levar a água ao salto, fazendo-a esperar do outro lado da cachoeira. Mas, como os dois resolvessem ficar aí, Keri chamou patos, pombas e outras aves, que então levaram a água para diante.

A casa, a pesca, as danças festivas, as tribus. O motivo pelo qual os dois ficaram no salto, era que aí morava Tumehi ou Tumeng, um avô de Keri. Era êle o marido da avô ou, como a chamámos até agora. Tia Êwaki (mãe e tia, tia-avó e avó têm o mesmo valor de parentesco). Tumehi era um morcego, tendo um pêlo cinza-negro. O velho Caetano chamava-lhe ora Semimo (bak. *semímo* morcego), ora Rei do Congo! Esta última expressão o velho, não sei como, ouvira, de escravos fugidos ou de trabalhadores de fazendas, aplicando-a ao Tumehi preto. Tumehi faz parte da parentela mais antiga de Kamuschini, Mero e Êwaki, de modo que seu nome mais certo é provavelmente Semino; pois, *tuméhi*, *tumeng* é adjetivo. O salto, antes que a água aí chegasse, fôra uma casa de pedra; não nos pode causar admiração que precisamente o morcego, de preferência “habita” as frinchas dos rochedos, seja considerada como construtora da cavidade de pedras, e que esta, por sua vez, tendo várias saliências que lembram telhados, se designe como casa. Tumehi foi, pois, pedreiro.

Keri e Kame pediram a Tumehi que também fizesse uma casa para cada um dêles. Tumehi, para obter as pedras, soprou em termitas: foi assim que se originaram as pedras.

Os dois aprenderam ainda outras coisas de Tumehi lá no salto. O avô, rico em conhecimentos, mostrou-lhes a maneira de fabricar e colocar nassas e o modo de pegar com elas peixes matrinhã. Ensinou-lhes, além disso, a trançar a grelha e a assar peixes.

Keri e Kame chegaram agora ao estado em que já são considerados homens adultos, pois arranjaram tudo de que se precisa: e sol e a lua, a rêde e o sono, o fogo, o rio melhor com o salto e seus peixes, a casa e a grelha. A vida dêles tivera de iniciar-se no céu, e chegou agora ao momento em que começa a própria *história* da tribu, no estabelecimento mais antigo dos Bakairí, no salto do Paranatinga.

Os Bakairí moravam com Keri: a casa de Keri ficava do lado oriental do salto. Auxiliado por aquêles, êle fêz também um outeiro do lado ocidental do Paranatinga, de onde se podia ver para longe.

Kame fêz primeiro um rancho de festas e uma flauta. Convidou Keri e sua gente. Todos dançaram ao som da flauta; batiam os pés e agitavam os braços pelo compasso da música, movendo-se das moradas para a casa das flautas e vice-versa. Kame ofereceu aos seus hóspedes pogu e beijús. Presentearam-no, em troca, com flechas e fio de algodão.

Depois disso, Keri reüniu igualmente sua gente para uma festa; dançaram e beberam também pogu, de tarde no grande lugar descoberto que ainda se vê no salto; a seguir trançaram de burití trajes de makanari e imiga. Agora Keri podia, por seu turno, convidar Kame e sua gente. Muitos vieram, Keri era o senhor da dança do imeo; dançou-se seguidamente durante dois dias e duas noites, descansando só um pouco ao anoitecer, e refrescando-se de manhã com um banho no rio.

Mas por causa dos homens os irmãos começaram a brigar durante a festa. Keri fizera muitos Bakairí de cana de ubá, e Kame não tinha feito nada. Keri repreendeu-o por causa de sua preguiça, os dois brigaram e Kame, o mais fraco fugiu. Fugiu para sudoeste, fêz um outeiro no Rio Beijafor, afluente esquerdo do Paranatinga, e onde agora também fêz tribus: Apiaká, Paressi e Guaná. E' muito interessante o fato de aquí se mencionarem também os Guaná, uma tribu paraguaia dividida em vários grupos e de cuja presença nesta região nunca se ouviu alguma coisa; há muito, muito tempo êles também "moraram no Beijaflor".

Keri, subindo na sua colina do Paranatinga, descobriu a fumaça que se levantava ao longe. Foi ver Kame e encontrou muita, muita gente. Ficou com raiva, dizendo a Kame: "por que fizeste tanta gente?" Começaram a brigar outra vez, mas Kame deixou os Paressí, com os quais vivia, voltando com Keri para o salto. Não durou muito tempo até que brigassem novamente por causa dos homens. Keri havia feito mais gente, e Kame fugiu, mas desta vez para o Arinos. Keri tornou a procurá-lo, encontrou-o e levou-o outra vez ao salto de Paranatinga. Parece que se narram estas brigas e mudanças sucessivas de lugar para dar a possibilidade de cada um dos dois ter feito certo número de tribus que ficam longe uma da outra. Em resumo: Keri fêz os Bakairí, Kayabí, Borôro, Nahuquá, Mehinakú, e Kame os Apiaká, Paressí, Guaná, Maué, Suyá, Mundurukú, "tôdas as tribus do Arinos". Na primeira parte dêste capítulo já tive ocasião de di-



Prancha 30 — Invocação aos astros — Borôro

zer que, no geral, se pode considerar esta classificação como oriental para Keri e ocidental para Kame, lembrando também que, caso se trate aqui de uma distinção pelo sol = leste e pela lua = oeste, Keri, a despeito de sua significação aruak = lua, de fato também deve ser tomado com o senhor das tribus “orientais”, pois o herói bakairí, que por parte das mulheres aruak só merecia a designação de lua, para os Bakairí naturalmente era o possuidor do sol = leste: Tdas as tribus foram feitas de haste de flecha, e o português de uma cana escura que tem a côr da coronha da espingarda. Keri primeiro dera a espingarda aos Bakairí (naturalmente!). Mas êstes não a sabiam usar, quando procuravam maneja-la um fazia o tiro passar perto da cabeça do outro. Tinham tanto medo de atirar “como ainda vimos na gente do Kuliseh”. Então Keri deu a espingarda aos Caraíbas.

Despedida de Keri e Kame. Keri e Kame deixam novamente o salto e Keri empossa Arimoto como cacique dos Bakairí que aí ficam morando. Arimoto também tinha nascido no salto. Êsse cacique, porém, abusou da sua posição, e matou muitos Bakairí. Perguntei: “Então êle mesmo não era Bakairí”. “Provavelmente, mas era canalha. Se fôsse bom, seus descendentes ainda hoje seriam caciques dos Bakairí”. Keri e Kame desta vez foram ao Kulisehu. Os Bakairí seguiram-nos e queixaram-se de Arimoto. Keri e Kame voltaram imediatamente, matando o degenerado que resistiu violentamente, procurando, por sua vez, matar Keri.

Com isto termina a atividade de Keri e Kame, como é contada pela lenda principal. Deixaram aos Bakairí grande cópia de matriçã, subiram numa colina, de onde ainda chamaram pelos Bakairí, que lhes responderam vivamente, e “foram andando pelo caminho. Ninguém sabe para onde foram. Os antigos não sabiam para onde foram. E hoje ainda se sabe muito menos onde estão”.

Embora a lenda tenha um final tão melancólico, cada qual dos meus interlocutores tinha a sua opinião própria. Tumehi — para não esquecer o velho morcego, foi-se embora com Keri. E que fim levou Kame? “Sempre esteve junto com Keri. Talvez agora esteja morto”. E Keri? O delicioso ancião Caetano, que se entendia magnificamente com as circunstâncias modernas, declarou que Keri era o imperador do Rio de Janeiro — Pedro Segundo. Os bons Bakairí respondiam pacientemente à infinidade de perguntas que eu lhes fazia. E’ que eu lhes dissera que precisava de saber tudo aquilo para relatá-lo ao imperador, o que con-

sideravam de grande importância. Perguntei-lhes “e se o imperador do Rio de Janeiro morrer?” “Se o imperador morrer”, foi a resposta, cuja exatidão infelizmente hoje se deve negar, “morrem também todos os Bakairí”.

O cacique Felipe deu-me uma informação diferente. “Keri foi com cem homens ao Ronuro e ao Kulisehu. Desceu o rio até ao mar. Assim também conta a gente do Batoví!”

Antônio ficou fiel ao texto da lenda como lho transmitira a mãe. Entretanto, em outra circunstância indicou que Keri morava no céu, e que tinha sua casa onde nasce o sol. “Então Keri é o Deus, de que vos falaram os portugueses?” “Não, êsse é um outro, de que não sabemos nada. Keri é o avô dos Bakairí”.

O tabaco e o algodão. Fora do texto contínuo da lenda, cujo conteúdo narrei até aqui, algumas vezes me foram contados ainda outros trabalhos de Keri. Assim, p. ex., tirou de Sawari o tabaco. Sawari não o queria dar, dizendo que era tabaco muito bom. Keri tirou-lhe a semente, entregando-a aos Bakairí. Quando dêste tabaco se faz um charuto, soprando a fumaça contra alguma pessoa, esta morre, mas se, em seguida outros sopram no morto, êste se levanta outra vez. Também o algodão e a rêde de algodão vem de Sawari. Não se sabe donde foi que Sawari recebeu o tabaco e a rêde de algodão. Êle é muito raro e vive no Paranatinga abaixo. E' um animal do campo cerrado, tendo tamanho pouco menor e o focinho um pouco mais pontudo que seu parente, a irara (*Galictis*, semelhante à fuinha, v. Brehm, mamíferos I, p. 641); sobe nas árvores e dorme de dia em buracos das árvores; há uns mais pretos, e outros mais brancos. A descrição se adata perfeitamente ao jupará, *Cercoleptes caudivolvulus*, que, embora não lhe seja aparentado, tem, em tôda a sua construção, extraordinária semelhança com a irara (com. fig. Brehm, mamíferos II, p. 287, com a da irara, no lugar citado). Entre os Makuschí, muito aparentados aos Kakairí sob o ponto de vista linguístico, a jurara tem o nome de yawary (47). Consoante Brehm, “sabemos que a jurara se encontra numa grande extensão de terras. Existe em todo o Brasil setentrional, no Perú, occorrendo, para o norte, até no México, mesmo ainda da Luisiana meridional e na Florida”.

Sawari também possuía o tabaco que se fuma. Mas êste os Bakairí receberam do *karagótos* “senhor dos peixes”, um peixe grande que se encontra no Kulisehu, mas não nos Paranatinga.

(47) — “Schomburgk, Rich. Versuch einer Fauna und Flora von Britisch. Guiana, Leipzig, 1848, Vol. II, p. 435 “Von Tschudi indica sua extensão geográfica até 10° de lat. sul. Os colonos chamam-lhe também yamanack, os Arawaaks wawula, os Macusis yawahi, os Warraus uvari”.

Antônio também o viu no Kulisehu, “mas não bom”. Eu próprio o comí em Maigéri, onde Tumayaua me ofereceu um pedaço de *karazóto*; tinha muita gordura. A julgar pela descrição, trata-se duma enguia elétrica, entretanto não posso dar a interpretação como absolutamente segura. O Karasóto, do qual os Bakairí obtiveram o tabaco para fumar, morava no “rio do tabaco”. “Ele tinha recebido o tabaco, não se sabe donde, mas dava algum aos Bakairí, quando o iam visitar na casa d’ele”. Parece-me fora de dúvida que se tomavam animais como distintivos geográficos. Os nomes de tribus eram “som e fumaça”, os dados sobre os animais ficavam sempre compreensíveis.

A mandioca; a armação do veado. Keri recebeu a mandioca do veado (*Cervus simplicicornis*). Mas em primeiro lugar devemos saber como o cervo chegou a possuir a mandioca. Esta pertencia ao peixe bagadú (*Phractocephalus*, v. fig. “Durch Zentral-Brasilien” p. 221), também chamado pirara, um peixe gordo que pegámos muitas vezes, mas de que não gostávamos muito. O bagadú (*káto* vivia no “rio dos beijús”) talvez”, acrescentou Antônio, sem que o perguntasse, fazendo-me, com isso, pensar pela primeira vez nos animais “geográficos”, — “talvez fôsse um braço do Ronuro; pois lá se encontram bagadús, no Paranatinga não existem”. “O rio dos beijús ficava a leste”. O modo pelo qual o veado recebeu a mandioca do bagadú, é narrado da seguinte maneira:

O veado estava com sede e foi procurar água. Nessa ocasião encontrou o bagadú (num braço do rio, onde entrara quando as águas estavam altas, e donde não podia sair, porquê o nível baixára). O bagadú estava em seco e respirava com dificuldade. Disse então ao veado: “Carrega-me! Trança um laço de embira, para carregar-me”. Depois de trançar o lado de embira, o veado poz o bagadú nas costas, levando-o ao barranco do rio dos beijús. Aí disse: “Agora tenho muita vontade de descansar” (O veado estava com medo de descer ao leito do rio). Mas o bagadú não queria que o veado parasse. Assim, conversando, desceram o barranco. Chegados em baixo, lançaram-se ao rio. O veado se sentia bem na água. O bagadú levou o veado para sua casa. Depois de aí chegarem, o veado bebeu pogú e também comeu beijús. (Ambas as coisas constituíam novidade para ele). O bagadú conduziu o veado à plantação de mandioca; êsse foi caminhando atrás daquele. Vendo a mandioca, quebraram ramos, atando três em feixe. Depois foram para casa. “Amanhã eu me quero ir embora”, disse o veado e ainda passou essa noite na casa do bagadú. Na outra manhã disse o bagadú: “Leva os ramos de mandioca. Prepara a

roça, e em seguida planta os ramos”. E acrescentou: “Se estiverem bem plantadas, dentro em breve terás mandioca”. “Passa bem” disse o bagadú. Este saiu da água. “Pois bem, vai!” “Eu vou para casa”, disse o veado. Entretanto pôs os ramos no chão, amontoando-os na margem do rio. Não os podia carregar sozinho e deixou-os aí. Foi para casa, onde só chegou de noite. Dentro em pouco voltou para aquele lugar acompanhado de seu filho, e os dois então levaram os ramos para casa. Descansaram um pouco, e depois foram fazer a roça no campo. (Para os Bakairí, isso constituía grande estultice, que os fazia rir gostosamente.) Mas a mandioca não medra no campo. Por isso derrubaram árvores no mato. Fizeram fogo, queimaram a roça e em seguida plantaram a mandioca.

Agora o veado era senhor da mandioca. Keri encontrou-o e pediu-lhe alguma. Pois os beijús de Keri até então só eram feitos do barro vermelho que se encontra no Paranatinga. Mas, enquanto falavam sobre a mandioca, os dois começaram a briga. O veado não queria dar a mandioca. Keri ficou zangado, agarrou o veado pelo pescoço e soprou: assim apareceu a armação na cabeça do veado. Keri começou a rir e exclamou: “ora veja-se com que aspecto ficou o senhor da mandioca!”; levou a mandioca e deu-a às mulheres dos Bakairí. Mostrou-lhes também, como ele mesmo aprendera do veado, o que deviam fazer para não morrerem do veneno. “E o veado agora tem sua armação, come folhas e rói casca dos ramos”.

O veado, que come folhas e cascas, é, pois, o animal que mais se julgou capaz de tirar o veneno da mandioca. Antônio tinha a firme convicção de que o veado conhece perfeitamente a manipulação da mandioca, e de que o mostrou a Keri. Foi só de Keri que as mulheres bakairí o aprenderam.

Como a ema ficou feia. No Brasil chama-se ema à avestruz sulamericana, ou nandú (*Rhea*) dos zoólogos, e uma outra ave, a seriema ou sariema dos brasileiros, é considerada parente daquela porque igualmente corre pelo campo com grande rapidez. Entretanto os zoólogos a classificam como *Dicholophus cristatus*, incluindo-a na ordem dos grou e na família dos Cultirostros. V. fig. Brehm, Aves II, p. 686. Aí também se encontra uma citação de Burmeister, dizendo que a seriema “corre tão depressa que um cavalo não a alcança a trote, mas só a galope”.

Keri e a seriema correram por aposta. A seriema parou um momento. Keri passou por ela e a seriema ficou atrás. Então Keri foi desafiado pela seriema. Correram, e Keri ficou atrás,

enquanto a seriema correu adiante. Keri ficou com muita raiva da seriema. Procurou fôlhas de palmeira uakumá, pegou a seriema e castigou-a. Com isso a seriema perdeu suas plumas bonitas; hoje só tem penas feias e miudas.

Keri e a raposa do campo na caça. Keri encontrou o “vovô” raposa do campo e juntou-se com ela para caçarem. A raposa do campo, como senhor do fogo, tinha de acender em círculo o capim macega. Todos os animais cercados pelo fogo deviam morrer. Mas o bobo do Kame pouco antes entrara num rato. “Keri não sabia nada disso, pensou que Kame estivesse fora”. Quando o fogo parou, os dois andaram pela área queimada à procura dalguma prêsa. Keri não achou nenhum assado. A raposa encontrou um rato queimado e comeu-o. Depois disso, os dois se encontraram novamente. “Vovô, que assado comeste?” “Só comí um rato”. Então Keri percebe que a raposa do campo enguliu o irmão dêle, e inventa um meio curioso de rehavê-lo sem que precisasse matar e abrir a raposa. “Vamos correr, vovô”, disse Keri. “Vamos, meu neto”. Correram por uma extensão bastante longa. Pararam. Quando a raposa parou, ela teve de vomitar. Depois de vomitar, foi-se embora depressa. Keri foi para o lugar em que a raposa tinha vomitado. Achou os ossos do rato e levantou-os. Depois de ajuntá-los todos, soprou. Depois de soprar, levantou-se Kame. “Dormi bem, disse êste”. “Absolutamente não dormiste! A raposa do campo tinha comido”.

O jaguar e o tamanduá. Esta história singular não tem mais nada que ver com Keri e Kame. Todavia o seu fundo é o mesmo, isto é, o contraste entre o inteligente e o bobo. O bobo é o forte jaguar; o inteligente é o tamanduá grande, tamanduá-bandeira (listado) dos brasileiros e *Myrmecophaga jubata* dos zoólogos. Quanto à força corpórea e à agilidade o tamanduá-bandeira é inferior ao jaguar. Os caçadores brasileiros revelam grande interesse pelas relações entre êstes dois animais; afirmam que, embora não possa concorrer com o jaguar no campo aberto, o tamanduá rivaliza com êle quando o encontra no mato, abraçando-o a maneira dos ursos europeus. Afirma-se que às vêzes os dois morrem nessa luta.

A nossa lenda, porém, ocupa-se ainda com a circunstância especial de o jaguar só comer caça, ao passo que o tamanduá se alimenta exclusivamente de formigas. Êste contraste é realçado de forma bem drástica, aplicando o esquema da aposta a um caso muito singular. Fora disso, os animais agem exatamente como seres humanos; fazem fogo, assam, andam de canastra às costas,

o tamanduá corta o cabelo da cabeça (que é áspero) em forma de tonsura, e o tamanduá pequeno, *Myrmecophaga tetradactyle*, que entra no fim, até matar o jaguar com o veneno mágico dos médicos-feiticeiros, contido numa cabaca. A moral da fábula, na qual se manifesta de maneira esplêndida o gênio humorístico do índio, é a experiência mais importante da vida de caçador, de que a astúcia e a prudência são mais eficazes que a força corpórea. Ao jaguar ora se chama utóta, que é o nome geral da espécie, ora óka, denominação dada à onça pintada e pela qual o conhecemos como pai adotivo de Keri e Kame.

O tamanduá encontrou-se com o jaguar. Disse o tamanduá: “vamos cagar, meu amigo, de olhos fechados”. Fecharam os olhos e cagaram. Enquanto o jaguar tinha os olhos fechados, o tamanduá poz debaixo de si os excrementos de Oka. Colocou debaixo destes os seus próprios excrementos. Depois de assim os ter trocado cuidadosamente, disse o tamanduá: “vamos abrir os olhos”. “Vamos olhar os nossos excrementos”, disse o tamanduá ao jaguar. O tamanduá exclamou: “eu comí carne!” O tamanduá disse ao jaguar: “comeste termitas!” “Eu não como termitas”, disse o jaguar ao tamanduá.

O tapir chegou ao lugar onde os dois cagaram. Logo que viu o tapir, o jaguar mandou o tamanduá que fôsse matar o tapir. (Assim o tamanduá tinha ocasião de provar que comia carne, de que tanto se gabava.) Cumprindo a ordem, o tamanduá se poz na pista do tapir. O tamanduá matou uma árvore! Então o jaguar foi embora para matar o tapir. O jaguar realmente matou o tapir. O tamanduá entretanto continuára seu caminho comendo termitas e voltou só, quando o tapir já estava morto. “Para onde foi o tapir, meu amigo?” perguntou o jaguar ao tamanduá. “Não o ví”, disse o tamanduá ao jaguar. “Então tu não o viste?” disse o tamanduá ao jaguar, e continuou: “eu não como carne, eu como só termitas; carne eu não como”. “Eu o matei”, disse o jaguar. O jaguar tirou as tripas do tapir e deu ao tamanduá os excrementos do tapir (uma desforra grosseira, como se quisesse dizer: “êste também é comedor de carne como tu.”) “Acende fogo, meu amigo”, disse o jaguar. O tamanduá fez fogo. O jaguar armou a grelha e assou a carne do tapir.

“Estou com sede, disse o tamanduá. “Aqui não há água!” disse o jaguar. “Há, sim”, disse o jaguar, “aí adiante estão palmeiras burití”. O tamanduá caminhou, caminhou muito, mas não encontrou água. Então mijou, bebeu sua urina, e lavou-se também, com ela. Na sua urina êle encontrou um peixinho lambarí. (O índio que narra a história serve-se de um recurso fácil para

munir o tamanduá duma prova para sua afirmação). Voltou ao pouso e, quando chegou, perguntou o jaguar: “Bebeste água, meu amigo?” “Bebí”, disse o tamanduá. “Vê o lambarí que eu peguei!” “Eu também vou beber. E’ longe?” “E’ um pouquinho longe”, disse o tamanduá. O jaguar foi embora para beber água. Quando já tinha ido bastante longe ele chamou: “Onde é que está a água, onde?” “Mais adiante! Mas adiante!”

Quando o tamanduá não ouviu mais o jaguar, que já estava muito longe, ele colocou o assado de tapir numa canastra e subiu num jatobá. O jaguar voltou à grelha; aí não havia mais assado de tapir. O jaguar seguiu o rastro e viu o tamanduá em cima do jatobá. “Vem, vamos comer!” disse o jaguar ao tamanduá. O tamanduá comeu o tapir e — agora era vez d’ele de achincalhar o outro — jogou os ossos do tapir para o jaguar. O jaguar, (não podendo subir o tronco alto e esbelto do jatobá e refletindo para ver se achava um meio de descer o tamanduá), chamou as sauvas. As sauvas subiram no jatobá. Mas o tamanduá soprou. Então as sauvas se foram embora. Em seguida o jaguar chamou o vento. O vento veio para quebrar a árvore. Chegou junto do tamanduá e arrancou o jatobá da terra. O jatobá caiu. O tamanduá fugiu. O jaguar procurou agarrá-lo, mas só pegou num ninho de termitas que estava no jatobá.

O jaguar pos-se a caminho para procurar o tamanduá. Finalmente encontrou o tamanduá, que estava comendo termitas. O tamanduá tinha rapado a cabeça. “O’, meu amigo, comeste meu assado”. “Sim, tu comeste meu assado há pouco” disse o jaguar ao tamanduá. “Um que é parecido comigo, foi que o comeu. Matawiwe (um representante pequeno da espécie) comeu o teu assado”, disse o tamanduá. “Então a minha cabeça era assim?” perguntou o tamanduá. “Queres enganar-me. Rapaste a cabeça”, disse o jaguar.

(Não sendo possível decidir sobre o caso, o tamanduá propõe uma aposta; o que ganhar tem razão. Sentia-se muito seguro nesta maneira de “dançar”, e o jaguar a princípio também não teve vontade de aceitar a proposta). Então disse o tamanduá: “Vamos dançar à porfia, meu amigo”. “Não quero saber de dançar”, disse o jaguar. “Pois bem, então vamos simplesmente dançar”, disse o jaguar. Primeiro o jaguar carregou o tamanduá. (Conseguiu carregar o tamanduá um número de vêzes maior do que êste presumira, e estava ganhando.) Então o tamanduá arrancou com sua unhas os olhos do jaguar e fugiu. O passarinho pindoreiro viu o tamanduá fugir.

O aguti (*Dasyprocta aguti*, um pequeno e lindo roedor que fareja muito hàbilmente; em alemão: "Goldhase", lebre de ouro), achou os olhos e colocou-os novamente no jaguar. Quando os olhos estavam outra vez no seu lugar, o jaguar se levantou e foi na direção em que fugira o tamanduá. O tamanduá estava dentro do monte e cantava. O jaguar entrou na casa. Cantando e caminhando de costas, o tamanduá se aproximou da porta. Assim como chegou, pegou-o o jaguar. Comeu-lhe um pedaço da perna. O tamanduá foi curado pelos termitas. Quando estava bom, o tamanduá se levantou.

O tamanduá pequeno (*Myrmecophaga tetradactyla*) disse que havia de matar o jaguar. A gente disse ao tamanduá: "impossível; não és gigante". "Então leva veneno mágico", aconselhou-o a gente. O tamanduá pequeno fêz o que lhe disseram; meteu veneno mágico numa cuia e levou-o à casa de Oka e colocou a cuia diante da porta. Oka saiu. Quando Oka viu a cuia, disse: "aquí está alguma coisa bonita para mim", e abriu-a. Então Oka ficou doente. O jaguar morreu.

CAPÍTULO XIV

A PATRIA PRIMITIVA DOS CARAÍBAS

I. DADOS HISTÓRICOS SOBRE OS BAKAIRÍ

Em oposição aos Bakairí orientais do Xingú, primeiramente descobertos pela nossa expedição de 1884 e de 1887, chamo de Bakairí ocidentais àqueles que vivem a oeste do Paranatinga e que há muito são conhecidos dos brasileiros. Atualmente os Bakairí ocidentais possuem duas aldeias, uma, a que pertencia o nosso Antônio, à margem esquerda do Paranatinga, e outra, no pequeno afluente do Arinos, o Rio Novo, que tinha Reginaldo como cacique e onde, em 1884, travamos o primeiro conhecimento com a tribo. Indivíduos isolados, cujo número, porém, é muito diminuto, encontram-se como trabalhadores em algumas poucas fazendas da região ocidental da nascente do Paranatinga; além disso, há ainda, ao que se afirma, um pequeno contingente no Rio Preto, na proximidade do Diamantino, representante do resto dum antigo aldeamento. Em todo caso os Bakairí ocidentais são todos — porquanto o Arinos e o Paranatinga desembocam no Tapajóz — habitantes da parte oriental das cabeceiras do Tapajóz, encontrando-se exclusivamente na região do planalto, acima dos rápidos e das cachoeiras, que opõem grande obstáculo à navegação para o Amazonas.

Os Bakairí ocidentais são conhecidos desde a época do descobrimento de Mato Grosso, i. é, desde as primeiras expedições dos bandeirantes paulistas que, nos começos do século passado, saindo da Província de São Paulo à caça de escravos, penetraram no interior do país. Já Antônio Pires de Campos, de que possuímos um relatório (48) escrito “depois da experiência de tantos anos”, ouvira falar dêles; depois de caracterizar rapidamente as tribus — hoje completamente desaparecidas — do Alto-Cuiabá e do seu afluente, o Rio Manso, o autor prossegue: “Todos êstes são do mesmo viver e traje, assim em armas como em tudo o mais; são de corso e chegam com suas bandeiras a fazer mal ao gentio chamado Bakairí, que estão sôbre as vertentes do Maranhão e daí se seguem várias nações de gentio, que tenho por notícia, são as aldeias infinitas e todo o gentio mui guerreiro e senhores de suas armas”.

Também se fala dos Bakairí num relatório de 1749, que descreve uma viagem do Pará até a nascente do Madeira. É bem possível que ainda outras referências se encontrem em antigas notas concernentes à origem das minas de ouro matogrossenses. Trata-se sempre duma simples menção da denominação tribal, sem qualquer valor informativo. O mais que dessas citações se pode concluir, é que, no século passado, os Bakairí devem ter sido mais numerosos do que hoje em dia, e localizados, talvez, mais para leste e sudoeste do que atualmente. Isso se deduzirá, porém, com mais precisão, da própria tradição dos selvícolas.

Só depois de 1820 os Bakairí ocidentais entraram em contacto mais íntimo com os brasileiros. Foi por aquela época que o “Padre” Lopes avançou até a região do Paranatinga, convertendo esses aborígenes ao Cristianismo. Lopes era um aventureiro atrevido à procura de ouro, que o pintor da expedição de Langsdorff (49) de 1828 afirma ter subido o Rio dos Peixes, afluente do Arinos, em companhia dos índios Apiaká, “lutando com muitos selvícolas”. Entretanto, desde a visita daquele homem, que custou a vida ao avô de Reginaldo e a vários outros, os Bakairí ocidentais são considerados cristãos. Pelas palavras do geógrafo Aires de Casal, escritas na sua *Corografia Brasília* de 1817, portanto anterior a Lopes, verifica-se, da maneira mais clara, como eram superfluas as violências do nobre cavalheiro Lopes: “Os Bakairí, que moram na região vizinha do Rio das Mortes, mantêm uma guerra incessante contra tôdas as espécies de quadrúpedes e

(48) — Revista Trimensal do Instituto Histórico XXV, p. 448. Rio de Janeiro 1862.

(49) — Hercules Florence, v. Revista Trimensal, tomo 38 II, p. 280.

aves. Até hoje êsse povo não praticou atos de hostilidade aos cristãos. Diz-se que são brancos e afáveis, motivo pelo qual são tidos como uma horda dos Parissí”.

O verdadeiro motivo pelo qual se podiam considerar os Bakairí uma horda dos Paressí como também faz Martius, era simplesmente a falta de conhecimentos precisos acêrca de qualquer das duas tribus vizinhas. Quando, uma vez ou outra, um pequeno número de Bakairí aparecia em Cuiabá com o fito de pedir ao govêrno que os presenteasse com alguns utensílios de ferro, camisas, calças e cobertas, eram vistos como hóspedes importunos de que convinha desembaraçar-se o mais depressa possível, e com cuja língua ou peculiaridade nenhum funcionário se precisava incomodar. Não moravam por ventura na proximidade de uma via de comunicação que ligasse duas localidades importantes; pelo contrário, estavam estabelecidos, por assim dizer, no fim do mundo, i. é., atrás do último dos pequenos sitiantees que também já não eram tidos em grande estima. Os Bakairí não importunavam a nenhum dêstes vizinhos, pelo que o govêrno não lhe dispensava interêsse algum. O bom cacique Felipe, da aldeia do Paranatinga, esforçava-se debalde por atinar com o motivo pelo qual os Borôro, gente que vivia praticando atos de vandalismo e espalhando incêndios pela terra, recebiam ricos presentes sempre que se conseguiam pegar alguns indivíduos, ao passo que êle e seus irmãos de tribu que há varias gerações se vinham distinguindo por um comportamento pacífico e exemplar, ainda tinham tido que voltar com as mãos vazias da última visita feita ao grande Capitão.

Quase tudo que as fontes brasileiras informam a respeito dos Bakairí ocidentais, está reunido num relatório da Diretoria dos Índios, do ano de 1848; veja-se o resumo acrescentado a êste livro em forma de apêndice (50). O comentador reuniu, sinòticamente, os dados do Dr. Moure numa tábua organizada segundo as várias tribus, os números de indivíduos e os lugares em que se encontram estabelecidos. Dentre as tribus, há algumas com o número de indivíduos calculado em 20.000, 30.000 e até 50.000. Somando-se os mínimos e os máximos das avaliações, chega-se ao resultado de que no Mato Grosso há de 241.800 a 282.000 índios. Hoje em dia o total da população matogrossense i. é., a de tôdas as côres, de todos os habitantes civilizados e bravos de qualquer nível cultural é, comumente avaliado em mais ou menos 70.000, número que, sem dúvida alguma, se aproxima muito mais da

(50) — No volume de 1862 da revista *Petermannsche Mitteilungen* encontra-se, à pag. 437, um comentário acêrca de um artigo publicado pelo Dr. Amédée Moure nas “*Nouvelles Annales des Voyages*”, e no qual o autor, baseado em experiências pessoais, trata de 33 tribus do Mato Grosso.

realidade. O artigo original do Dr. Moure (*Nouvelles Annales des Voyages, de la géographie, de l'histoire et de l'archéologie*, Tome II 1862 p. 5-19, 323-341, III p. 77-100, Paris) contém, além disso, pequenas monstruosidades de outra ordem, como, p. ex., a afirmação de que os Cambixi, que moram nos Campos dos Paressí e usam um dialeto nu-aruaq puro, falam a língua quíchua do Perú. Alguns detalhes, entretanto, se distinguem por uma precisão tal que necessariamente se devem basear em informação segura. Reencontrei em Cuiabá a fonte de que se serviu o Dr. Moure; contém literalmente, palavra por palavra, a grande maioria dos dados objetivos apresentados por esse autor, mas não revela aquêles números exagerados, que tão pouco poderiam ser divulgados na presença de um cuiabano sem provocar um sorriso de incredulidade.

A referida fonte é o "Arquivo" da "Diretoria dos Índios", serviço oficial de inspeção requerido, a 12 de maio de 1846, numa resolução do presidente (V. Tomo IX da Rev. Trim.; neste se enumeram, com um total de 21, as aldeias de índios então conhecidas, sem fazer menção dos Bakairí). Para conseguir impôr-se aos índios, o diretor tem o posto de general de brigada; na época da nossa expedição o cargo era exercido por um modesto cidadão com escassos vencimentos, mas ao qual não obstante, quando morrer, se hão de prestar as honras militares devidas ao seu posto. O Arquivo, que me foi permitido examinar, era um fascículo fino, in-fólio; as primeiras notas eram datadas de 1.º de outubro de 1848. No seu entusiasmo inicial, o diretor Joaquim Alves Ferreira, elaborou, a 2 de dezembro de 1848, uma sinopse de 33 tribus, acrescida de dados informativos, tornando-se, destarte, merecedor da gratidão de seus sucessores; nenhum dêstes se deu ao trabalho de verificar a exatidão daquelas informações, e quando se precisavam de novos dados numéricos para as autoridades, copiava-se confiantemente o relatório de 1848. Do mesmo modo também as experiências pessoais do Dr. Moure se limitam a uma tradução fiel da ata; a única diferença é que multiplicou por vinte o número de 13.020 habitantes! clássica é também a tabela nova e caprichosamente escrita das atas da Diretoria de 13 de março de 1872. Tornara-se necessário levar em conta as transformações enormes e geralmente conhecidas que a guerra do Paraguai havia provocado no sul da província. Das tribus mencionadas em 1848, sob n.º 3-15, riscaram-se três, o número total foi diminuído de 13.020 para 8.670, mas para as tribus 1, 2, 16-33 foi novamente copiado, palavra por palavra, o relatório antigo, de modo que entre estas não parece ter nascido nem morrido pessoa alguma no decorrer dos 24 anos. Os Bakairí do Paranatinga e do Rio

Novo conservaram-se nas suas duas aldeias pobres; foram visitados, de tempos em tempos, por expedições de aventureiros que procuravam ouro e que, nessas ocasiões, realizavam pequenos batizados em massa, introduzindo, ao mesmo tempo, a sífilis e o sarampo. O sarampo causou a morte de muitos daqueles índios; não só essa doença, relativamente inofensiva entre nós, se torna facilmente fatal para os índios, mas estes têm, além disso, o mau costume de se lançarem no rio no mais alto da febre sem sequer se enxugarem ao deixar o banho frio.

Esforcei-me por obter do velho Caetano cacique reformado, e do seu sucessor Felipe, do Paranatinga, bem como de Antônio, informações mais ou menos detalhadas sobre a história da tribu. Pode-se separar nitidamente um período da história moderna, durante a qual se deu um deslocamento para sudoeste. Enquanto os antepassados do Salto do Paranatinga moravam algumas jornadas abaixo do lugar em que hoje fica a aldeia e um pouco acima da embocadura do Rio Verde, afluente da margem esquerda, os Bakairí ocidentais ocuparam, pelo menos desde os meados do século passado, a região que separa as nascentes do Arinos, do Cuiabá e do Paranatinga, e onde ainda agora se encontra a aldeia do Rio Novo. No Ribeirão Caixão houve mais de seis aldeias, e uma aldeia grande existiu no Ribeirão da Pedra. O primeiro batismo de Bakairí foi realizado em Diamantino. O velho Caetano, que, segundo todas as probabilidades, ainda nasceu no século passado, viu a luz do mundo no ponto em que o Rio Beijaflor entra no Paranatinga. A aldeia do Paranatinga, que hoje se acha mais para montante, é uma fundação dos últimos tempos, efetivada por instigação dum homem, chamado Corrêia, que percorria a região à procura de ouro. No ponto dessa aldeia, as expedições que visavam descobrir os Martírios, lendárias minas de ouro, podiam atravessar mais facilmente o Paranatinga, e desejavam servir-se das canoas dos Bakairí, bem como receber mantimentos deles. Antônio nasceu, pouco antes de 1860, se tanto, num pequeno povoado, chamado Limoeiro.

Pelas informações referentes aos antepassados de Antônio, conseguimos um ponto de apoio para um cálculo cronológico. Seu pai, Sesiari, tinha, além deste, ainda um nome português; seu avô chamava-se Karawako, nome que também cabia a um índio da primeira aldeia do Batoví; o bisavô era chamado Yakuaka; o trisavô, Kupare; e o último do qual Antônio ainda sabia o nome, i. é, o tetravô, chamava-se Marinkara. Este morreu perto do Salto do Paranatinga. Calculando-se cada geração em 30 anos, a série poderia remontar até os meados do século XVIII. Disseram-nos que o velho Caetano, nascido provavelmente, lá por

1790, ainda conhecia, o que infelizmente não pude mais averiguar, os nomes de seis ou sete antepassados, de forma que sua genealogia atingiria os meados do século XVII. O pai de Caetano nasceu no Paranatinga, acima do Salto; é só com seu avô que se inicia a série dos que nasceram no próprio Salto. Em todo caso as indicações dos Bakairí concordam perfeitamente com a notícia de Antônio Pires, segundo a qual no começo do século passado, viviam em contacto com as tribus do curso superior do Cuiabá.

Não se pode chamar de fútil a tentativa de determinar, quanto possível, a tradição na medida em que ainda não aparece com carácter lendário, pois é interessante saber, quais os que há mais tempo ocupam a região em que se encontram, se os Bakairí ocidentais de hoje, os habitantes da nascente do Tapajóz ou os Bakairí orientais das nascentes do Xingú.

Os Bakairí ocidentais afirmam categoricamente que a pátria primitiva de toda a tribu é o Salto do Paranatinga, de modo que a nossa tribu caraíba originariamente teria residido no Tapajóz. Mas os rios da nascente ocidental do Xingú e os da oriental do Paranatinga ficam tão próximos uns dos outros, que é por um simples acaso que determinadas tribus descem êstes, enquanto outras se estabelecem naqueles. “Um dos avós” de Caetano foi morto, na mata, por outro Bakairí; no interior da tribu havia naquele tempo graves desavenças, em consequência das quais — como relata a gente do Paranatinga — uma parte dos Bakairí emigrou do Salto para o Kulisehu.

Também entre o Paranatinga e o Ronuro, os Bakairí ocidentais conhecem uma “tapeira” (sic), uma aldeia abandonada de tempos antigos. Houve, outrora, um caminho que levava do Salto à aldeia dos Auetö, do Kulisehu, e que, por conseguinte, devia passar pelo Ronuro ou suas nascentes e pelo Batoví. Por êsse caminho, como nos contaram, fugiram os Bakairí, estabelecendo-se em parte no Batoví e em parte no Kulisehu. Relataram-nos, ainda, que foi dos Nahuquá que receberam ramos de mandioca, batatas e carás para cultura.

Trata-se, pois, de dados bem determinados. Mas o que é difícil dizer é a época em que se deu a separação em Bakairí ocidentais e em Bakairí orientais, e se essa se efetuou de vez ou parceladamente. Do mesmo modo como as tribus dos Auetö e dos Nahuquá aparecem na tradição da aldeia do Paranatinga, como há poucos acabamos de ver, relata-se que aí também se conheceram, ainda dos tempos dos ancestrais de Caetano, os nomes das restantes tribus dos Kulisehu, i. é, dos Mahinakú, Yaulapiti, Kustenaú, Waurá, Kamayurá e Trumaí. Na terceira aldeia de Ba-

kairí do Batoví encontrámos um pequeno pedaço de ferro, que pelo que diziam, fora trazido, em tempos passados, do Pakuneru, ou Paranatinga; é possível que ainda tenha havido assim visitas dum e doutro lado, ou que, pelo menos, os Bakairí do Paranatinga ainda tenham chegado uma vez ou outra, ao Xingú.

Mas de um modo geral tive a impressão de que a separação propriamente dita não se efetuou depois dos meados ou dos começos do século passado, quando os brasileiros, estabelecendo-se no Mato Grosso, provocaram grandes deslocamentos das tribus. Provavelmente a separação não se deu somente por causa duma isolada contenda interna dos habitantes do Salto, mas foi motivada também pelos maus vizinhos que afligiam e mesmo expulsavam, às vêzes, os Bakairí, mais pacíficos.

Nas fontes brasileiras indicam-se, como inimigos dos Bakairí, os Nambiquara, Tapanhuna e Kayabí, sobre os quais, entretanto, não há informações detalhadas. Os Nambiquara e Tapanhuna, inimigos dos Apiaká, moravam na região do Arinos: quanto aos Tapanhuna, comunica Joaquim Ferreira Moutinho (51) que falavam a língua dos Bakairí; infelizmente nunca se tomaram quaisquer apontamentos do idioma dos Bakairí, quanto menos do dos Tapanhuna, e infelizmente o referido autor, como havemos de ver em relação aos Borôro, não merece credito algum nessas coisas.

No tomo 40 da Revista Trimensal do Instituto Histórico (Rio de Janeiro 1877, II, p. 97) há uma indicação que merece ser mencionada. Refere-se à tribu dos Mundurukú, outrora temida por todo mundo, que hoje está estabelecida nos cursos médio e inferior do Tapajóz, ao passo que antigamente morava mais para cima. Antônio Manuel Gonçalves, que os visitou em 1875, observa: “em tempos antigos venceram também os Bakairí (a que chamam de Mureufâtes) e os obrigaram a entrar no Mato Grosso, onde foram aldeados”. O final desta frase mostra poder tratar-se somente de acontecimentos relativamente recentes, da era brasileira. Não se deve, outrossim, depreender porventura dessa citação que os Bakairí moravam na província do Pará. Entre os habitantes do curso inferior do Tapajóz a denominação “Mato Grosso” significa a região do curso superior desse rio e a do Juruena e do Arinos, na sua nascente. Os próprios Mundurucú moraram ao lado dos Apiaká na província do Mato Grosso, onde se chamam Sarumá, tendo inquietado, com seus ataques, tôdas as tribus da região do Arinos e do Xingú. Os Bakairí, que os chamavam de “Mandu-

(51) — Notícia da Província de Mato Grosso, S. Paulo 1869, p. 216.

rukú”, tinham dêles viva lembrança, mas disseram-nos que atualmente não eram mais por êles assaltados, pois que haviam emigrado para o norte.

Os inimigos principais dos Bakairí ocidentais, e que provavelmente, na medida em que é possível dar crédito à tradição, já o eram dos Bakairí unidos, são os Kayabí. “Selvagens indômitos da proximidade do Salto”, é o que reza o relatório da Diretoria dos índios. O que sobre êles pouco a pouco conseguí saber dos Bakairí é o seguinte. Os Kayabí dão a si próprio o nome de Paruá, sendo pela língua — o que entretanto carece de confirmação — parentes dos Kamayurá do Kulisehu, o que quer dizer que seriam uma tribo tupí. São homens robustos e, como também a tribo próxima dos Apiaká, do grupo tupí, amigos da antropofagia. Plantam mandioca, milho, batatas, mandubí, etc. do mesmo modo como as outras tribus. Possuem maças bem trabalhadas de madeira bacaiuva e que são envolvidas por trançados, medem cêrca de metro e meio, têm forma de varas chatas e são carregadas ao braço numa corda. Também quanto a isso concordariam com os Kamayurá. As flechas são de cana cambaiuva, como as dos Yuruna, mas menores. Não possuem propulsores, o que constitue uma importante diferença em relação aos Kamayurá.

Os Kayabí moram no Rio Verde, cujas nascentes ficam entre a aldeia bakairí do Rio Novo e a do Paranatinga: é um afluente da margem direita dêste último, entrando nêle abaixo do célebre Salto. A referida tribo é, portanto, muito vizinha sem dúvida dos Bakairí. A inimizade que reina entre as duas já vem de tempos antiquíssimos. Só bem no princípio houve concórdia: os Kayabí informaram-nos, apareceram na zona dos Bakairí para morar com êles, estabelecendo-se junto dum ribeirão próximo: pouco depois nasceram as contendas. Lembro os Kayabí da lenda de Keri, onde, como vimos, já aparecem no céu. Consoante outra informação que recebemos, os antigos Bakairí desceram o Paranatinga até abaixo do Rio Verde, voltando, porém, de medo dos Kayabí; êstes eram senhores dos machados de pedra, o que deu motivo às desavenças.

Quanto a lutas havidas em tempos mais recentes, obtive indicações mais precisas. Os Kayabí mataram o pai de Felipe, fizeram o assalto de noite e levaram também uma criança. O avô, o pai e o tio de Antônio avançaram até a embocadura do Rio Verde, onde os Kayabí estavam caçando e procurando conchas. Os Bakairí chegaram de tarde, ficando cautelosamente retraídos, mas de manhã bem cedo, quando os Kayabí ainda jaziam nas suas rêdes, fizeram o assalto, matando dois, enquanto os outros fugiram.

Os Kayabí tinham o corpo untado com óleo de almíscar (de um cipó) e urucú, e fediam como o diabo. Levavam consigo cuias, uma outra espécie de urucú, arcos e flechas. Na aldeia do Paranatinga encontramos, em 1884, duas mulheres kayabí, Maria e Luiza Kayabí (52) que infelizmente não sabiam mais palavras alguma de seu idioma materno. A excursão contra os Kayabí fôra empreendida por uns vinte Bakairí, prendendo as duas meninas, ainda pequenas, além de uma irmã de Luisa, a qual, porém, moradia tão furiosamente em torno de si que teve de ser morta.

Embora, além da avariante, segundo a qual foi em consequência de desavenças entre os próprios Bakairí que se deu um êxodo para o Xingú, me tenha sido comunicada outra, que diz ter um grupo de Bakairí fugido para lá de medo dos Kayabí, é, contudo, bem possível que ambas se justifiquem, referindo-se a ocasiões diferentes.

Um deslocamento em igual sentido, que muito me devia surpreender foi-me relatado pelos Suyá. Êstes índios, que em 1884 encontramos no curso superior do Xingú, representam uma genuína tribu gê, sendo mais aparentados, sob o ponto de vista linguístico, ao Apinagê da província de Goiás, entre o Tocantins e o Araguaia. Teriam morado igualmente no Rio Verde, a oeste do Paranatinga, tendo aí chegado vindos do Arinos, que fica perto. Deveriam, por conseguinte, — já que podemos tomar como certa a sua origem oriental — ter atravessado o Xingú e o Paranatinga em direção do oeste, operando, em seguida, um retrocesso. Contam os Bakairí que se uniram com os Kayapó, indicados como excelentes atiradores, expulsando assim os Suyá de sua vizinhança, i. é, do Rio Verde. Dizem que bom número de Suyá foi morto e que a tribu fugiu para o Xingú. Jacinto, o índio mais velho da aldeia do Rio Novo, e o avô de Antônio ainda teriam tomado parte na luta, de forma que a época do acontecimento certamente não é anterior ao primeiro quarto do nosso século.

No sul e no sudeste os Bakairí ocidentais, ao que parece, mantiveram relações amistosas com a tribu gê dos Kayapó. Nas fontes brasileiras, que, porém, costumam dar a esta tribu uma extensão territorial muito reduzida, não se encontra informação alguma, segundo a qual o domínio dos Kayapó tivesse alcançado essa região. Referem-se somente a ataques feitos pelos "Coroados" às fazendas do Alto-Cuiabá; os Bakairí, porém, que o devem saber melhor, designam esta tribu por "*kayáxo*" — Kayapó, dando, além disso o nome de Rio dos Kayapó ao rio de origem mais

(52) — V. "Durch Centralbrasilien" p. 283 e os dados antropométricos da tabela atrás na pag. 364. Aqui, por equívoco, o nome foi grafado **Cajibi**.

oriental das nascentes do Paranatinga. Os mesmos Kayapó são vizinhos a leste ou sudeste dos Bakairí do Kulisehu, segundo estes me relataram.

Procurei, finalmente, saber até onde o horizonte dos Bakairí ocidentais se estende para o oeste: os Paressí, como seus velhos vizinhos, lhes são bem conhecidos. Indicaram que, na direção do poente moram ainda, atrás dos Paressí, os “Woimaré” e os “Eneurá”. Acrescentaram que não se trata de parentes dos Paressí, afirmação essa que, pelo menos para os “Woimaré”, não está certa, como havemos de ver no capítulo dedicado aos Paressí. Sobre os “Eneurá” não possuímos outras indicações. Muito mais longe ainda, moram os “Pekoban”, igualmente desconhecidos. Os antepassados, ao que relatam os Bakairí, avançaram até lá, e contaram ter chegado a um rio grande, em cuja margem ocidental moram os Pekoban. Só se pode tratar do Guaporé, o curso superior do Madeira.

Há, ainda, uma informação muito importante acêrca dos Guaná, segundo a qual esta tribu em tempos remotíssimos morou no Beijaflor, afluente da margem esquerda do Paranatinga e que desemboca ainda acima do Rio Verde.

Resumem-se nisto as informações que conseguí obter dos Bakairí ocidentais sobre a história da tribu e sua relações com os vizinhos. Em suas linhas gerais, dizem as tradições que os Bakairí mais antigos moraram no salto, pertencendo, portanto, à nascente do Tapajóz, tendo uma parte deles emigrado de lá para o Batoví e o Kulisehu, i. é, para a nascente do Xingú. Segundo a lenda, chegaram ao Salto vindos das cabeceiras do Paranatinga e do Ronuro.

Apoiados nesses dados, devemos admitir necessariamente que a divisão em Bakairí ocidentais e orientais se deu pelo menos antes do fim do século passado, e antes da época em que os Bakairí se estenderam para sudoeste, i. é, para a nascente do Cuiabá. A comparação linguística concorda bem com estas conclusões os dois grupos dos Bakairí falam uma língua, idêntica na forma e no conteúdo, com diminutas diferenças dialetais. As denominações de alguns peixes e de algumas árvores são divergentes; o nome da palmeira akurí do Kulisehu é o da palmeira oaussú do Paranatinga, e vice-versa. Com referencia aos Bakairí do Xingú é absolutamente certo que nunca tiveram qualquer contacto com o branco.

Por meio da nossa expedição de 1884 os Bakairí ocidentais e orientais entraram novamente em comunicação. Voltando para o Paranatinga, Antônio falou dos irmãos de tribu do Batoví, e o

cacique Felipe, dotado de senso prático, concebeu a idéia de uma tentativa para persuadí-lo a se estabelecerem no Paranatinga. Êle, Antônio e um terceiro puseram-se a caminho em setembro de 1836; em três dias alcançaram o Batoví, levando outros três de viagem ao longo do rio até chegarem à primeira aldeia.

O cacique Luchu foi *kurápa*, não os hospedando tão grandiosamente como esperavam; entretanto vários Bakairí orientais chefiados pelo nosso "professor" de 1884, acompanharam-nos ao Paranatinga. Foi grande o medo que se apoderou dos visitantes à vista do gado vacuum aí existente, mas foi grande também a alegria com os presentes que Felipe lhes distribuiu pròdigamente. "Demos-lhe todo o ferro que possuíamos, galinhas (o que, porém, posteriormente foi negado), pequenas mudas de bananeiras, ramos de mandioca, milho e arroz. Vê-se, pois, por êsse exemplo, como é logo aproveitada a primeira ocasião para se propagarem as plantas culturais! Se a experiência tiver dado bom resultado, os nossos sucessores poderão comer bananas no Xingú.

Em janeiro de 1887, Felipe partiu esperançoso para Cuiabá, afim de pedir que lhe dessem novos utensílios de ferro. Mas aí não compreenderam as suas esperanças, e fizeram-no voltar de mãos vasias. Tumayaua contou-nos em 1887 que os Bakairí da primeira aldeia do Batoví haviam empreendido nova viagem ao Paranatinga; devendo ter chegado lá pouco depois da nossa partida. Depois não tive mais oportunidade de saber algo a respeito.

II DESLOCAMENTO DOS CARAÍBAS PARA O NORTE

Baseado sobretudo em provas linguísticas já tentei defender, depois dos resultados da primeira expedição ao Xingú, a hipótese dos Caraíbas recém-descobertos na nascente do Tapajóz e do Xingú morarem mais perto dos domínios primitivos da tribo do que os Caraíbas existentes ao norte do Amazonas, e dêstes terem emigrado do sul para as Guianas, de onde teriam passado para as Pequenas Antilhas.

Além dêste, foi sòmente para os Nu-Aruak, que sempre aparecem ao lado dos Caraíbas, que sugerí um movimento dirigido em igual sentido, embora houvesse menos certeza em relação àqueles. V. "Durch Centralbrasilien", p. 297. "No estado atual dos nossos conhecimentos não interêssa muito saber se os antepassados comuns moraram no norte ou no sul da faixa, sôbre a qual encontramos espalhados os seus descendentes. O meu sentimento —

tão somente — dá-se melhor com a hipótese de ter o movimento partido do planalto.” E o meu sentimento me iludira completamente para um elemento importante do grupo nu-aruaq, os Paressí, a respeito dos quais eu tinha idéias falsas devidas a relatos cuiabanos; pois, pelas indicações que êles próprios me deram em 1888, é certo, pelo menos, que marcharam do norte para o sul, embora não possamos marcar com segurança o limite setentrional em que tiveram sua pátria de origem. No tocante aos Nu-Aruak, ainda não somos sequer capazes de focalizar a questão, pois sabemos muito pouco dos Moxo e das tribus a êles aparentadas da Bolívia e do Brasil ocidental, sabemos menos ainda a respeito das tribus do Chaco, e com referência aos Aruaq das Guianas devemos notar em todo caso que aí possuíram uma cultura mais antiga que os Caraíbas. Idênticas relações se observam mesmo no Kuli-sehu, em proporções modestas. E’ muito possível que o movimento principal dos Nu-Aruak tenha sido muito diferente do dos Caraíbas.

Em compensação, a hipótese central referente aos Caraíbas, emitida com mais decisão, encontrou novos dados confirmativos depois de 1884. As provas são em parte indiretas, como nô-lo mostrará um ligeiro retrospecto, e em parte diretas.

O problema de se saber onde se deve procurar a pátria primitiva dos Caraíbas é quase tão antigo como o descobrimento da América. Fácilmente se compreende por que motivo já os primeiros visitantes do Novo Mundo se viam a braços com a questão: pois o povo tão espalhado, que primeiro se conheceu nas Pequenas Antilhas, e mais tarde no litoral próximo da América do Sul, distinguindo-se de todos os outros índios pela sua valentia, altivez e crueldade, e afligindo a todos os outros com guerras, assassínios e roubos, ainda não ocupara há muito tempo a cadeia de ilhas que ainda hoje tem o seu nome, e afigurava-se a todos com um povo conquistador vindo de fora. Já o historiador Petrus Martyr, o primeiro que menciona o nome “Caraíba”, e cujo afamado livro apareceu dez anos depois da morte de Colombo, admite a origem estrangeira do nome, inclinando-se a remontá-lo à América do Norte. E essa idéia foi sustentada durante muito tempo; impunha-se como que por si mesma, pois tendia-se instintivamente a ligar os povos dos dois continentes por intermédio da ponte natural das Antilhas; além disso, era a hipótese muitíssimo convincente, porquê não havia outro tipo que, quanto ao caráter e à constituição física, se pudesse considerar aparentado em grau tão elevado como os Caraíbas, às tribus caçadoras do norte.

Para confirmar a asserção, tomaram-se duas lendas do continente norte-americano, segundo as quais uma tribo fôra expulsa de seu domínio antigo, identificaram-se os Caraíbas com os desaparecidos, embora não se encontrassem elementos puramente caraíbas nem na Florida, nem nas Ilhas Baamas ou nas Grandes Antilhas. Ao contrário, cuvia-se da maioria dos próprios aborígenes a afirmação categórica de terem vindo do continente do sul, e os cientistas que melhor os conheciam, frizaram êsse fato, com tôda razão.

Não valeria quase a pena atentar para a hipótese norte-americana, desenvolvida e enfeitada sobretudo pelo inglês Bristock e pelo francês de Rochefort, se não tivesse ela encontrado, singularmente, ainda em época bastante moderna, um defensor na pessoa de Alexandre von Humboldt; êste reconhece precisamente à hipótese em questão a maior probabilidade, de verdade, a-pesar-de achar arbitrário e inadmissível o cálculo pelo qual a migração se teria realizado pelo ano de 1100.

Todavia, embora Humboldt se enganasse, cabe-lhe o mérito indiscutível de ter delimitado, com maior precisão e na medida em que então era possível, o sentido do termo "Caraíba". Acreditára-se até a viagem dêsse explorador, que já não havia Caraíbas; nas ilhas, não há dúvida, haviam desaparecido, mormente nas lutas com os franceses, ou pelo cruzamento com escravos negros; os últimos remanescentes haviam sido transportados pelos ingleses, no fim do século passado, para uma ilha do Golfo de Honduras.

Foi Humboldt que atraíu novamente a atenção para os Caraíbas continentais, os quais, calculados em 40.000 ao todo, se encontravam ao norte do Rio Amazonas, entre os afluentes esquerdos dêste ou na vasta região do Orinoco. Às tribus então conhecidas, os tempos modernos puderam acrescentar bom número de nomes novos.

Dessa maneira naturalmente havia de formar-se a opinião de que se devia considerar, como pátria provável dos Caraíbas, a terra em que aparecem reúnidos em maior densidade, nas planícies da Venezuela e das Guianas de hoje, portanto no norte ou nordeste do continente sulamericano.

Essa solução, entretanto, não era satisfatória. A-pesar-do parentesco, as tribus não só revelavam uma variedade de idiomas muito evidente e pronunciada, como não deixavam de manifestar por tôda parte, pelas suas lutas contínuas contra outras tribus, principalmente os Arauk radicados há muito tempo naquelas paragens, o seu caráter de invasores e conquistadores. Depois de se ter chegado, por conseguinte, à convicção de que os Caraíbas in-

sulares vinham do continente situado ao sul, e depois de aí se terem encontrado tribus caraíbas em número muito maior do que se esperava, afirmava-se no entanto que a pátria primitiva daquela gente devia ser ainda outra.

Restava a seguinte hipótese: terem vindo do sul, atravessando o Rio Amazonas, avançando ao longo de um ou mais dos caudalosos afluentes sulinos dêste, e serem originários dalguma região do enorme complexo brasileiro de terras. A êste raciocínio, entretanto, só se chegou, propriamente, porquê não se deparava outra solução viável. Infelizmente não se conheciam Caraíbas no Brasil; só numa pequena tribo do alto nordeste do país, a dos Pimenteiros, tinham sido encontrados, na língua, elementos manifestamente caraíbas, mas de tal forma deturpados e corrompidos que não ofereciam nenhum ponto de apôio seguro. O único argumento apresentável em apôio duma hipótese nova era de natureza subjetiva. Dizia-se que por tôda a extensão do Brasil de hoje, ao longo da costa, como pelo interior longinquo, pela zona do Paraguai-La Plata, atingindo a Bolívia e o Alto-Amazonas, se encontram disseminados os povos tupí, marinheiros não menos hábeis, gente não menos andeja que os Caraíbas; êsses Tupí podiam ser muito bem os antepassados dos Caraíbas. A hipótese encontrou seus melhores defensores num Orbigny e, principalmente, em Martius, o insigne fundador da etnografia brasileira, homem, cujos méritos, na pesquisa da humanidade americana, são incomparavelmente maiores que os de Humboldt. "Donde vieram originariamente os Caraíbas?" pergunta Martius. "Quanto a esta questão ousamos levantar apenas a hipótese de que foram Tupí. Também êstes, disseminando-se por grande parte do Brasil, mantiveram predomínio sobre outras hordas, conservando por longo tempo uma constituição corpórea de atletas e um gênio de heróis. Não é inverossímil que em tempos passados — talvez vários séculos antes da chegada dos europeus ao Novo Mundo — tenha havido contactos e cruzamentos entre os Tupí e os habitantes da terra caraíba, da qual surgiram os assim chamados Caraíbas, não como um povo especial, mas como uma gente de modos de vida peculiares, como salteadores, piratas e imoladores de homens."

Na primeira parte do capítulo oitavo já assinaiei que a idéia do parentesco entre os Tupí e os Caraíbas encontra o obstáculo irremovível da diversidade linguística, que se manifesta decididamente acentuada até nas raízes vocabulares. Não há ligação. Embora o exame do idioma bakairí e sua comparação com os caraíbas setentrionais tenham levado a essa convicção, salva-se a hipótese meridional, em virtude da existência, ora provada, duma popula-

ção caraíba no interior do continente, e a Lucien Adam, que, baseado nas suas minuciosas pesquisas sobre as línguas caraíbas, em época recente se pronunciou a favor de uma pátria caraíba ao sul do Amazonas, cabe a satisfação de ver òtimamente confirmada a sua hipótese.

Entrementes foi encontrada, já antes de nós, uma tribu caraíba ao sul do Amazonas, a dos "Palmela". Numa descrição de viagem, pouco conhecida na Europa, relata o médico brasileiro, João Severiano da Fonseca (53), que a conheceu em 1877 no destacamento de Pedras Negras (12º 51' 11", 22 lat. sul e 19º 44' 22", 65 O. do Rio de Janeiro) do Guaporé, fazendo um pequeno vocabulário da língua dos Palmela. A umas 7 ou 8 léguas de distância, nos últimos prolongamentos das "Cordilheira" dos Paressí, morava essa "tribu de índios mansos, que só aparecia há poucos anos, entrando em relações com os habitantes do destacamento e os navegadores do rio. Falam um idioma diferente do das tribus do Guaporé, entremeado com termos portuguezes e espanhóis, e não sabem dizer a sua proviniência, nem sua origem. E', porém, notável que grande número de seus vocabulos, se identifica ou assemelha ao dialeto galibí. De três Palmela, que estiveram no destacamento, soube Severiano que, até uma época bastante remota (mas no máximo até 80 anos antes), êsses selvícolas estiveram estabelecidos perto da Missão de São Miguel dos Baures, aonde, por sua vez, já haviam chegado, como fugitivos, dalguma outra parte, mas não sabiam mais de onde; disseram que a tribu contava cêrca de 400 indivíduos, tendo, porém, perdido muita gente numa epidemia, uns pela morte, outros pela fuga. Eram agricultores pacíficos, pouco dados à caça e à pesca, entregando-se à cultura do milho, da mandioca, do inhame, do amendoim, das cuias, da cana, da laranja e do melão bem como à criação de galinhas e patos. Refere o autor que, segundo informações dos comerciantes, entre os índios havia "uns realmente brancos, com cabelo avermelhado ou castanho, como os Herisibocones no distrito dos Baures, os Tukunupeba e os Arara do Baixo-Xingú". Disseram também haver entre a tribu uma índia branca de olhos azues e modos que denunciavam vestígios de civilização e que era tratada por todos respeitosamente de "Senhora". Infelizmente não sabemos qual o nome certo da tribu, devendo contentar-nos com o de "Palmelas", como um comerciante de borracha de Cuiabá houve por bem apelidá-los. Embora de fato a tribu, vindo de fora, tenha emigrado para o distrito dos Baures, e não se lhe conheça a proveniência,

(53) — Viagem ao redor do Brasil 1875-1878 Rio de Janeiro, 1880. Vol. II, 190 e seg.).

não deixa de ser muito curioso o fato de aí, na nascente do Madeira, se encontrarem numerosos representantes dos Caraíbas.

Além desses, temos agora, na região oriental da nascente do Tapajóz e na ocidental da do Xingú, os Bakairí e os Nahuquá. E' verdade que os Bakairí ocidentais já estão hoje em dia bastante reduzidos, mas houve um movimento migratório do Salto do Paranatinga, atualmente abandonado, e da zona que fica entre o Paranatinga e o Ronuro, para leste, ou seja, do Batoví e do Kulisehu, onde ocuparam a região piscosa das cataratas. Os Nahuquá são os senhores do Kuluene, o braço principal da nascente do Xingú, cujo estudo constituirá a tarefa principal dos nossos sucessores. Assumem importância tão revelante, à vista de suas numerosas aldeias, que é permitido dizer representarem os Caraíbas a massa principal da população das cabeceiras do Xingú.

Com os Bakairí do Kulisehu e os Nahuquá está removida a objeção que ainda se podia opor à expedição de 1884, a saber, que o número dos nossos elementos caraíbas era muito pequeno para servir de prova à hipótese da expansão do centro do continente para o norte.

No tocante à relação existente entre os Bakairí e os Nahuquá, deve-se notar que entre estas duas tribus não se verifica semelhança linguística maior que entre os Caraíbas das Guianas. Os Bakairí até se aproximam mais dos Makushí ou do Rukuyenna que dos Nahuquá. Observa-se muito nitidamente a influência exercida sobre o idioma dos Nahuquá pelo Nu-Aruak vizinhos, i. é, as tribus ceramísticas do Kulisehu. As relações mantidas com estas, mais estreitas e cordiais do que o contacto com os Bakairí, de certo já o são desde tempos muito antigos. Esta circunstância concorda perfeitamente com a história e as lendas dos Bakairí ocidentais, que afirmam encontrar-se entre o Ronuro e o Paranatinga a sede primitiva de sua tribu.

A conquista mais nova, finalmente, e que é muito importante à vista da ligação especial que permite estabelecer, é representada pelos Apiaká. Martius já fala de "Apiaká" na bacia do Tocantins, mencionando-os como Tupí, classificação que de fato cabe aos índios igualmente chamados Apiaká e encontrados em região bem distante, no Alto-Tapajóz. Em 1888, Ehrenreich, depois de descver o Araguaí-Tocantins, encontrou alguns Apiaká em Praia Grande, identificando-os como Caraíbas. Ficou surpreendido com a pronunciada semelhança física entre eles e os Bakairí. Contaram-lhe que tinham sido expulsos pelos Suyá. Haviam fugido para o norte, encontrando-se agora a oeste do último trecho do Baixo-Tocantins, provavelmente na região superior do Uanapu e

do Pacayá, mais ou menos a 3º de lat. sul. Ehrenreich é de opinião que a migração se realizou há alguns decênios apenas. Parece que se deve admitir uma ligação entre a mudança de lugar efetuada por êsses Apiaká e a dos próprios Suyá que, como vimos atrás, foram tocados, nos primeiros decênios dêste século, da região do Paranatinga para a do Xingú. Não dispomos ainda de dados seguros para dizer se os Apiaká estiveram estabelecidos a oeste ou a leste do Xingú, mas nem por isso deixa de ser importante a comunicação de Ehrenreich que representa uma confirmação histórica do deslocamento dos Caraíbas, no sul para o norte. A mudança de latitude é também muito importante; pois os Suyá moram hoje a 11º de latitude, tendo antes habitado ainda muito mais para o sul, quando estabelecidos no Rio Verde, e os Apiaká, por seu turno, já habitam bem perto do Amazonas.

O parentesco linguístico entre os Apiaká e os Bakairí é estreito, não sendo, porém, mais estreito que o que se observa entre êstes e algumas tribus caraíbas ao norte do Amazona! É interessante verificar que os Apaiká já possuem grande número de terminações consonantais e consoantes duplas no interior dos vocábulos. Reproduzo aqui algumas palavras do vocabulário de Ehrenreich, ainda não publicado. O prefixo pronominal da primeira pessoa é *i-*, que em bakairí ora indica a primeira, ora a terceira pessoa.

dente *ieri*, Bak. *yéri*, termo caraíba geral

língua *elo* (*e* quase mudo), Bak. *ílu* (3.^a pess.)

mão *omiat*, Bak. *omári* (2.^a pess.)

pé *ipun*, Bak. *ixúlu* (3.^a pess.)

coxa *izeti*, Bak. *izéti* (3.^a pess.)

perna *iptchin*, Bak. *ischinári* (3.^a pess.)

nariz *inam*, Bak. *inári* (3.^a pess.)

orelha *iuanan*, Bak. *inári* (3.^a pess.)

osso *itpun*, Bak. *ipüri*.

água *paru*, Bak. *páru* água, rio.

rio *paru ime*, Bak. *páru ima* rio grande.

sol *tschitschi*, Bak. *tschíschi*.

lua *nunno*, Bak. *núna*.

céu *kabo*, Bak. *kxáu*.

chuva *kongpo*, Bak. *kxópö*.

fogo *kampt* (Bak. *péto*), Rukyennes e outros *wapoto*, *apoto*,
v. tabela na gramática bakairí p. 278.

árvore, *madeirayei*, Bak. *se*, Makuschí *yeh*, *yéi*.
pai *ongmä*, Bak. *iyúme*.
mãe *iämä*, Bak. *íse*.
tio *koko* (patruus, matruus), Bak. *kxúgo* matruus.
avô *tamko*, Bak. *itámo*, Galibi *tamoko*.
flecha *pirom*, Bak. *püléu*, *piráu*.
arco *topkat*, Bak. *tákõo*.
tabaco *tawe* (e quase mudo), Bak. *táwe*.
milho *anat*, Bak. *anázi*.
beijú *abat*, Bak. *awátu*.
batata *nabiot*, Bak. *názvi*.
banana *namiun*, Bak. mansos *banana*.
peixe *uot*, Caraíbas setentrionais *boto*, outo peixe Bak. *póto* caça.
piranha *ponä*, Bak. *pane*.
cobra *ogoi*, Bak. *agáu*.
jaguar *ogro*, Bak. *aka*.

E' verdade que escolhi correspondências muito pronunciadas, pois é dessas que estamos tratando. A banana é designada novamente com uma palavra inédita, estranha a todos os idiomas caraíbas; na sua sede central os Apiaká como os suyá não conheciam essa fruta; vieram a conhecê-la, provavelmente, na região que fica entre o Xingú e o Araguaia.

Numerosos afluentes do Tapajóz, do Xingú e do Araguaia, são ainda inexplorados. Confio muito em que aí ainda residam uma tantas tribus caraíbas. São suspeitos, pela sua tatuagem, os Arara, a oeste do Curso inferior do Xingú. O indício mais oriental dos Caraíbas é fornecido pelos já mencionados Pimenteiras da província do Piauí. Desde 1775, informa Martius, eles saíam, de tempos em tempos do território situado entre as fontes do Piauí e do Guargueia, alvoroçando as fazendas do norte do Piauí. "Membros dessa horda já estiveram estabelecidos antigamente em Quebroro, no Rio S. Francisco (54). A maior parte ainda vagueia por aí independente, e os fazendeiros têm o direito de aproveitar, por dez anos, como escravos ou de vender a todos os que conseguem pegar. (55). Seria muito desejável que uma parte dos aborígenes tivesse escapado desse belo sistema do começo do nosso século e

(54) — Zur Ethnographie Amerikas, zumal Brasiliens, pag. 348, 349. Leipzig 1867.

(55) — Spix e Martius, Reise in Brasilien, II., p. 805. Munique 1828.

fôsse acessível a uma pesquisa minuciosa. O pequeno vocabulário, que Spix e Martius registraram em Piauí (Glossário, p. 219) e no qual o próprio Martius já reconheceu concordâncias com dialetos caraíbas — menciona o Tamanako —, sem dúvida não pode ser chamado de caraíba puro. No entanto, os elementos caraíba, a-pesar-de tóda a mistura com tribus gê e tupí, são evidentes e mais numerosos do que Martius provavelmente supôs. São as palavras para: dente, língua, braço, peito, coxa, artelho, tio, pai, irmão, criança, companheiro, sol, (lua), madeira, fogo, terra, trovão, flecha, mandioca, (cachimbo para) tabaco, dormir. Só que no referido vocabulário há uma tal quantidade de *ö, ä, ü*, que termos bem conhecidos aparecem fortemente desfigurados, p. ex. *mandicca*, Bak. *ichére*, Pim. *nütschörô*, ou braço, Tamanako *japari* Bak, *asa sawöri*, *söbaröh*.

Enquanto os Palmela e os Pimenteiros, a julgar por tudo que dêles sabemos até agora, se apresentam relativamente isolados num ambiente estranho, os Bakairí reunidos e os Nahuquá representam um complexo muito considerável, e, além disso, a sua situação geográfica nas nascentes do Tapajóz e do Xingú favorece perfeitamente a hipótese do deslocamento para o norte, porquê os representantes mais sulinos dos Caraíbas setentrionais, situados na margem esquerda do Amazonas, logo em frente das desembocaduras do Tapajóz e do Xingú, estabelecem imediata ligação com os meridionais. Absolutamente não tenho a pretensão de considerar, por ventura, os Bakairí ou os Nahuquá como os restos do povo primitivo, não modificado, dos Caraíbas creio apenas que todo o material de que dispomos fala a favor da suposição de se encontrarem mais perto da antiga sede do povo primitivo. O fato dêste outrora ter existido, embora não passasse talvez duma tribo pouco numerosa, é um postulado incontestável da comparação linguística. A despeito de tóda diferenciação no decorrer dos tempos pelo cruzamento com elementos muito variados, ainda se observa hoje em dia uma grande quantidade de tribus caraíbas, cada uma das quais possui um cabedal mais ou menos considerável de termos básicos. Tôdas elas realizaram a sua diferenciação linguística em sentido absolutamente idêntico, mas independentemente uma da outra. Por conseguinte, quer admitamos migrações ou deslocamento vagaroso, chegamos sempre à idéia duma comunidade de origem, que, ainda possuiu p. ex., os sons iniciais não abrandados. Da enorme extensão espacial que hoje cabe à unidade linguística caraíba, infere-se que muitos séculos se passaram e muita água desceu o Amazonas, desde que se iniciou a irradiação do antigo centro. E disso resulta que também os Caraíbas, que talvez ainda se encontrem nas

imediações da pátria primitiva, devem ter sofrido tôdas as transformações que, mesmo em condições pacíficas, necessariamente se devem realizar no decorrer de períodos muitos longos. Nunca se deve esquecer que o próprio "povo primitivo", embora represente uma espécie de tronco ou até de raiz da árvore muito ramificada que se trata de examinar, não é outra coisa senão um ramo dessa árvore; do mesmo modo como qualquer antepassado ou ancestral também é um simples membro duma série interminável. Os Bakairí, portanto, não podem, em caso algum, ser considerados "Caraíbas primitivos". Procurar a êstes equivaleria a procurar, para os judeus, o patriarca Abraão ainda vivo.

O povo caraíba primitivo já possuía o milho, a mandioca, o tabaco, o inhame, a pimenta, o algodão, o urucueiro. Vejam-se as provas no vocabulário da minha gramática bakairí. Por mais que se procure não há possibilidade de fugir à conclusão de ter a cultura ligada a essas plantas pertencido aos Caraíbas desde muito. E' realmente importante a consideração do fato, quando se procura uma justa compreensão para as lendas dos ancestrais. A tradição histórica de nomes determinados não abrange dois séculos. Não se deve, pois, de forma alguma censurar os Bakairí por não conhecerem mais a tribu que lhes deu o tabaco e o algodão, e por apelarem para o jupará, que vive no norte. O que, porém, à vista do estado atual de coisas, se nos apresenta como sumamente importante é terem êsses produtos vindo do norte.

Só há duas possibilidades. A primeira está em qualificar a lenda do jupará de simples conto da carochinha, liquidando-se a questão. Não consigo fazê-lo, porquê não compreendo com que direito se pode rejeitar uma indicação em nada inverossímil e que corresponde bem aos postulados fitogeográficos. O inverossímil para nós está na pessoa do jupará, a qual, entretanto, constitue, por outro lado, uma garantia da certeza, pois foi precisamente devido à referência a um animal, que também já vive há muitos séculos nos limites setentrionais da região dos Bakairí, que a tradição se pôde conservar. Os Bakairí não têm culpa de não sermos capazes de imaginar um jupará "fumante".

Acredito, pois, como Antônio, no jupará, que deu aos Bakairí o tabaco e o algodão, e, assim, me encontro sòmente diante da segunda possibilidade, a saber, que a pátria de origem dos Caraíbas fica ao sul do domínio do jupará. Pois o povo primitivo já possuía o tabaco e o algodão.

Dou até a esta prova muito maior valor que à tradição da existência em tempos antigos, de uma emigração de Bakairí não se sabe para onde. Não ponho absolutamente em dúvida essa

tradição, achando também possível que desses Bakairí de antanho se tenha originado uma ou outra das tribus caraíbas que ainda hoje encontramos no norte, mas com isso só se provaria vagamente o que nem é preciso provar. Mesmo se nenhuma tradição o referisse, deveríamos admitir necessariamente que de cada tribu, no correr dos séculos, e principalmente duma tribu que, como a dos Bakairí, vive da pesca, se tenham afastado grupos mais ou menos numerosos, seguindo o curso dos rios para outras regiões, e indo assim, pelo contacto com novas tribus, ao encontro duma diferenciação física e linguística. Nem tão pouco é preciso provar — o que de fato é provado pelos *keri* e *kame* dos Nu-Aruak — que os Bakairí no correr dos séculos sofreram a influência dos vizinhos com que se cruzaram. Repito que os Bakairí não são Caraíbas primitivos, e infelizmente não o serão nem para descendentes de séculos futuros, pois sua sorte já está decidida.

Vou resumir. Desde sempre existiu o postulado de que os Caraíbas ao norte do Amazonas chegaram às suas sedes por uma migração de fora. Foi-se obrigado a admitir que a imigração só pode ter vindo do sul. Os Bakairí ou os Nahuquá, que caso não existissem se deveriam inventar, foram encontrados em grande número, estando à disposição numa zona que também deve satisfazer plenamente a necessidade de explicação do geógrafo. Mais isolados aparecem Palmela e Pimenteiras. O “missing link” para a distância espacial é constituído pelos Apiaká; os Suyá, que os tocaram, moram ao norte dos caraíbas do Xingú e do Paranatinga. Os habitus físico dos caraíbas meridionais e dos Apiaká como também dos que habitam ao norte do Amazonas, que podemos comparar pelo menos por meio de gravuras — refiro-me aqui sobretudo aos Rukuyennes de Creveaux e a alguns Galibí que em 1892 fizeram uma viagem artística na Europa — revela uma coincidência manifesta. A tradição dos Bakairí indica que o tabaco e o algodão, que o povo primitivo possuiu, vieram do norte. O que, além disso, ainda se desejaria ver provado, é que a língua e a cultura se tenham conservado mais puras e simples nas tribus mais próximas da pátria de origem, e, por conseguinte, expostas a uma diferenciação menos acentuada; procurei demonstrá-lo para ambas: para a língua, na gramática bakairí, para a cultura, neste livro

CAPÍTULO XV

I. A ARTE DE CONTAR DOS BAKAIRÍ E A ORIGEM DO 2

Os adjetivos numerais das restantes tribus. Nomes dos dedos. Como se dizem os números com auxílio de gestos dos dedos. Como se contam *objetos* em quantidade superior a 6; idem, em quantidade inferior a 6. A mão direita *apalpa*. Casos de aplicação prática e ausência de números subordinados a uma seqüência. Os gestos dos dedos não são mímicos, mas servem para o cálculo. O enigma do "2".

"5" = "mão", *não como modelo*, mas como limite (tardio) de conhecimento empírico. Origem do "2" pela divisão do inteiro em suas metades. Os objetos determinam o limite de conhecimento empírico do gesto do "2". *Dependência do sentido do tato.*

Confirmação pela etimologia.

Os índios que menos tinham desenvolvido a arte de contar eram os Bakairí. Quanto às outras tribus, limito-me a algumas poucas observações, pois comunico os números nos vocabulários.

As tribus contavam primeiro os dedos das duas mãos e, em seguida, os artelhos de cada pé. Começavam todos, com exceção dos Bakairí, pelo polegar da mão direita, contavam pelos dedos

até 5, passando, depois, para o polegar da mão esquerda, onde contavam até 10, e repetiam exatamente o mesmo processo para os pés.

Examinando-se os adjetivos numerais no tocante à sua formação, nota-se que todas as tribus possuem palavras especiais para 1, 2, 3, com exceção dos Bakairí, que deixo ainda de lado, e os Trumai, cujo registro, entretanto, contém muita coisa incerta; no idioma dos Trumai a palavra correspondente a 2 *hurs* está contida na que significa 3 *hurstamé*. Mas os Trumai e, além deles só os Waurá (incerto) e os Kamayurá têm uma palavra completamente diferente para dizer 4, enquanto todas as outras exprimem o 4 pelo 2 modificado por um afixo.

Para dizer 5, os Trumai e os Auetö possuem um vocábulo novo, que não tem nada que ver com “mão”. Na língua de todos os outros, sempre excluindo os Bakairí, a mão está contida no 5. Os Kamayurá dizem “mão acaba” *yenepó momáp* (Guaraní *mom-báb* acabar), as tribus ceramistas dizem “1 mão”, os Nahuquá “mão”, simplesmente.

Os números 6, 7, 8, 9 são formados de 1, 2, 3, 4, acrescidos de um afixo. Somente entre os Kamayurá este é diferente, para 6 e 7, do que serve para formar 8 e 9, 6 e 7 = 1 e 2 + *verozák*; o sentido Guaraní *guerobág*) parece ser: 1 ou 2 que são trocados.

Na língua das tribus ceramistas, e provavelmente também dos Auetö, 10 contém as mãos; na dos outros a palavra é nova.

A partir de 11 todas as tribus fazem entrar o pé, determinado por um acréscimo, e 12, 13, 14 são = 2, 3, 4 + o pé e esse acréscimo. É verdade que os Nahuquá empregam, em vez da sua palavra para pé, uma palavra *vúro*, que, porém, na comparação com outros idiomas caríbas se revela como radical de igual significação (56), contando de 11 a 15: “1, 2, 3, 4, 5 pés” pelos artelhos do pé direito, e de 16 a 20 pelos do esquerdo “1, 2, 3, 4, 10 pé”.

De 15 a 19 observa-se uma confusão bastante grande: com 15 aparece em regra um acréscimo novo, sendo as formações paralelas às da segunda mão de 6 a 9 ou às do primeiro pé de 11 a 14. No idioma dos Yaulapiti, cujos números são formados com muita regularidade, 1 pé significa 15, na língua dos Mehinakú, porém, 11; a primeira significação quer dizer que o pé acabou, enquanto a segunda indica que ele começa. Desta maneira os Mehinakú

(56) — *Vuro* — *upu-lu*, (*-lu* sufixo prenominal), Makusí, Caríbas insulares *upu* pé.

chegam à seguinte numeração exquisita: $5 = 1$ mão, $11 = 1$ pé, $12 = 2$ pé, $13 = 3$ pé, $14 = 4$ pé, e (visto que $5 = 1$ mão) $15 = 1$ mão, pé!.

Tôdas as tribus têm os pés no 20, menos os Auetö. Para os Yaulapiti, o mesmo acréscimo que com a mão era $= 10$, com o pé é $= 20$. O 15 e o 20 dos Kustenáu caracterizam-se por uma semelhança tal, que é fácil confundí-los.

Vejamos agora os Bakairí, mais atrasados e com os quais me entreguei a variados exercícios de aritmética.

Os nomes do seu aparelho de calcular, os dedos, não têm nada que ver com números. O nome do polegar é “pai”, o do auricular “criança” ou “pequeno” o do médio “médio” como entre nós, enquanto o indicador e o anelar são chamados, aquêle, o “vizinho” — essa é pelo menos a interpretação mais provável — do “pai”, e êste, o vizinho do “pequeno”.

Contam em palavras até 6:

1 = *tokále*

2 = *aháge*

3 = *aháge tokále* ou *ahewáo*

4 = *aháge aháge*

5 = *aháge aháge tokále*

6 = *aháge aháge aháge*

Vê-se, pois, que os Bakairí só têm palavras próprias para os números de 1 a 3, ao passo que os de 4 a 6 são compostos de *aháge* e *tokále*. Foi só na segunda expedição que aprendí o termo *ahewáo*, para 3, mas ouvi com igual freqüência a forma composta de 2 e 1. Não se pode, entretanto, concluir porventura dêste fato que *ahewáo* é uma palavra recente, porquê a comparação linguística mostra que ela existe também entre várias tribus caráibas ao norte do Amazonas e que já deve ser muito antiga. Nota-se, porém, que êsse 3 não entra em nenhum dos numerais mais elevados nem mesmo no 6.

Abstração feita do *ahewáo*, que não é obrigatório, o Bakairí conta da seguinte maneira:

um, dois, dois-um, dois-dois, dois-dois-um, dois-dois-dois.

Começa com o auricular da mão esquerda e diz “*tokále*”, pega no dedo IV, junta-o com V e diz “*aháge*”, passa para III e diz, segurando-o separadamente ao lado de V e IV, “*aháge tokále*”, passa para II, junta-o com III e diz “*aháge aháge*”, pega no po-

legar e diz "*aháge aháge tokále*", encosta o auricular da mão direita e diz "*aháge aháge aháge*". Com o "6" esgotam-se os adjetivos numerais do Bakairí, e êle continua então com IV, III, II, I da mão direita, tocando-os um depois do outro e dizendo simplesmente "*mera*", "*êste*". Toca, do mesmo modo, os artelhos do pé esquerdo e do direito, declarando cada vez "*méra*". Caso não tenha terminado ainda, pega os cabelos e separa-os em todos os sentidos.

Devemos convir em que os índios, se designassem o 7 com "*aháge aháge aháge tokále*", já deveriam calcular para contar, i. é, teriam de contar os próprios números. Por isso, mesmo se não se tratasse de razões mais profundas, a falta de um adjetivo numeral superior a 2 ou 3 já poderia em si constituir um obstáculo. Em relação a números superiores a 6, manifestamente tinham apenas a noção vaga duma soma maior. Imagine-se uma pessoa que queira contar os degraus duma escada, mas que, em determinado ponto, por qualquer motivo não saiba mais exatamente a que número atingiu; enquanto vai subindo, êle sabe muito bem que o número continua aumentando, mas, uma vez perdido o controle sobre a contagem, fica sempre maior a sua incerteza quanto ao aumento progressivo e quanto ao total. Assim os Bakairí subiam até o fim na sua escada de 20 degraus e tinham sem dúvida a certeza de que no primeiro pé estavam mais adiantados que na segunda mão, e de que o segundo pé representava um adiantamento em relação ao primeiro; entretanto não se podia dizer de maneira alguma que, depois de passados 10 dedos e 5 artelhos, êles tivessem uma representação precisa do que nós exprimimos com a palavra "quinze".

Seus conceitos numéricos acabavam com "6", e também a noção do que vai além do "6" só era dalgum modo determinada enquanto se apoiasse na apreensão visual e táctil dos dedos e dos artelhos. Quando se dispunham a contar determinados objetos, sua arte dificilmente ia muito além dos seus conceitos, i. é, dos seus adjetivos numerais. Com Paleko e com Tumayaua fiz uma porção — pego no meu cabelo, quando me vem a lembrança — de experiências e quero em primeiro lugar mencionar o resultado sempre igual, obtido quando se tratava de contar uma quantidade de grãos de milho, etc., superior a 6. Quando eu colocava diante dêles dez grãos de milho, "*atúra?*", "*quanto?*", êles contavam, vagarosa mas corretamente, até "6", pelo modo que adiante será descrito. O sétimo e o oitavo grãos a muito custo ainda eram relacionados com os dedos IV e III da mão direita, o que era acompanhado com os "*méra*", "*méra*" correspondentes, mas os índios então se mos-

travam fatigados e descontentes, fazendo-me lembrar pessoas que, obrigadas a jogar cartas ou resolver charadas, sem terem nisso interesse, dentro em pouco exclamam bocejando: “não, eu não dou para isso”. Os Bakairí também bocejavam, e quando eu insistia com eles, riam ingenuamente ou olhavam descontentes, queixando-se de “*kinaráchu ewáno*”, o que indica, significativamente, “trabalho de cabeça” ou “dor de cabeça”, às vezes até fugiam, e em todo caso negavam-se a continuar o serviço.

Perguntei certa vez a Paleko, se a aldeia dos Nahuquá era grande. Para me responder, ele se pôs a riscar na areia uma porção de círculos, apontando com ar de satisfação, para o desenho. Tinha a intenção de me dar uma idéia da multidão indeterminada das casas, cujo número exato ele próprio dificilmente podia saber, e nem de longe lhe vinha à mente que, desenhando círculo após círculo, ele me dava, assim mesmo, um número limitado. Paleko não tinha idéia de que há gente que sabe precisar uma dúzia de círculos como doze círculos.

Como contavam objetos de quantidade não superior a 6? Quanto eu colocava diante do Bakairí um grão de milho, ele respondia imediatamente “*tokále*”, e costumava ao mesmo tempo pegar no grão e em seguida no dedo auricular esquerdo, mas fazia esses dois gestos tão superficial e mecanicamente que mesmo quando os executava pareciam dispensáveis. Com dois grãos já eram raros os casos em que deixava de recorrer aos dedos de ambas as mãos. Sobretudo quando eu colocava os grãos a alguma distância um do outro, ele sempre os aproximava e, neste caso, também pegava sempre nos dedos auricular e anelar da esquerda antes de pronunciar o número. Ao apresentar 3 grãos, perguntando quantos eram, não houve um caso sequer, em que Paleko e Tumayaua, ou outros com que fiz menos exercícios, me respondessem sem antes dividir o grupo em 2 e 1; primeiro o índio tocava no par de grãos, apalpando-o muitas vezes ainda cuidadosamente, a seguir pegava os dedos V e IV da esquerda e dizia “*aháge*”; tocava depois o grão isolado, aproximava o dedo III do IV e V, dizia “*tokále*” e proclamava finalmente “*aháge tokále*”. De forma idêntica desenrolavam-se as outras provas até 6. Sempre se formavam montículos de 2 grãos, e sempre se tocavam os grãos antes de se acertarem os dedos.

A mão direita apalpava, ao passo que a esquerda calculava. Com 3 unidades já não era mais possível, absolutamente, contar os grãos pelos dedos da mão esquerda depois de contemplá-los simplesmente. O montículo de dois grãos tinha de ser arrumado com a mão. Apresentei a Tumayaua séries de 3, 4, 5, 6 grãos, per-

mitindo que formasse os grupos de 2, mas segurando-lhe a mão esquerda: só poucas vêzes contava ou, melhor, adivinhava, o número certo quando se tratava de 3, nos outros casos proferia uma porção indefinida de "*aháge*". Ambas as mãos eram, pois, precisas quando se queriam contar 3 objetos: em caso de necessidade ainda podia faltar a esquerda, mas a direita era absolutamente indispensável.

Convém notar aquí que nas lendas dos Bakairí freqüentemente ocorrem indicações quantitativas de 2.

Também o 3 aparece; o veado recebe do peixe bagadú três ramos de mandioca para plantar. Kamuschini derrubou 5 árvores, como vimos. O índio que narra a lenda precisa de 3 sentenças para fazer a comunicação. "Derrubou duas árvores piquí. Derrubou mais duas assim. Derrubou uma". Kamuschini leva as 5 árvores para dentro da casa e encosta-as a um pilão. Outras 3 sentenças, e neste caso, no meio da enumeração, o segundo par de árvores não é expresso pelo adjetivo numeral "*aháge*", mas pelo indefinido "*zagóno*", que significa: o outro ou os outros. As três orações são, pois: "Encostou 2 ao pilão. Encostou outras tantas ao pilão. A "uma" foi levada para junto do pilão". Não há dúvida que neste caso a contagem não precisava ser tão complicada como parece. Kamuschini derrubou árvores de diferentes espécies, como Antônio me relatou ao mesmo tempo. E', portanto, bem possível, que, ao contar a lenda, viessem a ser lembradas, a cada uma das três sentenças, as árvores diferentes. Entretanto não teria procedido de modo diferente si se tratasse de 5 árvores iguais, como verifiquei quando falou das 5 estrêlas de Perseu.

Naturalmente nada impede a que se refiram corretamente até a quantidade de 5 objetos, pois possuem adjetivos numerais até "6".

Típica era a conversa em torno do número de crianças. Também os Bakairí vindos da segunda aldeia e que ainda não tinham sido importunados com minhas experiências, confiaram-me, logo no primeiro quarto de hora, que tinham 1, 2 ou até 3 filhos; todos, sem exceção, serviam-se dos dedos para fazer a comunicação. Parecia inaudito aos Bakairí que alguém possuísse "*aháge aháge*" filhos. Bastavam, pois, os adjetivos numerais e os dedos. De mais a mais, não precisavam mesmo de números superiores aos que possuíam. Naquelas condições modestas, em que não surgiam graves questões de posse, não havia a necessidade de se exprimir um número de unidades superior a seis. Deram-me espontaneamente os números para a estatística infantil ora referida, bem como para as jornadas necessárias para se viajar, ao longo do rio, de tribu em tribu, números êsses que eram sempre inferiores àquele

limite. A aritmética rudimentar dêsses selvícolas só revela falta de inteligência por corresponder a um horizonte econômico restrito, mas não tem nenhuma relação direta com a falta de talento. Significa simplesmente falta de exercício. Aquêles homens não possuem rebanhos de gado que os obriguem a velar sôbre determinado número de cabeças, não possuem comércio de mercadorias que devam ser contadas ou referidas a alguma unidade de valor, e só poucas vêzes precisam entender-se sôbre o número de indivíduos, de animais encontrados, caçados ou repartidos entre si, quanto às árvores que derrubam, e coisas semelhantes relativas à economia doméstica ou à vida quotidiana em geral. Para tudo isso basta recorrerem aos adjetivos numerais de que dispõem, ou a outros meios de expressão, palavras ou gestos que os faculem a indicação duma multiplicidade indeterminada. Possuem o princípio da contagem, a abstração do número, que o povo caraíba de origem, já possuía, em remotíssimas épocas; o desenvolvimento subsequente depende exclusivamente do interêsse. A sua pouca necessidade de se ocuparem com a quantidade dos objetos, é a meu ver caracterizada ainda mais pela ausência do plural do que pela falta dos adjetivos numerais. Árvore, árvores e madeira é tudo “*se*”; casa, casas e aldeia sempre se diz simplesmente “*éti*”.

Nós, que continuamente estamos às voltas com números, porquê representam o esqueleto de todo o nosso saber, possuímos uma porção de conhecimentos aprendidos que abrangem tôdas as relações numéricas comuns e de repetição “regular”, e não temos necessidade, em muitos casos particulares, de recorrer à observação própria. Provavelmente nunca contamos os nossos artelhos; não obstante sabemos muito bem que são em número de 10. Podemos usar um colete durante um ano inteiro, vestindo e despindo-o diariamente, sem contudo podermos dizer quantos botões nêle estão pregados. Ora, o aborígene se apega a cada fenômeno isolado e não tem idéia de leis. Perguntando-se-lhe pelo número de seus dedos, de bom grado êle nos faz o obséquio de contá-los. Concede a pergunta do mesmo modo como um europeu de quem se indagasse o número de botões do colete.

A maneira pela qual a arte de contar dos Bakairí, extremamente parecida com a de tribus australianas, podia ter continuado regularmente a sua marcha evolutiva, pode ser aferida por um exemplo frequentemente citado e que se refere aos Tamanako do Orinoco, seus parentes próximos, se bem que especialmente muito afastados. Êstes realizaram o conhecido progresso de tirar da mão um adjetivo numeral para “5”: “mão inteira”; “10” são “duas mãos”, “15” um “pé inteiro” e “20” “um homem”. No

“4” dos Tamanako, ainda se conservou o “2”, a mesma palavra do idioma dos Bakairí, mas aquêles deram ao vocábulo uma terminação que determina o sentido, e não dizem mais “dois-dois”. Reconhecemos o sistema dos gestos digitais dos Bakairí, mas que já criou os adjetivos numerais correspondentes.

Enquanto Paleko estava ocupado em trançar cestas, ou quando de noite, eu me balançava, durante longo tempo, na rêde sem poder dormir, eu refletia muito sôbre o modo de contar dos Bakairí. Também aquí, onde as relações são as mais simples possíveis não se conseguiria encontrar um indício suscetível de desvendar o curioso segrêdo da origem da abstração do número no espírito humano?

Em tôda parte observou-se entre os aborígenes que êles em primeiro lugar contam com os dedos, e que assim se arranjam melhor do que com os adjetivos numerais. Desta experiência universal tirou-se a conclusão de que os gestos numerais são anteriores aos adjetivos numerais, e de que êstes se originaram daqueles. Mas não se deve pensar que êsses gestos digitais são destinados simplesmente a comunicar o número, como se tivessem, em primeiro lugar, a finalidade, de dar maior clareza; como, p. ex., o italiano, que, quando diz “3”, logo mostra 3 dedos. O aborígene serve-se dos seus dedos para calcular, do mesmo modo como quem pega nas bolas duma máquina de contar. E’ verdade que, para contar um ou dois objetos, o índio muitas vêzes toca os dedos da mão esquerda de maneira tão superficial que o movimento toma o caráter dum gesto puramente comunicativo. Mas quem alguma vez presenciou o trabalho cuidadoso e exato, representado pela contagem de 3 grãos de milho, quem observou como o Bakairí primeiro apalpa os grãos e em seguida os dedos da mão esquerda, não há de duvidar de que esta constitue, para o aborígene, uma máquina de contar. Da mesma forma o índio apalpa também os dedos e artelhos além do “6”, como se fôsem bolas duma máquina de calcular, e absolutamente não se pode dizer que êle aponte para êles com fim simplesmente comunicativo ou até os mostre livremente para explicação mímica, na medida em que isto é mecânicamente possível.

Mas a possibilidade de se remontar a arte de contar ao seu grau mais primitivo, no qual ainda se devem apalpar nos dedos o “2” ou o “3”, absolutamente não representa progresso para a sua compreensão pròpriamente. E’ sòmente com o “2” que começa o enigma, pois como será que em tôda parte os homens chegaram a pensar: $1 + 1 = 2$, i. é, a reúnir numa nova unidade dois

objetos isolados de igual natureza? A natureza só apresenta objetos em repetição infinita; compreende-se facilmente que se tenha apontado para os objetos um depois do outro, que concomitantemente se empregasse um dedo e um adjetivo demonstrativo qualquer; não há também dificuldade em imaginar, no tocante ao papel da linguagem mímica, que, para si mesmo, o homem tenha simbolizado um a um, pelos dedos, objetos imaginados, apontando então sempre para um dedo, como o representante perceptível aos sentidos. Dêste modo, sem dúvida, pode-se saber e exprimir que se têm todos os objetos ou que alguns faltam, o que em certo sentido também é contar; assim, porém, só se atinge a uma enumeração de objetos presentes ou ausentes, acompanhada de gestos e palavras demonstrativas, mas não à idéia de unidade do “2”, que reúne dois objetos isolados.

Tem-se dito que o “2” se originou das relações entre a primeira e a segunda pessoa = “eu + tu”. Em oposição a estas duas, tôdas as pessoas restantes teriam sido “muitos” = “3”. Para mim esta explicação é absolutamente incompreensível. Compreendo que “eu + tu” se tornem “nós”, ou que “meu e teu” se transforme em “nosso”, mas em “2”? Que ligação pode haver, mesmo em sentido puramente comparativo, entre a relação de “eu e tu” e duas flechas que eu tenha na mão ou duas mulheres que eu encontre no caminho? Nem consigo imaginar que alguém — salvo se tivesse a intenção de inventar a arte de contar, — para exprimir “eu e tu” por meio dum gesto, mostrasse dois dedos, mas creio que apontou para si próprio e para outrem.

Nutriu-se a esperança de conseguir uma solução com auxílio da etimologia dos adjetivos numerais, e seguiu-se o caminho que o “5” = “mão”, tão disseminado, parecia indicar. Disse então que, embora seja obscuro o sentido primitivo das palavras correspondentes a “1” e “2”, há razão para se admitir que êle tenha correspondido a um modelo análogo do corpo. Si se quisessem explicar, desta maneira, sòmente palavras numerais, i. é, termos, que certamente se podem ter originado duma comparação, nada haveria a objetar contra a possibilidade. A origem de um gesto digital que signifique “2”, entretanto, absolutamente não se torna mais clara pela comparação com a “mão” = “5”. Lembremo-nos de que o “5” = “mão” é uma conquista muito recente. Há toda uma série de povos primitivos que contam sem terem chegado a realizá-la. Os Bakairí que, manifestamente, já devem calcular há muitos séculos, ainda hoje não possuem a palavra dos Tama-nako, os quais por conseguinte, a obtiveram sòmente depois de se separarem do povo caraíba primitivo. Se tal fato nos ensina que

pode haver um longo espaço de tempo em que se conta muito bem sem possuir o “5” = “mão”, não nos devemos admirar dessa significação ter surgido algum dia, tão somente concluir que se usaram os dedos para contar. A mão a princípio não era modelo, mas um determinado limite empírico de cálculo. A mão, que de fato oferece um limite natural para o “5”, infelizmente não o pode dar também para o “2”. Até atingir o “5” a mão apresenta apenas dedos isolados, cada um dos quais pode simbolizar, por meio dum gesto, um objeto presente ou imaginado, mas não oferece nenhum modelo para uma unidade de dois dedos, que, p. ex. pelo tato, se tivesse apresentada por si mesma.

Mas não teriam constituído então os órgãos pares o “modelo” mais simples duma unidade natural para “2”? Certamente, mas somente depois de se saber contar, e a partir de então sem dificuldade alguma. Já antes de contar, o homem terá feito, necessariamente, a observação de que olho e olho, asa e asa, têm o mesmo aspecto, mas não se pode supor que esta observação tenha dado origem ao gesto, pelo qual se tenha marcado um limite depois de “olhos” dedos, aplicando a abstração a quaisquer objetos. O homem comparou simplesmente olho com olho, asa com asa, e nem sequer tinha motivo para estabelecer uma comparação entre os dois olhos e as duas asas ou os dois braços, muito menos ainda de fazer em ocasiões propícias, na série prolongada de dedos, cachimbos, peixes que encontrasse, uma determinação comparativa segundo “olhos” ou “asas”, a não ser que declarasse: “agora vou contar”. Deve-se também frisar sempre que o aborígene apalpa o dedo quando conta. E a hipótese de que ele tenha concebido o primeiro “2”, apalpando primeiramente um par de olhos ou de asas, não será fantasiada nem mesmo pelo mais ávido caçador de símbolos.

Nem tão pouco o homem teria conseguido abstrair o “1”, como primeira representação numeral, de “nariz” ou de “bôca”; podia denominá-lo, não obstante, segundo estes órgãos, logo que possuísse a abstração. Mas encostando o dedo ao nariz, ou representando o nariz pelo dedo, não teria, como vimos, progredido nada na arte de contar, pois com os 1, 1, 1, 1, assim obtidos, que sem o “2” não teriam sido melhores que o demonstrativo “méra” dos Bakairí, nunca teria conseguido a primeira soma. A reunião dos seus “1” em qualquer caso pode ter formado apenas um “muito” indeterminado.

Já que não é possível compreender de que modo o homem desconhecedor de números teria feito o “2” de $1 + 1$, não se resolverá talvez o problema, indagando se o formou de uma só unidade?

Tanto na linguagem digital como na vocabular, o Bakairi conta pelo seguinte esquema: I, II, II I, II II, II II I, II II II, sendo que I = *tokále*, II = *aháge*.

Se bem que possua uma palavra especial para “3”, faz dela somente um uso estrito. O “2” não pode ocultar o seu predomínio primitivo, não tendo sequer permitido a formação de um “*ahewáo ahewáo*” = “6”. Os objetos que se contam são divididos em grupos de dois. Para contar “3” e “5” o índio não forma I II “*tokále e aháge*” e I II II “*tokále aháge aháge*”, mas II I “*aháge tokále*” e II II I “*aháge aháge tokále*”. Tem-se, portanto, quase a impressão de que o “2” existiu não só antes do “3”, mas também antes do “1”.

Foi esta idéia que me indicou o caminho que me parece ser o certo. Este caminho deve ser necessariamente um processo que se repita em toda parte e que se caracterize por uma simplicidade surpreendente e regular, e deve falar por si mesmo sem se incomodar com o que diz a etimologia; deve ser de uma natureza tal que o tenhamos que admitir de antemão nos casos em que ignoramos os adjetivos numerais.

A que resultado chegamos se admitimos que o homem obteve a unidade “2”, dividindo um inteiro em duas partes? Se, em vez de começar por um “2” correspondente a um número de unidades, principiou com o número de pedaços? Adão e Eva, suponho, já contavam até “2” no Paraíso, pois a árvore era divertida e os fazia inteligentes. Não separavam, porém, “2” maçãs dentre as que haviam colhido, olhando-se mutuamente nos olhos, e contemplando as maçãs para em seguida pegarem 2 dedos, ou dizendo “minha e tua” maçã; mas Eva, como esposa amável, queria que Adão comesse da mesma maçã que ela. E assim ela fez imediatamente a curiosa observação de que, oferecendo uma maçã ao seu marido, quebrando ou cortando-a, dividia-a todas as vezes, sem exceção, com o primeiro corte, em “2” partes, iguais ou desiguais mas sempre em “2”. E quando cortava um dos pedaços, dividia este novamente, pelo corte, em 2 partes; em resumo, fazia o que fazem os Bakairi: de I obtinha II, cortava o I e obtinha II I cortava o outro I e obtinha II II, cortava novamente I e obtinha II II I, cortava mais uma vez e tinha então II II II.

E quando Eva, que tinha um modo de falar um tanto prolixo, em seguida examinava minuciosamente, uma após outra, todas as particularidades do processo, representando-o com gestos animados e fazendo voltá-lo à memória, ela dizia: “cortei uma maçã, e as-

sim obtive êste pedaço”, e tocava no primeiro dedo da mão esquerda, — “obtive êste pedaço”, e tocava no anelar, ao lado; “os pedaços eram muito grandes, cortei outra vez, e obtive êste pedaço”, e tocava no dedo médio da mão esquerda — “e obtive êste pedaço”, e tocava no indicador vizinho. Tôdas e tôdas as vêzes que Eva representava assim a divisão duma maçã, o primeiro limite se encontrava depois do anelar. Assim não podia ela evitar, de modo algum, o ter sempre de novo na mão a unidade “2”, pois sempre que fazia 2 pedaços, ela os via juntos antes de repartí-los, e a cada representação dum processo assim por meio de gestos dos dedos, correspondia o mesmo limite a êste “juntos”. Eva tivera de obter os dois pedaços concretos por meio da divisão, e o “2” do futuro cálculo conciente, por meio da memória secundada pelo gesto. Lia pelos dedos os pares que formara, quer fôsse um par, um e meio ou dois pares.

Voltando do Paraíso para a realidade, poderíamos resumir da seguinte forma o processo mental:

Se nos dedos não se encontra limite natural para o “2”, e se uma tribu conta a partir do auricular, outra a partir do polegar, e a dos Coroados segundo Martius até calculada pelas articulações dos dedos, a contagem do “2” não foi aprendida, como se poderia imaginar para o “5”, nalgum modelo existente na própria forma da mão. E então deve-se reter bem que o Bakairí só calcula na esquerda o que êle apalpa com a direita. Não é capaz de transferir o número dos órgãos apenas com o olhar para os dedos da esquerda, mas deve dispô-los primeiro em ordem. O seu cálculo divide-se em dois processos: o de dividir os objetos em grupos de 2, e o de representar, nos dedos, pares e objetos isolados. Mas êle já divide e calcula com a mão direita, recorrendo só para a esquerda, afim de buscar, por assim dizer, a abstração. Aquêlê importante degrau preliminar, a que, segundo creio, não se atendeu até agora, é proveniente duma percepção tátil. Deve-se, por tanto, remontar necessariamente a origem da primeira unidade do “2” aos objetos que o aborígene pegava e de qualquer modo tratava com as mãos. Êsses objetos devem conter uma lei, a qual, quando se os manuseassem, fornecesse o “2” concreto e que, na representação habitual pelos dedos, trouxesse com segurança a abstração do “2”, e isto porquê se fazia a mesma observação com todos os objetos.

Pode-se quebrar um objeto em muitos pedaços, mas tudo que se quebra ou corta de modo regular, quebra-se ou corta-se primeiro em 2 pedaços. Posso tomar na mão 1, 2, 3, 4 varas, e nada

me ensina a reunir essas varas isoladas em unidades de números, mas se tomo uma vara, quebrando-a — convir-se-á que, desde que existe a humanidade, e onde quer que, no mundo, se quebrassem varas, sempre eram quebradas primeiro em “2” pedaços. Quebrando-se por sua vez o primeiro pedaço em 2, e o segundo em 2, obtém-se a sequência dos números com o sistema dos grupos de 2, dos Bakairí ou dos australianos. Na representação do processo sempre desenrolado da mesma maneira, pelos gestos digitais, que os povos primitivos empregam em toda e qualquer demonstração, o Bakairí primitivo sempre apontava para o dedo auricular e o anelar, e o Coroadó sempre indicava primeiro as articulações superiores dum dedo: aquí se marcava, num e noutro caso, um primeiro limite, mas um limite sempre constante no mesmo povo, um limite empírico. Êste era o gesto digital “2”, e a palavra “junto” “pronto” “muito” — há toda uma série de possibilidades, — que encerrava o primeiro processo, veio a ser o adjetivo numeral “2”, e o primeiro processo era seguido por um outro igual para 3 e 4.

A representação do “2” formou-se e praticou-se primeiro com pedaços. Pode-se tê-la transferido dentro em pouco para outros objetos análogos que o homem tivesse nas mãos e que se parecessem do mesmo modo como dois pedaços; a unidade “2” formada de dois inteiros dava a mesma impressão visual e tátil que aquela de dois pedaços. $2: (1 + 1) = 1: (1/2 + 1/2)$. A nova unidade devia, com êste progresso, livrar-se também do processo de cortar e quebrar e aplicar-se a outros, como o de dar, de tomar e de dividir, que se desenrolavam com as mãos e que, de modo análogo se passam com pedaços ou inteiros.

A ação de dividir era sempre a mesma, os objetos variavam livremente, assim se chegou a prescindir da natureza dêles, obtendo a abstração do número “2”. Essa abstração, porém, foi conseguida somente pela atividade, e não pela simples aparência das coisas, com a que apresentavam, p. ex., os órgãos pares do corpo. O primeiro fundamento seguro se baseava, portanto, na experiência de se poder dividir, sem calcular, um inteiro em duas metades: quando se quebrava um dos pedaços, não era mais necessário apalpar e marcar, sabia-se que o resultado devia ser “2”. Mas em primeiro lugar tratava-se das metades dum inteiro no caso dos órgãos pares. De acôrdo com os ensinamentos de toda experiência êsses órgãos tinham sido concebidos como um todo, não existiam homens de um ou três olhos, ou de uma ou três pernas, e sempre se sabia pela intuição que não eram mais nem menos, embora não se exprimisse o fato conceitualmente.

O claro limite inicial, que ainda hoje reconhecemos nitidamente nos Bakairí, é a divisão do inteiro em sua metade. Pois logo que chega ao 3, êle deve recorrer, não só à máquina de contar, mais também ao sentido do tato. Ainda êle nem sabe dizer sem refletir que possui 5 dedos, embora os saiba contar; o conhecimento seguro só vai até ao "2", o que também fica provado pelos desenhos que mandei fazer por aquela gente. Em face de quaisquer objetos iguais o Bakairí ainda hoje se vê diante duma quantidade indeterminada, e por isso, quando lhe apresento para contar dois grãos de milho, que não são as duas metades dum inteiro, êle repete o processo antigo, tocando-se com os dedos; neste caso o Bakairí sem dúvida já é capaz de contar sem auxílio dos dedos, mas fá-lo muito raramente. Quando se trata de 3 grãos de milho, êle, contemplando-os apenas sem os apalpar e efetuar na esquerda a soma $2 + 1$, não consegue dizer, nem com a melhor vontade, que são em número de 3.

Sòmente a percepção do tato delimitou a princípio os diferentes objetos. Para compreendermos por que motivo os Bakairí se cansavam, devemos imaginar-nos contando no escuro e possuindo apenas os adjetivos numerais 1 e 2. Estamos tão habituados a contar com os olhos que nos é difícil, compreender ter sido essa habilidade adquirida sòmente após longo exercício, e sòmente mediante a posse de adjetivos numerais mais altos e a pronúncia, em voz alta ou baixa, destas palavras, capazes de substituir o apalpamento pelos dedos. Não obstante basta tomarmos os ouvidos em vez dos olhos para logo verificarmos que tudo depende apenas de exercício e passarmos a um outro sentido, embora equivalente, para não registrarmos ou contarmos muito melhor que o Bakairí encarregado de dizer o número dos grãos de milho. Quem é que não acompanha em voz alta ou baixa as pancadas do relógio, que queira contar, e cujo número ignore naturalmente? E imagine-se por um momento que, em vez de dispôr duma série de adjetivos numerais, cada um dos quais dispensa o trabalho de guardar na memória o anterior, só se possuem as palavras correspondentes a 1 e 2; não se recorreria imediatamente ao auxílio dos dedos para, no caso de 6 ou 8 pancadas, indagar dêles imediatamente a soma, exatamente como o fêz o Bakairí no seu caso? O fato de se extinguir uma pancada depois da outra, não altera essencialmente a comparação; o olhar também deve passar de objeto para objeto. Imaginemos, por outro lado, alguém que tenha muita prática em registrar impressões auditivas; compreenderá êle como é que nós podemos dizer que ouvimos bater o relógio,

mas que não sabemos quantas foram as pancadas? Sorriria compassivamente ao nos ouvir acompanhar em voz alta o bater do relógio. Entretanto também êle se teria de servir dos dedos se os seus adjetivos numerais não exprimissem unidades superiores a 2 e 3.

Assim como nós não estamos habituados a contar com o ouvido, o Bakairí não o está com os olhos. Depende ainda quase exclusivamente do resultado da percepção tátil. A base, sôbre a qual, incentivados pelo interesse e pela necessidade, se deveriam ter efetuado o desenvolvimento e a formação de unidades superiores, já existiu há muitas gerações, mas quão insignificantes não eram o interesse e a necessidade na vida familiar primitiva! Mesmo para repartir, que — pensamos espontaneamente — devia levar o homem a “prestar contas”, quase não era necessária a arte de contar: pois dava-se e recebia-se, e o objeto que se pregava era mais seguro que os dedos.

Vejamos, agora, novamente os adjetivos numerais dos Bakairí e examinemos de que modo a etimologia dessas palavras, na medida em que ela oferece alguma segurança, concorda com o desenvolvimento desvendado à vista das experiências. A comparação não deixa de ter o seu valor porquê os dois estudos foram feitos completamente independentes um do outro, e porquê a expedição dos adjetivos numerais se apoia exclusivamente nas razões de ordem fonética e na comparação linguística.

Do “*ahewáo*” “3” não consigo tirar nada. A palavra ocorre numa série de tribus do norte, às vêzes com formas bastante modificadas, mas que certamente poderão ser conciliadas. A grande incerteza que os Bakairí ainda revelam na contagem do “3” está ligada, possivelmente, ao luxo singular de duas expressões numerais; a determinação dos pares ainda é o principal, e só ao que vai além da determinação do primeiro par, o caso mais comum, corresponde uma palavra especial. Na contagem difícil de objetos cujo número ultrapassava o de “3”, sòmente ouvi “*aháge tokále*”, de modo que as duas expressões são empregadas mais ou menos como “doze” e “dúzia” e que ao “*ahewáo*” ainda insere, talvez algo, de indeterminado da sua significação primitiva, pelo que também não é aproveitado para nenhuma combinação de números mais elevados. Na língua dos Kamayurá, “3” significa *moapiüt*, termo que pode ser determinado com precisão. Compõe-se do causativo *mo-*, *mbo-* e *apiüt*, *apy* cume, ponta.

O dedo mais alto, ou dedo-cume, é o médio, que marca o “3”; já constitue, portanto, um limite natural como 5 = mão. No idioma dos Auetö, muito aparentado ao dos Kamayrá, 1 e 3 se dizem

de forma bem diferente que no kamayurá-tupí, ao passo que o termo para 2 coincide. Tal fato assemelha-se muito ao que se observa nas várias tribus caraíbas.

Felizmente não há incerteza quanto ao sentimento do adjetivo numeral mais importante "*aháge*". Este termo é também o mais valioso para a comparação linguística, pois é encontrado, geralmente com poucas diferenciações, em todo os povos puramente caraíbas, representando, mesmo, uma verdadeira palavra diretriz. Foneticamente o "*aháge*" deriva de "*atáke*". Decom põe-se em duas partes: o primeiro, o *a-* demonstrativo, que também forma o prefixo pronominal da segunda pessoa, e que se refere àquilo que, estando fora do próprio corpo, se acha mais próximo dêle; e segundo, a posposição "*-take*", "*-sake*", "*-hage*". "com, juntamente com" "junto de", "com isso", "conjuntamente". Vê-se, pois que o vocábulo não contém nada de mão ou dedo, nem de olhos, asas ou braços.

"Muito" se diz "*aági*", ou mesmo simplesmente "*ági*". Como também já registei "*ahági*", e como entre os dois *a* certamente deve ter havido uma consoante, esta palavra muito provavelmente se identifica, quanto à origem, como o "*aháge* '2'", — identidade essa, que, há muito, desapareceu do senso linguístico dos Bakairí modernos. Assim os significados "2" e "muito" se teriam derivado do sentido "junto de", o mais antigo sentido verificável hoje em dia, e que corresponde, mais ou menos, ao nosso "conjuntamente"; a palavra para o algarismo definido e a palavra para a quantidade indefinida seriam, pois, apenas diferenciações fonéticas da mesma forma primitiva (57).

Vemos que a história da palavra Bakairí para o algarismo "2" está de pleno acôrdo com a suposta criação do conceito dos algarismos. Com êste conceito vimos a saber que a observação primeira de que um objeto regularmente partido se separa em "2" pedaços não ficou muito tempo alheia à observação subsequente de que de um objeto, partido irregularmente, uma quantidade indeterminada de pedaços fica "em conjunto" nas mãos. Mas cai agora do nosso desenvolvimento psicológico, um raio estranho de luz

(57) — Assim no alemão a mesma raiz *paar* — "2" — e "alguns" não é nem mesmo diferenciada foneticamente mas somente sintaticamente e para quem creve "*Paar*" e "*par*", grãficamente. A sintaxe não é sequer seguida consequentemente. Porquê se diz "*das Paar Handschuhe*" (o par de luvas) ou "*ein Paar Handschuhe*" (um par de luvas) diz-se também "*die par Leute*" (poucos homens) ou "*ein par Leute Waren da*" (alguns homens estiveram aqui), em vez de dizer corretamente "*Wenige Leute*" (poucos homens), também sem artigo "*par Leute Waren da*".

sôbre a Etimologia. A origem da proposição “sake”, “hage”, que deve significar alguma coisa como “comunidade” para falar bem abstrato, precisa ainda ser esclarecida.

Encontramos também no material das anotações uma raiz verbal, que tem o mesmo som, mas que ninguém colocaria em relação com o conceito “comunidade”: *lenhar*! O trabalho do machado de pedra que parte o tronco. Isso é pelo menos interessante e podia levar-nos a supor que no Caraíba “quebrar lenha”, “pedaços de madeira” ou “lenha” (comunidade), “em conjunto”, “dois” poderiam desenvolver-se separadamente, a-pesar-do nosso “zusammen”, “samt”, “sammelu” ou “sama” do Sanskrit, o “hama” do Zend, o “same” do inglês e o “ἄμα” (hama), “ὁμοῖ” (homos) do Grego, etc., serem de uma origem única. Nesse caso seria a língua último elo faltante, ela forneceria a prova da formação da primeira abstração do algarismo “2”, do exemplo concreto do quebrado (partido) e com isso ficaria completada por uma corrente de provas indutivas, sem falhas, a série de conclusões finais dos meus estudos, que tinham chegado sômente a provar sua descendência do trabalho manual.

Em tupí “2” diz-se *mokói*, composto do causativo *mo-*; *koi* significa “par”. Portanto “2” “faz par”. Mas que é *koi*? Fato curioso é que *kopi* — correspondendo exatamente ao bakairí *sake* — significa lenhar! Entre as duas vogais de *koi* desapareceu uma consoante; admitindo que de *kowi* se tenha originado *kobi*, que seria um processo muito vulgar, teríamos a mesma origem do “2”, tal qual poderia ser concebida para o bakairí.

Resta-me falar, ainda, do “*tokále*” “1”. Compõe-se de “*toka*” e da párticula de reforçamento “*-le*”, “*toka*” quer dizer “arco”. Como cada homem possui um só arco, e como a cada arco correspondem muitas flechas, o arco representa, dentre todos os utensílios, o modelo mais simples para o “1”. A derivação é um tanto suspeita, por ser bela demais. O “*toka*”, sem dúvida, tem uma constituição fonética tal, que, segundo as leis fonéticas que vigoram no bakairí, esta palavra não se precisa modificar. É muitíssimo surpreendente o fato de haver, entre os Caraíbas setentrionais, um número muito diminuto de correspondências para “*tokále*”; são menos numerosas do que as para “*ahewáo*” e muito menos numerosas do que as para “*aháge*”. É permitido, certamente, excluir aquí a possibilidade de um acaso, e ver nesta circunstância, também por parte da linguagem, um testemunho favorável à hipótese de que a contagem propriamente dita, i. é, por conceitos, começou com o “2”.

II. ADJETIVOS PARA CÔRES

Materias corantes. A explicação da etimologia. As matérias corantes anteriores à necessidade do emprêgo de adjetivos para côres. Aplicação nos nomes de animais e de plantas

Os adjetivos para as côres revelam, de forma não menos evidente que os numerais, que o desenvolvimento depende do interêsse.

No Xingú empregam-se as seguintes substâncias corantes, que se tôdas mencionadas já nos capítulos anteriores.

O branco é argila, branca como giz, que é conservada nos ranchos em forma de bolas do tamanho duma cabeça de criança. As mulheres, quando fiam, esfregam, com essa substância, a coxa direita, sôbre a qual torcem o fio. Quando empregada para tal fim, a argila é misturada com água. Nunca é usada para a pintura do corpo, e também nos utensílios é muito limitado o seu emprêgo, restringindo-se quase exclusivamente às máscaras, cuja pintura precisa resistir apenas durante poucos dias, como, p. ex., pedaços pintados de casca de árvore, etc.

O Carvão de lenha e a fuligem, a polpa do bago do genipapo (*Genipa*) e várias resinas fornecem o preto. Para enegrecer o interior das cuias, emprega-se carvão da casca da haste de burití.

O barro de côr vermelho-amarelado até vermelho-pardo parece estar suplantado pela tinta de urucú. Era comido em épocas antigas, sendo ainda empregado, hoje em dia, para a moldagem de pesadas bonecas para crianças, e, além disso, afim de ser esfregado em sarjaduras.

Carvão de lenha e fuligem são esfregados diretamente como o branco, ou então misturados primeiro com o urucú. Como liquido emprega-se, ou o óleo da fruta piquí (*Caryocar butyrosom*), ou o extrato amarelo e gomoso duma árvore do campo cerrado, a que os Bakairí, chamam de *ochogohi* e cuja casca, depois de raspada, é colocada em água para a obtenção do extrato. As tintas são trituradas numa cuia ou num pote, ou de preferência, quando se trata de picar resinas por meio do machado, na cavidade dalgum banquinho. Há sempre uma reserva de urucú, sob forma de pasta e embrulhada em fôlhas, nas cestinhas de utensílios que se observam ao lado da rêde.

As matérias corantes de que dispõe o índio, são, por conseguinte, o branco, o preto, o vermelho e o amarelo. O preto do genipapo é azul-preto, o vermelho do urucú é de tonalidade ver-

melha-tijolo para alaranjada, que, misturado com o sumo amarelo do ochogohi, perde muito de seu vermelho. Não existem substâncias corantes azues, nem verdes.

A teoria, segundo a qual na humanidade o sentido das cores se teria desenvolvido paulatinamente, e que se apoiava no fato de que a distinção das cores, na linguagem, é imperfeita até nos povos de cultura elevada, e de que principalmente o azul e o verde são designados, com extraordinária frequência, pela mesma palavra, está hoje em dia, abandonada. Em todos os povos primitivos que se estudaram verificou-se que distinguem perfeitamente, com a vista, as diferentes impressões de cores, separando, p. ex., duma multidão de novelinhos de lã, os matizes iguais com segurança normal, não se podendo, portanto, falar de daltonismo; mas que, não obstante, confundem, no vocabulário, com surpreendente regularidade, o azul e o verde. A solução certa do problema foi indicada por Ernst Krause (Carus Sterne). O homem, sempre mais sensível, por disposição natural, à enérgica impressão do vermelho, encontrou precisamente para esta cor a maior abundância de tintas minerais e vegetais. Abstração feita do preto e do branco, segue-se, em ordem de abundância, dentre as materias corantes já preparadas pela natureza, o amarelo, ao passo que, as tintas verdes e azues são apenas produtos mais recentes da técnica. Em correspondência com o uso, desenvolveram-se também os nomes para as cores.

Numa fôlha do meu diário de viagem, Wilhelm me havia pintado manchas das seguintes cores: azul-ultramarinho, azul-cobalto, verde-esmeralda, verde-gaio, carmim, rosa-granza, cinábrio, alaranjado, amarelo-cádmio, siena-queimada, sépia e preto-marfim. A tentativa de obter os nomes das cores pela apresentação de objetos de cor viva, falhou por completo. Os índios davam-me os nomes dos objetos, exclusivamente ou confundidos, com nomes de cores, e poderia ter estabelecido uma lista divertidíssima dessas palavras, que não designavam nenhuma cor. Um Waurá quase me levou ao desespero, e precisamente ele parecia possuir palavras diferentes para azul e verde. Mas também nos casos em que estava excluído este engano — o que se conseguia do melhor modo pelo emprego dos nomes de cores das tribus vizinhas, já obtidos com segurança —, quando os homens de fato se moviam no trilho certo, o registo quase sempre tomava as feições duma verdadeira prova de paciência. Refletiam, hesitavam de vez em quando, discordavam às vezes: era claro que eu pedia algo de descomunal. Somente os Auetö, os diligentes pintores, se mostravam expeditos. Além disso, porém, havia também uma dificuldade de minha parte;

é que eu não só tinha de habituar-me a ouvir a mesma palavra para verde-esmeralda e azul-ultramarinho, mas também recebia outras informações supreendentes que, eu só podia compreender posteriormente, à luz de estudos linguísticos.

Era comum em tôdas as tribus o terem uma palavra para o vermelho e o alaranjado, outra para o amarelo, uma terceira para branco, e uma quarta para o preto. Isto concorda, portanto, completamente com as substâncias corantes empregadas pelos índios. Os Auetö tinham a mesma palavra, o “branco” do idioma tupí, para dizerem branco e amarelo-claro. Os Trumaí eram os únicos que possuíam duas palavras para azul e verde, enquanto os outros designavam estas duas côres com o mesmo nome. Para os Bakairí, no entanto, *tamagenéng*, azul, significa também preto e pardo-escuro, e verde se traduz *tukuéng*; aconteria que alguém empregava o *tukuéng* para dizer azul, mas o *tamagenéng* nunca era usado para verde. Esparsamente, observavam-se os fatos mais curiosos. Um Trumaí e um Nahuquá designavam com a mesma palavra o azul e o amarelo-cádmio, um Bakairí e um Mehinakú tinham o mesmo nome para o verde e o vermelho — quem quisesse, podia descobrir as várias formas de daltonismo entre os primeiros que se examinavam.

A chave para êsses fenômenos pode ser dada sòmente pela pesquisa linguística. Estou em condições de dar a significação primitiva de um certo número de nomes de côres, em quantidade suficiente para explicar possibilidades dêsse gênero. Com tôda certeza a palavra dos Kamayurá “azul” ou “verde” *i-tsovũ-maé* “côr de periquito”, de *tsovũ*, nome duma espécie de *Conorus* ou periquitos. Êstes papagaios têm, na sua plumagem, o verde-gaio e o azul índigo. Em tupí o mesmo nome de côr se diz *çúgui*, *cy*, e o periquito chama-se *tovi*, *tui*, *çivi*, *çiui*. Graças à forma kamayurá *i-tsovũ-maé*, ficou conservada ainda a origem de *çugui*, que na forma tupí já não pode ser conhecida. Quando eu mostrava ao índio uma mancha azul, ou outra verde, quando lhe apresentava um colar de missangas azues ou uma fôlha verde, êle sempre acertava com sua resposta, “côr de periquito”. Dependia só da parte da plumagem que lhe vinha à mente. A palavra auetö *i-kör-etú*, “verde” ou “azul”, corresponde, talvez, ao tupí *jeru*, papagaio, derivado, por abrandamento, de *keru*, de modo que aquí teríamos o adjetivo “cor de papagaio”.

O *tukuéng* “verde” dos Bakairí remonta igualmente ao periquito *zugúri* (58). Como há uma espécie de periquitos que o

(58) — O nome do periquito é onomatopaico, por isso muito semelhante nos Bakairí, Tupí e Borôro.

gentio costuma conservar em suas casas, e que tem uma linda mancha vermelha ao lado do bico, admito que uma mulher bakairí se lembrou dessa avezinha, quando, para admiração minha, me indicou para as cores verde-esmeralda, cinábrio e azul-ultramarinho, uma atrás da outra, o nome de *tukuéng*! Se estiver certa a minha suposição, a índia tinha toda a razão, entretanto eu próprio naquela ocasião não tinha ainda idéia da correlação, e, sacudindo a cabeça, registei o resultado com um grande ponto de exclamação. Felizmente os nossos índios não derivaram nenhum nome de cor da arara vermelha do Baixo-Xingú, porque neste caso poderiam ter explicado ao europeu surpreendido, com uma só palavra, uma palheta inteira com quase todas as cores berrantes. E', além disso, pelo menos possível que a palavra bakairí e norte-caraíba para vermelho signifique "cor de fruta"; neste caso alguém, que absolutamente não precisa sofrer de daltonismo poderia, excepcionalmente, empregar a palavra também para o verde (verde-esmeralda ou verde-gaio), enquanto os outros a usariam geralmente para designar o alaranjado, o cinábrio e o carmim. Pode-se defender muito bem a derivação da palavra tupí *ti*, *ting*, *tinga*, para "branco", de *ty* urina, suco, caldo; assim não seria surpreendente o fato de os Auetö designarem com essa palavra o branco e o amarelo-claro.

A palavra para branco dos Bakairí é "cor de sal"; para preto "cor de fuligem". A última palavra serve, como já dissemos, também para azul e marron-escuro; "verde" — cor de periquito — pode também ser "azul", mas "cor de azul-fuligem" não pode ser "verde".

Depreende-se de tudo isso que alguns dos nomes para cores podem ter vários sentidos. E' claro que, em tais casos, o emprêgo se decidirá, pouco a pouco por uma das qualidades, o que depende exclusivamente do uso, que desenvolve a necessidade da diferenciação. A necessidade de distinguir cores, impõe-se, em primeiro lugar, para as próprias substâncias corantes. Não parece, de maneira alguma, ser comum o fato de se derivar da matéria corante o nome da cor, pois, para isso, só consigo encontrar um exemplo no bakairí; azul-preto = cor de fuligem; assim também no tupí *una* preto = "queimado", e a forma frequentemente indicada para os animais, *pischuna*, significa "pele queimada". Também esta palavra é usada para "azul"; a arara magnificamente azul passou para a zoologia como "*Psittacus ararauna* = *arara una*". Em nenhuma tribo o nome do urucú está contido no nome da cor vermelha, e a palavra que designa a argila branca nunca é aproveitada para o adjetivo que significa branco. Sou de opinião que as substâncias corantes são muito anteriores à necessidade de distinguí-las

de acôrdo com as suas côres. No tocante aos Bakairí, esta hipótese se torna provável por dois motivos: primeiro, os adjetivos para as côres, excetuando-se unicamente o “vermelho-alaranjado”, não fazem parte do inventário da primitiva língua caraíba; segundo, a composição dêsses adjetivos revela, de acôrdo com o esquema “*t-radical-eng*”, o cunho de formação recente.

E’ permitido, certamente, aproveitar igualmente êstes fatos a favor da minha exposição sôbre a origem dos adornos de côres usados no próprio corpo (v. capítulo IX). Por mais antiga e natural que seja, certamente, a alegria proporcionada pelas côres, a circunstância de se ter manifestado muito tarde a necessidade de se distinguirem com palavras as côres das matérias corantes, fala a favor da opinião de que o adorno colorido não foi inicialmente aplicado no corpo, por causa das côres. Como o que se colocava no corpo a título de troféu ou por utilidade, se distinguia de fato por côres variadas, que deveriam provocar prazer, chegou-se automaticamente a seu uso por prazer. (Data de então a primeira diferenciação pelos nomes das côres; entre êstes firmaram-se os primeiros para as côres preparadas; a necessidade da diferenciação entre verde e azul ficou provisoriamente satisfeita com a palavra vaga de “côr de periquito”).

Há mais uma coisa que não se deve esquecer. O índio não forma juízos universais, como, “as árvores são verdes, o céu é azul”. Nada o induz a fazer a análise dessa intuição que é dada pelo mundo exterior, ela não interessa à sua pessoa em nenhuma atividade e representa algo de evidente, do mesmo modo como o fato da água ser molhada. Mas o que lhe interessa diferenciar pelas côres são os animais e as plantas. Aquí temos o principal emprego dos nomes de côres adquiridos e é aquí que devemos observar como êle procede com os nomes das côres no seu uso próprio.

À vista disso examinei a lista dos nomes de animais do glossário de Martius, no qual estão reúnidos uns 1300 de tôda a literatura. “Côr de periquito” *cugui*, para “azul e verde”, é empregado uma única vez numa cobra giboia, que Martius chama “*virides vel azureus Coluber aestivus L.*”. As distinções comuns por côres, que são em número menor do que se pode supor, são as de preto, branco, vermelho e amarelo; sem dar grande importância a um número rigorosamente exato, conto 28 aves, 23 peixes, 9 mamíferos, 4 cobras e 12 animais inferiores diferenciados por aquelas quatro côres. Mas ocorrem ainda duas palavras para “multi-côr”, das quais uma *pinima*, é usada, com o verbo “pintar” da mesma tribu, para 4 peixes, 3 aves, 1 jaguar, 1 cobra, 1 lagarto e

1 carangueijo, ao passo que a outra, *paragoa*, significa simplesmente “papagaio”, servindo também para designar um peixe-papagaio e uma cobra-papagaio. “Verde” puro é sempre côr de periquito ou de papagaio; quando se trata de determinar um “azul”, o nome do animal é enriquecido com a aposição *una* (queimado) preto ou escuro.

Não pode haver prova mais clara do que essa para mostrar que o índio se vê levado a fazer uma rigorosa distinção de côres sòmente quando se trata das côres que lhe são conhecidas das substâncias corantes, e que, por conseguinte, o material dos conceitos nitidamente delimitados é fornecido pela própria prática, e não pelo sentido das côres.

A lista dos nomes de plantas, de Martius, com um número um pouco superior a 1000, dá margem a uma comparação interessante, 8 plantas são qualificadas como pretas, 7 como brancas, 7 como vermelhas, e 2 como amarelas. E’ claro que nas plantas o “verde” não constitue caráter distintivo. Não obstante encontramos aquí também uma vez o *cugui*, ou “côr de periquito”, ora traduzido com verde, ora com azul, e é de notar-se que se trata dum azul pronunciado, pois refere-se à *Indigofera Anil* L. 3 plantas são “multicôres”, mas “*pinima*”; falta o multicôr do papagaio (*paragoa*).

Os aborígenes poderiam ter extraído o anil da planta referida, entretanto não souberam fazê-lo. Refere Martius que na fabricação do anil os industriais brasileiros se servem do braço indígena, lembrando que essa indústria aí foi introduzida pelos portugueses e que o produto é de tipo pouco apreciado. O preto do genipapo tem um tom azulado, correspondendo, por isso, perfeitamente, ao fato de se aproveitar o nome do preto para designar o azul. Do preto é proveniente também o azul da tatuagem. Olhem-se as coleções do Museu de Etnografia, ainda livres de missangas e de tecidos azues, e à primeira vista compreender-se-á todo o problema. Encontram-se aí, nos objetos pintados, apenas o vermelho, o amarelo, o branco e o preto; os enfeites de plumas ostentam igualmente o verde e o azul, e mostram estas duas côres também em tonalidades magnificamente puras, mas dispostas sem arranjo e numa combinação qualquer, formando, com as outras côres, um conjunto vivamente colorido, que certamente desperta admiração geral, mas que não convida a um exame rigoroso da composição. Na arte moderna chama-se a isso sinfonia de côres, e é muito claro que com uma sinfonia não se aprende solfejo. A alma do índio é comparável a uma vitrina. O azul e o verde êle os tem em casa

sòmente na forma de seus periquitos e papagaios ou de semelhantes aves de adôrno; por isso lhes toma o nome para denominação de côr, que serve para o azul e o verde.

Há, sem dúvida, uma distinção entre azul e verde que o índio fêz desde sempre; é que identificou, com o preto ou escuro, tonalidades de azul, e não de verde. Poi que não dá, às vêzes, também a uma verde a denominação de “preto-escuro”? A razão parece ser a de que, exceção feita dos próprios papagaios, são muito raros, como se vê pelas listas, os casos em que um verde é tão característico que entre na denominação como sinal distintivo. Além disso nestes casos se trata do verde vivo dos papagaios. Mas nos animais caracterizados com “preto-escuro” = azul, predomina sempre o azul-escuro; assim, o representante que certamente é o mais claro dentre êles todos, a ararauna, tem, segundo Brehm, “tôdas as partes superiores, inclusive as penas superiores da cauda, de côr azul-celeste escura”; as penas têm até freqüentemente na parte externa das barbas uma tonalidade bem escura, e sòmente quando a ave levanta voo, banhada plenamente pela luz do sol, manifesta-se um delicado azul-marinho mais claro.

CAPÍTULO XVI

OS PARESSÍ

A história dos Paressí e de tribus aparentadas. A nossa visita. A língua. Dados antropológicos. A etnografia, indumentária, colheita etnográfica, bebidas embriagantes, festas de dança. O percurso da vida. Sepultamento. Médicos-feiticeiros. A alma de quem sonha e a do morto. O firmamento. A lenda dos ancestrais. Criação. A proveniência das plantas de cultura. Origem dos Bakairí. A vida no céu. Espíritos dos rios e das florestas. Pátria dos Paressí.

Notícia histórica. À Noroeste de Cuiabá estanceiam os "Campos dos Paressí", de onde nascem os afluentes tanto do rio Paraguai, como do Tapajóz e do Madeira.

Dos mais antigos índios Paressí, só um pequeno *reliquat* ainda subsiste, subdividido em várias tribus.

Tirante os Cabixí, que freqüentemente tornam sem segurança os arredores da cidade de Mato Grosso, levam os Paressí uma existência pacífica.

Era nosso desejo conhecer e estudar os *Borôro*, desde que se nos afigurava impossível uma visita ao *Paressí*; mas, em direção quase ponteira, aconteceu que êstes vieram ter conosco.

A maior fortuna, para isso, encontramos-la no então presidente da Província, coronel Francisco Rafael de Melo Rego, por haver acolhido todos os nossos desejos com mostras de carinho e de interêsse.

Ele e a sua distinta espôsa, d. Carminha, dentre as Cuiabanas a mais completa dama, a ponto de nos parecer uma criatura excepcional, obrigam-nos aos maiores agradecimentos, pela sua admirável solicitude.

Em 10 de janeiro, entreguei ao presidente o pedido para conseguir a vinda de alguns *Paressí* à Capital, fazendo-o também eu, para Diamantino, a particulares, porquê me afirmavam não serem cumpridas as ordens do nosso presidente *conservador* pelas pessoas de influência daquele lugar que eram *liberais*. A 19 de Fevereiro chegaram os índios.

Sôbre os *Paressí* há mesmo comunicações, para nós importantes, de um de seus descobridores, — o capitão Antônio Pires de Campos (59) que as publicou em 1723, após um conhecimento “de tantos anos” esboçadas num quadro geral daquele “reino”, de que nós agora não podemos reunir senão os destroços ainda conservados!

Eis a informação:

“Naquelas dilatadas chapadas habitam os *Paressí*, reino mui dilatado, e tôdas as águas correm para o Norte.

E’ esta gente em tanta quantidade, que se não podem numerar as suas povoações ou aldeias: muitas vêzes em um dia de marcha se lhe passam dez e doze aldeias, e em cada uma destas tem dez até trinta casas, e nestas casas se acham alguns de 30 até 40 passos de largo, e são redondas de feitio de um forno, mui altas e em cada uma destas casas, entendemos, agasalhará tôda uma família; êstes todos vivem de suas lavouras, no que são incansáveis, e é gentil de assento e as lavouras, em que mais se fundam são mandiocas, algum milho e feijão, batatas; muitos ananazes, e singulares em admirável ordem plantados, de que costumam fazer seus vinhos, e usam também cercar de rio a rio o campo, entre esta cêrca fazem muitos fojos, em que caçam muitos veados, emas, e outras muitas mais castas; êstes gentios não são guerreiros, e só se defendem, quando os procuram; as suas armas são arcos e

(59) — Rev. do Inst. Hist. e Geog. Bras. T. 25, p. 443.

flechas e usam também duma maneira muito rija, e delas fazem umas fôlhas largas que lhes servem de espadas, e também têm suas lanças mas pequenas, que com elas defendem suas portas, para o que fazem as ditas portas tão pequeninas, que para se entrar, é necessário ser de gatinhas, e também usam êstes índios de ídolos, êstes tais têm uma casa separada com muitas figuras dos vários feitios, em que só é permitido entrarem os homens, as tais figuras são mui medonhas, e cada uma tem sua buzina de cabaço que dizem os ditos gentios, serem das figuras, e o mulhierio observa tal lei, que nem olhar para estas tais casas usam, e só os homens se acham nelas naqueles dias de galhofa, e determinados por êles em que fazem suas danças e se vestem ricamente.

Os trajes ordinários dêste gentio é trazerem os homens uma palhinha nas partes verendas, e as mulheres com suas tipoinhas a meia perna, cujos panos fazem elas mesmas de teçume de penas e de ricas côres, com muita curiosidade e labores de várias castas e feitios, e a curiosidade nos machos e fêmeas é por extremo, são muito aceiados e perfeitos em tudo que até as suas estradas fazem mui direitas e largas e as conservam tão limpas e consertadas que se lhe não achará nem uma fôlha.

Antônio Pires enaltece com calor as mulheres belas e de tez clara, que revelam tanta aptidão nos seus trabalhos; fala da arte de dar voluntariamente determinada tonalidade de côr às penas de papagaio e de outros pássaros e se extasia diante dos artefatos de pedra, de madeira resistente, que êles fabricam sem auxílio de instrumentos de aço.

Os chefes trazem ao pescoço uma pedra polida semelhante ao jaspe, em forma de uma cruz de Malta.

E' de opinião que o povo, governado por numerosos caciques, e estabelecido numa região imensa de solo fértil e clima agradável, deve ser elhado como o escopo mais almejavêl da missão católica em honra do nome português.

Em contraste com os *Paressí*, cita Antônio Pires de Campos os "*Cavihí*", os *Cabixí*, bárbaros selvagens erradios, postos em fuga a-pesar-das 130 espingardas da sua gente, em cujas cabanas deram com vasos cheios de carne humana, e cavaletes com crâneos e fémures.

Do outro lado dos *Paressí*, para as bandas do Norte, moram segundo o referido Antônio Pires, em não pequeno número, os "*Mahibarez*" apresentando um estado geral de cultura idêntico ao daqueles e a sua linguagem apenas diferenciada por poucas palavras. Exer-

cem a rapinagem contra os Paressí, matando-lhes os homens e roubando-lhes as mulheres.

Era êste o estado de coisas no comêço do passado século XVIII.

À caça de escravos, seguem-se as explorações de ouro e diamante, que forçavam impiedosamente os índios.

Diamantino. Outrora um centro de aventureiros, hoje não é mais do que um triste antro, contando em 1874 um total de 1.876 almas, e, onde alguns anos mais tarde, diz o geógrafo Melgaço, “a decadência não cessava, levando-o’ quase à beira do marasmo”. Entretanto, milhares de índios foram arrebatados pela voragem da morte, e sòmente os que souberam fugir à civilização e conversão gosam ainda alguma saúde.

No livro de atas da Diretória dos Índios de Cuiabá encontrei os seguintes dados sôbre as tribus dos Campos dos Paressí.

1.º Barbados; 400 almas numa aldeia sita na fralda da serra em que nasce o Rio Vermelho — uma origem do Paraguai, — cultivando milho, mandioca, batata e cará. Utensílios de pedra e de madeira resistente; nenhuma criação e indústria.

Não raro, atacam de perfídia os que viajam entre Diamantino e Vila Maria.

2.º Paressí; no distrito de Diamantino e Mato Grosso, diversos grupos de 200 e 250, surgem, às vêzes, para comerciar em peneiras, samburás, rêdes, penas, cuias e tabaco já torcido e aromatizado de urumbamba, muito apreciado dos fumantes.

Alguns compreendem e falam português.

Não mantêm inimizades sistemáticas, mas, ocasionalmente, se unem aos Cabixí, para realizarem alguma investida.

3.º Maimbaré; 400 indivíduos espalhados em famílias pelo sertão, cultivando relações com os Paressí.

Caça, milho, mandioca, banana, batata e cará.

4.º Cabixí; numerosos, estimados em 500 almas estanceam em diferentes aldeias, quinze a vinte léguas a Noroeste do arraial de S. Vicente.

Inimigos, rapinantes, e incendiários na zona próxima da cidade de Mato Grosso.

Em verdade, nenhuma importância merecem os algarismos aqui exarados, nem outros, para que se possa ajuizar melhor a respeito e concluir.

Quanto aos Barbados, correm várias e estranhas histórias, tais como que os há brancos com ascendentes Paulistas, e não permitem aproximação alguma.

Sobre os Cabixí, li um relatório manuscrito (Junho de 1888) do capitão Antônio Anibal da Mota, o qual, mercê de Paressí, conseguiu conhecer doze naturais daquela tribu no Rio Sepotuba e o chefe Loulomadá.

As aldeias dos Paressí em número de três, êles as assinala na origem do referido rio Sepotuba, no do Formoso e Juba, pondo igualmente em relêvo que os mesmos entretêm comércio de borracha e de ipecacuanha com S. Luiz de Cáceres; vivem de teiró com os guerreiros Nhambicuara do Rio Juruema, negociam com os Cabixí “mansos”, jamais com os “bravios” habitantes das florestas apartadas dez dias de viagem, do outro lado dêstes.

Os Cabixí mansos distribuem-se por quatro aldeias à margem do rio Cabaçal — um afluente da margem direita do Paraguai, — cada uma com um chefe especial.

Sua linguagem, tirante a diferença de alguns dialetos, seus usos e costumes, são semelhantes aos dos Paressí; as duas tribus plantam mandioca, tabaco e algodoeiro.

As rêdes diferem: quanto aos Parecí, êles as tecem de algodão; com filamentos da pequena palmeira tucum (*Astrocaryum*) fazem-nas os Cabixí.

Flechas e instrumentos são iguais.

Os homens trazem na parte superior do braço e na inferior da coxa, uma faixa de algodão de tecido muito sólido; as mulheres faixa de borracha.

“Em geral faltam a uns e a outros os dentes incisivos superiores”.

O capitão considera por tudo isso os Cabixí mansos, não obstante de quando em quando tornarem de pouca segurança as estradas das localidades circunvizinhas.

Nossa visita. A aldeia em que, estanceiam os Paressí chamados para nós, está situada no distrito de Diamantino, perto do rio Santana, um afluente da margem direita do Paraguai.

Aí há, como conhecidas, desde a metade do século passado, minas de ouro e diamante, e os antepassados dos nossos visitantes aí foram aproveitados para o trabalho.

O próprio povo chama o rio Zaicuriviá, e dista três dias de Diamantino.

Eram doze indivíduos ao todo, 9 homens e 3 mulheres; dentre elles somente 4 se designavam a si mesmos como Paressí, 4 Uaimaré, tribu acima designada como Maimbaré, e Caxiniti, as 3 mulheres.

A distribuição dos apelidos portuguezes e indígenas é feita como se vai ler:

Paressí: João Batista — *Canadaló*; Manuel Brito (Brito) — *Hálásó*; Baiano — *Tótohigaso*; Manuel Bibiano — *Dalocaríhi*.

Uaimaré: Manuel Chico (de Francisco) — *Duloizo*; José de Oliveira Santo — *Daremáridi* (pai Uaimaré longínquo, mãe Paressí — João Baixo — *Cohiaré*, e Manuel Antônio, meu melhor atirador, — *varuliaré*.

Coxiniti: Miguel — *Uaitiharé*; Maria Calara (Clara) — *Camerosó*; Maria Teresa — *Camemenaló*; Antônia (fig. 125) — *Cahiró*.

Os homens contavam, exceção de dois, mais de vinte e cinco anos de idade; o mais velho talvez cinqüenta; Antônia era uma moça de aproximadamente 20 anos, as duas outras, mulheres de 40 a 45.

Não sei indicar as diferenciações primitivas que deram origem a essa divisão em tribus.

Os Uaimaré moraram outrora ao norte dos Paressí, e quer-me parecer deu-se com o perpassar dos tempos uma fusão, tanto que diziam os nossos Uaimaré que tiveram pai Uaimaré e mãe Paressí, donde ressalta não ser a designação da tribu orientada pelo lado materno, em cuja aldeia, entretanto, habitavam os pais.

A distinção dos Caxiniti, foi tratada com menos relêvo, por não haver agora mais tribu autônoma dêsse nome. Não me foi possível penetrar nessa subtileza que só descobrí na última hora. Os nossos visitantes só ficaram dois dias, não nos tendo sido possível retê-los por mais tempo.

Língua. Posso ainda afirmar que a distinção de linguagem entre Paressí e Uaimaré é de natureza tão somente dialética.

Pai, P. *abá*, U. *bauá*; mãe, P. *amá*, U. *Mamá*; fogo P. e U. *irigaté*; tio, P. *cucuré*, U. *cucú*; irmão, mais velho, P. e U. *azo*".

Meu vocabulário foi colhido, parte do chefe *Paressí* João Batista, parte do *Uaimaré* Manuel Chico, e, conseqüentemente, se mesclam os termos.

A língua pertence à dos *Nu-Arauk* com a característica do prefixo pronominal tipo *Nu* pertencente à primeira pessoa.

O parentesco do tesouro de palavras é sensivelmente maior do lado dos *Mehinakú* companheiros dos *Cabixi* do que da grande família *Nu-Aruak* dos *Moxos* da Bolívia, de que se acham separados pela superfície da origem do Guaporé Madeira.

Muito graciosa é a troca de pronúncia do *p* *Mehinakú* e do *h* *Paressi*, sendo também freqüente a do *t* e do *s*, em ambos os sentidos.

Peixe, Meh. *Cúpati*, Par. *Cohasá*; côxa, Meh. *nupat* Par. *nuhúse*; cará, Meh. *paca*, Par. *hacá*; ossos, Meh. *inapû*, Par. *enáhe*; casa, Meh. *pai*, Par. *hati*; tu, Meh. *ptisu*, Par. *hisó*; cuia Meh., *ptisa*, Par. *hexicha*.

E' digna de nota a correspondência entre a palavra machado *Jauáy* (Meh.) e machado de ferro *sauáti*, e sal-echêu (Meh.) e *séwe* (Par).

Por outro lado faltam as mais simples correspondências léxicas que se podiam esperar, tanto que não é possível pensar tenha havido em tempos mais remotos relações entre os grupos *Paressí* e *Mehinakú*.

Dados antropológicos. O material, por insuficiente, não permite se estabeleça uma provisória separação entre *Paressí* e *Uaimarés* e *Caxiniti* — As três mulheres, eram todas *Caxiniti*.

Os *Uaimaré* diziam-se filhos de mães *Paressí*, e, além disso, alguns eram, cruzados entre si.

Altura do corpo:

	Max.	Min.	Med.
9 Homens	166,6	153,0	160,5
3 Mulheres	152,3	150,5	151,4

Os homens, no seu limite máximo de desenvolvimento, são pequenos. As nossas mensurações, por tribu, forneceram os seguintes dados:

	Max.	Min.	Med.
4 <i>Paressí</i> — Homens	161,3	153,0	158,0
4 <i>Uaimaré</i> — Homens	166,3	160,5	162,8
1 <i>Caxiniti</i> — Mulher	—	—	161,3

Isto significa “pequeno porte” para os *Paressí*.

O menor de todos os homens era o cacique *Paressí*, e o de estatura mais elevada, o dos *Uaimaré*.

Envergadura — A. Altura do corpo = 100:

	Max.	Min.	Med.
9 Homens	109,4	101,4	106,6
3 Mulheres	103,9	101,3	102,9

B. Absoluta

	Max.	Min.	Med.
9 Homens	15,2	2,2	10,8
3 Mulheres	5,9	2,0	4,4

A mínima é de *Paressí*, a máxima de *Caxinito*.

Largura das espáduas:

A. Altura do corpo = 100

	Max.	Min.	Med.
8 Homens	26,2	23,5	25,0
3 Mulheres	24,9	23,6	24,3

B. Absoluta

	Max.	Min.	Med.
9 Homens	43,0	37,5	40,1
3 Mulheres	38,0	35,5	33,8

Circunferência torácica:

A. Altura do corpo = 100

	Max.	Min.	Med.
9 Homens	59,2	53,3	55,4
3 Mulheres	57,1	52,5	54,8

B. Absoluta

	Max.	Min.	Med.
9 Homens	97,0	84,5	89,0
3 Mulheres	86,0	80,0	83,0

Altura da cabeça:

A. Altura do corpo = 100

	Max.	Min.	Med.
9 Homens	15,6	13,5	14,7
3 Mulheres	15,8	13,7	14,7

Circunferência da cabeça

A. Altura do corpo = 100

	Max.	Min.	Med.
9 Homens	35,5	32,4	34,4
3 Mulheres	37,8	34,4	36,1

A medida 37,8 (57,5 cm. por 152,3) parece-me duvidosa. Sòmente um homem tinha a máxima absoluta de 58,0 por 163,9 de altura.

Índice da cabeça:

	Max.	Min.	Med.
9 Homens	80,7	75,1	77,5
3 Mulheres	76,8	75,3	76,0

Nas tribus do Kulisehu e Mehinakú são os que mais se aproximam dos Paressí, naqueles a mensuração de 6 homens oscilou entre 79,2 e 75,2 com uma média de 77,7.

Elevação do comprimento da cabeça sobre a altura da orelha:

Comprimento da cabeça = 100

	Max.	Min.	Med.
9 Homens	66,5	59,0	62,8
3 Mulheres	62,9	61,5	62,4

Ângulo mandibular:

	Max.	Min.	Med.
9 Homens	57,6	48,6	54,3
3 Mulheres	58,2	57,1	57,7

Arcada zigomática:

Borda dos Cabelos — Mento = 100

	Max.	Min.	Med.
9 Homens	77,8	68,6	73,5
2 Mulheres	45,7	73,4	74,5

Tuberosidade malar:

Borda dos Cabelos — Mento = 100

	Max.	Min.	Med.
9 Homens	44,8	40,7	40,5
2 Mulheres	45,7	40,7	43,2

Face central:

Metade da face — Raiz do nariz — Mento = 100

	Max.	Min.	Med.
9 Homens	66,7	57,7	62,9
3 Mulheres	62,2	52,5	58,3

Altura do nariz:

Comprimento do nariz = 100

	Max.	Min.	Med.
8 Homens	101,9	93,0	97,6
3 Mulheres	105,1	97,6	101,7

Largura do nariz:

	Max.	Min.	Med.
9 Homens	84,9	71,7	79,2
3 Mulheres	95,1	83,8	90,5

Altura da espádua:

Altura do corpo = 100

	Max.	Min.	Med.
8 Homens	84,9	82,6	83,7
3 Mulheres	84,8	83,4	84,0

Altura do umbigo:

Altura do corpo = 100

	Max.	Min.	Med.
9 Homens	61,2	53,9	59,4
3 Mulheres	59,9	58,0	58,9

Altura da sínfise:

Altura do corpo = 100

	Max.	Min.	Med.
9 Homens	51,1	47,7	50,3
3 Mulheres	50,4	48,3	49,2

Altura da crista ilíaca:

Altura do corpo = 100

	Max.	Min.	Med.
9 Homens	60,8	58,9	59,9
3 Mulheres	61,4	59,0	60,2

Comprimento do braço:

Altura do corpo = 100

	Max.	Min.	Med.
9 Homens	49,3	45,4	47,4
3 Mulheres	47,3	45,5	46,1

Comprimento da mão

A. Altura do corpo = 100

	Max.	Min.	Med.
9 Homens	11,3	9,7	10,4
3 Mulheres	9,8	9,3	9,6

B. Comprimento do braço =

	Max.	Min.	Med.
9 Homens	24,0	20,8	22,0
3 Mulheres	21,4	20,4	20,9

Índice da mão:

Comprimento da mão = 100 .

	Max.	Min.	Med.
9 Homens	51,4	43,5	46,9
3 Mulheres	53,5	49,8	50,6

Altura trocanteriana:

	Max.	Min.	Med.
9 Homens	53,4	51,1	51,9
3 Mulheres	53,8	49,8	51,2

Comprimento do pé:

Comprimento da mão = 100 .

	Max.	Min.	Med.
9 Homens	16,5	15,4	15,9
3 Mulheres	15,0	13,8	14,5

Índice do pé:

Comprimento do pé = 100

	Max.	Min.	Med.
9 Homens	42,6	34,9	39,2
3 Mulheres	45,7	39,6	42,6

A côr da pele será estabelecida mercê das tabelas de Raddeschen com 33 m até n para a fronte e a bochecha, aquela uma vez com 33 o, o peito com 33 m e uma só vez com 33 1.

Sob a liga de algodão da parte superior do braço — 33 n.

Por seu lado, o peito se apresentava de intensa coloração argilosa, que melhor fôra definir por meio de cacos de vasos para flores do que pela esplendorosa escala de côres.

Cabelo — preto, farto e liso.

Em quatro *Caxiniti*, um homem e três mulheres, o cabelo fugia da simples ondulação, até o anelar.

Escassa barba, em alguns; face de ordinário alta, oval, e parcimoniosamente larga.

Fronte, nos *Paressí*, oblíqua, baixa; nos *Uaimaré*, oblíqua; alta, com bossas; nas mulheres cheia, baixa e também oblíqua.

Malares recalcados, íris escura, fenda palpebral alta, e horizontal, em forma de amêndoa; em alguns ela se dispõe ligeiramente oblíqua.

Entre os *Paressí*, o nariz é de raiz delgada, seu dorso intensa ou fugazmente arqueado, as asas estreitas, fendas ovais; nos *Uaimaré*, raiz, asa e dorso largos, fendas grandes e elíticas para frente; nos *Caxiniti*, e nas mulheres dorso largo pouco saliente, ponta espessa, fendas largas eliptiformes dirigidas para frente.

Lábios, às vezes grossos, outras finos; dentes frequentemente defeituosos e irregulares, em sua maioria opacos e amarelos.

Uma mulher apenas possuía uma bela dentadura, com pequenos dentes regularmente dispostos, brancos e separados.

Prognatismo, um tanto moderado, tirante um *Uaimaré* com forte saliência dos dentes do maxilar superior, fazendo-se admirado sobretudo pelo fastígio do similar inferior.

Os *Paressí*, em particular, eram pequenos, de perfil delicado; lembram, sem ambages, os *Bakairí*, substituindo mesmo uma dada semelhança entre João Batista e o chefe Felipe da aldeia Paranatinga.

Etnografia. Os *Paressí* andam descalços, habitualmente vestidos à moda da população de Mato Grosso, conservando, porém, ainda uma parte dos seus primitivos costumes.

O cabelo dos homens apresentava a forma de um vaso como entre os índios *Xingú*, mas sem tonsura.

Esta, — tonsura — (*úaiúa*) haviam-na usado em geral os avós; por conseguinte, não teve a sua origem só no modelo dos padres, tanto que os *Bakairí* mansos já a adotavam muito antes de os conhecer.

Nas mulheres idosas, o cabelo guarda toda a sua integridade, segundo o antigo sistema; o das moçoilas, sem ser cortado, é, todavia, disposto em bandós.

Os escassos pêlos de barba, dos cílios e supercílios, e do corpo conservam-nos intactos.

Os lóbulos da orelha, em ambos os sexos, eram furados; quanto ao nariz só os homens o tinham assim, conforme declaração de Antônio.

Como adorno das orelhas traziam outrora (hoje não) um pedaço de negra casca de côco, (hohoró) de forma triangular.

O septo nasal, em alguns homens, era furado por ocasião da iniciação, com uma pena de arára ou de tucano; os lábios nunca foram nem o são.

A tatuagem (*nohotó*) em forma de dous arcos transversos na parte superior do braço e da coxa, mal se deixava lobrigar em alguns homens; são as mulheres que executam a tatuagem.

Para desenhá-la, tomam de um espinho de gravatá (*Bromelia*) embebido de tinta de genipapo ou de estrato das fôlhas de paua.

Em uma mulher, também foi assinalada uma tatuagem em forma de traço acima do joelho.

Em vez da corda-cinta, ainda descrita por Antônio Pires, os homens fazem uso de uma tanga de tecido compacto de algodão colorido, importado, de 1 m. 5 a 3 m. 5 de largura, ou de corda de pérolas (*Kunokuá*).

O penis fica acomodado para cima por compressão do *Kunokuá*; para o proteger contra o atrito da tanga ou da corda, colocam entre o órgão e esta um retalho de tecido vermelho, quase quadrangular, (8x10 cm.) cuja metade recai sobre a corda (*daiasó*).

Como indica a figura 124 os testículos e a raiz da verga não ficam abrigados pelo retalho.

Diante disso, cai a ponto assinalar especialmente, por que, por exemplo, na "Revista da Exposição Antropológica" — 1882 Rio de Janeiro, — se apresentou um *Paressí*, como muitos outros, com

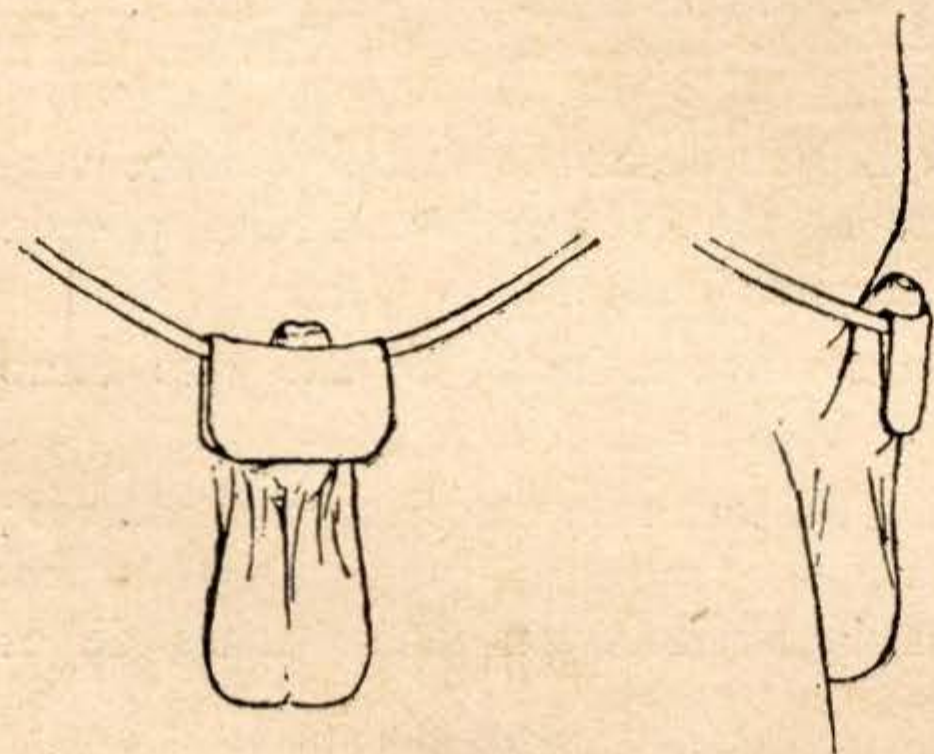


Fig 124 — Daiasó — Paressí

um suspensório perfeito; para agradar o leitor?

São freqüentes, em relação aos índios brasileiros, essas manifestações de respeito, principalmente em se tratando de grávidas. Sofre, com isso, a exatidão, e a realidade é deturpada, como não de notar, nas relações de viagem, todos aquêles que examinam o assunto com mais atenção.

As mulheres que, sem mais cerimônias, se desembaraçam das vestes do civilizado, costumam trazer sob estas uma apertada cinta de tecido avermelhado, de 30 centímetros de largura, disposta muito abaixo da cicatriz umbilical, deixando o ventre inteiramente livre, e de tal modo cerrada por sobre os ilíacos, que mal lhes cobre o monte de venus.

Dirige-se, porém, ao meio da coxa de cima para baixo, sendo aí enrolada à custa da construção e da elasticidade da própria cinta.

Não se compreende bem de que modo era formada a “tipoinha” de Antônio Pires.

Conscante o sentido da palavra tupí, a cinta estaria decorada com penas coloridas, e é de se presumir que fôra tecida com uma certa espécie de penas.

Em contraposição à suposta veste à moda xingú, tenho para mim que ela se cifra apenas num pedaço de qualquer roupagem, sem ser mais nem cinta ou pelota.

No Xingú, lamentamos a ausência de uma evolução qualquer, até agora ainda não reconhecida quer para as mulheres, quer para os homens. Sabemos, contudo, por informes de Antônio Pires e também dos valentes caçadores de escravos, algum cujo cunho de veracidade, pelo muito de exagêro, não inspira confiança, — que os velhos Paressí viviam em numerosas aldeias apresentando condensada população, a ponto de se poder diferenciar, pelas cousas sociais, as grandes famílias do Xingú.

A primitiva maneira de trajar das mulheres *Paressí* só poderia ser convenientemente apurada, por meio de conhecimento de iguais selvagens.

Na aldeia de autóctones por nós examinada há, desde século e meio, um muito freqüente comércio com os Brasileiros de Diamantino, em consequência de se ter aproveitado aquela gente para

trabalhos de minas e para a navegação do Tapajóz; o contacto existente entre eles e os Brasileiros é muito mais pronunciado do que o que se observa entre estes e os *Bakairí*, cujas mulheres também, há muito tempo, não usam *uluris*.



Fig. 125 — Jovem paressí

Acontece, com muita freqüência no Brasil, copiarem as pequenas índias para si certas cousas observadas nos brancos, resultando daí modificações rápidas nas características do seu modo de trajar (60).

A necessidade de se protegerem contra ávidos olhares, torna-se acima de tudo frisante quando em promiscuidade com homens

estrangeiros, a quem não devem despertar paixão.

Os homens trazem, na parte superior do braço, e na perna, sob o joelho ou no tornozelo, uma liga consistente de largura de 10 centímetros, apertada lateralmente mercê de uma corda independente, cujas guias ficam pendidas.

As mulheres, ao contrário usam-na de borracha; larga de um dedo, estrangindo o joelho, onde a pele apertada se revela de admirável alvor.

(60) — O príncipe de Wied comunica um exemplo muito frizante relativo aos Camacã. “O avental feminino compõe-se duma corda, artisticamente guarnecida de finos barbantes, com alguns grandes pingentes nas extremidades; as mulheres atam a corda em tórno dos quadris, representando êsses aventais a sua única roupagem, o que se verifica nas regiões em que essa gente ainda vive em estado um tanto primitivo. Antigamente andavam completamente nuas. ou, mais tarde, com um pedaço de cortiça de árvore atado em tórno dos quadris”. *Reise nach Brasilien in den Jahren 1815-1817*, II p. 216. Temos, portanto, aqui a série: nudez, atadura de cortiça, avental de fibra, indumentária européia.

Às meninas, ornava-lhes o pescoço um espesso colar de pérolas falsas.

Nossa colheita etnográfica foi bem modesta, tanto mais quanto dos poucos objetos que os Paressí traziam, os melhores, dentre os quais alguns muito bonitos — peneiras e samburás enfeitados de artísticos desenhos, pretos e amarelos — foram ofertados ao Capitão Grande ou à D. Carminha.

Como já dissemos, as peneiras constituem a principal especialidade de comércio dos *Paressí*, com os Brasileiros.

Os modelos são semelhantes aos dos Aruak, nas Goianas, pela exuberância de concepção que se lhes nota.

Conservamos, além de um pedaço de roupa, uma cesta (*coó*) em forma de saco, alada de fitas de bambú, tendo no seu cimo uma tampa de casca, uma bolsa tecida, uma rêde, cinco flautas de cana (as maiores com 40, as menores com 28 centímetros de comprimento), uma cana enrolada de tabacos sòlidamente comprimido, como se apresenta no Amazonas, e por fim, um arco de criança com as respectivas flechas.

A rêde era de algodão, à guisa da dos *Bakairí*, mas de extraordinária leveza porquê delgados os fios.

Arco e flecha, diziam os índios, só são permitidos nas aldeias os de criança.

As flechas, de 1,1 m. de extensão, eram da finíssima cana cambaiúva; o arco, não alcançando mais que 1,5 m. convexo no dorso e chato para o lado da corda.

As casas, lembram a feição do rancho brasileiro, com longo frontão; os canos são de casca de jatobá (*misá*) ou de madeira.

Rêdes, material para tecido, manufaturam-nos as mulheres; peneiras e cabazes são feitos pelos homens.

A êste o derribar as florestas, àquelas o plantio da terra.

Conquanto bondosos e prestimosos, o trato com os índios oferecia grandes dificuldades; mas, bem acolhidos pelos Cuiabanos, vinham a nós, sob uma forte atração, qual o alcance de novas bebidas alcoólicas que, ingeridas como limonada, os levavam a duradouro estado de torpor.

Maria Clara e Maria Teresa também cambalearam, bêbedas pela casa.

Por felicidade, deixavam se ganhar mediante outros meios excitantes, com pendor, em geral, para as pérolas, a carne fresca; com elas se iam, em grande cópia.

As bebidas capitosas de que fazem uso em seus tugúrios, denominadas “vinho” por Antônio Pires, são de mandioca ou de milho “caxiri”, para o que põe num côco macerato de frutos, excitando-lhes a fermentação com beijús ou milho.

Queixam-se os *Paressí* de que essa bebida, — destinada a desaparecer — lhes torna péssimos os dentes.

— As principais festas devem ter lugar em Abril e Outubro.

Há danças em separado para os homens, e também com participação das mulheres.

A convite, a que souberam aquiescer com muito prazer, dançaram um tanto os nossos hóspedes.

Saem aos três braço a braço, dois tiram sons da melodiosa flauta, enfeitada, que sopram facilmente; o terceiro marca a cadência.

As danças presidem os chefes, os quais, além das duas designações *hariti* e *amuré*, tinham ainda em tal momento uma terceira *cacuarité*.

Começam ao romper dalva.

Mencionam-se três espécies de dança; a *zelêmi* — em que fala isoladamente (*hamenamé haroné ezanané cua kena, nató nató nató*) de que eu não compreendo senão *nató*, equivalente a — eu, e o côro irrompe (*haló haló catahé; timena tiré zolucato hahahá...*); a *olutá* com música de flauta de sons estridentes prolongados que, gradualmente, parecem morrer ao longe, servindo-se, neste momento ou logo após, peixe, porco do mato de que todos comem; finalmente, a dança *valoroso*, com flauta e matraca (*vála*).

Das festas mascaradas, eu apenas posso adiantar que êles se apresentam com bastões e lunetas feitas de fôlhas de burití, ou semelhantes, e dançam em tórno de um tubo cheio de caxirí onde bebem.

Antônio Pires interpretou a máscara naturalmente como ídolo e a taba de festa como templo.

Ambos os chefes João Batista e Manuel Chico, a quem interroguei uma tarde em nossa barraca, eram de muito bom senso e bem moderados.

Por infelicidade, o português dêles era muito defeituoso, e, por importação boliviana entremeado de palavras castelhanas como *muchacho*, rapaz, e *hijo* filho.

Entrementes aprendi diferentes ccusas interessantes, e lamentei vivamente não se tornasse mais dilatada a reunião.

Os *Paressí* vivem em monogamia. O casamento é combinado entre os pais de um e de outro ramo, e a noiva entregue sem formalidade; depois que ela recebe os seus presentes, os noivos são conduzidos para a rede de noivado, sendo que a noiva o faz de joelhos amparada pelo tronco por sua própria mãe.

Por ocasião do parto, marido e mulher permanecem cerca de cinco dias em casa, até que a queda do cordão umbelical se verifique, e ao pai só é permitido o alimentar-se de beijús embebidos d'água.

De ordinário a criança sucumbe; a que vinga, aos três anos de idade, recebe o nome dos avós.

Os mortos têm sepultura em casa, com a cabeça orientada para o levante, e nela lançam rede, penas ornamentais, ligas de braço, um colar de frutos negros, uma rica provisão de viagem, composta de aguardente, beijú, carne de porco selvagem, sal e uma cabaça à guisa de copo.

Os parentes fecham a casa e permanecem durante seis dias perto da cova, entregues a um rigoroso jejum durante todos esse tempo, só lhes sendo permitido beberem um pouco de água.

Se um dêles comesse então, “comeria pela bôca do morto” e morreria também.

No sexto dia, se o defunto não torna à vida, a guarda deixa de ser feita, porquê chegou ao céu e de lá não voltará; no sétimo, porém, pela manhã todos festivamente pintalfados, bebem regaladamente a seiva do vegetal chamado *cuiterú*, a que adicionaram urucú vermelho e agitaram durante a noite precedente.

O morto é sempre chamado por um feiticeiro *tianale*, que, preparado o feitio *uzané*, procura a sua vítima, e a sacrifica por meio de um golpe.

Ele envenena também a aguardente e o que a bebe, morre.

A uma tão boa coisa como a pura bebida não será imputada ação maligna!

O bom médico, seu antagonista, chama-se *otuarité*, e, em tal conjuntura, nenhum há na aldeia. Cura os doentes sobre quem sopra fumo de tabaco; sabe tudo, acolhe jovens que queiram aprender o *evenecuaré*, e aquêle que o conseguir melhor será o seu sucessor.

O estudante deve jejuar e viver isolado na floresta.

O *otuarité* conhece o caminho do céu — como o padre da cidade, — enquanto as demais pessoas o não sabem.

A palavra portuguesa “alma” era familiar ao chefe, sendo traduzida por *niacó*.

Durante o sono, *niacó* viajava e quando de volta ao indivíduo despertava-o.

Sua *niacó*, dizia êle, estivera na noite anterior com sua mulher e seu filho, acreditando, por isso, piamente ter de fato visitado a aldeia.

A *niacó* anda por largos caminhos, e retira-se do corpo (*nomeliä*, como em tôdas as nossas expressões pele igual a corpo) pela nuca.

Diz-se do adormecido que *niacó* está ainda ao longe, assim tôda a cabeça dói.

Eu não conheço o sentido exato de *niacó*; os animais têm-na como os homens.

A alma do morto, decorridos seis dias, chega ao céu.

Aquí, parece, já está a idéia cristã amalgamada com as primitivas; e, destarte, os feiticeiros não atingem o céu.

Quando um pecador aparece, um pequeno fogo, lampejando alto pelo caminho, consome-o. Simboliza o termo final: como o morto Mero dos *Bakairi*, será consumido, visto que êles são mais matadores do que mortos.

O que escapa do fogo cai sob o poder de um monstro, meio homem meio animal, um tanto semelhante a um cão com enormes orelhas, o *ijuriú*, que diz ao viajante — vem cá meu filho e — lhe arranca os olhos matando-o primeiro.

No céu estão os mais velhos *Paressi*, denominados os quatro irmãos Noximi encarregados de saudar os que chegam.

Ficamos conhecendo ainda, mercê de contos avoengos, que Vaicomoné nas suas culminâncias, por ocasião de recepção dos mortos, se pinta de urucú, julgando assim a alma com uma certa forma corpórea.

Cada qual recebe lá em cima um *palatá*, palácio, como tinha em Cuiabá o capitão grande.

Firmamento. O sol compõe-se de penas vermelhas de arára, e pertence a *Moliutuaré*, cuja mulher se chama *Cameron* (*Kamai-sol*). Êle é seu dono, e o guarda durante a noite em uma comprida cabaça de penas, abrindo-a pela manhã.

Por dois outros apelidos denominam o possuidor — *Cuitaé* e *Caxié*, os quais se acham mortos, enquanto outro dizia, *Moliutuaré* se acha agora morto. Trata-se, pois, de muitos nomes, seja êle *Caxiniti*, ou *Vaimaré*, ou mais outra divisão da tribo para a mesma pessoa.

Igualmente, a lua é constituída por penas amarelas de *mutum*, *pinima* dos brasileiros o *mutum* mosqueado, *Crax discors* e tem um senhor, de nome *Caimaré*, cuja mulher se chama *Uriálo* ou *Uruiáro*.

De ambos, diziam textualmente — eram mesmo como gente.

Quanto à intuição respeitante ao curso do sol, para mim ficou obscura. “*Moliutuaré* coloca-o aquí, acolá, sempre mais alto”. Do mesmo modo, minha pergunta sobre se a plumagem da arára tinha como ornamento outro emprêgo cá na terra, não foi satisfeita.

De dia êle se arranja com as penas de arára que são de um vermelho vivo, de noite com as penas de *mutum*, em muitas espécies negras brilhantes, e por isso fica escuro.

Não creio que se aceite isso como a personificação da luz.

As fases são explicadas de modo muito semelhante ao dos *Bakairí*.

Em vez do lagarto, aparece, segundo o entender dos *Paressí* uma aranha fina na margem da lua cheia, depois, não veem somente dois mas quatro tatús: Primeiro, o tatú cabeludo; segundo, o liso; terceiro, o bola — *Dasypus tricinctus* — e finalmente o tatú canastra — *Dasypus gigas*, ou tatú gigante, atrás do qual a lua se oculta inteiramente.

Da mesma maneira que os *Bakairí*, os nomes referidos de que se valem para designar as fases da lua não visam esclarecimentos sobre a identidade destes animais, donde se deduz como se torna necessário insistir nos interrogatórios.

Conservo, acêrca das estrêlas, um pequeno número de nomes que, entretanto, não posso traduzir por não saber o que significam.

Acima do Cruzeiro do Sul, cognominado por êles *zutacare*, se acha um avestruz *aú*, podendo ser divisada a sua forma numa parte mais escura da via látea.

Topam-se aí também um jaguar, uma seriema (*Dicholophus cristatus*), e muitos outros animais.

Um jaguar carrega um veado dos valados.

A propria via látea é um caminho salpicado de inúmeros frutos amarelos do *kutá*, na língua geral chamado *caricaró*, que não me é possível identificar embora Antônio afirme havê-los eu comido, na laguna do Natal, no sertão.

Lenda dos ancestrais. João Batista, chefe dos *Paressí*, tinha por pai um tal *Uvandi*, cujo irmão era *Arauruso*. Seu avô chamava-se *Azaré*, seu bisavô *Cauviggé*, o pai dêste *Uvetó Cubaré*, tendo por pai *Zucairi*, que por sua vez tinha por pai *Caudaré*, o dêste *Oiyé*, cujo pai era *Camâduré*, de quem era pai finalmente, *Uazalé*, ou *Vazalé* ou *Uazaré*, o primeiro *Paressi*.

Fí-lo repetir a série por três vêzes, e em tôdas foi sempre acorde.

Num inquirir mais prólixo, aparecia uma abundância inesgotável de nomes, surgindo sempre novos irmãos ou filhos de *Uazalé*.

Junto a isso, acrescia ainda a grande importância de *Vai-comoné*, seu sobrinho.

Ambos, depois que morreram, habitam no céu.

Com o intuito de investigar a origem de *Uazalé*, voltemos à história da primeira pessoa da história do mundo, que, entre os *Paressí* é uma mulher sem marido.

Vemos de novo que a tal mulher não precisa ser explicada, pois é pressuposta também em todos os irmãos seguintes de *Uazalé*, que possuem filhos.

Dizia-se sempre, “nasceu, nasceram” sem que jamais acontecesse mencionar o nascimento da mulher; e quando eu indagava a origem da mulher, exprimia-se nos seguintes termos: que também tinha nascido.

Maisö não tem pais. Quem é amigo de tão belas palavras, chame-a a “mãe de tudo”. Tem esta a forma humana e é de pedra; no seu tempo era tudo trevas e não havia rios, terra, nem madeira.

Tomando de um pedaço de madeira (eu não sei de onde) e introduzindo-o na vagina, corre logo do corpo dela o rio Cuiabá, que era muito sujo; dentro em pouco, porém, deslisava uma água clara e bela, que é o rio *Paressí*.

Colocou terra nágua, resultando daí o fundo. Surgiu, depois, muita gente pelo corpo fora, como o primeiro *Darúcavaiterê*, e tudo, cabeça, braço, peito de pedra.

Darúcavaiteré tinha uma mulher chamada *Uarahiulú* ou *Uru-lahiulú* que saia somente à noite, não havendo ainda aurora.

O sol, a lua, a ema, o jaguar, a seriema, o veado dos valados, e quanto a vista alcança no firmamento, *Darúcavaiteré* com sua mulher os gerara e por aí distribuía.

Do mesmo modo também os papagaios e as serpentes.

Uarahiulú pariu primeiramente um periquito comum e duas cobras-periquitos de igual côr; geram de novo, e a mulher dá à luz, primeiro, uma arara azul já de cara humano; depois disso, também uma serpente-arara, azul; pela vez terceira, uma serpente-arara, vermelha, com face humana e uma cobra-arara vermelha; pela quarta um pagagaio maracanã e uma cobra maracanã.

A sogra Maisö se enfurecia com estas tentativas malogradas.

Sempre e só papagaios e serpentes, invectivaram êles, e nem, um homem ainda?!!

Ela então medita, reflete, toma seus cabelos coloca-os no regaço da filha, amassa-a e lava-a no rio. *Uarahiulú* e *Darúcavaiteré* geram de novo, dando então à luz *Uazalé* ancestral dos Paressí, e possuidor da figura humana.

Uazalé apresentava-se com cabelos pretos sobre todo o corpo, uma cauda curta, asas membranosas, entre os braços e as pernas como os morcegos.

Urulahiulú tem ainda nove filhos de *Darúcavaiteré*, e daí o tronco paterno do que se originam os Paressí.

Seus filhos eram: 1.º *Uazalé*; 2.º *Zatemarê*; 3.º *Camahié*; 4.º *Camaicuré* (2, 3 e 4 ficam sem descendentes); 5.º *Camazú* avô dos *Cabixi* a quem os Paressí consideram irmãos mais velhos; 6.º *Zaluiá* e 7.º *Zacalú* ambos avós dos *Uaimaré*; 8.º *Zawluré* avô dos *Caxiniti*, que não costumam hoje uma tribo independente; 9.º *Aurumenaré*, sem descendentes e 10.º *Cuitiburé*, avô dos Portugueses.

Êstes e os Brasileiros são irmãos mais novos dos Paressí.

Mais tarde, geram *Darúcavaiteré* e *Uarahiulú* filhos, parindo esta últimos utensílios de aço, e machados, depois disso cavalos, vacuns e porcos, tudo proveniente do corpo de *Uarahiulú*.

Uazalé é o primeiro Paressí (era como nós) e nasceu em um certo rio do Norte, indo mais tarde para o céu.

Seu filho *Camonduré*, — do qual se considera descendente João Batista — tinha sua casa em uma montanha, quando se deu uma grande inundação, e havia plantado milho, de cuja origem falarei mais adiante.

No comêço, comia a gente frutas de jatobá, de burití, madeira podre e terra.

De uma feita, quando ainda jovem, perdera-se *Uazale* na floresta ... Assobiou, assobiou... mas a mãe não o ouviu.

Internando-se mais na floresta achou a mandioca selvagem; arrancou a raiz do solo, comeu-a, trazendo aos pais os ramos.

E' interessante que uma tribo do grupo Aruak, que, dentre os grupos tribais existentes, teria mais direito a reclamar para si a primeira cultura da mandioca, faz encontrá-la simplesmente no mato, não a deixando brotar duma sepultura, como os Tupí, nem a fazendo buscar dum rio, do peixe bagadú, com os Bakairí.

Uazale plantava cabelos de sua própria cabeça e brotava algodoeiro; enterrava (não sei se nisso há ou não um mal entendido) uma criança, e nascia tabaco.

Também o milho se originara nessa ocasião.

Uazale ficou muito furioso com seus filhos *Kolabirumé* e *Halaró*, irmão e irmã, que estando juntos na mesma rêde quase foram mortos.

Fogem para a floresta, levando em sua companhia dois outros filhos *Alahuré* e *Manié* esmarridos de pavor; fazem fogo e a floresta se transforma num brazeiro, em que, dos quatro três succumbem e, salva-se só *Alahuré*.

Daqueles, porém, brotam plantas; dos órgãos genitais dos homens surgem espigas de milho, preto de *Colabirumé*, amarelo ou vermelho de *Manié*; dos órgãos genitais de *Halaró* irompe a fava *Cumatá*, das suas costelas o feijão *Cumathiró*, do umbigo a batata, e do anus a noz da terra — o mendobí.

Vê-se, pois, que as semelhanças existentes entre as partes constitutivas do corpo e os frutos são decisivas para a escolha.

Alahuré, sobrevivente, foi quem primeiro comeu milho.

Uazale ensinára também à mulher a Cerâmica.

Eu quis então saber dos *Paressí* como os *Bakairí* apareceram, mau grado não serem eles de nenhum modo favoráveis a êstes.

Os *Bakairí*, alguns num caminho para Diamantino atacaram os *Paressí* roubando-lhes as mulheres, sendo muitos *Paressí* trucidados.

Nesse encontro perdera a vida Manuel Brito e seu irmão foi ter com o presidente sr. Mello Rego, para queixar-se do nosso Antônio, quando decorridos já quatro anos da inesperada aventura.

Uazale tinha um irmão *Canazú*, o já mencionado avô dos *Cabixi*, além de um outro *Tchennicauré*, por cognome “Grande jaguar”; êste matou *Camazú* e devorou-lhe a mulher.

Seu filho *Uaicomoné* foi criado pelo avô *Araurizú*, e quando crescido, podendo atirar flechas, matou o grande jaguar, tirou-lhe a pele com a comprida cauda e guardou-a num saco.

Das seis flechas de *Tchennicauré* provieram os *Bakairi* que, em língua paressi são chamados *Motocosó*.

Aparentadas ao grande jaguar o são ainda outras tribus — “todos os bugres que sejam selvagens e comam carne humana”.

Destarte, incriminam uma certa tribu de outros costumes canibais, remontando a sua origem ao jaguar devorador de homens.

Vaicomoné, ao lado de *Uazalé* parece ter a maior importância. Trocará com êste a mulher, e foi-nos apontado, uma vez como seu filho.

Com três irmãos *Uazúlucuhiraré*, *Querocama* e *Uazulié*, foi para o céu depois de morto, onde êles recebem os Paressi mortos, e os pintam com urucú e os adornam fazendo-lhes uma tonsura.

Êstes quatro são apontados como *nixuú* (*noxi* = neto), desempenhando, para os Paressi cristãos, o papel de anjos:

São bonitos, como se-lo-á cada Paressi que lá chegar.

No céu tudo é muito bonito, como aquí na cidade!

Vaicomoné e seus três acólitos, como verdadeiros médicos ascetas, não gostam da mulher; todavia êle produziu um filho, modelado por suas próprias mãos de uma fôlhas que cresceram até se transformar num homem: — era *Hoholuré*. Êste se casa com tôdas as mulheres bonitas que morrem aquí em baixo, e depois, vão lá para cima.

Um seu cunhado chama-se *Duzukaié*, que está no céu e tem muitos filhos; outro — *Macacoaré*.

A variedade de nomes é inesgotável.

Cada Paressi se preocupa muito com o possuir o respectivo avô um bom lugar no céu.

Em compensação formigam pela terra criaturas diferentes que se não aparentam com os Paressi, nem se aliam por casamento ou amizade, mórmente as que lhes são adversas, inimigas, e os procuram devorar.

Não devoram unicamente os pecadores mas, também a boa gente.

Ivacané, com bastos cabelos, mal tratados a lhe caírem sobre os olhos, está no leito dos rios. Não se vê jamais: ouve-se, fazendo *hu, hu*, ou *hum, hum*.

Vivem em todos os rios, mesmo nas nascentes, e tem também uma mulher.

Cocuimoró. No rio. Assemelha-se a um morcego, de asa e cauda, tem cabeça de arara.

Vôa durante a noite e grita *cvi, cvi, cvi*, com som fino e alto, semelhante ao do falcão, atirando-se de madrugada, nágua.

Toluá. No rio. Um tanto pequeno, brancacento, grita de noite *torú torú*, e, daí o nome.

Sai fora água em busca da floresta.

Severiti. Na floresta. Muito pequeno, como um grande Terita, sem cabelo e sem fala.

Hacasó. Na floresta. Sua voz é variável: *cua...* subindo de tom, *hahahá*, baixando. É pequeno, com cabeça humana e cheia de barba, sendo as pernas exclusivamente de ossos.

Hacasó e Toluá devoram sobretudo o homem que, em vez de ficar em casa, e cumprir o preceito da couvade com a mulher e filho, vai à floresta.

Patria dos Paressí. Onde nasceu Uazale e onde nasceram os Paressí?

Tracei, com João Batista e Manuel Chico a geografia mais exatamente possível do seu território, conservando uma porção de nomes de pequenos rios e regatos sem grande interesse. Mas, já pela enumeração destas águas de curso superior, chega-se a verificar um desvio para o Sul.

Tomei os nomes conhecidos dos predecessores, começando por pai, avô, e os interroguei sobre em que margem de rio haviam nascido.

Além disso, nós nos prevenimos contra a série de nomes ancestrais, tanto mais quanto íamos para o Norte.

Os ascendentes mais próximos de *Uazale* habitam uma metade superior dos domínios do Jurema (ao longo do qual se havia consumado o desvio para o Sul) e do Arinos, os quais juntos constituem o Tapajóz.

O próprio Uazale nasceu em *Matihurizá*, “onde não há nem campo nem floresta”, ou margem, muito distante das cabeceiras.

O *Matihurizá* é o Tapajóz, se não representa o próprio Amazonas.

Quando destarte, a principal corrente das tribus *Caraíbas* se dirigia do Sul para o Norte, muito poucos do grupo Nu-Aruak se moviam do Norte para o Sul.

Em verdade não se perturba essa boa gente com a pequena contradição de Uazale ter vindo do longinquo Norte, e de sua avó Maisó, antes de todos os rios, ter feito Cuiabá.

CAPÍTULO XVII

OS BORÔRO (61)

I — PARTE HISTÓRICA — FUNDAÇÃO DAS COLÔNIAS

Borôro da Campanha e do Cabaçal. Coroados-Borôro. Confusão na literatura. O pequeno Sebastião. Martius. Fim da luta e catequese. Rapinagem nas colônias.

Distinguem-se em Mato-Grosso dois grupos de Borôro, os Borôro da Campanha ou da planície e os Borôro-Cabaçais ou do rio Cabaçal. Os Borôro da Campanha vivem em pequenos aldeamentos abaixo de Vila-Maria, à margem direita do Paraguai e Jaurú, para o lado da Bolívia; os Borôro do Cabaçal não longe daqueles, ao Norte, nas margens e nas cabeceiras do rio dêsse nome e do Jaurú, ambos os quais desembocam no lado direito do alto Paraguai, aquêle junto a Vila-Maria e êste um pouco mais ao Sul.

Êstes Borôro não raras vêzes foram visitados por viajantes: em 1827 entraram em contacto com a expedição Langsdorff; no mesmo ano, o naturalista austríaco Natterer obteve entre êles uma

(61) — Êste capítulo foi reproduzido na Rev. do Inst. Hist. e Geog. Bras. Tomo LXXVIII, 2.^a parte. A tradução do Sr. Basílio de Magalhães, prescinde de revisão (N. do T.).

rica coleção, que hoje se acha no Museu Imperial de Viena; o conde Castelnau e seu companheiro Weddell, que de 1845 a 1846, em sua célebre travessia pela América do Sul, estanciaram em Mato-Grosso, deixaram-nos um pequeno vocabulário; o engenheiro Rodolfo Waehnelde dá uma intuitiva descrição de tais índios na Revista Trimensal do Instituto Histórico, t. 27, do ano de 1863; e, finalmente, o colecionador Ricardo Rohde, que, por 1883-1884, em comissão etnográfica do Museu berlinense, viajou na parte meridional de Mato-Grosso, inseriu alguns dados no caderno n. I das "Comunicações originais da secção etnológica dos reais museus de Berlim" (1885).

Êstes Borôro da Campanha e do Cabaçal são tidos como restos de uma tribu poderosa, que ocupava a região entre o rio Paraguai e o rio Cuiabá, vivia em luta acirrada com os colonos, sobretudo perturbando sensivelmente o comércio entre Cuiabá e Vila-Maria e Mato-Grosso, e se repartia em numerosas e hoje já destruídas sub-tribus.

Por João Pereira Leite, abastado fazendeiro das vizinhanças de Vila-Maria, o qual durante seis anos pelejou com êles, matando 450 e aprisionando 50, os Borôro da Campanha, no segundo decênio do nosso século, foram pela primeira vez pacificados e em parte batizados (62). Os Borôro do Cabaçal, os ordinariamente mencionados, só em 1842 é que foram estabelecidos no Jaurú, por "suave persuassão e presentes", pelo vigário de Mato-Grosso, José de Santa Fraga; mostraram-se, porém, muito rebeldes aos trabalhos rurais, plantaram só um pouco de arroz, batatas e bananas, e preferiam alimentar-se principalmente da caça, obtida por meio de arco e flecha. Hoje, à margem direita do Paraguai, são os Borôro uma decaída e miserável comunhão. Não puderam suportar a civilização por meio de sífilis e cachaça.

De outros Borôro nos fala a história da colonização da província, já nas suas mais remotas épocas. Em 1742, Antônio Pires saiu com um bando de Paulistas e 500 Borôro aliados, para submeter os Kaiapó na parte sul da província, fêz também mais de 1.000 prisioneiros, estabeleceu alguns postos militares e deixou ali "uma guarnição de Borôro".

Todos êstes Borôro saíram originariamente da região do rio S. Lourenço; da sua parte baixa êstes caçadores nômades estenderam-se pela zona sita entre êle e o seu afluente, o Cuiabá, como também pela margem direita do Paraguai, que fica defronte da

(62) — Como de costume, êle mesmo foi padrinho do cacique, o qual dêle recebera o nome e, exhibindo a certidão de batismo, soberbamente dizia a tôda a gente: — "Eu me chamo João Pereira Leite!" (Nota do A.).

sua foz; ao passo que, depois, tendo saído da parte alta do S. Lourenço, se estabeleceram a Este e Sudeste da província, nas cabeceiras do Araguaia, nas contravertentes do S. Lourenço, como vizinhos e inimigos dos não menos fortes Kaiapó.

E' difícil compreender por que razão, a respeito dos Borôro, existia a maior confusão de idéias, tanto entre os próprios Matogrossenses, como na literatura. Diz-nos Castelnau que os Borôro do Cabaçal eram também chamados "Porrudos"; mas "o nome velho do rio S. Lourenço, que ainda hoje êle conserva na parte alta", como ensina o geógrafo Melgaço (Rev. Tr., t. 47, pags. 459), é "rio dos Porrudos" (63).

Os índios do S. Lourenço são hoje chamados Coroados, — o que provoca confusões. Coroados poderíamos também chamar aos índios do Xingú; Coroados havia, antes de tudo, na bacia do Paraná, e ainda outros no rio Xipotó, na divisa das províncias de Minas-Gerais e Rio de Janeiro, tribus que são de todo diferentes pela origem e linguagem, e diversas dos Coroados de Mato-Grosso.

Em Cuiabá, os Coroados, à nossa chegada, eram objeto de interêsse geral. Depois de terem passado como os mais ferozes inimigos da povoação rural, em tôda a região entre o rio Cuiabá e o S. Lourenço até as fronteiras de Goiaz, foram finalmente pacificados e estabelecidos, em 1886, em duas colônias militares sitas à margem do S. Lourenço, graças aos esforços do presidente Galdino Pimentel.

Mas, nem tôdas as crueldades, que correm por conta dos Coroados, foram cometidas por êles. Têm sido êles, a tal propósito, confundidos com os Kaiapó, que ao Nordeste de Cuiabá fizeram invasões de rapina. Também na capital ninguém sabia dos mesmos Borôro, os quais desde muito tempo viviam em diferentes aldeamentos, ao lado direito do Paraguai, em relações pacíficas, bem que em estado de acentuada decadência. Antes do meiado do século XVIII, já eram aliados do fundador de Cuiabá, Antônio Pires, e foram empregados por êle como soldados de guarnição.

Eu fiquei bem admirado, quando Atualpa, um dos Coroados que foram conduzidos para a capital afim de receber o baptismo, me informou de que êles se denominavam a si mesmos Borôro.

(63) — O cartucho do penis, usado pelos Borôro, foi que deu lugar àquele nome. Como o hábito desse enfeite, igual em todo o Brasil, não produziu por tôda parte esse nome, é de supôr que os Paulistas, como dizia a gente, foram aqui provocados a fazer um trocadilho (Nota do A.).

Dêste modo, cheguei também a decifrar logo outro enigma, que me ofereceu a conversação com Ataulpa. Eu tinha acabado de ler um relatório sobre alguns Coroados que, em 1859, foram levados presos para Cuiabá (duas raparigas e um rapaz), no livro de Joaquim Ferreira Moutinho, *Notícia da Província de Mato Grosso* (S. Paulo, 1869, pgs. 425 e segs.) onde achei um vocabulário (pags. 192), que então tratei de comparar com os meus próprios apontamentos. Com grande admiração minha, não concordava nada, mas nada. O autor tinha colhido as palavras de um rapaz Coroadado de Cuiabá, com o nome de Sebastião e que lhe havia contado histórias comoventes. “Vamos dar algumas palavras que aprendemos dêle”, e seguem-se 52 palavras copiadas do glossário de Martius, pags. 195 e segs., e oriundas infelizmente dos Coroados do bem distante rio Xipotó, nas fronteiras do Rio de Janeiro, os quais tão pouco como os Coroados do Paraná e os Coroados de Mato-Grosso nada mais têm de comum do que o infeliz nome português! Sem o nome, esta deplorável confissão não se tornara possível (64). Ingenuamente, Moutinho não aproveitou a ocasião de informar-se melhor, quando visitou a aldeia da sub-tribu do rio Cabaçal, chamada com razão Borôro, mas não Coroados. Nessa visita, que descreve a pags. 169 e segs., deveria êle ter observado que os índios falavam um dialeto da língua do pequeno e piedoso Sebastião. Consultou outra vez o seu Martius, e ali, a pags. 14, achou os Borôro e copiou 40 palavras, que efetivamente pertencem aos Borôro do Cabaçal. Também aquí podemos descobrir o infortúnio da sua fonte. Pois as palavras notadas pela expedição Castelnau não têm, infelizmente, o caráter português, e sim o francês, em que os ditongos têm uma pronúncia de todo diversa da dos portugueses e concordam de um modo tal, como podem concordar duas notas diferentes.

Um dos poucos que supuseram, com razão, como mais tarde verifiquei, a identidade dos Coroados com os Borôro, foi o barão de Melgaco (65), tão hábil presidente (pela primeira vez, em 1851), como geógrafo, de Mato-Grosso”. Os Coroados vagueiam na re-

(64) — Conta Moutinho: — “Mostrámos um dia o céu ao pequeno Sebastião. Êle, levantando as mãos em sinal de veneração, respondeu-nos humildemente: “tupang”! (N. B. palavra tupi, que quer dizer “trovão”, pelos missionários explicada como “Deus” e adotada). Mostrámos-lhe o sol, — e êle disse: “obé” (palavra dos Coroados do rio Xipotó, igual a “sol”), inclinando a cabeça em sinal de respeito”. Nenhum rapaz Coroadado conheceu as palavras “tupang” e “obé”, e ainda menos jamais um dêles teve aquela devoção tão belamente descrita por Moutinho. Mas semelhantes anedotas são tomadas pelo leitor incauto como moeda corrente e adquirem valor real. O próprio autor, na sua ignorância, não tem idéia da grandíssima necessidade que com bom intuito oferece (Nota do A.).

(65) — “Rev. Tr.”, t. 47, pags. 396. O barão de Melgaco tinha o nome burguês de Augusto Leverger, de origem francesa (Nota do A.).

gião das cabeceiras do S. Lourenço; nada têm de comum com os da bacia do Paraná; suponho que sejam Borôro". Ele apenas os julgou extintos.

Devido à confusão que reina no próprio país, não podemos estranhar que Martius tenha tido concepções errôneas a respeito dos Borôro. Trata dêles entre os Tupís centrais (66); duvida, porém, e com razão, que representem uma tribo tupí, mas torna-se então vítima de idéias singulares que dominaram outrora sobre a composição de tribus índias e que melhor se externam pela sua expressão predileta "*colluvies gentium*". — "E' possível que em Borôro se compreendam geralmente índios inimigos, sem determinação certa de nome, e até talvez um "*colluvies gentium*", que, sem nacionalidade característica e conservada, em língua, costumes e aparência física, dividida em pequenos bandos e sem morada fixa, vagou roubando e matando. Tais hordas salteadoras talvez tenham tido por fundadores indivíduos de origem tupí. Mas, tendo-se aliado com êles outros índios, transformaram a sua língua em uma gíria de ladrões (!). Cazal (Corografia Brasileira, pags. 302) menciona duas tribus Borôro: os Coroados e os Barbados. "Os primeiros não são navegadores, mas sim caçadores nômades, que, diz-se, vagam ao Sul e Sudoeste da cidade de Cuiabá, em ermos inacessíveis, nas nascentes do rio S. Lourenço e do rio das Mortes, tributário do Araguaia". — Estas indicações de Cazal são completamente exatas, e também êle considerou os Coroados como Borôro. "Entre os Barbados, continua Martius, deviam talvez estar compreendidos os Guato: êles atacaram de vez em quando as bandeiras que iam de Goiaz para Cuiabá e estenderam os seus assaltos até Diamantino. Mas os Guato nunca chegaram a essas regiões, e vivem ainda hoje como nômades de água, na região do alto Paraguai; aquêles Barbados provavelmente eram Caiapó ou talvez Borôro".

Naturalmente explica Martius o nome "Borôro" pela língua geral, ou como "guerreiros inimigos", no entender dos vizinhos, ou como "donos da terra", na sua própria acepção.

Os Borôro, porém, não sabem nada da língua geral, e êles mesmos chamam-se assim.

Abstraindo agora o nome "Coroados", vou relatar alguma coisa sobre a tal chamada catequese ou conversão dessa tribo borôro, — a qual foi durante longos anos desejada em vão, e que não

(66) — "Contribuições para a Etnografia Americana", pags. 209 e segs. e pags. 263. Lipsia, 1867 (Nota do A.).

pôde ser bem sucedida, porquê as tentativas foram feitas ineptamente. Como ponto de apôio, serviu uma colônia militar à margem do S. Lourenço, que foi estabelecida no fim do 7.º decênio (1875-1880) pelo major J. Lopes da Costa Moreira.

Em 1878, o capitão Alexandre Bueno formou uma expedição de 70 índios Terena, — tribu pertencente ao grupo dos Guaná, — “para expulsar os Borôro”. Tinha êle, conforme me asseguraram, a incumbência secreta de matar a tiro quantos pudesse, e o êxito foi-lhe de tal modo favorável, que pôde exhibir ao presidente um saco cheio de orelhas. De vivos, apenas trouxe duas mulheres e duas crianças.

No dia 9 de Outubro de 1880, os Borôro atacaram a fazenda de José Martins de Figueiredo, no Bananal (rio Cuiabá), matando diversas pessoas. Aparelharam-se, por isso, ao mesmo tempo, várias expedições contra êles. Foi comandante de uma delas o alferes Antonio José Duarte; acometeu êste, sem vantagem, uma aldeia, aprisionando cinco mulheres e 12 crianças. Mais não se alcançou. Dizem que nos anos de 1875-1880 os Borôro incendiaram 43 casas, mataram 204 pessoas (134 homens, 46 mulheres, 17 crianças, sete escravos) e feriram 27 pessoas (11 homens, seis mulheres, três crianças, sete escravos). Quantos Borôro foram mortos — não se conta. Não há dúvida que a matança era recíproca. Notou-se geralmente que os indígenas mostraram grande tenacidade na satisfação dos seus planos de vingança. Um Brasileiro, que de modo cruel lhes matara duas crianças, foi sistematicamente perseguido durante quatro anos, até que finalmente o aprisionaram e despedaçaram, como merecia. Nos seus ataques usavam de toda a previdência, espionando durante dias e semanas, até oferecer-se a ocasião de estarem poucas pessoas no sítio. Viajantes escoteiros, êles os deixavam escapar; acontecia, porém, se queriam estabelecer a sua pousada, de noite, serem impedidos por gritos que saíam do mato: — “vá embora!”. Não viam ninguém, mas caso não obedecessem, podiam esperar uma flechada. Em Fevereiro de 1881, foram mortos pelos Borôro, na Forquilha, a 10 léguas de Cuiabá, dois homens e sete crianças e penetraram aquêles índios até Urubú, perto da fábrica de pólvora, a cinco léguas da capital.

O alferes Antônio José Duarte, que já mencionei, alcançou finalmente a feliz modificação dêsse estado insuportável. Fêz voltar com ricos presentes mulheres aprisionadas, e prometeu mais regalos, se os homens se aproximassem; e dêsse modo se obteve finalmente a conciliação. Em Janeiro de 1887 êle levou para Cuiabá

cêrca de 400 Borôro. Havia de apresentar-se então um singular movimento nas ruas da cidade. O que mais agradou foram as crianças, que se mostraram muito selvagens e foram comparadas a pequenos jaguares, “sòmente unha e dente”; as mulheres saltavam as cêrcas dos jardins e trepavam, conforme o seu costume, nas árvores para apanhar frutos.

A província exultou de contentamento. Avaliaram-se os índios, com a costumada exageração, em 10.000 almas, e imaginaram-se êstes 10.000 indivíduos como trabalhadores rurais e de engenho. O Govêrno imediatamente pôs à disposição da catequese 70 contos de réis, e a burguesia contribuiu voluntariamente com 3 contos de réis, o que tudo junto, naquele tempo, importava em 140.000 marcos.

As despesas, dentro em pouco, subiram a 118 contos de réis,

Os índios foram estabelecidos em duas colônias: uma, na confluência do Prata com o S. Lourenço, foi chamada “Teresa-Cristina”, do nome da imperatriz; a outra, no foz do Piquirí com o S. Lourenço, foi chamada “Isabel”, de nome da princesa imperial, espôsa do conde d’Eu. O presidente também fundou um “Colégio de N. S. da Conceição”, para a educação dos filhos dos índios, — um colégio que nunca teve alunos.

Tôda aquela gente foi solenemente batizada pelo bispo, sendo padrinhos o então presidente dr. Alvaro Marcondes e sua espôsa: o cacique Moguiocúri, de quem adeante falaremos, — magnífica figura indígena, com efeito, — com 1m,90 de altura, e, a-pesar-de alguma brutalidade, um bondoso tipo, — recebeu o nome de Alvaro. O seu cristianismo, porém, limitou-se à lembrança dêsse nome por alguns dias:

“Moguiocúri — assim se expressou o *Jornal do Comércio* em uma carta de Cuiabá — parece inteiramente identificado com a questão da civilização de sua tribo; frequenta assiduamente o palácio para visitar o presidente e oferecer-lhe presentes; mostra a maior simpatia para com êle, e o chama de *padrinho*, beijando-lhe a mão, sempre que o vê. Tôdas as vêzes que encontra o presidente, manifesta a sua alegria com muitas risadas e repetidos abraços”.

Difícile est satiram non scribere. E’ mesmo muito difícil. O bom do Moguiocúri certamente tinha a melhor intenção, conforme o seu reciocínio e enquanto não lhe faltaram presentes. O índio, o oficial, o fornecedor, cada qual enriquecer à vontade — eis o que foi a catequese. O govêrno fornecia os meios a mancheias, e o que conseguiu foi única e simplesmente que as inimi-

zades, de que ambas as partes estavam igualmente animadas, cessassem. O cristianismo, o hábito de trabalhar, o ensino da juventude, — a minha pena recusa-se a escrever essas bonitas palavras. O dinheiro destinado aos índios serviu só, com certeza, para acabar com esta magnífica matéria-prima humana. O alferes Duarte, diretor de Teresa-Cristina, era efetivamente, como disseram os Cuiabanos, “o deus dos Coroados”, dava-lhes tudo o que pediam, e tornou-os mansos por meio dêsse método simples, que não lhe custava nada, e pelo qual deixava ganhar os negociantes, conforme os conhecidos sistemas de cálculo.

O número dos índios, aos quais o Estado paga por cabeça, é naturalmente indicado como muito grande, e a isso ajunta-se o considerável ganho que o oficial percebe do soldado raso, o qual é obrigado a comprar dêle ou do fornecedor por êle contratado. Não só os gêneros fornecidos pela cidade ou pelas fazendas ao longo do caminho para a colônia eram na colônia mais caros para o pobre soldado do que na cidade para o burguês; a farinha, o feijão, o toucinho custavam o dôbro!

Tomei nota dos seguintes preços (1.000 réis igual a dois marcos) :

	Cidade	Colônia
1 litro de farinha	\$100	\$200!
1 litro de arroz	\$160	\$300!
1 litro de feijão	\$160	\$300!
1 quilo de toucinho	\$800	1\$500!
1 litro de sal	\$200	\$500!
1 maço de fósforos	\$320	\$800!
1 garrafa de aguardente	\$400	2\$000!
1 cálice de aguardente	\$080	\$250!
1 quilo de carne verde	\$200	\$200!
1 quilo de carne sêca	\$400	\$500!
1 arroba de carne sêca	3\$000	8\$000!
1 quilo de mate	\$400	1\$000!
1 rapadura	\$120	\$250!

O soldado recebia 600 réis de etapa diária, o que, devido àqueles preços, era pouco para êle e sua companheira. De sôldo recebia mensalmente 5.000 réis, além de 5.000 réis de gratificação.

“Eu bem sei, disse um dos presidentes, — que Duarte descobriu uma Califórnia”. Mas também o presidente não podia modificar coisa alguma. Logo que adquire uma certa orientação, tem que deixar o seu pôsto, e, quanto mais queira opor-se à administração ruim, tanto mais rapidamente vem a sua substituição, porquê todos os que com isso ganham são seus inimigos. Não vale a pena entrar na questão principal — se o soldado brasileiro, inclusivé o bom e honesto, é capaz de resolver a certamente não fácil tarefa de fazer que os índios sejam um elemento útil na coletividade.

As páginas seguintes hão de mostrar-nos isso.

II — QUADROS DA CATEQUESE

Ao S. Lourenço (Primeiro encontro com os batizados de Cuiabá. Viagem). Os habitantes (Clemente) e a situação da colônia. Vestuário à européia. Modo de cultivar o campo. As nossas impressões. Briga e luta feminina (Maria). Distribuição de carne. Lamentações noturnas. Oração da tarde. Escândalo com Arateba. Sexta-feira da Paixão. Lamentações pelos mortos. Sábado de Aleluia. (judas). “Kaiapó”. Ameaça de destruição da colônia. “Escola”. Os irmãos inimigos. Disciplina. Chegada de Duarte. “Voluntários da Pátria”. Almôço e serenata.

Ao S. Lourenço. — Já em Julho de 1887 podíamos examinar os primeiros Borôro; Duarte havia trazido alguns, para que fôsem batizados. De outro tomámos conhecimento no princípio de Março de 1888. Estavam descalços, porém no mais vestidos à burguesa, e traziam ao pescoço um cordão com um papel verde do tamanho de um cartão de visita, que encerrava o seu novo nome: Ataulpa, Montezuma, José Domingos, etc. José Domingos tossia fortemente; disseram-me que se havia constipado no ato do batismo. Debaixo do vestuário traziam todos o seu habitual cartucho de palha; logo que se achavam fora dos muros da cidade, despojavam-se de tudo, embrulhavam as preciosidades, e ficavam sòmente, por poucos dias, com o seu cartão verde ao pescoço, como lembrança da conversão.

Eram rapazes altos e corpulentos, com testas salientes, sem sobrancelhas e pestanas. Mostraram grande contentamento pelas coisas boas de Cuiabá, onde foram tratados com excessivo carinho, sendo somente de notar que lhes deram bebidas alcoólicas, em lugar de guloseimas doces. A sua principal alegria era o *chapéu-claque* de Guilherme; saúdam-no à maneira de urros de urso, com risadas de *hu, hu*, e batiam no ombro de Guilherme, em sinal de aplauso. Em nossa casa queriam sempre beber e comer mandioca ou *tapira* (que significa carne de vaca e não tapir), ou então dormir ou enfeitar-se. Em toda parte achavam amigos; e quando, junto a nós, estavam à porta da rua, cada negra que passava dizia alegremente, acenando com a cabeça: — “Oh! compadre! Como vai, compadre?”.

No dia 14 de Março de 1888 partimos para “Teresa-Cristina”, pois não podíamos visitar “Isabel”. Duarte ainda tinha de demorar-se algum tempo em Cuiabá, e pretendia ir mais tarde. Todos acompanhados pelo bakairí Antônio e os dois camaradas Carlos e Pedro. As mulas estavam, como sempre, em tão bom estado, que nos serviram de animais de sela. O nosso primeiro alvo, a velha colônia militar, está situada a 16°-132'-6" de latitude Sul, e a 0°-59'9" a Leste de Cuiabá, sobre a margem direita do S. Lourenço, quase em direção Sudeste para Cuiabá. Tivemos de passar alguns afluentes do rio Cuiabá, subimos a chapada e chegámos, 18 de Março, ao meio do caminho, que é a fazenda “S. José”, numa altura de 555 ms. sobre o páteo da catedral cuiabana. Ao Sudoeste dela, estão situadas as fazendas do “Cupim” e “Palmeiras”, que abastecem principalmente as colônias. Do outro lado de “S. José”, a região não é habitada; o estabelecimento é uma pequena casa branca, cercada de muros, como se fôsse uma fortaleza, e aparece na grande solidão ocupando uma depressão do solo com declives cobertos de relva e nada mais. No riacho, cujas margens eram juncadas por muitas palmeiras buritis novas, havia uma única, mas alta árvore. Era preciso ter coragem, para morar e trabalhar ali. Fora dos muros de “S. José”, quase nada, durante o trajeto, lembrava as pelejas contra os Borôro. Somente de vez em quando chamavam a nossa atenção apertados e baixos caramanchões, que eram compostos de definhadas árvorezinhas do sertão; tinham sido feitos por soldados, afim de se abrigarem durante a noite. Passando campos horrivelmente desertos, chegámos, a 19 de Março, aos primeiros afluentes do S. Lourenço, que tinham poucos metros de largura. Deparou-se-nos no ribeirão Prata uma aprazível paisagenzinha, que nos lembrou a floresta, o viçoso prado e a linha argentina do riachinho do

nosso lar. Esta impressão foi apenas contrariada por algumas palmeiras novas e pelo termómetro, que obstinadamente marcava para a refrescante, “gelada água”, 22º8. No dia 21 de Março descemos do terraço do planalto, passando pinturescas rochas de arenito, e pela tarde alcançamos os laranjais da colônia militar, onde passa, com uma largura de 127 ms., o matagoso S. Lourenço. Fomos muito hospitaleiramente recebidos pelo comandante, capitão Serejo.

No dia seguinte chegámos a “Teresa-Cristina”. Está situada para cima da margem direita, não pouco abaixo da barra do Prata; mas o S. Lourenço faz fortes curvas e a região florestal é tão pantanosa, que o viajante é forçado a dar uma grande volta.

Avistámos então: — uma extensa roça coberta de magro mato, no qual se distinguíam muitos cepos velhos e vários troncos de pau, uma porção de baixas e quadrilongas cabanas com tetos de sapé dispostos imediatamente por cima da porta, tudo monótono e triste, côr de palha e barro, cercado de matas e de um rio considerável, além do qual aparece o perfil de uma floresta viçosa, diante de uma cadeia de colinas. — Eis o que era “Teresa-Cristina”.

O representante de Duarte, que nos recebeu com muita cordialidade, era o cadete Eliseu Pinto d’Anunciação. Cadetes, no Brasil, são aspirantes a oficial (geralmente filhos de funcionários públicos e de oficiais), que servem desde soldado raso e cuja promoção depende de proteção. Nosso Eliseu tinha o pôsto de sargento e disse que seria logo alferes, se eu no Rio me empenhasse por êle. Era um bom e consciencioso homem, que poderia ter sido útil, se tivesse tido o direito de agir, consoante com a sua opinião. Um segundo cadete, — oficial subalterno, — chamava-se Caldas, moço de aptidão musical e, mediante uma gratificação, mestre dos rapazes borôro. Êle também tinha formado um vocabulário, e era portanto, ali o representante da arte e das ciências. Ainda havia outro cadete, Joaquim, um boticário e o administrador Ildefonso. Mas para mim a personagem mais importante era Clemente, que tinha 28 anos, dos quais passara três em cativeiro entre os Borôro. Seu pai, Manuel Pedroso de Alvarenga, morava junto a Peixe de Couro, afluente do Piquirí, que desemboca no rio S. Lourenço. Em Setembro de 1873 os Borôro assaltaram ali cinco crianças, que tomavam banho; duas foram mortas, uma escapou e duas foram aprisionadas, — Clemente e um irmão menor. Contou-nos êle que se lhe haviam amarrado as mãos diante dos olhos, e, assim, até chegar à aldeia dos índios, passou

cinco dias sem parar. O irmão morreu logo. E êle em 1886 foi restituído pelos Borôro. A êsse tempo, porém, já êle mesmo se havia tornado Borôro: não só andava neste trajo com arco e flexas, não só havia esquecido quase totalmente o seu português, mas tinha também, como pude em proveito próprio observar, sofrido no seu modo de pensar e de saber uma educação puramente índia. Por outro lado, nesse interim, tinha bastante aproveitado da sua língua materna, para poder servir-me de intérprete prestimoso. Infelizmente deixou antes de nós “Teresa-Cristina”, porquê lá “não se aprendia nada”. Até os oficiais não sabiam nada. No seu lar, dizia êle, havia um homem que era capaz de curar todos os doentes e de abrir qualquer fechadura.

Situação da colônia. — A casa principal da colônia tinha por plano um retângulo comprido e muito estreito. Consistia em uma porção de compartimentos de terra chã, com paredes de pau a pique e teto baixo de palha; as portas abriam tôdas do mesmo lado para o pátio. O mobiliário limitava-se a uma mesa, cadeiras e caixas. De um lado ficava o quarto de Duarte, com uma janela, sem porta para fora; em seguida vinha o refeitório, onde Caldas, às vezes, dava aula de manhã, e que servia geralmente para as reuniões, com uma porta para o pátio e outra para o lado oposto; à esquerda estava a entrada para o quarto de Duarte, e à direita uma porta para a despensa, que era também depósito de cachaca, e cuja chave, nas relações com os índios, representava um grande papel. Depois, viam-se outras portas para o pátio, um pequeno cubículo destinado aos soldados presos, o qual estava sempre ocupado e cujos habitantes haviam de ficar na rede, mais um quarto para Eliseu e o administrador, e ainda armazens. O boticário possuía uma bem provida guarnição de venenos em uma casinha sita defronte, a poucos passos. Os soldados moravam em pequenos ranchos, dispostos parte em direção ao rio e parte à beira da floresta. Em redor achavam-se as cabanas dos índios, feitas com tetos triangulares que chegavam até ao solo, de seis passos de largura e 10 a 13 de comprimento: estavam ao abrigo do sol e algum tanto contra a chuva. Eram muito simples, e cada uma servia para uma família.

No meio da colônia havia um grande pátio. Aí se elevava o tal chamado ranchão, o *baíto* dos índios, de 10 passos de largo e 26 de comprido. Também êste, a-pesar-de feito com o auxílio dos soldados, não tinha arte; as paredes laterais consistiam em paus roliços, negligentemente revestidos de fôlhas de palmeira, distanciados de modo que quase em tôda parte ofereciam entrada. Os lados estreitos quase sempre eram abertos.

Os moços solteiros trabalhavam e dormiam no *baíto*. Êste era também o centro das festividades, principalmente para entoar os cantos de caça, para as danças e para as lamentações pelos mortos, bem como para as deliberações. Para as mulheres a entrada era livre, e, conforme havemos de ver, elas às vêzes eram levadas para lá à fôrça.

As cabanas quase tôdas avançavam até à bôca da mata. Êstretitos talhos conduziam para lá; lugares para servir às necessidades corporais, mesmo da maneira mais primitiva, tão pouco existiam nas habitações como em Cuiabá, e como na cidade para êsse fim se procuravam os porraes, na colônia para isso servia o mato. Rio acima estava a olaria, donde tiravam o barro; aí havia um forno, que nunca foi utilizado. O pouco de plantação achava-se numa clareira. De animais só se viam poucos cachorros e galinhas, pertencentes aos soldados, e algumas araras vermelhas dos índios. Também vagavam nas proximidades alguns urubús. As rezes a abater eram laçadas no campo pelos vaqueanos. Também as mulas andavam soltas, sendo só procuradas para o serviço e para a verificação do seu número.

Existiam na colônia mais ou menos 50 Brasileiros, ajuntando-se-lhes as suas companheiras; poucos eram mais claros que os Borôro e muitos eram mais escuros. Avaliei o número de Borôro presentes, inclusive mulheres e crianças, em cêrca de 200. Porém um bando tinha ido fazer uma excursão de caça e Duarte levara consigo uns 20 para Cuiabá. Avaliando alto, a soma total importava em 350, oficialmente em 450. Diz-se que, no comêço, eram muito mais, — e Eliseu avaliou-os um dia em 1.000. Efetivamente, também Clemente contava que se haviam apresentado ali os Borôro de tôdas as aldeias. Assim, vemos que os “10.000”, de que se falava em Cuiabá, eram imaginários.

Vestuário à europêia — A primeira impressão que recebemos dos Borôro foi, essencialmente diversa da que tínhamos dos ordeiros e ativos índios do Xingú. Não tanto a respeito da falta de vestuário. O cacique Moguicúri, sim, andava quase sempre só de camisa, raras vêzes de calças; só o bruto cacique Arateba é que andava sempre de camisa e calças; de noite e em dias mais frios, gostavam de embrulhar-se nos seus cobertores; algumas mulheres, principalmente as que tinham relações íntimas com os dirigentes da colônia, distinguíam-se pelo uso de camisas de côres e desenhos bizarros, paletós e saias; porém os mais ou menos vestidos de ambos os sexos constituíam exceção. Os homens traziam um cordão à cinta e o cartucho de palha, as mulheres um

cordão ou cinta feita de casca (Bastbind). Os dois sexos gostavam de enfeites para o pescoço e o peito. Mais tarde relatarei as particularidades. A Moguiocúri dei uma peça preciosa, que lhe agradou bastante: — uma camisola turca bem vermelha, bordada de arabescos e de mangas largas que um dia, em Dusseldorff, servira a um mascarado. O sempre risonho gigante ofereceu, nesse elegante traje, um aspecto muito engraçado.

“Que é que havemos de fazer?”, queixava-se o capitão Se-rejo, na colônia militar. Quando a grande turma embarcou para Cuiabá, tinham-se-lhe arranjado 430 vestuários. A isso ainda em Cuiabá se juntaram muitos. E, quando os índios voltaram, de tudo isso não restava nada. Em primeiro lugar, por terem os negociantes fornecido fazenda ruim, muito fina e mal fabricada, que lhes era impossível vender; depois, porque os vestidos eram muito apertados e curtos, as camisas não fechavam sobre o largo peito, e as calças rompiam-se e, finalmente, porque os Borôro tratavam os presentes da civilização com o mais solene pouco caso. Logo que se sentiam incomodados, arremessavam-nos fora; quando precisavam de um saco para carregar carne ou peixe, utilizavam-se para isso de suas coberturas e camisas. Em rédes, de que cortavam pedaços, e em toalhas de mesa, — um original presente brasileiro para índios nus, — envolviam os seus corpos untados. Eles mesmos não usam rédes, e dormem sobre esteiras. Nem por sonho pensavam na lavagem da roupa; as camisas ficaram da cor de barro, como os seus corpos, o chão e as cabanas.

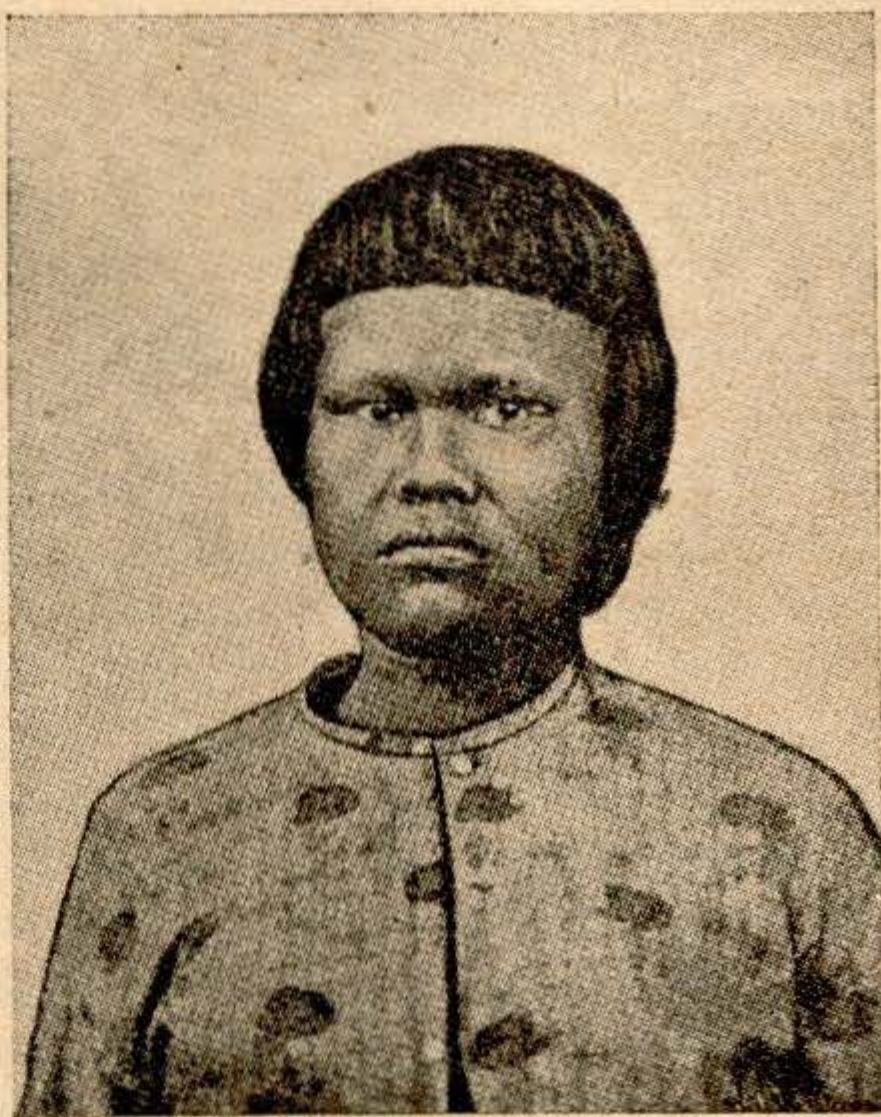


Fig. 126 — Jovem Borôro.

Os bons Borôro eram em demasia tão carinhosamente tratados que os nossos modestos artigos de troca foram mal vistos por eles. Já eram tão conhecedores, que só pediam machados norte-

americanos. De maior aprêço lhes foram as nossas contas (de vidro), mas também a respeito disso as mulheres eram bastante caprichosas, e, sem cerimônia, indicavam as que não lhes agradavam, com a tristíssima expressão portuguesa, que a catequese tinha geralmente vulgarizado, — “Porcaria!” ou “Merda!”, a não se lembrarem do companheiro “Diabo!”

Agricultura. — Os Borôro devem roçar e plantar! Praticamente, os oficiais ficavam satisfeitos, quando conseguiam salvar as plantações dos soldados contra os Borôro. Logo que os indígenas se apanhavam de posse dos machados, divertiam-se em abater os piquís, para não terem o trabalho de trepar nessas árvores e colher-lhes os frutos. Na colônia militar havia um bonito canal: era preciso pôr-lhe um guarda, para evitar a devastação. Os índios, porém, faziam excursões noturnas e achavam meios de ocultá-las e de iludir os seus protetores, pois, sem quebrar as plantas, deitavam-se por terra e chupavam com satisfação as canas. A plantação de mandioca foi também completamente pilhada; as mulheres, costumadas a desenterrar raízes no mato, arrancaram os arbustos novos, revolvendo aplicadamente o solo à procura das raízes. À tribu caçadora faltou toda a compreensão de um plantio regular, mas sobretudo a paciência de esperar pelo desenvolvimento da raiz.

O problema de impedir essas devastações não podia ser bem resolvido pelos soldados. Essa tarefa teria sido difícil mesmo para outros homens que não agissem sob comando e que não tivessem desejos egoísticos, mas sim que agissem espontaneamente, tendo por mira o fim humanitário e isentos da própria cobiça. E os índios perceberam muito bem que — viver e deixar viver — era a única palavra dos seus educadores; que tudo, que se precisava, era fornecido por parte do governo; para eles, que deixaram com muito prazer o seu passado guerreiro, logo que este não tinha mais utilidade, e que temiam tanto os Brasileiros como estes a eles, — para eles a colônia importava em nada mais do que uma existência cômoda e alegre, com poucas obrigações, que consistiam em trabalhar um bocadinho e em fornecer concubinas aos capitães brasileiros. Um cego poderia ter visto que eles eram os verdadeiros donos da colônia, e não o alferes Duarte, cujo poder se limitava, pela dura necessidade, a tratá-los com excessivo carinho.

As nossas impressões — Antes de dar sistematicamente as nossas observações vou enunciar, conforme o meu diário, as cenas mais notáveis da vida e da atividade dos índios e de seus mestres, cenas que se desenrolaram á nossa vista.

24 de Março. — Comíamos no nosso refeitório, junto à porta. Durante a refeição, havia um contínuo vai-vem; o pequeno cômodo, de vez em quando, regorgitava de visitas, a-pesar-de nos acharmos ali bem apertados. A língua usada era um estranho borôro-português. O borôro predomina geralmente nos ditos jogos, isto é, os substantivos necessários, de cujo número os Brasileiros conheciam poucos, ligam-se, com estereotípica monotonia, a duas dúzias de expressões pronominais, adjetivas, adverbiais e algumas verbais, e mesmo os indígenas, notadamente as mulheres, acomodam-se de boa vontade a êsse "Pidgeon-Borôro". Personagem principal é o cacique Arateba, em estado de bebedeira crônica; a êste deixa-se um prato com restos. O eterno feminino tomava a dianteira; as amigas dos senhores recebem os seus pratos, e, quanto mais barulhentas e desembaraçadas se portam, tanto mais alegre se manifesta o entusiasmo.

Hoje apareceu de repente, proferindo termos baixos, a mais moça das mulheres de Moguicúri, personagem alta, espadaúda e que parece desprezar tôda e qualquer vestimenta. Trazia na mão um feixe de mandioca, que atirou furiosa aos pés de Eliseu. De fato, hoje, no rancho dos homens, nós estranhámos o geral preparo de mandioca: a plantação outra vez havia sido pilhada, antes do desenvolvimento da raiz. A Xantippe de Moguicúri parecia ser acusada injustamente do furto; outros lhe haviam dado a mandioca. A briga crescia cada vez mais e durou até à noite. Estavam frente à frente dois partidos inimigos. A maior bulha era feita por Maria, irmã de Arateba, a qual de ordinário representava entre as índias o papel mais importante. Maria tinha sido amásia de Duarte, e correu o boato de que ela havia recebido dêle uma saia grande e um chapéu de plumas; em todo caso, agora, ela andava no seu trajo nacional. Era uma rapariga baixa, robusta, viva, de olhar cintilante, mas aos nossos olhos mediocrementemente bonita. Quando no interior da cabana tinha a contenda chegado ao auge, decidiram terminá-la por uma luta corporal. Precipitaram-se para o pátio; parecia que a Xantippe era o juiz. Com abundância de palavras e gestos pôs elas as três mulheres de um lado e em frente a Maria. Uma das três avançou com um formidável salto, e Maria contra ela. Abraçando-se, começaram um duelo feroz. Mas, dentro de poucos minutos, formaram elas o centro de um espesso grupo de curiosos e de combatentes, — grupo que se enovelava ao longo das cabanas; era um espetáculo exquisito, os homens rindo, pulando e fora de si de contentamento, e as mulheres berando à porfia, enquanto as contendoras se pegavam pelos cabelos e se engalfinhavam. Finalmente, separaram-se à fôrça; mas, en-

tão, o berreiro adquiriu maior veemência, gritando muitas contra muitas. Era principalmente uma velha quem dominava tudo com a sua voz estridente. Caldas, que via com pesar que a sua companheira de tenda, também lutadora, tinha o peito rasgado, empurrou para lá o grande cacique Moguicuri. Com imensa tranquillidade entrou no torvelinho, e, de súbito, fêz-se completo silêncio. O seu poderoso e formidável braço pôs de uma vez para o lado as três perigosas mulheres. Maria, que decididamente tinha perdido, não disse palavra; estava ali com olhos entristecidos, de braços cruzados sobre o peito ofegante, enquanto uma sua partidária, lhe compunha o cabelo desgrenhado. Descontentes procuravam ainda avivar a tempestade; mas as risadas de Corona dominavam. Separaram-se e, em corrida triunfal, foi levada por três mulheres a ruída velha.

Sacudindo a cabeça, encaminhámo-nos para o nosso rancho, mas de lá tivemos que retroceder, por causa de um barulho infernal. Os soldados estavam dançando com as mulatas e índias ao belo luar, e faziam música com sanfona, pratos e garfos, — expansão de alegria em toda parte!

Voltei ao rancho dos homens; dois deles faziam exercícios atléticos. Agarraram-se por debaixo dos braços e, fortemente encurvados para a frente, ficaram por muito tempo nessa posição; até que, de repente, um deles tentou, com a perna ou o calcanhar, fazer dobrar a perna do outro, afim de derribá-lo; foi porém, suspenso pelo adversário, e perdeu. Pequenas fogueiras ardiam ao longo da casa. Os homens estavam deitados com a cabeça sobre pedaços de pau, um ao lado do outro, em fileira, para dormirem ali fóra; proseavam e mascavam cana, atirando em curva os bagaços para trás. Divertiram-se muito, quando me sentei de cócoras junto à fogueira, notando as suas palavras. A um lado, não longe das fogueiras, também dormiam casais; também crianças corriam e brincavam alegremente, até alta noite, no pátio.

Distribuição de carne, 26 de Março. — Uma administração provecta acharia no modo da distribuição dos víveres um meio excelente para acostumar os índios à ordem. Mas ninguém pensa em uma justa proporção, nem a respeito das provisões, nem a respeito de outras coisas. Tudo corre arbitrariamente. A bárbara cena da distribuição do *tapira*, isto é, do boi, é espectáculo repugnante. Geralmente são abatidas duas rezes, e em Mato Grosso a carne de vaca é um gênero imensamente barato. Não há meio mais cômodo para os Brasileiros. Os pedaços de carne e os ossos são amontoados sobre um couro diante da casa; os índios, homens,

mulheres e meninos, em parte munidos de cestas, ficam ao lado, à espera. Um dos cadetes dá o sinal, — e todo o bando precipita-se sobre a carne e os ossos, como uma alcatéia de lobos. Era um espetáculo tão nojento, que me tirou o bom humor, ao passo que muitos assistentes o apreciaram com grande alegria. O idiota Diapocúri, tipo de cretino, foi quem mais prendeu a atenção geral: com selvageria animal, o idiota, representante do rancho dos homens, conquistou três pedaços enormes, e, de olhos brilhantes, levou-os com um grunhir triunfal, enquanto a baba lhe escorria pelo mento. Si isto tivesse sido um gracejo, embora rude, vá lá; mas não: — êste é o sistema regular e habitual. O índio, com isso fica rebaixado a um estado que já havia transposto na sua vida de caçador, desde tempos imemoriais; pois um dos fins capitais da instituição dos *báris*, isto é, homens-médicos (como veremos), era evitar a discórdia na repartição das presas, bem que êsse problema, em verdade, seja resolvido por ficarem êles com os melhores pedaços.

Lamentações noturnas. — Noite a noite ressoam, pelo menos de quatro ou cinco cabanas, as lamúrias de algumas mulheres. São espôsas de caçadores, cuja volta é esperada dentro de poucos dias. *Bábela bábela bá... bába eh!* Os queixumes prolongam-se até alta noite; é quase impossível dormir. Têm êles um fim determinado. Contam as mulheres que, quando deitadas, o sonho lhes revelará o regresso dos seus homens. Na manhã seguinte, porém, é que de fato o sabem. Presentemente elas se ocupam um tanto mais com êsse tema, por ter morrido a mulher de um dos ausentes, o índio Coqueiro. No rancho dos homens tinham pôsto o pano vermelho dos mortos, um vaso e as duas conchas de trabalho da finada; dois *báris* entoavam um longo canto lúgubre, enquanto ao fundo se avistava uma porção de mulheres entristecidas.

Oração da tarde. — Às oito horas da noite realiza-se a “reza”, a Ave-Maria dos soldados. Ontem observámos mais exatamente esta função, e, para apreciá-la colocámo-nos diante da porta do xadrez, quando o corneteiro deu o sinal. Pouco a pouco, reuniram-se 32 homens, ao lado da sentinela permanente, na casa principal, e arranjaram-se à vontade em duas fileiras, grandes e pequenos misturados, com fardas diferentes, cada um munido do seu fuzil-Comblain. A lua cheia, derramava a sua branda clareza sobre os exquisitos rapazes. À frente estavam dois cadetes: enquanto um dêles lia os nomes à luz de uma vela, o outro picava tranqüilamente uma cana, chupando os pedaços. Logo que era chamado um nome, o dono respondia com um “pronto!”, ora

alto, ora baixo, conforme o temperamento. Com surpresa, ouvimos de repente o “Pronto!” também por trás de nós, com uma voz sepulcral, que saía do cárcere; através de uma fresta da porta, víamos com prazer, pela sombra movediça, como o malfeitor se balançava na rede, dentro do xadrez bem alumiado. Após a chamada, a gente se descobriu, cantando, ou, melhor, berrando, sobressaindo uma voz clara:

— *O’ Virgem da Conceição, Maria Imaculada, vós sois a advogada dos pecadores, criais todos cheia de graça, com o vossa feliz grandeza, vós sois dos céus princeza, do Espírito-Santo esposa. Maria, mãe de graça, mãe de misericórdia, rogai Jesús por nós, recebai (!) — nos na hora da morte! Senhor Deus, pequei (?). Senhor, misericórdia! Por vossa mãe. Maria Santíssima, misericórdia (67)”*

Os índios, que, por acaso, passaram, não só gritaram também “pronto!”, como ainda tomaram ativamente parte na cantarola; lá dentro de casa, Caldas exercitava-se na rabeca. Finalmente, ajoelharam-se todos, inclusive a sentinela, e também o cadete com a cana. Os Borôro não faziam mais caso deste ato, que lhes era muito conhecido. Porém uma hora mais tarde apareceu diante da nossa porta uma dúzia de rapazes, cantando (a melodia certa, as palavras, afora o começo, incompreensíveis e confusas): — *Oh! Santa Maria, mãe de graxa!* — abraçando-se alegremente e pondo-se numa linha sem ordem.

Lá pelas nove horas, ainda Moguiocúri se apresentou perante os cadetes, exigindo cachaça. Para variar, este cacique, “totalmente identificado com a civilização da sua tribo”, vestia uma camisa vermelha de mulher e um paletó de linho branco; insistiu porquê fôssem buscar a chave da despensa, e afinal recebeu a sua garrafa. Ele não era menos feliz, quando, de vez em vez, para o mesmo fim acordava os senhores, a horas avançadas da noite.

Escândalo com Arateba — Este, como sempre totalmente bêbado, ainda clama por mais pinga; desta vez, porém, a célebre chave foi-lhe recusada. Então, alarma ele com os seus berros e injúrias a colônia inteira, corre para o rancho e volta com duas “espadas”! Dando furiosas pranchadas no ar e cambaleando de um

(67) — Versos burlescos:

“O’ Vigem da Conceição.
Naria Imaculada,
Pagai o nosso soldo,
Deixai de caçoada!” (Nota do A.).

lado para outro, apenas ameaça. Arranca primeiro a camisa, depois as calças; atira êsses objetos aos pés do pobre Eliseu; depois, dirige-se aos soldados, que ali estavam vadiando, e cobre-os de injúrias, bem como aos seus superiores. Quer ir-se embora, e isso conosco, por lhe haverem negado cachaça. Afinal, volta cambaleando para casa.

Sexta-feira da Paixão, 30 de Março. — A sentinela traz a espingarda com o cano voltado para baixo. As carabinas dos outros soldados jazem estendidas no chão. As companheiras dos soldados dirigem-se para o cemitério, em trajés domingueiros bem engomados, levando cruces e velas. Abre-se a cadeia: saem dois presos, um dos quais, um negro alto, tem às costas um surrão. — saco de couro que lhe serve de mochila, — e à mão o coxó, violino dos sertanejos, que alegremente repinica. Os caçadores voltaram com grande carga, trazendo em seus cêstos uma porção de caça; Coqueiro, o recém-viúvo, ainda permanece na colônia militar. Mas o cadáver de sua mulher já foi exumado. Os ossos, já limpos, foram à noite trazidos do rancho dos homens, dentro de um cêsto; ao lado está um novo cêsto, para o qual êles devem ser removidos na ocasião dos funerais próprios, e também ali está um pote com água. O local conserva-se no escuro, apenas mal alumiado por algumas brasas que ardem e que servem para os fumantes acender os cigarros. Muitos homens, mulheres e crianças estão cômodamente estendidos no chão. Os cêstos, porém, bem como o pote, estão rodeados, em semi-círculo, por vultos acocorados, com o bári no meio: entoam um monótono, mas alto canto de lamentação. O bári sacode incessantemente a matraca, uma cabaça cheia de pedaços de conchas; a sua voz, trêmula e baixa, sobressai com forte *pátos* entre a de todos. Não cessa de cantar e de sacudir a matraca, até lhe faltarem a voz e a mão; então, emudece, e, trêmulamente, deixa a matraca ir parando; há um pequena pausa, durante a qual, no seu êxtase, êle ligeiramente leva um cigarro à bôca, chupando com fôrça a fumaça e tragando-a. De novo canta e agita a matraca, e nesse entretanto continua a fumar; até que, após uma pequena meia hora, está cumprido o dever. Deixam todos o rancho, vagando por fora, tagarelando e rindo, como quase tôdas as noites. Ainda se ouve nas cabanas o barulho de socar milho, ali e acolá arde uma fogueirinha, alumando um grupo pinturesco, canta-se, faz-se ruído, os rapazes agarram-se brincando, namorados vão e vêm, — enfim, festas por tôda parte, sòmente com a diferença de abundar a quantidade de tendas, em que os selvagens devoraram coelhos e adoram as estrêlas.

Sábado da Aleluia — No dia seguinte à Sexta-feira da Paixão, celebra-se no Brasil o tal chamado Sábado da Aleluia. Ao meio-dia, acaba o luto geral e transforma-se num alegre desenfreamento: em toda parte estalam tiros; o traidor Judas, pendurado a uma árvore, é injuriado e despedaçado.

Na colônia, o começo da Aleluia é anunciado às oito horas da manhã, por terem, antes, de abater uma vaca e um porco. O rio subiu, não se pôde pescar por causa da enchente, afim de se fazerem provisões para a Páscoa, e o transporte da carne cessou. O bom do Eliseu, com toda a seriedade, desculpa-se perante nós de ter sido forçado, pelas referidas circunstâncias, a marcar o fim da Paixão; nós o tranquilizamos, mostrando-lhe a diferença do tempo com Jerusalém. O Judas está pendurado numa árvore nova, a 1 1/2 metro de altura do chão: fato de algodão branco, botas elegantes, mas apertadas, máscara de papel, faces pintadas de vermelho com urucú, barba e cabelo feitos de cabelos de mulheres índias, com enchimento de cavacos. *Cabatá?*, (“Que é isto?”), — perguntam os admirados Borôro. Judas tem na manga direita um sabre de pau; de uma algibeira sobressai o gargalo de uma garrafa de cerveja; um pedaço de papel metido no paletó — é o testamento do traidor. Às oito horas, porém, os soldados, bem asseados nos seus uniformes de linho branco, desfilam; olhos europeus haviam de estranhar os pés descalços. Eliseu está munido de uma faixa vermelha. O cozinheiro mete um cartucho na barriga de Judas: — ouve-se um estalo, sai fumaça, e Judas começa lentamente a queimar-se. O corneteiro entoia uma fanfarra; nesse interim, dão três salvas, e, nos intervalos, ajuntam-se à música as lamentações penetrantes que saem de uma das cabanas; os índios, que aqui se acham em turmas compactas, tapam os ouvidos, de certo pensando no tempo em que ouviam nas suas matas o estampido dos tiros. Moguiocúri e seu filho, que ainda o excedia em altura, apresentam-se para também atirar umas flechas nos destroços do Iscariote. Os soldados retiram-se; em toda parte dão tiros; até os nossos camaradas não podem resistir a essa tentação; do largo do pátio da cozinha, onde aviam abatido um porco, ouve-se barulho infernal; a alegria reina em toda parte: — Aleluia!

Kaiapó! — As exéquias pela mulher de Coqueiro, — cerimônia cujos pormenores ainda hei de dar, — caíram numa segunda-feira depois da Páscoa (1.º de Abril); nós, hóspedes, continuámos sempre a admirar estes curiosos contrastes, que cada dia da vida agitada da colônia apresentava aos nossos olhos. Apenas

havam cessado as lamúrias, apenas foi levado o cesto funeral — deu-se nova agitação. Os Borôro supuseram ter percebido no mato dois Kaiapó, que êles chamam de *Caiámo*. O inimigo figadal nas proximidades da colônia! Deixar a colônia imediatamente, à noite, — parece incrível, — era a senha geral dos índios. Os soldados ficaram alarmados; expediu-se uma ronda, que devia dar uma dúzia de tiros no recanto suspeito da mata. Dêste modo, tranqüilizaram-se; mas o grande cacique Moguiocúri, o terror de Mato-Grosso, pousava, para maior segurança pessoal, não com as suas duas mulheres e crianças, e sim com Eliseu.

Também na noite de 2 para 3 de Abril tudo ficou em vigília. Os nossos amigos índios levaram-nos ao ranchão, convidando-nos a tomar parte numa sessão que tinha por fim animarem-se com música, na esperança de uma vitória sôbre os malvados Kaiapó. No comêço lá estivemos de pé e dançámos, enquanto no meio havia um velho cacique, que cantava e secudia, fortemente a matraca; tapando a bôca com as mãos côncavas, bradámos também um surdo *u, u...* dobrando os joelhos ao compasso. Reparando como com isso os Borôro ficaram consolados, continuámos por algum tempo nessa maneira. Os nossos homens trabalhavam no escuro; sômente de quando em quando deitavam palha ao fogo, e as sérias visagens ficavam por momentos vivamente alumiadas. A dança durou meia hora. Depois nós nos sentámos, rodeando o velho matraqueiro, que tremia muito pelo excessivo esforço e bebia água em fortes goles. Havíamos de levar-lhe o vaso à bôca, pois sem isto êle não podia conseguir o seu intento. Então, todos nós ficámos possuídos de nova coragem; o venerável ancião explicava, em tom meio cantarolado, o objetivo da sessão, e o nosso grande côro respondia-lhe encantado: — *uakina!*, isto é, “Muito bem!”, ou rindo grosseiramente *háháhá*, ou resolutamente ameaçador *uh...*, conforme o temperamento.

No dia 3 de Abril chegou ao auge o entusiasmo patriótico contra o inimigo invisível. Estávamos numa refeição, quando, de súbito, vimos correndo impetuosamente 10 a 12 Borôro, em trajes selvagens. À frente dêles achava-se Moguiocúri, bêbado, com a cara afogueada, vestido com a minha camisola turca, armado, ou por melhor dizer, carregado de arco, flechas, mão de pilão e pesado machado sem cabo; atrás dêle, José Domingos, com o rosto e o corpo pintados de fuligem, sacudindo um bonito arco enfeitado com penas de ema, tendo amarrado no pulso, para proteger-se contra o ressaltar da corda, um cordão de cabelos pretos, trazendo ligado ao corpo nu, com uma tira de couro, um oscilante sabre; o

resto dos heróis, com idêntico aparato belico, — e, *last not least*, o idiota Diapocúri. Êste infeliz imbecil também se havia besuntado todo de fuligem, e sôbre o crâneo patológico trazia um cordão de cabelos pretos, à maneira de trança chinesa. Pendia-lhe das costas comprido facão de cosinha, e com a destra vibrava um porrete no ar; semelhante a um possesso, articulando sons confusos, cabriolava, com gaudio de quantos se achavam à mesa. Os temíveis guerreiros saíram então à procura dos rastos dos Caia-pó. Retornaram logo: como não tivessem encontrado vestígios dos inimigos, parece que então os lobos ganharam juízo, — e assim terminou o episódio.

No ranchão dos homens, desde o romper da manhã, tinham estado em muita atividade. Pela tarde, até ao escurecer, uns 12 Borôro divertiam-se em pintar festivamente para a noite o cabelo, a cara e o corpo, com tinta muito vermelha; e lá fora ocorria, logo ao crepúsculo, outra cena. T tinham levado para fora da cabana uma criança de dois anos, que desde 24 horas estava agonizando, e cuja morte os *báris* tinham predito. Estava ela ao colo da mãe, rodeada pelos “homens-médicos” e parentes, que soltavam lamentos. Por trás da mãe estava acororado o pai, que por alguns momentos ficou sem mexer-se; depois; — justamente quando um dos espectadores fêz luz, para acender o cachimbo, — levou um cordão à roda do pescoço da pobrezinha, e assim a profecia dos curadores rapidamente se cumpriu. Levantaram-se todos imediatamente, excêto a mãe; os *báris* foram buscar os seus enfeites de penas e as suas matracas, e começaram a dança fúnebre com o estridente cântico: — *aroé... aroé...*

Mas a festa interna e a cerimônia fúnebre externa do ranchão foram de súbito medonhamente interrompidas, quando se ouviram dois tiros do lado do mato. Atirava-se alí outra vez contra os Kaiapó! Um homem, a quem a bebedeira fizera dormir, os tinha visto e ouvido gritar! Acordado, deu o grito de alarma, que teve como consequência um enorme alvoroço. Eliseu chamou os soldados às armas; em pouco tempo, o páteo ficou repleto de homens carregados de arcos e flechas, de mulheres, que nos seus cêstos haviam arrumado todos os seus haveres portáteis, conduzindo ainda crianças e empurrando outras adiante de si, e de rapazotes, que geralmente estavam também armados. Sòmente não saiu do seu lugar a mulher com o pequeno cadáver ao colo; e alguns dançantes, tendo à cabeça uma grande roda, feita de vermelhas penas de arara, batiam os pés, cantavam e matraqueavam sem cessar, ou, depois de ter tomado parte na celeuma geral, voltavam prontamente aos seus deveres.

A multidão, em grande alvoroço, rodeava a casa principal. Ali estavam os soldados em longa fileira; os cadetes e funcionários mal e mal suportavam o apêto, e ninguém podia ouvir bem a própria palavra. E era noite escura. Os exaltados exigiam que fôsem removidos para a outra margem do rio, antes da chegada dos Kaiapó; tôda a multidão estava pronta para sair. Felizmente, porém, não tinham ânimo de separar-se dos soldados. Era uma efervescência tal, que não se sabia se os cinco sentidos funcionavam. Pouco a pouco a agitação foi arrefecendo. Mais alto ressoava o solene *aroé* dos dançantes, os moços e as raparigas, pintados de vermelho, procuravam as suas pousadas no mal alumiado ranchão, e a multidão, que se apinhava no pátio, dividia-se em pequenos agrupamentos; ali e acolá lobrigavam-se na escuridão achas ardentes, e, ao clarão de uma fogueira, avistavam-se horrendos arcos e flechas, cêstos, os enfeites de penas dos cantores, e, acoçadas e deitadas, pessoas de tôdas as idades e sexos, sôbre cujos robustos corpos o contraste de luz e sombras, no momento em que eram alumiados, produzia efeitos singulares.

Na repartição principal da colônia, todos os aposentos estavam cheios: em casa de Eliseu, de Caldas e do administrador, em tôda parte havia mulheres e crianças, com tôdas as trouxas, em redor da mesa e sôbre ela e em todos os cantos, — semelhando uma grande porção de imigrantes amontoados numa estação ferroviária. Algumas das mulheres mais moças e bonitas davam na vista pela posse de travesseiros brancos. Os brasileiros zombavam delas e consolavam-nas; — “*Caiámo bakimo*”, “os Kaiapó não valem nada!” Os índios gabavam-se de que não tinham medo, entesando os arcos e baixando-se à maneira de espiões, para espreitarem o inimigo. E, nesse interim, esmolavam fumo e cachaça.

Mais uma vez deu-se um grosso alarido: disseram que um Borôro tinha sido morto por um Kaiapó, perto das últimas casas! Trouxeram um homem com a testa machucada; a espôsa, desesperada, precipitou-se sôbre êle para examinar a ferida. Nós fizemos o mesmo. Uns pares de gotas de sangue, uma pequena contusão; o ferido relatou que, no ato de espiar, fôra atingido por um pontudo osso de boi. Se foi má brincadeira de algum amigo frívolo, ou se o projétil era destinado a um Kaiapó, — isso ficou segredo daquela noite sinistra.

Pelas 11 horas da noite, julgámos ser tempo de retirar-nos. Não havia mais novidade em expectativa. Os cadetes jogavam cartas, os caciques estavam muito embriagados. Lá fora também se havia feito silêncio. Os soldados haviam-se recolhido, e ao seu lado estavam as respectivas mulheres, deitadas sôbre peles. O fúnebre pranteio continuava; no *baíto* completa escuridão.

Escola. — Observemos agora um quadro mais pacífico. Os meninos borôro tornaram-se meus amigos especiais. Dêles aprendi os melhores termos da língua. Mostravam-se muito vivos, ousados(mais ou menos como pequenos *neger-boys* e primando sobre a juventude civilizada da Europa em subtileza física e espiritual. Gostaram muito do seu papel de mestres meus e incitavam-me incessantemente a tomar apontamentos: — *Poiedie papéra!* mais ou menos “Continue no papel!”. A êles principalmente devo o conhecimento dos prefixos pronominais para as partes do corpo, que variam para cada pessoa, e bem depressa se tornou o seu esporte favorito o declamar na sua língua — “meu nariz, teu nariz, nosso nariz, vosso nariz, seu nariz”, em tôdas as variações. Nomeadamente revelava inteligência o pequeno diabrete, que figura no meio da estampa n.º 128. Também no nosso alemão êle sempre descobria borôro. Usámos da expressão “papageienmaessig”; imediatamente ouvimos a exclamação *papagaima!* “vamos tomar banho!”. Quando uma noite Ehrenreich se dirigia à lua com as palavras do dr. Fausto, recitando o verso “In deinem Thau gesund mich baden”, o tratantinho acompanhou imediatamente “itáu, akáu, áu”, isto é, “meu cabelo, teu cabelo, seu cabelo”. Esta brincadeira era tanto mais original, quanto o cadete Caldas, seu magister que também devia fazer um trabalho sobre a língua borôro, declarava que os prefixos pronominais americanos, que eu procurava, eram mentiras e invenções dos rapazitos, conforme a linguagem das galinhas.

Êle sustentava isso, por ser muito teimoso em suas opiniões. Expressava-se também desdenhosamente em relação ao nosso aserto de que a língua latina era uma língua morta, porquê êsse idioma era falado no Egito... Mas, peor era quando êle afirmava que Muller (sabe Deus donde lhe veio o conhecimento dessa única palavra alemã!) era palavra francesa, e insistia nisso, apesar-do cômico desespero de Ehrenreich, que, como filho da Atenas do Spree, em face de um ataque tão inaudito ao “Guia de informações” de Berlim, ofendia a base do seu pensar e sentir.

Se Caldas, que, pelo ensino aos rapazitos borôro, recebia uma gratificação, aprendia pouco dos seus discípulos, êstes certamente ainda menos aprendiam dêle. E’ verdade que os marotos não gostavam de freqüentar a aula; no comêço, nem apareciam lá; mais tarde, capitularam, quando alguns pais curiosos também tomaram assento na escola. Eram, enfim, muito desatentos. Eu pensava que as crianças deviam aprender em primeiro lugar os nomes portuguezes das cousas mais conhecidas, — plantas de cultura, animais, utensílios, — que haviam de contentá-los e que êles

espontaneamente me perguntavam. Eu pensava mais se eles não haviam por força de aprender a ler..., mas não vale a pena insistir no meu modo de pensar, é melhor restringir-me ao meu papel de relator.

Cada um dos rapazes tinha na mão uma folha de papel, manuscrita por Caldas. Líamos — al, el, il, ol, ul, bal, bel, bil, bol, bul, dal, del, dil, dol, dul, e assim por diante, pela página inteira. O mestre lia-lhes linha a linha, que os alunos tinham de reproduzir. Durante horas assim se exercitavam eles, sacudindo alegremente o seu papel e dizendo: — bal, bel, bil, bol, bul, dal, del, dil, dol, dul, etc. Durante alguns meses não passaram além disso. Caldas mesmo parecia perder a paciência e perguntou-nos três vezes quantas horas eram durante o pouco tempo em que assistimos às suas lições. Dois pais borôro estavam sentados a um canto, murmurando de vez em quando, não sem alguma devoção: — bal, bel, bil, bol, bul. Entre as minhas notas linguísticas acho o seguinte: — os Borôro me disseram “êle ensina a ler os rapazes”; a frase é, em tradução literal, conforme o verdadeiro objetivo, “êle ensina os meninos a olhar no papel”. Caldas, porém, esperava obter logo melhores resultados; os rapazes, dizia êle, era um bando malcriado, que antes de tudo, devia aprender a obediência. Êle, até então, os tinha castigado, batendo-lhes com a régua nos dedos, quando estavam desatentos. Agora, porém, possui um mais aprefeçoado sistema de palmatória, que nos exhibiu em dois exemplares: tinham elas a forma de colheres de pau, mas com uma peça terminal chata, circular, e esta, — nisto é que consistia o melhoramento, — era perfurada como uma peneira; dizia Caldas que o ar, penetrando pelos buracos, aumentaria a dor. Esperava, pois, que as novas palmatórias vingassem bem e que os rapazitos chegassem pelo menos ao xal, xel, xil, xol, xul. Em nosso tempo, o resultado continuava a ser dal, del, dil, dol, dul.

Os irmãos inimigos. — No dia 9 de Abril, Arateba tornou a fazer, no estado de bebedeira, mais uma das suas proezas. Furioso, derribou a cabana de uma viuva, que não lhe quis satisfazer aos desejos. Aquêlê trabalho foi-lhe de fácil execução, apesar do perigo de a cada arranco, cair de costas. Seu irmão e dois providentes amigos carregaram-no aos ombros, levando-o para o seu rancho. Alí, durante um quarto de hora, foi tomado de um ataque de choro; levanta-se, porém, depois de irrigado com água fria, e aparece diante da casa do comandante. Como um leão que ruge na jaula, êle passeia ali de um lado para outro, desafiando o irmão para a luta e injuriando-o muito perante o povo. O irmão avança para êle, e, acurvado, saltita algum tempo diante dêle; em

seguida, engalfinham-se furiosamente. Arateba, por quatro vezes, é derrubado ao chão. Então Maria (sua irmã), intervem resolutamente e segura-o com tanto vigor, que êle não pode mexer-se. São levados os irmãos para direções opostas. Da choça de Arateba sai de novo uma gritaria selvagem e outra vez aparece o cambaleante bêbado: — tem a fisionomia de um verdadeiro criminoso, e, além disso, a cabeça raspada, — e penetra na cabana onde esconderam o irmão. Golpes retumbantes, gritos medonhos, briga geral. A excitada multidão, em cujo meio se destaca a figura de Moguiocúri, vem para fora; alguns lutam corpo a corpo, Arateba é outra vez pôsto em terra, as mulheres precipitam-se então acesamente no torvelinho. Maria subjuga o bêbado, êste é arrastado para fora, todos riem-se, voltam para o ranchão, e alguns dizem, não sem razão: — *Piga pega!* isto é, “a pinga é coisa má!”.

Disciplina — Estando tais cenas na ordem do dia, não se podia evitar que elas exercessem influência nefasta nos soldados. Êstes andavam irritados, por terem de fazer todos os trabalhos, ao passo que os índios vadiavam; por terem de pagar a garrafa de cachaça a 2\$, isto é, cinco vêzes mais do que o preço da cidade, ao passo que os índios a recebiam de graça, para beber à vontade; e, finalmente, porquê tinham de frequentar o xadrez, em consequência dos seus delitos, ao passo que os índios podiam impunemente gritar à cara dos oficiais um insultuoso — “filho da No mais, o bom do Eliseu, que não podia modificar o sistema, era inocente, — até era, por exemplo, tão indulgente, que perdoou a um homem que sôbre êle avançara de faca em punho. O sôldo naturalmente, era gasto no jôgo de cartas. Um tinha perdido 100\$000 réis no “vinte-e-um” e no “trinta-e-um”, quando chegou o dia do pagamento. Não tendo mais dinheiro, vendiam por uma bagatela todos os trastes da casa.

O ódio contra o administrador concentrou-se em uma pequena rebelião, quando um dos camaradas foi prêso por causa da calúnia de que o dito administrador lhe havia feito à companheira propostas deshonestas, prometendo dar-lhe um vestido novo do seu armazem. Queriam os rebeldes assaltar o cárcere e matar Ildefonso a tiros. Conseguiram acalmá-los, fazendo-lhes vêr que Duarte ia regressar logo e então decidiria a contenda. Ildefonso, porém, estava muito exaltado. Disse êle que tinha apenas dado “bons-dias” à rapariga; outrora, não o negava, tinha-lhe feito cousas como a de que era acusado, mas, agora, para êle, “a mulher era ideal”.

Chegada de Duarte. — No dia 11 de Abril, mais ou menos ao meio-dia, muita celeuma e grande agitação: — *Diúáte! Diúáte!* Chegavam do mato, — não há opereta que represente coisa mais bonita, — 14 Borôro, um atrás do outro, descalços, em traje branco-sujo, rodeado de bainha vermelha, com claros chapéus de palha de abas largas, debaixo dos quais ondulava o opulento cabelo preto, com grossas borlas vermelhas e fitas vermelhas sôltas com o dístico “Colônia Teresa-Cristina”, sabres com talins e copos enfeitados, grandes e redondas botijas de cachaça e de vez em quando um guarda-sol aberto. E atrás Duarte a cavalo, e três caciques montados em mulas, com o uniforme azul-marinho de galões vermelhos de u’a mão de largura, que contrastavam bastante com os pés nus, trazendo a espingarda na mão, e sôbre a manga uma brilhante rodela de latão com os dizeres “Voluntários da Pátria”. Viva da. Carminha, a presidenta. Pois nisso consiste a catequese da exma. sra.! Os robustos rapazes, é verdade, tinham um porte garboso, quando caminhavam aos raios do sol, e marchavam *recta via* para a casa principal; iam, com grande seriedade, sem sequer desviar a vista da linha reta, pois nem lançavam uma olhadela de lado para as suas ululantes mulheres e crinças, que pareciam loucas de alegria.

Ainda no refeitório conservavam a mesma solene atitude. Nós os estrangeiros, estávamos sentados em bancos, postos ao redor da mesa e junto às paredes, em grande contraste com os barulhentos e desnudos filhos da brasileira tribu. Havia notadamente quatro mulheres, que se lamentavam de modo a causar dó, relatando, com os rostos banhados de lágrimas, os acontecimentos desfiados desde a separação; a mais exaltada rasgava a pele do peito, braços e pernas, torcendo em vastos queixumes o ensanguentado corpo côr de barro amarelo, aos pés do espôso, que, em seu traje teatral, estava tesamente sentado no banco.

A 12 de Abril, acompanhando com atrazo de um dia o diretor da colônia, chegaram dois enormes carros carregados de gêneros, puxado cada um por duas dúzias de bois. Para os soldados houve, então, uma mudança: — na ordem do dia da véspera publicara-se que de então em diante cessava a venda da cachaça, principalmente porquê, no momento da entrada do tenente, foram encontrados muitos bêbados.

Almôço e serenata. — Depois de regulados tais negócios, Duarte só no dia seguinte foi que verdadeiramente recebeu os cumprimentos de boas vindas dos seus subordinados. Em primeiro lugar, houve ao almôço bom vinho do Porto. Êste era em abundância, a-pesar-de o tomarem dois cadetes num copo só. Duarte era muito

morigerado, por causa do seu fígado. Ao vinho seguiu-se uma coleção de garrafas de clara cerveja estrangeira, cujo rótulo nos lembrou a pátria distante: a *brasserie* era em Hanover. Seis brindes celebraram a Duarte como soldado do Paraguai, como pai de família, etc. etc. Havia sempre novos motivos para elogios, a todos os quais êle respondia com o seu amistososo — “obrigado!”.

Esta sessão, porém, era apenas um prelúdio da serenata: Caldas com violino, Duarte com guitarra, Ildefonso com o coxó. Foi uma noite linda e alegre, que nos encheu do mais alto respeito pela fôrça para beber por parte dos Brasileiros; nunca eu poderia pensar que nos seus sertões houvesse dessas cousas. Duas grandes caixas de cerveja foram totalmente esvaziadas, antes de chegar a vez da cachaça. Ainda mais infinita era a correnteza dos discursos. Eu fiz o meu brinde ao fundador da catequese dos Borôro, o presidente Galdino Pimentel, de quem não foi a culpa de que mais tarde ela entrasse numa senda falsa, e assim evitei o dilema de mentir ou de ofender inútilmente. Duarte, então, tomou a palavra e falou muito bem. Estava descontente com o govêrno; era por conta do “govêrno ingrato” o que ainda faltava para o aperfeiçoamento da colônia. Considerava também um êrro que Eliseu ainda não estivesse promovido, porém êle mesmo tinha tido razões de dissuadir o govêrno de mandar o seu jovem amigo para a colônia “Isabel”, porquê poderia acontecer que êste, por uma única falta prejudicasse tôda a sua carreira! — De fato, era admirável para um observador imparcial ver como os cadetes confiavam no paternal cuidado de Duarte, — cuidado que a êle mesmo aproveitava, — e como lhe pareciam ser inteiramente dedicados. Avaliei pouco mais ou menos em 30 ou 35 os brindes dessa noite, dos quais pelo menos 20 consagrados ao bem estar de Duarte. Muito engraçado era o bom do Eliseu. Primeiro, incumbiu o palavroso Ildefonso de falar por êle; depois de algum tempo, porém, êle mesmo se levantou, começando resolutamente: — “Não tendo a devida inteligência...”. De então em diante, fêz até corajosamente muitos brindes, começando sempre com a desculpa de que não possuia a necessária capacidade intelectual, e pedindo, tôda vez que terminava, a coadjuvência dos presentes, para vivarem, “debaixo de todo o entusiasmo”, sucessivamente vários membros da família de Duarte, a espôsa em Cuiabá, o irmão e principalmente a filha mais velha. Quanto mais tomavam cerveja, tanto mais solenes e sérios ficavam os discursos. O boticário era poeta, sabia muita cousa de flores de tôda espécie, e comparava o grotesco sargento Joaquim a um botão, e, celebrava a mulher, a qual, — primeira parte, — devia ser considerada uma

criança, mas, para êle, — segunda parte, — era uma divindade, que para nós, os homens, sempre seria um mistério insondável. Ao mavioso acompanhamento da guitarra, recitou Caldas umas inspiradas poesias; as belas palavras sucediam-se muitas vêzes com uma incrível presteza, e do mesmo modo as nossas impressões tinham de variar do delicado ao patético, do forte ao meigo. Apoderou-se de todos uma comoção profunda. Duarte foi abraçado como um pai, Eliseu ajoelhou-se diante dêle, pedindo-lhe a bênção, ao que, porém, o pai brandamente se recusou, com um — “isso não, meus amigos!”.

Ainda não me referí aos Borôro. Êstes, porém, não faltavam de modo algum, e estavam ali bem a geito. Vi, pela primeira vez, um soberbo cacique índio desenvolver uma garrafa de cerveja alemã. A miude, serviam-se êles com prazer do suco de cevada e da cana, tomando muito mais do que podiam suportar. Freqüentes vêzes, entresachavam com a sua tagarelice os discursos sentimentais, o que a ninguém incomodava, levantavam as suas garrafas ao tinir dos copos, tocando-as também, e não se cansavam de abraçar-se cordialmente. Moguiocúri também tomara assento ali, entoando uma canção ruidosa e tocando guitarra, cujas cordas êle arrancava como um tapir que empurra bambús. Faltavam à serenata sòmente mulheres índias. Mas duas moças, já desde o começo, tinham sido levadas por Moguiocúri para o quarto de Duarte, que ficava ao lado do refeitório. Na manhã seguinte, alí chegaram à janela, para serem admiradas, com pentes de tartaruga nos cabelos, correntes de *plaquet* ao pescoço, com pulseiras côr de rosa, e honestamente vestidas de compridas camisolas, que eram estampadas de enormes e variegadas figuras de ramos de palmeira.

Aquí talvez posso eu fechar o meu caleidoscópio: — havia de ser sòmente uma repetição de quadros. Até à nossa saída, no dia 18 de Abril, não tivemos ocasião de observar que as nossas desfavoráveis primeiras impressões fôsem causadas pela ausência do diretor da catequese. Pelo contrário. Duarte ia tomar banho, dava um passeio à olaria, ou fazia cousas semelhantes; no resto do dia, deixava-se ficar no seu quarto, onde também sempre se viam muitos Borôro. Todos esmolavam. Uns ganhavam alguma coisa, outros nada. Bêbados havia sempre entre êles. Para construção do novo edifício, os soldados carregaram paus e folhas de palmeiras, que tinham tirado do mato. Certa vez até alguns Borôro os ajudaram um bocadinho, a trôco de cachaça.

Se preguiça e divertimentos por parte dos funcionários e índios eram o objeto da colônia, — então esta poderia servir de brilhante modelo.

III. — OBSERVAÇÕES

Observações antropológicas. Hábito externo (Cabelo. Partes sexuais. Ferimentos artificiais. Pintura. Ornamentação)

OBSERVAÇÕES ANTROPOLÓGICAS

Altura:

20 homens: max. 191; min. 167,0; med. 173,6.

6 mulheres: max. 168,2; min. 156,2; med. 160,5.

Uma pasmosa diferença da altura dos índios do Xingú! As mulheres borôro regulam pouco mais ou menos com os homens da tribo dos Bakairí. A média dos 26 Borôro de ambos os sexos, que medí, é de 170,6, número êsse, porém, que, na desproporção de 20 homens para seis mulheres não tem valor algum. Tomando por base o esquema de Topinard, os Borôro são indivíduos de estatura alta, sendo de 170,0 o seu limite inferior. Na tabela comunicada por Topinard (68) sobre a média da altura dos homens, ocupariam os Borôro o 3.º lugar entre as 10 tribus de estatura alta. Só seriam superados pelos Teuelche da Patagônia (178,1), e pelos Polinésios (176,2), e quase igualariam os Iroqueses (173,5).

Extensão dos braços abertos — Altura = 100.

20 homens: max. 113,2; min. 99,9; med. 104,7.

6 mulheres: max. 102,4; min. 97,4; med. 100,3.

O mínimo dos homens — 0,2 tinha o maior Borôro medido, o qual, com 191,2 de altura, tinha 191,0 de extensão da braçada. Em duas das seis mulheres, a braçada era menos que a altura: — 0,2 para uma altura de 156,2 e — 4,2 para uma altura de 160,7.

Distância inter-humeral — a) Altura = 100.

19 homens: max. 25,0; min. 21,6; med. 23,9.

6 mulheres: max. 22,6; min. 20,4; med. 21,8.

b) Absoluta

19 homens: max. 45,3; min. 38,5; med. 41,6.

6 mulheres: max. 38,0; min. 32,5; med. 34,6.

O máximo da distância absoluta pertence ao comprido filho do cacique Moguiocúri, que, com a altura de 191,2, teve para a distância inter-humeral relativa 23,7. O número mais aproximativo para a distância inter-humeral absoluta é de 43,5 para uma re-

(68) — “Antropologia” (tradução de R. Neuhauss, de acôrdo com a 3.ª edição francesa), 2.ª edição, pag. 320. Lipsia, 1888 (Nota do A.).

lativa de 23,6. Comparando com os índios do Kulisehu, a média absoluta dos Borôro é de 41,6, maior do que a maior média (41,4) dos Mehinakú, e a média relativa dos Borôro (23,9) é menor que a menor média (24,1) dos Nahuquá.

Circunferência torácica — A) Altura = 100

19 homens: max. 58,4; min. 52,4; med. 55,1.

6 mulheres: max. 55,5; min. 47,9; med. 51,3.

B) Absoluta

19 homens: max. 100,8; min. 90,0; med. 95,4.

6 mulheres: max. 93,3; min. 76,6; med. 82,5.

Comparando esta medida, como a anterior, com a dos índios do Kulisehu (Cap. VIII, II), achamos de novo a maior média absoluta dos Borôro (95,4) maior do que a maior média (95,1) dos Mehinakú, e a menor média relativa dos Borôro (55,1), igual à menor média dos Nahuquá (55,1).

Altura da cabeça — Altura do corpo = 100

18 homens: max. 19,4; min. 12,8; med. 14,6.

6 mulheres: max. 16,1; min. 13,0; med. 14,5.

Dois homens têm números bem altos. Se compararmos a média, (sem o máximo — 19,4 (37,0 cm.) e o próximo 16,8 (31,0 cm.)), veremos que os 16 homens têm uma média de 0,4 com só 14,2, a qual é menor do que a média das seis mulheres.

Circunferência da cabeça — Altura do corpo = 100

20 homens: max. 34,4; min. 31,1; med. 32,9.

6 mulheres: max. 36,6; min. 31,6; med. 33,4.

O mínimo que achamos nos homens medidos no Xingú, por exemplo em um Trumai, — foi de 32,4. A média dos Borôro, 32,9, é mais baixa que a média mais baixa das séries lá observadas, 37,7 dos Kamaiurá, e, bem entendido, a diferença de 0,8 é justamente igual à diferença entre a média mais baixa e a mais alta das tribus do Kulisehu (Kamaiurá, 33,7; Auetö, 34,5).

Índice craniano em relação à largura e ao comprimento.

20 homens: max. 85,6; min. 75,0; med. 80,8.

6 mulheres: max. 79,8; min. 76,2; med. 77,7.

10 homens abaixo da média: 75,0, 76,4, 77,0, 77,6, 77,8, 79,4, 79,6, 80,2, 80,3, 80,3 e

10 homens acima da média: 80,9, 81,5, 81,8, 82,3, 82,5, 84,0, 84,4, 84,8, 85,5, 85,6.

3 mulheres abaixo da média: 76,2, 76,6, 77,6 e

3 mulheres acima da média: 77,9, 78,3, 79,8.

Tenho mencionado todos esses Algarismos singelos, afim de demonstrar que as médias, neste caso, oferecem uma imagem fiel. Os homens têm a distância entre a máxima e a mínima tão colossal, que parece incrível. A máxima das mulheres é mais baixa que a média dos homens, e a diferença entre os dois sexos tem um aspecto muito diverso do que observámos no Kulisehu. Quanto à média, os Algarismos referentes aos homens Borôro regulam com os mais altos do Kulisehu e são apenas excedidos pelo índice dos Trumaí, que é de 81,8.

Proporção do comprimento da cabeça para a altura da orelha — O maior comprimento da cabeça — 100.

20 homens: max. 75,4; min. 61,3; med. 67,9.

6 mulheres: max. 69,4; min. 62,2; med. 66,2.

Ângulo maxilar — Limite do cabelo — mento = 100

19 homens: max. 65,9; min. 51,7; med. 58,3.

6 mulheres: max. 67,3; min. 52,4; med. 58,4.

Arco do osso malar — Limite do cabelo — mento = 100

19 homens: max. 85,2; min. 72,8; med. 78,7.

6 mulheres: max. 84,6; min. 70,3; med. 78,5.

Tuberosidade do osso malar — Limite do cabelo — mento = 100

19 homens: max. 57,6; min. 45,7; med. 49,0.

6 mulheres: max. 49,1; min. 42,7; med. 46,6.

Face média — Raiz nasal — mento = 100

20 homens: max. 69,4; min. 53,8; med. 60,9.

6 mulheres: max. 68,0; min. 58,0; med. 62,3.

Altura do nariz — Comprimento do nariz = 100

18 homens: max. 112,5; min. 92,0; med. 100,1.

6 mulheres: max. 111,6; min. 102,3; med. 106,8.

Largura do nariz — Comprimento do nariz = 100

18 homens: max. 108,9; min. 77,8; med. 89,1.

6 mulheres: max. 95,1; min. 73,3; med. 85,3.

Altura das espáduas — Altura do corpo = 100

20 homens: max. 89,9; min. 79,4; med. 84,2.

6 mulheres: max. 85,3; min. 82,3; med. 83,9.

Altura do umbigo — Altura do corpo = 100

20 homens: max. 63,0; min. 57,4; med. 59,5.

6 mulheres: max. 63,0; min. 58,9; med. 60,4.

Altura da sínfise — Altura do corpo = 100

19 homens: max. 53,3; min. 47,1; med. 50,9.

6 mulheres: max. 53,3; min. 47,4; med. 49,8.

Altura da crista ilíaca — Altura do corpo = 100

20 homens: max. 62,3; min. 55,8; med. 59,9.

4 mulheres: max. 61,7; min. 58,1; med. 60,1.

Comprimento do braço — Altura do corpo = 100

18 homens: max. 52,5; min. 43,6; med. 46,5.

6 mulheres: max. 46,2; min. 42,9; med. 44,5.

Comprimento da mão — A) — Absoluto

19 homens: max. 19,2; min. 16,1; med. 17,8.

6 mulheres: max. 17,4; min. 16,0; med. 16,6.

B) Altura do corpo = 100

19 homens: max. 11,1; min. 9,5; med. 10,4.

6 mulheres: max. 11,3; min. 9,8; med. 10,4.

C) Comprimento do braço = 100.

20 homens: max. 24,2; min. 19,3; med. 22,1.

6 mulheres: max. 24,3; min. 21,7; med. 23,2.

*Índice do comprimento e largura da mão — Comprimento da
mão = 100*

18 homens: max. 50,3; min. 41,6; med. 45,1.

5 mulheres: max. 46,9; min. 41,2; med. 44,3.

Altura do trocânter — Altura do corpo = 100

20 homens: max. 53,6; min. 48,4; med. 51,1.

6 mulheres: max. 55,6; min. 49,4; med. 52,1.

Comprimento do pé — A) Absoluto

20 homens: max. 28,3; min. 24,0; med. 26,6.

6 mulheres: max. 25,5; min. 23,1; med. 24,0.

B) Altura do corpo = 100

20 homens: max. 16,4; min. 14,1; med. 15,3.

6 mulheres: max. 15,2; min. 14,6; med. 14,9.

*Índice do comprimento e largura do pé — Comprimento do
pé = 100*

20 homens: max. 43,3; min. 30,8; med. 37,5.

6 mulheres: max. 38,9; min. 36,1; med. 37,5.

Altura do pé — Altura do trocânter = 100

17 homens: max. 9,1; min. 7,1; med. 7,6.

5 mulheres: max. 7,9; min. 6,8; med. 7,4.

A pele tinha a côr exata de barro; havia, porém, todos os matizes de tons, desde o amarelo-claro (nas faces) até ao violeta (no peito). Em geral, servia melhor Radde 33 m.; a testa um pouco mais vermelha, também com 33 n. e com 33 o. (bem como as faces).

Em alguns indivíduos notava-se já uma afecção de pele, que mais pronunciada se via na mulher de Moguicúri. Tinha ela só livre a cara, o hipogástrio para baixo do umbigo, onde a pele estava coberta, e o dorso dos pés. No mais, o epiderme mostrava-se tapetada de uma erupção escamosa, que se desenvolvia em curvas concêntricas, círculos e elipses, semelhante à face que apresenta uma pedra de ágata polida.

Cabelo preto, e tão liso quanto ondulado, e mais raras vezes, — isto em dois para 20 homens, — crespo.

Barba, quando não arrancada, rara no queixo e no lábio superior.

Cabeça geralmente alta, ordinariamente larga, às vezes redonda. Saliência do occipício bem desenvolvida. Testa baixa, nos homens às mais das vezes inclinada, nas mulheres comumente direita, mas algumas vezes alta e abobadada, frequentemente cabeduda. Fortes saliências, principalmente nos homens, são sinais característicos. Cara geralmente alta e larga, raras vezes alta e estreita, na maioria dos casos oval, raras vezes redonda, sendo excepcional a quadrada. Ossos malares salientes.

Iris castanho-escura, de vez em quando castanho-clara. Distância dos olhos, grande. Abertura das pálpebras muito oblíqua, mas na maioria dos casos horizontal, geralmente baixa, em forma de amêndoa, de vez em quando rasgada. Lóbulos da orelha pequenos ou diminutos, às mais das vezes indistintos. Nariz: — raiz mais vezes larga do que estreita, mais vezes achatada do que saliente; dorso quase sempre largo, geralmente direito ou levemente arqueado, às vezes também em forma de selim; narinas, às vezes em forma de telhas, fortes nos homens, finas nas mulheres; ponta um pouco aguda; ventas dirigidas para diante, redondas. Lábios grossos, arqueados para cima e muito salientes. Dentes regulares, sólidos, opacos, geralmente amarelos, mas de vez em quando brancos, muitas vezes gastos até à metade. Prognatismo médio; queixo raras vezes reentrante.

Seio das mulheres que deram à luz — caídos, com grandes círculos em roda do bico. Órgãos genitais dos homens — pequenos. O prepúcio é artificialmente alongado pelas manipulações com o cartucho.

Mãos e pés proporcionalmente pequenos; índices curtos. Circunferência da coxa, tomada em um homem de 1m,73 de altura, igual a 0m,50; da barriga da perna, 0m,35. Artelhos mais compridos: em 17 homens, nove vezes II, sete vezes I, uma vez I igual a II; em cinco mulheres, três vezes II, duas vezes I.

Hábito externo — Pestanas, sobrancelhas, barba e pêlos são arrancados ou raspados. Agora começaram a deixar as pestanas de algumas crianças, o que lhes foi muito vantajoso em relação ao nosso gosto.

O cabelo era tratado diferentemente, mas tanto nos homens como nas mulheres do mesmo modo arbitrário. A tonsura, que se devia esperar conforme o nome de “Coroados”, restringe-se a uma de 0m,01 de diametro, que se observa casualmente. Talvez aquêlê nome se origine das grandes coroas de penas. Viuvo e viuva trazem o cabelo cortado rente. O modo mais comum e original dos dois sexos é pentearem o cabelo para a testa, onde o cortam em linha reta, caindo atrás livremente. Ao lado das orelhas fazem às vezes um corte ou deixam uma madeixa atada em forma de pincel, e às vezes os homens trazem o cabelo arranjado atrás em forma de nó ou amarrado com uma tira de embira. As mulheres, que se inclinavam às modas brasileiras, repartiam o cabelo ao meio. Havia também homens que traziam o cabelo solto, não cortado, e repartido ao meio. Geralmente era cortado com tesoura; pelo método velho, entre duas conchas. O pente era feito de dois pauzinhos pontudos, afiados nas extremidades e ligados na parte média por fibras vegetais; estas eram dispostas entre duas travessinhas, que iam além das extremidades.

Os homens traziam, quase sem exceção, um cordão à cintura. Havia, porém, um ou outro sem êle. O cartucho, *inobá* (de *no*, palmeira *uaussú*, e *bá*, ovo ou escroto), chamado gravata pelos Brasileiros já foi descrito por mim (com bandeira festival). Póde-se construir facilmente um modelo com uma tira de papel de mais ou menos 0,3 de largo por 0,14 de comprido, ligando as duas extremidades em forma de anel, dobrando uma num ângulo de 90.º, e pondo-a por debaixo da outra. Quando applicavam um cartucho algo apertado, então, o prepúcio diante da glande era amarrado por um cordel e puxado para fora; por esta manipulação e applicação do cartucho, o prepúcio fica repuxado e alongado. A ban-

deira festival é uma tira de palha de 0,20 de comprimento, colocada ao lado. Também o aprisionado Clemente recebeu um cartucho e queixou-se de ter sentido, em consequência da aplicação dêle, dores e inflamação. A expedição Langsdorff refere, a respeito dos Borôro da Campanha, no ano de 1827, que os homens costumavam amarrar o prepúcio com uma embira, à maneira dos Guató, e que a embira lhes servia de cinta; e que outros o cobrem com um cartucho de fôlhas (69). Já citei a observação de Waehnelde, o qual certifica que o cordão da cintura, sem cartucho, como no Kulisehu, era comum Rohde (70) expressa-se erroneamente, quando diz: — “Os homens andam completamente nus, cobrem somente o penis com um cartucho de junco, amarrando o membro para cima do corpo”. Pois os cartuchos de junco, entregues por êle ao Museu Berlinense de Etnografia, são exatamente os cartuchos já descritos, que somente cobrem o penis, porquanto a glândula é uma parte dêle, e o resto parece retraído no escróto. A contração do penis no cordão da cintura, — não a vimos no S. Lourenço. Dizem que ela é usada apenas por aquêles que não trazem cartucho. Disso resulta que o fim para que amarram o penis não é, comum afirma Waehnelde, facilitar-lhes o correrem mais desimpedidos; mas sim, um intuito especial. O verdadeiro objetivo, a que se destinam o cordão da cintura e o cartucho, é o prolongamento do prepúcio; difere somente pelo método, mas tem sido observado na grande maioria das tribus brasílicas.

A respeito das mulheres dos Borôro, diz o relator da expedição Langsdorff: — “As mulheres têm um costume singular, não sei se para se cobrirem, caso êsse em que ficam longe do seu louvável intento. Em primeiro lugar, quero dizer que, por uma razão qualquer, elas apertam a cintura com um pedaço de casca de dez polegadas de largura, e isso com tanta fôrça, que a carne, à altura do estomago, forma um refego, o que contribue para as afeiar; mas, voltando ao costume singular, tenho de acrescentar que, dêste cinto, adiante e atrás, pendem dois filamentos de duas e três polegadas de largura”. Conforme Waehnelde, as mulheres usam um pedaço de couro de anta, de palmo e meio de largura, em volta do ventre: “dêle sai uma embira de meio palmo de largura, que cobre as suas partes genitais”. Rohde diz: “As mulheres também andam nuas; o único objeto com que pretendem cobrir-se é uma tira estreita de casca de cacto, que somente lhes cobre a mínima parte dos órgãos genitais”.

(69) — “Rev. Trim.”, 38, II, pags. 252. (Nota do A.).

(70) — Comunicações originaes da “Abtheilung”, I, pags. 14. (Nota do A.).

Em relação às nossas mulheres borôro, já referi que usavam no cordão da cintura uma faixa de embira de três a quatro dedos de largura, cor cinza, a qual durante a menstruação, era substituída por uma de cor preta, e que também traziam em lugar do cordão da cintura, um pedaço de casca endurecida, do qual ressaía, indo de cima para baixo até prender-se atrás, a liga T, ambos seguros por um cordão de embira torcida. Mulheres mais moças pareciam preferir o espartinho ao cordão de cintura; o ventre ficava rigorosamente apertado naquela dura couraça de casca.

A embira cinzenta tirava-se do pau-jangada cuja madeira leve era usada para a construção de jangadas que também é chamada embira branca, e cujo nome botânico é *Apeiba cimbalaria* (da família das *Tiliáceas*). O mencionado cinto preto era feito de casca de jequitibá (*Lecythis*), bonito ornamento da mata virgem, com copa gigantesca. De troncos de tamanho médio tiravam um pedaço grosso de casca, colocando-o na água durante uma semana. Finda esta operação, era-lhes fácil tirar da parte inferior uma camada mole e fina, que fornecia os cintos higiênicos. Estes, depois, eram coloridos de preto por meio de tijuco podre. As outras camadas duras e mais grossas davam material para cintos de uma largura até m. 0,28. Muitas vezes encontravam-se até crianças de três a quatro anos trazendo tais cintos, — o que era engraçado de ver.

Conforme o que notámos, deve-se considerar o cinto de casca apenas como um substituto do cordão de cintura, cujo apêto, enquanto a moda não se tornou exagerada, talvez lhe causasse prazer.

Conforme, porém, a descrição de Langsdorff, aparece o cinto como o objeto principal, porquanto dêle pendiam livremente filamentos e não havia liga que servisse para segurá-lo. O próprio observador não acreditava no destino da cobertura. As mulheres borôro eram indiferentes a êsse respeito, e, no tocante ao seu pêjo, este lhes era não só em parte como totalmente desconhecido, ou, para melhor dizer, revelavam nisso um verdadeiro impudor, que, mesmo não levando em conta a licenciosidade dos Brasileiros, tinham em grande abundância. À vista de tudo isso, não acho impossível que o largo cinto de casca ou de couro de anta houvesse originalmente de servir para outro fim. As mulheres voltavam do mato com cestas tão carregadas de côccs de palmeira, que pareciam acabrunhadas sob o pêso, não podendo quase andar; nisso, a extremidade da cesta apoiava-se sobre aquêle cinto duro, e êste assim lhes protegia a pele, do mesmo modo que os

anéis de embira protegiam os ombros dos índios do Kulisehu no transporte das canoas. De fato, um pedaço de couro de anta havia, assim, de prestar excelente serviço. Com o andar dos tempos, disso nasceu aquela afamada couraça apertadora.

Os lóbulos das orelhas de ambos os sexos eram perfurados, mas isto se fazia nos rapazes quando na idade de oito para 10 anos, isto é, quando começavam a exercitar-se para o mister de caçadores. O operador era o pai, e das raparigas, como veremos adiante, era em sentido bem diferente, o futuro espôso.

O lábio inferior perfurado era distintivo da tribo para os homens. Já referi que

o nosso Antônio, sendo reclamado por certa mulher como filho seu roubado, foi examinado a respeito daquele sinal. Conta Waehnelde, a propósito dos Borôro do Jaurú, que alguns tinham também uma espécie de "palito" atravessando o septo nasal; no perfurado do lábio inferior de muitos achavam-se pedaços de pau como enfeites. Os nossos Borôro na vida quotidiana não carregavam coisa alguma no furo do lábio inferior. Somente quando rapazitos, é que costumavam empregar pequenos toletes, para impedirem o fechamento do furo: assim, observavam-se lascas de osso, por exemplo, de jacaré, às vezes um prego ou preguinhos de resina, providos de um botãozinho na extremidade interior. Os adultos exibiam no trajo festivo pregos da mesma qualidade ou uma corrente labial. Consistia



Fig. 130 — Enfeite labial — Borôro — 2/3 natural.



Fig. 131 — Perfurador labial -- Borôro — 1/7 natural.

tal corrente em meia duzia de fragmentos alongados de concha, ligados inferiormente uns aos outros por meio de uma borla de fios do comprimento de m. 0,12.

O orifício labial era feito no recém-nascido pelo “homem-médico” (bári). O instrumento, com que se praticava a operação, chamava-se baragara: constava de um osso ponteagudo, tendo por extremidade uma vareta de penas; tinha um aspecto imponente e era usado no cabelo em ocasiões festivas; a vareta, à qual o osso estava ligado com resina, era bem coberta de peninhas grudadas, ora vermelhas, ora côr de laranja, em meio das quais também se viam, aquí e acolá, penugens brancas e macias, e finalizava, na parte superior, por uma comprida pena azul de arara, de cuja base pendia um mólho de penas listradas de gavião, de papagaio e de arara, medindo todo o instrumento, de ponta a ponta, mais ou menos um metro. O bári dançava, cantando, com a baragara na mão, diante do recém-nascido, avançando e recuando, até que, num dado momento, lhe perfurava o lábio.

A tatuagem era desconhecida; sinais de cicatrizes acidentais não eram raros. Um instrumento semelhante ao raspador de feridas dos índios do Kulisehu, — não o encontrámos aquí. Riscava-se a pele, não para fins medicinais, porém sim para coçá-la, como todo mundo, quando têm comichão, e até tinham, para poderem fazê-lo nas costas, um objeto especial, um osso de m. 0,21 de comprimento, ornado com penas de ema, o qual era muito usado, com grande proveito, pelos dançadores, quando suavam muito nas festas. As cicatrizes acima aludidas provinham das cerimônias pelos mortos.



Fig. 132 — Raspador
feito de osso — Bo-
rôro — 2/7 tam. nat.

A pintura tinha pouca importância, mas o enfeite de penas representava notável papel. Não sem razão fala Waehnelde das festas quotidianas dos Borôro. Esta observação também era completamente justa a respeito dos nossos índios. Com efeito, cada caçada era iniciada com danças e cantos. Também a rapariga, levada à força para o ranchão, era pintada pelos seus amigos do modo mais meticoloso possível. Finalmente, era um remédio diário o enfeitar-se com penas. A febre intermitente era freqüente na colônia; as crianças a cada instante ficavam doentes.

E dêste modo era-nos absolutamente impossível perceber onde estavam os limites entre a medicina e a arte do adôrno. Os lugares do corpo que doiam eram friccionados com resina de almiscar e, depois, cobertos de penugens. Víamos crianças que tinham mangas completas de branca penugens de pato. A resina de pintura era preta. Para grudarem a cara com penas, applicavam ao longo dos limites do cabelo uma tira com grude, de um dedo de largura, e ligavam-se de vez em quando as extremidades ao lado das orelhas por uma tira travessa, que passava entre o nariz e o lábio, de modo que, quanto a tira era larga e não grudada, semelhante uma semi-máscara. . O quadro de lacre, originalmente destinado às penas, também era usado sem elas.

O quadro 27 mostra-nos um Borôro festivamente enfeitado de penas. Os braços estão totalmente envoltos em verdes penugens de papagaio, como também a parte vizinha do peito; acima do umbigo acha-se uma pequena faixa de penas, e nas costas, posso acrescentar, uma parte dos ombros e um espaço da largura da mão nas costas estão igualmente cobertos de penugens. O quadro de lacre preto da cara já têm perdido muito da sua primitiva boniteza e plumagem, e de orelha a orelha estende-se, semelhante a um formidável bigode, aquela travessa grudada de penas totalmente brancas. O cabelo, pintado de urucú, é na frente bem coberto de peninhas vermelhas de arara, e ao lado vêem-se madeixas coloridas de vermelho; na parte superior da cabeça, rodeando a tonsura, uma corozinha vermelha de penas de arara, circundada irregularmente de um punhado de peninhas negligentemente grudadas. Nas mulheres doentes reparávamos não raras vezes lugares pequenos cobertos de penas: Maria, certo dia em que se queixava de febre, appareceu mais carregada dêste remédio, pois o tinha applicado no cabelo, na cara e no peito. A espôsa de um caçador que voltava após longa ausência, para recebê-lo, tinha-se feito pintar a cara e o cabelo à moda das raparigas do ranchão, tendo também transformado a pele do busto, da cintura para cima, em um paletó de penas, aberto na frente. Da ossada dos mortos também o crâneo, antes do final enterro, é coberto de penas, de modo semelhante ao adôrno dos baris, ao passo que os outros ossos são apenas untados com o óleo de urucú. Não posso dizer se a esse enfeite ligam a muito vã esperança de um efeito medicinal.

Não havia o pintar diário com fuligem oleosa e urucú, como no Xingú. Também os materiais de pintura não eram applicados em nenhum dos seus utensis, a não ser nas matracas; em lugar dêles, viam-se no S. Lourenço, por tôda parte, as penas, tanto no corpo como nos utensis. Também não faltava a praga dos mos-

quitos e dos micuins; de outros bichos, víamos, e ouvíamos dizer na colônia, sòmente inúmeros grilos, que faziam barulho nos paióis de milho. O urucú, de que havia pouco, era misturado com azeite de peixe. Aplicavam-no muito econômicamente; também a pintura a preto limitava-se ao quadro de lacre e a enegrecer a cara e o corpo, quando marchavam contra os Kaiapó. Com o urucú é que enfeitavam para a noite a rapariga do ranchão. Pu-

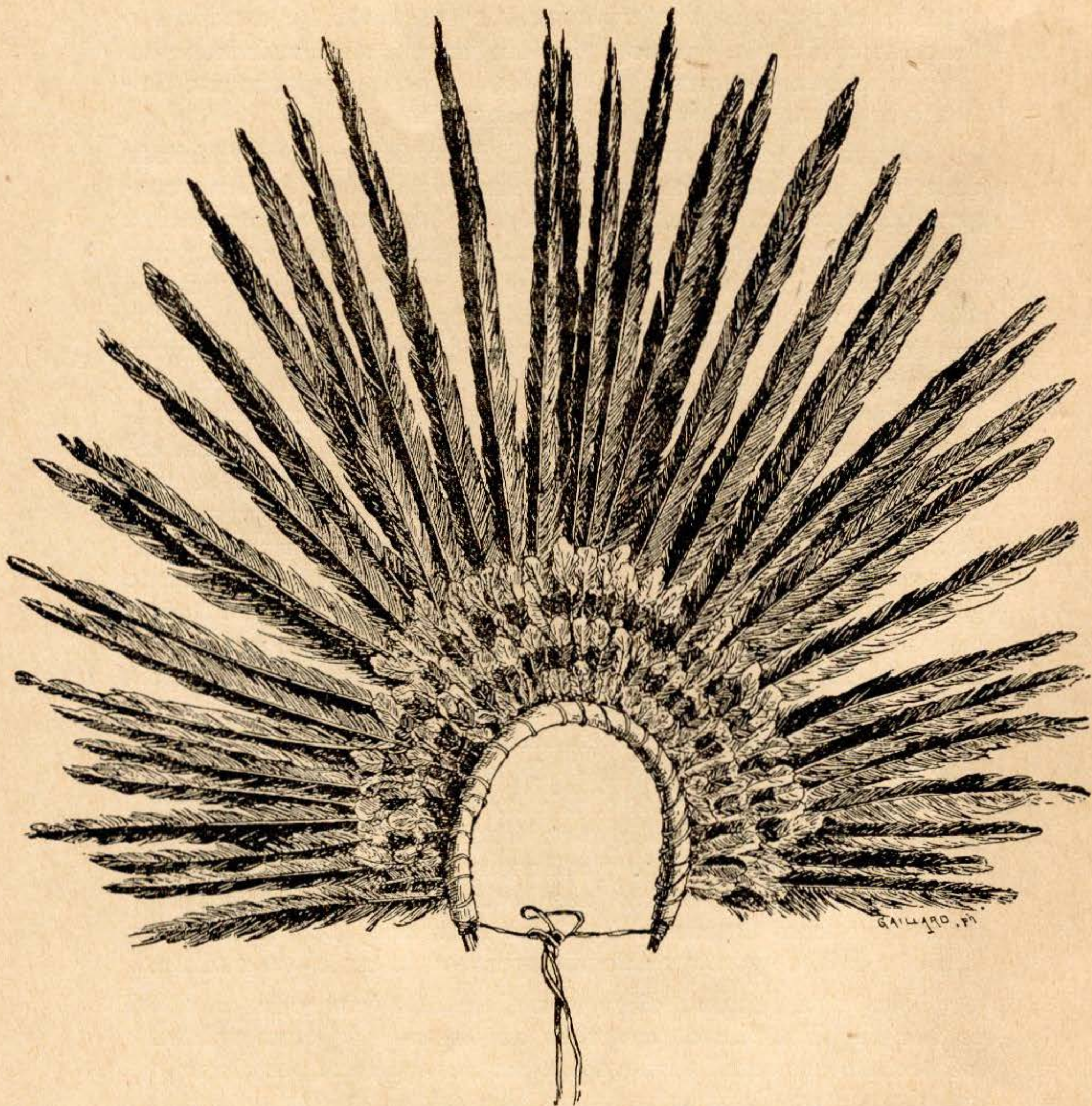


Fig. 133 — Diadema de plumas (Paréco) Borôro — 1/9 tam. nat.

nham-na sentada sobre uma coberta vermelha, tendo ao lado uma concha cheia de óleo de peixe e um pedaço de pasta de urucú. O cabelo era grosseiramente untado, e ao busto davam também uma camada de tinta; mas a operação principal, que durava muito tempo, era a pintura da cara com uma palha ou uma estreita varinha de bambú. Dêste modo, a risca transversal da testa não era feita de uma só vez, mas iam imprimindo ali, pouco a pouco, a varinha de bambú, molhada na tinta, até perfazerem aquela travessa frontal. Pintavam também a pálpebra superior até a borda dos cílios. Nas faces traçavam triângulos. Mais tarde, hei de referir-me à significação da travessa e dos triângulos (cf. o que eu disser a respeito da arte do desenho, depois da descrição das matracas, que será a única ocasião que ainda tenho para falar de símbolos).

Trabalho da arte de enfeitar com penas, para me expressar assim, em contraste com a simples cobertura de penas, — viam-se de um modo magnífico. Os principais, produtos da arte venatória estão reunidos no quadro I, com o cacique em gala. Uma formidável roda raiada, de plumas azues da cauda da arara, amarelas no avesso, levanta-se inclinada para a frente e a testada: é o paríco. As penas de arara, de m. 0,45 de comprimento, são presas por um feixinho de palhas, que circunda a cabeça e é ligado por um cordão; o quarto inferior das compridas penas é coberto de algumas filas depois inclinado para baixo. Na parte posterior da cabeça, tortamente inclinado para traz e mais arqueado do que o paríco, destaca-se um diadema, igual a êle em tamanho, de penas listradas de gavião, o ornato esse chamado hurugúgua. Das orelhas pendem sobre o peito pedaços variegados, que são feitos de peninhas do peito do tucano muito bem dispostas em listras atravessadas (também são usados os grandes bicos de tucano).

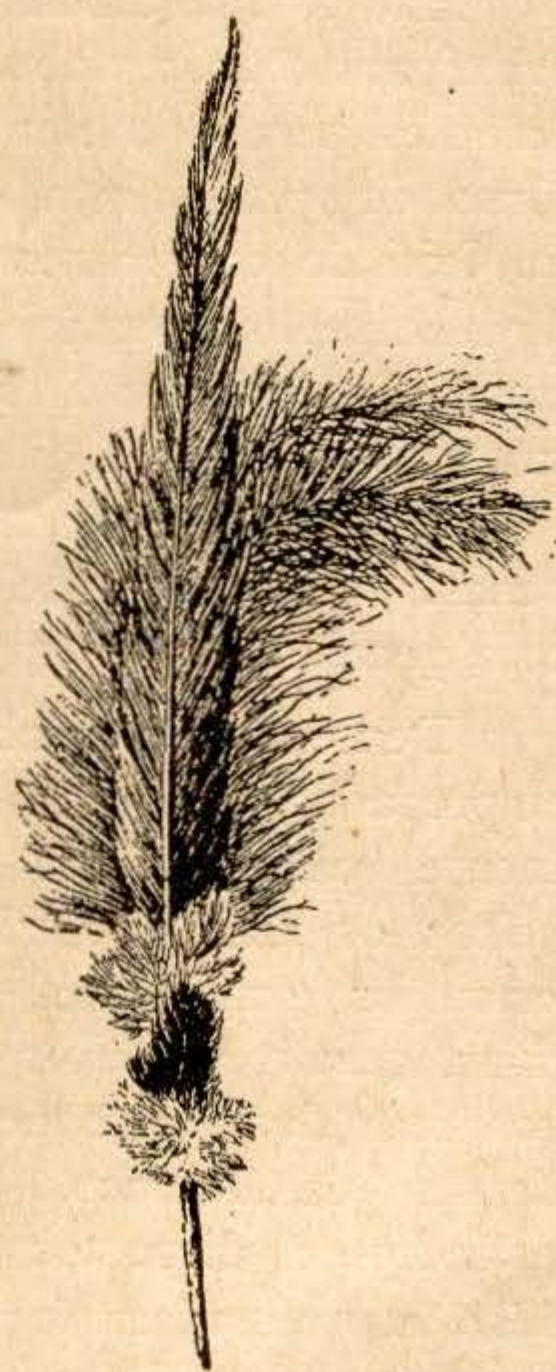


Fig. 134 — Pluma de arara para orelha. Borôro — 1/6 tam. nat.

Môlhos de penas das asas de arara e papagaio e outros pássaros de côr brilhante pendem dos braços do mesmo modo que se observam nos arcos e nos perfuradores labiais.

Há, porém, ainda outros adôrnos de penas. Merece menção principal a bonita nabuleága (nabúre, arara): penas de arara, ondulantes penas de ema e brancas borlas de penugem, ligadas em tórno de uma vareta, que introduzem no furo do lóbulo e têm m. 0,56 de comprimento. Do mesmo modo, punha-se no cabelo uma ramação de varinhas com a forma oval de uma cabeça de matraca, o marobóro; o esqueleto dela era coberto de plumagem branca, tendo por cima, fixada, uma pena de cauda de arara. Finalmente, é preciso mencionar o chignon dos homens, enfeitado de penas. O nó dos cabelos era rodeado por uma coroa de penas, ou com penas salientes em forma de raios.

Dentes eram também empregados, principalmente para adorno do peito: os mais preferidos eram os grandes do jaguar, geralmente dois pares reúnidos, e pequenos dentes de macaco, que enfiados e dispostos em filas atravessadas, formavam uma peça de m. 0,30 de largura, cobrindo quase totalmente o peito. Raras vezes acontecia que também mulheres recebessem dêsses adôrnos e

isso mesmo parece ser devido à modificação dos costumes, efetuada pela colonização, pois dos Borôro se relatava que sòmente os homens se enfeitavam. Era caracterítico que Clemente, que pensava de modo índio e falava português, chamasse tais dentes enfiados de rosários; os selvícolas ligavam a êsse adorno a idéia de que êle os fazia fortes e ágeis. Êles tinham até arrancado dentes aos seus prisioneiros brasileiros, aplicando-os no corpo, como enfeite; de igual modo, andavam com queixadas dos inimigos. Julgavam também ser protegidos pelo cabelo dos mortos, cabelo que usavam trançando-o em fios e reduzindo-o a cordões, — o que era difícil de realizar. Borlas de cabelo com penas pendiam dos braceletes.

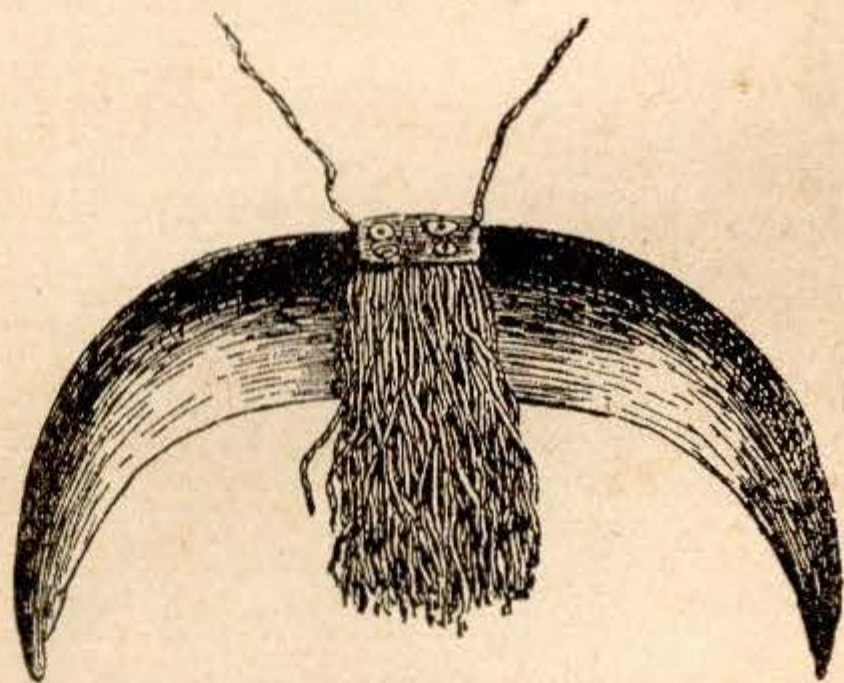


Fig. 135 — Enfeite de unha de tatú para o peito — 1/3 tam. nat.

Havia correntes de pérolas de conchas, côco, pedacinhos de osso e sementes perfuradas; tinham, porém, menos importância do que as do Xingú. Estimavam-se mais as pérolas feitas do casco de tatú. Tornarei a falar disso, quando chegar a descrever a atividade do ranchão dos homens. Então, hei de tratar também dos cordões de adorno, que estamos acostumados a chamar suspensórios, usados pelos dois sexos.

III — Observações

O “Aróe”. Caça e cultivo do campo. Armas. Trabalhos no ranchão e técnica. Alimentação; “benzimentos” por meio dos “báris”. Dança e diversões. Instrumentos de música; sonidores. Arte de desenho. Direito e casamento (Costumes da família do ranchão). Nascimento; nomes. Festas dos mortos. Alma e vida de além-túmulo. Níguas celestes. Conjuração de meteoros.

O aróe. — O centro da existência borôro é o *baíto*, o ranchão, e, ao lado da vida horrivelmente barulhenta que aqui há dia e noite, as cabanas domésticas quase não são mais do que a residência das mulheres e crianças. A reunião dos homens chama-se *aróe*, e isto principalmente em consideração à caçada comum. Sem exagero, pode-se dizer que, nas cantarolas estridentes saídas dia e noite do *baíto*, (*aróe* não era a terceira, mas a segunda palavra) pois os cantos continham nomes de animais e cousas que, uma vez proferidos, eram seguidos de *aróe*. Havia cantarola em todos os acontecimentos, que de qualquer modo excitassem sentimentos de tristeza ou de alegria, não só na véspera, se era possível, como também depois de acabados. O cacique, de tarde, anuncia uma caçada para o dia seguinte: — a gente, em vez de procurar prudentemente conciliar o sono, até chegar a hora matinal da partida, reúne-se no *aróe* para o canto da caçada, e os mais ardorosos cantarolam até ao romper da alva. A tribo dá a impressão de uma “sociedade masculina de canto”, composta de caçadores, cujos membros se comprometem a não casar, enquanto não tiverem mais ou menos 40 anos, e moram em convívio no “Club”. Os sócios mais velhos, que têm família, são os estimados dignitários e podem, por êsse motivo, pouco demorar em casa; tomam parte nas

excursões venatórias ou trabalham no “Club”, onde mantém a ordem, dirigem os cantos e, nos dias de muita ocupação, ali participam das refeições, mandadas pelas mulheres.

Clemente assegurava que os índios da colônia não viviam diferentemente das suas aldeias, e que nestas, pelo contrário, a caçada comum era muito mais importante, porquê só por meio dela é que podiam obter o seu sustento. Assim, parece que a vida no Kulisehu difere essencialmente da da aldeia borôro. Ali, morava-se em bons ranchos de família; aqui, possuía cada casal com filhos uma pequena e miserável choupana; ali, os solteiros eram a exceção; aqui, a maioria; ali os homens, que viviam em monogamia, tinham a sua casa de música, onde não entrava mulher alguma, e que servia para as assembléias e danças, e onde, porém, somente se trabalhava quando era preciso fabricar adôrnos festivos; aqui, eram levadas à força para o ranchão dos homens as raparigas que caíam na posse de vários companheiros, e o trabalho regular de armas e utensílios era feito no ranchão dos homens. Entre os Borôro, a vida familiar era manifestamente uma conquista exclusiva dos mais velhos e dos mais fortes. O sustento só podia ser obtido pelo esforço coletivo da maioria dos homens, que eram obrigados a afastar-se por longo tempo na caça, — o que era impossível para o indivíduo isoladamente. Esse sustento era escasso, e os mais moços haviam de ficar contentes, quando podiam saciar a sua própria fome; tanto não podiam obter, para satisfazerem também a mulher e os filhos. Graças ao cultivo pacífico do campo, que entre as tribus do Kulisehu a mulher praticara ou aprendera, modificou-se completamente esse estado de coisas: a comunhão dos homens, o arôe, perdeu a importância e podia restringir-se à pesca e às danças festivas. A entrada de víveres era agora tão abundante e regular, que cada qual recebia o suficiente pelo menos para uma pequena família, — o índio cuidava de conservar a família, — e agora, que a atividade da mulher se tornara mais prestimosa, era, pelo contrário, mais vantajosa a reunião das mulheres para o trabalho comum: — vivia-se familiarmente em uma grande casa.

Caça e cultivo do campo — Na estação chuvosa, eles passam “dias e dias, sem nada para comer”, — assim relatava Clemente. Que, para se fortificarem, bebiam muita água misturada com barro, mas não comiam barro; plantavam somente tabaco, algodão e cuías, e isto principalmente os Borôro que moravam à beira de riachos, nas cabeceiras do S. Lourenço, e que eram pescadores hábeis. Trocavam aquêles produtos vegetais por flechas, vindas das aldeias colocadas mais abaixo.

Observa-se, portanto, que neste caso, o cultivo não começou pelas plantas alimentícias! Os nossos Borôro, estabelecidos em Teresa-Cristina, não podiam mesmo aprender a plantar cousa alguma. Efetivamente, aquí não havia cabaças, nem cuias compridas para guardar penas, e cuias pequenas eram raras, sendo aplicadas sobretudo à fabricação de matracas para o canto arôe ou para pequenos tubos de sôpro. Para a caça, não precisavam de vasilhas, ou se arranjavam com fruteiras feitas de bambú; as penas, guardavam-nas em grandes caixas de bambú, e, em casa, as mulheres fabricavam tijelas e potes. O bambú-gigante também não crescia nas proximidades da colônia, porém sim era buscado de mais longe; vimos caixotes de 50 a 60 centímetros de comprimento e 9 centímetros de grossura, em cujo lado se applicava uma tampa.

Já citei exemplos frisantes da crassa ignorância, que tinham os Borôro a respeito do cultivo do campo pelos Brasileiros. Os homens afastavam-se dias e semanas para a caçada; de vez em quando, algumas mulheres os acompanhavam. A sua vida, portanto, não era puramente nômade, pois possuíam uma espécie de domiciliação. Esta domiciliação era possibilitada pelo assar da caça e pela pesca.

Observámos um bando de caçadores que regressavam: traziam em jacás uma porção de carne muito bem assada, preta, sêca, principalmente de porco do mato, de aves e de tartarugas. E notámos nela grandes pedaços de couro carbonizados, com pouca carne. Os Brasileiros apreciavam os Borôro como excelentes achadores de rasto: com o seu auxílio foram aprisionados, soldados, que haviam desertado (71).

Pegados com flechas ou anzóis, êstes fabricados pelo modelo brasileiro, de ferro furtado ou do casco de tatú, eram os peixes, ou então apanhados em rêdes formando-se um cêrco e impelindo-os para lá. Em rios largos, faziam cêrcas por meio de galhos e grama, deixando alguns buracos em forma de funil como entrada, havendo do outro lado um tapume de varas de bambú. Em rios rastos, — contava Clemente, — os índios trabalhavam na água durante a noite, à luz de tochas de palmeira. Não compreendí a asseveração de que êles podiam permanecer longo tempo debaixo da água. Êles mascavam as fôlhas amargas da árvore “Diorúbo” antes de mergulharem, cuspindo-as depois. Debaixo da água, agarravam peixes. Êle conhecia um índio que ficava no fundo da água durante uma hora, voltando “com um braço cheio de pintados”.

(71) — Para impedirem o descobrimento de uma aldeia pelos soldados enviados, os indígenas applicavam a astúcia de fazer a última parte do seu caminho o mais possível dentro do mato.

O certo é que os Borôro gostavam de estar na água. Do alto da colônia viam-se, a um ou dois quilômetros de distância, aparecer no rio os caçadores que regressavam do mato: nadavam ou vadeavam o rio com água até ao pescoço, em lugar de virem pela estrada ou de atravessarem de uma vez o rio a nado. Já de longe ouvíamos o tagarelar e rir; vinham de dois em dois, com curtos intervalos, todos empinando os arcos, em cima dos quais estavam amarrados os molhos de flechas, conduzindo-os acima da cabeça, à semelhança de cruces alçadas, e carregando ao peito as prêsas. As mulheres voltavam do mesmo modo, carregadas com os pesados jacás, cheios de cocos e raízes ou grossos feixes de compridas fôlhas de palmeira, para servirem de telhado e paredes. Traziam elas os jacás amarrados em travessas de quatro a quatro, dirigindo-os em cordões como pelota. Conduziam às costas os cestos ligados com um laço de fibras que lhes passava pela testa.

Os Borôro não possuíam canoas. Denominaram as dos Brasileiros *ica*, a mesma palavra que usavam para a designação de ramos e galhos (não troncos, que diziam *ipó*), do mesmo modo como estavam acostumados a amarrá-los para condução das cargas, em jangadas.

Cães, que supúnhamos, conforme o exemplo dos nossos antepassados, fôsem indispensáveis aos primitivos caçadores, faltavam aos Borôro; quer no seu *habitat* original, quer agora, que eles podiam dispôr de tais animais em grande número, não os utilizavam. Só mais tarde é que poderei dizer algo a respeito da distribuição da caça.

Armas. — Arcos e flechas denotavam o mais alto desenvolvimento da técnica. Eram feitos com extraordinária nitidez e perfeição. Aquí se podia ver, do modo mais claro possível, que, se os aguilhoasse a necessidade, teriam chegado êstes selvícolas a invenções posteriores. O arco era a única arma de guerra, à exceção da maça. A respeito dos Borôro da campanha, relata-se que eram raras as lanças de pontas de ferro, osso ou pedra. A maça do S. Lourenço tinha o comprimento de 1 1/3 de metro: era um pedaço mais ou menos chato de pau de palmeira, com 3 a 4 centímetros de largura e terminando por um achatamento de 5 a 6 centímetros de largura.

O arco comum, *baíga* tem de comprimento até 1m.9, sendo circundado numa extensão de 0m.5 por um cordão de fibras de palmeira, — corda de reserva que geralmente é a continuação da que entesa o arco. Os arcos, usados pelos caciques em ocasiões

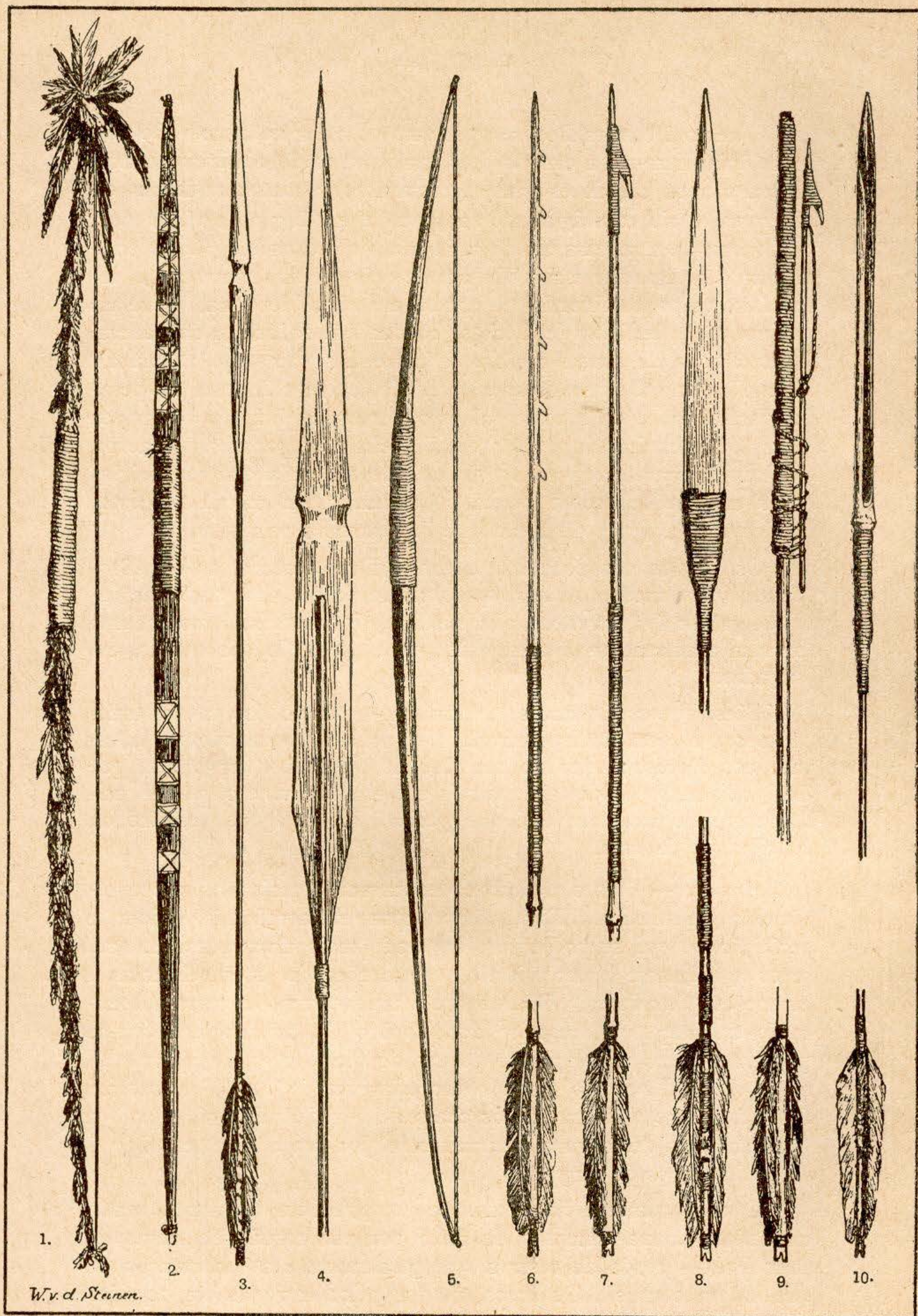


Fig. 137 — Arcos e flexas — Borôro

festivas ou recebidos como presentes solenes, têm magnífico enfeite de penas (êsse enfeite é mostrado pela fig. 137). O pau é totalmente envolvido em penugens variegadas de arara, ou vermelhas e amarelas, ou azues e amarelas, e, no entremeio, às vêzes de plumagem branca, e a ponta superior é coroada de um molho de penas semelhantes. Um molho variegado também às vêzes enfeita o arco comum de caça. O feliz caçador de um jaguar é, finalmente, distinguido com o arco da fig. 2; êsse é exornado por uma dúzia de tirinhas vermelhas de fôlha de uaussú (*Atalea spectabilis*). Os arcos têm o dorso mais ou menos chato, ao passo que a face inferior é convexa, ao contrário dos arcos dos Paressí.

As hastes das flechas são feitas ou de cana da cambaiúva ou de elegante e preta palmeira seriba (*Avicennia*). Quando feitas de seriba, cujas varas são da grossura de um lapis fino, têm a ponta de taquara, em que se aplicam penas de cauda; são cuidadosamente aplainadas por meio de conchas perfuradas de *bulimus* e alisadas com as fôlhas ásperas da lixa.

Tôdas as flechas têm de comum duas penas de asa, amarradas em espiral e cujas terminações estão ligadas. Entre elas há muitas vêzes alguns anéis feitos de bonitas peninhas.

As flechas têm o comprimento de 1m.50 a 1m.75. O que geralmente serve para fazer as flechas de caça e pesca — são pedaços de madeira pontudos, entravados na cana de cambaiúva e encimados por um fragmento de osso afiado. Às vêzes têm êles um osso que serve de farpa (vide a fig. 7), ou a madeira é talhada (vide a fig. 6). Os ossos são de macaco ou de anta. Para a caça de pássaros, servem-se de flechas de ponta obtusa, essa ponta é uma espécie de pião, com a face larga para cima e tendo no meio uma saliência em forma de botão. Em outras flechas observam-se pontas de pedaços afiados de bambú, previamente defumados por longo tempo, afim de secarem bastante. A fig. 8 mostra a forma mais simples, destinada à caça de porcos do mato: —a ponta chata de bambú, com 30 a 40 centímetros de comprimento e 2 1/2 centímetros de largura, é amarrada na haste. A fig. 3 representa a linda flecha de seriba para a caça do jaguar: a flecha inteira tem o comprimento de 1m.75, é enfeitada na ponta com penas de 0m.24, e a ponta de bambú tem 0m.60 de comprimento e 0m.3 de largura; a vara de seriba está firmada num ôco da ponta chata de bambú, feito pelo formão de dente de capivara, e ligeiramente ligada com um pouco de fios e resina (vide fig. 4). A flecha de guerra (vide fig. 10), tam-

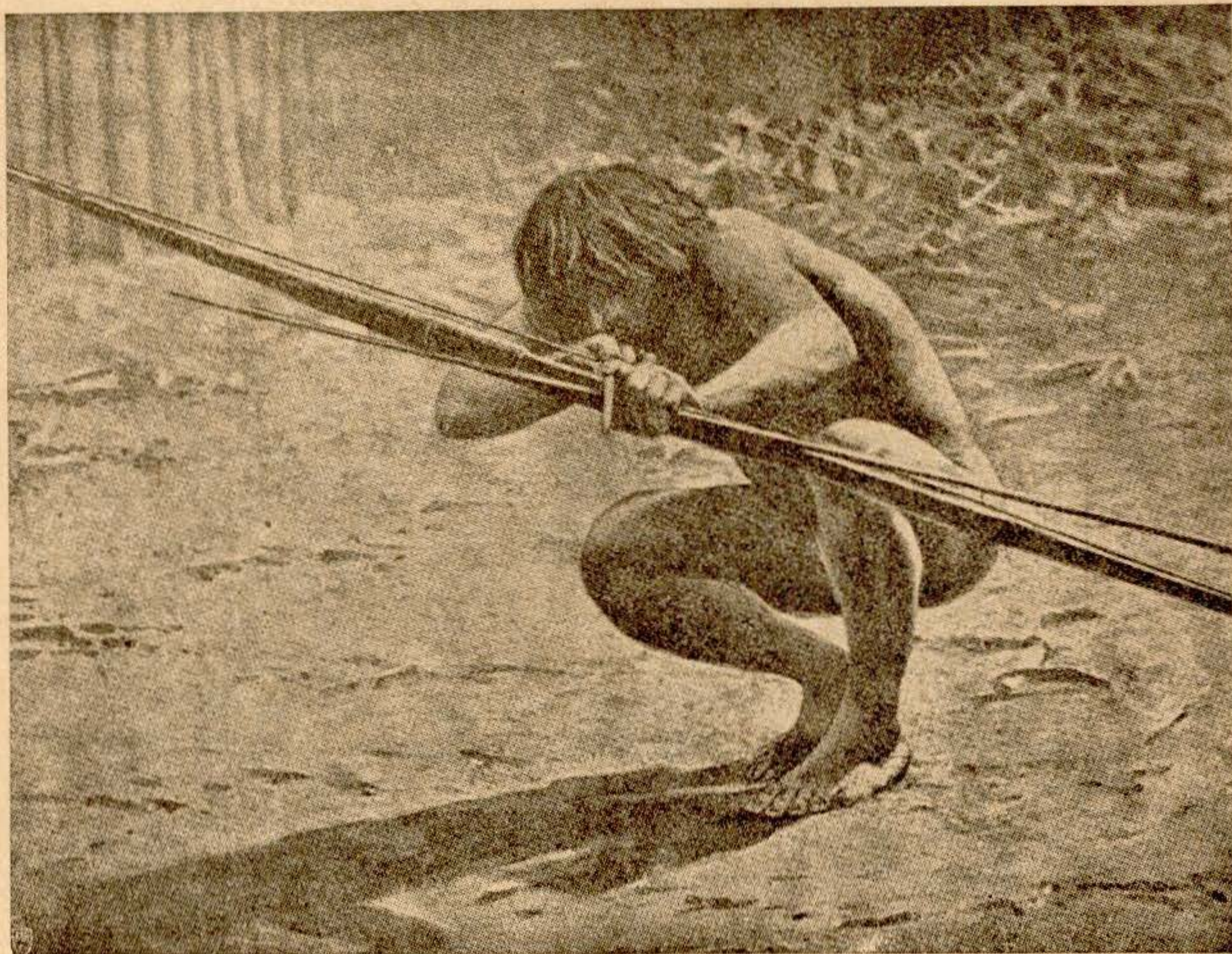


Fig. 138 — Borôro frechando

bém trabalhada de seriba, termina por um pedaço de bambú estreito (1 a 2 cms.) e redondo, mas aguçado em tôda a extensão (0m.37). As pontas de bambú quebram no corpo.

A flecha farpada é provida de arpão para a caça de jacarés e peixes grandes. O comprimento dessa flecha na fig. 9 importava em 1m.78, contando 0m.31 para a fisga, e ligada com um cordão; a haste era um grosso ubá, ainda enleiado na extensão de 0m.50.

A tensão do arco ressalta da fotografia instantânea da est. 138 e quadro 28. O atirador está de cócoras, empunhando o arco horizontalmente. O caçador, quando de pé, segura o arco verticalmente. A mão esquerda segura, paralelamente ao arco, uma flecha de reserva. Neste caso, a flecha repousa sôbre o dedo indicador da mão esquerda, que segura o arco. Na sua termi-

nação posterior, está presa entre o polegar e o índice: o polegar larga-a, o índice, distendido, firma-se e dirige-a de modo mais preciso; os três outros dedos, principalmente o médio, enristam a corda. Este entesamento do arco é, pois, diferente do usado no Kulisehu.

Na atitude do caçador de cócoras, em que a flecha fica encostada ao arco e é levemente comprimida pela ponta do índice da mão esquerda, a posição da mão direita é diferente, porquanto a extremidade posterior da flecha fica segura entre o polegar firme e o índice curvado.

Trabalhos no ranhão e técnica. — Cada qual tinha o seu lugar determinado: um morava para o lado do rio, no canto mais próximo dêste, e assim sucessivamente conforme a posição do baíto e segundo o grau de parentesco. Aquí, onde os índios estavam entre si, reinava, abstraindo das relações sexuais, louvável ordem, mesmo conforme as nossas idéias. Quando não tinham que fazer, sim, vadiavam a valer; mas quem se ocupava com a feitura de armas, adôrnos e utensílios, trabalhava sem parar, e tão nítida e cuidadosamente, que os senhores da catequese deveriam ficar satisfeitos com isso. Até o idiota do Diapocúri, que nesses entrentes, provocado ou não, fazia das suas graçolas, andava incessantemente ocupado.

Nos dias em que tinham de preparar-se para a caçada, cerca de 40 homens ficavam alegremente trabalhando no baíto. A esse tempo, as mulheres cozinhavam nas cabanas, e, de vez em quando, um dos homens sumia-se, para ir buscar a comida. Logo que, ao voltar, se tornava visível, ressoavam isoladas *hm, hm* de reconhecimento, e apenas do interior se avistava, sobre a mão erguida do portador, a panela fumegante, irrompia de todo o bando um estridente *ah!* Vinham grandes tigelas cheias de angú e mingau de milho, sobre o qual havia conchas, que lhes serviam de colheres. Moguicúri, então fazia uma volta e entre eles, punha a sua forte mão no grosso crâneo de alguns moços e velhos, e os assim escolhidos punham-se de cócoras em redor da panela, manejando bem as conchas-colheres. Quem comparasse essa cena patriarcal com a da repartição da carne à brasileira, havia de tomar-se de justa cólera por aquêle vergonhoso fato.

O idiota do Diapocúri assava a carne de vaca, obtida naquele "forrageamento de animais". Trouxera fogo de uma das cabanas. O fogo já não precisava de ser feito pelo atrito, pois a administração fornecia fósforos suecos. O processo original dos Borôro era o mesmo que o do Kulisehu. A melhor madeira para

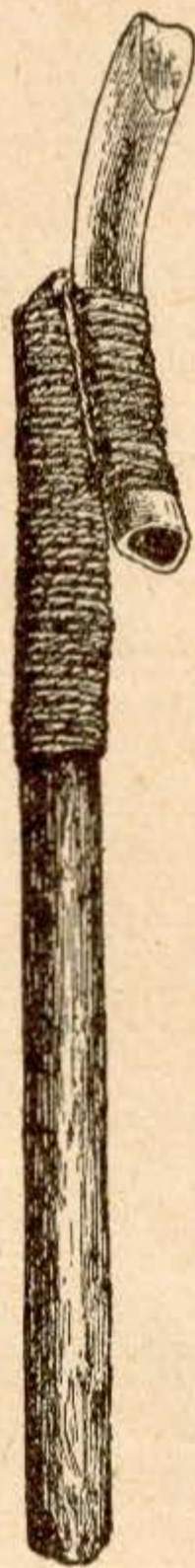


Fig. 139 —
Formão de
dente de ca-
pivara —
Borôro —
1/2 t. nat.

êsse fim era julgada a da canela brava (*Pseudocaryophyllus sericeus*). Naturalmente não havia mais índios com machados de pedras e dentes cortantes de peixe; existiam em abundância machados e facas metálicos. Mas ainda havia a observar muita coisa dos velhos tempos. Assim, os Borôro, quando comiam, seguravam entre os dentes grandes pedaços de carne, cortando-os rente à bôca com lascas de bambú; usavam como raspadeira um dente de capivara até 0m.8 de comprimento, firmado numa vareta; amolavam êsse dente com um dente de paca (*Coelogenys paca*), pequeno roedor; aplainavam, alisavam e perfuravam de modo bem indígena.

A sua plaina era um caramujo, *rúo*, de 0m.10 de comprido, perfurado por meio de um côco de *ouaussú*. Eles também alisavam madeira, por exemplo os sonidores, que serviam nos funerais, esfregando-os durante um quarto de hora com uma pedra lisa e molhada, ou para isso usavam das fôlhas ásperas do pau-lixo ou de embaúba. Sentavam-se com os tornozelos cruzados, e cortavam e aplainavam os objetos de quaisquer espécies, firmando-os nos pés. No tornozelo exterior, que ficava encostado ao chão, observei-lhes muitas vêzes calosidades e também pedaços cartilagosos móveis. Ossos de macaco para adornos de correntes, êles os cortavam sôbre o pé, de modo que eu a cada instante temia pela sorte de tal órgão.

Praticavam o perfuramento por meio de um molinete. Firmavam um prego numa vareta de 0m.50 de comprimento, e esta era rodada entre as duas mãos, que ora subiam ora se abaixavam. Perfuravam desta maneira pedacinhos de casca para as suas corrente labiais, que preparavam quebrando uma concha e limando as bordas dos fragmentos sôbre uma pedra. Assim também perfuravam os dentes, e prendiam os que eram pequenos, para não escaparem, dentro de um côco de *uaussú*. Original era também o preparo das pérolas do casco de tatú: apresenta-se êste como um escudo cônica-

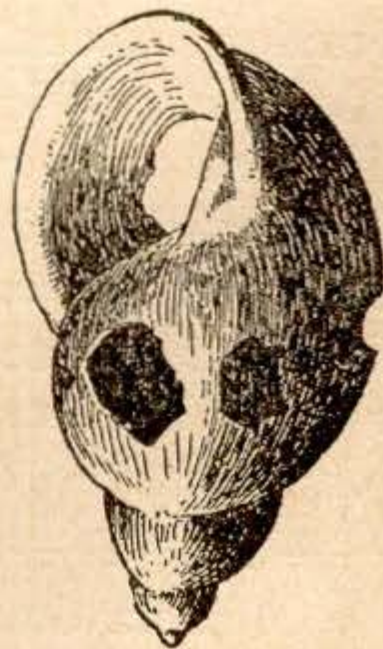


Fig. 140 — Con-
cha de aplainar
Borôro — 2/5
tam. nat.

vo, composto de inúmeros pequenos polígonos; do lado de dentro de cada quadrangulozinho, há um ponto fundo natural; nesse ponto assenta-se o perfurador de molinete, e, só depois de assim perfurado o escudo inteiro, como uma peneira, é que era quebrado nas diferentes partículas, que amolavam até dar-lhes a forma redonda e enfiavam.

Trançavam cabazes, que serviam de depósito de ossos para os funerais; abanadores de fogo de forma quadrangular, que também serviam de pratos, ou se ligavam como bandeirinhas numa haste, afim de servirem para tocar mosquitos; e grandes esteiras de fôlhas de uaussú (2m.0 de comprimento por 0m90 de largura).

Parece que os fundos jacás eram trançados pelas mulheres.

Os homens fiavam. Era o baíto uma reunião de fiandeiras! Confesso que para mim foi uma cena singular, quando, pela primeira vez, vi um daqueles caçadores desembaraçar no seu arco guedelhas de algodão, pela vibração da corda. Fiavam algodão e o cabelo de seus mortos, mas de maneira diferente da das mulheres do Kulisehu. O castão do fuso, de 4 a 4 1/2 centímetros de diâmetro, era uma roda de barro ou de concha e estava assen-

tada no quarto superior da vareta, que a atravessava. Enquanto a mão esquerda segurava a guedilha espichada ou alguns cabelos dobrados, fixando-os na ponta curta da vareta, a mão direita rodava a maior parte da vareta abaixo do castão, em posição inclinada do fuso sobre a parte superior da coxa direita; os fios formavam-se, pois, por cima do castão, na parte mais curta da vareta, e o fio preparado enrolava-se na parte comprida da vareta, debaixo do castão.

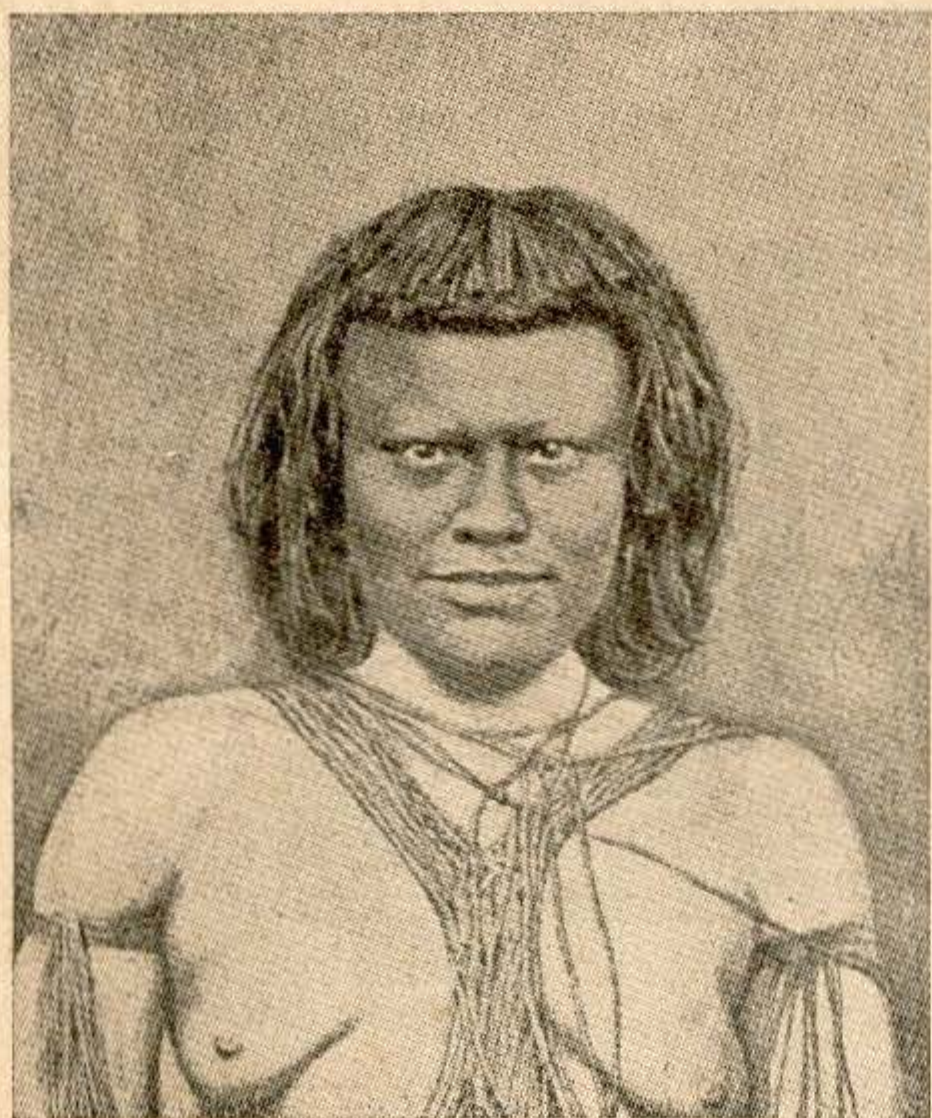


Fig. 141 — Mulher borôro com enfeites de barbante no peito e nos braços.

Os fios de cabelo eram trançados em cordão, que se punha em redor da cabeça, ou no ventre, ou para proteger a munheca contra o atrito da corda do arco. O cordão de fibras de palmeira enrolava-se ao comprido, com a mão, sobre a parte superior da coxa. Utilizavam-se muitas vezes do dedo grande para a formação dos fios.

O “tecer propriamente dito”, isto é o entrelaçar dos fios para formar retângulos, era desconhecido. Os homens fabricavam, com fios de algodão, tiras estreitas, entrelaçadas com cerdas de porco-espinho, e que eram usadas à maneira de suspensórios ou como cordões de peito para ambos os sexos, e também como braceletes, graças a um entrelaçamento artístico do fio entre duas varetas delgadas.

Quão elegante e nitidamente os homens trabalhavam — notava-se principalmente no arranjo das flechas. Havia aí muitas habilidadezinhas, que parecia mais natural devessem ser confiadas às delicadas mãos femininas. Por exemplo, o adorno feito de miú-dinhas e variegadas penugens, que eram postas uma a uma no chão e meticulosamente arranjadas. E mesmo em uma roda de fiandeiras não se podia mais tagarelar e rir do que aí no baíto! Certamente, era pouco feminino, quando, de repente, para variar, levantavam-se dois dos trabalhadores, oferecendo o espetáculo de uma regular luta corporal, que os outros acompanhavam com maior interesse. Erguiam-se, lutavam, derrubavam-se, e continuavam depois o seu trabalho, ou deitavam-se para o *dolce far niente*. Pois nunca faltavam preguiçosos e indolentes; muitas vezes encontravam-se também pares enamorados — pôsto que as mulheres não aparecessem ali — que se divertiam debaixo de um comum cobertor vermelho. Ninguém se incomodava com isso, exceto alguns amigos atormentados pelo ciúme e que haviam de contentar-se com o poderem sentar-se ao lado do casal e palestrar com êste.

De vez em quando, Diapocúri fazia uma das suas farças. No idiota, que mal sabia balbuciar, os seus companheiros de tribo não estavam longe de ver um ente superior. Êle gostava principalmente de imitar a briga das mulheres, fazendo os gestos mais furiosos e arremedando o recíproco arranhar e arrancar dos cabelos. Extremamente excitado ficava êle, quando algum soldado, tomando um pau aos ombros e manquejando com passos exagerados, bolia com êle, figurando-lhe a saída em perseguição dos Caiapó: — o pobre diabo espumava de raiva, atirava os seus tições acesos contra o motejador e, quando não tinha mais outro recurso, apanhavam do chão alguns cavacos, assinalando com êles o lugar do bigode,

fazendo caretas, arreganhando os dentes e regougando articulações sem nexos. Após algum tempo sossegava, e exercitava-se em sacudir duas matracas, grunhindo compassadamente o canto aróe.

Passámos, assim, no ranchão, horas divertidas e instrutivas. Mas um coisa era intolerável, — o contínuo pedinchar de tabaco. Meu cachimbo andava de boca em boca. A gente ditava-me páginas inteiras de borôro, aproveitando para as frases cada incidente que ocorria, e mas faziam repetir, rindo-se depois tão contentes como os Bakairi. Quanto mais ficamos familiarizados com êles, tanto mais notámos a sua igualdade de temperamento e de caráter com os índios do Kulisehu. Executámos também medições antropológicas, e êles, depois, também tomaram a minha altura num mourão do ranchão. Mastigaram um pedaço de carvão, amassaram-no com saliva e fizeram no mourão, em cima da minha cabeça, uma linha preta circular.

Alimentos; "benzimentos". — Conforme Clemente nos narrou, a-pesar-de todo o modo de caça, os alimentos vegetais, preparados pelas mulheres, é que tinham a maior importância, porque entravam mais regular e abundantemente. As mulheres desenteram raízes por meio de um pau pontudo, trepam com grande agilidade nas palmeiras, preferindo a uaussú e a akurí, colhem os cocos, cortam na copa o palmito, procuram frutos, como o jatobá, o piquí, etc. Os cocos são torrados ou socados no chão, e, depois, misturados com água para obter-se uma bebida grossa — o refresco, que corresponde ao mingau ou caldo grosso do Kulisehu, que era oferecido ao hóspede. O angú, que aprendemos a conhe-

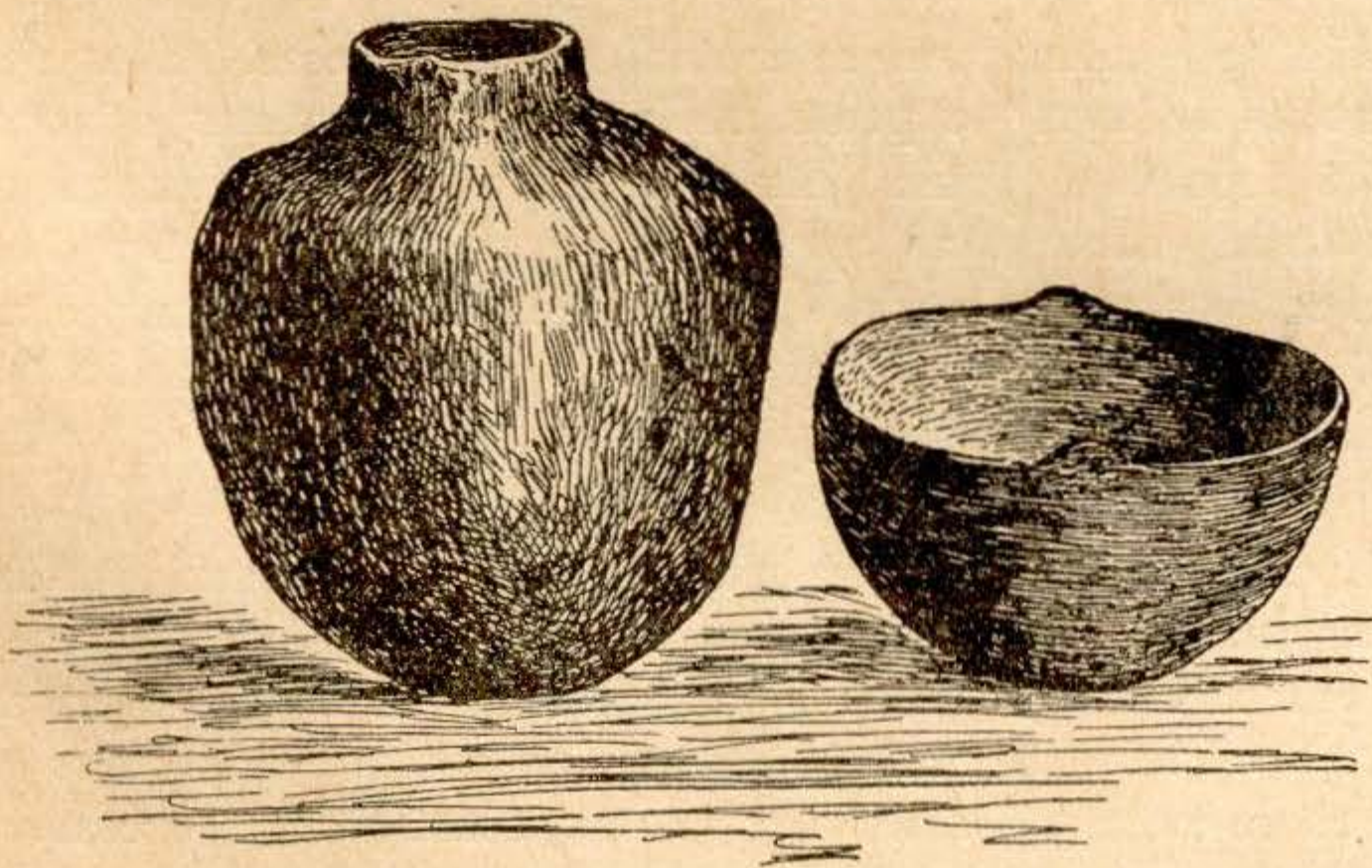


Fig. 142 — Pote e cabaça — Borôro — 1/8 tam. nat.

cer no ranchão, faltava nas aldeias, por não haver milho. As mulheres preparam os alimentos vegetais. Fabricam também os potes, que, aliás, existiam em diminuta quantidade. Havia apenas duas qualidades: uma tigela aberta *ruóbo*, na qual se cozinhava, e uma outra, *póli*, com gargalo curto e assento estreito, quase da forma de um almofariz, e que também servia de vaso para guardar água. Eram de feição grosseira, mal queimados e não envernizados. O pilão, toscamente talhado, de mais ou menos 0m,45 de altura, mas facilmente transportável, tinha mais ou menos a forma de um ovo a que se truncasse um polo, e, para ser utilizado, era preciso firmar-se no chão. Além dos côcos, também socavam nêles carne e ossos.

Quando as mulheres voltavam a Teresa-Cristina, davam aos homens “carne de côco” e recebiam deles os restos da “carne de gado”. Sal e toucinho eram desprezados, ao passo que a carne de porco do mato era o seu prato predileto. Rejeitavam a carne do porco doméstico, visto ser o animal criado por seu possuidor. Quando era servido aos oficiais um leitão, os índios saíam do refeitório. Idêntica aversão, entretanto não tinham êles para com os bichos que tiravam dos pés (observámos uma índia que praticava essa pequena operação com um garfo tirado da mesa posta). Diziam que “os comiam, porquê êles também comiam o seu sangue”. Tôda caça era assada em couro, e só se coziam as tripas; dobradinhas de bucho constituíam a especialidade culinária de Diapocúri. Comiam tudo “o que havia na mata e no rio”. Muito apreciados eram os jacarés, caçados com a flecha de arpão. Não matavam nem comiam veados campeiros.

Não se comem, nem se matam araras mansas. Êles apanhavam novas as aves de penas brilhantes, criavam-nas e arrancavam-lhe depois as penas. Dizia Clemente que também entendiam de pintar de amarelo as araras, esfregando com o suco de certa árvore os lugares depenados. Êstes costume, conhecido por muitos índios, provavelmente foi achado pelo tratamento medicinal dos animais, à fôrça privados das suas penas. Mais tarde voltarei a tratar de como amavelmente poupavam o veado e arara.

A etiqueta não impedia de modo algum que os Borôro comessem juntos, como os Bakairí e Carajá, mas, em lugar disso, tinha outros usos singulares, que mostram claramente que as tribus, cuja caçada era escassa, haviam de recorrer, de outro modo, a meios de evitar questões e brigas na repartição das prêsas. Para conseguirem isso, tinham, em primeiro lugar, uma norma extraordinária: — *ninguém assava a caça que havia apanhado, mas en-*

tregava-a a outrem para aquêlê fim! A mesma sábia precaução é posta em prática a respeito das peles preciosas e dentes. Caçado um jaguar, segue-se uma grande festa; a carne é comida. Mas, não é o seu caçador quem recebe nem a pele nem os dentes, e, sim, — o que hei de descrever depois, — o parente mais próximo do índio cu índia que morreu ultimamente. O caçador é honrado com o recebimento de presentes, por parte de todos, de penas de araras, assim como do arco enlaidado de laços de uaussú. Porém a medida mais importante para evitar discórdias acha-se ligada à função do “homem-médico”, de quem vou tratar agora.

Os Borôro distinguem o *bári* e o *aroe-taurári*. As funções de ambos não se excluem. Ambos são curandeiros, mas o *aroe-taurári*, em primeiro lugar, é entoador e guiador de dança durante o canto e dança *aróe*, ao passo que o *bári* é, antes de tudo, o médico assistente. Os brasileiros chamavam àquele “padre”, a este “doutor”. Limitemo-nos à expressão *bári* ou “homem-médico”. O seu aprendizado parece ser menos complicado do que o é geralmente; o que aquí vale mais é a vocação natural. No tempo de seca — o nome não se entende propriamente com a sede — bebem muito vinho da palmeira *akurí*: furam-lhe o tronco e apanham o suco em uma vasilha ou almofariz, tomando-o em copos de bambú. O vinho é acidulado, mas abundante. Ambos os sexos embebedam-se a valer. Quem mais aguenta isso, chega a ser o “homem-médico”. Quando dêste se diz que é compreendido pelos pássaros do mato, que pode conversar com as árvores e os animais de toda espécie em sua língua deles, espero que não se refira isso a um médico iluminado pelo vinho de palmeira, mas sim que se pense no estudo alcançado na solidão e no do canto de *aróe*, no qual são invocados os animais. O *bári* trata dos seus doentes pelo modo já conhecido: — geme, torce-se, fuma, e chupa a causa da doença — aquí tal causa é geralmente um osso, — do corpo do paciente. Nesse ato são observadas duas coisas: em primeiro lugar, apenas mostra o osso, que não lhe sai da mão; e, depois, o “homem-médico” só cura de noite.

Coisa semelhante relata Waehnelde a respeito dos Borôro do Jaurú. Alí, curava-se no meio de uma grande fumaceira, murmurando palavras incompreensíveis e, “cousa capital”, fazendo movimento convulsivos; “eu assistí à cura, feita por um tal padre, a qual consistia no seguinte: chupava em diversas partes do corpo, fumando por intervalos no seu cachimbo e mastigando o bocal do canudo. Depois de cada chupadela, cuspiam os pedaços mastigados do cachimbo, fazendo crer ao doente que aquilo era a causa do seu sofrimento”. Mais ainda — e assim tornamos a

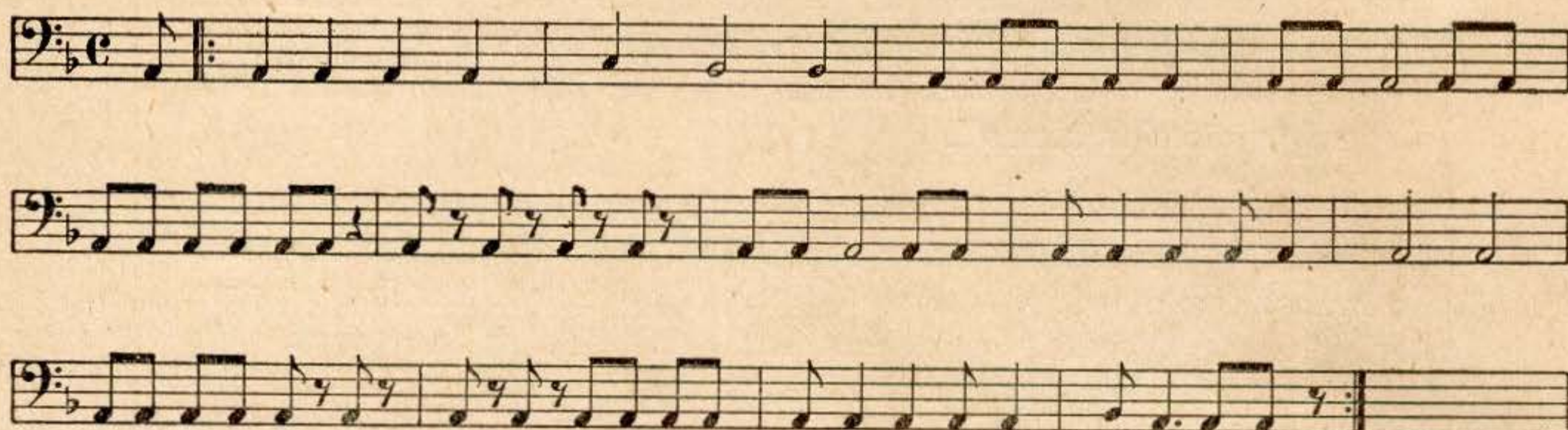
chegar à prêsa da caça — uma capivara, antes de se poder tocá-la ou comê-la, havia de ser benzida no santuário de um por um dos quatros a seis padres. Os báris cortavam os melhores pedaços, deixando o resto para os outros.

No S. Lourenço, do mesmo modo, os curandeiros viviam ainda na idade de ouro. Seria injusto pensar aquí em abuso ridículo da primitiva hierarquia, pois o bári não era “padre” e sim “doutor”; *ainda com a diferença de que não sabia mais do que um “padre”*. O benzimento era efetuado exatamente do mesmo modo por que se procura *ressuscitar um morto*. A lógica é muito simples: em primeiro lugar, os animais a benzer são *exatamente os mesmos em que penetram os báris mortos*, e, depois, os báris transformam-se *post-mortem* nos animais, que são reputados como a melhor caça. Aquí é preciso persuadir-se de que o animal apanhado não pode mais ser ressuscitado, e nesta tentativa é que consiste o benzimento. Tinham pescado um grande jaú, que foi conduzido para o ranchão dos homens — um exemplar de quase 1m,50 de comprimento e que não podia ser assado de uma só vez. Um bári, que estava de cócoras perto dêle, começou a tremer muito, fechou os olhos, tremeu horivelmente com a mão direita que tapava a boca, depois principiou a soprar e a gritar *vái-vái*, lançando bruscamente a cabeça para trás, e, tocando o peixe em todas as partes, molhou-o com saliva, em seguida abriu a boca do animal, gritou cuspiu para dentro dela, fechou-a outra vez — e pronto! Esse ato, que foi executado profissionalmente ligeiro, durou, conforme o meu relógio, somente três minutos. Depois, pegou numa faca e cortou o peixe em pedaços, tomando para si o melhor, que eu também teria escolhido.

Os animais, que incondicionalmente haviam de ser benzidos, eram os grandes peixes jaú, pintado e dourado, assim como a capivara, a anta e o jacaré. E' principalmente a cabeça da anta que precisa da cerimônia. Ninguém, exceto o bári, pode comer a tromba da anta, que contém a carne mais tenra, e o lombo do pescoço; também dos outros animais a parte melhor pertence “ao bári e aos seus amigos”, que a repartem entre si, depois de assada. O sistema tem sido também estendido a alguma frutas, como o piquí e a mangaba, e até ao milho — outra vez os mais saborosos. Quanto aos cocos da akurí, não era necessário esse processo; e, com relação ao milho, era êle aplicado desde que os Brasileiros forneciam regularmente aquêle grão à colônia. Até um bári devia estar presente, quando os animais eram caçados! Quando um peixe, dos sujeitos à tal inspeção oficial da carne, cai na rêde, sem que esteja presente um bári, tem de ser pôsto em liberdade, e Cle-

mente dizia que, de fato, isto se dava, mas só excepcionalmente, porquê havia sempre vários báris e êstes sempre estariam presentes. Quem infringir tais usos, morre logo. Vêde mais adiante “a transmigração das almas”.

Danças e outras diversões. — Conforme o precedentemente narrado, o canto aróe, com que se abre cada ato de caça e pesca comuns, perde todo o maravilhoso. O bári, que no fim reparte solenemente a prêsa, é também quem cuida do solene preparo da emprêsa. A idéia das relações entre animal e homem é a base daquela apreciação; sem tais cerimônias, pareceria uma invenção de impostores; com elas, justifica-se a sua origem; mas isto aqui não nos importa. O canto de caça é o mesmo que se entoa nos funerais! Impressiona sèriamente; de noite, porém, a impressão é medonha. Nos funerais, homens e mulheres cantam juntos, mas as mulheres ficam de um lado ou ao fundo e muitas vêzes fazem pausa, ao passo que os homens nunca a fazem. No preparo vespertino para a caçada, muitas vêzes se ouviam as baixas e ressoantes vozes do côro dos homens. Ao cadete Caldas é que eu devo os respectivos dados. Êle distinguia um primeiro canto só para homens, e um segundo canto para homens e mulheres. O texto, por êle fornecido a respeito do primeiro, tornou-se infelizmente imprestável. Trata da gaivota, *schibaiú*, que também aparece no segundo, e não é uma simples enumeração de nomes, a-pesar-das múltiplas repetições. Êsses nomes, seguidos, de aróe, constituem o texto do segundo canto, formando também uma longa repetição: êsse é o texto geralmente cantado, não menos pobre em variação do que a sua música, a qual, a-pesar-de não ser eu versado nessa arte, me parece a mais monótona possível. Os seguintes “versos”, traduzidos por Clemente, estão na devida ordem: — *bacororó aróe akóge aróe, schibaiú aróe, kurugúge aróe, botoróe aróe, imaiaré aróe, diuretoto aróe, kaiatoto, aróe, manototo aróe*, palavras essas que (menos aróe) querem dizer: — água (uma determinada? geralmente *póbe*), *dourado* (peixe), *gaivota*, *gavião*, *uma outra ave de rapina que come peixe*, “*seu peito*”, *sucurí*, *pilão*, *erva do pantanal*. A cena, portanto, passa-se à beira da água; mais não posso adiantar. Se o morto, junto ao cesto onde está depositada a sua ossada, experimenta qualquer coisa; se desejam que os animais, que também concorrem para a pesca, estejam no pilão — o que era mais para acreditar — isso não cheguei a saber. Alternando com êsse canto, também faziam ouvir — “*jaguar*”, “*capi-vara*”, “*pariko*” (diadema de penas), seguidos de *ehê* isto, porém, não aplicavam aos funerais, e sim, sòmente em relação à caçada.



1.º) Música — Canto dos homens.



Frauen



2.º) Música — Canto dos homens e mulheres.

Rohde fala de uma dança *fararú*, para a qual se enfeitavam com coroas de penas, guisos e outros adornos. Um guiador de dança, tendo em cada mão a matraca e nos pés guisos feitos do casco de veado, acha-se no meio de uma roda, formada pelos homens, a qual é circundada por uma roda maior, constituída pelas mulheres. Dançam com compasso, saltam e matraqueiam longo tempo, até que, finalmente, o guiador da dança berra *hau!* e dá um feroz salto último, que é imitado por tóda a companhia. Waeh-neldt viu danças imitativas de animais e diz que acha sobremodo extravagante a dança dos mycetes (macacos roncadores), a qual consiste em arremedar-lhes tódas as vozes e movimentos. Na “dança da pele do jaguar” tomam parte homens e mulheres; es-

tas nunca chegam a ver a pele do jaguar, carregada às costas por um homem, que finge mostrá-la com os movimentos que faz a cada passo: o medo das mulheres é o *clou* da diversão. “A dança, que consistia na imitação dos costumes dos antepassados (?), era algo rude e acompanhada de cantos numa língua que é diferente da de hoje. A dança mais melancólica e triste era dedicada à *recordação dos mortos*; êstes eram representados como presentes nela, conversando com os vivos e fazendo-lhes carinhos de toda espécie”.

A dança, que servia para encorajá-los ao combate contra os inimigos Caiapó, e na qual tivemos de tomar parte, já a descrevi. Pormenores sobre a dança e o canto dos funerais, eu os direi no relatório especial sobre as exéquias da esposa de Coqueiro, e aí descreverei também a dança da véspera, quando foram incinerados os trastes da morta.

No dia 8 de Abril presenciámos uma dança cômica, chamada *páre*, quatro rapazes, adornados com o paríko, apareceram atrás do ranchão, guiados por Domingos, que em cada mão agitava uma matraca.

Êles deram compassadamente pequenos saltos com os dois pés juntos e assim dançaram em roda, dirigindo a frente alternativamente ora para dentro ora para fora. Depois chegaram três mocinhas, cada uma das quais dançava atrás de um moço, pegando-o pelas ancas. Os espectadores estavam muito contentes, mas sua alegria redobrou, quando uma quarta personagem, com cinto de casca e liga de embira, corajosamente saltou no meio da roda, e, a-pesar-de trazer a cabeça coberta com um pano, fãcilmente foi reconhecida como sendo um homem. Estava enfeitado com colares de pérolas e tinha na mão uma esteirinha, com que, a compasso, abanava o chão. O divertimento durou mais ou menos um quarto de hora. As mulheres saíram da roda, a fingida em primeiro lugar, os homens dançaram ainda uma vez a compasso apressado e depois lá se foram tomar banho.

Havia pacíficas *lutas corporais*, consoante com as regras que vou referir. Quem pretendia desafiar a alguém, pegava-lhe na munheca direita. Os dois enfrentam-se, e cada qual põe as mãos debaixo dos ombros ou em redor das virilhas do outro; nesse abraço ficam os dois com os corpos inclinados verticalmente e com os pés bem abertos, de modo que um aviste as costas do outro. Rindo-se, permanecem assim durante algum tempo; de repente, porém, ficam muito sérios: o plano é um dar uma rastera no outro, afim de derribá-lo. Um dêles começa o ataque, procurando pôr o calcanhar na curva poplíteica do outro, afim de dobrá-la;

mas o outro põe a perna tão bem esticada para trás, que aquêle não chega a aplicar a fôrça. Essas tentativas são rapidamente feitas de ambos os lados, até que um dos lutadores caia. Sempre se realiza a desforra. Em tal divertimento mostrou-se habilíssimo no ranchão um rapaz pequeno, destro, mas feio e caolho, que nós denominámos *clow*, bem que o seu nome de batismo cuiabano fôsse Camões, o qual derribou seguidamente a três ou quatro dos seus mais altos companheiros de tribu. Os adversários, que eram mais corpulentos e robustos, costumavam levantá-lo orgulhosamente, mas no mesmo instante sentiam o seu calcanhar na curva do joelho e caíam redondamente no chão.

Muitas vêzes, no patéo livre, exercitavam-se no atirar com arco.

Velhos e moços gostavam muito da gangorra (*bukira*), invenção dos soldados. Era um pau horizontal com cordas nas extremidades o qual gira no meio sôbre um mourão. O pau fá-lo girar rapidamente alguém, que por momentos fica perto do mourão, até que os indivíduos montados nas extremidades voem para os lados.

Na estampa vêem-se dois objectos de brinquedos de crianças: — *papa*, peteca feita de palha de milho, tendo na ponta uma pena de arara, e *tagóra*, um chicote munido de uma pena preta de urubú na ponta da tala; manejavam o chicote de modo que, com um prazer pouco comovente, a pena por um momento ficava posta perpendicularmente no solo, quando o cabo, por um rude movimento da munheca, se dirigia para baixo. Um dia vi dois rapazes que faziam esvoaçar uma abelha e uma borboleta, prêsas a um fio.

Instrumento de música; sonidores. — No uso ordinário, somente se applicavam grandes matracas de cabaça, de 0m,20 de com-

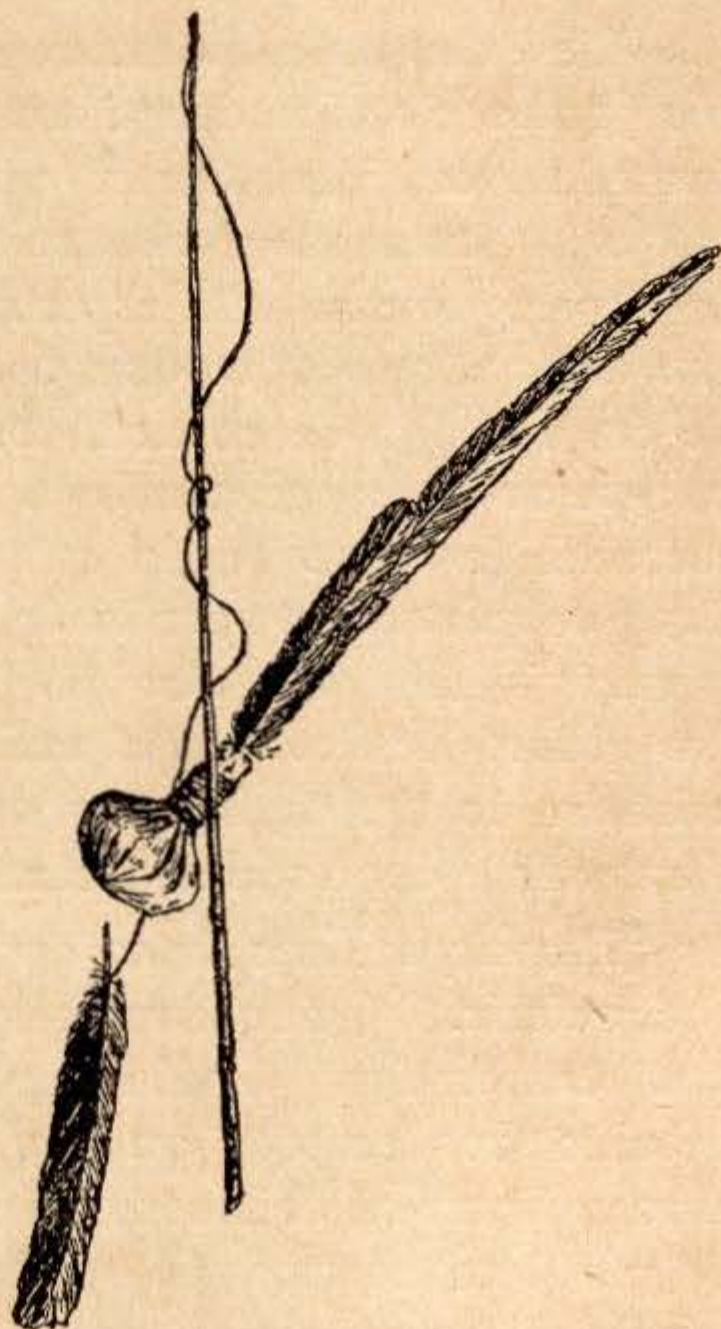


Fig. 143 — Peteca e chicote de penas — Borôro — 1/9 tam. nat.

primento, e uma pequena cuia para soprar, chamada *poári*. O *poári* servia de corneta para a caçada; era uma abóbora da forma e do tamanho de uma grande maçã, tendo na parte inferior uma abertura redonda e em cima um canudinho delgado, da extensão de um dedo, e ao lado do qual existia uma lingueta. Os *poáris*, munidos de madeixas de cabelos de mortos, dificilmente se poderiam adquirir dos Borôro. A única flauta ou trombeta, que nós vimos, tinha 1m,21 de comprimento e era tocada na festa dos mortos, bem como quando voltavam para casa os cêstos de ossada.

Um tambor, que era usado no ranchão para a mesma cerimônia, não nos fêz a impressão de ser original: consistia num pedaço de couro de boi esticado sobre pilões de madeira; como baquetas, serviam umas varinhas de seribas.

Maior interêsse cferecem os sonidores, não só pelo mistério que se lhes ligou, como também por causa da pintura, pois são o único instrumento pintado. Como usavam os sonidores, já o relatei. Mas, ao passo que no Kulisehu êles serviam somente para as alegres danças *masquées* ou ainda como brinquedo, no S. Lourenço eram usados apenas nas cerimônias funebres, primeiro quando se queimavam os trastes dos mortos, ocasião em que queriam dizer aos mortos, supostos presentes, por uma dança pantomímica, que nada ficara do que lhes pertencera em vida, e que êles, os extintos, portanto, nada mais tinham, para o futuro, que vir procurar no aldeamento; e, depois, quando mais tarde o cêsto da ossada era conduzida para fora, deixando assim o morto o aldeamento. *O conceito fundamental de tôdas essas solenidades consiste no medo de que o morto possa voltar para buscar os vivos.* Das cerimônias celebradas para impossibilitar-lhes isso, exclue-se cuidadosamente o sexo fraco. Durante elas, as mulheres fogem para o mato e escondem-se nas cabanas. O sinal é dado pelo sonidor, cujo ruído naturalmente tem um caráter apavorante. Se elas estivessem presentes, correriam o risco de morrer. Até aí, tudo parece lógico e natural. Mas, nessas usanças acrescentaram a crendice de que havia perigo para as mulheres no avistarem o sonidor. Diziam mesmo que elas morreriam, se o avistassem.



Fig. 144 —
Planta fune-
raria — Bo-
rôro — 1/11
t. nat.

E' êsse um aumento certamente exagerado, porém sem nenhuma incompreensibilidade. Per parte das nossas mulheres há idênticas exagerações, quanto ao mêdo de armas de fogo. Uma senhora, minha conhecida, tapava os ouvidos, quando eu lhe mostrava um revólver sem balas, e pedia-me, tão excitada que não queria ouvir-me nem vêr coisa alguma, e pedia instantemente que eu o guardasse, pois dizia ela — eu cito bem històricamente — que “acontecia muitas vêzes que êsses bichos disparavam freqüentemente, mesmo sem que estivessem carregados”. Quando o sonidor trôa entre os Borôro, nas ditas ocasiões, então isso corresponde ao revólver carregado; é um perigo para homens e mulheres, mas o cuidado por parte das últimas é maior, porquanto os índios acreditam ser peculiar das mulheres o chorar e tremer, sempre que as ameaçam animais, inimigos, até sòmente quedas de água, e que elas precisam sempre de proteção. Se a mulher corre perigo avistando um sonidor, então isso em parte é ainda igual ao mêdo do revólver não carregado, e em parte já uma fórmula iname, adquirida pela prática das gerações, e, sem critério, ansiosamente aplicada. Do mesmo modo, Wallace observou, na região do Amazonas, que as mulheres fogem, quando ressoam as flautas da dança dos demônios *juruparis*, e ouviu dizer que elas morreriam, se as avistassem; também êle só pôde obter algumas dessas flautas mediante condições especiais.

Com efeito, quando se lê que os Australianos contaram a um viajante, com as mesmas palavras com que me foram referidos êstes fatos a respeito dos Borôro, que “as mulheres morreriam, se avistassem o sonidor”, sendo que o aludido sonidor, nas mais diversas tribus do velho mundo, representava um papel em ritos, de que eram excluídas as mulheres, acha-se isto, à primeira vista, singular. Realmente é difícil compreender que fôsse essa a razão de pensar entre os elementos mais heterogêneos,



Fig. 145 — Zunidor de madeira — Borôro — 1/8 ta. nat.

cuja conexão mediata ou immediata carece totalmente de prova; pois não se deve considerar como uma grande conquista do espírito humano a invenção de uma tábua girada no ar por meio de cordas, e de que só uma vez apparecesse isso no curso da história; e não se deveria também achar tão singular o medo de doença e morte, as tentativas de explicações desses fenómenos, as idéias da existência de além-túmulo, a interpretação dos sonhos, etc., etc., e que um povo só de outro podia receber a sua medicina. Nesse caminho, como para uma longa série de invenções e costumes pode o mesmo ser provado, chega-se a um paraíso etnográfico da Humanidade, — caminho êsse que para o sonidor certamente não existe mais, desde o brilhante artigo "The bullroarer" no Custom and Myth de Andrew Lang (Londres, 1885).

"As mais diversas tribus, diz Lang, têm os seus mistérios, necessitam de um sinal para chamar as pessoas que nêles podem tomar parte e para avisar as que o não podem; occultando o instrumento às mulheres, êles têm a dupla certeza de que o sexo curioso se espanta e afasta". Entre os Borôro, o caso é algo diferente: tem-se cuidado das mulheres. Pode ser que em outras tribus se trate de ameaçar as mulheres com a pena de morte — e, assim, cada caso deve ser investigado particularmente, pois a singular concordância será talvez apenas exterior — como a índia do Kuli-sehu se exporia a um perigo de corpo e alma, se entrasse na casa em que os homens tocam flauta. A expressão — "as mulheres morreriam" pode ter duas interpretações diferentes.

Era-nos absolutamente impossível obter sonidores dos Borôro. O medo do abuso, em razão do procedimento dos Brasileiros, era bem fundado. Pediam instantemente a Guilherme que não mostrasse às mulheres sonidores por êle pintado. Quando nós lhe fizemos ofertas de compra, os *aidies* foram escondidos. Parece que até os homens tinham um certo medo, quando nós falávamos desse objetos, como de arcos e flechas e quaisquer outros objetos de coleção; um virou timidamente a cara, quando eu lhe toquei no tema *aidie*, e manifestou-me claramente que gostaria mais de não ouvir tratar de semelhante assunto: a coisa estava bem ligada com o medo da morte. Sòmente lográmos a satisfação dos nossos desejos por meio de três rapazes mais velhos, que estavam no verdadeiro tempo da molecagem, e que tanto aspiravam às nossas pequenas contas vermelhas quanto nós aos seus sonidores. Êles os entalharam e pintaram no mato. O primeiro appareceu misteriosamente em nosso quarto pela calada da noite, exigindo que trancássemos porta e janelas. Depois, veio o segundo, batendo à porta, e, finalmente, assim o terceiro. Cada um tra-

zia um sonidor debaixo de um pano; segredaram-nos que devíamos ocultá-los cuidadosamente, pois mulheres e crianças morreriam, se os avistassem, e insistiram também porquê os homens, — o moleque Tobakiu tinha muito medo de seu pai Moguiocúri — também não soubessem nada daquilo, para não ficarem “brabos” e não darem desapiadadamente nêles. Nós tomámos êsse pedido em muita consideração, e, à vista dêles, pusemos os três perigosos paus no ponto mais fundo da nossa mala.

A forma dos sonidores é comprido-oval, o tamanho é de 0m,40 a 0m,42, na extremidade da corda acha-se um talhe e, um pouco distante dêste, na linha média da tábua, um orifício, para ficar segura a corda entre êsse orifício e o talhe.

Arte de desenho. — Aquí posso continuar com os sonidores. No quadro acha-se um feito a lapis. Na figura vemos os lados algum tanto adelgaçados e pintados de preto, e assim também os lados dos sonidores; a face entre êles é pintada de urucú, e sôbre êste fundo vermelho acha-se sobrepôsto o molde preto. Os moldes têm por motivos o que mais lhes interessa. No sonidor, que nos funerais da mulher de Coqueiro foi trazido pelo bári, estão pintados semicírculos cheios de pontos: representa isso a caixa craneana enfeitada com peninhas, tal como deve ir para o cêsto da ossada. Em outros sonidores aparecem também pintadas partes do traje feminino, ou o cinto de casca, em forma de travessas largas e pretas, ou faixas de embira em forma de triângulo e com a presilha. Êste último motivo encontra-se no sonidor que figura no quadro. Em cada lado está desenhada uma presilha com três faixas de embira. Aquí portanto, teríamos o triângulo, por nós conhecido entre os Uluri do Kulisehu, também com a faixa de embira, e cuja respectiva imitação gostaríamos de ter obtido dos Trumaí. Em um exemplar de sonidor, que também mostra olhos de madrepêrola e por êles um semicírculo sem pontos, não só estão pintados três cintos de casca em forma de três travessas, como ainda, no interior, pequenos círculos, à direita e à esquerda dos quais há ao lado um quadrado. A significação disso não é clara; é provavel, porém, que os cêstos de ossada sejam representados pelos quadrados e o crâneo pelo círculo.

Pintavam a cara das raparigas do ranchão com as figuras do cinto de casca e da faixa de embira, do mesmo modo que parte dos sonidores: punham-lhes sôbre a testa e fontes a mesma travessa, circundando os olhos e deixando livre a fronte, e os mesmos triângulos nas faces, um de cada lado. Sòmente esta pintura era feita com o mais alegre urucú. A gente selvícola fêz um dia a graça de distinguir-nos com uma ligeira pintura na cara, o que era um

gaudio para as raparigas que encontrámos; disseram elas em voz alta, o que para nós era enigmático, “aidie!”, isto é “sonidores”. Tirando com a ponta do dedo a tinta de um Borôro enfeitado, que estava perto, elas ainda nos acrescentaram uns pares de triângulinhos. — Finalmente, também eram pintadas de vermelho as bandeiras do cartucho penil festival.

Os desenhos a lapis, feitos pelos Borôro, já os descreví juntamente com os dos índios do Kulisehu.

Os seus desenhos na areia também foram descritos ali. Com predileção especial, um índio, que estava caçando anta, foi representado com um gigantesco membro viril, no momento em que disparava a flecha. Notámos também um vaqueano que atirava o laço. O mais bonito, porém, era o desenho cintilante de um jaguar. Os desenhos de Guilherme sempre lhes causavam vivo interesse. De noite, era freqüente recebermos visitantes, que os estudavam com a maior exatidão possível e propunham novas tarefas: um desejava ver a figura de uma unha, outro apanhava uma traça para servir de modelo, etc. Eles compreendiam também uma paisagem e conheciam certa árvore perto de uma cabana, que Guilherme tinha desenhado em proporções maiores.

Direito e casamento. — O cacique manda na guerra e determina a caçada durante a paz. Como no Kulisehu, também dirigia a plantação. Quanto ao mais, a sua função, que é hereditária, não tem importância. Os Brasileiros procuravam afirmar-lhe o mais possível da autoridade, afim de terem uma pessoa com quem pudessem contar; porém uma autoridade qual a de que gozava Moguicúri, era conforme dizia Clemente, uma cousa artificialmente aumentada. Realmente, era muito melhor o pôsto de “homem-médico” (bári); pois, se aquêle, em primeira linha, recebia presentes dos Brasileiros, o bári estava na posição agradável de obter sempre o melhor quinhão por meio dos seus benzimentos. Com efeito, era muito trabalhoso o matraquear, que fazia parte do seu ofício.

Tanto quanto me foi possível entender, dividia-se a tribo em duas grandes classes, a das cabanas de famílias e a do ranchão. Aquela compreendia os mais velhos pais de família, que viviam em matrimônio regular; a outra, os solteiros, que arranjavam raparigas, possuídas em comum por pequenos grupos. O rapto de mulheres, que se dava de tribo a tribo, era feito dentro da própria tribo. Só uma parte dos companheiros de tribo estavam na posse permanente de mulheres. E' fora de dúvida que êstes fatos singulares não eram certamente um produto casual da colônia. Referia Clemente o que o mesmo ocorria nas aldeias, e, — o que cons-

titue maior prova, — os próprios costumes mostram que aqui se trata de cousas habituais. Parece que em “Teresa Cristina” afóra o cabo brasileiro Duarte com as suas duas mulheres, só Moguio-cúri é que vivia em poligamia, e a maneira era interessante: tinha êle por espôsas uma mulher velha e a filha do primeiro matrimônio desta; casara êle, portanto, com uma viuva que tinha uma filha, e, depois que a mãe se tornara feia e a filha bonita, “casou” também com esta... Nas aldeias, porém, era mais ampla a poligamia dos velhos. Parece que, devido às pretensões dos Brasileiros, existia na colônia, a êsse respeito, um estado de exceção, pois faltavam mulheres, tanto para as cabanas, como para o ranchão.

Dos Borôro do Jaurú relata Waehenldt o seguinte: — “Nos seus casamentos não têm outra cerimônia senão tomar tantas mulheres quantas possam sustentar, ou, melhor dito, tantas quantas (de fora) apareciam lá; quase todos os homens casados tinham diversas mulheres, até seis, enquanto na aldeia dos Borôro perto de S. Matias havia tão grande falta de mulheres, que se serviam de meninas de 8 a 10 anos”. Alí não havia o ranchão; em lugar dêste, havia sòmente um cercado de 4m,50 de diâmetro, no qual os “padres” faziam os benzimentos e onde não podiam entrar as mulheres e as crianças; — era o santuário. Não se exigia para o casamento a permissão dos pais. Êstes nem dão nem recebem nada. Opondo-se êles, então há briga, e a força decide a questão. Quem é vencido, deixa a aldeia. Baseia-se tudo no direito da fôrça.

A nova espôsa permanece com os filhos na casa dos pais. O novo esposo fica em casa durante a noite, e, de dia, quando não vai à caça, vive no ranchão. Têm os recencasados um fogão próprio, um pouco ao lado do qual está assentada a avó com os netos. Assim se passa tudo até à morte dos avós. A avó dá de mamar, quando o casal se dirige ou à caça ou à procura de côcos no mato; “Elas, as avós, têm ainda leite, quando casam as filhas”.

Os rapazes cuidam em tempo de achar mulher, e aí há, em relação ao gesto, dois costumes muito interessantes. Os lóbulos da orelha da rapariga são perfurados por seu futuro espôso (72); se êle não casar com ela, então o filho dêle a desposará.

Quem aplica ao rapaz o cartucho penil, “acunhada-se” com êle em consequência disso, e tem que desposar-lhe a irmã ou a tia.

Agora, os costumes do ranchão. — Os Brasileiros afirmavam ter acontecido que 30 a 40 homens, um após o outro, forçavam a mesma mulher, que era agarrada pelos braços e pernas.

(72) — Os dos rapazes são perfurados pelo pai.

Em parte, as raparigas eram procuradas de dia, publicamente e como já foi descrito, pintadas e enfeitadas em meio de muitos gracejos; em parte eram capturadas ao cair da noite. Assim, nós observámos, certa noite, como os solteiros, deitados diante do ranchão, atacaram uma turma de mulheres que voltavam de uma assembléia de lamentação: duas foram seguras, depois de uma luta silenciosa, ficando envoltas em panos, de modo que não era possível conhecê-las, e levadas para o ranchão. Porém, uma das duas era, como vimos na manhã seguinte, a muito esperta Maria, cuja opposição por certo não fôra muito séria. — “Então ontem tu não te querias casar?”, perguntei-lhe. — “Agora já me casei”, respondeu-me com bom humor. Estava ela, com toda a comodidade, deitada ao lado do seu homem favorito, debaixo de um cobertor vermelho, e quebravam cocos. Vimos um dia Maguiocúri animar os rapazes a enfeitarem a Maria, que na luta corporal era tão selvagem, e, agora, estava tão submissa. Imediatamente seis dêles se precipitaram sobre ela e a pintaram.

As mulheres do ranchão eram presenteadas por seus amantes com grandes flechas de lascas de bambú. Cada um oferecia duas, que a rapariga, acorçada, recebia com indiferença. Conteí, uma vez em que a isso estive presente, dezoito de tais setas de amor para uma só rapariga. Êsses mimos eram entregues depois ao seu irmão ou ao irmão de sua mãe. As raparigas do ranchão não casavam mais com outrem: os filhos eventuais têm por pais todos os homens do ranchão, com quem ela tivera relações. São estas, portanto, normas perfeitamente reguladas, que provêm da supremacia dos velhos: êstes têm a posse, e, em pagamento, recebem pelas raparigas, cedidas ao ranchão, — e para o que têm de fazer acôrdo, como regular fonte de renda. — flechas ou também enfeites, como, por exemplo, cordas de suspensórios. Dizem que a pederastia não era desconhecida no ranchão, porém que só ocorria quando alí era muito grande a falta de raparigas.

Quão regulados eram os direitos de propriedade, já o vimos pela circunstância de que a presa da caça não fica em poder de quem a efetuou. A família sente um grande prejuízo, quando morre um membro dela, pois tudo quanto possuía o morto é queimado e lançado ao rio, ou metido no cêsto — ossuário, para que o extinto não tenha motivo de voltar. A cabana fica então completamente desguarnecida. Os sobrevividos, porém, de novo recebem presentes, fabricam arcos e flechas para si, e, — assim o exige o costume, — quando é morto um jaguar, a pele é dada “ao irmão da mulher ultimamente falecida ou ao tio do homem que morreu ultimamente”; como protetor oficial da mulher, en-

contramos sempre o seu irmão. As flexas são objetos de mais valor; elas são dadas ao irmão da rapariga do ranchão ou ao matador do jaguar; são também os objetos de troca para o tabaco e o algodão.

Furtos ocasionais são investigados com muito barulho, mas sem resultado. Os caciques ou pessoas velhas corriam por toda parte no pátio livre e ouvia-se grande vozerio. Assim aconteceu, quando Ehrenreich deu por falta de uma faca. Ia-se de cabana a cabana, todos tinham que exhibir as suas facas, e, com surpresa, vimos que as havia em grande abundância (em poder de certa mulher contámos 21). Porém, no fim de contas, dizia-se sempre que o objeto estava escondido no mato.

Nascimento; nomes. — A mulher dá à luz no mato. Sopra-se fortemente nos olhos da criança; o pai corta o cordão umbilical com uma lasca de bambú e faz a ligadura com um fio. Durante dois dias, nem pai nem mãe comem cousa alguma; no terceiro dia é que podem tomar alguma água morna. Se o homem comesse, a mulher e a criança ficariam doentes. A placenta é enterrada no mato. A mulher não pode tomar banho até a volta da menstruação; depois porém, como em geral, toma muitos banhos. Provocar abortos por meios internos, dizem que é frequentemente praticado, principalmente por parte das mulheres do ranchão. Se as mães não querem mais amamentar, expremem o peito e “fazem secar o leite sobre o fogo, com o que êle desaparece”. Medicamentos para crianças adoecidas, feitos pelo boticário, foram tomados pelos pais. A respeito da *couvade*, vide capítulo XII, I. A questão secundária — que o pai esteja na rede — tem imediata solução entre os Borôro, pois êles não possuem redes de dormir e praticam, entretanto, a *couvade*.

Dá-se nome ao menino, logo após o nascimento, na ocasião de ser-lhe perfurado o lábio inferior, o que, na falta do bárí, pode também ser praticado por outras pessoas. O operador pergunta, qualquer pessoa propõe, e o nome respectivo fica aceito. A menina também, logo depois do nascimento, recebe nome por parte dos parentes. Os nomes designavam animais e plantas; disseram-me que Moguiocúri é um animal parente da cotia.

Waehnelde acentua o grande amor dos pais para com os filhos. “Êles guardavam-nos (continua êle) cuidadosamente dos saltadores; logo que cheguei lá, êles esconderam todas as crianças, as quais só tornaram a aparecer depois de terem adquirido a convicção de que nada tinham a recear. Um dos índios pediu-me remédio para um filho doente, dizendo que, caso a criança morresse, êle havia de comer tanta terra, até ficar enterrado nela”. O furo

do lábio inferior, destinado a marcar as crianças, também tem, portanto, entre os Borôro do Jaurú, a sua razão determinada. De igual modo podemos falar do amor para com os filhos: a-pesar-da carga pesada, geralmente o bebê é levado ao mato, e, de volta, vem sentado aos ombros da mãe, com a cabeça desta entre as pernas. O respeito para com os pais, ao contrário, era pouco manifestado; as crianças eram marotas, desaforadas, porém inteligentes, e antes obstinadas do que obedientes.

A aplicação de cartuchos nos rapazes é feita festivamente. Devem passar o dia anterior no mato, sem que hajam recebido coisa alguma para comer. Os jovens guerreiros são pintados de ferrugem e hão de sujeitar-se a muitas malícias; a burla principal consiste em fazer o rapaz, pôsto entre dois partidos, ser jogado de um para outro através de uma fogueira.

Ceremônias funebres. — Saibamos, antes do mais, o que diz Waehneldt a respeito dos Borôro do Jaurú:

— “As suas solenidades de luto e de entêro realizam-se no meio de suas aldeias, mesmo no santuário (o cercado referido no item “Direito e Casamento”). Mostraram-nos a ossada limpa do mais velho dos índios, sucumbido há poucos meses, o qual tinha sido exumado depois de ter ficado sob a terra durante seis meses; os ossos estavam limpos e não faltava nenhum.

“Alí dançavam e entoavam tôdas as tardes os seus cantos de lamentação, cobrindo cada osso com penas multicôres, e enfeitando ricamente o crâneo com penas de arara e de outros pássaros.

“Essas cerimônias duram muitas semanas, sendo, finalmente, inumados de novo os ossos, previamente depositados numa urna. Essas honrarias, porém, não são iguais para todos os mortos.

“O cadáver fica durante três dias no seu leito, sem que ninguém toque nele, até que a decomposição, já muito adiantada, produza um fétido nauseante; no terceiro dia, o defunto é envolto em peles, esteiras e fôlhas verdes, depois do que é pôsto na cova, sendo esta recoberta com terra, fôlhas de palmeira e esteiras.

“As sepulturas acham-se no meio da aldeia e são conservadas muito limpas: tinham o aspecto de um cemitério europeu”.

A respeito dêstes informes valiosos, deve ser esclarecido mais um ponto. Waehneldt vê nos Borôro de Mato-Grosso, entre os quais teve uma curta parada, íncolas imemoriais da região, e acredita, porquê assistiu à inumação das urnas, que também estas, — existentes em grande abundância nas antigas, mas hoje desprezadas habitações, cheias de ossadas na sua maior parte, — seriam oriundas dos antepassados dos Borôro. Os Borôro dêle, po-

rém, são os mesmos aquí domiciliados, depois de longas pelejas, pelo fazendeiro Leite; antigos cemitérios de urnas de semelhante espécie, há muitos na vizinhança de Vila-Maria; êles nada têm de comum com os modernos Borôro, e ainda são objeto de investigações. Waehnelde mesmo diz que encontrou só “poucos vasos de barro, fabricados por êles próprios, e, além disso, alguns vasos maiores, destinados à guarda de diversos objetos, os quais, porém, eram *cousas herdadas* dos antepassados, *por não mais se fabricarem hoje*”. Ou os Borôro tinham imitado tais urnas e substituído por elas os seus cêstos-ossuários, — ainda um antecessor da urna, — ou, o que acho mais provável, por causa da sua reconhecida pouca habilidade cerâmica, que corresponde exatamente à dos nossos Borôro, e pela indicação de que também de outro modo foram usadas velhas urnas, — êles depunham os seus mortos nas velhas urnas, que encontravam em grande número, em parte já vazias, nas antigas habitações, hoje abandonadas. O costume original dos Borôro é o mesmo que o dos Aturé de Humboldt, dos quais êste explorador somente encontrou um resto em número de seiscentos bem conservados cêstos de cabos de fôlhas de palmeira, que continham, como arrumados num saco quadrangular, esqueletos pintados de urucú, e de cuja língua apenas um velho papagaio da missão próxima sabia articular ainda algumas palavras. Conforme a tradição, também os Aturé depositavam os seus cadáveres primeiramente na terra, durante algum tempo, deixando decompor-se a carne, limpando bem os esqueletos com pedras afiadas depositando-os nos cêstos. Uma porção de mortos também era já inumada em urnas de asas.

Assistimos no S. Lourenço a duas cerimônias fúnebres: a primeira celebrou-se justamente à nossa chegada; a segunda, que vou tentar descrever, observámo-la de princípio a fim.

A primeira inumação efetua-se no segundo ou terceiro dia, quando, pela decomposição, não há mais dúvida da morte. O cadáver é enterrado no mato, perto de água, e descarnado mais ou menos depois de quinze dias, celebrando-se então a cerimônia principal, cujo fim é enfeitar e arrumar o esqueleto. Nesse interim, mantém-se relações com o morto, tanto durante o dia, como também, e sobretudo, durante a noite, no baíto, por meio de cantos de lamentação, os quais, m nosso caso, podiam ser restringidos a proporções menores, por se tratar de uma mulher, a espôsa de Coqueiro.

A solenidade capital caiu no domingo da Páscoa. No dia anterior, sábado da Aleluia, depois de liquidado o Judas, os índios começaram ativamente os preparativos, aplainando e pintando so-

nidores, concertando enfeites, enquanto um bári, adornado com as penas do paríko e sentado negligentemente a um canto, matraqueava e cantarolava um pouco; o viuvo Coqueiro, na sua cabana, lanhava braços e pernas, que se cobriam de crostas de sangue coagulado, e só bem tarde foi realizada a solene destruição dos objetos da morta, melhor dito, dos trastes da família particular, que com ela tinha morada na mesma cabana, — acontecimento êsse ligado a uma interessante pantomina, que merece descrição circunstanciada.

Alguns Borôro mostravam-se de grande gala por detrás do ranchão, cabelo e corpo pintados de urucú, testa circundada da lista de lacre preto, com o cartucho festivo encimando a bandeira pintada, tendo grudadas nos braços e no cabelo penas verdes de papagaio e trazendo à cabeça dois paríkos e a baragára, achando-se as rodas de penugem e o perfurador dos lábios também adornados de penas. Enquanto dois dêles se sentavam numa esteira e chocalhavam a matraca, o próprio Coqueiro pegava em frescos e verdes molhos de folhas e, tendo-os ligado num cabo em forma de pincel, amarrava-os aos ombros do moço melhormente enfeitado, onde tinham êste manchas negras de pixe, assim como nos braços, joelhos e tornozelos. Êste Borôro, com o adôrno verde de folhagem, representava o morto no estado atual, em que fôra inumado sob um cobertor de fôlhas verdes. Aproximaram-se quatro homens com um cabaz, do qual tiravam vestidos, da mulher de Coqueiro, aplicando-os ao homem “Verde”, que alí estava gemendo e tremendo com os joelhos, — um quadro de desgraça, mas, consoante com as nossas idéias, “uma pobre alma”, sobrecarregada, no seu singular aspecto, de penas azues de arara, grinaldas verdes e cinco saias de chita multicôr. Os outros também se cobriram com vestidos de mulher, um com uma pele de jaguar, e, entregando ao “Verde” um flautim enfeitado de peninhas brancas, arranjaram uma dança. Um homem, com duas cabaças, começou a dança de roda, tendo atrás de si o “Verde” e atrás dêste quatro outros; todos seis cantarolavam em côro e dançavam ora para a direita, ora para a esquerda, marchando em direção ao baíto; voltavam então e, pisando fortemente, marcavam um círculo no chão. De repente, porém, debandaram e correram atropeladamente para o mato, onde desapareceram.

Por meio do flautim de cucurbitácea, o joven representante da morta invocou dois velhos índios, que já há muito jaziam de baixo da terra. Êstes deviam estar presentes ao ato da entrega dos trastes, receber o novo companheiro e averiguar o que lhe pertencia, afim de que não viessem nada reclamar em posteriores visitas desagradáveis.

Depois de um quarto de hora, a turma saía do mato, correndo e berrando muito, carregando às costas, — hurrah, os mortos cavalgam depressa! — dois vultos verdadeiramente horrendos, nus, sem adornos, e desde a cabeça até aos pés cobertos de barro do rio. Soltando gritos infernais, aquelas assombrações de barro pulavam como animais selvagens, semelhando gigantescos zangãos a zumbir, e, agitando veementemente três sonidores — não era visível nenhum ente feminino, e as cabanas, fechadas com esteiras, pareciam deshabitadas — acenderam com muita ligeireza uma fogueira no meio do círculo anteriormente demarcado, conduzindo para ali uma infinidade de tôda sorte de trastes caseiros, cestos, ventarolas, faixas de embira, cintos de casca, um cobertor vermelho, muitas panículas de milho, cabaças e conchas; foram também quebrados arcos e flechas, e tudo reúnido em um montão. Entrou logo uma certa ordem na interessante cena: os homens circuitavam o fogo e moviam-se ao redor dêle, pulando devagarzinho com ambos os pés. O “Verde” foi agarrado e calcado em terra pelos dois vultos de barro, nos quais mal e mal reconhecemos o bravo Moguiocúri e o bári principal (o atirador da prancha XXVIII). As matracas chocalhavam, os sonidores zumbiam, e o fogo então ardia vivamente. O “Verde” foi pôsto em liberdade, e êle e outro companheiro, que se achava atrás dêle vestido de paríko, arremessavam às chamas os trastes, dançando em roda e desviando-se ora para a esquerda, ora para a direita. Nesse entrementes — e isto, no meu entender, era o mais notável de tôda esta cena — os dois representantes dos mortos velhos curavam uma mulher doente, ali aparecida de repente não sei como: sopravam nela a esperança consoladora de que tão cedo não seria buscada. Alguns correram ao rio próximo arremessando nêle facas e machadinhas. Coqueiro atiçava o fogo, dança e canto acabavam. Os enfeites de pena estavam deitados junto ao fogo, o “Verde” ajuntava as suas grinaldas, e os báris, que estavam acorados em linha, um atrás do outro, eram aspergidos com água. Pouco depois, grande celeuma: o cão de um soldado tinha mordido uma criança. Moguiocúri, ainda sujo de barro, dirige-se furibundo ao dono do cachorro, o qual, para sua própria segurança, marcha para o cárcere; com isso se contentou o cacique, fechando com uma das mãos a boca da mãe iracunda, que então se foi embora calada, mas arreganhando os dentes alegremente e pondo a língua de fora.

Na seguinte noite, canto ininterrupto de aróe do lado dos índios: ninguém nas cabanas e no ranchão; homens, mulheres e crianças, todos fora. Música incessante, danças, risadas, tagare-

lices, do lado dos soldados. Esplêndido luar. A primeira hora solene da Pascoa viu assim maravilhosos contrastes nos grupos da inumação e da ressurreição.

De manhã entrou no ranchão, tendo à frente Moguiocúri, uma extensa fila de gente, todos com ramos verdes nas mãos, vindo no meio o irmão da morta, com o cêsto quadrangular, que continha a ossada limpa do esqueleto, exumado pela madrugada. Pôsto o cêsto sôbre uma esteira, quatro homens tiraram dêle o crâneo e o maxilar inferior, que brilhavam de brancura e polimento, como os mais lindos preparados, e começaram a enfeitá-los de penas, assim como a um cêsto novo. Moguiocúri, ornado de grande gala e com os cabelos e epiderme pintados de vermelho, estava sentado sôbre uma pele de jaguar, com uma cinta de fôlha de palmeira akurí, tendo coladas aos ombros penas azul-negras de mutum, pendendo-lhe das orelhas tiras amarelo-vermelhas de penas de tucano, trazendo à cabeça o mais bonito paríko e no buraco do lábio inferior a corrente de conchinhas. Ao lado dêle, e também adornados de paríkos, achavam-se quatro báris, os quais, de olhos fechados, sacudiam as matracas e pulavam compassadamente, batendo com os pés. O ranchão estava literalmente cheio, principalmente de mulheres e crianças, que acompanhavam o canto e batiam palmas ritmicamente. Algumas das mulheres aproximaram-se do cêsto-ossuário, pondo-lhe as mãos em cima; a mais velha, então, fêz nos próprios braços, com estilhas de vidro, umas incisões rápidas e agudas, de modo que o sangue caía sôbre as mãos das outras e salpicava de rubro a palha de palmeira do cêsto.

Os moços, que estavam no meio, pintaram primeiro o maxilar inferior com urucú, envolvendo-o depois com penugens brancas. Ao lado, tinham êles urucú num casco de tatú, um potezinho com óleo de peixe, uma concha com resina, uma esteira com peninhas brancas sôltas e uma grande tigela de barro cheia de peninhas de côr purpúrea. O cêsto novo foi pintado por dentro e por fora com urucú, e, enquanto uns grudavam penas no cêsto, os outros cuidavam do crâneo, encaixando-lhe primeiro o maxilar e enfeitando-o depois meticulosamente com as aludidas peninhas de côr purpúrea, a começar do occipital. Cada peninha era umidecida de resina por meio de uma vareta e colocada cada uma de per si.

Nesse interim, ali chegou também Coqueiro, conduzindo uma criança pela mão. Silenciosamente, sentou-se ali ao lado, soluçando e chorando. Afora um cinto preto, que êle havia manufaturado dos cabelos de sua mulher, não trazia nenhum outro adorno. As suas faces estavam banhadas de lágrimas e êle apertava os olhos, como se o chorar lhe fôsse muito doloroso.

Pouco a pouco, a caixa craneana se cobria como que de um veludo de vermelhas peninhas de arara. Quem tinha de limpar as mãos, fazia-o no próprio cêsto. Alguns dos parentes bem depressa não deram mais importância à cerimônia. As crianças saltitavam aquí e acolá, alguns homens roíam espigas de milho e trabalhavam, umas mulheres catavam-se piolhos reciprocamente, continuando, porém, devotamente a cantar. Por fim, o lugar rareou de gente.

Ficava-se, afinal, tonto de tanto zunir e retumbar. Um tambor, que sobreviera, tinha os braços cobertos de uma peliça tôda cheia de peninhas de papagaio. De novo se encheu o espaço. Sete mulheres aproximaram-se do velho cêsto-ossuário, lanhando-se e pondo-lhe os pés em cima, de modo que o sangue delas lhe tingia também a palha. As incisões distavam dois a três centímetros uma da outra. Um enredado vermelho cobria-lhes pernas e braços, seios e ventre. As feições do rosto, porém, estavam tranqüilas e demonstravam que elas não sentiam dor. Lanhavam-se com movimentos ligeiríssimos. Tôdas embrulharam os seus estilhaços de vidro em uma fôlha e a entregaram a Coqueiro, sentando-se-lhe ao pé. Novos grupos chegavam para se lanhar, sempre só mulheres e moças, procedendo tôdas do mesmo modo; cada uma molhava o seu estilhaço na bôca, antes de dar o talho. Roncando, roncando, duas flautas misturaram-se com a música das matracas chocalhantes, do tambor, do canto e do batuque. Os cantores dançavam com incrível perseverança. Coqueiro também, acorado junto ao cêsto, se lanhava os braços, estando ali a seu lado uma mulher com uma criança às costas.

Pelo meio-dia crâneo e cêsto estavam prontos. O gorro, como que feito de veludo vermelho, tinha sido terminado com uma linha travessa lindamente amarelada. O cêsto novo estava recoberto de peninhas alvinitentes, e em cada lado dêle havia dispostas, semelhantes a janelas, duas filas de quadrângulos vermelhos. Era de ver o mimoso e delicado dêsse trabalho daqueles rudes caçadores! Então, foi arranjada uma cerimônia especial — o “benzimento” do crâneo e do cêsto novo. Construíram uma espécie de capela, o santuário, ficando em semi-círculo cinco arcos e cobrindo-os com esteiras e panos. Colocaram nesse nicho o cêsto enfeitado, encostando ainda nêle três sonidores não pintados, e deitando o crâneo sôbre uma esteira juncada de um monte de penas sôltas; o mais ativo dos báris tomou assento na entrada, que ficou assim fechada pelo seu corpo, e o tambor se lhe colocou atrás, agora sem o instrumento. Para entretê-los, foram também postos no nicho dois potes com água barrosa do rio e três charutos. Co-

meçando devagar e em voz baixa, entoaram os dois o seu canto, sacudindo o bári um chocalho em cada mão. Os demais, alegremente sentados em roda, faziam pequenas troças, esmolavam tabaco e juntavam a sua voz rugidora ao compasso final. Pouco a pouco, o canto se tornou mais vivo; claras vozes femininas ajudavam-no fortemente, e os dois cantores do santuário trabalhavam a plenos pulmões, de sorte que, depois de três quartos de hora, estavam completamente exaustos. Curvaram-se para o nicho, afim de beber, mas o corpo se lhes sacudia, como se estivessem febricitantes, de modo que se fazia mister amparar-lhes o pote de água; enxugavam então o suor e mal e mal podiam balbuciar uns sons inarticulados, a que o côro uníssono, respondia satisfeito, com murmúrios de reconhecimento. Trêmulos, fumavam os seus charutos.

Tiraram as cobertas do nicho. Seis homens — entre eles agora também Coqueiro — sacudiam os chocalhos, cantavam e dançavam, sempre de olhos fechados, completamente concentrados em si mesmos. Nós também dançamos e matraqueámos algum tempo, com grande satisfação por parte dos índios. Sòmente um ou outro pausava um pouco de vez em quando, fumando então apressadamente o seu charuto, e limpando o suor, que dos corpos dos seis corria como em rios. Numerosas mulheres acompanhavam o canto, passando o tempo a catar piolhos e sacudindo os seus abanos para refrescarem os dançadores, que estavam atrás delas; os homens, em grande número, estavam estendidos ao longo da parede e descansavam. Só uma vez fizeram uma pausa geral, ficando então a cantarola substituída pelos sons alegres de harmônica mal tocada, que vinham dos ranchos dos soldados; porém, logo depois de três ou quatro minutos, a matraca de Moguio-cúri zumbia, dando o sinal de continuação. Todos os ossos, um por um, foram pintados de urucú — primeiro o femur depois o úmero e os dos braços inferior e os das pernas, a bacia repartida em duas partes, as costelas e os ossos da mão e do pé, até a última falange. Tratando-se de uma criança, o trabalho é mais fácil: o esqueleto fica arrumado *in totum*. Se os ossos pingavam óleo, pôsto em demasia, estendiam cobertores e esteiras por baixo deles, pois nada devia ser perdido. Limpavam as mãos nas fôlhas de palmeiras previamente trazidas. Eram cuidadosamente colocadas no cêsto tôdas as partes do esqueleto, tôdas as falanges das mãos e dos artelhos, embrulhadas em fôlhas especiais, ajuntando-se-lhes a roupa — três calças (mme. Coqueiro!), um paletó de mulher, três camisas — e ainda as fôlhas de palmeira já servidas, tudo isso no cêsto já cheio a arrebentar. Costuraram-no na parte

superior com agulhas de pau de um pé de comprimento; foi necessário o forte punho de Moguiocúri para serem aproximadas as beiras, afim de poder o cêsto ser fechado. As pontas das fôlhas de palmeira, que sobressaíram nos dois cantos, foram cortadas.

As cinco e um quarto estava tudo pronto; cantaram ainda um bccadinho, o lugar foi, finalmente, ficando quase de todo vazio, e a cerimônia acabou sem encerramento solene: pôs-se-lhe têrmo singelamente. Moguiocúri pediu o meu cachimbo e tagarelou gostosamente. A festa fúnebre já tinha sido esquecida. Uma velha tomou às costas o cêsto de ossada, e um moço se lhe pôs na dianteira, soprando melancolicamente a flauta dos mortos. Ninguém lhes deu importância. Ambos caminhavam ao cair do crepúsculo, a mocidade e a velhice — um encantador quadro vespertino, como de um conto de fadas. Com uns murmúrios plangentes, entregaram o cêsto a Coqueiro, que estava sentado à porta da cabana vazia, e voltaram apressadamente para junto dos outros. E algumas horas mais tarde, nesse domingo da Páscoa, rebentou o barulho por causa dos Kaiapó.

Coqueiro ficara sem nada. os seus amigos fabricaram arcos e flechas, e com isso o presentearam. Na terceira manhã após a cerimônia fúnebre, conduziu êle o cêsto de ossada, indo-lhe atrás uma mulher com uma carga idêntica. Pois é costume que o morto espere o próximo extinto, e assim os dois deixam juntos o aldeamento. Parecia que ninguém se importava com êles, e poder-se-ia crer que levavam dois cêstos com mandioca. Porém, logo se aproximaram apressadamente quatro moços e acompanharam os dois condutores para o mato: o primeiro agitava um sonidor, o segundo e o terceiro soltavam gritos cheios de terror, e o quarto arrastava uma fôlha de palmeira, afim de apagar o rasto e dificultar aos mortos o regresso à aldeia. Não se via ali mulher alguma. Um dêles carregava uma enxada. Os cêstos foram inuados, parece que numa ilhota rio acima.

Alma e vida de além-túmulo. — Nos acordados há uma espécie de alcance à distância, que lembra a nossa crença do tinir dos ouvidos. No Kulisehu, disse-me Tumaiaua, certa vez em que espirrei — “que eu estava sendo chamado por minha mulher, a qual estava triste, por eu não ter ainda voltado”. Em ocasião semelhante, disseram-me os Borôro a mesma coisa: certa vez em que espirrei ao lado de uma índia, esta logo perguntou pelos nomes dos meus parentes: — “Como se chama tua mãe?, teu irmão?, teu cunhado?”.

A alma chama-se *búpe*. Durante o sonho, ela deixa o corpo. Punham bastante de manifesto o medo de acordar a adormecidos. Clemente também pensava que isso seria muito prejudicial. Mas, tem o seu lado útil, como vimos um dia no ranchão. Guilherme devia tirar o retrato de um adormecido. Isto, porém, lhes parecia ser o peor dos males, certamente porquê o retrato poderia servir para bruxarias. Os Borôro geralmente se obstinavam contra os esforços de Guilherme em tal sentido; a-pesar-disso, mais tarde, quando êle lhes mostrava retratos tirados a furto, muito se alegravam com isso. Em todo caso, parecia-lhes perigoso tirar o retrato do adormecido. Queriam acordá-lo, e, quando eu os impedia disso, censurando-lhes o modo de agir, procuravam realizar furtivamente (pelo cuspir e atirar pedacinhos de pau) o seu intento.

Não conheço o sentido exato de *búpe*. Durante o sonho, a alma vai voando em forma de ave. Ela, então, vê e ouve muita coisa. Acreditam firmemente no que o despertado relata. Assim, os Kaiapó, efetivamente, tinham estado nas proximidades da colônia: ninguém duvida disso. Clemente confirmava, com a sua experiência, a exatidão das suas previsões: — quando a mulher, deixada na aldeia, durante a ausência do homem na caçada, ficava sòzinha, por metade da noite sentada na cabana, queixando-se e lamentando-se algumas horas e deitando-se depois para dormir, a sua alma, então, ia com certeza achar o caçador; e, depois de acordadas, as mulheres sempre davam informações certas do ponto em que estavam os caçadores e quando haviam de regressar. A proximidade do inimigo era presenciada no sonho, de modo que, fugindo-se, o inimigo chegaria a uma aldeia abandonada.

O certo é que os báris prediziam com exatidão a morte de um doente em estado grave. Não só a criança, de que falei no item “Kaiapó”, foi morta, quando já era chegado o seu tempo, como também no caso da mulher de Coqueiro êles a haviam ajudado artificialmente. Ainda viva, foi conduzida para o ranchão com a cara coberta por um pano, e, debaixo dêste pano, ficou sufocada. Era o quarto dia, quando ela devia morrer, conforme os báris, e de fato morreu. Eu creio que se pode compreender facilmente essa intromissão no ofício de Atropos por parte de uma tribu nômade de caçadores, mesmo se ela não pusesse tão sèriamente, como os Borôro, homens e animais em igual plano: — êles estavam acostumados a dar o golpe mortal nos animais moribundos, e não podiam permanecer à vontade em certos lugares. Que os báris souberam tirar proveito dêsse estado de necessidade — era o seu negócio.

As idéias a respeito da morte e da vida *post-mortem* são nisso essencialmente diversas das dos índios do Kulisehú, por não morarem os curandeiros, causadores da morte, em uma aldeia vizinha, onde fizessem as suas bruxarias, mas, sim, porquê estão incorporados em certos animais, que, infeliz ou tolamente, se matam, e que, então se vingam, buscando os vivos. Enquanto o “homem-médico” dos Bakairí, só de passagem na narcose, se transforma em animal, e, depois, da morte, vai para o céu sob a forma humana — aqui, a morte não é nada mais do que uma transformação animal, um sonho cuja realidade é a todos visível.

Crê-se geralmente que o Borôro, homem ou mulher, se transforma, depois da morte, em uma arara vermelha, portanto em ave, como a alma no sonho. Carne e pele apodrecem; a ossada, somente adornada, é entregue do melhor modo por que o extinto a pode exigir; reúne-se e queima-se o seu vestuário, os parentes sacrificam todos os utensílios domésticos que ele ocupava, dão-lhe até do seu sangue: — se ele, graças a tudo isso, puder retomar a sua figura antiga, então os sobreviventes de certo não lhe devem mais nada, e mais agora ele não pode pretender, não precisa de achar o caminho da volta e deve contentar-se com a sua vida de arara. As araras vermelhas são Borôro, sim, os Borôro vão mais longe, como já o referí, e dizem: — “Nós somos araras”. Ou isso é um exagero posterior, que de modo evidente mostra quão indiferentes são aos índios os escrúpulos dos nossos zoólogos ou a alma-volátil é criada como sendo a arara. Não comem nunca a arara e nunca a matam. Lamentam quando morre alguma. Sòmente são mortas as araras selvagens, por causa do adorno de penas, e, pela mesma razão, também as mansas devem conformar-se com a sua sistemática deplumação.

Os “extintos de outras tribus” transformam-se em outras aves. Os negros viram urubús pretos. A escolha não é ilógica: um malquerente bem pode ser incitado a tal escolha pela côr, pela catinga e pelos tregeitos — e os Borôro não gostam dos negros... Perguntando a Maria o que é que eu seria depois de morto, deu-me ela, com tôda a seriedade, a seguinte lisonjeira resposta: — “uma garça branca”. A alma, já durante a vida, é um pássaro, e isto não parece nada admirável, por ela poder chegar, durante o sonho, a lugares longínquos, com grande celeridade, e o ente, capaz de fazer isso, não pode deixar de ser ave para o caçador; é questão secundária qual a espécie de ave de uma ou de outra tribu. Não é difícil compreender que uma tribu escolha para si mesma a

ave mais bonita, que ao mesmo tempo fala e cuja plumagem dá ao vivo e ao morto um efeito magnífico. Os Borôro, porém, não são araras azues, e sim vermelhas, como os negros são ou serão aves pretas e os brancos aves brancas.

Não menos fácil é compreender a seguinte ampliação: — os báris depois da sua morte, podem também transmudar-se em outros animais, por exemplo, em peixes, bagre, jaú e especialmente dourado, peixes êsses todos grandes e succulentos. Por isso é que o bári deve estar presente, quando se pescam aquelas espécies e até benzê-las. Um papel especial ainda cabe ao veado. Dizia Clemente: — “Não sei que simpatia os Borôro têm pelo veado; é verdade que alguns o comem, quando está bento. Também o arôe-taurári só o pode comer, depois de feito o benzimento; outros, se o comessem, morreriam; matam-nos raras vêzes, mesmo que esteja bem perto. *Não sei se é santo dêles*”.

Nem foi Borôro, porém, sim um cachorro, que certo dia matou um veado: um homem provou da carne, adoeceu no mesmo dia e morreu dentro em pouco. Clemente sabia contar outro caso, — de um homem que tinha matado um enorme dourado e que morreu logo depois. “Vêde — diziam os Borôro, depois de preparado o cêsto da ossada — o dourado era bári, e êste matou também o homem que o pescou”.

A base dessa hipótese — como também aprendemos a conhecer entre os índios do Kulisehu — é a viva e original superstição que os Borôro, no seu estado de caçadores, têm de que os homens e animais não são mais do que diversas personagens. A morte de um dos seu é considerada como vingança do que foi morto. Um caçador adoece ou morre, — quem é o culpado dêsse mal? — Um animal-pessoa, que êle próprio matou e que então se vingou; como sempre existe a probabilidade dessa explicação, há de formar-se a crença geral de que — *o morto busca o vivo*. Como é, porém, que o animal morto faz isso? — Ora..., um bári está encerrado nêle..., um que pode tudo, sem que a gente saiba como é que êle o faz.

Dêste modo se completam as tentativas de explicação; aquí, onde se trata de tantas tradições e de tantos afetos, não importa que também cheguem a sofismar. Seria, porém, dificultar a compreensão, si se quisesse identificar a intuição dos Borôro sobre a vida *post-mortem* com o esquema da metempsicose. Uma espécie de metempsicose, êles a experimentam tôdas as noites. Que animais e homens somente são diversas personagens, — e mais

importantes do que pôr-se, devido a circunstâncias posteriores, em relações mais íntimas com um ou outro animal-pessoa. De fato, compreendo mais facilmente aquêlê povo, quando considero a afirmação, que parece ser a mais moderna e confusa, que êles fazem, — “Nós somos aves”, e que me parece ser a mais simples, não como “eu serei uma ave”, e sim como, — peço que não tomem isso na acepção berlinense, — “*tenho uma ave, sou uma ave, que agora volita de noite, porém que um dia, espero que mui tardia-mente, não mais voltará à sua família, se uma outra personagem, homem, ave ou mamífero, que ofendí mortalmente, a impedir disso, e que então ficará obrigada a guardar a sua figura noturna, a qual, de tal momento em diante, como garça branca na laguna, apanhará peixes, e sèriamente contará que os filhos e netos não a matem e comam, mas, sim, logo que fôr preciso, lhe arranquem as penas*”.

Níguas celestes; conjuração de meteoros. — *Sol e lua* são penas de arara. Não pude verificar que idéias existem sôbre os seus possuidores. Os Borôro, porém, riram-se de mim, quando lhes perguntei se o sol e lua eram homens, e sustentaram que eram “penas de arara”, e não araras simplesmente, como se pudessem ser aves. “Nós moramos numa grande ilha, no meio de um rio que se chama *Barapáru*, — a reduplicação de *báru*, céu. Lua e sol (isto é, os seus possuidores) estão de um lado e caminham pelo rio; quando chegam juntos, a lua passa e vem lua nova”.

O *Cruzeiro do Sul* consiste nos dedos de uma grande ema, o *Centauro* representa uma perna da dita ema, *Orion* é uma carapaça de jabotí e, na parte dirigida para *Sirius*, um jacaré, e as *Plêiades* são ramalhetes de flores do angico (*Acacia*); os Borôro mostraram-me tudo isso com muito prazer, deixando ouvir um *hi...* de admiração, porém nem sempre eram concordes quanto à sua significação, de modo que se me tornou duplamente difícil obter informações dêles. Em um ponto, entretanto, estavam de completo acôrdo, e isto com razão me admirou sobejamente: — as estrêlas em geral, afora as constelações especiais, semeadas no céu como pontos pequenos e grandes, e os meteoros, que se vêem correr no firmamento, — tudo isso eram *bichos de pé*; a via-látea na qual se acham mais densamente agrupadas, era *Cinza e Venus* era o *grande bicho de pé*.

Como nos Bakairí, a base daquela concepção é que os animais celestes lá chegaram por encantamento e que, no seu aspecto, diferem das criaturas terrestres; pois, logo que aparece um novo

fenômeno, estão prontos com a sua explicação por meio do bári. Um bári é a grande cobra de água, pintada, que nós chamamos arco-iris. Um magnífico meteoro, que caiu durante a nossa estada ali, era “a alma de um bári”, que de repente apareceu, afim de comunicar aos Borôro que êle tinha vontade de comer “carne de caçador” e havia de mandar a um dêles a disenteria. A cena, mediante a qual tentam evitar essa desgraça, merece descrição pormenorizada.

O meteoro cintilou no espaço a 14 de Abril, às 8,35 da noite para o lado do Sul, como uma bola de mais ou menos um quarto do tamanho da lua: passou por sôbre todo o páteo um brilho intenso. Caiu muito ligeiro, em 45.º, na direção de Leste, deixando atrás, de si um rasto do tamanho de quatro bichos de pé celestes de primeira grandeza e dividido em duas partes, como um bastão, na extremidade com o brilho de estrêlas e no disco fulgentemente azul. Durante quatro minutos, joguei vêr ainda aquele rasto como uma fumaraça embranquiçada.

No mesmo instante em que apareceu o meteoro, ressoou do lado dos índios, partida de cem vozes, uma gritaria alta e continua. De todos os pontos precipitaram-se para o ranchão, onde, durante algum tempo, borbulhavam para dentro e para fora, como um formigueiro assustado. Em seguida dirigiram-se para a parte do páteo próxima da margem do rio. Acenderam ali algumas fogueirinhas, e logo se viram, assentados ao longo das cabanas, muitos pequenos grupos de homens, mulheres e crianças, fantásticamente alumiados. Como eu me houvesse ausentado por alguns minutos, voltei atraído por um grande barulho. Dois báris, sobremodo pintados de urucú, estavam no meio da multidão e, andando em roda excitados, cuspinhavam para o céu, babando ainda um pouco de saliva, do mesmo modo por que os índios do Kulisehu conjuravam as nuvens de tempestade. Enfretando então o ponto em que tinha aparecido o meteoro ululavam com voz ameaçadora, pávida: — *Vué; vué!* tapando a bôca com o côncavo da mão e estendendo para o céu o braço esquerdo, no qual cada um empunhava um feixe de cigarros de palha de milho do comprimento de um palmo. — “Aquí, olha bem, pareciam dizer, todo êste tabaco sacrificamos, afim de afastar o mal. Ai de ti, se tu não nos deixas em paz!”.

Uma singular mistura de mêdo e coragem, sendo que esta, infelizmente, tinha o seu tanto de artificial, como na conjuração do perigo dos Kaipó. O tremor aumentou-lhes, o corpo todo lhes vibrava, a cabeça inclinada para trás vacilava, e, com movimentos convulsivos, apalpavam e fricionavam peito e ventre, como

que para fazer sair dêles todo o mal. Depois de ter esta cena durado algum tempo, tiraram-lhes das mãos os feixes de cigarros e os acenderam ao fogo, enquanto os excitados “curadores” descansavam uns momentos, gemendo e tremendo de medo. Meia duzia de homens lavantaram-se, deram para seu consôlo e fortificação umas chupadas e então entregaram os cigarros aos báris, que imediatamente recommçaram o seu processo de cura. Os báris chuparam no feixe inteiro, berraram contra o céu ainda mais viva e increpadoramente do que antes, esfregaram ainda mais o ventre, coçaram fortemente a cabeça, sorveram outra vez fumaço do seu feixe, sugaram convulsivamente na parte anterior dos braços, como se quisessem fazer o sangue subir do interior, e gritaram sempre mais alto: — *vué; vuáu!, vuáu.* Extremeceram e sopraram em direção às estrêlas, os seus membros cambaleavam, os seus músculos contraíam-se.

Afinal começaram, de súbito, a pesquisar circunvagantemente a multidão, como procurando alguma cousa: falavam com os mais próximos, indigitaram um ao outro e depois entraram no grupo principal, onde sujeitaram a uma pequena cura um ancião alquebrado, o cacique Domingos, e a alguns dos mais distintos, que, naquele caso especial pareciam suspeitos. Levantavam-lhes a cabeça, inspecionando-os penetrantemente, e, dizendo — *pzu, pzu*, perdigotavam-lhes de cuspido a cara, tornando a gritar, por detrás, do côncavo da mão, o seu ameaçador *vóu!* ou um estridente *hahahó*, e não se esquecendo de acabar de fumar o seu feixe de cigarros. O côro tinha-se em geral conduzido sério e quietamente; apenas uma ou outra vez rompeu em um inísono *huhá*, o que agora pelo fim repetiu triunfantemente, quando os dois “doutores” se retiraram batendo os dentes e murmurando com calafrios — *tédede, tédede*. Resscou a noite inteira o canto de aróe.

Tinham aquí aplicado a fumaça de tabaco do mesmo modo por que contra a tempestade haviam empregado o cuspinhar, e eu tive a impressão de que a fumarada do “médico” se parecia com o incensamento. Talvez isto seja importante para se compreender o sentido primitivo do método de curar.

Domingos tinha tido, dois dias antes da conjuração do meteorro, um ataque de fraqueza. No terceiro dia, 17 de Abril, estava doente e parecia achar-se muito incomodado. Arrastava-se tímidamente de um lugar para outro, tendo as mãos envoltas em trapos e a cabeça e a cara embrulhadas, de maneira que não se podia reconhecer-lo. Como deixámos a colônia no dia 18 de Abril, não pudemos infelizmente verificar se lhes fizera efeito o remédio empregado.

Tradições sobre os antepassados — Arigá-Borôro é o fundador da tribo. Tinha uma mulher. Arigá é o nome do puma. Mais tarde, dois homens e duas mulheres vieram do rio *Barupáru* para *Leste sobre a terra* e estabeleceram-se no S. Lourenço. Mais não pude colher. Clemente, para isso, era totalmente imprestável; ele próprio não sabia nada a tal propósito, e arranjava as suas indicações conforme os conhecimentos que possuía do Brasil, dizendo que o Borôro tinham vindo originariamente do Rio de Janeiro. Consoante com o que pude entender, os Borôro moravam, desde o tempo em que deixaram o céu, nas cabeceiras do S. Lourenço, e aquela chegada de Leste nada tem que ver com as migrações da tribo, mas, sim, é apenas outra vez o resultado da mui natural reflexão de que o sol estava de posse dos antepassados e que êstes, portanto, haviam de ter morado lá donde nasce o sol.

Moguiucúri “é muito criança”, dizia Clemente, — pois não sabia nada, e isto ficou confirmado pelo fato de que o cacique não tinha conhecido o avô, como ele me confessou. Um ancião longo, que realmente sabia alguma coisa sobre a criação do mundo, *pois tinha ouvido do seu avô, que a ela estivera presente*, as circunstâncias mais próximas, — uma tão preciosa testemunha infelizmente estava ausente, na caça.

Mesmo as informações sobre outras tribos, com as quais os Borôro, tinham relações, eram muito escassas, restringindo-se a algumas indicações relativas aos Kaiapó, — que tinham arcos lisos e curtos, mas muito duros e fortes, flechas de taquarinha um tanto pequenas, com penas costuradas e dois ganchos de ferro, e também uma chata clava de palmeira seriba, em forma de peixe, com 1m,0 de comprimento, e pendurada do pescoço por meio de uma corda.

Porém, afóra os Kaiapó, ainda havia outros vizinhos exquisitos, na tribo dos *Rarái*, também chamados *Baredieragúdo*. Vêem-se êles só de noite, e dois a três; usam de mantos de embira, e são empretecidos, nunca de côr clara. São *macacos*. Êles tinham num ou noutro lugar arremessado os Borôro ao chão, fugindo em seguida. Clemente, — e o que ele dizia não era destituído de valor, porquanto repetia exatamente informações colhidas dos próprios índios, — jurava a pés firmes que os Rarái eram macacos, que não tinham flechas, mas tomavam do chão pedras e paus para atirar e que tinham garruchas, “pistolas” como as que os camaras-brasileiros e, portanto, também os negros e escravos fugidos possuíam geralmente. — “São macacos e atiram com pistolas?” — “Sim, são macacos, com pistolas de ferro”. O negro, portanto, tem a escolha agradável de ser macaco ou urubú preto. Mas,

deve-se sempre ter em vista que não há limite entre homem e animal, e que a posse de objetos civilizados também não quer dizer nada. Se os macacos têm pistolas, então não se pode dizer que eles não as tenham.

Língua. — O material linguístico, colecionado entre os Borôro, e que talvez seja suficiente para dar ao menos idéia dos mais importantes elementos gramaticais, ainda não está preparado. Até agora, ainda não pude descobrir nenhum parentesco linguístico com outros idiomas conhecidos. Em todo caso, os Borôro não pertencem ao grupo tupí, nem ao gê, nos quais se poderia pensar. Também não seria nada de admirar, se todos êstes esforços ficassem improficuos, porquê a visinhança do seu território, em grande parte, já desde a primeira colonização de Mato-Grosso, atravessou épocas de grande perturbação. Ao Norte estende-se a estrada que vai para Goiaz, que eles muitas vêzes assaltaram; ao sul apareceram as levas dos descobridores idos de S. Paulo; e aquí, como acolá, houve, durante longos anos, caçadas de escravos.

A língua é harmoniosa e parece de fácil aprendizagem. Das consoantes falta sòmente o f, abstraindo-se do foto-guro, que significa "saliva"; consoantes duplas são raras; a desinência é vocálica. O acento recai em geral na penúltima sílaba. Não existe terminação plural para o substantivo. Os pronomes pessoais independentes são — 1) *imi*, eu; 2) *áki*, tu; 3) *ema*, *au*, êle; 4) *paghi*, nós; 5) *taghi*, vós; 6) *emaghi*, êles. Os correspondentes sufixos pronominais para o substantivo e o verbo são:

- 1) *i*; 2) *a* 3) —; 4) *pa*; 5) *te*; 6) *e*.

No seu uso aparecem diversas formas de mudança de fonema a influência sôbre o radical inicial. A título provisório vou dar alguns exemplos:

ouvido	nariz	cabeça	ir
1) <i>i-wiia</i>	<i>ikeno</i>	<i>i-taura</i>	<i>i-tua</i>
2) <i>a-wiia</i>	<i>a-keno</i>	<i>a-kaura</i>	<i>a-tua</i>
3) <i>biia</i>	<i>eno</i>	<i>kaura</i>	<i>tua</i>
4) <i>pa-wiia</i>	<i>pa-gheno</i>	<i>pa-gaura</i>	<i>pa-dua</i>
5) <i>te-wiia</i>	<i>te-gheno</i>	<i>te-taura</i>	<i>tedua</i>
6) <i>e-wiia</i>	<i>e-keno</i>	<i>e-taura</i>	<i>e-tua</i>

Os números seguem o esquema dos Bakairí: — 1, 2, 2.. 1,2..2, 2.. 1,2..2..2. 1 chama-se *mito*, 2 *póbe*. Se êsses, porém, aparecem nos termos seguintes, então tomam acréscimos, nos

quais podemos distinguir os pronomes da terceira pessoa, *ema* e *au* (êste). No número 3 ainda está contida a negação *bôcua*, *bocuáre*; *pobéma au metúia* (também *metia*) *bocuáre*, e isto parece significar: — aqui tenho dois, lá não mais do que um”. 4 é *pobéma aúgure pobe*, isto é, “aqui dois e lá também dois”; 5 é *pobéma aúgure pobéma áu metúya bocuáre*; 6 é *aúgure pobéma aúgure pobé*. Com grãosinhos fizeram a formação de grupinhos de dois, exatamente como os Bakairí, e do mesmo modo foram consultados os dedos. O meu desejo de conhecer os numerais foi interpretado, sempre e sem exceção, como se eu desejasse a numeração dos parentes. O interrogado batia no peito, dizendo: — “eu”, e contava mãe, pai, rapariga, rapaz, com ou sem adjudicação de *um* e *dois*, fazendo corresponder a cada dedo um membro da família. Não pude descobrir se os dedos, como tais, têm nomes de parentes; joguei, a princípio, que o polegar fôsse *mãe*, mas fiquei duvidoso a respeito disso, porquanto as indicações digitais variaram por parte de outras pessoas, devido às circunstâncias especiais da família. Aquí, o seu interesse capital era evidentemente o enumerar. Acredito, portanto, que também aquí o seu proceder era o seguinte: citavam uma porção de pessoas, marcando-as pelos dedos, e empregando para isso demonstrativos ou pronominais, o que, para comêço, era a mesma cousa, e determinado o limite para dois não na mão, porém, sim nas cousas, quebrando uma em duas partes e solvendo o cálculo por meio dos dedos.

656

CAPÍTULO XVIII

Viagem para Cuiabá e volta para a pátria

Na nossa caminhada para o Paranatinga tivéramos a companhia de um casal de negros enamorados, que neessitava proteção. E quando partimos de Teresa Cristina juntou-se ao nosso grupo um jovem casal de índios. O nosso Antônio fora escolhido e determinado como marido por uma mulher borôro, que lhe trazia para o lar um menino de seus cinco a seis anos. O noivo parecia não dar grande importância à combinação, mas não se opunha a que a mulher o acompanhasse e fôsse morar na aldeia dêle no Paranatinga. A índia chamava-se Rosa e era a que se fazia entender melhor em português; estivera entre os prisioneiros de Duarte, que haviam servido de intermediários na submissão da tribo e no início da catequese. Bem trajada, como a mulher dum soldado, carregando uma trouxa, conduzindo o menino pela mão e levando um machado na outra, Rosa despontou, vindo do mato, a um quilômetro da aldeia. Mas não vinha só. Com ela estavam Maria e os dois jovens Parikudo e Lekupatscheba. Julgámos a princípio que os três queriam acompanhar, num trecho do caminho, a amiga que se despedia. Entretanto vieram juntos até Cuiabá. E' que Domingos, armado de arco e flecha, apareceu súbitamente, agarrando Maria derrubando-a e procurando retê-la. Entretanto a ágil lutadora conseguiu livrar-se, pondo-se em fuga desenfreada. Correu, passou por nós, e gritou para trás: "quero ir com vocês, não quero ficar com êstes índios!"

Ninguém tratou de fazer voltar os desertores. Estavam muito mal equipados para uma marcha prolongada. Parecia-lhes evidente que nós os sustentássemos, e não levavam provisão alguma. A indumentária dos dois homens era formada duma camisa curta, dum colar de missangas e da metade dum lenço fraternalmente dividido, atado ao pescoço. Não levavam faca nem armas. Maria vestia a longa camisola do farmacêutico, estampada com grandes flores azues, tinha um pente no cabelo e diamantes no pavilhão da orelha. O casal quase não se incomodava um com o outro.

A viagem de noivado entretanto não havia de ser longa. Interromperam-na no terceiro dia, 21 de abril, ficando em São José. Para Parikudo e Lekupatscheba nós deixámos de existir de um momento para outro; instalaram-se na casa do fazendeiro, que de bom grado se prontificou a fornecer-lhes tudo de que precisassem, pois não era necessário pagar à vista. As mulheres encontraram facilmente quem as recebesse. Dona Rosa declarou ao marido que ela pretendia ficar com o arrieiro Mandú. “Mandú dá-me comida, machado, chapéu, faca, arroz, feijão, nozes de palmeira, banana” — e assim por diante numa enumeração bastante longa. Antônio entretanto, mostrou claramente que tal proceder lhe parecia contrário à combinação; ficou de mau humor e, para consolar-se, comprou uma garrafa de pinga na primeira fazenda a que chegaram. Já posso acrescentar todavia que êle não fugiu à sua sorte. Depois de dez dias os dois jovens e Rosa com o filho apresentaram-se na nossa casa. Sua aparência não revelava boa saúde e tossiam bastante. A resistência dos índios é extremamente fraca a partir do momento em que abandonam seus habituais modos de vida. Contaram-nos os viajantes que Maria casára, ficando atrás. Parikudo e Lekupatscheba fizeram uma visita ao presidente e a dona Carminha e ficaram satisfeito com o resultado. Ainda um tanto envergonhados, mas muito contentes, começaram os dois a passear pelas ruas da cidade, com os pés descalços, chapeuzinhos de palha na cabeça grande, vestindo calças brancas de linho e casacos de seda preta, e ostentando uma corrente de relógio.

Rosa ficou com Antônio. Esperamos que o casal tenha chegado bem à aldeia do Paranatinga, bastante longe da terra da espôsa, e que o filho dela, com o furo no lábio inferior, já tenha um irmãozinho que terá o septo nasal perfurado.

Não há final mais apropriado para êste livro que essa prometedora união de Bakairí com Borôro, as duas tribus com que mais nos ocupámos. Não há dúvida que, além do âmbito do quadrinho

de família que acabo de apresentar, o futuro das duas tribus não é risonho. Não sei dizer se a transformação política, pela qual passou o Brasil, lhes será favorável. E' possível que as novas condições, em que precisamente é relevante a influência do exercito, prolonguem um pouco a existência desses índios. Mas mesmo assim terão contados os seus dias, da mesma forma como desaparece a caça nas proximidades de cidades industriais que se desenvolvem. Quem admitisse a possibilidade de o bisonto da mata de Bialowicza se transformar por si mesmo num vitelo doméstico, não seria muito mais tólo do que alguém que tivesse confiança na transformação interna, obtida pela catequese, numa colônia militar brasileira.

A 24 de abril chegámos novamente a Cuiabá. Aquí dissolveu-se a expedição. Vogel já nem havia voltado conosco; já nos deixará em São Lourenço, de onde empreendera, a cavalo, em companhia do Capitão Serejo, uma jornada exploradora para Santana do Paranaíba, afim de determinar um caminho, mais curto que o usual, entre esta localidade e a capital. Wilhelm e eu deixámos Cuiabá com o vapor de maio, enquanto Vogel seguiu mais tarde com outro, e Ehrenreich, que ainda tencionava demorar-se um ano no Brasil, dirigiu-se por terra, para Goiaz de onde, acompanhado pelos fiéis camaradas Carlos e Peter, empreendeu sua viagem pelo Araguaia abaixo.

Meu primo e eu ainda passámos um mês muito instrutivo e agradável na Província do Rio Grande do Sul, onde sentimos uma satisfação íntima ao cavalgarmos de "Scheiz" em "Scheiz", (de picada em picada), visitando os patrícios laboriosos e admirando o fruto do seu trabalho como também suas numerosas proles. Lembro aquí, entristecido, o nome do chefe desses nossos patrícios, Karl von Koseritz, surpreendido por uma morte prematura; possuía um verdadeiro tesouro de antiguidades indígenas, e esforçava-se continuamente para preservar da destruição todos os pedaços de cerâmica e objetos de pedra prehistóricos que os colonos achassem nos seus terrenos. No colégio dos Jesuitas de São Leopoldo vimos uma pequena mas bem seleccionada coleção de objetos indígenas; é desejável que ela seja continuada com a mesma dedicação e justa compreensão com que foi iniciada.

Em julho chegámos ao Rio de Janeiro. Apresentei um relatório ao Instituto Histórico e Geográfico, chamando, com insistência, a atenção de S. M. I., a princesa regente, que assistia à reunião, sobre a sorte de seus novos súditos. Havia poucas semanas que ela assinára o decreto da libertação dos escravos, e a

8
assembléia me aplaudiu entusiasticamente quando me servi do ensejo afim de tirar a conclusão para aquêles pobres homens que outrora foram os senhores da terra. Riram gostosamente os meus ouvintes quando contei que os Bakairí, quando estão descontentes com seu cacique, abandonam a aldeia, pedindo-lhe que governe sozinho; nenhum dos ligeiros gracejos, que o relatório naturalmente devia conter sobre os costumes dos selvícolas, foi recebido mais vivamente pela assembléia.

Há mais outra passagem daquela minha conferência, que hoje se me afigura com um sentido especial. Quando morrer Keri, o "Imperador", que está no Rio de Janeiro, — diziam os Bakairí mansos — então morrerão todos os Bakairí. Longe, do outro lado do oceano, morreu Keri, como degredado. Keri esta morto e ficará morto porquê para êle não há mais lugar no Novo Mundo. E os Bakairí não tardarão em chegar ao ponto em que, segundo sua lenda da criação, estiveram no começo das coisas — "sempre houve Bakairí, só que no princípio eram muito poucos" — e o fim dêles na realidade há de seguir ao de Keri com uma diferença de poucas gerações. Karilose, o primeiro que lhes escreveu a história, certamente também foi o último.

itahé-ura "eu vou".

APÊNDICES

I VOCABULÁRIOS

dos

1. *Nahuquá*, 2. *Yanumakapü* — *Nahuquá*, 3. *Mehi-*
nakú, 4. *Kustenau*, 5. *Waurá*, 6. *Yaulapiti*, 7.
Auetö, 8. *Kamayurá*, 9. *Trumai*, 10. *Pa-*
ressí, 11. *Borôro*.

As listas seguintes, organizadas com a maior uniformidade possível, limitam-se a substantivos, aos pronomes pessoais da primeira e segunda pessoas, côres, números e negação. Todo o restante me obrigaria necessariamente a dar explicações gramaticais, que aqui nos levariam muito longe. Pelo mesmo motivo tive de abster-me de toda confrontação. Quem se aprofundar um pouco no exame dos vocábulos, descobrirá facilmente um certo número de formas regulares de transformação fonética, podendo compenetrar-se do fato importante de que nos diferentes grupos — e de modo especialmente claro na comparação do *Auetö* e do *Kamayurá* com a Língua geral — se desenrolam os mesmos processos de abrandamento dos sons dos radicais que apresentei para o *Bakairi* e para os idiomas caraíbas. Com regularidade absoluta, ao que parece, as três séries dos sons iniciais *p—*, *t—* e *k—* se nos revelam, em todos os casos, como patrimônio mais antigo das línguas básicas.

Escolhemos a grafia mais simples. Para compreendê-la, bastam as seguintes explicações preliminares:

a como *a* inglês em *walk*.

y como em *York*.

v como *w* alemão.

χ, som gutural correspondente ao *ch* alemão, formado na parte mediana do céu da boca.

^v*s* equivale ao *ch*. francês.

s equivale ao *ç* francês.

z equivale ao *z* francês.

θ soa como *th* inglês.

λ (Nahuquá), som de difícil pronúncia, entre *gl* e *ri*, formando sempre uma sílaba, e equivalente a um *r* seguido duma vogal reduzida.

t, *p* significa que estas consoantes, como as que também se apresentam por parenteses, são quase mudas.

Til *~* indica nasalização.

1. NAHUQUÁ

As palavras sem indicação de acento, são paroxítonas.

LÍNGUA — ũuru.

dente — uvire, uví λ

bôca — untá λ

lábio superior — uvóturu.

lábio inferior — uiratízo.

nariz — uínata λ, uvináta λ.

narina — uínata λ, atá λ.

ôlho — uvínuru, uvíuru

orelha — uváña λ, uvanari.

orifício da orelha — uvána λ
atá λ.

furo do lóbulo da orelha — uvi-
popü λ.

cabeça — uvíterö, uavíteru.

fronte — uvínetö.

cabelo da cabeça — uakávuru.

sobrancelhas — uvitápitsö.

pestana — uvinopitsö.

bigodes — uvópitsö.

barba do queixo — uvíkopitsö.

pescoço — utína λ, uvíratu.

nuca — utína λ.

garganta (sôbre a cartilagem ti-
rodéia) — ukánoru.

garganta (acima da cartilagem
tirodéia) — uvítö λ.

peito — utilóvuru, uvalohúru.

mamila ♂ uvanátö λ.

mamila ♀ itau anátö λ.

barriga — utévuru.

umbigo — uvónitö.

penis — uvari.

escrôto — uvinyitíto.

puçenda ♀ itau iröri, o λ.

anus — uvuru.

braço — uvíkuru.

cotovêlo — uveritsóuru.

antebraço — braço.

mão — uvinátöri, uíato λ.

palma da mão — uvíátöri oritá λ.

dorso da mão — uvíátöri tovuro.

dedo — mão.

polegar — uíátöri otó.

indicador — uíátöri izéporo.

médio — uíátöri izéporo.

anelar — uíátöri izéporo.

auricular — uíátöri nyúkuru.

unha do dedo — uviñúpiri, uviyó-
bira.

coxa — uvitö, uvita.

joelho — uviripa λ, uvípa λ.

perna — uvútizo.

calcanhar — utámötizo.

dorso do pé — utápü λ tovuro.

sola — utápü λ, öritá λ.

artelho — pé.

artelhos I — V como os dedos
com utápüri.

unha do artelho — ulämbí λ.

pele — uviyá, uviyo.

osso — upüri.

SOL — iti, liti, riti.
leste — iti iminalele.
meio-dia — kápura iti atá.

oeste — iti kohotzi.
lua — nune.
dia — mínere mítuta.
noite — ukahurutile.
estrêla — tuté, dindinhoko.
céu — kavü, k ʒavu.
chuva — konóoho, k ʒôóvo.
arco iris — okoto.

trovoada — izilo^v
vento — vite.
fumaça — irítitse.
fogo — itó.
sal — aravö, aragu.
água, rio — tuna.
atoleiro — tunaka.
monte — uu.
mato — isú.
pedra — tävu, tehu.
terra — noro, ôro.
argila branca — eüne.
quarzo — kururi.

PAI — apa.
mãe — ama.
filho — umuru, muru.
filha — uindíze.
avô — ápitsi.
avó — apitsí (?)
tio paterno — áuva.
irmão mais velho — uĩnãno.
irmão mais novo — uíze.
irmã — uirantsu.
homem — utotu, utoto.
mulher — itau.
menino — utoto iñúru.
menina — itau iñúru.
criança de peito — inyuru.
cacique — anetö, anétene.
médico-feiticeiro — vüáti.
remédio — ome.
estrangeiro — karáiba.

ARCO — tauvaku, tavákuru.
flecha — hüré, ʒ üré (v. cana ubá).
canoa — vuecu, ävu.
remo — etene.
nassa — utu.

cesta para pescar — kunto, kuso, kuntu.
machado de pedra — ü... ü (bôca fechada).
faca — kuzé.
concha para raspar — váetä.
pata de *Dasypus gigas* para cavar — arura.
sarjador — ivini.
tinta preta — tiva.

casa — ine, üne.
aldeia (?) — auáveto.
rancho de festas — kuákutu.
rêde — ätire, uvítira.
banquinho — urí (banquinho com forma de macaco).
cabaça — tava.
cuia grande — kuaro.
cuia pequena — ufuku, tuéginya.

cuia para óleo — kutsívuru.^v
óleo — nyukau.
vasilhame para beijús — alato.
pote grande — avúkuru.
pote médio — atare, atãe.
pote pequeno — naúko.
fundo para potes — untari.
pau para ralar mandioca — nya-ri, nya.
pá para virar beijús — kutiro.
filtro com malha de peneira — tuavi.
cêsto — aurítsa.
cestinha — otuti.
cesta de burití — akánavi.
canastra — azagu, azangu.
trempe — oro.
abano — túrinya.
corda — uvíyari.
fio de algodão — ureunai.
fuso — vola.
pente — vanta.
peça de bambú em que está prêso — vantávo (ivo).
triângulo feminino — etuni, etori.
colar de pedras — uruká.
missanga de concha — iñu.
colar de argila — elínye.
concha — orthalicus óike.
diadema de taquara — kuleku.
toucado para o mesmo, em forma de raios — arahapa.

flauta — kuluta, karuto.
 flautinhas de Pan — atala.
 matraca (também guisos para os pés) — anke.
 haste de bambú para a mesma — ivútizo.
 zunidor — matavu.
 dança da rêde — eremo.
 dança em círculo, na casa das flautas — amakakati.
 dança — okítavo.
 makanari — akanari.
 máscara — yakuikato.
 desenho, figura — utoho, hutoyo.

BUGIO — kavuru.

macaco — kayö.
 morcêgo grande — ayua.
 morcêgo pequeno (?) — kuvi.
 jaguar — ikere.
 lontra — taro.
 capivara — paküriza.
 agutí — akuri.
 tamanduá-bandeira — arirí.
 tamanduá-mirim — tuavi.
 veado — ahátara.
 cervo do brejo — azá.
 porco caitetú — ikine.
 tapir — uyali.
 arara — alala.
 papagaio (cabeça azul, face amarela) — kurítsata.
 periquito — kuaku.
 mutum — kurzu.
 mutum-cavalo — pai.
 caimão — tavina.
 tartaruga do rio — vikutava, ale.
 cágado — ayué.
 cobra — ekä.
 sapo — azuti.
 peixe — kara, kana (quasi há-hana).

piranha — akuakuere.
 mereschu — irinko, iru, ino.
 raia — tivali.
 abelha — avékera.
 formiga voadora — krake.
 carrapato — karinieka.
 mosquito — atake.

madeira, árvore — i.
 milho — aná.

espiga de milho — ana ʔ pé.
 mandioca — vätä.
 bebida püserego — kuiliku.

bebida pogu — tilizinya.
 beijú grosseiro — ikine.
 beijú fino — kuelinyu.
 inhame, cará — navi.
 batata doce — aniza.
 feijão — kuata.
 pimenta — homi, vome.
 jatobá — uvari.
 mangava — katura.
 piquí — intse.
 palmeira bakayuva — kuvuru.
 palmeira burití — ikeni.
 tabaco — teninya.
 algodão — torókire.
 bambú — toala, ivo.
 cana ubá — vüré (v. flecha)...
 sapé — inyé.
 capim lanceolado — ropa.
 ramo empregado na dança eremo (aromático) keyita.

EU — úrei.

tu — uäre.
 nós — ukure.
 vós — emuru.

VERMELHO — tekavísinya.

amarelo — (inyunkau — óleo de piquí).
 branco — tövérilinya.
 preto — tuvurutinya.
 azul, verde — tokumélinya, tukupilinyo.
 pardo — (izomaniza).

1 — áletsi.
 2 — atake.
 3 — etila.
 4 — tatakéreni, atakéreni.
 5 — anyátori.

6 — alets-ingkuétovo.
 7 — aták-inghuétovo.
 8 — etila-ingkuétovo.
 9 — tatakren-ingkuétovo.
 10 — etímövo.

11 — áletsi vuro
 12 — atake vuro.
 13 — etila vuro no pé direito.
 14 — takreni vuro.

15 — anyate vuro.

16 — 19 — 11 — 14 no pé esquerdo.

20 — etímovo vuro.

NEGAÇÃO — avüte.

2. YANUMAKAPÜ — NAHUQUÁ

Para fazer uma comparação com o falar dos Nahuquá da nossa aldeia, interroguei o homem do pôrto dos Auetö (v. cap. VII, in fone) sobre as seguintes palavras designativas de partes do corpo. Nos casos em que não é indicado, o acento está na penúltima sílaba.

LÍNGUA — unuru.

dente — uire.

lábio — uiraatize.

nariz — uinadari.

narina — uinadari atari.

olho — uinuru.

orelha — uvanari.

orifício da orelha — uvanari atari.

cabeça — uritöri.

fronte — uvinite.

cabelo da cabeça — unakavuru.

tonsura — uripoket-tevöre.

sobrancelhas — uinitapitse.

pestanas — uinopitse.

barba da face — uvanatapitse.

bigodes — uvopitse.

barba do queixo — uvikapitse.

pescoço — utinári.

nuca — uvuru (v. anus).

garganta — uvitöre.

sovaco — uiyatare.

peito — utilavuru.

mamila ♂ — uanatöri.

dorso — utovuro.

barriga — utävuru.

umbigo — uvonita.

penis — uvöri.

escroto — uinotite.

pudenda ♀ — itau iröri, a mulher: uiröri.

anus — uvuru.

ombro — uatari.

braço -| antebraço — uikuru.

cotovêlo — uariporuru.

mão — uinätöre.

palma da mão (direita) — uina-tör-itovúru.

dorso da mão (esquerda) — uinätör-éritári.

dedo — uinätöre.

polegar — uinätöri otó.

indicador — uinätöri erivakori.

médio — uinätöri erivakori.

anelar — uinätöri erivakori.

auricular — uinätöri emukuru.

unha do dedo — uinyambire.

coxa — uvita.

joelho — uiripanári.

perna — uvutize.

calcanhar — utamotize.

pé — utapüre.

dorso do pé (direito) — utapür-ítovúro.

sola (do pé esquerdo) utapür-éritárö.

artelho — utapüri, I-V como nos dedos.

unha do artelho — ulómbire.

pele — uvigo.

3. MEHINAKÜ

Nos casos em que o acento não é indicado, este está na penúltima sílaba.

LÍNGUA — nunei.

dente — nuteve.

bôca — nukirabe.

nariz — nukiri.

narina — nukiriako.

olho — nutitái.

orelha — **nutuló**.
 orifício da orelha — **nutulunako**.
 cabeça — **nuteo**.
 fronte — **nuhehekira**.
 cabelo da cabeça — **nuteukahe**.
 sobrancelhas — **nuyuhimiepe**.
 pestanas — **nuyuhiya**.
 bigodes — **nukirzamapi**, **nukir-
 zaapienu**.
 barba do queixo — **nupulanuma**.
 pescoço — **nupiu**.
 garganta — **malula**.
 peito — **nupanatako**.
 mamila ♂ — **nuhete**.
 mamila ♀ — **tenerzu ihé**.
 dorso — **nutanaka**.
 barriga — **nitsíkiu**.
 umbigo — **nutukunate**.
 penis — **nupei**.
 escroto — **nukunyutapa**.
 pudenda ♀ — **irza**, **ite** (boca fecha-
 da).
 pêlo das partes pudendas — **nia-
 püku**.
 anus — **nikiute**.
 ombro — **nuhenepu**.
 braço — **nuana**.
 cotovêlo — **nuanatupuru**.
 antebraço -|- palma da mão —
nuanototako.
 antebraço -|- dorso da mão —
nukanutapa.
 mão — **nukapu**.
 palma da mão — **nurzikutako**.
 dorso da mão — **nukanutapa**, **nu-
 kapupenu**.
 dedo — **nukapüteu**.
 unha do dedo — **nuhupatata**.
 coxa — **nuputi**.
 joelho — **nikietu**.
 tibia — **nunapü**.
 panturrilha — **nukati**.
 perna (parte dianteira) — **nuka-
 tikiri**.
 calcanhar — **nutipulu**.
 pé — **mukíŵapa**.
 dorso do pé — **nukíŵapapenu**.
 sola — **nukíŵapataku**, **nukirza-
 pataku**.
 artelhos — **nikitsíu**.

unha do artelho — **nuhupatata**.
 pele — **numái**.
 osso — **inapü**.

De peixes:

dentes de piranha — **yakuakumá
 iteve**.
 lábios de bagadú — **yumá ker-
 zapi**.
 barba de bagadú — **yumá pula-
 numa**.
 guelras de bagadú — **yumá ku-
 laúrza**.
 olhos de piranha — **yakuakumá
 inutitái**.
 espadana dianteira de bagadú —
yumá iyuta.
 espadana dorsal I de bagadú —
yumá (i) vauyatu.
 espadana dorsal II de bagadú —
vauyatu zaputama.
 espadana dorsal de piranha —
yakuakumá (i) vauyatu.
 cauda de piranha — **yukuakuma
 inépiu**.
 pele de bagadú — **yumá umái**.
 espinha de bagadú — **yumá ina-
 pü**.
 sangue de bagadú — **yúma in (u)
 rzaya**.
 fígado de bagadú — **yumá inu-
 pana**.
 agulhão de raia — **yapu nukula**.

SOL — **kame**.
 leste — **kame yehitsa**.
 meio-dia — **kama tirizüka**.
 oeste — **yeipiene**.
 lua — **kerzi**.
 estrêla — **kalonte**, **kapuhe**.
 dia — **muyakale**.
 noite — **mutivaka**.
 céu — **enunako**, **enu**.
 chuva — **one** (água).
 arco-iris — **iyepe**.
 trovoadas — **enutsidya**.
 vento — **hímia**.
 fumaça — **himialai**.
 fogo — **tséi**, **tse**.
 cinza — **alapü**.
 sal — **echéu**, **i χüu** (fortemente
 gutural) **eyöu**.

água, rio — **one**.
atoleiro — **yauako, yauaku**.
pôrto — **unekira, unekiza**.
terra — **kähü**.
pedra — **tapa**.
argila branca — **véiki, epitsiri**.
argila para cerâmica — **kamalu**.

PAI — **avayu, papa**.
mãe — **mama**.
filho — **nutái**.
filha — **nutamitsuí, ni^vupalo**.
criança — **hauká, tai**.
avô — **ató**.

avó — **atsiru^v**.
irmão da mãe — **uá, húa**.
irmão mais velho — **utapiüri**.
irmão mais novo, primo — **uyú, oyí**.
irmã mais velha — **nutapüro**.
irmã mais nova — **irzörzo**.
irmã — **nutukakalo**.
homem — **erináu**.
mulher — **teneru**.
menino — **yamukuí**.
cacique — **amunao**.
médico-feiticeiro — **yatoma**.
forasteiro — **karáipa**.

ARCO — **iñtái**.
flecha — **ukú**.
ponta de osso — **pahü-^vnapü** (osso de macaco).
canoa — **itsá**.
remo — **etene**.
nassa — **motu**.
cesta de pescar — **kulutu**.
rêde de pescar — **kapati nái**.
machado de pedra — **yavái, pe-
queno yavai tai**.
unha de tatú — **malulö ihupá**.
concha de raspar — **ulatapa**.
sarjador — **piá**.

CASA — **pai**.
rêde — **amaka**.
banquinho — **repí, zepí**.
cabaca — **mutuku**.
cuia — **pitsa**.
pote grande — **nukái**.
pote médio — **nukahatsái, ma-
kula**.
pote pequeno — **makula tai**.
pau para ralar mandioca — **imiá**.

pá para virar beijús — **kuté**.
filtro com malha de peneira —
tuapi.
cêsto — **mayaku, yatalu**.
canastra — **atamayakula**.
trempe — **yulakakati**.
fio de algodão — **kuyapi**.
fio de buriú — **iñatí**.
fuso — **kuyapitsapa**.
pente — **palatá**.
cera — **mepehidyá**.
tubo de bambú para guardar ob-
jetos — **yanati**.

TRIÂNGULO FEMININO — **ra-
palaku**.
coroa de plumas — **kalu** (arara).
bracelete de plumas — **ituritapa**.
tufo de plumas para as orelhas —
tuluo (n) té.
rêde para a cabeça — **vaikú**.
concha — **püluhí**.

FLAUTA — **kolutá**.
flauta de pan — **vatanatü**.
flauta grande — **kauiká**.
chocalho de cuia — **kayapá**.
guizo para os pés — **uvanyu**.
zunidor — **matapu**.
guarnição de buriú — **zapana**.
máscara — **munotsi, monotsi**.

BUGIO — **kapulu**.
macaco — **pahö**.
morcego — **alua**.
jaguar — **yanumaka**.
lontra — **uveze**.
capivara — **ipiehü**.

agutí — **pekirzi, peközo^v**.
tatú-canastra — **malulö^v**.
tamanduá-bandeira — **yuupé**.
tamanduá-mirim — **tuapi**.
veado — **yutá**.
cervo do brejo — **ayama**.
tapir — **täme**.
ave — **marazalo**.

arara — **tirzutapa^v**.
papagaio — **zakalo[^]**.
japú — **kurzima**.
joó — **makukáua**.
jacú — **malahü**.
mutum — **imiumu**.
cegonha gigante — **vakala**.

caimão — yaká.
lagarto — mayuá.
liguana — ikipiululu.
tartaruga do rio — ipíu.
cágado — ayué, mazuzalu.
cobra — ui.
peixe — kupati.
dente canino — uvapi.
piranha — yakuákumá.
bagadú — yumá.
mereschu — kulupé, kulopé.
raia — yapu.
abelha — mimí.
formiga voadora — eri.
carrapato — kupá.
mosquito — eyu.

MADEIRA, ÁRVORE — ata.
fôlha — pana.
milho — máiki.
mandioca — mukurá.
mandioca cozida, para secar —
ulepieti, uléi.
bebida püserego — nukayá.
bebida pogu — o⁹ ikuí.
beijú — uläpe.
inhame, cará — paka.
batata doce — uhu, oho.
pimenta — ai.
jatobá — uyai.
mangave — ketula.
piquí — akái.
caldo de piquí — akaipié.
palmeira bakayuva — pebulu.
fôlha de burití — rapánama.
palmeira tucum — yáuala.
tabaco — köká.
urucú — yúiku.
algodão — ayupe.
bambú — yanati.
cana ubá — ukú.
capim sapé — ikiri.

EU — natu.
tu — petsü.

VERMELHO — mühitzá.
amarelo — veruya.
branco — hémiri, kisuá.

preto — ärzi.
azul, verde — ipiulá.
1 — pauítza, pauítsa.
2 — mepiáma.
3 — kamayukule, kamayukula.
4 — mepiama auaka; pataya-
káuaka.
5 — pauítsá urekó, pauitza ur-
zikú (a palma de uma
mão).
6 — pauítsá urekó, pauitzá ta-
putá.
7 — mepiama tavútá, mepiama
taputá.
8 — kamayukula taputá.
9 — mepiama auaka, pataya-
káuaka.
10 — palukaka núrzego tauvutá;
mepiamaka núrzego tavu-
tá, mamala nurziku.
11 — pauitsa nukítsiu (um arte-
lho).
12 — mepiama nukítsiu.
13 — kamayukula nukítsiu.
14 — patayakáuaka nukítsiu.
15 — pauitsa urzikú nukítsiu.
16 — pauitsa taputá nukítsiu.
17 — mepiama taputá nukítsiu.
18 — kamayukula taputá nukít-
siu.
19 — patayakáuaka taputá nu-
kítsiu.
20 — mamala taputá nukítsiu.

NEGAÇÃO — ahitsa.

4. KUSTENAÚ

Nos casos em que o acento não é indicado, êste está na penúltima sílaba.

LÍNGUA — nunéi.
dente — nutévoe.
bôca — nukanati.

lábio — nukirapi.
nariz — nukiri.
narina — nukiriako.

olho — nutitái.
 orelha — nutuló.
 orifício da orelha — nutulunako.
 cabeça — nutéui, atéui.
 fronte — nutuhípiu.
 cabelo da cabeça — nuteukái.
 sobrancelhas — nuyuhimiepé.
 pestanas — nuyuhiá.
 bigodes — nukizapi.
 barba do queixo — nupulanuma,
 nunumatakapi.
 pescoço — nupíu.
 nuca — nupiúte.
 garganta — nualulá, nupiunaku.
 peito — nupanatako.
 mamila ♂ — nuhite.
 dorso — nutanaka.
 barriga — n^vutsits^vu, nukavatái.
 umbigo — nutukuna.
 penis — núpei.
 escroto — nehulu.
 pudenda ♀ — eti.
 ombro — nu⁹inepu.
 braço — nuaná.
 cotovêlo — nuatipulu.
 antebraço, face posterior — nu-
 kanutapa.
 antebraço, face anterior — nua-
 nazataku.
 mão — nuiriko.
 palma da mão — nukakitíui.
 dorso da mão — nukanutapa.
 dedo — nukapitíu.
 unha do dedo — nupatatá.
 coxa — nuputi.
 joelho — nikietu.
 perna — nukati.
 calcanhar — nutipulu.
 pé — nukitsapa.
 dorso do pé — nukitsapa.
 sola — nukitsapatako.
 artelhos — nukitsíui.
 pele — numái.
 osso — anapi.

SOL — kami.
 lua — kerí.
 estrêla — kalute.
 céu — enutaku.
 nuvem — one.
 chuva — one.
 fogo — tséi.
 sal — héu.
 água — one.

PAI — papá.
 mãe — mãma, mamá.
 criança — nutái.
 avô — atú.
 avó — atsí.
 irmão da mãe — uá.
 irmão mais velho — ezotapi.
 irmão mais novo, primo — nisere.
 irmã — nizeru.
 homem — enira, eniza.
 mulher — tineru.
 cacique — amunao.
 médico-feiticeiro — yatoma.
 forasteiro — karáipa.

ARCO — intai.
 flecha — neita.
 canoa — itsá.
 remo — etene.
 machado de pedra — ápi.
 sarjador — piuá.

CASA — pae, pai.
 rêde — amaká.
 pano — amakaruti.
 pote grande — nukái.
 pote médio — makula.
 pote pequeno — makula tai, nu-
 kan⁹ái.
 cabaga — mutuku.
 cuia — pitsa.
 pá para virar beijús — utäze.
 pente — palatá.
 triângulo feminino — zapalakú.
 flauta — kulutu.
 máscara — munotsí, koahalu.

BUGIO — kapulu.
 macaco — pahö.
 morcego — alua.
 jaguar — yanumaka.
 tamanduá — yuupé.
 veado — yutá.
 tapir — täme.
 papagaio — zakalo.
 japú — kurzima.
 jacú — marlahi.
 caimão — yaká.
 peixe — kupati.
 piranha — yakuakumá.
 mereschu — kulupéi.

MADEIRA, ÁRVORE — ata.
 fôlha — pana.
 milho — maíki.
 mandioca — uléi.
 mandioca cozida — tepiratí.
 bebida püserego — nukayá.
 bebida pogu — u ^o ikuí.
 beijú — uläpe.
 inhame — paka.
 batata doce — uhú.
 pimenta — ai.
 mangave — yetula.
 piquí — akani.
 palmeira bacaiuva — pebulu.
 tabaco — köká.
 algodão — ayupe.
 bambú — yenati.

EU — nato.
 tu — ptsü.

VERMELHO — hemirzá.
 amarelo — (ipiulá), imi (?).
 branco — kisúá.
 preto — ärze.

azul, verde — pülatirzo, ipiulá.
 cinzento — tiuinai.

- 1 — pauá.
- 2 — mepiama.
- 3 — kamaukula.
- 4 — mepiama auaka.
- 5 — paua uzikú.
- 6 — papalukaka.
- 7 — mepiama taputá.
- 8 — kamaukulá taputá.
- 9 — mepiama auaka taputá.
- 10 — paua uzikú taputá.
- 11 — pauá taputá nukitsíui.
- 12 — mepiama taputá nukitsíui.
- 13 — kamaukulá taputá nukit-síui.
- 14 — mepiama auaka taputá nukitsíui.
- 15 — ekuma nehimakama.
- 16 — papáluka nehimaka.
- 17 — mepiama nehimaka.
- 18 — kamáukula nehimaka.
- 19 — mepiama auaka nehimaka.
- 20 — kumá nehimaka.

NEGAÇÃO — aitzá.

5. WAURÁ

Nos casos em que o acento não é indicado, êste está na penúltima sílaba.

LÍNGUA — 1. nunéi, 2. pinyéi
 dente — 1. nitseve, 2. pitseve,
 bôca — nukirapi.
 nariz — nukidzi.
 olho — 1. nutitái, 2. purzitái.
 orelha — 1. nutulú, 2. pitsulu.
 orifício da orelha — nutulunago.
 cabeça — nuteurzata.
 fronte — nutuetyu.
 cabelo da cabeça — nuteve.
 tonsura — ^v eherzeke.
 sobrancelhas — nuzuhemiepé, nu-
^v ziepé.
 pestanas — nuziá.
 bigodes — numapi.
 barba do queixo — nupulanumá.
 pescoço — nupuite.
 nuca — nupununako.
 garganta — nuhalu (n) te.

peito — nupanataku.

mamila ♀ nuhé.
 mamila ♂ ziya, (zi (n) ya).

barriga — nutsitsu, nitsítyu.
 umbigo — nutukunate.
 penis — nupeze.
 escroto — nukuntapa.
 pudenda ♀ — etinabu, piureti.
 anus — nizityáu.
 braço — 1. nuana, 2. piyana.
 cotovêlo — nuanhemidyá.
 mão — nukapi, nukabü.
 palma da mão — nurzikutago.
 dorso da mão — nukanutaba.
 dedo — nukapi tinyemidyá, nuka-pitúi.
 unha do dedo — nuhupárata.
 coxa — nupute.

joelho — nikyetu.
tíbia — nunabü.
perna — 1. nukate, 2. pitsyati.
calcanhar — nutipulu.
pé — nukizapa, niki ^v apa.
sola — nukirzapatagu.
artelho — nuparáta, nuhuparáta.
unha do artelho — nuhupárata.
pele — 1. numái, 2. pimiyaí.
osso — inapü.

SOL — kame.
leste — iputuke.
meio-dia — katerrekereka.
oeste — itapukén, yeipiéne.

lua — ke^vzí, kerí.
estrêla — kalunte, kalonte.
dia — muyakale.
noite — mutivaka.
céu — enunako.
chuva — une.
arco-iris — iyápe.
trovoada — enutsítya.
vento — izímia.
fumaça — simialái.
fogo — itséi.
sal — ichüve (fortemente gutu-
ral).
água — une.
pedra — tepá.
terra — kahiti, kehüté.
argila branca — epitsitsi.
argila para cerâmica — kamalu.

PAI — papaítsu.
mãe — mamáütsu.
filha — ni ^v upalo.
criança — nutái, hauka tái.
avô — batukuzi.
avó — atsiru.
irmão da mãe — uá.
irmão mais velho — utapüri, ita-
püri.
irmão mais novo, primo — uyú,
tsalái.

irmã mais nova — irzeru.
homem — enyáu.
mulher — teneru, tenezu.
menino — enira tái.
menina — tineru tái.
cacique — amunao.
médico-feiticeiro — yatuma.
forasteiro — karáipa.

ARCO — itái.
flecha — ukú, nukula.
canoa — itsá.
remo — etene.
nassa — mutu.
machado de pedra — äpí, apüí.
concha para raspar — ulutapa.
ulu tái.
sarjador — piúa.

CASA — pae, nupune.
rêde — amaka.
pano — amakaruto.
banquinho — sepí.
cabaca — mutuku.
cuia — iza.
pote grande — nukái.
pote médio — makula.
madeira para ralar mandioca —
imyá.
pá para virar beijús — utär-se.
filtro com malha de peneira —
tuapí, tuabi.
canastra — mayapalu.
grelha — yulakakate.
fio de algodão — kuapi.
fuso — tsapa, kuapi-tsapa.
pauzinho do fuso — kuapiyati.
pente — palata, palatanabü.
cera — kerukakí.
triângulo feminino — zapalaku.
tatuagem — izepiulá (dente-azul)
bracelete de plumas — ituritapa.
colar de pedrinhas — ityuizatabi.
flauta de Pan — vatana.
guizo para os pés — ni ^v eyate.
máscara — yakuí, koahahalu.

BUGIO — kapulu.
macaco — pahö.
jaguar — yanumaka.
capivara — ipiehü.
agutí — peközi.
tamanduá — yuupé.
veado — yutá.
tapir — täme.

arara — kazuruti.
papagaio — zakaló.
japú — kurzima.
joó — makukaua.
jacú — marlahí.

mutum — yumú.

pato — upí.

caimão — yaká.

liguana — ipiétururza.^v

tartaruga do rio — ipíu.

cágado terrestre — marzuzalo.
ayue.

cobra — uí.

peixe — kupati.

peixe-cão — vapi.

piranha — yakuakumá.

mereschu — varzai.^v

raia — yapu.

abelha — mimí.

formiga voadora — heri.

formiga grande — kutá.

mosquito — eyú.

MADEIRA, ÁRVORE — ata.

fôlha — pana.

milho — máiki.

mandioca — mukurá.

mandioca cozida — uléi.

bebida püserego — nukayá.

bebida pogu — uzikuí.

beijú — uläpe.

inhame — paka.

batata doce — uhü.

pimenta — ai.

jatobá — uvaii.

mangave — yetula.

piquí — akái.

palmeira bacaiuva — vepulu.

palmeira burití — tsaikyú.

palmeira tucum — yaua'a.

tabaco — hóká.

urucú — yúku.

algodão — ayupe.

cana ubá — ukú.

capim sapé — ikitsi.

EU — natu.

tu — pitsü.

VERMELHO — muhirzá.^v

amarelo — veruyá, veruyayé.

branco — kizuá, (vuekitzí).^v

preto — ärze, (yalakí).^v

azul, verde — ityualá, yulatiro.

pardo — eruyeyakí.

1 — pauá.

2 — mepiáua.

3 — kamaukula.

4 — pataikato, patapatatyaka.

5 — paua urzikú.

6 — pauá taputá.

7 — mepiáua taputá.

8 — kamaukula taputá.

9 — patayaka taputá.

10 — ikumá.

NEGAÇÃO — ahitsa.

6. YAULAPITI

Nos casos em que o acento não é indicado, sílaba tônica é a penúltima. Convém chamar a atenção para os casos interessantes de mutação fonética em relação aos Mehinakú etc. O **p** dos Mehinakú aparece freqüentemente como **t** e **r**. Vejam-se as palavras: fio de algodão, filtro com malha de peneira, peixe-cão, argila branca, beijú, cuia, tu, azul, etc.

LÍNGUA — nunyati, nyati.

dente — nutsoa, nutsöe.

bôca — nukirazi.

nariz — nukirze, nukirzi.^v

narina — nukirze ritunabu.

ôlho — nuritá, nulitá.

orelha — nutsöra, nutsore.

orifício da orelha — nutinakuleku.

cabeça — nukuru, nukurzu, nu-
putákurata.^v

fronte — nupalusaka, numunuya-
te.

cabelo da cabeça — nuputakuyati.

sobrancelhas — nuyuoporinyo.

pestanas — nuycokati.

bigodes — nuakira.

barba do queixo — nuanuma.

pescoço — nurhinyuti.

nuca — nurhinyu.

garganta — nuhinyureku.

peito — numurutirze.^v

mamila ♂ — nuhé.
 mamila ♀ — tináu ihé.
 barriga — nitsítyu, nutakö, nu-
 murutau.
 umbigo — nutukunate, nutuku-
 nati.
 penis — nupuhi.
 escroto — nukulu, nukurí.
 pudenda ♀ — tináu itya.
 anus — nuyauati, iyauat,
 ombro — nuanatinyu.
 braço — nuana.
 cotovêlo — nuanativulu.
 antebraço — nukanutapa.
 mão — nuiriko.
 palma da mão — nuirikutaku.
 dorso da mão — nukanutapa.
 dedo — nukaritsohu, nukalitsobo.
 unha do dedo — nukapiratá,
 (portanto nukapi).
 coxa — nuputi, nupute.
 joelho — nutipulu.
 perna — nukatinapi (peroneo).
 calcanhar — nutirzá punuteti.
 pé — nutizá, nutirá, nuti(r)sá.
 sola — nutirzávizaku.
 artelhos — nutirzubutá, nuti(r)
 soputá.
 unha do artelho — nutirzubarata.
 nutirsúparata.
 pele — numá.
 osso — nunapi, inapi.
 coração — nukainyé.

Do peixe:

cabeça — ikuru, ikur (zu).
 olho — inorítá.
 dentes — itsó.
 boca — ikirari.
 escamas — irata.
 espadanas — iuar (z)a.
 cauda — ikípina.
 espinha — inapi.

SOL — kame.
 lua — köri.
 estrêla — nitsitsi.
 via látea — ityavonya.
 céu — onyunako.

nuvem — u.
 chuva — u.
 arco-iris — anarhi.
 trovoadas — enyuitsöka.
 vento — irzinya.
 fumaça — dzinyá.
 fumaça de tabaco — airínya (ta-
 baco airi).
 fogo — zrö, zro (boca ligeiramente
 aberta, mandíbula para trás).
 sal — yutaká.
 água — u.
 pedra — teba.
 terra — uapöti.
 argila branca — irhitziki.

PAI — papa.

mãe — mama.
 filho — nuhari.

filha — nirzupalo.
 criança — nuhá, arina.
 avô — ato, atú.

avó — natiro, atsi.
 irmão da mãe — uá, nêua.
 irmão mais velho — itapüri.
 irmão mais novo, primo — irzöri.

irz(r)öri.

irmã mais nova — irzörzo.
 irmã — (tukunati, apontando pa-
 ra o umbigo).
 homem — örinau, erina.
 mulher — tináu.
 menino — yumól(u)yetsú, yumó-
 lyatsú.
 menina — tinerutsú.
 cacique — amulao.
 médico-feiticeiro — yatoma.
 forasteiro — karaí.

ARCO — itá.

flecha — ukú.
 propulsor — iralaka.
 flecha de arremêso — iralaka
 ukú.

canoa — irzra, i(r)zra.
 remo — tana.
 nassa — mutú.
 cesta para pescar — kulutu.
 machado de pedra — ärzi, quase
 örzi, orhe.

concha para raspar — tunuya.

sarjador — i(r)^vziá.

CASA — pa, nupina.

rêde — amaka, amakaroti.

banquinho — srazi.^{v o v}

cabaça — mutuku.

cuia — tidza.

pote grande — makulá,^v zraúpi.

pote pequeno — tibarata.

madeira para ralar mandioca — inyá.

pá para virar beijús — kutzü.

filtro com malha de peneira — tuari.

cesta — mayaku.

canastra — mayapalu.

grelha — yulá, yola.

fio de algodão — kuyari.

fuso — kuyazizuku, kuyarziroko.

pente — palata.

triângulo feminino — imanati.

tatuagem — puhipö.

bracelete de plumas (arara) — kalumapi.

pluma para a orelha — kuyauiro.

missangas — zerulatíre, otuna.

flauta — vatanati.

guizo para os pés — zreluká.^v

máscara — yakú, yakuíkatú, koa-halu.

BUGIO — kapulu.

macaco — kurzikurzi.

morcego — alua.

jaguar — yanumaka.

capivara — irüti.

agutí — pikiri.

tamanduá-bandeira — uaikiki.

tamanduá-mirim — kayanalu.

veado — kayutala.

cervo do brejo — ayama.

porco caitetú — autú.

tapir — tsama.

arara — kalu.

papagaio — taláu.

harpia — kutivirakumá.

japú — kuma (— bakairí).

joó — makukáua.

jacú — kuyuí.

jacutinga — tumalala.

mutum — kuyú.

mutum-cavalo — kuyu ityumá.

pato — upúelyu.

ibiyau — uvigu.

caimão — yaká.

liguana — iratororo.

tartaruga do rio — irú, irzú.

cágado terrestre — irukumalo.

cobra — ui.

peixe — kubati.

peixe-cão — vari.

piranha — yauakumá.

mereschu — marirityi.

raia — yapu.

peixe lacustre — multa.

abelha — mapa.

mel — mapakuma.

cera — marpazikibu.^v

mosquito — makukú.

MADEIRA, ÁRVORE — ata.

fôlha — pana.

milho — máiki.

mandioca — ula.

bebida püserego — nukaya.

bebida pogu — uluinyé.

beijú — ularzi, ulari.

inhame — paka.

batata doce — müinya.

pimenta — ai.

jatobá — uyá.

mangave — katula.

piquí — aká.

palmeira bacaiuva — pipulu.

palmeira buriú — ragugati.

tabaco — airi.

urucú — iuvira, (yuku).

algodão — aliupö, ayupo.

bambú — yanati.

EU — nato.

tu — tezo, tero.

VERMELHO — kabutsaká.

alaranjado — kabutsakaye.

amarelo — dzirutuná.

preto — (a)öri, (a)oriya.

branco — kömtiká.

azul, verde — tsirulá, dzirulá.

1 — pauá.

2 — purzinyama (trumái hurs).

3 — kamayukula.

4 — purzinyam-ipakú.

5 — pa-uíriku (= 1 mão).

- | | |
|---|---|
| 6 — pau-ikirutá. | |
| 7 — purzinyam-ikirutá. | |
| 8 — kamayukul-ikirutá. | |
| 9 — purzinyam-ipakú-ikirutá. | |
| 10 — papálukaka-uíriku. | |
| 11 — ^v tirzal-ikirutá (artelho I, á esquerda). | 15 — ^v pauá ^v tirzalí (= 1 pé). |
| 12 — ^v tirzalí purzinyam-ikirutá. | 16 — ^v tirzal-ikirutá pauá. |
| 13 — ^v tirzalí kamayukul-ekirutá. | 17 — ^v tirzal-ikirutá purzinyama. |
| 14 — ^v tirzali purzinyam-ipakú-ikirutá. | 18 — ^v tirzal-ikirutá kamayukulá. |
| | 19 — ^v tirzal-ikiruta purzinyam-ipakú. |
| | 20 — papálukaka- ^v tirzalí. |
- NEGAÇÃO — atsa.

7. AUETÖ

Nos casos em que não é indicado o acento, êste cai na última sílaba.

LÍNGUA — intengu.

dente — indái.
 boca — intembe.
 nariz — iambü(i).
 narina — iambüinkuát.
 olho — iteta.
 orelha — intenyambe.
 orifício da orelha — intenyambü-kuat.
 cabelo da cabeça — iap, yeap.
 tonsura — heapöteokavut.
 sobrancelhas — itetaapeap.
 pestanas — intombemboa.
 bigodes — itiap.
 barba do queixo — iampotap, 3. ambotap.
 pescoço — itulebembo.
 nuca — iaturapü.
 garganta — iaikuat.
 peito — ^vipozeat.
 mamila [♂] — inkam.
 mamila [♀] — kunya-inkam.
 barriga — itöa.
 umbigo — ipülup.
 penis — ituöp.
 escroto — itupia.
 ovos — nupia.
 pudenda [♀] — kunya-yaonsi.
 anus — ipinkuat.
 ombro — ia(e)rüp.
 braço — iköva.
 cotovêlo — iköveampat.
 mão — ipo.

palma da mão — ipouva.
 dorso da mão — ipoape.
 dedo — ipü.
 unha do dedo — imboa.
 coxa — iup.
 joelho — impöa.
 perna — intendema.
 calcanhar — ipütatsik.
 pé — ipokut.
 dorso de pé — ipöape.
 sola — ipörova.
 artelho — ipökut.
 unha do artelho — impönta.
 pele — ipit.
 osso — nâkañmut.
 pluma — uvai.
 dentes de peixe — ipira-ái.
 vértebra de peixe — ipira-aguái.
 espadana — nampepo.
 cauda de pintado — turuí-vái.
 SOL — kuat.
 lua — tatü.
 estrêla — tata-yöt.
 céu — hüvapit.
 nuvem — aman.
 chuva — aman.
 arco-iris — teüp.
 trovoada — tompa.
 vento — ivüt.
 fumaça — ^vtaransing.
 fogo — tara.

cinza — taruaipuk.

sal — toket, tokôt.

água — ü.

rio — üito.

laguna — uato.

pedra — küta, köta.

terra — ntaái, ûtái.

argila branca — ^vtuin-tzing, to-
ventsín.

argila para cerâmica — taum.

PAI — apái.

mãe — ange.

filho — tatsiüt.

filha — imembüt.

criança — imembüt.

avô — atu.

avó — ^vatsi.

irmão da mãe — awawai.

irmão mais velho — itererup.

irmão mais novo, primo — iteuit.

irmã — itutet.

homem — kaminuat.

mulher — kunya.

cacique — morekuat.

médico-feiticeiro — mupa.

forasteiro — karaí.

ARCO — rapat.

flecha — uöp.

propulsor — yauari, yauari-mo-
pátap.

flecha de arremêso — yuari-uöp.

canoa — maambe, maampe.

remo — entene.

nassa — tsia, tsia.

cesta para pescar — kulutu.

cinzel — amakutaba.

machado de pedra — kü (b—ca
fechada), köop.

martelo de pedra — keta-yöt.

pau para desenterrar mandioca —
töt.

pilão — hengua.

concha para raspar — tut.

concha para raspar, grande —
köñta.

concha para raspar, pequena —
karayave, köñtanyet, köñtayet.
köñtampukut.

sarjador — ^vtatsitap.

CASA — ok.

ranchinho de festas — ototá(me).

porta — ontenepü.

rêde — hene, hene(i), ini.

pano — inimbit.

banquinho — apükap.

cabaça — kuyañamêt.

cuia grande — ü-a.

cuia pequena — a-yöt, mempea.

cuia para óleo — katulaa.

prato para beijús — taampütsi.

pote grande — makula-atu.

pote médio — makúla.

pote pequeno — makula-yet.

madeira para ralar mandioca —
bem, pem.

pá para virar beijús — hüvem.

filtro com malha de peneira —
kutót.

cesta — mayanku.

cestinha — eru.

cesta para provisões — miak.

canastra — tasitu-mayanku, tati-
tetu-mayanku.

grelha — mimangkangeta, mi-
mongageta.

fio de burití — totsovit.

fuso — mopöita, mopüeta.

pente — kiüvap.

cera — kilapit.

banha para friccionar — tentaayü.

TRIÂNGULO FEMININO — um-
pam.

tatuagem — tatiapeporang.

colar de pedrinhas — miyo.

diadema de taquara — aupap.

FLAUTA — kaletu, kalötu.

flauta de Pan — tumpia-yöt.

chocalho de cuia — terua.

guizo — para os pés — aimara.

bola para jogar — yara.

mascaradas — yakuíkatu, koahá-
lu.

BUGIO — nakükü.

macaco — kayöt, kutsera-yot.

morcego — tatsia.

jaguar — tauvat.

coatí — noayatávet.

capivara — kapiivat.

agutí — nakurü.

tatú-canastra — tatuatu.

tamanduá-bandeira — tamayúa.

tamanduá-mirim — tamayuntáne.
veado — tiruatu.

porco caitetú — tatsitu.
tapir — tapiit.
ave — mura.

arara — tavitsi.
papagaio — naraka, tangánet.
harpia — urauatu (“ave grande”).
japú — nirapu, nyapu.
ibiyau — viviyo.
joó — mopokoap, mapokuap.

perdiz — kuyatsirika.
inambú — támo.
jacú — taku-yöt.
jacutinga — takuatsing.
mutum — muintu.
mutum cavalo — mutütsang.
pato — nepet.
pica-páu — nungbeng.
caimão — tapepiret.
lagarto — tetu, teon.
liguana — neyémöt.
tartaruga do rio — tavarü.
cágado terrestre — tarapek.
cobra — moi.
peixe — piraüt.

peixe-cão — tatsi.
piranha — pankanyánet.
mereschu — pirapévit.
pakú — paku.
pintado — turui.
raia — nurepe.
abelha, mel — neküt.
formiga (sauva) — nampira-nyöt.
mosquito — tareú.

MADEIRA, ÁRVORE — ivira, öp.

lenha — tepeyap.
casca de árvore — üpe.
semente — ãi.

milho — avatsi, hauatsi.
mandioca — maniok, miu.
ramo de mandioca — maniöp.
farinha socada — miyeä.
bebida püserego — maniökö.
bebida pogu — euvap.
beijú — yomem, yamem.

inhame — natayapo.
batata doce — terük, yeto.
pimenta — tsambit.
jatobá — matsiöp.
castanha — varú.
mangave — temir(et), emiru.

piquí — petsia, petsiaput.
palmeira bacaiuva — mukan-yet.
palmeira burití — tavupe.
tira de burití — taupeivit.
palha de burití — taupaivop.
tabaco — pä, päh.
genipapo — tendüpap.
cápsulas de urucú — yunkuan-göt.

algodão — amatsitú.
capim sapé — tatape.
capim lanceta — kalahang.
bambú (taquara) — takoa-tsing.
cana ubá — uöp.

VERMELHO — tangeta (carmin), terauetu (vermelho de urucú).

amarelo, alaranjado — ituvetu.

branco, amarelo claro — intsin-gatu, intsingutu.

preto — tauetu, tauütu.
azul, verde — iköretu, hikületu.
pardo — ituvangetu (sepia).
pardo avermelhado — intumetu.

pardo claro — itumsingetu (sienaqueimada — pardo branco).

1 — mayapete.

2 — monkói.

3 — munitáriuka.

4 — monkói monkói imput.

5 — motiptu.

6 — mumúрати naütatapu.

8 — munitáriuka naütatapu.

9 — monkói monkói impút.

(= 4).

10 — kaipopap.

11 — mumúratsu kaipüete.

12 — monkói kaipüete.

13 — munitáriuka kaipüete.

14 — monkói monkói kaipüete.

15 — oipap kaipüe.

- 16 — mumúraatu kaipü.
 17 — monkói itatäpu kaipüete.
 18 — munitariüka itatäpu kaipüete.

- 19 — monkói monkói itatäpu kaipüete.
 20 — itúmüo pá.

NEGAÇÃO — an, ovane.

8. KAMAYURÁ

Nos casos em que o acento não é indicado, êste está na última sílaba.

LÍNGUA — yeko.

dente — yenerái, 3. itái.

bôca — yereme.

nariz — yeapü; yetsí (ponta do nariz).

narina — yeapükuat. yeapüakuat.

ôlho — yerea.

orelha — yenami.

orifício da orelha — yenamikuat.

orifício do lóbulo da orelha — yekutúkauvet.

cabeça — yeakang; yeapin (região temporal).

fronte — yeiripükang.

cabelo da cabeça — yeap.

sobrancelhas — yereopükarakap.

pestanas — yeropeap.

barba da face — nerotévaperóp.

bigodes — yetsíahuarap.

barba do queixo — yeamotap.

queixo — yerenüva.

pescoço — yeayut.

nuca — yeatua.

garganta — yeaikuat.

peito — yepotsüa.

mamila ♂ yekam.

mamila ♀ kunya-kam.

barriga — yerevek.

umbigo — yepürna.

penis — yerakuái.

escroto — yerapia.

pudenda ♀ kunya-rama.

anus — yerevit.

ombro — yeváauá.

braço — yeyüva.

cotovêlo — yeparatsíup.

antebraço -| - dorso da mão — yehuapü.

mão — yepo.

palma da mão — yepó-pütet.

dorso da mão — yeuapü.

dedo — yehua.

polegar — yehua.

indicador — yehua-ipépüat.

anelar — yehua-ipépuat.

médio — yehua-mutet.

auricular — yehua-i.

unha do dedo — yehuape.

coxa — yeup.

joelho — yeperenan.

perna — yeratimakang.

calcanhar — yepüita.

pé — yepü.

dorso do pé — yekupupe.

sola — yepupütet.

artelhos — yepüái.

unha do artelho — yepüape.

pele — yepit.

osso — ikanget.

Duma ave:

bico — itsi.

ôlho — hiya.

asa — ipepo.

costela — iarokang.

perna — ipü.

unha — ipüape.

cauda — uváye.

pena da cauda — uvayevütet.

pena remige — ipepokúi.

pena do pescoço — havet.

poupa — akangatsi.

língua — hiko.

narinas — hiapiiat.

pele — ipit.

intestino — hepotsi.

estômago — itakarayaa.

fígado — iperehet.

pulmão — ivevülhet.

coração — ^vipotsi-arkáketáng.
sangue — huü.
testículos, ovo — upia.

SOL — kuat.
lua — yaü.
estrêla — yautata-i.
céu — hüvak.
nuvem — aman.
chuva — aman, haman.
arco-iris — amanaüp.
trovoada — tupá.
vento — ivütu, ivitu.
aragem — ivitu-i.

^vfumaça — tatasing.
fogo — tata.
sal — yuküt, yuköt.
água — ü.
pedra — ita.
quarzo — itahime.
terra, areia — üi.
argila branca — täiyutzing.

PAI — papa, 1. yerup (= yepup).

mãe — hama.
filho — yemememüt, yerayüt.
filha — yememekunya.
criança — haraivi.
avô — tamui.
avó — utu.
irmão da mãe — ape, aue.
irmão mais velho — yereerup.
irmão mais novo, primo — yereuit.

irmã — yeruket.
homem — akuamae.
mulher — kunya.
menino — auvái miri.
menina — kunya muku.
cacique — morérekuát.
médico-feiticeiro — paye.
forasteiro — karaib.

ARCO — urapat.

arco (madeira “vermelha”) — urapaputang.
arco (madeira clara) — ivürapat.
corda do arco — urapaham.
flecha (ubá) — hüüp, heuvete.
flecha (cambaiuva) — kamayöp.
flecha (ponto de osso de macaco) — heuavapin.

flecha (ponta de madeira de buriti) — ^vmuritsi-ivi.

flecha (ponta de osso de peixe) — akamayüp.

ponta de osso — kamapunu.
cipó na flecha — vaimé-ivit.
propulsor — yauari amomoap.
flecha de arremêso — yauari hüüp.

maça — hüapem.

canoa — hüat.

remo — yahukuitap, yaukuhitop.

nassa — yekea.

cesta para pescar — tatari.

rêde para pescar — piraürük.

machado de pedra — (d)yü (com som u).

machado de pedra pequeno — (n)yüp-i.

conchas para raspar — (v. cap. IX, III) — tyutsi, ita, ita muku, ita kuraa ita-i.

sarjador — yayap.

CASA — hök, ho(k), apot.

rêde (algodão) — heni, (buriti) yekrap.

banquinho — apükap, hapükap.

cabaça — kyaham.

^vcuia grande — katsirova.

cuia pequena — ü-a.

cuia para óleo — yaniru.

pote grande — nyae.

pote pequeno — mavikuru-i.

madeira para ralar mandioca — hüvehe.

pá para virar beijús — hüvêp.

filtro com malha de peneira — tuavi.

cêsto — ripari, irikurup.

cestinha — hüruapit.

canastra — pirapünta.

saco de embira — arakuri-üp.

grelha — tukanan.

fio de algodão — henimo, fino henimo-i.

fuso — heüm.

pente — kiüvap.

cera — iraiti, yaiti.

TRIÂNGULO FEMININO — tameaop.

tatuagem — tyu.

adorno de plumas para a cabeça (japú) — yahuái.

bracelete de plumas — yáuaravité.
colar de pedrinhas — moiit, cada
pedrinha moikita.
pedaços vermelhos de concha —
yatiita.

FLAUTA — kuruta.

flauta de Pan grande — kurua.
flauta de Pan pequena — havi-
rare.
flauta para chamar — yumíatotó.
chocalho de cuia — kamitü, ka-
mitö.
dança, canto — maraka.
mascaradas — yaku-i-ikatu, hü-
vat.
maça para danças — tanita.
vara com dentadura — haéaté.
(rêde de plumas) “para dança” —
yakuiap.
máscara de palha — yauari-
püang.

BUGIO — akükü.

macaco — kai.
morego — arua.
jaguar — yauat.
lontra — yaunipüan.
coatí — koatsi.
capivara — kapivát.
agutí — akutsi.
paca — paka.
tatú — tatu.
tamanduá-bandeira — tamanua.
tamanduá-mirim — tamanua-i.
veado — ihuku.
porco caitetú — tayau.
tapir — tapiit.
ave — hura.
arara — kanine.
papagaio — tarave.
urubú branco — urevutsing.
harpyia — hurapú.
falcão — kuyauu.
japú — yahu.
ibiyau — viviyo.
joó — makukaua.
perdiz — kuyatetü.
jacú — yakuahém, yahu-i.
jacutinga — yakupatsing.
mutum — muitu.
mutum-cavalo — muituahang.
pato — tsuvel, tsüve.
cegonha jabirú — urangutang.

caimão — yakare.
lagarto — teyuparap, tarau.
liguana — (sinimbu) — enemü.
tartaruga do rio — (tracajá) —
tarikayaa.

cágado terrestre — yavátsipütá.
cobra — mói.
sapo — arutsam.
peixe — ipira.
peixe-cão — tatsi, tatsi-i.
piranha — piraang, pirang.
mereschu — tapaka.
pacú — paku.
bagre pintado — tsurui.
raia — yavevüt.
abelha — heit.
mel — heitarup — (ovos de abe-
lha).
formiga voadora — árara-a.
formiga grande — hüga, hüba,
tanahang.
mosquito — piu, yatsiu.
moscardo mutuca — mutuk.
vespa da areia — tunutunuru.
grilo — okeyu.
vagalume — kaukauari.

MADEIRA, ÁRVORE — ivira-i.

fôlha — iva.
milho — avatsi.
mandioca — maniok, raiz grande
temiu.
mandioca, prensada — tepüra-
atü, seca tepüra-atekui.
bebida püserego — moohet.
bebida pogu — kaui.
beijú — meyu, quasi menyu.
inhame — kara.
batata doce — yetük.
feijão — kumanaviri (planta),
kumanatái (fruto).
pimenta — hökeöi, okeöi, ikeang.
jatobá — yutaüp.
mamona — moangö.
marmelada — vaapong.
fruta de lobo — ütsia.
mangave — mangap.
piquí — pekei.
palmeira bacaiuva — mukayüp.
palmeira guabiroba — pinop.
palmeira burití — muritsi.
palmeira tucum — yauaraa.
semente de acurí — tapiavare.

tabaco — petüm, fôlha de cober-
tura — petümaop.
genipapo — yanepap.
urucú — iriku.
algodão — amüniyu.
capim sapé — yape.
capim membeca — yauvi.
bambú (taquara) — takoat.
cana ubá — hüüp.
gravatá — parauata.
pindaíba — ivira, ivit.
peroba — tarukai
japécanga — taratarate.
cipó — simo.

ximbuva — ^vsimoöp.
arica — tamiyuüp.

EU — ye.
tu — hene, neko.

VERMELHO, alaranjado — uán-
ga-maé.
amarelo — iyúva-maé.
branco — tsínga-maé.

preto — ipitsúna-maé.
azul, verde — itsovü-maé.
cinzento — hinyúma-maé.
1 — yepete.
2 — mokói.
3 — moapüt.
4 — monyoiru.
5 — yenepo-momap.
6 — verovama yepete, verovak.
7 — mokói verovak.
8 — hemomoapüt.
9 — hemoyoiru.
10 — yenemai.
11 — yenepü-aú.
12 — yenepü-aumütet.
13 — hemomvapüt.
14 — hemonyoiru.
15 — mai, yenepü-aí.
16 — amunyaterovak.
17 — yenepü ahimütet.
18 — hemomoapüt.
19 — monyoiru.
20 — yenepü arehe.

NEGAÇÃO — anite.

9. TRUMAI

Nos casos em que o acento não é indicado, êste está na última sílaba.

LÍNGUA — yauano.
dente — yauí.

bôca — yauχ op.
lábio — yauamaptamala.
nariz — ^vyaualasa.
narina — yaualaχ u.
ôlho — yauhon.
orelha — yauhaptü.
orifício da orelha — yauhaptiχ úi,
yauhatχ oi.
cabeça — yaukut, yakut.
fronete — yahokna.
cabelo da cabeça — yauukurs,
ukuχ
sobrancelhas — yahútipimala-
puksi, yahutupilaksi.
pestanas — yahuksi.
barba da face — yauamubuksi.
bigodes — yaualafkus.
barba do queixo — yauamubuksi.

pescoço — yamut.
nuca — yauanas.
garganta — ^vyauazanmut.
peito — yautaput.
mamila ♂ — yauamisu.
mamila ♀ — ipaé-amisú.
barriga — yauχ e.
umbigo — yautöf.
penis — yaupi.
escroto — yautaf, yautá(u).
pudenda ♀ — ali.
anus — yaupat.
ombro — yaumüda.
braço — yauato.
cotovêlo — yauatolako.
antebraço — yauakanapmurzra.
mão — yaukanap.
palma da mão — yaukarhuaχ
dorso da mão — yaukaresi.
dedo — yaulaktako.

unha do dedo — yaüfi.
coxa — yahut.
joelho — yauanak.
perna — yauralata.
calcanhar — yauapütskut.
pé — yauapits.
sola — yauapütsfayχ.
artelhos — yaupítsi.
unha do artelho — yaupütffi.
pele — yauput.
osso — tsidet.

SOL — atela, atelo.
lua — atelpak, atezbak.
estrêla — asi.
céu — nanene.
chuva, nuvem — kauiχ u.
arco-iris — pupu.
trovoada — ta(ö)rsda.
vento — sut.
fumaça — so χ den.
fogo — so.
sal — yaküri.
água, rio — misu.
pedra — liki.
terra — tenetne.
argila branca — tauatzin.

PAI — papa.
mãe — atsiú.
filho — hapat.
filha — ino χ u.
criança — a χ os, a χ us.
avô — ayéi.
avó — atsets.
irmão da mãe — vaue.
irmão mais velho — apine.
irmão mais novo, primo — apisi.
irmã mais velha — lukan (?).
irmã mais nova — a χ eat.
homem — kiki.
mulher — ipae.
menino — itadi.
menina — va χ lo.
cacique — aek.
médico-feiticeiro — paye.
forasteiro — karaip.

ARCO — tsirslama.
flecha — hit.
propulsor — opep.
maça — isitats.
canoa — si.

remo — anat.
nassa — päle.
cesta para pescar — tatari.
machado de pedra — daka, a pe-
dra do mesmo dakaürs.
concha para raspar — ^vesakasa
(s aproximando-se do ^vθ).
sarjador — tatalakat.

CASA — pike.

rêde (burití) — ^vmuritsiní.
pano — ^vmuritsini.
banquinho — yulut.
cabaça — kuyiham.
cuia — üa.
pote grande — arat.
pote médio — aratpat.
madeira para ralar mandioca —
uä.
pá para virar beijús — munitsi
akuars.
filtro com malha de peneira —
tuavi.
cêsto — örupari.
canastra — karaputa.
grelha — tukana.
fio de algodão — amundyu.
fuso — ^vumürs, umürs.
pente — kuaú.
atadura de embira das mulheres
— ipae-asit, iasit.
embira para a mesma — esni.
colar de pedrinhas — tatakela.
flauta — kut.
chocalho de cuia — iua, vauala-
tas.
guizo para os pés — kut χ ot.
máscara e dança — hukráke, za-
rumuka, kuahaha.
maça para dança — aton.

BUGIO — amue.

macaco — ^vparseku.
morcego — koyos, ^vkoyos.
jaguar — fede.
coatí — koatsi.
agutí — akuts.
tamanduá-bandeira — ilihu.

tamanduá-mirim — ilihuene.
 veado — tatsit.
 porco caitetú — ise.
 tapir — monoto.
 papagaio — tarau.
 arara — arara.
 japú — tūlaf.
 ibiyau — teste.
 joó — hukuk.
 perdiz — nyähetetü.
 jacú — mote.
 jacutinga — motenehene.
 mutum — kurele.
 mutum-cavalo — kurzerénehené.
 pato — kutumbi.
 caimão — topetne.
 liguana — nuenue.
 tartaruga do rio — tsuul.
 cágado terrestre — uruts.
 cobra — uresüs.
 peixe — kate.
 peixe-cão — tasipie.
 piranha — alenehene.
 mereschu — paki.
 pacú — tatkat.
 raia — atel.
 mosquito — tsinas, tsinas.

ÁRVORE, MADEIRA — déi.
 milho — hotet.
 mandioca — ole.
 bebida püserego — ule ʒu.
 bebida pogu — urö ʒ
 beijú — meyu.
 inhame — yeókavaiténa.
 batata doce — mani.
 pimenta — katsits.
 jatobá — tu ʒ etei.
 mangave — vauraru.
 piquí — tsinon.

palmeira bacaiuva — auao.
 palmeira buriti — muritsiuá.
 palmeira tucum — datkela.
 algodão — moneyu.
 tabaco — fi, folha de cobertura
 fikana.
 urucú — manot.
 capim sapé — zamok.
 bambú (taquara) — takoats.
 cana ubá — hit.

EU — haí.

tu — isa, i ʔa.

VERMELHO, alaranjado — to-
 mate.

amarelo — tsai ʒu.

preto — tsidate.

azul — tsiovu (Kamayaurá: "pe-
 riquito").

verde — yeküri.

1 — mihin.

2 — hurs.

3 — hurstame.

4 — kumatak.

5 — katkel, nekatkelan.

6 — mihin-po(k) pésun.

7 — hurs-apokpésun.

8 — hustam-apokpésun.

9 — kumatak-apokpésun.

10 — yepun-pokpésun.

11 — mihin-pitsa.

12 — hurs-apítsa.

13 — hurstam-apítsa.

14 — kumatakuanpítsa.

15 — katkel musrákkuake.

16 — pitsuranapáke.

20 — pitskel, nekutkelan.

NEGAÇÃO — atak.

10. PARESSÍ

Nos casos em que o acento não é indicado, êste está na última sílaba.

LÍNGUA — nunínise.

dente — naikúli.

bôca — nukeliho.

nariz — nukíri.

narina — nukíri-zova.

ôlho — nudúse.

orelha — nutinihe.

orifício da orelha — nutinihe-
 zova.

cabeça — nuseviri.

fronte — **nutori**.
 cabelo da cabeça — **nuséve**.
 tonsura — **uaúa**.
 vértice da cabeça — **nehokuí**.
 sobrancelhas — **nutáuli**.
 pestanas — **nudóse-nivari**.
 barba — **niuategelo**.
 pescoço, nuca — **nuhíno**.
 pescoço debaixo do queixo — **nu-
kulo**.
 garganta — **notaradahi**.
 peito — **nutikuli**.
 mamila  **nututunise**.
 mamila  **nizanito tutune**.
 barriga — **numögoda**.
 umbigo — **nutodase**.
 penis — **nuse**.
 escroto — **nutakulase**.
 pudenda  — **kuzo, nizanito
kuzone**.
 anus — **nusigose**.
 ombro — **nutagodisö**.
 braço — antebraco — **nukáno**.
 cotovelo — **nukáno-tohirasö**.
 mão — **nukáhe**.
 dedo — **nukahe-í**.
 polegar — **enétulísevé**.
 indicador — **nukake-i**.
 médio — **enenúto talahi**.
 anelar — **ehiéötalihé**.
 auricular — **zoumirihi**.
 unha do dedo — **nuti**.
 coxa — **nuhúse**.
 joelho — **nukauli**.
 perna — **nukasahe**.
 calcanhar — **nukísiniloso**.
 pé — **nukísi**.
 sola — **nukisikuá**.
 artelhos — **nukísi-hi**.
 unha do artelho — **nuti, nuiti**.
 pele — **numeli, nomelihi**.
 osso — **nunáhe**.
 sangue — **noitimarané**.
 leite — **tutuza totoda**.

De animais:

pena — **ötane**.
 asa — **ekanusö, ekanoso**.
 articulação — **ekanutala**.
 cauda — (periquito, cão) —
enihu.

bico — **ekiri**.
 olho — **edusö**.
 língua — **enekueí**.
 pé — **ekisi**.
 garra — **enuta**.
 espinha — **enáhe**.
 pele — **emeli**.
 carne — **inete, netö**.
 sangue — **itímarapé**.
 coração — **emahiaso**.
 pulmão — **otodadahi**.
 estômago — **enasiri**.
 intestino — **enasi**.
 fígado — **etakure**.
 ovo — **enosö**.

SOL — **kamáí**.
 leste — **hikohena**.
 meio-dia — **totahikoana**.
 oeste — **isoa**.
 lua — **kayö**.
 5 fases: (lua nova) — **yukáihitá,
kinatálihitá, taréhokohemná, tu-
tohená, tuitá**.
 estrêla — **zulöso, zuri**.
 via látea — **kotanáhutirá**.
 ano — **kamöka**.
 noite — **maka**.
 dia — **hueroaga**.
 nuvem — **kaimeneti**.
 céu — **enukua**.
 chuva — **one, enodati, one tare-
luga**.
 trovoadas — **enuhare**.
 vento — **kahola**.
 fumaça — **simére**.
 fogo — **irigate**.
 sal — **séuvé**.
 água, rio — **one, une**.
 ilha — **kahíhuruhe**.
 mato — **kolúhu**.
 monte — **teiri, teire**.
 pedra — **söhali**.
 terra, areia — **váikohe**.
 barro — **kanihe**.

PAI — **baua, bava, Waimaré aba**.
 mãe — **mama, Waimaré ama**.
 filho — **hari**.
 filha — **ohiro**.
 criança (de peito) — **dutehiro**.
 avô — **ato, ätöto**.
 avó — **abe, abebe**.

neto — ^v nosi.
irmão da mãe — kuku, Waimaré
kukúre.
tia — nakélu.
irmão mais velho — azö, adezo.
irmão mais novo, primo — ^v nozi-
marini.
irmã mais velha — kori.
irmã mais nova — daza.
mãe da espôsa — naika.
homem — ena.
mulher — nezanito, nizanito.
menino — zuima, ena-mogosö.
menina — ohiro-mogosö.
cacique — amule, hariti.
médico-feiticeiro — otahariti.
bruxo — tihanale.
forasteiro — emuiti.
negro — kiere.

ARCO — kolehogo.

corda — ulaua-hi.
flecha — kole.
maça — aterihozö.
canoa de madeira — kötto; ka-
noa (portug.).
canoa de cortiça — misa.
remo — hulategalati.
machado — zauati.
machado de pedra — korokaue.
espingarda — korenaso.
ferro — kamaitihira.
ouro — oiro — (portug.).
diamante — diamante (portug.).

CASA — hati (Kulisehu pai).

telhado — ezötehira.
porta — hatiganasö.
rêde — maka.
corda — olauahe.
fio — konohihi.
fuso — tiro, olauari.
banquinho — okahakalati.
cabaca — matogo.
^{v v}
cuia — hesisa,
pote — matalo.
madeira para ralar mandioca —
timare.
filtro com malha de peneira —
atoa.
canastra — koho.
grelha — koizate.
pente — kalata.

tanga ♀ — emití.
tanguinha ♂ — daihasö.
cordel da cintura ♂ — kunokua.
cinto com missangas — nukoalahi.
tatuagem — nobotö.
faixa de cancho (joelho) — itaiti.
atadura de algodão (joelho) —
natahe.
atadura de algodão (braço) —
nukalovani.
pluma para o nariz — nukilia-
kosö.
enfeite para as orelhas (nozes de
palmeira) — hohoro.
diadema de plumas — kama-
hioko.
flauta grande — hiémagá.
flauta menor — holuta.
flauta de Pan — dero.
chocalho de cuia — uala.
máscara — nudosohago, kularuza.

BUIO — alome.

macaco — huate.
coatá — uaganele.
morcego — mahigue.
^v
jaguar — tsene.
guará — ahuza.
raposa do campo — hoaduru, wa-
zolo.
coatí — kahi.
lontra — inaue.
capivara — oli.
tatú — makurisa, (cabeludo)
ulauairu, (bola) iuwetöso, li-
so) vuamose.
tatú-canastra — marura.
tamanduá-bandeira — atipure.
tamanduá-mirim — uwarie.
veado — dotare.
cervo de brejo — azama.
porco caitetú — hauarusu.
bisão — hode.
tapir — koite, kote.
ave — kutelase.
arara (vermelha) — kaio, karu,
(azul) tihue.
papagaio — warata, aula, zara.
periquito — tahiri kuirí (frente
vermelha).
harpia — kukui.
japú — koloma.
pomba — waitaha.
perdiz — kodye.

galinha — taguira.
jacú — marato.

mutum — hauisi.
ema — ao, au.
seriema — kulata.
caimão — iuvakare.
largato — dohi, zohi.
tartaruga do rio — ikore.
cágado terrestre — uadulahata.
cobra — ui, uini.
cascavel — kairiri.
sucuri — menesö.
sapo — kari.
peixe — kohása.
peixe-cão — mazudure.
piranha — anaye.
mereschu — kayale.
pacú — kaihare.
bagre pintado — hodóli.

matrinchã — hoziga.
piava — uvalaku.
lambarí — kazaha.
raia — ina.
abelha — anui.
mel — maha.
vespa — ani.
borboleta — mehele.
termita — munuli.
formiga — zuguzugu.
aranha — zoa.
carrapato — kohere.
mosquito — aniotö.
moscardo — tihenúle.

MADEIRA, ÁRVORE — ata.

lenha — moisate.
flor — ihive.
haste — ekatö.
fruta — iri.
semente, raiz — esö.
milho — kozoto.
mandioca — ketoso.
farinha de mandioca — tolohe.

bebida fermentada — kasirí-
uluinti.

mingau — kadalaso, katadere.
inhame — haka.
beijú — zomo, domo.

amendoim — simele.
feijão — komatáihiró, fava ko-
mata.
pimenta — aridimoko.

jatobá — ozari.
mangave — katola.
piquí — kani.
palmeira bacaiuva — sakole.
palmeira guabiroba — uwakuri.
palmeira burití — isóe.
palmeira acuri — ulukuri.

palmeira oassú — kosi.
palmeira tucum — olána.
algodão tucum — olána.
algodão — konohe.
tabaco — azie, azieho.
genipapo — dana.
urucú — ahitö.
capim sapé — tekele.
cana ubá — tua.
bambú (taquára) — uasina.
gravatá (ananaz) — uenore.
embira — atema.
arroz — aroso (portug.).

laranja — alalaisa.
banana — banana (portug.)
ipecacuanha — poaya.
goiaba — moturi tiniri.
rancho — uwarisö.
árvore para arcos (ipé?) — kosö.
alaua.

EU — nato.
tu — hiso.

VERMELHO (cinábrio) dotere,
(rosa-granza) materere.
alaranjado — dútahiövelé.

amarelo — osikere.
branco — iyumere.
preto — kiere.
azul, verde — tihole, tihorere.

- 1 — hakida.
- 2 — hinama.
- 3 — hanama.
- 4 — zalagava.
- 5 — hakahigi.
- 6 — hasóegagua.
- 7 — ehiritarigi.
- 8 — ehiritarigi.
- 9 — ehiritarigi.
- 10 — kahíti döda.

Infelizmente só me foi possível uma vez indagar os números. Passando a servir-se dos artelhos nu-kischi, o Paressí dizia de cada artelho kisíti-döda.

NEGAÇÃO — máisa.

11. BORÔRO

Nos casos em que o acento não é indicado, êste está na penúltima sílaba.

LÍNGUA — ikeru.

dente — itó.

bôca — inógua.

furo no lábio inferior — nogua-boro.

nariz — ikeno.

narina — ikenoyaporo.

ôlho — yoko.

orelha — iviya.

orifício da orelha — iviyayaporo.

cabeça — itáura, ikáura.

fronte — ieri.

cabelo da cabeça — itao.

sobrancelhas — yokoparirabö.

pestanas — yokobö.

bigodes — kogabö.

queixo — ikogura.

pescoco, nuca — ikiridü.

garganta — iruo, iruoporo.

peito — imorora.

mamila ♂ — imoguro.

mamila ♀ — areme emoguro.

dorso — ikudziagi.

parte superior — iporu.

espinha dorsal — imomorosa.

barriga dorsal — imomoroa.

barriga — ikuri.

umbigo — ikönabo.

penis — iuaga.

escroto — iuva, iua.

pudenda ♀ — mogo.

anus — irikarigo.

ombro — ikanáura.

braço — ikana.

cotovêlo — iviyora.

antebraço — itagara.

mão — ikerá.

dedo — ikerako.

unha — ikinage.

joelho — ipogoda.

coxa — ipobona.

perna — itori.

tornozelo — iurerupe.

calcanhar — iureda.

pé — iure.

dorso do pé — iurerá.

sola — iureka.

artelhos — iureko.

unha do artelho — iurege.

pele — iwire.

osso — ra.

vísceras — peguro.

coração — uabo.

fígado — aka.

sangue — kogua.

sêmen — boenoboé.

saliva — kodoguro, fatoguro.

suor — boeru.

excrementos — epe.

De animais:

cauda (jaguar) — o (adugo-o).

bico — oto, ato.

asa. — kana.

cauda (ave) — aiyega, eaga.

pluma da asa — iköda.

pluma pequena — bo.

garras — buregi.

chifre (de boi) — kiga.

carne — kodö.

guelá — ruo.

pulmão — bari.

estômago — kubiri.

rim — taude.

pâncreas — ika.

bexiga — ikorudza.

SOL — meri.

leste — baru yuákodódo.

meio-dia — barataya bukedyeo.

oeste — meriekódo.

lua — ari.

lua-nova — ariruto.

estrêla — kuyedze.

via-látea — kuyedze erugudo.

dia — merige.

noite — boesodo.

céu — baru.

nuvem — boetugo.

chuva — bubutö.

trovão — boyarulu.

raia — boigaba.

vento — bakuro.

fumaça — yereduto.

fogo — yoro.

cinza — **erugudo**.
água, rio — **paba**.
monte, pedra — **tori**.
terra, chão barro — **moto**.
saibro — **tariguro**.
praia — **kôgaro**.

PAI — **iuga**.
mãe — **imuga**.
filho — **imedo**, (pequeno) **imedrogo**.

criança — **itunaregedo**.
avô — **iedaga**.
avó, tia — **imarugo**.
irmão do pai — **iugomana**.
irmão da mãe — **iure**.
irmão mais velho — **imana**.
irmão mais novo, primo — **ivie**.
irmã — **ituye**.
marido — **ituredo**.

espôsa — **ituredudze**.
solteirão, virgem — **toado**.

viuvo, viuva — **iugotse**.
cunhado — **inodou**.
homem — **ime**.
mulher — **areme**.
menino — **medo**.
menina — **aredo**.
grupo de caçadores — **aróc**.
grupo de meninos — **nege** χ **ugure**.
grupo de meninas — **nogare** χ **ugure**.

cacique — **baimedzera**.
médico-feiticeiro — **bari**, **aroe-tuarari**.

ARCO — **baiga**, **bahiga**.
flecha — **tugo**, **to**.
flecha (ponta de osso) — **tôgora**.
flecha (ponta de bambú) — **butöiya**, **butöiya**.
flecha (harpão) **kuya**.
flecha (ponta rombuda) — **todo-bare**.

canoa — **ika**.
rede de pescar — **buke**.
anzol — **buoda**.
espingarda — **boiga**.
bala, chumbo — **boigato**.
pólvora — **urugudo**.
machado — **paro**.

machado de ferro — **paro-merire**.
faca — **tariga**.
canivete — **tarigarago**.
tesoura — **pinai**.
ferro — **meride**, **merire**.
panela de ferro — **ruobo-merire**.
concha para raspar — grande — **ato**.
concha para raspar — pequena — **atrebo**.
madeira para cavar — **taibo-botora** (palmeira seriba).
pata de tatú-canastra — **kadori-nogi**.

CASA — **iuai**.
casa dos homens, ranchão — **baíto**.
rede — **kuga**.
esteira para dormir (caussú) — **koto**.
esteira — **kekiko**.
esteira (buriti) — **be-to**.
banquinho — **irá**.
cabaca — **paari**.
cuia grande — **pagoga**.
cuia pequena — **imoreuge**.
pote grande — **aria**.
pote pequeno — **ruobo**.
pilão — **kaia**, **kaya**.
mão de pilão — **kaiporu**.

cestinha — **mitsigu**, **maridoro**.
cesta de defunto — **bakite**.
cestinha (palha de milho) — **pa-pao**.
abano — **bakoreo**.
canastra — **kodrabo**.
fio de algodão — **akigo**.
fuso — **otora**.
pente — **puduga**.

atadura de embira para mulheres — **kadabíe**, **kudohíe**.
cinto de cortiça — **pareuvái**.
laço do penis — **inobá**.
vestimenta — **aroya**.
chapéu — **itatodau**.
corrente para os lábios — **araru-leu**.
botoque de resina para os lábios — **bokodaga**.
perfurador para os lábios — **baragara**.

tatuagem — ^vkurudza.
faixa de lacre — itaguru.
missangas — boura.
diadema de plumas (arara) — **pariko**, **kurugúga** (falcão) (1).
pluma para as orelhas (cauda da arara) — **nabuleaga**.
colar de dentes de jaguar — **algoturieri**.
enfeite para o peito, do tatú-canasta — **bakadori**.
cordões de "suspensório" — **akigo**.

FLAUTA — **ika**.
chocalho de cuia — **bapo**, **baporubugu**.
flautinha de cuia — **poari**.
zunidor — **aídye**.
bolas de espiga de milho — **papao**.
chicote de plumas — **tagora**.
dança circular — **kahité**.

BUGIO — **pai**.
macaco — **dyúkuo**.
morcego — **käh**.
jaguar — **adugo**.
puma — **ariga**, **aíga**.
lontra grande — **ipíe**.
lontra pequena — **dyomu**.
guará — **ri-e**.
raposa do campo — **rapore**.
coatí — **kudobu**.
capivara — **akíua**.
agutí — **mäh**.
paca — **apu**.
tatú (liso) **rä**, **lä**, (cascudo) **okuari**, **enokuri**.
tatú-canasta — **bokodori**.
porco-espinho — **i-we**.
tamanduá-bandeira — **buke**.
tamanduá-mirim — **apoga**.
veado do campo — **orogu**.
veado do mato — **poboga**.
cervo — **atubo**.
porco caitetú — **dyui**.
bisão — **dyugo**.
tapir — **ki**.
novilho — **tapira** (língua geral).

cão — ^v**kasoro** (portug.).
cavalo — **kavaro** (portug.).
burro — **buro** (portug.).
ave — **kiogorogo**.
arara vermelha — **nabure**, azul **kutoro**, de peito amarelo **kuído**.
papagaio — **kurao**.
periquito — **kida**.
urubú — **pobureo**.
urubú-rei — **bái**.
falcão — **kuruguga**, **baruge**.

^v
japú — **tsuavo**.
ibiyau — **petuguya**.
tucano — **apodo**.
galinha — **kogoriga**.
joó — **kuo**.
perdiz — **parikiogodo**, **luodo**.

^v
jacú — **parigogo tsereo**.
jacutinga — **parigogo**.
mutum — **kudye**.
pomba — **metugu**.
pato — **trubare**.
seriema — **bä-u**.
gavião — **tayama**.
ema — **pari**.
caimão — **uai**.
lagarto — **amema**, **tuogu**.
liguana — **irui**.
tartaruga do rio — **upé**, **baigabe**, **derego**.

[<]
cágado terrestre — **dzorigipe**.
cobra — **auago**.
sapo — **ru**.
peixe — **kare** (2).
peixe-cão — **amigi**.
piranha — **biogo**, **buiyoga**.
dourado — **okoge**.
matrinchã — **araru moreo**.
pakú — **pobo**.
bagre pintado — **orari**.
raia — **meru**, **atamo**.
abelha, mel — **miau**, **cera mиаu-bori**.

^v
formiga — **mitsege**.
termita — **koíuvo**.

^v
mosquito — **mase**.

(73) — O nome provém, evidentemente, do jacú perigoso. Em quase tôdas as tribus por nós visitadas a denominação do ornamento é formada pelo nome do animal e das partes que o compõem.

(74) — Os Borôro da casa dos homens ditaram-me aproximadamente 80 nomes de peixes.

vespa — atuge.
môscas — ruke.
aranha — makáigo.

MADEIRA, ÁRVORE — ipo.

mato — itora.
roça — boepa.
lenha — yurige.
fôlha — laru.
haste — itora.
flor — oku.
tronco — ukua.
milho — kuyeda.
pão de milho — amüreu.
mandioca — yureo.
farinha de mandioca — yureo-
kuto.

(batata doce), — oturo, ^vpagadzi
etc. 7 espécies de tubérculos,
que não são *Batata edulis*.

pimenta — kumara.
jatobá — bokuadí.
mangave — bato.
piqui. — eko.
palmeira burití — marito.
vinho de burití — uoro.
palmeira oaussú — noido.

palmeira acurí — apido.
palmeira seriba — batora.
tabaco — mäh.
genipapo — biye.
urucú — nonogo.
capim — boko.
bambú — (taquara) — kado.
cana ubá — ariru.

^v
ananaz — otse.
banana — manana (portug.).

EU — imi — (v. cap. XVII, III,
in fine).
tu — aki.

VERMELHO, alaranjado — kud-
^v
zagoreo.

amarelo — küreo, ekureo.
branco — kigadreo.

^v ^v
preto — tsereo, sereo.
azul, verde — kauarureo.

NÚMEROS — v. fim do cap.
XVII.

NEGAÇÃO — bókua, bokuáre.

692

II — AS TRIBUS MATOGROSSENSSES SEGUNDO ATAS CUIABANAS

Visto ser muito incerto o destino reservado ao Arquivo da Diretoria dos Índios, discutido numa nota do capítulo XIV, julgo conveniente comunicar o meu resumo. Começo com as tabelas de 1847 e 1872.

1848			1872
1	Caiuá	?	Cercanias do Rio Iguatemi (75) ?
2	Chamococo	200	Margem direita do Paraguai, perto de Baía Negra 200
3	Guaicurú } Cadiuéo	850	Paraguai, abaixo de Coimbra 850
4		} 500	A leste do Paraguai e ao sul de Miranda 100
5			Lalima (76), perto de Miranda — 78)
6		130	Albuquerque — 79)

(75) — O Rio Iguatemi é afluente do Paraná, no qual desemboca pouco acima do Salto grande das Sete Quedas.

(76) — 6 léguas ao sul de Miranda.

(77) — Afluente do Paraguai. O Registro ou Registo (v. n.º 14) é posto aduaneiro, situado na estrada que leva de Cuiabá a Mato Grosso.

(78) — Faltam na relação.

		1848	1872
7	Guaú	Guanáz 200	Albuquerque e perto de Cuiabá — (80)
8		Kinikináo 1000	Mato grande, perto de Albuquerque-Miranda —
9		Terena 2000	Miranda —
10		Laiana 300	Miranda —
11	Guachí	?	Miranda — (81)
12	Guató	500	Paraguai e S. Lourenço, Lagoa Gaiba e Uberaba 50 (82)
13	Borôro da Campanha	180	A oeste do Paraguai, perto do Marco do Jaurú (77) 180
14	Borôro Cabaçais .	110	Registo do Jaurú e Campos da Caçara 40
15	Kaiapó	200	Entre as nascentes de S. Lourenço e do Taquarí, entre o Paraná e o Paranaíba 400
16	Coroados	?	Nascentes do S. Lourenço ?
17	Bakairí	200	Nascentes do Paranatinga 200
18	Cajabí	?	Nascentes do Paranatinga ?
19	Barbados	400	Margem direita do Paraguai e Serra dos Paressí 400
20	Paressí	250	250
21	Maimbaré	400	Campos e Serra dos Paressí 400
22	Cabixí	500	
23	Nambiquara	600	Rio do Peixe (na direção do Arinos) 600

(79) — Faltam na relação.

(80) — Foram levados, pelos paraguaios, para Assunção, onde morreram todos.

(81) — Faltam na relação.

(82) — Desapareceram quase por completo, em consequência da Guerra do Paraguai e da varíola.

		1848		1872
24	Tapanhuna	800	Ribeirão dos Tapanhuma (na direção do Arinos)	800
25	Apiaca	2700	Arinos e Juruema	2700
26	Mequen	?	A leste Guaporé	?
27	Guarayo	?	A oeste do Guaporé	?
28	Cautario	?	Nas duas margens do Mamoré e do Madeira	?
29	Pacá	?	Margem oriental do Mamoré Margem ocidental do Mamoré Margem do Mamoré e do Madeira	?
30	Cenabó	?		?
31	Jacaré	?		1000
32	Caripuna	1000	Margens do Madeira até ao Jamarí (83)	?
33	Arara	?		
		13020		8670

Dou, a seguir, as explicações de 1848, acrescentando, entre parenteses, as poucas observações que de anos posteriores, mereciam ser transcritas. Além disso, o fascículo da Diretoria continha quase que exclusivamente notas referentes ao pessoal e à administração.

1. *Caiuá*. Pouco conhecidos. Bastante numerosos. São sedentários e ocupam-se de agricultura.

2. *Chamococo*. Distribuidos em pequenos grupos, ocupando grande zona de matas ao sul de Coimbra, perto da Baía Negra. Fortes, bons trabalhadores, pouco inteligentes. Caçadores ocupam-se um pouco com criação de cavalos. Nus; as mulheres cobrem a nudez com um tecido de embira e caraguatá (84). Do mesmo material confeccionam-se sacos para mantimentos. Nenhuma outra indústria. De vez em quando em pé de guerra com uma tribo de igual nome e estabelecida no oeste. Vendem seus filhos a Guaicurú e Guaná em troca de machados, cavalos

(83) — Desemboca no Madeira, 14 léguas abaixo da cachoeira de Santo Antônio.

(84) — *Bromeliae spinosae*, denominada vulgarmente "gravatá".

e pano de algodão. Não são hostís, mas também não se inclinam a associar-se aos brasileiros; quatro ou cinco falam português. Uma vez por ano, quando muito, alguns aparecem em Miranda ou Albuquerque. Embriagam-se freqüentemente e roubam às vêzes.

3-6. *Guaicurú Cadinéu*. Afamados desde os primeiros tempos por causa de sua resistência. Cêrca de 800, nas duas margens do Paraguai, abaixo de Coimbra. Divididos em várias hordas. Moram em tendas formadas de varas e peles, ou esteiras. Caça, pesca, nenhuma agricultura. Muitos cavalos, algum gado lanígero, porcos, galinhas. Nenhuma indústria. Vivem em guerra contínua com os vizinhos, mantendo relações pacíficas com os brasileiros. São orgulhosos e traiçoeiros; aparecem com trabalhos trançados, afim de trocá-los por aguardente, cavalos, etc.

Relatório de 1872: *Guaicurú Beaquéu*. Cêrca de 100 indivíduos numa aldeia perto de Miranda. Caça, pesca. Milho, pororóca, (85) mandioca, batata doce, cará, abóbora, cana de açúcar. Alguns cavalos, algum gado lanígero, aves e porcos. Raptam mulheres e crianças dos Chamococo bem perto dos Enimá do vizinho Paraguai. Tecem lindos ponchos, rêdes de dormir, faixas de carregar e cintos. São orgulhosos, tendo tendência para a embriaguês e o roubo.

7. *Guaná*. Aldeia perto de Albuquerque, distando meia légua de Cuiabá.

8. *Guaná Kikináo*. Cêrca de 800 na aldeia I no Mato Grande, a oeste de Albuquerque; aldeia II com 200, perto de Miranda.

9. *Guaná Terena*. Vivem aldeiados nas redondezas do presídio de Miranda.

10. *Guaná Laiana*. Idem.

Relatório de 1858: *Guaná e Kinikináo* na aldeia de *Nossa Senhora do Bom Conselho*, sob a direção do excelente Frei Mariano de Bagnaia, que, tendo saído para gosar suas férias, ficou em São Paulo. Tinham mestre-escola, professor de música e alfaiate. Terena e Laiana na *Aldeia da Vila de Miranda*.

Relatório de 1861: Já muito antes da fundação da Diretoria, os Kinikináo moravam no distrito de Albuquerque, a 3 léguas da cidade, na aldeia de *Nossa Senhora do Bom Conselho*. A Di-

(85) — E' uma variedade do milho chamado também pipoca, servindo principalmente para a confecção de um bolo parecido com biscoito.

retoria tratou de fazer ordem pela missão de Frei Mariano. Para os Terena, Laiana e Guachi — em número de 2.500 — fundou-se, no dia 30 de abril de 1860, um aldeamento, a uma légua da vila de Miranda. (Contradição com o relatório de 1858).

11 *Guaxí*. Tribu quase extinta. Vale também para eles, mais ou menos, o que foi dito em relação aos Guaná e Guaicurú de Miranda, onde também estão estabelecidos.

12. *Guató*. Na margem direita do Paraguai e nas lagoas desde a desembocadura superior do Paraguai-mirim até um pouco abaixo de Escalvado, também na desembocadura do S. Lourenço e do Cuiabá. Durante a estação chuvosa vivem na região alagada dos campos. Constroem ranchos, pequenos e baixos, permanecem durante o dia nas canoas, que são bem trabalhadas, pequenas e velozes. De quando em quando vê-se um Guató com cinco ou seis canoas repletas de mulheres e crianças. Geralmente têm duas mulheres, alguns se contentam com uma só. Às vezes cultivam um pouco de milho, mandioca e frutas; fazem-no, porém, mais por lambarice do que para sustento da vida. Recolhem, também, mas só para suprir as necessidades do momento, o arroz silvestre, que aí cresce em abundância. São muito destros no manejo de arco e flecha; caçam o jaguar com a lança e o dardo de arremêso. Comércio de trocas extremamente amigável. Os homens começam a usar calças e camisa, e as mulheres adotam a saia. São fiéis, leais e inofensivos, mas mostraram em várias ocasiões, que sabem opôr resistência e vingar ofensas. Pendem muito para a embriaguês. A maioria entende a nossa língua, e muitos adultos falam-na.

Relatório de 1872: Esta tribu está quase extinta.

13. *Borôro da Campanha*. Dois grupos: 1) aldeia na Bolívia, perto de Salinas, 2) aldeia em frente de Escalvado na margem direita do Paraguai, a uma légua do rio. São pacíficos, dedicam-se à agricultura, têm porcos e galinhas. Rêdes de algodão. Alguns falam português. Trouxeram freqüentemente escravos e desertores da Bolívia aos postos militares. 150-200.

Diz o relatório de 1858: Uma parte mora nas Campanhas de Marco, e outra além do arrôio Corixa.

14. *Borôro Cabaçais*. Duas hordas, bravas até há pouco tempo, das quais uma nas nascentes do Jaurú, a outra nas do Cabaçal. Fizeram numerosos ataques na estrada que vai de Cuiabá a Mato Grosso (86) pelo que freqüentemente se enviaram tropas con-

(86) — Nome que foi dado posteriormente à Vila Bela, no Guaporé.

tra êles, as quais eliminaram muitos, sem distinção de idade e de sexo. Êles mesmos não queriam fazer prisioneiros, mas matabam quantos podiam, sem distinção de sexo e de idade. Alimentam-se dos frutos que a terra produz espontâneamente e plantam, quando muito, um pouco de milho pururuca, que comem antes de amadurecer, batata doce e bananas. Não têm indústria. Possuem arcos e flechas, potes mal acabados, bem como peças trançadas de palha, com as quais cobrem parcialmente a nudez. Em 1842 o reverendo vigário de Mato Grosso, Padre José de Sá Fraga, conseguiu levá-los, por meio de palavras bondosas, gestos afáveis e presentes, a uma fazenda de sua propriedade no Registro de Jaurú; aí ficaram todos, em número de 177, a partir de 1.º de abril de 1843; estão hoje reduzidos a 81 indivíduos. Nestes 5 anos mostraram pouca inclinação para a agricultura, vivendo do que caçam com arco e flecha.

15. *Kaiapó*. Entre o Paraná e o Paranaíba e nas nascentes do São Lourenço e do Taquarí. Alguns estão estabelecidos no destacamento do Piquirí, outros no Pôrto do Paranaíba, na estrada que leva a São Paulo, ainda outros, finalmente, vivem na mata. Caça, pesca, cultura de milho, arroz, mandioca, batata doce e cana de açúcar. Fabricam um pouco de rapadura (açúcar cru, cozido). Possuem porcos, galinhas, até algumas vacas e cavalos. Falam, quase todos, português. Muitos se alugam. E' provável serem êles os autores de alguns roubos atribuidos aos Coroados.

16. *Coroados*. Nas nascentes de vários tributários do São Lourenço. Possuem-se poucos informes sôbre seu número e suas propriedades; fogem ou manifestam-se hostis. Fizeram queimadas até a vinte léguas de Cuiabá; com o intervalo de alguns anos mandam-se por isso, contra êles, tropas que matam os adultos, prendendo as crianças, método que absolutamente não favorece a conversão.

17. *Bakairí*. Nascentes do Paranatinga e curso superior do Arinos. São de índole extremamente pacífica. Fogem dos ataques de seus inimigos, os Nambiquara, Tapanhuma e Caxabí. Vivem de caça e pesca, plantam milho, mandioca, batata doce, cará, feijão, favarricas e cana de açúcar. Seus utensílios agrícolas são fabricados de pedra e cerne. Sua indústria: rêdes com malhas de algodão ou tucum, peneiras trançadas e cestinhas. Só muito poucos compreendem a nossa língua, entretanto manifestam o desejo de aprendê-la. A Sra. Da. Feliciano Guerbina Pereira Coelho, abastada proprietária de terras no distrito

da Serra superior (87), trata-os com afabilidade, dá-lhes presentes e pronuncia-se de maneira sobremodo favorável a respeito de sua fácil conversão. São inimigos dos

18. *Cajabí*, selvagens indômitos das proximidades do Salto.

19. *Barbados*. Um único aldeamento na encosta da Serra dos Parecí, nas cabeceiras do Rio Vermelho, afluente do Paraguai, ao longo do qual vagueiam, chegando até ao próprio Paraguai. Milho, mandioca, batata doce, cará. Utensílios de pedra e cerne. Não têm pecuária nem indústria. Não vivem em pé de guerra com outros gentios; evitam o contacto com os brasileiros, mas são traiçoeiros, tendo atacado, por duas vezes, viajantes que passavam pela estrada que medeia entre Diamantino e Vila Maria.

20. *Paressí*. 200, outrora célebres e belicosos. Vários grupos na Serra e nos Campos dos Paressí, entre Diamantino e o distrito de Mato Grosso. Fazem, de quando em quando, visitas, trazendo, para comerciar, peneiras, cestos, cordas de rêdes, plumas, tigelas e tabaco, muito apreciado pelos fumantes, o qual eles mesmos preparam completamente, envolvendo-o com urumbamba (88). Poucos falam e entendem português. Não cometem hostilidades francas, mas associam-se, às vezes, aos Cabixí, afim de praticarem malefícios.

Relatório de 1858: Muito reduzidos em consequência das caçadas de escravos realizadas pelos paulistas. Receberam os primeiros presentes em 1856.

21. *Maimbaré*. Mais numerosos do que os Parecí, com os quais mantêm relações e em cuja companhia às vezes aparecem em grupos de famílias nas regiões ermas dos Campos dos Parecí. Caça, cultura de milho, mandioca, bananas, batata doce, cará.

22. *Cabixí*. Numerosos, em diferentes aldeias, 15-20 leguas a Noroeste do Arraial de São Vicente. Hostís; vêm, roubando e queimando até as proximidades de Mato Grosso, pelo que algumas vezes se mandaram forças militares contra eles.

23. *Nambiquará*. 600 na confluência do Rio do Peixe e do Arinos. Caça, pesca, frutos da Serra, utensílios de madeira e pedra. Vivem habitualmente em guerra com os vizinhos, sobretudo com os Apiacá. Não querem ter relações com os brasileiros, atacam canoas que viajam ao Pará, mas têm grande horror às armas de fogo e não manifestam resistência franca.

(87) — Fica, segundo Antônio, perto de Lagoinha.

(88) — *Desmoncus rudentum*, *desmoncus macranthus* Mart., palmeiras convolvuláceas.

24. *Tapanhuna*. Vale também para eles o que foi dito sobre os anteriores. Cêrca de 800, na confluência do Tapajós e do Arinos.

25. *Apiaká*. Habitantes do Juruema, frequentam também as margens do Arinos. Possuem utensílios de ferro, dedicando-se à agricultura, caça e pesca. Mantêm-se, nas suas lutas com os Nambiquará e os Tapanhuna, principalmente em atitude de defesa, embora não tenham abandonado, absolutamente, os seus antigos hábitos antropófagos. Auxiliam os viajantes, vendem farinha de mandioca, milho torrado, cará, batata doce, aipim, feijão, melancias, abóboras, aves e mel, bem com rédes de algodão ou tucum, de malhas grandes, e ornatos de plumas.

26. *Mequem*. No afluente homónimo do Guaporé, entre os Guaraio e Palmela. Fogem; não aceitaram os presentes que se lhes colocaram no mato.

27. *Guaraio*. Numa localidade de nome Pan Cerne, a 50 léguas de Mato Grosso. Mandioca, feijão, milho; caça, pesca. Fazem visitas aos viajantes.

Relatório de 1850: Mudaram-se, em 1852, de Pan Cerne para a aldeia de Santa Inez, pouco abaixo de Mato Grosso. 31 tribus de 40 famílias = 1240, provenientes, ao que se admite, de um aldeamento da província boliviana de "Mofos" (não "Moxos").

28. *Cautario*. Nos rios homónimos entre o Mamoré e Forte Príncipe. Pesca, caça, frutos silvestres, mandioca. Fazem-nos tanto mal quanto podem. São salteadores, traidores e assassinos.

29. *Paceá*. A leste do Mamoré, da foz de Guaporé até à primeira cachoeira. Completamente desconhecidos.

30. *Senabó*. A oeste do Mamoré, até à primeira cachoeira. Desconhecidos. Em pé de guerra com os Jacarés (31).

31. *Jacarés*. A oeste das cachoeiras do Mamoré, até ao Madeira. Mansos, prestam auxílio aos viajantes. Caça, pesca, agricultura.

32. *Caripuna*. Mais de 1000, divididos em grupos, na zona das cachoeiras do Mamoré e Madeira. Caça, pesca, cultura de milho, mandioca, bananas, cana de açúcar, batata doce. Pacíficos, sem inclinação para o assassinio, nem sempre se abstêm do furto. Prestam valiosos serviços nas cachoeiras, fornecem também aos viajantes, farinha de mandioca, embira, condimentos, guaraná. A maioria dêles fala e compreende a nossa língua. Já estiveram aldeados no destacamento do Ribeirão, tendo sido batizados muitos dêles.

33. *Araras*. Bastante numerosos no Madeira e no Salto do Girão, até ao Rio Jauari. Caça, pesca, agricultura. Fiam algodão. São bravos, vivendo continuamente em guerra com os Muras e outros vizinhos; devoram os inimigos aprisionados.

Chiquitos. Em Caslavasco existem ainda uns 60 dêstes índios, que restaram das antigas emigrações da Bolívia. Cultivam a terra, fiam e tecem algodão; alguns estão empregados como vaqueiros na Fazenda Nacional que aí se encontra.

III — *Crendices populares de Cuiabá*

A nossa casa em Cuiabá era uma “*casa assombrada*”, na boa e na má acepção do termo; uma casa de um frescor “sombroso”, na qual, além disso, havia duendes; a cozinheira preta, também muito sombreada, quis abandonar-nos, continuando a nosso serviço só porquê à noite podia voltar para a sua própria residência. Constando-se que na cidade de Cuiabá e seus arredores são, ao que parece, uma zona preferida pelos espíritos e pelas bruxas, não se deve esquecer que a população da camada social inferior recebeu de três partes do mundo contingentes para constituir o seu corpo de crendices populares; os índios, os negros e os europeus contribuíram na formação. Embora precisamente êstes últimos tenham fornecido enorme profusão de material, sobretudo os negros são considerados nicromantes de primeira categoria; a feitiçaria, muitas vêzes, chama-se simplesmente “mandinga”, e ao feiticeiro, “mandingo”, têmos provenientes duma tribo africana de Senegambia, de onde se trouxeram muitos escravos. Não raro podem-se ver negros idosos que caminham murmurando consigo mesmos, agachando-se e riscando sinais na areia; dão, a quem os observa, a idéia de que estão afugentando maus espíritos. E sempre aparece algum negro que se torna célebre pelos seus remédios contra as cobras. Falaram-se de dois aldeamentos de escravos fugidos (quilombos), que ficam no caminho para Goiaz, e cujo habitantes, de tempos em tempos, se enfeitiçavam mutuamente de aldeia para aldeia. De um dos quilombos enviou-se certa vez um sapo, em cujo dorso se pendurara uma bolsinha (uma pequena “bruaca”) com veneno para matar alguém do povoado vizinho; o destinatário, no entanto, notando a chegada do animal, gritou “vai-te embora” e acrescentou alguns versinhos que, por sua vez, deviam produzir algum mal na outra aldeia. O sapo, carregando a pequena mochila de veneno, caminhava, assim, de uma aldeia para a outra, até que o mais forte, disparando, ainda,

um tiro de espingarda na direção do inimigo, venceu sobre o outro, que morreu. A Ásia, por seu turno fornece representantes em forma de ciganos. Diz-se que até não são muito raros entre os moradores da região. Regista-se também, de vez em quando, a visita de armênios, que ficam em Cuiabá durante o intervalo entre dois vapores; o fato desperta sempre muito interesse, porque os enfeites e as relíquias correspondem perfeitamente à índole do povo.

Com o tempo tão limitado de que pude dispôr para recolher material referente ao assunto em questão, não me é possível apresentar algo de uniforme e completo; o leitor encontrará preponderantemente velhos conhecidos, ficando admirado de vê-los arraigados em lugar tão afastado. Obtive o material, em parte de compatriícios residentes em Cuiabá há mais de quinze anos e aí casados com mulheres de côr mais ou menos acentuada, um dos quais estava mesmo convencido da verdade intrínseca dos fatos que relatava, acreditando sobretudo firmemente nos poderes mágicos dos negros — e em parte de brasileiros, especialmente de um sacerdote católico, cuiabano.

Mãe de ouro. E' hábito das mulheres colocarem objetos de ouro no primeiro banho que dão ao recém-nascido, isto para que este, mais tarde, chegue a ser um homem rico. Não é mais do que justo falar em primeiro lugar da Mãe de ouro, em que tanta gente pôs as suas esperanças nessa cidade fundada em atenção às minas de ouro. E' da palavra portuguesa *meteoro* que se formou a denominação *Mãe de ouro*. A esfera luminosa representa uma mina de ouro em movimento. Para designar o mesmo fenómeno emprega-se igualmente o termo tupí *boitatá* = cobra de fogo; o "diabo" passa pelo ar em forma de bola luminosa deixando cair o ouro para aquêle com que fêz o pacto. Existe, também, uma mina de ouro, que é freqüentemente ferida pelo raio. Quando cai um meteoro costuma-se dizer "mãe de ouro mudou". Surge da terra uma bola de fogo, e 2 — 5 léguas adiante a bola entra novamente no chão. Houve gente que correu atrás, encontrando, no dia seguinte, até 1/4 de arroba (4 kg.) de ouro.

A mulher a que se refere a denominação *mãe de ouro* é uma realidade. Em Rosário, à montante do Rio Cuiabá, morava, no lugar em que agora está a capela, um senhor cruel, cujos escravos diariamente tinham de entregar ouro. Um negro velho, Pai Antônio, durante uma semana inteira não havia encontrado nenhum; vagueava cabisbaixo pela zona, temendo o castigo. Viu, então, súbitamente uma mulher, sentada, branca como neve, e com linda

cabeleira loira. Perguntou-lhe a mulher pelo motivo de sua tristeza, e disse-lhe: "Vai comprar-me uma fita azul, vermelha e amarela, um pente e um espelho". O preto arranjou as coisas pedidas e voltou com elas. A mulher indicou-lhe um lugar, e ele tomou a bateia, encontrando muitíssimo ouro, que foi entregar ao seu dono. A mulher, porém, lhe proibira revelar o lugar em que achára o metal. Pai Antônio foi então maltratado e açoitado todos os dias, até que, desesperado, foi novamente à procura da mulher. E, de fato, encontrou-a com seu lindo cabe'lo reluzente como ouro, e ela permitiu-lhe denunciar o lugar do achado; mandou dizer ao dono que cavasse aí com todos os seus homens e haveria de encontrar um grande pedaço de ouro. O patrão trabalhou com 22 escravos; acharam grande quantidade de ouro, que continuava para o fundo como um tronco de árvore, de tal modo que até nem foi possível alcançar a base. A mulher, porém, mandou ao escravo que no dia seguinte, pouco antes do almoço, pedisse licença para se retirar um pouco antes do meio-dia. O patrão e seus homens, que foram cruelmente açoitados, trabalharam desesperadamente para tirarem o tronco de ouro; pouco antes do meio-dia disse Pai Antônio "estou com dôr de barriga", e afastou-se. Dentro de pouco ruíu tudo, o patrão e seus homens foram soterrados e nunca mais foram vistos. Pai Antônio viveu ainda muito tempo e chegou a mais de cem anos de idade. Baseando-se na sua narração, uma sociedade anônima de Cuiabá realizou grandes escavações.

Patuá. Em tupí, *patuá* quer dizer caixa, caixão, designam-se com essa palavra tôdas as modalidades de magia que dão sorte. Na noite de quinta para sexta-feira santa vai-se entre as 11 e 12 horas, buscar patuá numa encruzilhada, p. ex. junto à cruz que fica na estrada que leva a Coxipó. Pode-se, então, fazer um pacto com o diabo e pedir sorte nas cartas ou com as mulheres, talento para tocar violino, certeza no tiro, e outras coisas mais. Os negros vão armados dum grande sabre. Às vezes são assaltados por um animal feroz, mas quando prosseguem no seu caminho, encontram o diabo-mor, em forma de bode, boi, sapo ou rã. Permite que beijem o traseiro, concede-lhes a realização do desejo por determinado tempo, e ordena-lhes que venham uma vez por ano à assembléia geral. Não adianta pedir dinheiro. E' proibido proferir o nome dalgum santo. Também há mulheres que vão buscar patuá. Uma viu um grande bode preto, pediu a coragem de fazer o seu pedido e gritou "Maria Santíssima!" Desde aquêlo momento, ela julgava sempre estar queimando e sacudia as roupas como se visse fogo, e morreu após pouco tempo.

Patuás são igualmente os amuletos “de santos ou do diabo”, os primeiros, na maioria, trabalhados pelos italianos, assim os de Santa Lúcia contra a vista fraca, coração de Jesús, os do Espírito Santo contra todos os males, e a “figa” (v. mais abaixo) contra o mau olhado. Mais preciosas, no entanto, são as *pedras de sapo*, que não se podem comprar a dinheiro. Havia um italiano que tinha um anel com três pedras de sapo, que ele não teria vendido nem a troco duma fortuna; colocando-se na mesa uma série de pratos cheios de comidas, algumas das quais envenenadas, o anel ficava escuro e sujo quando era segurado sobre algum dos pratos com veneno. Com um pano pegava-se um sapo que se põe em cima de um poste que esteja exposto ao calor do sol. Em torno da base do poste coloca-se um pano vermelho de bandeira, e fere-se o animal por meio duma vara pontuada. Irritado pelos raios solares e pela vara, o sapo deixa cair da boca algumas gotas de veneno, que se transformam em pedras duras.

Afirma-se ser proveniente dum cigano o seguinte preceito: Na sexta-feira santa prega-se numa tábua nova um sapo feio e corcunda na posição de um crucificado, e deixa-se o animal no sol desde a manhã até à noite; o sapo grita horivelmente e morre. O corpo do animal fica secando ao sol, durante mais três dias, permanecendo, em seguida, perto do fogo até que possa ser pulverizado. Soca-se todo o sapo. Tomando-se um pouco de pó, soprando-o, por meio dum tubo, num buraco de fechadura, esta se abre imediatamente.

Havia um negro que tinha o poder de abrir qualquer porta, e servia-se dêle para as suas aventuras amorosas. O dono prometeu-lhe uma roupa se lhe desse uma mostra de sua arte; imediatamente o preto abriu a porta da sala, que estava bem fechada. À força de chicote foi-lhe extorquido o segredo: Tinha, penduradas ao pescoço, três fôlhas que recebera do picapau, que abre as árvores. Prega-se uma tabuinha no ninho dum picapau quando a fêmea está fora, e limpa-se cuidadosamente o chão em derredor. O picapau vem, não pode abrir o ninho, desaparece novamente, voltando depois com uma fôlha no bico; começa a picar e deixa cair a fôlha, que se deve pegar antes que tenha tocado o solo. Repete-se isso três vêzes, e com a terceira fôlha a tábua se afasta para o lado. Batendo-se com êsse “breve” (!) de fôlhas em qualquer porta, ela logo se abre.

Para livrar-se de quaisquer vínculos ou prisões basta que, na noite de quinta para a sexta-feira santa, se pegue uma giboia (*Boa Cenchria*), que se estica entre duas árvores. A cobra não

morre, mas desaparece durante a noite. Toma-se a corda com que esteve amarrada, e ata-se esta em tórno da cintura. Assim é fácil livrar-se de toda espécie de vínculos.

Para tornar-se invisível, recorre-se a um processo semelhante ao do picapau. No ninho dum urubú-rei (*Sarcoramphus papa*) mata-se o pai ou um filhote quando a mãe estiver ausente, e deixa-se o animal morto no ninho. A mãe busca uma pedra, deixando-a cair do bico sobre o cadáver. Com a mão levanta-se a pedra, que não se pode ver, mas apenas sentir e ouvir. Obtém-se, com isso, patuá. Guarda-se a pedra nalgum lugar, agarrando-a quando se quer ficar invisível. A vista dos que estiverem presentes ficará ofuscada, do mesmo modo como se dá com o possuidor da pedra em relação a esta.

Por meio duma oração dirigida a Deus é possível, igualmente, subtrair-se à vista dos homens; também neste caso trata-se de deslumbramento, e não de transformação propriamente dita. Os iludidos veem, então, um tronco de árvore, um formigueiro ou coisa semelhante, mas nunca algum animal. No campo cerrado uma mulher vinha ao encontro de dois cavaleiros; desapareceu subitamente. Os homens apearam-se; um deles pôs-se a carregar o seu cahimbo, enquanto o outro fez as suas necessidades junto a um formigueiro que antes não havia visto. Olhando, depois, para trás, viram novamente a mulher, mas o formigueiro desaparecera.

Em S. Mateus, na Bolívia, um soldado perdera o seu cavalo. Viu-se obrigado a carregar o arreio na cabeça. Caminhando assim, deparou com um esqueleto de cavalo; o sr. corregedor murmurou algumas frases mágicas, e eis que se levantou, arreado, o cavalo mais lindo que se pode imaginar; o soldado montou nêle, não conseguindo apeiar-se antes que alcançasse o destino da viagem; quando tirou o arreio do animal, êste se desfez em pó.

Curupira. Para os Tupí, *caypora* = “habitantes do mato” é um espírito da selva que rapta crianças, dando-lhes de comer em árvores ôcas, e que se apresenta em forma de jaguar ou outro animal; com forma diferente, de espírito zombeteiro, igualmente habitante da floresta, cabe-lhe a denominação *gurupira*, *corubira* (Martius, Zur Ethnographie Amerika's, p. 468, nota no fundo da página). Em Cuiabá chama-se Curupiras a anõezinhos nus, claros, quase loiros, que vivem em colinas ou em barrancos. Uns os descrevem como indivíduos bonitos, ao passo que outros os dão como feios; aparecem no tempo da lua cheia ou de dia, em número, de 2, 3 ou 5, e raptam crianças. Atravessam a montanha com

a mesma facilidade com que nós atravessamos o ar. Não se sabe qual seja a língua que falam; foram vistos centenas de vêzes, mas nunca ninguém os conseguiu pegar. As crianças que conseguem voltar, têm a mente turvada e não sabem contar nada.

Há um arbusto que faz a gente perder-se no mato quando se roça por êle. E' elétrico.

Os *fantasmas* povoam, mórmente, sítios abandonados. Quem assobia de noite, atrai-os para o interior da casa. Não convém lavar os pratos de noite, para que os espíritos encontrem o que comer, e só na manhã seguinte, quando êles se serviram, é que se devem lavá-los.

Em certa casa havia fantasmas: entravam pedras pela janela, a luz apagava-se, tôdas as noites ouviam-se os passos de alguém que arrastava os pés, as portas fechavam-se súbitamente, batia, e, quando se ia abrir, não se encontrava ninguém. O sogro, um caboclo, não tinha mêdo do diabo, e certa noite, estando de visita naquela casa, pôde observar as coisas que aí se passavam; gritou, então, com voz forte: "Irmão, irmã, quem quer que seja, deixe em paz a família, e vá à chacara em que eu moro!" No dia seguinte, alguém se sentou ao lado dêle na rêde; era seu defunto irmã que vinha pedir que Joanninha, a irmã dos dois, lhe perdoasse uma palavra, que não o deixava sossegado. O caboclo correu logo, chorando, à casa assombrada; Tia Joanninha chorou também e perdoou o extinto; a pobre alma não voltou mais.

Lobishomem. Das pessoas anêmicas admite-se frequentemente que, na noite de sexta-feira, vão ao cemitério, desenterrando e comendo defuntos. Transformam-se num "lobishomem". Êste tem a aparência dum grande cão, tendo as pernas trazeiras muito mais compridas que as dianteiras; corre — e muito depressa — com as pernas dianteiras (como que apóia a cabeça nos cotovêlos) dobrados para cima, na direção das orelhas. Há lobishomens pretos, brancos, amarelos, conforme a côr do homem. Se uma mulher dá à luz sete filhos homens, o primeiro ou o último se transforma em lobishomem. Êle mesmo não tem culpa disso, é o seu destino. Como imundícias em riachos e canais, voltando à forma humana para tornar a vomitá-las; daí o aspecto pálido e descorado.

Certa vez um homem, suspeitando de outro que fôsse lobishomem, convidou-o a tomar um trago: "*quer matar um bicho?*" Estando com êle a sós, coçou-o súbitamente atrás das orelhas como se faz com cachorros. O outro ficou furioso e correu embora; estava, pois reconhecido.

Desencanta-se o lobishomem: primeiro, por meio duma facada, que, para ser eficaz, precisa provocar a perda de uma gota de sangue apenas; segundo, por meio dum golpe desferido com uma lasca de bambú ou uma faca (não se deve empregar o facão): terceiro, por meio duma pedrada. O desencantado torna-se porém, inimigo figadal de seu libertador; procura matá-lo, prometendo-lhe, ao mesmo tempo muito dinheiro, em recompensa do benefício.

Mulas sem cabeça. Durante a semana santa, entre às 10 horas da noite e o primeiro cantar do galo, às duas horas da madrugada, vêm-se andar mulas sem cabeça pelas ruas de Cuiabá, ou mesmo no campo (89). Onde elas pisam, saltam faíscas; brigam umas com as outras e mordem-se, formando um amontoado em reboço; uivam e relinham horrivelmente. Uma criança que se aproxime demais, é levada por elas. Correm ao encontro de tudo que reluz. Quem as quiser observar sossegadamente, deve manter cuidadosamente escondidas as unhas, os dentes, os cravos dos sapatos, os botões de metal e coisas semelhantes, sendo, por isso, conveniente deitar-se com a barriga para baixo. Essas *mulas sem cabeça* são mulheres que, em vida, tiveram relações com sacerdotes; o castigo, porém, ameaça apenas as que anteriormente já tiveram outro compromisso e que viveram com o sacerdote durante sete anos. As mulheres de padre não vão para o céu, nem para o inferno, mas têm de errar pelo mundo. Por isso não é tão fácil aos padres, encontrarem moças que queiram viver com eles. Às vezes também se vêem as *mulas sem cabeça* em outra época do ano, mas sempre na noite de quinta ou sexta-feira. Quando alguma mulher de padre dorme, deixando aberta a porta, então vê-se pingar fogo da rêde, parecendo álcool incandescente.

Aparição noturna, semelhante às *mulas sem cabeça*, e que se observa em ruas solitárias, é a *porca com leitões*. Trata-se então sempre da alma duma mulher que pecou contra o filho nascituro. Quantos forem os abortos, tantos serão os leitões.

Para que um morto não volte, ponha-se de noite uma tesoura aberta debaixo do travesseiro. E' sempre recomendável ter uma tesoura aberta pendurada à parede.

Não se pendura a rêde numa vara transversal, mormente no acampamento. Pois é assim que se carregam os defuntos, e a vara usada para o transporte fica em cima da sepultura. Não con-

(89) — Até eu notei várias vezes que os cavalos comuns, de noite (quando andam pastando pelo campo) não têm cabeça.

vém deitar-se com os pés voltados para a porta, senão vai-se morrer e ser levado para o cemitério.

Um *gallo que cante à noite*, indica que uma menina da casa pretende fugir durante a noite. O *zangão* canta as saudades de parentes.

Quando a *comida cai da colher*, deve-se jogá-la sôbre ombro; pois deve ser algum parente que está sofrendo fome. Querendo-se promover o regresso do filho, marido ou outra pessoa ausente, enche-se um prato na hora da refeição, e depois de comer levanta-se o prato sôbre a cabeça, exclamando “O’, meu querido filho, etc., volte para casa!”

Zunidos no *ouvido* direito significam que alguém está falando mal de nós; dando-se o fâto com o esquerdo, alguma pessoa fala bem, e quando se ouvem os zunidos nos dois ao mesmo tempo, há, alguém que fala bem de nós, enquanto outro faz o contrário. Há também alguma pessoa falando mal, quando a gente morde na *língua*; nêste caso deve-se bater em cima do ombro em atitude de defesa.

Para fazer com que as visitas desagradáveis se retirem imediatamente, vira-se um chinelo ou uma cadeira de baixo para cima.

Sentindo-se *prurido* na mão, deve-se coçar sômente de fora para dentro.

Na “*doença de Lázaro*” chupam-se as orelhas até ficarem inchadas. Um curandeiro, recorrendo a êste meio, retirou da bôca do paciente gordos bichos, a causa da moléstia.

Como meio contra o *papo*, muito freqüente, usa-se, em tôrno do pescoço, um barbante fiado num domingo. Assim como o trabalho de domingo não faz ninguém progredir, o papo também não vai adiante. Não se retira o fio até que esteja podre.

Afim de evitar o *aborto*, o pai da criança lava as mãos, e a mãe bebe água. Demorando a saída das *secundinas*, raspa-se madeira do lado interno da soalheira da porta, juntando a raspagem à bebida da parturiente.

Na viagem, Januário curou *dor de dente* do nosso Peter; com sua faca traçou na areia uma circunferência, desenhando um homem no círculo; ajoelhou-se, e murmurando algumas palavras — infelizmente não sei dizer quais foram, porquê não estive presente, — deu várias facadas no coração do homem do círculo.

Quando a *lua-nova* aparece, as mulheres que têm dor de dente dirigem-se a ela com orações.

O bambú e a madeira para a *construção* de casas devem ser cortados sòmente na *lua minguante*. As pessoas mais esclarecidas receiam que, em caso contrário, o madeiramento da casa se torne podre, ficando bichado. Na mudança há maior número de cobras pelo caminho.

Quando ameaça uma grande trovoadá, acende-se, como medida de precaução, uma vela preta que serviu na procissão da sexta-feira santa.

No domingo de ramos o bispo benze e distribue ramos de palmeiras burití ainda novas; as pessoas gradadas recebem-nos enfeitados de fitas e rosas. Uma única tira de fôlha colocada em tórno do pescoço, faz desaparecer o *papo*. Havendo forte trovoadá, queima-se uma fôlha dos ramos cuidadosamente conservados, para que o raio não incendeie a casa.

As *cobras* ficam imóveis quando uma mulher torce a extremidade da saia.

Os caçadores enterram, perto da casa, uma *cabeça de veado*, a bôca dirigida para baixo. Quando os cachorros levantarem algum veado, êste tomará o caminho para o lugar em que se encontra a caveira. Pode acontecer mesmo que o animal venha sem ser acossado pelos cães.

Quando um pobretão roubou uma *cabeça de gado*, êle enterra a língua com a ponta para cima, de tal sorte que apareça um pouco na superfície do solo. O dono do animal roubado não descobre, então, que êste desapareceu.

Aquêle que, com intuitos de vingança, quer fazer debandar um rebanho, põe *sal no fogo*.

Magia eclesiástica. Desejo contar, preliminarmente, tal como me foi relatada em Cuiabá, a lenda do *bentevi*, *Tyrannus sulfuratus*, que é espalhada por todo o Brasil. Na fuga para o Egito, a Virgem, perseguida pelos soldados de Herodes, quiz refugiar-se na casa do João de barro, *Furnarius rufus*; os ninhos do João de barro, que sollicitamente socorreu a Virgem, são conhecidos de todo mundo, porquanto se encontram nos telhados, nas vigas e nos cruzeiros altos. O curioso bentevi gritou zombeteiramente atrás de Maria o seu eterno "*bem te vi*". Ela o amaldiçoou; desde êsse momento o bentevi não tem carne, consistindo apenas de bichos, de que está cheio".

"*Lavadeira de Nossa Senhora*" é o nome com que o povo designa um gafanhoto verde que dá sorte quando pula na gente. A denominação provém certamente do ortóptero *Mantis*, o "*louva*

Deus", se não é que se trata do mesmo animal. O nome "*louva Deus*" é devido à atitude do gafanhoto, que lembra a de um indivíduo em oração.

Batismo. Adotar crianças não batizadas, dá sorte em casa. Os nascidos-mortos são batizados a 2 de fevereiro, festa da Candelária. O padrinho e a madrinha despejam água sobre a sepultura. Crianças que, na fazenda, morrem pagãs, são enterradas junto à porteira do curral. As vacas se encarregam do batismo!! E não há nisso nenhuma frivolidade por parte dos moradores.

O *culto dos santos* representa um fetichismo extremamente grosseiro para a camada inferior da população e tôdas as mulheres de Cuiabá.

Ídolos domésticos em forma de imagens e estatuetas de santos de toda espécie, e cheias de enfeites e adornos, não faltam mesmo no rancho mais pobre. Quando se pratica um ato reprovável, encobrem-se tôdas as figuras de santos. O visitante, que se queira sentar num caixote, tem o cuidado de perguntar primeiro: "Aqui dentro não há quadro de santos?"

O santo é recompensado e punido, conforme a eficiência de sua atuação por ocasião das *promessas*. Santo Antônio, do qual, aliás se afirma receber no Rio de Janeiro o ordenado que lhe cabe como tenente-coronel — o que se acredita geralmente, quer seja lenda ou verdade —, é o padroeiro invocado com mais freqüência. Quando desapareceu algum cavalo, então cobre-se o santo com um cabresto, acedendo um par de velas e pronunciando, solenemente, a promessa de lhe pagar um vinte (20 réis), se fizer voltar o cavalo. Santo Antônio não aceita mais do que isso. Moças casadoras fazem-lhe promessa para que lhes arranje marido. No caso de não obterem resultado, colocam o santo atrás da porta, metendo-lhe na cabeça, de modo que fique bem fixo, um chapéu de cera de malignas abelhas silvestres. E se tal estímulo ainda não faz efeito, amarram-lhe um fio ao colo, fazendo-o descer no poço. O grau seguinte: o santo é colocado, junto ao fogo, debaixo do tacurú, trempe de pedras em que se assenta a panela e aí fica assando alguns dias. E se, a-pesar-de tudo isso, ainda não puder ou não quizer prestar o auxílio pedido, o santo é amassado no pilão.

Mas quando o santo cumpre os desejos, faz-se-lhe uma festa alegre, toma-se cachaça e dança-se o *cururú*, e êle fica, numa caixa, sobre a mesa, constituindo o centro de tudo isso. Mais alegria ainda, reina naturalmente nos *dias de festa* eclesiásticos, sobretudo nos de *São João*, *Santo Antônio*, *Nossa Senhora da Conceição*,

São Pedro e Santana. A comemoração principal realiza-se sempre na vespera, sendo feita em determinadas casas, onde o santo se encontra num altar, entre duas velas; já um ano antes constituem-se sociedades, tira-se a sorte para a distribuição dos cargos: rei, rainha, juiz, juiza, capitão da haste da bandeira, tenente da bandeira, etc. Assim levanta-se, p. ex., um “mastro” na noite de 12 de junho (Santo Antônio: 13 de junho), içando-se, com grande solenidade, a bandeira, em que está pintada a imagem do santo. Nos dias dos três santos, São João, Santo Antônio e São Pedro, acendem-se *fogueiras de alegria*, e na braza assa-se batata doce, mandioca e cará. Cachaça em quantidade; banquetes. Uma semana mais tarde retira-se o mastro, fazendo-se a entrega da bandeira ao tenente eleito para o ano seguinte. Pula-se sobre a *fogueira de São João*, e podem-se meter brasas na bôca sem perigo de se queimar. A São João não se dirigem promessas, pois êle dorme até o dia do Juízo, e até lá não faz milagres. Se êle soubesse o dia em que é celebrada a sua festa, o mundo todo seria destruído pelo fogo. Sendo o santo do fogo, êle é o único que tem bandeira vermelha, a dos outros é branca.

O *cururú* é a dança preferida do Mato Grosso, da qual só participam os homens. Instrumentos de música: *Koschó*, violino com poucas cordas de tripa que os próprios moradores fabricam de madeira de salgueiro; *Krakaschá*, um pedaço de bambú ou uma cuia comprida com entalhos, o qual se toca outro pedaço de bambú “*krakascha...*”; *Adufe*, um tamborim com velhas moedas de cobre em vez de guizos; *Viola*, o violino com cordas de arame; às vêzes também a *Marimba* dos negros. O início da festa é um jogo em que tôdas as pessoas da festa tomam parte. Dança-se e canta-se em roda do santo, e quem passa diante dêle, faz uma genuflexão. Em seguida canta-se em honra do rei e da rainha, os dois entram no círculo munidos da garrafa de cachaça, oferecendo um trago a cada um e juntando-se depois ao círculo, que passa a cantar para outro personagem, o qual, por sua vez, oferece cachaça, e assim por diante. Ha versos em quantidade, sempre em quadras, e sobre os mais variados assuntos; no *cururú*, os cantos de devoção são seguidos pelos de amor, de zombaria e outros inventados conforme as inspirações do momento; as quadras adaptam-se ao humor da festa, e as conhecidas são substituídas, dentro em pouco, pelas improvisadas. Chama-se *Tapnbaque* a um tambor formado de um tronco de árvore excavado e aberto com um pedaço de couro, bem como à dança com que se acompanha o instrumento. Canto monótono, p. ex.: “*Cágado trepado no telhado é coisa que nunca se viu*”.

Absolutamente não é raro executar-se “danças de animais” nas festas de santos, só que não correspondem à maneira indígena. Trata-se, sobretudo, de danças circulares, e quem as executa são as mulheres. Assim, p. ex., uma dança de jacaré com as seguintes palavras: “*Deixe estar, jacaré, sua lagoa há de secar*”. Outra dizia respeito a abelhas e pirilampos: “*Abelinha, come pão! Quando come, não me dão*”, e “*Vamos tirar mel! Eu cago fogo! Dona Maria quer lambar*”. Cada dançarino tem uma vara, e, quando vem o compasso *fogo*, ela se vira e bate na vara da seguinte. Gosta-se imensamente de dançar a dança do *perú*; três mulheres, duas das quais representam *perús*, e a terceira uma perna, estendem as saias e imitam a voz da ave. A perna corre, procurando esconder-se no meio das pessoas presentes; os dois *perús* começam a persegui-la e aquêle que conseguir postar-se exatamente diante da perna, será considerado vencedor. “*Avoa, Perú, avoa!*” Trata-se, pois, de gracejos muitos inofensivos, que não podem magoar o santo.

Contra os costumes que vigoram no dia de São João dirige-se o bispo D. Carlos de Cuiabá, com palavras severas, numa carta pastoral de 27 de maio de 1888. Contém a carta os seguintes dados: Na véspera “pequenas imagens do santo são levadas, com verdadeira palhaçada, aos rios, às fontes, e mesmo à torneira, onde são mergulhadas na água com acompanhamento de cantos e música, e tudo isso com a convicção de se estarem praticando atos piedosos; no dia seguinte levam-se as imagens à igreja, onde são colocadas no altar, durante a missa”. Êste “abuso extremo deve ser removido por intolerável”. Mas por que não se dirige também principalmente contra as promessas e a *magia de cura* que se pratica com o santo, e contra as *fórmulas de oração*, escritas e impressas, que estão espalhadas por tôda parte e aos quais se atribuem resultados mais exorbitantes que à mais extraordinária medicina patenteada da América do Norte?

Protege-se a criança contra o feitiço quando se medem o comprimento e a largura das figuras de santos, com a fita vermelha que ela traz ao pescoço. Promove-se o parto rápido por meio das rosas de Jericó importadas pelos Armênios.

As fórmulas de oração são empregadas mormente pelas mulheres. Um judeu se havia retirado secretamente da cidade, deixando dívidas e uma cuiabana com filhos atrás de si. A mulher rezou uma novena em honra de Santo Antônio, durante nove noites servindo-se, para isso, da fórmula: “*Santo Antônio se vestiu, suas alpercatas calçou, cingiu-se com uma corda, pegou o seu bastão e foi andando pelo caminho. Encontrou-se com Jesus Cristo,*

que lhe perguntou: *Aonde vais, Antônio?* Santo Antônio respondeu: *Senhor, vou pelo mundo afora.* *Jesús Cristo, porém,* respondeu: *Volta para casa, e arranja-me o Marcos Rietsch*".

Contra *dor de dente*: São Pedro estava sentado numa pedra, com dor de dente, lamentando-se e soluçando. Passou, então, Nosso Senhor Jesús Cristo, que lhe perguntou: "Que tens, Pedro?" — "Dor de dente, Senhor:" — "Pedro, se fôr bicho, que morra; se fôr sangue, que abraque, se fôr o mar, que seque. (Ortografia do original: *Pedro se for bicho que mora se for sangue que a brande se for o mar que seque*). Pois Pedro, quem trazer esta oração ao pescoço não terá dor de dente (*dordedente*)" Reze-se: "*Um padre nosso Uma ave maria Uma santo maria a sagrada morte paxão de noco çenhor Jezus charisto. Pertence está Oração para Senhora Silveriana Maria da Sus*".

E' muito generalizada a longa "*oração do Santo Sepulcro*", que se usa ao colo principalmente para conseguir um parto fácil: "*impressa em Roma por ordem do Santo Padre*", levando o título: "*Cópia de uma carta e oração encontrada no Santo Sepulcro de Nosso Senhor Jesús Cristo e guardada por Sua Santidade e pelo Imperador Carlos II no seu oratório numa caixa de prata*". Diz o texto que Cristo apareceu a Santa Isabel da Hungria, a Santa Matilde e a Santa Brigida, comunicando-lhes uma estatística de seus sofrimentos, p. ex.: "*Na cabeça recebi 150 pancadas, no peito 106, nos ombros 80, cuspiram-me no rosto 30 vezes, bateram-me no corpo 666 vezes, dei então 129 suspiros, perdi 38.430 gotas de sangue*", etc. Outra cópia, escrita em letras de ouro, foi encontrada a 2 de janeiro de 1650, a três milhas de Marselha, e traduzida por uma criança de sete anos. Com sete Padre-Nossos, sete Ave-Marias, etc., proteção contra peste, raio, calúnia, etc., parto fácil, e libertação de uma alma do purgatório, tôdas as vezes que se recite a oração. Quem trazer a oração consigo, não morrerá sem confissão: numa viagem marítima alguém foi decapitado; a cabeça, em que ainda estava presa a oração, foi lançada ao mar, onde encontrou um navio que levava um padre a bordo, e pôde confessar-se.

714

INDICE

Prefácio	3
Prefácio do Autor	11
Capítulo I — Viagem a Cuiabá e Partida da Expedição .	15
Capítulo II — De Cuiabá ao Acampamento de Independência	33
Capítulo III — De Cuiabá ao Acampamento de Independência	45
Capítulo IV — Primeiro Encontro com os Índios	69
Capítulo V — Idílio Bakairí	79
Capítulo VI — Partida Coletiva e Visita às três Aldeias de Bakairí	111
Capítulo VII — Independência-Cuiabá	173
Capítulo VIII — Geografia e Classificação das Tribus do Xingú Superior	191
Capítulo IX — Costumes referentes ao Cabelo e a Pele . .	215
Capítulo X — O Desenho	299
Capítulo XI — Ornamentação de Máscaras e Adornos para Danças	379
Capítulo XII — I. Direito e Costumes. II. Magia	425
Capítulo XIII — Ciência e Lendas dos Bakairí	447
Capítulo XIV — A Patria Primitiva dos Caraíba	493
Capítulo XV — A Arte de Contar dos Bakairí e a Origem do 2	515
Capítulo XVI — Os Paressí	539
Capítulo XVII — Os Borôro (61)	567
Capítulo XVIII — Viagem para Cuiabá e volta para a pátria .	657
Apêndices	661

716

ENTRE OS ABORÍGENES DO BRASIL CENTRAL

SÃO PAULO
1 9 4 0